ESCUDOS PSIQUICOS

Vol. XVI

1957

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

16.º VOLUME

1957

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

A

Aditamento às três Cartas aos Irmãos Cotólicos, por *José Francisco Cabrita* 357
Adolescência, por *Newton Gonçalves de Barros* 345
Afinidade, de *I. D. S.* 209
Agremiações Espiritas sem Estatística, por *Tito L. Bancêscu* 89
Ainda o Centenário 234
Allan Kardec e o Espiritismo Contemporâneo, por *António Cardoso* 156
Allan Kardec e Nietzsche, por *Remo Fedi* 162
Alvoroço, de *I. D. S.* 97
Amarguras (Que as) se transformem em Luz, *mensagem de Lia* 159
Amar os Inimigos, por *Idalinda Aguiar Matos* 220
Ante, durante e depois do Gólgota, por *I B N* 282
Antepassado (O), por *Damião de Vasconcelos* 20
Arte (A) do Futuro, por *Leopoldo Machado* 75
Aspectos Estatísticos do Espiritismo no Brasil, *por Altivo Ferreira* 348
Augusta (Ad) per Augusta, por *Eu* 74
Auto-sugestão (A) e as Doenças, por *Henrique Magalhães* 42

B

Bahia (À), de Novo, por *Leopoldo Machado* 319
Bom (O) Samaritano, por *Octávio de Marialva* 245
Braços (De) Abertos, por *Paulo Alberto* 155
Busca (Em) do Cristo, por *Emmanuel* 134

C

Calar, por *G. A. Lleras* 41
Carácter (O), por *Emanuel Samá* 77
Caravana Espirita, por *José Simões de Matos* 118
Carta-Aberta aos Irmãos Católicos, por *José Francisco Cabrita* 265
Carta-Aberta (2.ª) aos Irmãos Católicos, por *José Francisco Cabrita* 286
Carta-Aberta (3.ª) aos Irmãos Católicos, por *José Francisco Cabrita* 327
Carta a Isidoro Duarte Santos, por *Paulo Alberto* 21
Carta (Uma) de M. Lemoine à Televisão Francesa 374
Carta (Uma) do Lar de Jesus, por *Waldemiro* 324
Caxias, um Eminente Iguaçuano, por *Aleixo Vitor Magaldi* 315
Centenário (O), de *I. D. S.* 65
Centenário Auspicioso, por *I. D. S.* 106
Centenário da Doutrina Espirita, da *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos* 147
Centenário (O 1.º) da Codificação do Espiritismo, por *Aleixo Vitor Magaldi* 229
Centenário (O 1.º) do Espiritismo 71
Centenário (O 1.º) do Espiritismo na opinião do *Padre José Narino de Campos* 235
Centenário (O) na Argentina 124
Chuva de Verão, por *Clarinha* 40
Cinco Sonetos, por *Valdemar Santos* 60
Comboio (O) parou na Além, por *Rocha de Sousa* 72
Comemorações (As) do Centenário na Fraternidade Esotérica 144
Comemorações (As) do Primeiro Centenário do Espiritismo — A Grande Festa no Centro Espiritualista Luz e Amor 152
Conferência (Uma) de Isidoro Duarte Santos em Santarém 78
Conferência de Isidoro Duarte Santos no Instituto Espiritualista Português 151
Congresso Espirita Internacional, pelo *Dr. António Cardoso* 309
Contemplação do Mundo, por *Rocha de Sousa* 118
Cristianismo, por *José Simões de Matos* 359

Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos:*
Achille Biquet manifesta-se em Londres 333
Aparelho Estranho 238
Associação (Uma) de Curadores 126
Aviso (O) do «Morto» 365
Caravana (A) dos 75 365
«Casa Branca» (A) Assombrada 61
Casa (A) do Terror 93
Casa dos Espiritas de Paris 126
Caso (Um) Estranho 173
Caso (Um) de Xenoglossia 269
Colégio Argentino de Estudos Psíquicos... 333
Congresso Espirita de Juiz de Fora 397
Congresso Espirita Internacional ... 126 e 237
Contra o Suicídio 269
Cruzada dos Militares Espiritas ..... 94 e 174
Cura a distância 61
Defesa (Em) da Língua Portuguesa 30
Desencarnação de dois grandes médiuns 327
Espiritismo (O) e o Esperanto 334
Espiritismo (O) na Igreja 62
Espiritismo (O) na Imprensa Diária 30
Espiritismo (O) na Hungria 334
Espiritismo (O) na Rússia 206
Espiritismo (O) nas Agências Telegráficas 205
Espiritismo (O) na Televisão Inglesa ... 302
Espírito que diagnostica através de médium iletrado 125
Fantasma (Um) ao serviço da Justiça 301
Fantasmas que tocam piano 270
Federação das Mulheres Espiritas 62
Federação Espirita do Estado do Rio de Janeiro 174
Federação Espirita do Rio Grande do Sul 302
Fenómeno Premonitório 174
Futuro (O) dos jornais 301
Gabriel Delanne 206
Governador (O) e a Semana Santa 270
Grande Hospital em projecto 30
Guiado pela voz 398
Hospital Espirita na Argentina 365

Lincoln era Espírita? 93
Médium (Um) Operador 125
Mediunidade Salvadora 126
Milagres do Padre Dehon 125
Não foi um Sonho! 205
Notícias da Grã-Bretanha 61
Notícias da Inglaterra 173
Nova (Uma) Palmelo 29
Obra (A) dos Espíritas Brasileiros 366
Pegou na Mão de um Fantasma 334
Programas Radiofónicos 398
Rainha (A) Isabel II e o Espiritismo 334
Roberto Dell 270
Sessões (As) Espíritas da Rainha Vitória 238
Sociedade Meritória 269
Trespasse (O) de Hore-Belisha 94
União Espírita Belga 301
União Espírita Mineira 29

Cruzada dos Militares Espíritas 79
Cumpra-se a Lei, por *José Simões de Matos* 190
Cura Espiritual, do *Spiritual Healer*» 186

D

Deesso (O) do Mestre, por *Alfredo Miguel* ... 130
Deformidades nas Aparições dos Mortos, por *Raoul Montandon* ..... 338 e 370
Desencarnes (Três) e três Saudades, por *Leopoldo Machado* 158
Destino (O), por *Cyrillo Aleixo* 133
Dezoito Anos, de *I. D. S.* 1
Diante de um retrato, por *Leopoldo Machado* 319
Directora (A) da «Voz Informativa» e seu marido estiveram em Lisboa 346
Discos Voadores, por *E. Birnbaum* 248
Doenças (As) Imaginárias, por *Tito L. Bancéscu* 10
Dois Telegramas 202
Dor (A) e o Sofrimento, por *Júlio* 361
Doutrina Invulnerável, por *Alfredo Miguel* ... 226

E

Ecos de Uma Viagem, por *Isidoro Duarte Santos:*
XXV — Em Juiz de Fora 16
XXVI — Um Dia Agitado 48
XXVII — Novas Emoções 80
XXVIII — O Lar de Jesus 112
XXIX — Belo Horizonte 192
XXX — A Recepção e a Obra 256
XXXI — Três Obras Modelares 288
XXXII — Um Braçado de Flores 350
XXXIII — Em Pedro Leopoldo 384

Educando, por *Emanuel Samá* 383
Equilíbrio, Fabulosa Profilaxia, por *Zalmino Zimmermann* 294
Espírita e não Espírita 187
Espírita (O) Cristão, por *Leopoldo Machado* 191
Espiritismo (O) à Luz da Crítica, por *Aleixo Vítor Magaldi* 43
Espiritismo Científico ou Místico-Religioso?, por *José Francisco Cabrita* 373
Espiritismo (O) Construtivo no Brasil, por *Tito L. Bancéscu* 358
Espiritismo (O) e a Mulher, por *Ramiro Gama* 145
Espiritismo (O) e os Problemas do Mundo, por *Salvador Gatto* 57
Espírito (Um) Canta e Outro Acompanha ao Piano, pelo *Dr. M. A. Bulman* 182
Estranho (O) Legado da Condessa de Saint-Ange 164
Evangelho (Um), por *Paulo Alberto* 47
Expansão, de *I. D. S.* 273

F

Fazer bem, de *I. D. S.* 305
Festa de Encerramento na Casa do Algarve, em 30 de Abril 170
Foi-se (E) antes de nós, por *Leopoldo Machado* 318
Fórmula (A), por Zalmino Zimmerman 35

G

Gabriel Delanne, por *Hubert Forestier* ... 221 e 251
Grande Médium que Desencarna, por *Isidoro Duarte Santos* 76
Grava no Coração, por *Armando Torras de la Luz* 70
Grupo (O) Espírita Amor e Caridade Integrado nas Comemorações 160
Grupo da Humildade 262

H

História de Uma Rosa Original, por *Albireo Barcón* 12
Homem, por *Octávio de Marialva* 7
Homem (O) Rico e o Empregado, por *Deolindo Valentim Rodrigues* 360

I

Ideias, por *I. D. S.* 241
Ideias Novas em Psiquiatria, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* 277
Instinto e Razão, por *José Simões de Matos* ... 167
Instituto (O) Espiritualista Português Comemora o Centenário com Grande Entusiasmo 148
Irmão (De) para Irmão — Glória a Kardec, por *Luís António Milleco* 266
Irmão (Aos) que vêm de longe, recebido pelo médium *Francisco Cândido Xavier* 53

J

James D. Dickson, grande médium de materialização à luz do dia 181
Jornadas Palingenésicas, pelo *Dr. Newton Gonçalves de Barros* 38
José Carlos de Chelmicki Afllalo 223

L

Lição (Uma) a aproveitar, por *José Francisco Cabrita* 213
«Livro (O) dos Espíritos» e a Acção Pessoal de Allan Kardec, por *Deolindo Amorim* ... 138
Livros de todo o Mundo, por *Argus* ..... 122 e 293
Luta Inglória, de *I. D. S.* 337
Lutador (O) Indefeso, por *Alfredo Miguel* ... 324
Luz (A) e as Trevas, por *José Francisco Cabrita* 108

M

Maior (O) Espírita Brasileiro não Pertence mais à Terra 297
Mais um Livro de Leopoldo Machado, por *Deolindo Amorim* 284

Maneiras (Dez) de Amar, por *André Luis* ... 124
Marco Postal 123
Materializações Psíquicas, por *Tito L. Bancéscu* 314
Maternidade «Casa da Mãe Pobre» ..... 27 e 390
Menino (O) e a Estrela, por *Manuel de Sousa* 389
Menino (O) e Vida, por *Rocha de Sousa* 392
Mensagem Mauricia 306
Mensagens recebidas no Grupo da Humildade do Centro E. Luz e Amor 224
Mestre (O) na Nova Revelação, por *Pedro Alvarez y Gasca* ..... 178, 210 e 242
Misericórdia (Por) e de Acréscimo..., por *Leopoldo Machado* 322
Missão (A), por *Osvaldo Salvañá* 22
Missão (A) Superior da Mulher, por *A. Donnay* 377
Monteiro Lobato e o Espiritismo, por *Edgar Cavalheiro* 391
Moral (A), por *Eduardo F. da Conceição*, 58 e 350
Morreu Cecilia, por *Um Poeta* 245
Mortos, por *Emmanuel* 13
Mostrar-lhe-ei as minhas mãos, por *Caliban* ... 15
Mulher Contemporânea, por *Adelaide Ivone de Sousa* 329

N

Não desesperes, por *João Simões de Matos* ... 46
Não Evoqueis Espíritos, por *Conrado Ferrari* 36
Não tenho tempo de ler, por *Alma Blanca Obelar* 70
Não (Eu) vim para os sãos mas para os doentes 189
Natal dos Necessitados 54
Natal! Natal!, por *Aleixo Vítor Magaldi* 47
Nivelamento, pelo *Espírito de Lia* 9
Notas do Lar de Jesus .....

Notas e Comentários:

«Actividades Mentais» 95
Alberto Gonçalves de Barros 303
As Obras de Kardec 239
Atitudes 271
Bom Conselho... 239
Campanhas Inglórias 207
Centro Espirita Atacado 303
Chover no Molhado 127
Concentrações Espiritas 399
Ecos da Cachoeira Paulista 367
Edições Comemorativas 271
Ensino (O) do Espiritismo 367
Factos anormais 367
Fechar (A) 271
Figura (Uma) que desaparece 63
Filmes Psíquicos 335
Foi Minha Mãe que me Salvou 63
Helena Duncan 207
História de Fantasmas 175
Jardilino Ramos 31
Leopoldo Machado 399
Liga Espirita do Distrito Federal 271
Médium (Um) pintor 175
Migrações 63
Nova Federação 95
Opinião (A) dos outros 207
Outro caso lamentável 303
Parábola das lamparinas 335
Para fechar 95
Parece mentira 399
Pedradas misteriosas 239
Profecia (A) de Elaubert 31
Sanatório Espirita de Pelotas 175
Sentença honrosa 127
«Síntese» 127
Testemunho (O) de Um Advogado 335

Noticiário — 32, 64, 96, 128, 176, 208, 240, 272, 304, 336, 368 e 400
Notícias da Bahia .....14, 85, 110, 184 e 296
Notícias do Brasil 166
Novo Afecto, Novo Lar, por *Leopoldo Machado* 40

O

Ordem (A) Esotérica Associa-se às Comemorações Centenárias 146
Optimista, por *Feliciano Cal* 161
Origem (A) das Doenças, por *Cyrilo Alleixo* 343

P

Palavra e Exemplo, por *Mário Torres Frias* ... 328
Para meditar 330
Passado, por *R. P.* 10
Pensamento (O) Filosófico de Léon Denis, por *Deolindo Amorim* ..... 2, 34, 66 e 98
«Pior que o Comunismo» 325
Policromia, por *Tito L. Bancéscu* 101
Pontos de Vista, por *José Simões de Matos* ..... 215 e 276
Portugal, por *Paulo Alberto* 393
Práticas Mediúnicas, por *Alfredo Miguel* 90
Prece (A) do Homem Actual, pelo médium *Francisco Luciano* 110
Prece (A) da Libertação 283
Prece de Natal, por *Álvaro da Silva Valente* 143
Presente de Deus à Humanidade, por *Leopoldo Machado* 100
Presente (O) do Menino Pobre, recebido pelo médium *Francisco Luciano* 88
Primeiros (Os) Alicerces do Espiritismo, por *José Francisco Cabrita* 135
Professor (O) Leonardo Coimbra na Fenomenologia Espirita, pelo *Coronel Faure da Rosa* ..... 102 e 136
Propósito (A) da 4.ª dimensão, por *Suzanne Misset-Hopès* 86
Propósito (A) de Livros 220
Proselitismo, por *Alfredo Miguel* 283
Protectores Terrestres, por *Emmanuel* 378
Psicotelefone (O) Comunicará Brevemente com os Mortos, por *Jacques Palente* 379

Q

Quanto puderes, por *Emmanuel* 155
Que é a Dor, por *Zalmino Zimmermann* 200
Queda (A) do Roble, por *Isidoro Duarte Santos* 320
Quem (De) são os dias, por *Ana Gómez Mayorga* 70
Que (Os) nos deixam 233
Que (O) se leva deste mundo, por *Cyrilo Alleixo* 198
Quinta essência, por *Octávio de Marialva* ... 166

R

Raro (Um) Dialecto, por *José Martin* 141
Reflexões do Ano Novo, por *Luís António Mileco Filho* 109
Regresso (O) do Cão 47
Rei (Um) Espirita 253
Religiões Unidas, por *Octávio de Marialva* ... 294
Ressurreição, pelo *Dr. Noraldino de Melo Castro* 279
Revelação Cientifica do Espiritismo, por *Luís Diodoro* 216
Rotulagem (A) não tem valor, por *Alfredo Miguel* 41

S

Salve Bahia, por *Leopoldo Machado* 219
Salve Centenário, por *Idalinda de Aguiar Matos* 147
São Francisco Encontra Jesus, pelo *Espírito de Guerra Junqueiro* 228
Saudação do Centro Espirita «18 de Abril» do Rio de Janeiro 164
Serviço, de *I. D. S.* 369
Sete anos de Saudade, por *A. C.* 5
Síntese, por *Manuel Cavaco* 124
Sobrevivência, por *Octávio de Marialva* 382
Só Espiritismo Científico?, *mensagem de Humberto de Campos* 188
Solidão Incompleta, por *Rocha de Sousa* 263
Solilóquio, por *Manuel Cavaco,* 11, 46, 85, ... 202 e 298
Sou (Eu) Médium 261
Sonho de Consciência Universal, por *Rocha de Sousa* 230
Sua Majestade, o Dogma, por *Isidro Inda* ... 56
Sudário (O) de Turim, por *António Cardoso* 274

T

Tempora Mutantur, por *Valdemar Santos* ... 10
Teoria (Uma) Nova, por *Singo Nakazawa* ... 214
Testamento (Um), por *Leopoldo Machado* ... 317
Trabalho, de *I. D. S.* 177
Transformação psíquica de uma parábola, por *José Martin* 246
Túmulo (O) de Allan Kardec no Cemitério do Père Lachaise, em Paris 172

U

Últimos (Os) Instantes, por *Waldemiro Pereira* 323
União Espiritual, de *I. D. S.* 129

V

Vem comigo ao Monte, pelo *Irmão Emílio* ... 361
Vem e Ajuda, por *Auta de Sousa* 157
Verdade (Uma), por *Rafael Barret* 77
Verdade (A) e o Amor, por *José Simões de Matos* 90
Verdade (A) não se ofusca, por *Idalinda Matos* 298
Vida (A), por *Manuel Cavaco* 145
Vida (A) é Movimento, por *Constâncio Vigil* 15
Vinda (A) de João Baptista, por *Nilo Silva* 362
Você é Civilizado?, por *Tito L. Bancéscu* 157
Voz (A), por *Osvaldo Salvañá* 142
«Voz (A) da União» 295

Voz (A) de Portugal Espirita, por *Isidoro Duarte Santos:*

Caminho (O) 121
Caodaísmo (O) 204
Centenário (O) 232
Diagnóstico (O) 396
Dogma Científico 332
Escritor (Um) 92
Força (A) do Destino 120
Grande (Um) Filantropo 169
História (Uma) vivida 300
Homem (O) Alto 364
Igreja (A) de Munique 24
Lição (A) do Animal 91
Leopoldo Machado 13
Médico (O) Filósofo 203
Médium (Um) Cientista 168
Médium e princesa 44
Médium (Um) famoso 267
Pitigrilli espiritista? 45
Procura e Acharás 231
Que (O) o Médium Contou 268
Tolerância 25
Usurário (O) 331
Vidente (O) Holandês 395
Visão Promonitória 299

Voz (A) que me Sorriu, por *Manuel de Sousa* 39

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Maria Gonçalves Duarte Santos

(Ver pág. 5)

CONTÉM:

Dezoito Anos, da **Redacção**; O Pensamento Filosófico de Léon Denis, por **Deolindo Amorim**; Sete Anos de Saudade, por **A. C.**; Trigo e Joio, por **Cyrilo Alleixo**; Homem, por **Octávio de Marialva**; Nivelamento (De um novo livro em preparação, de **Isidoro Duarte Santos**); As Doenças Imaginárias, por **Tito L. Bancéscu**; Passado, por **R. P.**; Tempora Mutantur, por **Valdemar Santos**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; História de Uma Rosa Original, por **Albireo Barcón**; Mortos, por **Emmanuel**; Notícias da Bahia; Mostrar-lhe-ei as Minhas Mãos..., de **Caliban**; A Vida é Movimento..., de **Constancio Vígil**; Ecos de Uma Viagem - XXV - Juiz de Fora, por **Isidoro Duarte Santos**; o Antepassado, por **Damião de Vasconcelos**; Carta a Isidoro Duarte Santos, por **Paulo Alberto**; A Missão, por **Osvaldo Salvañá**; A Voz de Portugal Espirita — A Igreja de Munique; Tolerância —, por **Isidoro Duarte Santos**; Natal dos Necessitados; Maternidade «Casa da Mãe Pobre»; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

18.º ANO JANEIRO DE 1957 N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* / *Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* / *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* / *Martins Peralva*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Praça da Bandeira. / *Nelson Baptista de Azevedo* — Av. 13 de Maio, 23, 21.º andar. Sala 2101.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *José Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Limeira — *Florêncio Tejeda* — Praça Luciano Esteves, 90.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO | LISBOA, JANEIRO DE 1957 | N.º 1

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

DEZOITO ANOS

Há muita gente que passa pelo tempo, como se estivesse fora dele. Nem lhe conhece o valor, nem dá pelo que viveu e passou. É que ele, ora devolve a imagem que recebeu sem deixar vestígios, ora guarda, indeléveis, os factos que a história oferece aos séculos vindouros.

Aqui há tempo e há trabalho contínuo. Dezoito anos que se altearam na curva da vida, que amadureceram vontades, delinearam rumos, estremaram sectores, registaram atitudes. Às vezes é bom relancear a memória pelo caminho andado. Vemos coisas que se não viram, pormenores que escaparam à análise e agora avultam amplificados pela mágica do tempo. A coragem de ontem é humilde farrapo de hoje em certas almas espúrias. Desarmonias, veleidades, ambições, caprichos de momento, tudo se esbate no cenário móvel das horas, minutos e segundos, em ritmo acelerado, de modo que os acontecimentos perdem carácter específico para mergulhar no oceano das coisas amorfas.

Os homens mudam com as ideias. Estas mudam com o tempo. E as gerações passadas parece não compreenderem as gerações presentes.

O ciclo da incompreensão é vida negativa que enfraquece o esforço geral dos construtores e organizadores.

Nesta resenha cronológica há muitas coisas que não faríamos, se pudéssemos regressar ao momento psicológico; outras, que voltaríamos a fazer; e outras, ainda, de significado incompreensível. Mas a linha principal manteve-se, apesar do escarcéu envolvente.

Tomás Carlyde perorava: «Não te queixes do tempo. Se o achas mau, pergunta a ti mesmo o que fizeste para o tornar melhor». Não achamos mau o nosso tempo. Foi grande mestre, cujas lições perduram, embora as não assimilássemos totalmente. Nunca atacámos o semelhante, nunca o abandalhámos. Defendemo-nos — isso, sim — com entusiasmo próprio da idade, e armas brancas que os maus desconhecem.

Tivemos grandes colaboradores e uma companheira que acalentou o baluarte nos períodos de maior refrega. O tempo os trouxe e os levou, pondo à prova quem, mesmo sòzinho, se viu obrigado a carregar o madeiro da provação, enquanto muitos se afastavam, enfraquecidos ou desiludidos.

Recordamos tudo, como se fosse de hoje, como se fosse de há um instante. E se não houvesse em nós a voz de Bourdaloue a segredar-nos que o tempo é o preço da eternidade, teríamos sossobrado como eles sossobraram.

Só quem ignora o bem que se pode fazer numa hora é que lamenta a perda de um dia dissipado, dizia Laváter. A existência não se mede pelos anos que decorrem, mas pelo trabalho realizado em más circunstâncias.

Na verdade, nunca soubemos avaliar o que realizámos. Tudo obedeceu a desígnios incoercíveis. Não raro, um mês cabia numa semana. O ritmo acelerado ultrapassava a marca do tempo. Era a terra?... Era o céu?... Era a Obra, simplesmente a Obra. Ela não era nossa, era de todos. E de todos continua a ser, como convém. Todos é que a devem amparar.

Agora o âmbito é maior. Há o Brasil, que está nela, de alma e coração, um Brasil grande, um Brasil diferente, de prodígio e de magia. E por isso não podemos abandoná-la. Que importa tamanho labor, em batalha constante? Não há coisas mais altas e mais sagradas? Não há uma Doutrina, não há um mundo novo que é preciso revelar? Então, que importa a roda do tempo?... O esforço de muitos, se for concorde, se for uníssono, será indivisível. Nada mais é preciso no tempo que vai rodando...

Dezoito anos! Uma vida de combate ao negativismo do século! Se outros dezoito nos esperarem, seja feita a vossa vontade, Senhor, e que saiba sofrer o que viver não soube!

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE LÉON DENIS

Por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio da Janeiro)

Esta conferência foi pronunciada na Sociedade Brasileira de Filosofia, *no dia 23 de Outubro de 1956, pelo nosso confrade Deolindo Amorim, sócio titular da cadeira simbólica n.º 8, cujo patrono é LÉON DENIS. A Sociedade Brasileira de Filosofia, prestigiosa instituição cultural brasileira, admite representantes de todas as correntes filosóficas. Os sócios titulares, em número de 40, escolhem os seus* patronos, *de acordo com o estatuto, indistintamente, em qualquer corrente de suas preferências. Os diversos espiritas que, hoje, fazem parte daquela douta Sociedade preferiram patronos espiritas. É o caso do nosso confrade e amigo, que escolheu Léon Denis para seu patrono, no que foi muito feliz, porque realmente Denis é um dos mais genuínos filósofos espiritas.*

I

Uma das características desta Sociedade, Senhor Presidente, é a composição heterogénea de seus quadros. Indiscutivelmente, a *Sociedade Brasileira de Filosofia* é uma das poucas, senão raras indistituições culturais que conseguem aglutinar, neste país, sem prevenções nem retraimentos, as mais diversificadas correntes filosóficas, representadas por elementos filiados a antagónicas tendência religiosas, sem que haja, apesar disto, a menor preocupação de concorrência ou de hostilidade. Baste dizer que fazem parte desta Sociedade, indistintamente, *católicos, positivistas, espiritas, materialistas, teosofistas, agnósticos,* por exemplo, e todos se sentem à vontade, como homens livres, porque esta Sociedade nasceu e se formou sob a inspiração de mais alto e mais compreensivo espírito de tolerância.

A Casa é pequena e pobre, materialmente falando, mas a Filosofia não conhece limitações, e por isso, neste respeitável sodalício há lugar para todos quantos sejam amigos do saber ou tenham propensão para os estudos filosóficos. Esta Sociedade não exige profissão de fé, mesmo porque a Filosofia é muito geral, e não poderia, jamais, acomodar-se à bitola de uma seita ou de um sistema rígido; mas existe, aqui, não tenhamos dúvida, uma condição tácita, sem a qual não haveria liberdade para a manifestação do pensamento: — cada qual enalteça ou defenda as suas ideias livremente, mas respeite as ideias dos outros. Esta, Senhores, a norma básica da *Sociedade Brasileira de Filosofia*. Nada mais simples, mais justo, mais necessário.

Não há, nesta Casa, portanto, uma filosofia preferencial, uma doutrina ou ideologia predominante, assim como nenhum de seus grupos integrantes disputa a primazia sobre os outros. Todas as ideias aqui discutidas, conquanto oriundas de fontes diversas e divergentes, têm o mesmo sentido de convergência para a Filosofia, que é, inegàvelmente, a esfera mais luminosa de todas as nossas elaborações mentais, a cúpula de todo o conhecimento humano. As ciências particularizam e a Filosofia engloba; as ciências analisam e decompõem, e a Filosofia sintetisa e recompõe, porque o seu verdadeiro campo é o *todo*, não são as partes; mas não é possível chegar ao conjunto sem as experiências particulares. Isto quer dizer que as ciências e a Filosofia se completam, pois não formam planos estranhos entre si, tanto mais, quanto, pela conceituação mais moderna, a Filosofia já não pode mais ser definida como um domínio imaginário do espírito, inteiramente fora da realidade humana, porque é uma forma de conhecimento activo, cujas manifestações participam de todas as actividades da inteligência, seja no laboratório de ciência pura, seja nas criações artísticas, como no gabinete de especulação ou no retiro espiritual da meditação.

Filosofar, em última análise, não é pontificar com pretensões de sapiência; é procurar a Verdade, mas a Verdade não está sòmente aqui ou alhures, porque se revela em tudo, em toda a parte, ora através de subtilezas quase sempre imperceptíveis, ora por meio de expressões objectivas, que tanto podem impressionar ou ferir os sentidos materiais, como podem conduzir o raciocínio às formas mais subjectivas de entendimento. Dentro desta orientação, a *Sociedade Brasileira de Filosofia* nivela cordialmente todas as correntes filosóficas, porque, se nenhuma delas está de posse de tda a Verdade, em cada uma, todavia, deve refulgir alguma luz da Verdade una e universal. Seu espírito de equidade em relação a todas as escolas, deriva da própria compreensão da Filosofia, a começar da galeria dos patronos, escolhidos em todos os campos do pensamento.

Entre os patronos e ocupantes das *cadeiras* simbólicas de nossa Sociedade temos luminares e adeptos de todas as escolas, no tempo e no espaço: — vemos Platão ao lado de Tomás de Aquino, como vemos Augusto Comte ao lado de Allan Kardec, bem como Bezerra de Menezes associado a Farias Brito, Silvio Romero, Ruy Barbosa e outros patrícios ilustres no rol das figuras tutelares desta Casa, apesar do desencontro das posições em que todos eles se acham no plano intelectual e profissional.

Cabe-me, agora, senhores, como ocupante da *cadeira* n.º 8, a honrosa obrigação de justificar a escolha de meu patrono: LÉON DENIS. Emprego, de propósito, o verbo *justificar*, porque não vou fazer o clássico «elogio» de meu patrono, no estilo usual das sociedades literárias ou académicas: em vez de um estudo biográfico e da exaltação de seus méritos intelectuais, como é de praxe, quero justificar, em Léon Denis, a posição filosófica em razão da qual eu o preferi, entre tantos outros, para o lugar que me foi

designado na companhia dos estimados consócios.

Se, para mim mesmo, como para os meus confrades de doutrina, a eleição afectiva do patrono poderia ser dispensada de explicações, uma vez que o meio espírita já o consagrou entre os filósofos, o estatuto da Casa determina, entretanto, e acertadamente, que cada um de nós faça um estudo da obra de seu patrono, a fim de que, assim, se justifique a opção de cada titular pelo nome que lhe é mais familiar nas afinidades filosóficas. Devo, portanto, explicar à *Sociedade Brasileira de Filosofia* a razão de minha escolha, já em obediência ao estatuto, já em atenção aos deveres de ética para com os dignos consócios.

* * *

CRITÉRIO DE SELECÇÃO

Lembramo-nos todos, senhor Presidente, da última reforma do estatuto de nossa Sociedade, quando, então sob a presidência do eminente consócio, Ministro Fonseca Hermes, se instituiu o quadro de patronos e titulares. Um dos pontos mais discutidos, nos trabalhos preparatórios da reforma estatutária, foi precisamente o que se refere à selecção dos nomes que deveriam figurar como patronos. Como classificar os filósofos, em harmonia com as preferências de tantos sócios titulares, se o conceito de filósofo é um dos mais flexíveis, porque varia segundo o julgamento de valores e as concepções, pelo menos, de cada grupo ou escola, apesar de se dizer, genèricamente, por motivo de ordem etimológica, que filósofo é o «amigo da sabedoria»? Se quiséssemos, por exemplo, opinar exclusivamente em favor dos filósofos antigos, à luz de um critério puramente histórico, cairíamos no formalismo de certos círculos académicos, para os quais só devem ser considerados filósofos aqueles que já estão glorificados pela fama ou já se tornaram nomes universais pela «citação obrigatória» nos tratados de Filosofia. Por mais que procurássemos, deste modo, exaltar as autênticas culminâncias do pensamento filosófico, inevitàvelmente correríamos o risco de contrariar o próprio espírito da *Sociedade Brasileira de Filosofia,* cuja orientação nada tem de ortodoxa nem de convencional, ainda mais porque, e nem é necessário que vo-lo diga, a Filosofia não se encerrou na antiguidade oriental, como não ficou enclausurada na antiguidade grega nem se diluiu no pensamento cartesiano: a Filosofia está onde há sede de saber, desde que o espírito humano queira indagar ou perquirir para conhecer a razão de ser das coisas.

Outro critério, também proposto, se bem me recordo, foi o de se organizar o quadro de patronos apenas com os brasileiros que mais se houvessem distinguido nos estudos fisiológicos. Sugestão razoável, até certo ponto, especialmente

LÉON DENIS

porque envolvia a nobre intenção de render homenagem aos homens que se dedicaram à Filosofia no Brasil. Poder-se-á dizer que não tivemos *filósofos* na acepção integral, mas o que se não pode dizer é que não tivemos pensadores de grande profundidade. Tivémo-los, e dos mais sérios, entre os brasileiros que se embrenharam na Filosofia, em função de outros estudos, como o Direito, a Crítica, a História, conquanto nenhum deles, a rigor, tivesse criado pròpriamente *uma* filosofia. Não podemos acompanhar o radicalismo de Tobias Barreto, quando chega ao extremo de dizer que «o Brasil não tem cabeça filosófica», como se não tivéssemos tido cultores da Filosofia, e entre eles algumas inteligências que se deixaram, até, absorver pelos estudos especializados. Queria, sem dúvida, o nosso Tobias Barreto, que o Brasil, já naquele tempo, apresentasse uma tradição filosófica semelhante à tradição de velhos países europeus... Contra o pessimismo de Tobias, objectava o bom senso de Farias Brito: «Para a elaboração de grandes construções filosóficas originais e fecundas é indispensável o concurso do tempo». A razão estava e está com Farias Brito. Não se diga, porém, que o Brasil é uma negação para a Filosofia, porque a nossa experiência histórica ainda não nos deu o amadurecimento espiritual indispensável às longas elaborações originais. No próprio grupo de Tobias, no seio da falada *Escola do Recife,* que foi, indiscutivelmente, um dos movimentos intelectuais de mais projecção na vida brasileira, despontaram fecundas vocações filosóficas. Não tivemos, é certo, como não temos até hoje, uma legião numerosa de «garimpeiros infatigáveis» nesta imensa e pouco amada seara do pensamento, mas a Filosofia encontrou sempre, entre nós, alguns espíritos predispostos à indagação e à crítica. Se, na realidade, ainda não podemos definir um pensamento característico em matéria filosófica, e não é fácil fixar um traço de originalidade absoluta em qualquer domínio da Filosofia, podemos dizer, todavia, que não somos um povo tão pobre neste terreno...

Evidentemente, a *Sociedade Brasileira de Filosofia* poderia formar o seu corpo de patronos com elementos brasileiros: seria problemática, sem dúvida alguma, a qualificação de verdadeiros filósofos nacionais para todas as nossas cadeiras, mas o contingente de estudiosos da Filosofia no Brasil daria muito bem para preencher os claros.

Ainda assim, com todo o acerto da intenção, o alvitre da exclusividade ficaria em dissonância com o sentido universalista da Filosofia, fossem quais fossem os méritos de tantos patrícios insignes. Ao mesmo tempo, a obrigação estatutária de eleger os seus patronos entre brasileiros que se houvessem dedicado à Filosofia criaria certo constrangimento para os titulares cujos pensadores filosóficos estivessem mais voltados para a antiguidade ou para qualquer outra época, sem

compromisso de escola ou de nacionalidade. Nenhuma das duas soluções corresponderia com justeza ao tipo de uma instituição cultural, como a nossa, entre cujos componentes se encontram representantes de quase todas as correntes ou doutrinas filosóficas: nem a preponderância dos chamados filósofos históricos, conquanto estejam eles entre as «mais altas glórias do pensamento», nem a redução obrigatória de nossa constelação de patronos aos grandes astros da cultura brasileira, apesar de sua luminosidade ou do esplendor de sua trajectória intelectual. Prevaleceu, então, o critério mais liberal e mais condizente com o carácter da *Sociedade Brasileira de Filosofia*: cada sócio titular, livremente, escolheria o seu patrono dentro de sua própria corrente filosófica. No uso, portanto, desta faculdade, criteriosamente posta em prática logo após a aprovação do novo estatuto, fui buscar LÉON DENIS para ser o meu patrono, e o fiz, Senhores, por duas razões principais:

> em primeiro lugar, por ser um filósofo espirita, cujo pensamento atende, com mais exactidão, às solicitações mais íntimas de meu espírito;
>
> em segundo lugar, pela influência, e benéfica influência, que a sua obra exerceu em minha vida, precisamente quando eu mais necessitava de uma orientação segura, de uma resposta satisfatória às questões que tanto me afligiam e torturavam.

Motivos de ordem intelectual e de ordem afectiva. Devo sair, agora, das explicações pessoais, e transmitir o que interessa ao nosso estudo: o pensamento filosófico de Léon Denis. Em que consiste e de que maneira se define o pensamento filosófico de Léon Denis? Teria sido ele, na realidade, um filósofo, ou teria sido apenas um sonhador, um visionário ou, quando muito, um amigo da Filosofia, como tantos outros?

CONCEITO FILOSÓFICO

Mister se faz que nos esclareçamos, tanto quanto possível, sobre o que se deve entender por filósofo. Se quisermos atribuir qualidades de filósofo exclusivamente àqueles que tiveram um pensamento original, poderemos dizer que, talvez, nem mesmo com a lanterna de Diógenes, será fácil encontrar, em toda a história do pensamento humano, uma ideia pura, uma criação que houvesse aparecido pronta e acabada, sem necessidade de processo de adaptação e aperfeiçoamento. Qual o filósofo ou pensador que, até hoje, apesar de suas ideias pessoais, não recebeu influência das ideias de seu tempo e das solicitações de seu ambiente?... Não devemos, porém, chegar ao exagero de negar a originalidade ou a primazia de certas ideias próprias, porque, se assim fosse, estaríamos negando a capacidade criadora do espírito.

A Filosofia, como actividade do espírito, é uma preocupação contínua, através dos séculos, e é natural que cada geração contribua com o esforço de algumas inteligências mais afeitas à indagação e à síntese; mas uma construção filosófica é alguma coisa que representa a dedicação e a experiência de muitos obreiros do pensamento, através de longa «perspectiva histórica». A Filosofia não vive nas regiões siderais, fora da ordem de ideias em que se encontra o homem, mas no mundo de relações, acompanhando o desenvolvimento do espírito. No bojo de todas as doutrinas filosóficas, por mais acentuada que seja a concepção pessoal, e com isto não se despersonaliza a paternidade do criador de uma escola ou de um sistema, sempre se identificam ideias e aquisições alheias, ora de forma velada, ora de forma ostensiva. Não podemos, então, entender por filósofo sòmente um tipo único, personificado nas criações originais do pensamento ou nos fundadores de escolas e doutrinas. O pensamento filosófico não fulgura nem se afirma exclusivamente nas sistematizações doutrinárias ou nos conceitos cristalizados, porque a Filosofia em si, entendida no sentido amplo, transcende a esfera das escolas herméticas e das prevenções religiosas. Há doutrinas em cuja contextura se desenvolve mais o trabalho de erudição ou de ampliação de ideias renovadas, do que pròpriamente um pensamento original ou inédito. O verdadeiro filósofo nunca se satisfaz com as chamadas *verdades feitas*: procura a luz do conhecimento em todas as direcções, pois o campo da perquirição é tanto maior e mais atraente, quanto mais livre seja o espírito para especular e discernir.

Não basta contemplar a Natureza ou engendrar teorias inatingíveis: é necessário comportar-se com espírito filosófico, ter vocação para sondar a origem das coisas. É justo, portanto, que o conceito de filósofo se aplique, também, àqueles que, não tendo criado uma *escola* ou doutrina própria, embora não figurem na história da Filosofia como inovadores, revelam a consistência filosófica de seus raciocínios através de uma linha de pensamento em que a superioridade das concepções não sacrifica o sentido de clareza e coerência. Todos quantos hajam contribuído, de si mesmos, para elucidar problemas filosóficos, desta ou daquela forma, à luz desta ou daquela orientação, naturalmente estão enriquecendo a Filosofia. É neste sentido, e depois de muito lhe haver estudado a obra, que me permito ressaltar o pensamento filosófico de Léon Denis, à margem dos compêndios oficiais e das convenções académicas.

(Continua)

Aos representantes no Brasil

Como dissemos no último número, o preço da assinatura anual no Brasil é de Cr$ 120,00 a partir de Janeiro de 1957, em virtude das enormes despesas que acarreta a publicação desta revista, em contraste com o valor actual do cruzeiro.

Esperamos que os nossos representantes informem os interessados, levando-os a reformar as assinaturas, para que não sofram interrupção na remessa da revista. Agradecemos a boa vontade dos prezados assinantes.

SETE ANOS DE *Saudade*

Maria Gonçalves Duarte Santos

Sete anos de saudade!

Parece que ainda ontem ouvíamos os seus passos e a sua voz sempre fresca e alegre a ecoar nesta casa e em nossos corações. Sensata e dinâmica, a sua palavra autorizada fazia-se ouvir nos momentos oportunos, na hora H de qualquer empreendimento, nas alturas em que se impunha uma opinião esclarecida, quando havia hesitações em seguir determinado rumo.

Quando abandonou a Terra a caminho de esferas mais luminosas, quando deixou este mundo de expiação, não pusemos luto, não decorámos as paredes de panos escuros rescendendo a incenso e a mirra, nem sequer nos demos a cerimónias fúnebres que fizessem lembrar as convenções sociais e as misérias humanas. E embora a dor corroesse a nossa alma, porque somos frágeis, e sentíssemos um grande vazio à nossa volta, porque ainda estamos muito longe da Perfeição, mais uma vez mostrámos que eramos espiritas convictos, que sentíamos o Ideal em nossos corações. Crentes que somos, apenas elevámos o pensamento ao Alto, pedindo aos Guias Espirituais o maior auxílio, a maior protecção para esta irmã, no transe difícil que estava atravessando. E felizmente — graças aos bons amigos do Além — as nossas vibrações foram ouvidas e Maria Gonçalves Duarte Santos pronto recobrou inteira consciência.

Sete anos decorreram! E hoje, em que se recorda mais um aniversário da sua partida deste mundo enfermo, voltamos a elevar a nossa prece, fortalecendo e acalentando a saudosa Irmã com pensamentos de amizade sincera.

Maria Gonçalves Duarte Santos encontra-se em esferas superiores e, embora não careça em absoluto do nosso amparo, sentimos o dever de evocá-la neste 4 de Janeiro de 1957, em gratidão pelo muito que realizou em benefício desta revista e do Centro Espiritualista Luz e Amor e pelo muito que está realizando no Além.

Os anos passam, mas a lembrança fica.

Sete anos de recordação!

Sete anos de saudade!

A. C.

TRIGO E JOIO

Por CYRILO ALLEIXO

Ser-se grande no mando, na riqueza, na força, na beleza, em tudo, enfim, que nos faça sobressair da massa circundante; sermos olhados e admirados pela turba como super-homens, espécie de semideuses descidos das alturas para servirmos de modelo à mediocridade, olhar os outros como seres diferentes e insignificantes em comparação com nossa magnificência, eis a ambição máxima, o prazer mais requintado que a vida pode oferecer aos aduladores das miragens terrenas.

A humildade, a simplicidade e a modéstia são defeitos dos fracos, aos quais devem sua pequenez, sua insignificância: seres votados ao abandono e ao desprezo, como simples aleijões da natureza.

A distância que separa uns e outros é incomensurável e intransponível pelos pequeninos, condenados assim a uma vida miserável, nos áridos baixios da nulidade, num suspirar constante pelas alturas tentadoras, que jamais atingirão.

Valores superlativos e improdutivas nulidades, eis as duas castas terrenas, sem a mais pequena analogia entre si, tão diferente é a sua origem e finalidade.

Uma, sol fecundando a natureza e transmutando em beleza e energia as potencialidades ocultas no seu seio; outra, deserto estéril, desolado e melancólico, onde há apenas uns arremedos de vida.

Com tal superioridade, impõe-se um séquito condigno, que não destoe do seu senhor e dê realce à sua distinção, formado pelo conjunto espalhafatoso da jactância, do desdém e da altivez!

Quem poderá competir com tão bem apetrechado bloco, capaz de esmagar tudo e todos que não sejam da sua igualha?

E impàvidamente seguem vida fora, provocando à sua passagem (assim o crêem), um deslumbramento ofuscante, um sussurro de surpresa e de admiração, invejados por aqueles que se arrastam lá em baixo, quais vermes desprezíveis...

Desoladora é a ilusão da carne, que, narcotizando as vítimas, as transporta a um mundo irreal, onde se julgam heróis e santos, a um mundo onde tudo é fictício, desde o seu poder e grandeza, à pequenez de muitos que pretendem calcar.

Ó miragens ardilosas dos que, de alma vazia, procuram tomar vulto com artificialismos balofos, com aparências ridículas que um sopro do Alto basta para reduzir a um montão de insignificâncias! Dormis o sono da indiferença, com os olhos e os ouvidos bem cerrados para que vos não perturbem os ruídos da vida, quais toques de alvorada, convocando ao cumprimento do dever quantos se encontram nesta esfera de trabalho. Dormis regaladamente, a sono solto, em almofadas traiçoeiras, sem vontade para abandonar a modorra alquebrante, alheios ao bulício intenso e construtivo, sob a luz das obrigações santificantes.

Despertai da sonolência criminosa e observai de onde partem os acordes da sinfonia da vida. Ficareis admirados ao reconhecer nos seus executantes os seres minúsculos que olhais sobranceiramente e que ali se revelam artistas de consumado valor.

Será possível? — exclamareis no auge da estupefacção, tal o imprevisto da cena, a que jamais sonhastes assistir!

E num ímpeto de cólera, feridos em vosso amor próprio, sentis ganas de esfrangalhá-los, de fazer cessar para sempre tais quadros provocantes, como afrontas que são ao vosso orgulho senhoril.

Mas o pedantismo e a miopia que vos subjugam, depressa põem termo a tais receios e, julgando-vos vítimas dum pesadelo, procurais de novo o langor dos travesseiros, onde vos estirais, suspirando de alívio.

Pobre humanidade! Quando sairás desse turpor, desse estado negativo, que te oculta a realidade? Por quanto tempo mais te conservarás escrava do erro e do preconceito, narcotizada pelas ilusões efémeras?

No entanto, urge, mais do que nunca, o despertar imediato, porque no relógio do tempo, soou a hora fatal, predita, veículo de transformações radicais neste orbe, empapado em sangue e lágrimas.

Na seara de Deus, amadurecida através das idades, está sendo levada a efeito a tarefa por nenhum bom cultivador dispensada: a separação entre o trigo e o joio.

Os tempos actuais são decisivos e toda a indiferença redundará em remorso e aflição, por isso se impõe nossa regeneração imediata, a fim de não termos o destino do joio, já começado a ser mondado da seara divina e relegado para esfera distante e atrasada, cujos habitantes vivem ainda em semi-barbárie.

Não queiramos carpir a desdita de um paraíso perdido, mas gozar as suas delícias, o que está em nossas mãos, transformando-nos em espigas prometedoras, alvo da atenção dos segadores.

Grandezas e ambições materiais, têm sido o escolho, a pedra de tropeço dos terrícolas, impeditiva do seu avanço para o alto.

Com os olhos postos na poeira deste planeta, que nos atrai e domina, vive-se, no geral, alheio a tudo que não venha acariciar o animal oculto sob a máscara humana.

Lá dos cimos, atingidos por companheiros mais diligentes, nos acenam ignotas maravilhas; mas, sentindo-nos chumbados aos resíduos ancestrais, vamos repelindo os braços que procuram erguer-nos e desfazendo o tecido com que se hão-de compor as asas da libertação.

E assim se perde tempo, deixando para amanhã o que devia ser feito há muito, vendo passar à frente aqueles que se resolveram a quebrar tal apatia, até que o látego entra em acção, fustigando sem piedade esse animal teimoso que é o homem.

E a mal, já que não quisemos a bem, damos mais alguns passos, incertos e pesados, mas prestes a inércia nos arrasta para a margem do caminho onde ficamos à espera de novo impulso.

Justamente os que se julgam grandes, são as piores ovelhas do rebanho; e não admira, porque, recheados de tão grande lastro, lhes falecem as energias para marcha firme e regular.

Mas já é tempo de distinguirmos o falso do verdadeiro, de nos não deixarmos iludir com aparências enganadoras.

Em vez de servirmos o animalzinho das eras transactas, aprendamos a conduzir-nos no novo ciclo, onde a lei da evolução nos colocou, a fim de podermos gozar novas e mais amplas regalias.

Viver agarrado aos fundamentos

de uma fase que atingiu o seu limite e nada mais nos pode dar além dum punhado de ilusões é recusar levianamente a reforma de nossa alma, que, desembaraçada da caligem secular, ficará apta a reflectir a suave claridade das alturas.

O vós que vos julgais superiores e olhais em volta enfatuados, abandonai a falsa vestimenta, que nada vale e só vos pode conceder mesquinhos prazeres, porque os valores legítimos são de ordem espiritual.

O que tendes e de que tanto vos orgulhais, está destinado ao vazadouro comum, lugar dos detritos inúteis. É escória e nada mais.

Sois qual nitreira ambulante, despertando compaixão nos que há muito se despojaram dessas frioleiras e se alindaram com os adornos psíquicos, verdadeiros e eternos, que conferem aos seus possuidores a verdadeira superioridade.

Que cegueira a vossa, quando vos julgais eleitos da criação, predestinados a cometimentos vedados à massa amorfa!

Não vedes que as diferenças assinaladas entre os seres da natureza, consistem no maior ou menor caminho percorrido?

Não há grandes nem pequenos, conforme os mentalizais, mas gigantes e pigmeus espirituais, embora estes, pela irresistível lei do progresso, acabem também por agigantar-se, que assim é a justiça do supremo autor dos universos.

Vede agora o reverso da medalha:

Vós, afinal, é que não passais de anões presunçosos, hastes raquíticas, ocultas sob ardilosas aparências, tão pobrezinhos sois ainda daquilo que nos dá a verdadeira grandeza.

Vossa empáfia terá de rolar, como folhas mortas, sob o látego de ríspidas lições, pois aonde vos levaria essa arrogância senão ao árido deserto da alma?

Se uma força mais alta vos não impelisse para a frente, seríeis ultrapassados constantemente por companheiros mais deligentes, que, atraídos por alvo longínquo, se capacitam da impossibilidade de atingi-lo, marcando passo no marasmo de falsas posições.

Seríeis objecto de mofa, se esses viajores decididos não envergassem já o manto da caridade, no qual procuram envolver-vos, correndo em vosso auxílio.

Eis o que sois: falsos senhores, enfeudados em poderio quimérico, carentes de tudo que garanta a solidez de vossos fundamentos.

É que a valorização se faz geralmente na razão inversa das aparências, tal como numa seara, espigas erectas e curvadas, têm valores diametralmente opostos.

Projectai o pensamento para além do seu meio, a fim de conhecerdes as riquezas que vale a pena conquistar e, tal como o filósofo Kant, que o céu estrelado sobre vossas cabeças e a lei moral no coração dos homens, sejam objecto de vosso estudo e meditação.

HOMEM

Homem!
Meio caminho na distância entre o átomo e o Sol.
Surgiste um dia das profundezas do Oceano,
e foste peixe e bratáquio, quadrúpede, troglodita,
ascendeste na escala da evolução infinita,
desde o poço do inconsciente ou instinto
à lucidez do consciente ou cérebro,
e deste último ao milagre do superconsciente.
Caminhaste durante milhões e milhões de anos,
em ciclos de ciclos portentosos, insanos,
sobre os lodos da Lemúria, nos nevoeiros da Atlântida,
feito negro, amarelo, cor de cobre ou de chumbo,
pela Ásia e a África, Oceânia e a Europa,
trabalhando, lutando,
tantas vezes sofrendo, tantas vezes gemendo,
sob o azorrague do teu destino implacável,
como um pária inexorável
que fosse vomitado pelas entranhas da terra.
Homem!
Autómato de barro,
dínamo accionado por trinta biliões de células,
massa misteriosa de electrões e protões
vibrando ao redor do teu Ego imortal,
síntese do cosmos sideral.
Tu és o centro do Espírito,
a unicidade do Absoluto,
com milhares de olhos, com milhares de ouvidos,
milhares de corações e milhares de vozes.
Por isso é que em ti existe o fogo da invenção,
tu és a própria revelação.
Homem!
Desde que te descobriste, ficaste sendo um Deus,
o Deus verdadeiro, o Deus que está em ti mesmo,
porque outro Deus não existe.
Em ti, pois, está agora,
como alvorada sonora,
o querer e a força, o êxtase e o triunfo.
Porque tu és a experiência de muitas outras idades,
de tesouros ocultos, de gradações de verdades,
de marés contendo múltiplas ondas curtas,
de crateras que ninguém conhece,
de abismos que ninguém viu,
de mistérios de todos os mundos sem fim...
Homem!
Em ti está hoje a fonte de todas as coisas,
em ti está o poder de destruir ou criar,
de fazer o bem ou o mal, de matar ou amar,
de sondar o Céu e o Inferno,
de dominar o presente e o futuro.
Tu és na hora o Mestre dos Arcanos,
porque aprendeste já que o reino da felicidade
e da eterna verdade
está ligado ao teu Eu subliminal.
Tu sabes, afinal,
que tudo é um
e tudo está em ti.

OCTÁVIO DE MARIALVA

NIVELA

PELO ESPÍR

Eis um tema oportuno que interessa à humanidade e que permanece em cada alma, como se dela fizesse parte integrante. Em qualquer latitude e seja qual for a raça, a aspiração do mais baixo é chegar ao cume, onde vivem os privilegiados da sorte ou da inteligência.

Ninguém se julga menoscabado. Assim como os raios do sol cobrem a criação, também a grandeza e o valor são acessíveis a todos. O nivelamento é o alvo e o limite que se apresentam em solicitação natural. Dependem da vontade que exercemos e do juízo que evidenciamos.

O nivelamento é uma curva evolutiva. Afirma-se de baixo para cima, concretizando anseios e sancionando volições que promovem a caminhada universal. É linha divisória entre duas fazes espirituais que se não confundem. Abrange um todo, um círculo de sentimento e de inteligência, dentro do qual se podem movimentar espíritos eleitos ou turbas incoerentes, dispostas a reivindicar o direito de acesso.

Há nisto um factor implícito que ninguém define, embora o sintam verdadeiramente. A psicologia clássica não o pode esboçar. É um quid *animador e propulsor que harmoniza o cosmos, orientando a vida em sentido determinado.*

As tendências religiosas ou artísticas são reflexos do pretérito e modificam às vezes o cenário do mundo, que se apresenta com novas facetas.

O quid *impulsiona segundo o temperamento. Por isso a educação das massas pode mudar o rumo da vida social e moral, justificando o artificialismo em que alguns povos se mantêm.*

Mas o equilíbrio volta a estabelecer-se, porque está na Lei. O seu cunho é natural. Assim como o nivelamento de dois líquidos produz homogeneidade, uniformiza e ajusta o que poderia ter sido ligado, também as auras de dois seres do mesmo ciclo se podem harmonizar e ligar em vibrações idênticas.

O alto não vibra com o baixo, nem o subtil com o denso ou grosseiro. Os seres ou as coisas agrupam-se segundo a lei do ritmo e alheios ao próprio desejo ou aspiração.

Para concretizar um acto é preciso justapor elementos de realização, parcial ou total, nivelar o heterogéneo, dar-lhe aspecto real; de outra forma não passará de ilusão, de aparência fugaz sujeita às circunstâncias.

Nivelar é alcançar o mais além e implica esforço coordenado. Os seres espalham-se por hierarquias. Se a vontade é diferente, se o trabalho é diferente, a posição será diferente. O livre arbítrio condiciona os problemas e permite a variedade que se observa no mundo material e moral.

Mas, depois de se alcançar o mais além, outro nivelamento se esboça, nova luta agita os seres e os impele em sentido adequado. Há novas posições e aspirações, novos instrumentos de realização. As almas é que são as mesmas, ampliadas em possibilidades, assimilação e irradiação de valores. Por que superam hoje o que fizeram ontem?... Por que superaremos sempre o trabalho da véspera?... Se o nivelamento aguarda o nosso esforço... Se há um ponto comum que desejamos atingir e para ele converge a vontade — grande realizadora e ordenadora... O operário quer ser mestre, e o mestre director. E diz para

consigo: «Depois, não quero mais». Todavia, esta expressão não corresponde à verdade. Quando for mestre, terá nova aspiração, o mesmo sucedendo quando chegar a director.

Nesta fase surgirá outra luta, outro movimento, outra caminhada evolutiva, porque os elementos activos são diferentes.

Em boa realidade, só se aspira ao que se conhece. A experiência de um acto capacita-nos de coisas que poderíamos ter ignorado durante muito tempo. Só então o sensório adquire novo conhecimento. Nós próprios somos outros, bem diferentes, mas não damos pela mudança.

Este mundo é cheio de imagens que

MENTO

TO DE LIA

obrigam a meditar. Diferentes as pedras e os abrolhos, diferentes as paisagens e as coisas que nos cercam. No entanto há motivos comuns que nos aproximam e irmanam. A lembrança do que fizemos exerce poder em nós, acção decisiva no presente e no futuro. Mas uns se lembram mais e outros menos.

A memória é refractária aqui e ali e desarma os inaptos. Uns vão adiante e outros atrás; todos, porém, se agitam, não esquecendo a linha divisória que sentem não sabem onde. Dentro ou fora, não importa. Talvez fora do tempo — quem sabe?... —, talvez no tempo relativo a cada ser...

Avançam muito ou pouco, mas avançam.

Não se pode estacionar, no verdadeiro sentido do termo, porque as condições mudam constantemente. O meio é sempre novo, os instrumentos são sempre renovados e modificados.

O inédito é atractivo, exerce grande influência nos peregrinos temporais. A natureza parece que desnivela, para que o espírito se harmonize. Extraí o sentido à frase e tereis a razão do nivelamento.

— Os seres nascem iguais — dizem alguns —. Porque existe, então, a desigualdade?

Porque há livre arbítrio e tendência para rectificar o desnivelado. Mas esse trabalho alveja o nível total, após uma série de esforços que não pesamos nem medimos e cujo significado ignoramos.

A obediência é acto servil espontâneo ou deliberado. No primeiro caso há ligação inconsciente; no segundo, inteligência e vontade.

Esta divina aliança é que produz o êxito nos empreendimentos materiais ou espirituais. Sem ela, não haveria luta. Se as aquisições de antano não estivessem presentes em forma de instinto, os passos seriam mais hesitantes. Assim, não. Assim, tudo se processa no verdadeiro sentido. Qualquer forma diferente que nos proporcionassem implicaria meio diferente, com nivelamento respectivo.

Estas palavras são aproximadas, porque não me traduzem todo o pensamento. O que vedes é uma nesga do que o véu encobre ao maior número. Já vos disse uma vez: quando tiverdes receptores aperfeiçoados, o nosso pensamento sairá mais perfeito e melhor ligação haverá com o além. E a linguagem será menos sibilina, por causa dos símbolos a que somos obrigados. Até lá, contentemo-nos com isto. Sendo pouco, grande alegria nos dá. Extingue lágrimas, permite esperança em união estreita.

(De novo livro em preparação, recebido por Isidoro Duarte Santos)

AS DOENÇAS

(Por TITO L. BANCÉSCU, corres

O homem actual ainda não aprendeu a manejar o pensamento. Por isso, geralmente pensa mal, por não ter aprendido a emitir vibrações mentais positivas. Não educou nem reeducou a vontade e sofre as consequências de seus males orgânicos e espirituais, visto atrair boas e más influências.

Daí provêm as doenças imaginárias, as quais, como prólogo das orgânicas, produzem verdadeiros estragos no género humano.

Há tempos lemos um caso sucedido em Espanha. Uma senhora julgava que tinha um cancro no útero, e os médicos, logo que viram a análise, observaram a doente, mas não lhe encontraram doença alguma. Mais tarde consultou um médico valenciano que lhe apreciou o estado psicológico, acabando por interná-la e prepará-la para uma operação fictícia. Fez-lhe determinada incisão, que fechou, depois de ligeira anestesia. Quando a enferma despertou, o cirurgião mostrou-lhe uma peça anatómica extraída a outra paciente, dizendo que lhe pertencia a ela, que assim se convenceu do seu *tumor canceroso*. Passados alguns dias abandonou o sanatório completamente restabelecida.

Outro caso recente ocorreu em Rosário (cidade onde vivemos). Uma senhora muito idosa recebeu a notícia de que sua irmã residente noutra província ia visitá-la, depois de lhe haver sido extirpado um dos seios, em virtude de afecção cancerosa. Antes de chegar a visitante, a influência imaginativa da velhinha assumiu tais proporções, que começou a sentir dores cada vez maiores num seio correspondente ao seio da operada. Mesmo depois da operada sair continuou a sentir aquelas dores, a ponto de ser obrigada a chamar um médico.

Felizmente, o caso não teve maior transcendência, pois numa sessão mediúnica o espírito da mãe da suposta cancerosa lhe disse que abandonasse a sugestão, visto nada ter do que imaginava. Nenhum dos presentes conhecia o caso, pois a suposta cancerosa ocultara a sua situação. Este estado sugestivo poderia ter resultados fatais. O espontâneo da boa notícia influiu no ânimo da mulher que se julgava enferma e as dores do seio desapareceram imediatamente.

Mais uma vez se nota como a imaginação, isto é, as vibrações mentais repercutem no perispírito ou corpo astral que, uma vez doente ou perturbado, influi no organismo físico, segundo o estudo do Dr. Vítor Melchor «O Perispírito e as Enfermidades», que os médicos psicólogos, especialmente psiquiatras, deviam conhecer. Não poucas úlceras estomacais ou intestinais são determinadas pela mesma causa.

Estas apreciações são corroboradas por alguns médicos liberais que atribuem o cancro a certas causas psíquicas. «O Dia», matutino do Rio de Janeiro, publicou há tempo o seguinte telegrama da *United Press*, reproduzido pelo nosso colega *Mundo Espírita*, de Curitiba:

«O professor Griffith Evans, um dos maiores cirurgiões britânicos

PASSADO...

Recordo e tenho medo...
Deixei-me desvairar na força das paixões,
lancei a dúvida em almas crentes,
fiz chorar o esfarrapar dos sonhos,
bebi o esquecimento em taças perfumadas,
vibrei na febre ardente dos prostíbulos,
ri às gargalhadas do prazer ignaro,
chorei a miséria da carne enlouquecida.
Eu fui um homem vulgarmente honrado!

...E agora recordo tudo e tenho medo,
medo de não poder no tempo que me falta
resgatar o tempo que a vida me roubou...
Eu não quero mais voltar à Terra!...

R. P.

TEMPORA MUTANTUR

Para o Alfredo Miguel

A luz se fez na aldeia de Água Mansa,
e o Espiritismo então teve começo,
muito embora os beatos de abastança
lhe opusessem acérrimo tropeço.

O caso, com pruridos de lambança,
ferindo reputações de vero apreço,
foi comentado em toda a vizinhança
pelo lado direito e pelo avesso.

O Vigário opinou de rua em rua...
E segundo opinião do seu Vigário,
aquilo era o demónio em falcatrua.

O tempo foi passando. E certa feita,
Numa sessão para receituário
viu-se o nome do padre na receita...

Bahia. ***VALDEMAR SANTOS***

IMAGINÁRIAS

ondente em Rosário, Argentina)

conhecido por seus estudos sobre doenças internas e origem dos tumores, declarou que, em cada três casos de cancro, um deles tem origem psicológica. Além disso — acrescenta — o cancro surge de «um estado de infelicidade».

«Estou certo — disse ele — de que as pessoas acometidas de tristeza crónica estão condenadas a morrer quase sempre de cancro. A parte verdadeiramente revolucionária dos meus estudos consiste em estabelecer a relação directa de causa e efeito entre a tristeza e alguns sintomas físicos que revelam a existência do cancro. O que sucede é o seguinte: o estado prolongado de depressão mental interrompe o funcionamento regular da glândula pituitária, determinando importantes alterações químicas na composição da bile. Realmente, após determinado período de alteração psicológica, manifesta-se na bile uma substância chamada «methycolanthren».

Mundo Espirita junta a isto uma *nota de redacção*, dizendo que uma entidade espiritual fora consultada a respeito e se travara o seguinte diálogo:

— Então o cancro é incurável?...

— Como elemento necessário à evolução da humanidade, ainda não chegou a hora de se encontrar o meio eficaz de combatê-lo.

— E a cirurgia?

— Tem, naturalmente, a sua parte... Mas isso não é tudo. O cancro participa em 30 % do físico e em 70 % do psíquico. Portanto a cirurgia poderá ser eficiente no tocante ao físico, ao material. Ponhamos um exemplo: Um dedo é atacado pelo mal. A cirurgia poderá amputar o dedo. Que se teria extirpado? Nada mais do que esses 30 % que afectavam a parte física. Quanto aos restantes 70 % — exactamente o que vocês apelidam de «raízes do cancro» — permanecem *vivos* no lugar outrora ocupado pelo dedo...

— Quer dizer...

— ... Que o resultado é uma existência mais ou menos linga.

— Mas não poderia indicar?

— Não diga mais. Compreendo onde quer chegar. Não podemos revelar certas coisas. A cura do cancro será revelada no futuro, de harmonia com os desígnios da Providência. Entretanto, nada impede dizer que o *magnetismo* exerce grande papel na extinção do mal, ainda necessário à evolução...

Neste diálogo há contradição evidente: diz que a cura do cancro será revelada oportunamente pela Providência e diz que o *magnetismo* destruirá esta terrível doença. De onde se conclui, que a etiologia do cancro tem origem nas boas ou más vibrações psíquicas.

No dia em que a Medicina, no seu aspecto clínico, psiquiátrico e psicológico, se convença de que o paralelismo psicofisiológico constitui uma senda errada e reconheça a acção do corpo material, astral ou perispiritual, ter-se-á dado um grande passo em benefgcio da saúde do género humano.

(Tradução de I. D. S.)

SOLILÓQUIO

Por Manuel Cavaco

«Bem-aventurados os pobres de espírito...», dizem os Evangelhos do Cristianismo. Decerto que eles serão bem-aventurados; porque a sua primeira condição existencial dá-lhes jus àquela promessa; eles estão em idêntica relação das crianças; estas encontram-se na infância de uma existência terrena; aqueles indivíduos acham-se na infância da sua evolução experimental; eles estão para os indivíduos cultos como as crianças estão para os adultos; por essa análoga situação infantil, eles carecem de carinhoso amparo providencial, como as crianças carecem do amparo afectuoso dos seus maiores. Assim como não se deve molestar as crianças, também não se deve abusar dos pobres de espírito; a frágil condição de uns e doutros impõe respeito e amor.

A riqueza do espírito consiste na sabedoria da vida em geral, adquirida pela experiência; ora, não é numa única existência terrena, por mais longa que seja, que se consegue toda a sabedoria da vida; a sabedoria obtém-se através da pluralidade de existências e por meio das mais diversas e variadas experiências planetárias e interplanetárias; e uma vez adquirida, a riqueza do espírito não fenece, não perece nem desaparece jamais; não a roubam os ladrões, não a come a traça nem a ferrugem; pelo contrário, a riqueza do espírito, consolidada nas suas virtudes, aumenta sempre, como se pode inferir da parábola dos talentos inserta nos Evangelhos do Cristianismo.

História de Uma Rosa Original

Por ALBIREO BARCÓN

A vida desta rosa é a das chamadas rosas de chá. A sua flor foi-se desentranhando em perfumadas radiações, enquanto estava na planta, como sucede às rosas da mesma espécie. O extraordinário da sua história começa quando a tiraram da roseira.

Delicadas mãos femininas chegaram ao jardim para formar um variado ramo; e a rosa foi uma das que primeiro renderam tributo à beleza. O seu calor e a sua louçania foram logo notados pela jovem que, ao cortá-la, suspirou, como quem tivesse pena de cortá-la. Não se deveria tal suspiro ao facto de a jovem, nesse corte, ter ferido mortalmente a faculdade criadora que em vitalizante manifestação oferecia a formosura? E a flor, arrancada do seu plinto, não deixaria cair as pétalas e se desintegraria logo, como as outras?

Estas lógicas deduções atravessavam a mente da jovem, enquanto preparava o ramo que engalanaria o seu aposento, durante breves dias.

Prestes, uma ideia feliz lhe iluminou o rosto e um sorriso suave se lhe esboçou nos lábios.

— Já está — disse ela alvoroçada —. Conservarei a flor todo o tempo que puder.

Lembrou-se de que nalgumas lojas de flores vira uns globos de vidro cheios de água com rosas em exposição. Não sabia ao certo o tempo que durariam nesse estado; mas, embora fossem poucos dias, seria um meio de conservar a linda flor. Assim, indagou nas casas da especialidade e disseram-lhe que algumas daquelas rosas chegaram a durar sete dias sem mudança de água. Manter a «sua rosa» mais uma semana seria para ela um triunfo. E sem pensar mais, comprou um globo semelhante, onde colocou a rosa, e o encheu de água...

Começa aqui a original e assombrosa história desta flor.

★

Passou a primeira semana sem novidade. A rosa continuava fresca no seu ambiente e não parecia alterar-se em nada. Era grande a alegria e a surpresa da sua possuidora, que não pôde guardar segredo e orgulhosamente contou às amigas o caso da extraordinária flor. Passaram quinze dias e a rosa não dava mostras de fenecer. E assim chegou o primeiro mês de clausura e a sua imutabilidade já causava curiosidade e assombro...

Se bem que a cultura da jovem não fosse grande, embora havendo cursado o bacharelato, o seu temperamento analítico, unido a seu espírito observador, quis decifrar o enigma. Os seus estudos físico-químicos não lhe davam maiores luzes para desvendar o mistério. Segundo os professores que tivera, a matéria era energia. E que era a energia? Força, luz, calor, actividade? E esta força era ou não era inteligente?...

Como passavam os dias sem que a rosa murchasse, estas interrogações eram cada vez maiores e mais necessárias. Que força oculta ou desconhecida mantinha intacta a flor e o seu mundo líquido? A água, que não fora mudada desde o primeiro dia, estava cheia de infusórias e microrganismos. Por que razão não se decompunha e se conservava mais clara do que dantes?

Assim passaram noventa dias, ou sejam, três meses, e a flor continuava a exibir sem mácula as aveludadas pétalas. O caso foi considerado fenoménico e as curiosas visitas eram cada vez mais numerosas e assíduas.

★

Um dos familiares da jovem, homem estudioso e conhecedor profundo das ciências psíquicas, interessou-se vivamente pelo assunto e propôs-se estudar com ela a causa daquilo a que ele chamava fenómeno super-físico. Os conhecimentos deste investigador, que designaremos com as iniciais de J. S., foram de grande valor no esclarecimento das possíveis razões do caso.

O sr. J. S., com maior bagagem cultural e a sua experiência de fenómenos psíquicos, estava em melhores condições para encontrar explicação científica e, portanto, aceitável; o seu conhecimento da ciência atómica dava-lhe autoridade para iniciar as deduções mais prováveis da questão.

Partiria de outras premissas científicas, já que seus conceitos sobre matéria e energia não tinham o significado empírico e vulgar que lhe dão os materialistas. Segundo os seus estudos rigorosamente científicos, «matéria» e «energia» eram dois estádios ou condensações diferentes da mesma substância. Provado que os electrões eram os elementos constitutivos da matéria, a análise científica indicava que o assunto da rosa se resumia em «manter» a conservação da matéria localizada no globo, evitando a desagregação dos estádios sólidos, líquidos e gasosos.

Estas deduções científicas sucediam-se, cada vez com mais afinco. O assombro continuava. Um ano decorrera, 12 meses, 52 semanas, 365 dias, e a rosa continuava sem alteração.

O caso da rosa assumia carácter sobrenatural.

★

Outras explicações científicas robusteciam a tese atomística. Vejamos: «Se a matéria é eterna em suas diversas fases, ou estádios locais, e se vai libertando pouco a pouco, de acordo com o número de electrões que a congrega, que força inteligente evitava o processo natural de sua libertação molecular?»

No aspecto evolucionista, considerando que a matéria orgânica ou individualizada (neste caso, a rosa) tem grau evolutivo maior do que a matéria inorgânica, poderia esta, de si própria, suspender ou ampliar a desagregação das moléculas?

Cremos que não, pois embora no desenvolvimento do reino vegetal exista uma energia directriz ou inteligente, ela se reduz à manutenção das formas específicas da espécie, buscando a vida vegetativa nos elementos afins da natureza, não podendo suspender a desagregação do seu ciclo molecular.

Estas razões são biològicamente aceitas; e apesar do tema parecer enigmático e muito raro, não se encontra à margem do rigor científico.

Além disso e partindo de que a energia, causa substancial da matéria, assume aspecto formal após inumeráveis mudanças e condensações (materialização e desmaterialização) e que depois de múltiplos ciclos transformativos vai adquirindo estádios cada vez mais evolucionados e estes por sua vez se transformam de mineral em vegetal e deste em animal, onde começa a florescer a psique, e que esta forma superior sofre inúmeros processos de encarnações e desencarnações; e aceita a verdade cientificamente comprovada e comprovável da supervivência da alma, e provado também irretorquìvelmente que os chamados «mestres» continuam a viver no mundo espiritual e que conhecem leis transcendentes ignoradas pelos homens e que podem agir livremente dentro e fora da matéria viva ou inanimada, porque não atribuir-lhes o simpático trabalho de manter a vitalidade da rosa por magnetização espiritual extensiva ao mundo aquático que a limita?

Milhares de famosos investigadores e sábios de renome, como Brooglie, Einstein, Bergson, Lacorneau, Cazzamalli, Croones, etc., aceitaram estas verdades, após árduos estudos. O próprio Lacorneau disse há pouco na Academia de Ciências de Paris: «Tudo vibra no Universo. Os electrões da matéria reduzem-se a condensações locais de energia causadas pelos incessantes estremecimentos ondulatórios do éter».

Estas concepções, que não são nossas, corroboram e provam cientìficamente que a explicação do amigo investigador para esclarecer o mistério da rosa, está na lógica, no senso comum e na ciência.

E se a rosa falasse..., como disse o poeta, talvez dissesse:

— Escuta, Rei da Criação. Chegou o momento de estudares a realidade de teu ser e teu destino. É tempo de te preocupares com todas as manifestações físicas, psíquicas e espirituais. É tempo de observar e esquadrinhar a Natureza e a sua relação com o ser humano. Apressa-te, que o tempo urge. Estas inquietações te alargarão horizontes novos e sem limites. Poderás aplicar no bem as tuas potências intelectuais e espirituais, que aguardam o teu amor e o teu trabalho para te encaminhar na senda do progresso, da fraternidade e da justiça. Elas te colocarão, finalmente, no regaço desse Novo Mundo por que há séculos anseias, dessa Humanidade que deseja libertar-se, de uma vez para sempre, das paixões, dos preconceitos, do fanatismo e da ignorância.

Isto, amigo leitor, nos está dizendo a rosa, em silenciosa, mas expressiva linguagem. Abramos, pois, de par em par, as portas da mente e as janelas do coração. Deixemos entrar a luz do saber, que, mais tarde ou mais cedo, nos proporcionará as moradas desse reino espiritual, onde impera o Supremo Bem, a Suprema Beleza e a Suprema Justiça.

(Traduzido por I. D. S.

MORTOS

Há sempre numerosos mortos em nossa luta de cada dia, convocando-nos à prece da diligência e da bondade.

Mortos que jazem muito mais impassíveis que os outros — aqueles que julgais sentenciados à cinza e à separação.

Há usurários, inermes, em túmulos de ouro.

Há dominadores da carne, cerrados em sarcófagos imponentes de orgulho falaz.

Há juízes inumados em covas de lama.

Há legisladores mumificados em terríveis enganos da alma.

Há sacerdotes enterrados em brilhantes mausoléus de simonia e administradores encarcerados em urnas de incofessáveis compromissos.

Há jovens mortos no vício e velhos amortalhados no frio do desencanto.

Há sábios enrijecidos no gelo da indiferença e heróis cristalizados em ataúdes de medalhas faiscantes.

Há impulsivos em sepulturas de espinhos e preguiçosos em sepulcros de miséria.

Se proclamardes a verdade para essas almas cadaverizadas no esquecimento da Lei Divina, decerto responder-vos-ão com a inércia, a ironia, a imobilidade e a negação.

Para semelhantes retardados de espírito pronunciou o Senhor as inesquecíveis palavras:

— «Deixemos que os mortos enterrem os seus mortos».

Procuremos, pois, a vida, descerrando o nosso coração ao trabalho constante do Bem Infinito, porque, em verdade, só aquele que aprende e ama sempre, renovando-se sem cessar para a Luz, consegue superar o nível inferior das trevas, subindo, vitorioso, ao encontro da vida imperecível.

EMMANUEL

NOTÍCIAS

EXCURSÃO

Cidade pequena, mas atractiva, circundada por uma linda paisagem verdejante. Quando o excursionista salta na sua rua principal, é como se esbarrasse na presença de pessoa amiga de braços abertos para o amplexo acolhedor. E, à medida que lhe vão sendo feitas as apresentações, a simpatia que de cada rosto se reflete vai pondo-o à vontade e ele se sente logo como se estivesse em família, na sua própria casa. Irará é, pois uma cidade minúscula, mas onde vive e trabalha um grande, agradável e generoso povo.

Foi nesse recanto quase paradisíaco que Alfredo Miguel passou três dias no princípio do mês de Novembro, anunciando para o povo a pujante doutrina dos Espíritos. Mal refeito do cansaço da viagem de mais de cinco horas, em ónibus que o pôs em Irará pouco antes de meio dia, à noite estava o confrade frente a numeroso auditório discorrendo sobre «A Idade do Espiritismo». Por espaço de uma hora e meia o orador desenvolveu o assunto, deixando patente que o Espiritismo é novo, data de 1857, não existindo em época anterior nem mesmo o vocábulo, que lhe deu o nome. Antigo, sim, porque de todos os tempos e lugares, é o intercâmbio entre o plano espiritual e o plano físico, ou seja, a intercomunicação dos impròpriamente chamados mortos com os habitantes da esfera terrestre. O palestrante aludiu às mais antigas religiões predominantes no seio dos diversos povos, em cujos livros sagrados se encontram vestígios dos fenómenos espiritas, salientando que estes, em maior variedade e abundância, são relatados nas páginas da Bíblia. Reportou-se particularmente aos «raps» de Hydesville, à repercussão que tiveram aqueles factos na América e na Europa, e, finalmente, relevou a actuação de Allan Kardec codificando os ensinos dos Espíritos e erguendo sobre o pedestal dos novos conhecimentos revelados o arcabouço granítico da nossa Doutrina. Por fim, empreendeu uma análise judiciosa dos postulados morais e filosóficos que a tornam inconfundível, evidenciando que o trabalho mais importante que incumbe aos espiritas realizar com perseverante esforço, consiste precisamente em disseminar esses postulados, incuti-los no entendimento de toda a gente, pois que só assim estará o Espiritismo plasmando a sua obra específica de emancipação das criaturas.

A dissertação no dia seguinte foi mais um alertamento, uma advertência. O palestrante é dos que menos se preocupam com o brilho da oratória do que com o esclarecimento e proveito que os ouvintes possam haurir na sua palavra. Focalizou a questão das *obsessões*, e quantos o escutaram, ter-se-ão convencido de que muitas tragédias e dolorosas discórdias domésticas são geradas por influência oculta e perniciosa de Espíritos malfazejos, mormente aqueles que levaram da Terra sentimentos de ódio contra a vítima actual da sua perversidade. Numerosos e convincentes foram os factos com que o dissertante ilustrou a sua tese, concluindo por indicar os meios terapêuticos capazes de neutralizar a acção maléfica dos Espíritos obsessores: a prática invariável do bem e o exercício constante da prece. Três vezes falou o confrade Alfredo Miguel no último dia, domingo. Às 10 horas da manhã, perante a juventude, dando-lhe o presidente da reunião como tema um passo evangélico, em torno do qual ele dsenvolveu oportunos comentários. À tarde a sua palavra foi ouvida fora da cidade, na fazenda Sobradinho, onde mora uma senhora de idade avançada, sua conhecida. Os anos trouxeram-lhe a invalidez; e a indiferença de parentes seus tornou mais penosa a situação da pobre anciã, relegando-a à solidão e ao abandono. Era mister soerguer-lhe o ânimo, confortar-lhe o coração. E uma caravana foi organizada, rumando para o Sobradinho, a dois quilómetros da cidade. A sala da casinha modesta acomodou naquela tarde crescido número de pessoas, inclusive moradores das adjacências, convidados para a reunião. Ainda aí foi lida uma passagem do Evangelho, ficando a interpretação a cargo de Alfredo Miguel. Aquela criatura enferma e valetudinária, curvada ao peso de uma rude provação do ocaso da existência, sensibilizou-se até às lágrimas ante a homenagem que lhe estavam os espiritas tributando e as preces que se elevaram ao Criador em seu benefício. As emoções que todos sentiram num trasbordamento de puro júbilo espiritual, compensaram bem o pequeno sacrifício de uma caminhada de dois mil metros, a pé, por estrada lamacenta...

À noite, a reunião foi na casa do confrade Elísio Santana, e o assunto, à escolha do orador, recaiu sobre os «Objectivos da Legião da Boa Vontade». Mais uma vez, durante uma hora e meia, Alfredo Miguel foi ouvido por numeroso e selecto público, numa exposição que teve por fim realçar a finalidade e o alcance desse generoso movimento idealístico que Alziro Zarur vai conduzindo para o seu completo triunfo. Embora possa parecer uma utopia, não será, entretanto, impossível conseguir que as criaturas de boa vontade se agrupem para as obras do bem comum, e que as diversas correntes religiosas e filosóficas também se aproximem e se reconciliem, traçando-se novas directrizes segundo as normas do respeito e da tolerância recíproca. O progresso da inteligência e da cultura em nossos dias, não se conforma com os antagonismos sectários que dividem os cristãos de diferentes credos e às vezes os lançam em conflitos uns contra os outros, uma vez que a lição maior do Cristo é a que nasce do imperativo do amor fraternal. A Legião da Boa Vontade veio, pois, convocar todos os homens e todas as crenças e exortá-los à pacificação e à concórdia. Ressaltou o orador a inconsequência dos que abriram guerra a esse movimento espiritualista e patriótico, frisando que o acto de combatê-lo e malsiná-lo equivale a se insurgir contra os nossos legisladores e os poderes executivos, porquanto a L. B. V. é uma instituição benemérita, duplamente reconhecida de utilidade pública — primeiramente pela Câmara de Vereadores do Distrito Federal, e, ainda há pouco, pelas duas casas de Congresso do país, cujo decreto-lei foi sancionado pelo Sr. Presidente da República. Era preciso que nossos legisladores e nossos governantes fossem ineptos ou imbecis para considerarem útil uma coisa simplesmente nociva. Os que erguem a sua voz para condenar a Legião da Boa Vontade, são, *ipso facto*, criaturas de má vontade, intolerantes e fanáticas, cuja insânia as leva a condenar o próprio bem e implìcitamente a se opor a um acto patriótico do Governo. Essa última palestra de Alfredo Miguel encontrou franca receptividade na distinta assistência, que o aplaudiu calorosamente.

DA BAHIA

A IRARÁ

★

O movimento espirita em Irará é bastante promissor. Entre os elementos que se agrupam no único Centro local, reina a boa compreensão, todos se entendem. Estuda-se a Doutrina e procura-se pôr em prática os seus ensinamentos. Nos trabalhos doutrinários e práticos há ordem e disciplina.

Fora do Centro, o Evangelho é especialmente estudado em forma de rodisio, todos os domingos. Uma semana os confrades se reunem para esse mister na casa de um deles, e ao término da reunião combina-se o local onde se reunirão na semana seguinte. E assim sucessivamente.

Os frutos desse trabalho metódico podem-se observar na união reinante no seio da família espirita iraraense, no recato e modéstia daqueles lares cristãos.

Num desses lares surgiu uma precocidade. Rafaelito é um garoto de 12 anos, diferente dos meninos da sua idade. Não liga para o futebol, não se sente atraído para os divertimentos grosseiros. É cem por cento espirita; não falta às reuniões e é elemento de primeira ordem numa conjuntura séria, quando é preciso vibrar, dirigir uma corrente forte de pensamento.

É filho de José Rafael e de D. Cecy de Carvalho. José Rafael integra o pugilo de obreiros que mais se destacam na seara do Mestre em Irará. Os outros da plêiade são: José Campos, Elísio Santana, Manuel Martins, Everton Cerqueira, Augusto Santana, José Carvalho de Oliveira, José Epaminondas de Cerqueira e Sócrates Pais Coelho.

Da equipe feminina sobressaem pela sua operosidade, as senhoras Helena Flora de Oliveira Campos, Cecy Carvalho, Adaurina Oliveira Coelho, Maria Campos e Maria Costa; senhoritas Eulina e Leonina Cerqueira, Estelita Barbosa e Teodolina Santos.

De Irará trouxe Alfredo Miguel gratíssimas recordações. Ele jamais poderá olvidar a amabilidade de seus hospedeiros, o admirável casal José Campos-D. Helena Campos. Penhorado também ficou ao estimável Elísio Santana e sua esposa D. Safira, pelas atenções com que o receberam no seu lar.

Jaime Franco e sua distinta consorte D. Marilda Franco, igualmente souberam cativar o visitante, oferecendo-lhe um lauto almoço em sua confortável residência. Da alegria desse momento participou o seu progenitor, Alfredo Franco, homem de coração largo e de algum modo semelhante ao samaritano da parábola.

★

Hilzete Cardoso de Oliveira (Zetinha) é uma jovem de maneiras gentis, sobrinha da esposa do Campos. Estava de férias em Irará e regressou com Alfredo Miguel a Salvador. Sua presença jovial foi notada em todas as reuniões.

A viagem de regresso não foi directa. O ónibus deixou o visitante às 8,30 em Feira de Santana, e outro, ao meio dia, conduziu-o à capital. Até à «Princesa do Sertão», além da Zetinha teve a agradável companhia do Campos e D. Helena. Após algumas voltas para providenciar as passagens, rumaram todos à residência do Elisio da Rocha Dória, um baluarte do Espiritismo e da L. B. V. naquela grande cidade. Recebeu-os a simpática esposa desse infatigável companheiro de ideal, risonha, simples e bondosa. «Obrigou-os» a tomar café.

Mais tarde estavam na agência do Banco do Brasil para abraçar o Dória. Numa expansão discreta de contentamento, esquivando-se um pouco dos inúmeros clientes que naquele dia de feira livre o interpelavam sobre assuntos bancários, e enquanto abraçava o Alfredo:

— Oh! meu irmão, fique para falar também aos espiritas feirenses.

— Impossível desta vez, companheiro! Os deveres são imperiosos e me arrastam hoje mesmo à capital. Não faltará oportunidade...

Às 12 horas em ponto o veículo punha-se em movimento. Ao longo dos cento e quarenta e tantos quilómetros do percurso, Alfredo Miguel revivia em dupla saudade os memoráveis dias passados em Irará e as horas amenas que fruiu na bela e progressista cidade de Feira de Santana...

MOSTRAR-LHE-EI AS MINHAS MÃOS...!

Uma criança de dez anos agonizava. Era a maior de numerosa família, cuja mãe havia morrido. A pequenita sacrificara-se a cuidar de seus irmãos menores. De tanto trabalhar e tão pouco se alimentar, tornou-se tuberculosa.

Ao seu leito de morte chegou um visitante e perguntou-lhe:

— Já te confessaste? Estás conformada? Cumpriste os teus deveres religiosos?

— Não — respondeu a moribunda.

— Oh! E que farás, quando chegares à presença de Deus?

A criança levantou as mãos translúcidas, cheias de feridas deformadas pelo trabalho e murmurou:

— Mostrar-lhe-ei as minhas mãos...

CALIBAN

A VIDA É MOVIMENTO...

Olha à tua volta. Não verás os seres em contínua actividade, porque também as coisas trabalham. O barco vai de um porto a outro; o farol ilumina durante a noite para orientar os navegantes; o rio junta as águas e antes de chegar ao oceano aplaca a sede do homem, dos animais e das plantas; a terra faz germinar a semente e fornece às raízes as substâncias necessárias para que a planta se desenvolva; os ramos formam as flores e os frutos; aspiram as folhas o oxigénio do ar e exala o gás carbónico; o vento move moinhos, seca a humidade excessiva dos campos, leva sementes onde podem germinar e desempenha mil tarefas variadas.

Como pode alguém estar sem fazer ou aprender alguma coisa, sem servir para nada, condenando-se a ser menos que uma pedra?

CONSTÂNCIO VÍGIL

ECOS DE U

Por ISIDORO

X

EM JUIZ

O Magaldi já nos havia falado desta linda cidade a que uns chamam «Princesa de Minas», outros «Princesa do Paraibuna» e outros «Manchester Mineira». Qualquer destes nomes lhe assenta bem. Ela recebe-os num belo sorriso de afeição, jovial e agradecido, semelhante à jovem habituada ao galanteio. Braços abertos em franco acolhimento, manda que os jardins floresçam e rescendam perfumes, se o viajante chega de outro Estado a suar em bica. No tempo das invernias, quando o Paraibuna se mostra espadanante e agressivo, Juiz de Fora fecha os braços em concha para agasalhar, em gesto hospitaleiro.

À medida que nos aproximávamos da famosa urbe, a curiosidade subia em maré crescente. De Três Rios saíramos em 28 de Maio no auto de um amigo, com Magaldi à ilharga, o melhor informador dos campos e das cidades que poderíamos encontrar naquelas paragens. O dia estava claro e sereno. Ao lado, a via férrea da União e Indústria em direitura à Capital Mineira. O belo curso de água osculava a terra que deixáramos em companhia do Paraíba, e do Piabanha, que vem de Petrópolis. Lá se juntam os três, como bons amigos, cada qual mais dócil na tarefa de amenizar e fertilizar.

A estrada é polvilhada de recreio para os olhos. O pitoresco não acaba neste Brasil imenso, a desdobrar-se aqui e ali, em perpétua fantasia de cenários.

Numa curva deparámos com montículos de batata a obstruir a via. O Magaldi comenta:

— Dois carros de batata que embateram e a estrada ficou embatatada...

Era o prodígio da abundância em estranha cornucópia, rente ao Paraibuna sossegado. Caboclos que passassem, sacola que enchiam. Mais adiante, casaredo uniforme semelhante aos nossos bairros económicos. E uma granja não muito longe do pontão que separa dois Estados. O de Minas é diferente. Orografia montanhosa, um tudo nada exuberante, mas inferior à do Estado do Rio.

Um aspecto da cidade de Juiz de Fora

A mata virgem continua a dominar a terra e o serpentear do rio. Tantas curvas a distrair os olhos encantados! Erguemo-los para letras garrafais: 150 km. do Rio de Janeiro.

Quem viaja no sertão gosta de saber onde se encontra. As placas orientam o transeunte, que pode ser turista, «mascate» ou fazendeiro, não falando no «colono», elemento precioso de cafèzais, com direito a parte da colheita, consoante a filharada.

O «mascate» é vendedor ambulante, sem fixação definida e cujo temperamento se baseia no povoamento rural do interior. Encontrámos muitos e variados tipos nos caminhos brasileiros. Faziam lembrar traficantes árabes em zonas inóspitas. Em Portugal também há os chamados quinquilheiros, que andam de terra em terra a ilustrar festas religiosas, com bugigangas, meias, canivetes, pentes, tecidos de algodão e outras mercancias.

Defendem-se do sol ardente à sombra de bambús, na orla dos regatos ou rente às cachoeiras. Depois retomam a viagem, no macadame ou na areia solta, marginando florestas, apanhando bananas e toda a espécie de frutas. Levam dois, três ou quatro dias de uma cidade a outra, mascateando sempre, que o resto não importa.

O Magaldi é que informa, no seu dizer de cronista.

Dois «ranchos» ficam à nossa esquerda. São povoados, resquícios do antigo regime de fazenda. Dois nomes a encimá-los: Simão Pereira e Pedro Alcântara. Poucos quilómetros andados e temos a cidade de Matias Barbosa no fundo de um vale aprazível.

Vinte minutos nos separam da Manchester Mineira. Entretanto, uma fazenda nos faz lembrar Portugal. Cedofeita é o seu apelido.

— Ali viveu Cármen de Miranda, quando era mocinha, — exclama o companheiro.

Estávamos próximos do destino. Já se via a Usina Hidro-eléctrica, sobre o Paraibuna, a mais antiga da América do Sul.

Os subúrbios de Juiz de Fora são extensos e verdejantes. Pequena queimada de coqueiros revela acidente grave: explosão de gasolina numa camioneta. Vêem-se restos de

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

XV

DE FORA

tambores encarquilhados e um bando de urubús a farejar carne morta.

Lá está a Fiação de S. Bernardo... E mais urubús negros como carvão... O povo diz que o fígado destes carnívoros tem propriedades medicinais...

São 10,50. O ónibus dá uma volta e pára em larga rua, junto à União Espirita de Juiz de Fora...

★

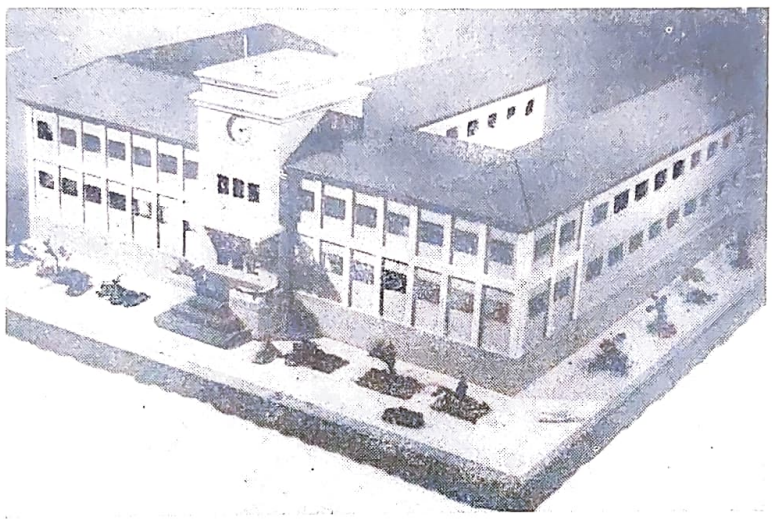
A recepção foi animadora. Um grupo de abnegados estavam ali, tão curiosos como nós. Mourejavam na seara do Mestre, batidos pelo sol dos tropicos, carão mineiro a exibir couraça de quem quer servir e dignificar.

A família espirita, selecta e numerosa, sabia do acontecimento. Lindolfo Henriques Dutra os avisara a tempo. O Dutra é o presidente da União, um lidador inteligente e sagaz, nervoso e franzino, um olhar que reluz atrás de lentes próprias de quem vê para além delas.

Vítor Hugo tinha em grande conta a inteligência. Era um meteoro para ele, um meteoro sujeito a cárie, que alguns nomeavam de cepticismo. Não admira. Aquiles tinha calcanhar, fraco de muita gente superior pelo nascimento, que não pelo intelecto.

O Dutra cativou de tal modo o nosso coração, que ao cabo de umas horas já o sentíamos amigo de alguns anos. É o milagre fraterno que une as almas afins.

Para aquela entrada decisiva o Magaldi contribuira muito. Em Juiz de Fora era mestre de uma geração ousada. A Faculdade de Farmácia tinha nele um elemento que servia de modelo a professores e alunos. Em sua companhia estava bem o visitante...



Instituto de Jesus, de Juiz de Fora

Recordamos alguns nomes. Além de Lindolfo, eis um gigante de acção contínua: Ali Halfeld, descendente de outro Halfeld, a quem a cidade lembra com amor, um Halfeld operoso e generoso que reviverá sempre no progresso local, como legenda de trabalho; o António Cardão, português de lei, cujo ramo se espraia em Belo Horizonte na pessoa do Dr. Celso Cardão, que subdivide o esforço entre uma cátedra, uma estação de rádio-amador e a paixão fotográfica, em tudo exímio, à maneira de da Vinci; o Dr. Arminio Carvalho, operosidade e bondade, herói de muitos transes que revelam um grande pioneiro; Epaminondas Braga, circunspecto e permanente na acção meritória; o João Coragem, voz alada, de cidade em cidade, qual pregoeiro da Boa Nova; o General Alberto de Matos, figura de retábulo que se impõe por si mesma, semblante onde se reflecte a convicção de um obreiro do progresso a caminho de novos tempos e novos plainos; D. Maria José de Carvalho Oliveira, oradora fluente que nos saudaria no «Humildade e Caridade», verbo de ouro pleno de euforia; Jesus de Oliveira, do Centro E. Paz e Caridade e director de O Lince, *publicação que tanto prestigia a cidade e já vai nos 45 anos de existência... Outros vimos ainda, é certo, e gostaríamos de poder citá-los. Fá-lo-emos a seu tempo e na devida altura. Fazer justiça é tarefa honrosa para quem tem a seu cargo divulgar e esclarecer.*

★

A primeira visita coube ao Instituto Jesus, *rua Inácio Gama, 81, com personalidade jurídica, destinado a educar e amparar meninos e velhos, sob a direcção de Ali Halfeld. Trata-se, pois, de instituição filantrópica e a sua fundação data de 19 de Março de 1944, dia em que foi criado o* Instituto Maria, *que funciona na mesma cidade, com o fim de amparar meninas e velhinhas. Quer dizer que a mesma assembleia criou e fundou duas instituições semelhantes nos meios e fins, atendendo à descriminação dos sexos.*

A missão do primeiro é abrigar seres desamparados sem distinção de cor, nacionalidade, crença ou raça, proporcionando-lhes assistência material e moral, além de cuidar de vários aspectos beneficentes, segundo as suas possibilidades.

A sede própria está erguida à altura da sua missão. Edifício magnífico, cujas dependências percorremos minuciosamente nas suas três áleas de ventilação modelar, foi construido com esmero e pensando no futuro. Os homens que o delinearam sabiam que repartir com os pobres é a maior prova de amor à

humanidade. E por isso resolveram proteger, educar e instruir os internados, à luz dos Evangelhos, preparando-os para vida honesta e laboriosa, em trabalhos manuais, profissionais e industriais.

Ao mesmo tempo criarão escolas, aulas e cursos externos e semi-internos, destinados especialmente aos pobres, não descurando as tendências artísticas de alguns e tentando desenvolvê-las no Instituto ou fora dele, segundo as disponibilidades existentes.

A primeira coisa que nos impressionou foi o vasto cinema público em que se podem escolher as fitas e cuja receita reverte a favor da obra. Tem 368 lugares e funciona diàriamente, excepto às 2.as e 6.as. Lá vimos um grande palco e 4 camarins providos de água corrente.

A secretaria, a biblioteca e o Gabinete da Direcção impõem-se pela área que ocupam e pela iluminação e ventilação. A sala de aula tem 50 m² de superfície.

É, de facto, um pavilhão vastíssimo e chega a ser imponente, tal a grandiosidade de suas linhas.

No segundo pavilhão está o refeitório, com 180 m², janelas rasgadas sobre o campo. Não podia haver melhor divisão de compartimentos, nem mais higiene, nem local mais adequado.

Os dormitórios são quatro, abrangendo 172 camas, bom ar e luz magnífica. Ao lado dos dormitórios, 36 chuveiros e 20 privadas. Há também um grande recinto com lava-pés.

O Instituto tem uma cerca enorme (3 alqueires de terreno), com 10 minas de água e 600 árvores de fruto destinadas à manutenção dos internados. A água vem do morro próximo, captada naturalmente.

Enfim, estamos em presença de obra monumental, erguida, patrocinada e mantida por espiritistas, à frente dos quais um homem se ergue como símbolo de bondade e caridade — o Ali Halfeld.

Os associados são poucos, mas o dinheiro aparece. Dizem que o Ali é quase tudo no Instituto e que nele deixou grande parte do património. Não custa acreditar. Alma bondosa e idealista, é natural que se não escravize ao dinheiro. Sabemos de muitos que satisfazem caprichos à larga e discutem o preço de um chapéu. Esses não entendem o Evangelho. Necessitam de dinheiro para afrontar o desprezo da sociedade, que os deplora...

Nas fileiras espiritas há homens predestinados: Trabalham dia e noite, longe do mundanismo, aferrados à gleba que escolheram. E os egoistas não acreditam que se viva sem objecto material. Não acreditam, porque a ignorância os limitou e o céu da bondade é pequeno para eles. Pertencem ao grupo de Campoamor, o grande ironista espanhol:

No Amor, na guerra, em ambos é primeiro
Só dinheiro, dinheiro e mais dinheiro!

Mais tarde compreendem as atitudes cómodas que os conduziram à ruina moral. É que os caprichos de nada servem à evolução humana. Quase sempre degradam. São extravagâncias ridículas. O que fortalece é moeda de outro quilate.

Quando visitámos o Instituto Jesus, ainda não estava concluido. Faltava o mobiliário, o encerado, a tapeçaria, as pequenas coisas que embelezam e completam o lar. Dizemos lar e dizemos bem. O Instituto Jesus é um lar bonançoso no conceito de D. Francisco Manuel de Melo: «Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Criados bons. Um quem mande. Paga certa. Curas próprias. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Boa vida e boa morte».

Criados não há, porque todos trabalham; e a paga vai na educação recebida. Assim, a conta estará certa, no momento do ajuste. Que pena temos de não assistir à inauguração desta casa de caridade! Tivemos conhecimento do facto, que a presença de certos vultos ilustrou como convinha. Foi solene, foi imponente. A Directoria do Instituto deve estar satisfeita. O Ali, o Scanapieco, o Lougon, o Simões e o Geraldo Marsicano são figuras de bronze que a vaidade não toca. O seu programa é servir o mundo, sob a égide do Nazareno.

★

Às 15 entrávamos na União Espirita de Juiz de Fora (Casa de Kardec), Avenida Getúlio Vargas, 239, 2.º O Instituto Jesus impressionara-nos muitíssimo. Mal chegou o tempo para fixar na retina alguns pormenores mais chocantes, que os outros foram passados ao canhenho em condições precárias.

No Juiz de Fora há 19 Escolas Espiritas de Evangelho, com 1.300 inscritos. Crianças de 5 a 14 anos. Os de 14 já não são crianças. Aos 11 chega-se ao uso da razão, no dizer da madre-igreja. Hoje, no século das luzes, ao 7 anos a razão é mais forte do que dantes aos 14. É a marcha dos tempos, o progresso incessante. Há Centros que atendem a crianças de 3 a 4 anos, em aulas de pré-jardim. Como não podia deixar de ser, a União centralizou toda esta educação, verdadeira higiene de alma a fortalecer a criatura: pré-jardim, jardim, primário, adaptação do curso intermediário e pré-mocidade. Uma tarefa pesada, para quem a toma a sério.

Os fins da União Espirita são muitos e variados. Primeiro, congregar centros, grupos e instituições espiritas do município no estudo das obras de Kardec. Segundo, manter a fraternidade na família espirita de harmonia com o Evangelho e sob a égide da Terceira Revelação.

O seu dinamismo é constante. Quase todos os meses promove conferências e palestras nas instituições congéneres, nos teatros ou noutros ambientes; organiza caravanas e visitas aos núcleos espiritas das cidades vizinhas; mantém uma biblioteca; fomenta o intercâmbio com agremiações congéneres, nacionais e estrangeiras, por intermédio de jornais, revistas e outros meios de propaganda.

O Lindolfo Dutra é solícito no informar e o Magaldi auxilia no que pode.

O calor aperta. Chegamos à janela, através da qual podemos admirar o grande edifício da Fábrica Téxtil Bernardo Mascarenhas, o criador da Hidro-eléctrica de Juiz de Fora. Muitas fábricas se encontram na rumorosa cidade, atestando o valor intrínseco da conhecida indústria que os portugueses partilharam e generalizaram. Ainda hoje os nossos técnicos desempenham importantes papéis nos teares e fiações locais.

No Departamento da Criança vamos assistir à lição do Evangelho marcada para aquele dia. É uma actividade notável, apoiada em cinco pontos fundamentais.

1.º — Existência de Deus.
2.º — Imortalidade da alma.
3.º — Comunicação dos espíritos.
4.º — Reencarnação.
5.º — Perfeição.

Estes temas foram elaborados para se estudarem nas reuniões das Mocidades durante 10 meses. Os dois meses restantes destinam-se às aulas de Educação Sexual para jo-

vens, a cargo de pessoas moralmente e intelectualmente idóneas.

As bancadas estavam superlotadas, quando um jovem encarregado do trabalho elevou a voz, a fim de expor o tema. Falou com propriedade. Nem afectação, nem artificialismo. Era expositor cingido ao codigo. Depois falou outro em bela explanação. E faziam perguntas aos circunstantes para melhor elucidarem. Ia-se ao fundo do problema com desejo intenso de resolvê-lo.

Também fomos perguntado e também respondemos. No final, as dúvidas extinguiram-se no ânimo de todos. Ficámos com a impressão de que os jovens citados eram esteios que muito podiam dar. É verdade que os temas haviam sido objecto de estudo prévio e não impostos de chofre. Se o programa era de estudo... Assim mesmo, a União Espirita de Juiz de Fora estava em mãos hábeis, como referimos oportunamente.

O Magaldi opinou no mesmo sentido.

★

Gostámos da lição evangélica e do interesse que despertou nos jovens dos dois sexos. A mulher brasileira — já o dissemos — é viva, inteligente, sem preconceito mental. Quando estuda, estuda; quando expõe, expõe livremente, convictamente. Tem energia e desenvoltura, grandes qualidades de triunfo em qualquer parte da terra. Vimos algumas em Juiz de Fora e teremos de aludir ao seu talento, que se reflecte em obras peregrinas.

Nestas palavras há verdade e só verdade. A mão feminina produz milagres de harmonia e transforma a dor em prazer. Temos visto o estranho prodígio em muitas instituições brasileiras. Será da terra, será do sol, será do clima? Ou será da sensibilidade que as caracteriza?... As mulheres semeiam de rosas o curso de nossa vida. Embelezam o feio, acalentam, renovam, fazem sorrir. Como dizia o poeta citado,

Seja a mulher rainha ou só pastora,
Tem sempre qualquer coisa encan-
[tadora.

Outras lições são ouvidas no Departamento da Criança da União Espirita. Temos à mão espécimes dactilografados que traduzem bem a orientação do Espiritismo em Juiz de Fora. É boa, é salutar. No dizer de um filósofo, o amor não se encobre, seja qual for a espécie e o lugar. O amor à Causa Espírita ainda menos se pode encobrir. Está nos pensamentos e nos actos. Sente-se e vive-se, como a própria existência...

Suspensos nas paredes há muitos quadros artísticos da autoria de Alberto Moutinho Sureros. Um, relativo à formação da Terra; outro, das raças adâmicas; outro de Krishna e Brama. Mais três alusivos aos enviados de Jesus: Buda, Lao-tsé, Confúcio, Abraão, Moisés, Elias, João Baptista.

Além dos 19 centros referidos há mais 17 noutras cidades que recebem aulas pelo correio, destinadas a 800 alunos. Os orientadores passam de 60, dos 18 aos 55 anos!

Agora, uma nota frisante que demonstra a verdade de nossas informações: o introdutor do Espiritismo em Juiz de Fora foi o português Joaquim Gouveia Franco. Fundou o Centro Espirita União, Humildade e Caridade, em 1901, há perto de 60 anos!

★

O Hotel Imperador é uma casa hospitaleira, onde nos havíamos instalado. O proprietário, lusitano da Beira que em Lisboa estivera recentemente, tinha serviçais portugueses e tudo isto fazia lembrar que não estávamos fora da pátria. E não estávamos, decerto. Costumes, idioma, caracteres, tudo se conjugava para isso. Mas este prédio elegante e moderno infundia confiança, dava tranquilidade.

Nele fomos descansar um pouco até à hora de jantar. Mas às 20 estávamos no Centro Espirita Humildade e Caridade, a que já fizemos referência e cuja fundação, repetimos, se deve ao português Gouveia Franco, que também era médium curador.

A nossa conferência, de feição técnica, teve a presença de muitas individualidades. Presidiu o Dr. Armínio de Carvalho, que igualmente preside ao Centro. A seu lado, a eloquente oradora D. Maria José Carvalho de Oliveira, que nos saudaria em nome dos espiritistas de Juiz de Fora, Kleber Halfeld, director de O Médium e que falaria em nome da Mocidade, Bady Curi, presidente da União Espirita Mineira, de Belo Horizonte, que viera para nos acompanhar a esta última cidade, D. Calíope Braga, presidente da Casa Espirita, Jesus de Oliveira, do Paz e Fraternidade, Vítor Magaldi, presidente do Centro Estudantes da Verdade, de Volta Redonda e nosso companheiro de viagem, Ali Halfeld, do Instituto Jesus, e o Capitão Edmundo Alves Pontes, vice-presidente da União.

O Centro é espaçoso. Comporta bem 900 pessoas. Havia mais de 500, entre elas numerosos médiuns e directores de sessão. D. Maria José fez uma saudação extremamente gentil, enaltecendo as obras do conferencista, «que não carecia de apresentação, tão conhecido era em Juiz de Fora, mas queria que levasse uma impressão forte de quanto era querido e estimado». Falou com entusiasmo de Estudos Psíquicos e de nossa obra literária e ficámos confuso, quando nos chamou embaixador da Espiritualidade. Felizmente não tomámos a Nuvem por Juno. Embaixador da amizade é possível que fôssemos, tão grande é o amor que sentimos pelo Brasil.

Falámos hora e meia sobre «Ambientes Mediúnicos, Suas Glórias e Seus Escolhos», e no final o Dr. Armínio exaltou o trabalho com as palavras «valiosíssimo e oportunísimo», acrescentando que as «lições apresentadas» (não foram lições, que não somos mestre) serviam a todos os assistentes. Também ele preconizava os conceitos manifestados e tudo o mais que disséramos naquela noite memorável. Outros oradores falaram, entre eles o Bady Curi e o jovem Kleber Halfeld, com palavras de entusiasmo, muito acima do nosso mérito pessoal.

Depois a conversa generalizou-se entre numerosos assistentes que se detiveram a discutir alguns temas apresentados. Quando os ouvintes reagem em concordância, bem vai ao conferencista. Quando se retiram silenciosos, há pensamento oculto que às vezes não abona quem expõe doutrina. O ambiente e o assunto produziram efeito sensível e os comentários alentaram-nos. Juiz de Fora apresentava-se benevolente. Queria ser gentil, queria receber o mensageiro com requintes de amabilidade, embora o seu valor fosse muito relativo. É que atrás dele estava o ideal comum e uma terra distante ligada à pátria brasileira. Tudo influia no optimismo destes mineiros sadios, a começar no Magaldi, que exalta a Faculdade a que pertence e na qual se rende culto aos ancestros que de longe vieram às terras de Santa Cruz.

O mineiro é trabalhador acérrimo e contribui denodadamente para a grandeza do povo irmão. Quantos portugueses aqui vivem e

O "ANTEPASSADO"

por DAMIÃO DE VASCONCELOS

O «Antepassado» de cada homem é a sua própria individualidade, que se apresenta em cada reencarnação sob a máscara de uma nova personalidade.

Porque a alma, quando desencarna, leva consigo as consequências das acções que provêm da união com o corpo, como o vento leva o perfume das flores.

O mal que se sofre nesta vida, é uma justa expiação de pecados anteriores ao nascimento. O passado é como uma sombra: mudo fantasma que nos segue os passos.

Somos nós próprios que preparamos a nossa existência futura, a qual será a continuação da nossa existência presente. Porque a nossa vida neste mundo é determinada pela anterior — o «antepassado» —, e as condições da vida futura dependem do uso que tivermos feito do livre arbítrio.

Sim, assim como as vidas anteriores justificam as desigualdades sociais, que chocam as almas boas e justas, também os nossos actos de hoje se dirigem a vidas futuras, onde encontrarão efeito natural e necessário.

E o corpo é o instrumento do espírito; é a sombra corporizada, é o nosso «antepassado».

E para atingirmos a salvação e a união com Deus, para que o nosso «antepassado» se regenere e evolucione, temos de agir sem motivos egoistas, sem tomar em consideração o nosso próprio Eu pessoal, entregando-nos à Vontade Divina como um instrumento nas mãos de Deus e, assim, cumprindo o nosso dever, por ser dever, sem pedir recompensa.

E com a morte não se perdeu nada daquilo que a alma adquiriu; as experiências que o homem faz nas vidas passadas, — o nosso «antepassado» —, tornam-se instintos e lições e incitam-nos ao progresso, até inconscientemente, e se se procura realizar a União com o Mais Alto, adianta-se mais do que pelo simples estudo das Escrituras Sagradas.

Pois quem se deixa iluminar pelos raios da Sabedoria, torna-se sábio; a Sabedoria Divina nele é uma força viva que o conduz ao conhecimento da Imortalidade.

A vida actual dum homem apresenta, pois, todo um passado de boas ou imperfeitas conquistas, todo um futuro de possibilidades felizes ou infelizes.

E quanto mais nos elevamos, mais livres nos tornamos; porque mais entramos na Luz e adquirimos a força para o Bem.

Quanto, pelo contrário, mais descemos, mais nos tornamos escravos; pois que cada queda no Mal diminui a inteligência da Verdade e a capacidade do Bem. O Destino impera, portanto, sobre o passado, a Liberdade sobre o futuro e a Providência sobre os dois, quer dizer, sobre o presente sempre existente, que se pode chamar Eternidade.

Eis, porque nós somos fantasmas do Outro Mundo; forças emanadas de Deus ou do Infinito, se formos deistas, como reflexo de Deus, palavras do Verbo, no nosso regresso à Origem. E, por isso, a morte é um acto religioso, talvez o único acto religioso, ou verdadeiramente cristão.

(Colaboração póstuma)

mourejam enaltecendo a grei e projectando a família neste progresso imenso semelhante ao rio que desagua no mar e se transforma em oceano! Um deles é o António de Almeida Cardão, alma aberta dividida em dois amores, um em cada ma gem do Atlântico. Se pudesse viveria ao mesmo tempo em duas pátrias, já que não sabe qual delas mais adora. Numa, recordações o prendem em nebulosa saudade; noutra, um filho que resplende em mérito e nobreza, na capital do Estado, entregue à vida e ao magistério...

Foi grande amigo, dedicado serviçal que acompanhou sempre o viajor na linda cidade que se espreguiça docemente à margem do Paraibuna. Não o podíamos olvidar nesta crónica singela, despretenciosa, como quem conversa à lareira ou desfia contas de um rosário. E teremos de voltar a ele e a outros, que Juiz de Fora é grande e muitas flores possui de aroma rescendente, apesar do Outono ir em mais de meio.

O que fica para trás é impressão vivida e revivida em saudade e poesia humana. Quando se é sensível, a vibração atinge o próprio mundo celular.

No número seguinte continuaremos a dar conta de nossos passos em Juiz de Fora, pois muitos foram e dignos de menção em resenha sucinta. Pena é faltarem elementos para completar alguns quadros que se esboçam. Não se omitiu. O que se não disse escapou à retina. Mas o coração sente o que se vê e não vê. E tantas coisas vimos e sentimos! Tanta simpatia, tanta amizade! Era como se fôssemos um irmão que voltava do exílio...

CARTA

A ISIDORO DUARTE SANTOS

(Para "Estudos Psíquicos")

Tua carta de dez de Fevereiro fez-me
Grande bem, meu irmão. Eu sou sincero. Há nela
Muita beleza: o estilo é delicado e a essência
É o perfume da flor divina da amizade.
Levaste do Brasil saudades e saudades?
E acaso saberás, amigo, as que deixaste
Em todos que tivemos o feliz ensejo
De abraçar-te. de ouvir-te a palavra inspirada,
De ver resplandecer em teus olhos um pranto
Tão belo como o que, durante a noite, os astros
Vertem sobre os jardins?... Aquelas tuas lágrimas
Traduziam, de certo, um nobre sentimento.
Tudo aqui te encantou. Tua fala, teu gesto,
Teu olhar, teu sorriso e teu pranto mostraram
Que viste no Brasil a Terra Prometida!
Não hesito em dizer: — «Ecos de uma Viagem»,
Que estás a publicar em «Estudos Psíquicos»,
É um livro encantador, um lindo poema em prosa,
E há-de repercutir no espírito dos povos.
São páginas de fé, de amor e de poesia;
São páginas em que freme, palpita, agita-se,
Abre-se em florações soberbas um espírito
Talhado para o Bem, escravo da Verdade!
Através desse livro. Isidoro, há-de o mundo
Contemplar extasiado as formosas paisagens
Deste imenso país e sentir o bondoso,
O meigo coração do seu povo, que é muito
Semelhante ao do teu... ao do teu? ao do nosso
Querido Portugal! Não creio que algum dia
Aqui tivesse vindo um filho de outras plagas
Que melhor do que tu nos entendesse e amasse!
O Brasil te bendiz! Na alma dos brasileiros
Tua imagem ficou entre flores e luzes!...

Bahia — 1956

Paulo Alberto

A MISSÃO

por OSVALDO SALVAÑÁ

Começa hoje a colaborar nesta revista o poeta e escritor argentino Osvaldo Salvañá, natural de Rosário, Santa Fé.

Depois de estudar contabilidade, taquigrafia e debuxo, onde conseguiu altas classificações, desenvolveu actividades que lhe permitiram uma cultura literária integral. É poeta de vocação, como evidenciam múltiplas produções de sua lavra, tais como «Por Senderos Quebraderos» e «Cantos de la Tierra». Além disso, obteve diversos prémios literários: «Norte» (1.º prémio dos Jogos Florais de Rosário), «Estirpe», «Nuestra Raza», «Paraná», «Carnaval de las Breñas», «Ramos Mejia», «Canto de la Argentina», «El Hacha (1.º prémio de romance) e «El Mensu». E é agente de Consciencia, *em Rosário, e membro da APPEEM, de Buenos Aires.*

Honra ao mérito!, *eis a legenda concernente ao novo amigo que aporta à trincheira de* Estudos Psíquicos, *cheio de vontade e de entusiasmo. Estas colunas sentem-se honradas com todos os valores intelectuais e morais. Que ele seja benvindo e não se arrependa da nossa companhia.*

1

Enchia a casa uma ténue orquestra de soluços. Luz intencionamente amortecida imprimia certa tristeza ao recinto. Sobre humilde cama, enroupado e quase exangue, jazia o corpo de Carlos, pálido e quieto. A respiração estava na iminência de extinguir-se em qualquer instante. Sua vista desmaiava cada vez mais. Uma espécie de nuvem irrompeu da sua cabeça e, nela envolto, sentiu-se ràpidamente isolado. Estava inundado de silêncio, um silêncio de bosque inescrutado, silêncio amável e imenso. Fez um esforço para ver e a nuvem dissipou-se e uma luz intensa o penetrou intensamente.

Houve uma pausa de indefinível sugestão, plena de estranhas sensações. Carlos olhava fixamente um ponto determinado e ficou surpreso. Na sua frente formou-se uma nebulosa de gás que pouco a pouco se foi delineando. Uma mulher ideal, modelo de beleza e honestidade, apresentou-se com larga e branca túnica. Carlos aumentou a sua abstracção: estava imóvel e sem voz. Só o seu olhar denunciava ansiedade louca. Os olhos da mulher de seda brilhavam cheios de doçura e compreensão. E quando se formou moveu os braços para ele, dizendo com voz sumida:

— Carlos, a tua missão não se concluiu na terra. Chamei-te aqui para te lembrar obrigações e reconfortar o teu espírito. Não existe mal no teu corpo, porque a afecção é nìtidamente psíquica. Teu espírito quer fugir à prova que se aproxima e motivou esse estado que desorienta o médico. Recobrarás a integridade físico-espiritual e triunfarás na tua empresa. Regressa agora ao corpo, meu irmão. No futuro ver-me-ás a teu lado e eu te ensinarei o caminho a seguir. Tens árdua, mas nobre missão, e sairás incólume. Brevemente terás a prova desta clarividência. Sou teu guia espiritual. A paz seja contigo.

Calou-se a voz da figura excelsa e a visão começou a desfazer-se, confundindo-se com as sombras de onde emergira. As nuvens voltaram a cegar o pobre Carlos, quando o soluçar de sua esposa o arrancou da sonolência. Ouviu os lamentos dos filhos. A sentença do médico assistente: «a ciência fez tudo o que podia» chocou-o gravemente. Pensou durante minutos que lhe pareceram séculos. Quebrou pouco a pouco a turvação de morto, abriu os olhos e disse de si para consigo:

— Que estranho sonho o meu! Não estou morto. Em compensação, choram-me como se o estivesse. E o médico parece atestá-lo...

Olhou em volta com parcimónia, ao mesmo tempo que a respiração e o pulso retomavam o ritmo normal. O médico sentiu um calafrio e disse, como sonâmbulo:

— Produziu-se um milagre.

A esposa de Carlos e os filhos ajoelharam-se junto à cama, quase loucos de gratidão, mas ficaram religiosamente quietos, temendo romper-lhe o sortilégio da vida. Por fim, a mulher balbuciou com emoção:

— Carlos querido! Como te sentes?

Olhou-a com profunda ternura e respondeu-lhe apagadamente:

— Muito bem, querida, muito bem. Não te inquietes. O susto passou...

2

Carlos regressou das tarefas habituais. Saudou carinhosamente a a família e sentou-se num cadeirão. Colocou as mãos na cabeça, fincando os cotovelos nos joelhos, em profundas meditações.

A esposa conhecia estes estádios de Carlos e deixou-o tranquilo, pedindo aos filhos que não fizessem barulho. Quando a sala começou a ensombrar-se, Carlos ergueu a cabeça e dirigiu a vista ansiosa para um ponto determinado, onde surgiu a cena há tanto esperada. O guia espiritual tornou-se visível e sorriu amorosamente, exclamando:

— Carlos amigo, duvidaste da tua

visão... Que pensas agora? Crês ou não crês em mim?...

Carlos caiu de joelhos.

— Sim, creio.

— Bem; então não esqueças o que disse e hoje repito. Deves afrontar a prova, que é a pregação da verdade. O portador de tão sublime causa deve sentir aspirações realizadoras. Escuta a consciência e confirmarás o que te digo. Tornarás a ver-me. A paz seja contigo.

Carlos ergueu-se radiante de felicidade e correu para o lugar onde a esposa estava a passar a roupa do dia. Ao vê-lo tão alvoroçado, sentiu-se contagiada e de olhos tristes o interrogou. Ele abraçou-a com ternura, dizendo:

— Querida Irene, é verdade.

— Verdade o quê?

— A minha missão. A visão daquela noite estranha. A noite que apelidas de milagre.

— Não me tinhas dito nada. Daí, o teu inexplicável proceder.

— Peço-te que me compreendas e perdoes. Estava absorvido nesse pensamento. Contar-te-ei e tudo ficará esclarecido.

Quando Carlos acabou de narrar o seu transporte espiritual, Irene exclamou:

— Graças a Deus!

E reagindo sobre a fascinação da história, acrescentou:

— Sê forte, que triunfarás! Deus não te abandona.

— Bem sei. Por isso sou feliz ao saber-me protegido por esse anjo que me fortalece.

3

A guerra terminara. A feroz luta nuclear havia deixado terrível devastação. A terra de Carlos fora cruelmente devastada por endemia destruidora das armas. Mas uma espécie de milagre imperava no lugar. O povo esmagado em ruinas e sangue inocente, estava cheio de estoicismo.

A sensação divina das palavras de Carlos flutuava em limpidez de atmosfera nova sobre a matéria derruída.

Impedido de assistir à frente de batalha por deficiência visual que se ia tornando crónica, assumiu perante a consciência a responsabilidade de espalhar a luz do seu interior. Assim, andou sem cansaço por todo o seu país, lançando a palavra alada e sincera, inflamada de amor e de verdade. À maneira do augusto e insuperável Nazareno, falou do outro mundo, do reino dos

OSVALDO SALVAÑÁ

seres invisíveis, onde mora a eternidade, onde se encontra a razão da existência. Falou de suas sessões, ornando-as de fé e de pureza:

— Se eu tivesse morrido naquela noite, não vos falaria agora. Só por essa espécie de milagre estou aqui. Não é que tivesse medo de morrer, pois que vislumbrei já a realidade desse mundo de maravilhas. O que afinal há de verdadeiro é que devia estar necessàriamente fortalecido na realidade do além, para gritá-la nestas horas vergonhosas e levá-la a vossos corações doloridos. Irmãos — pois que irmãos somos — deixai-me repetir a voz inefável do meu guia: «Vivei de sorriso nos lábios e morrei na sublimidade da lei da evolução. Nada se extingue. Tudo vive na majestade de justiceiro transformismo. Elevai os pensamentos e oferecei perdão e amor, chaves supremas da felicidade espiritual».

Foi tão magistral a sua figura erecta de mensageiro, que tangeu a carne e elevou o espírito dos ouvintes, transfigurando-se nos momentos mais solenes dos seus discursos. E essa palavra moralizadora e esse contágio particular conseguiram a ressurreição do povo.

Longe da esposa e dos filhos, que haviam compreendido a missão gloriosa do profeta, Carlos comprovou uma vez mais o cumprimento da promessa do seu guia. Uma tarde de cores pardacentas em que se faziam ouvir os canhões, deambulava ele por caminhos solitários de outro país, no seu exercício apostólico. Absorvido em pensamentos foi andando para a suposta linha de combate. Pregara muito e as suas forças diminuiam. Sentou-se ao pé de uma árvore para ordenar ideias e aliviar a fadiga. Ao erguer os olhos quedou-se no êxtase habitual de sua alucinação.

— Descansa, meu amigo. Cumpriste o teu destino. São horas de voltar à tua esfera. Segue-me e sorri.

Carlos levantou-se sem cansaço e sem dores, dir-se-ia ter mudado de corpo, como se fosse etéreo. Parecia-lhe deslisar sem tocar no solo, como se as coisas terrenas tivessem passado a um plano inferior ou incalculàvelmente longínquo. E conseguiu ouvir o que o médico dizia do seu corpo inerte: «a ciência fez tudo o que podia»...

(Tradução de I. D. S.)

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

11

A IGREJA DE MUNIQUE

Amigos Radiouvintes:

Não sei se já repararam: «A Voz de Portugal Espirita» não corresponde exactamente à parangona do título. Melhor fora crismá-la e chamar-lhe «A Voz de Portugal Humanista», tantos são os temas aflorados a este microfone.

Hoje, para não fugir à regra das últimas palestras, vou falar de uma curiosa igreja alemã, a Igreja de Nossa Senhora, que se ergue, precisamente, na estação central de Munique, entre cinemas, bancos, correios, lojas e restaurantes. Ao contrário de outra igreja — diz João Falcato no artigo que nos serve de guia — não tem particularidades monumentais e nem sequer goza de invocação de um patrono. É um salão vulgar que funciona como igreja, para que não falte assistência religiosa aos viajantes.

Antes de chegar ao salão há dois cartazes paralelos indicativos dos ofícios católicos e protestantes. Uns a uma hora e outros a outra, embora seguidamente.

João Falcato não necessitava de pôr em ordem os seus assuntos espirituais, mas seguiu a direcção indicada nos cartazes e entrou. Eis o que ele viu:

«Numa vasta sala, bancos, muitos bancos agrupados em duas secções. Tudo cheio. Mas à frente de uma secção de bancos, a de mais evidência, há um sacerdote pontificando e os olhos dos fieis estão voltados para ele. À frente de outros bancos, em lugar mais repontado, não há sacerdote e os que estão sentados conservam os olhos baixos. Fixam as páginas dos seus livros e meditam. Os primeiros assistem à sua missa — são católicos e só isso os interessa —. Os segundos esperam o seu ofício — são protestantes e nada mais ali os interessa.

«Aguardei até que a missa acabasse e vi os católicos a sair em ordem, recolhidos em emoção religiosa. Vi o sacerdote dirigir a transformação do altar e recolher os objectos de culto, enquanto os protestantes ocupavam os lugares deixados pelos católicos, tudo lentamente. Mas, nos bancos, os protestantes não fazem ruído. Esperam que o seu pastor se aproxime. E ao cabo de alguns minutos a igreja enche-se com um cântico protestante. Pouco a pouco, os bancos mais afastados iam sendo ocupados por católicos que aguardavam. Saí emocionado com o que acabava de presenciar.»

Isto conta o articulista no *Diário Popular*, de Lisboa, ladeando a fotogravura da igreja, que ostenta dois altos torreões de arquitectura alemã, talvez do século dezassete. O choque foi grande, sem dúvida nenhuma. Tão grande, que o levou a dizer: «Não sei de muitos lugares no Mundo onde isto seja possível. A tolerância pratica-se em toda a parte onde há homens superiores. Como hábito, em massa, encontro-a agora aqui, com esta gente. Que manifestação de respeito não é esta de homens de uma crença aguardarem, lado a lado, que irmãos de outra crença acabem a cerimónia, para ocuparem o lugar que estes deixaram vazio! E eu fico a meditar nisto, quando vejo este povo dar a quem entra no seu país a prova de tolerância máxima, a tolerância religiosa, praticada no quadro das suas virtudes diárias».

É, realmente, curioso o que passa na Igreja de Munique, no tocante à coexistência pacífica de duas religiões que soem degladiar-se em nome de princípios irredutíveis. Até parece anedota. Mas não é.

Nós ficamos a pensar, com Girardin, se a tolerância religiosa teria nascido da inutilidade das perseguições e das torturas que mataram tantos inocentes. E não chegamos a compreender que tudo isso se fizesse sob a legenda do «amai-vos uns aos outros».

Marco Aurélio dizia: «Como Antonino, a minha pátria é Roma; como homem, a minha pátria é o Mundo. Somos concidadãos, somos irmãos. Devemos amar-nos, porque temos a mesma origem e o mesmo fim».

Na igreja de Munique havia, pelo menos, delicadeza. É possível que o sofrimento em comum durante uma guerra sangrenta levasse os crentes à sociabilidade. A dor abranda os ímpetos e leva os insolentes prósperos a ser abjectos e humildes na desgraça. Alguma coisa deve ter havido na cidade alemã para justificar o desconchavo. Que a religião, no parecer de Werteimer, parece ter sido dada aos homens para que eles se odiassem mùtuamente.

A propósito recordamos a nossa passagem pela Academia Militar das Agulhas Negras, onde vimos uma sala destinada ao culto, de altar desmontável. A tolerância alemã não era maior que a tolerância brasileira, numa escola militar de primeira plana, dirigida por homens de envergadura que rendiam preito ao civismo e à dignidade. E não eram só católicos e protestantes que podiam exercer livremente o seu culto. A prerrogativa estendia-se a espiritistas que ali realizavam sessões de toda a espécie, inclusivamente de efeitos físicos, como nos contou o maior França Americano e o coronel Ochôa.

Na Academia Militar ensinavam o direito do mais sábio e não o direito do mais forte. Este pertence às falanges do mal que fabricam armas diabólicas para manter a paz divina. Dois antagonismos, dois contra-sensos, dois absurdos.

Eu disse ao João Falcato que em Resende havia exemplo semelhante extensivo a três correntes que não pleitavam lugar nem primazia, porque tudo estava superiormente ordenado. Era a tolerância em cima e em baixo, num país livre que não fora assolado pela guerra, onde os direitos espirituais se faziam valer por si próprios, quando o sentimento impunha deveres ao homem.

Gostaríamos que o exemplo frutificasse, que esta coexistência fosse um índice de elevação no globo que habitamos. Sabendo que as lutas religiosas são, no geral, bravias, por afectarem os mais profundos arcanos da alma humana, tudo o

que se fizer para quebrantar o egocentismo espiritual será benvindo como grande factor de concórdia.

A Igreja de Munique é, realmente, um caso aparte no sector católico-protestante. Merece divulgação entre espiritistas que pertencem a determinados sectores de propaganda, para que sejam cordatos, para que entendam os limites do direito. Só virão benefícios da tolerância bem aplicada, sem cair nas posições subservientes que mais tarde geram tiranias.

É possível que alguns ouvintes discordem. Se assim for, lembro uma anedota: Henrique IV de França tinha um criado que estava sempre de acordo com ele. Um dia, já farto de tanto acordo, exclamou:

— Ó homem! Contradize-me ao menos uma vez para que saibam que eu e tu somos dois...

As tribunas fizeram-se para os torneios da ideia. Nesta podemos livremente expor as dúvidas e os anseios, sem que nos tolham o passo. Haja ou não contraditores, a opinião emite-se e dela resulta às vezes a solução de um problema. Tragam material escolhido e a obra não temerá o vento nem a chuva.

Boa noite... e até à próxima conversa. Que Deus vos guarde e preserve a terra brasileira.

11 de Dezembro de 1956

12

TOLERÂNCIA

Amigos radiouvintes:

Li há pouco uma notícia bem triste no jornal brasileiro «Folha da Manhã». Mão amiga nos enviou a gazeta à espera de comentários. O caso é simples, tão simples, que se resume em meia dúzia de palavras. Os espiritistas que prestavam assistência religiosa a doentes do Hospício do Mandaqui eram hostilizados por alguns padres que lá exerciam ministério. Em face disto, o Governador de S. Paulo ordenou que os primeiros continuassem a agir junto dos doentes. Tempos depois, outro padre conseguiu um parecer, segundo o qual os espiritistas do hospício não tinham direito a assistência religiosa, «visto o Espiritismo ser ciência e não religião». Novo apelo ao Governador; e este, «pela última vez» ordenou que não houvesse descriminação religiosa naquele estabelecimento, tanto mais, que «as práticas espiritas estão expressamente permitidas».

Não sabemos mais nada. Teria havido acatamento à ordem governativa? Ou teriam os padres hostilizado novamente aqueles que, no uso de um direito legal, auxiliavam seus irmãos de cativeiro? Isto não diz a «Folha da Manhã». Mas é suficiente para fazer meditar quantos assistem a maratonas ditas espirituais e que, no fundo, tendem apenas à consolidação de hegemonias existentes.

Mesmo que a lei não abrangesse a todos, que mal haveria na referida assistência, se os doentes a recebiam de bom grado ou talvez a solicitassem? Que mal haveria?

Chateaubriand, famoso autor de «O Génio do Cristianismo», escreveu um dia: «Quereis fazer ímpios e hipócritas? Mostrai-vos fanáticos e intolerantes». Na verdade, a melhor maneira de enfraquecer uma religião é denegri-la com actos de intolerância. As massas anónimas, geralmente incultas e irreflectidas, avaliam as doutrinas, não pelo que são, mas pelo comportamento de seus responsáveis. O Catolicismo é bom, como o Reformismo, o Maometismo, o Budismo, o Espiritismo. Dirigem-se ao homem, oferecem-lhe caminhos espirituais, janelas de redenção que o materialismo fecha inexoràvelmente. Mas, quando o fanatismo avassala a razão, a doutrina empalidece. Não deixa de ser o que é, isso não deixa. Mas empalidece. É como se escarrássemos numa estátua de mármore. A mancha dura o tempo necessário à deformação.

O fanático é violento nas atitudes, ultrapassa os limites do moral, esquece ou ignora as belezas da justiça, porque uma voz interior lhe diz que a doutrina assim o exige. Daí por diante, tudo lhe é permitido sem ser criminoso. Os padres do Mandaqui talvez não fossem maus de natureza. Devem ter agido fanàticamente, julgando merecer louvores por excesso de zelo que, em seu parecer, daria força ou prestígio à religião católica. Esta, porém, não aumentou nem diminuiu com o gesto clerical, embora pudesse decair no conceito das massas que, repito, julgam as coisas pela aparência.

«O fanatismo — dizia Herculano — tem a nobreza das paixões ardentes: ergue os olhos para Deus, que calunia, mas a quem crê servir e honrar; é a tempestade do coração humano que passa grandiosa, como as da natureza, deixando atrás um sulco de estragos».

Assim é, como efeito. Todos os excessos são condenáveis, todos levam tristeza ao coração sensível votado ao bem, sobretudo numa época em que, Brasil em fora, legendas se desfraldam na aproximação de correntes espiritualistas. É preciso irmanar os homens através de novo racionalismo, principalmente religioso, que vença e convença pela verdade. Os adeptos não devem fechar-se em compartimentos estanques, em torres de marfim, como lapas coladas à rocha. Segregar o homem é diminui-lo, é destruir-lhe as pontes que o ligam ao colectivo. Por isso a *Legião da Boa Vontade* merece a minha simpatia e o meu apoio. Irmanar as religiões não é debilitar umas em proveito de outras. É quebrar as arestas de todas em benefício da religiosidade.

Belveze fazia destrinça entre o crente e o hipócrita. Em sua opinião, o primeiro serve a Deus e o segundo põe Deus à sua disposição. Estas veleidades traduzem ignorância e um pouco de maldade, para não dizer pretensão. Se Deus pudesse estar ao lado de uns contra os outros o mundo seria um caos. Não haveria noção de justiça, nem os actos dos padres católicos do Mandaqui seriam avaliados e comentados. Vivendo no arbítrio desconheceríamos a lei, não existiria moral nem amor. O forte esmagaria o fraco e o rico obrigaria o pobre. Deus alinharia na turma dos maneirosos ou palavrosos. Que seria, então, dos obreiros honestos, sem tempo de falar ou argumentar? Nem mesmo por absurdo poderíamos admitir este caso nefando. O homem vale por si mesmo, não vale pela indumentária, pelo emblema ou pela religião que professa.

Bem andou o Governador em seu despacho, ordenando liberdade religiosa no Hospício de Mandaqui. Se a frase «A Deus o que é de Deus e a César o que é de César» tem algum valor no mercado das ideias espiritualistas, não há direitos de primazia que se imponham e muito menos que se aceitem. Todas as religiões são justas, amoráveis e pacíficas. Os seus responsáveis é que as corrompem e abastardam. Quando elas deixarem de felicitar os adeptos, estes buscarão outros degraus na escada de Jacob. Mas tudo sem lutas, sem violências, sem animadversões.

Que grandes ensinamentos se podem extrair de coisas simples! Atrás do acto ou do gesto há mundos que não vemos. Desejo tem o sábio de os captar ou descobrir, mas eles fogem por entre nuvens densas. A Psicologia aventurou-se a incursões indecisas, sem atingir o alvo desejado, e viu que só a compreensão

Natal dos Necessitados

Recebemos mais os seguintes donativos destinados ao Natal dos necessitados:

Transporte do último número ...	1.395$50
Últimas disposições do saudoso companheiro José Carlos de Chelmicki Aflalo, do Rio de Janeiro	2.000$00
A. O. S., de Lisboa	20$00
João J. Alves, de Lisboa	20$00
Grupo de 5 crianças, de Lisboa ...	100$00
C. V. S., de Lisboa	10$00
Cipriano José Marques, de Saide	100$00
Manuel de Sousa, de Silves	20$00
Cecília Ferreira da Silva, de Lisboa	20$00
Artur Levi Gomes, de Lisboa	20$00
Augusto de Jesus Rebelo, de Lisboa	30$00
António F. Cardoso, de Angra do Heroísmo	40$00
Amadeu C. Gaia, de Lisboa	20$00
António F. Baptista, de Lisboa ...	10$00
Eugénio da Costa Morgado, de Aveiro	50$00
Feliciano Freire, de Dundo, Angola	100$00
Joaquim Fernandes, de Lisboa ...	10$00
Aníbal Portugal, Costa do Valado	20$00
E. Q. S., de Setúbal	20$00
Isaac Oliveira Marques, de Viseu	20$00
A. P. A., de Lisboa	100$00
J. Vilarinho, de S. Pedro do Sul ...	40$00
Cristiano A. Henriques, de Nelas ...	28$00
Beatriz P. Araújo, de Nampula ...	24$80
Manuel António Capela, de Lisboa	10$00
Adélia Santos Pinto, de Luanda ...	190$00
Ascensão Manita, de Carnide	10$00
João Fragoso, de Lageosa	20$00
Filial de Almeirim	20$00
A. Jorge Ramos, de Fervença	10$00
Agostinho João Gomes, de B. do Ribatejo	50$00
Deolinda Lucas, de Lisboa	20$00
E. P., de Lisboa	10$00
Lilia Costa e Silva, de Lisboa	20$00
Rogério Leite de Faria, do Porto ...	88$00
Deolinda Cavaco, do Porto	20$00
F. Grilo Fevereiro, de Estremoz ...	10$00
Frederico Pereira, de Lisboa	10$00
A transportar	4.706$30

Transporte	4.706$30
Anónimo, de Loulé	50$00
Zizina Neves, de Coimbra	10$00
Estêvão Rodrigues, de Lisboa	5$00
Anónimo, de Lisboa	50$00
António Mendes, de Lisboa	50$00
Alfredo Vieitas, de Cascais	20$00
Luís Patraquim, de L. Marques ...	20$00
J. O. R., de Lisboa	20$00
F., de Lisboa	20$00
Maria Rosa Pereira, de Lisboa ...	5$00
José Farinha, de A. do Heroísmo	30$00
Joaquim Dias, de Lisboa	20$00
Calderon Diniz	50$00
Elvira Ventura, de Constância ...	20$00
Maria Ventura, de Lisboa	10$00
Adelaide Jesus Ferreira, do Cartaxo	25$00
Romão S. Velez, de Campo Maior	20$00
António Lopes dos Santos, de Viseu	20$00
Albano A. Ribeiro, pelo Espírito de Emília e Rodrigo, do Porto	20$00
Joaquim José Salgueiro, de Setúbal	20$00
Firmino A. Ferreira, de Setúbal	20$00
João de Deus Santana, de Lisboa	50$00
Maria do Patrocínio Manso, de Lourenço Marques	50$00
Coronel Aldemiro Nunes Correia, de Angra do Heroísmo	100$00
Antero Rodrigues, de Malange ...	100$00
Leonel Gomes Pinto, de Malange	20$00
Joaquim Bernardino, de Lisboa ...	10$00
Dr. Ernesto Beleza de Andrade, de Lisboa	20$00
António Gonçalves Campos, de Lisboa	20$00
Francisco E. de Carvalho Simão, de Ovar	100$00
Adriano Lopes do Paço, de Pinheiro	19$00
Gregório C. Guerreiro, de Lisboa	10$00
José Borges, de Lisboa	20$00
Anónimo, de Lisboa	10$00
Inácio de Oliveira, de Ovar	28$00
Anónimo, de Castelo Branco	20$00
Alberto e António, para os pobres	500$00
Total	6.288$30

(Continua)

mútua resolverá os problemas sociais e morais, destruindo o ódio comprimido que envenena as mais elevadas intenções.

M. de l'Hopital exclamava, contrito: «Abandonemos essas palavras diabólicas, nomes de partidos e sedições, luteranos, huguenctes, papistas; mas não mudemos o nome de cristãos!». Neste princípio reside a verdadeira tolerância. Esqueçamos pequenas divergências quase sempre próprias do sentimento, e não busquemos tronos infalíveis que a razão abala e destrói. As religiões são caminhos de orientação onde se refugia o crente, quando a glória de César nada mais tem para lhe dar.

Os espiritistas compreendem o valor da tolerância e por isso aumentam as fileiras desse movimento que se projecta de norte a sul, envolvendo as almas e sagrando-as para o grande festim da caridade.

Boa noite, amigos radiouvintes. Até à próxima. Que Deus preserve o vosso lar e a terra brasileira.

25 de Dezembro de 1956

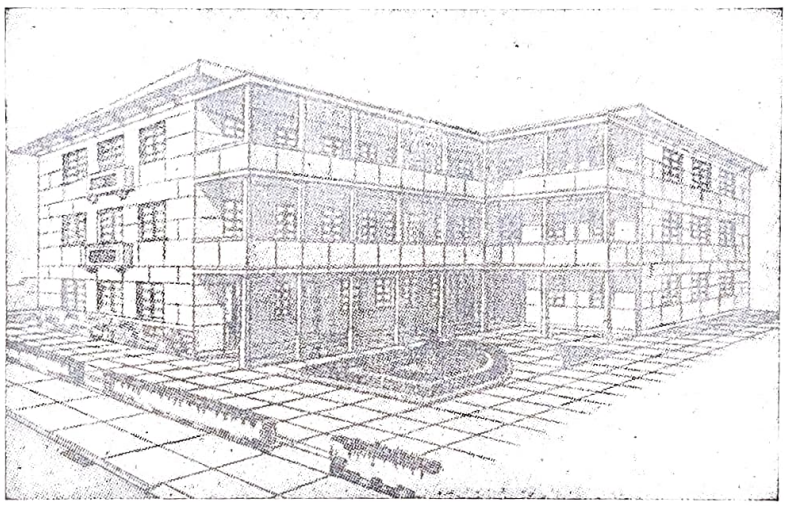
Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

Grande prazer nos invade ao falar nesta instituição carioca que tantos serviços tem prestado à sociedade. Todos os anos *Estudos Psíquicos* costuma visitá-la, de perto ou de longe, através de cartas, relatórios e balancetes que nos são enviados pelo seu presidente Henrique Magalhães, nosso velho amigo e prestante colaborador. Este ano demorou mais a referência, porque demoraram também os elementos.

A Maternidade «Casa da Mãe Pobre» é uma obra singular, quer na estrutura, quer no desenvolvimento progressivo que tem experimentado. Atravessou crises pavorosas, ladeou resvaladouros e obrigou os directores a meditações profundas e a esforços indescritíveis. Conhecemos tudo em seus meandros e por isso avaliamos a situação com conhecimento de causa. Não há, pois, exagero nestas palavras. Um dia faremos a história completa, que há pouco evocámos aqui, em presença de Homero Pereira e sua esposa, dois confrades prestantes e dedicados que estão na base desta Maternidade.

Graças a Deus e a várias circunstâncias, entre elas a queda do cruzeiro, a sua situação económica melhorou imenso. As dívidas foram pagas e os serviços modernizados. O pior foi o «salário mínimo», cujo aumento desequilibrou a renda da casa.

O aumento e a renovação do equipamento hospitalar atingiu Cr$ 1.154.900,00, ficando por pagar 171.000. Mas 1 lavador, 1 secadora, 2 autoclaves, 2 estufas, 70 mesas-de-cabeceira, 60 camas diversas, 1 tenda de oxigénio, 94 berços, 1 incubadora, 6 colchões de molas, 70 colchões de criança e 1 mesa telefónica foram os novos utensílios adquiridos no exercício de 1955-56, cujo relatório apreciamos neste momento. Entretanto, houve necessidade de obras várias de urgência no prédio n.º 16 da Rua Frei Pinto, o qual será em breve remodelado, como anexo à Maternidade. Estas obras atingiram até 30-6-955 a importância de Cr$ 1.446.175,60.



MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

Quanto à questão hospitalar, tem havido sérias dificuldades, em virtude das indemnizações em massa a que foram obrigados, bem como aumentos de férias, etc., que atingiram Cr$ 563.211,80.

Assim mesmo, o progresso é ascensional, mercê da boa vontade e espírito de sacrifício posto à prova por todos os elementos responsáveis.

O Dr. Osvaldo Nazaré, que tivemos o prazer de conhecer pessoalmente, é a mola real dos serviços técnicos, auxiliado por obreiros esforçados. Um relatório por ele enviado a certa repartição pública demonstrou que a mortalidade infantil na Maternidade não chegou a 1 %, caso raríssimo nos anais hospitalares do Rio de Janeiro. Este facto é digno de menção, pelo grande exemplo que encerra.

Em 1955-56 verificaram-se 1.306 matrículas de gestantes, 2.156 consultas de serviço pré-natal e 3.698 internações. Os partos foram 3.452 e os nascimentos 3.147: mais 177 crianças do que no ano anterior.

No Banco de Sangue, a cargo do Dr. Acácio Gomes da Rocha, notou-se também considerável movimento. Colheram-se 113,300 kg de sangue e transfudiram-se 79,180.

O Laboratório continua a ser dirigido pelo Dr. Wilson Cardoso. Ali se fizeram 6.100 exames de urina, 10.557 exames de sangue, 117 exames de fezes e 30 exames de escarro, num total de 16.804.

É um balanço consolador, sob a legenda: «Fazer mais e melhor».

O Departamento de Pediatria vai em franco aumento, a cargo do Dr. Balbino Dias. Henrique Maga-

lhães congratula-se com o facto nestes parágrafos expressivos:

«1.º — As crianças começam a ser protegidas, a partir do 3.º mês de gestação, com o serviço de assistência pre-natal. 2.º — São atendidas carinhosamente na hora do nascimento e as mães assistidas com os melhores recursos que a ciência pode oferecer. 3.º — Salvas dos primeiros embates da vida, continuam sob a protecção de abalizados pediatras até aos 4, 5 e 6 anos de idade».

Conclusão: no período orgânico mais agudo, as crianças têm na «Casa da Mãe Pobre» a mais eficiente protecção. Basta saber que as consultas de pediatria se elevaram a 2.888. Mais 468 que em 1954.

O Berçário, dirigido por D. Edite de Carvalho, atendeu 36 crianças. Na futura sede será ampliado e modernizado.

O número de associados eleva-se a cerca de 20.000 e a cobrança foi de Cr$ 1.368.552,00.

Uma dependência de belo rendimento é a lavandaria, que lava diàriamente mais de 1.000 fraldas. Por aqui poderemos avaliar o movimento da instituição.

O Relatório cita D. Matilde Meneses como Directora Administrativa da «Casa da Mãe Pobre» e tece-lhe os mais rasgados louvores, aliás justíssimos. É uma senhora de raro equilíbrio e de vontade poderosa, como temos visto poucas. Inteligente e arguta, pôs a dedicação ao serviço de um organismo exemplar, dando alto exemplo de esforço e de renúncia.

Para se calcular o movimento da Maternidade é preciso entrar na Secretaria, que Ari Kerner Póvoas dirige, e verificar que se expediram durante o ano 26.039 cartas e telegramas, ou seja 72 por dia!

A «Legião Protectora da Mãe Pobre» cumpre nobre missão sob a presidência de D. Cleia Paiva Meira, secundada por seu esposo, Brigadeiro Paiva Meira, e muitas companheiras de trabalho que são obreiras de festas, donativos, campanhas financeiras, além de fazerem toda a roupa do hospital e protegerem as parturientes pobres e seus filhinhos e servirem de medianeiras no amparo às mães desprotegidas, quando abandonadas por seus companheiros. Eis os proventos que angariaram:

Bazar da Boa Vontade, 16.000 cruzeiros; Campanha do Natal, 25.000; Festa Juninha, 7.000; Campanha Nacional da Criança, 80.000; Festa da Rosa, 89.000; Diversos donativos, 1.500. *Total* — 218.500 cruzeiros.

No capítulo de subvenções, D. Nena continua a desempenhar missão relevante. Extraordinária mulher que não pára um segundo, já carreou para a Maternidade a bonita soma de *três milhões oitocentos e oitenta e dois mil cruzeiros,* incluindo algumas dotações da Prefeitura conseguidas pelo Vice-presidente da instituição, o nosso confrade Dr. Telémaco Gonçalves Maia, vereador da cidade. No entanto, ela conseguiu receber essas dotações, ao passo que outras casas de caridade não conseguiram receber as dotações que lhes foram atribuidas.

A propósito do Dr. Telémaco Gonçalves Maia, podemos dizer que é o grande protector da «Casa da Mãe Pobre». No 1.º ano da sua gestão como vereador conseguiu da Câmara Legislativa 300.000 cruzeiros, dotação mantida nos anos seguintes. Em 1954-55 elevou-a para 500.000. Em 1955, a dotação subiu para 1.000.000, repetida em 1956!...

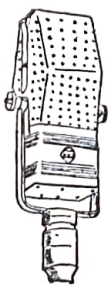
Não se pode dizer mais deste confrade. Médico abalizadíssimo e coronel da aeronáutica, é o protótipo do homem simples, paternal, amigo de todos os que o procuram e capaz das maiores renúncias.

No Relatório há uma nota breve relativa ao progresso da Maternidade nos últimos anos, em estreita ligação com a mudança de alguns serviços para a Rua Ibituruna, 81, e com as obras no prédio da Rua Frei Pinto, 16 e 18.

Tudo deduzido, verifica-se um passo em frente e um futuro promissor. Houve tribulações e insónias, muitas insónias, para que os compromissos fossem satisfeitos sob o olhar da honra. E as tempestades passaram e o oceano voltou à calma necessária.

Agora, novas iniciativas, ainda mais altas, preocupam os dirigentes da «Casa da Mãe Pobre». Esperamos falar delas oportunamente, quando a hora soar e o camartelo se faça ouvir na construção de edifício maior, para glória dos benfeitores.

Assim o querem os homens e assim o quer o Alto, que está presente nas obras fraternais. Esta é das melhores neste campo. Das melhores e das mais úteis. Graças a Deus, que o amor ao próximo deu resultados magníficos, sem falar no milagre de um saldo de Cr$ 4.865.940,40 para o exercício de 1956-57!...



Selecções Espiritualistas

— Direcção e Apresentação de —

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA NOVA PALMELO?

Decididamente, o Brasil é a Terra Prometida onde as grandes ideias encontram ambiente próprio e os esforços se multiplicam ao serviço da Bondade. Há tempos publicámos curiosas notícias acerca da cidade espirita de Palmelo, onde todos os cidadãos cultivam a Doutrina. Ora *O Semeador* de Junho de 1956 insere um artigo de Elvira Queirós, no qual se relata uma visita à «Cidade e Fazenda Redentor», em Vila Isabel, nos subúrbios de São Paulo.

Cem caravaneiros se deslocaram em dois ónibus com direitura à instituição.

Trata-se da *Sociedade Amigos dos Pobres* que tem o objectivo de acolher na «Cidade do Redentor» crianças e velhos desamparados e que, no momento, já abriga 82 crianças. Tomou o nome «Amigos dos Pobres» em 1942, quando um reduzido número de espiritas resolveu fundar uma sociedade beneficente sem distinção de credos ou de raças. O seu programa era a construção de pavilhões especiais e pequenas oficinas de aprendizagem destinadas a menores, a par de educação espiritual, intelectual e física. E lembraram-se de adquirir uma gleba para a construção de uma «cidade» e um núcleo agrícola com possibilidade de exploração.

Encontraram a fazenda num lugar aprazível e clima esplêndido, onde a linfa aquática se espraia. Cascatas, nascentes e uma grande queda de água, que já produz energia eléctrica. Ao todo, 240 alqueires de terrenos divididos em duas partes. Numa, a «Cidade»; noutra, a «Fazenda».

Na primeira está a Casa do Director, de onde se pode observar inteiramente a vida dos abrigados; o Pavilhão de Triagem ou Ingresso, destinado aos menores, que depois de tratados e educados, irão residir em comum com os outros; o Ambulatório, destinado a consultório clínico, gabinete dentário, pequeno hospital e farmácia.

Além disto, há olaria, lavandaria, almoxarifado e campo de jogos.

A fazenda possui gado vacum, muar e suíno, aves de alimentação e diversas culturas.

Os menores frequentam uma escola rural mista, sob a direcção de duas professoras estaduais, divididos em três classes, pois há três anos que começou o traabalho de abrigo. Cogita-se na construção de um Grupo Escolar, em virtude do progresso crescente da instituição.

Este interessante conjunto tem o fim de conseguir vida própria, pelo que resolveu pôr em prática a criação de pequenas indústrias.

Quem sabe se esta empresa não se transformará em cidade, com médiuns, ambulatórios, salões de conferências, escolas, jardins de infância, hispitais e tudo o que dê expressão e carácter a um aglomerado de feição espirita? Tudo, é claro, menos cadeia, porque, em tal sociedade os agentes da ordem serão dispensados...

UNIÃO ESPIRITA MINEIRA

Chegou a nossas mãos o Relatório de 1955 apresentado à Assembleia Geral pelo presidente da União Espirita Mineira, de Belo Horizonte. Esta agremiação tão simpática encontra-se em franco progresso, que se reflecte no seu órgão oficial, tão aprumado e meticuloso nas atitudes e na propaganda.

Além dos numerosos centros que constituem a União, filiaram-se mais 18 em 1955.

O *Departamento das Mocidades Espiritas*, órgão das *Mocidades Espiritas do Estado de Minas Gerais*, continua vinculado à União, sob a orientação do nosso amigo Bady Elias Curi, que preside à União. A *Mocidade Espirita do «Precursor»* também ali realiza sessões dominicais. Mantém a «Campanha do Quilo» destinada aos necessitados e Aula de Moral Cristã para crianças.

Além de visitas, o Departamento promoveu a *Festa do Livro Espirita* e palestras nos centros e na rádio.

As aulas de Esperanto foram intensificadas e alguns alunos receberam diploma na Sociedade Mineira de Esperanto.

Houve assistência dentária a 2.434 pessoas, sob a direcção de profissional competente, e assistência geral a 17.510. Um esforço enorme!

A União tem 3 escolas de médiuns dirigidas pelo Dr. Raúl Pompeia dos Santos, Oscar Coelho dos Santos e José Alves Neto, com frequência média de 165 pessoas e resultados animadores.

Muitas foram as visitas de confrades, entre eles o signatário destas linhas, que de lá trouxe inolvidáveis recordações.

O Relatório alude à importante reunião das sociedades federativas no Rio de Janeiro, à qual compareceram Bady Curi e Dr. Ademar Dias Duarte, e que óptimos frutos produziu na consolidação do movimento espirita brasileiro.

A «Voz Cristã da Hora Espirita Mineira» voltou a ser irradiada em 5 de Junho de 1955, sob a orientação da Directoria da União.

O Relatório assinala também a fase de acabamento da nova sede à Rua dos Guaranis, cuja construção foi adjudicada à firma «Construtora Oliveira Santos Limitada».

O Espirita Mineiro, órgão da União, completou 4 anos da sua nova fase de existência sob a direcção de Ademar Dias Duarte, que tem desempenhado magnificamente o seu cargo, à força de talento. Trata-se de um jornal sério, bem colaborado e bem redigido, que a todos se impõe por sua bela orientação.

O Ginásio «O Precursor», fruto da União Espirita Mineira, vai em progresso constante, com um grupo de educadores competentíssimos, sob a égide dos princípios cristãos. Este Ginásio foi criado por intermédio da Associação Cristã Edu-

cadora Limitada, a que preside o confrade Ademar Dias Duarte.

Foi, portanto, um ano de intenso labor que dará origem a novos projectos e a novos eventos para maior glória do Espiritismo no belo Estado de Minas Gerais.

EM DEFESA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Temos lido com o maior agrado a «Coluna Filológica» que o General Milton O'Reilly mantém no jornal *O Espirita Fluminense*, de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, cuja direcção está a seu cargo.

Secção de grande alcance, pelo significado que envolve e pelo efeito que exercerá nos leitores, está bem entregue e dará frutos opimos, porque o seu autor é douto na matéria e aprofunda as questões.

Agora, que o Acordo Ortográfico luso-brasileiro vai em franco progresso, não devemos descurar a divulgação de certos preceitos que andam abastardados no linguajar do povo e de certas camadas sociais que sofreram a influência do Francês em estudos superiores. A classe médica, por exemplo, usa de linguagem característica eivada de erros prosódicos, o que levou conhecido purista a escrever o livro «Vícios da Linguagem Médica».

No Brasil há muitos escritores que manejam primorosamente o nosso idioma; outros há, porém, que esquecem regras elementares, tais como a da colocação dos pronomes, que tem sido exposta nas duas pátrias com proveito notório, embora bem longe do muito que se deseia.

Temos aqui três números de *O Espirita Fluminense* (Setembro, Outubro e Novembro). O de Outubro traz «Um Pouco de Topologia Pronominal», em que O'Reilly apresenta alguns exemplos de *particípio passado* erròneamente empregado e aplica a necessária correcção. O número de Novembro colige grande série de barbarismos prosódicos, que procura corrigir com propriedade e suma clareza. E como em Portugal também há maiorias inconformistas, quanto à pureza da língua, faremos a transcrição de alguns artigos deste ilustrado confrade, que mais não seja, para firmar posição no tocante ao problema fundamental da comunidade luso-brasileira: o património linguístico, que constitui a base de todos os outros problemas que nos são comuns.

O ESPIRITISMO NA IMPRENSA DIÁRIA

Temos recebido, com mais ou menos regularidade, o boletim J. E. R. (Juventude Espirita de Resende), que se publica em mimeógrafo na cidade de Resende, Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma folha bimestral com sede na Estação de Agulhas Negras e anexa ao Centro Espirita Tenda de Nazaré. Pela forma como está redigida e orientada sob a direcção de Wilson Montemor, bem merecia ser composta em caracteres tipográficos. As suas 12 páginas refertas de notícias dão a justa medida de quanto seria capaz aquele confrade.

Na sua rubrica «Falando de Fantasmas», dá-nos um apanhado bibliográfico de artigos insertos na imprensa diária brasileira acerca de Espiritismo e que vamos transcrever para edificação de todos:

«Eis alguns títulos de artigos publicados no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em suas edições de 1 e 11 de Abril, 13 de Maio, 26 de Junho e 12 de Julho p.p., todos relativos ao mundo supranormal: «Uma Jovem Druza «Reencarnada» Conta a sua Vida Anterior»; «No Misterioso Mundo do Além. Um Matemático Estuda os Problemas do Espiritismo»; «Os Caminhos do Além. A Ciência Procura Resolver o Enigma do Desconhecido»; «Após 2.000 Anos de Intervalo, Filósofos Modernos se Reunam para tratar do Problema da Sobrevivência»; «Na Itália, um Fantasma Deixa de ser Clandestino». Em *O Jornal*, de 17 e 24 de Junho e 26 de Agosto p. p. encontramos os seguintes: «O Fantasma de Barley Rectory» (história verídica estampada no «Suplemento Feminino») e «Assombrações. O Vulto do Salão Nobre» (este da autoria de Gilberto Freire). O *Correio da Manhã* publicou também em 3-6-956 a secção «Acredite se Quiser» com uma série de tópicos sobre fenómenos espiritas.

«O vespertino *O Globo*, da Capital Federal, publicou em 6-8-956 «O Fantasma de Fiammetta nos Salões da Embaixada». O mesmo periódico, diante da foto de um cidadão alemão parecido com Bernard Shaw, já falecido indaga: «Como é possível tirar dele um retrato tão nítido e claro onde não parece haver a menor sombra de ectoplasma ou qualquer intervenção de médiuns?»

«Para terminar, uma nota de *O Jornal*, de 27-6-956: «Um grupo de espiritas de Urbiso propuseram lançar um semanário, cujos colaboradores serão Shakespeare, Dante, Manzoni, Napoleão e Petrarca, com textos ditados a médiuns. Esta notícia tinha a epígrafe: «Jornalistas de Além-túmulo».

Embora céptica a respeito de muitos problemas de Espiritismo, a grande imprensa mundial vai sendo obrigada a tratar de assuntos que interessam os seus leitores, pois, não obstante a guerra que se move às coisas do espírito, a maioria das pessoas acreditam na sobrevivência.

GRANDE HOSPITAL EM PROJECTO

A *Nova Era*, de Franca, publica um artigo do Dr. Agnelo Morato, nosso representante naquela cidade, no qual se informa que, no último Congresso da União das Sociedades Espiritas realizado em São Paulo, foi aceita uma proposta para a fundação no mais breve prazo de um grande hospital espirita.

Nenhum empreendimento haveria de maior utilidade e oportunidade do que a construção de um hospital onde os pobres obsidiados encontrassem refúgio cristão e cura de seus males.

A Comissão encarregada dos primeiros passos já está em franca actividade.

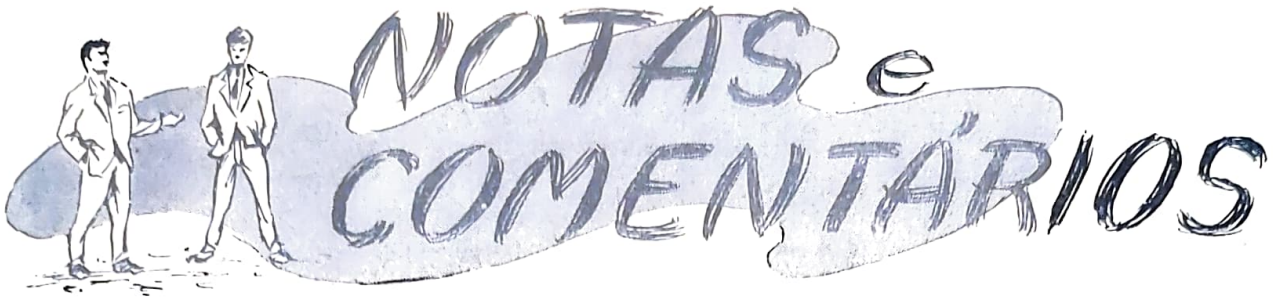
Geralmente, como dissemos, estes nosocómios não conseguem bastar-se a si próprios. O novo hospital será baseado em moldes novos e o seu lucro destinar-se-á a beneficiar a propaganda do Espiritismo.

A *União das Sociedades Espiritas* de São Paulo é uma organização modelar que muito poderá dar à Causa. Tem elementos valiosíssimos que não vale a pena citar e que, uma vez decididos ao empreendimento, não recuarão um passo, como têm feito noutras emergências.

O Espiritismo em São Paulo é verdadeiramente promissor e carece de um órgão de propaganda que o difunda e imponha, como seria conveniente. Que o hospital surja quanto antes e que os Aprendizes do Evangelho dêem expressão prática ao que têm pregado em tantos anos de apostolado.

«A maioria dos nosocómios actuais — diz o Dr. Agnelo Morato — obedece a mercantilismo». Tal não deve acontecer no grande hospital de São Paulo, a construir brevemente.

O que se necessita, afinal, é de casas amplas, claras e arejadas e que médicos e enfermeiros não esqueçam a missão nobre que desempenham, de modo que os doentes não tenham a impressão de se encontrar num cárcere.



A PROFECIA DE FLAUBERT

La Revue Spirite *(Nov.º-Dezembro de 1956)* publica um pequeno comentário do seu director, Hubert Forestier, que a seguir transcrevemos:

«O célebre autor de numerosos romances, principalmente «Madame Bovary», nasceu em Rouen em 1821 e morreu na sua propriedade de Croisset (Sena Inferior) em 1880.

«É interessante, nestes dias revoltos, extrair de sua correspondência (tomo VI, páginas 137-8) este parágrafo de uma carta a George Sand, escrita em Croisset, quarta-feira, 3 de Agosto de 1870:

«As guerras de raça vão talvez recomeçar. Antes de um século ver-se-ão milhões de homens matarem-se uns aos outros. Todo o Oriente contra a Europa, o Mundo Antigo contra o Novo. E porquê? Porque os grandes trabalhos colectivos, como o Canal de Suez, são talvez e sob forma diferente, esboço e preparação destes conflitos monstruosos que não podemos avaliar».

«Curioso não é verdade? Curioso e bem desconcertante. Mas o génio do escritor, do romancista, do poeta, não lhe permitiria ultrapassar-se, atingindo as fontes do preconhecimento?».

Não há dúvida. Flaubert viu com grande antecedência aquilo que muitos não vêem, mesmo depois dos factos consumados. O mundo está em crise e só o espiritualismo poderá vencer o dragão que se aproxima a passos de gigante. Além do canal de Suez, outros problemas surgiram em toda a parte e os homens não encontram soluções oportunas. É uma onda de interesses a espadanar e a marulhar sobre os infelizes que se confiaram à justiça que não vem e continuam a pedir auxílio, como náufragos em noite escura e procelosa.

E era tão bom que os homens se entendessem em benefício da paz do mundo! Era tão bom que a tolerância se transformasse em moeda corrente para que a vida fosse mais fácil de viver!

As obras imortais devem servir a comunidade em todos os tempos e todas as latitudes. Flaubert anteviu o cenário actual, cheio de nuvens pardacentas. Os homens já se matam uns aos outros e no fundo dos conflitos está o grito dos povos que não querem ser esmagados. Só o general Bom Senso ganhará a batalha que se trava entre dois polos malavindos; só ele mostrará o absurdo das lutas sangrentas que fazem do homem o lobo do homem.

«SEUS FILHOS ESTÃO MORTOS»

Two Worlds relata o caso em termos sucintos. A médium Estelle Robert disse a uma senhora que um filho desta estava morto, quando a mãe o julgava prisioneiro. Até que chegou a confirmação oficial do falecimento.

A história começa nos dias sombrios de Dunquerque. Os seus dois filhos Tony e Ronald foram dados como desaparecidos.

A princípio, a mãe não acreditou na morte deles. Recebia notícias por intermédio de dois soldados que davam o Tony como prisioneiro. O mais velho estava morto, mas ela aferrava-se à esperança de rever o outro.

Foi neste estado de espírito que assistiu a uma sessão de Estelle Robert e na qual deu um nome suposto que não fornecesse qualquer elemento contrário à identificação do fenómeno.

Estava sentada em frente da médium, quando esta lhe disse, abruptamente:

— A senhora veio por causa dos seus dois filhos, que estão ao pé de mim.

A pobre mãe respondeu:

— É só um, que o outro está prisioneiro.

Estelle sacudiu a cabeça e disse que estavam ambos ali. E acrescentou:

— O mais novo afirma que foi morto um dia antes do irmão. Eles falam ao mesmo tempo, tantas coisas lhe querem dizer!

A pobre mãe não quis ouvir mais nada e voltou a casa deprimida e furiosa de perder o tempo.

Meses depois chegou a notícia oficial: Tony fora morto no dia antecedente ao da morte de Ronald.

Este caso demonstra que a hipótese telepática é inaplicável ao presente caso, visto que a médium está em contradição com a testemunha.

JARDILINO RAMOS

Através de um artigo de Francisco Jaime, em Luz de Damasco, de Porto Alegre, soubemos do trespasse do nosso confrade e assinante de Caxias do Sul, Jardilino Cristino Ramos. Conhecemo-lo pessoalmente em 1955, quando visitámos a linda cidade em companhia de Simões de Matos, Zalmino Zimmermann e o autor do artigo citado. Que impressão nos deixou o «tio» Jardilino no meio da petizada que enchia a Casa da Criança de que foi o esteio! Quantos auxílios, quantas demonstrações de afecto paternal não iluminaram os seus passos terrestres! E como falava de Estudos Psíquicos e como acarinhou o seu director naquela tarde memorável de Agosto pardacento!

Uma grande alma, a de Jardilino Ramos. Era farmacêutico e dava mais do que vendia. E Deus compensava-o generosamente.

O Espiritismo deve-lhe muito. O seu esforço permanente em benefício da criança e da sociedade e o seu desejo de servir o ideal do bem fizeram dele um verdadeiro apóstolo.

Vimo-lo um dia e não mais o esquecemos. Gostaríamos de ter ficado em Caxias do Sul, só para viver em sua companhia.

Aquela «Casa da Criança» era um manancial de vida plena onde a sua alegria perambulava. Quando chegava, toda a garrulice infantil o cercava, como diz Francisco Jaime, e o rosto do Jardilino abria-se em sorrisos dadivosos. Remoçava dez anos e sentia mais vontade de servir.

Que grande alma, a do Jardilino!

NOTICIÁRIO

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado dia 23 de Dezembro, o nosso colaborador António Cardoso realizou uma conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor subordinada ao tema «Terapêutica Solar». A primeira parte foi dedicada à teoria dos prismas. Referiu-se à experiência de Newton acerca da luz do sol para demonstrar que um raio luminoso se decompõe nas cores vulgares e cada uma exerce acção salutar na cura das doenças.

Em seguida referiu-se particularmente a cada radiação, desde a infravermelha à ultravioleta, analisando os efeitos que produziam no corpo humano. Falou sobre a Vitamina D (anti-raquítica) e em vários alimentos que a contêm em pequena quantidade e aludiu ao ergosterol que transforma a luz do sol em provitaminas, afirmando que a exposição aos raios solares influencia benèficamente o organismo, que recebe a acção daquela vitamina.

Depois apresentou as consequências morais dos banhos de sol em comparação com a vida dos grandes aglomerados e incitou os homens ao afastamento dos cafés e casas de jogo e a experimentar o prazer das coisas simples da Natureza, no sentido que lhes atribuia Pitigrilli, terminando por aconselhar moderação e prudência nos banhos de sol, visto que as partes não pigmentadas podem sofrer infecção. Donde se conclui que o banho deve ser, quanto possível, total.

Foi uma bela exposição, metòdicamente exposta, excluída de termos técnicos e que agradou muitíssimo.

COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Temos em depósito muitos volumes de *Estudos Psíquicos* encadernados em percalina azul que vendemos aos seguintes preços:

1.º	volume	.....	100$00
2.º	»	.....	100$00
3.º	»	.....	90$00
4.º	»	.....	90$00
5.º	»	.....	90$00
6.º	»	.....	100$00
7.º	»	.....	100$00
8.º	volume	.....	100$00
9.º	»	.....	100$00
10.º	»	.....	90$00
11.º	»	.....	90$00
12.º	»	.....	90$00
13.º	»	.....	90$00
14.º	»	.....	90$00
15.º	»	.....	90$00

APELO AOS SÓCIOS

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, em face do aumento de despesa que atingiu o seu órgão oficial — a revista «Estudos Psíquicos» — pede a todos os associados que pagam quotas mensais de 7$50, o favor de as elevarem para 10$00 (quota esta que vigora desde Janeiro de 1955), a fim de se poder normalizar a situação da colectividade.

Espera o mesmo organismo que todos acedam a este apelo, pois que, além do mais, não é lógico que associados de quotização menor tenham direitos iguais aos da quotização actualizada.

É conveniente — para bem da vida do Centro — que as quotas do mês de Janeiro do corrente ano sejam pagas de harmonia com o aumento posto em prática na data citada.

A Direcção agradece antecipadamente a boa vontade que se manifestar e deseja a todos um novo ano muito feliz.

CORRESPONDÊNCIA

Pedimos a todos os correspondentes que façam acompanhar as suas cartas de 2$50 em selos postais destinados a resposta, por nos ser impossível enfrentar a despesa da numerosa correspondência recebida.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JANEIRO DE 1957

Grupo de Caridade «LIA»

Todas as segundas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Rosa.

Grupo «Allan Kardec»

Todas as quartas-feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 3, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 10, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 17, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «O Espiritismo e a Evolução».

Dia 22, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 24, quinta-feira, às 21.30 — Grupo Irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 3 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 5 de Fevereiro, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Dezembro — Cipriano José Marques, de Saide, 50$00; Anónima, de Espinho, 15$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; A. L., V. L., M. L., 15$00. *Total — 120$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita ..... 20$00
A Prece ..... 12$50
Espiritismo ..... 15$00
O Principiante Espirita ..... 18$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00 ..... 35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00 ..... 35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00 ..... 35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ... 38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00 ..... 35$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 30$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 50$00
O Porquê da Vida ..... 28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00 ..... 48$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 52$00
No Invisível (nova edição) ..... 52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 52$00
A Evolução Anímica ..... 48$00
O Fenómeno Espirita ..... 45$00
A Alma é Imortal ..... 52$00
A Reencarnação ..... 52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Urânia ..... 40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*. Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. Antônio Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo*, recebido pela médium Dolores Bacelar	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

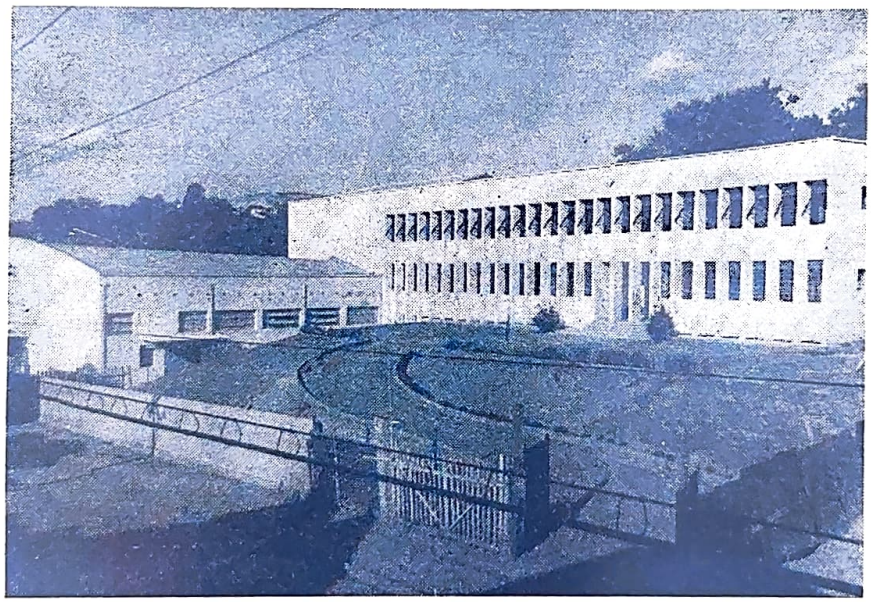
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL



Instituto «Maria», de Juiz de Fora

(Ver pág. 49)

CONTÉM: Sátiras, da **Redacção**; O Pensamento Filosófico de Léon Dinis, por **Deolindo Amorim**; A Fórmula, por **Zalmino**; Não Evoqueis Espíritos, por **Conrado Ferrari**; Jornadas Palingenésicas, pelo **Dr. Newton Gonçalves de Barros**; A Voz que em Mim Sorriu, por **Manuel de Sousa**; Novo Afecto, Novo Lar..., por **Leopoldo Machado**; Chuva de Verão, por **Clarinha**; A Rotulagem Não Tem Valor, por **Alfredo Miguel**; Calar, por **G. A. Lleras**; A Auto-Sugestão e as Doenças, por **Henrique Magalhães**; O Espiritismo à Luz da Crítica, por **Aleixo Victor Magaldi**; A Voz de Portugal Espírita, por **Isidoro Duarte Santos**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Não Desesperes, por **José Simões de Matos**; O Regresso do Cão; Pressentimento de um Gato, por **T. Cawlfield**; Um Evangelho, por **Paulo Alberto**; Natal! Natal!, por **Aleixo Victor Magaldi**; Ecos de Uma Viagem - XXVI - Um Dia Agitado, por **Isidoro Duarte Santos**; Aos Irmãos que Vêm de Longe...; Natal dos Necessitados; Notícias de Maceió; Sua Magestade O Dogma, por **Isidro Inda**; O Espiritismo e Os Problemas do Mundo, por **Salvador Gatto**; A Moral, por **Eduardo F. da Conceição**; Cinco Sonetos de **Valdemar Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

18.º ANO FEVEREIRO DE 1957 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro . . . . . *Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú . . . . . *Leopoldo Machado*
Londres . . . . . *Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia . . . . . *Alfredo Miguel*
Porto Alegre . . . . . *Dr. Paulo Hecker*, *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte . . . . . *Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda . . . . . *Aleixo Vítor Magaldi*
Marselha . . . . . *Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires . . . . . *Dr. Luís Postiglioni*
Liege . . . . . *Achille Biquet*
S. Paulo . . . . . *Dr. Sérgio Vale*
Rosário . . . . . *Tito Livio Bancescu*
México . . . . . *Pedro Alvarez Gasca*
Luanda . . . . . *Luís de Barros Castro*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Praça da Bandeira. *Nelson Baptista de Azevedo* — Av. 13 de Maio, 23, 21.º andar. Sala 2101.
Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.
S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Limeira — *Florêncio Tejeda* — Praça Luciano Esteves, 90.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.
Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1957 — Nº 2

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

SÁTIRAS

De vez em quando aparecem adversários desleais que chegam a perder a compostura. O Espiritismo aumenta-lhes a confusão, não os deixa dormir em termos. E eles tossem, barafustam, gesticulam, como pessoas nervosas. Há quem lhes siga as bravatas, quem as leia, quem os oiça e abane a cabeça, em sinal de aprovação. E também há quem os relegue a plano secundário e se admire de tanta sandice lançada em tom doutoral, sem que a dignidade se rebele.

Agora apareceu um livro de ataque em que mais de metade é reedição de antigas diatribes com vinte e seis anos de idade. Já nesse tempo o autor dizia: «o Espiritismo lavra em Portugal, como grama em terreno sem cultura». Que será hoje, em campo arroteado?... Sim, que será hoje, no limiar de um século de surpresas?... Podemos fazer ideia. E por isso reeditou ataques ilógicos e gratuitos de há vinte e seis anos, a fingir actualidade.

Alguém nos pediu que respondêssemos ao amontoado. Inglória tarefa! Havia resposta melhor, mais adequada e oportuna. Era elucidar a massa anónima que vai atrás de quem lhe fala. Isso, sim, que era oportuno.

A obra em questão é falha de critério científico. Afirma e nega rotundamente as coisas mais inverosímeis. Verdadeiros sábios, como William Crookes e Charles Richet, são apodados de ingénuos, sem uma prova testemunhal a reforçar o dito.

Swift dizia que a sátira é uma espécie de espelho onde os que o fitam descobrem a cara de toda a gente, menos a sua. É o que se dá neste livro, que não passa de sátira a uma doutrina que vai fazer cem anos e já contagiou trinta milhões de almas em todo o mundo. O próprio governo brasileiro vai emitir cinco milhões de selos de dois cruzeiros e meio, relativos ao Centenário do Espiritismo, a comemorar no mês de Abril. Lá vem a fotografia de Allan Kardec.

Escrever é difícil, sobretudo, quando o pensamento se dirige a povo culto, que exige probidade. Afirmar, seja o que for, implica rectidão. De contrário é blasonaria, é pura jactância ao serviço da maldade.

Se o Espiritismo não proliferasse, tudo estava bem. Mas ele prolifera, como grama em campo inculto... e tudo está mal. Eis o problema do maledicente, a razão por que esgrime sem o atacarem. Não é inveja que o impele? Esse «pecado mortal» que aponta aos outros, é venial em conta própria.

Devemos ter a coragem das nossas opiniões, sem descer à incongruência. Quando se ataca sem critério, o resvaladouro está próximo. Surge a arma de dois gumes: o crítico e o seu alfange apresentam-se a disputar a primazia. O resultado é sempre mau para eles.

Muita gente lisongeia ou ataca segundo as circunstâncias. Feijoo dizia que a adulação era porta muito estreita para o favor. Mas logo acrescentou:

— Nenhum carácter nobre pode entrar por ela, porque é baixa em demasia.

Nós fazemos justiça a tudo o que a merece. Não descemos à subserviência, que é dos fracos. Temos ideias pessoais, mas respeitamos as alheias, mesmo absurdas, contanto que sejam correctas e honestas.

Os ataques originam defesa vibrante, metódica, real, baseada em factos. Os leitores é que avaliam. Por isso o Espiritismo é um rastilho na escuridão das almas.

Os seus adversários sabem-no perfeitamente. Se não tivesse alicerces fortes, já tinha sido pulverizado. Todavia, o contrário é que se vê. As suas obras são consideradas de utilidade pública.

É a Verdade que passa, indiferente a este e àquele. Não a destrói quem quer. Combatê-la é dilatar a derrota. Mais vale morrer depressa, do que morrer aos poucos. Portanto, deixem passar o cilindro. Pois não disse o Mestre-Jesus: «Toda a árvore que não der fruto será lançada ao fogo»?!...

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE LÉON DENIS

Por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

II

LIVROS DE LÉON DENIS

Publicou Léon Denis, além de conferências, discursos e estudos esparsos, nada menos de seis livros, e todos eles de conteúdo filosófico e crítica religiosa: «*O problema do Ser, do Destino e da Dor*», «*O grande enigma*», «*O Porquê da Vida*», «*Cristianismo e Espiritismo*», «*Depois da Morte*», «*Joana d'Arc Médium*» e «*No invisível*». Evidentemente, sendo ele espirita, idenficado em tudo com Allan Kardec, a sua obra filosófica não pode deixar de estar vinculada à concepção reencarnacionista, sobre cujos postulados se assentam todas as suas conclusões básicas.

Não se pense, porém, que vou falar de um espírito sectarista ou egocêntrico. Não. Léon Denis é o que se pode chamar um espírito universalista, como os que mais o sejam, profundamente infenso a todas as formas de ortodoxia e fanatismo. Que o diga, acima de quaisquer objecções doutrinárias, o próprio encadeamento de suas ideias fundamentais. Vejamos como ele abre um de seus livros «*O Porquê da Vida*», cujo título já é por si o enunciado de um problema filosófico:

«Qual o homem que, nas horas de silêncio e recolhimento, já deixou de interrogar a Natureza e o seu próprio coração, pedindo-lhes o segredo das coisas, o porquê da vida, a razão de ser do Universo? Onde está esse que não tem procurado conhecer os seus destinos, erguer o véu da morte, saber se Deus é uma ficção ou uma realidade? Não há ser humano, por mais indiferente que seja, que não tenha enfrentado algumas vezes esses grandes problemas.

«Entretanto — fala ainda Léon Denis — o homem tem necessidade de saber; precisa de esclarecimento, da esperança que consola, da certeza que guia e sustém. Também tem os meios de conhecer, a possibilidade de ver a verdade desprender-se das trevas e inundá-lo com a sua luz benéfica. Para isso deve afastar-se dos sistemas preconcebidos, perscrutar-se a si próprio, escutar essa voz interior, que fala a todos e que os sofismas não podem deturpar: a voz da razão, a voz da consciência.

«Assim fiz eu — diz Léon Denis. Muito tempo reflecti; meditei sobre os problemas da vida e da morte; com perseverança sondei esses abismos profundos. Dirigi à Eterna Sabedoria uma ardente invocação e Ela me atendeu, como atende a todo espírito animado do amor do bem. Provas evidentes, factos de observação directa vieram confirmar as deduções de meu pensamento, oferecer às minhas convicções uma base sólida, inabalável».

Depois de tanto se haver embrenhado na introspecção, como que para compreender, no íntimo, a sua própria alma, e depois de tantos factos observados sem ideias preconcebidas, Léon Denis fala como um homem convicto, e com o desassombro de quem, como ensina o Evangelho, não quer jamais colocar a lâmpada debaixo do alqueire. Diz ele, conscientemente, e sem assomos de exaltação mística nem «pretensões de infalibilidade»: *Depois de duvidar, acreditei; depois de ter negado, vi. E a paz, a confiança, a força moral desceram sobre mim. Eis os bens que, na sinceridade do meu coração, desejoso de ser útil aos meus semelhantes, venho oferecer aos que sofrem e desesperam.* Notemos bem o tom de certeza com que Léon Denis sublinha o vigor de suas expressões: *Depois de duvidar, acreditei; depois de ter negado, vi.* Percebe-se, portanto, que nenhuma sombra de dogmatismo ou de misticismo doentio lhe empana as convicções.

Suas ideias não se contradizem. Embora os problemas sejam diferentes, porque situados ora no campo estritamente experimental, ora no campo especulativo ou no campo moral, o pensamento filosófico não perde a sequência da indagação e do espírito de síntese. Em todos os aspectos de sua obra distinguimos a preocupação nítida de sair das aparências para a essência, da superfície para o cerne das coisas, dos efeitos para as causas. Todos os seus livros, conquanto inspirados em motivos diferentes, mas guiados por uma única concepção filosófica, obedecem ao mesmo sentido de unidade, porque as suas cogitações fundamentais se reflectem na insistência com que as suas perquirições se voltam para os problemas que fogem ao ângulo da observação superficial. Se uma das qualidades peculiares ao homem de vocação filosófica é aquela que consiste em não se dar por satisfeito com o que já se conhece ou já foi descoberto, pois o dinamismo do conhecimento não se harmoniza com as posições sistemáticas ou irremovíveis, Léon Denis exemplificou suficientemente esta qualidade, porque levou, a bem dizer, a vida inteira estudando, analisando, indagando. Não era um espírito afeito ao conformismo intelectual, porque não tinha feitio para aceitar incondicionalmente ou passivamente as ideias feitas, sem discussão, sem análise, sem a adesão consciente de sua inteligência.

Tão objectivos são os seus raciocínios que, muitas vezes, apesar de já ter convicção firmada sobre os problemas atinentes à sobrevivência da alma — tema substancial de sua obra — chega a apelar para o testemunho dos sentidos, e o faz com a moderação de quem sabe que a experiência sensível tanto pode revelar certos aspectos da Verdade, quando inerentes ao domínio da verificação imediata, quanto se torna insuficiente, assim que se nos deparam dificuldades que ultrapassem as possibilidades dos sentidos humanos. Proclama Léon Denis o valor dos sentidos ordinários, e até nisto demonstra que a sua concepção imortalista da vida não se perde no labirinto das fórmulas puramente metafísicas, mas também reconhece a validade da razão, sem desconhecer, todavia, as limitações de conhecimento experimental. Extraio, por exemplo, de outro livro, do grande pensador e moralista — *Depois da Morte* — os seguintes conceitos:

«Às vezes — diz ele — atormentado pelos espectáculos e as incer-

tezas do futuro, o homem eleva suas vistas ao céu e lhe pede a verdade. Interroga silenciosamente a Natureza e seu próprio espírito. Pede à Ciência os seus segredos; à religião os seus entusiasmos. Mas a Natureza lhe parece muda, e as respostas do sábio e do sacerdote não satisfazem à sua razão e ao seu coração. Reclama, portanto, uma solução para estes problemas, mas uma solução maior, mais racional, mais consoladora de que todas as soluções oferecidas pelas doutrinas e filosofias correntes, e esta solução repousa sobre as bases mais sólidas do que se possa conceber: o testemunho dos sentidos e a experiência da razão».

Pode parecer um céptico, um descrente nos recursos da Ciência e nas faculdades da inteligência, como pode parecer um empirista radical, e no entanto não é uma coisa nem outra. Seu sistema de ideias, ao contrário do que parece, repele as soluções extremadas, porque todo ele se forma dentro de um conjunto em que se reclamam e completam as três grandes vias de conhecimento: a via sensorial, a via racional e a via intuitiva. Sob este ponto de vista, a obra de Léon Denis, em suas entrelinhas, é uma antecipação do sistema bergsoniano, dentro do qual, como se sabe, a intuição ocupa o lugar mais alto. Nem tudo é possível conhecer pela experiência pura e simples, e nisto se prova o exagero dos sensualistas intransigentes, como nem tudo se pode esclarecer pelos meios normais do conhecimento intelectual, dentro do mundo restrito dos conceitos. Daí Bergson admitir uma instância superior à própria via intelectual, como quem quer dizer que existe um sentido mais alto e mais apurado, através do qual adquirimos certos conhecimentos supra-intelectuais. Já é a intuição, entendida na acepção subtil de um refinamento espiritual capaz de apreender realidades que escapam aos processos normais do raciocínio e da observação. Léon Denis, entretanto, alargou a perspectiva, porque situou o problema dentro de outra ordem de ideias, e foi buscar a explicação desse conhecimento intuitivo nas reminiscências do espírito, na experiência e nas aquisições acumuladas através das existências sucessivas.

Certas reminiscências afloram em forma de intuição. Há estados psíquicos em que, em virtude do relativo desprendimento espiritual, os chamados «conhecimentos ocultos» chegam a superar as aquisições normais da cultura intelectual. Chame-se a este fenómeno recordação, e já o inolvidável Platão dizia que não aprendemos, mas recordamos: dê-se-lhe o nome de intuição ou «lucidez temporária», para usar uma expressão de sabor académico, o certo é que o espírito não perde os conhecimentos adquiridos. Como Bergson, Léon Denis também admite o conhecimento supra-intelectual, isto é, uma forma de conhecimento anterior e superior ao aprendizado normal. Todavia a interpretação de Denis não acompanha inteiramente os raciocínios bergsonianos, porque obedece a outra metodologia: em lugar de se fixar na pura introspecção ou de tentar descer às «profundezas do inconsciente», prefere apelar para a tese da preexistência do espírito, de acordo com a solução reencarnacionista, segundo a qual o espírito conserva todo o seu acervo de ideias e de experiências, apesar da influência que sobre ele exerce a matéria. Quero, porém, salientar, enquanto é tempo, que o pensamento filosófico de Léon Denis, cujos pontos capitais já foram enunciados, não se restringe às discussões teóricas, sem o sentido prático das aplicações.

Vêmo-lo, agora, por exemplo, através de outra face, sem se desviar da orientação básica, mas preocupado com o lado humano e imediato da vida em face da dor. Diz ele:

«É principalmente perante o sofrimento que se mostra a necessidade, a eficácia de uma crença robusta, poderosamente assente, ao mesmo tempo, na razão, no sentimento e nos factos, e que explica o enigma da vida, o problema da dor».

Continua ele, em seu grande livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* que pode figurar como a sua obra prima, porque é a síntese de todo o seu pensamento:

«A dor não é sòmente o critério, por excelência, da vida, o juiz que pesa os caracteres, as consciências, e dá a medida da verdadeira grandeza do homem. É também um processo infalível para reconhecer o valor das doutrinas religiosas. A melhor será, evidentemente, a que nos conforta e diz por que as lágrimas são o quinhão da humildade e fornece os meios de estancá-las...».

Até mesmo na apologia da dor, Léon Denis revela a agudeza de seu espírito filosófico, porque, em vez de cair naquele tipo de estoicismo que se caracteriza pelo misticismo passivo e estático dos espíritos que têm a vocação de mártir ou de anacoreta, o filósofo inquire, medita, discute para saber a razão de ser da própria dor, o *porquê* do sofrimento humano.

(Continua)

A FÓRMULA

Saber calar é renunciar.
Falar o *necessário* é renunciar.
Entender uma alma é renunciar-se.
Perdoar é renunciar.
Simplicidade significa renúncia às coisas fúteis, superficiais.
Agradecer é renunciar, porque, quem agradece, humilha-se, e quem se humilha, renuncia.
Ter piedade é renunciar-se.

Cristo renunciou-se. Renunciaram-se também todos os grandes inniciados: Krisna, Buda, Sócrates, Pitágoras, Antúlio, Moisés, Zoroastro, Gandi, Kardec...
Amar é renunciar.

Então, a fórmula é a *Renúncia*. E como é difícil!... Não há, todavia, meios termos: ou renunciar mais e mais, ou estacionar!...

ZALMINO

NÃO EVOQUEIS ESPÍRITOS

Os adversários do Espiritismo apegam-se, para combatê-lo, aos versículos 10 e 11 do capítulo 18 do «Deuteronómio», um dos livros do Antigo Testamento. É essa, em toda a «Bíblia», a única passagem que se refere à evocação dos mortos. Diz ela: «Não se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho ou filha fazendo-os passar pelo fogo; nem quem consulte advinhos ou observe sonhos e agouros; nem quem seja feiticeiro ou encantador; nem quem consulte pitões ou adivinhos; e nem quem indague dos mortos a verdade».

Observem os leitores que essa é a única referência que se encontra na «Bíblia», com relação ao assunto. Note-se também como ela está redigida.

No Novo Testamento, o Mestre Jesus nem uma só vez, nem de leve, se referiu a tal proibição, e os Apóstolos, segundo Paulo, ao contrário, realizavam sessões mediúnicas absolutamente semelhantes às que realizam os espiritas («Epístola de Paulo aos Coríntios», capítulo XIV»).

Ora, o Espiritismo conduz-se rigorosamente de acordo com esse dispositivo do velho Código Civil Mosaico, o «Deuteronómio», livro que não encerra a Lei Divina, mas apenas o regimento de bem viver, organizado pelo legislador do Povo Judeu, para reprimir os abusos do povo, tal como nós temos hoje o nosso Código Civil, que delimita a liberdade de cada um, a fim de que haja harmonia e respeito no seio da sociedade.

O Espiritismo, diziamos, age de acordo com esse dispostivo. Também ele condena a consulta a adivinhos e também ele se abstém de consultar os espíritos sobre o que aos homens compete resolver. Os espiritas, orientados pelo Codificador, não evocam espíritos. É falsa a afirmativa de que nas nossas sessões os mortos são evocados. Reunem-se os espiritas, como o faziam os Apóstolos no Cenáculo, e colocam-se à disposição do Mundo Espiritual. Os dirigentes do plano invisível é que decidem sobre quem se deve comunicar; se um amigo que traga uma advertência ou um conselho, se um necessitado em busca de consolo nas suas aflições.

Não raro aparecem nas sessões espiritas criaturas que foram religiosos praticantes, que receberam a assistência da sua religião nos últimos instantes e tiveram assegurada a glória no Céu, mas que, na realidade, do outro lado não encontraram senão desenganos e aflições, consequentes da sua despreocupação para com os verdadeiros problemas da alma, de vez que se julgavam quitados das suas dívidas, desde que haviam cumprido as exigências formalísticas da sua igreja.

É falsa também a afirmação de que os espiritas se reunem para indagação aos mortos. Jamais um adepto da Doutrina dos Espíritos chama a esta ou aquela entidade, mesmo amigos ou parentes, para fazer-lhes indagações. Recebe-as carinhosamente, isto sim, dando-lhes testemunho de afecto e da confiança que tem na continuidade da vida além da morte, quando eles têm permissão para se comunicarem.

As sessões sérias não se ocupam de adivinhações ou outras frivolidades que tais. Têm objectivo elevado, qual seja o da cooperação na grande obra divina de moralização dos homens. E, como a Humanidade é uma só, esteja neste plano ou na vida espiritual, necessitam todos de ajuda e conselhos no difícil trabalho da própria evolução.

Os que passaram para o outro lado, necessitados de auxílio, continuam lá necessitados. Por isto vêm aos nossos trabalhos em busca de socorro. Engano é supor que aos

mortos a verdade se desvenda à simples passagem para o além-túmulo. Os que daqui partem levam consigo, como património inalienável da alma, as virtudes, os defeitos, os preconceitos e os conhecimentos, continuando sem interrupção a obra de aprendizado, uns pela dor, pela expiação, outros pela busca espontânea da verdade.

Nem se diga que não se manifestam entidades que se suponham diabólicas. Sim, algumas há. Mas são os espíritos de indivíduos que habitaram este mundo e que, pela maldade que lhes era peculiar, continuaram na tarefa nefasta de tentar e prejudicar aos encarnados. Quantos deles, neste plano, haviam jurado servir a Jesus, como apascentadores do seu rebanho, mas, pela ambição, pelo orgulho, pelo apego aos bens e aos gozos materiais, mais não foram que lobos vorazes, continuando a ser, no invisível, verdadeiros demónios!

O Espiritismo não se cansa de advertir que ninguém se deve aventurar à busca de relações com o mundo dos espíritos, sem conhecer a Doutrina Espirita e sem estar assistido por pessoa capacitada ao intercâmbio com aquele mundo. É perigoso e deve ser evitado, sem o devido preparo, o comércio com espíritos invisíveis, como é perigoso alguém meter-se em experiência de química, sem haver aprendido Química.

Anos atrás, em virtude de um filme que mostrou a realização de uma sessão chamada «do copo», houve uma verdadeira epidemia dessas experiências. Por toda a parte se tentou o contacto com o outro mundo através do copo, em geral para fins fúteis, para indagações frívolas, do que resultaram inúmeros casos de obsessão, alguns dos quais foram ter ao Hospital Espirita desta Capital, para tratamento.

Ninguém se deve aventurar a experiências para as quais não tenha competência, e muito menos para coisas pouco sérias. O Espiritismo tem alvo elevado, inspira-se em objectivos santos, e por isto condena tudo que não seja realizado com fins superiores e não conduza ao aperfeiçoamento moral da humanidade.

Quem se afastar dessa linha não é espirita, embora diga sê-lo, e nem pode o Espiritismo responsabilizar-se pelos abusos que em seu nome sejam praticados. Ele, sem cessar, tem advertido por todas as formas ao seu alcance quanto aos seus objectivos e linha de conduta, pondo em relevo os erros cometidos por criaturas incautas ou de má fé à sombra da Doutrina.

Aliás, os espiritas sentem-se em boa companhia — a companhia dos Apóstolos, que realizavam reuniões iguais às que eles realizam, segundo o testemunho do grande Paulo de Tarso, na sua segunda «Epístola aos Coríntios», quando diz, em resumo, no capítulo XIV: «Quando vos congregardes, se cada um de vós tem o dom *de compor Psalmos, o de doutrinar, o da revelação, o de línguas ou o de interpretar, faça-se tudo isto para edificação. Os que tiverem o dom de línguas, não falem mais que dois ou três, sendo um depois do outro e haja um que interprete o que foi dito. No que toca aos profetas, falam também só dois ou três, e os demais julguem o que ouviram. E se nesse interim for feita qualquer revelação, cale-se o que falava primeiro. Porque vós podeis profetizar todos, uns depois dos outros, para assim aprenderem todos a serem exortados ao bem».*

Esta é precisamente a norma seguida nas sessões espiritas, esta é a comprovação de que o Espiritismo é a revivescência do Cristianismo de Jesus e dos Apóstolos, desgraçadamente obliterado pelo obscurantismo da Idade Média, que se quer prolongar no século das luzes.

Porto Alegre, 25-11-1956.

Por CONRADO FERRARI

Jornadas Palingenésicas

Pelo DR. NEWTON GONÇALVES DE BARROS

A Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos mandou-nos que a representássemos no Segundo Congresso Internacional para o Estudo da Reencarnação, realizado em Buenos Aires (Argentina), de 1 a 4 de Novembro de 1956.

E é dessa tarefa que prestamos contas aos reencarnacionistas e amigos dos estudos palingenésicos.

Chegámos à sede da Confederação Espirita Argentina, à rua Sanchez de Bustamonte, 463, às 9 horas de primeiro de Novembro. Apresentámos as credenciais ao Dr. Juan Carlos Damonte. O presidente de honra do Congresso, antroposofista de prestígio entre os reencarnacionistas portenhos, nos atendeu com um cavalheirismo singular, característico das grandes formações intelectuais.

Logo após seriam iniciados os trabalhos da primeira jornada com o Hino Nacional argentino e a leitura, pela professora Hebe Mariotti, de magnífica «Invocación» de fundo palingenésico.

Feitas as propostas de eleição da Mesa Directora, foram imediatamente empossados; como presidente de honra — o Dr. Juan Carlos Damonte; presidente — Dr. Pompílio de Almeida Filho (Brasil); Prof. J. Conrado Ferrari — primeiro vice-presidente (Brasil); prof. Newton G. Barros — segundo vice-presidente (Brasil); Senhora Felipa de Laratro — terceiro vice-presidente.

Secretaria Geral — Dr. Humberto Mariotti; Prof. Carlos Castinheiras; Dr. Noberto Dengra, Dr. Cristóforo Postiglioni.

Secretaria de Actas — Elza Spolé, Cármen de Sendra, Hugo Nale, Santiago Bossero e António Mutto.

Secretaria de Imprensa — Santos Salvaggio, Cármen Borella, Hugo Nale, António Mutto e Santiago Bossero.

Mesa Directiva num plenário de «Constância»

Da esquerda para a direita: Prof. Conrado Ferrari, Dr. Pompílio de Almeida Filho, Dr. Newton G. de Barros, Dr. Postiglioni, Carlos Chiesa e Dr. Dengra

Foram eleitas as Comissões de teses filosóficas e de teses científicas, constituidas de nomes respeitáveis da cultura portenha, mais os representantes do Brasil: José Simões de Matos, João Amado Venâncio, Dr. João Pompílio de Almeida Filho, Prof. Conrado Ferrari e Prof. Newton de Barros.

Após a eleição, descem as Comissões às salas de aula do Ateneu Espirita de Letras e Artes. Continua, no salão da C. E. A., a mesa redonda sobre reencarnação.

Assim terminou a jornada matutina de primeiro de Novembro.

A nota mais emotiva, para nós brasileiros, foi o primeiro nome lembrado para patrocinar espiritualmente o conclave: Bezerra de Menezes. E ao seu lado os nomes dos libertadores espirituais das Américas!

Com emoção, também, ouvimos aplausos efusivos aos nomes de Inácio Ferreira, Leopoldo Machado e Deolindo Amorim.

Representou a Federação Espirita Brasileira o Dr. Cristóforo Postiglioni, bem como a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

★

Na jornada vespertina, trabalharam as comissões. O plenário elegeu a Comissão de Redacção Final das Conclusões.

Na jornada nocturna vivemos a primeira assembleia luminosa, com a poesia de Juliana de Urriza, ouvida, com emoção, pela plateia culta que superlotou o salão da Confederação Espirita Argentina. O Dr. Pompílio de Almeida lê, em seguida, a tese enviada pela Federação do Rio Grande do Sul. O delegado da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos encerra a jornada nocturna com uma alocução sobre «A Reencarnação e o Educando».

Uma «Invocación» pela paz e pela vitória dos princípios palingenésicos fecha, com chave de ouro, a noitada de poesia e ciência.

DOIS DE NOVEMBRO

As nove horas, «Invocación» pelos lábios de Hebe Mariotti, graça e trabalho juvenil a serviço da palingenesia.

Trabalho das comissões nas salas de aula do Ateneu Espirita de

Letras e Artes. Mesa-redonda na Conferência Espirita Argentina, sob a presidência do Prof. Conrado Ferrari.

Às dezasseis horas, o Dr. Noberto Dengra cede a sua hora ao representante da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, que fala sobre «Contribuição de Kardec para o Estudo da Reencarnação».

Às dezassete e trinta, conferência da Senhora Madú Jess, médium admirável, ouvida quase misticamente, sobre o tema: «Viver é Renascer».

O prof. Carlos Castiñeiras, em profunda síntese, analisa històricamente, três escolas filosóficas reencarnacionistas.

À noite uma professora, senhorita Olga Cemino, declamou poesias reencarnacionistas, terminando com um magnífico poema de Humberto Mariotti.

Ouvimos, também, um poema palingenésico do poeta Albireo Barcon.

Respeitosamente aplaudiu a numerosa assistência que superlotava o salão da C. E. A., a palestra do Engenheiro Prof. José S. Fernández, sobre o tema: «Parapsicologia e Reencarnação».

TRÊS DE NOVEMBRO

Às nove horas da manhã, sob a presidência do delegado brasileiro da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, abre-se a sessão plenária para debates sobre os ataques à Lei da Reencarnação e o modo de esclarecer os ataques leais. Transfere-se para a Frente Espiritualista (a ser constituida de espiritas, teósofos, antropósofos, metapsiquistas, rosacrucianos, parapsicologistas...) as teses apresentadas.

Às dezasseis horas, ainda na sede da Associação Constância, à rua Cangallo, 2259, realiza-se a sessão pública presidida pela doutora Júlia Gabiola, para a opinião da mulher sobre a Reencarnação.

Dezenas de mães intelectuais e humildes expõem, sintèticamente, o seu ponto de vista pró-reencarnação. É proposto pelo delegado da F. B. E. P. a fundação da Comissão Juvenil pró Estudo da Reencarnação constituida de Hebe Mariotti; Teresa Paluvne e Juan Vidal.

Segue-se a conferência didática da Dr.ª Susana de Lapacó, que prendeu por setenta minutos a atenção da maior assistência do Congresso. Tema: «Reencarnação Frente à Metafísica e à Realidade do Pensamento Moderno». Magnífica aula de um sabor oriental — pura, calma, elevada...

A VOZ QUE EM MIM SORRIU

A Ti, Mestre!

Andei perdido e triste em outro mundo
Em mar encapelado ao sol da vida,
Num tenebroso mar, d'alma dorida,
Ainda sinto o seu horror profundo...

Andei perdido e só... (espectro imundo
Na ilusão da noite escurecida...)
Alma em deserto, sombra adormecida...
Em negro abismo pavoroso e fundo...

Caminhando por vales regelados...
Estremecendo ao vento agreste e frio...
Numa só Luz, remindo os meus pecados,

Eu pude ouvir a Voz que em mim surgiu,
Ecoando pelos montes escarpados...
— A Tua Voz de Amor que em mim sorriu!...

MANUEL DE SOUSA

Inédito para o meu livro «Voos de Alma»

Às dezanove horas, o pianista Hugo Horácio Charpentier delicia a assistência com agradáveis páginas musicais.

Abre a sessão nocturna, o segundo vice-presidente. Justifica a ausência do Dr. Alberto Montanho de la Lanza que representaria o pensamento boliviano reencarnacionista.

César Bogo, após entusiastas palavras do presidente da Associação Constância, estuda a tarefa de Deolindo Amorim, no Brasil. E lê, em castelhano, a tese do Deolindo, «Reencarnação e Psicologia», aprovada em primeiro lugar pela Comissão Filosófica. Anuncia também a aprovação, em segundo lugar, da tese enviada pelo Dr. Levindo Melo, em nome da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

O 2.º vice-presidente agradece as homenagens ao Brasil e aplaude as pesquisas científicas e filosóficas dos argentinos, para que a Reencarnação seja um património de felicidade das gerações porvindouras.

Uma prece pela paz e compreensão universal encerra a jornada nocturna de três de Novembro!

QUATRO DE NOVEMBRO

No magnífico salão-teatro da Sociedade Suíça, à rua Rodriguez Peña, 254, vai ser encerrado o Congresso.

Abre a reunião Hebe Mariotti, com a voz melodiosa que emolduru as «Invocações» palingenésicas.

Preside à sessão o Dr. Pompílio de Almeida Filho (Brasil).

Após o expediente, passa-se à leitura das conclusões finais. São reafirmadas as assertivas do Primeiro Congresso, acrescentadas novas conquistas científicas e proposta a criação de algumas instituições.

Segue-se a discussão em torno da Frente Espiritualista.

Palavras de saudade e agradecimento... E a leitura, por Hebe Mariotti, dos admiráveis versos reencarnacionistas para a infância, da poesia venezuelana Rosa Virginia Martinez...

Às dezassete horas, a grande função artística do Congresso.

Acto lírico, com composições reencarnacionistas, pelo coro misto Carla Kobal de Fiori.

Segue-se a dissertação do Dr. Juan Carlos Damonte sobre o «Drama Wagneriano e a Reencarnação».

Finalmente, terceiro acto em prosa de «Parsifal», drama de Wagner, pelo coro misto de Carla Kobal de Fiori.

À noite, a imensa ceia de confraternização e saudade! Admirável comunhão espiritual dos que vêem, na Reencarnação, um caminho seguro para a perfeição! Para Deus!

Nota da Redacção — **No próximo número voltaremos a este assunto para dar as Conclusões da Comissão Científica do Congresso e as Conclusões Finais.**

NOVO AFECTO, NOVO LAR...

Por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova Iguaçú)

Toda a pessoa de espírito bem formado, de carinhosa formação moral, embora na velhice, precisa de um afecto materno, carece do aconchego de um lar maternal. Mormente, se vem da amizade de uma boa mãe. Principalmente, se teve a ventura de possuir uma esposa, que lhe foi, a um tempo, mulher, mãe e mestra...

Nós estamos neste caso. Somos uma dessas pessoas.

Encontrámos, mercê de Deus, na amizade fraterna de uma dama e no suave ambiente de seu lar, a mãe e o lar materno que estavam faltando. A dama, D. Rosa Leomil, e o lar, a *Casa de Luciá*.

Vale a pena dizer como isso foi, embora superficialmente.

Fomos levado, uma feita, a um casal, numa casa de assistência social diferente. Ali tudo nos encantou, a nós e à querida esposa. E tanto nos encantou, que o LAR DE JESUS, ao fundar-se depois, seria plasmado nos moldes daquela Casa, alicerçado nos exemplos sublimes de seus fundadores e directores...

Passámos a fazer parte, espiritualmente, do parentesco da obra, sentindo ali o desdobramento de nós mesmos. A esposa querida opera-se. E inaugura a sua enfermaria, em que é tratada com desvelo e humanidade. Adoecemos depois. E fizemos, enfermo, longo estágio lá. E por mais de uma vez. Numa dessas fases de repouso fomos assistido por três corações generosos — a directora da Casa, seu ilustre genro, um confrade não menos ilustre — e operado fluìdicamente, expelindo grande pedra dos rins, que guardamos como relíquia, de que já tratamos em outra crónica. E não tivemos mais nada nos rins! E já voltámos lá, por outras vezes, na esperança, egoìsticamente, de *milagre* semelhante para o fígado, para o coração...

Por ela, *médium* de várias faculdades, vem a Marília com muita facilidade. E também minha mãe. E o grande Espírito que dá nome à entidade assistencial...

Passámos a ser, assim, um hóspede constante.

Na *Casa de Luciá* sentimo-nos como em nossa própria casa, em nosso ambiente. Principalmente nos dias duvidosos, por feitos de enfermidades e incompreensões por que passámos. E a verdade é que 10 ou 15 dias que lá passamos, são como se vivêssemos uma estação de repouso ou de cura de muitos meses. Tudo ali é de molde a preparar-nos emanações fluídicas de um mundo diferente, de um mundo melhor.

Depois da leitura, do «In Memoriam a Minha Mãe», na *Festa das Mães* do LAR DE JESUS, na tarde de 8 de Maio, dissemos com outras palavras e com maior emoção, o que aí está, apresentando a ilustre dama — D. Rosa Leomil de Vasconcelos —, à enorme assistência que lá se comprimia, declinando, reconhecido e comovido, o nome da CASA DE LUCIÁ.

Foi, na verdade, uma cena emocionantíssima, que irradiou por toda a assistência.

Terminámos o preito de gratidão e reconhecimento com a leitura dos mesmos versos com que terminamos esta crónica.

Não há
Dentre as obras de assistência que [eu conheço,
Nenhuma que mereça aplauso e [apreço,
Como a CASA DE LUCIÁ...

Cercada de jardins por toda parte,
E que a enfeitam, e que a perfumam [tanto,
E onde se vê e sente em cada canto,
Vida, beleza e arte...

Coisas que ali assiste toda gente,
Nos seus jardins de flores perfumo-[sas:
Uma Rosa que trata, diligente,
De outras rosas

D. Rosa Leomil de Vasconcelos,
Com sua filha — duas abnegadas —
Dão à Obra, zelosas, dedicadas,
O melhor de seus desvelos:

Eu fui nela encontrar,
E na sua bondosa directora,
Meu próprio lar e outra mãe, qual [fora
A minha mãe e meu honrado lar...

CHUVA DE VERÃO

Por CLARINHA

Densas nuvens se ajuntam pelo céu,
Chicoteadas sem dó, soltas ao léu,
Ao sabor de ventos vários
E contrários.
Como lâmina de fogo, uma faísca
Risca
A face pardacenta
Da natureza tórrida e sedenta.

Ecoa pelos ares,
Bradando pelos céus e sacudindo os mares,
Como a fúria terrível de um vulcão,
A voz rouca e pesada do trovão.

A natura esmagada,
Oprimida, contrita e ajoelhada,
Espera
A chuva dadivosa que há-de vir...

Ei-la afinal!
Em bátegas pesadas,
Em torrentes profusas e enxurradas
Desce do céu como uma bênção divinal,
Carreando pedras soltas e cascalhos,
Flores e folhas secas... mortos galhos,
Sulcando a curva tépida dos montes...
Clareando a curva azul dos horizontes...

.....

Assim também, os corações humanos,
Fustigados por lutas, desenganos,
Esperam
A visita querida do Senhor,
Sua mensagem de carinho e amor
Que vem como essa chuva dadivosa,
«Água viva» copiosa,
E dessedenta a alma...
E o tumulto interior, do coração acalma.

Cachoeira Paulista

A ROTULAGEM NÃO TEM VALOR

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

Para nós, espíritas, não importa saber quem é católico ou protestante, maometano ou budista, crente ou incrédulo. Isto é secundário. Em primeiro lugar vemos as acções e o carácter das pessoas com quem tratamos. Por melhor temos um ateu que seja honem de bem, do que um cristão que nega a Deus com seus actos. Realmente, de nada valem as atitudes exteriores e a piedade farisaica. Em vez de bater no peito e murmurar — Senhor! Senhor! — *faça-se a vontade do Pai, desarmando-se cada um do orgulho, para não virem a ser humilhados. A rotulagem indicadora da fé não tem valor aos olhos de Deus; porque Deus não galardoa por causa da crença, mas a cada um será dado segundo as obras».*

Ora, a mensagem trazida pelo Divino Enviado é toda Fraternidade, *e nesta insigne virtude resumiu Jesus toda a Lei e os Profetas. Sua missão junto aos homens da Terra foi de apaziguamento e concórdia, e a salvação que Ele prometeu, não é circunscrita, abrange a todos que praticarem a caridade fraternal. É mister, pois, que se busque entender a sua mensagem, fugindo à hermenêutica sectarista e capciosa dos que porfiam em ajeitá-la aos interesses de suas facções religiosas. Exemplifiquemos, pois, o amor cristão.*

A animosidade que separa os cristãos e torna impraticável uma união de vistas entre eles, é oriunda da má interpretação dos textos evangélicos. Cada igreja tem o seu modo de traduzir e explicar o pensamento do Mestre. Porém o mal não está nas divergências do comentário bíblico, e sim nas contendas e desuniões que essas divergências têm suscitado. Que cada indivíduo, ou denominação cristã, interprete a seu modo, contanto que isso não seja causa de separatividade e discórdia.

Pois não vedes, amigos? Há pessoas que se malquistam umas com as outras por motivo religioso. Que a pretexto de servir a Deus, deprezam e odeiam o próximo!

Que entendem por religião essas criaturas? Não se aperceberam, coitadas, de que religião e ódio se repelem e não podem coexistir.

«Amai-vos uns aos outros», ensinou o Divino Mestre, e esta sentença tem um sentido universal que assim se traduz: ame o católico ao protestante, o protestante ao espirita, este àqueles; todos os religiosos de diferentes credos, no mundo inteiro, dêem-se as mãos e confraternizem. E estendam o seu amor aos indiferentes, aos materialistas, aos ateus, porque, afinal, todos somos irmãos em espírito e humanidade, e o amor do cristão deve ser como o sol que ilumina a todos.

CALAR...

Calar, quando o ataque é violento, quando é filho da paixão desmedida, da inveja ou do anelo de vingança largo tempo contido; quando o ataque é feito a pessoa culta e responsável, e se converte em diatribe, quando se luta com armas desiguais, quando se trata, não já do amigo ou do irmão cuja reputação é preciso defender, mas do agredido; calar, quando a própria reputação é do domínio público, quando há antecedentes que abundam e os móveis da agressão não são mistério; calar, quando o agredido não pode nivelar-se com a gentalha; quando isto sucede, não é aceitar mansamente as injúrias imerecidas, não é consentir no menoscabo da própria situação; não é aprovar o procedimento do adversário nem lamber a mão que nos afronta, nem temor, nem cobardia; é apreciar as coisas no que valem, é espesinhar as ofensas, cerrar os ouvidos à cólera e ter pena do agressor; é desprezar as infâmias, é grandeza de alma, é o protesto das vítimas, o protesto da verdade e da justiça, o protesto do direito, o protesto do cavalheiro que sabe que nem sempre o último tem razão, mas sim quem a tem; o protesto do homem culto contra o boçal, o protesto do sacerdote, o protesto de Jesus-Cristo ante Herodes e Pilatos, o protesto eloquente do silêncio.

Isto é calar.

G. A. LLERAS

A AUTO-SUGESTÃO E AS DOENÇAS

Por HENRIQUE MAGALHÃES

Lemos alhures que irmão residente em França curou-se do mal da raiva, auto-sugestionando-se. Mordido que foi por cachorro atacado daquele mal, e como na época não tivesse ainda sido descoberta a vacina anti-rábica, o infeliz esperou a eclosão da moléstia sem poder defender-se. Foram dias e dias torturosos — assevera ele, ao descrever sua odisseia.

Assim que a moléstia se manifestou, o nosso irmão, a pretexto de caçar, embrenhou-se no mato, para terminar a existência longe da família.

Não lembramos no momento todos os pormenores dessa tragédia; porém o que ficou retido em nossa memória é que o infeliz, quando no auge da enfermidade, sentiu sede e abeirando-se de pequeno riacho para beber, viu reflectir-se na água a figura sinistra do animal que o havia mordido.

Fez ele então todos os esforços para afugentar a figura terrível que o atormentava, mas o reflexo persistia, como implacável algoz a perseguir a sua vítima. Espavorido, retirou-se do local, afundando-se ainda mais na mata espessa.

Vieram-lhe à mente as figuras da esposa e dos filhos, apavorando-se à ideia de os deixar ao desamparo.

Mobilizou então as energias, rogando a Deus fizesse abortar a abominável doença. Começou aí tremenda luta entre ele e o mal que o ia subjugando, dirigindo o pensamento para as partes do corpo que julgava mais afectadas. Descargas tremendas deveria a sua mente enviar, naquele momento, aos pontos visados, à maneira de bombardeio atómico, como diríamos hoje, em face da ciência moderna, na ânsia de imobilizar o inimigo atroz!...

Passadas algumas horas dessa luta medonha — bendita a força de vontade que dele se apoderou! — as dores começaram a abrandar, enquanto ele, encorajado pelo primeiro êxito, desdobrava as energias, focalizando o monstro que o queria devorar.

Longas horas depois silenciava o terrível mal, voltando-lhe pouco a pouco a saúde e com ela a calma, sentindo-se então encorajado a voltar ao Lar.

A noite ia avançada e sua família, notando-lhe a ausência, andava a procurá-lo.

Dias passados, quando viu que o perigo terminara, comentou com os familiares a tragédia apavorante que vivera, naquele dia. É pena termos perdido o livro onde esse admirável relato, para o transmitirmos em cores mais vivas.

Vislumbra-se aqui, em plena acção, o que os cientistas chamam de auto-sugestão, mas que, na realidade, é a direcção consciente ou inconsciente das poderosas forças mentais do homem, em favor ou contra a sua individualidade. Dizemos a favor ou contra si próprio, porque, em milhares e milhares de casos, o indivíduo sugestiona-se, afirmando achar-se enfermo, sem o estar, e então, auto-sugestionando-se, engendra a doença, dirigindo o pensamento doentio para a parte do corpo que se lhe afigura achar-se enferma. E tantas vezes afirma a si mesmo que está doente, que acaba desequilibrando o organismo...

Os Mentores da espiritualidade nos informam do assunto, pela pena do ilustre médico desencarnado, «André Luís».

Na sua obra «Libertação», psicografada por Francisco Cândido Xavier, a pág. 30, assim se exprime Gúbio, seu diligente instrutor:

«Dirija a criança a sua vontade para a ideia de doença e a doença lhe responderá ao apelo, com todas as características dos moldes estruturados pelo pensamento enfermiço, porque a sugestão mental positiva determina a sintonia e a receptividade da região orgânica, em ligação com o impulso havido, e as entidades microbianas, que vivem e se reproduzem no campo mental de milhões de pessoas que as entretêm, acorrerão em massa, absorvidas pelas células que as atraem, em obediência às ordens interiores, *reiteradamente recebidas, formando no corpo a enfermidade idealizada*».

Os que desencarnam prematuramente, devido a doenças contraídas dessa forma, tornam-se suicidas, segundo instruções dos Mentores Espirituais. São, pois, dois males que, ao mesmo tempo, fazemos a nós mesmos: sofrimento para o corpo físico, enquanto na terra, e sofrimento no corpo somático, quando desencarnados.

É caso, assim nos parece, para profunda meditação.

Vê-se que a auto-sugestão ou poder da mente é uma faca de dois gumes: tanto a podemos empregar para nosso bem, como para nosso mal, dependendo da direcção que lhes imprimamos.

Tira proveito de tuas forças mentais, amigo leitor, impulsionando-as para o belo, encarando as coisas pelo lado bom, sem jamais pensar no mal, principalmente em se tratando dos teus semelhantes.

Aos Assinantes do Brasil

Rogamos aos estimados assinantes que residam em localidades onde não temos representação, o favor de remeterem a importância das assinaturas ao nosso representante geral *Henrique Magalhães, Rua Jiquibá, 155, Praça da Bandeira — Rio de Janeiro. Desde Janeiro de 1957, as assinaturas custam Cr$ 120,00.*

O ESPIRITISMO Á LUZ DA CRÍTICA

Por ALEIXO VICTOR MAGALDI

Escreveu Deolindo Amorim mais um livro. Dedica-o à esposa, D. Delta, que o estimulou a publicá-lo... É «O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA». Prefácio do Dr. Levindo Mello, médico ilustre, idealizador, fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. (Uma coincidência de relevo: o Dr. Levindo começou a estudar a Doutrina Espírita, segundo lá me relataram, na cidadezinha de Minas, bucólica e simplória, que se chama *Lima Duarte*, onde eu também me iniciei no Espiritismo; ele em 1925 e eu em 1931). O preclaro prefaciador escreveu coisas de alta significação no seu prefácio. Logo de início, pág. 9, afirma: «Comecei os meus estudos em 1925, orientando-os pela Codificação de Allan Kardec, o sábio médico francês do século passado. Tornei-me espírita convicto pelo estudo teórico e prático da Doutrina, pela observação de casos clínicos e psiquiátricos, *diagnosticados e curados* pelo Espiritismo, depois do *desengano* da Medicina. Gastei muitos anos nesse trabalho intelectual, antes de me convencer da Verdade imortalista de Allan Kardec. Em 1931, Deus me abençoou mais uma vez, concedendo-me o dom de psicografia semi-mecânica, que me põe *directamente* em comunicação com os espíritos, *utilíssima para a prática da Medicina* e do Espiritismo. Com essa faculdade mediúnica, a minha convicção na existência dos Espíritos, como seres inteligentes da Natureza, como almas de homens falecidos, tornou-se *realmente absoluta*, depois de *milhares* de testes científicos e de provas concludentes, de toda a sorte. Depois de *possuir* essa Ciência, essa *certeza*, esse tesouro que a Misericórdia de Deus me ofertou, negar a Verdade científica e religiosa do Espiritismo seria realmente um crime de lesa-consciência, deprimente para um homem, um cristão, um médico.»

O prefácio do Dr. Levindo Mello bastaria para contradizer ou rebater as falsidades contidas no livro do padre Álvaro Negromonte. (Certa vez comprei esse livro do padre Negromonte e o ofereci a uma das minhas filhas, que professa a religião católica, no dia do seu aniversário, com a seguinte dedicatória: «Para você ver o retrato de seu pai pintado por um ilustre vigário). Para tanto seria necessário colocar as afirmativas do Dr. Levindo frente a frente às negativas do padre Negromonte. Aquele fez observações pessoais; estudou teórica e praticamente a Doutrina, acompanhando directamente numerosos casos clínicos e psiquiátricos dignosticados e curados pelo Espiritismo depois dos doentes terem sido desenganados pela Medicina, gastando muitos anos nesse trabalho. Este, porém, como Deolindo provou, respeitável sacerdote, em razão do natural impedimento teológico, por disciplina eclesiástica, não fez nenhum estudo pessoal, nenhuma observação directa; antes, «no terreno dos factos e das provas históricas, o respeitável sacerdote Álvaro Negromonte claudicou muito, e de maneira flagrante, porque chegou a desfigurar a significação de documentos e episódios para fortalecer os seus pontos de vista». Quem merece crédito, dos dois? É o próprio Dr. Levindo Mello quem aponta onde realizou as suas experiências, num período de 25 anos, na pág. 10 do livro em apreço: «Desde 1930 que trabalho aqui no Rio em ritmo constante... E assim, neste período de 25 anos, de 1930 a 1955, trabalhei nos seguintes sectores: Hospital Espírita, Retiro dos Espíritas, Confraternização dos Espíritas, Reino Espiritual ou Quarto Reino da Natureza, Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, Campanha jornalística Contra a Matança dos Animais, o carnivorismo, o tabagismo, contra a luta entre Religiões; luta contra o Materialismo...»

E o respeitável padre Negromonte? Apenas ataca o Espiritismo *por ouvir dizer*, com a agravante ainda pior de claudicar, desfigurando a significação de documentos e episódios, de má fé, portanto.

O Dr. Levindo Mello, à pág. 11, exclama: «Ainda não consegui compreender por que alguns altos dignitários das Religiões majoritárias das Américas e da Eurásia combatem o Espiritismo, que nenhum mal lhes fez e antes, pelo contrário, as ampara com a segurança das provas científicas da existência real dos espíritos, seres vivos, naturais, do Reino Espiritual ou Quarto Reino da Natureza!». E às págs. 15 e 16 proclama: «Sou sobrinho de um saudoso e benemérito sacerdote católico, o notável Padre Gustavo Ernesto Coelho, que foi vigário de São João del Rei, MG, durante mais de 1/4 de século, respeitado e querido por todos, devido a seus elevados dotes de coração e de inteligência; aprendi com ele a respeitar e a querer bem a todas as religiões e todos os religiosos, quando sinceros e convictos. Por isso mesmo, não sou contra nenhuma religião; sou mesmo pela confraternização cristã de todas as religiões e de todos os religiosos, com absoluto respeito mútuo e sincero, entre todos». Em conclusão, às págs. 17 e 18, declara o Dr. Levindo Mello: «Criticando respeitosamente os ataques do culto gladiador católico, o Sr. Amorim estuda novamente as obras do imortal e glorioso Allan Kardec, a produção medianímica das Irmãs Fox (início conhecido de Dezembro de 1847 a Março de 1848); estuda Home e outros grandes médiuns; discute longamente o fenómeno da fraude, aliás tão comum em todos os sectores visitados pelo homem: estuda as obras de Flammarion, Crookes, Richet, Bozzano, Geley, Gibier, De Rochas, Bezerra de Menezes, médium Chico Xavier e muitos outros médiuns, cientistas, sábios. É um trabalho construtor, vibrante, oxigenado, vitalizante, que honrará sempre o seu autor e beneficiará os leitores. Para terminar este modestíssimo prefácio, eu me congratulo vivamente com a imensa e estudiosa família espírita de todo o mundo, por este novo livro do grande e culto jornalista Deolindo Amorim, verdadeiro farol evangélico em meio às trevas densas do momento histórico actual da Humanidade; e peço sinceramente a Deus abençoe também o nosso irmão em Cristo, o ilustre e prezadíssimo Padre Álvaro Negromonte, que, embora sem querer, evidentemente, foi o primeiro factor do novo livro».

Leitor amigo, você conhece a erudição, a dialética de aço de Deolindo Amorim, na tribuna, na rádio e na imprensa. Leia o seu novo livro, «O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA». Saboreie esse *pão de Lot* lítero-doutrinário, recheado dos mais deliciosos *bombons* da Verdade. E peça a Deus que o conserve sempre assim.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

13

MÉDIUM E PRINCESA

Amigos radiouvintes:

Agora, que a morte levou a mais idosa princesa de Inglaterra, podemos aludir às suas experiências mediúnicas, que ela própria descreveu numa espécie de autobiografia recentemente publicada.

O que vamos relatar é baseado em duas edições do semanário londrino *Psychic News* e não constitui segredo de Estado.

O primeiro episódio é relativo à presença de seu falecido irmão Christian Victor. Arrumava ela uns livros na sala de visitas da sua casa de Houth Kensington, quando ele entrou com o seu cachorro favorito.

— És tu, «Ricky»?

— Vim para saber se estavas de saúde e eras feliz...

E conversaram um pouco. Depois despediu-se, pedindo-lhe que o não acompanhasse ao andar inferior, pois tudo lhe corria favoràvelmente.

Passados alguns momentos reflectia num pormenor curioso: Christian envergava uniforme sem condecorações. Lembrou-se então de que, na guerra sul-africana, os oficiais não podiam usar insígnias para que o inimigo os não reconhecesse. E Maria Luísa conclui:

— Só nesse instante me compenetrei de que este irmão querido morrera 18 meses antes e descansava na sua derradeira morada sul-africana...

*

A princesa era uma sensitiva natural, como tantas de que temos conhecimento. Uma vez, num almoço com *Sir* Ernest Wills e sua esposa, em Littlecote, corrigiu a hospedeira, descrevendo acontecimentos que ninguém lhe comunicara.

No século 18 a vivenda era de «Wild Darrel», um libertino que se orgulhava de pertencer ao *Hell Fire Club* e que tivera uma aventura com certa jovem. Quando esta estava no seu momento psicológico, ele trouxe a parteira da localidade aos aposentos, mas de olhos vendados. Nasceu o bebé — conta Maria Luísa — começando aqui a parte mais terrível da história, pois, segundo a tradição, ele levou o recém-nascido e lançou-o ao fogo, arrebatando-o do número do vivos.

Mas a parteira suspeitou e cortou um pedaço do tecido das cortinas que velavam o leito...

*

Sir Ernest Wills e a esposa acompanharam a princesa através da casa e mostraram-lhe uma porta imbutida na parede, através da qual fora conduzida a parteira. Mas a princesa discordou da hospedeira e apontou outra porta:

— Fechei os olhos, não sei porquê, e desci alguns degraus, — escreve —. Depois disse para comigo: «Toma cuidado, não caias. Aqui há dois degraus...». Empurrei uma porta, entrei num pequeno quarto e pensei: «Aqui está a lareira onde Wild Darrel queimou a criança». Atravessei o quarto, peguei na cortina que rodeava a cama e mostrei o sítio onde a parteira cortara o tecido. Só nesse instante abri os olhos. Perplexa, inquiri de mim mesma como soubera tudo aquilo. Suponho que devo ter sido a parteira, noutra vida passada.

Embora Maria Luísa conceba tal possibilidade, diz que não deve ter razão de ser, nem a Igreja admite esses ensinos.

Durante a Segunda Guerra Mundial a princesa organizou serviços de conforto espiritual às forças armadas. Num deles, precisamente na prisão de Holloway, viu-se encostada a uma parede, ao fundo de alguns degraus partidos e perguntou ao governador se a senhora Thompson ali fora enforcada.

— Estranho que Vossa Alteza fale nisso! — exclamou o funcionário —. De facto, essa parede faz parte da casa mortuária onde ela foi enforcada.

Ora, ela não tivera conhecimento deste caso, antes de ter descido os degraus.

*

Mas a princesa Maria Luísa não tinha apenas mediunidade. Frequentava regularmente o famoso Santuário de Harry Edwards, onde há seis anos fora curada para sempre de artritismo, nas espáduas, nos pulsos e nos joelhos. Acreditava com fervor nas curas espirituais e na sobrevivência. Uma vez disse a Edwards que a morte era a passagem de um quarto para outro e conhecia perfeitamente a causa do seu vigor.

Dois dias antes da coroação de Isabel II pediu a Edwards que a auxiliasse, pois teria de permanecer em pé nas recepções e necessitava de energia espiritual para vencer a dificuldade. O grande curador guardou segredo deste facto para evitar a publicidade.

Antes de ser tratada, a princesa pediu-lhe auxílio para amigos ausentes e ficou satisfeitíssima com o resultado. Quem foram os beneficiados, não sabemos. O curador não pode revelar seus nomes.

«Uma vez — diz ele — a princesa contou-me que um dos seus secretários estava preocupado com a esposa, que tivera um ataque epiléptico. Mais tarde comunicou-lhe o restabelecimento completo. O secretário acabou por dizer que escrevera a um médium-curador do Santuário, a cujo auxílio atribuia a cura da esposa. A princesa riu-se muito e respondeu-lhe:

— Eu sei! Você escreveu ao sr. Harry Edwards!...

Noutra visita, em conversa com este último, referiu-se com tanto entusiasmo a certas curas, que o médium, embaraçado, tentou demonstrar que eram coincidências vulgares.

— Podem-no ser para si, mas não esqueça que são pessoas de *minha* família...

Depois da coroação ofereceu uma fotografia a Harry Edwards, devidamente autografada, com o traje da coroação.

Ela não esquecia o tratamento que recebia. Antes da sua viagem à África do Sul, lá foi novamente

buscar auxílio... E tudo correu sem novidade.

Há pouco tempo adoeceu sèriamente com focos pneumónicos e solicitou também a cura espiritual.

— Disseram-me que não queria obedecer às prescrições médicas — conta Harry Edwards — e recusava todas as drogas que lhe pudessem minorar as dores. Mas restabeleceu-se prontamente, com grande espanto dos médicos assistentes.

Era tal a sua fé neste auxílio, que uma semana depois manifestou desejo de assistir a um baile de caridade. E assistiu...

Aos 84 anos continuou a receber tratamento espiritual e a reagir benèficamente. «Quando lhe dizia que poupasse as forças — escreve Edwards — estava certo de que nada conseguiria. Era um ente espiritual que viveu para os outros.

Acerca da Igreja Ortodoxa dizia: «Não compreendo que ela não promova estes trabalhos de cura. Afinal, negam Jesus. Pois não foi ele que mandou curar os enfermos?».

O *Psychic News* diz que a imprensa inglesa rende preito aos sentimentos altruistas da princesa Maria Luísa. Com efeito, o próprio Edwards, ao ver o enfraquecimento geral que dela se apoderava, chegou a oferecer-se para a visitar. Mas ela respondeu logo:

— Eu arranjo tempo para vir aqui. O seu tempo é que é demasiado precioso para me visitar.

Maria Luísa, médium e princesa da velha Albion, foi o protótipo da bondade e podemos dizer que muito fez pelo bem dos homens. Quanto ao curador Harry Edwards... Lord Chamberlain não se esqueceu de lhe oferecer um lugar de honra nas cerimónias do Castelo de Windsor, por ocasião do enterro. Ele, porém, não compareceu. As suas curas não o permitiram. Fez a vontade à Princesa. Ela também preferiria que ele guardasse as forças para debelar doenças, do que gastá-las para assistir ao enterro. Entretanto, Miss Phylis Harding, secretária de Edwards, representou-o nas aludidas cerimónias, como foi noticiado.

«A verdade não tem pés e anda», diz o povoléu das aldeias. Esta voou através dos continentes e nada a pôde cercear. As ideias boas levedam, à semelhança do pão em massa. Quanto mais se lhes bate, mais aumentam em força e amplitude... Graças a Deus!

Boa noite, amigos. Que Deus guarde o vosso lar e preserve a terra brasileira.

8 de Janeiro de 1957

PITIGRILLI ESPIRITISTA ?

Amigos radiouvintes:

Do Serviço Espírita de Informação, do Rio de Janeiro, transcrevo o seguinte:

«Não se sabe, exactamente, o que é preciso para alguém se considerar espírita; mas quem faça credo da existência e da imortalidade da alma e adopte a tese da reencarnação andará perto. Há, porém, muita gente a fazer artimanhas e a dizer-se espírita.

«De regresso da Europa e em trânsito para Buenos Aires, o autor da «Viagem de 18 Quilates» e «Cocaína» declarou aos jornalistas:

«— Eu era sarcástico e ateu, mas um médium abriu-me os horizontes do Além... Dantes, os que se diziam espíritas eram apenas farsantes, bruxos, mentirosos ou loucos, Nunca os aceitei».

«Depois de confessar a crença em Deus, acrescentou:

«— Quem sabe se estamos aqui sendo ouvidos e cercados pelos espíritos? Acho isso possível.

«Continuando a ligeira palestra, Pitigrilli condenou os seus primeiros livros que lhe deram fama universal e que diz estarem cheios de vaidade, fase de vida que já ultrapassou.

«Pitigrilli revela um testemunho importante: os ledores da sorte que se dizem espíritas prejudicam o conceito da Doutrina e espalham uma ideia injusta a seu respeito. Os que não encontram o médium sério, providencial, que ele encontrou, podem não ter oportunidade de ajuizar com acerto sobre o Espiritismo, se não procurarem estudá-lo e compreendê-lo».

Não repugna acreditar que o famoso escritor italiano se tenha convertido ao Espiritismo. As numerosas sessões a que assistiu na Riviera ligure, há dezasseis anos, e nas quais encontrou a fé que em vão procurava, devem ter desempenhado em sua vida um papel notável, relativamente às coisas espirituais. Ele próprio confessa, num paradoxo difícil de entender:

— Foi assim que encontrei a fé. Foram almas de desencarnados ou manobras do demónio, para mim é indiferente. O resultado foi este: por aqueles caminhos proibidos e com meios ilícitos encontrei a fé.

Antes, porém, desta confissão, escrevia:

— Quando lhes queiram apresentar um médium, respondam que não, ainda que, sabedores do meu caso, esperem alcançar ascensão igual à minha.

Mais adiante — isto vem no livro «Pitigrilli fala de Pitigrilli» — expande:

— Antes disso julgava que Deus, a imortalidade da alma, os génios maléficos, a força da oração, a comunhão dos santos, fossem imaginosas afirmações transfundidas de livro em livro, envernizadas de novo, segundo a evolução dos tempos, ornamentadas de acordo com a tolerância dos comentadores. Daquele dia em diante principiei a crer em tudo: em Deus, na imortalidade da alma, nos génios maléficos, na comunhão dos santos, na força da oração. Convenci-me de que a morte é princípio e continuação. Compreendi, afinal, o sentido da vida. Não estamos na terra para filtrar beberagens e cozinhar alimentos, na expressão de Séneca, mas a fim de contribuir para o aperfeiçoamento de nossa alma, pois que no Além seremos, durante algum tempo, iguais ao que fomos em vida, com o tormento de não sermos já melhores e só contarmos com o pensamento e as preces dos que deixámos.

O escritor debatia-se entre a fé católica e a reacção profunda que abalou a sua mentalidade. Acreditou, não obstante as proibições eclesiásticas quanto ao intercâmbio com o mundo dos espíritos, aos quais chama «génios malfazejos». Mas foram esses génios que o fortaleceram, que o equilibraram, que lhe deram a libertação espiritual.

Ele sabia que só a verdade triunfa, sejam quais forem os obstáculos à sua manifestação. Não basta que os mentores de algumas religiões ou seitas imponham princípios. O adepto deve exigir liberdade de pensamento, estrada franca para estudar e cotejar todas as coisas, por mais transcendentes ou dogmáticas que se apresentem. Só assim fará pesquisa séria, só assim desfará as dúvidas que o tenham manietado.

Pitigrilli era «o homem da turba que se encanta frente ao bezerro de duas cabeças, muito mais prodigioso que o de uma só». O que tinha era muito pouco, não lhe satisfazia a curiosidade, nem o desejo intenso de conciliar a fé com a razão. Necessitava do supranormal. Ele próprio o dizia em linguagem pitoresca, não raro incoerente. Deus fizera-lhe o milagre dos milagres.

Um dia telefonaram-lhe:

— Porque escolheu a religião católica depois das suas experiências? As outras religiões não lhe falam da alma e de Deus?...

A resposta não é muito objectiva. Só um motivo o submeteu ao catoli-

SOLILÓQUIO

Diz a sabedoria popular que «o mal e o bem aos olhos nos vem», porque «os olhos são o espelho da alma».

Sem dúvida: se somos invadidos por uma vaga de tristeza, logo ela nos embacia os olhos; se estamos alegres, logo essa alegria trasborda do nosso olhar; em suma: o desejo, a cubiça, a angústia, a ansiedade, o medo, o rancor, o ódio, a ira, o ciúme, o amor, todas essas e outras sensações; todos esses e outros sentimentos transparecem nos nossos olhos; porquanto sensações e sentimentos são produto genuino dos pensamentos que albergamos em mente e nos provocam esses estados de alma. E assim se confirma que, desde já, nesta existência temporal, se vive como se pensa, mormente quando dependemos só de nós; e quando dependemos dos outros, executando as suas ordens, vivemos como eles pensam. O inocente enfrenta qualquer acusação com um olhar sem mácula; a sinceridade revela-se vigorosa na clareza de um olhar firme; a lealdade afirma-se na transparência de um olhar fiel; a amizade jorra eflúvios de amor verdadeiro de uns olhos meigos; no olhar se distingue a simpatia ou antipatia que cada um infunde; até a inteligência transparece na viveza do olhar.

Em suma: a bondade e a maldade, nos seus variados aspectos, patenteiam-se, de certo modo, nos olhos de cada um, com excepção daqueles olhos estropiados, cegos ou quase cegos; muitos desses revelam pesado resgate e têm jus à piedade de quem vive com ela ou passa por eles.

Manuel Cavaco

NÃO DESESPERES

Seja qual for a situação em que te encontres, não desesperes. Tem fé em Deus e confiança em ti mesmo. As coisas, por vezes, não são tão negras como as fazemos pelo nosso pessimismo.

É preciso ser mais optimista. Não exagerar tanto as necessidades nem os factos menos favoráveis da nossa vida. São nuvens que passam no horizonte mental, dando a ideia ilusória de que o sol divino nos abandonou com seu calor amigo e animador. Mas tal não se dá. Ele está no seu lugar, irradiando sempre. A nossa vida é que se colocou mal em relação a ele.

Precisamos de reajustar melhor a posição mental e moral, vibrando com mais amor e confiança na Grande Lei. Não há problemas insolúveis. Há problemas difíceis; mas, com a graça de Deus, podemos afirmar: «Hei-de vencer». E venceremos. Porque, ao proferir estas palavras, com fé em Deus e confiança em nós mesmos, vibramos na parte superior de nosso espírito, aquela que nos une ao Plano Divino, de onde nos vem o necessário suprimento para a realização de bons propósitos.

Desse modo recebemos como Jesus nos instruiu e prometeu. Porque o Pai não dará uma pedra a quem lhe pedir um pão. Nem os homens da terra fazem isso a seus filhos, quanto mais Ele que é todo sabedoria e amor.

Portanto, tenhamos fé em Deus e confiança em nós mesmos, trabalhando, estudando e perseverando, que solucionaremos os nossos problemas e realizaremos as nossas justas aspirações.

José Simões de Matos

cismo: «Porque Jesus-Cristo não fundou a religião, mas foi Deus, ao qual voltei, sem escolher a fé».

Enfim, respeito Pitigrilli, com seus devaneios, paradoxos, como respeito um judeu ou um turco. Se hoje está mudado, é porque evolucionou. O progresso das ideias tem velocidades astronómicas. Vinte e quatro horas chegam para mudar de parecer, até nos negócios mais simples, quanto mais em questões teleológicas.

O que ele viu e sentiu nas sessões da Riviera faria oscilar a crença a S. Francisco. Houve fenómenos de toda a espécie. Premonições e revelações em prosa e verso, xenoglossia, diálogos fantásticos... Não admira que a sua crença oscilasse. Também oscilou a do seu patrício Bozzano, que ele cita, a propósito do livro de Montandon, «La Mort, cette Inconnue», onde leu as doze conclusões do primeiro sobre o Além e que transcreve na íntegra para dizer que elas confirmavam o que lhe dissera o espírito de Giosué Borsi: «Depois da morte, eu e os meus companheiros continuamos a combater, porque nos julgamos vivos».

E quando mostrou a um jovem e inteligente sacerdote aqueles doze pontos de Bozzano que muitos ouvintes conhecem, obteve a seguinte resposta:

— Com a Teologia na mão sentir-me-ia à vontade para demonstrar que nada disto é contrário à religião.

Quer dizer que o Catolicismo não deixa de aceitar a comunicação dos espíritos, a visão panorâmica e o sono reparador; que o ambiente espiritual é mundo objectivo e substancial, constituido pelas forças mentais que podem reproduzir o ambiente nas suas reminiscências; que a transmissão de pensamento é a linguagem normal, embora alguns julguem que articulam palavras; que a visão espiritual lhes permite perceber os objectos *in totum;* que os espíritos se podem deslocar instantâneamente, graças à sua vontade, e que as almas dos defuntos dependem da lei de afinidade, à qual estão submetidos.

Isto já é muito nos tempos actuais. A Doutrina em si não tem necessidade de conversões de grandes ou pequenos homens. O facto apenas influi na modificação da sociedade, perpetuamente sujeita aos encontrões ideológicos.

Pitigrilli espiritista? Nada mais natural. Segue o caminho de outros que fizeram *mea culpa*, depois de rirem sem saber de quê...

Boa noite, amigos. Saúde e alegria. E que Deus guarde o vosso lar e a terra brasileira.

22 de Janeiro de 1957

O Regresso do Cão

A Sr.ª M. Jones conta na revista Fate de Junho de 1955 um episódio passado com ela e sua irmã.

«Certa noite falávamos de tempos antigos, principalmente de meu filho, desencarnado há quatro anos e que gostava muito de Ruff, o cão de minha irmã, que tinha morrido.

— Gostava de saber se o Ron (meu filho) vê alguma vez o Ruff no mundo espiritual — disse ela.

Quase imediatamente apareceu uma grande luz e ouviu-se três vezes o ladrar de um cão, forte e nítido, que vinha do meio da casa.

Minha irmã disse logo: «É o ladrar do Ruff. Era capaz de o reconhecer em toda a parte».

Durante alguns momentos ouvimos também a sua respiração arquejante. E tudo isto se passou em plena luz.

Pressentimento dum Gato

Por T. CAWLFIELD

Black King *era um bonito gato persa, muito estimado em nossa casa. Uma manhã, quando eu descia as escadas,* King *pôs-se a correr à minha frente, e, parando de vez em quando, olhava para trás e miava, como que a esforçar-se para que eu o entendesse. Depois punha-se a olhar fixamente, como se visse qualquer coisa, e pulava, assustado.*

Experimentei dar-lhe de comer, ou pô-lo na rua, mas ele voltava sempre para ao pé de mim e continuava a miar. Não me perdia de vista. Se me dirigia para a porta da rua, ele punha-se à minha frente, a barrar-me a passagem. Era evidente que não me queria deixar sair de casa.

Quando meu marido apareceu, contei-lhe o procedimento de King. *Na altura em que saíamos no carro, vi* King *a olhar pela janela e notei que continuava a miar.*

No regresso a casa, era eu que ia a conduzir e tivemos um acidente.

Quando íamos a chegar, vimos King *ainda à janela, como doido.*

Abrimos a porta e, depois de me olhar atentamente, saiu de casa a correr. Seguimos atrás dele. Dirigiu-se logo para o carro, andou em volta, olhando aqui e ali, até que encontrou o ponto atingido. Parou a observar, parecendo ficar mais tranquilo. Teria King *pressentido o acidentes?...*

UM EVANGELHO

Elogio de um dos vários e admiráveis livros do escritor português Isidoro Duarte Santos.

«Luz no Caminho» é um Evangelho.
«Luz no Caminho» é um manancial
De luz. Felizes, bem felizes
Os que o tomarem por fanal.

Em suas páginas refulge
A estrela mágica do Amor.
Quem o escreveu? Foi Isidoro
Ou foi Jesus Nosso Senhor?

«Luz no Caminho» é realmente
Um precioso livro. A mão
Que produziu tal maravilha
Teve dos Céus a inspiração!

Baia - 1955 *PAULO ALBERTO*

Natal! Natal!...

A Isidoro Duarte Santos

Do céu baixou à Terra
Divina e nova luz,
Que todo o amor encerra...
Natal... Nasceu Jesus.

Cantou o mais belo hino,
De fé e de esperanças.
Traçou nosso destino
Nas «Bem-aventuranças».

Ódio?... Jamais!... Não. Não!
Foi testemunho velho.
Agora, só perdão.
É novo o Evangelho.

Natal!... Nasceu Jesus!
Mais paz, mais harmonia.
E mais amor e luz
Troquemos neste dia.

Volta Redonda, Dez.º-1956

ALEIXO VÍTOR MAGALDI

ECOS DE U

Por ISIDORO D

XX

UM DIA

Tantas coisas vimos em Juiz de Fora, que não é possível arquivá-las num só capítulo. É preciso desdobrá-lo, mesmo em linguagem sintética.

Apesar das notas que tirámos, as impressões baralham-se na memória, em orquestração rítmica de luz e som. São os homens, as mulheres, as crianças, é um mundo estranho de florações a perfumar a rota do visitante. E são as árvores e as ruas amplas e arejadas, são as atitudes amistosas, os sorrisos frescos, integrantes de um quadro imenso de colorido inofuscável...

Aquele 29 de Maio tinha mais de 24 horas. Poucos dias da nossa vida foram tão cheios de actividade e vibração. Os 60 minutos do relógio não correspondiam à realidade cronológica. Eram muito maiores... E os nossos passos, mais frequentes e ligeiros... O Magaldi que o diga. Às seis e meia, o Hotel Império acordava uma alma inquieta. É que o programa da União Espírita era grande e difícil. O Lindolfo Dutra exigira muito em pouco e não havia remédio senão cumprir.

Às 8 horas era o Instituto Maria, sob a direcção do Orville Derby Dutra, representante de «Estudos Psíquicos», escorreito, franzino, o dinamismo em pessoa. Fomos uns tantos em caravana. O Magaldi, o Bady Curi, o João Coragem... Lá, o Orville e outros esperavam. «Em tudo o que alvorece há um sorriso de esperança», dizia Junqueiro. E o Instituto Maria alvorecera na cor e no intuito, à rua de São Mateus, 1001, em suas linhas sóbrias, frente a vasta cerca que delimita a rua.

Aquilo cheirava ainda a construção. Pedra, cal, tijolo, argamassa. Vigamentos em ossatura, algum reboco inacabado, mas o Instituto já funcionava, já produzia emoções fortes, que tivemos ocasião de entender.

Estava ali um Homem. Não olhem para o seu corpo. Procurem desvendar-lhe os arcanos, e os atributos virão à superfície. Realizador e poeta do sentimento, filósofo da acção ordenada, que terá ele no seu mundo interior?... Por que se abalançou a obra tamanha, a despeito das intempéries que rugiam ameaçadoras? Só ele o sabe... ou talvez não. Há rumos que vão do infinito para o infinito. Quem os traçou oculta a essência e manifesta-se na substância. E os homens seguem esse risco imperceptível, como quem sonha, atrás de sombras indistintas.

O Orville, o Derby ou o Dutra — qualquer nome lhe assenta — é o tipo legendário que reflecte os quadros do espírito e se debruça no cairel em busca de barro para modelar.

Várias inscrições vimos no Instituto. Algumas em verso, subscrevia-as o espírito de Casimiro Cunha, que o Chico Xavier interpretara:

Não te lamentes na luta.
Trabalha contra a preguiça.
A queixa de todo o instante
É plantação de injustiça.

No refeitório, todo a mosaico, quadros encostados à parede:

«É importante que suas mãos se mostrem limpas. Mas é essencial verificar o que fazem» — «*André Luís*»

Lá estava também o poeta citado numa quadrinha inserta no «Gotas de Luz»:

Administras e diriges?
Sê claro, justo e fiel:
O juiz muito piedoso
Faz o povo mais cruel.

E outra, do mesmo autor, conceituosa e flagrante de realidade:

Criança muito amimada
Sem disciplina que apura,
Mais tarde chora na estrada
Ao vento da desventura.

Esta devia ser decorada por todos os educadores, do lar e fora dele.

O que aí fica é de enorme importância. Revela um carácter, denuncia uma directriz. Os roteiros de luz não têm limites determinados...

★

O Instituto Maria é semelhante ao Instituto Jesus. Do Ali Halfeld já dissemos alguma coisa, o suficiente para não mais o esquecerem. Este é destinado a meninas. Tem 25, numa capacidade de 300. Idade? Dos 3 em diante...

Quando chegámos, cantaram o «Hino do Visitante», acompanhado à concertina por jovem professora. Depois cantaram o «Hino do Instituto e ofereceram-nos duas rosas vermelhas e um crisântemo todo branco... Que harmonia no acompanhamento! E cantaram também a «Colina de Maria», suave canção, muito agradável e de sentido espiritualista.

Em seguida, criancinhas de 3 a 8 anos recitaram várias poesias cheias de arte e sentimento infantil e Varia Dutra, filha do Orville, tocou concertina para os circunstantes. Uma linda jovem de 15 anos, profundamente intuitiva, de sorriso alacre que se transmitia, como elixir de juventude. O Magaldi e o Bady ficaram

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

VI

AGITADO

mais novos, pela certa. Mais novos e mais confiantes.

A recepção que tivemos foi o melhor bilhete de visita. E começámos a nossa observação, à direita e à esquerda, de um lado para outro, pois em toda a parte havia coisas belas ou exemplos edificantes. Uma criança forte e alegre, ao colo de senhora respeitável. Mostraram-nos a sua fotografia, tirada quando ingresou no Instituto. Era um ser mumificado, verdadeiro esqueleto indiano que inspirava dó... O milagre da vontade e do amor!

Outro exemplo estava na paralítica que em cadeira de rodas auxiliava o trabalho interno. Era activa, prazenteira. Esteve nove anos na Santa Casa e os dirigentes católicos não queriam transferi-la. Foi o próprio médico que se impôs às irmãs de caridade e aqui circula, afeita ao seu cantinho, olhar vivo, inteligência precoce... Que teria sido noutra vida?...

★

Em pleno refeitório assistimos a grande lição de Evangelho (Aula de moral cristã). Nas suas cadeirinhas de palmo e meio, cantam o «Hino» acompanhadas ao acordeão. A filha do Orville faz a prece inicial. Como poderemos nós esquecer tão formoso cenário? Ainda hoje sentimos o calor das lágrimas que vertemos nesse minuto.

Eram almas vindas não sabemos de onde, que se reuniam para variadas tarefas... Uma pequenina internada nascida sem ouvidos. Vivia em mundo diferente, mas o carinho das irmãs servia-lhe de apoio.

Senhor! Tu sabes por que a lançaste ao mundo... Esta e outras criaturas mal conformadas... E as tuas razões são sempre justas... Teria ouvido demasiado e feito mau uso desse elemento natural?... O passado é obscuro, só a muito custo se desvenda. Seja como for, os mais velhos ajudam os mais novos e o Instituto Maria prossegue no caminho da renovação. Modela os seres, disciplina-os, educa-os em princípios elevados. Querem uma prova? No fim das refeições deixam ficar nas pequenas mesas a fruta e o doce, para habituá-las a resistir à tentação...

Ao lado, uma vasta cozinha de apetrechos modernos, que também serve de escola e onde trabalham à vontade. Os dormitórios enternecem. As camas mais pequenas têm grades à volta.

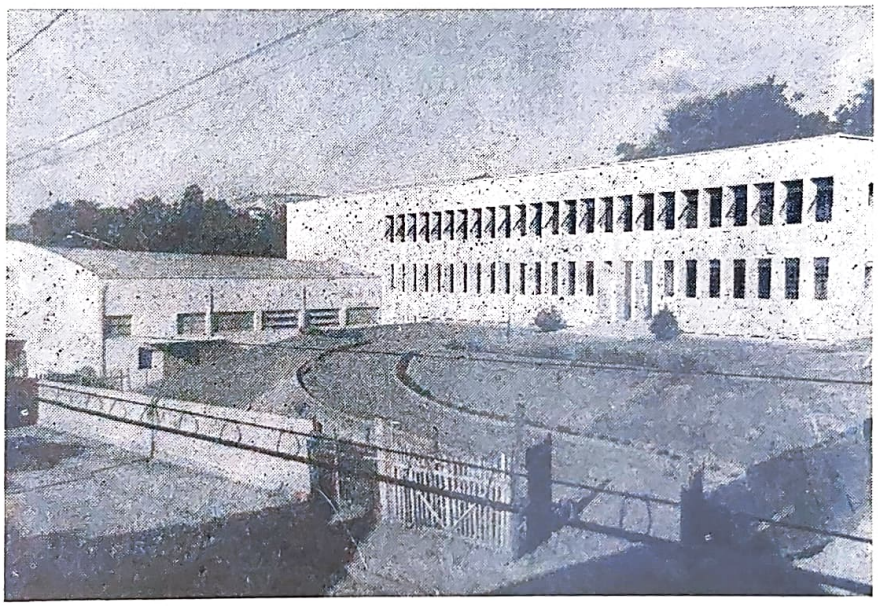
Próximo do átrio, ampla secretaria bafejada de luz e ar. Será o núcleo da acção, o cérebro do movimento fraterno.

No pavimento superior vimos algo de novo. Primeiro, o apartamento da Directora. Mais adiante uma enfermaria com banheiros. No extenso corredor rasgaram largas janelas com grades, não sabíamos para quê... Mas o Orville esclarece:

— Para que as directoras, deste lado, vejam o que se passa no outro. Vigiam de longe as criancinhas.

Quase em frente, magnífico berçário que dez janelas ligam à atmosfera exterior. E perto, seis quartos destinados às que forem crescendo e se tornarão funcionárias... E um salão para roupeiro e costura...

Vê-se bem o alcance do empreendimento a que presidiu critério invulgar...



Instituto «Maria», de Juiz de Fora

★

E o dinheiro? De onde vem o metal sonante? Que sócios tem o

Instituto Maria, de 1.000 metros quadrados de superfície, além de outro pavilhão com a mesma área? O Orville explica:

— Campanhas... tômbolas... donativos... Os sócios são poucos: 650. Mas há pessoas que trabalham de graça. Os médicos, por exemplo. Colaboram por devoção, mesmo que não sejam espiritistas.

— E você abalançou-se...

— Sim. Se a obra é de Deus, não morrerá... Todos concorrem para ela, seja qual for a crença e a idade.

Além disto, que é muitíssimo, há 6 prédios de aluguel e uma horta magnífica, em terreno de cultivo que dá para três ruas da cidade.

A cerca é um grande morro que fornece água corrente ao Instituto. Nessa mata virídente construiu o Orville a «Estrada de Jericó», cheia de árvores frutíferas, desde o A ao Z. O «Poço de Jacob», o «Planalto de Jerusalém», o «Gólgota»... Tudo lá está simbolizado e arrumado...

Mas a obra alargará os limites materiais, porque o futuro a espera. A colina arenosa que se ergue atrás do edifício vai ser desfeita para ampliar a construção...

Há outra surpresa a contemplar ainda. É o «Cinema Paraíso», delineado para rendimento, bem perto da Igreja Matriz. Seiscentas e cinquenta cadeiras. Jogos de luz de aspecto grandioso. Um autêntico Paraíso terrestre! E também auditório de conferências.

Fenómeno curioso: atraídos pelo cinema, que funciona à hora da missa, os católicos abandonam a igreja e o prior excomunga a diversão. Na verdade, este cinema convida o mais renitente. Para que se lembrou o Orville da luz reflexa, das lâmpadas multicores que exercem no homem função irresistível?...

★

Voltámos ao Instituto. E perante o brilho do monumento avaliámos melhor a têmpera deste Homem simples e franzino. Serviu-lhe de modelo o Lar de Jesus, de Nova-Iguaçú, onde outro Homem exemplifica educação e doutrina. As crianças entoavam a «Canção da Despedida». O Orville mantinha o rosto iluminado. Na aula de moral, em colorido painel, o Cristo dava lição aos seus discípulos...

★

Às 9 horas, estávamos na Escola de Evangelho «Neusa Magaldi», do Centro Espírita «Ivon Costa». Neusa e Magaldi... A filha e o pai, cada qual em seu mundo, em sua missão. Um elevado espírito essa Neusa gentil que tem auxiliado e confortado.

O Magaldi não encobria o choque emotivo. Não admira. Quem tiver alma, que avalie o transe.

A entrada do Centro é longa faixa de setenta metros, ladeada de flores: rosas flamantes, violetas singelas, alegrias da casa... Portugal em Juiz de Fora! Nunca a distância pareceu tão pequena!

Esta agremiação é notável de objectividade. As suas aulas de moral são conhecidas no burgo. Há nelas 180 inscritos. Lá vimos a filha do Lindolfo Dutra, linda moçoila, verdadeira «lisboeta». E assistimos à sua lição. Se a pudéssemos trazer à Lusitânia, com o doce enlevo e o donaire do seu porte!... Se pudéssemos!

O Ribeiro Vieira dirige a Mocidade Espírita desta casa. Já o víramos e ouvíramos na União Espírita, no Departamento da Criança. Uma simpatia, este homem vivíssimo. Além do mais é neto de português e médium receitista.

O Centro «Ivon Costa» reúne um grupo de abnegados. Isaltino Silveira Filho é o presidente. E o José Caldas, o Edson Mega, o Major Janusi, o Sebastião Ambrósio e o Nelson Zagueta completam a directoria, todos porfiosos, todos esforçados obreiros da Causa, multiplicando esforço em desdobramento contínuo. Que o diga a Escola Industrial Nazaré que trabalha sob os seus auspícios!

★

Na Escola «Neusa Magaldi» assistimos à «Lição do Bombeiro» em quadrinhos alegóricos que punham à prova o raciocínio dos miúdos. Não havia legendas. Cada um discernia de acordo com a inteligência e a pintura.

Quando a criançada — entre os 4 e os 6 anos — viu o sacrifício do bombeiro para acudir às vítimas do incêndio, uma onda de silêncio percorreu a turma.

— Quem gosta de ajudar os outros? Quem gosta?... — inquiriu a jovem professora.

Quase todos ergueram o braço em gesto peremptório... Quase todos o ergueram... Estava nelas a centelha divina. Onde não chegava a razão, chegava o instinto, que é segunda natureza.

Um grande poeta dizia que as almas infantis eram brancas como a neve e Octávio Feuillet via no coração delas o mesmo sentimento de justiça que exorna as grandes nações. Durante a «Lição do Bombeiro» notámos a presença de um clarão anímico a desprender-se de botões entreabertos... E lembrámo-nos da legenda de Victor Hugo: «Modelar uma estátua e dar-lhe vida é belo; modelar uma inteligência e dar-lhe verdade é sublime»...

★

E agora, Fundação João de Freitas. As 10 horas afloravam no «Cortébert», que eram também as do programa. Poucos minutos restavam para transpor a distância que nos separava desta agremiação. Mas a roda tomou à sua conta o problema, que prestes foi resolvido.

Eis uma obra sólidamente construída e de grande futuro. Dependência da Casa Espírita, vai ser remodelada em breve. O projecto está orçado em 6 milhões de cruzeiros.

A directoria é homogénea. Todos

valorosos lutadores. Epaminondas Braga, que preside, é verbo eloquente e coração sensível. Os outros: Joaquim Rodrigues e Romeu Rodrigues, Silvino Laval, 1.º tesoureiro João de Pinho, patrício e amigo de São Pedro do Sul, Hélio Vieira, Telesforo Nogueira e Finó Puglesi, são elementos preciosos na defesa do património.

No Conselho Fiscal está o Ali Halfeld, do Instituto Jesus. Um grande esteio em qualquer parte. E os restantes, cujo nome não ocorre, seguem na esteira.

Sempre nos interessou a parte beneficente da doutrina e por isso lhe damos relevo.

Cá estão dois pavilhões, um de homens e outro de mulheres. E mais 16 casas para viúvas com família a seu cargo. Tudo com assistência médica...

As receitas são muitas e variadas. Vinte e duas casas de rendimento e uma grande lavandaria contribuem para manter a Fundação, que tem gabinete dentário e consultório médico, salão de barbeiro e três banheiros com chuveiros de água quente e fria. E um painel evidente:

«Este é o reino de Jesus. É a porta estreita do Evangelho»

Há dezoito anos (1955) que estes homens trabalham ininterruptamente, esquecidos de si próprios.

Lá está ao fundo o Pavilhão das Velhinhas. 30 leitos. 30 rosas murchas que um receptor alegra em altifalante. A música é orvalho de almas ternas. Fá-las reviver, fá-las regressar à mocidade. Trocámos impressões com elas e sabiam quem éramos e de onde vínhamos. Já nos tinham ouvido falar na rádio.

O refeitório tem 10 mesas com cobertura de mármore. Ao lado, uma grande cozinha e uma grande copa...

★

Às 10.30 realizámos uma conferência no auditório da Fundação, que se encontrava literalmente cheio. Na mesa, o presidente Epaminondas Braga, o General Alberto Matos Silva, o Bady Curi, da União Espírita Mineira, o Magaldi, o Almeida Cardão...

Grupo de meninas internadas no Instituto «Maria»

João Coragem preparara o gravador eléctrico e o Alto tomou disposição para que o serviço resultasse. E resultou, graças a Deus. Resultou cheio de entusiasmo. A vibração durou muito tempo, para além do serviço, para além da assistência. As obras da fé eram maiores que a fé sem obras. Os que ali estávamos, construtores de novo mundo em formação, apascentadores de ideias em marcha há perto de cem anos, sentíamos que as palavras eram volutas positivas, não arte de esconder o pensamento ou de abafá-lo.

E falou o Epaminondas, estusiástico e varonil, como quem ergue um estandarte; e o Bady, incisivo e eloquente; e o Magaldi, desdobrando as ideias na seara do coração. Não sabemos quem mais falou. Mas o que não dissemos era superior às expressões vocabulares daquele dia solene, harpa de mil cordas sem lugar na discoteca... Era muito superior... Ainda assim, a nossa passagem pela Fundação deixou marca indelével.

E sempre em grande velocidade saímos daquela casa em regresso ao Hotel, para repousar e almoçar e caminhar de novo, obedientes ao roteiro...

★

Na cidade de Três Rios lavrava grande entusiasmo. Ali estavam concentradas as Mocidades Espíritas de Santanésia, Barra do Piraí, Barra Mansa, Marquês de Valença, Volta Redonda, Pinheiral, Mendes e Resende, com representação do Departamento Federal das Mocidades Espíritas e de outras Mocidades, entre elas a de Marília Barbosa, do Ramal de Santa Cruz. E por isso não podíamos faltar ao certame. Os moços tinham requerido a nossa presença... Não poderíamos faltar. Eles sabiam que sempre os estimámos e incitámos, que «Estudos Psíquicos» desempenhara grande papel no Congresso Nacional das Mocidades realizado no Rio de Janeiro. Não se tinham esquecido. E nós também não.

A Mocidade! Júlio Dantas chamou-lhe «corrida vertiginosa em que se colhe a flor da vida». E mal temos tempo de lhe aspirar o perfume. Entusiasmo febril, riso alacre, esperança sem limite... A Mocidade ganhou o mundo aos velhos e cedeu-o aos que vieram atrás.

É preciso que as ilusões caminhem

à frente do homem. Elas é que o acicatam, é que o impelem aos maiores cometimentos. A Mocidade brasileira não sabe que é mocidade. Caminha cingida ao conceito de Afonso Lopes Vieira: «Se um moço diz: «Eu sou moço!», perde a divina inconsciência da mocidade e envelhece». Assim, repetimos, não poderíamos faltar...

E fomos...

★

Às 13,30 o confrade José Caldas levou-nos a Três Rios. Ia também o Magaldi. Duas horas a boa média quilométrica, rumo à 6.ª Concentração das Mocidades. A estrada já sabem que era dura. Apesar do nosso cansaço, não pudemos recusar, tanto mais que o Amadeu Santos nos pedira que não faltássemos.

Os leitores já conhecem o Amadeu, verdadeiro moço inconsciente da mocidade, jurista, filósofo, poeta, orador, jornalista... Uma enciclopédia útil nas horas boas e más. E ainda por cima nosso dilecto amigo e dilecto companheiro.

Duas horas durou a travessia sob o pulso treinado do condutor. Quando chegámos, o salão do Grupo Espírita Fé e Caridade estava literalmente cheio. Mais do que isso: trasbordava de assistentes vindos de todo o Estado. Com dificuldade alcançámos a Mesa. Nunca vimos mais fé e mais entusiasmo. Era a juventude sadia, mola retesada em marcha para mundo mais perfeito.

O Magaldi falou primeiro. Substanciosa peça dirigida aos jovens, directriz e conselho. «Estudos Psíquicos» arquivou-a em suas colunas.

Depois ergueu a voz o Amadeu. Nunca lhe ouvíramos oração mais vibrante e mais bela. Ungido pelo Alto, voz bem timbrada, convicção e firmeza a irradiar centelhas, teceu louvores à nossa viagem, que todos — afirmou — consideravam arrojada e providencial. E acrescentou:

— Foi a primeira viagem no género e ficará gravada no coração dos brasileiros!

Quando nos convidaram a falar, um sorriso bondoso irradiou pelo auditório onde faláramos na antevéspera. Sorriso benevolente de absolvição à nossa precariedade — estávamos tão cansado! — com boa dose de simpatia. Muitos deles tinham vibrado connosco...

Dirigimo-nos aos moços, possuído de rara emoção. Lembrámo-nos do tempo heróico da juventude e exortámo-los ao trabalho fecundo sob orientação de abalizados mentores, medindo bem a responsabilidade que assumiam. Que o Ideal consagrava sempre o lutador sincero, cujo esforço requeria, mas ai daquele que desertasse por falso interesse ou leviandade sem perdão. Que era preciso trabalho constante, por vezes inglório, a fim de consolidar e ampliar a seara espírita, evitando os cegadores insensatos que viessem colher as melhores espigas. Que o Brasil estuava de exaltação fraterna e que a Mocidade Espírita, eivada de entusiasmo e de cultura, dava exemplo renovador digno de imitar-se em todo o mundo.

Um trecho do Parque de Juiz de Fora

Ao cabo de 20 minutos de oração demos-lhes o abraço carinhoso da mocidade espírita portuguesa. Não estava arregimentada, mas seguia atentamente os passos dos seus irmãos de além-mar.

Muitos abraços houve no fim da reunião. Tantos! Tantos!... Um verdadeiro oceano expansivo!...

Em seguida várias obras foram sorteadas. O nosso livro «Dois Mundos» coube a gentil senhorita. Autografámo-lo, como autografámos outros de nossa autoria.

Voltámos a trocar impressões com Acir Faria e Antenor de Sousa. Este viera de Cruzeiro para assistir ao acontecimento. Dois homens bons, dois esteios da Doutrina. Fez-nos bem o seu abraço. Aquela solenidade chumbara-nos ao sítio, como diria Camilo. E só a custo regressámos a Juiz de Fora, com o Amadeu, o Lindolfo e o Magaldi, conduzidos novamente pelo mesmo pulso que nos levara.

O Hotel Imperial tinha mais um hóspede: o brilhante orador de Três Rios, esse Amadeu jovial que rescende alegria a mancheias e nos terá de acompanhar a Belo Horizonte e a Pedro Leopoldo...

★

Repousámos um pouco, vibrando e meditando, e jantámos com o Amadeu, que não nos cansamos de apreciar nas mais variadas facetas psicológicas. Onde não iriamos com ele, com a sua bondade, a sua benevolência? Onde não iríamos? A esquecer o mau, a ampliar o bom, pronto a desculpar ofensas, a servir amigos e indiferentes, eis o protótipo do espiritista!

Apresentámo-lo ao gerente, que também é proprietário, e a conversa

AOS IRMÃOS QUE VÊM DE LONGE...

Irmãos, irmãos,
que vêm de tão longe
cansados das sombras do caminho,
que vêm de terras longínquas,
áridas, desertas,
de pranto e de dor;
que vêm de tão longe,
atravessando rios,
galgando montanhas, abrindo os vales,
perfurando túneis, rasgando estradas;
que vêm de tão longe,
trazendo filhos, mulheres e os bois,
os trens de caça no lombo de um burro;
que vêm de tão longe,
exilados...
Irmãos, irmãos,
a terra aqui é fértil,
vicejam as plantas
na imensidade do campo...
O céu é benfazejo,
as águas são puras e leves,
as crianças brincam sem temores
e os velhos terão seu descanso.
A vida é de trabalho,
de cultivo da terra,
de sementeira.
Desde a manhã a vida é de luta,
de luta serena.
E tudo é alegre e tranquilo...

Irmãos que vêm de tão longe,
esta é a terra prometida,
a terra da consolação,
a Pátria Espiritista...

(Recebido pelo médium Francisco Luciano)

girou à volta de Portugal... Que saudade não sentimos da nossa terra! E mais ainda, quando chegou o Almeida Cardão e o Lindolfo Dutra, a arrastar-nos para a Casa Espirita, onde iríamos proferir outra conferência...

Os leitores avaliaram, decerto, a extensão do dia 29 de Maio, apesar de não lhe termos chegado ao fim. Não são os minutos que reflectem o trabalho. Isso pertence ao tempo cronológico, em movimento «que os moços desejariam mais rápido que o do automóvel, e os velhos, se pudessem, tornariam nulo, como o da poltrona», no falar pitoresco de Agostinho de Campos. Que importa o giro dos ponteiros, se o esforço humano desdobra a tarefa numa hora e a diminui em duas? Por estas e outras é que a relatividade deu caça ao tempo. Mas nós — pelo sim, pelo não — continuamos a sentir os seus estragos, no martelar das intempéries, nas emoções boas e más, nos anseios, na actividade geral do espírito, sempre inquieto, sempre interessado na própria evolução perquirida e registando os movimentos telúricos, as perturbações atmosféricas, as correntes marítimas e os fenómenos astronómicos com atenção contínua, para avaliar, comparar e deduzir.

Assim, não é possível integrar todo o dia de hoje nesta crónica que já vai longa. O resto será incluído noutra, igualmente cheia de impressões.

É a primeira vez que o capítulo não chega para tudo. A tirania do espaço — comparsa do tempo — tem efeito no labor terreno, não falando em suas leis específicas que levaram o homem à criação da estética e a lutar pela síntese. Infelizmente, mesmo resumindo, ultrapassámos a extrema. Que havemos de fazer? A Casa Espirita é coisa de respeito, não poderíamos limitá-la. Seus departamentos a caracterizam, seus dirigentes a impõem, seus objectivos a tornam credora de admiração. Nesta resenha de factos, neste balanço de opiniões em que temos homenageado a alma feminina, há campo para novas referências, sempre lógicas, justas e oportunas. E fazer justiça é o fim essencial de quem serve a Doutrina.

O esforço que dispendemos não se perde nem perderá. É mensagem da hora presente. Vemos um quadro excelente e traduzimo-lo em simplicidade e verdade, através da nossa inteligência e da nossa observação, breve umas vezes, outras em pormenor, mas sempre exacto e real.

Não fomos ao Brasil para louvar e incensar. Fomos para observar, para auscultar e sobretudo comungar na divina exaltação de milhões de seres que o Espiritismo incita e reforma. Eles nos chamaram com requintes de amabilidade. Dizer como nos receberam, descrever as paisagens, traduzir os pensamentos, estudar as almas, tudo pertence à missão de quem se integrou no quadro folclórico, moral ou espiritual de um povo que fala o mesmo idioma, que sente o mesmo sangue e a mesma aspiração grandiosa a impulsioná-lo.

Levará seu tempo, mas diremos o que for necessário.

Natal dos Necessitados

Recebemos mais os seguintes donativos que agradecemos:

Transporte do último número	6.288$30
José Vicente Freitas, de Beja	20$00
Dinis Clemente, de Lisboa	20$00
J. A. R., de Lisboa	10$00
António Cardoso, de Lisboa ...	20$00
Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa	50$00
Armando Mendes Madeira, de Lisboa	20$00
José da Silva Bonifácio, de Ovar	20$00
Aires Vaz Raposo, de Lisboa	100$00
António Constantino Brites, do Cartaxo	10$00
Ilda Grácio, de Lisboa	20$00
Júlio Guião, de Lourenço Marques	35$00
Francisco Paulino Mendes, do Funchal	50$00
Artur Joaquim Dias, de Lisboa	15$00
Maria e Mário, de Lisboa	50$00
P. de Sarmento, de Castendo ...	20$00
Transporte	6.748$30
A transportar	6.748$30
Cláudio da Silva Santos, da América do Norte	28$30
Joaquim F. Sismeiro, de Leiria	25$00
Manuel Roxo, de Vale de Figueiras	5$00
Tatwa «Elifas Levi», de Vendas Novas	100$00
Total	6.906$60

Como foi anunciado, em 23 de Dezembro último, às 9 horas da manhã, começou a distribuição de agasalhos, na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, a cargo do Grupo «O Joãozinho». Constou de mais de 400 peças de roupa: vestidos, saias, camisolas, bibes, calças, combinações, calçado, sob a direcção da nossa consócia D. Adelaide de Jesus Pires, que tem sido incansável na aquisição de donativos para os necessitados. O Grupo de Caridade «Lia» também concorreu durante o ano para esta festa simpática.

As salas do Centro eram pequenas para conter a enorme multidão que as enchia, trasbordando para a escada até quase ao 2.º andar. Houve também distribuição de brinquedos, sanduiches e artigos de mercearia.

No dia 24, às 14 horas, procedeu-se à primeira distribuição de donativos adquiridos pela subscrição do Natal, sendo contempladas mais de 200 famílias.

Às 16 horas do mesmo dia, nova distribuição de agasalhos e donativos a cargo do *Grupo de Protecção às Crianças* do Centro Espiritualista Luz e Amor, dirigido

Um aspecto do *Grupo de Protecção à Criança*

por D. Júlia Soares que, há perto de 20 anos, coadjuvada por obreiras de relevo, se tem desdobrado em esforço benéfico.

Muitas foram as criancinhas que beneficiaram da acção do Grupo, não só neste dia, como durante o ano de 1956. Todas as 2.as feiras as suas componentes se reunem no Centro, na nobre tarefa de confeccionar enxovais e roupa diversa que vão distribuindo pelos necessitados. Desta forma se entregaram 5 enxovais completos para recém-nascidos, 20 enxovais para meninas dos 3 aos 7 anos, 5 enxovais para meninos dos 2 aos 4 anos e 8 peças diversas de vestuário, no valor de 8.000$00.

Um aspecto do Grupo «O Joãozinho»

No dia 4 de Janeiro de 1957, aniversário da desencarnação de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia), fez-se nova distribuição de donativos a mais de 120 necessitados.

Os donativos endereçados à Subscrição do Natal que chegaram depois foram entregues ao Fundo de Beneficência do Centro, para socorro à pobreza envergonhada.

Agradecemos a todos os contribuintes, formulando os mais sinceros votos de saúde e paz espiritual no sentido de receberem a divina recompensa.

Notícias de Maceió

O nosso confrade Jaime Xavier, Silva, representante de *Estudos Psíquicos* em Maceió, Estado de Alagoas, enviou-nos um punhado de notícias, que vamos transmitir aos leitores.

Fraternidade Cristã — Os Legionários da Campanha do Quilo da Federação Espirita de Alagoas trabalharam imenso para dar um Natal feliz à pobreza envergonhada.

Escola Regional da Campanha do Quilo — Há 16 meses que faço esta utilíssima campanha, à qual pertence minha esposa, meus filhos Paulo, Maria Teresa Lima Silva e Flávia, além de uma cunhada viúva e seu filho Joaquim Álvaro.

Escola Maternal «Noemi Lício» — No ano de 1957 teremos esta escola. Mais uma dependência do Centro Espirita «William Crookes», que já tem o Jardim Infantil «Bezerra de Meneses», o Grupo Escolar «António Pombo» e a Creche Modelo «Leopoldo Pereira».

Centro Espirita «José Eusébio — Continua muito bem esta instituição, que tem a seu cargo mais de 140 doentes. O seu Jardim Infantil encontra-se quase concluido. Mesmo assim, já funciona com 48 crianças e respectivos professores.

«Ecos de Uma Viagem» — Quando teremos a grande satisfação de ler nesta rubrica a referência sobre Alagoas? Será em Março de 1957? Estou ansiosíssimo por saber o que dirá do nosso Maceiózinho. A minha graciosa Célia, a que lhe ofereceu três sonetos, envia-lhe recomendações e paz.

Educandário «Humberto de Campos» — A Mocidade Espirita «Humberto de Campos» está a construir em Poço, distrito de Jaragué, o Educandário que nos serve de epigrafe e cujo edifício está adiantado. Será para a Mocidade e para cursos primários e secundários.

«Mensageiros do Lar» — Em 21 de Setembro fundámos a escola de evangelização «Mensageiros do Lar» para levar a pregação do Evangelho a todos os lares que o solicitem. Já fizemos 13 visitas e temos mais nove pedidos.

Aos confrades alagoenses, os nossos cumprimentos com votos de progresso. Aguardem, que a seu tempo muito falaremos sobre a linda capital de Maceió.

SUA MAJESTADE O DOGMA

Por ISIDRO INDA

Saber é uma coisa; mas crer que se sabe é outra. Saber é ciência, mas crer que se sabe é ignorância.

HIPÓCRATES

Este pensamento do célebre médico grego a quem chamam o *Pai da Medicina*, orna a primeira página de um boletim bimensal de divulgação científica. Não pude resistir à tentação de transcrevê-lo, por vir a propósito e concordar com a finalidade deste artigo.

É um ensaio de crítica construtiva ao *dogma* científico, do ponto de vista espírita. A proposição que se baseia «firme e certa» e como «princípio inegável» nalgumas ciências tomou o nome de dogma; e diz-se que é dogmático não só o que pertence aos dogmas da religião, mas também o que tem «ares de magistral e pedantesco».

Vemos então que o dogma é assim como um princípio convencional ou ponto de partida para afirmações posteriores que se alicerçam no inconsistente e discutível, pelo menos sujeito a modificação e revisão em tempos futuros.

No meu conceito, o Dogma (científico ou religioso) é um obstáculo que todos o shomens livres têm sido obrigados a saltar para continuarem o seu caminho. É o representante das forças retrógradas, daqueles que se aferram ao dogma e que, lamentàvelmente e sem dar por isso, se tornam reaccionários, intransigentes e intolerantes, a pouca distância de fanáticos orgulhosos.

A ciência médica, embora conheça muito bem a participação ou colaboração do espírito em todas as nossas actividades, tem especial cuidado no emprego de seus termos, sem o nomear. Um exemplo: no boletim citado apareceu a colaboração de um médico, parece que especializado no desenvolvimento físico e psíquico da criança, mediante exercícios atléticos de acordo com «os novos tempos».

Como ataca dissimuladamente o «presuntivo director de jogos» que impõe a sua vontade «discricionária», pude ler nas entrelinhas. Eis mais ou menos o seu pensamento com algumas interpolações que a sua leitura me sugeriu:

«O desenvolvimento integral das crianças — seres em formação — adquire-se mediante a realização em conjunto de todas as actividades harmónicas e recreativas. Deste modo, para se obter o máximo, no físico e no psíquico, deve predominar o livre arbítrio», que mais não é que o direito natural no pleno gozo da vida, sem infringir as leis da natureza e as leis divinas.

A nova orientação da cultura publica assim o reconhece e assim se vai eliminando dos programas o aborrecimento da obrigatoriedade, que actua como energia negativa.

Por outro lado, o factor «bom estado de ânimo» é indispensável, em virtude da alegria que se experimentou em determinada função, quer seja jogo ou trabalho.

Tanto o livre arbítrio, como o «bom estado de ânimo», pertencem à órbita do nosso espírito e bem nos parece que a ciência moderna tende a aceitá-lo.

Esta nova concepção e modo de encarar os problemas educativos tem, ao mesmo tempo, aspecto físico e psíquico, tende, como dizem os especialistas, a adquirir a plenitude «psico-somática» (espírito e corpo) do indivíduo.

Incluído, pois, este novo termo pela medicina oficial, não é de estranhar que, pouco a pouco, esta nobre ciência tenha começado a mudar de rumo na apreciação do ser humano, ganhando sempre que reconheça que a maioria das doenças têm origem no espírito.

Estamos a chegar à época em que as teorias arrevezadas nada representam para os factos. (1)

Os seus partidários e mantenedores reconhecerão que o «dogma científico» perde terreno, mas o certo é que, no dizer de A. Butlerof (2) todo o fenómeno natural cai sob o domínio da ciência, a qual, analisando-o, se enriquece.

A arte ou ciência de curar atravessa uma crise que, felizmente, vai vencendo. Bem o demonstra o conhecido médico Dr. Inácio Ferreira, na sua obra «Medicina e Espiritismo», quando diz: «Os homens que a representam foram-se gradualmente transformando; e ela — pobre ciência médica — deixou-se envolver pela adoração e obediência hipócrita e pela egoista veneração dos convencionalismos, até desembocar no «dogma científico».

Ainda que se interprete com audácia, é necessário dizer que «o Espiritismo moderno e científico, qual fio de Ariadna, é para a psicologia e psiquiatria a luz condutora no labirinto das dúvidas e incertezas em que têm penetrado e onde vivem estancadas, sujeitas a tatear ás cegas em busca de saída airosa. Com os sentidos travados pelo dogmatismo, pelas demonstrações de «orgulho e grandeza», jamais conseguirá a psiquiatria ou a terapêutica oficial separar ou isolar essa força incognoscível (dinamo-psiquismo de Gelev) que representa a vida no movimento, inteligência e raciocínio através da matéria». (3)

É histórica a luta crescente da ciência para se emancipar do dogma religioso que, durante séculos, a teve manietada. Pois o Espiritismo moderno vive a mesma batalha para que o dogma científico lhe não tolha os passos.

É curioso observar as metamorfoses da mentalidade universitária. Da sua torre de marfim, onde quer perpetuar-se incólume, tem-se negado sistemàticamente a estudar o fenómeno psíquico, a comprovar os factos, a deduzir a causa que os produz ou os meios empregados para que deixem de produzir-se. Receará que essa atitude seja um rude golpe na sua altivez ou no seu orgulho? Ou será ódio ou medo o que sente acerca do problema? Se é ódio, lembramos que só se odeia o que se teme; se é medo de ferir o orgulho, então convém saber que o orgulho é mau conselheiro, sobretudo quando se trata de investigações científicas. A ciência só deve procurar a verdade e a verdade é Deus.

«Na antiguidade, a Religião e a Ciência eram irmãs gémeas. Por seus atributos reversíveis, a Ciência era espiritual e a Religião científica. Da Omnisciência derivava a Omnipotência. Enquanto a Religião

(1) Dr. Inácio Ferreira.
(2) Catedrático da Universidade Imperial de S. Petersburgo.
(3) Dr. Inácio Ferreira, «Medicina e Espiritismo».

O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS DO MUNDO

Por SALVADOR GATTO

(Do Ateneu Espirita, de Avelaneda)

O progresso do mundo em que vivemos é proporcional ao grau evolutivo dos seus habitantes. De tal forma que, sendo Lei, não se nota num todo colectivo, enquanto de facto e de direito não frutifique na alma dos povos, como desejo veemente ou floração suprema de um ciclo de elevação superior.

Estas coisas, tão transcendentais para a história popular, não se objectivam no tempo cronológico. Pelo contrário, as suas fases gradativas se conformam e ligam sòlidamente à cadeia do progresso universal, com relação a todas as conquistas humanas. Assim, quando uma conquista, um conceito ou uma lei tenham sido superados, acusam valor real, visto estarem no seu verdadeiro nível. Enquanto isso não suceder, os níveis serão fictícios, resultantes passageiros de esforços para os infundir na alma dos povos, experiências cujos conceitos, dominados por individualidades selectas, ainda não penetraram no âmago da colectividade. Mas, quando o nível é alcançado, não há força humana capaz de impedi-lo, pois constitui a verdade, a luz e a razão do ser e do destino, uma vez que o destino é construído pelos homens, em seu afã de compreender Deus, causa primária de todas as coisas.

Por isso a falange espiritualista, que possui a mensagem da verdade revelada, não deve manter-se alheia às conquistas de ciclos superiores que se avizinham e que sempre se têm verificado. É um facto inegável que a humanidade, no seu desejo de luz e de progresso, no seu aspecto dinâmico, caminha para a conquista total da energia material. Como individualidades capazes de interpretar a mensagem, o nosso dever é difundi-la aos nossos semelhantes para que neles frutifique. Não esconder a luz debaixo do alqueire, tal é a lei. Despertar nos povos o conceito de responsabilidade que significa o nível alcançado no aspecto nuclear, a terrível potência que origina a electricidade atómica, susceptível de desintegrar o planeta e toda a sua criação; e, na sua falta, fazer brilhar aos olhos humanos a única vereda da felicidade, pelos rumos pacíficos, tornando a vida mais doce, ultrapassando as indústrias, alargando o comércio, elevando as ciências ao apogeu de fraternidade até hoje nunca vista, unirá as raças, países, ideias e religiões num esforço comum para melhor desfrutar os bens terrenos.

Demonstrando que o inimigo do homem não é o seu semelhante, ainda que este se harmonize com outras ideias, outros princípios e disciplinas diferentes das suas? Não, porque esse inimigo está em si mesmo. Está na sua consciência, na sua própria alma, que é a base da personalidade, com paixões insatisfeitas, apetites desenfreados, desejos inconfessáveis, domínios de conquista, ambições temporais, instintos atávicos enquadrados no ser e que o devem suplantar, repelindo o orgulho, o egoísmo, e a vaidade, mediante conquistas de ordem moral, único meio de atingir a hierarquia dos homens de bem.

Nesta luta estão duas forças: a dos que defendem o seu reduto, custe o que custar, e a dos que vislumbram o sol da verdade sem mancha. Os que se aferram a conceitos arcaicos e os que se envolvem numa visão panorâmica mais ampla da alma. Os que sacrificam tudo para servir cegamente uma causa superada e enganadora e os que não desejam amordaçar a consciência, embora se julguem depositários das verdades eternas.

O mesmo acontece no aspecto político, económico e social, problemas estes que têm origem na parte moral; e de tal maneira, que já se assinala a inspiração de Allan Kardec, quando diz que «o mal social é o mal moral.

Por isso é nosso dever levar o homem ao bom caminho — lei da causalidade —, uma vez que se engana na rota, porque a maior parte das vezes luta em posição falsa, julgando que defende uma grande verdade.

Afastar do homem a ideia de guerra e de revolução e incutir-lhe o de evolução de consciência, visto que as revoluções e as guerras são sacrílegas aos olhos de Deus por se nutrirem de sangue e tornarem o homem lobo do homem, enquanto a evolução de consciência é o resultado de um processo de superação gradativa dos povos que amadurece e frutifica, a fim de adquirir por lei o que por lei lhe compete. É uma ética maior no jogo eterno dos direitos e deveres. Picareta demolidora que prossegue impávida em seu labor ascendente, demolirá por fim o edifício milenário erguido pela força.

Mas não nos enganemos. As guerras e as revoluções são circunstâncias cruciais e fantasmáticas no plano terrestre, porque ainda não aprendemos a lição da paz, que se encontra à beira dos caminhos, na cúspide das religiões, no pináculos das doutrinas e filosofias, na consciência de todos os governantes e na alma de todos os povos, esperando que, por cima dos interesses criados, dos bens temporais e da sede de domínio, o homem a descubra para alcançar a felicidade.

Quando superarmos esta pobre condição humana compreenderemos a essência da revelação no próprio Cristo, embora seja necessário recorrer à chamada *Terceira Revelação*, que é o Espiritismo, a escola do mundo no terceiro milénio que chegará.

---

e a Ciência constituiram uma dualidade unitária acertaram perfeitamente, porque a intuição espiritual supria a limitação dos sentidos corporais; mas quando se separaram por desdobramento, a Ciência fechou os ouvidos à intuição e a Religião degenerou em «teologia dogmática». Desde então, uma e outra têm sido corpos sem alma (1).

Estamos em frente de um dilema: ou a Religião se torna mais científica ou a Ciência se torna mais religiosa.

(Tradução de I. D. S.)

(1) H. P. Blavatsky, «Iris sem Véu», 3.º volume, pág. 352.

A MORAL

por Eduardo F. da Conceição

7.º

A moral e a tradição são incompatíveis, porque o homem tende ao abuso, do qual só a experiência o liberta, através da dor, consumida pelo tempo. A tradição escravizou-o, de modo que os transviados montam a cerca de 95 %. Quanto mais se ilustram, mais se convencem de que sabem viver. Cingidos aos sentidos comuns, pelos quais só procuram gozos, escusam-se ao conhecimento de tudo quanto os excede. E é assim que a verdadeira moral aparece torneada com adulações ou sarcasmos.

Ora, sendo frequente o encalhe do pensamento em certos açoreamentos, pouco frutosos podem ser os esforços dos homens de boa vontade, que procuram iluminar os atrasados, alucinados pelo vício das riquezas e das orgias.

Tal é a causa da decadência do Velho Mundo, sempre a contas com os mesmos problemas, sem nunca encontrar solução para eles.

Quanto mais se multiplicam as Universidades, os seus derivados e os meios de publicidade, mais o mundo avulta em controvérsias, perturbações e guerras.

É através da ilustração que o erro assume maiores proporções. O ignorante, desconhecendo a Natureza donde deriva, desconhece-se a si próprio. E só assim se explica que de muito pouco tivessem servido os ensinamentos dos antigos que esculpiram no Templo de Delfos esta máxima de profundo significado: «Conhece-te».

Cada vez aumentam mais os candidatos aos pergaminhos sedutores, mas a verdade é que os diplomas quase têm servido para os desviar do verdadeiro caminho e preterir os incautos.

Muitos jovens transpõem as escolas, sem chegarem a conhecer as leis retribuidoras da Natureza, pelas quais os infractores se reencontram com as suas vítimas, para que sofram o efeito das suas obras. Tal é a lacuna que atrasa a evolução da humanidade.

Os jornais, as revistas, os livros e os Rádios, avultam por toda a parte, mas a colheita moral cada vez é menos frutuosa, porque as florações do espírito são preteridas pelos interesses inconfessáveis.

Os povos tanto prevaricam embargando, como acelerando a civilização. Em qualquer dos casos são vítimas do sentimento, que gera as oligarquias exploradoras.

Os centros urbanos, criados em ritmo acelerado, contêm no aceleramento o germe da sua rápida destruição.

O homem fez do absurdo a sua lei. Contaminou-se de seitas, mùtuamente contraditórias e rivais. A força imposta pela tradição restringe as faculdades humanas.

Tal é a razão do erro em curso, pois aquilo que vai além das limitações que o homem impôs é infinitamente superior.

A Teosofia e o Espiritismo (que remontam a todos os tempos da humanidade), ultrapassam a meta do materialismo. São os meios mais racionais de alcançar os conhecimentos transcendentais.

As faculdades latentes no homem, e que mais importam ao seu progresso espiritual, são precisamente aquelas que o vulgo mais desconhece.

A Teosofia cultiva a dupla visão (clarividência), a ascese e a intuição. O Espiritismo, através dos seus médiuns, atrai e encorpora os imortais. É por estes dois meios (o natural e o artificial), que surgem as revelações do além-túmulo, segundo as afinidades, pois que o Universo é regido por leis de atracção e repulsão, em que os afins se atraem da mesma forma que os contrários se repelem.

Ora, estando calculado que, nos dois mundos a que estamos sujeitos, existem cerca de 60 biliões de almas, das quais 40 biliões graduados pelos sete planos superiores, donde dimanam os grandes ensinamentos, e as restantes da Terra e na sua atmosfera, como errantes, mortais ou imortais, que se religam pela afinidade, é bem de ver o quanto é perigoso desconhecerem-se estes fenómenos, cuja influência decide da sorte da humanidade.

Enquanto os manes buscam as cabanas e os campos, para amenizar a vida dos campestres, os duendes enxameiam os palácios, as cidades e as estradas, para perder aqueles que cultivam as orgias.

Quem se desvia das leis naturais cultiva os prazeres descontrolados ou as perseguições que vão até à loucura e à morte prematura ou desastrosa, e tanto mais quanto mais for actuado pelos imortais, que erram na atmosfera terrestre, com as mesmas inclinações e vícios, que tiveram como mortais.

Em todo o mundo, a mediunidade, consciente ou inconsciente é fértil em exemplos desta Natureza.

Não se iludam os cientistas oficializados, com a importância que se atribuem ou que lhe atribuem. Outros valores se erguem nas esferas extra-oficiais.

Os estudiosos são surpreendidos pelas revelações dos grandes médiuns, como Francisco Cândido Xavier, um dos mais modestos burocratas do Brasil, e Pietro Ubaldi, professor de instrução secundária. E como eles tantos outros, que excedem em muito a capacidade dos homens vulgares.

Como a Natureza é incompatível com a ostentação, em regra os génios brotam das camadas mais humildes. Perante os desígnios da Natureza mais vale ser pobre do que rico. Nem doutra forma o Cristo teria dito que era mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus.

A asfixia moral da humanidade é devida às seitas embargadoras.

É pela dor, pela acção do tempo, que os transviados se submetem à verdade, que nobilita. Essa verdade só é acessível àqueles que atingiram os necessários graus de evolução; esta é a razão por que os teósofos e os espiritas aconselham que as suas doutrinas não sejam impostas ninguém. A imposição implica reacções dissonantes e dessintonizantes, que contravertem a harmonia, que deve reinar entre todos.

O lema liberdade, igualdade e fraternidade tem plena justificação.

As distinções arbitrárias, com que o homem se pavoneia, são incompatíveis com a moral, que impõe deveres.

O supérfluo só é cultivado por quem desconhece a Natureza. Consumir por conta do futuro ou sangrar para acumular riquezas, é criar encargos de consciência, que a Natureza não deixa impunes. Os saldos positivos ou negativos só são criados por quem se perde ou perde os outros.

Quando o erro alcandora os me-

nos hábeis, nem os profetas lhe resistem. Se o Cristo tivesse acumulado as prerrogativas eternas e temporais não o teriam ultrajado nem morto, como o fizeram, a Ele e a outros profetas que o antecederam.

Os que vivem na ilusão de que são sábios recusam-se a conhecer a Natureza, contraditam e ridicularizam tudo o que desconhecem e atribuem a sugestões ou a alucinações o que refutam sem base.

O pretensioso é um atrasado que prefere encostar-se às seitas que sirvam as suas ambições, do que aceitar a verdade que ilumina.

O homem só sacrifica o seu Ego pela comunidade, quando se espiritualiza.

Só então tem a consciência das responsabilidades a que não pode fugir. A Natureza prodigaliza o que é necessário à vida, mas só a temperança, que depende do livre arbítrio individual lhe ressalva a saúde.

O homem é tanto mais ridículo e desastroso, quanto mais se devota aos vícios e às superfluidades, como o tabaco e o álcool. Os maus usos e costumes têm-lhe pervertido os sentidos, até ao ponto de se adoptarem indumentárias que atentam contra a livre respiração dos poros.

O homem que começa por se escravizar, não duvida escravizar os outros. A exploração do homem pelo homem é atentória da harmonia que o identifica com Deus.

A cultura do físico, do intelecto e da moral, forma o complexo do homem equilibrado. A humildade é atributo da boa vontade. Vale mais o ignorante humilde do que o sábio pretensioso.

As civilizações nascem e renascem como os homens. Quando obscurecidas, enfermam dos mesmos defeitos, dos mesmos abusos e das mesmas dores. Ao tornarem-se intoleráveis surgem os cataclismos sociais ou cósmicos, que alteram as fisionomias políticas ou geográficas. A felicidade começa pelo espírito e acaba pela matéria, para regressar à espiritualidade, através de provações e expiações; mas a felicidade que o vulgo procura é que mais o ilude.

Diversas são as profissões humanas, porque diversa é a sua capacidade. Menosprezar umas e glorificar outras é desconhecer a interdependência de todas elas. Mas pior do que tudo é errar a vocação, pela satisfação de ambicões.

Sem o reajuste dos legados e sem os retornos, que reabilitam os antepassados, não ascenderemos aos planos superiores onde a equidade se projecta sem preterições.

Na Natureza todas as criações esplendem pela liberdade; mas a do homem só é legítima, quando não pretere os direitos alheios.

A Natureza é retribuitória, mas como a História não raro distancia os factos uns dos outros, raros são aqueles que se apercebem da sua correlação.

Quando as sociedades rebaixam a sua mentalidade, os maiores descem ao nível dos menores. Assim tem sucedido até entre as nações mais civilizadas, de que a América é um exemplo citado por Alexis Carrel, no seu livro póstumo «O Homem Perante a Vida». Estas realidades demonstram a insuficiência do ensino público.

Os pergaminhos preteridores invertem as capacidades e desmoralizam as suas vítimas.

A condição humana é desnivelada pela ambição dos audaciosos que culminam por toda a parte, com o seu reflexo nas greves reinvindicadoras.

Se as sociedades não estivessem mal organizadas, não seria possível estarem uns mal instalados na vida e outros bem.

As democracias e as autarquias, contraditam-se, porque a razão depende mais da consciência do que da ilustração.

As maiorias representam a vontade de todos, ao passo que as minorias se circunscrevem aos desejos dos grupos. É assim que se distinguem as democracias das autarquias.

Quando a moral é desprezada, a palavra oculta o pensamento e a acção pretere o útil ao supérfluo.

As leis naturais são o índice das leis sociais, mas os homens criam leis aos montes com textos desmedidos, como se a síntese dignificante devesse ser preterida pela prolixidade desorientadora.

A prolixidade impôs às fórmulas juramentos ou compromissos de honra pela verdade desprezada pelos homens, como se a assinatura dos depoentes não fosse suficiente para impôr responsabilidades.

O vulgo desconhece os melhores valores, como: Rhama Krishna, Buddha, Hermes, Zoroastro, Orfeu, Pitágoras, Sócrates, Platão, Lao-Tsé, Confúcio, Christo, Heráclito, Aristóteles, Galileu, Newton, Lavoisier, Copérnico e tantos outros, que contrastam com os campeões de boxe, das touradas, do futebol e de toda a sorte de maratonas sobejamente conhecidas.

A preterição do dever moral tem na dor a sua contraversão, cujos expoentes abundam por toda a parte a suscitar comiserações.

O contraste entre ricos e pobres, só é aceite pelos que preterem a assistência pela esmola.

O sofrimento é o alarme dos que erram. É pelo nascer, morrer e renascer que se operam as metamorfoses e os reencontros para o reajustamento dos valores positivos e negativos.

A psicologia e a fisiologia são elementos que se completam, mas a medicina oficializada, quase só conhece a fisiologia, do que resulta não encontrar remédio para as loucuras psicológicas.

A luz sideral distribui os seus próprios elementos por todas as criações. Eis Deus!

A inteligência é universal e por isso mesmo se revela em todas as suas partículas. Latente nos corpos inermes e desperta nos oscilantes, vai desde o instinto ao raciocínio nos accionantes; e é pelo raciocínio que o homem consciente confraterniza com o todo.

O pretensioso contradita o que desconhece, porque ignora os efeitos contraproducentes das dissonâncias e dessintonizações.

Só a ignorância explica que os homens se contraditem e degladiem e que aprisionem, devorem ou destruam as outras espécies de animais que procuram o seu convívio. De resto, entre vencedores e vencidos só a boa vontade reconcilia.

É a fraternidade que dignifica os povos e é por ela que eles se organizam e têm os seus agentes nos órgãos representativos. Foi assim que nasceram os três poderes de Estado (legislativo, executivo e judicial), que são independentes uns dos outros, mas harmónicos entre si, porque a liberdade e a harmonia são os fundamentos da Natureza.

É pela desigualdade que a Natureza distingue as suas criações e é pela fraternidade que se opera a comunhão.

O erro encontra no sofrimento o retributo. Lutar contra o sofrimento é um dever atenuado pela resignação ou agravado pela revolta.

A cruz contrasta com as armas pelos seus significados contrapostos.

A cruz invertida em símbolo de amor, é expressa pela máxima de que «não devemos fazer aos outros o que não desejamos que nos façam», ao passo que as armas matam e destróem, contra a vontade de quem as sofre.

Quem se identifica com a Natureza, não excede o legítimo direito de defesa.

O sentido da moral embeleza a Filosofia e ilumina a Ciência. É pela pureza que a consciência atinge as culminâncias.

O iluminado inventa para servir

CINCO SONETOS DE VALDEMAR SANTOS

PROVAÇÃO

Este meu pobre espírito remonta
à antiguidade de uma era morta,
e trás consigo o saldo de uma conta
que vem de longe lhe bater à porta.

Às vezes a intuição levanta a ponta
deste mistério que me desconforta,
e eu vejo então, na minha ideia tonta,
a trajectória de uma vida torta.

Vida que transcorreu incerta e turva,
que ao invés de uma recta inalterável,
preferiu as variantes de uma curva.

E vem daí, desse passado insano,
a origem do Calvário inexorável
que crucifica o meu destino humano.

NOSCE TE IPSUM

Homem, não te presumas muito acima
dessa humilde existência diminuta;
repudia a vaidade que te anima,
exercita outra norma de conduta.

Procura habituar-te ao sábio clima
do venerando mártir da cicuta:
conhecer-se a si mesmo é obra-prima,
que lentamente o espírito executa.

Vales o que és e não o que tu pensas,
e jámais erguerás esses teus ombros
ao nível das cariátides imensas.

E quando ruir o teu maior castelo,
contemplarás na poeira dos escombros
o teu fracasso de polichinelo.

NO GÓLGOTA

Jesus galgava a encosta do Calvário
(Calvário, aqui, já subentende a cruz)
e a turbamulta ria, no cenário,
do prestígio divino de Jesus.

Chegado, enfim, o transe extraordinário,
a cabeça pendida aos ombros nús,
ei-lo a perdoar, o meigo missionário,
dando exemplos de espinhos e de luz.

No entanto, naquele último momento,
em que o drama subia ao céu exausto
na angústia universal do sofrimento,

o que mais o imolava e o deprimia
era ver o desfecho do holocausto
reflectido nos olhos de Maria.

OÁSIS

Eu andava da vida no deserto
perdido no meu próprio desatino,
mas não andava com destino certo,
porque os perdidos andam sem destino.

Quando supunha que já vinha perto
e era real o oásis cristalino,
o delírio tornava tudo incerto
na minha alucinação de beduino.

E assim andei, como jamais andara
vivente algum, nostálgico, perdido,
nas ardentes latitudes do Sahara.

Até que mesmo, finalmente, um dia,
depois de tanto andar e ter sofrido,
achei na dor o oásis da alegria.

ASCENSIONAL

É força confessar que estou mudado,
— a idade passa célebre e voraz —
já não tenho aquele ar desassombrado
nem aquelas ideias de rapaz.

Deixei de ser o lutador ousado,
fugi aos prélios de épocas atrás,
e desde então, ausente do passado,
sustento a luta de viver em paz.

Abandonei também ao próprio solo
a proliferação dos preconceitos
e as mesuras sociais do protocolo.

E assim, sem formalismos que consomem,
procuro em vão, na origem dos efeitos,
a perfeição anímica do homem.

SALVADOR — BAHIA

e o obscurecido serve-se das invenções para destruir.

Só o conhecimento da Natureza dá ao homem a consciência dos seus deveres, pela certeza de que as leis naturais são retribuidoras.

O desemprego, a fome, a mendicidade e a prostituição são frutos da incompreensão humana. As maternidades, as *creches* e os asilos completam as necessidades das sociedades conscientes.

Os médicos, os engenheiros e os advogados vendem as suas receitas, os seus cálculos e os seus conselhos, quando as sociedades se encerram em círculos viciosos. O homem, ao ser colhido pela adversidade, em vez de se queixar de si, queixa-se dos outros, porque desconhece o seu destino.

Pelo conceito se distingue a moral, e pela forma a competência. Quando o conceito e a forma se ajustam à moral e revelam competência, reflectem como um projector.

Lourenço Marques

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A «CASA BRANCA» ASSOMBRADA

Já por mais de uma vez temos aludido às aparições de espíritos na Casa Branca de Washington, residência presidencial tão falada nos últimos tempos através de relatos fidedignos que fizeram a volta ao mundo em edições de grandes jornais espiritas e profanos.

Agora é o ex-presidente Harry Truman que fala no caso. Segundo o *New York Times*, a filha do notável político ouviu pancadas num quarto daquela residência, quando lá estiveram alojados. O presidente diz que uma vez, às três horas da manhã, se levantou para responder e que não encontrou ninguém. Estas pancadas ouviram-se muitas vezes e sempre a meio da noite. Truman diz que deve ter sido o espírito de Lincoln, a passear no salão.

De resto, a actividade dos espíritos nesta residência é corroborada por muitas testemunhas. O articulista Leonard Lyons descreve uma conversa entre o antigo Presidente Roosevelt e o actor negro Frank Wilson, que entrou na peça «Watch on the Rhine», representada na Casa Branca.

Wilson disse que Roosevelt lhe tinha falado nestes termos:

— Sr. Wilson, o espírito de Lincoln ainda aqui vive.

E quando a rainha Guilhermina da Holanda lá esteve hospedada bateram-lhe à porta durante a noite. Levantou-se para abrir a desmaiou.

Na manhã seguinte o Presidente soube do caso e falou com a rainha.

— Ouvi sons estranhos — disse ela —. Mas quando abri a porta vi Abraham Lincoln em pé. Depois tudo escureceu e eu caí no chão.

Quando Eleanor Roosevelt trabalhava até altas horas da noite, sentia muitas vezes presenças invisíveis a seu lado. E Mary Eban, que pertencia ao pessoal da presidência, foi uma tarde ao segundo andar e regressou em três minutos, dizendo ter visto Abraham Lincoln sentado na cama a descalçar as botas...

Certa noite, Katurah Brooks estava no segundo andar, quando uma sonora gargalhada a fez estremecer. Não havia ninguém no pavimento e ela identificou Andrew Jackson.

Tanto Franklin Roosevelt, como Abraham Lincoln, realizaram sessões na Casa Branca. Pouco depois de Lincoln ser eleito presidente, *The Cleveland Plaindealer* publicou um artigo afirmando que ele era espiritista. E quando o mostraram a Lincoln, exclamou:

— Este artigo não fala nas coisas maravilhosas que eu tenho presenciado. Nem metade delas ainda se relataram.

Após a guerra, um médium costumava ir de avião à Casa Branca, a fim de prestar assistência a Roosevelt. As sessões mantiveram-se continuamente, como Lincoln fizera nos melindrosos tempos da *Guerra da Secessão*...

CURA A DISTÂNCIA

A cura a distância, também chamada espiritual ou de irradiação, exerce-se em todo o mundo onde há centros espiritas de responsabilidade mental. Temos inúmeras provas deste método de cura. Os próprios médicos lhe conhecem os benefícios e não podem duvidar da sua eficácia.

Neste momento lemos em *Voz Informativa*, da cidade do México, o caso da Dr.ª Olga Sanches de Juárez, residente em San Luís Potasí, que expeliu vários cálculos biliares do tamanho de um caroço de cereja, devido ao referido tratamento.

Ela própria declarou: «Ao examinar as evacuações, nas duas últimas expeli algumas bolinhas do tamanho de um caroço de cereja, um pouco duras, de cor verde-escuro transparente. Quatro eram deste tamanho e umas dez pequenas».

Com a cura espiritual a distância e regime alimentício adequado — diz a revista — saíram os cálculos, evitando uma dramática operação.

Todas as 4.as-feiras, às 8 da manhã pessoalmente ou a distância, se procede a este trabalho em Sor Juana Inés de la Cruz, 244, Altos, na localidade de San Luís Potosí, como dissemos. Basta enviar o nome completo, data, lugar e hora do nascimento, seja qual for a posição geográfica do doente. O que é preciso é que este tenha absoluta confiança na sua cura e obedeça às instruções recebidas. Este tipo de cura não quer dizer que imunize o organismo contra a doença, no caso de se transgredir a dieta indicada ao principiar o tratamento. É preciso sujeição às prescrições.

Isto é o que informa a revista mexicana e temos o maior prazer em divulgar, para que todos saibam que, onde há um grupo de verdadeiros espiritas, há desejos de ajudar o semelhante. Felizmente, aqueles que experimentam os benefícios da cura espiritual nunca mais se esquecem e são autênticos arautos da Doutrina. Há, porém, indivíduos «duros» que se não demovem. Esses necessitam de ser tocados fortemente, o que vai sucedendo aqui e ali, na hora própria, sem que eles esperem. O Alto revela-se ao mundo avaro, quando entende e onde entende. Escolhe o minuto e a latitude, envolvendo, não os que deseja perder, mas os que é preciso salvar.

A propósito de curas lemos no *Psychic News* de 15 de Dezembro um artigo de W. Attfield referente a uma senhora que sentiu o seu ouvido restaurado após 17 anos de surdez e a outra que, sofrendo de perturbação espinal, conseguiu tocar os pés ràpidamente, ao cabo de 10 minutos de tratamento levado a efeito por Marie Ireland.

Estas curas foram realizadas pùblicamente no Centro Espirita de Hertfordshire, no qual se encontravam 20 doentes. Uma senhora idosa com a perna tolhida divertiu a assistência após o tratamento, exclamando em voz alta:

— Estou óptima. Agora até podia dançar o «Rock 'n Roll».

A senhora Ireland ganha a confiança dos doentes, dando-lhes provas da sobrevivência. A senhora que sofria da espinha disse que andou 10 anos num osteopata sem

resultado. Afinal, 10 minutos bastaram para lhe dar mais benefício do que nos 10 anos de sofrimento.

A Medicina escolar não crê nestes factos. Leva-os à conta de curandeirismo. Mas se a Medicina é uma arte de curar, o que importa não é o meio, mas o fim. É o que pensam todos os doentes, seja qual for a circunstância.

NOTÍCIAS DA GRÃ-BRETANHA

A nossa correspondente em Londres, Mrs. A. W. Sungleton, informa-nos que falou há pouco no Centro Espírita Cristão da Vitória, no qual o médium Joseph Overs, da Real Força Aérea, durante a guerra, deu algumas provas de clarividência, ou «visões espirituais», como lhes costumam chamar. Alguns militares daquela unidade estiveram presentes e ficaram satisfeitíssimos com as comunicações recebidas de camaradas desencarnados, os quais usavam frases próprias do regimento a que pertenciam. O altar estava coberto de grandes bandeiras e a reunião era em benefício do Fundo Haques para militares incapacitados.

Depois entrou um polícia no Centro. Felizmente era espiritista, não fora ali para os prender!

Segundo Mrs. Sungleton, há muitos polícias, condutores de ónibus e outros funcionários públicos que frequentam reuniões espíritas. Alguns deles são médiuns curadores.

Durante estes trabalhos é costume cantar hinos melodiosos, como «O'Hara's» e «There is no Death» e fazer grandes concentrações mentais pela paz do mundo.

Alguns domingos antes a senhora Beatrice Snowdon fez experiências de clarividência no Centro Espírita Clapham, dizendo que via Abraão Lincoln ao lado de Mrs. Sungleton, precisamente quando a nossa correspondente se referiu às comunicações do antigo presidente dos Estados Unidos dadas através da médium Beatrice Russell e publicadas na *Voz Informativa*, do México, nas quais se faziam exortações à paz do mundo e se aludia a um Governo Mundial. Neste Centro havia uma boa percentagem de gente de cor que acompanhou os hinos religiosos.

O ESPIRITISMO NA IGREJA

O *Serviço Espírita de Informação* diz-nos que desde o dia 3 de Outubro de 1956, na Rua de São José, 90, 22.º andar, Rio de Janeiro, funciona um Curso de Espiritismo para o clero católico, ministrado por Frei Boaventura Kopplenburg. E segundo a orientação pública do Cardeal Dom Jaime Câmara, chefe da Igreja Católica do Brasil, os católicos podem conviver com espíritas, protestantes ou seguidores de outras doutrinas religiosas, embora «só o Catolicismo seja a verdadeira religião». Ele próprio assistiu à abertura das aulas do Curso.

O que falta saber é a espécie de aulas ministradas pelo ilustre prelado. Avaliando pela arrevezada propaganda que tem feito é lícito aguardar desvirtuamento que não estará de acordo com os desígnios espirituais de sua doutrina. Gostaríamos que todos os padres estudassem o Espiritismo nas verdadeiras fontes e não inferissem por meras citações, não só imprudentes, mas também susceptíveis de induzir em erro. A citação pura e simples é arma perigosa em mãos espúrias. Há quem a faça preconcebidamente, no sentido de amesquinhar, sem respeito pela dignidade própria. E o leitor é mal informado, quando não é ludibriado. Porque há muitíssimos católicos sensatos que gostariam de saber o que é o Espiritismo. Tantas vezes o ouvem denegrir, chamando-lhe satânico e obra de magia negra, que sentem vontade de o conhecer, para lhe dar combate. Outros não vão tão longe. Desconfiam da fartura e não vão tão longe. Se os padres o acometem a cada instante, no altar, no púlpito, no confessionário, sem réplica das vítimas, deve haver lapso na coisa. E vêm, sorrateiramente, no encalço do enigma. E ficam edificados. Afinal, o Espiritismo não é o que diziam. É uma doutrina onde se cultua o Mestre Jesus, onde se interpreta racionalmente o Evangelho, onde se demonstra a sobrevivência da alma.

— Que admiração! — exclamam — Para que nos enganaram? Não disse Jesus que a Verdade nos fará livres? Ele próprio não se deixou matar pela Verdade? Para que se combate um ideal que ensina a proteger os fracos e os desamparados? que prepara as almas para bem viver e morrer? que responde às apreensões humanas e cultiva a alegria no pensamento e no trabalho?...

Aulas de Espiritismo para católicos, mas não dirigidas por sacerdotes, isso sim, que era necessário. Aliás, será vã tentativa de ensino. Melhor fora chamar-lhe tudo, menos curso de Espiritismo.

FEDERAÇÃO DE MULHERES ESPIRITAS

A Confederação Espírita Argentina foi a primeira entidade que criou uma Federação de Mulheres Espíritas, com o fim de ligar entre si as mulheres argentinas.

Eis uma ideia arrojada e digna de louvor. A mulher, pela sua posição familiar e sentimental, está em condições de impulsionar o movimento espírita, segundo as directrizes desta instituição.

Ninguém melhor do que a mulher poderá visitar presídios e manicómios, ninguém melhor do que ela saberá fazer obra de caridade, em conselhos e em acções.

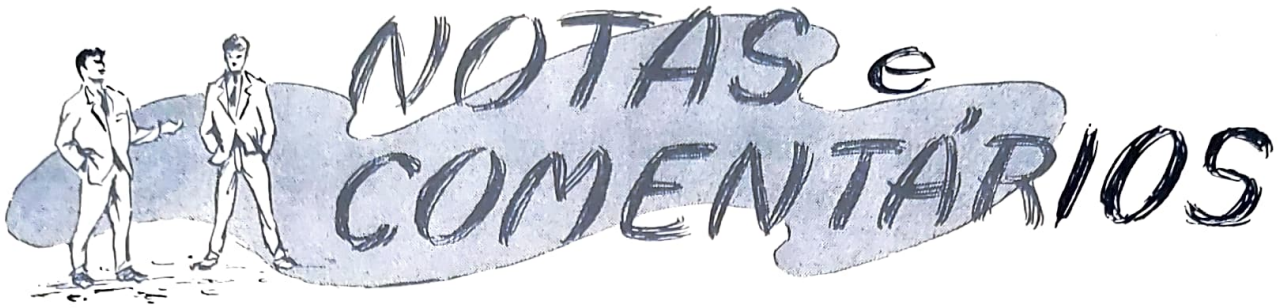
Se o Cristianismo — disse Emílio Castelar — em vez de fundar ordens de pregadores, tivesse fundado ordens de pregadoras, a sua doutrina não levaria nove séculos a difundir. E Chateaubriand louvou-lhe os méritos em palavras de oiro. Não há dúvida. A mulher suspende em torno dela «as flores da vida, como as lianas das florestas que adornam os troncos dos carvalhos com grinaldas afortunadas».

O Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, foi fundado por mulheres que souberam erguer bem alto a chama sagrada do Espiritismo. Mulheres-mães, mulheres-pensadoras, mulheres-artistas, ou simplesmente mulheres, símbolos de beleza modelada em carne palpitante, desdobraram-se em esforço heróico numa labuta que foi crescendo e alicerçando novos baluartes.

A Federação Argentina de Mulheres Espíritas será um foco de irradiação moral a fulgurar na terra das pampas. Onde chegarem seus apelos os milagres se renovarão e as almas hão-de encontrar a alegria perdida em lutas estéreis.

A nossa viagem ao Brasil deu-nos a noção verdadeira do trabalho feminino. Onde põe as mãos melhora tudo. A lágrima floresce e o olhar encanta. A urze é transformada em rosa. A mulher-espírita deixa perfume estranho na esteira de seus passos. Tudo é jardim à sua volta. Tudo é luz. Tudo é coração. E os monumentos são erguidos sob o magnetismo espiritual que a envolve e diviniza.

Eis, porque damos esta notícia com tamanho alvoroço, certos de constituir um triunfo e uma glória do homem. E ficamos a pensar no que seria Portugal, se pudéssemos imitar os confrades argentinos...



UMA FIGURA QUE DESAPARECE

O nosso particular amigo Conrado Ferrari, presidente da direcção do Hospital Espirita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, acaba de nos comunicar uma notícia inesperada e que produziu em nós grande tristeza. Trata-se da desencarnação repentina do Dr. Pedro Rosa, director-clínico do estabelecimento a que se devotara ao longo de dezoito anos bem aplicados.

Pedro Rosa formara-se na Universidade Federal de Porto Alegre e exerceu durante algum tempo a chefia da Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. Além disso foi superintendente dos Serviços Administrativos do Pronto Socorro Social, director do Posto de Psicopatas da Prefeitura e vice-presidente da Sociedade de Neuro-psiquiatria do mesmo Estado.

Tivemos ocasião de o conhecer pessoalmente, em visita que fizemos ao Hospital Espirita. Homem simples e afável, despretensioso e bom, notámos-lhe no olhar a auréola dos apóstolos que sacrificam tudo pela felicidade alheia. Estava ali como esteio da Obra, não olhando a sacrifícios e canseiras. Os minutos da sua vida diária eram dedicados à tarefa que assumira, de sorriso franco a esmaltar-lhe o semblante acolhedor e uma palavra de ânimo para os enfermos confiados à sua guarda.

Não sabemos quem o substituirá, tão árdua era a sua acção missionária. Seja como for, o Hospital Espirita de Porto Alegre, a que presidem os nossos confrades e amigos Conrado Ferrari e João Amado Venâncio, sofreu um rude golpe e nós próprios lhe sofremos o embate, por nos sentirmos intimamente ligados a esta grande obra hospitalar. Que se encontre um substituto digno do que partiu são os nossos votos e que o Hospital Espirita de Porto Alegre olhe o futuro confiadamente, apoiado a milhares de benfeitores que não cessam de labutar para que no mundo reine a paz e a felicidade. Estudos Psíquicos sente-se honrada com a amizade daqueles dois confrades e faz questão de acompanhar os passos desta instituição benéficente, sejam quais forem as circunstâncias que tenha de atravessar no caminho escolhido.

MIGRAÇÕES

Em todos os tempos houve migrações em massa. Umas vezes à força, quando os tiranos exterminavam raças, outras vezes espontâneamente por necessidades fisiológicas. A lei da conservação impõe-se e nada pode contra ela. De resto, o livre-arbítrio orienta os homens de harmonia com múltiplos factores que não vale a pena enumerar.

O caso que nos interessa diz respeito a uma agremiação neo-espiritualista sediada no Rio de Janeiro, em plena Avenida de Getúlio Vargas. É a Fraternidade Eclética Universal, dirigida pelo major Oceano de Sá (Mestre Yokaanam), que trocou a vida militar pelo apostolado.

Trezentas famílias desta colectividade resolveram abandonar o Rio em demanda do sertão de Goiás, berço da futura capital brasileira, onde tentarão fundar um grande núcleo de população, semelhante ao de Palmelo, a linda cidade espirita que tem dado que falar em muitos Estados de Santa Cruz.

Quer-nos parecer que jamais experiência alguma foi tentada nestas condições. A ideia principal vê-se claramente nesta migração. Não deve ser marcha sobre terra prometida, visto que o Brasil é, já de si, o «coração do mundo e a pátria do Evangelho». Em todo o seu território há promessas de abundância e de liberdade. As próprias almas se concertam nos mais diversos panoramas sociais. Aquelas 300 famílias, com orientadores e recursos técnicos modernos, podem dar um exemplo de nova civilização, se os «diabinhos coxos» ficarem ao largo de suas fronteiras e as paixões não desfalcarem o comércio espiritual, bem mais forte do que as outras combinações terrenas.

Todos desejamos boa sorte, coragem e perseverança. Que a nova cidade seja modelo de virtudes, reflexo vivo da Fraternidade que representa. E que outras migrações procurem campos de acção similares, onde os olhos encontrem natureza pura e as asas se expandam em surto de bondade.

FOI MINHA MÃE QUE ME SALVOU

Margaret Haight, publicou o seguinte relato em Fate Magazine:

Uma noite, já tarde, regressava de Bakersfield para ir ter com meu marido a Camp Kern, Califórnia, onde estávamos a passar as férias. A nossa cabana ficava situada a 6 milhas dum caminho solitário que serpenteava pelas montanhas cobertas de matagais e árvores raquíticas.

Apressei-me no caminho, mas a escuridão e o frio depressa me alcançaram e compreendi que me tinha perdido, sem qualquer ponto de referência conhecido. De repente tropecei e quase caí num dique. Senti então duas mãos firmes a segurar os meus braços. Olhei para cima e vi minha mãe, que me sorria. Com uma força inacreditável, levantou-me para posição segura e apontou para um caminho que me levaria à cabana.

«— Mãe! — exclamei. Mas o seu vulto desapareceu. Fiquei atordoada durante alguns momentos e depois fugi. Depressa cheguei à cabana, sã e salva, através do atalho que me indicou.

«Minha mãe morreu quando eu era criança, mas reconheci-a de a ver em fotografias e por acentuada semelhança com as duas irmãs ainda vivas. O perigo de morte imediata ou de cair sobre o rochedo, decerto a atraira para meu lado».

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo, 20 de Janeiro, tivemos mais uma vez o prazer de ouvir o nosso Presidente, Isidoro Duarte Santos, numa interessante e oportuna conferência subordinada ao tema «O Espiritismo e a Evolução».

Começando por referir-se aos problemas sociais, desde a Antiguidade até à hora presente, mostrou que o homem através das lutas que a História nos aponta, tem pretendido criar uma sociedade mais perfeita onde o indivíduo não seja escravo nem senhor. O homem — afirmou — sempre teve na alma o sentimento da liberdade e ai dos que esquecem esta verdade, acrescentando que, à medida que a evolução social se exerce, mais se radica no espírito a ideia de que todos são necessários, não havendo trabalhadores grandes, nem pequenos. Como exemplos de reacções sociais, citou, entre outras, a Revolução Francesa e, mais recentemente, o Japão.

Na última parte da sua brilhante exposição, Isidoro Santos demonstrou que só o Espiritismo, com a Lei das Vidas Sucessivas, pode explicar de forma clara o problema da Evolução, e lamentou profundamente que certo credo religioso, movido por interesses inconfessáveis, tente a todo o momento, embora sem resultados apreciáveis, ofuscar a luz que dimana da nossa doutrina.

António Cardoso, que presidia, secretariado por D. Ivone de Sousa e Jorge Raimundo, congratulou-se pela magnífica lição, muito proveitosa para todos. — *A. C.*

«GRUPO DA HUMILDADE»

Acaba de se formar o *Grupo da Humildade*, dirigido por Isidoro Duarte Santos e António de Carvalho Rasteiro e de que fazem parte D. Antónia Levguarda Ferreira, D. Natália Baptista, D. Celeste R. Lopes, Afonso Gomes, Vítor Bastos e Aquinaldo de Almeida. Os trabalhos realizam-se todos os sábados às 16 horas e objectivam o desenvolvimento da mediunidade.

APELO AOS SÓCIOS

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor continua a pedir a todos os associados que ainda paguem quotas de 7$50, o favor de as actualizarem para 10$00, como foi dito no último número. Muitos já acorreram a este apelo, demonstrando assim compreensão e boa vontade. Esperamos que todos se integrem espontâneamente nesta modalidade há dois anos instituida e desde já agradecemos o que fizerem neste sentido. É preciso auxiliar a colectividade, torná-la mais homogénea e mais forte e fornecer-lhe meios de subsistência que só as quotizações podem dar.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM FEVEREIRO DE 1957

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 4, segunda-feira, ás 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 5, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, quinta-feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Adriano de Oliveira, intitulada «Ópios e Panaceias (Grandes Erros e Grandes Verdades no Caminho da Saúde»).

Dia 11, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 14, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de irradiação mental «Reper-Siam», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 15, sexta-feira, às 21.30 — Conferência por Fernando Nunes, intitulada «A Criança e o Cinema».

Dia 17 domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 18, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 19, 3.ª feira — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 21, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Moreno da Fonseca, intitulada «As Leis da Vida Sã».

Dia 25, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 28, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 3 de Março, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 4 de Março, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 7 de Março, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Janeiro — I. S., 20$00; D. Patrocínia Mendes Ponces, 30$00; Transferência da subscrição do Natal, 16$00; J. C. de Chelmicki Afflalo, 200$00. *Total — 166$00.*

Est. Psiq. - Fev.º/57

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita ..... 20$00
A Prece ..... 12$50
Espiritismo ..... 15$00
O Principiante Espirita ..... 18$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00 ..... 35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00 ..... 35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00 ..... 35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ... 38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00 ..... 35$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 100$00
(Seguir-se-à a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 30$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 50$00
O Porquê da Vida ..... 28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00 ..... 48$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 52$00
No Invisível (nova edição) ..... 52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 52$00
A Evolução Anímica ..... 48$00
O Fenómeno Espirita ..... 45$00
A Alma é Imortal ..... 52$00
A Reencarnação ..... 52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Urânia ..... 40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo,* recebido pela médium Dolores Bacelar	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel.* Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

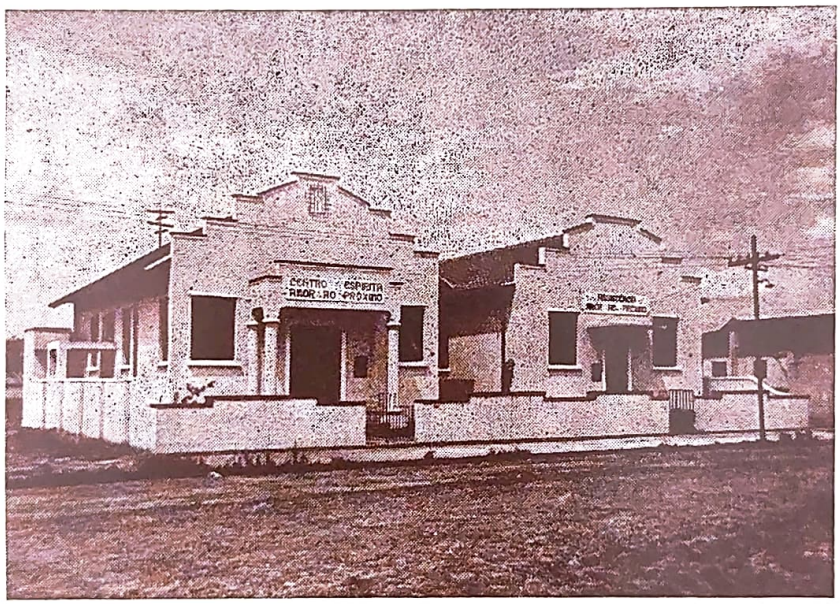
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL



Centro Espirita «Amor ao Próximo», de Juiz de Fora

(Ver pág. 83)

CONTÉM: O Centenário, da **Redacção**; O Pensamento Filosófico de Léon Denis, por **Deolindo Amorim**; Loucura, por **R. P.**; 2.º Congresso da Reencarnação; Grava no Coração..., por **Armando Torras de la Luz**; Não Tenho Tempo de Ler..., por **Alma Blanca Obelar**; De quem são os Dias?, por **Ana Gómez Mayorga**; O 1.º Centenário do Espiritismo; O Combóio Parou no Além, (Conto Espirita), por **Rocha de Sousa**; Ad Augusta Per Augusta, por **Eu**; A Arte do Futuro, por **Leopoldo Machado**; Grande Médium que Desencarna, por **I. D. S.**; Grande Verdade, de **Rafael Barret**; O Carácter, por **Emanuel Samá**; Uma Conferência de Isidoro Duarte Santos, em Santarém; Cruzada dos Militares Espiritas; Ecos de Uma Viagem - XXVII - Novas Emoções, por **Isidoro Duarte Santos**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Notícias da Baia; A Propósito da Quarta Dimensão, por **Suzanne Misset-Hopès**; O Presente do Menino Pobre, Recebido pelo médium **Francisco Luciano**; Agremiações Espiritas sem Estatística, por **Tito L. Bancéscu**; A Verdade e o Amor, por **José Simões de Matos**; Práticas Mediúnicas, por **Alfredo Miguel**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

18.º ANO MARÇO DE 1957 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* / *Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* / *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* / *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Praça da Bandeira. / *Nelson Baptista de Azevedo* — Av. 13 de Maio, 23, 21.º andar. Sala 2101.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda.*

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO | LISBOA, MARÇO DE 1957 | N.º 3

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

O CENTENÁRIO

Vai fazer cem anos que Allan Kardec publicou «O Livro dos Espíritos». O positivismo estava em moda, era mesmo de «bom tom» afirmar ideias ateístas. As ciências físico-químicas iam de vento em popa e os enciclopedistas dirigiam o Sol para o seu reduto exclusivo, como se mais mundo não houvera.

Foi uma bomba aquele livro. Embora o urânio e o cobalto fossem aplicados a fins pacíficos, o clorato de potássio já fazia barulho. Não falamos na dinamite, de objectos nobres a princípio e depois imiscuida em agentes destruidores.

De 1857 até hoje grande foi a marcha da ideia espirita. As meses girantes fizeram a ronda da Europa, como rastilho na espessura. Concitaram a atenção de grandes e pequenos, sem metodologia nem rumo determinado. Foi necessário um génio para harmonizar e codificar o que estava atrás desses movimentos, ora incoerentes, ora inteligíveis, das mesas citadas. Mas a indiferença de uns e a incredulidade de outros eram obstáculos sérios à divulgação.

Aqui e ali surgiam conversos a escarmentar-se de atitudes impróprias, enfileirando nas hostes dos adeptos. Houve quem perdesse lugares conquistados pùblicamente, à força de estudo, e quem sentisse a onda de repúdio em traição asquerosa. Apodos, sarcasmos, invectivas, conspiração de silêncio, calúnia, má fé, tudo isto se bandeou no tapete verde das transacções, enquanto a maré subia, indiferente aos conúbios e ao bramir das trevas.

A Doutrina produziu reacção forte nos intelectuais, que venceram a inércia e destruiram o preconceito. Os prelos começaram a gemer sob a letra de forma e o mundo certificou-se do grande acontecimento, embora alguns sectores fingissem ignorá-lo.

A bibliografia foi ganhando foros de cidade. Nem as proibições, nem os autos de fé, nem os anátemas conseguiram amortecer o entusiasmo dos neófitos, cada vez mais firmes na sua crença.

Fundaram-se jornais, revistas, editoras ao serviço da ideia nova. E o povo comprava esses arautos estranhos, embebia-se na sua leitura e meditava nos entinamentos do Alto.

Assim acontece, quando as ideias surgem a sacudir as massas, a orientá-las, a guiá-las por sendas mais adequadas.

Hoje, o Espiritismo conta com os ataques de algumas seitas, mas não arreda pé da sua linha ascensional. É estrada de Damasco de muitos que o guerreravam sem o conhecer. Iluminou-os, arrancou-os ao orgulho e à soberbia e tornaram-se homens sãos. Assim foi Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Bozzano, Flammarion. Assim foram muitos, dezenas, centenas, milhares de espíritos positivos na verdadeira acepção. Foi o Espiritismo que os firmou, sem compromisso algum. Mostrou-lhes parte da Verdade que eles desconheciam e ficaram deslumbrados. A ciência que detinham era exclusivista e presunçosa. Ai de quem a melindrasse! Mas o prestígio da nova ciência, da nova moral e da nova filosofia suplantava o existente e aproximava as almas na certeza de vida melhor.

No próximo mês de Abril haverá festa no mundo latino. Cem anos de actividade, cem anos de marcha permanente, cem anos de pugna dedicados à libertação do espírito! A energia ao serviço do trabalho, o amor ao serviço dos homens, o fraternismo, a renúncia, a humildade!

E agora, outro ciclo vai começar, mais difícil, mais ardoroso, no qual é preciso lançar cabedais diferentes. Os métodos devem ser alterados, porque a ciência evoluciona e o Espiritismo tem que entrar nas escolas superiores. «Parar é morrer» — disse um filósofo. E o Espiritismo é vida, ê progresso, é reivindicação total. Que ele prolifere no sentido de maior consciência e de maior responsabilidade. O mundo será mais rico de virtude e de alegria.

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE LÉON DENIS

Por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

III

INTERPRETAÇÃO PRÓPRIA

Até aqui, Senhores, apresentei Léon Denis através de suas próprias ideias. Fi-lo deliberadamente, para que, assim, pudesse dar uma impressão geral de sua obra. Quem falou, na realidade, foi ele, pois apenas reproduzi alguns conceitos, extraídos das fontes originais, seguidos de comentários, que me parecem esclarecedores. Quero, agora, de minha parte, e é natural que o faça em razão de um dever espiritual, tentar uma interpretação própria do pensamento filosófico de meu patrono. Começarei pelas ideias dominantes na época e no ambiente da sua formação intelectual.

Francês de nascimento, nascido pouco antes de se iniciar a segunda metade do século XIX, educado sob a influência directa do espírito latino, recebeu os reflexos inevitáveis dos conflitos filosóficos e religiosos de seu tempo. Espírito revolucionário por temperamento, mas revolucionário no sentido profundamente renovador, é claro que demoliu alguma coisa, e não podia deixar de demolir, porque não é possível afirmar princípios contrários a determinada ordem de ideias, principalmente quando as ideias se amparam apenas no prestígio da tradição, sem deslocar ou abalar algumas concepções contrárias à nova ordem. Se o próprio Cristo, que era a mansidão por excelência, necessitou de investir contra o farisaísmo da época para que a sua doutrina se implantasse na inteligência e no coração dos homens, como admitir que um homem de acentuada vocação especulativa e dialéctica, como Léon Denis, vivendo em meio às convulsões e aos debates doutrinários, pudesse ficar neutro em face das controvérsias?... Não podemos ver em suas atitudes, todavia, o sentido da irreverência premeditada para com a fé mas a inconformação sincera, diante do absolutismo dogmático, ainda que tivesse o apanágio das divindades ou a chancela das sumidades científicas. Não tinha ele, entretanto, a vocação do demolidor sistemático.

Dois traços, que, aliás, não são originais, porque também peculiares a outros homens de pensamento, denunciam as linhas fundamentais de sua formação: em primeiro lugar, o espírito objectivo, que se caracteriza pelo senso de exactidão, pelo amor à pesquisa e à verificação; em segundo lugar, a submissão consciente às decisões da razão, quando emancipada de preconceitos ou quando iluminada pelo propósito honesto de procurar a Verdade em qualquer instância da capacidade humana. Era-lhe habitual, por índole e por necessidade, a conciliação do método experimental com as fórmulas racionais, desde que estas representassem conceitos exactos. Sob este aspecto, podemos dizer que Léon Denis acompanhou, em parte, a reacção dos que, naquele tempo, fizeram questão de afastar o método ontológico das cogitações filosóficas, porque não acreditaram na eficiência desse método. Convém observar que Léon Denis, apesar de não fazer coro com os partidários da metafísica tradicional, e nisto acompanhou, um pouco, o «espírito positivo» do século XIX, também não chegou ao extremo de negar a metafísica como pressuposto para a negação absoluta das realidades extra-corpóreas. Vê-se, portanto, que a sua posição, entre as discussões filosóficas de seu tempo, não permite dizer que se haja filiado inteiramente a esta ou àquela corrente; e, no entanto, o ambiente em que viveu e consolidou as suas convicções foi, sem a menor dúvida, um dos mais férteis em discussões filosóficas: *idealistas* contra *empiristas; tradicionalistas* contra *evolucionistas; neo-criticistas* contra *ontologistas,* e assim por diante. O *ecletismo* de Cousin não conseguiu conciliar as divergências. Seria impossível harmonizar tendências e concepções tão opostas dentro de um sistema ecléctico. Aliás, a denominação de eclectismo não se ajusta bem ao espírito de certos movimentos ideológicos, porque *ecléctico,* na realidade, quer dizer o indivíduo ou o sistema que, reunindo diversas teorias, ao mesmo tempo, escolhe, em cada uma delas, o que há de melhor ou o que, no momento, pareça mais certo. O qualificativo de ecléctico exprime, portanto, o sentido de selecção, cujo resultado é o aproveitamento da substância, isto é, da matéria essencial de cada doutrina. Não podemos chamar de eclécticos, rigorosamente falando, certos movimentos, que representam apenas acomodações de crenças ou de correntes filosóficas, para efeitos transitórios, sem a preocupação de extrair ou de apurar um pensamento fundamental para formar, assim, uma conceituação nova, já inteiramente depurada. Temos, aí, apenas sincretismo, e sincretismo é a reunião, a coexistência de várias doutrinas dentro de um corpo de doutrina. Tanto pode haver sincretismo religioso, como sincretismo filosófico e político. Pretendeu, então, Vítor Cousin levantar a bandeira do *eclectismo* para fortalecer a reacção contra os sensualistas e materialistas: agremiar os grupos dissidentes nas hostes espirituais, já separadas em determinados pontos, mais ainda solidárias, pelo menos, no objectivo geral de oferecer resistência aos sensualistas e a outras correntes filosóficas. Não havia, entretanto, condições favoráveis para a organização de um movimento capaz de neutralizar tanta disparidade doutrinária, porque se impunha a necessidade da discussão aberta, como sintoma de renovação. É um fenómeno inevitável, como prenúncio das revoluções científicas, filosóficas, artísticas e religiosas.

Tinha Léon Denis treze anos quando se iniciou, com a publicação da obra de Darwin — *A origem das espécies* — em 1859, talvez a maior das revoluções científicas de seu tempo, e com repercussão bem funda no século seguinte, porque começou influindo nas Ciências Naturais e logo se fez sentir em diversos ramos da cultura humana, como a Embriologia, a Psicologia, a Sociologia e até o próprio Direito. Poderíamos dar-lhe o qualificativo de revolução biológica, porque teve por motivo a

origem, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos, mas levou as suas consequências a outros planos de investigação, tanto que provocou discordâncias veementes, no alto domínio da Filosofia.

Claro é que Léon Denis teria de encontrar, ainda, já na idade adulta, uma atmosfera intelectual intensamente influenciada pelos antagonismos que se abriam cada vez mais na Ciência, na Filosofia e na seara da fé. Foi nesse ambiente, no coração da culta França da segunda metade do século XIX, que despontou a vocação filosófica de Léon Denis, cujo temperamento, já experimentado nas dificuldades materiais e na amargura das decepções que lhe acompanharam os passos, da juventude à maturidade, não poderia ficar imune dos arrebatamentos muito próprios dos homens afeitos às lutas da tribuna e da pena. Léon Denis era, ao mesmo tempo, um homem de pensamento, profundamente preocupado com as questões filosóficas, um orador dos mais eloquentes e ardorosos da sua geração e, por fim, um escritor de incontestáveis méritos, especialmente pela fluência e pela clareza. Todavia, o homem de pensamento, em Léon Denis, não se caracteriza pelo recolhimento ou pela meditação excessiva, inteiramente alheia à realidade humana. Não. Léon Denis amava a discussão e a luta, e viveu lutando pela liberdade de pensamento e pelo progresso do espírito, sem ser demagogo nem agitador. Experimentou, até, a luta das armas, quando a honra da França, durante a invasão alemã de 1870, conclamou a mocidade para a formação de brigadas de voluntários. Incorporou-se às legiões de combatentes, cumpriu os deveres militares, impostos pela consciência cívica, mas voltou, depois, às lutas do pensamento, ora pelo livro, ora pela imprensa ou pela palavra falada. Tendo-se tornado um orador dos mais aplaudidos de seu círculo de relações, fez conferências sobre os mais variados assuntos, especialmente a instrução do povo, na Liga Francesa de Ensino, e ainda sobre educação cívica, socialismo, política internacional, problemas científicos e filosóficos.

Teve os seus momentos de dúvida, e é ele próprio quem o confessa, mas reagiu ao negativismo, e ainda em tempo, apesar do estado de descrença em que mergulhou, em grande parte, o espírito de sua geração. Dizia ele: *Passei pelas alternativas da crença católica e do cepticismo materialista, mas em nenhuma parte encontrei a chave do mistério da vida.* Nenhum dos sistemas em choque lhe dera o rumo certo, porque em nenhumas das correntes em luta encontrara um ponto de certeza acerca do destino humano. Estava ele com dezoito anos, quando se lhe deparou, na estante de uma livraria, não pròpriamente por *acaso,* mas por uma circunstância imprevista, tal como acontecera a Camille Flammarion, o livro que iria influir, decisivamente, daí por diante, na orientação de sua vida: *O Livro dos Espíritos,* de Allan Kardec. Deu-se, assim, uma espécie de reencontro, porque algumas das ideias capitais da obra não lhe eram estranhas...

Durante anos a fio, não só investigou a fenomenologia mediúnica, como se aprofundou no estudo da filosofia espirita. Fê-lo — e não é de mais ressaltar este ponto — não com aquela passividade mental de um *crente*, quando fica deslumbrado com as perspectivas do futuro, mas com verdadeiro espírito filosófico, porque não desprezou jamais o raciocínio e a crítica no exame desapaixonado de todos os fenómenos que lhe mereceram observações especiais. Poder-se-á dizer que, até aí, apenas se revela uma atitude científica, mas ainda não se identifica a envergadura mental do filósofo. Entretanto, as especulações de Léon Denis subiram ao plano das generalidades, não se satisfizeram com a simples contemplação dos fenómenos, porque lhe era absolutamente indispensável partir dos efeitos desses fenómenos para chegar à *causa* geral, que é o objecto da Filosofia. De que serviria a simples experimentação transformada em rotina, se as realidades reveladas através de tantos e tão variados fenómenos extra-humanos não tivessem consequências proveitosas para o enriquecimento da cultura espiritual, que é a mais alta riqueza da inteligência? Léon Denis duvidou, experimentou, comprovou, mas não ficou extasiado, não se deu por satisfeito enquanto não tirou conclusões convincentes dos chamados fenómenos inabituais. E é nisto, precisamente nisto, que está um dos traços mais nítidos de seu pensamento filosófico: aquilo que pareceu vulgar a muitos observadores desprovidos de aptidão para o trato com os problemas de ordem transcendental, porque sobrepostos à escala dos conhecimentos normais; aquilo que não passou de mero divertimento para alguns homens de espírito superficial; aquilo, finalmente, que não mereceu sequer a atenção de uns tantos cépticos ou indiferentes, pois nem sempre se pode dar valor àquilo que se não compreende, foi, entretanto, para um Kardec, um Gabriel Delanne, um Denis, por exemplo, o ponto de partida para a interpretação de três problemas básicos da Filosofia: a imortalidade da alma, o destino do homem após a morte, a justiça divina em face dos dramas e dos contrastes da vida terrena.

Não pretendo nem devo doutrinar em matéria religiosa; interpreto, apenas, e de modo muito sumário, o pensamento de Léon Denis, cujas perquirições e meditações se aprofundaram, até onde lhe foi possível, para enfrentar três grandes questões vinculadas às discussões filosóficas de todos os tempos: de *onde viemos — porque vivemos — para onde vamos.* Questões velhas, velhíssimas, não há dúvida, mas a verdade é que ainda constituem um motivo de preocupação para todos os espíritos indagadores. Léon Denis convenceu-se, encontrou nos factos e na filosofia espirita uma síntese capaz de lhe dar a resposta concordante. É natural que outros ainda não aceitem a solução encontrada por Denis, como é natural que outros apelem para as luzes da fé, e neste terreno tudo é respeitável, é impenetrável, porque é problema de foro íntimo. Léon Denis chegou, entretanto, à maturidade como homem convicto. A partir de 1885, com *O Porquê da Vida*, começou a sua série de livros neste campo de conhecimento. Vê-mo-lo, mais tarde, lançar *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* — trabalho de grande expressão filosófica — precisamente na mesma ocasião em que aparecia o *Enigma do Universo,* de Haeckel. A obra de Haeckel, em seu tempo, foi das que mais encontraram receptividade nos meios universitários, naturalmente pela sedução de certas teses, quando conseguem empolgar o espírito académico, ainda que sejam antigas, mas enroupadas de apresentação nova. Já vimos que Léon Denis também escreveu *O Grande Enigma.* Deixemos este livro, porque faz parte de outra fase de sua obra. Com *O Problema do Ser, do Destino e da Dor,* Léon Denis respondia ao *Enigma do Universo,* de Haeckel, apesar do prestígio deste.

Duas premissas incompatíveis, duas filosofias irreconciliáveis, duas posições rivais: o monismo de Haeckel apoiava-se na ideia de uma substância única para explicar todo o mecanismo da vida, dentro do próprio dinamismo da matéria; o dualismo de Léon Denis afirmando a coexistência do espírito e da matéria como realidades de natureza distinta, encontrava em Deus o prin-

cípio causal de todo o sistema da vida e do Universo. Não foi apenas a sequência de proposições teóricas que o colocou em posição oposta à de Haeckel, mas o valor objectivo de factos que lhe permitiram verificar, pela indução, o acerto das teses fundamentadas na preexistência e na independência do princípio espiritual. Se, na realidade, o método experimental lhe foi necessário para comprovar as teorias imortalistas, já consagradas nas religiões espiritualistas como pontos de fé, mas constituindo, hoje, objecto de uma literatura científica largamente difundida, também é verdade que o método racional lhe foi igualmente necessário para apreender outra ordem de conceitos sobre os quais a ciência não pode dizer a última palavra, porque lhe falta a indispensável adequação instrumental.

Não pense o cientista que o *bisturi* lhe possa dar, a olho nu, a prova material da consciência, e no entanto a consciência existe, e ninguém lhe negaria a participação activa nos actos mais íntimos de nossa vida; não se iluda o filósofo com a exactidão do raciocínio formal, porque a razão humana também está sujeita às obscuridades do erro e do orgulho; não suponha o teólogo que os «lampejos da crença» ou as subtilezas do sobrenatural sejam suficientes, por si mesmas, para clarear as ascenções do espírito, porque a luz da sabedoria tanto pode brilhar no recanto de um santuário, como na oficina de um artista, como no laboratório de um técnico ou no gabinete de um sábio. A ciência a razão e a fé representam três ordens de realização no quadro dos valores ideais, mas ainda não podem dar ao homem a sabedoria integral, porque a sabedoria depende da iluminação espiritual. O transcurso de uma existência, entre as balizas que demarcam o nascimento e a morte, não pode oferecer o tempo suficiente para que o espírito aprenda, sofra, realize e se eleve pelo conhecimento e pela virtude: o processo de aprimoramento, no tempo e no espaço, carece de oportunidades mais longas, como carece da dor e da experiência vivida. Léon Denis transpôs as concepções filosóficas do materialismo, do evolucionismo, do racionalismo e até mesmo do próprio espiritualismo tradicional, porque assentou as bases de sua obra sobre o princípio da progressividade do espírito através de quantas existências sejam indispensáveis à iluminação interior. Sua filosofia é reencarnacionista e foi através dessa filosofia que a ideia de Deus lhe chegou ao espírito,

(Continua)

LOUCURA

Era noite, uma noite imensa, profunda, escura.
Nos céus, na terra, em mim não havia o re-
[flexo duma luz.
Eu comigo mesmo, a sós, junto à sepultura
em que fui lançado, monte de carne a trans-
[formar-se em luz.

Senti o rilhar absurdo de vermes verdes, vis-
[cosos,
vindos a rastejar, lúbricos, para a bacanal da
[morte.
Chorei meio louco e apertei meus punhos
[duros, raivosos,
antes de gritar ao vento o gargalhar da
[minha sorte.

Dos longes escuros, perdidos, imponderáveis,
chegam até mim, como dois trovões,
duas vozes estranhas, vozes das trevas im-
[penetráveis,
que me chamavam... E ouvi duas canções...

Ó pobre louco. sê mais louco ainda...
Solta ao vento o delírio de teus gemidos...
Canta o desespero, a angústia que não finda.
Perdeste a vida, ganha a morte dos vencidos.

Sofreste muito, sempre, e agora mais, irmão.
Ajoelha e ora. Verás nas trevas uma luz bri-
[lhar.
Anda, deixa o desvario, a negra solidão,
e vem comigo, pela infinidade azul, cantar.

Não mais a treva. Em mim se abria
um eco enorme ao som daquela voz.
Era o anjo branco, o anjo que eu ouvia
quando na Terra eu chorava a sós.

Junto à rasa campa, reneguei, orando,
o eco da mentira que eu julguei loucura.
Agora sou louco, *enfim, e seguirei gritando*
O delírio do amor que vi na noite escura.

R. P.

2.º CONGRESSO DA REENCARNAÇÃO

Do nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luís Di Cristóforo Postiglioni, recebemos extenso relato acerca do 2.º Congresso Internacional para Estudo da Reencarnação, efectuado em 1, 2, 3 e 4 de Novembro de 1956 na capital argentina com numerosa assistência, demonstrando o alto interesse que o assunto suscitou no ânimo dos presentes.

Como noutras páginas deste número vai o depoimento vivo de um colaborador que presidiu algumas reuniões, dispensamo-nos de publicar na íntegra as páginas do Dr. Postiglioni que abrangem as provas tipográficas da bela revista *Constância*, órgão da sociedade do mesmo nome, em cujo salão — Rua Cangallo, 2259 — se cumpriram as duas primeiras jornadas do Congresso. Ele que nos perdõe a resolução, bem compreensível, não só pela falta de espaço, como para evitar a redundância de dois relatos semelhantes.

No entanto, queremos deixar aqui a nossa opinião pessoal, o parecer da Comissão Científica e as Conclusões Finais do importantíssimo certame, em que participaram os maiores arautos do Espiritismo da América Latina e no qual se fizeram representar dezenas e dezenas de agremiações e publicações, entre elas a revista *Estudos Psíquicos*.

Poucas vezes se terão reunido tantas e tão selectas individualidades num congresso espiritualista cheio de entusiasmo e de juventude. A Comissão Organizadora era um punhado de valores morais e mentais:

Presidente — Dr. Juan C. Damonte; *Vice-presidente* — Felipa de Larato; *Secretários* — Prof. Carlos Castiñeras, Humberto Mariotti e Dr. Norberto Dengra; *Relações* — Hugo L. Nale, Prof. Alejandro Erú, Dr. Alexandro Iarcho e Juan Soto Méndez; *Arquivo* — Nicolás Quilne e Cuvernaldo Laratro; *Actas* — Carlos Lauri, Olga Caravana Dengra e Hebe Iris Mariotti; *Tesoureiro* — António Melo; *2.º tesoureiro* — Carmen Dengra.

Estavam representadas: do Brasil, a Federação Espirita Brasileira, a Liga Espirita do Distrito Federal, o Hospital Espirita de Porto Alegre, a Sociedade de Medicina e Espiritismo, o Instituto Espirita Dias da Cruz, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e a Federação Espirita do Rio Grande Sul; o Instituto Heliosófico de Barquisimeto da Venezuela, a Suprema Ordem do Aquário, do Perú, a Aliança Universal de Religiões, de França, o Instituto Spirito Sienca, da Dinamarca. etc., etc., bem como a *Revue Theosophique*, de Paris, a revista *Estudos Psíquicos*, o diário *El Dia*, do Uruguai, a *Revue Métapsychique*, de Paris, *Unificação*, de S. Paulo, *Revista Eclética Espiritualista*, de Cuba, etc.

A Mesa do Congresso foi constituida pelos seguintes confrades:

Presidente de honra — Dr. Juan Carlos Damonde; *Presidente* — Dr. João Pompílio de Almeida Filho; *1.º Vice-presidente* — Prof. Conrado R. Ferrari; *2.º Vice-presidente* — Prof. Newton Gonçalves de Barros; *3.º Vice-presidente* — Felipa de Laratro; *Secretaria-Geral*—Prof. Humberto Mariotti, Prof. Carlos Castiñeras, Dr. Norberto Dengra e Dr. Luís Di Cristóforo Postiglioni; *Secretaria de Actas* — Elsa Soulé, Carmen de Sendra e Hugo L. Nale; *Secretaria de Imprensa* — Santos Salvaggio, António J. Mutto e Carmen de Borella.

A delegação brasileira portou-se admiràvelmente. Nem outra coisa era de esperar, atendendo às suas personalidades representativas.

Um acto que nos impressionou muitíssimo foi o dirigido pela Dr.ª Julieta Gaviola, relativo à obra social da infância e que marcou pela numerosa e gentil assistência. O nosso confrade e amigo João Amado Venâncio ergueu a voz para expor como em Porto Alegre se encara o problema e dizer que é necessário trabalhar sempre com as crianças e pôr o coração numa tarefa cristã de evangelizar para a nova humanidade.

João Venâncio é um humanista de alto sentido que não poderia ter falado de outro modo. Por isso está bem na vice-presidência do Hospital Espirita de Porto Alegre, ao lado de Conrado Ferrari.

Eis as conclusões da Comissão Científica do Congresso:

1.ª a) A Reencarnação é uma verdade científica demonstrada por muitos factos e experiências repetidas e demonstrativas.

b) A verdade científica da Reencarnação deve ser ensinada e divulgada pelas suas enormes consequências morais, religiosas, filosóficas e sociais, que podem melhorar — e melhoram realmente — e conduzir a humanidade a uma felicidade relativa.

2.ª — a) A Comissão recomenda a publicação da tese dos irmãos Fernández e Cristóforo Postiglioni, intitulada «Fundamentos Científico-filosóficos da Sobrevivência com a Reencarnação», por satisfazer às condições de difusão racional do problema.

b) Aconselha também a publicação da tese da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, intitulada «Reencarnação», dados os valores de grande realce que contém.

3.ª — a) Aponta o valor histórico do excelente trabalho da Sociedade Constância, intitulado «Considerações e Factos Acerca da Reencarnação», assim como a tese de J. Soto Méndez «A Palingenesia através de algumas manifestações». a de G. Cabrera Dussan (Colômbia) «A Reencarnação», a de Angel Azarmendia «A Existência da Alma» e a da senhora Laratro «A Reencarnação do ponto de vista científico».

4.ª — a) Que seia criado um Arquivo Internacional para o estudo da Reencarnação.

b) Solicitar aos autores das teses que se mantenham em ligação com a Comissão Organizadora.

c) Estabelecer contacto com os estudiosos de todo o mundo no sentido de reunir informações sobre Metapsiquica, Parapsicologia, Espiritismo, Magnetismo, Hipnotismo, Paramesia, Psiquiatria, etc.

Finalmente, publicamos o parecer da Comissão de Conclusões Finais.

«Considerando o actual momento histórico, este Congresso declara

Grava no coração...

Dizes palavras ofensivas? Isso não é caridade. Comentas as faltas alheias? Impacientas-te por alguém adoecer? Ficas indiferente ao lado de quem sofre? Isso não é caridade.

As águas imortais da Caridade são Amor para com toda a espécie.

Se a tens, por amor não critiques; por amor não podes ser indiferente a coisas injustas que faças; rebela-te no silêncio interior. Rectifica...

O amor abriu-se para ti. Queres tê-lo? Pratica-o. Os minutos do dia são espelhos onde poderás ver se te manténs em sua pureza.

Clamas no deserto por água e a água viva está pronta a derramar-se sobre ti.

A Vida, a Luz, só vem, quando o coração está puro e a mente tranquila; quando no fogo do sacrifício próprio o espírito renuncia para salvar os outros. Responde à CHAMADA.

Armando Torras de la Luz

Não tenho tempo de ler...

Quanto dó inspiram aqueles que assim se exprimem, quando os convidam a assinar um periódico ou a ler um livro!

Quanta comiseração merecem estas pessoas que andam aos tombos pela vida! Quem não tem tempo para ler, que é das coisas mais sublimes, não devia ter tempo para viver, nem merecia viver.

Outros são os que têm que ler e estudar por eles para lhes solucionar os problemas e fazer andar a sociedade.

«Não tenho tempo de ler...» Quanto dó inspiram aqueles que assim se exprimem e quanto se sofre ao comprovar como tantos se vão animalizando!...

Na verdade, em vez de avançar, retrocedemos para a caverna, animalizando-nos dia-a-dia, já que nem sequer «temos tempo para ler»...

Para onde vamos?...

Alma Blanca Obelar

De quem são os dias?...

Vão caindo os teus dias, como caem as folhas das árvores, secas e inúteis. Vão desaparecendo no passado sem esperança de voltar. Passou um e aniquilou-se, e passou outro, e não pudeste detê-los. Já te não pertencem, se os não encheste com obras perduráveis, com pensamentos de valor e optimismo, com palavras de alento e com acções de amor ao semelhante.

Mas, se fizeste isto, se ocupaste conscientemente os teus minutos (embora te parecessem inúteis) com migalhas de consolo e de fé para o desventurado, com um rasgo de protecção aos animais, com um gesto de mão amiga ao necessitado, então, esses dias te pertencerão para sempre no mundo do eterno. Estão aí. Esperam-te, quando transpuseres o misterioso umbral. Pertencem-te, porque os soubeste utilizar. São teus no presente e no passado, porque aprendeste a arte difícil de aproveitar integralmente os dias.

Ana Gómez Mayorga

que a lei palingenésica constitui poderoso elemento para evitar novos conflitos sangrentos, baseando-se nos seguintes postulados:

«Os renascimentos em diferentes raças ou nações acabam com o orgulho e o egoismo que separam os homens, debilitam os nacionalismos exaltados, põem um dique ao espírito possessivo, dignificam a personalidade humana, aproximam os componentes das correntes religiosas e ideológicas, forjam novo e superior conceito de solidariedade social estabelecem sólidos laços fraternais entre as nações e chamam à reflexão os dirigentes da terra, em virtude da lei de responsabilidade individual e colectiva.

«Deste modo, o Congresso acorda nestes pontos:

«1.º — Ratifica as seguintes conclusões do último Congresso do mesmo género realizado em 1946 em Buenos Aires:

I — O Espírito é eterno.

II — A Reencarnação é real, evidente e verificável, tanto pela experiência, como por via introspectiva.

III — Sem a Reencarnação, nenhuma evolução formal ou energética é explicável.

IV — A aceitação das premissas anteriores implica total renovação da base moral no comportamento individual e colectivo.

V — A Reencarnação é o sentido da História, por ser veículo do progresso.

VI — A Reencarnação é a prova viva da justiça de Deus.

VII — A Reencarnação é meio e apoio do ser no seu processo de reintegração na Origem Divina,

2.º — A Reencarnação confirma a independência do Espírito de todos os veículos usados em suas diversas manifestações.

3.º — O conhecimento da Reencarnação determina o grau evolutivo alcançado pelo Ser.

4.º — O processo das vidas sucessivas completa o autêntico conhecimento de si mesmo.

5.º — A Reencarnação sublimiza a maternidade e assinala a mulher como divina expressão na evolução ascensional do Ser.

6.º — O conhecimento da Reencarnação pela Pedagogia permitirá o correcto desenvolvimento das faculdades do homem.

7.º — A lei universal de Causa e Efeito, que rege a Reencarnação, ampliará os horizontes da Medicina e muito especialmente da Psiquiatria e Psicossomática, permitindo a cura de alguns casos até hoje considerados incuráveis.

Foi, sem dúvida, um grande Congresso, em que as ideias se harmonizaram em síntese magnífica no sentido de melhor conhecimento.

Estudos Psíquicos congratula-se com o triunfo dos confrades sul-americanos, a quem presta homenagem.

O 1.º Centenário do Espiritismo

No próximo mês de Abril será comemorado o 1.º centenário do Espiritismo em todo o mundo. Acontecimento de suma importância pelo significado que reveste, nenhum adepto lhe regateará o seu concurso. Cem anos de luta na defesa de um ideal, respondendo a motejos, aparando golpes de toda a ordem, doutrinando e divulgando com prejuízo material, sentindo obstáculos na própria família, escapulindo ao sorriso do falso amigo, como se a condição de espiritista fosse crime de morte ou roubo de igreja; cem anos a trabalhar em proveito dos outros, a desbravar charnecas, a abrir caminhos na selva ingrata sem um ceitil de salário, mas com alegria de alma, com satisfação e esperança em dias melhores, merecem ser lembrados e comemorados.

O Brasil dará talvez o maior exemplo de regosijo espiritual, porque nessa vasta região a Doutrina se tem afirmado de mil formas diferentes e concitado a atenção de todas as classes sociais. Assim, o Departamento dos Correios e Telégrafos solicitou do Ministro da Viação e Obras Públicas autorização para emitir cinco milhões de selos de Cr$ 2,50 alusivos ao grande acontecimento e cujo facsímile publicamos.

Selo comemorativo do Centenário

Mas a questão tornou-se difícil, chegando a assumir aspectos misteriosos na burocracia do Estado, que se dilataram durante um ano de expectativa. A Federação Espirita Brasileira iniciou silenciosamente o trabalho, fornecendo o cliché com a efígie de Kardec. Procurou funcionários de categoria na Casa da Moeda, foi à Comissão Filatélica, que deu parecer honroso, mas quando a questão chegava ao Ministro desaparecia o processo. Nova cópia e novo trabalho. E novo desaparecimento do processo, quando chegou ao Ministro. Ao cabo de incríveis esforços, lá foi encontrado novamente no fundo de uma gaveta. Promessas, promessas, promessas. Alguma coisa havia que se opunha à realização do empreendimento. E porquê? Não se tinham emitido selos comemorativos católicos e protestantes?

Mobilizaram-se todas as forças possíveis, incluindo políticos em evidência, e o assunto estava parado e amarrado a pedido do Cardeal! O Presidente da Federação Espirita Brasileira enviou telegramas ao Presidente da República e ao Ministro da Viação, sem qualquer resultado efectivo. Foi quando O Cruzeiro publicou a notícia do selo com a gravura na sua edição de 5 de Janeiro de 1957.

Fosse pelo que fosse, o certo é que o Ministro autorizou a emissão e podemos contar, desde já, com mais um grande triunfo, apesar da guerra que o clero brasileiro está movendo ao Espiritismo.

Manda a verdade que se exalte o Dr. Wantuil de Freitas e seu filho Zeus Wantuil, que foram, por assim dizer, os vencedores do prélio que se travava. Temperados à luz do Ideal, não descansaram nem desanimaram. Devem estar contentes.

As festas comemorativas prometem ser notáveis. Do Norte ao Sul do Brasil milhões de almas se movimentam no mesmo sentido, ciosas de liberdade e fraternidade. Querem uma pátria maior e mais bela, onde a lei iguale os homens e cada um possa exprimir a sua ideia. O ano de 1957 vai ser decisivo no tocante à expansão da Doutrina e Portugal contribuirá também com o seu esforço para o brilhantismo do Centenário.

O COMBÓIO PAROU NO ALÉM

(CONTO ESPIRITA)

Por ROCHA DE SOUSA

A luz rubra do crepúsculo banhava os campos de tonalidade mortiça e confusa.

Ao longo da linha férrea, o comboio deslizava a velocidade aterradora, na amplitude daquele entardecer tranquilo.

Jorge fitou Luciana e suspirou. Aquela viagem era maçadora e parecia nunca mais acabar. Jorge sentia-se aborrecido por causa disso; não tinha nervos para esperar tanto tempo. Apesar dos extraordinários progressos da técnica moderna, as viagens faziam-se com lentidão desesperadora...

O comboio continuava a correr vertiginosamente, como que em profunda angústia...

Luciana gostava de viajar assim... Aquela velocidade dava-lhe a sensação de vertigem. Sentia-se bem...

Mas Jorge não gostava. Era de perder a paciência viajar tão lentamente... Não lhe apetecia fazer nada, quando ia no comboio. E que comboio, Santo Deus! Sem comodidade alguma, agitado por um tremor insuportável ...enfim, uma coisa insípida, dolorosamente insípida.

O tumulto das rodas era agora mais intenso.

Jorge desesperava. As carruagens eram sacudidas de ponta a ponta.

Lá fora a atmosfera abria-se ante a marcha enlouquecida do comboio. O silvar da máquina ressoava soturnamente na charneca. E a velocidade aumentava sempre...

Luciana teria adormecido já, se não fosse aquele tremor insuportável que sacudia o comboio. Sentia-se bem instalada. Era pena aquele ruído e o bailar furioso que a fazia estremecer.

Sentiu-se mal disposta. Voltou-se para Jorge. Ia dizer qualquer coisa, mas foi interrompida por um ruído imenso que a paralisou.

Fechou os olhos com a comoção...

Depois tornou a abri-los. Sentia-se atormentada por uma angústia inexplicável.

Na sua frente, Jorge parecia ter ficado surpreendido: os seus olhos muito abertos fitavam-na fixamente.

Luciana sentiu qualquer coisa de anormal nessa surpresa.

Jorge continuava a fitá-la com o mesmo olhar. Estava ainda na mesma posição. O seu braço esquerdo personificava movimento, os seus olhos surpresa, o seu corpo contracção, mas todas essas atitudes se mantinham imóveis.

Dir-se-ia que o Tempo deixara de correr. Tudo parecia ter-se imobilizado. Um silêncio sufocante pesava na atmosfera e dominava as coisas. Uma tonalidade sombria cobrira o ambiente.

Luciana sentiu medo e chamou o companheiro. Viu-o levantar-se e olhar pela janela. Ficara qualquer coisa sobre o banco em que ele estivera sentado...

Jorge continuava a olhar pela janela com ar aborrecido. O comboio devia ter parado. Além disso, à luz rubra do crepúsculo, silhuetas confusas moviam-se caladas. Ninguém falava; não se ouvia nada.

— Vês aquela gente, Luciana? — perguntou Jorge com ar cansado.

Luciana acenou com a cabeça, mas não percebeu bem o que ele dissera... Jorge prosseguiu com ar meditabundo:

— Não compreendo porque andam lá fora. E o comboio parou... Não te parece estranho, Luciana? Talvez tivesse caído alguém à linha... Esta gente não tem cuidado nenhum.

Luciana achava que sim. Mas estava amedrontada, porque não ouvia bem a voz de Jorge, embora compreendesse o que ele dizia. Era tão estranho...

— Jorge!

— Que é?

— Não sentes que aquela gente nos chama?

— Parece que sim, — disse ele com voz distante.

Em silêncio, dirigiram-se para a porta do compartimento.

Luciana não via bem as coisas, mas tinha a sensação nítida de que as paredes estavam tortas. E continuava a ver qualquer coisa informe sobre o lugar de Jorge... Invadiu-a uma estranha sensação de frio. Quis pôr o casaco mas não o encontrou. Jorge insistia para que saíssem...

Sairam. Lá fora o ambiente era o mesmo. Não havia vento. Não havia ruídos. A luz do crepúsculo parecia agora mais fraca; estava escuro...

Olharam para as silhuetas que se moviam lentamente, mas não conheceram ninguém.

Jorge fitava aquela cena estranha com os olhos muito abertos e por fim perguntou em voz grave:

— Porque pararam?

Um homem que estava ali perto olhou-o por cima do ombro e respondeu com ar sombrio:

— Não vê?

Luciana não compreendeu.

— Jorge! — chamou — Porque respondeu ele assim?

Jorge não disse nada e continuou a fitar as silhuetas. Parecia que não estava a perceber aquele movimento e que se esforçava por alcançar a resposta do homem.

Por fim franziu a testa e olhou em volta.

Luciana olhou também.

Não se via o comboio; estava escuro...

Também não se via o campo. Era tudo plano e sem cor. O solo parecia miragem: dava a sensação de não ter consistência e era estranhamente liso... Ao fundo derramava-se um vermelho sangrento pela atmosfera oca. A linha do comboio, reflectindo a luz mortiça, parara abruptamente. Para lá dela não havia nada. Era um vácuo que produzia angústia e terror...

Jorge continuava a olhar em volta sem compreender.

Algumas silhuetas tinham começado a caminhar de encontro à penumbra. Desapareciam ao longe, na distância confusa do horizonte, sem se deterem um só momento.

Luciana pensou que aquelas pessoas tinham enlouquecido. Jorge era de opinião que acontecera qualquer coisa extraordinária. Aliás, todos os seus gestos eram pensamentos. Até o que lhe diziam não ouvia, pensava;

assimilava quase tudo por intuição. Sentia-se confuso, mas queria saber o que acontecera. Por isso perguntou a um homem baixo que estava sentado no chão:

— Sucedeu alguma coisa?

O homem olhou-o apalermado e repetiu maquinalmente:

— Sucedeu alguma coisa?!...

— Sim... Porque parou o comboio?

O interlocutor olhou-o de novo com ar imbecil e disse lentamente:

— Então o comboio parou?!... Creio que não. Não ouve a máquina apitar? Olhe para a janela... Não vê as árvores a correr?...

O homem apontava ao acaso, mas a sua voz reflectia sinceridade natural.

Jorge sentia que ele se julgava em viagem, mas não percebia porquê.

Luciana tinha vontade de rir ante a estupidez do homenzinho; contudo, percebia vagamente que era tão estúpida como ele e que, na verdade, não podia dizer se continuava em viagem ou não. O facto da linha terminar abruptamente não podia ser real, como real não podia ser nada daquilo.

Jorge estava nervoso. Pensava na resposta do homem e esforçava-se por descobrir as janelas, na ânsia de ver também as árvores.

Por fim, quedou-se. Penetrara-o uma profunda tranquilidade. E resolveu afastar-se para longe, tal como as outras pessoas faziam.

— Vamos, Luciana...

— Vamos?!...

— Sim... Não vês que o nosso caminho é para além?

Luciana não respondeu, mas foi atrás dele. Porque indicara Jorge um caminho? Ela julgava que não havia caminhos naquele lugar. Era tudo tão só, tão igual, tão monótono!...

Continuaram a andar.

As silhuetas rareavam. Viam-se algumas aqui e além, soltas, confusas, penetradas pela luz rubra do horizonte. Conservavam-se paradas, com ar sombrio e meditabundo. Outras, porém, deslocavam-se levemente em direcção à luz; era quase possível, nessas alturas, descobrir-se-lhes as feições.

Em face de tanta coisa estranha que os cercava, Jorge e Luciana detiveram-se a meio daquele cenário imenso. Neles próprios havia coisas fora do vulgar; isso era evidente.

Jorge olhou mais uma vez em volta e fixou as últimas silhuetas que a luz vermelha iluminava de tonalidade sangrenta.

Ao fundo da perspectiva deslocava-se com mais vitalidade uma outra silhueta. Ao contrário das demais, vinha em direcção a Jorge e Luciana... Deslizava de modo estranho, mas ràpidamente, porquanto o seu corpo crescia de momento para momento...

Jorge esperou-a com ansiedade. Quando ela se aproximou, viu que era um velho de barbas brancas. O seu aspecto era venerável. Havia nele qualquer coisa de grave, de solene, uma impressão fugaz de Eternidade.

Luciana sentiu que esse velho não era como os outros e tinha a certeza de que não viera no comboio. Esse velho devia pertencer àqueles sítios...

Jorge pensava o mesmo, não via no velho um ser humano, porque tinha a sensação de que ele já vivera milénios. Julgou-o um símbolo de Tempo, que tivesse parado de viver, embora continuasse vivo...

Resolveu falar-lhe.

— Senhor, onde estamos?

O velho parou e disse:

— Onde quiseres e julgares necessário.

— Mas... que aconteceu?

— Quase nada...

— Isso não é resposta! O senhor sabe por que parou o comboio, sabe que sítio é este e só nos responde com evasivas...

O velho olhou-o profundamente.

— Não, meu filho... Creio que te enganas. Só devemos ajuizar as respostas dos outros depois de termos observado as circunstâncias em que fazemos as perguntas.

Luciana não compreendeu.

Jorge continuou:

— Sinto-me confundido... Como quer que observe as circunstâncias, se as não compreendo?

— Compreendes, sim. Observa e hás-de compreender. É necessário, entendes?

Jorge olhou em volta e fixou o velho novamente.

Algumas silhuetas caminhavam de encontro à penumbra...

— Sinto que estou num lugar desconhecido...

— Sim, estás. Mas já estiveste aqui muitas vezes...

— Eu?!

— Sim... Tu e eles...

— Eles?! Eles, quem?

— Os outros, os teus companheiros de viagem. Não os vês além?

O velho apontava para as silhuetas distantes. O crepúsculo iluminava-os ainda, mas elas perdiam-se gradualmente no seio da luz. E essa luz rubra decaía; conservava-se com a mesma intensidade através do tempo e dava a impressão de que o sol agonizante nunca mais se escondia.

— Que horas são? — perguntou Luciana.

O velho sorriu e disse lentamente:

— É desnecessário saber as horas.

Aqui não há Tempo; não há posições relativas, não há dias, não há noites... Há só o espaço... O espaço... é tudo...

— Mas... — replicou Jorge — não comem, não vivem?!

— Para vivermos não necessitamos de comer. A comida não alimenta a Vida, alimenta o corpo...

— Mas o senhor tem corpo!

— Se entendes por corpo uma parcela da Vida, do Todo, então tenho!...

— E o senhor é um bocado desse Todo?

— Sim... e tu também és.

— Então não preciso alimentar-me?!...

— Não, não precisas. Vives porque és Vida; é quanto basta.

Luciana suspirou ao ouvir estas palavras. Não compreendia nada do que o velho dizia. Jorge também não era capaz de lhe penetrar a intenção.

Fixou-o de novo e perguntou:

— Trabalham aqui?

— Que entendes por trabalho?

— Fazer por ganhar o sustento do dia-a-dia.

— Então não trabalhamos...

— Porquê?...

— Porque o nosso trabalho dirige-se à Causa.

— E que é a Causa?

— É Deus!

— Afinal, também nós queremos atingir Deus!

— Sim... porque também pertenceis à Humanidade Universal. Todos somos irmãos!

Calaram-se.

Jorge começou a sentir medo.

Luciana começara a sentir-se tranquila. E perguntou:

— Então aqui não sofrem, não lutam?

— Sim. Sofremos e lutamos. Nós próprios, que somos parcelas da Verdade, não sabemos alcançá-la! Vêde como é grande o Mistério.

— Mas isto é um Mundo de fantasia! — exclamou Jorge.

— Não é. É o plano oculto de outro Mundo, daquele Mundo em que tudo é finito e limitado, menos o espírito. E o espírito já pertence à nossa vida.

— Então aqui não há dimensão? Não há fim, não há morte?!

— Não! Nem dimensões, nem fim, nem morte. Aqui não há limites; tudo é infinito, sem volume ou dimensões precisas...

— E a morte?... Não morrem?...

— Não. Morte é uma palavra ambigua que os homens inventaram com sentido diferente. Tu próprio, que acabas de «morrer», não estás morto! E tu sentes que vives!

AD AUGUSTA PER AUGUSTA

Sinto o meu ego exausto da jornada
que encetei há milénios neste mundo,
quando emergi dos páramos do nada,
animado por um poder fecundo.

De vez em quando, quedo-me na estrada,
perscrutando horizontes sem ter fundo...
Oh, quão longa já foi a caminhada
e em quantos avatares me confundo!...

Evolvi em mil formas da matéria,
com a cíntila viva da beleza,
esparsa pelos mundos e nos céus.

Já rastejei em antros de miséria...
mas reinarei em sólios de grandeza,
no meu ascenso infindo para Deus!

EU

— Eu morri?!

— Sim, morreste! O comboio em que vinhas não parou. Descarrilou, houve um desastre espantoso...

Jorge recuou um passo. Luciana, também.

— Achas estranho?

— Acho impossível! Não dei por nada...

— Dize antes que não tiveste tempo de sentir a passagem para outro plano. Continuaste preso ao conceito do Mundo material e, sem compreender a deformação das suas imagens, queres negar o novo estado em que te encontras.

Luciana olhou em volta e sentiu-se bem.

Jorge fixou mais intensamente o velho e sentiu-se desesperado. Não acreditava, não queria imaginar que o separavam do que era seu, da sua vida, do seu Mundo... E sentia vontade de chorar, de gritar...

— Vês? — disse-lhe o velho em voz grave — Não queres aceitar a verdade dos meus argumentos. Na Terra, troçavas da morte; e agora, que estás para além dela, não quéres aceitá-la.

— Como sabe que me nego a aceitá-la?

— Pensaste e eu leio o pensamento. Nós somos agora Pensamento, Essência, Espírito... Compreendes?...

— Compreendo, mas não creio!

— Crês, sim... Hás-de crer.

Fez-se silêncio... Quedou-se a vibração...

— Jorge... — murmurou Luciana — Ele diz a verdade. Não te sentes bem? Eu sinto-me tão bem, tão tranquila!... E compreendo tudo, agora...

Jorge estava alucinado.

— Tu estás bem?! — exclamou — Tu estás sempre bem! Moldas-te às circunstâncias! Admites tudo com a mesma indiferença! Nunca impões o teu querer, a tua vontade!

— A vontade de Deus é mais verdadeira do que a nossa.

— Sim, mas eu quero voltar, compreendes? Quero voltar! Quero voltar!

E crispava-se numa expressão dolorosa:

— Tenho muito que fazer! Tenho muito que concluir! Deixem-me voltar!

Os seus pensamentos exaltados diluíam-se no éter do espaço.

Luciana sentia pena dele.

O velho desaparecera, mas a sua voz ressoava na amplidão:

— Não desesperes, meu filho! Hás-de voltar para vir aqui novamente. Crê e espera!

E essa voz, que não era voz, acabou por diluir-se também no ambiente.

Jorge ficou a escutá-la de olhos muito abertos e por fim deixou de sentir-se a si próprio...

Luciana sorria a seu lado.

A luz do crepúsculo extingira-se. Não havia planície, silhuetas, não havia nada. Havia só espaço... O espaço era tudo!...

A ARTE DO FUTURO

Por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova Iguaçú)

Ilustre confrade voltou, encantado, de uma semana espirita que se realizara perto. Encantado, principalmente, com o programa artistico, constante de canto e declamação, de isquetes e música própria. Tudo, absolutamente, dentro da Doutrina Espirita, nos moldes da arte espiritualista, por que tanto nos batemos; que tem sido, desde nossa primeira hora na Doutrina, preocupação constante, a que damos intensa animação...

— Animação e até iniciação. Teríamos iniciado esta propaganda da Doutrina?

Quem conhece, realmente, os nossos livros de contos espiritas; quem estiver em dia com os nossos volumes de teatro espiritualista; quem já escutou os números de canto espiritualista, que, ajustados a música alheia, mas com finalidades espiritualistas, — de vez que não sabemos música — não duvidará disso.

A arte espiritualista, a verdadeira arte espiritualista, aqui e ali, com fortes tonalidades espirituais, tem sido, para nós, uma ânsia constante. E estamos em que a arte espirita é, não há dúvida, a Arte do Futuro, a Arte do Terceiro Milénio. Dizemo-lo, e excluindo dela o tal futurismo sem futuro que rola por ai, o marinetismo insustentável e malsão. Foi aliás, isso que o confrade ilustre, encantado com a semana espirita a que acabara de assistir, também compreendeu e sentiu. E, hoje, prega como nós temos pregado pela palavra falada e escrita, a necessidade da verdadeira arte espirita, porque espiritualizada e educativa.

O mundo ainda não se cansou de velharias, porque, no campo da Arte, não se lhe deu coisa melhor do que a Arte do Passado. Existe até este velho slogan: «Em arte, as coisas do passado. Em ciência, as descobertas e os conhecimentos do presente». As novidades artisticas do presente são de tal modo somenos; são de tal modo inferiores, que as óperas e operetas do passado e as coisas engraçadas do folclore hão-de dominar por muito tempo, hão-de arrastar verdadeiras multidões para os teatros de classe. Onde há expressão artistica de molde a suplantar uma Aida, um Trovador, uma Traviata, um Guarany?

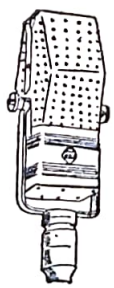
A Arte Espirita é a arte do 3.º Milénio. Rasga horizontes magníficos, exuberantes de inspiração e de emoção a toda a gente, espiritas e não espiritas. A sua literatura é vasta e impressionante. O seu teatro traz novas e maravilhosas tonalidades artisticas para o mundo exigente. O seu canto e a sua música impressionam gregos e troianos. Eis o que temos dito, mais de uma vez, pela palavra falada e escrita. E quantas inimizades e decepções, quantas incompreensões e mágoas! Não importa, que não vivemos de respeitos humanos, além de preferirmos servir à Verdade, à Doutrina e não a homens; além de nossa consciência de servir à Doutrina e à Verdade do futuro, principalmente.

Já existem, felizmente, núcleos espiritas — centros e mocidades —, que levam muito a sério os programas festivos, com teatro doutrinário, com poesias e cantos adequados, com música espiritualista. Ainda são poucas, mas já existem. A maioria realiza programas com teatro profano, com sucessos radiofónicos, com tolices e piadas salpicadas de sal grosso. E fazem os programas assim, às vezes até sem tempo, porque se eternizam, sem compreender que, por mais brilho que dêem a tais números, incidem em três pontos capitais: maior brilho terão no rádio ou no teatro, porque executados por profissionais; que três pontos capitais, maior brilho tecampo fácil e penetração livre em todos os ambientes: rádio, teatro, circo, boites, enquanto as nossas peças, os nossos números, às vezes... nem nos centros espiritas, que deixam de revelar, criminosamente, a arte do futuro aos espectadores do presente.

O Espiritismo pode dizer que já tem a sua arte própria. Já tem a sua literatura e o seu teatro. Já tem a sua música e o seu canto distintíssimos. Já tem sua poesia emocional e bela. E aparecem em toda a parte artistas espiritas: literatos e teatrólogos; músicos, composiores, poetas...

O que ouvimos do confrade ilustre e cartas que vamos recebendo de toda a parte do Brasil sobre o assunto, numa reacção sadia e oportuna, fazem-nos tanto bem à alma! Desvanecem-nos tanto! Porquê? Mercê de Deus, temos uma parcela de contribuição em tudo isso. De futuro, quando se fizer a história da Arte e da literatura dentro do Espiritismo, alguém há-de lembrar-se que nos coube a graça de publicar os dois primeiros livros de contos verdadeiramente espiritas — «Consciência» e «Para o Alto», levando até Manuel Quintão a escrever do primeiro que inaugurávamos, com o «Consciências», um processo novo de propaganda do Espiritismo; quando se falar de teatro espirita, há-de haver quem se lembre que os três primeiros volumes de teatro essencialmente espiritas publicados, quando se levava, ainda, para os programas espiritas, coisas de palcos profanos, foram nossos; quando se lembrarem de uma poesia essencialmente espirita, claro que não faltará quem se lembre do nosso «Iluminação», o nosso volume de poesias essencialmente espiritas; quando se escrever sobre a música e o canto espirita, certo que não se citará nenhum número musical nosso, pois, infelizmente, não sabemos música, mas há-de haver quem se lembre da nossa Canção da Alegria Cristã, que já se canta, felizmente, com muita emoção e galhardia, por todo o Brasil...

Parece-nos que isto vale mais do que muitas fichas de consolação, no presente, reservando, para o futuro, outras consolações maiores.



Selecções Espiritualistas

— Direcção e Apresentação de —

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

GRANDE MÉDIUM QUE DESENCARNA

Two Worlds *inseriu em 5 de Janeiro último um artigo de Maurice Barbanell relativo ao trespasse da médium-fotógrafa Ada Emma Deane, na bela idade de 93 anos.*

Há 37 anos que recebia «extras» de espíritos, quer dizer, imagens de pessoas mortas que apareciam nas chapas fotográficas, em geral amigos ou parentes dos que se fotografavam. Em 1922 fez uma série de experiências com «extras» coloridos, que suscitaram a ideia de fraude, visto os «mortos» aparecerem na sua cor natural.

O Dr. Allerton Cushman, médico bem conhecido como director do Laboratório Nacional de Washington, obteve notáveis resultados. Muito oprimido pela morte de sua filha Agnes, de 17 anos de idade, foi à Grã-Bretanha passar umas férias e quando chegou a Londres alguém lhe falou nas fotografias psíquicas, recomendando esta médium que então trabalhava na Sociedade Inglesa de Ciências Psíquicas. Comprou um maço de chapas fotográficas seladas, marcou as suas iniciais ao canto de cada uma e dirigiu-se num taxi ao Colégio. Quando chegou, a sr.ª Deane preparava-se para sair. Mas ele contou-lhe o caso e pediu-lhe que lhe tirasse a fotografia, ao que ela acedeu, sugerindo que utilizasse uma dessas chapas, que ele próprio colocou na máquina.

A médium nada mais fez do que manejar o disparador e Cushman é que revelou a chapa.

Ao examiná-la, notou sobre a sua cabeça uma bela fotografia de Agnes, talvez a mais nítida e expressiva de quantas havia tirado.

★

A sr.ª Deane toda a vida foi médium, embora durante a mocidade não compreendesse as suas faculdades. Educada como católica romana, tinha dúvidas sobre a utilização de tão precioso dom. Uma vez as freiras ficaram surpresas, quando a viram levitar. Outra vez flutuou sobre a escada.

Depois de casar trabalhou como mulher de limpeza numa escola católica; mas quando os directores notaram que era médium despediram-na imediatamente.

O seu interesse pelo Espiritismo começou num centro espirita de Hackney, na parte oriental de Londres, onde vivia. Ali encontrou uma boa amiga com quem assistia às sessões e ficou surpresa ao receber certa mensagem relativa a uma aluna da escola em que trabalhava. Julgava que esta última ainda vivia, mas depois verificou que morrera dias antes.

O clarividente que assistia à sessão disse-lhe:

— Você é um grande médium-fotógrafo.

— Não sei o que isso quer dizer... — respondeu.

E no fim dos trabalhos pediu explicações.

★

O clarividente organizou então um grupo para desenvolver esta faculdade da senhora Deane. Compraram um pacote de chapas e começaram a tirar fotografias, mas nada apareceu nas primeiras oito chapas. Isto começava a impacientá-los, até que foram surpreendidos com duas imagens de espíritos que apareceram nas duas últimas chapas.

Como eram pobres e não podiam construir uma câmara escura, utilizaram a mesa-de-cozinha, com ganchos à volta, onde penduravam panos escuros. Dentro da câmara colocavam uma vela com vidro vermelho. Para carregar a máquina e revelar as chapas tinham que andar de gatas por baixo da mesa.

A princípio, alguns clérigos tentaram fazê-la desistir daquela mediunidade. *Uma vez pediram-lhe que tirasse algumas fotografias num convento e quando as revelou notou a presença de imagens de espíritos nas chapas e não teve coragem de as mostrar às freiras.*

★

Depois de trabalhar para a Sociedade Inglesa de Ciências Psíquicas *deu sessões no gabinete de trabalho de William Stead, sob a direcção de Estela Stead, filha deste gran-*

UMA VERDADE

Um louco ignorante tem algo de simples e de são que o aproxima da Natureza. Um louco moderno, um louco instruído, é complicado e tenebroso. A loucura contemporânea adquiriu complexidade extensa, importância social, um peso solene que amedrontam.

RAFAEL BARRET

O CARÁCTER

O carácter é o que te distingue dos outros, é o que chegaste a ser, depois de todas as experiências da vida. É a realidade de ti mesmo.

Há três fases na formação do carácter: conhece-te a ti mesmo, luta contigo mesmo e vence-te a ti mesmo. O porte é que forma o carácter.

EMANUEL SAMÁ

de jornalista que perdeu a vida no naufrágio do «Titanic».

Durante três anos, em boas condições de fiscalização, tirou fotografias nos Serviços de Armistício do Cenotáfio (monumento ao soldado desconhecido), tendo aparecido nas chapas inúmeras fisionomias de soldados mortos fàcilmente reconhecidos por muitas pessoas.

★

Em 1924, o Daily Sketch *afirmou que a fotografia do Armistício era fraudulenta e que os «extras» eram imagens de pessoas vivas, incluindo conhecidas personalidades desportivas. Famosos espiritas responderam a este jornal descrevendo sessões com Deane, realizadas «à prova de fraude», mas as suas cartas não foram publicadas. O próprio Oliver Lodge lhe escreveu acerca dos notáveis resultados que obteve em sua própria casa com a médium referida.*

Ada Emma Deane

Conan Doyle estava então no auge da celebridade e resolveu submeter a fotografia espirita do Armistício e as gravuras dos desportistas publicadas e resolveu submeter ao famoso antropologista Sir *Arthur Keith a fotografia espirita do Armistício e as gravuras dos desportistas publicadas pelo* Daily Sketch. *A sua resposta foi a seguinte, apesar de ele ser anti-espirita:*

«Nenhuma das fotografias reproduzidas no «Daily Sketch» é parecida com as imagens ou fotos que se notam nas fotografias de espíritos».

Conan Doyle enviou esta declaração àquele diário, mas o editor recusou publicá-la.

Não admira, pois, que, após o seu trespasse, este último surgisse numa chapa, em sessão com a médium Deane, tanto mais que estava presente a sr.ª Caird-Miller, médium que lhe servira de veículo para se comunicar com a família. A viúva de Conan Doyle disse que Deane era das melhores médiuns que seu marido tinha visto.

★

Em 1938, o químico F. W. Warwick publicou o livro «Experiments in Psychics» com 650 gravuras de fotografias psíquicas obtidas com Deane. Algumas eram escotografias («extras» que aparecem em chapas que nunca sofreram qualquer exposição).

O articulista revela que há pouco visitou a médium e conseguiu fotografias psíquicas notáveis. Ela estava fraca, semi-convalescente, mas em plena consciência e memória admirável.

★

É esta a médium que acaba de abandonar a Terra, após uma vida inteira de apostolado. Os espiritas necessitam de conhecer os pioneiros que se distinguiram na propaganda da Causa e por isso aqui deixamos o resumo do artigo que o director de Two Worlds *dedicou à senhora Ada Emma Deane.*

I. D. S.

UMA CONFERÊNCIA DE ISIDORO DUARTE SANTOS, EM SANTARÉM

Parar é morrer, parar é estacionar! E porque sabemos que não morremos e que a Vida é uma constante evolução, jamais podemos parar. Não basta afirmar-se espirita! É preciso que, pelos actos, cada um mostre que efectivamente o é. Não basta ser-se adepto de uma doutrina, por mais bela, por mais pura, por mais sublime que ela seja! É preciso que se propague esse ideal aos quatro ventos, para que outros possam também vibrar com as verdades que ele exprime.

Isidoro Duarte Santos, um dos mais altos expoentes do Espiritismo Português, cônscio do seu papel, é assim que pensa e age. Não se limita a dizer aos confrades: — *Eu sou espirita,* não se limita a dirigir o Centro Espirita Luz e Amor e a revista *Estudos Psíquicos*. Vai mais longe... Vai até à massa anónima, àqueles que pouco ou nada conhecem da Doutrina! Vai até ao povo, ao povo que ele ama com todo o seu coração, expôr-lhe, em palavras simples, os seus pontos de vista, a sua maneira de ver os problemas do espirito, mostrando-lhe que a morte não existe, que esta vida não é mais do que uma gota de água no oceano da vida eterna.

Mais uma vez o nosso Presidente teve ocasião de falar ao grande público, na passada quarta-feira, 30 de Janeiro, no antigo Grémio Literário Guilherme de Azevedo, em Santarém. Mais uma vez teve ensejo de, junto do grande público, mostrar-lhe a importância dos problemas do Espírito, mesmo para aqueles que não militam nas nossas fileiras.

Saímos de Lisboa pouco depois das 17 horas, numa tarde quente que mais parecia de Primavera. O Sol brilhava ainda, enchendo os campos de luz! A Natureza parecia contribuir para o bom êxito de mais uma jornada de propaganda.

O automóvel utilitário levava quatro itinerantes: Isidoro Duarte Santos e sua esposa, D. Raquel, D. Ivone de Sousa e António Cardoso. E cerca das 20 horas chegámos a Santarém, onde fomos recebidos pelo nosso amigo Marecos Henriques, director da Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor. Dirigimo-nos a uma Pensão conhecida, onde jantámos, Isidoro Santos, D. Ivone de Sousa e António Cardoso. Marecos Henriques já havia jantado, também.

Às nove e meia dirigimo-nos ao Grémio Literário, hoje Centro Cultural Escalabitano, onde fomos amàvelmente recebidos por um dos seus directores, pelo Professor Bernardino Ferro que representava o Presidente da Câmara Municipal, pelo representante do Comandante da Polícia e pelo nosso ilustre confrade Dr. Adriano de Oliveira.

Na sala, muitas pessoas esperavam ansiosamente o início da conferência, fazendo as mais diversas conjecturas sobre o que se iria dizer. A nosso lado, por exemplo, sentou-se um estudante de Medicina, acompanhado de um amigo.

— Que dirá o conferencista sobre «Actividades Mentais»? Será Espiritismo? — perguntou ele ao companheiro.

— Acho que não... O título é tão vago... Pode-se dizer tanta coisa!...

Esta breve nota mostra bem o interesse que pairava em toda a sala, interesse que logo aumentou, quando o nosso Presidente subiu ao palco, acompanhado, entre outros, pelo Sr. Professor Bernardino Ferro, que presidiu, em nome do Presidente da Câmara, e o Sr. Dr. Adriano de Oliveira, que, em expressiva alocução, apresentou o conferencista.

Isidoro Duarte Santos, começou por agardecer as palavras do ilustre médico, dizendo que naquela noite se sentia duplamente satisfeito: primeiro, por ter ali encontrado um antigo companheiro de mocidade, o Sr. Professor Bernardino Ferro; segundo, por mais uma vez poder falar ao nobre, bom e acolhedor povo de Santarém.

O problema que apresentaria — disse — era da mais alta transcendência, e por isso faria o possível para que, ao findar, todos saíssem dali com uma ideia clara do seu mecanismo e valor.

E entrando pròpriamente no assunto, afirmou que, enquanto as actividades fisiológicas se exprimem por trabalho mecânico e podem medir-se em calor e energia eléctrica, as mentais só podem ser avaliadas pela introspecção e pelo estudo do comportamento humano.

Referiu-se, em primeiro lugar, ao conceito de consciência, que — disse — desde Descartes tem sido objecto de larga especulação filosófica, visto ela ser a base de variadas actividades humanas, pois serve de pilar às múltiplas tendências individuais, cujo resultado prático é a especialização, sendo as Escolas de Orientação Profissional um exemplo frisante da importância que há em descobrir as referidas tendências.

Falou depois da Inteligência e da Intuição, citando palavras do sábio francês Aléxis Carrel. Afirmou que, aliadas à Intuição, o Homem possuí outras faculdades que transcendem os estreitos limites da consciência normal. Referiu-se, como exemplo, à vidência e à telepatia, dizendo que os videntes conhecem o pensamento alheio sem utilizar sentidos vulgares.

Tratou das actividades estéticas e místicas, mostrando a sua importância na formação da mentalidade, e por último referiu-se com largo desenvolvimento à influência que o meio social exerce no mecanismo das actividades mentais, que mostrou serem independentes do cérebro, ao contrário do conceito vulgar.

— As actividades mentais — disse — podem aumentar em conformidade com determinado modo de vida. A função faz o órgão e elas são maiores num meio mais elevado (moral, estético ou religioso), do que num baixo, onde só o vício impere. Por isso as radiações mentais, convenientemente dirigidas podem aliviar e até curar pessoas que se encontrem a muitos quilómetros de distância.

Terminando, afirmou que o estudo das Actividades Mentais contribui para que o Homem tenha melhores conhecimentos de si próprio e do meio ambiente.

Uma grande ovação coroou as últimas palavras do seu improviso de hora e meia, mostrando o apreço da numerosa assistência pela magnífica lição.

O Dr. Adriano de Oliveira, vol-

CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS

Em virtude de eleições realizadas por término do triénio administrativo, a Cruzada dos Militares Espiritas tem nova directoria, juntando-se a seu grupo de trabalho director alguns novos elementos, promissoras figuras de responsabilidade espiritual já definida, quer na propaganda da doutrina, quer no serviço directo.

A cerimónia de posse revestiu-se de simplicidade e ocorreu logo após à realização da Assembleia Geral de prestação de contas, no dia 20 de Janeiro.

Está assim constituída a nova directoria:

Presidente — General Dr. Carlos Augusto Estrada.

1.º Vice-Presidente — Marechal Mário Travassos (nosso representante).

2.º Vice-Presidente—Coronel Dr. Paulino Barcelos.

1.º Secretário — Major Rui Vidal de Araujo.

2.º Secretário — Ten. Coronel Zair Figueiredo Moreira.

1.º Tesoureiro — Coronel Carlos Lisboa de Carvalho.

2.º Tesoureiro — Major Acílio Domingos dos Santos.

Procurador Geral — General Albano Osório.

1.º Procurador — Comandante Cristiano Meyer.

Bibliotecário — Major Rui Kremer.

O Conselho Fiscal ficou composto do General Ivano Madeira Coelho, Dr. Miguel Leitão de Carvalho e Major Jaime Rolemberg de Lima.

A nova directoria confirmou os responsáveis pelas diversas comissões em que se desdobra a actividade da Cruzada, ficando o Coronel Hildebrando Duque Estrada, na de Coordenação dos Núcleos, o General Fábio de Castro na de Sede Própria, o Professor Torres Pastorino na de Estudos Evangélicos, o Coronel Pedro Delfino Ferreira na de Estudos Doutrinários, o Dr. Paulino Barcelos na de Estudos Mediúnicos e D. Jálvora Barbosa Daltro, na de Assistência Social.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO

A Cruzada participará dos festejos do Centenário da Codificação com três actos: duas solenidades especiais e um Festival de Poesia Psicografada, este levado a efeito em local neutro, sendo convidada a crítica literária. Pretende-se apresentar uma selecção de poesias de origem mediúnica. Como essa poesia tem sido recebida, no Brasil, embora, abundantemente, por intermédio de poucos médiuns, os organizadores rogam que lhes seja remetida matéria, mesmo em língua francesa, inglesa ou castelhana.

tando a falar, congratulou-se pelo magnífico trabalho apresentado, acrescentando que ele, como médico, podia afirmar que o estado mental e emocional de um doente está intimamente ligado com o *processus* da cura.

O Sr. Professor Bernardino Ferro, encerrando a sessão, agradeceu ao seu «velho» amigo a magnífica lição, com a qual — acrescentou — todos certamente aproveitaram.

A assistência recebeu estas palavras com mais uma salva de palmas.

A jornada terminara. O público levantava-se e preparava-se para regressar a casa. Não resistimos, porém, à tentação de perguntar aos dois jovens sentados a nosso lado:

— Então, que tal a conferência?...

— Gostámos! Foi boa!

Respostas como estas dispensam comentários!

Novamente sós, em companhia de Marecos Henriques, Dr. Adriano de Oliveira e filha, e depois de meia hora de conversa, dirigimo-nos ao automóvel, para regressar à capital.

O regresso, bem contra a espectativa, teve de ser feito a «passo de boi», pois um impertinente nevoeiro não nos deixava ver dois palmos à frente do carro. Felizmente, todos chegaram satisfeitos e nem o nevoeiro conseguiu toldar a boa disposição geral.

Passava das 2 horas, quando chegámos! Mais uma magnífica jornada terminara! Isidoro Duarte Santos, deslocando-se a Santarém, mais uma vez mostrou o seu desejo de espalhar a Doutrina onde haja um coração a bater, uma alma a vibrar.

Ele encarna a figura dum Apóstolo, um apóstolo de modéstia invulgar, como se fosse o mais simples dos homens, propagando o Espiritismo em toda a parte. E longe de dormir sobre o que está feito, quer sempre mais, numa constante insatisfação...

E a prova disso é que, depois de termos regressado, nos disse ainda, alegre e confiante:

— Temos que voltar a Santarém...

ECOS DE U

Por ISIDORO D

XX

NOVAS E

Como dissemos, o capítulo anterior não chegou para descrever os acontecimentos do dia 29 de Maio, mesmo em breve resumo. Muita coisa havia que era preciso enquadrar neste rosário de impressões. Outras ficariam connosco, em ronda afectiva. Deus sabe quanto tempo. Eram moeda de oiro fraternal, o troco miúdo da caridade, de que falava São Francisco de Sales. Se as tirássemos do cofre onde repousam, se as fizéssemos circular no metal simbólico que as constitui, muitos se voltariam contra nós. São jóias de uso interior, que apoiam no trabalho, orientam na luta e acalmam na desgraça, quando a soberba de antigos mendicantes esquece a legenda do poeta:

Instituto Profissional Feminino «Eugénia Braga»

Aquele que menos sabe
Mais de si cuida e presume.

Quantas moedas não recebemos em abraços, em saudações, em ofertas carinhosas! Neste mesmo dia, tanto que nos deram em Três Rios! Vinhamos rico de amizade. E quase não jantámos, que o anseio era grande e a tarefa inacabada exigia esforço consequente.

Mas o prazer de falar à noite numa colectividade notável, dirigida por senhoras da mais elevada estirpe moral impunha obrigações que estávamos disposto a cumprir.

★

Já nos tinham falado na Casa Espírita, de Juiz de Fora, ali à Rua Sampaio, 419, rodeada de árvores frondosas e de flores de aroma capitoso. Uma agremiação respeitabilíssima com oito magníficos departamentos a circundá-la: Instituto Profissional Eugénia Braga, Caixa Dr. João de Freitas, Fundação Dr. João de Freitas, Assistência à Infância Leonina Braga, Legião Irmã Kantia, Tenda Auxílio Braga Esteves, Seara de Maria e União da Mocidade.

O formoso espírito de Caliope Braga de Miranda preside à faina colectiva, olhos inteligentes que num relance abrangem o conjunto harmonioso e alma para sentir as necessidades do próximo.

A seu lado, um friso de outras almas devotadas. Ei-las: Maria de Matos, 1.ª secretária; Dalci Henriques de Lima e Sousa, 2.ª secretária; Carmen Halfeld, tesoureira; *Amélia de Medeiros,* bibliotecária; *Joaquina Rodrigues,* zeladora.

Não admira que esta colmeia se desentranhe em mel delicioso. As abelhas douradas labutam incessantemente na recolha do néctar, como poesia de Deus transformada em sorriso acolhedor.

Já sabíamos que a mulher era a parte nervosa da humanidade e a primeira obra do Universo; que em torno dela gravitaram e gravitam as mais belas obras filantrópicas, e que os maiores poetas e filósofos a louvaram em diversos tons e que todas as posições lhe foram degrau em que o coração pulsou direito à justiça. Stendhal lhe chamou instrumento delicioso e Musset um vaso frágil. Lamartine aventurava que havia sempre uma mulher na origem das grandes coisas. Smile, por seu turno, dizia que a vida do homem girava em torno da mulher e Voltaire afirmou também algures que os raciocínios do homem não valem um único sentimento feminino.

O que não sabíamos é que tão nobre instituição proliferava à sombra de mãos fidalgas votadas à distribuição do amor fraterno, no material e no moral. Foi preciso vir a Juiz de Fora para avaliar na maior grandeza o trabalho da mulher espírita, que se multiplica em serviços à Causa, de Norte a Sul do Brasil. E sempre com o mesmo sorriso e a mesma suavidade, não olhando a sacrifícios, esquecendo responsabilidades próprias, a fim de atender às necessidades alheias.

Por isso, entrámos alegremente na Casa Espírita. Acolhimento prazenteiro. Saudações, hospitalidade franca, à portuguesa, onde o coração mandava e tudo obedecia sem esforço.

D. Caliope Braga de Miranda, gentileza em pessoa, palavra fluente e expressiva à disposição de sólida cultura, mostrou-nos quanto pôde, no tempo escasso que precedeu a conferência.

Levou-nos ao Instituto Profissional Feminino Eugénia Braga. Subimos uma rampa e uns degraus e deparámos com um belo edifício de dois andares, janelas voltadas aos quadrantes, fachada imponente que imprimia dignidade e majestade. Lá dentro, opulentos salões, salas menores, desvãos, tudo cheio de material didáctico: carteiras, mesas, telas, manequins, cavaletes, máquinas de escrever e de costura, vestuário

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

VII

MOÇÕES

em acabamento... Gostaríamos de ver aquilo a funcionar e uma cabeça a dirigir, sabendo que mais de duzentas moças ali vão todas as noites a escolher vocação. Um verdadeiro instituto de orientação profissional, tão necessário nas grandes urbes. As estudantes especializam-se no que mais lhes agrada, após as tarefas quotidianas.

Este monumento — não no há mais belo do que o levantado para conduzir a mocidade a seu destino superior — deveria ser espelho de milhares de outros a erguer em Juiz de Fora e nas restantes cidades do Brasil, onde se acarinha a juventude, é certo, mas faltam coisas que é preciso trazer à superfície. Dizemos assim, porque os responsáveis cogitam de projectos grandiosos tendentes a fazer da nação um lugar aparte no continente americano. Quando essas ideias se puserem em prática, o mundo falará muito do país irmão e do génio lusíada.

Eugénia Braga foi um espírito gentil que encheu de luz os caminhos que trilhou, desde Paris, onde estudou piano, até aos triunfos de violinista e harpista, cuja fama correu durante anos de labor invulgar; desde o magistério do Colégio Mineiro até à escola de artes e ofícios que fundou com destino às moças pobres e em perigo moral, renunciando à glória antiga, às apoteoses que a envolveram.

Agora, as suas mãos de rainha dedicavam-se a trabalhos mais rudes, em nobre exemplo de humildade. O génio musical que empolgara auditórios, fazendo vibrar o piano e arrancando melodiosos sons da sua harpa, tornou-se operário manual, em rasgos de caridade e modéstia... Renúncia de mulher aos caminhos largos da vida, aos aplausos, às lantejoulas, aos perfumes raros que envaidecem e passo firme na ladeira pedregosa...

Quanto maior fores — diz o Eclesiastes — mais humilde sê. Assim, mais agradarás a Deus».

É certo. A coisa mais difícil é ser humilde, abdicar, resignar o que se conquistou.

Zuzú Braga de Miranda — D. Caliope é mais conhecida por Zuzú — e Firmina Braga Esteves são as autoras deste notável Instituto que tanta alegria tem dispensado às jovens, à maneira da fábrica de malhas de Eugénia Braga, que nelas se misturara com as operárias. Seguem a mesma senda, continuam educadoras e obreiras...

★

O que vemos dava uma crónica. Na aula de pintura e música há resquícios da virtuosa Eugénia. O Grémio Literário «Cruz e Sousa» destinado a despertar vocações e a desenvolver conhecimentos faz-nos lembrar o grande poeta negro de fina sensibilidade. E o palco infantil Aurílio Braga é mimo de ternura que acorda em nós quadros adormecidos. E a Biblioteca... E a exposição permanente de trabalhos das meninas para custear as despesas...

No 1.º andar, o salão de corte e costura, dactilografia, flores, bordados, pintura e música. Salão maior que o de baixo: 80 metros quadrados cheios de conforto e bom acolhimento. Das suas janelas amplas divisa-se a histórica cidade.

É directora D. Assunção de Pinho. Portuguesa que ao Brasil se entregou de alma e coração, é modelo de trabalho perseverante. Mais uma vez a realidade surge: a presença lusitana nas obras espíritas brasileiras...

★

Quando voltámos, o salão da Casa Espírita estava literalmente cheio de assistência selecta, predominando o elemento feminino. A conferência ia ser gravada em fita magnética para reprodução nos centros de Minas Gerais. João dos Santos Coragem, novo representante de Estudos Psíquicos, preparara a surpresa, que o seu auto-ligeiro serve a propaganda do Espiritismo no Interior do Estado, através de um sistema de altifalantes.

Grupo de alunas do Instituto, diplomadas em 1954

Na mesa da presidência, além de D. Zuzú, estavam muitas figuras de relevo no movimento espírita, entre elas, o General Matos Silva, o Bady Curi, o Amadeu Santos e o Magaldi.

D. Zuzú apresentou o conferencista em termos cativantes. Grande simpatia na expressão calorosa! Tanta, que esqueceu as deficiências do orador da noite. Os quarenta minutos do improviso destinámo-los à Doutrina, à posição que ela conquistou por força de lógica, de

exemplos nobres, de afirmações de fé, de renovação moral; ao que ela tem feito em todos os departamentos da vida humana, principalmente na sociedade com institutos semelhantes ao de Eugénia Braga; com reformatórios, lares e orfanatos; com hospitais, nosocómios, educandários, oficinas de instrução e reajustamento individual; ao que ela poderá fazer, na política, na economia, no magistério, nos próprios lares, que reflectem muitas vezes o incongruente que vem de fora e os ressaibos de velhas tradições arreigadas. Aos obstáculos que tem vencido, aos rumos que tem dado à Medicina, aproveitando a disposição dos adeptos-facultativos.

Depois falou o Amadeu, de verbo fácil, com alusões carinhosas à nossa viagem. E o Bady Curi, em palavra arrebatadora, de raiz evangélica, aludiu à conferência em termos de louvor e saudação efusiva, exclamando:

— Saúdo o conferencista, que nos visita como enviado do velho Portugal de que os Brasileiros descendem.

E contou uma história episódica. Quando da viagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, a Colónia Portuguesa pretendia comemorar a travessia do Atlântico e convidou orador que não compareceu, sendo substituído pelo eloquente Rafael Pinheiro, já um tanto «alegre» das libações do dia.

Eis as suas primeiras frases:

— Portugal está orgulhoso! Portugal está tonto! Portugal está embriagado!

E quando lhe perguntaram porquê, respondeu:

— Orgulhoso da sua história grandiosa, tonto das suas conquistas do passado, embriagado das suas glórias do presente.

— Parafraseando aquele brasileiro — concluiu Bady Curi — poderemos agora dizer: Estamos orgulhosos da presença de quem veio a esta terra magnífica trazer-nos o fulgor do Espírito em comunhão luso-brasileira.

O Magaldi falou no mesmo tom. Carinhoso e benevolente, o seu discurso envolveu as duas pátrias irmãs em voluta amorável.

Depois, D. Zuzú encerrou a sessão nos termos delicados com que a abrira:

— O confrade Isidoro sairá do Brasil, mas o seu coração ficará connosco, tão grande é a simpatia irradiante de suas palavras vibrantes e amigas! Ele saberá que deste lado do Atlântico inúmeros amigos ficam a vibrar com ele e com a sua obra insuperável! Ele soube conquistar o Brasil espírita!...

Senhores! Estas palavras foram ditas para nossa edificação e confusão. Sabemos que não eram merecidas, que a simpatia é uma coisa e o valor é outra; mas temos de confessar humildemente: em certas conjunturas preferimos o sentimento à inteligência. Fernandes Costa o disse em linguagem poética:

O sentimento impõe-se, não se cria;
Tem, por si próprio, uma existência inata.
Empenho vão, se a louca fantasia
Tenta imitá-lo numa cópia ingrata!

Grandes emoções tivemos nessa noite memorável. Ao calor das palavras juntava-se a alegria das almas, que entoavam salmos de renovação num país em que as árvores crescem mais para melhor assistirem à sinfonia da Natureza.

O gravador eléctrico captou belas afirmações de amizade brasileira. Esperamo-las em Portugal. Temos saudade dessas vozes familiares, da sua inflexão, do seu estilo. Para que oiçam os que não ouviram e sintam os que não sentiram.

A Casa Espírita vibrou muito tempo em nosso coração. Todos os presentes deram o seu abraço, em comentário amistoso, para que o transmitíssemos à Lisboa distante...

★

Um parêntese. Quando vínhamos de Três Rios para Juiz de Fora, após a reunião das Mocidades, encontrámos a meio caminho uma procissão nocturna que de longe parecia funeral. À frente, a «Santa», seguida de dupla cauda em fila indiana, que se prolongava estrada em fora. Aqui e ali, uma ou outra vela acesa com cones de papel a proteger as mãos. A luz era bem necessária, que o crepúsculo já tinha caído sobre a terra.

★

Em Juiz de Fora assistimos à Procissão de S. Cristóvão no automóvel do Orville Derby Dutra. O «Santo» ia à frente, de camioneta, cercado de flores e acaudilhado por 109 automóveis e 87 camionetas, entre elas, 12 «tanques» de gasolina e outras de passageiros. Depois é que nos lembrámos: São Cristóvão é o patrono dos motoristas. Nunca víramos procissões de automóvel e por isso contámos as viaturas para completar esta nota de viagem.

★

Em 30 de Maio devíamos estar em Belo Horizonte, se o roteiro não fosse alterado. Tivemos que visitar outras instituições e realizar nova conferência no Centro Espírita «Amor ao Próximo» dirigido pelo General Matos Silva... E ficámos. Já tínhamos pena de sair de Juiz de Fora, tantas haviam sido as deferências da gente mineira.

Às oito horas estávamos no Centro E. Humildade e Caridade em companhia do Dr. Arminio de Carvalho. Íamos ver o Albergue dos Pobres, na Vila Gouveia Franco, junta ao Centro. Uma série de casas em fila. Na casa da zeladora há flores na mesa, um retrato do português Manuel Santos, que angariava sócios em toda a parte, outro de Gouveia Franco, também português e fundador, como dissemos, do Espiritismo nesta cidade. Tinha casa funerária. Às vezes, no exercício da profissão, se encontrava um pobre, ia a casa deixar o carrego e trazia o pobre para ali... Lá está também o retrato do Dr. João de Freitas, outro português e patrono da Fundação que leva o seu nome e da Casa Espírita... E o do Dr. Arminio que as crianças mandaram ampliar e com razão, não fosse ele a alma-mater do Centro e da Vila Gouveia Franco, cujas casas não têm número, que é substituído pelo nome dos protectores. «Inácio Gama»: pena privilegiada que recolhia escravos no tempo da escravatura; «Francisco Dângelo», grande protector que ofereceu materiais de construção; «Romano Lippi» e «Manuel Santos», fotógrafo, espírita e braço direito do Centro; «Georgina Quirico», médium psicográfica e receitista; «Raimundo Tavares», baluarte poderoso no começo do Espiritismo, inspector escolar e arauto sempre disposto ao sacrifício; «Maria Scaldaferri», «Francisco Vale», musicista-espírita; «Marciano Bernardes», bandido, alcoólatra, valentaço e brigão; «Paula Gomes», companheiro inseparável de Gouveia Franco...

O Marciano Bernardes tem história singular. No Largo do Riachuelo, de machado em punho, enfrentou uma vez catorze homens. Levaram-no para a cadeia. Quando saiu dirigiu-se ao Centro para o destruir. Ouviu a prédica de um espírito e converteu-se. Tempos depois era médium convicto. Então frequentava as tabernas e a mesma força que

tinha para o mal exortava-o para o bem. Demoliu e construiu. Sentava-se na taberna e dizia aos que iam beber:

— Você não pode beber! Eu era alcoólico e já não bebo!

Mais tarde procurou o Dr. Arminio.

—Doutor, você dá a Deus o que é de Deus e a César o que é de Cesar?

— Ainda não sei, Marciano.

— Então sirva de testemunha do meu casamento...

O Dr. Arminio acedeu. Mais tarde, como exímio carpinteiro, trabalhou na actual sede do Centro... As voltas que o mundo dá...

As casas da Vila são de 4 compartimentos limpos e arejados. Lá vimos a viúva de Romano Lippi, que doou ao Centro dois prédios, ficando com o usofruto...

★

O salão onde realizámos a primeira conferência leva 2.000 pessoas. Ao lado, a Farmácia Homeopática. Tudo em 1.ª dinamização. Depois ajustam-na a cada caso.

A médium receitista Maria Carimé distribui 200 receitas por noite. O Posto Mediúnico é importantíssimo. Nele trabalha o Dr. Arminio, com 18 médiuns. Vimos também a Rouparia da primeira infância e a Assistência Prê-natal e o Posto de Puericultura, sob a direcção de D. Maria José de Carvalho...

Exemplo palpitante, o que acabávamos de observar! Coisas bem estranhas para homens vulgares e bem vulgares para homens estranhos! Aquilo era a Doutrina viva do Cristo, excelsa, luminosa, a contagiar adeptos e indiferentes. Valeu a pena ficar, a fim de aprender no Livro do Amor a lição da Renúncia, que andará connosco pela vida adiante... Sim, valeu a pena ficar em Juiz de Fora...

★

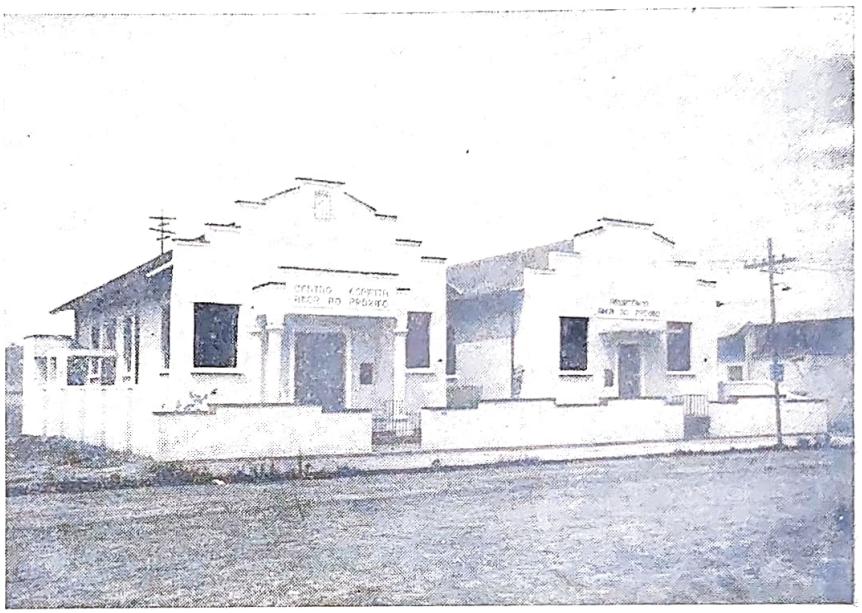
De tarde visitámos a Sopa dos Pobres. O edifício foi construído por Jesus de Oliveira, Pedro Fioravante e Orville Derby Dutra, entre 1925 e 1931 e destinado a instituição militar; mas depois doaram-no para este fim. Fornece sopas diárias nos dias úteis e distribui remédios, vestuário, etc. Já chegaram a distribuir 600 sopas diárias.

Além disto, entregam sopas a várias famílias, mediante sindicâncias, por causa dos intrujões, que em toda a parte proliferam.

A dissimulação é a mentira silenciosa — disse Fallex; e Luís XI, de França, opinava: «Quem não dissimula não reina». Não admira, pois, que o logro impere neste mundo. Segundo La Fontaine,

Entre os homens
Mil se conhecem,
Os quais são uns
E outros parecem;
Dispam-lhe a pele
Que os faz troantes,
Ficam sendeiros
Como eram dantes.

Também há baianos que vieram do Nordeste acossados pela intempérie. Enfim, há de tudo, menos acepção de pessoas. E o Governo Federal contribui com 20.000 cruzeiros...



Centro Espirita «Amor ao Próximo», de Juiz de Fora

No 1.º andar é o Centro Venâncio Café. Lá está a Biblioteca Derby Dutra, o Museu Pedro Fioravante e outra biblioteca maior com o nome do patrono. Ao fundo, um grande salão de conferências.

★

Restava a palestra da noite no Centro Espirita «Amor ao Próximo», a convite do General Alberto Matos Silva.

Há pessoas que não precisam de abandonar a modéstia para revelarem a sua estirpe. Talhadas de uma só peça, são verdadeiras muralhas contra as quais esbarra a maledicência e a futilidade. A sua cultura, a sua inteligência, a sua honestidade são marcas respeitosas que se acatam e se enaltecem.

A nossa impressão deste homem é difícil de exprimir. O Padre António Vieira tinha um belo conceito de autoridade: «Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande. Por isso os ditos que alegamos se chamam autoridade, porque o autor é o que lhe dá o crédito e lhe concilia o respeito».

A autoridade do General Alberto de Matos está na sua presença contínua, sempre igual, como fazenda de bom pano. Modesto no trato, tão modesto que chega a parecer tímido, o seu olhar ressumbra claridades, quando a Doutrina está em jogo. Podemos aplicar-lhe o conceito de Cervantes: «Senta-te no teu lugar e não te farão levantar».

A primeira vez que o vimos foi na União Espirita de Juiz de Fora. Sentimos grande afinidade com ele e pensámos: «gostaríamos de trabalhar com este homem». O que pensou, ignoramo-lo. Sabemos apenas que possui todos os livrecos que temos publicado. Que traço de união se estabeleceria entre nós? Mistério. O que é certo é que ficámos ali mais um dia por sua causa.

A simpatia é o imã da vida, na frase de Sterne. Sem ela não pode haver aglomerados humanos, que se constituem por atracção.

Em todo o Brasil não vimos elemento mais aprumado. Basta entrar na sua agremiação para se ver um organizador meticuloso, verdadeiro amigo da ordem.

O Centro Espirita «Amor ao Próximo», rua Henrique Burnier, 314, é um conjunto acolhedor. Disciplina em tudo, até na arrumação da casa.

Fachada moderna, lado a lado o Centro e a Assistência. Asseio esmerado, primoroso, impecável, num e noutro imóvel.

Entramos no primeiro. À esquerda, o Gabinete Médico, a cargo do Major Armando Roquete Vaz. À direita, o Gabinete de Curativos e a Farmácia Homeopática. Alopatia e homeopatia em ligação estreita.

A Cantina é dirigida pelo Capitão José Saldanha Nunes. O mesmo apuro em todos os pormenores.

Na Campanha do Quilo, os donativos são relacionados com os elementos necessários.

A pobreza envergonhada tem lugar especial na instituição. Um modelo de assistência, como não vimos melhor em todo o Brasil.

O General Matos deseja construir um chuveiro eléctrico destinado a pobres. Os beneficiários terão de ser submetidos a observação médica para evitar o contágio das toalhas. Haverá chuveiros para homens e mulheres, com toalhas, sabonetes, água quente e fria. Fiscalizado pela Prefeitura e administrado pelo Centro, será obra única no Brasil. É possível que o projecto já tenha sido executado.

Quinhentos associados mantêm a obra, com dedicação e estima, olhos postos no labor da Directoria.

Oito são os Departamentos desta obra original.

O Ambulatório Dr. Nicanor, que compreende o Gabinete Médico, a Sala de Curativos e a Farmácia.

A Assistência Frederico Figner (Amparo ao Órfão), que distribui roupas, livros didácticos, material escolar, etc.

A Assistência Irmão Helvecius (Auxílio aos Pobres), que distribui géneros, roupas, cobertores e colchões.

A Assistência Judiciária Prof. Raimundo Tavares, que mantém defesa judiciária gratuita de pessoas reconhecidamente pobres.

A Escola Espirita do Evangelho, com aulas de Moral Cristã e Estudo Evangélico em quatro séries.

O Gabinete de Estudos Psíquicos para conhecimento da ciência espírita.

A Mocidade Espirita Amor ao Próximo.

A Aula de Corte e Costura Rosa de Matos Silva.

Na Aula de Corte e Costura as moças entram com o trabalho e o Centro com o restante.

As séries da Escola Espirita vão desde o Jardim da Infância à Pré-mocidade, com 90 crianças.

O Gabinete de Estudos Psíquicos tem cinco lâmpadas suspensas do tecto e megafone de voz directa. Lá vimos trabalhos valiosíssimos, entre eles alguns de materialização e moldagem. Impressionou-nos muito a máscara de João de Deus em parafina e cera. Há quatro anos que o Gabinete funciona. Um dos objectivos mais importantes é curar as úlceras de estômago por meio de transposição celular.

Este é o Centro Espirita «Amor ao Próximo» dirigido superiormente pelo General Matos, homem de inteligência e de acção ordenada.

Aqui realizámos a última conferência de Juiz de Fora. Aqui o General nos apresentou, dizendo de sua afinidade connosco e de como acompanhava o esforço literário do visitante, ao qual atribuiu méritos que não temos. Mas ele quis ser amável. As pessoas bondosas vêem sempre atributos nos amigos, mesmo que eles nada tenham que se aproveite. Nisto, os Brasileiros são exímios, talvez inimitáveis, quando se trata de Portugueses. Como não havemos de amar o Brasil e o seu povo hospitaleiro?

Não nos lembramos do assunto que ventilámos, tantos e variados eles foram nas plagas amigas de Santa Cruz. Mas sabemos que o Alto estava naquele salão repleto; que nos entusiasmámos intensamente; que a assistência compreendeu o tema exposto e incentivou o conferencista; que o General Matos nos dispensou cativantes gentilezas e todos os membros da Directoria. Isto sabemos, porque tais impressões ficam para sempre na placa sensível. O tempo amortece a lembrança do acontecimento, dilui o pormenor, a faceta de menos valia; mas a expressão viva que obrigou a palpitar, essa permanece na memória integral.

A fotografia desta agremiação traz a seguinte dedicatória subscrita pelo seu Presidente:

«Ao ínclito e impoluto confrade Isidoro Duarte Santos, oferecemos esta modestíssima lembrança executada no Instituto Profissional Eugénia Braga, que será penhor seguro de eviterna recordação da memorável noite de sua honrosa visita ao Centro Espirita «Amor ao Próximo», em 30 de Maio de 1955.

«Com profunda admiração e respeito e em nome da Directoria do Centro,

a) *Alberto de Matos Souva*»

★

O Centro Espirita «Amor ao Próximo» faz parte da nossa galeria de agremiações exemplares, como o Centro Espirita 18 de Abril, do Rio de Janeiro, e a Federação Espirita do Paraná. É impossível esquecê-lo e à sua figura máxima, o nosso querido General, coluna mestra da Doutrina, cérebro para guiar e braço para lutar. É impossível esquecê-lo, como é impossível esquecer a manifestação calorosa dessa noite, tão forte, tão espontânea, como se pertencêssemos, de facto e de direito, à «Princesa do Paraibuna», ou talvez não, já que os santos da terra perderam o condão do milagre...

Nesta crónica ligeira muito fica por dizer. Queremos ainda registar uma frase do Antenor de Sousa, que ali acorreu para nos estimular em abraço amigo:

— Calculávamos que gostaríamos imenso da sua visita, mas nunca julgámos que fosse tanto. Você leva o coração de nós todos!

O Antenor é a bondade em pessoa. É o Chico Xavier de Cruzeiro...

Estava terminada a visita à nobre cidade de Juiz de Fora. Antes de chegar era a incerteza, a angústia, a hesitação de quem viaja sujeito ao imprevisto. Depois era o desgosto de abandonar os amigos que nos cumularam de atenções. Sempre entre dois fogos de barragem: o passado e o futuro; o ser e o não ser.

A «Manchester Mineira» valia melhor referência no tocante à expansão da Doutrina. Arroteado está o campo à espera da semente... Não admira que seja boa a colheita.

★

O Almeida Cardão perguntou-nos:

— Qual a diferença entre um Português e um Brasileiro?

Como não soubéssemos, concluiu:

— Um nasceu em Portugal e outro no Brasil.

Muito certo. A diferença não está no homem, está na região. Portugueses e brasileiros são iguais no sentimento, na dignidade, no carácter expansivo e no amor ao próximo...

★

O Magaldi, o Amadeu Santos e o Lasneau subiriam connosco a Belo Horizonte, ladeando o Bady Curi, que de lá viera para nos levar. Romaria de almas seria a caravana em missão desbravadora. Entretanto, recolhíamos ao Hotel Imperador, do patrício de Viseu, a fim de reconstituir as forças. Após o movimento é grato o repouso ao coração agradecido...

Deus do céu, que nos deste alma sensível! Que nós possamos reflectir as maravilhas de quanto vimos e sentimos nesta formosa pátria brasileira!

SOLILÓQUIO

Seja qual for o aspecto que assuma a inimizade que separa os indivíduos, as famílias e os povos, ela é produto genuíno do orgulho.

Até aquela indiferença de uns pelos outros, quando passam em relativo convívio de visinhança e de trabalho, é manifesta ausência de humildade; e onde não mora a humildade, reside o orgulho.

O brio que cada um de nós deve ter consigo próprio, tanto na higiene e asseio como no comportamento correcto, quer familiar, quer social, é uma virtude, quando não ultrapassa os limites da humildade; fora desses limites, aquele brio, tão necessário à evolução individual, pode degenerar em vaidade e orgulho, que são sempre prejudiciais ao progresso evolutivo de cada um.

A diferença de classes sociais, não deve ser motivo de orgulho para ninguém, porquanto — por força das circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis — as situações sociais podem modificar-se da noite para o dia. — «Ninguém diga: desta água não beberei».

A diferenciação real, mercê da evolução feita e distinta pela inteligência e virtudes de cada indivíduo, sempre progressiva, nem essa justifica sombra de orgulho; porquanto, quanto mais evoluído e consciente for o indivíduo, melhor compreende as dificuldades de evoluir, as quais são tanto maiores, quanto mais preguiçoso tiver sido o indivíduo.

O orgulho é muito mais nefasto que a preguiça; esta poderia deixar-se morrer à sede perto da fonte; mas aquele seria capaz de secar a fonte para mais ninguém beber dela.

O orgulho não hesita em sacrificar tudo e todos para conservar os seus pergaminhos por mais amarrotados que estejam pelo tempo, e para não abdicar dos seus preconceitos por mais obsoletos que sejam.

O orgulho é produto de certas ideias fixas, as quais, quando atingem o estado de obsecação, arrastam os indivíduos a cometer crimes execrandos, tais, sòmente por causa do orgulho da supremacia de casta, de raça, de crença, de sapiência e ainda poderio, domínio, política, soberania que tantas vezes muda de mãos na vida secular dos povos.

Tenho observado que é mais fácil convencer um preguiçoso a abandonar a sua preguiça e aceitar qualquer estímulo para prosseguir na sua evolução, do que um orgulhoso convencido que atingiu as culminâncias do poder e do saber, convicções essas que o indivíduo conserva para além da morte.

É necessário tornar a nascer, esquecido do passado e com novas condições existenciais, a fim de continuar a sua evolução.

MANUEL CAVACO

NOTÍCIAS DA BAHIA

UMA PUBLICAÇÃO SIMPÁTICA

O interesse com que os assinantes de *Estudos Psíquicos* a recebem todos os meses e o modo elogioso como eles se referem à variada matéria doutrinária estampada em suas páginas, dizem bem da simpatia dos espiritas baianos por esta publicação portuguesa. Não há negar que é uma das melhores revistas de Espiritismo e com larga penetração em vários países, ascendendo a milhares os exemplares distribuídos entre os seus leitores em quase todos os Estados brasileiros.

«O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA»

Por carta que o redactor-correspondente desta revista recebeu do escritor e jornalista Deolindo Amorim, este já lhe pôs no correio «O Espiritismo à Luz da Crítica», seu último livro, impresso em São Paulo e editado pela Federação Espirita do Paraná. Neste volume, ansiosamente aguardado aqui na Bahia, o festejado estilista e exegeta do Espiritismo no Brasil, refuta de um modo irrespondível, o libelo de um encarniçado adversário de nossa Doutrina, o padre Álvaro Negromonte, que entendeu criticá-la injustamente em um opúsculo editado há pouco tempo.

PRÓXIMOS TRABALHOS DE ALFREDO MIGUEL

A «Estudos Psíquicos Editora», consoante deliberação expressa do seu director Isidoro Duarte Santos, brevemente lançará nas livrarias de Portugal e do Brasil, talvez no 1.º semestre de 1957, por ocasião do centenário do Espiritismo, em forma de livro, os 30 artigos de Alfredo Miguel, inseridos nesta revista, sob o título — «A Tese das Vidas Múltiplas». O trabalho é uma síntese da doutrina da Reencarnação, onde o autor no-la mostra apoiada na ciência, na Filosofia, na História e no Evangelho, através de um estilo e uma argumentação que se insinuam pela clareza. Também para oportuna publicação, encontram-se em poder da editora da Federação Espirita do Paraná os originais de «Palestra com os Moços», obra de alertamento e exortação, muito útil, sem dúvida, principalmente aos neófitos, militantes das Juventudes Espiritas organizadas. «Apologia da Prece» é outro trabalho que Alfredo Miguel acaba de concluir e ofereceu à União Espirita Baiana, para que esta o imprima e reverta o produto da venda em favor da futura construção de um sanatório, à maneira de outros existentes em nosso país, destinado ao tratamento de doentes mentais, ou, melhor dito, obsidiados. Explanando o assunto com muita lógica e corroborando-o com numerosos factos que o tornam ainda mais sugestivo por mostrar a sua objectividade, o nosso confrade leva o leitor a concluir, como Alexis Carrel, que «a prece é o único poder no mundo que parece vencer as chamadas «Leis da Natureza».

C.

A PROPÓSITO

POR SUZANNE

Quando nos apercebemos, à à luz de conhecimentos ocultos, do que será a Quarta Dimensão, parece-nos evidente que só depois da morte poderemos saber do que se trata.

Os sábios da vanguarda, que perscrutam as sendas inexploradas do desconhecido, conseguiram obter intressantes revelações sobre esta dimensão, considerada como hipótese pela ciência oficial; mas a sua linguagem matemática não está ao alcance de todas as inteligências.

A tese mantém o aspecto de especulação abstracta, sem solução prática, embora seja de grande interesse para o homem, porque explicaria racionalmente o futuro da alma e o seu estado após a morte.

Por outro lado, temos, como testemunhas, os médiuns, entes dotados de faculdades psíquicas supranormais que lhes permitem actuar numa dimensão diferente. E é inegável que os fenómenos espiritas se exercem à «maneira de quarta dimensão».

É preciso confessar que o assunto não está ao alcance de todos, pois as revelações psíquicas e espiritas não alcançaram, oficialmente, o «direito de cidade».

Contudo, além dos citados meios de investigação, há outro que é apanágio de todas as criaturas terrestres e pode dar-nos uma amostra do Além. Esse meio é o sono.

Sabemos, efectivamente, que passamos, a dormir, mais de um terço da nossa vida, o que nos permite escapar temporàriamente às pesadas leis do espaço a três dimensões. Graças ao sono, não temos consciência de penetrar em nova dimensão; mas o facto é que ela existe e, logo que adormecemos, vivemos e agimos sem preocupações de espaço e tempo, sem nos subordinarmos à superfície e à duração, isto é, fora das normas dimensionais conhecidas.

Na misteriosa actividade do sono, revelada pelos sonhos, todas as limitações terrestres desaparecem. Temos o dom da ubiquidade e simultaneidade em pensamento e acto.

Sem a menor surpresa encontramo-nos no mesmo instante nos lugares mais afastados. Tudo o que nos cerca é permeável e maleável, à semelhança do ar, e sentimos impressão de leveza. O passado e o futuro confundem-se no presente e todas as noções da lógica terrestre se desvanecem em benefício do comportamento.

Não é durante o sono que vemos às vezes realizar as proezas fantásticas e maravilhosas dos contos que brotaram da imaginação de poetas-videntes, favorecidos por fugas ao mundo da Quarta Dimensão?...

A prova de que o sono abre uma porta deste mundo, é a incoerência, quase sempre flagrante, dos sonhos que facilita.

Aquilo a que chamamos incoerência não se baseará no facto de não podermos traduzir o outro mundo na lógica do nosso?

E de que lado está a incoerência? E a verdadeira lógica? O que parece ilógico à nossa mente, tributária de um raciocínio baseado em três dimensões, não no é para uma consciência a quatro dimensões, como a que funciona durante o sono.

A tradução, ou seja, a transposição do que se viveu noutra dimensão apresenta-se difícil e até, na maioria dos casos, impossível. É isso que provoca a incoerência dos sonhos, salvo nos casos em que se passa perfeitamente de um a outro grau de consciência e vemos o sonho registar-se de maneira coerente na vigília.

Quer seja através da incoerência ou da veracidade, os sonhos demonstram a existência de actividades extra-físicas durante o sono numa dimensão desconhecida.

Mergulhando-nos em estado de inconsciência temporária, o sonho arrebata-nos momentâneamente a lógica e o raciocínio dedutivo terrestre e permite-nos saborear um estado de consciência superior, que é o da alma liberta da carne e na posse de todos os seus meios psíquicos e espirituais.

Por isso é que se diz que o sono é a antecâmara da morte.

Parece que esta alternativa quotidiana do estado de vigília ao estado de inconsciência das coisas do nosso mundo se torna indispensável, para satisfazer a dualidade, que existe em nós, de parte do ser inferior submetido às necessidades terrenas e do ser superior que aspira às realidades espirituais.

O sono proporciona à consciência faculdades de extensão que ultrapassam as que lhe permitem desdobrar-se normalmente.

Com efeito, operando a neutralização da consciência tridimensional, ele liberta a consciência quatridimensional a que se chama *Consciência da Vida, Consciência da Alma, Consciência do Absoluto.*

O sono permite à nossa alma respirar o ar puro da sua verdadeira pátria para que mantenha o hábito dos ritmos fundamentais, que são as mortes e renascimentos sucessivos, ritmos que o sono nos recorda diàriamente em escala reduzida, mas bem eloquente!

Nenhum ser vivo pode passar muito tempo sem o sono, esse momento de evasão das estreitas limitações terrenas, sem o qual a alma não poderia viver continuamente. Pois não é lamentável notar a indiferença com que se considera este fenómeno extraordinário e quotidiano, que tão bem se harmoniza com os fenómenos condicionados pelo Sol e que se apresentam sob o aspecto do dia e da noite?

É evidente que o sol desempenha

na economia da vida orgânica uma função essencialmente restauradora, permitindo ao corpo físico a reparação dos danos causados pelo desgaste das forças vitais. Mas, como se exerce este fenómeno? Muitas pessoas acreditam que o sono é um estado passivo e negativo. É um erro profundo: ele implica, pelo contrário, um estado de intensa actividade, constituido por várias tarefas de restauração.

Durante o desfalecimento do corpo carnal, os corpos subtis, libertos da prisão, podem exercer completa actividade nos seus planos respectivos e haurir as forças necessárias para equilibrar o corpo psíquico, sem o que este não poderá ser utilizado pelo Espírito.

Que maravilha é este processo de restauração do corpo efectuado durante o sono! Os corpos superiores evadem-se para imergir no oceano de força e harmonia do mundo que lhes é próprio e regressam para vivificar todas as faculdades e forças do ente em que habitam e cujas actividades condicionam!

DA 4.ª DIMENSÃO

MISSET-HOPÈS

Ainda que seja muito importante o papel do sono como restaurador das forças psíquicas, basta meditar um pouco na sua misteriosa fase quotidiana imposta aos seres viventes para compreender que esse papel é mais transcendente.

Graças aos trabalhos e revelações das ciências psíquicas e parapsicológicas, o sono requer atenção cada vez maior, pois demonstrou-se que numerosas faculdades mediúnicas se manifestam só durante o sono, pela influência duma força invisível ou pela hipnose, sob acção de um magnetizador.

O sono assume então o carácter de transe mediúnico, durante o qual a consciência do médium passa a outro plano vibratório, num mundo superior que é o da Quarta Dimensão, onde vai haurir conhecimentos ou comunicar com os seres e coisas que o povoam.

Além das experiências psíquicas pròpriamente ditas, o sonambulismo é a demonstração mais vulgar desta verdade. O mesmo pode dizer-se do sono resultante da anestesia, da letargia, da calatepsia, do mais simples desfalecimento e de todos os estados que, suspendendo as faculdades normais do indivíduo, lhe conferem o acesso a outro campo dimensional e, por conseguinte, a visão, a audição e até a revelação de coisas desconhecidas na terra. São extremamente curiosas as impressões recordadas pelos que viveram acidentalmente as fases dos diferentes estados de sono, que proporcionam ao homem aquilo a que se chama o «prolongamento» do veículo psíquico humano.

Como resultado das observações anteriores vemos a necessidade de suspensão ou diminuição da actividade psíquica que ajude o homem a sair das fronteiras terrenas e a progredir em elevação interior.

Compreenderemos assim mais claramente o papel da ascese e dos métodos conducentes ao domínio próprio, tão mal compreendidos por aqueles que os criticam.

As disciplinas da vida tendentes ao domínio do corpo não visam a diminuição das faculdades normais do homem, mas apenas a supressão progressiva dos instintos inferiores e das paixões autoritárias que prejudicam o desenvolvimento das faculdades espirituais. Podíamos aplicar aqui, em favor do Espírito Divino que habita em nós, as palavras de João Baptista a respeito de Jesus-Cristo: «É preciso que ele cresça e que eu diminua».

Enquanto o ser humano não alcançar o desenvolvimento, o grau de consciência, a harmonia interior proveniente da Unidade, isto é, o Reino de Deus preconizado por Jesus, ser-lhe-á sempre imposto um ligeiro desequilíbrio traduzido em diminuição de força e de autoridade psíquica, se deseja apagar em si próprio o homem verdadeiro e tentar o acesso a mundos superiores.

Grande matemático inglês declarou um pouco temeràriamente que, «para se conceber nitidamente a Quarta Dimensão, dever-se-ia possuir outros sentidos e um cérebro diferente e sair-se completamente do invólucro terrestre. Numa palavra, deixar de ser homem».

Ora, digam: não tendem as disciplinas dessa vida a libertar o homem da carne, a desenvolver nele novos sentidos que lhe proporcionem a compreensão de realidades superiores desconhecidas?

E não descerra o sono a porta do mundo da alma imortal, esse mundo da Quarta Dimensão em que nos agitamos por meio da nossa invisível realidade?

O homem é acima de tudo um ser invisível e nada conhecemos da sua posição em graus que correspodam a dimensões ignotas.

Não esperemos que a morte seja a nossa iniciadora. Deixemos à Ciência os meios de investigação exterior, apenas ao alcance de alguns, e utilizemos os meios de informação interior de que fomos dotados, a fim de aprendermos a abordar o Desconhecido, depois de nos conhecermos a nós mesmos.

Para isso, tomemos em consideração o que nos oferece o sono, pois nos liberta todos os dias da gaiola de três dimensões terrestres e das grilhetas da fadiga, permitindo à consciência o acesso a uma dimensão superior, onde beneficia de contactos transcendentes. Tentemos compreender as razões que levaram os antigos a dizer que o sono é um benefício dos Deuses!

(De «Survie»)

O Presente do Menino Pobre

Era pobre,
muito pobre,
não tinha ninguém,
lustrava sapatos,
vendia jornais
e dormia num banco de jardim.
Andava descalço,
de camisa esfarrapada,
os cabelos despenteados
e tinha uns olhos tão bons,
que a gente gostava de olhar!
Ele via com amor
os que viviam como ele
na pobreza.
Pensava
que os que lhe compravam jornais
poderiam ser seus pais
e os amava também.
Quando chegava o Natal
era que tinha a maior alegria;
via as vitrinas coloridas,
brinquedos de todos os tamanhos!
Bonecos,
trens,
animais...
Quanta coisa bonita!
Seus olhos bons
cheios de amor
olhavam os brinquedos
e olhavam os meninos
que ao lado de seus pais
apontavam os presentes preferidos.
Ele podia apontar,
não adiantava nada,
ninguém lhe daria
o que ele mais desejava!
Ficava andando
horas inteiras,
até que as vitrinas
se fechassem.
Ia para o seu banco de jardim...
e dormia!
E sonhava também!
Como todos os outros meninos,
ele via os brinquedos queridos,
via os animais,
os trens,
os bonecos...
e os amava profundamente
com aqueles seus olhos bons...
Mas, enquanto os outros meninos
sonhavam que os brinquedos eram seus,
ele os via na vitrina
e nem sequer apontava
o que achava mais bonito!
Ninguém lhe daria
o que ele mais desejava!
Quando chegou o Natal
e viu todos tão felizes,
só ele não tinha alegria,
foi para o seu banco de jardim,
sempre só!
E sonhou...
mas teve um sonho melhor:
— Aquela estrela bonita,
que ele via na vitrina
e que ele mais desejava
entre todos os brinquedos,
estava lá no alto
faiscando fortemente,
como a sorrir para ele!
Então sentiu-se elevar
e a estrela foi ficando mais perto
cada vez mais perto!
E lá, afinal, chegou.
Era pobre,
não tinha ninguém,
andava descalço,
lustrava sapatos,
vendia jornais...
Um outro menino pobre
ficou com a sua caixa de engraxate
e passou a sonhar, também,
com a estrela faiscante
das vitrinas de Natal...
Por que há-de haver, Senhor,
sempre um menino pobre
que deseja uma estrela
que o tenta da vitrina iluminada,
da loja maior e mais linda
da grande cidade?
Fazei, Senhor,
que eles encontrem
as estrelas com que sonham
e que tanto amam!
Fazei, Senhor, que um dia
eles ponham os olhos
no coração dos vossos filhos,
daqueles que forem realmente
Vossos Filhos!

(Recebido pelo médium Francisco Luciano)

AGREMIAÇÕES ESPIRITAS SEM ESTATÍSTICA

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

Em verdade poucas são as ciências, como o Espiritismo e a Metapsíquica, que necessitam de visar problemas tão complexos, diversos e profundos em suas manifestações. Este critério é próprio daqueles que as estudaram em todos os seus aspectos através de experiências confirmatórias. Escusado será dizer que não podem nem devem interessar os juízos ligeiros e apressados dos que aventam seus magros veriditos em prol ou contra.

As duas ciências, mesmo que lhes neguem essa condição, exigem anos à comparação teórico-prática comparação, de exame, de observação e de paciência a toda a prova, Prejudicá-las parece-nos infantil; condená-las sem conhecimento ou exaltá-las com objectivos de propaganda é tão absurdo, como negá-las sistemàticamente.

Os homens e as instituições responsáveis que dedicaram longos anos à comparação teórico-prática destes assuntos assumiram um compromisso de inegável importância histórica, porque uma ciência e uma filosofia, como o Espiritismo, que resistiu cem anos aos embates das paixões humanas, tem necessáriamente de parar na sua trajectória para fazer exame retrospectivo.

Temos de saber qual a nossa situação no progresso das ciências, das filosofias e da experimentação e quais os resultados positivos dos trabalhos realizados pelas instituições espiritas: quantos e qual a espécie de médiuns que actuam em nosso movimento. Uma estatística anual rigorosa teria o condão de ilustrar a opinião pública e permitir-nos-ia um juízo exacto acerca do progresso das nossas entidades.

Não basta contar com determinadas instituições, mas saber que trabalho desenvolve cada uma em benefício dos princípios científicos, filosóficos e morais do Ideal. Cada centro, cada sociedade, núcleo ou agremiação espirita tem sido até hoje uma espécie de repúblicas independentes e isoladas, sem estreitas e permanentes relações construtivas tendentes a consultas recíprocas, intercâmbio de médiuns, de comunicações mediúnicas, de experiências psíquicas realizadas no sentido de estabelecer um plano orientador.

Uma conclusão deste género extensivo a todas as instituições idóneas seria a melhor prova de desenvolvimento das actividades espiritas de indubitável importância destinada a cooperar no progresso efectivo de algumas ciências. Não generalizamos, porque alguns dos nossos organismos trabalham meritòriamente. Os seus exemplos merecem ser imitados, visto que temos de oferecer antecedentes da ciência espirita, além de provas concludentes do que realizamos e observamos no campo da psicologia experimental.

Reforcemos, pois, as nossas afirmações ou deduções com citações de eminentes cientistas e documentação probatória de suas experiências. Infelizmente, poucas instituições ultrapassaram os resultados científicos daqueles abnegados. Vivemos em assombrosa rotina, enquanto o progresso da Física Nuclear, a Biologia e outros ramos do saber avançaram de forma surpreendente. Assim, ninguém estranha se amanhã estas ciências eclipsarem os conhecimentos espiritas ou metapsíquicos, a não ser que organizemos métodos de trabalho e a vida das instituições.

Não se trata de contemplar sem interesse como os sábios mergulham audazmente no mundo das investigações, mas de estugar o passo no sentido de sermos consequentes com as indicações do Codificador e tendo em vista o avanço das ciências. Devemos atrair homens sérios que busquem a verdade científica, universitários que tenham estudado pelo menos as obras do Doutor Gustave Geley, sugerindo-lhes algumas considerações antes de lhes entregar os médiuns.

«É que os processos de investigação usados no mundo físico — como disse Léon Denis — não podem adaptar-se ao mundo psíquico, em que os pensamentos entram em jogo. Estes é que modelam, esculpem lentamente o nosso ser interior, influindo até na forma exterior, a ponto de se poder destinguir, pelas feições e expressão do rosto, o homem de bem e o homem vicioso».

O paralelismo psico-fisiológico desempenha função precária nas investigações espiritas e metapsíquicas, como se verifica em milhares de provas.

O nosso olhar deve tender mais para as Universidades, a fim de que adoptem aquelas duas ciência, como já acontece nos Estados Unidos, na Dinamarca, na Suécia e Noruega. Conquistemos a confiança dos universitários sérios e estudiosos, especialmente os médicos, a quem incumbe aprofundar os problemas de Metapsiquismo e Espiritismo, porque têm necessidade de conhecer a personalidade humana no seu tríplice aspecto.

Os universitários virão, sem dúvida, quando se convencerem de que desenvolvemos um trabalho orgânico metódico, fiscalizado, orientado para a interpretação de certas leis naturais desconhecidas pela ciência oficial. É necessário preparar experiências elevadas e transcendentes, para lá dos espíritos batedores, dos fenómenos de levitação e outros similares, porque é preciso proporcionar fenómenos de materialização, de escrita directa, de bilocação e outros de natureza subjectiva, tão indispensáveis à medicina moderna.

Tudo isto se pode realizar, se os espiritistas abandonarem as discussões comesinhas, sectárias e dogmáticas e penetrarem nas esferas que evidenciem a próprios e estranhos até onde podem chegar as inteligências invisíveis com seus conhecimentos e radiações quadrimensionais.

O futuro espera dos espiritistas conscientes um trabalho mais eficiente, mais em concordância com a evolução psíquica da humanidade. Impregnemos os nossos organismos com outra seiva e recuperemos o tempo perdido no últimos quarto de século. Coloquemo-nos ao nível dos tempos, se quisermos honrar melhor o ideal que propagamos.

(Trad. de I. D. S.)

A VERDADE E O AMOR

Só há uma fonte de verdade e de amor, que é Deus. Jesus é o caminho que conduz a essa fonte. É a luz que nos ilumina através desse caminho, único que nos leva ao Pai, como nos ensinou o Mestre. Podemos aprender esta verdade, este amor, despertar para esta nova vida, vendo e sentindo um facto que nos poderá ser apresentado, seja por quem for. Mas, no fundo desta verdade, haveremos de sentir e compreender que é Jesus, o nosso irmão e mestre, quem nos fala, em resposta à nosa indagação, porque disso necessitamos para nos instruirmos e orientarmos sobre a ciência da vida eterna. Porque tais problemas só poderemos resolvê-los com Jesus, o nosso mestre. Só ele tem a sabedoria e o amor capazes de nos ensinar a conquistar a felicidade, sem precisarmos de fazer vítimas. Só ele tem o dom e o poder de nos fazer sentir a verdade e o amor do Pai com exemplos simples e palavras sem retórica. É ele quem, pela primeira vez na terra, nos pregou e exemplificou a lei do verdadeiro amor, que manda orar pelos que nos perseguem e caluniam. Que manda perdoar sempre para conservarmos a paz e o amor em nossos corações; para que possamos manter permanente união com ele, assim como ele vive unido com o Pai, e usufruirmos a vida eterna. A vida eterna é a vida à luz da consciência, tornando-se cada qual uma manifestação da sabedoria e amor em união com Jesus, que internamente vive em nós, como lei divina que nos proteje e ilumina silenciosamente, instintivamente...

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

PRÁTICAS MEDIÚNICAS

Somos dos que discordam de alguns confrades nossos, no dizerem que o Espiritismo é tão antigo como o mundo.

Não é exacto. O Espiritismo data do terceiro quartel do século passado, porque foi em Abril de 1857 que Allan Kardec o tornou conhecido nas suas bases filosóficas com o lançamento de O Livro dos Espíritos. *Os outros livros vieram depois, tendo o últ livros vieram depois, tendo o último,* A Génese, *aparecido em 1868.*

A prática mediúnica, ou melhor, o fenómeno espirita, este é que vem dos primórdios dos tempos. Médiuns sempre existiram e por eles os Espíritos comunicaram em todas as épocas. O intercâmbio entre os vivos e os mortos está patente nos livros sagrados das mais antigas religiões do universo. Nunca deixaram as almas imortais de dar sinal da sua imortalidade, e é por isso que jamais houve um povo totalmente materialista ou ateu. A ideia de Deus e da vida futura é intuitiva.

Outro erro, e erro grave, porém este da parte dos que não entendem de Doutrina Espírita ou a repelem, é supor que mediunismo e Espiritismo vêm a ser uma e a mesma coisa.

Se tal fosse verdade, então podia-se dizer com acerto que o Espiritismo tinha a idade do mundo. Mas, nesse caso, aquele distinto médico e pedagogo francês nascido em 1804 não houvera sido o seu Codificador.

Ora, se a mediunidade é primordial e universal, compreende-se perfeitamente que não pode ser apanágio do Espiritismo, conquanto haja o Espiritismo surgido por via da mediunidade e represente ela a sua parte experimental ou prática.

Factos de origem medianímica ocorrem por toda a parte, servindo de instrumento da sua produção pessoas pertencentes à religião católica, protestante ou outra qualquer. Actuam como médiuns, mesmo a contragosto, até indivíduos sem crença definida, tanto quanto os que negam a possibilidade desse comércio com a esfera espiritual.

Expondo de maneira sucinta este assunto, sòmente temos em mira assinalar o engano de muitos que costumam inscrever indistintamente, com o nome de Espiritismo, *tudo que ocorre em simples reuniões de médiuns.*

Nas exibições de terreiro, dirigidas pelos chamados «pais de santo», por exemplo, é inegável o contingente mediúnico; mas, que ponto de afinidade tem o «candomblé» com o Espiritismo?

Mesmo as práticas medianímicas dali, que identidade têm com as dos médiuns espiritas disciplinados segundo as instruções da Doutrina que professam?

No Espiritismo a prática é a execução da teoria e tudo se inspira no bem; fora dele o mediunismo se processa empiricamente e nem sempre alveja fim superior.

Importa não confundir o Espiritismo com simples exercício de mediunidade, ainda que afastado qualquer interesse que a deslustre.

ALFREDO MIGUEL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

15

A LIÇÃO DO ANIMAL

Amigos radiouvintes:

Já tenho contado muitas histórias de cães, gatos, cavalos, bois, elefantes, todas elas demonstrando a existência de um princípio anímico nos seres impròpriamente chamados inferiores. Hoje ofereço outra de não menos valor, que levará muitas pessoas a rectificar juizos levianos e a meditar neste grande problema.

Em Setembro de 1952 uma senhora de setenta anos faleceu em casa isolada de Perdix, perto de Saint-Brieuc, deixando um gato que era o seu companheiro. Uns amigos e familiares da defunta tomaram conta do bicho, que se afeiçoou à nova residência, a dois quilómetros da residência antiga.

O gato adaptou-se ao ambiente. Reagia às carícias, passeava pela casa e fazia rom-rom como qualquer semelhante. Nada havia de particular no comportamento do felino. Afinal, um gato é coisa simples. Come e dorme, mia aqui, mia acolá... Alguns são caçadores, não esperam que lhes atirem o pitéu. Procuram-no à vontade. E um rato aparece quase sempre na sua estrada de Damasco...

Nesse ponto não há felinos grandes nem pequenos. Amimados ou escorraçados, são e serão os mesmos de todos os tempos.

Um grande poeta escreveu apólogo interessante intitulado «Os Dois Gatos». Creio que foi Bocage. Começava assim, pouco mais ou menos:

Dois bichanos se encontraram
Numa trapeira um dia...

Um deles todo o conforto
Era dormir ao borralho.
O outro em leito de senhora
Tinha mimoso agasalho.

Houve rivalidade entre os dois. O sangue azul também chegou aos animais. O segundo tinha orgulho do seu leito. Até que um dia se encontraram na trapeira e se estabeleceu o seguinte diálogo da iniciativa do gato pobre, que perguntou:

— «Tu não mias?» — «Mio». — «E [sentes
Prazer em pilhar um rato?
E o comes?» — «Oh, se o como!»
— «Então, não passas de um gato!»

Não sei o resultado da conversa, mas não há dúvida que o gato pobre chutou à baliza e marcou um golo certeiro.

No caso que me interessa, havia apenas um bichano e esse mesmo se esgueirou no aniversário da morte da primeira dona, em direitura ao antigo domicílio, casa mobilada e desabitada aos cuidados de um guarda que lá ia periòdicamente, com a missão de arejar e limpar.

O autor do relato — é de *Spiritualisme Moderne* que extraio os elementos desta crónica — diz que a data do aniversário podia ter sido mera coincidência. Mas o gato parecia não ter viajado ao acaso, pois que, em vez de miar, arranhar e fazer esforços para entrar em casa, sentou-se à porta e esperou a vinda do guarda. Logo que este chegou e abriu a porta, o gato entrou sorrateiro pela fenda disponível e começou a cheirar à volta e a percorrer a cozinha e a casa de jantar, sem qualquer manifestação de tristeza. Mas quando chegou ao quarto da dona e cheirou todos os vestidos, entrou a miar ansiosamente, até que a sua voz aumentou, em desespero. E durante uma hora continuou a gemer. Depois acalmou-se e regressou a casa dos novos donos, tranquilamente, como de lá saíra.

E durante um ano a vida do animal decorreu serena. Nada se produziu de anormal. Mas, no segundo aniversário, o amigo fiel recomeçou a piedosa romagem...

Nesse dia teve que esperar, porque o guarda se demorou muito. Tudo estava deserto. Impacientou-se o gato e andou à volta do edifício, a miar ruidosamente, como quem pede auxílio. Até que chegou o guarda. E à semelhança do ano antecedente, o animal entrou em casa, passou pela cozinha, pela sala de jantar e entrou no mesmo quarto de dormir, voltando a cheirar o que pertencera à dona e a miar cheio de aflição. Depois regressou tranquila-horas, os minutos e os segundos e a lançá-los na vida dos seres. E outro ano se escoou na ampulheta e pela terceira vez o gato fiel voltou à piedosa romagem. O guarda demorou-se e o animal repetiu aquela cena antiga em torno da casa desabitada.

Não sei qualificar esta lição. Excede quanto se pode imaginar. Que dirão os cépticos? Que dirão os orgulhosos? Que dirão os indiferentes? A que força imperiosa obedecia o gato? Quem lhe ensinou a contar os anos e a fixar os dias?... Altos mistérios que a ciência não consegue desvendar.

O articulista lembra uma circunstância interessante: porque não se teria dirigido o gato ao túmulo da defunta, como sucede com outros animais domésticos, atraídos muitas vezes ao local da inumação? E termina dizendo que o gato se comportava, exactamente como se tivesse encontrado a dona ainda viva.

★

Não há dúvida. Grandes exemplos nos vêm dos animais domésticos. Mas aqueles a que chamamos ferozes são capazes de rasgos semelhantes. Podia referir muitos casos que deixariam boquiabertos alguns *reis da criação*. Sem falar no gado bovino que forma quadrado para nele defender as crias; nem em certa classe de chimpanzés que organizam vigilância metodizada ao procurar abrigo em regiões inóspitas; sem falar nas andorinhas que chegam (permitam-se o termo) a *alugar* residência durante arribações sucessivas; sem falar no sacrifício de aranhas que se deixam devorar pelos filhos, havia grandes lições a aproveitar.

O gato de Pordix é modelo de fidelidade e merece inclusão na galeria dos felinos célebres. Não é só o faro que o distingue. Isso é natural em todos os gatos. O faro e o sentido da orientação. De um sei eu que foi metido num cesto hermèticamente fechado e conduzido a quilómetros de distância. Estava velho e

gafado e os donos abandonaram-no em terra alcantilada. Dias depois, essas almas inclementes despertaram alta madrugada ao som de estranhas miadelas. Era o pobre gato que voltava, humilde e suplicante. E os donos, em face da lição providencial, não se desfizeram mais do animal. Levaram-no ao veterinário... A consciência tocou-os e guiou-os...

Que grande lição a do bichano!

Boa noite, amigos ouvintes. Saúde e boa disposição. Que Deus vos guarde e à terra brasileira.

12 de Fevereiro de 1957

16

UM ESCRITOR

Amigos radiouvintes:

A crónica de hoje é de referência a um livro notável. Escreveu-o Deolindo Amorim, companheiro e amigo de há muitos anos, redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na cidade maravilhosa. Por isso não me sinto muito à vontade. As palavras dos críticos são às vezes deturpadoras, mormente quando aludem às obras dos amigos. É claro que «O Espiritismo à Luz da Crítica» — o livro em questão — poderá não ser obra-prima no verdadeiro sentido do termo, mas é, sem a menor dúvida, lição de polémica que proporciona óptimos ensinamentos.

Já conhecia o autor através de múltiplos trabalhos; já me tinha deliciado no seu formoso estilo, claro e transparente, onde o purismo sadio imprime notas de grandeza máscula ao lado da sinceridade e da cultura e, principalmente, da correcção, sua norma essencial, quer no jornalismo que lhe reserva lugar eminente, quer na tribuna, onde o verbo lhe fulgura em notas de rara convicção. Mas este livro de resposta ao reverendíssimo padre Negromonte apresenta-nos um Deolindo bem diferente.

Eu sei por mim próprio quanto custa escrever um livro de polémica, que seja, ao mesmo tempo, repositório vivo de ensinamentos, no qual o profano possa granjear informação ou experiência. E por isso avalio melhor o trabalho honestíssimo de um garimpeiro das letras, que se tem batido ao lado de Carlos Imbassahy, Pedro Granja, Sérgio Vale, Cavalcanti de Melo e outros, serenamente e firmemente, cheio de elevação e conhecimento, modelo de expressão e de lógica que chegam a ser impressionantes.

O «Africanismo e Espiritismo», que publicou em «Estudos Psíquicos» há cerca de dez anos, e «O Espiritismo e os Problemas Humanos», que publicou depois em edição da Gráfica «Mundo Espírita», revelam o estudioso na posse de grandes faculdades. Quem o ler nestes dois livros fica conhecendo um homem que se impõe sem jactância, que se insinua sem duplicidade, mercê de *quid* próprio, de faceta que o distingue de outros escritores.

Ninguém melhor do que ele divulgará uma doutrina. Se Carlos Imbassahy luta à maneira de Bozzano, argumento incisivo e sequência harmónica, Deolindo expõe a maneira de Kardec, em perfeito sincronismo vocabular. Cada termo, seu pensamento, verbo fácil a dominar, a subjugar, a empolgar o leitor, a conduzi-lo suavemente, sem esforço visível, através de raciocínio lógico e argumentação subtil, por vezes engenhosa, mas leal, e outras metafísica, em trancendência de conceito.

«O Espiritismo à Luz da Crítica» é mais do que resposta magistral ao livro «O que é o Espiritismo» do padre Negromonte, visto o respeitável sacerdote ter desvirtuado documentos e relatos, colocando-se à margem da boa controvérsia.

Uma das objecções mais frequentes à genuinidade da doutrina espírita é a chamada fraude mediúnica, a que Deolindo responde:

«Por mais inteligentes e engenhosos que sejam os farsantes, toda farsa carece de tempo, de calma e coragem para enfrentar os riscos de uma intervenção severa. Não se prepara uma farsa de um momento para outro, sem que os farsantes estejam compenetrados do papel que vão desempenhar». E aludindo à frase do padre Negromonte, segundo a qual as fraudes estão provadas e testemunhadas e que os próprios espíritas não as negam, diz que «o Espiritismo repele incondicionalmente qualquer forma de impostura e que a fraude representa o lado negativo da investigação, ao passo que os fenómenos rigorosamente provados representam o lado positivo, o seu aspecto invulnerável». Há desassombro e verdade nisto. Responsabilizar o Espiritismo pelas fraudes mediúnicas seria o mesmo que responsabilizar a Medicina pela existência de médicos-charlatães.

O capítulo «Causas Naturais» é uma peça de antologia digna de expansão nas classes cultas. Nele se afirma que o Espiritismo não só ergueu a filosofia espiritualista, como também revigorou a crença em Deus. Por isso, as religiões devem estar satisfeitas e tudo que façam em contrário será ilógico ou preconcebido.

Quanto aos fenómenos em si, não tem havido na igreja critério algum equitativo. Ocorridos no sector católico são exaltados e sublimados; ocorridos no campo espírita são apontados como acção diabólica.

Em todo o livro paira o espírito do autor a rectificar inexactidões, a explicar o que parece confuso, armado de paciência sem descer ao azedume, sem ironizar o contendor, semelhante ao apóstolo que avança a direito e ao semeador de verdades insensível ao vento. Em todas as páginas ele está sereno e firme, vigilante à dialética do prelado, não deixando um ponto sem crítica e uma pergunta sem resposta. Ao capciosismo opõe argumentos; à escapatória opõe o facto incisivo. Vasculha os arquivos, percorre as obras mestras, analisa, medita, passa as hipóteses pela fieira do juízo, menciona as fontes, alude ao caso de Chico Xavier, estuda a explicação naturalista dos fenómenos espíritas, mostra a oposição do Espiritismo ao Positivismo e ao evolucionismo spenceriano, sem incoerências nem cansaço, em linha recta, na defesa do seu ideal, que é também um grande baluarte.

Pena é que Deolindo Amorim tivesse escrito em guisa de polémica. O que ele diz a Negromonte melhor ficaria em tese, numa obra de consulta à disposição dos afeiçoados às coisas do espírito. É lamentável que um homem culto fizesse afirmações insubsistentes, desprovidas de critério, obrigando o nosso amigo a descobrir a solércia e a dar-lhe combate. No fundo, quem ganhou foi a Doutrina, fomos nós todos, que temos um livro forte, um livro são, um livro-guia, que faz lembrar «O Espiritismo à Luz dos Factos» de Carlos Imbassahy e servirá de exemplo a outros lutadores, igualmente serenos, igualmente dedicados, com bagagem própria, senso moral e estilo vernáculo ao serviço do idioma em que Herculano e Barbosa vazaram as mais belas obras literárias.

Desculpai, amigos, se pouco vos disse de um escritor baiano que muito vale. Para analisá-lo seria necessário escrever muitas crónicas e este microfone não é local indicado. «O Espiritismo à Luz da Crítica» define um homem superior. Estimulai-o, acalentai-o, que o Espiritismo conta com ele nos prélios do futuro.

Boa noite. Até à próxima. Que Deus guarde o vosso lar e preserve a terra brasileira.

26 de Fevereiro de 1957

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

«LINCOLN ERA ESPIRITA?»

Spiritualisme Moderne, de Liège, extraiu do *Psychic News* o seguinte comentário que Stephen Lang escreveu acerca do livro «Lincoln era Espirita?», da autoria de Nettie Colburn Maynard:

«Nettie Colburn deu muitas sessões na Casa Branca, quando Abraham Lincoln era presidente dos Estados Unidos da América. Ditou este livro em linguagem natural, pouco rebuscada, que reflecte a sua personalidade numa época de grandes acontecimentos.

«Simples, de inteligência média, mas de honestidade escrupulosa, era o traço imprevisto e involuntário entre Lincoln e o mundo espiritual.

«Boa médium de efeitos físicos e psicográficos, mas tornou-se conhecida por suas conferências, nas quais apresentava questões que as meninas da sua idade não podiam compreender.

«Em Agosto de 1862 (primeiro ano da guerra civil) é que os Guias a dirigiram para Washington e a induziram a falar ao presidente Lincoln, porque alguns espíritos de políticos desejavam comunicar com ele.

«Nettie recusou, julgando que o acolhimento não seria favorável. Mas em Novembro recebeu duas cartas no mesmo correio; uma era o convite para falar em Baltimore; a outra era do seu irmão hospitalizado em Alexandria e que, esperando a morte, queria voltar a casa. A última carta fê-la aceitar a oferta da primeira. Baltimore proporcionou-lhe a entrada num centro espirita de Washington, onde a apresentaram ao ajudante do Secretário Geral do Ministério da Guerra. Nesta cidade recebeu uma comunicação dizendo que seu irmão obteria autorização para voltar a casa nas próximas 24 horas, se ela quisesse visitar Lincoln, visto as entidades espirituais terem declarações a fazer-lhe. Se recusasse teria grandes aborrecimentos e não poderia sair de Washington.

«Nettie recusou sempre. Conseguiu a autorização que seu irmão pedia, mas o ajudante do secretário desapareceu com a carta...

«Um dia um indivíduo foi buscá-la na carruagem do Presidente da República para assistir a uma sessão onde estava a senhora Lincoln, que declarou no fim dos trabalhos:

«— Esta jovem não deve sair de Washington. Lincoln deve ouvir as suas revelações...

«E Nettie partiu para a Casa Branca.

«O que sucedeu na primeira sessão só o Presidente compreendeu. Mas quando aludiu à Declaração de Emancipação, as dúvidas extinguiram-se. Numa linguagem persuasiva, majestosa, Lincoln era acusado de não escutar os que o aconselhavam a retardar aquilo que seria o mais glorioso acontecimento da sua administração e da sua vida.

«No fim, o Presidente confirmou a comunicação, dizendo:

«— Encontro-me em grandes dificuldades para sacudir a pressão que me fazem».

«Quando o exército se desmoralizou, quando ameaçava revoltar-se, foi Nettie que, através do seu Guia, o Dr. Bamford, sugeriu o remédio: a visita pessoal de Lincoln aos campos de batalha.

«Ninguém sabia que os negócios iam mal e o Presidente foi o primeiro a reconhecer a vantagem dos conselhos recebidos. E seguiu-os, contra a opinião dos conselheiros.

«Nesta sessão os espíritos afirmaram que Lincoln seria reeleito. Noutras advertiram-no de um possível assassinato.

«Na última sessão com Nettie exclamou:

«— Viverei para a minha obra até que esteja concluída e nenhuma força terrestre mo impedirá.

«Interrogado sobre a origem das mensagens respondeu:

«—Não estou preparado para descrever a inteligência que dirige esta jovem. Mas ela não podia conhecer coisas que me têm sido comunicadas, nem o que se passou nas minhas consultas prévias nas sessões, nem dos negócios militares, nem dos acontecimentos que só eu conheço e que não revelei a ninguém, nem jamais foram publicados.

«Nettie acrescenta que se o Presidente não tivesse reconhecido o Espiritismo, não teria assistido às sessões, sobretudo numa época em que o seu país estava em perigo».

A CASA DO TERROR

De *Fate* extraímos o seguinte caso devido à pena de Emil Zubrin e que traduzimos em versão livre.

Na cidade Cuernavaca, a menos de oitenta quilómetros da Capital mexicana, ergue-se uma bela construção de cinco andares que se encontra desabitada há mais de dez anos. É conhecida por *La Casa dos Espantos* (A Casa do Terror), devido às aparições de fantasmas que lá se têm verificado, apesar de ficar próxima da Catedral, do Jardim Borda, do Hospital Civil e do Hospital da Cruz Vermelha.

A sr.ª Villegas de Nuñez, que vive nas proximidades da casa, diz que passou lá uma vez à meia-noite e viu um padre sair da porta, atravessar a rua e entrar na Catedral pela porta aferrolhada e encadeada.. Jura, mesmo, que era um visitante do outro mundo e agora tem medo de passar naquele sítio.

Os inquilinos não aquecem o lugar na *Casa dos Espantos*. Uma noite, duas noites... Uma semana já é muito. E todos se queixam de aparições e ruídos vários.

Jesus de Eguiluz, que uma vez à meia noite passou lá num caminhão, sentiu o carro estacar, como se movido por força invisível. O veículo deteve-se precisamente em frente da casa assombrada e ele viu sombras misteriosas a sair do edifício. Quando o carro se pôs em andamento ficou tão assustado, que se dirigiu à esquadra de polícia e dois agentes o acompanharam até

à *Casa dos Espantos*, mas não viram coisa alguma.

Houve inquilinos apavorados que abandonaram a casa e foram dormir no Jardim Borda, voltando lá no dia seguinte para levar a mobília e abandonar aquele foco de distúrbios.

Os habitantes de Cuernavaca contam estes episódios aos turistas estrangeiros em ar de graça, mas o caso é que se encontra lá um prédio moderno de belíssima construção, onde ninguém deseja viver...

CRUZADAS DOS MILITARES ESPIRITAS

A Cruzada dos Militares Espiritas, com sede no Rio de Janeiro e a que preside o General Dr. Duque Estrada e o nosso redactor-correspondente Marechal Mário Travassos, que comandou o Corpo Expedicionário Brasileiro à Itália na Guerra Mundial, ganha prestígio e expansão em todos os sectores da pátria-irmã.

Agora, o Ministro da Guerra Lott concedeu terreno para a construção da sede do Núcleo da Cruzada dos Militares Espiritas da Vila Militar e Deodoro, que funciona na Biblioteca do Quartel General da D. I.

Pela primeira vez na história do país — diz o Serviço Espirita de Informação — essa regalia é outorgada pela autoridade federal, embora seja do âmbito dos municípios. E acrecenta:

«Assim se consolida a noção absolutamente legal de que cumpre ao Estado possibilitar materialmente assistência religiosa consoante as preferência individuais dos cidadãos e não sòmente à religião da maioria. Se os espiritas em geral acorrerem em apoio à Cruzada dos Militares Espiritas, no sentido de construir na Vida Militar uma sede condigna não tardará o dia em que igual concessão seja feita ao Colégio Militar, onde tal necessidade é manifesta».

Não há dúvida. A influência que a Cruzada exerce nos regimentos e escolas militares reside em grande parte na sua Direcção Geral, a que pertencem homens de grande valor intrínseco que se impõe a todos, inclusive católicos e protestantes. Nesta progressão incessante, é fácil avaliar o que será a Cruzada dentro de alguns anos. O Positivismo, que assolou as Forças Armadas Brasileiras numa época de confusão ideológica, está a ser substituido pela Doutrina Espirita, mais lógica e mais adequada às necessidades do presente.

É preciso animar e auxiliar esta instituição, cheia de prestígio moral e intelectual, concedendo-lhe os meios indispensáveis ao seu progresso regular.

A família militar detém em qualquer parte as mais belas prerrogativas inerentes à honra, à dignidade, à disciplina e ao aprumo que lhe são peculiares. Por isso o seu exemplo tem inúmeros seguidores, principalmente no Brasil, onde ser militar é ser respeitado. Não há classe mais digna de apreço e reverência. Enquanto a maioria das nações tergiversa em caminhos escusos, as classes militares vigiam em sacrifício para garantir a paz social e a indivisibilidade do território. «Se um militar é espirita é porque o Espiritismo é obra honesta». E assim se vai aumentando o número dos adeptos.

Estudos Psiquicos está ligada intimamente a esses briosos elementos. Faz questão de acompahá-los em toda a emergência, não para honrá-los, mas para se honrar. Com efeito, é para nós a maior honra acaudilhar as nobres figuras que dirigem superiormente a Cruzada dos Militares Espiritas.

A propósito, lembramos que, em 26 de Dezembro de 1956. os licenciados espiritas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal compareceram no Centro Espirita Bezerra de Menezes, do Rio de Janeiro, num encontro de despedida e recolhimento de alma.

Lá estava Walter Sheffer, Marieta March, Zair de Figueiredo (orador da turma), Hélio de Castro, Ari Pereira da Silva, Leda Carneiro, Sérgio Torres, Vara Lisboa, Lizete Wanderley, Jussana de Araújo, Iolanda Rodrigues e José Lourenço.

Do Colégio Militar saiu também a turma de Horácio Lucas, pertencente à Mocidade Espirita, e os jovens que se destinam à Academia Militar das Agulhas Negras poderão continuar nas suas actividades doutrinárias.

O TRESPASSE DE HORE-BELISHA

Os jornais noticiaram há pouco o trespasse repentino do antigo Ministro da Guerra ingles Lorde Hore-Belisha em Reims. Eis uma nobre figura que desaparece. O Espiritismo perde nele o amigo e o simpatizante. E embora não militasse pròpriamente em nossas fileiras, como Hannen Swaffer e Conan Doyle, praticou acções que oportunamente arquivámos e que relembramos com prazer.

— Os mortos estão sempre connosco — costumava ele dizer nas horas boas e más.

Fred Archer recorda no *Psychic News* alguns passos de nosso conhecimento inerentes ao popular Ministro dos Transportes que instituiu os famosos sinais de perigo em todas as estradas inglesas, e dizendo que ele acreditava na sobrevivência da alma humana.

De facto, Hore-Belisha auxiliou o notável médium-curador W. T. Parish, cuja obra meritória está sendo continuada por sua esposa Peggi Parish.

Quando o médium quis ampliar o velho Santuário em East Sheen, só havia ali uma faixa de terra, para a qual ele sentiu enorme desejo de mudar a sua actividade. Os corretores, porém, disseram-lhe que era impossível, visto que o terreno era de Hore-Belisha, que já tinha recusado ofertas de compra com destino a construção de moradias.

Parish falou ao estadista, que mostrou franca simpatia pelos trabalhos de cura. Só desejava que evitassem ruidos, para não incomodarem sua mãe, que residia ao lado. Mas a senhora Hore ficou satisfeitíssima e pediu que lhe reservassem uma cadeira especial onde pudesse orar e meditar, quando fosse ao Santuário.

Parish recebeu uma comunicação de seus guias e Lorde Hore-Belisha comentou:

— Nunca tive na minha vida experiência tão bela!

Mais tarde foi ao Santuário e orou na cadeira de sua mãe. Parish disse-lhe que ela fora ali descrita por clarividentes e Hore-Belisha ficou profundamente comovido.

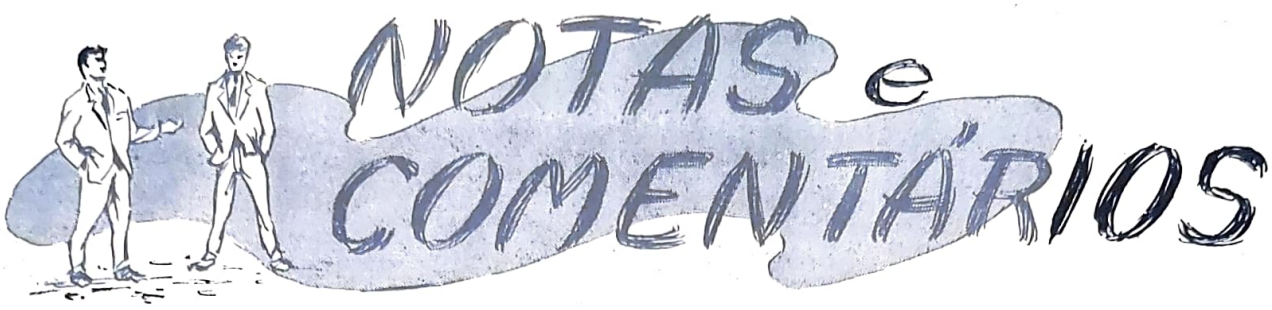
Tinha o maior interesse pelas curas operadas no Santuário de Parish, a quem disse uma vez:

— Você está realizando uma grande obra!

Noutra ocasião, quando passeavam juntos no jardim, Hore-Belisha alçou o braço sobre os ombros do médium, exclamando:

— Parecemos dois monges a passear no jardim do Santuário!

Fred Archer termina, dizendo que, apesar da sua brilhante carreira política, Hore-Belisha era dotado de grande misticismo e por isso buscava de quando em quando o silêncio do mosteiro, a fim de reforçar o património espiritual.



«ACTIVIDADES... MENTAIS...»

O jornal Santa Iria, dirigido pelos «párocos de Santarém», publicou no seu n.º de 10 de Fevereiro último o seguinte comentário a propósito — ou despropósito — da conferência que realizámos no Centro Cultural Escalabitano:

«Realizou-se há dias, no nosso burgo, uma conferência subordinada ao título «As Actividades Mentais». Acorreu bastante gente, a colher os pontos da «actividade mental» do orador. Entre essa gente muitos havia que se dizem católicos e que como tais são conhecidos. Custa a crer que tenham ido desprevenidos. O título da Conferência já dava margem a suspeitas. E depois, os convites foram feitos pela Direcção do Centro E. Luz e Amor. Não teriam percebido o que queria dizer aquela inicial E? Tratava-se de «gato escondido com o rabo de fora». O próprio facto de vir só a inicial duma palavra, no meio de outras escritas, já devia chamar a atenção. Não seria precisa muita esperteza para desfazer a cilada.

«Estava-se mesmo a ver que aquele E era a inicial da palavra Espirita, e que a conferência era promovida pelo Espiritismo. Caíram como «patinhos» e alguns mesmo com responsabilidades especiais! Custa a crer! Nem todos, porque alguns, se são muitos, foram à conferência, sabendo ao que iam. Para esses não há desculpa nenhuma. Há muito sabem que não podem fazer «aliança do sim e do não»; há muito tempo sabem que o Espiritismo, além de combatido pela ciência, é condenado por Deus, através da Bíblia e através da Igreja; há muito sabem que não podem dedicar-se ao Espiritismo e ser admitidos à recepção dos Sacramentos.

«As Actividades Mentais! Estas actividades, quando feitas sem o controle da razão, fàcilmente provocam «doenças mentais». Daí, talvez os doentes estarem mesmo a pedir assistência médica!»

Isto é tão pobre, que não merece comentário. Gostaríamos de ler a crítica à nossa palestra no «Observando... e Comentando...» do jornal. Por simples curiosidade. Mas, em vez de criticar o trabalho, criticou a assistência. São maneiras de ver o problema. Se o articulista tivesse assistido, avaliaria o «controle da razão» de quem falou e talvez prescindisse de «assistência».

Não seja desconfiado, prezado colega. Nem o Espiritismo é lobisomem, nem os seus paroquianos são doentes. Depois... estamos na era atómica... as crianças nascem ensinadas... e é muito difícil conduzi-las ao bom caminho. Nem com doces se enganam. Olhe uma coisa: não queira endireitar o mundo. Cercear a liberdade de alguém é remar contra a maré. Se o fruto proibido é tão apetecido... Demais, os ilustrados directores do Centro Cultural Escalabitano são espíritos fortes e não cuidam de «coisas mínimas». Nem eles, nem o digno presidente da Câmara Municipal, que indirectamente presidiu, nem o nobre Comandante da Polícia, que se fez representar, nem o distinto médico que nos apresentou e que decerto prestaria assistência ao colega no caso de algum colapso de origem mental.

Quanto ao Espiritismo, não meta foice em seara alheia. Olhe que esses espiritistas são levados da breca. Usam mais argumentos do que dinheiro. Têm fama de maus, não sabemos porquê, mas no fundo são admiráveis, muito sensíveis e fraternais, devido, possìvelmente, à lei da reencarnação que lhes tira a ganância e a soberba e os faz amar o próximo, como diz seu Mestre. Acredite. que é verdade. E quando o conferencista voltar a Santarém, não se importe da letra E, que lhe causou engulhos, e vá ouvi-lo. Ficarão amigos leais, cada um em seu campo, é certo, mas amigos leais, amigos sinceros. Quanto ao resto, todos os caminhos vão dar à fonte.

Pois não será loucura coar mosquitos e engolir camelos, quando é tão fácil ser calmo e sereno?... Ora, pois, ilustre colega de Santa Iria!

NOVA FEDERAÇÃO

No dia 14 de Dezembro último fundou-se em Cuiabá a Federação Espírita de Mato Grosso, acaudilhada por 22 agremiações de Aquidanana, Bela Vista, Cárceres, Campo Grande, Corumbá, Cuiabá (capital do Estado), Dourados, Ladário, Miranda, Nioac, Ponta Porã, Rio Verde, Terrenos e Corguinho.

A sede provisória é no Centro Espírita de Cuiabá, Rua Galdino Pimentel, 152, e a sua directoria é composta dos seguintes confrades:

Presidente — Aristotelino Alves Praialeiro; Vice-presidente — Manuel Miraglia; Secretários — Edu Xavier, Gracildes Melo Dantas e Nelson Miranda Santiago; Tesoureiros — Joaquim Justino de Sousa e Clodoaldo Lima.

A criação deste organismo é de grande importância no movimento espírita brasileiro que, neste momento, activa os esforços para que o Centenário da Codificação Kardequiana resulte um verdadeiro acontecimento mundial.

Não estivemos em Mato Grosso e temos pena. Conheceríamos grandes pioneiros, grandes lutadores de entusiasmo ardente, cujas vozes nos chegam impregnadas de juventude. Gostaríamos de poder falar deles e da sua obra magnífica. Portanto, se voltarmos ao Brasil, iremos a Cuiabá para confraternizar e observar o progresso que lá existe em matéria de Espiritismo.

À nova colectividade apresentamos saudações cordiais com votos de longa vida ao serviço de uma grande e nobre causa.

PARA FECHAR

Do jornal Santa Iria, de Santarém, transcrevemos:

«Para quem tem Bula e Indulto não há jejum nem abstinência até ao fim de Fevereiro. Para quem não tem são dias de abstinência todas as sextas-feiras do ano».

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

O mês de Fevereiro foi caracterizado por três conferências na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, duas das quais realizadas por estreantes.

Assim, no dia 10, o ilustre médico Dr. Adriano de Oliveira deu-nos uma óptima lição sobre «Ópios e Panaceias», na qual condenou o uso de tabaco, álcool, chá, café, além de muitas drogas que, pretendendo curar tudo, abafam os sintomas. Ilustrou a exposição com vários casos da sua clínica e fez largas referências a regimes dietéticos, sobretudo vegetarianos, preconizando a vida simples, ao ar livre, ao sol, em pleno contacto com a Natureza.

Toda a conferência foi salpicada de fino humor e repleta de observações comprovantes das suas palavras. A assistência escutou o orador com grande interesse, tributando-lhe finalmente uma calorosa salva de palmas.

O segundo estreante foi o sr. Fernando Nunes, membro dos Corpos Gerentes da Sociedade Portuguesa de Naturologia, que brevemente estará em Paris, onde exercerá o cargo de redactor de *Le Monde*. Falou sobre «A Criança e o Cinema», assunto sugestivo e de grande actualidade, onde mostrou competência.

Primeiro fez crítica cerrada ao cinema vulgar e à frivolidade de certas artistas, como a conhecida Monroe; depois entrou particularmente na apreciação do cinema destinado a menores, dizendo que a maior parte dos chamados filmes de crianças, como «Pinóquio» e «Branca de Neve», produzem efeito contraproducente. E relatou experiências feitas no estrangeiro comprovativas desta afirmação, bem como opiniões de grandes autoridades cinematográficas.

Ao terminar a exposição disse que era nas películas de 16 milímetros que podíamos encontrar as melhores obras dedicadas a menores.

Costa Cabral e António Cardoso, que estavam presentes, tributaram a Fernando Nunes justificados louvores e Isidoro Santos congratulou-se com a vinda ao Centro do Dr. Adriano de Oliveira e do jovem conferencista, fazendo votos para que outros elementos surjam em nossas fileiras.

Também no dia 24 o Dr. Moreno da Fonseca realizou a sua conferência, intitulada «As Leis da Vida Sã», em que apresentou um esquema de alimentação racional para os que não queiram adoptar sistemas rígidos. Falou acerca das sopas sintéticas, que estão longe de possuir as propriedades dos produtos naturais; da adulteração do leite, problema quase insolúvel na capital do país; do que se come e do que é necessário comer; das panelas de pressão, que destroem o poder vitamínico dos alimentos; e, finalmente, esquematizou em termos práticos o cardápio de um indivíduo de vida regular.

Ao terminar a sua exposição respondeu a muitas perguntas do auditório, tornando o seu trabalho ainda mais interessante.

O presidente da Direcção apreciou a conferência, fazendo reparos a certos passos da mesma, tais como, panelas de pressão, bebidas à refeição, fruta ácida, antes ou depois da comida, café, águas minerais, chá de tília (arma de dois gumes), laranjadas baseadas na casca, ao contrário do que o povo julga, e congratulou-se com a opinião do conferencista acerca de muitos postulados dietéticos.

Esta conferência foi de grande alcance e suscitou ostensivo interesse nos ouvintes.

GRUPO «PREITO A JESUS»

Em 16 de Dezembro, a nossa colaboradora D. Marcolina Alves encerrou as aulas do Jardim de Infância no Grupo Espírita «Preito a Jesus», onde dirige as aulas de moral.

No próximo número nos referiremos a este acontecimento, por nos ser impossível fazê-lo nesta altura.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM MARÇO DE 1957

Dia 3, 4 e 7 não há trabalhos no Centro, em virtude da remodelação que está sofrendo a sala de sessões.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Moreno da Fonseca, intitulada «Saúde e Movimento».

Dia 11, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 14, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 18, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 19, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 21, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Conferência por D. Ivone de Sousa, intitulada «A Mulher no Mundo Contemporâneo».

Dia 25, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 28, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 31, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 1 de Abril, segunda-feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Túlio Rosa.

Dia 2, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:
Mês de Fevereiro — A. L. F., de Lisboa, 40$00; I. S., de Lisboa, 20$00; J. C. de Chelmicki Afflalo, 200$00. *Total — 260$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita ..... 20$00
A Prece ..... 12$50
Espiritismo ..... 15$00
O Principiante Espirita ..... 18$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00 ..... 35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00 ..... 35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00 ..... 35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ... 38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00 ..... 35$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 30$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 50$00
O Porquê da Vida ..... 28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00 ..... 48$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 52$00
No Invisível (nova edição) ..... 52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 52$00
A Evolução Anímica ..... 48$00
O Fenómeno Espirita ..... 45$00
A Alma é Imortal ..... 52$00
A Reencarnação ..... 52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Urânia ..... 40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo,* recebido pela médium Dolores Bacelar	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel.* Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.° vol.) — enc.	160$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

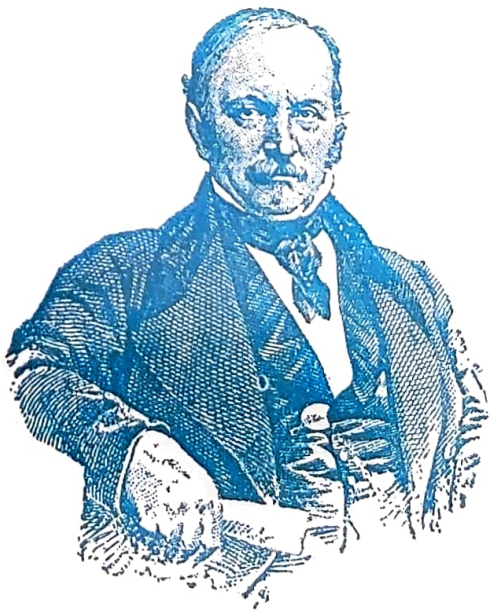
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Alvoroço, da **Redacção**; O Pensamento Filosófico de Léon Denis, por **Deolindo Amorim**; Presente de Deus à Humanidade, por **Leopoldo Machado**; Policromia, por **Tito L. Bancéscu**; O Prof. Leonardo Coimbra na Fenomenologia Espirita, pelo **Coronel Faure da Rosa**; O Centenário do Espiritismo; A Luz e as Trevas, por **José Francisco Cabrita**; Reflexões do Ano Novo, por **Luís António Mileco Filho**; A Prece do Homem Actual, Recebida pelo Médium **Francisco Luciano**; Notícias da Bahia; Ecos de Uma Viagem - XXVIII - O Lar de Jesus, por **Isidoro Duarte Santos**; Contemplação do Mundo, por **Rocha de Sousa**; Caravana Espirita, por **José Simões de Matos**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros de Todo o Mundo, Anotações de **Argus**; Marco Postal; Síntese, por **Manuel Cavaco**; Dez Maneiras de Amar, por **André Luiz**; O Centenário na Argentina; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte**; Santos; Notas & Comentários; Noticiário.



ALLAN KARDEC

(Ver pág. 106)

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda.*

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1957 — N.º 4

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

ALVOROÇO

Abril de 1957! Primavera ocidental, sinfonia de abertura de novo século de trabalho e de lutas pelo Ideal querido! As árvores vestem-se de folhagem, as aves cantam, o sol aquece, as almas cingem-se mais à vida. Principia um ciclo diferente. O que se fez é da história dos tempos. É passado, é museu de sentidos a lembrar esforços, conquistas que demandaram saber de experiências feito, apreensões, injustiças, lágrimas e risos de alegria. Está no arquivo das idades assinado pelos autores e os pósteros lá vão beber entusiasmo para cimentar a fé no seu destino.

Não é bulício de matéria falaz; é alvoroço de quem chegou ao cume da montanha, divisa largos horizontes e não tem coragem de silenciar o júbilo do momento, porque a expansão é necessária. É preciso que o mundo saiba da nossa inquietação e desejo de servir a humanidade.

Por toda a parte há homens válidos entregues à Obra. As fontes aumentam o caudal, os caminhos alargam o piso aos transeuntes. As sementes germinam com mais força e a charrua põe a gleba ao sol.

É neste ambiente cálido que o centenário do «Livro dos Espíritos» está a comemorar-se no mundo latino, principalmente no Brasil, onde algumas publicações farão edições especiais, como «A Reencarnação», de Porto Alegre, que apresentará um número de 250 páginas, no qual a Federação Espírita do Rio Grande do Sul será historiada sob todos os aspectos, desde a sua fundação.

E noutros Estados do país irmão as instituições espíritas se preparam para grandes festejos, de harmonia com as possibilidades de cada qual.

Um século de propaganda levou a codificação kardeciana às mais longínquas regiões do globo, sem guerra desleal, antes aparando golpes de correntes ou seitas que se julgavam lesadas na concorrência das ideias.

Hoje, podemos dizer que o Espiritismo é uma força poderosa no sector mental, porque os seus póstulados enfrentam a análise rígida, ao mesmo tempo que dão consolo a gregos e troianos, sem acepção de classes, que o proselitismo não conta no comércio das coisas espirituais.

Venha quem quiser: tem liberdade de acção e orientação no estudo e na experiência, pode organizar cenáculos de pesquisa sem qualquer impedimento. Noutros campos sucede o contrário. A coerção impede a marcha do espírito. A rajada ideológica produz estragos, quando os adeptos não têm preparação para a sofrer incólumes. Isto leva certos dirigentes a cercear a volição dos fiéis, no tocante à curiosidade intelectual o que não sucede nas fileiras espíritas.

A nossa doutrina tem caminhado livremente e adversários de antano passaram a comandar-lhe as fileiras. Não há forças humanas que lhe tolham o passo, porque se apoderou das almas e as temperou para os surtos hodiernos.

Assim, o alvoroço do presente é justificação de empreendimentos maiores e mais elevados. Sem emulações, sem intuitos de hegemonia, o Espiritismo impôr-se-à um dia como crença universal. Será a transformação do mundo velho em mundo novo. Nem oligarquias, nem democracias no sentido prático do termo, já que umas e outras faliram na sua missão político-social, lançando classes contra classes, em competições desastrosas, impróprias da evolução humana.

Inquietação, aqui, não é nervosismo doentio. É ânsia de realizações mais amplas. O que está já não serve ao minuto que transcorre. É preciso revolucionar a existência. E nenhuma doutrina tem agido melhor e mais depressa para que o racionalismo entre na vida comum. Portanto, este alvoroço é justificado. Que ele se desdobre em obras mais altas e mais fortes.

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE LÉON DENIS

Por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

IV

O PROBLEMA DO MÉTODO

Assim como as construções materiais obedecem às previsões de um planejamento, também as construções espirituais se esquematizam dentro de uma ordenação prévia. Todo o filósofo, para chegar ao objectivo final de suas indagações e conclusões, emprega um método pelo qual dirige o seu pensamento. Nem sempre as circunstâncias e a natureza da solução que se procura podem ser inteiramente conformadas aos raciocínios *a priori*, como nem sempre os juízos *a posteriori* conseguem responder, com absoluta justeza, às inquirições da inteligência. Isto redunda em dizer que o filósofo, muitas vezes, colocado entre as linhas básicas dos métodos clássicos, ainda se sente inseguro quando se lhe apresentam certas questões cuja compreensão exige meios próprios. E quais são esses meios próprios, fora dos recursos habituais da investigação e da lógica? São os meios de percepção interna, através dos quais a perspectiva do espírito se dilata à proporção que se eleva pelo aprimoramento. Isto quer dizer, em termos práticos, que tanto mais adiantado é o homem, espiritualmente, quanto mais o homem sabe descer pela humildade consciente, mais se alargam as suas possibilidades de apreensão, porque mais lúcida e mais refinada se torna a sua capacidade receptora para os conhecimentos mais profundos.

Quantas vezes o sábio de gabinete ou o experimentador de laboratório, com todos os processos de raciocínio rigoroso, com todos os recursos de manipulação ou de transformação, diante de todas as possibilidades de dominar, desagregar e adaptar a matéria a seu modo — quantas vezes! — apesar de tudo isto, o homem de puro saber intelectual se sente em dificuldade para encontrar a solução de um problema de consciência, justamente porque o seu espírito está habituado a outra ordem de especulações e porque lhe faltam outras luzes, além daquela, que lhe vem do conhecimento exterior?! E quantas vezes é o homem simples, mas de espírito muito mais experimentado e de sentimentos muito mais elevados, apesar da modéstia ou da insignificância social, que vai projectar a luz da sabedoria no cérebro do cientista, quando este começa a perceber a insuficiência da metodologia pragmática?... É natural, portanto, que o filósofo, às vezes, se afaste da rigidez metodológica dos sistemas ou das escolas, porque necessita de liberdade para elevar o seu pensamento acima das realidades tangíveis ou das formas mensuráveis. Isto não quer dizer, de maneira alguma, que o filósofo seja um espírito sem disciplina mental, mais propenso ao delírio e à fantasia do que à especulação criteriosa. Não. Sem a disciplina do espírito até mesmo o génio pode perder-se nas incertezas do caos. Todavia, é indispensável considerar que o conhecimento, em si, é progressivo, e por isso mesmo nem sempre o filósofo se compraz em acomodar os seus raciocínios às noções preestabelecidas, conforme seja a direcção de seu espírito.

Dentro desta ordem de ideias, e se temos em vista o problema do método em filosofia, Léon Denis foi um cartesiano em metafísica, porque utilizou a dedução, até certo ponto, na discussão das causas gerais, mas não foi inteiramente cartesiano em psicologia, porque se distanciou muito de Descartes ao estudar o problema das relações da alma com o corpo, como não foi também, neste terreno, um discípulo da escola *ocasionalista*. Foi experimentalista, e seguiu francamente a linha baconiana, mas não se prendeu, em tudo, às limitações que alguns experimentalistas quiseram dar à orientação científica, e não se prendeu, porque nem todos os problemas da alma se reduzem a expressões de laboratório. Não se pode dizer que Denis tenha ficado absolutamente divorciado da linha de Aristóteles em relação às causas primárias, porque as suas ideias, ao escrever *O Grande Enigma*, em 1910, coincidem com a ideia do *primeiro motor*, segundo o filósofo grego, isto é, o motor que move o Universo. Lê-se, então, em Léon Denis: *Sem embargo, duas coisas se nos apresentam à primeira vista no Universo: a matéria e o movimento; a substância e a força. Os mundos estão formados de matéria, e esta matéria, em si, se move. Quem, pois, a faz mover-se? Qual é esta força que a anima?* Embora filiado neste ponto, ao pensamento aristotélico, sem se apaixonar, entretanto, pela velha discussão do *acto puro* e *acto potência*, que teve importância tão marcante nas concepções metafísicas do glorioso filósofo stagirita, Léon Denis já não segue a mesma ordem de raciocínio quando discute os problemas da personalidade e tantos outros problemas inerentes à Psicologia, porque o seu lastro de informações vem da observação concreta ou de uma série de induções em que se defrontou com a evidência de provas inteiramente favoráveis à existência da alma como princípio uno, inteligente e independente. Não precisaria ele, portanto, correr aos silogismos e às soluções teóricas para aceitar este ponto capital de sua filosofia, porquanto já era conhecedor do problema através de outros meios. A existência do espírito, para ele, não era uma crença, era uma certeza. Tendo tomado, portanto, como argumento inicial, o facto de haver uma inteligência fora da matéria, uma inteligência que não é função da matéria, porque se revela e age por si mesma, partiu Léon Denis para a explicação geral do Universo, e foi encontrar-se, sem dúvida alguma, com a metafísica de Aristóteles, mas o caminho foi outro, os meios também foram outros.

Admitia ele, fora dos aspectos visíveis da matéria, um elemento imponderável, alguma coisa que se não define com precisão, mas existe e

influencia a matéria através de seus efeitos. Não é ficção. Por mais que se pretenda fugir à aceitação de certos conceitos abstractos, não se pode deixar de admitir um princípio intangível ou incorpóreo, fora e acima das formas materiais, tenha o nome de energia, «matéria primitiva» ou «força vital», porque todas as transformações da matéria sofrem a acção desse agente universal. Pela sequência de suas induções, Léon Denis coloca o problema das relações entre o efeito e a causa em termos que podem sugerir um sistema de proporções em que a energia esteja para a matéria como Deus está para o Universo.

Como se vê, Léon Denis não criou um método, não elaborou um sistema original, mas teve directrizes próprias, soube pensar por si mesmo, e por si mesmo soube procurar o objectivo maior e mais alto de toda a sua especulação filosófica: a solução do problema do destino humano. E agora, para terminar, podemos formular a pergunta que nos faz voltar ao tema desta simples dissertação: qual o pensamento filosófico de Leon Denis? Teria ele concretizado, realmente, aquilo que poderia constituir, com propriedade, o *seu* pensamento filosófico? Se existe na composição de sua obra um contingente apreciável de ideias alheias, porque algumas de suas teses já haviam sido esposadas por diversas escolas, e todos os filósofos se utilizaram de heranças intelectuais na formação de suas doutrinas, ainda assim, podemos identificar um pensamento filosófico em Léon Denis, um pensamento próprio, porque:

> Em primeiro lugar não aceitou as ideias de outras doutrinas pelo simples hábito da imitação: aceitou-as nos pontos em que tais doutrinas se ajustam às suas concepções;
>
> Em segundo lugar, desenvolveu, por si mesmo, com a sua contribuição pessoal, com os subsídios próprios, tudo quanto lhe parecera susceptível de ampliação e adaptação;
>
> Em terceiro lugar, embora aceitando, em parte, o resultado de elaborações já subscritas por eminências inabaláveis na História da Filosofia, não abriu mão de sua independência, como não abdicou de sua faculdade de pensar por si mesmo, para poder criticar, rejeitar ou esposar qualquer princípio, fossem quais fossem as suas afinidades ou repulsões espirituais.

CONCLUSÃO

A substância da obra de Léon Denis está precisamente na síntese de um pensamento uno e coerente, firmado sobre três alicerces, dos quais derivam as maiores consequências na ordem ética, como na ordem religiosa, na ordem doméstica e social:

a) Imortalidade da alma após a morte;
b) Progressividade do espírito, pelo processo de aperfeiçoamento moral, através das vidas sucessivas (reencarnação);
c) Existência de Deus, como corolário de toda a inquirição do espírito.

A preocupação da síntese, como já disse, é a bem dizer absorvente no pensamento de Léon Denis. Quero oferecer à meditação dos ilustrados e tolerantes companheiros da Sociedade Brasileira de Filosofia, a despeito de suas divergências doutrinárias, estes belos e luminosos trechos de Léon Denis, como remate de tudo quanto eu poderia apresentar como justificativa do tema a que subordinei o meu trabalho. Diz ele: «*Dia virá, em que todos os pequenos sistemas, acanhados e envelhecidos, se fundirão numa vasta síntese, abrangendo todos os reinos da ideia. Ciências, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz, e será então a vida, o esplendor do espírito, o reinado do Conhecimento. Neste acordo magnífico, as ciências fornecerão a precisão e o método na ordem dos factos; as filosofias, o rigor de suas deduções lógicas; a poesia, a irradiação das suas luzes e a magia das suas cores; a religião juntar-lhes-á as qualidades do sentimento e a noção de estética elevada. Assim realizar-se-á a beleza na força e na unidade do pensamento. A alma orientar-se-á para os mais altos cimos, mantendo ao mesmo tempo o equilíbrio de relação necessário para regular a marcha paralela e ritmada da inteligência e da consciência na sua ascenção para a conquista do Bem e da Verdade.* (L. Denis: «O Problema do Ser, do Destino e da Dor»).

Se, geralmente, o orador, conferencista ou expositor de doutrina deixa para o fim o que tem de melhor, e como eu, de mim mesmo, nada tenho, preferi fazer a habitual peroração com as grandiosas palavras de Léon Denis, porque elas dizem aquilo que eu jamais saberia ou poderia dizer.

Se, finalmente, senhores, filósofo não é apenas o fundador de uma escola ou criador de uma doutrina ou sistema, mas também aquele que concorre, com as luzes de seu espírito e com a honestidade de suas intenções, para enriquecer o património do conhecimento e torná-lo útil ao homem, Léon Denis bem merece um lugar entre os filósofos, porque toda a sua obra de pensamento é um esforço constante e abnegado em busca da Verdade e da espiritualização do homem; é uma exaltação perene dos valores morais; é a afirmação nítida de uma consciência filosófica.

Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1956.

RESUMO BIOGRÁFICO

Léon Denis nasceu em França, no dia 1.º de Janeiro de 1846. Seu falecimento ocorreu em Paris, a 12 de Abril de 1927. Léon Denis veio de origem muito modesta. As dificuldades de vida não lhe permitiram fazer curso regular, em virtude das constantes viagens de seu pai. Revelou-se desde cedo um espírito inclinado para a Filosofia e as letras. Justamente em virtude da «sede de saber», foi que Léon Denis, ainda bem moço, começou a estudar as obras de Allan Kardec, de quem se tornaria um dos mais fiéis e mais fervorosos discípulos.

Durante algum tempo, fez parte da Loja Maçónica de Tours. Foi aí, principalmente, que Denis se tornou um dos oradores mais brilhantes da sua geração. Suas actividades nas letras e no jornalismo desenvolveram-se através de facetas diversas, porque os seus trabalhos esparsos versam os mais variados problemas: política, economia, educação, história, etc. Realizou também diversas viagens ao estrangeiro, e com isto, adquiriu muita ilustração e experiência. Além das obras espiritas que publicou (já foram citadas neste trabalho) Léon Denis fez parte dos grandes Congressos Espiritas Internacionais.

Grande parte de seus discursos doutrinários foram pronunciados em Congressos internacionais. Já em 1889 estava ele incluído no II Congresso Espirita Internacional. Teve papel dos mais salientes no Congresso Espirita de 1900, do qual foram presidentes de honra Russel Wallace e Alexander Aksakof. Em 1910 to-

PRESENTE DE DEUS À HUMANIDADE

Por LEOPOLDO MACHADO

Há cem anos atrás, precisamente,
Toda gente ansiava, toda gente,
Procurando, em vão,
A solução
Do problema da Fé,
No campo em lutas da Religião...

Diante de tamanha agitação
Nenhuma crença de pé.

O Catolicismo,
A Igreja Católica Universal,
Que já fora, há três séculos, golpeada
Pelo Protestantismo,
Era a mais agitada.

O Materialismo era uma força tal,
Que dominava tudo,
De um modo original.

Um dia,
Joseph De Maistre profecia:
«Ou a Igreja se transformará,
Ou vai surgir nova religião.

De certo surgirá,
(Pois de tal modo reina a confusão)
Outro Inácio de Loiola,
Ou vai aparecer algum Lutero.»

O asserto de Maistre cresce, rola,
No meio religioso mais severo...
E rola e cresce e se propaga e avança
Na mesma França,
O sentido da estranha profecia:
Um génio excepcional, Augusto Comte,
Concebe em nome da Filosofia
A religião sem Deus:
O Positivismo,
Que traz no bojo dos ensinos seus:
«O amor por princípio, a ordem por base
E o progresso por fim»...

Assim,
Nesse período, quase
Chega a Paris da América a notícia
Dos fenómenos de Hydesville, originais.
E Paris se diverte com os tais
Fenómenos extraordinários, palpitantes,
Das mesinhas «girantes» e «falantes»...

Um homem de génio convidado
A assistir a tais fenómenos,
Recusou-se, intrigado,
E pôs-se a reflectir.
Disse, depois:
— Está fora da Lei!
Se me provarem, primeiro,
Que uma mesa tem cérebro e tem nervos
Para sentir,
Acreditarei...

Sem tais provas, contudo,
Foi ver e viu, examinando tudo,
E acreditou...

— Esse homem, como se chamou?
— Hippolyte Léon
Contemporâneo de Augusto Comte
E grande amigo de Flamarion,
(Este lhe chamou «bom senso em pessoa»)
Codificou uma Doutrina nova,
Substanciosa, boa;
Que, submetida à mais severa prova,
Mostrou que era Ciência, era Filosofia,
E, também, Religião:
As três coisas fundidas para o Bém!

Dessa Codificação,
Feita com tal critério e idealismo,
Surgiu o Espiritismo!

Mil oitocentos e cincoenta e sete,
A 18 de Abril,
Surge, extraordinário e varonil,
O LIVRO DOS ESPÍRITOS
De H. L. Denizard Rivail
Conhecido por ALLAN KARDEC.

Não se erre, nem se peque,
Negando que este livro é, na verdade,
Um presente de Deus à Humanidade!

mou parte no Congresso Espirita de Bruxelas, Bélgica, onde representou o movimento espirita de França e do Brasil. Em 1913, ao lado de Gabriel Delanne e Ch. Piguet, ocupou uma das presidências do Congresso promovido pela Sociedade de Estudos Psíquicos de Génova. Teve, também, a honra de ser aclamado Presidente do Congresso Espirita Internacional de 1925, em Paris, e do qual saiu a Federação Espirita Internacional, transferida para a Inglaterra em 1948. Deu-se a desencarnação de Léon Denis precisamente quando estava preparando o prefácio da biografia de Allan Kardec, solicitado por Jean Meyer. Havia, finalmente, muita semelhança entre a vida de Kardec e Denis: ambos eram franceses; ambos tiveram lutas e decepções até mesmo nas fileiras espiritas; ambos tombaram nobremente quando estavam trabalhando.

Léon Denis soube honrar, em todos os momentos, o nome e a memória de Allan Kardec.

FONTES PARA A BIOGRAFIA DE LÉON DENIS

Congrès Spirite et Spiritualiste International (1900) — Compte rendu — págs. 3, 4, 32, 298 a 444.
Congrès Spirite International — Paris (1925) (Anais).
Gaston Luce — «*Léon Dénis L'Apôtre du Spiritisme* (Paris).
Luce ed Ombra (n.º de Abril de 1929, pág. 181) — Roma.
Revista Espirita do Brasil — Dezembro de 1949 (Rio de Janeiro).

POLICROMIA

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

Diz o Espírito André Luis que «a vida é uma sinfonia perfeita». Quer dizer que as suas notas vibram no infinitamente pequeno e no infinitamente grande, na mesma harmonia que embeleza. De outra forma registar-se-á o desequilíbrio, que existe actualmente no planeta convulsionado, entorpecido e desorientado. Os seus moradores lutam ferozmente, perseguem-se, odeiam-se, invocando o nome de Deus, que é a Perfeita Sinfonia.

★

É deste modo que o mortal se afasta do Criador, resistindo a sincronizar as vibrações psíquicas com as dele. Se acreditasse que é uma partícula divina que lhe enche a alma; se se aproximasse d'Ele pelo amor e pela fraternidade, o nosso mundo deixaria de ser o que é e se transformaria em oásis de comunhão universal.

É que as paixões inferiores gravitam sobre os habitantes da Terra e impedem a sua evolução e perfeição relativa. O homem resiste à bondade e à humanidade. Por isso sofre e coopera sem consciência no desequilíbrio que repercute no seu destino.

★

Quando os anos aumentam e a velhice se aproxima, o homem e a mulher temem o porvir ao saber que a morte chegará.

— Que será de mim, quando me enterrarem o corpo? — perguntam.

E pensam que Deus é bom e que lhes perdoará os deslizes. Mas esquecem que o deus antropomorfo, esse deus de carne e osso, com atributos humanos, é pouca coisa e não pode apagar as nossas contas. Esses homens necessitam de coragem para enfrentar a consciência e dialogar com ela, que é a melhor amiga e o juiz inflexível. Escutêmo-la e consultêmo-la diàriamente. Veremos que o ataúde onde os familiares nos meteram não é tão temível como parece, se olharmos a lição terrena como jornada benéfica.

★

Não olhes de soslaio a mulher solteira, nem zombes dela. Ninguém tem direito a condená-la. Porque não é ela, essa mãe solteira, compreendida na vida social dos dias egoistas que decorrem? Acaso cometeu algum delito ao trazer ao mundo um ser, talvez um génio, talvez um redentor? Qual de nós se encontra em condições de lhe atirar a primeira pedra?...

Quantos varões da mesma idade juvenil se sentem ou são realmente castos, para poderem rir-se dos seus semelhantes? Confessemos que somos implacáveis com os erros alheios, sem olhar à grandeza dos nossos...

★

Observando o panorama circundante vemos que há ideais petrificados, almas congeladas e homens fósseis. Referimo-nos às tendências espirituais ou psicológicas de toda a parte. São tão poucos os que praticam ideais que vivificam, que alentam, que elevam e dignificam a pessoa humana! Toda a gente quer redimir os outros, mas poucos se esforçam para se redimir a si.

Por isso é que a humana espécie vegeta nesta horrível turbulência.

★

O homem busca redentores. Quando encontra alguma promessa para o seu futuro sente-se feliz, sem ter em conta que a História está cheia de insipidez e desengano. Quando compreenderá você, meu bom amigo, que o redentor está no seu coração a dar-lhe conselhos? Mas nem você nem eu fazemos caso, julgando que ele se encontra fora de nós.

Passam os anos. As dores golpeam-nos fortemente. Os desenganos sucedem-se e as amarguras aumentam. E sentimo-nos órfãos de apoio, apesar de nos empenharmos na descoberta do redentor que, dentro de nós, nos aponta o caminho...

★

Há muitas pessoas que se aborrecem, quando alguém fala de Espiritismo. Outras batem com o dedo na testa, como quem diz: «não regula bem». Desta forma se condena uma doutrina científico-filosófica.

Todavia, muitos desses juízes recorrem ao Espiritismo quando o mestre DOR lhes feriu a alma, como, por exemplo, quando perderam um ser querido. Então, muito humildemente, recorrem ao Espiritismo para se porem em comunicação com um parente, na convicção de que os centros espiritas são uma espécie de estação ultratelefónica em condições de «trazer» o parente e pô-lo em contacto mediúnico com eles. Às vezes logram o objectivo. Outras vezes não. Julgam que o Espiritismo é isso, tão sòmente.

Seria recomendável aproveitar esses casos e dizer aos interessados que a melhor maneira de falar com os entes queridos é estudar prèviamente o Espiritismo. Talvez assim houvesse mais espiritistas conscientes do que mercadores.

★

Frequentemente, os pais queixam-se dos filhos, qualificando-os com severidade. Não se convencem de que a falta de carácter dos progenitores é a causa dos desgostos que sofrem, dentro e fora do lar.

A falta de carácter não dá outro resultado, porque é o mesmo que não dar bons exemplos. Um caso entre muitos. O chefe da família bulha grosseiramente com a consorte por ela ter ido a uma sessão espirita. Como sectário religioso ou materialista crê ver «desonra» em assistir e semelhantes reuniões. Essa ditadura masculina é observada pelos filhos, ouvindo-se também as ásperas censuras da mãe. Outras vezes é a mãe que se mostra escandalizada, se o marido frequenta sociedades deste género.

Estes censores combatem depois as ditaduras de carácter político.

★

As mulheres vão aos institutos de beleza para dar a impressão de que são mais belas do que são. Nós também somos amantes da beleza, mas da beleza integral, devendo a exterior concordar com a interior. De contrário não haverá beleza verdadeira. Recomendaríamos às senhoras o melhor instituto de beleza criado por Allan Kardec. Nas suas obras aprenderiam a ser formosas por dentro e por fora. Com a vantagem económica de ali se não cobrar, como naqueles institutos de beleza.

(Tradução de I. D. S.)

O PROF. LEONARDO COIMBRA NA FENOMENOLOGIA ESPIRITA

Pelo Coronel Faure da Rosa

No seu livro «A Luta pela Imortalidade» (266 páginas, em oitavo), o Dr. Leonardo Coimbra dedica cerca de 40 páginas à telepatia, transmissão de pensamento e a casos vários de fenomenologia espirita, todos eles — tanto anímicos como espiritas — de sua observação directa.

Não abundando entre nós estudiosos dos factos supranormais e como, dentre os poucos que existam, raros serão aqueles que tenham dado conta dos conhecimentos adquiridos na observação do *inhabitual*, com certeza que não deixa de interessar procurar saber o que a tal respeito pensava esse espírito, culto e vibrante, que, na vida terrena, se chamou Leonardo Coimbra.

«A primeira conquista da meta-psicologia — escreve ele — é que os nossos conhecimentos não têm por única porta os sentidos normais. Vemos e ouvimos dentro de certos limites e normas. Essas normas são excedidas em certos indivíduos e condições, cujo determinismo está muito longe da nossa apreensão. É assim que se verificam casos de transmissão dum pensamento sem a sua expressão sensível (1). São, por vezes, de ordem experimental; as mais das vezes são espontâneos».

Como modelo de espontaneidade apresenta o caso sucedido com um filho de quatro anos de idade: «uma noite, estando deitado no meu braço e lendo eu um livro, ele pronunciou a palavra «*génie*». Surpreendido, verifiquei que tinha acabado de ler mentalmente a palavra «*génie*».

Em seguida, narra dois casos de ordem experimental: «...Estando eu no Verão em casa dumas senhoras da minha melhor amizade, tentei a transmissão de meu pensamento a uma dessas senhoras (2) que me parecia particularmente sensível. Sem dizer nada a ninguém, tinha-a já, várias vezes, obrigado a mudar de cadeira por uma ordem mental. Propus-lhe um dia fazermos experiências e consegui, com relutância da sua parte, que me fosse buscar um certo chapéu, uma caixa de fósforos, etc.»

Aponta, como a mais curiosa de todas, a última experiência duma noite. Desejava o doutor, e mentalmente deu a ordem respectiva, que essa senhora tomasse determinado abafo e com ele agasalhasse sua esposa. A senhora recusou-se a cumprir porque isso a deixava muito mal disposta, e recolheu aos seus aposentos. No dia seguinte de manhã, quando a esposa do doutor saiu do quarto, aquela senhora veio dizer-lhe que mal tinha dormido, ficando toda a noite a pensar que ela — à espera do doutor — estava com frio por não lhe ter levado o *tal* abafo...

«Mas este processo — diz Leonardo Coimbra — pode ir mais longe e uma pessoa na Inglaterra pode ter conhecimento directo da Índia, Austrália, etc. É a telepatia, que numerosíssimos casos autênticos atestam seguramente.

Refere-se, em seguida, ao célebre livro de Gurney, Myers e Podmore, «Fantasmas da Vida».

★

Algumas palavras a propósito deste livro, do vocábulo «telepatia» e de Gurney, extractadas das «Recordações» de Olivério Lodge.

Em 1875, Olivério Lodge, que era então homem moço, ensinava mecânica na *University College*, de Londres. Entre os estudantes havia um rapaz, dos mais velhos, que Lodge notou pela regularidade da frequência e pela atenção com que o ouvia. Informando-se, soube — Lodge — que o rapaz se dedicava, especialmente, ao estudo da música, isto é, ao estudo das relações da música com a ciência, e que já escrevera uma obra intitulada «O Poder do Som». Esse rapaz chamava-se Edmundo Gurney.

Atraídos por mútua simpatia, Lodge e Gurney encontravam-se amiúde. Gurney preparava, então, um livro que viria a aparecer com o título «Fastasmas dos Vivos», por Edmundo Gurney, Frederico Myers e Podmore.

O livro pareceu a Lodge, a princípio, uma simples colecção de histórias de almas do outro mundo sem grande significação.

Gurney acreditava que uma impressão muito viva em uma pessoa tinha o poder de se reflectir e de ser recebida a distância por outra pessoa suficientemente sensível, e de tal maneira que, quando acontecesse uma tragédia a um indivíduo, informações dessa tragédia podiam ser transmitidas a um dos parentes ou a qualquer outra pessoa interessada que possuísse condições receptivas e estivesse em sossego. Essa pessoa, denominada «*percipiente*», seria, indirectamente, perturbada por um fluido mental desprendido da vítima da tragédia, que, assim, poderia agir, inconscientemente, como «*agente*».

O «percipiente» sentiria, então, uma impressão intensa e poderia até ver, ouvir ou sentir o «agente», como se estivesse na sua presença, embora o «agente» se encontrasse a distância tal que excluísse a ideia dum meio normal de comunicação. Pensava Gurney que, deste modo, se podiam explicar as numerosas

lendas de aparições de fantasmas, quer em sonho, quer em vigília; que não havia em tais manifestações mais que simples impressões mentais ou alucinações, todavia verídicas, correspondentes aos acontecimentos produzidos, simultâneamente, em qualquer parte.

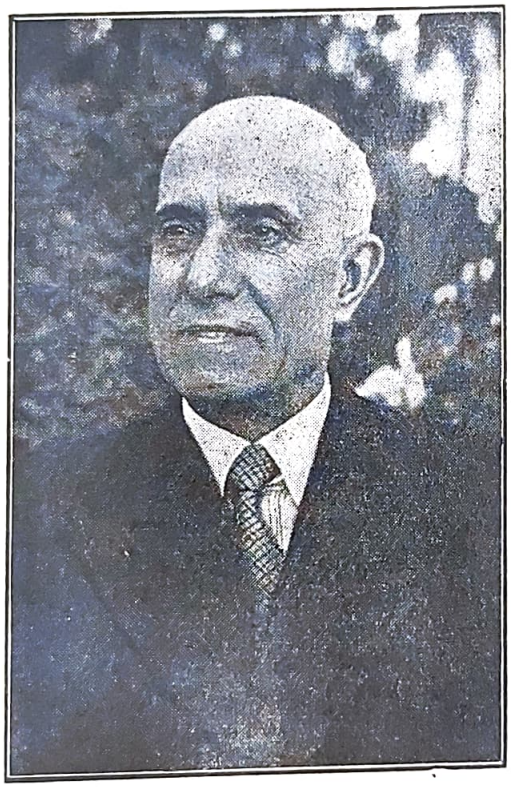
Declara Lodge que, a princípio, não ligou consideração de maior àquela teoria que teve em conta de superstição sem nenhuma base, mas, ao mesmo tempo, sentia-se impressionado com a energia e a seriedade que Edmundo Gurney consagrava à sua difícil missão.

Gurney apresentou, então, a Lodge um outro antigo aluno de Cambridge, Frederico Myers, o qual contou que colaborava com Gurney e estudava a questão quase sob o mesmo ponto de vista.

Naquela época, ambos eles — Gurney e Myers, associados ao professor Barrett, de Dublin — se entregavam a experiências sobre a realidade do poder de transmissão do pensamento em certas pessoas, particularmente sensitivas. Barrett ficou tão impressionado com o resultado das experiências em que tomou parte, que, em 1876, fez uma comunicação a tal respeito em uma das secções da *British Association*, nessa época reunida em Congresso, em Glasgow. Lodge não estava presente quando Barrett leu a sua comunicação, se bem que fizesse parte do Congresso, mas soube que Barrett fora escutado com desdém e que a comunicação não fora mencionada no relatório anual da Associação. Anos depois, Lodge foi para Liverpul retomar as suas lições de física ortodoxa e de matemática.

Com a cooperação de Henrique Sidgwick — que ninguém podia acusar de imaginativo — fundaram, em 1882, uma sociedade destinada a investigações psíquicas, em geral, e da qual Lodge não fez parte logo de começo.

Em 1883, apareceu em Liverpul um senhor chamado Irving Bishop que atraía a atenção do público com a exibição do que ele chamava experiências de «transmissão do pensamento». A principal experiência deste senhor consistia em escolher um dos assistentes e dizer-lhe que escondesse uma agulha em qualquer parte da sala, sem ele ver, para o que ou saía da sala ou lhe vendavam os olhos. Feito isto, Bishop pedia ao assistente-colaborador que pensasse no lugar onde escondera a agulha e, pegando-lhe na mão — sem que o assistente o guiasse cientemente — conduzia-o ao local onde a agulha fora escondida e que Bishop triunfantemente apresentava. Muitas variantes desta experiência foram apresentadas, mas Myers, Gurney e Barrett não se deixaram impressionar com a descrição dos jornais. Para eles aquilo não era mais que um caso de sensibilidade muscular extremamente viva: o *percipiente*, em contacto com o *agente*, era conduzido pelas indicações musculares inconscientes na direcção do objecto sem que houvesse qualquer transmissão de pensamento. Irving Bishop pretendia o contrário: que era ele, percipiente, que conduzia o agente para o esconderijo. Estas experiências foram muito faladas; muitas pessoas procuravam saber se ali haveria alguma coisa de sério. Entre outros, alguns empregados da firma *Georges Henri Lee & C.ª*, de Liverpul, tentaram idênticas experiências entre si; apareceram duas raparigas especialmente susceptíveis de obter bons resultados. O chefe da casa, Malcoln Gutterie, informado disto, narrou o caso à Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, que lhe deu conselhos para novas experiências de transmissão de pensamento.



Coronel Faure da Rosa

Gutterie, entusiasmado com os resultados obtidos, dirigiu-se à Universidade, pois desejava que autoridades científicas examinassem os factos. O Dr. Herdman, biologista, e Lodge, físico, aceitaram e organizaram uma série de experiências. Tomaram-se todas as precauções e, durante muitas semanas, numerosas e variadas experiências se realizaram. Lodge convenceu-se, gradualmente, de que a faculdade da transmissão de pensamento, a que Myers já tinha dado o nome de *telepatia*, era realmente uma faculdade possuída por certos indivíduos e que a impressão assim obtida era independente de toda a indicação sensória.

Depois de numerosas sessões, Lodge chegou à conclusão de que a transmissão de pensamento duma para outra pessoa, a que Myers chamara *telepatia*, era uma realidade e que a velha hipótese de Gurney, sobre os fantasmas da vida, tinha ali a sua justificação.

★

Leonardo Coimbra refere dois fenómenos telepáticos que lhe foram revelados por pessoas idóneas.

O jornalista Silva Passos, estando em Coimbra e na escola agrícola, passa uma noite de terríveis insó-

nias, pedindo a um amigo que lhe faça companhia. Num certo momento, ele ouve a voz de seu pai dizer «adeus Chico». Sabe, mais tarde, que a essa hora seu pai tinha falecido na Ilha da Madeira, tendo antes pronunciado tais palavras.

O romancista Sousa Costa contou a Leonardo Coimbra que, um dia, sua mãe se levantara gritando aflitivamente «que um seu filho ausente em África, e de quem, há pouco, tinham recebido notícias, acabava de morrer». Informações ulteriores confirmaram a desgraça.

Leonardo Coimbra chega, nesta altura, aos *casos* que ele considera mais intrincados e solenes: são os casos chamados de espiritismo. Em todas as sessões a que assistiu os espíritos superiores eram sempre os santos mais conhecidos do calendário e afirma que não era *muito grande* a sua simpatia pelo espiritismo; que o que viu é, na sua maior parte, *feio* e *tolo*. Mas, lealmente, também afirma que não teria tido interesse em continuar tais pesquisas, se nada de valioso tivesse colhido.

Escreve o doutor:

...«Uma boa documentação existe felizmente, e neste campo não faltam as experiências de valor científico, pelos métodos e probidade intelectual dos seus dirigentes. As condições para que os fenómenos espiritas peçam teorização, é que eles se não vão subordinar às anteriores rubricas de telepatia, psicometria, desdobramento de personalidade ou criptomenésia. A primeira causa a eliminar, depois das fraudes, claro, é o conhecimento criptomenésico. É evidente que essa eliminação é muito difícil, mas é, por fim, possível.»

Trata do método das *correspondências cruzadas*, adoptado pela Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, com o fim de alcançar factos, argumentos, que pusessem de parte a explicação telepática. Nessas correspondências os experimentadores aludiam a um tema dado de maneira obscura, por intermédio de diferentes médiuns e em frases também diferentes, a fim de que nenhum deles pudesse compreender aquilo que era transmitido. Entretanto, os experimentadores ajuntavam qualquer indicação distinta que pudesse mais tarde servir de elo entre os diversos fragmentos; de maneira tal que, quando todas as mensagens tivessem sido reunidas numa espécie de escritório central e uma vez aí comparadas, a conexão entre as diferentes partes tornava-se manifesta e o conjunto perfeitamente claro. Este sistema complicado foi seguido durante muitos anos. Um dos médiuns, a Sr.ª Piper, residia na América do Norte, outro, a Sr.ª Verrall, habitava na Inglaterra, e o terceiro era a mulher dum oficial do exército da Índia que ficou conhecida pelo nome de Sr.ª Holland. Fragmentos da mesma mensagem chegavam por estes canais — e por outros ainda — os quais eram decifrados no escritório central. O fim era evidente: saber se uma única vontade agia nos diferentes médiuns; cada parte isolada da mensagem era tão obscura que não podia haver nem telepatia nem qualquer outro meio de comunicação entre os médiuns.

Leonardo Coimbra entende que estas experiências são muito interessantes e, mais, que não é fácil evitar que apareça a teoria da *sobrevivência manifestada* como necessária explicação, o que, até certo ponto, está de acordo com a afirmação de Lodge: «Se se conseguir pôr de parte a faculdade hipotética e inverificável da telepatia ou da clarividência, chegar-se-á à demonstração da sobrevivência do homem e à do poder de comunicar com os defuntos, a despeito da ausência dos seus órgãos corporais.»

Como, porém, um pouco de cepticismo lhe é simpático, pois é a têmpera da vontade, acha bem todas as dúvidas, tanto mais que é de bom método explicar pelo consuetudinário, tornando, todavia, o risco de diminuirmos a nossa consciência do Universo.

Entende que os casos narrados por Olivério Lodge no seu livro «*Raymond or Life and Death*», se explicam pela influência psicométrica e, sobretudo, pela telepatia. Estaríamos de acordo com Leonardo Coimbra se ele conviesse em que o *agente* telepático é o espírito desencarnado de Raimundo ou de Myers e o *percipiente* a médium que os espíritos utilizaram.

Não obstante, Leonardo Coimbra reconhece que «a psicometria e a telepatia conhecidas não se ajustam bem aos casos de que se trata e se lhe tem de supor novas capacidades, virtualidades adrede reveladas. Mas, a dúvida é boa, só ela gera o heroismo e dá elastério, firmeza, peso e volume à crença...

«...As presenças invisíveis, de que os poetas nos falam e todos sentimos, não serão, em movimento de alma, comunicações medianímicas, que, à cegueira vulgar, só chegam conporizando-se na grosseira tangibilidade dos sentidos?

«Há mais espectros nas «Sombras» de Teixeira de Pascoais que numa célebre fotografia transcendental do dr. Hausmann, onde aparece uma imensa multidão de fisionomias do Além».

Leonardo Coimbra concorda, entretanto, que a fotografia transcendental é, também, um processo curioso de investigação espirita: refere-se às experiências feitas por Crookes, Wallace, Richet e pelo jornalista inglês Stead, sem deixar de reconhecer — como todos os estudiosos — que, por vezes, a fraude é mais fácil ainda. Cita o caso duma família saudosa duma criança falecida, recentemente — à data da narração — que vai até ao campo onde tiram a fotografia do grupo, a qual aparece com a irmãzinha morta.

E acrescenta: «São muito notáveis estas fotografias, sobretudo quando se mostra que a sua viabilidade depende de acções medianímicas. Ao seu significado espiritista, além das suspeitas de fraude, tem-se objectado que não é verosímil a indumentária da outra vida. Sampaio Bruno arreda mesmo o espiritismo pelos únicos motivos desta inverosimilhança e pela errada ideia metafísica de que o espírito não tem corpo... Es-

pírito sem corpo é o mesmo que actividade sem acção — o que quer dizer que o ponto metafísico do ser, que é o espírito, nunca integralmente se despe de porco...»

A objecção da vestimenta para arredar a explicação espirita não tem razão de ser. Se se admite que o pensamento tem poder para conseguir a materialização dum espírito desencarnado, não vemos que óbice insuperável se possa opor à obtenção duma roupagem envoltória.

É racional e providencial — explica Bozzano — que entre a existência encarnada e a de «espíritos puros» se encontre um ciclo de existências preparatórias servindo para conciliar a natureza excessivamente terrestre do espírito desencarnado com a natureza excessivamente transcendental da existência espiritual pròpriamente dita. E isto parece dotar, admiràvelmente, o poder criador do pensamento, graças ao qual o espírito pensando que constitui uma forma humana, revela-se na forma humana: *pensando que está vestido cobre-se de roupagens que, embora «etéricas» à semelhança do corpo, aparecem ao espírito tão substanciais como as terrestres.*

No seu livro, «A Crise da Morte», no caso V, Ernesto Bozzano cita a mensagem do Reverendo A. K. Stockwell — anglicano — falecido havia mais de quarenta anos:

O nosso mundo é o do pensamento; tudo que é visvvel, tangivel, utilizável é uma criação do pensamento. O nosso corpo espiritual é uma criação substancial do pensamento; é desse mesmo corpo que, sem nenhum prejuízo para a nossa individualidade, exteriorizamos aquilo que nos á preciso para exercer a nossa actividade objectiva. Em volta de nós, as criações do nosso pensamento revestem uma forma em que se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento dos outros. Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento espiritual; outras, pelo contrário, provêm da força criadora do pensamento dirigido pela vontade, para fins determinados. Nós somos construídos de pensamento, e tudo que desejemos, bem como tudo que façamos, realiza-se pelo dinamismo do pensamento. Naturalmente aqueles que vivem num meio terrestre — tão radicalmente diverso do nosso — têm dificuldade em compreender, e até em admitir, estas revelações; e, entretanto, asseguro-te que os processos funcionais concernentes ao que descrevi são muito simples, muito naturais, e maravilhosamente eficazes... Estes ensinamentos espirituais, que só agora começam a dar aos vivos, são uma das «coisas numerosas» acerca das quais Jesus de Nazaré afirmou que «a sua geração e o seu tempo não estavam amadurecidos para as receber»...

No caso VIII, relatado por Bozzano, afirma o defunto comunicante:

Não tardamos em descobrir — e isto é muito curioso e interessante — que nós, aqui, estamos em condições de transformar certas causas que vemos em redor de nós, ùnicamente com o desejo de que elas se transformem... Contudo, nós não podemos transformar o meio onde vivemos; e não o podemos fazer porque a paisagem que nos rodeia não é sòmente a nossa «decoração», mas é também a «decoração» de todos os espíritos... Depois de muitas experiências desta natureza, começa-se a compreender a verdade, isto é, que o meio onde vivemos não é constituído, na realidade, senão por «formas do pensamento», ou por «projecções da memória», e que tudo isto está predisposto a fim de facilitar, aos espíritos que mal acabam de aqui chegar, o período de transição da existência terrestre para a existência espiritual pròpriamente dita.

No décimo quarto caso, referido no citado livro de Bozzano, o espírito comunicante confirma o que outros dizem acerca da indumentária:

As nossas vestes, também são criações do pensamento e são formadas com elementos tirados do meio onde existimos. Não compreendo ainda, exactamente, o processo que determina este milagre; mas o que não é menos verdade é que essas manifestações *exteriores* do nosso pensamento reproduzem as disposições *interiores* do nosso espírito. Segue-se que, para os espíritos há muito tempo existentes neste meio, o vestuário constitui o símbolo infalível que lhes revela o valor moral intrínseco do espírito que o enverga.

Leonardo Coimbra não se mostra admirado de que os espíritos desencarnados apareçam vestidos, porque, depois da aludir à *alucinação auditiva* que teve Sampaio Bruno (como este escritor lhe chamava) pela qual foi prevenido dum desagradável e improbabilíssimo encontro com João Chagas e que se verificou conforme as palavras da profecia, depois de aludir a este caso, Leonardo Coimbra pergunta:

«Como *falariam* os espíritos sem órgãos corporais que fizessem vibrar o ar? De pensamento a pensamento?... Assim deve ser; mas então, que admira que apareçam vestidos nas alucinações visuais?... O que haveria de estranho seria a fotografia, mas cá temos de novo a fotografia do pensamento a dizer-nos que a influência pode ir de nós para a chapa. Imagens auditivas e visuais perpassam em todos os sentidos, sulcando o espaço como flamejantes cometas do infinito. Tudo estremece de pensamento, vozes humanas e figuras humanas erram pela imensidade e o sentimento trágico de presença com que certas solidões nos pesam não é mais que um eflúvio de humanismo que nos enleia e comove.»

Para Leonardo Coimbra — como ele próprio declara — o ponto central das pesquisas está na boa procura de correspondências cruzadas de que já nos ocupámos. Nesse sentido trabalhava em 1918 e, tanto neste ponto como em todo o campo metapsicológico, os fenómenos eram rebeldes à direcção.

Por meio do medium faziam-lhe reparos como este: «Não tenho obrigação de fazer como quer e não o farei; porque teima sempre no mesmo? Faça o que lhe digo, de outro modo nada conseguirá, etc.»

Leonardo Coimbra não se acomodava com as indicações do Além: em vez de se deixar dirigir pelos conselhos dos desencarnados, era ele quem pretendia a direcção suprema de tudo e de todos. Por isso o avisaram de que, por tal processo, nada conseguiria.

---

(1) O doutor declara que exclui os casos em que, como na leitura muscular, há, apenas, substituição de sentidos, circunstância que se dá com os surdos-mudos.

(2) A Ex.ma Sr.ª D. Maria da Glória Novais — Touraga, Amarante. Esta mesma senhora, mais tarde, caiu em transe mediúnico diante do Dr. L. Coimbra, espontâneamente, fazendo o que se costuma chamar a *dramatização espirita*, que ela ignorava inteiramente. O autor do livro qualifica-o de «um belo caso de eliminação de fraude, quer consciente quer inconsciente.

(A concluir)

Centenário

UM LIVRO

Assim devemos chamar

ALLAN KARDEC

No dia 18 de Abril faz 100 anos que foi publicado «O Livro dos Espíritos» de Allan Kardec. Grande acontecimento, se o situarmos no tempo mental da humanidade, que tem visto nascer e morrer milhões de obras sem a projecção deste repositório de ensinamentos veiculado pelos Espíritos e constitutivo de filosofia sem par com relação ao mundo invisível.

Os seus numerosos capítulos abrangem toda a vida moral e espiritual da criação humana, fornecem elementos preciosos no concerto da vida, e de tal maneira equilibram e dignificam, que os neófitos abandonam complexos de inferioridade, cuja origem se perde na noite vaga da pré-história.

Em todas as épocas a morte foi rodeada de mistério. As religiões encarregaram-se do cenário e a crendice transmitiu-se de geração em geração. O porquê da existência era matéria secundária no humanismo tradicional e daí o pavor que o trespasse infundia a muitos pensadores e psicólogos, dispostos a estudar problemas mais leves que não bulissem com a moral. A crosta planetária oferece prazeres que a maioria procura ou aceita sem olhar às consequências e depois vem a conciliação de temas opostos numa luta de ideias, nem esclarecedora, nem orientadora.

O século dezanove foi de confusão mental e moral. Ainda hoje o sentimos, porque os caminhos que trilhámos eram de marca obscurantista. E tivemos de fazer esforços incontáveis para repelir o absurdo de tantas e tantas teorias que ofereciam ilusões travestidas de realidade, mas incapazes de fortalecer o espírito sequioso, de o libertar de superstições e crendices, de lhe proporcionar escadas conducentes à transmutação ou restauração do que servira para obliterar e enfraquecer.

«O Livro dos Espíritos» foi a luz providencial que entrou nas almas, cerceando o medo de um Além repleto de fantasmas ameaçadores. Apresentava doutrina nova e moral nova. Falava aos corações e às inteligências. A filosofia que se desprendia de suas páginas era suficiente para rejuvenescer um povo. Nenhum elixir ou tónico se comparavam à lógica da codificação kardeciana. A viúva inconsolável adquiria vigor, que a incerteza lhe roubara, porque os mortos não estavam mortos, mas ausentes. Esta era a grande verdade, a verdade chocante e revolucionária que corria célere, mesmo nos sectores ostensivamente alheios à investigação psíquica ou espírita.

A ideia de Deus e os elementos universais, a formação do mundo e dos seres vivos, a vida e a morte, o instinto e a inteligência são o alicerce racional da doutrina que se apresenta nesse livro estranho e simples. E a seguir, quase espontâneamente, uma filosofia emerge em forma de revelação, porque veio do Alto em mensagens concordantes e cheias de lógica, até hoje insuperável.

A existência dos espíritos como enti-

Auspicioso

DE TODOS OS TEMPOS

"LIVRO DOS ESPÍRITOS", de Allan Kardec

dades responsáveis; a pluralidade de existências, que explica infinidade de problemas morais e sociais; a vida no outro mundo; a união de alma e corpo; a influência dos organismos na evolução; idiotismo e loucura; simpatias e antipatias; a emancipação da alma dos laços físicos; a intervenção dos espíritos no mundo corporal e sua influência em pensamentos e actos; a volta do espírito à matéria e muitas outras questões que andaram ignoradas durante séculos ou milénios são ali expostas em linguagem clara e atraente. As dúvidas e os anseios desaparecem pouco a pouco e a convicção inabalável vai-se firmando nos espíritos timoratos.

Depois, um mundo vastíssimo surge a nossos passos. São as leis morais impressionantes e eternas. Em caleidoscópio aliciante vem a lei divina ou natural, a lei de adoração, a lei do trabalho, a lei de reprodução, e as de conservação, de destruicão, de sociedade, de progresso, de igualdade, de liberdade e de justiça, amor e caridade.

É um código extraordinário legado aos homens para seu aperfeiçoamento espiritual. Nada falta nele, desde a vinda do ser à terra até à sua partida inevitável. Todas as circunstâncias, todas as desigualdades inerentes ao bem e ao mal; todos os direitos e todos os deveres; a marcha progressiva através de aspiração, de impulso, de desejo insatisfeito; o livre arbítrio firmado em bases diferentes; a riqueza e a miséria como prova; a igualdade perante a morte; os flagelos destruidores; as guerras fratricidas; a incongruência do duelo que já passou de moda; os votos de silêncio e os laços de família; o direito de propriedade que os legisladores ainda não resolveram inteiramente; enfim, tudo o que interessa ao homem se encontra neste livro único, que zomba dos tempos, impressiona as gerações e as conduz a novas concepções de vida moral.

É isto que se lembra em festas, sessões solenes, inaugurações, folhetos de propaganda, serões culturais, edições científicas, filosóficas e doutrinárias. Para que se não esqueçam as directrizes, nem os veículos de triunfo. Para que o estudo se difunda na cidade e na aldeia, visto que, sem ele, o Espiritismo é letra morta, ou, quando muito, ideologia vulgar, como qualquer outra.

Não há obra mais bela, nem mais humana. Só assim se compreendem as edições sucessivas das livrarias brasileiras, como se uma sede permanente devorasse as multidões.

Perto de 300.000 exemplares sairam dos prelos em língua portuguesa! Eis, porque a Doutrina segue em ritmo acelerado, galgando obstáculos, destruindo apriorismos e convenções que negam a faculdade de pensar, aferrados ao pretérito que atravanca ainda os caminhos largos exigidos pela roda.

Allan Kardec pode considerar-se um dos maiores pioneiros dos tempos modernos. Alguns o acoimaram de pouco científico na exposição; mas era necessário que tal sucedesse, para que fosse bem compreendido por todos. No entanto, proclamou a racionalidade do Espiritismo, que se mantém desde 1857. É possível que, nalguns pontos, o codificador tenha sido ultrapassado. Tratando-se, porém, de um ideal evolucionista, acompanhará os progressos científicos e filosóficos, de maneira que preencha os objectivos do homem na sua ascensão espiritual.

I. D. S.

A LUZ E AS TREVAS

(Panorama Espiritual de há cem anos)

Por José Francisco Cabrita

Com a expansão das ideias revolucionárias e iconoclastas dos grandes pensadores franceses da «Enciclopédia», e com os novos conceitos políticos e sociais criados nos fins do século XVIII com a Revolução Francesa, os credos baseados nas religiões tradicionalistas, conservadoras e dogmáticas, e assim, por sua natureza, cristalizados em interpretações erradas dos textos sagrados, não puderam resistir à lógica daqueles pensadores nem se encontravam preparados para responder aos ataques daquelas ideias e daqueles conceitos. Baquearam, estrondosamente, na luta que se seguiu, entre os falsos conceitos religiosos e a Ciência, e dessa queda surgiu a falta de fé e de confiança nas Religiões, e assim alastrou, como escalracho daninho, a descrença no Criador Divino, e, consequentemente, em tudo relacionado com espiritismo e cristianismo.

O ocidente ia cair no caos mais pavoroso sob o ponto de vista moral e social, quando quase em meados do século XIX, se constatou uma intensa reacção do mundo invisível com a revelação assombrosa das suas manifestações, iniciada com a intervenção das irmãs Fox.

E a demonstração da existência do mundo espiritual, do mundo das inteligências invisíveis, passou a fazer-se quase matemàticamente por A + B + C...

Foi uma demonstração rudimentar, mas mecânica e concreta e, por isso profundamente perturbante pelo seu poder de convicção. Referimo-nos às manifestações por meio das chamadas mesas falantes, as mesas de três pés, manifestações depois classificadas pelo termo próprio de *tiptologia*.

E, realmente, duas, três ou mais pessoas sentadas em redor duma daquelas mesas com as mãos pousadas nelas sem propósitos de mistificação, obterem surpreendentes mensagens, reveladoras duma inteligência oculta, pelo ajuntamento das letras do alfabeto correspondentes a uma, duas, três pancadas — tantas quantas as necessárias para indicarem a letra precisa, foi revelação que assombrou, sobretudo quando tais mensagens se diziam vir de Espíritos que confirmavam ter figurado como pessoas terrenas.

Este processo de comunicação com o Além fez furor na América e depois na Europa, e foi ele que chamou a atenção de pessoas cultas e sérias para a transcendência das suas manifestações.

O professor e médico Hipólito Leão Denizard Rivail, nome depois simplificado no de Allan Kardec, foi uma daquelas pessoas.

Foi-lhe depois sugerido que aquele processo se tornava mais simples e era, portanto, mais rápido, utilizando certas pessoas possuidoras de faculdades especiais, um lápis vulgar aplicado sobre o papel em atitude de escrever, e a escrita mediúnica surgira gravando pensamentos e conceitos desconhecidos da pessoa escrevente. Por aquele, por este e outros processos se compenetrou Kardec de que a sobrevivência da alma era uma realidade evidente, pelo que chamou a si, ou antes lhe foi indicado pelo seu Guia espiritual, a tarefa de provar aos descrentes, às legiões cada vez maiores dos materialistas — os homens sem crenças, que a Vida é eterna, que a Alma, centro de Vida que se perpetua para além do aniquilamento do corpo, era uma verdade demonstrável. E coligiu muitas das mensagens que recebeu, concatenou todos os ensinamentos que os Espíritos lhe transmitiram, analisou todos aqueles ensinamentos à luz duma razão despida de preconceitos mas possuidora duma lógica cheia de convicção, e deu-nos o seu primeiro livro doutrinário, «O Livro dos Espíritos», que publicou em 18 de Abril de 1857.

Glória, pois, ao grande missionário, o infatigável agente, na Terra, do Consolador — o Espírito da Verdade, de que nos fala o evangelista S. João.

Foram assim lançadas as sementes duma vasta sementeira de novas doutrinas renovadoras das que Cristo espalhara e os Evangelhos mais largamente difundiram.

Doutrinas aquelas que contêm em si o brilho refulgente das do primitivo cristianismo, e o resultado das experiências de todos os grandes pensadores espiritualistas de todos os tempos, desde os grandes iniciados da civilização egípcia e os da civilização grega, até à filosofia espiritualista de Sovedenborg.

O século XX tem visto florescer, por toda a parte, a propaganda moral e mística dos Mensageiros do mundo espiritual, propaganda fundamentada na codificação doutrinária que Allan Kardec estabeleceu com as suas obras reveladoras de consciencioso estudo, esclarecida meditação e de constante influência das potências divinas do mundo espiritual que nos envolve.

Discípulos de valor têm continuado a sua obra em todas as partes da Terra, de forma que já não há fariseus, isolados ou associados, que a possam dominar, embora a combatam e a amesquinhem por todas as formas e processos, tal como o fizeram os fariseus judaicos à Boa Nova que Jesus trouxe à Terra há pròximamente dois mil anos.

REFLEXÕES DO ANO NOVO

Por Luís António Mileco Filho

Luís António Mileco Filho, nasceu no Distrito Federal em 30 de Junho de 1932.

Aos 14 anos de idade ingressou no Instituto Benjamim Constant, onde começou, por espontânea vontade, a sua instrução.

Tendo tendência para a música desde pequeno, iniciou o curso de violão, o qual, tendo sido interrompido por motivo de falecimento do único professor existente naquele Instituto, foi substituiu, em 1953, pelo curso de acordeão.

Hoje, tendo passado para a 4.ª série ginasial, mantém as seguintes actividades:

Director artístico do «Grémio Benjamim Constant», do Instituto de Cegos do mesmo nome; Presidente do «Grémio Espirita Estrela de Belém», do mesmo educandário; Presidente do «Grémio José Álvares de Azevedo», (Grémio social, cultural e recreativo) que tem como finalidade a introdução do cego na sociedade; 2.º Secretário do Conselho Representativo de alunos no Instituto, junto à Administração do mesmo; Membro da Comissão Bibliográfica da Sociedade Pró-Livro-Espirita, em Braille; autor de uma crónica semanal apresentada na Rádio Guanabara, sob o título de «De Irmão para Irmão», no programa de Selecções Espiritualistas, de Nelson Baptista de Azevedo; Idealizador da Sociedade Pró-Livro Espirita, em Braille.

Luís António Mileco Filho

Mais um ano que se encerra, mais um ano que se inicia; e, como sempre, milhares de interrogações nos vêm à mente, deixando em nosso espírito um misto de dúvidas e de esperanças, de sonhos e apreensões. Que nos reserva 1957? Que novo rosário de ocorrências nos aguarda durante mais esse período de nossa existência terrena? Voltaremos a viver os acontecimentos desagradáveis ou felizes que nos envolveram no ano que passou? Insensatos que somos! Queremos saber o futuro e não perscrutamos o passado! Acusamos a uma fracção do tempo por todos os males que nos sobrevêm e não nos recordamos de que, infalível à lei de causa e efeito, cabe-nos, portanto, colher hoje o que ontem quisemos semear... Sentimos em nossas almas o desejo ardente e incontido de dias melhores, sem, todavia, nos esforçarmos para merecê-los. Somos, enfim, como crianças travessas que pedem brinquedos e gulodices a seus pais, perseverando, contudo, na desobediência. Até quando permaneceremos nessa terrível indolência espiritual que nos impede a marcha para a frente e para o alto? Até quando continuaremos cegos, porque não queremos ver?

Irmãos bem amados, a hora que passa é de selecção... Não mais poderemos ser, na Terra, meros parasitas que nada constróem. Os clarins da Espiritualidade estão a convocar-nos ao serviço constante do Senhor. Não lancemos ao pobre e extinto 1956 acusações indébitas que só podem pesar sobre nós mesmos; antes, façamos o retrospecto mental de tudo quanto fizemos e que deixámos de fazer durante o ano que se foi, agradecendo a Deus as oportunidades recebidas de suas mãos dadivosas, sem que as soubéssemos aproveitar; daqui por diante, procuremos ouvir o chamamento fraterno d'Aquele que disse: «Eu sou o bom Pastor; conheço as minhas ovelhas e as que são minhas me conhecem a mim».

Busquemos a ressurreição de nosso espírito, tornando-nos, efectivamente, ovelhas mansas e obedientes do Cristo de Deus, e só assim poderemos dizer do fundo de nossos corações: ANO NOVO, VIDA NOVA.

NOTA — A presente colaboração foi-nos enviada pelo Marechal Mário Travassos, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro. Conhecemos o autor na Rádio Guanabara. É um moço inteligente e culto, que respira alegria, apesar da cegueira que lhe ensombra a vida material.

A PRECE DO

Senhor,
eu peço,
com a alma constrangida,
vendo meus irmãos passarem
em desabalada corrida,
buscando
as excitações do mundo
na hora presente
de angústia e de dor!

Senhor,
eu peço
pelas crianças
que dormem ao relento,
pelos velhos
que descansam nos jardins,
pelas viúvas
sem lar,
pelos pobres
que carregam suas desditas
juntamente com a roupa suja
na trouxa que vai no ombro.

Senhor,
eu peço
pelos infelizes
e desalentados
que estão na estrada
caídos,
machucados,
feridos.

E i peço
pelos que se encontram
nos salões iluminados,
esquecidos das crianças,
das viúvas
e dos velhos,
bebendo,
cantando,
rindo,
jogando...

Eu peço
pelos que esqueceram seus nomes,
olvidaram suas tarefas
e seguem
pela estrada dos vícios,
atendendo a si mesmos,
quando era hora
de ajudar os outros.

Eu peço
pelos que não conhecem
a caridade,
mas já vestiram
a fantasia da vaidade
e caminham
nas avenidas da ilusão,
ostentando
com orgulho
seus galardões.

Eu peço
pelos que estão nos campos,
trabalhando sem cessar,
pelos que se encontram
nas oficinas
cumprindo suas tarefas
desde a manhã
até ao anoitecer.

Eu peço
pelo pai de família
que se preocupa
com o pão e a escola
de cada filho,
e pela mãe
que conta os buracos
na meia das crianças
e se esquece do seu sono
até remendá-los todos...

Eu peço
pelos que estão sòzinhos,
tristes,
abandonados,
dormindo numa sargeta,
numa prisão
ou num leito de hospital.

NOTÍCIAS DA BAHIA

Êxito sem precedente da II Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado da Bahia, realizada na cidade de Feira de Santana

Se o Espiritismo é a Verdade em marcha, positivamente, não haverá força humana capaz de deter a marcha vitoriosa do Espiritismo. Disto só terá dúvida quem, porventura, viva em completo alheamento, sem lançar a vista através do panorama social, fixando-a no sector onde se desdobram nossas actividades doutrinárias. O observador atento contempla, porém, admirado, o interesse incomum que os movimentos espiritas despertam no seio do povo, e, ao mesmo tempo, sente nos pronunciamentos e na curiosidade dos prosélitos de outros credos religiosos que acorrem às assembleias espiritas, o desencanto espiritual e o enfado que lhes vêm causando as pregações de seus ministros, sempre no mesmo tom e vazias de conteúdo.

Ora, há cerca de uma década o Espiritismo mal se ensaiava na cidade de Feira de Santana, pois apenas existia ali um Centro com diminuta e tímida frequência. Não se notava então indício de próximo desenvolvimento e progresso do Espiritismo naquela terra, aparentemente hostil à sua propagação.

Mas eis que o redactor destas linhas volve agora a Feira de Santana, integrando uma comitiva que fora participar da II Concentração de Mocidades e Juventudes Espiritas, promovida pela União Social Espirita da Bahia, e enorme foi a sua surpresa ao ver que o Espirismo se disseminou auspiciosamente e ganhou adeptos aos milhares naquela próspera cidade sertaneja. E enquanto o medo pânico vai lavrando em certas denominações religiosas, mercê das defecções que se registam dia-a-dia em suas fileiras, as adesões ao Espiritismo — sem que os espiritas se dêem ao trabalho de catequese — põem de manifesto a eloquência e a lógica poderosa de seus ensinos.

O impressionante êxito daquele movimento juvenil, a que Feira de Santana assistiu de 2 a 5 de Março, responde de maneira irretorquível a quantos taxam o Espiritismo de superstição ou arte diabólica, numa tentativa inútil de incompatibilizá-lo com a opinião pública.

As honradas autoridades de Feira de Santana, num alto senso de compreensão, prestigiaram a Concentração dos Moços Espiritas, comparecendo pessoalmente às suas reuniões, nas quais esteve presente a distinta sociedade feirense por todas as suas classes sociais. O vasto salão da Câmara de Vereadores, no imponente edifício da Prefeitura Municipal, acolheu durante quatro noites consecutivas compactas multidões que o encheram literalmente e qua aplaudiram em delírio os oradores que se fizeram ouvir. Na primeira noite, em que se instalou o certame, foi convidado a ocupar a presidência dos trabalhos o operoso Prefeito do Município, Sr. João Marinho Falcão, tendo tomado assento ao seu lado o digno Delegado Regional, capitão Israel Pinheiro, o ilustre Director da Escola Normal e outras pessoas gradas. Na qualidade de orador oficial, ocupou a tribuna o jornalista Alfredo Miguel que, sob constantes aplausos da assistência, focalizou a personalidade de Allan Kardec e resumiu o conteúdo de cada um dos cinco livros por ele publicados, nos quais, e sòmente neles, tem a Doutrina Espirita os seus sólidos fundamentos.

HOMEM ACTUAL

Nem têm amigos,
nem têm parentes,
ninguém sabe o seu nome,
mas o guarda
e o enfermeiro
conhecem o seu número.
Ai deles!
Não são mais Pedro,
nem António,
mas são
o 1512
ou o velho
da cama 32.

Eu peço
pelos que ensinam
num labor insano
com verdadeiro amor
que 2 + 2 são 4
e B e A faz BA
na escola do campo
ou na escola da cidade.

Eu peço
pelas crianças
que vão à escola,
decorando a taboada:
2 × 3 = 6
5 × 4 = 20
6 × 6 = 36...
E o nome das capitais:
França — capital Paris,
Inglaterra — capital Londres,
Portugal — capital Lisboa...

Eu peço
pelos que não vão à escola,
não decoram a taboada
nem geografia,
porque não têm sapatos,
porque têm de ficar em casa,
olhando os irmãozinhos menores,
enquanto a mãe viúva
ou abandonada pelo marido
vai lavar roupa ou costurar,
a fim de ganhar uns níqueis
que dêem para comprar
um pedaço de pão
todos os dias...

Eu peço, Senhor,
pelos que dirigem as Nações
e pelos que são dirigidos.
Que a Vossa Luz
os oriente no bom caminho
e os leve
à Vossa Paz.

Eu peço
por todos os meus irmãos,
estejam onde estiverem,
porque os sinto
dentro de minha alma.
Eu sou parte deles
e eles parte de mim,
sofremos juntos
a angústia do mesmo tempo,
colhemos juntos
o que semeámos no passado,
compreendemos juntos
que chegou a hora
de nos ajoelharmos
na Vossa Presença,
reconhecendo
nossa humildade
e Vos suplicando:
«Vinde a nós,
salvai-nos!
Estamos no grande mar
e a tempestade
sacode o nosso barco!
Vinde, Senhor,
Salvai-nos!»

Recebido pelo médium
Francisco Luciano

Nessa sinopse histórica o conferencista salientou o papel de Allan Kardec na codificação dos ensinos dos Espíritos, permitindo ajuizar do profundo alcance filosófico e social da sua obra reformadora.

Na noite subsequente, o grande público voltou a superlotar o recinto e aclamou com palmas a palavra do académico Geraldo Guimarães e do jornalista Abel Mendonça.

As conferências da penúltima noite estiveram a cargo do Dr. Osvaldo Requião, promotor público de Feira de Santana, e do escritor Aurélio Valente. Desenvolvendo um tema erudito, aquele preclaro confrade manteve até o fim o interesse da assistência, enquanto Aurélio Valente, sucedendo-lhe na tribuna, conquistou calorosos aplausos, graças ao seu modo especial de expôr o Espiritismo, ilustrando a sua dissertação com a narrativa de casos e anedotas que fazem ao mesmo tempo rir e pensar os ouvintes.

O encerramento da Concentração teve como orador oficial o electrizante Divaldo Franco. A sua conferência foi das mais substanciosas que temos assistido, e o público, que se multiplicou naquela noite, ansioso por ouvi-la, a todo o momento sublinhava com estrepitosas palmas os enunciados mais incisivos do orador que, ao concluí-la, foi delirantemente e demoradamente aplaudido. À semelhança do primeiro conferencista, o professor Divaldo Franco fez um exaltado panegírico de Allan Kardec, ressaltou a excelência da doutrina por ele codificada, aludiu a sábios que nela encontraram estímulo para empreenderem as pesquisas psíquicas que os converteram da incredulidade e, por fim, evidenciou que só o Espiritismo, por tornar tangível a sobrevivência da alma e traduzir o pensamento vivo de Jesus na interpretação racional do Evangelho, desviará definitivamente o homem das ideias materialistas e fará germinar no seu coração o sentimento de fraternidade.

Ao deixar a tribuna o conferencista, o digníssimo Prefeito municipal, que presidiu mais essa reunião, usou o microfone para externar aos espiritas o seu apreço.

Estava encerrada a II Concentração de Mocidades e Juventudes Espiritas do Estado da Bahia, em Feira de Santana. Porém o imenso público que se comprimia dentro do enorme salão exigiu mais uma conferência de Divaldo Franco e ele teve que ficar mais um dia no convívio daquela gente hospitaleira. Outra vez ainda a multidão ansiosa acorreu a ouvir o arauuto da doutrina fraternista, recolhendo-lhe a palavra edificante e consoladora.

★

— Nos dias que se seguiram à instalação do certame, pela manhã e à tarde, houve mesa redonda para debate de vários assuntos submetidos a exame e condizentes com melhores rumos a seguir pelas Juventudes Espiritas.

— Por deliberação do plenário, ficou marcada para o ano de 1958 a III Concentração, na cidade do Bonfim, no Nordeste baiano.

— Além de numerosas pessoas que viajaram de Salvador para assistir à Concentração em Feira de Santana, cerca de 20 Juventudes Espiritas da capital e do interior se fizeram representar.

— O acolhimento dispensado pelos confrades feirenses aos conferencistas vindos de outras localidades, foi o mais fraternal possível, sentindo-se todos como se estivessem em suas próprias casas.

— Um serviço de altifalantes da cidade, através de possantes amplificadores, difundiu todas as noites a palavra dos conferencistas, e ao remate sempre era rodado o disco em que foi gravado o *Sermão da Montanha*.

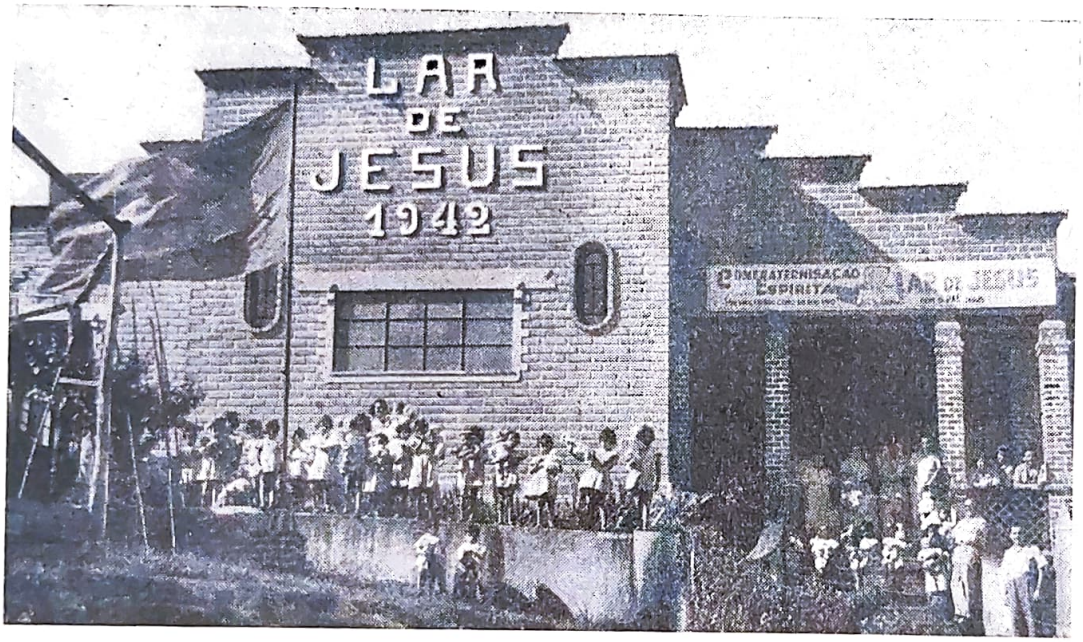
— O redactor destas linhas congratula-se com os directores da U. S. E. B. pelo êxito sem precedente desse grandioso movimento.

ECOS DE U

Por ISIDORO

O LAR

Há muito que este nome pairava em nosso espírito, como divisa de ternura. Devíamos-lhe uma crónica amorável, de retribuição fraterna, se assim nos podemos exprimir. Mas a dificuldade era grande. Falar do Lar de Jesus era falar de Leopoldo Machado. E quando temos que falar de um gigante, começamos por adiar o sacrifício. É pecha de quase todos os receosos. Bem sabemos que viver com receio é viver em servidão, como dizia Horácio, e que a mais perigosa das fraquezas é o temor de parecer fraco, segundo velho con-



LAR DE JESUS, DE NOVA IGUAÇÚ
Mansão de paz e alegria onde os forasteiros se sentem familiares

ceito de Bossuet. E nós queríamos ser livres e fortes... Por isso adiámos a viagem a Belo Horizonte, não obstante a presença amável de três companheiros que jamais olvidaremos. Eles que esperem um pouco. Podem até seguir de lá a nossa digressão. Nova Iguaçú é terra bonita, rainha de laranjais, nos subúrbios do Rio... E o trem de ferro, cómodo e barato: um cruzeiro, a partir da Capital. Não garantimos assento para todos. São tantos os que viajam naquela estrada em busca do pão quotidiano! Não admira, pois, que o trem das sete saia às nove... Os comboios de Vigo «llegan cuando llegan» e os portugueses também guardam relíquias do género no museu da história.

O que interessa, afinal, é viajar num trem acessível, còmodamente sentado, a fim de apreciar as belezas panorâmicas do ramal.

★

Mas voltemos ao princípio. Há cerca de 13 anos escrevíamos nós, a propósito do Lar de Jesus:

«Nenhum rincão do mundo como o vasto Brasil para facilitar a propaganda do Espiritismo em suas diversas modalidades. Na cidade e na aldeia, no litoral e no sertão, há-de surgir uma obra a reflectir a doutrina que Allan Kardec sàbiamente codificou e difundiu, através de revista modelar e livros que alcançaram a celebridade vertidos em todas as línguas. Desde o asilo ao hospital, do ambulatório ao orfanato, da Hora Radiofónica à emissora de grande vulto, este movimento tocou o coração e a inteligência, chamou a atenção de governantes e governados, impondo-se como ideologia tonificante nos mais belos exemplos fraternais. Foi grande a luta, é certo, e moroso o trabalho dos cabouqueiros, que muitas energias queimaram na obra, guerreada, motejada, achincalhada. Alguns tombaram ao calor da refrega, sem ter visto os frutos do seu trabalho. Outros arrastaram a existência em missão apostólica, de lugarejo em lugarejo, com o padre à ilharga a reivindicar para a sua igreja singulares privilégios. Mas o terreno desbravado deu frutos saborosos, em estâncias de repouso, em centros de instrução e educação que bem concorreram para a elevação da grei».

O que dissemos então continua de pé, sem tirar nem pôr. Os anos decorridos foram decisivos para o movimento espírita brasileiro. Neles se caldearam esforços de humildes trabalhadores, cujos nomes se perderam na jornada auspiciosa; neles avultaram outros, em linha progressiva. Em toda a parte os arautos ergueram a voz e se lançaram afincadamente à Obra. Desse entusiasmo nasceu o Lar de Jesus, que nos deixou as mais gratas impressões.

★

Certa noite, no Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, em ses-

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

III

E JESUS

são dirigida por Leopoldo Machado, manifestou-se um espírito, que em linguagem de caboclo anunciou uma grande obra cristã a construir em Nova Iguaçú. E não disse mais nada.

A indiscrição espevitara a curiosidade dos circunstantes. «Que obra será?», pensavam. Onde estavam os elementos capazes de a erguer?...

Até que em 1940, nas vésperas do Natal, Vanguarda, do Rio de Janeiro, publicou um artigo de Henrique Magalhães, intitulado «O Natal da Criança Pobre». Era um quadro confrangedor que sacudiu profundamente um coração de mulher votada ao próximo. Tratava-se de barracão infecto onde mísera vegetava, com oito filhos, à rua 24 de Maio... Marília de Almeida Barbosa, esposa do Leopoldo, foi lá e viu tudo. E na própria noite de Natal lançou a ideia do Lar de Jesus, de amparo social diferente: abrigar crianças miseráveis e velhinhos abandonados. De preferência criancinhas, cujos pais lutassem extremamente, que dos órfãos todos se compadeciam mais. E Marília perorava:

— Que melhor maneira de comemorar o Natal do Cristo, do que erguendo uma obra de amparo a infortunados em seu nome?... Semelhante realização saber-lhe-á melhor do que palavras, discursos, pregações. Fundemos, pois, em louvor do Natal do Cristo, uma obra que ampare infelizes, como as crianças e a velha mãe que visitámos ontem e teremos fundado o verdadeiro Lar de Jesus.

E de uma bolsa saiu o primeiro óbolo: cinco cruzeiros à espera de outros cinco...

O roble nasce de germe simples e minúsculo e atinge enormes alturas. É o fermento oportuno que se desenvolve, até levedar a massa. O que está é diferente do que era...

Eis, por que a ideia se espalhou ràpidamente nos dez centros do ramal de Nova Iguaçú, que depois constituiram a Confraternização Espirita Lar de Jesus. Cada célula formou um corpo de legionários dispostos à construção do Lar, que a história do Magalhães era confrangedora...

Correram Nova Iguaçú, Nilópolis, Anchieta, mas o Alto interveio:

— É cedo ainda. A sede já está escolhida. Não se quer obra de emergência.

Júlio Chambarelli foi o legionário indicado para a escolha. Um alqueire de terra com frente para três ruas. O bairro mais saudável da cidade e o mais belo panorama das redondezas...

— Aqui é que vai ser o Lar de Jesus!

E a terra comprou-se pela décima parte do valor. Ao assinar da escritura, alguém ofereceu mais ao vendedor, que ficou indeciso.

— E a sua palavra? E o mal que vai fazer aos futuros abrigados?...

O homem decidiu-se. Trezentos metros quadrados adquiridos com dinheiro emprestado. E logo que os desbravadores cortaram o mato principiou a campanha pró-construção do Lar e de toda a parte vieram donativos. Os edificadores resistiram aos obstáculos: temporais, carestia de preços e de mão-de-obra, dissídios entre operários, oposição de inimigos invisíveis... Mas no dia marcado o Lar de Jesus inaugurava-se com 25 crianças.

Linda festa, linda inauguração! Um dos maiores acontecimentos espiritas do ano.

Foi em 1942. Dia de Natal e uma conta de cento e oitenta mil cruzeiros, moeda forte de quinze anos antes, quando o mundo se guerreava por liberdades que agora não tem...

★

O Alto manifestou-se nessa noite festiva, quase familiar.

— O Lar de Jesus não é apenas um abrigo. Se assim fosse era mais uma casa para distribuir agasalho e pão. Mas o seu programa é maior. É o bem por amor do bem. Será obra máscula, de aproximação, experimentação e acção, e servirá de modelo a outros movimentos.

Hoje, cinquenta e tantos «Lares» existem nos Estados brasileiros, à imagem deste. Vimos alguns e avaliamos o seu prestigio no mundo moral. Nem abrigo, nem asilo, nem albergue, nem orfanato. Tudo isso

MARÍLIA BARBOSA MACHADO

evoca sujeição. Lar é mais humano, é mais carinhoso. É a casa de família, é a pátria, é a terra natal, na mesma pétala perfumosa, no mesmo canto, na mesma saudade.

Por isso o monumento que se avantaja na colina de Nova Iguaçú, mal abandonamos o trem, é um sonho materializado, é um templo de luz espiritual para as avesitas que lá esvoaçam em torno do seu Mespai e irmãos. Têm cama e folguedo. Vassoura e espanador, antes da mesa e do abecedário. E depois escola de vida sob legendas de amor

e de trabalho. O maior nome é Jesus; o maior verbo é amar. Mãos abertas para todos. Quem chega, entra pressuroso; quem sai, leva recordações edificantes...

Lar de Jesus! Lar de Jesus! Mansão de paz, mansão de harmonia! Humildade e Caridade! A natureza em festa junta-se à festa da Natureza. O sol abriga a semente a germinar e a planta a crescer. Semanas depois o penisco é arvoredo. Esplendores de clima aprazível, mistérios que o homem não desvendará. E um bando de alvéloas adeja na terra lavrada à espera de sementeira...

★

Entrámos no grande alpendre em 20 de Abril de 1955, dois dias após o nosso desembarque no Rio de Janeiro. Leopoldo Machado aguardára-nos na Casa de Luciá, convalescente ainda de grave doença. Já falámos nisso, já dissemos que foi ele quem se lembrou da nossa viagem ao Brasil.

Vinte anos de correspondência, de colaboração estreita e permanente era um mundo de amizade que se firmava dia-a-dia. Primeiro foram os seus livros: doutrina, polémica, educação. Depois o «Teatro Espiritualista», que serviu de base a centenas, talvez milhares de certames em terras de Vera Cruz. E os seus discursos inflamados e os seus versos espontâneos e as suas caravanas produtivas...

Mas, quando entrámos no alpendre do Lar de Jesus, as «filhas» do Leopoldo, correctas, perfiladas em seus trajes característicos, entoaram a canção «Benvindo, amigo!», que rezava assim, na música de Iranovice e Lourival Faissal:

Benvindo, amigo,
Que hoje nos visita.
Para recebê-lo
Esta casa se agita.

bis

É que ele nos traz,
Com a simpatia,
Honra, gáudio, prazer,
Muita paz e alegria.

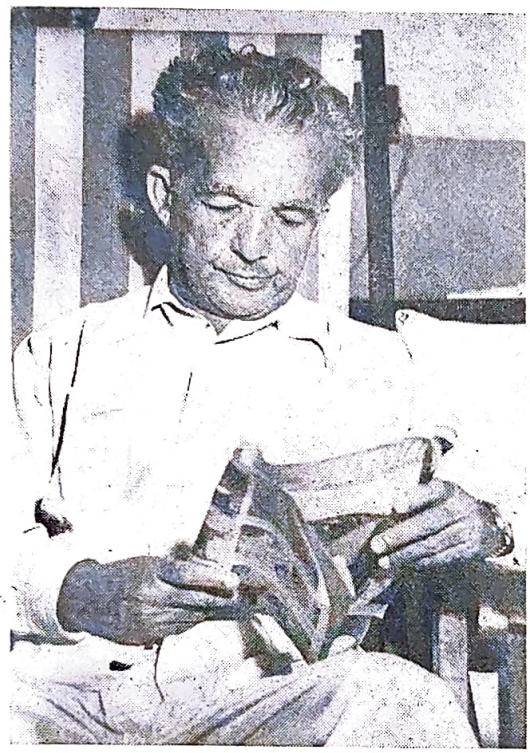
bis

Estribilho

Sua visita a esta casa é um bem,
Satisfaz nossas aspirações,
Além de em festas sacudir
Os nossos corações...

bis

Foi um choque emotivo que nos apanhou de surpresa. Minutos depois vieram cumprimentar o «tio» Isidoro, que vinha de além-mar. Todas sabiam onde era Portugal. Leopoldo as ensinara, com o maior interesse, a amar a terra que plasmara o Brasil para os grandes surtos hodiernos. Ele, que é um educador original, não esquece o mais leve pormenor no seu ensino. Afeiçoa, modifica, orienta. Garimpeiro de almas, submete-as ao cadinho pedagógico e a breve trecho parecem diamantes lapidados. Laboulaye dizia



LEOPOLDO MACHADO

que educar um homem era formar um indivíduo que nada deixava atrás e que educar a mulher era formar as gerações futuras. Estará nisto a preferência de Leopoldo pelas crianças do sexo feminino?...

A graça, o ruído, o tumulto álacre de cinquenta infantes em liberdade, a respirar saúde, a sentir apoio, amizade e confiança no papai Leopoldo, na vóvó Ana, na dona Etelvina, é espectáculo inesquecível que levaria tempo a descrever. Neste ambiente foi inspirada a «Canção da Alegria Cristã», conhecida em todo o Brasil. Ouvimo-la, nos catorze Estados que visitámos, ao longo de um vasto mundo inexplorado, prenhe de riqueza e de bondade nunca vistas. E o prestígio do excelente educador encheu a nossa retina de admiração e respeito...

★

Na crónica «Três Obras que se Entrelaçam» referimos algumas impressões do Lar de Jesus e do que se passou no primeiro contacto com a formosa instituição. Hoje é preciso dizer mais. É preciso falar de Marília Barbosa, «a primeira mulher que encarou a sério o problema da indigência e da instrução em Nova Iguaçú». De colaboração com o marido, fundara o Colégio Leopoldo, esse alfobre educativo que deu grandes homens à sociedade. Depois fundou a Assistência aos Necessitados do «Esperança, Fé e Caridade». E num rasgo de abnegada, andou de porta em porta a pedir a ampliação do Centro com destino à Escola João Baptista... E a Escola construiu-se e ampliou-se...

O Albergue Nocturno Allan Kardec é obra sua. Por ele transitaram mais de 15.000 indigentes...

O Lar de Jesus foi o «canto de cisne» da insigne educadora, «obra para recolher filhos de outrem, já que não fora mãe; umas sem pais, e outras órfãs de pais vivos»... Senhor! Como vai o mundo! Tantos miseráveis colados à penumbra das vielas, macilentos, cadavéricos, na ronda da vida, aos safanões da intempérie! Marília enxergou-os em vibração confrangedora. E por isso o Lar de Jesus se ergueu numa colina de alegria fraterna. Para que o vissem de longe aqueles que o podiam ajudar. É o grito de um alto espírito contra as mazelas sociais, contra o egoismo reinante, contra a lepra dos corações endurecidos...

Ela partiu, subordinada aos desígnios do Alto. Mas o Lar de Jesus continua a sentir a sua presença benéfica. Ao sopé da colina, a Praça Marília Barbosa recorda ao transeunte a alma de mulher que ali permaneceu e permanece ainda. E a Rua do Lar de Jesus, que se lhe segue, demonstra a homenagem da Prefeitura a uma obra honrosa e digna de imitar-se. Foi por essa rua que entrámos na cerca e subimos as escadinhas ladeadas de trigo de cheiro, ao lado do Leopoldo e do Marques, outro amigo sincero, em cujo lar escrevemos a primeira crónica desta viagem sentimental.

O nome da egrégia educadora está ligado para sempre ao bairro K-11 de Nova Iguaçú, onde se encontra, humilde e sereno, o tabernáculo da infância espirita, ao qual afluem curiosos de todos os quadrantes.

★

Ao percorrer as dependências do Lar, estranho não éramos, com certeza. Os olhares, os gestos, as atitudes definiam amigos satisfeitos pela chegada do amigo. E mostraram a casa toda, para que não fôssemos hóspede naquele delicioso retiro. Um irmão de Leopoldo não podia ser hóspede... E ali andámos familiarmente a vasculhar, a indagar, a admirar. Lembrámo-nos de Octave Feuillet, para quem a ordem era a beleza moral das coisas. E naquele santuário havia ordem. Mais: Havia limpeza, havia higiene, havia interesse colectivo.

Na cozinha arejada estava Campoamor a versejar:

Não há nuvem mais bela em [tempo lindo,
Do que o fumo do lar ao céu [subindo.

W. Smith gostaria de lá estar connosco, para aferir a sua legenda: «Limpar, remendar e varrer são coisas grandes e suaves, se o amor anda com elas».

O Leopoldo era uma espécie de Pai Américo na «Casa do Gaiato». Severidade nos lábios por causa do respeito, mas um coracão cheio de ternura. Mal se acomodava na poltrona e logo quatro ou cinco «filhas» o rodeavam e abraçavam. As mais pequenitas trepavam-lhe para o colo e beijavam o «papai» na face.

O dormitório impressiona pelo arrumo. Efeito do mesmo asseio, da mesma disciplina, que se estende ao refeitório, onde apetece estacionar em boa cavaqueira. As crianças lavam as mãos antes de ir para a mesa. Sentam-se; a mais pequenita eleva a Deus uma prece e todas se ajeitam no repasto. Do Alto, o espírito de Marília assiste à chilreada, a rever-se na obra... Sentimos que estava lá e não estava sòzinha. Outra Marília a acompanhava, risonha e tranquila, vigilante e denodada. Quem dera que o dia não acabasse! Quem dera! Quando a brisa celeste nos beija a fronte, tudo se modifica em nós. O magnetismo envolve as células orgânicas, banha-as, tonifica-as. E o homem sai harmonizado. O mundo é diferente para ele. Não há sombras, há claridades...

Enfim, coisas que evocam em nós quadros antigos que não mais empalidecem.

A missão social do Lar de Jesus é larga e meritória. Corpo cénico-dramático. Conjunto musical. Editora de obras valiosas a preços acessíveis. Programa radiofónico. Oficinas, escolas, enfermaria, gabinete médico-dentário. Pavilhão de Velhinhos. Pavilhão de Meninos. Vila da Pobreza Envergonhada, semelhante à Fundação João de Freitas, de Juiz de Fora.

O Lar de Jesus no culto de Deus e da pátria

Parte está realizada com mão de mestre. Para isso muitos concorrem sem descanso, além dos sócios, dos donativos, do favor público e do governo federal. São os «Legionários do Quilo», homens, senhoras, jovens e crianças que nos domingos de manhã pedem, como Francisco de Assis. A cidade os espera com simpatia e dá alegremente o seu óbulo. E os obreiros recolhem à colina de sacola cheia. E todos falam do Lar de Jesus. É o «Album de Visitas», que lá tem as nossas impressões, são jornais espiritas, são jornais profanos, são outros lares que reflectem este... É o Brasil, de Norte a Sul, onde quer que haja espiritas ou simpatizantes...

★

Em nossas andanças muito se falou de Leopoldo Machado. Ninguém ignorava o seu nome de pregador, de jornalista, de plumitivo, de escritor, de pedagogo, de dramaturgo e de poeta. É o espiritista mais popular do Brasil.

A sua obra literária visa o alvo educação. Baiano da gema, é corajoso e tenaz como Deolindo Amorim, como Rui Barbosa. Para realizar não conta horas nem mede obstáculos, por maiores que sejam. Se foi homem de sete oficios, desde operário a gerente de pensões, comendo o pão que o diabo amassou... Mas venceu como os varões de Plutarco. No trabalho andou, no trabalho encaneceu, sempre de bom humor, feitio independente e vontade forte.

Um dia escrevemos dele:

«É o verdadeiro homem de acção, como nós o conhecemos. Quando pega no arado, só termina ao fim da jeira. Hoje, como ontem; amanhã como hoje. Atitude desempoeirada. Coerência perfeita. Dinamismo e compreensão no serviço de uma causa. A Leopoldo se pode aplicar a frase do romano da lenda: «Sei o que quero e para onde vou». Tem-no sabido sempre e por isso a sua obra responde pelo valor moral e mental».

Quem não conhece as polémicas do Leopoldo, sobretudo aquela em que dominou o padre Jacob Slater, doutor em Filosofia e Teologia, no «Filhos de Iguaçú Futebol Clube»? Quem não conhece o rosário de livros que amontoou a favor da Doutrina? «Consciências», «Para a Frente e para o Alto», «Julga, Leitor, por ti Mesmo», «Sensacional Polémica», «Pigmeus contra Gigantes», «Doutrina Inglória», «Ide e Pregai», «Iluminação», «Para o Alto», «Teatro Espiritualista» em dois ou três volumes, «Caravana da Fraternidade», «Uma Grande Vida», etc., etc., etc., as jornadas de propaganda através do Brasil, onde perdeu saúde ganhando influência que ninguém superou; as conferências em teatros, em Centros, em clubes recreativos, em coretos ao ar livre... O livro «Cientismo e Espiritismo», que ti-

vemos a honra de editar e prefaciar, como admirador e amigo... Tudo isto e muito mais fez dele um pioneiro que alguns invejam e satirizam. Hoje não é polemista. É construtor silencioso, orientador ponderado. Que lhe importa o motejo? «Um homem, escrevendo, é susceptível de perder a reputação — disse Payne —; mas, se a tiver, não são os escritos dos outros que lha farão perder». A reputação deste homem é invulnerável. Os zoilos já não vão a tempo de a destruir, porque ela faz parte integrante das obras humanistas radicadas no coração do povo.

★

Mas nós falávamos do Lar de Jesus, viveiro de exemplos dignos e escola de autoridade. Nele estagiámos com o gigante enfraquecido, nele ficou a nossa voz, para que mate saudades do irmão ausente. E trouxemos a «Prece da Criança Boa» de sua autoria, um mimo de educação que as crianças entoam diàriamente:

Senhor, tu me dás tudo:
Vida, saúde, força, inteli-
[gência!
Eu não te dou, contudo,
Nada ainda, Senhor!
Porém tenho esperança
De dar-te muita coisa
Enquanto for criança!

Eu prometo dar
A vontade de ser obediente
A meus pais, a meus mes-
[tres, no meu lar,
e boazinha para toda a
[gente.
E a vontade também
De trabalhar, Senhor,
Na prática do Bem,
Sem cometer jamais
Nada que fira, que maltrate e doa,
Nem aos pequenos, nem aos animais.
Eu quero ser uma criança boa!

E trouxemos a permanência da sua colaboração em Estudos Psíquicos, *revista que ele distingue entre todas; e a lembrança do seu convívio sempre igual e da sua graça perene...*

Há quem lhe chame insociável. Se assim fosse, não criaria um lar de garrulice à imagem de si próprio. Atentemos na expressão de Chamfort: «O talento afasta o homem da sociedade, porque aos mercados insignificantes não se vai com barras de prata e oiro, mas com prata miúda e cobre». Leopoldo não é insociável. Tempo é que lhe falta para o muito que deseja. Como poderia ser insociável com rodas de amigos em todo o lado? Onde está a terra onde os não tenha? Nem outra coisa objectivam as cartas que escreve aos milhares. É como Eça de Queirós: não gosta de paisagem sem nota humana, sem fumo de chaminé ou parede rebrilhando ao sol, que revele a presença de um peito, de um coração vivo.

Vai onde o solicitam, assim tenha saúde. Já tem falado ao microfone do leito de enfermo. Uma organização extraordinária. Um espírito irrequieto. Onde o médico restringe, Leopoldo avança. Está preparado para tudo.

«Viva Jesus!» — exclamam as crianças, descendo a escadaria de acesso ao Lar

— Isidoro, isto está no fim! As lutas cansaram-me.

Qual história! Os artigos sucedem-se e os livros e as palestras radiofónicas e o Colégio Leopoldo e as novas construções do Lar e a correspondência e as viagens ao Rio e à Casa de Luciá...

Sincero é que ele é. E ser sincero — na frase de Bernier — é mais que uma qualidade: é virtude, tanto mais bela, quanto mais compromete o que pratica.

Cá estamos outra vez a falar dele. Não dissemos nós que falar do Lar de Jesus era falar de Leopoldo Machado? Quem sabe onde termina um e começa outro? Quem sabe?...

★

Afinal, ninguém melhor do que o poeta de «Iluminação» para descrever o seu pupilo. Ouçamo-lo:

Um casarão enorme, avarandado,
Numa crista de monte,
Dominando a cidade bem de frente
E no bairro mais poético e saudável.
De um lado e do outro lado,
O vastíssimo horizonte
E o casario pobre — tanta
[gente
De aspecto miserável! —

Quem, a caminho de certa
[cachoeira,
Sobe ou desce,
Envia-lhe um olhar, queira
[ou não queira!
Seu aspecto seduz
E às vezes enternece...

À distância é tal como se
[fosse
Uma esplêndida gaiola...
E o é de aves humanas
[muito inquietas.
É o que deixa entrever
O vozerio das crianças,
[doce,
Quando, ladeira abaixo,
[rola,
A lembrar infantis poetas...
Coisa que dá prazer!...

Há sempre festa rumorosa
[ali,
Que ali é sempre dia-de-
[-ano-bom,
Quando aparece, alegre o
[«tio» Oli
Com seu *acordeon*!...
E o LAR, para logo se
[inquieta,
Ainda mais alegre e vivo
De tantas vozes infantis, tão mansas.
Que a mansidão ali é de bom tom...
É que as crianças,
Ouvindo o *acordeon*,
Cantam sua ciranda predilecta:

Nós somos as filhas
Do Lar de Jesus,
Sentimos prazer
Com a vida que temos...

Há festas? Que alegria a das crian-
[ças!
Que agitação no LAR!
Todas querem ensaiar
Canto, declamação, teatro, danças...
Primeiro em formatura
Para o HINO À MORAL,
Que vale um belo ensino
Contra o pecado e o vício e o erro
[e o mal:

Na vida é belo ver
Lutar alguém,
Em nome do Dever
Na prática do Bem...

— «Mamãe, já sei minha poesia!
Sei, sim, acredite» —
A Florisdalva grita alegremente.
— «Eu também sei!» — berra a Edi-
[te —.
— Pois vamos lá, pausadamente...

Nesta festa em que o espírito
Bebe inspiração e luz,
É justo que seja ouvida
A voz do LAR DE JESUS...

Chega de dentro agora um alarido,
Ouve-se infantil tropel...
— Que terá acontecido?
— O Hilton apanhou do Daniel!
Chega o Hilton chorando;
Na sua meia língua diz assim:
— Mamãe, foi o Niel... Bateu em
[mim...
Rompe a manhã e irrompe de re-
[pente
No dormitório algaravia infinda
Das pequeninas tendo à frente
A Luizete, a Angélica, a Lucinda...

— Que gente é aquela,
De saco na mão, o olhar tranquilo,
A pedir de porta em porta,
Sem sentir pesada a cruz?
— É a gente caridosa que compõe

A «Campanha do Quilo»
Do LAR DE JESUS!

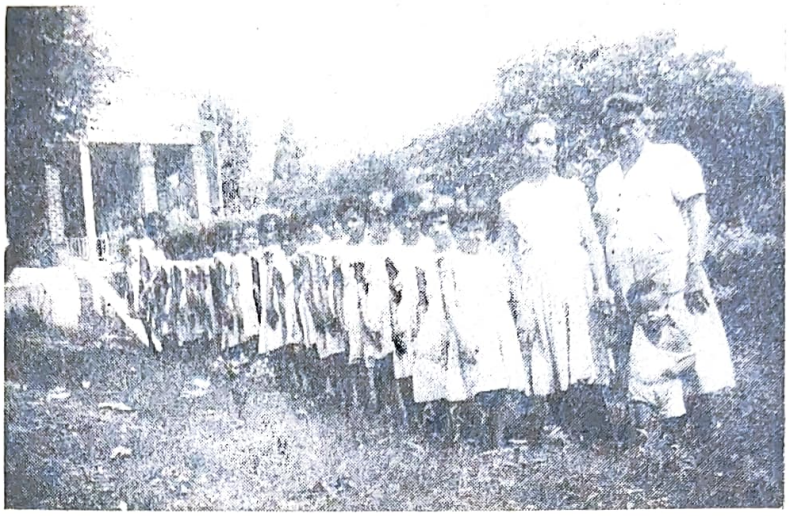
Lar de Jesus — Quantas crianças,
Brancas, mulatinhas, pretas!
Esvoaçar sublime de esperanças,
Como se fosse de humanas borbo-
[letas!
Criançada entregue
Ao trato maternal
Da alma boa de mamãe Marília
E da vóvó Donana!
Tudo ali é original,
Porque se vive lá como em família,
Das que conhecem toda a espécie
[humana!

★

Que belos ensinos traduzidos em lições de humanidade! Uma obra vital! É preciso auxiliá-la, é preciso mantê-la! O seu director é um Pestalozzi de nova estirpe. Não o desamparem. Facilitem-lhe a jornada, enviando-lhe donativos e pensamentos de vigor. Para que os dias dilatam as horas, os minutos e os segundos...

A sua presença é dinamismo. Até na tenda de oxigénio pensa na obra redentora.

Foi deste homem que partiu a ideia da nossa viagem, repetimos. Foi ele que em grande parte nos guiou e recomendou. Por isso as facilidades surgiram e a simpatia se desenvolveu. Ele, um homem insociável? Uma alma aberta a todos os pensamentos, isso sim. A todos os pensamentos e a todos os infelizes.



Crianças do Lar a caminho da Escola com a Directora D. Etelvina Bastos e a professora

★

Uma vez reuniu o bando na escola anexa com a nossa presença de forasteiro. Ia proceder-se à distribuição de prémios e de castigos, com chamadas especiais. O que ali se passou não o descreveremos agora, que a crónica já vai longa. Mas foi qualquer coisa de impressionante. Ainda não víramos esta faceta de Leopoldo. Conhecíamos o bonacheirão, o homem desprendido e avesso a frioleiras e por isso nos chocou o seu conceito de justiça. Tudo medido e pesado rigorosamente e o próprio culpado aplicava a pena. Havemos de contar um dia, quando houver melhor oportunidade.

Deu-nos a palavra e jamais nos víramos tão embaraçado para falar, como nessa ocasião estranha. A breve trecho, porém, todas as crianças sentiram lágrimas nos olhos. E nós também. O Leopoldo, esse, já os tinha marejados. Sabe Deus o que lhe custou dar o castigo depois de louvar. Mas era necessário. Dura lex, sed lex. *Havia o respeito, havia o princípio de autoridade... E não podia ser de outra forma.*

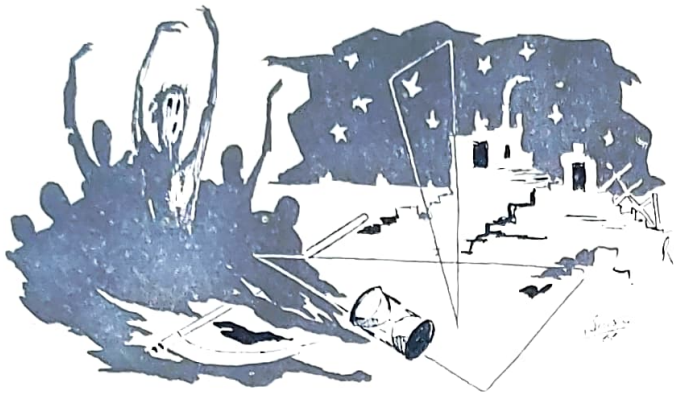
Saímos identificados. O Lar de Jesus não era o casarão erguido no Caonze, frente ao burgo que formigava entre ruas e jardins verdejantes. Era educação racional, luz poderosa sobre um povo em marcha, em demanda do objectivo. Leopoldo Machado tinha a seu cargo um sector espinhoso, herança que nem todos receberiam de bom grado. Mas ele recebeu-a corajosamente. Fortalecê-la, multiplicá-la é a sua aspiração maior. O Colégio Leopoldo instrui e educa; o Lar de Jesus agasalha e tempera. Auxilia as almas no seu rumo, depois de as plasmar na grande escola do progresso.

Desculpai a miscelânea. Não dissemos nós que falar de um era falar de outro?...

AOS REPRESENTANTES DO BRASIL

Informamos os nossos prezados representantes do interior do Brasil que o novo representante no Rio de Janeiro é o sr. António J. Monteiro, Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, com frente para a Rua Onório de Lemos, Ponte dos Marinheiros (fone 28-5733 e 34-1988), a quem devem ser enviadas todas as importâncias relativas a *Estudos Psíquicos*.

Henrique Magalhães coadjuvará aquele confrade em todos os assuntos deste género.



CONTEMPLAÇÃO

Por ROCHA

Caiu o véu da noite.
O Mundo está triste.
A Natureza dorme ao som da brisa.
E enquanto a brisa sopra de mansinho,
por sobre a terra paira a nostalgia
de uma boca negra, oca e fria...

Quedou-se a Humanidade inquieta.
Pancadas graves, brônzeas,
marcam o momento solene.
E as pancadas ecoam
na amplitude da noite silenciosa,
mergulham na profundidade dos vales,
sobem ao cume das montanhas,
pairam na terra,
no ar ...
nas próprias almas ...

Os homens olham o céu sem fim:
há luz na escuridão do céu ...

Os homens estão cegos, não vêem a luz;
choram em silêncio ... choram sempre ...
Dos seus olhos sem brilho correm lágrimas,
lágrimas quentes,
túmidas,
que vão morrer na terra seca.

O chão está duro, sem cor.
Fendas profundas e sombrias
vincam a planície imensa.
Crianças nuas e tiritantes
fitam o céu com olhar patético.
As mulheres, as mães,
choram ... choram muito ...
E o seu choro mergulha na brisa
e a brisa mergulha na terra
e a terra contempla o céu ...

Está frio.
Para lá do frio,
para lá da noite ...
estende-se um mar de destroços sombrios.
É uma massa gélida, negra, informe,
qualquer coisa diabólica
que se agarra às concavidades da Natureza.
E a Natureza dorme ao som da brisa ...
E a brisa afaga as coisas,
seca as lágrimas,
arrasta os destroços e deixa-os espalhados,
fragmentados,
desfeitos em mais cinza e em mais pó ...

CARAVANA ESPIRITA

Saiu desta Capital, em 30 de Janeiro próximo passado por via aérea, com destino ao Rio de Janeiro, Nova Iguaçú, Petrópolis, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo, São Paulo e Santos, uma caravana da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, com 37 pessoas de ambos os sexos, em sua maioria jovens, colaboradores da nossa doutrina, representando entidades do Quadro Federativo e chefiados pelo signatário, 1.º Vice-Presidente da Federação.

A Caravana foi portadora de uma mensagem muito fraterna e amiga, da grande família espirita do Rio Grande do Sul para o Conselho Espirita Federativo Nacional, e entidades co-irmãs ali representadas, e extensiva a todas as demais entidades visitadas, através das três capitais. Não encontro palavras para descrever a beleza das impressões e emoções por tudo que vimos, ouvimos e sentimos nessas recepções, nessas visitas e despedidas.

O Espiritismo triunfa por toda a parte contagiando os corações e almas de uma alegria que decorre de quem, depois de muito sofrer, sem saber bem porquê, de quem muito estudou para saber da razão da vida, da dor e da felicidade, se encontrou consigo mesmo e obteve a chave, o segredo de todos esses problemas.

Essa alegria, em princípio, nos enebria e entusiasma e sentimos desejo de comunicá-la a todos que nos cercam e de poder encontrar em nosso caminho, no louvável afã de a todos fazer participantes dessa boa nova do nascimento de Jesus, o espirito de verdade, em nosso coração.

Que coisa maravilhosa! A felicidade é tanta em nosso coração, que chegamos a dá-la sem olhar a quem, causando isso, por vezes, algumas perturbações por falta de melhor compreensão de tais criaturas.

A caravana foi recebida no Rio de Janeiro pela Directoria da Federação Espirita Brasileira e outras entidades federadas que nos trataram com muito carinho. Em Nova Iguaçú recebeu-nos o *Lar de Jesus*, com o nosso amigo Professor Leopoldo Machado, o incansável trabalhador da Terceira Revelação.

Em Belo Horizonte fomos recebidos pelos dirigentes da Entidade Máter do Espiritismo Mineiro, que é a União Espirita Mineira, com a presença da Casa de Betânia, que nos cumularam de carinho e gentileza, tendo à frente o dedicado irmão Bady Elias Curi, presidente da União.

Em Pedro Leopoldo fomos rece-

DO MUNDO

DE SOUSA

Os homens estão cegos ...
Fitam todos a escuridão do seu Mundo,
erguem os braços descarnados à brisa sempre igual,
arrastam-se sobre as cinzas,
sobre o pó
e ficam a tremer ... a tremer ...

As mães choram junto dos filhos;
e os filhos, balbuciantes,
olham para as coisas,
para os homens,
para o Mundo,
com uma expressão sem fé ...
com uma expressão sem luz ...
Seus olhos grandes e redondos
fitam a escuridão do céu,
rolam silenciosamente nas órbitas macilentas
e acabam por quedar-se, sem vida ...

Os filhos estão cegos também ...
Os filhos arrastam-se também sobre a cinza ...
Seus corpos magros, viciosos,
caiem sem forças sobre a terra calcinada,
enquanto o vento leve sopra os destroços,
adormece a Natureza,
penetra a terra,
o ar
e as almas ...

O Passado já morto nas cinzas
geme ainda na distância dos tempos.
E as cinzas clamam em gemidos sem voz,
agarram-se ao solo crestado,
fogem pelas encostas das montanhas,
pela imensidão das planícies
e ficam a tremer direito ao céu.
E tremem ... tremem muito ...
Sua vibração pede vingança,
seus gemidos clamam justiça!...

E os homens cegos, sem brilho nos olhos,
tremem também na noite, ao frio da incerteza ...
Estão penetrados de descrença, de remorso,
de recordações sombrias e macabras.
Conservam-se quietos, esperando qualquer coisa ...
Em treva densa, cansados, cheios de nada,
permanecem num mundo estranho ...
num mundo de expiação ...
E choram muito, acobardados.
A brisa leva-lhes para longe os soluços pungentes,
verga-os ao fresco de si própria,
põe-lhes nas almas a certeza
de que um erro espantoso os aniquila!

... E as pancadas graves, brônzeas,
vindas da profundidade do céu sem fim,
vibram sonoras, solenes,
na amplitude da atmosfera vazia!
Pancadas imensas, divinas, eternas,
cheias daquela verdade
que domina os homens e o Mundo!
Cadência da Evolução
que arrasta as cinzas,
o pó
e a cegueira dos homens ...
para um mundo de Eternidade ...
de Luz ... Amor ... e Perdão!

Lisboa, 30-5-956

bidos pelo nosso grande amigo Francisco Cândido Xavier, cuja vida é uma escola, e sua presença e actos o Evangelho em acção, sempre admirável, sempre fraterno, tanto em pessoa como em nossa lembrança. Passámos com ele horas ditosas e felizes.

Em S. Paulo fomos recebidos fidalgamente pelos dirigentes da USE, muito bem representada pelos distintos confrades Dr. Luiz Monteiro de Barros, Carlos Jordão da Silva e outros.

São Paulo espirita deu-nos agradável impressão de quem, jubiloso, abre os braços para receber o irmão e o amigo, sentindo no coração a alegria que a fraternidade nos dá!

No Rio e em Belo Horizonte fomos recebidos em reuniões verdadeiramente solenes, onde se notava a presença da família espirita local, tendo à frente seus principais dirigentes, aos quais, de nossa parte, procurámos corresponder em nome da Entidade que representávamos, à qual atribuimos todos os motivos de nosso êxito e homenagens recebidas, graças ao auxílio espiritual que recebemos. Porque, antes de embarcar, todos reunidos na Federação, solicitámos esse auxílio e recebemos instruções para melhor podermos aproveitá-lo. Em nosso regresso, 14 dias depois, com muita alegria pelo êxito alcançado, voltámos a nos reunir todos e agradecemos ao Alto o amparo, encerrando então a missão da Caravana.

O nosso amigo Francisco Spinelli, que apesar de desencarnado continua sempre vivo e presente em nossos corações, mimou-nos com duas mensagens espirituais durante nossa viagem. A primeira foi recebida psicogràficamente em Pedro Leopoldo, por intermédio da exemplar mediunidade de Francisco Cândido Xavier; e a segunda em São Paulo, psicofònicamente, por intermédio do médium Prof. Manso Vieira. Tanto uma como outra nos deram muita alegria e encheram de grata emoção os nossos corações e quantos ali se achavam presentes. Também recebemos uma mensagem do espírito de Amaral Ornellas, em Pedro Leopoldo, por intermédio do amigo Xavier, de exortação à nossa Caravana, além de muitas outras, inclusive na Cabana de António de Aquino, no Rio de Janeiro, que muito nos alegraram.

Encerrando esta modesta quanto despretenciosa crónica, para a revista *Estudos Psíquicos*, desejamos mais uma vez levar a todos os nossos amigos e confrades do Rio de Janeiro, Nova Iguaçú, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo e São Paulo, o nosso mais profundo reconhecimento de estima e gratidão, por tudo que nos fizeram, material e espiritualmente, por cujos motivos regressámos com as nossas mentes e corações repletos da mais grata recordação e alegria.

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

17

A FORÇA DO DESTINO

Amigo radiouvinte:

Camilo Castelo Branco dizia que era forçoso recorrer ao inconcebível, ao sobrenatural, ao misticismo da providência oculta para compreender o que vulgarmente apelidamos de «fatalidade». O torturado de São Miguel de Seide, que estourou o crânio numa hora de desespero e do Além nos deu mensagens arripiantes, tinha concepções mesquinhas sobre a vida futura, perdido em dédalo espiritual, que era a sua dupla cegueira. Aos amigos chamou «impávidos marotos», e ao resto... «escapulia-se em curvas vertebrais».

Há, de facto, ligação entre os factos e o homem, que os prevê a longa distância. O Dr. Georges Tiret, correspondente de *Estudos Psíquicos* em Marselha, narra em *Spihitualisme Moderne* uma estranha profecia, nada mais, nada menos que a conquista do México pelo espanhol Fernando Cortês, que a 10 de Fevereiro de 1519 saiu da Havana em direcção ao Ocidente...

No México Central reinava Montezuma havia 17 anos. Ao mesmo tempo filósofo e astrólogo, era também o chefe do exército e o chefe da igreja, porque a principal finalidade do Estado era manter a religião. E que religião! As potências ocultas podiam assolar a terra com vulcões, inundações e secas temíveis, e os sacrifícios humanos eram necessários para acalmar a ira dos deuses. Não admira que as guerras entre vizinhos preferissem prisioneiros, a terras de cultivo. Era preciso arrancar corações sangrentos ao peito dos escravos e cativos e por isso se enjaulavam uns e outros no interior dos templos, onde os sacerdotes procediam à terrível operação. E os momentos propícios eram determinados pela astrologia.

Montezuma tinha à disposição uma falange de magos e tentava conjurar as ameaças ocultas, entre elas o *Espelho Fumegante* ou deus da guerra, que exigia as vítimas, e a *Serpente Emplumada* que, vinda do céu, segundo a lenda, adquiriu a forma humana e se lançou contra o Espelho para que não houvesse mais sacrifícios. Mas o Espelho expulsou-a e ela embarcou numa jangada em direcção ao Oriente, jurando que «voltaria num ano de caniços, a fim de restabelecer a sua autoridade». E acrescentou que seria um período calamitoso.

Os anos dos Caniços sucediam-se com intervalos irregulares. Um deles era o 1519 e talvez levasse à realização da Profecia, que anunciava o perigo do Leste. Mas a legenda fixava até o seu aspecto físico: pele branca e barba negra, tão negra como o vestuário.

Como deveriam receber a visita? Como resistir-lhe e amortecer-lhe a cólera? O caso era difícil e trazia apavorado o rei do México Central.

Aproximava-se o ano de 1519 e terríveis presságios ensombravam Montezuma que, num dos seus transes — ele devia ser médium — teve a visão de formas humanas que pareciam guerreiros montados em veados, porque, nesse tempo, o cavalo era desconhecido no México.

Interpretou, então, o facto como sinal de um desembarque iminente de Quetzalcoatl e mandou vigiar o golfo do Iucatã. Estamos em 1518, ano em que os vigias de Montezuma avistaram a expedição de Juan de Grijalva, cuja existência confirmava o receio dos Mexicanos. Se lhes parece! Eram homens de *pele branca* e usavam *barbas*... Mas não houve novidade. Os navios pareciam torres que avançavam à superfície das águas e por isso os receberam bem.

O pior foi terem-lhes anunciado que outros espanhóis viriam no ano seguinte em maior número. Era o ano dos Caniços e por isso Montezuma redobrou de vigilância e multiplicou os sacrifícios humanos, nos quais ele tomou parte, bem como numerosos médiuns, que talvez recebessem revelações estimulantes.

Georges Tiret diz, lògicamente, que a chegada de um deus vingativo a um povo que acreditava piamente na magia e nas ciências ocultas representava uma catástrofe nacional.

E começa aqui o cumprimento da profecia. A volta do deus coincidiria com a sua festa, que devia celebrar-se em 22 de Abril de 1519. Ora, sabe-se que Fernando Cortês fundeou em 21 de Abril e desembarcou no dia seguinte, sexta-feira-santa, com vestuário negro. Era, exactamente, a personagem da profecia: *pele branca* e *barba negra*. E não tocou nos alimentos que lhe ofereciam os enviados de Montezuma, por terem sido borrifados com sangue humano, o sangue das vítimas imoladas, segundo a usança na região e no tempo. E para lhes dar uma lição de civilidade não quis sacrificar o cativo que lhe ofereciam.

A repugnância pelos sacrifícios humanos mais arraigou a convicção de Montezuma. Era Quetzalcoatl, não havia dúvida. Para confirmar bastava-lhe a visão. Os homens de armas de Fernando Cortês montavam animais desconhecidos, muito maiores do que os veados.

O que se passou depois comprovou inteiramente a predição. O espanhol destruiu as estátuas de todos os deuses, não esquecendo as de Quetzalcoatl, e pregou uma religião que os nativos não compreenderiam.

Georges Tiret acrescenta:

«Como reza a profecia, este desembarque abria ao México a era da conquista espanhola e os rios de sangue que iriam correr não extinguiriam os incêndios das cidades conquistadas. Cortês foi ao mesmo tempo o precursor de uma religião de luz e de uma civilização moderna e o monstro que espalharia a morte e a destruição».

Quanto a Montezuma, não se pode dizer que fosse incoerente. Que lhe valia remar contra a maré, se todo o esforço era inútil? A predição estava cumprida. Ninguém escapa ao seu destino!

Se Montezuma quisesse, fàcilmente esmagaria o invasor e os seus homens de armas, lançando contra eles os milhares de guerreiros que tinha às suas ordens. Porque o não fez? Porque se deixou aprisionar sem resistência? Porque se deixou matar resignadamente?

Porque o futuro não lhe era des-

conhecido. A mediunidade cientificara-o de acontecimentos fatais e inexoráveis e tudo o que fizesse contra eles seria semear o luto e a dor em pura perda.

A força do Destino impôs-se por si própria a Montezuma, como se tem imposto a muitos que lançam calços na roda do progresso. Todos os espíritos terrenos são responsáveis pela evolução humana. Submeter o interesse colectivo ao interesse individual, o interesse do mundo ao interesse de um povo ou de uma nação é atrasar o movimento a que pertencemos. O Destino tem força incoercível e nem sempre se pode modificar numa linha ou noutra. Como escreveu Francisco Palha,

Ninguém se meta
A ler a causa, a condenar o efeito
De quanto a mão divina
Por linhas tortas já traçou direito.

A visão de Montezuma é, pois, uma lição universal. Boa noite, amigos. Que Deus guarde o vosso lar e preserve a terra brasileira!

18

O CAMINHO

Amigo radiouvinte:

Constâncio Vígil imaginou um dia o seguinte diálogo entre dois homens no meio do campo:

— Aonde vai este caminho?

— Não sei...

— Para onde se dirige você?

— Não sei...

E acrescenta:

«Este é o homem sem vida espiritual. Fala, porque todos falam; caminha, porque todos caminham; trabalha, porque necessita; mas não sabe que vem de Deus, que vai para Deus. E vive e morre sem interesse pelo que há de melhor no mundo».

Quer-me parecer que este quadro encerra grande filosofia. É que a maioria dos homens ignoram o caminho e nele andam às cegas sem alvo determinado. São objecto de acção e reacção à espera de resultados que o prendem ao corpo, em vez de se desprenderem e agirem no sentido de humanidade.

A sua marcha indefinida revela desconhecimento da Lei e, portanto, incapacidade de realizar o fim superior da Vida. As acções são impregnadas de pensamento. Através delas se distinguem os seres.

Numerosos indivíduos se encostam às religiões vigentes, julgando-se deste modo mais próximos do céu, ou, pelo menos, em terreno mais sólido, onde o equilíbrio parece mais fácil. «Ao lado de cinquenta — cogitam eles — custa menos acertar o passo». O movimento chega a ser instintivo. Os outros lhe transmitem a confiança. Ajudam-se mùtuamente e assim caminham, ainda que não saibam muito bem onde vão ter...

Mas ao lado destes há os que não confiam. Não adoram deuses, não lhes dirigem súplicas e preferem compensar a inferioridade com o estudo do caminho. Semelham o navegador que levanta rumo antes de largar o pano. Aferem as acções por um padrão insuperável, medem o seu campo, analisam o bom e o mau, o pró e o contra, e assumem o papel de juiz. Podem errar, — os melhores juizes erram — mas avaliam tudo segundo o conceito moral. Crer nisto ou naquilo, num deus uno ou em muitos deuses, de pouco valerá se o juiz for obtuso. O caminho pertence ao mais feliz no sentido harmónico, àquele que não cuide de resultados, que procure a causa da miséria e da infelicidade e tente libertar-se de acções e reacções, trocando o erro pela vida perfeita.

Raciocinemos um pouco e vejamos, prezado ouvinte, se chegamos a alguma conclusão. Quem se esforça na mira de resultados, não faz o bem pelo bem, não se desprende da limitação. Está ligado ao efeito imediato. Isto é diferente de trabalhar sem mira em ganho próprio. O caminho deste será material, barrancoso, circunscrito. O caminho do outro ligará o espírito ao segredo da obra, dilatará o campo, levando-o a transcender-se em benefício do próximo. Será o esquecimento da personalidade, que tantos desgostos causa e conduz a inúmeros desvarios. O *eu* fará aquisições novas, sublimará o trabalho, pensando que um dia virá a colher os frutos da árvore que plantou.

Na relatividade do mundo moral e mental o círculo evolutivo é a base da felicidade. Da observação ou violação de suas leis depende a saúde, a alegria e a calma.

Os primeiros não sabem e fingem que sabem. E suas vibrações densificam o poder psíquico, cerceando-lhe dinamismo e volição. Os segundos não carecem de fingir, porque não têm objectivo precário. Emitem pensamentos elevados, impregnam de amor quem esteja em sintonia. Passam pelo bom, como os outros passam pelo mau. Não prejudicam, não caluniam. O seu optimismo é fonte de graça pura.

Geralmente, o credo religioso orienta e acalma. É um caminho que inspira confiança aos que se encontram no seu nível. E os outros? E aqueles que vivem em nível mais alto? E aqueles que compreendem à margem de religiões? Deus está neles em manifestação e prescindem de orientadores espirituais. Espalham a justiça e o bem por imperativo consciente. Vêem-se nos demais e procedem em consequência.

Quer dizer: a religião é boa em princípio, mas não é privilégio, não é salvo-conduto. Quantos religiosos não há que se perdem no caminho por inobservância da lei moral? E apesar disso seguem as praxes litúrgicas, os rituais do culto impostos aos adeptos. De onde se conclui que é melhor *ser* do que *parecer*.

As fórmulas pouco valem. São brochuras do pensamento. São a fachada, o cartaz, o mostrador da ideia, que às vezes nem chega a revelar-se. Os que não precisam de fórmulas estão mais perto da verdade. O que sofrem está no seu passivo, como dívida a saldar. Vem de perto? Vem de longe? Que importa?... É deles, não o podem endossar. Por isso avançam tranquilamente. Sabem que nem tudo o que lhes sucede foi atraído por eles. As forças da natureza exercem acção contínua em certas obras. Daqui, a despreocupação pelo futuro, pelo êxito ou inêxito de um acto.

Há pessoas que medem passos, acções e palavras, em cálculos de circunstância, mas andam no caminho, como lançadeiras subjugadas a forças incognoscíveis. Como poderão elas saber aonde se dirigem? Para o saber necessitam de aprender a dominar-se. Só nessa altura atingirão a liberdade da alma e poderão ver o caminho do amor.

O *Karma* deixará de se fazer sentir nas jornadas futuras.

Os que observam o caminho e dominam o veículo, não querem escravidão. Alargam as asas e abarcam o mundo em volutas fraternas. Têm vida espiritual, não acertam o passo pelos outros e tudo lhes interessa no sentido da expansão. Não interrogam; respondem afirmativamente aos anseios que germinam nas almas.

Não adoram o que desconhecem, mas respeitam o mais alto e o mais além. Espectadores serenos das variações mentais e espirituais, apreciam o avanço pelo regresso. Estão bem em qualquer parte.

Esta perlenga difere um pouco das que tenho feito, mas talvez ofereça coisas interessantes. Que os doutos falem. Se o fizerem, a luz aumentará. É possível até, que dois homens se encontrem num caminho e não saibam só para onde ele vai, mas também onde começa e onde acaba...

Boa noite, amigo. Deus te proteja e aos teus. E preserve igualmente a bela terra brasileira.

Anotações de ARGUS

6 — **JOÃO VERMELHO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS,** por *R. A. Ranieri.* 188 páginas. Edição da LAKE. São Paulo.

Esta página não é de crítica no sentido vulgar do termo. No dizer de La Bruyère, um crítico forma-se com o tempo à custa de observação e de estudo, enquanto o criticastro se forma de um dia para outro. O que se disser das obras levará o cunho do signatário, que não é infalível, embora se esforce por elucidar no interesse do leitor e do autor, segundo o conceito mencionado.

A liberdade infantil é gleba difícil de arrotear. Muito se tem feito nos últimos tempos para dar à criança conhecimentos úteis à formação da mentalidade e do carácter, mas poucos têm conseguido interessá-la verdadeiramente. Desde o conto maravilhoso, de feição negativa, ao apólogo, de conceito moral, quantos caminhos andados, quantos obstáculos vencidos, pela pena e pelo lápis! Mas os triunfadores poucos são em boa verdade. Os infantes de hoje continuam à deriva num oceano revolto, sem que mísero cargueiro lhes acuda.

R. A. Ranieri tentou a escalada da montanha com ferramentas de alpinista. Não sabemos onde as temperou, nem a bigorna que lhe sofreu o malho. Sem dúvida que deu provas de artífice e conseguiu obra notável, das mais belas que temos lido. Livro grande não é — 188 páginas —, mas é um grande livro. O corriqueiro não existe em seu conteúdo.

É uma história de Natal. João Vermelho faz prece de gente crescida, dorme na paz do Senhor e daí a pouco vê o *Papai Noel* vestido de vermelho a sorrir-lhe bondosamente. E não tardou muito que fossem buscar a irmãzinha do felizardo e os três empreendessem deliciosa viagem cheia de ensinamentos.

A descrição, quase sempre colorida, onde as peripécias andam ao lado da curiosidade, constitui um belo curso de Espiritismo para crianças, na linguagem que elas entendem, na linguagem que as recreia. É um passeio espiritual que gostaríamos de fazer com o João Vermelho. O «Jardim das Aves», os «Animais e Transportes», «o Tribunal», a «Visita a Kardec», etc., são quadros interessantíssimos que podiam ser transportados ao cinema, à semelhança do «Pássaro Azul», de Maeterlinck, que vimos há muitos anos, com Shirley Temple na protagonista.

Muitos adultos se terão deleitado com o livro de Ranieri. Aquela visita a Kardec, na companhia de outro *Argus,* em que os dois garotos atravessaram as paredes da casa e saíram a correr pelas campinas espirituais, só poderia lembrar a um talento privilegiado.

Geralmente, as aulas espiritas infantis participam de ideias tradicionais em que há muito de catolicismo e reformismo. Até os termos usados fazem lembrar os compêndios de instrução religiosa.

Ranieri avança com o seu livro pela civilização que desponta, em tudo diferente da que se deixou ultrapassar pelo tempo. E por isso reuniu pensamentos e forjou linguagem nova, sem «maravilhoso» nem dogmatismo, com o fim exclusivo de fazer compreender a vida espiritual às crianças de hoje.

Missão grandiosa a deste homem superior pelo engenho e formação literária, habituado à verdade, em virtude do seu ofício! E como ele maneja o vernáculo, como dutibiliza o idioma pátrio, no qual exprime, elegantemente, as ideias! O valor desta obra reside em grande parte na sua originalidade e no desassombro do seu autor, que é também advogado, médium e pioneiro da Doutrina.

7 — **ERROS DE EDUCAÇÃO,** por *César Anjo.* 194 páginas. Edições «Saber», Porto.

Há muito que este livro se encontrava na redacção de *Estudos Psíquicos.* Circunstâncias alheias à nossa vontade impediram merecida referência às suas páginas equilibradas, onde perpassa o espírito de um educador que ao ensino dedicou a maior parte da sua vida pública.

Trata-se de uma obra honesta em todos os sentidos, vazada em estilo agradável, polvilhada de exemplos elucidativos, na qual se apontam muitos erros de educação, anacronismos que é preciso combater através de medidas serenas, emanadas do poder legislativo e do poder materno, que se exerce, por vezes, em sentido precário.

«As dificuldades de boa educação são para as crianças o melhor preparo para as dificuldades da vida». Esta asserção da senhora Moré é tão verdadeira como a pergunta de Carmen Sílvia: «Não vos parece que certos pais querem castigar nos filhos à má educação que lhes deram?». Baseado nestes pensamentos é que o autor escreveu um livro forte, que Marden talvez gostasse de subscrever, tão clara é a sua linguagem, tão subtil é a observação usada nos casos mais diferentes.

O livro impressiona pela sinceridade. Estamos habituados ao convencionalismo e à mentira do século e por isso estranhamos, quando alguém aponta as mazelas e fornece o remédio adequado. Mas é preciso bater a cabeça do prego, dar caça ao egoísmo que os próprios genitores alimentam na alma da criança e ensinar os filhos a ser verdadeiros, porque a mentira prolifera em toda a parte.

César Anjo dedicou um belo capítulo ao vício de mentir. Na verdade, o mentiroso necessita de muitos atributos para se manter. A primeira mentira obrigá-lo-á a outras sucessivas; de outro modo terá capitulado. Não esqueçamos que «mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo».

Os meninos-prodígios, as matrículas prematuras, o abuso de explicações e o remédio heróico para combater a cabulice fizeram-nos lembrar a lição de João Venâncio, digna de ensaio para muitos educadores a quem sobra dinheiro e falta senso prático. Às vezes, a enxada vale mais do que o livro.

Um capítulo interessante é, sem dúvida o que dedicou à Educação Sexual. Estamos de acordo com os

MARCO POSTAL

René Risental—Paranaguá — *O tempo não esbate as impressões fortes que recebi no Lar Ercília de Vasconcelos, onde volto dia-a-dia em pensamento. O vosso convívio foi bálsamo que ficou e perdura sempre. Quando puder escreverei aos amigos, a devolver as lágrimas que me fizeram chorar. Que Deus abençoe os simples e bons de coração, abrindo caminhos novos a seus passos e oferecendo novas tarefas aos homens de boa vontade.*

General José de Oliveira Leite — João Pessoa — *Todo o seu lar está em mim, como perfume envolvente. O portuguesismo de suas falas é semelhante ao brasileirismo de minhas atitudes. Vou escrever uma longa carta, já que não posso retribuir em totalidade o seu régio acolhimento. Se puder voltar, levarei coisas típicas da nossa terra para que o vosso amor se arreigue ainda mais à pátria-mãe que se orgulha de filho tão nobre. Saudações à esposa.*

«Benjamim de Carvalho — Rio de Janeiro — *Não esqueci nem esqueço a vossa agremiação nem os valentes que a mantêm. Lá recebi um baptismo de amizade que me fortalece. Tenho nos ouvidos o cântico suave de vossas preces e essa amizade franca em forma de nascente. Continuai a dar exemplos de humildade, que o Espiritismo não quer a glória vã de um minuto, mas o trabalho perseverante.*

Dr. Armínio de Carvalho — Juiz de Fora — *Na minha crónica, estive de novo em terra mineira! O passado a reviver, como se fosse presente! As vossas palavras, as vossas realizações aumentaram de valor com o tempo. Devo notícias directas, que seguirão em breve. Nesse número começo a estar convosco outra vez, a sentir as mesmas vibrações.*

A. Vítor Magaldi — Volta Redonda — *As impressões que se trocam com os amigos são perfumes raros que nos envolvem. A carta de Juiz de Fora trouxe vibrações quentes que animaram e incitaram o hóspede transitório da Cidade do Aço. A minha resposta chegará primeiro do que estas notas. Cumprimentos a D. Maria. Abraços de saudade. Para os grandes corações o mundo é bem pequeno...*

Dr. Walter Accorsi — Piracicaba — *O tempo não desfaz lembranças agradáveis, antes as refina. Palavras que foram gotas de amizade, não passam, não... Entram em nós e perduram para sempre. Que pena eu ter passado, qual meteoro, nessa linda terra paulista! Mas eu conto voltar. Um dia hei-de voltar para matar saudades dos amigos e devolver a comoção que trouxe dessa terra de maravilhas.*

Jorge Borges de Sousa — João Pessoa — *Os dois livros que pediu seguiram o seu destino. Talvez já estejam em suas mãos. Nunca recebi correspondência do bom amigo acerca da revista. Ignoro como tem passado. O Henrique Magalhães falou-me do encontro com você no Rio. Estou de acordo, quanto à questão das assinaturas. Que o Nordeste recobre o alento para bem de todos. Corações ao alto, que ainda há mais mundo!*

Homero Escobar — Bauru — *Ainda tenho na retina o acolhimento cordial, verdadeiramente prazenteiro, que tive nessa terra magnífica, onde gostaria de viver. Daqui lhe envio amigáveis saudações, extensivas àqueles que me auxiliaram. Não posso esquecer o Brasil, livro de ouro que folheio a cada instante no escrínio do coração. O Centro já está concluído?... Grande realização e grande auditório! Que Deus vele por todos vós.*

Dr. Jaime Monteiro de Barros — Ribeirão Preto — *Porque não escrevi ao grande amigo, não sei. Talvez porque o seu nome anda a bailar no meu espírito, tomando parte na mesma ronda doutrinária. Você está sempre junto de nós.*

Dr. Mário R. de Araújo — Ribeirão Preto — *O seu coração e o seu ginásio... duas coisas estranhas que andam comigo, à semelhança do Monteiro de Barros. Terra e céu no mesmo anseio de evolução. O próximo e o remoto no mesmo amplexo fraternal. As emoções propagam-se fàcilmente e poucos fogem ao seu contágio. A sua amizade é preciosa.*

A. Couto Dias — Rio Grande — *Saudações fraternais com votos de saúde. Os discos oferecidos guardam a sua voz e a sua amizade. Todos os dias recordo a jornada de Rio Grande e a figura de Vítor Sacavém que a Parca levou em demanda de vida melhor. Peço-lhe que envie o numerário das assinaturas a António J. Monteiro, Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à rua Onório de Lemos, Ponte dos Marinheiros, Rio de Janeiro. Um abraço.*

---

seus conceitos. Infelizmente, a sociedade portuguesa agarra-se ao passado e não permite que a mulher se emancipe de convenções absurdas. Neste ponto, a educação da infância é profundamente negativa. O mistério da vida só demasiado tarde é conhecido nas suas linhas gerais e através de fontes clandestinas, como se fosse crime desvendá-lo no seio da família.

Em todo o livro há ensinamentos. Não vimos páginas fortes nem fracas. Vimos sentido nobre de educação que os pais deviam aprender, para que seus filhos não enfermassem de complexos vergonhosos e encarassem de frente a vida que os espera, cheia de alçapões, onde os inadvertidos caem, quando lhes falta experiência. Por isso o amor ao trabalho é a melhor herança que podemos legar, como diz César Anjo. Não é o dote material mais ou menos sujeito às contingências.

É preciso que o ser humano se fortaleça na escola da vida e que ande com os seus pés, a fim de avaliar em toda a extensão a responsabilidade dos seus actos. De livros assim é que precisamos.

Síntese

O mal e o bem existem na face deste mundo; e, surgindo alternados e simultâneos, constituem os dois mais poderosos estimulantes da evolução humana: — «há males que vêm por bem».

Antes do mais, o mal e o bem são dois termos que qualificam os diversos e diferentes estados dos elementos e ventos da Natureza, das coisas e dos seres: — «a quem gosta o feio parece bem».

No seu significado filosófico, o mal e o bem definem, respectivamente, o carácter destrutivo e construtivo da acção dos elementos da Natureza, das coisas, dos seres e da recíproca influência entre uns e outros: — «de boas intenções está o inferno cheio».

No seu sentido moral, o mal e o bem consubstanciam a maldade e a bondade na medida exacta da ignorância e da sabedoria dos humanos: — «se eu soubera, por ali não me perdera».

«Errar é próprio do homem»; mas reparando os seus erros, em existências sucessivas, ele constrói a sua evolução e... espiritualiza-se.

Porto, 16-4-955.

MANUEL CAVACO

Dez Maneiras de Amar

1 — Disciplinar os próprios impulsos.

2 — Trabalhar, cada dia, produzindo o melhor que pudermos.

3 — Atender os bons conselhos que traçamos para os outros.

4 — Aceitar sem revolta a crítica e a reprovação.

5 — Esquecer as faltas alheias sem desculpar as nossas.

6 — Evitar as conversações inúteis.

7 — Receber no sofrimento o processo de nossa educação.

8 — Calar diante da ofensa, retribuindo o mal com o bem.

9 — Ajudar a todos, sem exigir qualquer pagamento de gratidão.

10 — Repetir as lições edificantes, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, perseverando no aperfeiçoamento de nós mesmos sem desanimar e colocando-nos a serviço do Divino Mestre, hoje e sempre.

ANDRÉ LUIZ

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo).

O Centenário na Argentina

A Confederação Espirita Argentina organizou um longo programa em comemoração do Centenário do «Livro dos Espíritos».

No dia 31 de Março, conferência por Santiago A. Bossero, intitulada: «O clima político e social do Século 19, quando apareceu O Livro dos Espíritos»; em 5 de Abril, conferência do Dr. Roberto Dengra, intitulada «As correntes filosóficas imperantes: Romantismo, Idealismo e Positivismo»; em 7 de Abril, conferência de Naúm Kreiman, intitulada «O triunfo da ciência, sua repercussão no campo ideológico, auge das ideias mecanicistas e materialistas»; em 12 de Abril, conferência de Mânio Rinaldini, intitulada «Síntese panorâmica da cultura do século 19 ao publicar-se O Livro dos Espíritos»; em 14 de Abril, conferência de César Bogo, intitulada «A Filosofia e a Metafísica expostas por Allan Kardec no Livro dos Espíritos»; *em 16 de Abril, conferência de Natálio Ceccarini, intitulada «A integração do conceito ciência-religião no* Livro dos Espíritos»; *em 18 de Abril, conferência de Humberto Marioti, intitulada «A influência de* O Livro dos Espíritos *no pensamento moderno».*

A abertura e encerramento destes actos está a cargo do Presidente da Comissão, Hugo L. Nale.

Haverá também uma grande exposição bibliográfica relativa ao Livro dos Espíritos *e um certame literário, com entrega de prémios em acto solene.*

A C. A. A. abrirá, igualmente, o Grande Concurso literário «Allan Kardec» baseado nos seguintes temas: «Encarnação dos Espíritos e seu objecto», a «Pluralidade de Existências» e «As Leis Morais».

O 1.º prémio constará de medalhas, diploma de honra e um exemplar da última edição do Livro dos Espíritos, *extensivos ao 1.º tema. Para o 2.º e 3.º haverá diplomas de honra e livro com dedicatória.*

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

ESPÍRITO QUE DIAGNOSTICA ATRAVÉS DE MÉDIUM ILETRADA

O *Psychic World*, de Atenas, publica um artigo em que o professor de matemática D. Papavassilopoulos narra como recebeu uma prova impressionante, quando principiou as suas investigações psíquicas. O médium era a serviçal que trabalhava em sua casa, mulher analfabeta que em estado de transe escrevia perfeitamente grego e vários idiomas estrangeiros.

Uma vez a rapariga desenhou a cabeça de um homem e escreveu por baixo as seguintes palavras em italiano:

«Eu era professor na Escola Médica de Padova, Itália, e é com prazer que lhe dou uma receita. Você sofre de paralisia incompleta do estômago e curar-se-á fàcilmente, se seguir as minhas prescrições».

E indicou-lhe uma dieta e certos medicamentos.

O professor Papavassilopoulos dirigiu-se ao seu médico assistente e disse-lhe que um médico amigo lhe tinha dado aquela receita. Depois de a examinar este confirmou a correcção do documento e aprovou a dieta, embora fosse antiquada, e disse que lhe faria bem.

É interessante saber que o investigador ateniense escreveu ao cônsul grego em Roma, que, depois de indagar cuidadosamente, informou que, na verdade, o comunicante fora professor de Medicina na Universidade de Padova.

OS MILAGRES DO PADRE DEHON

Do jornal brasileiro *A Cruz*, que mão amiga fez chegar a esta redacção, extraímos um caso edificante que passamos a resumir.

Em 31 de Maio de 1954 baixou à Santa Casa da cidade de Lavras o sr. Geraldo Machado da Silva com sintomas de úlcera perfurada. Sujeito a intervenção cirúrgica de urgência, verificou-se rotura de úlcera duodenal em estado muito perigoso, pois já se havia generalizado a peritonite. A intervenção deu-se 21 horas depois da rotura e não foi possível suturar a brecha da úlcera. Simplesmente a tamponaram. Os próprios médicos disseram ter sido uma operação aleatória e incompleta, visto que o enfermo teria poucas horas de vida.

Foi quando chamaram o padre Leão João Dehon, que sobre o paciente colocou uma relíquia. Este, ao sair do estado anestésico, declarou sentir-se bem. Os médicos notaram a normalidade do pulso e verificaram a cura. No dia seguinte alimentou-se e uma semana depois voltou às suas actividades profissionais.

O articulista diz que mantém em seu poder os depoimentos de quatro médicos assistentes, bem como o dos enfermeiros e do próprio doente. Termina informando que está em andamento o processo informativo para comprovar o milagre.

Está tudo muito bem. Simplesmente não vemos razão para apelidar de milagre a cura do padre Dehon. Casos semelhantes se dão no sector espírita através de passes magnéticos e de processos de cura espiritual, entre eles a irradiação do pensamento a hora determinada. Tudo se processa sob influxo de forças naturais desconhecidas, mas cujo efeito assombra os próprios médicos que delas beneficiam.

O padre Dehon é médium curador. Se a Igreja católica imitasse o trabalho dos pastores metodistas que organizam *santuários de cura*, a exemplo do que faz o Espiritismo nos países anglo-saxónios, contribuiria para normalizar variadíssimos enfermos que a Medicina abandona por carecer de meios adequados.

É preciso fazer o mais possível em benefício dos chamados incuráveis ou daqueles que não podem pagar consultas astronómicas. Por isso as classes privilegiadas devem recolher ao museu da história. Só tem razão de existir o que promova a felicidade humana do ponto de vista somático e espiritual. A exploração do homem pelo homem é um crime de lesa bondade.

O padre Dehon é digno de admiração pelo seu esforço em prol dos que sofrem. Que nos importa que seja padre católico? A verdade não escolhe pessoas para se afirmar pujantemente.

UM MÉDIUM-OPERADOR

Já temos falado no médium-operador J. J. Thomas, muito célebre na Inglaterra e países saxónios, onde tem realizado sessões notabilíssimas.

La Idea, em seu número de Janeiro, faz-lhe justas referências, a propósito do seu regresso da Alemanha, país natal do seu guia-espiritual Dr. Roberts.

Na presença de um doente, diz o articulista, o médium cai em transe e realiza a operação. Os seus gestos reproduzem fielmente os de um verdadeiro cirurgião e maneja destramente os instrumentos invisíveis.

Das operações que praticou na Alemanha e que vêm relatadas no n.º 1253 de *Psychic News*, a *Revue Spirite* narra duas interessantes.

A primeira foi em 1912. Um homem foi operado de apendicite e começou a sentir dores na bexiga. Mais tarde notou que evacuava a urina pelo intestino em meio de grande sofrimento. Calculou-se que na primeira operação se tivesse feito uma incisão mais funda que estabelecesse comunicação entre a bexiga e o intestino, mas nenhum médico pôde determinar o ponto exacto da comunicação e nenhum cirurgião quis fazer segunda operação, a fim de normalizar o enfermo.

Foi quando o espírito do Dr. Roberts interveio, por intermédio de J. J. Thomas. A operação durou 20 minutos e o doente ficou curado. A única sensação anormal traduziu-se por calor violento na bexiga, que parecia querer rebentar.

O outro caso, também notável, é o de um homem operado de cálculo renal. Um mês depois foi radiogra-

fado e notou-se a existência de outro e nenhum cirurgião se atreveu a operá-lo, visto a primeira operação ainda não estar consolidade.

O Dr. Roberts é que a realizou. Dez horas depois o doente evacuava sangue, expulsando o cálculo pelas vias urinárias. Estava partido em cinquenta pedacinhos. Fizeram-se novas radiografias confirmativas da completa desaparição do cálculo.

Tudo isto parece incrível, mas é real.

UMA ASSOCIAÇÃO DE CURADORES

Há na Inglaterra uma associação de médiuns-curadores que tem desenvolvido actividade notável. É a *Essex Healer's Association*, que acaba de entrar no décimo ano de actividade em benefício dos doentes. Começou em 1948 com um pequeno número de associados — uns onze, se tanto — e agora tem perto de 400, incluindo alguns da Austrália, da Nova Zelândia, do Paquistão, da África do Sul e da Islândia. Além disso, tem promovido a fundação de grupos nos Domínios Britânicos. Há pouco criou-se também a Federação Nacional de Curadores Espirituais, com o auxílio de Harry Edwards, e na qual se inscreveram 600 curadores.

Cinquenta e três casais têm trabalhado na Associação e o resultado é extremamente animador. A Liga da Oração mantém um serviço de irradiação mental, semelhante ao do Centro Espiritualista Luz e Amor, com muitíssimos doentes inscritos.

O seu presidente, John Britnell, congratulou-se com o êxito do empreendimento e atribuiu os resultados à legenda dos curadores: «O doente, em primeiro lugar».

Na Inglaterra há coisas edificantes que chegam a perturbar a mentalidade de indivíduos desprovidos de senso prático. Se os médicos abandonam tantas vezes os enfermos, como incuráveis pelos meios ortodoxos, porque não organizar serviços de auxílio a esses desgraçados, para os fazer regressar à vida quotidiana? Fazem-se muitas tentativas nesse campo vedado aos que não exibem «diploma legal», mas as dificuldades e o receio de sanções militam a favor, não só de maior número de «desenganados», mas também de revolta contra o privilégio de umas classes em detrimento da liberdade individual.

Por causa disto é que na Assembleia Nacional Francesa foi apresentado um projecto de lei pedindo a extinção pura e simples da Ordem dos Médicos, visto a mesma demonstrar fins oligárquicos no exercício de suas funções. Mais de 40 deputados subscreveram o documento, que aguarda discussão do Poder Legislativo.

A CASA DOS ESPIRITAS, DE PARIS

A *Revue Spirite* de Janeiro Fevereiro insere desenvolvido relato acerca da Casa dos Espiritas, de Paris, fundada pelo benemérito Jean Meyer e impedida de funcionar durante a ocupação alemã. Agora está em pleno funcionamento. O sr. Jean Nimère, secretário geral da referida instituição, apresentou um relatório, segundo o qual ela se propõe fazer novas investigações científicas, a fim de levar à conversão muitos cépticos que se encontram longe do verdadeiro caminho.

Os fenómenos mentais e paranormais e todas as formas de mediunidade serão igualmente estudados cuidadosamente, bem como as diferentes doutrinas filosóficas e religiosas que possam fornecer elementos sobre os problemas em estudo.

Na realidade, a Casa dos Espiritas mantém larga documentação actualizada relativamente às descobertas realizadas no mundo.

Por outro lado, persegue um fim social e humano, visto guiar os que hesitam, aconselhar os que procuram, consolar os que sofrem, ajudar os que necessitam, etc., etc., mostrando a cada um o caminho mais favorável à sua evolução, indicando livros que se devem ler e sessões mediúnicas às quais se deve assistir, independentemente de classes, concepções filosóficas e religiões.

As conferências continuarão, como até aqui, a orientar os auditórios, com demonstrações de vidência de carácter pessoal, que tanto êxito têm obtido.

CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

Segundo relato de *Survie*, órgão da *União Espirita Francesa*, de 8 a 15 de Setembro próximo futuro realizar-se-á em Paris o Congresso Espirita Internacional, com a participação de trinta nações, entre as quais, Israel, China, Inglaterra, Bélgica, França, Itália, Alemanha, México, etc. Lavra grande entusiasmo em toda a parte por este Congresso, estando já programadas aliciantes excursões fluviais e em carros, visitas ao Palácio de Versailles e à cidade do Rei-Sol e muitos outros certames de interesse.

Um Congresso deste género implica trabalho incalculável. São milhares de cartas em todas as línguas, documentos a remeter, meios de transporte a empregar, roteiros, serviços de hotel, formalidades públicas, um verdadeiro mundo de boa vontade posto à disposição de amigos e confrades de todas as latitudes, não falando do esforço a dispender nos portos de Marselha, Nice, Bordeus, Nantes, Dunquerque, Cherburgo...

Para tanto, se estão fazendo subscrições, a fim de obviar às numerosas despesas, de modo que os hóspedes sejam bem recebidos, como os Franceses sabem receber. Estamos convencidos de que tudo se resolverá pelo melhor, apesar da carestia da vida em Paris. Além das cotizações individuais, que são muitas, os centros e grupos espiritas e até os simpatizantes não deixarão de acorrer com a sua contribuição.

O nosso amigo Georges Gonzalés, secretário-geral da *União Espirita Francesa*, apelou calorosamente para todos os que podem e devem acompanhar o labor de cimentar as bases do importante acontecimento.

Todas as remessas de numerário devem ser feitas para a Sociedade dos Amigos da Casa dos Espiritas, 8, Rua Copernic, Paris (16°).

MEDIUNIDADE SALVADORA

O *Boletim Espirita*, de Florianópolis, capital do Estado Brasileiro de Santa Catarina, contou um fenómeno interessante que merece arquivo adequado. Foi extraído da *Folha de Caxias*. O caso deve ter-se passado em Julho de 1956:

«Durante a tromba de água que desabou sobre esta cidade ocorreu um facto que impressionou os que dele tiveram conhecimento. A sr.ª Manuela Gomes de Oliveira, viúva, que residia com uma filha de 14 anos, à rua Teresa, ouviu perto do meio-dia sua filha chamar, aflita: «Está ali meu pai». De facto, o falecido esposo apareceu num quarto, exclamando: «Saia já com a menina!» Apavorada, a viúva saiu com a filha para a residência de um irmão, noutro bairro. Às 15 horas veio o temporal e ao regressar notou que o morro desabara sobre a casa, reduzindo-a a escombros. O caso da visão continua a despertar enorme interesse».

Todos se lembram da catástrofe que assolou a cidade de Santos e de Serra do Mar, chegando a atingir Petrópolis.

Que dizem a isto os incrédulos, os chamados «espíritos fortes»?...

SENTENÇA HONROSA

Segundo lemos no Serviço Espírita de Informações do Rio de Janeiro, o médium Aristóteles Correia de Farias Castro foi processado sob a acusação de exercício ilegal da medicina, em virtude da aplicação de passes magnéticos.

Não é a primeira vez que a Medicina Oficial instaura processos deste género, não só para defender o seu reduto material, como também para manter o exclusivo de uma terapêutica quase sempre em desarmonia com as leis naturais.

Em Portugal também a Ordem dos Médicos reivindica poderes majestáticos contra clínicos naturistas e até contra alguns associados que fazem dos cânones um direito lógico que o diploma lhes confere.

O médico forma-se em Medicina, isto é, na arte de atenuar as doenças, porque o verdadeiro clínico é a natura medicatrix. Esta é que resolve os problemas orgânicos.

Mas vamos ao caso do médium Aristóteles. Nem o nome lhe valeu contra a acusação. É que não foi preciso, pois a 2.ª Vara Criminal, do Rio de Janeiro, lavrou a sentença que passamos a transcrever, reveladora de um grande princípio que nem todos conseguem obliterar:

«O que se vê dos autos e flui de seu cerne é a prática de passes ministrados aos seus consulentes pelo denunciado, o que não se enquadra, absolutamente, no dispositivo do art.º 282, parágrafo único, do Código Penal. É para se lamentar que em pleno século vinte ainda se procure condenar um ser humano que, possuindo força nêurica-irradiante, use dela, única e exclusivamente, para minorar os sofrimentos humanos, como no caso vertente. Os passes ministrados pelo médium são exercidos pela vontade no sentido do bem e de acordo com as leis naturais e, como os pratica o denunciado, são merecedores de todos os encómios: sentimentos elevados, pensamentos de amor, belas exortações vão penetrar os seres humanos que cercam o médium, sustentando-os e vivificando-os».

Graças a Deus que há juízes integérrimos! Se a Medicina fosse nacionalizada, como sucede em certas regiões; se o médico fosse considerado funcionário público, com direito apenas a vencimentos equitativos; ou se lhe pagassem para evitar as doenças, em vez de as atenuar, como em regra sucede, não haveria tantos processos judiciais semelhantes ao que levou ao tribunal o médium Aristóteles de Castro. Felizmente, a sentença não foi apenas absolutória; foi honrosa, verdadeiramente honrosa para quem se dedica ao bem do próximo, sem exigência de chorudos honorários, que, na classe médica, muitas vezes descambam em exploração refece, embora se verifiquem excepções para justificar a regra.

CHOVER NO MOLHADO

Há certas discussões tão inúteis como chover no molhado. E quando elas se exercem entre certas classes, é melhor o silêncio, que produz efeito mais lógico e salutar.

Há tempos a Ordem dos Médicos Ingleses e a Igreja Anglicana resolveram estudar vários casos de cura espiritual levados a cabo por médiuns-curadores. Agora, no dizer de La Idea, de Buenos Aires, a Ordem dos Médicos apresentou o seu relatório, no qual estudou nove casos apresentados por Harry Edwards, relativos a enfermos abandonados pela Medicina e que ele havia curado. Eis as declarações da Ordem:

«A maioria das «curas» enquadram-se nas seguintes categorias: a) erro de diagnóstico; b) erro da interpretação de sintomas pelo médico assistente; c) alívio temporário; d) diminuição da doença; e) cura espontânea; f) resultados em combinação com o tratamento médico».

Depois, para fugir à discussão, declara: «Certos casos apresentados são demasiado antigos para se poderem comprovar e outros demasiado recentes para garantirem a cura». Finalizando, diz que os curadores nada obtêm que a medicina ortodoxa não possa conseguir.

Quanto à Igreja Anglicana, essa reconhece a realidade das curas, mas afirma que só os seus ministros as podem realizar, visto que a intervenção divina não pode escolher outros veículos. E finaliza também com esta afirmação orgulhosa e rotunda: «Os laicos só obtêm curas por uma espécie de magia».

La Idea comenta: «É, pois, inútil toda a discussão com as organizações oficiais. Todavia e apesar do cepticismo dos seus detractores, os curadores hão-de continuar a cumprir a sua missão, isto é, a devolver a saúde aos que recorram a seus préstimos, quase sempre decepcionados com a ineficácia do tratamento médico em certas doenças».

Na verdade, é inútil discutir com classes privilegiadas, misoneistas por excelência. É melhor deixar ao tempo o trabalho de convencer as massas, não obstante a propaganda contrária dos interesses estabelecidos.

«SÍNTESE»

Temos aqui mais um jornal espírita em nova fase de publicação. Síntese é o seu título e tem como director o Dr. Noraldino de Melo Castro, de Belo Horizonte, redactor-correspondente de Estudos Psíquicos na capital mineira.

Trata-se de quinzenário independente ao serviço da causa, bem redigido como na primeira fase e acolitado por Eugénio Monteiro e Rubens Romanelli.

O Dr. Noraldino é conhecido dos nossos leitores. Pena escorreita, igual à sua palavra fluente, por vezes suave, por vezes dominadora, está num reduto que muito contribuirá para o fortalecimento da obra, se puder manter-se em justo equilíbrio perante os eventos e os entrechoques ideológicos. Temos a convicção de que desempenhará «a tarefa que lhe compete», como arauto, que é, da Doutrina. Os nossos cumprimentos, com desejos de progresso.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como se anunciou oportunamente, duas conferências ilustraram a sala do Centro Espiritualista Luz e Amor no mês de Março último.

A primeira foi realizada pelo Dr. Moreno da Fonseca, sob o título «Saúde e Movimento» e constituiu, como as anteriores, um grande motivo de contentamento para os ouvintes, que tiveram ocasião de assistir a mais uma lição de higiene, nutrição e profilaxia, assuntos de real interesse e que dão margem às mais variadas exposições.

O conferencista, no seu estilo familiar e persuasivo, estudou alguns problemas com demonstrações a que se prestaram dois assistentes e respondeu a perguntas várias acerca de pontos que necessitavam de esclarecimento.

A segunda conferência foi realizada pela nossa colaboradora D. Ivone de Sousa, que escolheu o tema «A Mulher no Mundo Contemporâneo».

Não há dúvida que a mulher tem desempenhado as mais altas missões na sociedade e o caleidoscópio que a oradora nos franqueou era altamente sugestivo. As maiores figuras de antano passaram em nossa memória e vimos o eterno feminino altear-se nas letras, na ciência, na filosofia, nas artes, na música e na política, como estrela de primeira grandeza. D. Ivone de Sousa impôs a mulher no verdadeiro sentido, reivindicando para a companheira do homem o lugar que lhe compete na civilização moderna.

O presidente da Direcção, ao comentar a conferência, teceu um hino «à mais bela parte do género humano», dizendo que há mulheres excepcionais inteiramente merecedoras da veneração dos homens e que este se honraria e dignificaria, dignificando e honrando a mulher.

PROGRAMA DO CENTENÁRIO

No mês de Abril corrente haverá em Lisboa sessões solenes comemorativas do 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, as quais se realizarão nas seguintes agremiações:

Dia 4, 5.ª feira, às 21 horas — Fraternidade Esotérica, Avenida Marquês de Tomar, 68, 2.º-D.

Dia 9, 3.ª feira, às 21 horas — Instituto Espiritualista Português, Largo do Intendente, 52, 2.º-D.

Dia 11, 5.ª feira, às 21 horas — Ordem Esotérica Iniciática, Rua de Sousa Martins, 15, cave-D.

Dia 14, domingo, às 15.30 — Centro Espiritualista Luz e Amor, Rua do Salitre, 149, 1.º-D.

Dia 18, 5.ª feira, às 21 horas — Centro Jesus Cristo, Rua Alves Torgo, 15-A, r/c.

Dia 22, 2.ª feira, às 21 horas — Grupo Espirita Amor e Caridade, Rua de S. Bento, 23.

Dia 27, sábado, às 21 horas — Casa da Comarca de Arganil, Rua da Fé, 23, 1.º. Sessão pública organizada pela Fraternidade Esotérica, em que Isidoro Duarte Santos realizará uma conferência.

Os programas constarão de palestras, recitativos, canto e música, e todos os espiritistas terão entrada franca em qualquer das colectividades mencionadas.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM ABRIL DE 1957

Grupo «Allan Kardec»

Todas as 2.as feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 14, domingo, às 15.30 — Sessão cultural comemorativa do 1.º centenário do «Livro dos Espíritos», em que falarão vários oradores. Haverá também recitativos, canto e música.

Dia 16, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 21, domingo de Páscoa, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 5 de Maio, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 7 de Maio, 3.ª feira, às 21 horas — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Março — Armindo Pinto da Cruz, de Luanda, 20$00; Mário Regueira, de Monfortinho, 16$00; Lídia F. da Conceição, de Lourenço Marques, 25$00; José Vítor Soares, de Ponta Delgada, 5$00; I. S., de Lisboa, 20$00; J. C. de Chelmicki Afflalo, 200$00; Cipriano Marques, de Saide, 20$00; Eva Alves Correia, de Nelas, 20$00; Luís Ramalhal, de Lisboa, 15$00 — *Total* — 351$00.

Epsiq. - Abril/57

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita ..... 20$00
A Prece ..... 12$50
Espiritismo ..... 15$00
O Principiante Espirita ..... 18$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00 ..... 35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00 ..... 35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00 ..... 35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ... 38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00 ..... 35$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 100$00
(Seguir-se-à a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 30$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 50$00
O Porquê da Vida ..... 28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00 ..... 48$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 52$00
No Invisível (nova edição) ..... 52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 52$00
A Evolução Anímica ..... 48$00
O Fenómeno Espirita ..... 45$00
A Alma é Imortal ..... 52$00
A Reencarnação ..... 52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Urânia ..... 40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Henrique Magalhães — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
João Coragem — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Zalmino Zimmermann — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda.*

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1957 — N.º 5

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gràfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

UNIÃO ESPIRITUAL

O mês de Abril de 1957 foi alfobre de entusiasmo nas fileiras espiritas, sobretudo no Brasil, onde o selo comemorativo despertou energias adormecidas, estimulando os adeptos da Terceira Revelação.

Em Portugal também partilhámos desse entusiasmo. Lisboa soube lembrar e festejar o Centenário de «O Livro dos Espíritos» com sessões solenes, durante as quais o génio de Kardec viu exaltado o seu destino providencial. Os centros espiritas em funcionamento vibraram de alegria cristã e procuraram conhecer-se melhor. Em todos houve reuniões, em todos houve contentamento. Homens e mulheres sentiram a necessidade de se multiplicar em esforços para que o ideal espirita se fortalecesse, mergulhando mais fundo as suas raízes na alma humana.

Tivemos ensejo de tomar contacto com elementos preciosos, cheios de boa vontade, dispostos ao sacrifício, se dele resultasse engrandecimento da causa que nos reúne. Por isso afirmamos que a seiva alimenta as árvores que se erguem a maior altura. Seus ramos viridentes ornamentam-se de folhagem nova em primavera que promete farta colheita. É bem possível que, após as comemorações, as perspectivas se alarguem em comunhão de ideias, porque todos estão de acordo no reforçamento das bases que hão-de apoiar futuros empreendimentos.

O que fizemos constituiu um treino valiosíssimo de união espiritual. E tudo se processou no sentido de efectivar a aproximação das colectividades, de as levar a fundir os objectivos, a unificar as técnicas, que dariam maior coesão e amplitude à propagando da doutrina espirita.

Do conhecimento dos indivíduos depende às vezes o êxito ou o inêxito do trabalho iniciado e as agremiações congéneres tiram vantagens ao conjugar as diligências colectivas. As classes associam-se na luta pela vida, a fim de resistir aos embates imprevistos. Os ideais têm as mesmas necessidades, porque as lutas são maiores e mais vibrantes.

O Centenário de «O Livro dos Espíritos» não se extinguirá nesta revista com o presente número. Continuaremos a martelar o evento em Junho e Julho, aproveitando a ocasião para exaltar o génio do Codificador e da sua obra magnífica. Sem Kardec, o Espiritismo não existiria como sistema filosófico. Seria movimento heterogéneo de avanço e recuo, à semelhança de outros que nasceram e morreram por falta de seiva. Até as correntes neoespiritualistas anglo-saxónias partilham em grande parte o prestígio da codificação kardeciana.

Estamos plenamente satisfeitos com o que se fez em Lisboa no tocante à comemoração de um livro que é um símbolo histórico de consequências variadíssimas. E não se julgue que o Brasil foi esquecido. Em todas as reuniões entoámos o seu nome, como um cântico, aludimos às suas obras, que são verdadeiros paradigmas, às suas publicações, que se expandem de norte a sul, sem obstáculos de qualquer espécie.

No mundo culto as ideias combatem-se com ideias, com serenidade e aprumo sem descer à truculência.

Nas comemorações portuguesas verificou-se uma nota dissonante. A direcção da Casa da Comarca de Arganil anulou o consentimento para a nossa festa de encerramento, só porque um jornal católico se lhe referiu com acrimónia por ter posto a sala à disposição de um centro espirita. Mas não impediu que a realizássemos com maior brilhantismo na Casa do Algarve, no mesmo andar da Rádio Renascença.

Enfim, o Centenário do Livro dos Espíritos, que acaba de ser comemorado, teve o condão de aproximar entre si os espiritas de Lisboa. Foi uma jornada memorável pelas afirmações de fé e pelo entusiasmo que animou as almas em comunhão de ideias. Agora o caminho está aberto. Quem tiver ouvidos de ouvir, oiça.

O DECESSO DO MESTRE

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na BAHIA)

Estamos a 31 de Março, e eu desejo dizer algumas palavras sobre o acontecimento que esta efeméride regista. Se ela não nos traz uma recordação feliz, também não é com amargura e lamentações que a evocamos. Nesta data, no ano de 1869, precisamente há 88 anos, era chamado por Deus a receber o prémio de seus labores edificantes aquele que viera ao mundo com a missão de codificar os ensinos dos Espíritos Superiores e projectar uma nova luz no caminho da humanidade. Em sua casa, pela manhã, entre onze e doze horas, Allan Kardec viu chegar um moço, que queria comprar um número da Revista Espírita, que ele mesmo fundara e dirigia. Ao entregar ao rapaz a publicação, eis que Kardec curva sobre si mesmo e cai. Estava morto. Fulminara-o um ataque cardíaco. Uma única palavra não pudera proferir. Baldados foram os socorros imediatamente prestados pelo ocasional freguês, pelo seu empregado e a criada que acudiram sem demora; e logo a seguir por Alexandre Delanne, friccionando, magnetizando o corpo ainda quente do seu dilecto amigo.

Os despojos mortais do insigne Codificador do Espiritismo ficaram alguns dias expostos à visitação pública e foram sepultados no cemitério do Pére-Lachaise.

Aí, desde sua morte, e todos os dias, pelo tempo em fora, pessoas vindas de toda a parte se concentram em preces de agradecimento ao Mestre, pelos tesouros de consolações que os seus livros derramaram em suas almas sofredoras.

Para que vocês melhor possam avaliar a extrema veneração com que se cultua a memória desse grande benfeitor da humanidade, eu vou reproduzir trechos de uma notícia publicada em Careta, número de 2 de Dezembro de 1950. Eis o que se lê na popular revista carioca:

«... Parece que, de algum tempo para cá, os adeptos do líder espírita se tornaram mais numerosos. Afluem de todos os lugares do mundo. Ricos, pobres, adolescentes e velhos. Até crianças trazem ramos de flores e vão prestar sua homenagem, deixando-os sobre o granito do túmulo. E os pais recomendam:

«— Digam adeus ao nosso grande amigo...

«— Adeus! — balbuciam as crianças.

«Essa curiosa romaria, que se renova durante todo o dia, deve rejubilar a alma daquele que foi, antes de tudo, grande consolador. Allan Kardec, cujo verdadeiro nome foi Hippolite Denizard, nasceu em Lyon em 1804. Filho de magistrado, fez brilhante curso de Direito e depois estudou Medicina. Aos 19 anos entregou-se ao estudo do magnetismo. Mas sòmente 30 anos depois se apaixonou pelos fenómenos das «mesas rodantes». Ele era, nessa ocasião, médico, autor de renome de obras de Direito e de Pedagogia. Como todos os sábios, mostrou a princípio desprezo pelas manifestações espíritas e com elas se divertia... Mas experiências cientificamente orientadas levaram-no à conclusão de que não se morre completamente. Publicou obras sobre o assunto, especialmente O Livro dos Espíritos, que teve extraordinária repercussão no mundo inteiro».

Isto é o que foi estampado em Careta, revista brasileira muito conhecida, que nenhum compromisso tem com o Espiritismo. O seu redactor o escreveu com toda a imparcialidade e insuspeição, por simples espírito de justiça. Na verdade, quem quer que possua honestidade intelectual, que não esteja imbuído de paixão sectária, há de render tributo a Allan Kardec e proclamar a inexcedível benemerência da sua obra missionária.

Depois do Cristo, embalde pedimos à História que nos aponte outro maior. Não existe. Só que Allan Kardec não foi ainda devidamente compreendido e a sua obra convenientemente interpretada em toda a extensão e profundeza. O mundo permanece em crise moral; o homem continua a se debater na tortura, em busca de solução para os seus problemas; e tudo porque o mundo, porque o homem hodierno montém-se irredutível na sua cegueira voluntária, em relação à pessoa e à doutrina codificada por Allan Kardec.

Muitos tomaram-se de prevenção contra o Espiritismo, porque há pretensos represen-

tantes da Divindade que o malsinam e proíbem a leitura de suas obras; relegam-no outros, por pobreza de discernimento, que os leva a confundi-lo com as práticas charlatanescas dos que conspurcam a mediunidade e fazem dela um meio de vida.

É muito para lamentar que, nestes tempos luminosos que estamos vivendo, ainda haja criaturas racionais espiritualmente amarradas e que, em questão de alta monta, qual à que tange ao sentimento religioso, pensem pela cabeça de seus mentores...

Não menos para deplorar é que haja igualmente quem confunda a exploração com a coisa explorada; como se fosse possível culpar a poesia pelos maus versejadores e a Medicina pelos abusos dos curandeiros.

Pois o Espiritismo surgiu justamente para refundir essa mentalidade vesga e improdutiva, que repele a cultura e conspira contra o progresso. O papel do Espiritismo é o de um libertador: onde ele se implanta quebram-se as cadeias da ignorância espiritual, o fanatismo se afugenta, a luz se faz para todos.

Na sociedade de seus adeptos não medra a intolerância sectária constituiriam um estorvo não se hostiliza ninguém por motivo de crença. Se o Espiritismo tivesse dogmas, um deles, o principal, seria a liberdade de consciência. Essa liberdade, com efeito, para o espirita é sagrada. Se a finalidade do Espiritismo é a confraternização de todos os seres, em obediência ao preceito cristico «Amai-vos uns aos outros», é claro que os actos de intolerância sectária constituiriam um estorvo a essa obra e uma negação daquele preceito. De resto, crença não se impõe. Cada qual crê como pode, conforme lhe permite a sua capacidade de raciocinar e entender as coisas. Constranger alguém a abraçar aquilo que a sua razão não concebe ou demonstra ser absurdo, é uma forma de violência que gera animosidade e torna impraticável qualquer tentativa de congraçamento. Por isto é que o Espiritismo, reflectindo em seus postulados o pensamento liberal do Cristo, acolhe e respeita os profitentes de quaisquer credos religiosos ou filosóficos, pois que a divergência de opiniões não deve cavar entre os homens as incompatibilidades individuais.

Estas as razões porque o Espiritismo não se impõe: expõe. Não quer ser aceito ou crido cegamente; quer ser discutido, examinado. Ele só se impõe, declara o Codificador, pela persuasão. E para se persuadir de que o Espiritismo é uma doutrina regeneradora, fadada a realizar o ideal do Cristo na Terra e tornar felizes os homens pela prática da fraternidade, perlustre cada qual a bibliografia kardeciana, submeta ao exame da razão os seus ensinos. Porque no Espiritismo não não há nada que a razão mais exigente deva rejeitar, Aqui têm cabimento as palavras de Gustave Geley, um eminente pensador que não era espirita. Diz ele:

«Justificada ou não justificada, a doutrina espirita é suficientemente grandiosa para suscitar discussão profunda aos pensadores, aos sábios e aos filósofos».

Observa-se realmente que a causa da sua intensa propagação reside na harmonia e coerência de seus princípios, no vigor e sobrançaria com que o Espiritismo se mantém em face de todos os debates.

Sobretudo porque o que ele ensina não se funda em hipóteses mais ou menos verosímeis; alicerça-se na lógica irrespondível dos factos. Quando sustenta, por exemplo, que os Espíritos dos mortos vêm nos dar as suas impressões da vida que se estende além do túmulo, fá-lo, irretorquivelmente, mediante os testemunhos directos dos próprios Espíritos mortais. Se eles mantêm intercâmbio com os que ainda permanecem no ergástulo carnal; se às vezes aparecem, visíveis e tangíveis, aos olhos atónitos de parentes e conhecidos que, transbordantes de emoção, os reconhecem; quem, diante da pressão irresistível de um facto desta ordem, ousará, sem se expor ao ridículo, sobrepôr-se ao postulado doutrinário que afirma a comunicabilidade dos Espíritos?

Que valor pode ter mesmo a palavra negadora dos próceres eclesiásticos, insinuando, aliás, que as aparições espiritas são artes diabólicas, quando a própria Igreja, contradizendo-se, ostenta no Vaticano dois quadros oficiais, representando o falecido papa Pio X, de pé e sentado, respectivmente, ao lado da freira Maria Ludovica Scorcia e do advogado Francesco Belsani, ambos por ele curados de doenças graves que os levaram ao leito?

Por outro lado, como negar os fenómenos da mediunidade, como taxar de trapaçaria e embuste tudo o que ocorre neste domínio, sabido que o pontífice reinante Pio XII é um grande médium vidente?

Não foi ele avisado, quando ainda cardeal Pacelli, de sua ascensão ao papado, como sucessor de Pio XI?

E como chegara ao papa actual aquele augúrio?

Simplesmente assim: Vendo, no silêncio do seu aposento particular, na noite de 19 para 20 de Fevereiro de 1939, esboçar-se na sua frente e tornar-se bem nítida a figura daquele mesmo Pio X, e, ante sua estupefacção, falar-lhe desta maneira:

«— Sim, filho bendito, sou eu. O Omnipotente concedeu-me a graça de te falar. Brevemente serás o novo Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra, como eu fui, um dia, indignamente. Espantosos acontecimentos sacudirão o mundo durante o teu pontificado: o teu coração será dilacerado por imensas dores. Mantém-te forte no governo do leme da Igreja».... (1).

Seguiram-se outras palavras, em tom profético, até que a figura se esvaneceu.

Poderá a prova da sobrevivência da alma humana revestir-se de mais objectividade e eloquência?

E dizer-se que, por proclamar ao mundo esta esplêndida verdade com todas as consequências filosóficas e morais que dela se podem deduzir, o Espiritismo encontra opositores encarniçados no seio de certas corporações religiosas, e um frei Marcelino se abalança a dizer pelo microfone de uma estação de rádio que «o Espiritismo é o conjunto de todas as superstições», enquanto outro frei, o Boaventura, só porque O Livro dos Espíritos *divulga esses conhecimentos consoladores, escreve no verso de uma folhinha, editada por franciscanos, que esse livro «é cheio de erros contra a fé e a moral cristã»!*

Já dizia Paul Gibier que a inconsciência protege os inconscientes; e isto é exacto, porque ainda existe quem faça causa comum com os que pretendem jungir à crença o homem do século vinte entretendo-o com velhas fábulas e tolas ameaças.

Poderosos, fecundos como O Livro dos Espíritos, *são os demais volumes que completam a obra monumental e imorredoura deixada por Kardec. Esses livros, em conjunto, tendem a transformar a face do mundo, modificando radicalmente os costumes sociais e as relações entre os homens. A influência moralizadora que exercerão em futuro próximo, por toda a parte, no seio da colectividade, determinará uma nova civilização, onde a todos os indivíduos será dado fruir os benefícios de uma paz efectiva alicerçada na solidariedade comum.*

O tempo se encarregará de converter em realidade este vaticínio.

Parafraseando o judicioso Gamaliel, diremos que, se o Espiritismo é criação do homem e propagador de erros, ele por si mesmo se aniquilará no descrédito; mas, se divina é a sua origem e benéficos os seus frutos, por certo serão inúteis todas as campanhas promovidas por seus adversários para rechaçá-lo, porque ninguém há que possa pôr um dique à corrente invasora da vontade de Deus.

Ocorre lembrar que nenhuma outra ideologia jamais sofreu um combate mais rude e mais vigoroso do que o Espiritismo, desde o seu advento em 1857; também é incontestável — e isto nos reconforta — que não há exemplo de uma só ideologia — filosófica, religiosa, social ou política— que tenha congregado tantos milhões de adeptos, pelo espaço breve de cem anos, como o Espiritismo.

E os espíritas encontram-se disseminados pelo mundo inteiro; repontam de todos os sectores, assim nas camadas populares como nas classes mais esclarecidas.

Também não se conta o número de eminentes homens de ciência, negadores de Deus e do Espírito, que renegaram o seu ateísmo depois que apalparam a verdade imortalista, através de suas pesquisas no campo da fenomenologia psíquica.

Inegàvelmente, «o Espiritismo, com os factos, matou o materialismo», na expressão viva do egrégio mestre lionês, cujo decesso hoje recordamos. «Fosse este — acrescenta — o único resultado por ele produzido e já muita gratidão lhe deveria a ordem social. O Espiritismo, porém, faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, conseguintemente, a necessidade do bem».

Por isto é que ele tem feito luzir nas almas cépticas, endurecidas, os lampejos da crença e da bondade fraternal; por isto é que ele, desconhecendo fronteiras e exclusivismos, se afirma como a religião do foro íntimo, a religião natural, aquela que, podendo harmonizar-se com as conquistas da filosofia e da ciência, está destinada a sobrepujar todos os obstáculos e se perpetuar no futuro.

Allan Kardec, o excelso missionário dessa Terceira Revelação do amor de Deus a toda a Humanidade, faz jus, portanto, ao nosso pensamento agradecido e às homenagens com que reverenciamos a sua memória.

---

(1) O relato completo deste fato foi publicado no *Almanaque de Santo António*, que se edita em Lisboa, e transcrito pela revista *Estudos Psíquicos*, também editada na capital portuguesa, em seu número de Fevereiro de 1954.

O DESTINO

Por CYRILLO ALEIXO

Traremos o destino marcado quando nascemos, ou ir-se-á processando mais ou menos ao acaso, segundo o encadeamento dos factos ocorridos pela vida fora?

Quem, em horas de recolhimento e meditação, não terá perscrutado o seu íntimo, sondado essa parte misteriosa do ser, na ânsia de arrancá-lo ao mutismo em que se encontra e de fazê-lo responder àquilo que mais nos seduz?

Quem não terá sentido o desejo ardente de arrebatar ao futuro os segredos que ele encerra, as dores e os regozijos, os êxitos ou os fracassos que nos virão pela vida fora, tudo, enfim, que nos há-de fazer vibrar, tanto no frágil plano das alegrias, como no vasto campo das dores e dos desenganos?

Em certas ocasiões, quando tudo em nossa volta se conjuga para o entorpecimento da parte inferior do ser, estranha sensação nos invade, misto de enlevo e melancolia, muda confissão da alma, desterrada nestas plagas inóspitas, sentindo a nostalgia de horizontes longínquos e o vácuo enorme que terá de preencher, para atingir a plenitude.

É nesses momentos que, estimulados pelo influxo das harmonias universais, nos vemos subjugados por uma força incoercível, tolhidos por laços inexoráveis, ante os quais nos sentimos impotentes.

É a condição da ave engaiolada, saudosa da amplidão sem liames, oferecendo-lhe, através das grades da prisão, o seio exuberante, onde a pobrezinha desejaria librar-se.

E então, carregando de novo o fardo que nos coube neste mundo, retomamos a marcha interrompida, entre quedas e ascenções, lágrimas e sorrisos, em demanda de misterioso e longínquo objectivo.

O destino é um enigma, e ainda bem; só temos que render graças a Deus por nos ter vedado os acontecimentos vindouros, que devem operar silenciosamente, para tirarmos proveito da lição da vida.

Seja qual for o destino em cada existência sucessiva, uma finalidade única nos apresenta: desbravar a alma, preparando-a para estádios cada vez mais elevados.

No geral, o lado passional do ser protesta, não se conformando com as dores e sacrifícios que lhe depuram a alma, procurando, em vão, uma vida calma e isenta de asperezas e dissabores.

Não nos apercebemos de que, tal como os seixos lisos e redondos à custa de mil atritos no seio da corrente, o embate com o meio circundante é indispensável à psique, a fim de que as arestas, constituídas por todas as imperfeições, sejam desbastadas e a centelha divina possa refulgir em todo o seu esplendor.

Pretender que a vida seja um mar de rosas, liberta de fracassos e dissabores, é desconhecer sua verdadeira finalidade, é tomá-la como um fim e não como um meio, é preparar um futuro de amargas dores.

Almas mais ou menos infantes, todos nós necessitamos de aprender as directrizes traçadas pelo Alto; e entregarmo-nos à indiferença e ao comodismo, é proceder como colegiais, malbaratando o tempo em ócios prejudiciais.

Mas o homem dificilmente se compenetra destas verdades, teimando em alcançar no mundo aquilo que só mais tarde lhe será outorgado, após esforço suficiente, tal como os diplomas se conferem nas escolas a quem os houver merecido.

Estamos, então, fatalmente condenados ao sofrimento? — dir-se-á.

Fatalmente não; mas, dadas as circunstâncias de que o assunto se reveste, temos que admitir o concurso desse valioso auxiliar do progresso anímico.

O sofrimento só desaparecerá, quando, conscientes de nossa finalidade divina, nos consagrarmos inteiramente à execução do código extra-terreno, abandonando para sempre os maus pensamentos com a eliminação de todas as impurezas, condição que um dia alcançaremos; mas, até lá, não podemos dispensar o aguilhão do sofrimento, único capaz de nos impelir na senda do progresso.

Com efeito: oriundos da animalidade, subjugados pelos instintos de ciclo anterior que nos liga fortemente às seduções materiais, como queríamos nós despir de uma vez a ganga ancestral, tecida paulatinamente, através de ciclos multimilenários?

Não é possível, porque, em a natureza, tão sàbiamente disposta pelo Criador, nada se faz aos saltos, mas por insensíveis transições, para, de fase em fase, irmos abandonando o lastro inútil e adquirindo valores, com a devida segurança.

É necessário que cada ciclo se exaura, a fim de lhe extrairmos toda a essência, para que, assim preparados, entremos com segurança no ciclo seguinte; de contrário estaríamos deslocados no novo meio e o avanço seria precário e cheio de lacunas, sem jamais atingir a perfeição que deve coroar a nossa obra.

É forçoso, pois, que a maturação se processe, natural e espontâneamente, sem procurar forçá-la, confiantes de que essa operação está certa, dependendo apenas de questão de tempo e nada mais.

Assim se explica a diversidade de opiniões e o grau de entendimento para as coisas do espírito, desde a sua rápida assimilação, à impossibilidade de se compreender tudo que transcenda o âmbito material.

No primeiro caso, a maturação está processada e um ciclo exaurido, ao passo que no segundo se encontra em plena pujança, com frutos ainda muito verdes.

Dever-nos-á causar estranheza o facto? Certamente não, pois estamos em face duma lei natural e universal.

Pretender, portanto, que toda a gente comungue em nossas ideias, revoltando-nos contra os que não se apercebam dos clarões espirituais, é grande insensatez, provando a existência de certos resíduos da fase anterior.

Nada de aflições, porque o fim de todos os seres é idêntico, assim o determinou o Absoluto, embora o alvo final não seja atingido ao mesmo tempo por todos os viandantes desta caminhada, encetada num pretérito brumoso, mas a verdade é que teremos de alcançá-lo, por ser esse o glorioso destino de todos.

Compete-nos, sim, ir cumprindo o nosso destino, seja ele qual for, entregando-nos, sem reservas, ao cultivo de qualidades que nos escasseiam, na certeza de que tudo vai bem, embora, aparentemente, muitas vezes se nos afigure estarmos cada vez mais longe da felicidade.

Aliás, o destino não nos é im-

posto por um Deus arbitrário e parcial, que, à semelhança humana, tenha suas simpatias especiais, pois Aquele que nos rege, é a justiça perfeita, segundo a qual, todos serão aquinhoados igualmente, sem distinções de qualquer espécie.

Os que localizam entre o berço e o túmulo a única oportunidade de aperfeiçoamento, jamais poderão compreender o porquê das diferentes condições humanas, impressionando-se vivamente com a desigualdade que nos cerca, sem acharem explicação plausível para o facto, que se lhes afigura inconcebível com a ideia de um Deus todo amor e perfeição.

Mas, quando já não nos restam dúvidas sobre a existência de tantas vidas quantas as necessidades para o processamento da nossa evolução, o caso muda de figura e todas essas desigualdades se nos apresentam transitórias condicionadas pelo «a cada um segundo as suas obras».

Sabemos então que ninguém sofre injustamente, nem por faltas alheias, e que o acicate da dor é, nuns casos, o resultado de más actuações passadas, e, noutras, o desbravamento do matagal de nossas imperfeições, que só à força de golpes sucessivos poderá ser levado a efeito. Conclui-se, portanto, que, segundo a lei da causalidade, a vida é ao mesmo tempo colheita e sementeira, colhendo-se o fruto semeado nas existências anteriores e lançando-se à terra as sementes que hão-de frutificar no porvir.

O Bem é oriundo de Deus, ao passo que o mal é obra do homem, ou melhor, do seu atraso, pelo que não devemos culpá-Lo pelas misérias do mundo, de que só nós somos os únicos responsáveis.

Deus nos criou livres, a fim de termos o mérito e a responsabilidade de nossas obras, não nos forçando a tomar esta ou aquela direcção, para que, aprendendo à nossa custa, sejamos artífices do nosso destino.

O Bem é eterno, como a Fonte de onde dimana, ao passo que o mal é transitório e terá a duração do nosso atraso, dependendo de nós abreviá-lo ou prolongá-lo, na certeza de que em caso algum poderemos escapar às consequências, porque, se somos livres no proceder, não o somos na escolha dos resultados, de natureza sempre idêntica à causa que os originou.

O livre arbítrio é assim condicionado por um certo determinismo, expresso na legislação divina, que somos forçados a cumprir, de *motu próprio*, ou sob o látego da dor.

Nesta arrancada para o Alto nos desviamos vezes sem conta, por mau uso do livre arbítrio, da linha ascencional que devemos seguir; mas, como é mister que aprendamos à nossa custa, se não fosse a intervenção rectificadora da dor, obrigando-nos a arripiar caminho, aonde iríamos parar?

Abençoado, pois, esse determinismo divino, que nos garante a chegada à meta.

Uma liberdade absoluta, sem quaisquer limitações, servindo nossa tremenda ignorância, redundaria num autêntico desastre. Seria o mesmo que abandonar frágeis criancinhas, sem mãos amigas a desviá-la dos mil perigos circundantes.

Qual é a maior ambição de todos os seres? Não será o bem-estar, a felicidade eterna? Alcançá-la-íamos se o livre arbítrio não tivesse as suas restrições, expressas no sofrimento, a apontar-nos o verdadeiro caminho para chegarmos até lá? Somos livres, sim, mas devemos respeitar a dor que nos indica o melhor caminho para atingir o objectivo supremo.

Suprema sabedoria se revela em toda a natureza e o destino não podia escapar-lhe. E assim, ele se vai processando de acordo com os antecedentes das vidas transactas, que lhe servem de base, em ligação de causas e efeitos, argamassados com o livre arbítrio, a fim de que o impulso divino seja respeitado.

Se uns sofrem mais do que outros, não é por acaso, nem mercê de justiça parcial, mas porque o equilíbrio psíquico assim o exige, de tal forma se encontra afectado pelo mau uso que se fez da liberdade.

Os erros se acumularam e então a dor se ergue diligente, apontando o caminho que devem seguir.

Não há fatalismo em qualquer destino, sofrendo, portanto, cada um as consequências dos seus erros.

O único fatalismo que há — e abençoado seja — é o de sermos impelidos por força oculta e amiga a encontrar a bem-aventurança.

É esta a herança que nos cabe como partículas da Fonte Suprema de Todo o Bem e por isso o nosso maior desejo deverá ser alcançá-la o mais depressa possível, respeitando a sinalização, colocada com maestria ao longo de nossa trajectória, para alcançarmos esse bendito e fascinante objectivo.

EM BUSCA DO CRISTO

Sofres?

Não te esqueças do «Vinde a Mim» do nosso Mestre e procura com Ele o manancial da consolação; entretanto, não olvides que o Senhor espera não lhe tragas o fardo das torturas pelos caprichos desatendidos, na impossibilidade de praticar o mal, de vez que, a dor é simples aflição da ignorância e da rebeldia, à frente da Lei.

Tens sede?

Busca no Cristo a fonte das águas vivas, na certeza de que a corrente cristalina apagar-te-á a volúpia de conforto e o anseio indébito de ouro e dominação.

Tens fome?

Procura no Benfeitor Celeste o pão que desceu do Céu e roga-lhe, te sacie a fome desvairada de prazeres e aquisições inúteis, para que não te falte o ingresso ao banquete da Luz que o Evangelho te pode propiciar.

Sentes-te enfermo?

Procura em Jesus o Divino Médico, contudo, pede-lhe te conceda remédio contra as inclinações às desordens e excessos, porquanto, de ti mesmo procedem as vibrações que te constrangem ao desequilíbrio orgânico.

Há muita dor que é simplesmente desrespeito aos estatutos divinos que nos governam.

Há muita sede que é mera ambição desregrada, atormentando a alma e arrastando-a para o resvaladouro das trevas.

Há muita fome que é apenas exigência do espírito invigilante.

Há muita moléstia que só exprime intemperança viciosa que é necessário extirpar.

«Vinde a Mim!», disse-nos o Amigo Eterno.

Saibamos, pois, sair de nós mesmos e colocar-nos em presença do nosso Mestre e Senhor.

Emmanuel

Maio, 57

OS PRIMEIROS ALICERCES DO ESPIRITISMO

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

Quando, há cem anos, o professor e médico francês Hippolyte Dinizard Rivail, celebrizado depois sob o pseudónimo de Allan Kardec, prendeu a sua atenção às mensagens das mesas girantes e ao interesse com que alguns dos seus amigos de categoria intelectual falavam de manifestações invisíveis, verificou que algo havia em tais manifestações.

E, de facto, não era para desprezar nem para ridicularizar as que lhe descreviam, além de outros, os srs. Carlotti, René Taillandier, membro da Academia das Ciências de Paris, e os escritores Sardou (pai e filho), pois todos eles havia já cinco anos que se dedicavam a anotar os factos resultantes daquelas manifestações, com o que tinham formado cinquenta cadernos de diversas comunicações.

E, como possuía um esclarecido e bem formado espírito de investigador, o Dr. Denizard Rivail lançou-se a fundo a observar e a estudar tudo o que lhe descreviam e tudo o que lhe era dado ver e examinar pessoalmente.

Foi em 1854 que pela primeira vez observou alguns dos factos de que lhe falaram os amigos várias vezes, amigos como o citado sr. Carlotti, de amizade cimentada em mais de vinte e cinco anos, o magnetizador sr. Fortier, o sr. Patier, funcionário público de carácter respeitável, e outros mais.

Pois até 1857 dedicou-se o Dr. Denizard Rivail a estudar todos os assuntos expostos nos cinquenta cadernos citados, a examinar outros apresentados ao seu *contrôle* directo e a meditar sobre as mensagens que as inteligências invisíveis directamente lhe enviaram. E depois de tudo isto, ou seja em 18 de Abril de 1857, é que publicou o seu primeiro livro coordenador das doutrinas espíritas — «O Livro dos Espíritos» — subscrito com o pseudónimo de Allan Kardec que o seu Guia espiritual dissera ser o seu nome em vida passada. Tem sido comemorado o 1.º Centenário da publicação daquele livro em todo o mundo, porque o Espiritismo tem devotados seguidores.

Foi, pois, uma obra amadurecida em três longos anos de pesquisas e estudos. Outros se seguiram do mesmo autor, como corolários daquela, e que são «O Livro dos Médiuns», «O Evangelho Segundo o Espiritismo», «O Céu e o Inferno, ou a Justiça divina segundo o Espiritismo», «A Génese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo».

Também escreveu mais dois folhetos: «O Espiritismo em sua mais simples expressão» e «Refutação às críticas contra o Espiritismo».

Tudo isto além do muito que escreveu para a «Revista Espirita» que fundou e dirigiu até à sua desencarnação e que ainda hoje existe.

E toda esta obra colossal partiu da observação dum simples fenómeno: o movimento mediunizado das mesas de três pés e das mensagens assim obtidas.

E não se suponha que tais mensagens eram simples brincadeiras de passatempo. Não: elas continham, quase sempre, bases tão poderosas de convicção da existência de inteligências invisíveis ou espíritos, como elas mesmas se classificavam, que provocaram o assombro.

Kardec coligiu bastantes destas provas experimentais que por toda a parte se produziam. Vamos relatar a seguinte, que lhe foi comunicada por testemunha ocular («Livro dos Médiuns», capítulo III): «A bordo dum navio de guerra francês estacionado nos mares da China, toda a equipagem, desde os marinheiros até ao Estado-Maior ocupava-se em fazer as mesas falarem. Tiveram a ideia de evocar o espírito dum tenente desse mesmo navio, o qual havia falecido dois anos antes. O oficial veio e, depois de várias comunicações que impressionaram a todos, disse o que se segue, por meio de pancadas: «Peço-vos com insistência que pagueis imediatamente ao nosso capitão a quantia de (e indicou a soma), que lhe devo, e que lamento não ter podido pagar antes da minha morte».

Ninguém tinha conhecimento desse facto; o próprio capitão havia esquecido essa pequena dívida, mas examinando as suas notas, verificou realmente ser exacta, e a soma inteiramente idêntica. Perguntamos: do pensamento de quem podia ser reflexo essa indicação?»

Mas não suponhamos que correram num mar-de-rosas todas estas actividades dos primeiros espiritas. Antes pelo contrário: houve muitos obstáculos a vencer, muitos ataques de vários sectores a começar pelos dos extremos: os fanáticos religiosos dum lado e os materialistas indomáveis do outro.

E numa carta que Kardec dirigiu aos seus confrades e amigos de Lyon em princípios de 1862 dizia assim:

«No ponto a que hoje chegaram as coisas, e tendo em vista a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão superadas; ele conquistou o seu lugar, e está assente sobre bases que de ora em diante desafiam os esforços dos seus adversários».

E mais adiante dizia ainda na citada carta: «No começo contaram matá-lo com a zombaria, e hoje vêem que essa arma é impotente e que, sob o fogo dos sarcasmos, ele prosseguiu o seu caminho sem tropeçar. Não acrediteis que se vão confessar vencidos, não: o interesse material é tenaz».

Todavia, no ano anterior, no mês de Outubro, a obra espirita de Allan Kardec tinha suportado, da parte dos fanáticos intolerantes, o martírio dum auto de fé, pois foram então queimados, numa praça de Barcelona, por ordem do bispo daquela cidade, trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo que de França tinham sido enviados para ali a pedido do livreiro Maurício Lachâtre.

E vai já decorrido um século sobre os primeiros passos deste invencível e mundial movimento espiritualista.

Glória, pois, a Allan Kardec e aos valorosos discípulos que lhe seguiram as directrizes, e que foram, na França, Camilo Flamarion, Gabriel Delane e Leon Dinis, secundados por outras notabilidades intelectuais francesas e por muitas outras de todos os países do Ocidente, do Oriente e das Américas.

O PROF. LEONARDO COIMBRA NA FENOMENOLOGIA ESPIRITA

(Conclusão)

Pelo Coronel *Faure da Rosa*

Os médiuns de Leonardo Coimbra eram todos de escrita automática: dois sem pensamento consciente do que iam escrevendo, um pensando anteriormente quase tudo o que depois escrevia. Todos eram seus amigos e conhecidos.

Um dos médiuns, Abílio Viegas, fora seu aluno desde o 5.º ano do liceu ao fim do curso complementar de letras. Outro, Azinhais, também foi seu discípulo no 5.º ano. Um outro era amigo íntimo de Leonardo Coimbra e seu colega no professorado: o dr. Ângelo Ribeiro, a quem Leonardo Coimbra apresenta como um temperamento dramatizante: «Anda estudando qualquer assunto e logo que se disponha a escrever, aparece um drama de aspecto espiritista, reflexo desse assunto. Foi assim que, andando a compor versos sobre o pensamento de Heráclito, lhe apareceu este pedindo que se eu lhe fizesse um prefácio para o livro «Verbo Antigo», que Ângelo Ribeiro anda compondo, me não esquecesse de falar no *Fogo*. Ora, com efeito, Ângelo Ribeiro tinha-me pedido tal prefácio.

«Há dias numa tentativa de comunicação cruzada, dentro da mesma sala, pedi que escrevesse um nome para o outro médium, Azinhais, reproduzir; saiu a palavra *Sempre*, nome dum livro de Teixeira de Pascoais, que eu lhe tinha visto chegar pelo correio na véspera da experiência. Tentei com Heráclito a escrita de alguns pensamentos em grego, consegui-o; mas Ângelo Ribeiro declarou-me imediatamente que o seu grego chegava até aí.

«Agora começa a escrever sob nomes vários e coisas que o seu consciente não escreveria por inferiores e é curioso o espectáculo de sofreguidão que em torno dele se forma: é um que fala, logo outro; a seguir, o primeiro de novo se intromete até que o nosso Heráclito vem pedir que resista à pressão dos tantos espíritos que o pretendem — como um único telefone servindo uma grande cidade.

«Azinhais tem uma acentuada tendência para dar criminosos, suicidas inferiores, e é nele que uma obstinação malévola se revela com intenção feroz: escreve em letra muito miúda, e, se pedimos melhor letra, raro é que se não torne ilegível por minguada. Desenha, apresentando o retrato dos hipotéticos comunicantes...

«Abílio Viegas dá pessoas pacatas, iletradas ou de mediocre ilustração, mas muito sensatas e suficientes. É um esplêndido médium. Com ele consegui a única experiência notável que tenho... Quanto a probidade, ele é a mais pura em todos os meus médiuns.

«Os dois estudantes são simpáticos e bondosos rapazes, um pouco admirados do que fazem, mas compreendendo, perfeitamente, o valor do que andamos fazendo.

«Ângelo Ribeiro é um pensador sério, um cordealíssimo amigo e um ilustre professor.»

Reproduzimos, em seguida, a sessão de 2 de Maio de 1918, que Leonardo Coimbra dirigiu, tendo por médium escrevente Abílio Viegas.

A entidade comunicante diz chamar-se «Augusto Vieira Cardinha.»

— Onde nasceu e quando morreu?

— Viseu, 1895 a 1918, Janeiro, na quinzena primeira, terra de todos, no reconhecimento de 1 de Janeiro, na frente.

— O que era?

— Soldado e depois 2.º cabo; não fui 1.º cabo por não saber ler; fui com o 34.

— Qual era o oficial que estava consigo?

— Era o sargento.

— Como se chamava?

— Pandeiro.

— Parece-me brincadeira; sabe que fala com portugueses, pessoas sérias?

— Sim; sei que falo, mas respondo a um outro, estou comunicando com mais pessoas.

— Pode dizer-me quem são?

— Não ouço e falo; com quem comunico não conheço.

— Não pode, então, dizer-me nada?

— Com quem comunico é que me faz perguntas, é o guia.

— Mas não pode fazer escrever o médium de lá?

— Não escreve, só fala.

— Mas pode, então, dizer lá que está comunicando com Leonardo Coimbra e que peça testemunhas?

(O médium nesta altura escreve com letra muito maior).

— Estou comunicando com Leonardo Coimbra... ele (o guia) não fala, ouve o que eu digo, ele já sabe *(e em letra maior)* que estou a comunicar em Lisboa com Leonardo Coimbra; não o ouço, nem o vejo, o que disse tudo o que ele já sabe porque pediu testemunhas, que não esteja só e que escreva o que pede Leonardo Coimbra.

— Mas quem está não poderia escrever?

— Não fala, nem escreve, porque não comunica; eu é que falo e ele só ouve.

— Mas pode dizer o que lhe pedi?

— Posso dizer tudo; ele é que não fala, mas ouve.

Que escreva para o Gil Vicente.

— Gil Vicente? Gil Vicente?

— Liceu Gil Vicente.

— É Liceu Gil Vicente?

— Sim, e é em Lisboa.

— Lisboa, escreva (em letra grande), Leonardo Coimbra, Liceu Gil Vicente, Lisboa, já disse.

— Quer alguma coisa para os seus?

— Nada, porque estão perto de mim.

— Pode voltar a aparecer-nos?

— Talvez.

Leonardo Coimbra ficou perturbado; passou uma noite em claro.

quase sem um pensamento — diz ele — *abismado*, em Emoção.

No dia seguinte, contou do caso o esquema anónimo aos colegas do Liceu, drs. Gastão Correia Mendes, que sorriu; Câmara Reis, que se perturbou; Sousa Coutinho, que nem se riu nem se perturbou e achou o caso curioso, sobretudo depois de saber que o físico Olivério Lodge tomava o assunto muito a sério; Damião Peres, a quem Leonardo Coimbra viu uma sombra de agradecido mistério pousar na fronte; Luís Cardim, a quem o conhecimento profundo da alma inglesa deu uma grande simpatia por tudo o que vem do mistério das almas, e o capitão-tenente e professor da Escola Naval, Santos...

Decorreram dias; como nada aparecia, Leonardo Coimbra considerava malogradas as sedutoras promessas. Nessa ocasião, o professor Adrião Castanheira lembrou-lhe o Brasil, ideia que deixou um resto de esperança. Quando já mal pensava no caso, chegou-lhe às mãos a seguinte carta:

Acampamento, 8 Maio, 1918.
Ex.mo Sr.

V. Ex.ª por certo vai-se rir de mim e do que vou contar. Os meus amigos dizem que sou sonâmbulo e que digo muitas coisas, sem saber o que digo.

Há dias eu, estando a descansar, comecei a gritar dizendo muitas falas e chamando gente para ouvir. Depois contaram que eu havia pedido para escrever o que se segue: escreve para Leonardo Coimbra, Liceu de Gil Vicente — Lisboa, por mandado de Augusto Vieira Sardinha, 2.º cabo e que morreu aqui em 15 ou 25?) do I,

Do que disse não me lembro, mas os meus amigos pediram para escrever.

Não sei se é pessoa de família ou conhecimento, ou que o destinatário não exista.

Se existir pedia para escrever para Urbano Júnior, infantaria 4 — 10.º — 448 — hospital militar — C. E. P. — França.

Perante esta carta, a cuja recepção na secretaria do liceu, assistiu o secretário, os professores Passos e Sousa Coutinho, desta vez um pouco estupefacto, e empregados da secretaria, Leonardo Coimbra confessa que teve arrepios, que sentiu sobre a cara o bafo calafriante do mistério.

A primeira hipótese que acudiu ao secretário do liceu foi que Leonardo Coimbra era vítima duma brincadeira dos colegas. A fraude podia ser feita para engano de L. Coimbra ou por ele próprio para engano do público. Todas as pessoas que interferiram no assunto são honestas. A comunicação é extensa e não se decorava só pelo seu decorrer... Ninguém tirara apontamentos, nem o próprio médium.

Fraude da parte de L. Coimbra nem sequer é de considerar.

O nome de Augusto Vieira Sardinha não apareceu em nenhuma lista oficial, nem no C. E. P. deram informações a respeito de tal nome. Mas, reflectindo, se tivesse havido o propósito de embuste de invencionice, fácil teria sido dar o nome dum dos seus soldados mortos na guerra para tornar o caso aceitável.

Não pode ser atribuído a criptomenésia do médium porque se tratava de *fenómenos contemporâneos e conjugados* e a criptomenésia é a recordação de factos passados que se conservam latentes no subconsciente.

Não pode ser psicometria porque se não deu a utilização de qualquer objecto de que o defunto fosse possuidor.

Resta a informação telepática como observa L. Coimbra; mas *por telepatia* devemos entender toda a classe de fenómenos que causam sensação a distância e nada nos adianta para a explicação do caso. Demais, os fenómenos telepáticos dão-se mais frequentemente entre desencarnados e encarnados, do que entre os viventes na terra: os desencarnados são os *agentes* e os médiuns os *percipientes*.

Analisemos as comunicações a que o médium Viegas recebeu e a que foi endereçada a L. Coimbra, do Acampamento do C. E. P. em França, assinada por Urbano Júnior: na primeira, a entidades comunicante diz que Augusto Vieira Cardinha faleceu em 1918 na «*terra de todos*» *em Janeiro na quinzena primeira, no reconhecimento de 1 de Janeiro, na frente;* que fora depois 2.º cabo e não chegara a 1.º cabo por não saber ler; na segunda, assinada por Urbano Júnior, o 2.º cabo Augusto Vieira Sardinha é dado como falecido em 15 ou 25 do I (Janeiro). As próprias divergências — nota Leonardo Coimbra — mostram que é inconsistente a hipótese da fraude. E termina:

«Não quero concluir em absoluto, porque outras hipóteses mais belas possam caber, porque o obstáculo da Morte não perca muito do seu prestígio; é sempre bom que a certeza nos não adormeça e, em pleno mistério, uma grande emoção nos erga dramáticos, assaltantes, pugnazes conquistadores da imortalidade.»

★

Em 1929 — cerca de 11 anos depois da publicação do seu livro, «A Luta pela Imortalidade» — Leonardo Coimbra escreveu no n.º 6 da «Revista de Espiritismo» um artigo sob o título «Os fenómenos espiritóides, a sobrevivência e a imortalidade» (páginas 125), em que apenas tocou, e ao de leve, o problema da sobrevivência, não tendo, infelizmente, continuado a sua dissertação. Nessas duas páginas de texto nada encontramos que vinque a sua evolução neo-espiritualista.

(*) *Cenas Contemporâneas*, edição de António Maria Pereira (1907), p. 152.

CORRIGENDA

Na primeira parte deste artigo, à página 105, 5.ª linha da 1.ª coluna, saiu uma gralha importantíssima que é preciso, desde já, esquartejar. A última palavra do parágrafo é corpo e não o inverso. O espírito despe-se ali de corpo e não de outra coisa material.

DEOLINDO AMORIM escreveu

"O LIVRO DOS ESPÍRITOS"

Como surgiu O Livro dos Espíritos? Teria sido planejado por alguma inteligência humana? Claro que não, e todos nós sabemos qual foi a sua verdadeira origem e quais foram as circunstâncias em que se elaborou a organização desta grande obra. Contudo, seja por este, seja por aquele motivo, não deixa de ser oportuno, ao ensejo de seu centenário, recordar os primeiros passos de sua preparação, com as próprias palavras de Allan Kardec. Desde 1854, quando ouviu falar, pela primeira vez, sobre «mesas girantes», Allan Kardec havia sido como que impelido para o estudo da fenomenologia extra-humana e vulgarmente chamada de além túmulo. Foi, porém, no ano seguinte que se realizaram as suas observações e experiências mais concretas. Convém recordar — e este ponto é de grande importância — que Allan Kardec se serviu do concurso de MAIS DE DEZ MÉDIUNS durante os seus trabalhos. É ele mesmo quem no-lo diz.

Convém notar, entretanto, que Allan Kardec encarou os fenómenos com espírito filosófico, desde o começo, embora ainda não tivesse sequer a primeira ideia de sua grandiosa missão. Esta parte, isto é, a sua missão, só lhe seria revelada mais tarde, em sessão de 30 de Abril de 1856. Ainda em 1855, em casa da Sr.ª Plainemaison, em companhia do Sr. Patier, cuja serenidade lhe inspirou muita confiança, Allan Kardec teve ocasião de ver o movimento das mesas, por força de acção espiritual. Veja-se bem a visão filosófica de Kardec, e não se pense, com isto, que ele não era homem frio, observador e reservado. Era-o, e em grande dose, como os mais rigorosos experimentadores que o sucederam. Visão filosófica — é bom repetir — porque Allan Kardec não se deixou empolgar pelos efeitos visíveis dos fenómenos, mas procurou sondar-lhes as consequências na alta esfera da filosofia.

Vamos extrair, de Obras Póstumas, no capítulo intitulado «A minha iniciação no Espiritismo», as seguintes palavras de Allan Kardec.

Foi aí — diz ele — que, pela primeira vez, presenciei o fenómeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti, então, a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica, numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas HAVIA ALI UM FACTO QUE NECESSÀRIAMENTE DECORRIA DE UMA CAUSA. (Salientamos, por nos parecer necessário, esta última expressão).

Percebe-se que as indagações de Kardec pretendiam ir mais longe. Enquanto alguns experimentadores se deram por satisfeitos com os fenómenos, Kardec pressentiu logo, como se fora, já, um mundo diferente, alguma coisa acima da observação comum. É necessário ser um espírito afeito aos problemas filosóficos, para, ainda nas PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS, quando muita gente fica apenas deslumbrada, pensar com tanta profundidade e larguesa de vistas, como Allan Kardec: Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no como brinquedo que faziam daqueles fenómenos, QUALQUER COISA DE SÉRIO, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo. Kardec enxergou o problema com predisposições espirituais de um filósofo ou, para dizer com mais acerto, com as claridades de um iluminado.

Vem daí a origem do Livro dos Espíritos, porque foi depois dos primeiros fenómenos que começaram as comunicações doutrinárias. Ainda neste passo, vemos Kardec se revelar um homem incapaz de se deixar fascinar. Fez diversas experiências, criticou diversos ditados mediúnicos, e procedeu com a mesma isenção de ânimo como se estivesse tratando com os homens. É ele que diz: Conduzi-me, pois, com os espíritos, como houvera feito com os homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não REVELADORES PREDESTINADOS. No decorrer das sessões mediúnicas, ainda em 1855, começou Allan Kardec a perceber a extensão de todo aquele trabalho. Vislumbra-se, aí, a génese do Livro dos Espíritos, segundo o depoimento de Kardec:

Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; mais tarde, quando vi que aquilo constituia um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a ideia de publicar os ensinos recebidos, para instrução de toda a gente. Foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituiram a base do LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Isto quer dizer, portanto, que os ensinos espirituais, aos poucos, iam tomando o carácter de um TODO, pela sua unidade, e formando, assim, o corpo da doutrina, cuja base é O Livro dos Espíritos. O centenário do Livro dos Espíritos é, implicita-

mente, o centenário da doutrina, porque toda a composição desta decorre do material que deu origem àquela obra.

Em sessão de 10 de Junho de 1856, em casa do Sr. Roustan e com a Sr.ª Japhet, que era médium, recebeu Kardec valiosa advertência do Alto, sobre O Livro dos Espíritos, cuja primeira parte já estava quase acabada. Kardec perguntara ao espírito instrutor se, para adiantar a obra, deveria pedir a colaboração de determinado médium. Este episódio, tal como no-lo descreve o próprio Kardec, tem muita significação no destino da doutrina espírita, embora pareça pouco importante. Não fora o conselho do espírito e não fora, também, a prudência de Allan Kardec, sempre sensato, sempre humilde em todos os actos de sua vida, talvez a doutrina ficasse comprometida, logo de início. Ainda em tempo, felizmente, o espírito guia da sessão fez sentir que aquele médium, a despeito de suas boas faculdades, não tinha a necessária IDONEIDADE MORAL para servir de instrumento em tarbalho de tanta envergadura. Era um médium muito maleável, mas o espírito que por ele se comunicava era orgulhoso e, por isso mesmo, ainda não estava em condições de participar de uma obra tão elevada e tão pura. Tempos depois, aquele médium caía em dolorosa decadência, em razão dos abusos e, sobretudo, por haver mercadejado a mediunidade. Vejamos as informações de Kardec: O moço, julgando ter na sua faculdade um meio de enriquecer, já atendendo a consultas médicas, já realizando inventos e descobertas produtivas, sòmente colheu decepções e mistificações. Sirva isto de lição para todos quantos, ainda hoje, querem fazer da mediunidade um meio de vida.

Dias depois, a 17 de Junho, já agora em casa do Sr. Boudin, pois Allan Kardec trabalhou com diversos médiuns e fez sessões mediúnicas em lugares diferentes, veio nova advertência sobre a preparação do Livro dos Espíritos, e desta vez em termos mais amplos. Tendo Kardec pedido a opinião do espírito instrutor sobre a parte que já havia sido revista, obteve imediatamente a seguinte resposta: O que foi revisto está bem; mas quando a obra estiver acabada, deverás tornar a revê-la a fim de ampliá-la em certos pontos e abreviá-la noutros. Vê-se, nesta passagem, como em tantas outras, que Allan Kardec, espírito missionário por excelência, não pensava jamais em fazer trabalho pessoal; e tanto isto é exacto, que ele mesmo julgou oportuno fazer, ainda, a seguinte pergunta: — Entendes que deva ser publicada antes que os acontecimentos preditos se realizem? A pergunta refere-se aos avisos, que lhe haviam sido dados, anteriormente, sobre as vicissitudes por que teria de passar, em consequência da revolução que se seguiria à divulgação dos novos princípios. O espírito respondeu do seguinte modo: Uma parte, sim; tudo, não, pois que, afirmo-te, vamos ter capítulos muito espinhosos. Por muito importante que seja esse primeiro trabalho, ele não é, de certo modo, mais do que uma introdução. Convém notar que, a esta altura dos trabalhos, Kardec ainda não sabia, com precisão, qual o rumo que iria tomar a obra, e ele o confessa, sinceramente. O espírito orientador chegou a fazer afirmações categóricas, para acentuar bem a gravidade do assunto:

Assumirá proporções que longe estás, agora, de suspeitar. Tu mesmo compreenderás que certas partes só muito mais tarde e gradualmente poderão ser dadas a lume, à medida que as novas ideias se desenvolverem e enraizarem. Dar tudo de uma vez fora imprudente.

... ...

Vê, observa, sonda o terreno, dispõe-te a esperar e faze como o general cauteloso, que não ataca senão quando chega o momento favorável. (Comunicação recebida em 17 de Junho de 1856).

Já se pode ver, através de tudo isto, que O Livro dos Espíritos não saiu de um jacto, não é obra de afogadilho. Pensemos bem neste ponto da comunicação: ASSUMIRÁ PROPORÇÕES QUE LONGE ESTÁS, AGORA, DE SUSPEITAR. E, com efeito, assim foi. Quase onze anos depois, em nota de Janeiro de 1867, Allan Kardec dizia o seguinte:

Na época em que essa comunicação foi dada, eu apenas tinha em vista «O Livro dos Espíritos» e longe estava, como disse o espírito, de imaginar as proporções que tomaria o conjunto do trabalho.

Disto decorre naturalmente outro aspecto, ainda relativo à origem do Livro dos Espíritos, isto é, o seu desdobramento. Podemos dizer que O Livro dos Espíritos está de tal forma entrosado com todo o corpo da doutrina, que não é possível, de forma alguma, desmembrá-lo ou considerá-lo uma obra à parte. Mister se faz que lhe compreendamos a orientação original e o sentido doutrinário que lhe marcou toda a fase

e a acção pessoal de Allan Kardec

preparatória. Leia-se, indispensàvelmente, o depoimento de Allan Kardec, e é ele quem nos conta a história como ela se passou:

As obras que até agora apareceram foram publicadas sucessivamente e eu fui induzido a elaborá-las À MEDIDA QUE AS NOVAS IDEIAS SE DESENVOLVERAM. *(Palavras escritas em 1867, quando ainda lhe faltava um livro para completar a Codificação, e esse livro saiu em 1868:* Génese).

Depois de tudo, finalmente, foi que Allan Kardec obteve a aprovação definitiva do Livro dos Espíritos, *na sessão realizada a 11 de Setembro de 1856. Diz ele: «Depois de haver eu procedido à leitura de alguns capítulos do LIVRO DOS ESPÍRITOS, concernentes às leis morais, o médium espontâneamente escreveu:* Compreendeste bem o objectivo do teu trabalho. O plano está bem concebido. Estamos satisfeitos contigo. Continua; mas, lembra-te, sobretudo quando a obra se achar concluida, de que te recomendamos que a mandes imprimir e propagar. É de utilidade geral. Estamos satisfeitos e nunca te abandonaremos. Crê em Deus e avante. *(Todas as comunicações aqui citadas e muitas outras estão em* Obras Póstumas, *ao alcance, portanto, de qualquer pessoa). Não temos a pretensão de fazer pesquisa histórica, mas estamos reproduzindo, apenas, algumas passagens elucidativas da origem do* Livro dos Espíritos.

Depois de muita meditação, muita crítica necessária, através de opiniões de diversos espíritos, que colaboraram com Allan Kardec, apareceu a 1.ª edição do Livro dos Espíritos, *em Paris, no dia 18 de Abril de 1857, data gloriosa para os espiritas, especialmente porque se assinala, com este acontecimento, o advento da doutrina. Qual foi, na realidade, o papel de Allan Kardec em todo esse trabalho? Teria sido ele apenas compilador das comunicações, o coordenador das questões postas em foco? Não. Allan Kardec foi o instrumento adequado, inteiramente à altura da obra, já pela sua competência intelectual, já pela sua integridade moral e pelo seu espírito de humildade. Só as almas humildes podem realizar obras verdadeiramente grandes e duradouras. Quando falamos em humildade não entendemos por* humildes *aqueles que entronizam a ignorância e combatem o estudo porque se comprazem nas aparências de um farisaísmo ridículo e ruinoso, mas tão sòmente aqueles que, como Allan Kardec e tantos outros missionários, sabem desprender-se do personalismo e das glórias humanas para que apareça a luz da Verdade. Esta, sim, é a humildade consciente, porque é fruto da sabedoria, e sabedoria não é cultura de verniz, é experiência espiritual, é reforma íntima, é ascensão do espírito nos planos do aperfeiçoamento moral. Kardec era homem de capacidade humana, mas não lhe faltava, também, a sabedoria espiritual, que é muito maior e mais valiosa para as obras que se destinam a iluminar o mundo.*

É verdade que os espíritos deram a matéria prima, *o que equivale a dizer que os espíritos transmitiram a doutrina em seu estado de pureza integral, mas é justo reconhecer que Allan Kardec armou as questões, propôs, ele próprio, a discussão das proposições básicas. Kardec colaborou eficientemente na obra dos espíritos. Não recebia passivamente tudo quanto vinha do Alto. Eis aqui, por exemplo, as suas palavras:* Levava para cada sessão uma série de perguntas preparadas e metòdicamente dispostas. *Isto prova, sem a menor dúvida, que Allan Kardec provocou os próprios ensinos do Alto. Provocou, de que modo? Formulando perguntas previamente preparadas. Já se vê que não foi simples coleccionador de comunicações. Absolutamente! Tendo aplicado o método científico em suas experiências, e ninguém o fez com mais segurança e cautela do que ele, Kardec deu ao Espiritismo o carácter de uma doutrina séria, lógica e positiva. Vejamos, como remate, o que ele mesmo diz:* «Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; numa elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas por dedução e pelo encadeamente lógico dos factos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvidas todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre, em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos». *Allan Kardec trouxe para o Espiritismo o rigor de sua formação científica, alicerçada sobre uma base moral inabalável. Nele se harmonizaram muito bem a cultura humana e a cultura espiritual. Por toda estas razões, a acção de Allan Kardec na organização do* Livro dos Espíritos, *fonte insubstituível da doutrina espírita, é altamente meritória e benéfica.*

Aos Representantes Brasileiros

Mais uma vez pedimos aos nossos amáveis representantes brasileiros que se encontrem atrasados nas suas contas o favor de enviarem o numerário ao nosso representante António J. Monteiro, Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, Ponte dos Marinheiros, Rio de Janeiro. Esse atraso representa para nós um grande prejuízo, visto lutarmos com grandes dificuldades para manter esta revista.

O mesmo pedimos a todos os assinantes que residam em localidades onde não há representantes.

UM RARO DIALECTO

Por JOSÉ MARTÍN

Há tempos foram publicados nalgumas revistas *(La Conciencia, Voz Informativa* e *Estudos Psíquicos)* os seguintes versos obtidos mediùnicamente pela senhora Adela Albertelli em 4 de Novembro de 1953:

ZINGARESA

Vaktri dui kalé iakkai
Mukliôm mara gulia dai
Kehaz gule te kalé
Oda manghe kampilé
Matchin puk mri parno
Kalion dusta la djavó
Kehaz parno te guló
Oda manghe kampiló

Pedimos então a colaboração dos leitores para individualizar o dialecto ou idioma em que haviam sido escritos, mas embora recebêssemos algumas respostas, só uma foi exacta. Chegou num exemplar de 2 de Junho de 1956 do periódico londrino *Psychic News* onde vem um artigo assinado pelo sr. Paul Gold, cuja tradução é a seguinte:

Médium americana escreve num raro dialecto

«Não só em *romani,* mas num raro *romani* caldeireiro da Hungria e da Roménia, uma médium sul-americana transmite surpreendente poema.

«O que principiou como sessão vulgar com a médium Adela Albertelli acabou surpreendendo um continente. Porque a sr.ª Albertelli escreveu numa linguagem que desconhecia, num raro dialecto de idioma igualmente raro. Um e outro eram misteriosos para quem os recebeu e para os assistentes. Ninguém conseguiu compreender uma só palavra nem saber o nome da língua em que fora escrito.

«Da mesma forma, nenhum dos leitores de *La Conciencia* pôde entender as palavras do médium, quando foram publicados com a pergunta: «Quem pode informar sobre o idioma desta mensagem?».

«Até que se enviou a transcrição ao Museu Britânico, onde os especialistas calcularam que podia ser *romani.* Mas não podiam adiantar mais nada...

«Agora conseguiu-se obter a solução. Os directores do Museu aconselharam que se enviasse a mensagem ao Gypsy Lore Society of Liverpool University (Sociedade que se ocupa do folclore gitano).

«Um porta-voz desta agremiação afirmou:

«— Há motivos para dizer que se trata de uma canção ou poesia composta em bom *romani copper sanith.*

O porta-voz, D. E. Yates, acrescentou:

— Há nela uns pequenos erros, como *Baktri* por *vashtrir,* e *puka* por *tuke.* O canto é dirigido a uma jovem:

Por teus olhos negros
Deixei minha doce mãe.
Eu suspiro por ti,
Eu morro por ti.
Por teus grandes risos
E tuas negras sobrancelhas
E por teus negros
Olhos e pestanas».

«Que médium sul-americana descendente de italianos possa de repente transmitir um poema em dialecto virtualmente desconhecido de raro idioma é uma das melhores e mais recentes provas de controlo psíquico.

Psychic News, entregando a investigação aos especialistas da «Gypsy Lore», conduziu a importante resultado».

O QUE NÓS NÃO DISSEMOS

Mas nem tudo acabou ali. Quando demos a conhecer os citados versos, caláramos deliberadamente alguns factos relacionados com eles, para que não faltasse valor probatório às possíveis respostas. Damo-los agora a conhecer.

Como dissemos, foi em 4 de Novembro de 1953 que a médium escreveu «Zingaresa». Dias depois perguntou mentalmente ao seu guia do que tratava o que escrevera e ele disse que era uma canção de gitanos do norte da Roménia, ao mesmo tempo que teve a visão de um carro de gitanos com várias pessoas que iam cantando aqueles versos.

Alguns meses decorridos, em Janeiro de 1954, concentrou-se no propósito de fazer a tradução do escrito com o auxílio de suas faculdades psíquicas. Nesse momento sentiu-se transportada a um lugar que não precisou, notando que ali eram escritos novamente os citados versos. Como noutras ocasiões, viu-se num estado que lhe permitia, sem saber porquê, entender todos os idiomas estrangeiros que ouvia psiquicamente.

Por isso compreendeu o significado de «Zingaresa». Regressou mentalmente e logo escreveu de memória a seguinte tradução:

Por teus doces olhos negros
deixei minha doce mãe.
Porque eram tão doces e negros,
eu gostei muito deles.
Por tua carinha branca
sofri muitas dores.
Porque era doce e branca,
Gostei muito dela.

Como se vê, a tradução dos dois primeiros versos coincide com a realizada pela «Gypsy Lore». As probabilidades de casualidade são completamente remotas.

Havia também outro escrito no mesmo dialecto que parece ser aclaratório do precedente firmado por uma tal «Mirtha». Para que se empreenda a sua tradução enviámos à Grã-Bretanha fotocópia dele, assim como outros escritos igualmente raros. Dar-se-ão novas comprovações tão interessantes como as precedentes?

Entretanto e com o fim de informar os leitores acerca da estranha língua usada pela médium, consultámos a *Enciclopédia Espasa,* de onde extraímos o seguinte, sob o título «O Romani»:

«Durante muito tempo julgou-se que os gitanos não possuiam língua própria e que a sua expressão era linguagem convencional inventada por eles, a fim de se comunicarem entre si e diferente para cada país, até que em meados do século 18, devido a estudos filológicos desse tempo, se averiguou, não só que a língua gitana era igual em todos os países em que existia este povo, mas também que coincidia com a que se usava no ocidente da Índia.

«Dificilmente se pode descobrir a língua própria dos gitanos nas tribos que se espalharam pelo ocidente da Europa, sendo mais fácil fazê-lo

nas que permaneceram e existem nos estados orientais. As que se espalharam e desuniram, recebendo em suas caravanas grande número de foragidos europeus, viram o seu idioma adulterado e morto, pouco depois. Os gitanos da parte oriental da Europa conservaram-se unidos e em maior número e puderam manter a sua língua, que foi estudada pelos filólogos, ficando provado que o dialecto gitano é de procedência industânica.

«Em todos os países esta língua se mesclou com a indígena e perdeu quase totalmente a gramática. Mas no Oriente, onde esse povo se encontra mais compacto e se manteve, por conseguinte, mais puro, o *Romani* é um idioma completo, com rico vocabulário e um sistema de inflexões bem desenvolvido.

«Na Europa, o *Romani* tem 14 dialectos diferentes: o greco-turco, o romeno, o húngaro, o eslavo, o polaco-lituano, o russo, o finlandês, o alemão, o escandinavo, o italiano, o vasco, o espanhol, o anglo-escocês e o gaulês. Os mais puros são o greco-turco e o húngaro. Os mais corrompidos são os de Espanha, Inglaterra e Escócia. Os gitanos que falam um destes dialectos não entendem fàcilmente os demais.

«Como se indicou, em cada país o *Romani* sofreu o influxo da língua vernácula. Assim, na Hungria, o acento agudo do idioma nacional transformou-se em grave em muitas palavras gitanas.

«Na Inglaterra, a gramática tem-se aplicado a centenas de palavras e noutras o gitano tomou em parte a sua forma. Um exemplo: *me kerava* (eu faço), converteu-se entre os gitanos ingleses em *mande kers*, imitando a forma da terceira pessoa do presente do indicativo. Enfim, no *Romani* podemos seguir os traços das emigrações por que passou sucessivamente o povo que o fala. A base é hindu.

«É curiosa a mudança sofrida pela palavra romani *trúshul* que, em sânscrito, equivale ao tridente usado pelo deus Siva. Ao chegar a países cristãos os gitanos aplicaram a palavra representativa do símbolo do seu deus ao símbolo do Cristianismo — a Cruz — e hoje todos os gitanos europeus chamam *trúshul* à cruz de Jesus-Cristo.

«Disse-se que o idioma *Romani* não tinha a palavra *deus*, o que não é verdade, pois se encontra em todos os seus dialectos o termo *devil*, do sânscrito *deva*, de onde provém o latino *deus, e dio, deu, dios, dieu*, etc., dos idiomas romances ou neolatinos».

(Tradução de I. D. S.)

A VOZ

Por OSVALDO SALVAÑÁ

I

A alcova estava silenciosa: silêncio de meia noite. O menino sentou-se na cama e falou em doce voz. Não era a sua. Os pais, acordados, ficaram surpresos e escutaram sem abrir a boca. O menino permanecia sereno e o seu rosto tinha a doçura de sempre: doçura de criança. E disse com firmeza:

— Meus amigos, dominai a vossa angústia. Volvei os olhos para Deus, fonte de todo o amor, e encontrareis a paz que vos falta. A dúvida roeu os vossos corações e por isso sofreis. Buscai a causa e achá-la-eis. Tudo tem uma causa; não há efeito sem ela. A vossa dor não é absurdo. Quando buscardes o porquê, encher-vos-eis de consolo. Quanto ao menino, não tenhais receio, que eu o protejo. Agora voltará a dormir sossegadamente. Adeus...

A voz perdeu-se na noite. O ar tinha ecos de coisas ultraterrenas. O menino recuperou efectivamente a sua primeira posição e continuou a dormir profundamente. A sua respiração tornou-se normal. O pai aproximou-se do berço e tocou-lhe a fronte com os dedos. Estava frio, talvez demasiado frio. Marcos impressionou-se ainda mais. Demorou-se um pouco a contemplar o filho. Depois voltou a roçar-lhe a fronte, desta vez com os lábios, e respirou tranquilizado. O pequeno recuperara o calor natural.

— Já está bem — disse ele com um profundo suspiro —. E voltou para a cama. Ele e a esposa deitaram-se sem adormecer. Os pensamentos feriram em liberdade as suas convicções.

— Que coisa estranha! — disse Rosa —. Roberto nunca teve semelhante coisa. Será de gravidade?

Marcos demorou a resposta.

— Deve ser sonambulismo.

— Os sonâmbulos falam adormecidos, mas com a própria voz e de suas coisas íntimas...

— Pois é... Não sei o que pensar (Fez longa pausa). Talvez tenha relação com o que falámos há dias na companhia de uns amigos...

— Que foi?

— Disse-se que a alma não morre com o corpo e não faltou quem afirmasse que ela podia comunicar-se do além. Ri-me com força e então o Eulogio observou-me com absoluta serenidade: «Marcos, brevemente terás a prova disso». Olhei para ele, surpreendido com a firmeza da sua expressão, e pensei que alguma leitura lhe tinha aberto o intelecto.

— Não há dúvida. Mas, como explicar este caso? Roberto é uma criança e viste como falou. Além disso, adivinhou o nosso problema.

— É verdade. Custa a acreditar! Mas, dize-me cá: que papel terá desempenhado o subconsciente neste caso?

— O subconsciente de uma criança não pode avantajar-se como vimos. Não teríamos que aceitar um estado telepático ou de leitura de pensamentos, visto ter conhecido os nossos? E essa adivinhação não devia ocorrer no estado de vigília, que é, já de si, um facto extraordinário?

— Não desarmas com os teus argumentos. Aqui, o subconsciente não explica tudo.

— E se falasses novamente com Eulogio?

— Hei-de falar. Terei que me curvar e para ele será um triunfo.

— Outra vez o orgulho — replicou a mulher —. Agora trata-se do nosso filho.

Marcos não respondeu, terminando assim o diálogo. Dias se haviam

passado sem que os cônjuges conversassem muito. Nessa noite, porém, falaram demasiado. E novamente se fez silêncio. A madrugada alargou os âmbitos e uma paz espiritual encheu a casa. Marido e mulher dormiram sumidos em graves meditações. O menino, esse mudou uma só vez de posição e continuou no seu precioso descanso.

II

Marcos apressou-se a falar com Eulogio e poucos dias depois foi a casa dele. Chegou excessivamente nervoso. O amigo esperava a visita. Tinha recebido um telefonema alusivo.

— Já leste alguma coisa de Metapsiquica? — perguntou Eulogio.

— Nada. Desconheço-a inteiramente.

— É uma bela ciência. Verás. Fala dos grandes problemas do normal, anormal e supranormal no ser humano. Estuda e explica numerosos estados nervosos, mentais, letárgicos (epilepsia, catalepsia, etc.), como nenhuma ciência estudou e explicou. Entra no campo da telepatia, transmissão de pensamento, hipnose, sugestão, magnetismo e outras questões semelhantes. E encara-as com amplitude e serenidade.

Marcos notou onde o amigo queria chegar e atalhou:

— Foi nessa nova fonte que bebeste?

— Foi. E por isso me é possivel acalmar as tuas inquietações.

Quando a esposa chegava com o café, Eulogio aproveitou o breve intervalo para fazer uma sugestiva pausa. Enquanto remexia o liquido, prosseguiu:

— O Robertinho não sofre de doença alguma. É um sensitivo. Possui faculdades supranormais que lhe permitem estar em contacto com forças invisíveis.

Marcos olhava para o amigo atentamente, como quem espera uma contradição; mas ao mesmo tempo estava suspenso de suas palavras. Eulogio notou a circunstância e acrescentou:

— Achas que devemos negar essas forças invisíveis, porque as não tocamos?

— Claro que sim.

— Aferras-te um pouco às tuas velhas convicções. Não quero discutir contigo. Tendo à mão uma prova, como a que nos oferece o teu filho, não carecemos de longas digressões. Que explicação encontras tu para o caso?

— Nenhuma.

— E é tão fácil! !Alguém que deixou o corpo mortal veio espiritualmente alentar-te a ti e a Rosa, para que não destruam o lar que formaram.

— Mas, se ninguém sabia da nossa resolução, nem mesmo tu... Isso é que eu não sei explicar!

— Já vês que não é segredo. Teu filho já o sabia. E eu também. Mais ainda: sabemos o erro que isso envolve, coisa que tu, sempre apressado, não quiseste observar. Não procuraste a causa fútil do mal-entendido. Esse orgulho...

Marcos ficou desorientado.

— E como sabes tudo isso? — inquiriu —. De que te valeste para definir o que sucedeu a meu filho?

— Possuo as mesmas faculdades. Posso predizer certos factos. Este foi um deles.

Como se descarregasse uma angústia fortemente vincada, Marcos obtemperou:

— Amigo Eulogio, devo confessar-te uma coisa. Enquanto me dirigi a tua casa fez-se luz no meu conflito matrimonial. Resolvi mudar de atitude reprimindo o amor-próprio. Esta é a verdadeira causa. Haveria razão nessa mensagem?

— Embora não creias em Deus, isso não significa que não recebas os seus emissários. Não quero impor-te as minhas ideias. Estou satisfeitíssimo por saber que tua mãe conseguiu uma grande vitória.

— Que dizes?... — gritou Marcos, abrindo desmedidamente os olhos —. Minha mãe está morta!

— Não te assombres. Acalma-te. Devo dizer-te. O seu corpo invisível, etéreo, imortal, é que falou por intermédio de teu filho.

PRECE DE NATAL

Jesus! Sede o nosso guia,
Neste mundo atribulado.
Inspirai-nos cada dia,
Arredai-nos do pecado.
Da mangedoura ao calvário
Vossa vida exemplo seja,
Ao nosso mundo tão vário,
Onde a maldade viceja.
Do santo amor, a migalha,
Dai ao orfão, triste e só.
Que a vossa graça nos valha
Entre o tumulto e o pó,
Das lutas que o ódio gera.
Transformai o feio inverno,
Em florida primavera.
O nosso mundo de inferno,
Mudai-o em mansão de paz,
Numa seara abundante,
Sem joio, sem ervas más,
Onde a gente alegre cante,
Glorificando ao Senhor,
Pelos séculos em fora.
Jesus! Em fraterno amor,
Viva o mundo sempre e agora!

Natal de 1956

Álvaro da Silva Valente

Marcos começou a chorar copiosamente e assim se manteve alguns minutos, enquanto Eulogio o contemplava com ternura. Por fim ergueu-se e disse com emoção:

— Obrigado, Eulogio. Deste-me a paz. Essa voz tinha-me transtornado, porque me fazia lembrar a voz de minha mãe, pelo tom e pelo estilo. Por fim chegou a claridade. Quanto alívio me deste!

E concluiu:

— Deixa-me abraçar-te!

Contagiado pela acção do amigo, Eulogio estreitou-o contra o peito, murmurando:

— Bendito amor de mãe, que podes vencer a crosta da matéria e derrotar a incredulidade!

(Tradução de I. D. S.)

Maio 57

A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO

NA FRATERNIDADE ESOTÉRICA

No dia 4 de Abril último iniciou em Lisboa as comemorações do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo o Centro Espiritualista «Fraternidade Esotérica».

Ambiente grave e solene envolvia a selecta assistência, constituída por sócios daquele Centro e por representantes do Centro Espiritualista «Luz e Amor» e do Instituto Espiritualista Português.

Abriu a sessão o presidente da Direcção da «Fraternidade Esotérica», nosso confrade José Francisco Cabrita, que tomou a presidência da sessão, sendo ladeado pelos representantes dos Centros já citados. Congratulou-se o irmão J. F. Cabrita com a presença, naquela sessão solene, dos representantes dos Centros Instituto Espiritualista Português e «Luz e Amor», a quem apresentou os seus sinceros agradecimentos em nome da F. E.

Seguidamente declarou ser a oradora oficial da sessão que estava decorrendo a ilustre confrade D. Ivone de Sousa, espírito dinâmico e sempre cheio duma maravilhosa boa vontade de cooperação em todas as iniciativas altruistas e culturais. Dispensava-se de fazer longa apresentação da distinta oradora, por ser bem conhecida de todos, terminando com a honrosa missão de lhe conceder a palavra.

Falou então D. Ivone de Sousa, com aquele seu natural à-vontade e com a elegância literária que todos lhe conhecemos.

Expôs com brilhante clareza inúmeros dados biográficos de Allan Kardec, exaltou o seu espírito de sacrifício para bem se desempenhar da missão, que a si mesmo se impôs, da codificação das doutrinas espiritas e da sua defesa e difusão.

Fez salientar o alto sentimento de amor que aquelas doutrinas encerram e que deve envolver não só os seres humanos, mas também todos os animais nossos amigos.

Toda a assistência compreendeu, perfeitamente, a bela lição contida na palestra de D. Ivone de Sousa, seguidamente comentada, com os maiores louvores, pelo presidente da sessão, que terminou por ler a comunicação de Emanuel obtida por Francisco Cândido Xavier sobre *Jesus e Kardec* e publicada em o número do «Reformador» referente ao Centenário.

O Presidente da Fraternidade, José Francisco Cabrita, com alguns delegados dos Centros

Ao encerrar a sessão, o presidente mais uma vez agradeceu aos representantes dos Centros atrás referidos a sua comparência como bem sentida manifestação de confraternização, seguindo-se uma longa concentração de fervoroso recolhimento espiritual, ligando assim toda a assistência às forças divinas que a todos auxiliam e protegem. Tudo terminado, foram distribuídos aos presentes diversos exemplares de *Estudos Psíquicos* e de outras publicações espiritas.

A Fraternidade Esotérica

A «Fraternidade Esotérica», com os seus Estatutos legalizados desde 28-9-1928, não é uma associação fechada, uma associação limitada a espiritualistas de pura ideologia esotérica. Não. Desde o seu início dedicou-se ao esoterismo evangélico e ao que de transcendente existe nas manifestações e potencialidades da alma humana, e assim se integrou, desde as suas primeiras actividades, na filosofia e doutrina de Kardec, sobretudo no que elas têm de puro cristianismo místico-religioso.

Por conseguinte, para esclarecer ambiguidades interpretativas dos seus Estatutos, foi, numa das suas Assembleias Gerais Extraordinárias, aprovado o Regulamento Interno da Fraternidade Esotérica em referência, em que, no seu artigo 2.º, ficaram estipulados os seguintes fins, desde o princípio tomados como normas de acção contidas dentro do conceito místico-religioso do Espiritismo reconhecido oficialmente como não sendo de proibir em face do artigo 46.º da nossa Constituição Política: Assim os fins da Federação Esotérica místico religiosos e do exercício da fraternidade são:

1.º — Estabelecer, em bases de fé e credo racionais, o reconhecimento da existência dum Princípio Inteligente — Deus, motor e regulador de todas as forças do Universo, Poder Criador de tudo o que existe, e

E. Psiq. - Maio | 57

essência em vibração do Amor, da Beleza e da Perfeição;

2.º — Espalhar e cumprir as doutrinas do Novo Testamento do Cristo e as das Epístolas dos Apóstolos e promover a interpretação do Velho Testamento conforme o conceito esotérico e o do Espiritismo.

3.º — Espalhar e cumprir as doutrinas morais e filosóficas dos Mestres consagrados do Espiritismo, bem como as doutrinas do Amor e da Caridade de todos os Mestres da Sabedoria Divina;

4.º — Promover a prática da Fraternidade entre todos os homens e a Fraternidade e a Tolerância entre os crentes de todos os credos religiosos e de todas as escolas espiritualista;

5.º — Exercer a Caridade e a Solidariedade em todos os seus aspectos;

6.º — Aplicar o mecanismo da actuação da prece como instrumento de interligação entre o mundo material e o espiritual, e fazer a difusão do seu uso;

7.º — Prestar culto a Deus em vibrações e emoções de Amor, de Beleza, de Perfeição e de Harmonia;

8.º — Glorificar a Jesus Cristo, como o maior Mestre da Humanidade e como Protector e Guia dos destinos humanos;

9.º — Venerar os grandes Mestres da Humanidade pelo impulso que deram ao progresso humano com os seus ensinos e exemplos;

10.º — Homenagear os desencarnados que se elevaram pelas suas virtudes, com a finalidade de uma maior compreensão entre a Humanidade terrestre e a dos Mundos Espirituais;

11.º — Promover reuniões de aplicação das faculdades espirituais especiais para comunicação com as almas libertas, e assim ser praticada a doutrinação evangélico-espiritualista a encarnados e desencarnados, e nelas facilitar a compreensão dos atributos de Deus, colher ensinamentos dos Mensageiros do Cristo, promover a neutralização das forças negativas causadores de obsessões e procurar pôr em evidência a pré-existência e a sobrevivência da alma;

12.º — Promover a difusão e a interpretação das seguintes leis espirituais, com o objectivo de mostrar à Humanidade o benefício que pode advir-lhe do cumprimento ou compreensão delas:

a) Lei da Evolução e Regeneração espiritual;

b) Lei da Unidade de toda a criação com Deus ou Lei da Fraternidade;

c) Lei de Causa e Efeito, da Compensação ou do Karma;

d) Lei da Reencarnação ou das vidas sucessivas.

Mais/57

A VIDA

A vida é áspera montanha
que custa muito a subir;
A vida é planta estranha
que muito custa a florir;

É vau arriscado
mui mau de passar;
É fardo pesado
bem ruim de levar;
É charco
lodoso
mau de navegar,
que barco
zeloso
não deixa vogar;

É grossa torrente
arrastando a gente
Em senda sinuosa;
via dolorosa
que o caminheiro,
lento ou ligeiro,
tem de percorrer
para ascender
ao limiar
a luminar
da perfeição,
farto de dor,
cheio de amor
na sua missão...

A vida é áspera cordilheira
que custa muito a transpor;
A vida é vasta sementeira
que redime o semeador...

MANUEL CAVACO

O ESPIRITISMO E A MULHER

Repete-se, frequentemente, que o Cristianismo criou a moralidade, porque os costumes dependem da mulher; e a existência desta, como ser humano, condignamente posta na sociedade, representa uma criação dele. «As mulheres — dizia Emerson — são as grandes civilizadoras do género humano. E se me perguntassem o que é a civilização não teria dúvida em repetir a conhecida frase: É a influência no mundo das mulheres de bem! Com o seu génio social e actividade ordenada, elas aperfeiçoam a sociedade, educam e afinam as maneiras, embelezam as coisas, enchem a vida de formas, de graça e de harmonia, preparando um ambiente luminoso para o mundo».

Já passou a época em que se repetia a frase de Maomé, segundo a qual as mulheres são anatomia mórbida e não possuem força moral suficiente para controlar as perturbações da sua constituição física.

Achamos que são elas que dão alma ao lar e a tudo que possui o toque do Amor!

Já Vinicius, com bastante acerto, afirmou que a obra da regeneração da humanidade depende das mães e dos professores. É do Lar e da Escola, de mãos dadas, que sairá a reforma do mundo, porque ambos falam com os corações e aos corações, realizando obra amorosa.

E é verdade o que afirmaram esses nossos irmãos. Temos observado isso nas Escolas criadas nos Grupos Espiritas e nos lares evangelizados, onde professores, mães, esposas e irmãs realizam uma obra notável, uma tarefa profundamente cristã.

O Espiritismo traz à mulher possibilidades imensas de realizar o bem, de educar e fazer mais felizes as criaturas junto ao Ideal da vida.

Quando ela quiser uma coisa boa, Deus aprovará.

Queira servir ao Espiritismo e o Espiritismo entrará em todos os lares para os aquecer, higienizar e tornar mais felizes.

RAMIRO GAMA

A ORDEM ESOTÉRICA INICIÁTICA

ASSOCIA-SE ÀS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

A *Ordem Esotérica Iniciática* também colaborou nas comemorações do Centenário do «Livro dos Espíritos», tendo realizado na sua sede uma sessão de homenagem, cuja foto publicamos. O Presidente dessa Ordem, depois de explicar o motivo da sessão, deu a palavra a Isidoro Duarte Santos, Presidente do *Centro Espiritualista Luz e Amor*, que fez um caloroso e eloquente relato do valor do «Livro dos Espíritos». A seguir falou Virgílio Maia, Presidente do *Instituto E. Português*, que se congratulou pela sua presença nesta Ordem e se associou à comemoração; a distinta poetisa e oradora Ivone de Sousa, que leu uma brilhante palestra sobre Kardec e sua Esposa e os benefícios do Espiritismo, bem como António Cardoso, que teceu os mais rasgados louvores a Isidoro Duarte Santos e recitou com muito sentimento as seguintes poesias da sua autoria, que muito agradaram: «O Protesto dos Mortos», «O Cão», «O Sonho do Bebé» e «Num Cabaré».

O Presidente da agremiação, Ângelo da Costa Cabral, com os representantes dos centros

No final o Presidente da Ordem, Prof. Ângelo da Costa Cabral, felicitou Isidoro Duarte Santos pela iniciativa destas comemorações em Portugal e falou sobre os pontos de contacto existentes entre o Esoterismo e o Espiritismo, dizendo que se tinha associado pronta e sinceramente às comemorações deste Centenário, não só realizando esta sessão, mas também colaborando na comemoração realizada pelo *Instituto E. Português*, assistindo à comemoração do *Centro E. Luz e Amor* e ao sarau cultural comemorativo desse Centenário realizado pela *Fraternidade Esotérica* com grande número dos seus associados. Disse mais que apesar de usarem métodos de investigação diferentes dos do Espiritismo, consideravam-se seus irmãos em crença. Das outras Escolas Espiritualistas (Teosófica, Rosacruciana, etc.) só uma delas se associou a esta justa homenagem: a nossa, a Esotérica Iniciática, mas fê-lo de alma e coração, frisando que o facto de não seguirem o método de investigação espírita, a sua homenagem devia ter dobrado valor e significado. E abraçando Isidoro Duarte Santos e Virgílio Maia, desejou que a colaboração das três Sociedades Espiritualistas fosse o início de uma frente única em que as diferentes escolas colaborassem no combate ao Materialismo e terminou fazendo com muito sentimento a seguinte evocação:

EVOCAÇÃO

KARDEC! Espírito de Luz! Guia Espiritual! Pioneiro da Imortalidade da Alma! Fundador da Filosofia Espírita que secou as lágrimas às viúvas e aos órfãos, dando-lhes a certeza da sobrevivência da alma dos seus entes queridos e da possibilidade de comunicar com eles!

Nesta solenidade vimos testemunhar que a tua semente germinou, que a tua doutrina se espalhou por todo o mundo e a tua Filosofia regeneradora atingiu a maturação e se torna a salvadora da Humanidade!

Indispensável é, porém, que nos guies, que nos inspires e nos protejas!

«Nascer, Morrer, Renascer e Progredir Sempre», tal é a Divina Lei que nos ensinaste e havemos de cumprir.

Grande Apóstolo da Verdade! Destruindo o Fastasma da Morte, fizeste ressurgir o Anjo da Imortalidade!

Kardec, amado discípulo de JESUS, como somos discípulos teus, nesta data em que nos congratulamos pelo centenário da tua maravilhosa Obra, que rasgou as trevas do materialismo em que se debatia a humanidade:

De pé, com a alma ajoelhada e o coração a trasbordar de gratidão, te elevamos um afectuoso pensamento de homenagem.

Glória a KARDEC!

Salvé Espírito de Luz!

Salve, Centenário!

Por IDALINDA DE AGUIAR MATOS

Os adeptos da Terceira Revelação ou sejam os Espiritas convictos exultam de alegria e se desdobram em comemorações festivas pelo magno acontecimento do PRIMEIRO CENTENÁRIO DO ESPIRITISMO. De outra forma não poderia deixar de ser visto o inexaurível manancial de bençãos, de luzes e de esclarecimentos que o Espiritismo veio proporcionar ao mundo.

Alegam os pseudo sábios que sempre existiram manifestações de espiritos. Porquê este endeusamento a Allan Kardec?!

Infelizmente, a grande maioria dos homens são cegos convencidos que muito enxergam; o orgulho, autor da cegueira, dita-lhes aberrações como a referida. Necessário será assegurarmos a esses pobres irmãos nossos que manifestações autênticas sem a explicação do processo de como elas são efectuadas criam a dúvida e geram conceitos de fanatismo e excentrismo! A mediunidade teria avançado e conseguido apresentar-se cientificamente se não tivesse as bases fundamentadas na doutrina codificada? Os homens entenderiam as causas de suas provas e as anomalias das existências, se não fosse a filosofia do Espiritismo? Qual a doutrina a apresentar? Não a moral em si, porque toda a moral é idêntica, mas as consequências dos transvios da alma, das transgressões às leis de Deus, com a mesma lógica da doutrina codificada?

Ele não é por nós endeusado, mas considerado e respeitado como um homem que soube renunciar e lutar para dar cumprimento à sua tarefa em benefício da humanidade. O seu labor, cujo Centenário estamos vivendo, veio concorrer para a felicidade da criatura que uma vez esclarecida não será levada ao erro.

Allan Kardec teve a ventura de testemunhar, quando ainda na terra, o progresso avassalador da doutrina que ele coligiu.

No Livro dos Espíritos, em prolegómenos, os amigos espirituais assim se exprimem: «Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os que têm interesse nos abusos». Com a perseverança é que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a doutrina propagar-se e bem compreendida, será uma recompensa, cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro que no presente».

Estejamos certos de que Allan Kardec está vivendo connosco as alegrias do Primeiro Centenário do Espiritismo num acotovelamento de adeptos conscientes, estudiosos e atentos às máximas recomendadas: «Fora da caridade não há salvação», assim como «Trabalho e Solidariedade». A Tolerância surgirá também quando a essência da doutrina penetrar no íntimo de cada criatura.

Salve Allan Kardec!

Salve o PRIMEIRO CENTENÁRIO DO LIVRO DOS ESPÍRITOS!

CENTENÁRIO DA DOUTRINA ESPIRITA

Voto de congratulações da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos

Como instituição espirita, associando-se ao contentamento geral, a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos* congratula-se com a revista *Estudos Psíquicos* pela passagem da grande data do centenário do LIVRO DOS ESPÍRITOS, cuja comemoração é motivo de regozijo de toda a família espirita, em qualquer parte do mundo. Quer, ainda, a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos*, nesta feliz oportunidade, expressar os seus agradecimentos a esse brilhante órgão da imprensa espirita em terras portuguesas pela colaboração que sempre prestou a esta Faculdade, desde os seus primeiros passos. Fá-lo satisfatòriamente e em poucas palavras, tanto mais quanto é justo envolver na mesma expressão de reconhecimento e admiração a pessoa de seu Director, o infatigável e ilustrado confrade Isidoro Duarte Santos, com as mais justas homenagens a todos quantos, ontem e hoje, têm sido seus companheiros directos de trabalho e de Ideal.

SALVÉ A GRANDE DATA DE 18 DE ABRIL!

Pela Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, Rio de Janeiro, Brasil,

Deolindo Amorim
Director técnico

O INSTITUTO ESPIRITUALISTA PORTUGUÊS

comemora o centenário com grande entusiasmo

Com uma sala totalmente cheia, o *Instituto Espiritualista Português* comemorou no passado dia 9 de Abril o primeiro centenário do «Livro dos Espíritos» associando-se assim de alma e coração às festas que por toda a parte se realizam em honra de Allan Kardec.

Aberta a sessão, Virgílio Maia, presidente do Instituto, pediu alguns momentos de concentração pelos portugueses que desencarnaram na batalha do 9 de Abril. Todos de pé, voltados para a imagem do Cristo, permaneceram um minuto em profunda concentração, levando pensamentos de amor e conforto espiritual àqueles nossos irmãos.

Dando-se início pràticamente à sessão solene, o pano correu e todos admiraram a ornamentação do palco, no qual sobressaía um pilar tendo ao alto o retrato de Kardec, lindamente iluminado e emoldurado por magnífica coroa de louros; no pilar viam-se escritas as datas de 1804 e 1869, correspondentes ao *nascimento* e *morte* de Kardec. Todo este conjunto admirável deve-se a Virgílio Maia, que, não se poupando a esforços, quis que esta sessão ficasse gravada como data memorável na vida do Instituto.

Virgílio Maia, numa curta mas vibrante alocução, lembrou e elogiou a obra imensa de Hipollite Reivail, por quem todos ali estavam reunidos.

Eis as suas palavras:

«Recorda neste momento o Mundo Espírita a figura proeminente de Allan Kardec.

«Em Portugal — país profundamente cristão — não podíamos nós, iniciados do grande mestre, ficar indiferentes a tão merecido tributo.

«Graças à única publicação entre nós — em condições de o fazer — «Estudos Psíquicos» promete-nos levar a esse Mundo Espírita a manifestação viva da nossa presença nesta hora de consagração de uma data que é seiva das mais fundas raízes dessa Doutrina imperecível que é o Espiritismo Cristão.

E ainda bem que o podemos fazer e, por certo, com dignidade. Seria desolador, injusto, impróprio, até, de nós mesmos, deixar de, na medida do possível, contribuir para a formação desse Mundo de Amanhã que tanto nos prende ao sentimento de o elevarmos ao Belo e ao Divino.

Isidoro Duarte Santos proferindo a sua conferência no Instituto Espiritualista Português

«A dois dos seus mais dedicados confrades, colaboradores nossos nesta obra e nesta casa, incumbiu o Instituto Espiritualista Português de falarem nesta sessão.

«António Cardoso, que é um novo cheio de talento a quem a Causa Espírita deve já serviços importantes e em cujo desempenho tem brilhado pela inteligência, pela cultura e pelo poder de convicção nele tão comunicativo, vai focar o homenageado sob esta faceta: «Kardec e o Espiritismo Contemporâneo».

«D. Ivone de Sousa — a senhora por excelência no escrever e no dizer, na elegância da forma e da distinção, em quem o amor às artes, a paixão à Causa Espírita e a independência de personalidade se identificam numa trilogia admirável, dir-nos-á das «Consequências Morais e Sociais do Espiritismo».

«Ouviremos ainda, e sempre com agrado, Isidoro Duarte Santos — o homem a quem se fica devendo a iniciativa e o brilho da homenagem que está sendo prestada, em Portugal, ao imortal autor do «Livro dos Espíritos».

«Insubstituível neste posto de comando, Duarte Santos é bem, na acepção do termo, o timoneiro desta Nau das Quinas combatendo em mar tormentoso. Vai buscar ao secular monumento da literatura espírita, que é o «Livro dos Espíritos», o fulcro a que o brilho da sua palavra e o poder do seu conhecimento, darão ainda maior realce neste conjunto harmónico e vibrátil.

«Com o que vai ser-nos dado ouvir dos oradores que citamos, se completará a 1.ª parte desta sessão cultural, comemorativa do 1.º Centenário da Codificação Espírita.

«A 2.ª parte será preenchida por números de arte em que colaboram, obsequiosamente, alguns nomes, todos nossos conhecidos, que à Causa da Espiritualidade costumam aliar o brilho da sua sensibilidade artística.

«Finalizaremos com uma «Evocação de Kardec» a realizar em ambiente de elevada concentração, como homenagem máxima ao fundador da Filosofia Espírita. Colaboram o Prof. Ângelo da Costa Cabral, presidente da Ordem Esotérica Iniciática, que declamará «Glória a Allan Kardec», de sua autoria, escrita expressamente para esta cerimónia, e D. Ivone de Sousa, que recitará um soneto de Amaral Dor-

Um aspecto da assistência no Instituto Espiritualista Português

nelas, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier.

«O distinto violoncelista Henrique Fernandes nos enlevará com o poder da sua inspiração artística.

«Julgo termos conseguido, deste modo, alcançar o nosso objectivo, depondo no altar desse espírito iluminado que, entre nós, foi ALLAN KARDEC, o testemunho muito sincero da nossa mais comovida GRATIDÃO».

Depois deu a palavra a António Cardoso, que começou por analisar o período histórico em que Kardec surgiu, no qual tremendas transformações se estavam dando, no campo científico, filosófico e social. Mostrou em seguida como Kardec conseguiu edificar uma doutrina com três facetas distintas — científica, filosófica e moral — e como última parte da sua palestra fez uma análise crítica a certos aspectos profundamente lamentáveis do nosso Espiritismo. Concluindo fez votos para que destas comemorações nasça um Espiritismo novo, como a melhor homenagem que poderíamos prestar a Kardec.

D. Ivone de Sousa, que em seguida subiu ao palco, mostrou na sua breve alocução, a profunda influência que a esposa de Kardec teve na obra arquitectada e realizada por ele. Era ela — disse a ilustre oradora — que lhe dava coragem nas horas sombrias, que lhe dava sujestões, que no momento oportuno com uma palavra, um simples conselho, um breve reparo, o norteava muitas vezes para o verdadeiro caminho, lhe dava em inúmeras ocasiões um sólido apoio moral para lutar continuamente.

Depois de D. Ivone de Sousa, que foi muito aplaudida, subiu ao estrado a alma-viva de todas estas comemorações, o nosso amigo Isidoro Duarte Santos, que durante 20 minutos deu à assistência uma ideia nítida dos antecedentes do «Livro dos Espíritos» e as condições que antecederam a elaboração dessa obra. Começou por fazer sentir aos presentes a profunda cultura de Kardec, que era formado por várias Faculdades.

— E ainda há — salientou o orador — para aí certos críticos que ousam apelidar Kardec de caixeiro viajante...

Mostrou, tal como o havia feito D. Ivone, a profunda influência que sua esposa teve na sua obra, acrescentando que, ajudando seu marido, e ajudando-o a erguer a Obra a plano mais alto, sem o saber a si própria se elevou.

Por fim, Isidoro Duarte Santos fez realçar, com profunda clareza, o espírito investigador do Mestre e o seu imenso amor à Verdade e à Humanidade. «Só assim — disse — com este conjunto de qualidades que caracterizavam Kardec (espírito científico, forte cultura, amor profundo à verdade e ao seu semelhante) lhe foi possível criar ambiente favorável à elaboração do «Livro dos Espíritos» e depois a toda a sua Obra».

Fortes aplausos coroaram as últimas palavras de Isidoro Duarte Santos.

Em seguida o pianista Manuel Brasão e o violoncelista Henrique Fernandes tocaram trechos de música clássica, entre os quais a célebre «Polonaise», de Chopin. Foram belos momentos de prazer espiritual, que a assistência viveu em profundo silêncio.

Virgílio Maia, subindo novamente ao palco, chamou a este todos os representantes dos Centros de Lisboa. Ia iniciar-se a terceira e última parte da sessão solene. Costa Cabral leu então uma «Evocação a Kardec», da sua autoria, evocação vibrante, que galvanizou toda a assistência. D. Ivone de Sousa recitou, com aquela fina sensibilidade que lhe é peculiar, um soneto de Amaral Ornelas, recebido psicogràficamente por Francisco Cândido Xavier, de Amaral Ornelas, de evocação a Kardec, enquanto, entre bastidores, um violino se fazia ouvir numa ária suave e melodiosa. Foram dois momentos de intensa vibração espiritual, que jamais poderemos olvidar.

Outro aspecto da assistência

Sessão Solene

NO GRUPO JESUS CRISTO

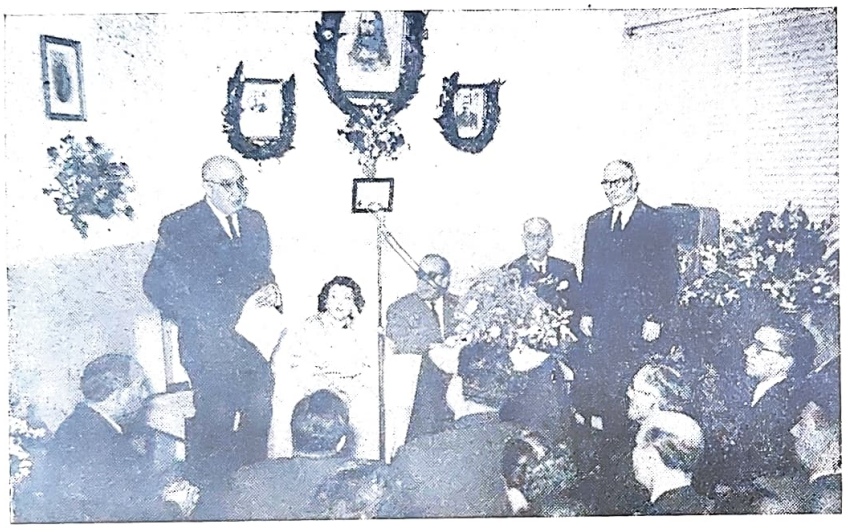
Depois da *Fraternidade Esotérica, Instituto Espiritualista Português, Ordem Esotérica* e *Centro E. Luz e Amor*, coube a vez ao *Grupo Espiritualista Jesus-Cristo* de dar a sua contribuição às comemorações que se estão a realizar em honra de Kardec.

Pela primeira vez fomos ao *Grupo Jesus-Cristo*, que está instalado na rua Quirino da Fonseca (antiga Alves Torgo), num grande salão dividido em três compartimentos: um para sala de entrada, o segundo para gabinete da Direcção e o terceiro, finalmente, para os trabalhos doutrinários.

Chegámos pouco depois das 21 horas e já a sala se encontrava praticamente cheia. Na assistência notámos muitas caras desconhecidas, entre as quais inúmeros jovens estudiosos da Doutrina.

Pelas 21,45 deu-se início à sessão solene, presidida pelo confrade J. Santos Mota, director do Grupo. Na assistência viam-se, entre outros elementos conhecidos, João José Pilar, representando o *Centro E. Luz e Amor*; António Cardoso, do mesmo Centro; Tenente Miguel Afonso, do *Instituto Espiritualista Português*.

Aberta a sessão, o sr. Mota manifestou a sua imensa alegria por ver ali reunidos representantes de todos os Centros de Lisboa, e em perfeita comunhão amigos e confrades de outras casas similares.



Aspecto da Mesa enquanto falava o Dr. Raúl de Carvalho

O Dr. Raúl de Carvalho, que falou a seguir, disse igualmente da sua imensa alegria por colaborar numa festa que reunia tantos irmãos em crença, acrescentando:

— E hoje dá-se o caso de não nos encontrarmos aqui exclusivamente a recordar a gloriosa obra de Kardec, mas também a passagem do Cristo para o mundo espiritual, visto ser Sexta-feira Santa, e também o 1.º aniversário deste Grupo, que no curto espaço de um ano tem feito tudo para difundir a doutrina do Mestre.

O Dr. Raúl de Carvalho leu em seguida a biografia de Kardec, que a assistência escutou com vivo interesse.

Após a sessão que se seguiu, o Confrade Mota voltou a falar, para de novo agradecer a comparência de todos, concluindo com estas palavras:

— O *Grupo Espiritualista Jesus-Cristo*, abraça todos os amigos que aqui estiveram, todos os representantes dos outros Centros, na certeza de que, bem unidos, poderemos e havemos de fazer no futuro algo mais em prol do Espiritismo português.

Depois seguiu-se uma sessão mediúnica em que se obtiveram várias comunicações, uma das quais atribuída ao espírito de Allan Kardec, excelso codificador do Espiritismo.

Um aspecto da assistência

E Psic. - Maio/67

Conferência de Isidoro Duarte Santos

no Instituto Espiritualista Português

E as comemorações continuam...

Dentro deste programa decidiram os Centros de Lisboa apresentar uma conferência que, servindo de valiosa lição aos presentes, abrisse ao mesmo tempo horizontes ainda pouco explorados, pelo menos entre nós.

E quem melhor do que Isidoro Duarte Santos se podia encarregar de tal trabalho? Quem melhor do que a *Alma Mater* das comemorações podia desempenhar-se dessa missão? Quem melhor do que esse verdadeiro apóstolo do Espiritismo poderia ser escolhido? Julgamos que ninguém.

O trabalho que apresentou no *Instituto Espiritualista Português* na noite de domingo, 28 de Abril, foi, sem favor, notável, e pena temos que a assistência não fosse constituida por uma *élite* de intelectuais, para que, apreciando a tese apresentada — «A Criminologia do Ponto de Vista Espirita» — reconhecerem que o Espiritismo é uma doutrina de fortes alicerces digna de ser estudada por todos os pensadores e não uma *grande mentira* (?) tendo à frente o *maluco* (?) de um Kardec, como ainda há bem poucos dias *certo* jornal escreveu...

Subindo ao estrado, Manuel Graça convidou o sr. Hugo Ferreira para presidir à conferência e para secretários o professor J. Francisco Cabrita e António Cardoso.

Começou por justificar a ausência do Presidente do Instituto, mas infelizmente ele não estava em Lisboa, sendo-lhe, portanto, impossível assistir, como seria seu desejo.

Francisco Cabrita, a quem Manuel Graça deu a palavra, após algumas frases de esclarecimento, disse que o orador não precisava de apresentação, pois não havia espirita que não conhecesse o nome e a obra de Isidoro Duarte Santos.

O orador agradeceu as amáveis referências do professor Cabrita e manifestou a sua grande satisfação por estar ali, naquela noite, em comunhão com tantos confrades e amigos. E acrescentou:

— O trabalho que vou apresentar, apesar do seu extraordinário interesse, é bastante complexo. No entanto esforçar-me-ei para o tornar acessível, de forma que toda a assistência possa aproveitar.

E Isidoro Duarte Santos cumpriu inteiramente o prometido. Numa linguagem simples, clara e ao mesmo tempo vibrante e incisiva, conseguiu prender a atenção do publico durante hora e meia aproximadamente. Repetir aqui o que disse é impossível; mas vamos dar uma breve ideia da multiplicidade dos assuntos tratados.

Disse o orador que, ao falar-se de criminologia, se impunha a todos a compreensão do *delito*, sendo necessário defini-lo com exactidão. Assim, chamou-lhe um *fenómeno de atraso na evolução, relativamente a um ambiente adiantado*, definição esta que nos parece muito justa e interessante. Disse também que o Dr. Piepers afirmava que o *delito era a lesão social produzida pelo egoismo da psique humana.*

Afirmou que havia crime, porque havia lei. Se ela não tivesse sido estruturada, a palavra delito não teria razão de existir. A propósito citou a conhecida frase latina: *Nullum crimen sine lege.*

Passando ao estudo da criminologia do ponto de vista espirita, afirmou que ela se baseia no livre arbítrio e determinismo relativo e citou Gabriel Tarde na sua frase: *quanto mais se eleva um organismo, mais escapa às excitações físico-químicas e melhor as dirige para fins convenientes.*

Criticou o chamado livre arbítrio absoluto, dizendo que os juizes modernos ligam grande importância ao ambiente em que o delito foi praticado, aos seus antecedentes e aos caracteres psíquicos do réu.

— Como vai longe o tempo em que os juizes condenavam a frio, sem olhar às atenuantes! Muito se tem progredido, felizmente — disse o orador — visto se terem em conta factores aparentemente insignificantes e algumas penas serem suspensas, para que o delinquente tenha ocasião de se reabilitar.

Citou Ferri, que apontava três factores de delinquência (antropológicas, cómicas e sociais), referindo-se, em pormenor, a cada um deles e aludindo a seguir ao caso dos criminosos hereditários. Ao ouvir as interessantes palavras de Isidoro Duarte Santos, lembrámo-nos de uma garota de 10 anos que há muito conhecemos e que tinha a tentação de roubar, sem qualquer razão justificável. Um dia entrou no nosso quintal, em Mem Martins, e furtou grande quantidade de lírios... Antes de chegar a casa deitou-os fora! Como estes casos são interessantes, dignos de estudo, e como a Criminologia lhes vai dando cada vez maior atenção!

Na sua brilhante exposição, o conferencista tratou de um assunto apaixonante da Criminologia, que tem feito correr mais rios de tinta nas cinco partes do Mundo: a pena de morte. Ainda há pouco vimos esse filme de André Cayatte «Nous Sommes Tous des Assassins», admirável e ao mesmo tempo tremendo líbelo à pena capital. O Espiritismo — como muito bem disse Isidoro Duarte Santos — é contra a pena de morte, essa verdadeira monstruosidade dos nossos dias.

Por último, tratando da chamada *Responsabilidade*, disse que, enquanto a filosofia penal afirma que há delinquentes incorrigíveis, o Espiritismo afirma precisamente o contrário: que todos, sem excepção, se emendam, mais tarde ou mais cedo, progredindo sempre.

Terminou o orador, fazendo votos para que os futuros estudiosos da Criminologia meditassem no assunto.

Eis aqui, em breve apontamento, o resumo do muito que nos disse Isidoro Duarte Santos nessa noite, uma ideia, muito pálida, da magnífica lição que ouvimos.

O professor Francisco Cabrita fez os maiores elogios da exposição, acrescentando:

— Tenho pena de que estas cadeiras não estejam ocupadas por estudantes de Direito! Depois de uma lição como esta, nenhum teria a coragem de não reconhecer a autoridade do Espiritismo neste assunto, como em muitos outros.

E assim terminou parte da gloriosa jornada das *Comemorações do 1.º Centenário do Livro dos Espíritos.*

AS COMEMORAÇÕES DO PRIMEI

A GRANDE FESTA NO CENTRO

Há ainda hoje muito boa gente que quando ouve falar de Espiritismo, imagina os seus adeptos como criaturas soturnas, que têm em cima da secretária uma caveira, que falam por símbolos que só os espíritos entendem, e em casa andam em bicos dos pés e falam baixo para não perturbar os habitantes do Além...

Temos pena que as pessoas que assim pensam não tenham tomado ainda um contacto directo com a nossa actividade, com aquilo que no Mundo, o Espiritismo está realizando, quanto mais não seja por simples espírito de curiosidade. Entrariam convencidos de que iriam ver confirmadas as suas ideias (?) sobre os espiritas, mas sairiam desorientadas, ao verem que os adeptos de Kardec não são *botas de elástico* como pensavam, mas criaturas cheias de alegria — de uma alegria Pura e Sã — de jovialidade, de dinamismo, que não regateiam uma gargalhada no momento oportuno, que não fogem do Sol nem do Ar Livre da montanha ou do vale. Veriam ainda essa onda de dinamismo emanada das mocidades espiritas, desses rapazes e raparigas que de mãos dadas e corações unidos pelo Ideal comum, com um entusiasmo capaz de derrubar todos os obstáculos, dão cada dia que passa, uma contribuição maior à expansão da doutrina.

Por último, temos ainda sincera pena que essas pessoas *entendidas* não tivessem vindo no passado domingo 14 de Abril ao Centro Luz e Amor, à festa realizada em homenagem a Kardec, pelo primeiro centenário do seu «Livro dos Espíritos». Temos realmente desgosto que não tivessem por cá aparecido porque veriam a Alegria que reina nas nossas fileiras, a boa disposição de todos os nossos confrades e o ambiente acolhedor das nossas salas.

A sala principal encontrava-se ornamentada com fino gosto, para o que contribuiram as legendas alusivas ao acto feitas pelo nosso confrade Rocha de Sousa, estudante das Belas-Artes, espírito dinâmico, de grande dedicação à Causa. Entre a assistência vimos muita gente conhecida, deste e de centros congéneres, entre a qual salientaremos Francisco

Isidoro Duarte Santos, rodeado de flores no estrado do Luz e Amor, preconiza a união dos espiritas portugueses

Cabrita, da Fraternidade Esotérica, Virgílio Maia, Presidente do Instituto Espiritualista Português, Ângelo da Costa Cabral, presidente da Ordem Esotérica Iniciática e da Sociedade Portuguesa de Naturologia, D. Ivone de Sousa, Luciano Silva, etc.

Chegámos ao Centro às 15,30 horas — e a festa começou imediatamente. Isidoro Duarte Santos, com aquele dinamismo que sempre lhe conhecemos, e cada vez mais admiramos, subiu ao estrado e depois de saudar todos os confrades presentes, disse que ia começar a grande festa comemorativa do primeiro centenário do «Livro dos Espíritos». E afirmou:

— O programa é muito extenso e por isso não haverá discursos, para darmos maior variedade ao acto cultural. Espero que também não haja sono nem bocejos. Quero que esta festa traga boa disposição e alegria.

O programa abriu com a «Serenata», de Schubert, tocada ao piano pela confrade D. Maria Amélia Rebelo da Silva.

Isidoro Duarte Santos, subindo ao estrado, numa curta palestra de 10 minutos, mostrou não só o profundo significado do acto que ali se estava a comemorar, mas ainda a necessidade de no futuro se trabalhar — mais e melhor — para que a Doutrina pudesse atingir mais largos horizontes. Fez um vibrante apelo à união de todos os Centros, à íntima cooperação de todos os confrades, de todas as boas vontades, de todos que sentissem dentro de si a chama do Ideal e quisessem contribuir para um Espiritismo novo, um Espiritismo melhor. E terminou agradecendo a todos, confrades e amigos, a valiosa e desinteressada colaboração que tinham dado à festa que se estava a realizar.

Vibrante salva de palmas coroou as últimas palavras de Isidoro Duarte Santos, palmas que traduziam agradecimento por tudo quanto tem realizado em prol da Doutrina e incitamento para que nasça, em breve, entre nós um Espiritismo novo, livre de escolhos e algumas arestas.

E. Psiq. — Maio/57

RO CENTENÁRIO DO ESPIRITISMO

O ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Isidoro Duarte Santos foi a alma do certame. Teve, com sua esposa, parte activa na decoração da sala, na elaboração do programa e até, por último, foi o animador da festa, o locutor que anunciou os números e os intérpretes. E fê-lo admiràvelmente, com tal jovialidade, que muitos certamente viram nele o *Artur Agostinho* do *Centro Luz e Amor*...

Seguiu-se um soneto de António Cardoso declamado pelo autor expressamente para aquela festa e intitulado «Invocação a Kardec».

Tivemos o prazer de ouvir em seguida quatro canções do século XVIII cantadas pela distinta aluna do Conservatório D. Maria Fernanda Simões, acompanhada ao piano pela sua ilustre mestra professora do Conservatório e nossa estimada confrade D. Arminda Correia. Cantou: «Minuete», «Chantons des Amours de Jean», «Berger Légère» e «Jeune fillete».

D. Maria Fernanda Simões, canta admiràvelmente «Berger Légère»

António Cardoso voltou a subir ao estrado, desta vez para declamar «O Fiel», do grande poeta Guerra Junqueiro.

Manuel Canaveira, que os assistentes já conheciam de festas anteriores, quis também dar a sua valiosa colaboração. Assim, na primeira parte tocou ao piano a valsa «Rodopiando» e o bolero «Maravilha», ambos de sua autoria.

Para terminar esta parte tivemos mais dois números de canto: «Sedução» e «Joaninha dos Olhos Verdes», de Cruz e Sousa, interpretados por Luís Costa e acompanhados ao piano pela sua professora, D. Ema Cordeiro, nossa estimada amiga, que tem dado, desde a primeira hora, a sua valiosíssima colaboração a todas as nossas realizações artísticas. E como a confirmar o que acabamos de dizer, ouvimos-lhe estas palavras, ao lhe agradecermos a sua actuação:

— Nada têm que agradecer! Estou sempre pronta a colaborar convosco.

Durante o intervalo muitos assistentes foram até às varandas, outros até às outras dependências, e outros ficaram na sala principal escutando Isidoro Duarte Santos em algumas oportunas considerações sobre a influência da Música nos trabalhos de carácter espiritual. Depois de dizer que até os animais apreciam a Música (música no verdadeiro sentido da palavra e não certa *coisa* com acordes desenfreados que nos últimos tempos tanto se ouve), entre os quais a aranha ocupa um lugar à parte, disse ter assistido no Brasil a sessões de voz directa e efeitos físicos em que os espíritos eram os primeiros a tocar boa música na grafonola.

A segunda parte começou com uma ária de Verdi, tocada ao piano por D. Maria Amélia Rebelo da Silva.

D. Ivone de Sousa, que deu também a sua colaboração valiosa na ornamentação da sala, recitou, com aquela perfeição que lhe é peculiar, «A Parábola da Vida», de Ramiro Guedes de Campos, que foi, há alguns anos, num concurso de Jogos Florais da Emissora Nacional, o *Príncipe dos Poetas Portugueses*. Trata-se de uma poesia de profundo significado moral e espiritualista, que todos os leitores deveriam ler e... meditar!

D. Maria Fernanda Simões volta ao estrado, e o mesmo é dizer, volta a deliciar-nos com sua voz fresca e melodiosa. Desta vez interpreta «Sapateia» e «A Saudade», duas canções populares dos Açores. D. Maria Fernanda Simões não é a primeira vez que entra no Centro Luz e Amor. Interessando-se pela parte científica do Espiritismo, assistiu há 4 ou 5 anos às saudosas experiências do Dr. Ramos Pereira no Centro Luz e Amor. Submeteu-se até a uma experiência curiosa; o Dr. Ramos Pereira conseguiu obrigá-la a tocar piano, coisa que em público não é capaz de fazer.

Ela própria nos conta:

— Resisti até ao ponto em que o Dr. Ramos Pereira colocou as suas mãos na minha cabeça. A partir dessa altura, embora continuasse acordada, consciente, perdi todo o «contrôle» da vontade. Se me dissesse que matasse, eu não hesitaria...

Contou-nos um facto curioso também no campo da Quirologia: um quirólogo cujo nome não recordamos, ao ver a mão de sua mãe, disse:

— A senhora terá no futuro graves complicações de estômago e fígado.

À volta para casa a mãe riu-se, dizendo:

— Que disparate! Ainda se falasse dos meus nervos, de que sofro bastante!...

Anos se passaram, salvo erro, 17! A mãe viu-a morrer cancerosa do estômago e do fígado.

D. Maria Fernanda Simões disse-nos ainda, que voltaria a assistir a trabalhos no Centro, agora no Grupo «Ernesto Bozzano».

Depois de Maria Fernanda Simões seguiu-se uma autêntica surpresa para todos nós. Aliás esta festa, como os leitores estão vendo, foi uma caixinha de surpresas, ou antes um caixote, tão grande foi! Jorge Raimundo, sócio dedicado que em festas anteriores tem colaborado sempre com muito agrado, estreou-se nesta como declamador. E, sem sombra de exagero, podemos acrescentar, que a sua actuação foi uma revelação para todos nós. Declamando «A Dor», de Maria de Carvalho, Jorge Raimundo imprimiu tal vibração às suas palavras, *viveu* tão intensamente aquilo que estava recitando, que conseguiu arrebatar a assistência, que no final o premiou com uma quente e prolongada salva de palmas.

Manuel Canaveira interpreta mais dois números de sua autoria: a marcha «Parar é Morrer» e a valsa «Fantasia».

Leonel Santos, outro aluno de D. Ema Cordeiro, sobe ao estrado, para cantar «Mentirosa», de Carlos Canelhas, e «Quatro Paredes». Gostámos de o ouvir, e até notámos — ao repórter nada pode escapar! — que na primeira das canções, a fisionomia de Leonel Santos se mostrou muito, muito sorridente! Como não captámos o pensamento, nem tínhamos a nosso lado nenhum médium telépata, não soubemos a significação exacta daquela expressão...

Mas continuemos! António Cardoso subiu pela 3.ª vez ao estrado, agora para declamar «Se», de Rudyard Kipling, numa adaptação à língua portuguesa por Félix Bermudes. Se todos seguissem os conselhos de Rudyard Kipling, como seria belo o mundo! Haveria mais homens, e menos homúnculos.

Todos conhecem as «Lavadeiras de Portugal», não é verdade? Referimo-nos, claro está, à conhecida canção francesa, que é um hino de louvor ás nossas simpáticas lavadeiras que, apesar das numerosas máquinas de lavar roupa e detergentes, ainda não desapareceram das nossas ribeiras, para alegria dos tradicionalistas e dos poetas. Pois bem: até as «Lavadeiras» quiseram colaborar connosco. E assim, pela voz de Eduardo Ribeiro, também aluno de D. Ema, que o acompanhou ao piano, mais uma vez tomámos contacto com as gentis moçoilas que tornam a roupa *mais branca*... Eduardo Ribeiro cantou ainda «Um poco mas...».

Um aspecto da assistência no Centro Espiritualista Luz e Amor

Mais um curto intervalo e eis-nos na 3.ª e última parte. Começa, como as anteriores, com um trecho ao piano, tocado pela nossa incansável confrade D. Maria Amélia Rebelo da Silva.

D. Maria Fernanda Simões volta a cantar e a deliciar a assistência. Cantou cinco trovas de Francisco Lacerda: «Desde que os cravos e rosas...», «É ter arte não falar», «Quero cantar, ser alegre», «Amar, mas saber amar» e «Nem morreu nem acabou».

Mais uma surpresa. Trata-se de David José, um estreante no *Centro Luz e Amor* e que actuou em número extra-programa. Recitou com verdadeira alma de artista, tendo empolgado a assistência. Ouvimo-lo no «Clarim de Napoleão», poesia que nos pareceu deslocada, numa poesia de António Boto e ainda em «Sorte Grande». Fazemos sinceros votos, para que David José volte, volte muitas vezes a esta casa, pois é sempre com imenso agrado que o escutamos!

Duas belas canções ouvimos em seguida: «Romanza», da opereta *Colete Encarnado* e «Sole é mio», de Capri, cantadas por Carlos Alves.

Manuel Canaveira subiu pela 3.ª vez ao estrado, agora para contar algumas anedotas, uma das quais em verso.

António Cardoso declamou em seguida «O Protesto dos Mortos», da sua autoria.

Mário Moutinho cantou depois «Á Riverderci Roma», de Fascel, e «Mamma», canção italiana de Bixio. Quando Isidoro Duarte Santos anunciou estas duas canções, um murmúrio de satisfação se ouviu entre a assistência. É que ambas são de tal forma melodiosas, que nunca nos cansamos de as ouvir. Quando ouvimos «Á Riverderci Roma» sentimo-nos sem querer transportados à cidade eterna, sentimo-nos nas suas artérias, junto aos seus monumentos, entre o seu povo, ouvindo a sua voz cantante, deliciando-nos com as suas romanzas. E sentimo-nos abalar com uma saudade, grande saudade, a ferir a nossa alma.

Jorge Raimundo subiu pela 2.ª vez ao estrado, para contar algumas anedotas. Manuel Canaveira tocou em seguida a valsa «Meu filho», da sua autoria, e contou ainda mais algumas anedotas.

Isidoro Duarte Santos disse que a festa ia terminar! Agradeceu a todos os colaboradores e pediu um momento de concentração, enquanto ao piano D. Maria Amélia Rebelo da Silva tocava a «Avé Maria», de Schubert.

Cá fora, acariciados pelo ar fresco da noite, sentimo-nos alegres e confiantes: alegres, pelo brilhantismo desta bela jornada do *Centro Luz e Amor*; e confiantes de que estas comemorações, que se estão a realizar em todos os Centros de Lisboa, sejam o início de nova fase na história do Espiritismo Português.

Quanto puderes

Quanto puderes, não te afastes do lar, ainda mesmo quando te pareça inquietante fornalha de fogo e aflição.

Quanto te seja possível, suporta a esposa incompreensiva e exigente, ainda mesmo quando surja aos teus olhos por impecilho à felicidade.

Quanto estiver ao teu alcance, tolera o companheiro áspero ou indiferente, ainda mesmo quando compareça, ao teu lado, como adversário de tuas melhores esperanças.

Quanto puderes, não abandones o filho impermeável aos teus bons exemplos e aos teus sadios conselhos, ainda mesmo quando se te afigure acabado modelo de ingratidão.

Quanto te seja possível, suporta o irmão que se fez cego e surdo aos teus mais elevados testemunhos no bem, ainda mesmo quando se mostre inexcedível representante do egoísmo e da vaidade.

Quanto estiver ao teu alcance, tolera o chefe atrabiliário, o colega leviano, o parente desagradável ou o amigo menos simpático, ainda mesmo quando escarneçam de tuas melhores aspirações.

Apaga a fogueira da impulsividade que nos impele aos actos impensados ou à queixa descabida e avancemos para diante arrimados à tolerância, porque se hoje não conseguirmos realizar a tarefa que o Senhor nos confiou, a ela tornaremos amanhã, com maiores dificuldades, para a necessária recapitulação.

Não vale a fuga que complica os problemas ao invés de simplificá-los.

Aceitemos o combate em nós mesmos, reconhecendo que a disciplina antecede a espontaneidade.

Não há purificação sem burilamento, como não há metal acrisolado sem cadinho esfogueante.

De Braços Abertos

A Isidoro Duarte Santos, abnegado director da revista portuguesa *Estudos Psíquicos*, «mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro».

Vens à Pátria de Castro Alves?
Vens conhecer o Brasil?
Contempla nossas paisagens!
Este belo céu de anil!

Vê como são deslumbrantes
Nossos campos! Vê, irmão,
Como tudo aqui é belo
E nos fala ao coração!

Vê nossos mares e rios,
Nossas fontes e cascatas!
Hás-de ficar encantado
Quando vires nossas matas!

Somos muito semelhantes
Aos filhos de Portugal:
Somos poetas e temos
N'alma a chama do Ideal!

Nossos jardins se engalanam
De flores, enquanto aqui
Tu estiveres e as aves
Cantem em torno de ti...

Com os braços bem abertos
Te recebemos, irmão!
Dize ao povo português
Que o temos no coração!

Baía, 1955

PAULO ALBERTO

A educação é obra de sacrifício no espaço e no tempo e, atendendo à Divina Sabedoria — que jamais nos situa uns à frente dos outros, sem finalidades de serviço e reajustamento, para a vitória do amor, — amemos nossas cruzes por mais pesadas e espinhosas que sejam, nelas recebendo as nossas mais altas e mais belas lições.

Emmanuel

ALLAN KARDEC

e o Espiritismo contemporâneo

Por Antonio Cardoso

Cem anos se passaram após Kardec ter apresentado ao mundo uma obra, uma obra de tal forma importante, que jamais poderá ser esquecida pelas gerações vindouras. À medida que o tempo decorre, a admiração que se vai tendo por esse Homem aumenta também, por esse verdadeiro iluminado que, não dispondo de quaisquer *ferramentas* já existentes, apenas servindo-se da sua cultura, inteligência e espírito de discernimento excepcional, conseguiu edificar, em bases sólidas, os alicerces de uma doutrina, os alicerces do Espiritsmo. Poderá dizer-se que Kardec teve a ajuda dos irmãos do Alto. Sem dúvida que eles o ajudaram muito, incitando-o à luta, dando-lhe coragem nos momentos nevrálgicos, transmitindo-lhe preciosas intuições; mas também não é menos verdade que antes dele muitos outros foram ajudados pelo Alto e não fizeram o que ele fez. Mais uma vez se cai portanto no chamado *ovo de Colombo:* podiam ter feito... mas não fizeram! E Kardec fez! Fez, num golpe de génio, no curto espaço de uma vida terrena, a edificação de uma doutrina, de características absolutamente diferentes daquelas que até essa altura haviam surgido, de uma doutrina que desde a sua codificação até aos nossos dias tem resistido a todos os ataques, a todas as perseguições, a todos os ventos contrários, uma doutrina que cada dia se apresenta mais sólida, mais resistente, e cujo número de adeptos cresce, cresce ininterruptamente...

Kardec foi no seu tempo um Génio, e mais do que isso, um Herói! É que Hypolite Rivail surgiu precisamente numa altura da História em que uma tremenda revolução se estava dando no domínio das Ideias, no campo científico-filosófico e social. Kardec surgiu em plena era do Racionalismo, numa altura em que os homens, fartos de serem enganados pelas religiões, fartos de serem espezinhados pelos grandes senhores, fartos de viverem na miséria, enquanto uma minoria continuava na opulência, gritavam a peito nu:

— Fora com os dogmas! Fora com as velharias! Fora com os exploradores! Só a razão, a lógica, o racionalismo devem comandar os nossos actos, devem servir de bússola à nossa vida.

E neste virar da História assistimos ao florescimento da Ciência, à época da dissipação das trevas, à época em que o pensamento positivo dominava os intelectuais. No campo filosófico surge-nos um Luís Buckner com a sua «Força e Matéria», e tantos outros, que, influenciados pelo positivismo da época, dão-nos filosofias do mais puro materialismo. No campo social aparece quem apresente novos sistemas de vida. Pouco depois surge Kardec, esse homem de ciência que, movido pelo espírito científico, decide estudar certo número de factos estranhos e aparentemente inexplicáveis, de que ouvira falar. Assistiu, como tantos outros tinham feito, a uma vulgar sessão de mesa-de-pé-de-galo, mas ao contrário dos outros que terminada a sessão não mais pensavam no assunto, Kardec pensou, e desde o início teve a plena certeza de que aquilo que ia estudar era de tal forma importante que poderia trazer modificações tremendas ao Homem, em todos os seus aspectos. Kardec estudou profundamente, não servindo-se de *ferramentas* alheias, que como já disse não existiam, mas apenas de si, das suas possibilidades, aliás imensas. Kardec estudou, investigou e por fim apresentou ao mundo uma nova Doutrina, não uma doutrina religiosa, não uma doutrina que continuasse a separá-los e a permitir a continuação de explorados e exploradores, mas uma doutrina que tocando várias facetas, não ia chocar nem com os postulados científicos, nem com a época racionalista florescente, nem tampouco com as novas concepções sociais que estavam surgindo. Kardec sevindo-se da ciência, daquela mesma ciência a que os homens cada vez mais se agarravam, pôde mostrar que a *morte,* aquilo a que é vulgar chamarmos morte não existe. Mas ele não apresentou esta afirmação como um dogma. Kardec disse que todos podiam confirmar este facto, e indicou os meios e métodos de trabalho necessários para atingir-se esse fim. Mostrou ainda que o homem possui um certo número de sentidos ou faculdades desconhecidas da maioria, classificou-os, interpretou-os e igualmente indicou os meios deles poderem ser experimentalmente verificados. Passando ao campo filosófico Kardec tentou fazer uma filosofia espiritualista, aquilo a que os modernos chamam uma filosofia em que Deus surgisse não como um ser antropomorfo, como as religiões o fazem, mas como o Ser coordenador de toda a Humanidade Universal. Mas Kardec, que se ficasse por aqui já teria feito um trabalho gigantesco, quis ir mais longe. E foi: entrou no campo moral, e aí derrubando preconceitos, erros e dogmas instituiu uma ética nova baseada em novos postulados, uma moral em que as palavras AMOR e CARIDADE, esta não como sinónimo de «caridade» vulgar mas no seu mais profundo significado (caridade no sentido de Justiça) surgiam a cada passo; uma moral que era compreendida por todos, letrados e incultos, uma moral que só não era sentida por aqueles cujo coração se encontrava empedernido por interesses inconfessáveis. Kardec, com o «Evangelho Segundo o Espiritismo», pretendeu talvez, entrando numa 4.ª faceta, mostrar que suas ideias não estavam em desacordo com os chamados Livros Sagrados, e portanto com aqueles que pretendiam seguir tais livros. Que a Bíblia serve para tudo, até para pseudo-demonstrar que a alma desaparece com a morte, como fazem actualmente os adventistas; mas não resta dúvida que Kardec conseguiu com brilho desempenhar-se admiràvelmente desta sua espinhosa missão.

Apresentado sob esta forma, o Espiritismo colheu adeptos, quer entre os humildes, quer entre aqueles que estavam ávidos de justiça social, que pretendiam algo, mas algo sólido a que se pudessem agarrar, quer

entre os intelectuais da época. As experiências iniciaram-se, multiplicaram-se até quase ao infinito, aumentando cada vez mais o interesse pela Doutrina.

Cem anos se passaram! E agora que festejamos esta data cabe perguntar: terá o Espiritismo cumprido *inteiramente* as normas, a orientação dada por Kardec? Terá o Espiritismo actual seguido as pegadas do mestre francês? Terá a Doutrina pelo menos em certos países seguido escrupulosamente no campo experimental a metodologia científica imposta pela Ciência e defendida por Kardec?

O Mestre afirmou: «O Espiritismo ou será científico ou não será coisa alguma» e «É preferível rejeitar 99 fenómenos verdadeiros do que aceitar um falso». Quem sabe até se estas suas frases foram ditas profèticamente como que em aviso aos espiritas vindouros, suspeitando que eles haviam de deturpar o Ideal, como infelizmente está sucedendo?...

Cem anos se passaram! E agora, que em toda a parte Kardec é evocado e a sua Obra justamente elogiada, parece-me ocasião, melhor do que qualquer outra, de, revendo o caminho percorrido, corrigir dificiências, limar arestas, acabar radicalmente com certas incongruências, levar a Luz onde existe a ignorância, impor o método onde existe a desordem, numa palavra: fazermos, como um detergente, desaparecer certas manchas que pretendem ofuscar a luz brilhante e cada vez mais forte do Espiritismo.

Tenho a certeza que nesta altura em que se comemoram cem anos de Espiritismo — cem anos de cultura... espirita — Kardec, no alto plano em que se encontra, observando todos os nossos actos, apreciará mais do que todas as nossas palavras em seu louvor, um Espiritismo novo, limpo de todas as manchas, um Espiritismo vivificante que seja a concretização plena da sua doutrina científica, filosófica e moral.

Será essa, no meu entender, a melhor homenagem que prestaremos a Kardec.

VEM E AJUDA

Por AUTA DE SOUSA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,
Os romeiros que seguem, vida fora,
Padecendo aflição e desconforto.

Infortunados náufragos sem porto,
Tristes, rogando a paz de nova aurora,
Levam consigo a dor que clama e chora
Sob as chagas do peito quase morto...

Não te detenhas!... Vem, socorre e ajuda
A multidão que passa, inquieta e muda,
Implorando-te amor, consolo e abrigo!...

Reparte o pão que te enriquece a mesa,
Estendendo o teu horto de beleza,
E o Mestre Amado habitará contigo.

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

VOCÊ É CIVILIZADO?

Por TITO L. BANCÉSCU?

(correspondente em Rosário - Argentina)

É arriscado perguntar ao próximo se é civilizado. Parece que a civilização é património de toda a gente, visto que toda a gente se julga no cume da moderna civilização. Para nós, civilização é sinónimo de cultura, de perfeição.

Um homem civilizado é um ser que se acha, pràticamente, ao nível do vocábulo. Primeiro, não tem inimigos, porque durante a vida conseguiu evitá-los. Foi um ser que respeitou os direitos dos semelhantes. É que o homem civilizado não faz aos outros o que não quer que lhe façam. Busca sempre entendimento.

Quando encontra semelhantes incapazes de compreendê-lo afasta-se deles convencido de que não é possível modificar de um instante para outro o nível moral ou espiritual dos que se encontram em estado deplorável, simplesmente porque não quiseram ou não puderam beber na fonte do conhecimento.

O homem civilizado não se forma nos institutos educativos, nem tão pouco nas universidades. Cada qual é artífice da sua própria estrutura moral e espiritual.

O homem civilizado derruba primeiro os obstáculos que jazem no fundo da sua personalidade. A erudição não lhe pode valer. O erudito é geralmente um cidadão em condições de captar e reter com facilidade os pensamentos alheios, ao passo que o homem civilizado no mais amplo sentido sabe que a luz civilizadora emana do seu íntimo, aliás continuará a ser um mortal adornado com penas de pavão.

Repetir lugares comuns não é ser possuidor de conhecimentos. O homem original é aquele que refunde os problemas gastos e cria outros como síntese dos primeiros, abrindo perspectivas e rumos às ciências, artes, filosofias, técnicas, indústrias, etc. É o seguidor de novos períodos na história, para a qual contribui. É uma nova consciência que se desenvolve em novos planos de vida. Busca horizontes destinados às novas gerações que se alimentam de postulados tendentes à renovação da vida individual e colectiva.

TRÊS DESENCARNES E TRÊS SAUDADES

Por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova Iguaçú)

Um cartão de 21 de Janeiro, de confrade dos mais dignos que temos conhecido, diz-nos textualmente... «o nosso muito querido Erasmo Porangaba desencarnou no dia 17, às 14 horas; D. Adelaide, nesse mesmo dia, às 18 horas; ambos terminaram a tarefa no mesmo dia com a diferença apenas de 4 horas um do outro. O Espiritismo aqui, em Maceió, entrou, portanto, com o pé esquerdo no ano de 1957...».

Duas amizades boas e dois médiuns de que falamos em nosso «Ide e Pregai» e «Caravana da Fraternidade»...

O Erasmo, da última vez que nos visitou no Lar de Jesus, em 9 de Março de 1953, ficou para pernoitar connosco e, manhã cedo, em cima da perna, e ainda na cama, elaborou este soneto:

FLORAÇÃO

A Leopoldo Machado, ao visitar o Lar de Jesus

Glorioso envelhecer o deste amigo!
Chegando à curva extrema do ca-
[minho,
Como o ipê, se engalana, embora
[antigo,
Em floração de bençãos e carinho.

O «Lar» — o grande ideal que traz
[consigo,
É um oásis no mundo em torvelinho.
Escola de verdade, luz e abrigo,
Para a alma implume simboliza um
[ninho.

Esta, a sua vitória merecida,
No milagre de amor, que inda
[subsiste,
Na firmeza da fé não desmentida.
E como um velho tronco, reverdece:
Ao invés de tombar, exangue e
[triste,
Se multiplica em flor, em fruto, em
[messe.

Nova Iguassu, 9-3-53

Quando foi da nossa passagem por Maceió, tratámos de sua cooperação nas duas reuniões da casa de D. Adelaide. Da segunda vez, tal a sua maleabilidade mediúnica, que chegámos a escrever no «Caravana da Fraternidade» o que foi a comunicação da Marília, por ele:

«O primeiro a chegar é o Bezerra de Menezes. O Erasmo encorpora-o. O grande Espírito improvisa magnífica apologia à Paz. E fala sobre a natureza e finalidade da Caravana, terminando com emotiva prece. Surge, então, aos olhos do grande médium, uma linda criança, desfraldando um lábaro com o distico, «Paz e Fraternidade».

Veio a Marília, muito emotiva, pelo Porangaba.

Ela, em tudo, efectivamente.

E disse: «Deus permitiu que também viesse ao vosso encontro. Só a presença de meu companheiro entre vós justifica a minha permanência ao vosso lado». E sua comunicação desborda por aí afora, alongando-se, doutrinária e bela, para terminar assim: «A verdadeira felicidade está na unificação dos Espíritos, nas tarefas do Bem».

Tivemos ainda cartas suas, descrevendo fenómenos extraordinários de materialização a que assistira. E, passando pelo Rio, da última vez, já enfermo, escreveu-nos, agradecendo a apresentação que fizemos a velho confrade e amigo de S. Lourenço. Nunca mais nos deu suas notícias! Nem o sabíamos enfermo em caso de morte.

De D. Adelaide dissemos no «Caravana da Fraternidade»:

«Foi o médium vidente mais extraordinário que já conhecemos, conforme pusemos no nosso «Ide e Pregai».

Dez anos depois, de passagem por Maceió, encontrámo-la com melhores faculdades mediúnicas.

Foi na tarde de 9 de Novembro, que nos recebeu — a nós e aos companheiros da Caravana da Fraternidade, na sala de refeições de sua residência. Connosco, os irmãos alagoanos: Fernando Malta, de quem éramos hóspedes; D. Noéme Barbosa, directora do Grupo Escolar, António Pombo e outros.

Fomos esperando algo...

Mal sabíamos, entretanto, que nos seriam servidas iguarias espirituais das mais finas e saborosas. Iguarias, ou flores celestiais despetaladas sobre nós, por irmãos queridos da Caravana invisível, através da mediunidade de D. Adelaide.

Tratava-se, apenas, de uma visita ligeira, alegre e fraterna. Assim, não houve nenhuma preparação natural, nem a concentração exigida nas sessões espíritas normais.

Conversas sobre o programa da véspera e troca de impressões sobre o primeiro contacto da Caravana com os irmãos alagoanos.

Diz-nos, então, a médium:

— D. Marília esteve lá, a seu lado, durante a conferência. Veio até mim, sorrindo, abraçou-me, dizendo que já me conhecia...

E noutro tom, comovida:

— Muito satisfeita, está chegando agora com sua mãe uma velha simpática, D. Luisa Ferraz de Almeida, a Mãe Iza da família e sua grande amiga, com D. Maria Gon-

QUE AS AMARGURAS SE TRANSFORMEM EM LUZ

Paz em Jesus! Paz, compreensão da alegria e do sofrimento! Paz, consciência do que em nós é eterno — o espírito — que existe antes e depois da matéria! Paz, entendimento do porquê das coisas! Paz em Jesus!

Só assim poderás ser feliz, isto é, reconhecendo que é a alegria inconsciente dos outros que te faz ver as sombras de tristeza em torno de ti. Essa é a marca de tua actual vida terrena. Precisas de compreendê-lo cada vez mais e serás feliz, principalmente se alguém a teu lado o compreender também.

As agremiações não têm os seus distintivos? E esses distintivos não representam os símbolos menos atraentes, mas, por isso mesmo, mais verdadeiros? A cruz de sangue não representa a Cruz Vermelha? E a serpente venenosa não representa a arte de curar? O distintivo dos que se reunem nas agremiações do BEM é o sofrimento, desde que seja compreendido como redenção e serviço. Assim como a cruz de sangue se projecta sobre campo branco de bondade e pureza, o sofrimento como símbolo de trabalho na senda deve projectar-se sobre o sentimento de espiritualidade.

Avante, pois. Que as amarguras se transformem em luz para a tua jornada. Que tenhas força para não maldizê-las. Que encontres quem comungue contigo por motivos idênticos, são os votos de teus amigos de cá, nesses belos instantes em que na Terra se comemora o nascimento de Jesus! Que Ele dê força a todos para carregar cada um a sua cruz, inspirados sempre no seu exemplo de caridade e amor. Paz, querido irmão em Jesus, paz!

(Mensagem de «Lia», recebida pelo Marechal Mário Travassos em 25-12-1956)

çalves Duarte Santos, esposa de seu grande amigo de Lisboa, sr. Isidoro, e de seu irmão, Anísio Almeida, que é muito seu amigo.

— Todos, gente muito de meu coração. Nem sei como agradecer a Deus e a eles tantas graças.

— D. Marília diz que assistiu às palavras no acto de seu enterramento. Principalmente as do sr. Amadeu Santos. Gostaria que você tivesse falado.

* * *

Outro desencarne que soubemos, alhures, foi o de Rosália Sandoval, a ilustre poetisa alagoana. Conhecemo-la pessoalmente durante uma palestra que fizemos no Centro Espirita Discípulos de Samuel, *um domingo, pela manhã.*

— Como? A senhora, a Rosália Sandoval, que tanto conhecemos de fotografia?

— Eu mesma. Mas o senhor conheceu uma Rosália Sandoval jovem, forte, gorda e até bonita. Hoje, velha, acabada, doente...

Visitou-nos, depois, com o J. B. Chagas, no Lar de Jesus. *Correspondemo-nos até ao seu desencarne.*

Um dia, escreveu-nos que gostaria de dirigir uma casa como o Lar de Jesus. *E do* Abrigo Jesus, *de Belo Horizonte, recebemos um pedido na mesma época para arranjar essa pessoa rarissima, por que tão difícil de encontrar, para dirigir bem tais obras. Aproximámos Rosália Sandoval do* Abrigo Jesus. *Em* lua de mel *com a sua nova função, escreveu-nos que deparava na Terra o pedaço do Céu em que se encontrava... Foi curta a sua gala nas funções novas... Tivemos, depois, carta sua e de directores do* Abrigo *sobre o seu afastamanto. Mas não se afastou, felizmente, da nossa velha e grande estima. A sua última cartinha, íntima e fraterna, dizia-nos que já não dispunha de saúde e disposição para tanto. Agradecia-nos um livro que lhe mandáramos, dizendo: «Gostei muito do* Pierino Gamba *e seu autor é autor que se impõe à nossa simpatia. Quando for publicado livro dele, pode mandar-me um exemplar... Parece que escolhi mal a ocasião para escrever, pois a mão está sem muita disposição para isto. E o cérebro igualmente. E suas* Memórias Baianas? *Fraternalmente, Rosália...».*

Sucede que os três Espíritos libertos da carne, aqui recordados, são de Alagôas.

O Grupo Espirita Amor e Caridade

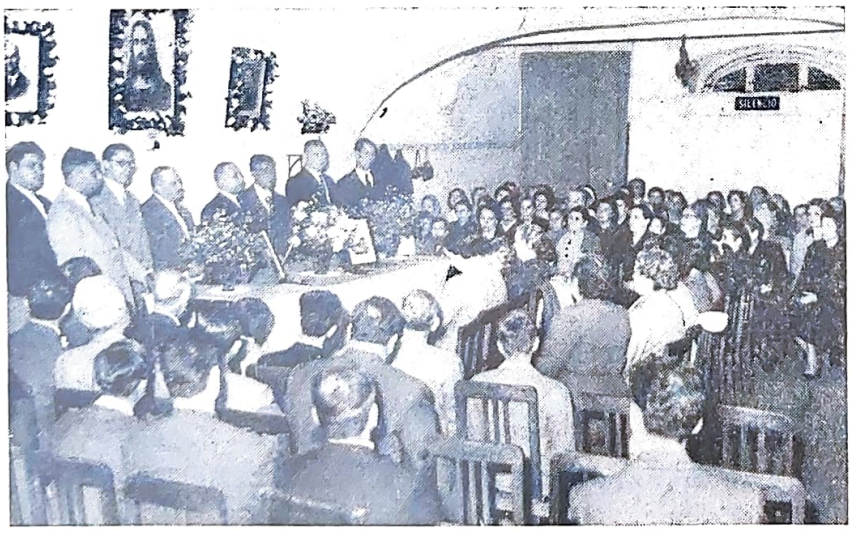
integrado nas comemorações

E as comemorações continuam! Agora coube a vez a um dos mais antigos Centros da capital, que conta 38 anos de existência, quase meio século de luta por um nobre Ideal.

E assim, neste maravilhoso domingo, 21, cheio de sol e de perfume primaveril, deslocámo-nos ao número 23 da rua de S. Bento para assistirmos à sessão solene que lá se ia realizar. Na assistência, no meio de muita cara desconhecida, viam-se alguns sócios do *Centro Luz e Amor* que quiseram assim contribuir também, com a sua presença, para esta sessão. Entre eles salientamos os nossos bons amigos Jorge Raimundo e Manuel Alves.

Aberta a sessão, foi a presidência dada ao nosso director Isidoro Duarte Santos, como Presidente da Assembleia Geral daquela instituição. Secretariaram-no, entre outros, D. Ivone de Sousa, António de Carvalho Rasteiro e ainda António Cardoso. Isidoro Duarte Santos definiu em termos claros os objectivos daquela sessão, fazendo votos para que dela saísse qualquer coisa de novo em prol do Espiritismo português.

Um aspecto da Mesa que presidiu à sessão



Um aspecto da Assistência

Deu depois a palavra a D. Ivone de Sousa, referindo-se em termos muito elogiosos à sua pessoa, quer como escritora, conferencista ou artista. A ilustre oradora, depois de agradecer as amáveis palavras do presidente da mesa, disse que não tinha ido ali preparada para falar, mas apenas para ouvir; mas já que lhe haviam dado a palavra, não queria deixar de dizer alguma coisa aos presentes, muito especialmente às senhoras que ali se encontravam. Afirmou que uma doutrina, para poder progredir, atingir largos horizontes, tinha que ter o apoio e a ajuda da Mulher. Ora o Espiritismo, o Ideal que todos abraçamos, não podia fugir à regra. Competia pois a todas as senhoras colaborarem com a Obra, darem o melhor da sua inteligência e esforço à Causa comum. Referiu-se ao trabalho apresentado pelo nosso companheiro António Cardoso no *Instituto Espiritualista Português*, dizendo que as críticas por ele feitas a certos aspectos do Espiritismo Português eram plenamente justas, e fazia agora votos, que com a ajuda preciosa da Mulher e de todas as boas vontades reunidas, surgisse algo de novo, algo que pudesse contribuir para um maior e melhor Espiritismo. E após uma breve concentração fez os sinceros votos para os maiores triunfos do Ideal entre nós.

António Cardoso que a seguir usou da palavra, começou por analisar a época em que Kardec surgiu, época em que profundas transformações se deram em todos os sectores do pensamento humano. Kardec surgiu numa altura da História em que intelectuais e humildes procuravam algo de novo que lhe saciasse a sede de Verdade. O orador mostrou como Kardec, servindo-se exclusivamente da ciência que aprendera, dos conhecimentos que adquirira, pôde construir, em tão curto

E Psíq. - Maio/57

O OPTIMISTA

O optimista vê tudo fácil.

Vê tudo ao alcance da mão!

Do seu espírito cheio de entusiasmo só brotam sentimentos nobres e generosos.

O optimista não vê dúvidas nem dificuldades. Só vê o trabalho continuado e ininterrupto.

Todos os que triunfam na vida, seja em que escala for, é porque se impregnaram de optimismo.

Quem é optimista na existência tem no íntimo uma força oculta e poderosa que nunca o abandonará e um aliado fortíssimo que o não atraiçoará.

O optimista é sempre demolidor de quaisquer dúvidas e dificuldades, e vai à frente em todas as empresas altruistas e generosas.

Assim, em todos os tempos de indecisões e vacilações, vemo-lo seguir imperturbável na rude tarefa, sem desfalecer jamais.

Porque o optimista é um ser inteiramente impregnado de fé no trabalho.

E por isso nunca vacila em suas empresas.

E por isso triunfa sempre...

FELICIANO CAL

espaço de tempo, uma doutrina tão perfeita como é o Espiritismo, uma corrente de pensamento que apresenta três facetas (científica, filosófica e moral), que reunidas formam um todo homogéneo. Entretanto na 2.ª parte do seu trabalho, António Cardoso, disse que o Espiritismo, vendo na mocidade uma das suas maiores fontes de utilidade, tem dado grande impulso à formação do maior número de Juventudes Espiritas, que, plenamente conscientes do seu papel, sabendo o que querem e para onde vão, têm tido acção de grande relevo na expansão da doutrina. Concluindo fez votos pelo nascimento duma mocidade espirita entre nós, que contribuisse também para a formação dum novo Espiritismo em Portugal, como a melhor homenagem que neste momento se prestaria a Kardec.

António de Carvalho Rasteiro falou em seguida, tecendo rasgados elogios à obra de Kardec, que é não o Mestre francês, mas o Mestre Universal, visto a sua doutrina ter chegado aos quatro cantos do planeta. Contou depois a história de um homem (que não era mais do que a história de si próprio), que depois de ver os erros das Religiões, depois de julgar que só no materialismo encontraria a Verdade, descobriu uma Luz que lhe abriu novos horizontes, que lhe mostrou o porquê da Vida, que o tornou imensamente feliz. E é essa Luz — o Espiritismo — que hoje ilumina toda a sua existência e lhe faz sentir mais admiração pela gloriosa figura de Allan Kardec.

Falou em seguida a *alma* de todas estas comemorações, a *alma* de todas estas sessões, que tanto tem contribuído para que uma seiva de vitalidade corra por todos os Centros, e para que profundos laços de amizade os una agora ainda mais fortemente. O seu nome quase não precisaríamos de o citar, pois todos os leitores já sabem de quem se trata: o nosso incansável Isidoro Duarte Santos, que parecendo que o tempo não passa por ele, sente-se cada vez mais jovem, com mais energia, com maior dinamismo para trabalhar pelo Ideal, para fazer mais e melhor pela Causa. O nosso Presidente, durante meia hora, fez algumas considerações sobre um tema de todos os dias, banal e complexo ao mesmo tempo: «O Espiritismo e o Progresso», e fê-lo com aquela linguagem clara, isenta de frases retorcidas, e com aquela espontaneidade que todos sinceramente admiramos! Entre os inúmeros problemas que tratou, referiu-se a este: pode o homem embaraçar o progresso? Como resposta, o orador referiu-se à que obtivera Allan Kardec, quando interrogou os espíritos sobre este mesmo tema. Disse que os homens podem, temporàriamente, embaraçar o progresso — mas ai deles! — em determinada altura serão levados pela torrente que pretendem deter; quando um povo se atrasa na marcha, quer por haver forças reaccionárias, quer por outras circunstâncias, surgem abalos que o impulsionam e transformam. Noutro ponto da sua bela lição referiu-se à força expansionista do Espiritismo, que apesar de ter contra ele muitos ventos contrários, progride sempre, levando a Luz onde só existia escuridão. Foi, em resumo, uma bela lição que todos escutaram com interesse.

Finalmente, o nosso confrade João Oliveira Melo, Presidente do *Grupo Amor e Caridade*, depois de agradecer a presença dos confrades que o antecederam, fez uma prece pelos presentes e ausentes, acompanhado por música apropriada. Foi um belo momento este, em que todos nos sentimos em comunhão espiritual com os nossos amigos do Alto.

E foi assim, que mais uma sessão terminou, em homenagem Àquele por quem todos devemos o poder afirmar a plenos pulmões: a morte não existe!

ALLAN KARDEC E NIETZSCHE

Por REMO FEDI

Neste infeliz momento histórico em que todos os espíritos têm, mais ou menos, sofrido rudes provas, aquele a quem interessam os problemas do espírito sofre mais que todos, observando amargamente o caminho involutivo que a civilização percorre em fatal decadência. Assim, não podemos olvidar o nome de dois chefes perfeitamente antagónicos. Allan Kardec, o apóstolo do Espiritismo na sua moderna fase, e Frederico Nietzsche, o célebre fundador duma «aristocracia radical da vida», conducente à teoria do *Super-homem*, do *Uebermensch*.

Não queremos cotejar a obra dessas duas personagens, mas definir a oposição entre o carácter ético-social dos ensinamentos dados aos povos por cada um deles.

Para o fundador do Espiritismo existe no universo uma lei de evolução espiritual de todos os seres, lei cuja existência é admitida em princípio pelos diferentes esoterismos religiosos e de modo especial pelo Bramanismo-Budismo e pelo Druidismo dos Celtas.

Não há dúvida de que um dos grandes méritos do Kardecismo foi colocar a lei do Karma no campo da racionalidade e do naturalismo, procurando eliminar a obscuridade em que o Hinduismo a encerrara.

A beleza da doutrina espírita encontra-se na sua extrema simplicidade, pois ensina a existência de uma só lei de aperfeiçoamento dos seres e uma só ordem de progresso e evolução. O que interessa assinalar para os fins do nosso estudo, é que, na citada doutrina, o elemento mais importante é o dever de obediência à lei moral, para que se atinja a perfeição espiritual, de que resulta uma igualdade de deveres e de direitos.

Segundo Allan Kardec, não existem nem podem existir seres privilegiados no universo, mas apenas seres que atingiram um grau de evolução mais ou menos elevado.

Para ele é inadmissível (como deveria sê-lo para todos os que raciocinam) que haja seres votados à felicidade ou à desgraça. Se Deus não é uma palavra vã, o universo só pode ter uma finalidade boa, conforme às leis vitais. E como ao bem se junta a alegria e o prazer (no seu sentido mais elevado), acredita-se racionalmente que todos os seres chegarão a reconhecer a verdade e a obedecer-lhe, numa palavra, a tomar parte no banquete solene do Espírito.

Por outro lado, os ensinamentos espíritas formam uma ligação harmónica entre misticismo e naturalismo, ligação que só pode ser apreciada por quem se afasta do «cientismo» materialista e dos pseudo-espiritualismos fundados sobre exaltações religiosas, clássicas e românticas. O ponto de partida da doutrina de Allan Kardec é a escala de dignidades morais à qual se subordinam todas as outras considerações, ao passo que o instrumento de moralização e de espiritualização está na lei de atracção para Deus, para o Bem Supremo, assim como a lei de afinidade espiritual.

Nos seres superiores, os menos evolvidos encontram mestres e protectores nos indivíduos do mesmo grau e podem auxiliar os que estão mais abaixo na escala: por toda a parte existe uma hierarquia marcada pelo espírito de fraternidade.

Pode dizer-se que a espiritualidade se exprime através do trabalho, do ensinamento e da fraternidade, tríade que se resume na palavra *Amor*. Não se trata aqui de novidades; mas os teóricos do Espiritismo — honra lhes seja feita — nunca pretenderam ensinar novidades. Poderíamos afirmar o mesmo no que respeita aos ensinamentos do Cristo, nos quais debalde se procurariam novidades, do ponto de vista doutrinário.

De qualquer modo que se considere o Kardecismo, declaramo-nos sincero admirador de Denizart Rivail (Allan Kardec) que soube revestir de roupagens adequadas ao gosto ocidental alguns dos principais ensinamentos do Hinduismo e dos esoterismos das diferentes religiões do Oriente, relacionando a sua doutrina com os resultados da descoberta experimental, à qual conferiu uma direcção essencialmente ética.

De resto, basta o facto de a doutrina espírita ter revelado à humanidade o seu alcance cósmico (na pista dos ensinamentos ocultistas e dos iluminismos anteriores), para que se imponha à nossa admiração.

Não é menos certo que o problema do mal, que infelizmente resiste às diversas tentativas de resolução, se esclareceu à luz da teoria espírita, que, como se sabe, nega o mal em si e por si, colocando este em base relativista, fazendo salientar o lado educativo e espiritualmente fecundo do problema em si, que considera a dor como consequência directa do mal, da infracção à lei moral. A dor representa um impulso potente para acelerar a evolução dos seres e para facilitar o seu acesso a estados vitais superiores.

Naturalmente, não deve pretender-se que, por si só, a doutrina elimine as gravíssimas dificuldades que surgem no terreno excessivamente escabroso dos problemas visados; mas quem poderá negar ao Kardecismo as consideráveis qualidades da simplicidade, (que não deve confundir-se com simplicismo) do encadeamento lógico de todas as partes da doutrina, assim como a correspondência do seu conteúdo com os ditames da consciência humana?

*
* *

Longe de nós a intenção de oferecer aos leitores uma biografia de Frederico Nietzsche; vamos examinar ligeiramente o seu pensamento em confronto com o que emana do Kardecismo, visto que esta comparação possui actualidade na história contemporânea.

Em primeiro lugar é preciso não esquecer que certos traços da obra de Nietzsche sofreram, através do crivo da inteligência da maior parte dos seus discípulos, um desenvolvimento muito diferente dos do Mestre. Com Nietzsche e seus discípulos repetiu-se quase o que, na antiguidade, aconteceu a Epicuro e aos Epicuristas.

Enquanto Allan Kardec e os espiritualistas da sua tendência têm por finalidade a realização do bem e da justiça, Nietzsche julga possível ultrapassar os valores éticos em homenagem aos valores da vida. Não praticar o bem a todo o custo.

mas viver, custe o que custar: eis o problema para os discípulos de Nietzsche.

Memento vivere! Como reacção ao pessimismo negativista de Schopenhauer, filósofo que deixou profunda impressão na alma de Nietzsche, este proclamou em voz alta a glorificação da vida, livre de todas as preocupações de carácter ético, social e religioso.

O espiritualista concebe o desenvolvimento da individualidade por meio duma aproximação sempre crescente do plano divino; Nietzsche permanece ligado ao espírito terreno, ao *Erdgeist*.

A aspiração da Humanidade não consiste no afrouxamento das grilhetas da carne para moralizar gradualmente o próprio ser, mas no emprego da vontade em maior escala, para atingir um tipo mais forte de personalidade humana, chamado «super-homem» por este filósofo.

Se Nietzsche se limitasse a proclamar a exigência de um exemplar superior de humanidade realizado através da evolução terrestre, ficaria nos quadros do positivismo evolucionista, que serviu os interesses do evolucionismo espiritualista; mas ele, neste novo tipo, visionou o ser humano isento da força mais poderosa e da condição «sine qua non» para atingir a perfeição, ou seja, a moralidade.

O «super-homem» de Nietzsche, destituído de escrúpulos e de preocupações éticas, não tem já características humanas. O *Uebermensch* é, de certo modo, a antítese do «homúnculo» de Wagner, o fâmulo do «Doutor Fausto».

O homúnculo é apenas um vil substituto do homem, um produto artificial que possui apenas os caracteres exteriores da humanidade. No conceito de Nietzsche, o super-homem é um «patrão» em relação aos «escravos».

Nietzsche compraz-se em apelidar-se de «imoralista» e crê poder substituir os valores morais por valores dionisíacos, isto é, uma moral nova da força vital, do prazer, da alegria; moral que é naturalmente anti-moral, em relação ao que nós designamos pelo termo «moral».

Um dos pontos mais perigosos da doutrina de Nietzsche é precisamente a exigência duma oposição nítida entre os aristocratas, entre os que impuseram a vontade até «ultrapassar o bem e o mal» e os escravos, ou seja, os homens que pertencem ao rebanho.

Como alguns críticos assinalaram, é verdade que Nietzsche, em louvável contradição consigo mesmo, chegou (mais sob a forma poética do que filosófica) ao ponto de retratar um pouco as suas próprias ideias, pelo menos no que respeita ao seu dualismo social e à sua «moral dos padrões».

Como disse o filósofo dinamarquês Höffding, referindo-se à famosa obra de Nietzsche, «Also Sprach Zarathrusta» («Assim Falava Zaratrusta»), o simples facto de Zaratrusta ter descido da montanha para anunciar à multidão as verdades supremas é já uma prova de que a luta de classes terminara. Agora, a espécie tem uma finalidade comum (Harold Höffding, Filósofos Contemporâneos, Paris, Alcan 1924, p. 168).

As contradições abundam no conjunto especulativo de Nietzsche, o que não impediu que o dualismo social por ele proclamado ruidosamente e com talento político exercesse influência maléfica na civilização hodierna.

O entusiasmo dionisíaco do filósofo alemão, o seu desejo de entronizar a vida ao máximo e descobrir para o género humano a maior satisfação concebível, lançou o homem em caminho oposto, em obediência ao pensamento de Nietzsche.

A reacção contra o pessimismo de Schopenhauer deu origem a maior pessimismo.

As duas últimas guerras mundiais foram em parte determinadas por uma explosão deste espírito, de qual se imbuira profundamente a cultura alemã. Na alma de muitos alemães agitava-se o desejo ardente de Siegfried ou Dionysos de eliminar tudo quanto se opunha ao desenvolvimento vital da «super-nação», ou seja, a Alemanha.

A guerra, o maior flagelo da Humanidade, tornou-se então numa cruzada, no instrumento mais eficaz para preparar o advento duma humanidade superior.

Infelizmente, quando se atingem estas ideias, quando se minam os fundamentos do universalismo espiritualista, igualmente cristão, desconhecendo a grande unidade social, penetra-se no campo dos nacionalismos. A filosofia de Nietzsche, unida ao nacionalismo alemão, produziu os Treitschke e os Von Bernhardi e lançou-se no «Deutschland uber alles in der Welt». É que as doutrinas avaliam-se pelas suas consequências morais e sociais.

Devemos, portanto, considerar Allan Kardec e Nietzsche como dois representantes de princípios morais e sociais opostos. O primeiro, com a doutrina espirita, ofereceu à humanidade ensinamentos cristãos, palavras de amor e de paz; o segundo exaltou, embora de forma atraente e poética, o «eu» inferior do indivíduo, desencadeando o ódio e a guerra. Lembramos, a propósito, a célebre sentença de Heráclito:

«Polemos pater panton» (a guerra é a mãe de todas as coisas), pois há quem diga que, sem o contraste entre o polo negativo e o positivo, nunca o progresso seria perfeito. Apenas haveria a calma e a morte.

Longe de ignorar a enorme importância dos contrastes, quer na metafísica, quer na ética ou na sociologia, quem desbrava as sendas do espírito não esquece que a consciência deve odiar o mal e amar o bem. É por este meio que o indivíduo pode alcançar vida espiritual mais rica. Os que julgam atingir esse fim por outros caminhos enganam-se redondamente.

É isto que a humanidade não deveria esquecer.

(De *Forces Spirituelles*)

Representante em viagem

O nosso confrade João Coragem, representante de «Estudos Psíquicos» no Estado de Minas Gerais, acaba de fazer uma digressão pelas cidades de Pomba, Ubá, Guidoval, Astolfo Dutra, Cataguazes, Leopoldina e Bicas.

Pedimos a todos o melhor acolhimento para este amigo.

João Coragem também representa a Casa de Saúde «André Luís», de Belo Horizonte.

SAUDAÇÃO DO CENTRO ESPIRITA "18 DE ABRIL" DO RIO DE JANEIRO

Deste Centro, que é, sem favor, uma célula de grande irradiação mental a projectar-se nos horizontes do Espiritismo Brasileiro, recebemos a seguinte mensagem, que profundamente agradecemos:

Na certeza de que interpreta os sentimentos de todos os seus componentes, tanto da Comissão de Contas, quanto do quadro social, a Directoria do Centro Espirita «18 de Abril» saúda a apreciada revista Estudos Psíquicos, *a propósito do centenário do* LIVRO DOS ESPÍRITOS, *data que encerra, em sua alta significação histórica e doutrinária, o centenário da própria doutrina codificada por ALLAN KARDEC, cujo nome nunca poderia ser esquecido neste belo acontecimento. Fundado no dia 18 de Abril de 1946, em homenagem à data em que foi lançada, em Paris, a 1.ª edição de* «O Livro dos Espíritos» *considerada a «pedra angular da doutrina espirita», o Centro Espirita «18 de Abril» sempre encontrou, nas colunas de* Estudos Psíquicos, *o mais franco e carinhoso acolhimento. Com inteira justiça, portanto, neste grande momento de vibração e de solidariedade, quando se celebra o centenário da primeira obra básica da doutrina espirita, a Directoria do Centro Espirita «18 de Abril» cumpre o gratíssimo dever de expressar o seu agradecimento a essa grande revista espirita, na pessoa de Isidoro Duarte Santos, nosso querido amigo e confrade, com uma fraternal saudação, extensiva a todos os seus companheiros.*

Com as suas congratulações, inspiradas no Ideal que irmana, principalmente agora, a todos os espiritas do mundo, a Directoria deste Centro envia, por este meio, a sua saudação muito amiga a essa brilhante revista, luminoso porta-voz do intercâmbio espirita luso-brasileiro.

Directoria do «Centro Espirita «18 de Abril» — Presidente — *Deolindo Amorim;* Vice-Presidente — *Dr. J. C. Moreira Guimarães;* 1.º Secretário — *Flávio de Sousa Pereira;* 2.º Secretário — *Enéas Dourado;* 1.º Tesoureiro — *João Scizino de Araújo;* 2.º Tesoureiro — *Cândido Garantizado. Comissão de Contas — Dr. Lauro Sales, António Luiz Parreiras e Prof. Teodorico Castelo. Bibliotecário — Manuel Morais.*

O ESTRANHO

A PELE DE SEUS

Camilo Flammarion, sábio astrónomo de reputação universal, glória da França e da Ciência e convicto espiritista, foi uma notável figura do seu tempo, e o seu prestígio provinha não só dos seus méritos de cientista, mas também da nobreza e rectidão do seu carácter. Podemos imaginar o que representou para ele o facto de ter vivido um dos mais estranhos romances que alguém possa viver.

UM LIVRO — PRECIOSA RECORDAÇÃO

«Dans le Ciel et sur la Terre» era o título de um livro da autoria de Flammarion que, preciosamente encadernado, dentro de uma bela caixa e junto de um punhado de violetas secas, ocupava um lugar especial num dos móveis do gabinete de trabalho do astrónomo. Esse volume era uma inestimável recordação dos amores de Flammarion com a fascinante condessa de Saint-Ange.

A condessa foi, durante alguns anos, uma verdadeira rainha dos salões de Paris. Não sendo formosa, no exacto sentido do termo, era, no entanto, uma encantadora mulher que trazia uma vasta corte de admiradores rendidos a seus pés. Dizia-se, então, que um príncipe real europeu estivera apaixonado por ela e que um Grão-duque russo matara em duelo um príncipe búlgaro que, como ele, amava perdidamente a perturbadora jovem de Saint-Ange. Todavia o facto de ser viúva rica de um homem trinta anos mais velho que ela não provocava da sua parte o menor assomo de pretensão ou conduta equívoca, pelo que todos lhe votavam rendida admiração.

Maio/47

LEGADO DA CONDESSA DE SAINT-ANGE

OMBROS SERVIU PARA ENCADERNAR UM LIVRO DE FLAMMARION

UM AMOR QUE RENASCE

Certa noite, numa recepção oferecida pelo barão de Rotschild, quando o genial Flammarion, cuja fama começava a percorrer o Mundo, foi apresentado à condessa, esta empalideceu ligeiramente; e, pouco depois, entre ela e o jovem astrónomo estabeleceu-se um prolongado colóquio. Ela havia reconhecido no sábio o homem que, alguns anos antes, fora a sua secreta paixão de adolescente e do qual nada mais soubera até então, desde que, bruscamente, fora levada pela família para Paris, onde, sem consultá-la, logo a casaram com o idoso senhor escolhido por seus pais.

O encontro dos dois jovens foi motivo de alegria para ambos; mas, tal como antes fora platónico o sentimento que os aproximava, assim haviam de continuar a ser as suas relações, pois, além da condessa ser uma autêntica senhora, de rígida moral e porte irrepreensível, Flammarion já era, então, casado com uma bela mulher que lhe merecia um acrisolado afecto.

Desde este encontro, a condessa de Saint-Ange passou a ser a inspiradora do sábio. Ela *vive* em todas as mulheres ideais que figuram nas obras do famoso astrónomo que a ela se refere no prólogo de «Dans le Ciel et sur la Terre» e em «Estela» nos faz a história dos seus platónicos, românticos amores com a condessa, deixando-nos entrever o que teria sido a vida dos dois apaixonados se o Destino os não tivesse afastado um do outro.

UMA HERANÇA SINGULAR

Os ombros da condessa eram magníficos de brancura e de forma. Flammarion não se cansava de os admirar. Um dia em que ele fora jantar a casa da senhora de Saint-Ange, exclamou:

— É pena que um dia esses ombros admiráveis se convertam em pó.

— É o destino de todas as coisas mortais, meu bom amigo — retorquiu ela. — Eu, como toda a gente, tenho de morrer; e estou certa de que partirei antes de si; assim, resolvi deixar-lhe a pele dos meus ombros, que tanto admira, para que alguma coisa de mim o acompanhe até o dia em que tornemos a reunir-nos, para eternamente nos amarmos.

— Mas isso seria uma profanação! — protestou Flammarion.

— A ideia nem sequer é original — contestou a condessa. — Em casa de Eugénio Sue vi um exemplar de «Os Mistérios de Paris» encadernado com a pele de uma jovem que amou ternamente esse grande novelista. Estou resolvida a que a pele dos meus ombros sirva para encadernar um exemplar de «Dans le Ciel et sur la Terre». Escusa de opor-se; está escrito no meu testamento e aquele dos meus herdeiros, que se negasse a fazer cumprir esse meu desejo, perderia a sua parte.

— Cumprirei a sua vontade — disse gravemente Flammarion. — É uma herança a um tempo encantadora e lúgubre; porém, duvido que alguma vez eu tenha a coragem de contemplar a pele arrancada aos seus formosos ombros.

Pouco tempo depois, a condessa morreu. Os seus herdeiros, por muito que o encargo lhes tenha repugnado, cumpriram a vontade expressa no testamento. Um deles, o barão de Vauchese encarregou-se, depois, de enviar, a Flammarion, o volume de «Dans le Ciel et sur la Terre» encadernado, numa caixa forrada de brocado veneziano, onde pôs também as cartas escritas pelo sábio à sua amada espiritual.

PARA ALÉM DA MORTE

A condessa mandara construir no parque da sua residência um magnífico observatório onde os platónicos enamorados haviam passado muitas horas contemplando as estrelas e divagando sobre a pluralidade dos mundos e a transmigração das almas, doutrinas de que eram fervorosos crentes. Os dois apaixonados estavam persuadidos de que na sua existência anterior se haviam amado e tinham vivido juntos e que tornariam a reunir-se noutro mundo.

No cemitério do Père-la-Chaise, uma das sepulturas mais notadas era a da condessa de Saint-Ange, onde ela própria está representada na atitude de erguer com os seus belos braços, a tampa do sarcófago. Violetas, muitas violetas, sempre renovadas, cobriam-lhe a campa, mercê dos cuidados de Flammarion.

Uma vez por ano, o astrónomo visitava o castelo onde vivera a sua amada. Os herdeiros da condessa, no dia dessa visita, retiravam-se, para que o saudoso apaixonado pudesse entregar-se, sòzinho, às suas recordações. Ele passava, então, muitas horas no observatório do parque, onde durante muito tempo se conservaram, no sítio onde haviam sido deixados, uma luva amarrotada e um ramalhete de violetas secas, que a condessa trazia consigo na última vez em que, com Flammarion, visitara o observatório.

E até 1925, data em que o sábio faleceu, manteve-se o culto daquele puro e casto amor que nem a própria morte conseguiu extinguir.

(Do «Diário Popular», de Lisboa)

QUINTA ESSÊNCIA

Sentou-se o Mestre, e assim falou:
— Quem pergunta, erra.
Quem responde, erra também.
Não interrogueis nada. Não digais nada.
A Ideia existia antes da terra,
e o Infinito meditava só, no caos,
antes das coisas materiais.
Não procureis a Origem,
pois nunca a luz pode ser vista
com os olhos mortais.
Notai bem que as estrelas seguem o seu curso,
e não perguntam o porquê...
Quem é que a esfinge do ignoto lê?
Um após outro se levantam véus,
e é necessário que no azul do éter
haja mais véus, sempre através dos céus.
Basta apenas que a alegria e a dor,
basta que a vida e a morte
permaneçam na lei da Causa e do Efeito.
É a maré incessante da existência,
de Leste a Oeste e do Sul ao Norte.
sempre mudando, sempre caminhando,
como um rio fremente, cujas ondas
para o mar vão rolando...
O que foi traz o que é e o que há-de ser,
mas enquanto gira a roda do Destino,
não há paz nem ventura.
O que sobe, pode um dia tombar,
e o que cai, pode também subir,
pois os raios da roda giram sem cessar.
Há, porém, um poder
que existiu antes do começo e jamais terá fim,
eterno como o espaço e seguro como a certeza,
mais baixo que o Inferno e mais alto que o Céu,
que se move para a frente
e está sujeito às suas próprias Leis.
É ele que faz florescer os rosais nos jardins;
é ele que fabrica as belas flores do lótus;
é ele que tece a roupagem da Primavera;
que põe o colorido nas núvens gloriosas,
e as esmeraldas na cauda do pavão real;
os astros são as suas siderais moradas,
e a luz, o vento e a chuva os seus escravos;
os ninhos dos colibris são os seus tesouros;
a formiga obedece aos seus preceitos,
e o pombo-correio conhece os seus caminhos;
abre as asas da água sobre as cordilheiras
e faz a loba amamentar os seus lobinhos;
dá de comer aos seres que a ninguém importa.
Regula a harmonia do micro e macrocosmo,
em marcha ardente para o mais além.
Sua balança infalível julgará com precisão
mesmo amanhã, ou muito tempo depois.
Mata e salva, sem outro fim do que realizar
seus mistérios e desígnios.
Faz e desfaz, corrigindo tudo, sem parar,
e o que executa agora é melhor
que o que existia antes.
Não é ouvido e fala mais forte que o trovão,
sendo, graças a ele, que a si próprio se castiga
o assassino ou ladrão.
O Nada não existe para ele,
e oculto como está na sombra e no silêncio,
ninguém o pode evitar nem deter.
Não tem necessidade,
e o que nele assombra é eternidade!

Octávio de Marialva
Do livro a publicar "CORIFEUS"

NOTÍCIAS DO BRASIL

NOVA SEDE DA LIGA ESPIRITA DO DISTRITO FEDERAL

Como parte das comemorações do centenário do *Livro dos Espíritos*, a *Liga Espirita do Distrito Federal* (ex-Liga Espirita do Brasil) passará a funcionar em sua sede própria a partir do dia 18 de Abril, na Rua dos Andradas, 96, 12.º andar. Funcionarão com a Liga, em nova sede, a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos* e o *Centro Espirita 18 de Abril*.

PROGRAMA NOTÁVEL

A *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos* elaborou o seguinte programa de aulas para o corrente ano lectivo:

Metodologia — Coronel Euclides Fleury. *Literatura espirita* — Prof. Newton de Barros. *Biologia* — Dr. Túlio Chaves. *Doutrinas Espiritualistas* — Coronel Delfino Ferreira. *Didáctica Aplicada ao Espiritismo* — Prof. José Jorge. *Exposição da Doutrina Espirita* — Deolindo Amorim.

As aulas são dadas aos sábados, das 16 às 18 horas. Durante o mês de Março, ainda na Av. Rio Branco, 4-15.º andar. *Depois do dia 18 de* Abril, no seguinte endereço: Rua dos Andradas, 96, 12.º andar. Entrada franca.

CONCURSO SOBRE GABRIEL DELANNE

Foram premiados no concurso de monografias, instituido pela Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, para comemorar o centenário do nascimento de *GABRIEL DELANNE*, os nossos confrades Genival Lima e David Longo, aos quais foram entregues os livros de prémio, no dia 23 de Março, em sessão comemorativa. Além da Faculdade, o programa «Selecções Espiritualistas», na Rádio Guanabara, Rio de Janeiro, também comemorou o centenário de Gabriel Delanne com uma série de palestras em que se fez ouvir sucessivamente a palavra da *Liga Espirita*, da *Faculdade*, da *UDJ* e da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*. Cada orador tratou de um aspecto da obra de Delanne.

Viveu há 900 anos?

Por CHARLES M. CREE

Um oficial naval canadiano foi enviado em serviço a este país e colocado no Arsenal da Marinha, em Chatham. Quando chegou, com a esposa e uma filha de 7 anos, tiveram dificuldade em arranjar alojamentos. Conseguiram encontrá-los, finalmente, perto de um castelo normando, na vizinha cidade de Rochester.

O Castelo de Rochester fica situado na margem direita do Rio Medway. Parte da fortaleza foi mandada construir pelo Bispo de Gundulph, no ano de 1080 A. C. A parte restante parece ter sido obra de William-de-Corbeil, Arcebispo de Cantebury, no ano de 1126.

De vez em quando o Tenente, sua esposa e a pequena Margaret davam passeios aos sábados de tarde. Num deles resolveram visitar o castelo. Quando se aproximavam, Margaret dirigiu-se à mãe nestes termos:

— Não vivemos sempre nos nossos pequenos quartos, não é verdade?

— Não, Margaret. Não sejas tonta. Sabes perfeitamente que antes de virmos para aqui vivíamos em Ottawa.

— Não, mamã — respondeu Margaret — não queria dizer isso. O que eu queria dizer é que vivemos ali há muito tempo.

E apontava para uma janela no alto da torre.

— Não sejas pateta, Margaret. Porque é que dizes isso?

— Mas nós vivemos ali — protestou Margaret. — Vivemos num quarto muito grande. Havia muita palha no chão. As janelas não tinham vidros e às vezes fazia muito frio à noite. Dormia a um canto e tu tapavas-me com roupas e peles para me aqueceres.

— Como é que esta criança sabe que os Normandos cobriam o chão com palha? — segredou o Tenente ao ouvido da esposa. — Ela teria visto algum livro de estampas que lhe pudesse dar aquela ideia, ou alguém lhe teria lido a história do Rei Artur?

— Não me parece que isso tenha acontecido — disse a esposa.

Margaret descreveu pormenorizadamente o quarto onde dizia terem vivido e até mesmo a escada ao canto. Referiu-se à graça que ela achava em correr pelas escadas e ir brincar com um menino que vivia no andar de baixo. A seguir principiou a descrever os vestidos que usavam.

O Tenente ia anotando tudo mentalmente e depois disse:

— Vamos ver lá por dentro.

Logo que entraram no edifício, Margaret apontou para uma escada em espiral que conduzia a uma das torres pequenas, exclamando:

— Olha, mamã, por aquela escada é que íamos para o nosso quarto, além, onde, durante o inverno, faziam grande lume para nos aquecer.

O grupo subiu lentamente a escada. No 1.º andar, Margaret gritou:

— Olha, mamã, aquele é que é o quarto onde vivia Stephen. E eu vinha brincar...

Ao chegarem ao 2.º andar correu à frente dos pais para um grande quarto, exclamando:

— Olha, mamã, era aqui que eu tinha a minha cama e, ali, onde tu e o papá dormiam!

Ao regressar a casa, o Tenente vinha silencioso. Na noite seguinte, regressou do serviço excepcionalmente tarde.

— Onde te demoraste tanto? — perguntou-lhe a esposa.

— A caminho de casa — respondeu o Tenente. — Parei na biblioteca. Lembras-te das roupas que Margaret disse que usávamos, quando vivíamos no castelo? Tudo absolutamente certo, quanto aos trajos usados nos meados do século XII.

É possível que Margaret tenha tido uma reminiscência. É possível que tenha vivido há muito tempo naquele quarto grande, no 2.º andar do castelo de Rochester e brincado às escondidas com Stephen.

Margaret, embora nunca tivesse sido criança imaginativa, parecia muito familiarizada com um castelo que ela nunca vira nesta existência.

INSTINTO E RAZÃO

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Dois grandes poderes representam estas duas palavras na vida do homem. O primeiro representa o império, o governo, o guia do animal. O segundo representa o domínio do espírito.

O instinto legisla para a manutenção da carne e seu bem-estar. A razão legisla para a alma imortal, à luz da consciência, com vistas à vida eterna e Paz de nosso coração.

Pela iluminação espiritual o espírito consegue unificar os dois poderes dentro da lei divina, sem prejuízo de suas funções, cumprindo-se, no caso, a divina sentença: «A César o que é de César e a Deus o que é de Deus». Mas, enquanto estiverem separados, o homem terá grandes lutas e contratempos em sua vida e não terá paz. Porque uma casa com dois governos não pode dar certo!... Por este motivo é que há tragédias na vida humana, neste período de sua evolução. Ao instinto é que há tragédias na vida humana, neste período de sua evolução. Ao instinto não interessa outra vida além da que lhe é própria, como animal. E ao espírito, que é a razão em acção, no tempo e no espaço, também não lhe é possível acomodar os seus interesses espirituais numa vida simplesmente material.

O Cristo veio ao mundo para fazer esta união tão necessária à paz dos homens e do mundo em que vivemos. O remédio para a cura destes males e as instruções e normas para esta importante união, ele no-los deixou no seu Evangelho. Estão ao alcance de qualquer que necessitar obtê-los e realizar este feliz acontecimento.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

19

UM MÉDIUM CIENTISTA

Amigo radiouvinte:

Cá estou outra vez na minha torre de vigia. Não sei se te importuno ou dou prazer com as observações que tenho expendido. É tão difícil agradar a todos! Os críticos são ruminantes literários, como dizia Paulo Mantegaza. Observam e analisam a seu modo e pautam os eventos através do raciocínio e temperamento que os informam, tudo em carácter pessoal, de acordo com seus méritos.

Em Portugal houve um crítico extraordinário que recordo com saudade. As palestras que proferiu ao microfone da Emissora Nacional eram modelares na forma e no conceito. Agostinho de Campos se chamava o Mestre, que o era da formosa língua portuguesa, além de grande educador e escritor de raro engenho. O maior segredo do seu êxito era a simplicidade do estilo. Escrevia, como se conversasse em tom amigo e tinha uma história a contar a propósito de qualquer coisa. E nós íamos ouvindo e sorrindo...

Eu não me comparo ao Dr. Agostinho de Campos. Nem tenho a sua cultura, nem a sua responsabilidade. Mas sinto-me obrigado a variar os temas, para que a monotonia se não instale na «Voz de Portugal Espirita».

Falemos hoje de Robert Goldsbrough, falecido em Dezembro de 1956, que teve artes de interessar em sessões de Espiritismo o célebre «leader» do Partido Trabalhista inglês, Ernest Bevin.

Goldsbrough era homem de ciência responsável por 250 invenções e médium habituado a ver e a falar com os espíritos. Portanto, objectivo, dado à física e às matemáticas, com probabilidades de observador rigoroso e persistente.

Numa tarde de verão, à luz do sol, sentiu a seu lado uma figura de grandes barbas envolvida numa toga bordada a oiro, com um capacete de três coroas que fazia lembrar os reis antigos. Na verdade, o espírito declarou ser um faraó egípcio e descreveu as práticas espiritualistas do seu tempo. Em 1938 anunciou ao médium os bombardeamentos de que Londres viria a sofrer e que produziriam danos incalculáveis. Esta nobre entidade foi notada outra vez por Goldsbrough com roupão grosseiro e um cajado.

— Nunca vira figura tão bela — disse o inventor —. Os seus olhos azuis exprimiam todo o amor e compreensão universal.

Um ano depois apareceu-lhe no Grande Parque de Windsor. Em voz profunda e modulada apontou-lhe o sofrimento do mundo e o remédio a aplicar.

Durante vinte anos Robert Goldsbrough realizou sessões bissemanais com a senhora Ethel Topcott. Algumas tiveram a assistência de figuras da corte inglesa, bem como de Bevin e outros ministros.

Uma vez Bevin discutia com o espírito-guia alguns problemas da guerra e ficou muito admirado, quando, ao abandonar o transe, a voz da médium mudou repentinamente.

A senhora Topcott, segundo diz *Two Worlds*, de onde extraio estes elementos, tinha o dom de ver acontecimentos a distância e deste modo chegou a descrever a vida de Hitler e Goering nas caves da histórica cervejaria de Munique, inclusive o agente que lá colocou a bomba, momentos antes da explosão. E também viu o mesmo indivíduo colocar outra bomba no carro de Goering e ser descoberta pelo motorista.

A muitas coisas assistiu Goldsbrough nos sessenta anos que lhe durou a mediunidade e que poderiam constituir um livro de memórias, se ele tivesse tempo de as coligir. Uma delas, talvez a mais importante, foi a visão de aeroplanos sem piloto e armados de torpedos, que descreveu a Bevin, precisamente um ano antes destes bombardeiros serem usados contra a Grã-Bretanha.

Se os homens de Estado atribuissem mais valor às revelações mediúnicas, sem dúvida que a viragem da história apresentaria facetas surpreendentes. Lincoln, Mackenzie e outros serviram-se da mediunidade para fins políticos e resolveram problemas difíceis, irresolúveis sem este auxílio precioso.

Goldsbrough conheceu muitos médiuns ingleses e com todos manteve excelente camaradagem. Um deles foi Wheeler, que obteve «apports» à luz do sol, sob rigorosa fiscalização. Os assistentes uniam os joelhos entre si, enquanto Goldsbrough segurava os pulsos ao médium. E nestas circunstâncias apareceram diferentes «apports» nas mãos de Wheeler e outros no bolso interior do colete do próprio Goldsbrough, que ficou molhado com o perfume que o espírito comunicante lançou sobre ele.

Tinha 69 anos e assistiu a muitos acontecimentos de relevo no movimento espirita, sem que o seu nome fosse objecto de publicidade. Quantos pioneiros não haverá nas mesmas condições? Interessa-lhes a causa sem pensamento reservado.

Os servidores humildes são como as pedrinhas que se utilizam nas grandes construções. Deles não prescindem as maiores empresas. Servem ao edifício, dão-lhes maior equilíbrio, na resistência ao tempo e ao vendaval, e proporcionam linhas harmoniosas.

Robert Goldsbrough era inventor científico de relevo mundial e podemos colocá-lo ao lado de tantos outros que a história aponta como luminares dos tempos modernos.

Quando a massa anónima souber que o Espiritismo é estudado por homens célebres na ciência, nas letras, nas artes, na investigação, na filosofia e na política, sentir-se-á menos só. Há muita gente que acredita, baseada em sólidos fundamentos. O que falta é coragem moral, é valor para desprezar o preconceito radicado na ignorância.

Alguns firmaram a convicção, mas têm vergonha de o dizer. São covardes. A maior prudência não justifica a menor fraqueza.

A coragem não se desmente — exclamava Séneca —. Tanto se conhece num leito, como num campo de batalha.

Assim é, com efeito. Eis por que a seara é grande e poucos os que trabalham. Goldsbrough não tinha

medo de proclamar a sua fé, de afirmar bem alto a sua posição no campo espirita. Mais ainda: servia-se dela para edificação de políticos, engenheiros, economistas e membros da família real inglesa. Creio que merece estas palavras. A sua campa talvez não tenha epitáfio. O que lá está é despojo humano. Ele é luz viva de amor, é vibração, centelha imortal.

Boa noite, amigo radiouvinte. Que Deus te guarde e preserve o Brasil de grandes malefícios.

20

UM GRANDE FILANTROPO

Amigo radiouvinte:

O deambulismo do meu espírito leva-me ao encontro de filões que pediam engenho maior, sentido mais apurado no tocante ao mundo psicológico. Infelizmente vou-me ficando pela superfície do oceano, já que não posso atingir as profundezas. Assim mesmo, os quadros aparecem, quando menos o espero, e fico a meditar no que seria o homem, se abandonasse a crosta onde vegeta e subisse a planos mais elevados.

Foi no *Psychic News* que li o conto, porque isto bem pode ser um conto, singular aspiração de quem sente o nobre ideal da bondade.

Alberto Schweitzer era filho de um ministro evangélico da Alsácia-Lorena e aos cinco anos de idade sentiu despertar a consciência. Não compreendia que se orasse pelos seres humanos, esquecendo os animais. E incluiu-os nas suas preces...

Um dia venceu um rapaz mais alto do que ele e o adversário disse-lhe que se tivesse dois jantares com sopa por semana, a vitória seria inversa. Conheceu então o erro do privilégio.

Aos oito anos foi a uma caçada aos pássaros. Quando iam a disparar, os sinos da igreja repicaram ao longe. Levantou-se então, de um salto, e espantou as aves. Depois correu para casa...

Mais tarde, Schweitzer sofreu grande modificação. A sua máscara reservada levou o seu professor de música e o padre que o examinou para a confirmação a duvidarem da sua sensibilidade. Todavia, o seu génio musical e os seus conhecimentos teológicos depressa se evidenciaram. Primeiro, no estudo sobre Bach, e depois no «Jesus Histórico», que lhe ocupou dois volumes, onde o seu conceito do Mestre diverge do estabelecido pelos ortodoxos, que ainda não aceitaram as opiniões emitidas nesse livro.

Schweitzer diz que Jesus se ligara à sabedoria relativa da época, que acreditava no fim do mundo e se enganara nalguns juízos. Objectivo e antidogmático, entende que os homens devem estabelecer em si próprios o Evangelho de Jesus. Uma atitude verdadeiramente renovadora, diferente de outras que reivindicam o exclusivo da verdade, que nem sempre está em suas doutrinas.

Alberto Schweitzer tornou-se mundialmente conhecido e resolveu cultivar as artes e as ciências até aos trinta anos. Depois entrou em grandes meditações. Como podia ele gozar a vida, quando numerosas pessoas lutavam e sofriam à sua volta? Era impossível. O reino de Deus tinha de se implantar primeiro nas almas e a decisão do indivíduo era factor mais importante.

Estas ideias é que o levaram ao estudo da Medicina, que exerceu mais de 40 anos ao serviço dos indígenas da África Equatorial Francesa.

Quando se matriculou na Escola Médica, o reitor não o viu com bons olhos e, concluido o curso, as ligas missionárias não lhe aceitaram o serviço. Chamaram-lhe heterodoxo e blasfemo. Era uma espécie de padre da rua, de quem muitos padres diziam:

— Só acredita no amor cristão, esquecendo a essência de nossas doutrinas.

Ao que ele respondia humildemente:

— Não seria judicioso desprezar os serviços de um maometano...

E entregou-se totalmente à prática da Medicina, no hospital de Lambarene, que ele próprio instalou em benefício dos nativos.

Schweitzer é um sociológico de nova espécie e por isso incompreendido no seu afã de libertar e aproximar os homens. Os povos atrasados merecem-lhe extremo cuidado e não admira que tenha frases como esta acerca daqueles para quem trabalha:

— O que lhes dermos não é benevolência; é simplesmente expiação.

E outra ainda:

— É erro governar os nativos. É sabedoria dar-lhes bem-estar e felicidade.

O bom senso está de acordo com os preceitos de Schweitzer. A função de governo é difícil e complexa. Congraçar é o seu objectivo imediato, mas é preciso que resulte em bem-estar e felicidade.

Quando ele definiu a sua filosofia construtiva houve uma frase que fez pensar muita gente culta. Foi «o respeito à vida».

Na verdade, o elemento essencial é o aperfeiçoamento,

..... fadigoso anelo
Que levamos do berço à sepultura,

como dizia Soares de Passos. Se o homem não firmasse a sua posição moral e mental na vida seria um algarismo em função do tempo. Mas Schweitzer ensinou conceitos estranhos, porventura revolucionários, no tocante ao conservantismo hodierno. Alguns filósofos e sociólogos entendiam que a existência não devia ultrapassar as relações entre os homens. Ele não. A vida geral mereceria-lhe o mesmo interesse que a vida do indivíduo.

Uma vez perguntaram-lhe como se poderia evitar a crueldade e o assassínio. E a sua resposta foi:

— O pensador age sempre de harmonia com a necessidade, quando tem que escolher entre duas vidas. Não colhe flores nem mata insectos e não deve recear que lhe chamem sentimentalista.

O pior é que nem todos pensam. A maioria vive de instintos grosseiros. Eis porque ele obtemperava:

— Cada qual tem que seguir o seu caminho, disposto a salvar-se.

E agora pergunto eu: que tem feito a humanidade para merecer tão grande interesse de Schweitzer? Que esperanças lhe dá o mundo em chamas? Valeria a pena o seu trabalho de filantropo? Valeria a pena isolar-se da Europa e entregar-se à missão de auxiliar os nativos de Lambarene?

Schweitzer responde com firmeza:

— Tenho confiança no futuro dos homens.

Nós também temos confiança no poder da Verdade, que é vínculo do espírito e alvo da perfeição. O que é necessário é difundi-lo.

Gustave Le Bon dizia que as verdades evidentes só impressionam quando são propagadas e que os erros perigosos encontram mais apóstolos para os difundir.

Há nisto grande juizo e não podemos esquecer a frase de Halifax, com relação a quem chamasse às coisas pelos seus nomes: «Não passaria na rua sem ser espancado, como inimigo de toda a gente».

Schweitzer foi padre, médico e filantropo. O jornal inglês serviu o mundo, dando a conhecer uma vida abnegada.

Este é o conto que eu li, porque bem pode ser um conto que interesse o radiouvinte estudioso.

Até à próxima. Cá estarei, se obstáculos não houver. E que Deus preserve o vosso lar e a terra brasileira...

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO

FESTA DE ENCERRAMENTO

na Casa do Algarve em 30 de Abril

Após um dia de chuva e trovoada, a noite apareceu calma, de céu estrelado como a convidar os confrades a sair de casa para assistirem ao encerramento da vitoriosa jornada que o Espiritismo português têm vindo a realizar. Para festa de fecho escolheu-se a *Casa do Algarve*, que amàvelmente acedeu ao nosso pedido e fica situada em pleno Chiado, na rua Capelo, 5, 2.º-Dto., e, por estranha ironia, mesmo ao lado da *Rádio Renascença*... Na sala vimos numerosos confrades de todas as associações espiritualistas de Lisboa; lá estava também o nosso incansável *reporter fotográfico*, pronto a registar alguns aspectos da festa.

E esta começou às 22 horas, tendo o professor Francisco Cabrita dado a presidência a Isidoro Duarte Santos, que foi secretariado por D. Ivone de Sousa, D. Gertrudes Marramaque Silva, Hugo Ferreira e António Cardoso.

Francisco Cabrita abriu a sessão, apresentando a todos os seus agradecimentos e explicou que aquele certame bem podia chamar-se *Festa da Primavera*, embora integrada nas comemorações do Centenário do «Livro dos Espíritos» que ali iriam fechar. Terminando, agradeceu também aos artistas que deram a sua valiosa e desinteressada colaboração.

D. Maria Amélia Rebelo da Silva abriu a parte musical do programa tocando ao piano — admiràvelmente, como sempre — a *Serenata de Schubert*, que a assistência escultou em silêncio.

Manuel Canaveira, com a sua alegria habitual, subiu ao estrado para nos deliciar com a valsa *Parar é morrer*, que já havíamos apreciado no *Centro Luz e Amor*.

Francisco Cabrita — que foi, sem favor, o trabalhador incansável desta festa, vencendo com tenacidade todas as dificuldades que se lhe depararam — fez em seguida uma curta palestra subordinada ao tema: *O Mundo e os Seus Conceitos*. Começou por afirmar que o mundo tar aqueles de que derivam as boas normas da vida social e espiritual.

— Em todas as religiões — disse ele— existe o conceito de um Poder Divino Criador e Orientador do Universo, a que uns chamam Deus, outros Divina Sabedoria, etc., mas que, em síntese, representa uma ideia única.

Francisco Cabrita disse que a ignorância ou indeferença perante este conceito e outros similares, tem levado à formação de correntes que tentam afastar o Homem do verdadeiro caminho. Criticou os conceitos materialistas como erros desorientadores das almas, exaltando em contrapartida as correntes espiritua- está cheio de conceitos errados, e por isso é necessário fazer ressallistas que, afastando o homem das baixas paixões, do egoísmo, da ambição e do ódio, contribuem para a sua ascensão espiritual.

Por último evocou o conceito regenerador do sofrimento suportado com resignação e com fé, fazendo a apologia da vida alegre, com corpo são e alma sã, vibrando de amor por todas as criaturas e superiormente orientada pelo preceito cristão: «Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos».

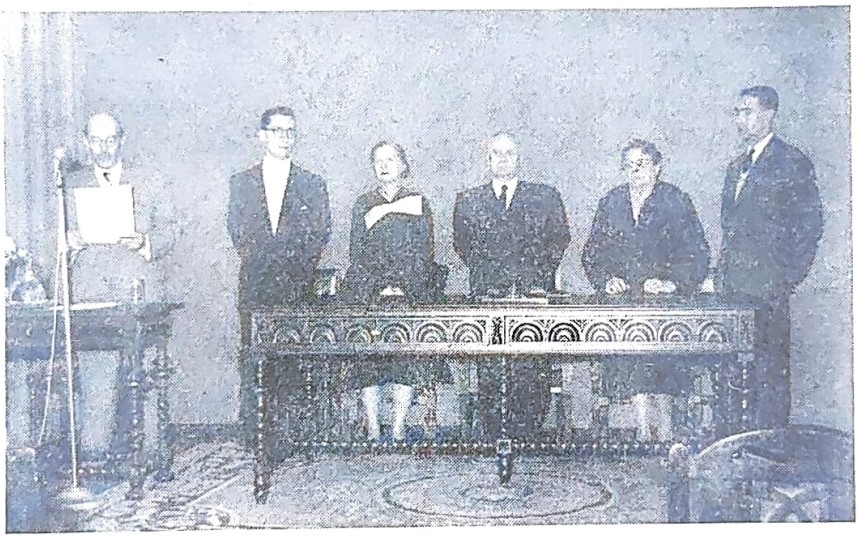
Uma salva de palmas coroou as últimas palavras do professor Cabrita, como prova de aplauso ao que pronunciou.

Subiu em seguida ao estrado a aluna de D. Ema Cordeiro, D. Diamantina Pires, que cantou *Porque Sim*. Foi a primeira vez que a ouvimos, visto não ter colaborado na festa do *Centro Luz e Amor*, mas desde já podemos dizer que apreciámos a sua voz quente e ao mesmo tempo melodiosa.

Mário Moutinho, que no *Centro Luz e Amor* tínhamos ouvido com muito agrado nas suas canções, voltou a deliciar-nos com *Perdido Estoy se me Abandonas* e *Canción del olvido*.

David José recitou uma poesia da sua autoria, proporcionando-nos mais uma ocasião de apreciar a sua grande alma de artista.

Eduardo Ribeiro — que em virtude da sua voz magnífica teve de bisar vários números no *Luz e Amor* — quis também colaborar na festa, cantando duas canções espanholas, entre eles *Um pouco más*, sendo muito aplaudido!



A Mesa que presidiu à Festa de Encerramento

EPsig.-Maio/57

António Cardoso recitou com grande entusiasmo a *Venda dos Bois*, de Gonçalves Crespo.

E para terminar a primeira parte música de Zequinha Abreu. Esta valsa tem qualquer coisa de estranho que nos mergulha nas regiões superiores do Além.

Depois de curto intervalo, Manuel Canaveira abriu a 2.ª parte, tocando ao piano mais um número da sua autoria.

Todos se lembram certamente da D. Maria Amélia Rebelo da Silva tocou ao piano *Saudoso Adeus*. Trata-se de uma valsa espirita brasileira, letra de João de Barros e estreia auspiciosa de Jorge Raimundo como declamador na nossa festa. Pois bem! A pedido, esse nosso dedicado confrade deu também aqui tações, entre as quais *Ave-Maria*, de Gounod, e *La Donna é Mobile*, da a sua colaboração. Declamou *Mesa França*, de Goethe. Foi a primeira vez que ouvimos esta poesia e confessamos o nosso apreço pelo seu fino sabor satírico e humano.

António Cardoso, a pedido, voltou a recitar o já célebre *Se*, de Rudyard Kipling.

António Vivas — sem favor o melhor elemento das nossas festas — voltou a fazer ouvir a sua voz de oiro em três magníficas interpretações, entre as quais *Ave-Maria*, de Gounod, e *La Donna é Mobile*, da ópera *Rigoleto*, de Verdi. Imensos aplausos premiaram justamente todas as suas actuações.

D. Diamantina Pires voltou a fazer-se ouvir numa ária da ópera *Amigo Fritz*.

Não há dúvida: todos apreciam a Canção *Lavadeiras de Portugal*. E satisfazendo inúmeros pedidos, Eduardo Ribeiro voltou a deliciar-nos com esta conhecida canção francesa. Eduardo Ribeiro, rapaz simpático, com quem trocámos algumas palavras, disse-nos que tem cantado em diversas festas, mas podia afirmar, sem hesitações, que aquela era realmente magnífica.

Há muito tempo que não tínhamos o prazer de ver nas nossas salas a nossa boa amiga D. Maria Luísa, e muito menos ouvi-la declamar com aquela graça e arte que lhe são peculiares. Em dada altura vimo-lo na assistência, e, como oportunidades destas não se podem perder, imediatamente pedimos a sua gentil colaboração, a que ela, com a jovialidade e amabilidade de sempre, logo acedeu. Subindo ao estrado e depois de afirmar ter sido apanhada de surpresa, recitou, com verdadeira arte, uma poesia brasileira de Olegário Mariano, que dedicou à viagem ao Brasil de Isidoro Duarte Santos.

António Cardoso recitou em seguida *Num Cabaré*, da sua autoria, dedicando esta poesia a todas as mulheres, que, no decorrer dos séculos, têm sido grandes vítimas da sociedade materialista.

Manuel Canaveira subiu mais uma vez ao estrado, agora para contar anedotas.

Satisfazendo inúmeros pedidos, Jorge Raimundo voltou a recitar *A Dor*, de Maria de Carvalho, e, extra-programa, mais duas poesias, entre elas, *Imortalidade*, de José Martins Saraiva.

D. Maria Amélia Rebelo da Silva voltou ao piano agora na *Avé-Maria*, de Schubert.

A festa estava prestes a terminar. Isidoro Duarte Santos — a *Alma Mater* das comemorações, que ocupava a presidência, ergueu-se então para as palavras finais. E após o minuto de concentração que pedira à assistência, exclamou:

— Terminou aqui uma jornada que não vem de largos tempos, mas que há-de projectar-se no futuro.

«Todas as nossas comemorações tiveram a caracterizá-las espírito de união e muita alegria, pois quando não há alegria o mundo está enevoado. Desde o dia 5 de Abril até hoje realizámos uma jornada memorável que — repito — há-de projectar-se no tempo.

«A minha satisfação é grande, sem limites, por estarmos reunidos nesta comunhão de almas, neste ágape espiritual, que nos faz vibrar de emoção».

E, com o pensamento no Alto, envolvido por vibrações superiores, Isidoro Duarte Santos continuou:

— Amigos! Aproximemo-nos! É preciso a cooperação de todos! Olhemos o Sol de frente, caminhemos a passo firme, na certeza de que não estamos sós, que do Alto os amigos nos auxiliam constantemente, incitando-nos à luta pelo Ideal! Terminou aqui uma inesquecível jornada, mas esta festa não representa o seu ponto final. É como a onda que beija a praia e que, parecendo extinguir-se, continua a acariciá-la. Pois bem! O nosso trabalho prossegue. Isto não é o princípio do fim, mas o fim do princípio.

E depois de agradecer a todos a sua valiosa colaboração, terminou, dizendo:

— Boa noite! E agora, sonhos luminosos, para que sob os vossos passos floresçam mais belas as flores de humildade e caridade Sem sonhos luminosos não há obras que valham. É preciso sonhar primeiro. Depois é que vem a realização.

Grande salva de palmas rematou as últimas palavras de Isidoro Duarte Santos.

Ao sair, ao voltar a nossas casas, sentimo-nos mais confiantes de que destas comemorações nasça, entre nós, um Espiritismo novo, mais perfeito, mais unido, numa palavra: melhor. E que, portanto, se cumpram as palavras proféticas de Isidoro Duarte Santos: *Que isto, não seja o princípio do fim, mas o fim do princípio...*

Um aspecto da assistência na Casa do Algarve

O TÚMULO DE ALLAN KARDEC

NO CEMITÉRIO DO PÈRE LACHAISE, EM PARIS

Quem visita o cemitério do Père Lachaise, em Paris, fica admirado ao encontrar um túmulo em forma de dólmen, que guarda os restos mortais do doutor Denizard Rivail, conhecido por Allan Kardec. E mais admirado fica ao contemplar as flores que mãos anónimas lá vão depositar diàriamente. São grinaldas vivas de toda a espécie, variegadas e orvalhadas, palpitantes de seiva, harmoniosas no porte e sedutoras no perfume que exalam.

O Túmulo de Kardec, no Père Lachaise, de Paris, assinalado com uma seta preta

Porque vão essas almas, em romagem, sem falhar um dia, ao túmulo de Allan Kardec, depositar flores vivas, que substituem as da véspera, um tanto murchas pelo tempo? Onde se baseia o mistério? Que luz orientará os passos de tanta gente para o cemitério do Père Lachaise, em direcção ao dólmen que lá permanece erecto e belo em suas linhas?

É que Allan Kardec foi o pregoeiro de verdades eternas, de chaves que abriram portas até então fechadas para a grande maioria dos homens. Quantos suicídios não evitou a sua obra magnífica? Quantas almas não renovou? Quantos caminhos não desobstruiu? Ninguém espancou mais trevas, orientou mais indivíduos. Ninguém escreveu com mais lógica. Tudo o que disse ficou. Pode ser ultrapassado pela ciência, mas ficou, tão firme como o seu dólmen, que se oferece aos crentes em singeleza e humildade. É o túmulo dos druidas, de que Allan Kardec fez parte. A reminiscência actualizou-se em pedra tosca, a que os romeiros imprimem beleza e juventude.

Os espiritistas que vão a Paris visitam o Père Lachaise e concentram-se uns minutos na evocação do Mestre. É um serviço obrigatório, embora espontâneo. E aquelas flores, que mãos anónimas lá colocam diàriamente, são legenda breve e expressiva:

— Glória a Kardec!

Sim, glória a Kardec, pioneiro da felicidade, desbravador e construtor, como nenhum outro.

Aquele túmulo não pertence à química inorgânica, porque fluido magnético o envolve, o vivifica e transfigura. É lugar de atracção, porque é lugar de vida. Tudo nele vibra intensamente. E a onda é contagiosa, obriga os seres a vibrar e a chorar.

Este é o mistério de um túmulo perpétuamente florido e rejuvenescido, em contraste com a vetustez de outros, onde a escorrência imprime notas de amarelidão, ao jeito de sarcófago.

O dólmen de Kardec é eterno presente. Convive com todos. Naquelas flores há qualquer coisa de misterioso e imponderável que preenche a lacuna física do Mestre. E por isso tantos o visitam, erguendo preces em comunhão fraternal.

E por isso tanta gente evoca a figura de Kardec, cuja obra se agiganta como farol a espancar as trevas da ignorância.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

NOTÍCIAS DE INGLATERRA

Mrs. A. W. Sungleton, nossa correspondente em Londres, volta a falar-nos do Rev.º Joseph Overs, da Real Força Aérea que esteve estacionada em Blackpool durante a última guerra. Muito perturbado por não poder aceitar a ideia da «ressurreição do corpo», em virtude de não conceber que os corpos desintegrados pudessem reintegrar-se, pediu a Deus que o levasse a um local onde pudesse encontrar resposta à sua pergunta. Foi então ao Centro Espírita de Blackpool e ouviu coisas que considerou ridículas: falaria ainda neste Centro como clarividente e perderia a sua gaguez, cujo tratamento sempre recusara. O que é certo é que *voltou, trabalhou ali* e *perdeu a gaguez*. Foi ordenado prior de antiga igreja católica e trabalhou com Mrs. Singleton, em sessões de clarividência, no Centro Espírita de Vitória.

Em toda a parte se vai lutando com dificuldades no tocante a instalações. Em Londres, essa dificuldade aumenta em proporções assustadoras, o que não impede que os Centros se multipliquem e o entusiasmo cresça em todos os sectores.

Na fotogravura junta vê-se o Reverendo Joseph Overs numa sessão de cura espiritual, semelhante a muitas outras que se realizam nas dezenas de santuários espalhados pela grande metrópole.

A Inglaterra e os Estados Unidos da América são os países onde estes trabalhos atingem maior desenvolvimento. Muitas autoridades tomam parte neles e são médiuns desenvolvidos. Como disse a nossa correspondente em notícia que publicámos em Fevereiro, até funcionários da Polícia frequentam assíduamente as sessões. A maioria vão ansiosos de encontrar os seus entes queridos.

Há muitos grupos familiares espalhados pelos bairros londrinos. Na província há terras onde não há Centros ou há muito poucos. Radiodifusão é que é raro ouvir-se, ao contrário de no Brasil, onde se contam perto de cem programas regulares. Recentemente houve um serviço deste género em que se distinguiu Edric Connor. Mrs. Sungleton foi realizar uma conferência àquele recinto e encontrou lá um jovem polícia que fora em busca de alívio para a sua dor de cabeça, informando depois que sua mulher era médium de transe e ele mesmo praticava a cura entre os seus camaradas.

O Rev.º J. Overs em sessão de cura espiritual

Também há óptimas representações de peças espíritas. A última foi no Teatro de S. João, com a peça francesa «Vozes» (de João, S. Miguel e Santa Catarina), admiràvelmente interpretada pelos actores.

Os trabalhos de cura atraem numerosas pessoas ao Espiritismo, principalmente às sessões de Harry Edwards e outros, a que acorrem verdadeiras multidões, embora só um número reduzido seja tratado. A maioria regressa a casa em grande desapontamento.

«Há grande necessidade de propaganda — diz Mrs. Sungleton —. Nas reuniões notam-se muitos espiritistas e sempre que eu falo sou fortemente impressionada com a atitude dos assistentes e sinto necessidade de mais união em torno da Causa. Os Centros encher-se-iam, se o público pudesse desenvolver e exteriorizar o poder do espírito e colocar-se acima dos embates de opinião, no sentido de propagar as verdades que preconizamos.»

UM CASO ESTRANHO

O *Diário de Notícias*, de Lisboa publicou a seguinte notícia datada do Entroncamento:

«Em Represa (Castelo Branco), na casa de uma filha, para onde fora recentemente, faleceu o sr. Joaquim Carmona Duque, viúvo, de 106 anos, pai do sr. Manuel Duque Antunes, ferroviário aposentado e aqui residente. O macróbio, com quem há pouco havíamos falado e fizera o 106.º aniversário em 28 de Março, conservou até aos últimos momentos a lucidez de espírito. Porém, algumas horas antes de morrer e pressentindo o final da existência, pediu à filha que lhe vestissem o «fato novo» e, chamando um dos netos, disse-lhe com bom humor:

«— Olha lá, faze-me a barba num instante. Quero morrer asseado.

«Pouco depois, com voz mais sumida, ainda acrescentou:

«— Não te demores, que a hora da partida está a chegar.

«E, de facto, assim aconteceu. Depois de vestido e barbeado, o centenário, deixando escapar um derradeiro sorriso, ao mesmo tempo que acenava um adeus aos circunstantes, exalava o último suspiro.

«Outro pormenor muito curioso que queremos registar: o bondoso velhinho, que cegara havia quarenta anos, recuperou a vista dois dias antes do trespasse, o que lhe proporcionou ilimitada alegria».

Seria a alegria que o matou? O

que não há dúvida é que se trata de um caso estranho, embora não seja único, porque temos relatado outros semelhantes.

FENÓMENO PREMONITÓRIO

O sr. J. P. J. Chapman escreveu um artigo no *Fate Magasine*, de Junho de 1955, intitulado «Vi o Pastor Morrer 24 Horas Antes» e que passamos a resumir.

Trata-se de uma experiência de desdobramento. O autor encontrava-se em Somerset, uma aldeia de Greenham, próximo da cidade de Wellington. As ruas eram estreitas, sem luz eléctrica, e os meios de comunicação limitavam-se à estação de correios.

A cidade de Wellington tinha uma placa central, onde ficava a estação, e próximo via-se a Câmara Municipal com um relógio. O pai de Chapman pedira-lhe que fosse à cidade deitar-lhe uma carta no correio, e ele foi. Olhou para o relógio e viu que eram quase 11 horas. Era sexta-feira. Em frente havia uns armazéns e deixou-se lá ficar a ver os transeuntes. Nesse momento saiu da loja o pastor de Ashbrittle, muito erecto, apesar dos anos, e o relógio começou a dar horas.

Então o cenário tornou-se-lhe confuso, como lagoa de águas limpidas e agitadas, e teve a impressão de ser levado pelo espaço vertiginosamente. «Quando tudo se tornou nítido, — conta o sr. Chapman — encontrava-me no quarto do padre. Este estava na cama e eu tinha a certeza de que ele morrera. Sabia também que era segunda e não sexta-feira, embora qualquer coisa me argumentasse: «Com certeza que não é segunda, é sexta». A cena mudou novamente e eu sabia que era quarta-feira, embora o mesmo argumento persistisse. O pastor estava no caixão, que eu acompanhei à igreja, onde fizeram as exéquias. Por último, vi o caixão baixar à terra. Durante a cerimónia vi muita gente conhecida. Meu pai falou com várias pessoas. No fim, o cocheiro de meu pai trouxe a *charrette* para o levar a casa e este exclamou: «Deixa-me guiar; isto ajuda-me a distrair».

Depois, acrescenta o articulista: «Toda a cena se turvou. Pareceu-me correr outra vez no espaço e tudo se normalizar. Eu estava de pé ao lado da bicicleta. O velho pastor pouco se afastara e ouvi as horas. Contei as últimas badaladas. Oito ao todo. Eram 11 horas. Tudo se desenrolara entre duas badaladas. Mais tarde, ao pensar no caso, notei que vivera grande parte do dia num simples segundo.

«Isto não me espantou, porque já fizera experiências semelhantes. Mas sabia que o pastor não teria mais de 48 horas de vida. Contei tudo a meu pai e pedi-lhe que o fixasse bem. Não lhe falei nas conversas que ele teria. Escrevi-as num papel, para que as pudesse ler mais tarde. Meu pai não respondeu grande coisa. Limitou-se a dizer: «Veremos». E não se falou mais no assunto.

«Na segunda-feira seguinte soubemos que o pastor tinha morrido e que o enterro seria quarta-feira. Meu pai foi na *charrette* conduzida pelo cocheiro, a quem dei as minhas notas, pedindo-lhe que as entregasse a meu pai depois das cerimónias. Quando meu pai regressou a casa estava visivelmente abatido. Disse-me então:

— Ouve cá; tudo aconteceu como disseste, até as conversas que tive. Mas o que me causou maior impressão foi a tua nota.

CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS

A Cruzada dos Militares Espiritas, com sede na Rua do Lavradio, Rio de Janeiro, acaba de inaugurar mais um Núcleo em Valinhos, Estado de S. Paulo, sob a responsabilidade do Tenente J. Marques da Rocha. Para isso deslocou-se do Rio o General Dr. Augusto da Cunha Duque Estrada, acompanhado do General Albano Osório, Coronel Hildebrando Duque Estrada, Major Jaime Rolemberg e José Brasil. Em São Paulo, onde pernoitaram, juntou-se à caravana o General Livino Wischral e o Capitão José Alves Brito Branco.

As autoridades locais assistiram à festa inaugural e o regresso fez-se através da linda cidade de Campinas. Em São Paulo foram os caravaneiros saudados por numerosos confrades da Liga Espirita do Estado de São Paulo, à frente dos quais se encontrava o seu presidente, Antenor Ramos. O General Duque Estrada ficou comovidíssimo com a recepção espontânea.

Como se vê, a Cruzada dos Militares Espiritas, a cujo Núcleo Central pertence o nosso redactor-correspondente Marechal Mário Travassos, tem sido incansável na expansão dos Núcleos, que se multiplicam em ritmo acelerado. Estamos convencidíssimos de que o seu labor se transformará num grande movimento semelhante à Legião da Boa Vontade.

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Espirita Fluminense, órgão da Federação Espirita do Estado do Rio de Janeiro, publica desenvolvido relatório das actividades desta agremiação apresentado em Assembleia Geral de 28 de Fevereiro último e subscrito pelo seu presidente e nosso querido amigo Major Dr. Luís Gentil.

De seus capítulos se infere o entusiasmo crescente que reina nos vários sectores da Federação, começando pela Confraternização Espirita Nordeste Fluminense, há pouco fundada e que reúne os Centros de Três Rios, Paraiba do Sul, Vassouras, Miguel Pereira e Sapucaia. As Semanas Espiritas multiplicaram-se e o movimento das mocidades acelerou a marcha para a frente.

Por outro lado, *O Espirita Fluminense* apresenta-se vitorioso e desempoeirado, sob a direcção habilíssima do General Milton O'Reilly, acclitado por intelectuais de grande projecção. O folheto «Evolução da Alma Animal», de Nelson Freire Lopes, e «Cartas de Uma Morta», que acabam de ser publicados, são prova evidente do esforço da Federação em prol da Doutrina.

A difusão do livro têm-lhe merecido igualmente a maior atenção, quer em exposições apropriadas nos vários Centros visitados, quer em compras de muitos exemplares na LAKE, de São Paulo, e na Federação E. Brasileira.

O Serviço de Instrução e Ensino, a cargo da Prof.ª Nita Gentil, funciona com eficiência e o Orfanato Dr. March dirigido por Alexandre de Araújo Góis manteve 100 meninas internadas, com manifesto equilíbrio financeiro, graças a donativos e utilidades, tendo-lhe o deputado Ewaldo Saramago doado a diferença do último aumento de subsídios no valor de cr$ 36.500,00 e permanentemente metade da diferença mensal.

O Consultório Médico e o Gabinete Dentário, dirigidos pela Dr.ª Elisabete Aumuller e Dr. Ivã Madeira Coelho, funcionaram com grande proveito. No primeiro atenderam-se 2.987 consulentes e foram dadas 5.023 especialidades farmacêuticas; no segundo atenderam-se 802 consulentes.

A Federação não tem dívidas. O que tem é grande necessidade de novos elementos para alargar o seu programa. Que Deus os inspire e o Alto os ajude nos seus objectivos.

SANATÓRIO ESPIRITA DE PELOTAS

Segundo lemos em Desobsessão, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o Sanatório Espirita de Pelotas, há pouco inaugurado nesta última cidade, publicou os resultados obtidos, desde que foi inaugurado, os quais vieram a público no Diário Popular de Pelotas.

Doentes atendidos	406
Consultas gratuitas	309
Electroconvulsoterapia ...	865
Coma insulínico	372
Injecções	5510
Curativos	259
Punções lombares	35

Quando lá estivemos, em 1955, tivemos ensejo de falar com o director-clínico do Sanatório, o confrade Dr. João Bender, que nos explicou os projectos e o funcionamento dos serviços a seu cargo. O que vimos e sentimos nessa visita será objecto de referência em «Ecos de Uma Viagem». Todavia, sempre diremos que nos impressionam os números estatísticos transcritos por Desobsessão e aqui deixamos as mais expressivas saudações aos confrades e amigos pelotenses, os quais, não obstante as dificuldades da hora presente, continuam a lutar pelo saneamento da raça e pelo bem-estar físico e espiritual de quantos necessitam de auxílio urgente.

HISTÓRIA DE FANTASMAS

Lemos o seguinte numa secção especial do Diário de Notícias, de Lisboa, sob o título «Fantasmas numa aldeia francesa»:

«Para quem não acredite em fantasmas, a história parecerá incrível. Mas não é tanto assim.

«Foi o caso que na aldeia de Saint-Clair, que tem 374 pessoas e fica próxima de Poitiers, habita numa quintarola a família Caillaux. E na semana passada os frascos de compota alinhados nas prateleiras da cozinha, começaram a cair com exactidão matemática. Os livros, por sua vez, desabaram da estante para o solo; os lençóis e os cobertores escorregaram da cama para o soalho. E quando tudo era colocado no seu lugar, tornava a cair.

«O pior foi quando o chefe da família — o sr. Caillaux — se levantou, ao romper da alva, num domingo, e foi fazer a barba. Ao abrir a torneira do lavatório, o pincel de ensaboar deu um pulo e foi para ao canto da casa.

«Apavorado, mandou chamar o cura da aldeia, que tentou acalmar o paroquiano. Quando se entregava a essa missão uma grande frigideira soltou-se da pega e quebrou o maxilar inferior do sacerdote.

«Era de mais! Caillaux recorreu então à polícia, que mandou dois guardas, os quais permaneceram na quinta durante 40 horas e nada descobriram.

«Só podia ser, portanto, obra de fantasmas. Uns fantasmas amigos de desarrumar a casa dos Caillaux...».

Desta vez o jornalista não «fez espírito» a propósito dos espíritos. Podia-lhe voar a «gillette» ou o «baton» em frente do toucador... e o caso não seria brincadeira. Haja em vista os apuros do sr. Homem Cristo na «Casa Fantástica da Cumeada», de que fala Flammarion em «Casas Mal Assombradas». O melhor é relatar sem comentar, porque os fantasmas aparecem, quando menos se espera, e ajustam contas à margem dos códigos terrenos, principalmente se os interlocutores «armam em espertos», como alguns que não ganham para o susto e deixam a bagagem na «terra de ninguém»...

UM MÉDIUM-PINTOR

Na exposição de Lille, de 25 a 27 de Janeiro último, uma tela do médium-pintor Victor Simon foi apresentada na televisão e entrevistado o seu autor, que expôs a história da sua mediunidade. Filho de um mineiro, tinha 34 anos sem nunca haver tocado num pincel. Foi quando sentiu a «revelação» das suas faculdades.

«Uma tarde — conta ele no livro «Reviendra-t-il?» — o meu corpo pareceu cair em catalepsia. Só os olhos permaneciam atentos. Ouvi então, nitidamente, as seguintes palavras: «Deves pintar...»

Comprou uma tela, pincéis e tintas... e sentiu um fenómeno extraordinário. Tinha a impressão de não ser ele próprio, deixando guiar a mão por força invisível.

Durante 20 anos, Vitor Simon pintou centenas de quadros, como se fossem páginas escritas: de alto a baixo e da esquerda para a direita. Assim apareceram figuras geométricas, arabescos, hieróglifos multicores, às vezes cabeças humanas, motivos de arte bizantina, hindu ou egípcia, de simetria perfeita.

Segundo o jornalista R. Lefebre, que entrevistou o médium na televisão, as obras mediúnicas de Vitor Simon (já publicou três: «Do Sexto Sentido à Quarta Dimensão», «O Retorno» e «Do Eu Desconhecido ao Deus Desconhecido»), não são muito acessíveis aos profanos. A barba nobre, o olhar profundo e a palavra sincera do «mensageiro do invisível» talvez provoquem cepticismo e incompreensão. Não quer dizer que o pintor e o compositor sofressem toda a influência de «forças sobrenaturais».

Depois de afirmar que o autor das bizarras telas não as quis vender ao público «para não cometer um sacrilégio», o jornalista alude a esta pergunta do médium:

— Que é a inspiração, esta inspiração que vem não se sabe de onde, a não ser da mediunidade?

E acrescenta:

«Não nos pertence responder. Mas a exposição citada é um problema, cujos elementos é preciso conhecer. Analise-se curiosamente a sua última obra — um quadro de 15 metros quadrados cheios de minúcias luminosas e inspiradas, feito em seis meses — e tome-se contacto com um homem simples e modesto que conta sem mistério o inexplicável:

«— Eu não sou nada. Tudo me vem de fora. Em torno de nós há

AS FESTAS DO CENTENÁRIO

Terminaram as festas do Centenário do «Livro dos Espiritos». Relanceando os olhos pelo cenário que as emoldurou, só temos razões de júbilo. Na verdade, todas as agremiações foram unânimes no esforço, não se poupando a trabalhos para que as comemorações resultassem brilhantes. Houve fé e entusiasmo, houve e há esperança de rejuvenescimento, que se há-de materializar nos anos que decorrem.

EMISSORA DA BOA VONTADE

A *Legião da Boa Vontade*, movimento de religiões irmanadas que se estende de norte a sul do Brasil, acaba de adquirir a emissora *Rádio Mundial*, do Rio de Janeiro, que irradia em ondas curtas, na faixa de 25 metros (11.775 quilociclos).

A *Rede da Boa Vontade* trabalha das 7 às 8 da manhã através das seguintes emissoras: *Rádio Mundial* (ondas médias de 860 quilociclos); *Rádio Mayrink Veiga* (ZYZ-28, faixa de 25 metros — 11.775 quilociclos) e *Rádio Cultura de S. Paulo* (ZYR, faixa de 31 metros — 8.745 quilociclos).

Aos domingos, à mesma hora: *Rádio Excelsior*, de São Paulo: ondas médias de 670 quilociclos e ondas curtas de 31 metros (9.585 quilociclos).

Todos os dias, das 20 às 22, Campanha da Boa Vontade com o Culto Cristão no Lar «Jesus Está chamando», na Rádio Mundial, sob a direcção de Alziro Zazur.

Em Portugal poder-se-ão captar estas emissões, tendo em conta a hora local brasileira, que difere da nossa cerca de quatro horas e meia.

Desobsessão, de Porto Alegre, escreve: «A Legião da Boa Vontade é um movimento vitorioso, sem dúvida inspirado pelas esferas do Bem e que presta relevante serviço na cristianização dos brasileiros, mas que, de agora em diante, desferirá o voo que traçou, visto reunir legiões de homem e mulheres de boa vontade, prontos ao serviço em todos os quadrantes, dispondo de meios próprios para a difusão da palavra aliciadora e esclaredecodar. Pode-se discordar de Alziro Zarur pela sua reacção, às vezes enérgica, frente a impenitentes adversários, mas ninguém poderá deixar de reconhecer que é um missionário chamado a aplainar o caminho na Terra do Evangelho».

Todos os movimentos deste género encontram ambiente nas almas sensatas e harmoniosas e por isso registamos o facto, desejando aos legionários os maiores triunfos no seu trabalho de seareiros.

---

forças que nos envolvem, que nos auxiliam. E se exponho isto a que chamo «mensagens», não tenho o direito de as guardar para mim».

Vitor Simon é também director do jornal Forces Spirituelles, *órgão da Renascença Espiritual Francesa. Tem feito numerosas exposições. Ainda não há muito que os seus quadros alcançaram mérito notável no norte de Marrocos, antes da convulsão argelina. E as suas conferências despertaram a atenção de numerosos estudiosos das coisas psíquicas, como tivemos ensejo de notar, através da leitura de jornais profanos.*

ALGUNS AMIGOS...

Gardénia Azul publicou o seguinte apólogo num jornal de Montevideu:

«Alguns amigos são iguais ao macaco que acompanhou o elefante no deserto. Chegado ao outro extremo, o macaco abandonou o companheiro.

— Por que me deixas? — perguntou este:

— Porque já não preciso da tua sombra...

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM MAIO DE 1957

Grupo «Allan Kardec»

Todas as 2.as feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 7, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano, dirigido por António Cardoso.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 19, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «A Vida de Além-túmulo».

Dia 21, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano dirigido por António Cardoso.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 2 de Junho, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 4 de Junho, terça-feira — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9 de Junho, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Sudário de Turim».

Nota — *As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia.*

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Abril — Tatwa Elifas Levi, de Vendas Novas, 400$00; D. Ilda Grácio, de Lisboa, 20$00; D. Maria de Monte e Freitas, de Lisboa, 10$00; Um irmão da Rua de Nevala, de L. Marques, 31$80; D. Maria Madalena Macedo, de Oliveira, 4$00; A. L. F., de Lisboa, 40$00. *Total — 505$80.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$50
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00	35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00	35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00	35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00	38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00	38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00	35$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-à a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo	50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	25$00
Enigmas da Psicometria	28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	26$00
Xenoglossia	32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	40$00
Casas Mal-assombradas	50$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	75$00
Narrações do Infinito	30$00
Urânia	40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis*	40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00	28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado	48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas — enc.	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis*	40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel*	70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm

10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Trabalho, da **Redacção**; O Mestre da Nova Revelação - I - por **Pedro Alvarez y Gasca**; Guerra Junqueiro, por **Paulo Alberto**; James J. Dickson, Grande Médium de Materializações à Luz do Dia; Um Espírito Canta e Outro o Acompanha ao Piano, pelo **Dr. M. A. Bulman**; Notícias da Bahia, por **Alfredo Miguel**; A Cura Espiritual - Olhos e Ouvidos; Espírita e Não Espírita; Só Espiritismo Científico? (Mensagem recebida pelo Médium **Francisco Cândido Xavier**); «Eu Não Vim para os Sãos, Mas para os Doentes»; Cumpra-se a Lei, por **José Simões de Matos**; O Espírita Cristão, por **Leopoldo Machado**; Ecos de Uma Viagem - XXIX - Belo Horizonte, por **Isidoro Duarte Santos**; O que se Leva Deste Mundo, por **Zalmino Zimmermann**; Soliloquio, por **Manuel Cavaco**; A Voz de Portugal Espírita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

JAMES J. DICKSON

(Ver pág. 181)

18.º ANO JUNHO DE 1957 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Henrique Magalhães — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
João Coragem — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Zalmino Zimmermann — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda.*

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO | LISBOA, JUNHO DE 1957 | N.º 6

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

TRABALHO

Não há nada como o trabalho para alegrar e engrandecer. O homem que trabalha obriga a população orgânica a mutações constantes, a trocas que se reflectem no metabolismo e contribuem para que o conjunto se torne homogéneo. Tem harmonia, tem saúde, vive tranquilo, a servir a comunidade, a respeitar-se a si próprio. É elemento necessário e vitorioso, porque, no dizer de Franklin, a fome espreita à porta do homem laborioso, mas não se atreve a entrar.

O trabalho é bónus, é recomendação, é passaporte; dá direito ao pouco e ao muito; é escada de acesso a todos os lugares, por mais altos e mais difíceis que sejam. A boa vontade o alicerça na vida dos grandes realizadores. É o nosso melhor amigo. Não nos deixa aborrecer o presente nem recear o futuro. Pertence à vida colectiva, está ligado ao progresso; é suserano e vassalo, no objectivo e subjectivo. Até os animais lhe pagam tributo. E os insectos e os infusórios. Tudo o que pertence à criação.

Legouvé abarcou o problema nesta expressão bem simples: «Deus não condenou o homem ao trabalho; condenou-o a viver, dando-lhe o trabalho, como circunstância atenuante».

Que seria da criatura, se o movimento a não impulsionasse? O espírito não se nutre em vegetação. A mobilidade é um privilégio que lhe pertence, que o caracteriza na vida de relação.

Aristóteles, trabalhando alegremente, deu nobre exemplo a seus discípulos.

— O prazer no trabalho aperfeiçoa as obras — exclamava ele, incitando ao esforço prazenteiro.

As raças inferiores empregam o músculo ao som de cantos melodiosos. Trabalham menos, porque menos necessitam. Mas resolvem os problemas económicos, sujeitos ao mesmo princípio imanente.

A seara espirita é alfobre de trabalho e aula de virtudes. E o melhor quinhão é da mulher-esposa e mulher-mãe. Uma e outra estão na base das obras maiores, que desafiam o tempo e a maldade humana. Quantas delas se fizeram gota-a-gota, com esforço humilde, esperança e fé por lema? E que importa levar muito ou pouco tempo na sua execução? O que é preciso é constância e força de vontade, factores indispensáveis à edificação dos monumentos.

— Transportai um punhado de areia todos os dias e fareis uma montanha.

Esta máxima de Confúcio tem beleza subjectiva. Quem a puder realizar será credor de inestimável tesouro e dominará pelo trabalho.

A bondade e a celebridade estão no cume de um monte e poucos se abalançam à subida. A primeira é mais rara. É diamante que a dor lapidou, minuto a minuto, na estrada dos milénios. A segunda é contingente. Fica entre dois extremos imponderáveis: o real de lá e o irreal de cá. Às vezes é simples aventura sem trabalho. Um solavanco... um encontrão na vida... e pronto. O mendigo passa a milionário.

Mas isso não é areia que erga montanhas. Estas constróem-se com trabalho persistente, com trabalho aturado.

No cimo pode estar a bondade luminosa, que poucos procuram e raros encontram, pode estar o prémio de quem se desdoluou.

Voltaire fez um dia a seguinte pergunta:

— Porque se ignora ainda o segredo de obrigar todos os ricos a fazer trabalhar todos os pobres?...

Quando o segredo se encontrar, o homem terá rejuvenescido. Alegria, compreensão, justiça, felicidade, serão degraus de uma escada imensa mais fácil de subir do que as escadas tortuosas da luta humana feitas de egoismo e retaliação. Mas nos seus degraus brilhará o trabalho, como factor de progresso incessante.

O MESTRE DA NOVA REVELAÇÃO

Por *Pedro Alvarez y Gasca*
(Correspondente no México)

I

HÁ uma lei universal segundo a qual o progresso dos mundos se efectua mediante um trabalho de colaboração entre os seres humanos e o mundo espiritual. Se examinarmos a história da humanidade à luz da Nova Ciência do Espírito, esta colaboração tornar-se-á evidente à primeira vista.

Desde as formas antigas do totemismo e do culto aos antepassados até os oráculos da Grécia que, sentados no cairel dos abismos, transmitiam aos povos a vontade dos deuses — espíritos protectores das tribos e das raças — e destes aos fenómenos produzidos no seio das primeiras cristandades, aos grandes iluminados da Idade Média, aos fenómenos de Hydesville e, sobretudo, ao trabalho dos elevados espíritos solitários que, à semelhança de Jeová e Ormuzd, prepararam o caminho à ideia unicista de Deus, por toda a parte e em todas as épocas vemos que a humanidade tem seguido caminhos abertos pelas inteligências das esferas superiores. E dos factos humanos em relação com os fenómenos naturais, destruindo suas aparentes contradições; e da relação destes entre si, na subtil ligação de causas e efeitos, que vão tecendo a maravilhosa teia da História, podemos também deduzir que, por cima das inteligências espirituais que estão em contacto directo com o homem, há planos gigantescos para o desenvolvimento dos mundos, planos que se exercem em ciclos milenares e que, em sua marcha olímpica, arrastam indivíduos e povos, e raças e humanidades.

E ao contemplar a história dos povos e das humanidades, em perspectiva de milénios, vemos que, apesar de todas as contradições, esses projectos se realizam sobre as mais espantosas catástrofes, os retrocessos mais desalentadores e todas as dilações, porque as catástrofes, retrocessos e dilações estão previstos nesses planos extraordinários em que o espírito imortal é tudo. E a destruição fortuita dos organismos marca um passo que acelera a evolução do ser para a realização de mais altos destinos.

Que os homens tenham ou não consciência destas verdades, assim como do trabalho — poucas vezes visível — do mundo espiritual, não importa, visto eles serem conduzidos a fim determinado e grandioso e que um dia terão de reconhecer esses trabalhos e participar na realização daqueles planos.

O HOMEM E O MUNDO ESPIRITUAL

De facto e em princípio, os seres humanos tomam parte na realização dos planos espirituais embora inconscientemente. E são, igualmente em princípio, instrumentos inconscientes do mundo espiritual, porque não são máquinas inanimadas movidas por forças estranhas. Têm pensamentos e sentimentos próprios, têm iniciativa própria. E, além disso, livre arbítrio. Consequentemente, o homem pode ser colaborador eficaz do mundo espiritual, ou apresentar obstáculos ao progresso, às vezes insuperáveis, em virtude da sua ignorância e inclinação ao mal. Por seu lado, o mundo espiritual não se compõe ùnicamente de inteligências luminosas e benfeitoras, mas também — e sobretudo em plano próximo da humanidade — se movem poderosas forças de destruição e retrocesso. Tudo isso forma um conjunto de elementos bastante complexos, nos quais se integra o drama da vida, que começa a desenvolver-se na penumbra dos mundos primitivos. E das acções e reacções mútuas dessas forças gigantescas em acção, resulta o progresso — e a luta pelo progresso — na marcha ascen-

dente das humanidades, através dos primeiros milénios da sua existência.

POSIÇÃO ACTIVA E PASSIVA

A posição do homem no campo da colaboração humano-espiritual pode classificar-se em *passiva* e *activa*, *consciente* e *inconsciente*.

A primeira corresponde a todos aqueles que agem extemporâneamente, ao impulso da solicitação espiritual ou por efeito passageiro de seus próprios sentimentos. Passado esse impulso, volvem à inactividade, e o seu mérito consiste principalmente numa sensibilidade capaz de responder a nobres inspirações provenientes do mundo espiritual ou do espectáculo doloroso das necessidades humanas.

Na posição activa estão os que lutam constantemente pelo progresso. Têm iniciativas e planos próprios e tentam desenvolvê-los com bom resultado. São os verdadeiros trabalhadores de Deus na terra.

A posição consciente, como o seu nome indica, corresponde aos que sabem que colaboram com o mundo espiritual, sendo inspirados por ele para o progresso da humanidade. A posição inconsciente corresponde aos que ignoram esta circunstância.

Como se compreenderá fàcilmente, os maiores mestres da humanidade ocupam sempre uma posição activa e consciente no campo da colaboração humano-espiritual. A ela pertencem os grandes messias, como Krishna, Buda e Jesus; os grandes legisladores, como Moisés; os grandes apóstolos, como Paulo de Tarso e Francisco de Assis; os grandes mestres, como Lao-Tse, Confúcio e Sócrates; os grandes reformadores, como Lutero; os grandes libertadores, como Moisés, Joana d'Arc e Gandi; os grandes depositários da revelação espiritual, como Zoroastro, autor do «Bhagavad Gîta», Swedenborg e Allan Kardec.

A MISSÃO DE KARDEC

Na vida das humanidades há momentos transcendentais destinados a transformar o futuro. Entre eles deve contar-se, indubitàvelmente, o nascimento dos grandes homens. A terra escura, rodando na imensidade do éter, conseguiu aprisionar na sua atmosfera um ser de progresso e de luz? Momento solene de promessas para a humanidade, tanto mais solene, quanto mais ignorado for dos homens.

As sete da tarde de 3 de Outubro de 1804 foi um desses momentos. Então, na rua Sala n.º 76, em Lião, França, nasceu uma criança que levaria os nomes de Hipólito Leão Denizard Rivail e que se tornaria pedagogo e filósofo e colaboraria com os dirigentes espirituais do mundo Terra, oferecendo-lhe a sua personalidade e preparação científica, para que a revelação, perdendo o aspecto místico e fantástico, se convertesse em realidade tangível e aceitável para as sociedades humanas em grande parte educadas na ciência e na razão.

A formosa cidade de Lião, em França, viu-o nascer. À primeira vista, parece que o local não fora bem escolhido. Aquela grande cidade, fundada na confluência do Ródano e do Sena, famosa pela indústria desde a época romana, de cujas fábricas saíam sedas, tapetes e tecidos que se espalhavam pela Europa, competindo vantajosamente com os ingleses e os flamengos, não parecia apropriada a um homem de estudo que devia meditar sobre profundos problemas filosóficos e espirituais. É verdade que a indústria lionesa sofrera rude golpe, por causa das represálias da Convenção, em 1793, contra a insurreição realista da cidade; mas logo esta foi restaurada por Napoleão e o auge industrial voltou ràpidamente em ritmo acelerado com a introdução de milhares de teares manuais. O tráfego, o ruído, o ambiente comercial e financeiro daquela urbe, que disputava a Marselha o segundo lugar de França, parecia demasiado perigoso a um jovem que, pelo contrário, devia afastar-se do tráfego e do ruído, a fim de se preparar no silêncio e na meditação para o cumprimento da missão especial.

Mas as grandes missões levam-se a cabo de acordo com as circunstâncias e as necessidades dos tempos. Não estamos na época dos cenobitas e ascetas da Idade Média. A missão outorgada a este lutador requeria, não o isolamento e a soledade, mas a acção orientadora e fecunda nos grandes conjuntos humanos. Para isso devia converter-se num homem de grande preparação, com personalidade — e autoridade — no mundo intelectual e científico da sua época. Requeria um pedagogo sábio e hábil capaz de difundir os ensinamentos recebidos, como tesouro de luz e verdade, em linguagem adequada às massas impreparadas e às inteligências desenvolvidas no estudo e na investigação. Requeria um polemista firme e sereno, capaz de defender com êxito uma teoria e uma doutrina

que pareceria ridícula a muitos, supersticiosa a uns tantos e interesseiro embuste a outros.

E Rivail converteu-se nisto. Como se um génio invisível lhe guiasse os passos, vê-lo-emos ir de Lião a Verdun, de Verdun a Paris, a estudar, a trabalhar, a preparar-se para a tarefa que o futuro lhe poria nas mãos e que ele era o primeiro a ignorar. Em Verdun estuda com o grande Pestalozzi, de quem chega a ser um dos maiores colaboradores e amigos. Desde então, o método pedagógico é para ele o sistema ideal no ensino. Aprendeu Biologia, aprendeu Física e Química; aprendeu Matemática, Astronomia e Pedagogia. Falava seis idiomas. A ciência envolveu-lhe a inteligência numa aurora deslumbrante, mas esta luz não cegou os seus olhos espirituais.

A Biologia fê-lo pressentir essa vibração misteriosa que transforma um pedaço de matéria num ser vivente; o estudo das ciências físicas fê-lo penetrar no segredo das mutações materiais e das leis energéticas. A Astronomia descobriu a seus olhos maravilhados os esplendores do universo e habituou-lhe a mente aos problemas da infinidade e da eternidade. O estudo dos métodos científicos disciplinou o seu pensamento e habituou-o a contemplar as coisas em vasta perspectiva, abarcando, de relance, as causas e os efeitos até às últimas consequências. Aprendeu a analisar e a sintetizar, a ordenar e a calcular. E a Pedagogia o preparou para difundir os ensinos que obteria, mediante a investigação e a revelação.

Foi nessa época, quando a sua preparação e o seu pensamento chegavam a plena maturação — quarenta e quatro anos de idade — que surgiram os fenómenos de Hydesville, os quais, pouco depois, chamavam poderosamente a atenção da Europa, sobretudo em Inglaterra e França. Mas, a princípio, aquele homem de ciência não prestou atenção a estes factos. O seu espírito sereno e positivo, a sua ampla preparação científica e o seu grande senso crítico devem ter-lhe mostrado, naquele movimento tanto em voga, uma espécie de rejuvenescimento das velhas crenças necromânticas que em todos os tempos inquietaram a humanidade, e possivelmente um produto de charlatanice e de ignorância. Quando o seu amigo Fortier lhe falou das «mesas falantes» (1854), respondeu sem titubear:

— Acreditarei quando vir e me demonstrem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa converter-se em sonâmbula. Até lá, permite-me que veja nisso um conto de fadas.

Mas os génios invisíveis que lhe guiavam os passos não tardaram a manifestar-se. Depressa foi posto em contacto com pessoas honestíssimas dedicadas a estes estudos e que eram alheias a superstições. Viu então que havia fenómenos ainda não catalogados nem estudados pela ciência. E viu também que era urgente estudá-los e catalogá-los.

Rivail era um homem de ciência. A sua atitude perante os fenómenos coloca-o entre os sábios. A maior parte dos homens de ciência julgam-se sábios, que não é o mesmo, e convertem a sua opinião no «magister dixit» que impõe, inapelàvelmente, sobre tudo o que examina. E a maioria das vezes sem prévio exame.

Tudo o que não se encaixe nos seus estreitos conceitos repelem-no desdenhosamente, principalmente aquilo que lhes pode destruir a auréola prestigiosa. Estes sábios não procuram a verdade, mas a posição que criaram entre os homens.

Não é assim o verdadeiro sábio. Este não teme as novas verdades, nem as troca por errados conceitos, pois sabe que a posse de uma só verdade é infinitamente mais preciosa que cem teorias confusas. Sabe que, ao fazê-lo, troca um diamante falso por um verdadeiro, a luz de uma vela por um sol resplandecente.

O lema do sábio autêntico é o de Sócrates, esse homem humilde considerado o protótipo do verdadeiro sábio; lema tão conhecido, que nunca será demais repeti-lo:

— Eu só sei que não sei nada.

Esta atitude socrática é que informa toda a obra de Kardec.

(Tradução de I. D. S.)

Guerra Junqueiro

Junqueiro, tu eras poeta!
Sabias cantar! Sabias
Fazer dos teus pensamentos
Primorosas melodias!

Que prodígio a tua lira!
Que prodígio a tua voz!
Melhor que tu não cantavam,
Certamente os rouxinois!

Baía, 1944 **PAULO ALBERTO**

James J. Dickson

Grande médium de materializações à luz do dia

Em 9 de Novembro de 1956 abandonou a Terra o Reverendo James J. Dickson, médium da mais extraordinária faculdade psíquica de que há memória: produzir materializações à luz do sol.

Foi na cidade de São José, o grande Estado da Califórnia, que a morte o surpreendeu. Tinha 76 anos, cinquenta e sete dos quais dedicados ao trabalho mediúnico, em demonstração contínua da sobrevivência da alma humana. Nasceu a 16 de Junho de 1880, em Beulah, Colorado, Estados Unidos, e casou com Gertrude Harcall Dickson, que o acompanhou com dedicação permanente.

As materializações obtidas por Dickson eram do conhecimento de milhares de pessoas, que chegaram a percorrer distâncias incríveis para assistir a essas maravilhas.

Muito cedo a sua acção começou a ser conhecida, sobretudo em países de língua inglesa. O Harbinger of Light, *de Melbourne, Austrália, publicou em 1 de Junho de 1930 um artigo, em que a senhora Lind-af-Hageby conta como assistiu em São Francisco da Califórnia a uma sessão de «voz directa» deste médium e na qual ouviu cinquenta vozes diferentes a falar com vários auditores. Sentavam-se em semi-círculo e diminuiam a intensidade da luz. Depois as materializações surgiam num ambiente indescritível...*

No dia seguinte teve a honra de presenciar uma estranha dança de espíritos.

— Com uma formosa dança começou o espectáculo — disse ela — sem qualquer ruído de pés e sendo cada espírito de estatura diferente. Não sei quanto tempo passou. Talvez uma hora... É uma das coisas mais raras que tenho visto.

Noutra sessão viu 50 espíritos materializados, diferentes em voz e em traje, e todos foram reconhecidos. Assistiu nessa noite a uma coisa estranha: a formação de um guia só com o rosto e peito e que depois desapareceu no solo.

Dickson transformou-se em pastor da Igreja da Revelação e as provas de sobrevivência multiplicaram-se dia-a-dia, na rua, no jardim, no terraço, à luz do sol, e em casa dele, em frente das janelas. E até chegou a causar materializações a grandes distâncias.

James J. Dickson

Sobre a mediunidade, escreveu à nossa amiga Elodia Cástel de Benavides, directora de Voz Informativa, *da cidade do México:*

«Cada um podia conseguir a sua prova, visto que o médium estava em constante ligação com o mundo espiritual».

E mais:

«Os fenómenos mediúnicos não devem estar ao alcance das multidões, que os não apreciam, nem dos curiosos».

Aos 76 anos deixou de trabalhar para o mundo espírita, por sofrer do coração, mas alguns fenómenos espontâneos eclodiram aqui e ali, originados pela sua força psíquica.

Os últimos tempos da sua vida passou-os entre visitantes que das mais longínquas regiões acorriam a sua casa de S. Francisco.

Médiuns como James J. Dickson aparecem meteòricamente e deixam lacunas em nossas fileiras. Mas a sua obra fica, cheia de esplendor que o tempo ainda mais engrandece.

Que os seus guias Juanita e Minnie Brown *tenham acolhido na pátria comum quem foi modelo de homem e magnífico representante da Doutrina.*

(Ver o artigo da página seguinte)

O Dr. M. A. Bulman escreveu

UM ESPÍRITO CANTA E

Os fenómenos físicos do Rev.º James J. Dickson pertencem às maravilhas do nosso tempo e são conhecidos em todo o mundo. São de tipos diferentes. As materializações, que provam a vida eterna por meio de claras imagens do Além; a voz directa, que prova a imortalidade mediante dissertações auditivas; os retratos feitos por seres desencarnados, que servem de testemunho do contacto com os seres desaparecidos e, finalmente, a leitura do espírito, que explica muitos mistérios anímicos. A grandiosidade destas manifestações inspira o desenvolvimento psíquico e desperta a espiritualidade. A substância do Espiritismo floresceu de maneira magnífica neste médium.

COMO NA VIDA

Muitas vezes o Rev.º Dickson se colocou atrás da cortina e os presentes viram emerger imediatamente um espírito masculino e outro feminino. Como se estivessem ainda na vida material terrena, atravessavam o salão e dirigiam-se ao piano. O espírito do homenm sentava-se em frente do móvel e, como numa sala de concertos, a mulher cantava acompanhada ao piano. Fascinante espectáculo!

Durante três décadas observei os soberbos fenómenos do Rev.º Dickson. As suas materializações, sempre interessantes, nunca deixaram de me causar admiração.

VOZES SUAVES

Uma noite fazia eu um ajustamento das vértebras cervicais ao Rev.º Dickson, a fim de o tratar do resfriamento de que sofria, quando, inesperadamente, ouvi estranhas e suaves vozes que conversavam.

Intrigado pela sua musicalidade, que fazia lembrar instrumentos de corda, escutei com atenção para localizar a sua origem. Não vinham da rua nem dos doentes que estavam na ante-sala. Vinham do armário do meu consultório. Tinha uma só entrada e estava vazio. A porta encontrava-se estreaberta.

Neste momento notei que o Rev.º Dickson entrara em estado de transe. As vozes eram de espíritos! Dirigi-me ao armário e descobri na penumbra uma visão espantosa. Um espírito de graça celestial, em traje elegante e cingido, banhava-me, por assim dizer, de sorrisos. Contemplei-o sem poder falar. Numa atitude encantadora sacudia os caracóis que lhe caíam sobre as feições e disse o seu nome...

SUBLIME ENCONTRO

Era minha mãe. Disse que meu pai, os meus dois irmãos e uma irmã estavam prezentes e me enviavam mensagem de amor. Falou de várias coisas importantes e do seu lar no mundo dos espíritos.

Quando a nossa conversa terminou deu-me lembranças para a minha irmã Nell. Seguidamente deu-me as boas-noites e desapareceu através da parede.

Imaginai este sublime encontro! Senti-me transportado. O Rev.º Dickson jazia ainda sobre a mesa no estado de transe e poucos momentos depois voltava a si. Uma vez relatada a minha experiência, empreendi silenciosamente a tarefa de desenvolver as faculdades psíquicas, para conseguir as minhas próprias materializações.

O «ESTRANHO»

Informações como estas merecem divulgação. Muitas pessoas assistem aos fenómenos do Rev.º mediante recomendação. Visitante peculiar foi um cavalheiro distinto que se sentou a meu lado, durante uma sessão, avisando que viera a comprovar notícias que lhe pareciam extravagantes e comunicar-se possivelmente com uma filha que havia falecido.

Quando as luzes se atenuaram e começaram as manifestações, o sujeito estranho era todo atenção. Observava as impressionantes aparições dos espíritos, os seus movimentos para exibir pormenores de indumentária, véus, saias, pedrarias, flores, assim como a gradual desmaterialização ou fuga através das paredes.

Ele parecia aprovar com movimentos de cabeça a aparição de um poderoso chefe índio coberto de plumas, da cabeça aos pés, seguido pela sua «squaw» (esposa no idioma dos índios norte-americanos).

Quando seis espíritos se materializaram ao mesmo tempo e conversaram com os entes queridos que estavam no salão, o forasteiro teve exclamações de assombro e convencimento. Depois, quando sete auditores se dirigiram para trás da cortina e esta foi corrida e eles apareceram ao lado dos espíritos que começavam a materializar-se, o estranho rompeu em exclamações de admiração. Mas ainda nenhum espírito se lhe tinha dirigido.

A ATLÂNTIDA

A cena estava quase a concluir-se, quando uma bela e jovem mulher, de grande e brilhante cabelo, se tornou visível. Disse chamar-se Beatriz Evelyn Austin. O cavalheiro levantou-se jubilosamente. Era sua filha! Mantiveram conversação, após a qual o espírito se elevou para o tecto e desapareceu.

Ao terminar a sessão, o forasteiro identificou-se como o doutor B. F. Austin, de Los Ângeles, director do periódico espirita *Reason* (A Razão). Desde essa data e até à interrupção da sua revista, escreveu vários artigos de louvor à obra do Rev.º Dickson e dos seus estranhos poderes psíquicos.

Se o doutor Austin tivesse ali ficado para conhecer outros fenómenos provocados pelo médium, a sua apreciação teria sido mais profunda. Teria, por exemplo, ouvido *Juanita,* antiga habitante da Atlântida, que falou cerca de uma hora, durante a qual se tornou completamente visível ao lado do reverendo e fora da cortina.

Estas palestras são a explicação dos fenómenos psíquicos comparáveis a um bosque coberto de orvalho. A conversa de *Juanita* a respeito das materializações pode-se dizer que se ligam com a ciência espirita.

O QUE VEMOS

O ponto de maior interesse das exposições de *Juanita* é o que se refere a vibrações mentais, a efeitos

químicos dos fluidos vitais, ao espírito considerado magneto-dínamo e a espíritos que se tornam visíveis, andam e falam.

As teorias espíritas vulgares são discutidas e explicadas por ela que, lógica e terminantemente, prova que a materialização é um processo espiritual conhecido pela energia, habilidade e inteligência do mundo dos espíritos.

Juanita refere-se à Natureza, dizendo que também é materialização, resultado de forças cósmicas subtis que operam sobre ela em condições normais.

AS BASES DA MATÉRIA

Tudo o que os olhos vêem e os ouvidos ouvem é materialização. Os órgãos devem ser materializados para dar origem ao som.

Juanita nota que as partes componentes dos sólidos são partículas infinitesimais de energia em vibração. A diferença está no que entendemos por energia e matéria.

Um claro esquema da influência da materialização no desenvolvimento do homem desde os alvores da razão esclarece o assunto e conduz às seguintes revelações:

O poder do espírito, segundo revelou *Juanita,* constitui impressionante experiência. Tomou como ponto de partida um espírito que deseja fazer uma viagem ao mundo físico e descreveu a perfeição e harmonia de que ele procede e como é investido na carne, para depois passar à observação do homem.

— O espírito — disse ela — nunca perde o contacto com o mundo de onde vem.

A FORÇA DO ESPÍRITO

Contudo, o homem imerso na matéria, procura voltar instintivamente ao contacto dos espíritos amigos para saber de si mesmo e conhecer os seus propósitos terrenais e o seu destino.

Este contacto estabelece-se através da força psíquica, que reside na harmonia de si próprio com o mundo espiritual. As suas possibilidades excedem tudo o que pode imaginar-se.

Juanita dá relação pormenorizada das faculdades espirituais e materiais da força do pensamento e mostra-a claramente na vida diária, lutando pela saúde, pela inspiração e pela felicidade.

A subtil influência da associação consciente com as vibrações divinas é intuitiva.

PACIÊNCIA

Outra faculdade psíquica de *Juanita* permiti-lhe fazer interessantes desenhos em lousas. Depois de assistir durante anos aos cursos de desenvolvimento espiritual do Rev.º Dickson, eu mesmo desenvolvi consideràvelmente as minhas faculdades e amiúde consigo demonstrações compensadoras em minha casa. Ainda há pouco obtive o retrato notável de um espírito. Sentei-me pacientemente, sem conseguir resultado algum. Desconcertado, chamei o Rev.º Dickson ao consultório e pedi-lhe auxílio. Quando chegou trazia duas lousas bem embrulhadas e seguras por uma tira de oleado. Segurei-as nas mãos e sentei-me à distância de metro e meio dele. Havia clara luz meridiana. Meia hora depois desembrulhei as lousas... e vi, em belas cores, o retrato do meu Chefe Índio Mokah, cuja efígie era o que eu mais desejava. Senti uma grande alegria. Note-se que as lousas não estiveram sempre nas minhas mãos e que o Reverendo Dickson não lhes tinha tocado. Esse retrato é prova indubitável da vida eterna.

GALERIA PSÍQUICA

Em reuniões da Igreja Espiritual da Revelação vi expostos uns 200 desenhos de *Juanita,* obtidos sem que o Reverendo Dickson lhes tivesse tocado.

Quando *Juanita* falou sobre a origem da vida humana e dos diferentes estádios da humanidade acompanhou as palavras com ilustrações em que se via um bosque com choças nas árvores, alguns homens das cavernas, horríveis de ver, e um habitante dos lagos. Havia também desenhos de pessoas do tempo de Cro Magnon.

REGRESSO DA ANTIGUIDADE

Os espíritos destes antigos habitantes da Terra aproximaram-se de *Juanita,* para que esta os desenhasse como eram naqueles remotos tempos. Deste modo, os homens modernos podiam ver como eram os seres humanos nessa época.

Também estiveram presentes espíritos de atlantes e de homens de Mu para serem desenhados por ela, a fim de ilustrarem palestras acerca dos seus velhos continentes.

Outros espíritos ali estiveram, quando ela dissertou sobre tempos pré-históricos mais recentes.

Desta forma pudemos ver nas lousas antigas figuras persas vestidas à moda do seu país e do seu tempo, hindus de turbante, um chinês de bigode, gregos e romanos, reis incas das margens do Titicaca, deslumbrantes rainhas egípcias adornadas de jóias, viboras e asas, esquimós e uma índia norte-americana com o filho às costas.

Através de várias décadas têm sido tantas as pessoas que se deleitam com os desenhos de *Juanita,* que hoje há muitas centenas deles. Durante 50 anos, o Rev.º Dickson tem realizado magníficos fenómenos públicos com três ou quatro sessões semanais. Só um médium bem desenvolvido pode avaliar o que representa semelhante labor.

MUNDIALMENTE CONHECIDO

O Rev.º Dickson tem realizado sessões na presença de autores, conferencistas, diplomatas ingleses, franceses, alemães, chineses, etc., e artistas, músicos, pessoas reais, advogados, cientistas e médicos. Muitas pessoas lá têm ido e são obrigadas a regressar.

A imprensa diária tem-se ocupado do Rev.º com grande interesse e periódicos espiritas dos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália elogiam frequentemente os poderes extraordinários deste homem.

(De *Voz Informativa,* traduziu I. D. S.)

OUTRO O ACOMPANHA AO PIANO

NOTÍCIAS DA BAHIA

Uma cidade progressiva onde o Espiritismo acompanha o rítmo do seu desenvolvimento. — Dois periódicos e um programa radiofónico ajudam a difundir a doutrina consoladora em Vitória da Conquista. — Onde o Prefeito é espirita e o povo é culto e hospitaleiro.

TEXTO DE
ALFREDO MIGUEL

O convite nos viera à queima-roupa. O Barreto no-lo fizera em Feira de Santana, onde nos avistáramos pela primeira vez, como participantes da grande Concentração de Mocidades e Juventudes Espiritas, realizada naquela cidade no começo do mês de Março do ano corrente.

— Certo, Barreto; iremos a Vitória da Conquista e pronunciaremos as palestras que você deseja.

— Olhe lá o que temos combinado! A 5 de Abril estaremos à sua espera no aeroporto. A notícia vai ter boa repercussão, porque o seu nome já é bastante conhecido em Conquista.

O Dr. Luís Barreto, médico ilustre e confrade dos mais operosos, tem um misterioso poder de atrair simpatias. Por isto a vontade de revê-lo e ficar alguns dias em seu convívio, na sociedade dos irmãos conquistenses, fortaleceu-nos a decisão de cumprir à risca o prometido.

Então na data prefixada, um avião da *Real* nos punha no aeródromo daquela florescente cidade sertaneja. Mal o aparelho pousava, tivemos logo a primeira surpresa.

— Que tanta gente é essa à chegada de um avião? — foi a pergunta que a nós mesmo nos fizemos.

E logo nos ocorreu: Se essa multidão não está aqui para recepcionar algum político da terra, em evidência, por certo veio aclamar jogador de futebol, que tenha viajado connosco... Eis senão que, ao pisarmos em terra firme, certificámo-nos de que aquele aglomerado de cavalheiros, senhoras e senhoritas, acrescido de duas alas de escolares, reunia as diversas classes sociais de Vitória da Conquista para dar as boas-vindas ao anunciado conferencista e ao Tio Juca. Só que o Tio Juca, à última hora, desistira de viajar, ficando para nós, sòzinho, todas aquelas palmas, aqueles abraços e aqueles sorrisos maravilhosos da distinta mulher conquistense. E o Barreto, lampeiro e risonho, foi-nos fazendo as apresentações. O preclaro governador da cidade ali estava com o digno presidente da Câmara de Vereadores, além de outras autoridades, jornalistas, médicos, advogados, comerciantes e directores de diversas instituições espiritas locais.

A HOSPEDAGEM

Alinharam-se os veículos e todos rumámos de automóvel e *jeep* para o centro da cidade, a uma distância de dois quilómetros. Estava-nos reservada hospedagem no lar cristão de Aureliano Augusto da Silva e sua virtuosa esposa D. Zélia Santos da Silva.

Aí é como se fôssemos hóspede também do Dr. Aquiles Mota, presidente da «União Espirita de Vitória da Conquista» e director do periódico *Conquista Espirita*. O Dr. Aquiles, concunhado de Aureliano, passava ali os dias com sua digníssima consorte, D. Carmélia dos Santos Mota, e era ele quem nos mostrava os recantos da cidade no seu *jeep* e à noite nos transportava aos Centros, para as palestras.

CIDADE GRANDE E PROGRESSISTA

Ao cortar os céus de Vitória da Conquista, a aeronave nos permite divisar pela janelinha de vidro um largo panorama citadino, e a gente logo se convence de que aquilo lá em baixo é uma grande cidade.

Realmente, não há engano na observação. Vitória da Conquista tem lá sua população de 45.000 almas. Possui cinco casas bancárias, cerca de vinte médicos, outros tantos dentistas e dez advogados. Sua Escola Normal está bem instalada em edifício modernissimo, onde há salão de cinema e teatro, recinto para conferências, etc. O professor Everaldo Públio de Castro, seu director, é um homem lhano que todos dizem estar preenchendo o cargo por natural vocação e com singular proficiência. Completam o conjunto pedagógico de Vitória da Conquista mais quatro estabelecimentos ginasiais, sendo dois mantidos pelo poder público e dois particulares; grupos escolares e umas três dezenas de escolas isoladas. Isto sem falar nas escolas de alfabetização mantidas pelos espiritas.

No sector de saúde pública e assistência, sobressai o Hospital Regional Crescêncio Silveira, a Santa Casa de Misericórdia, a Maternidade, um Centro de Saúde, Pupileira e Posto de Puericultura. Tem mais uma estação de rádio, entidades literárias e recreativas e dois jornais de boa apresentação, que circulam semanalmente. Três cinemas modernos dão funções diárias. O comércio conquistense é grande e próspero, salientam-se joalharias e casas de modas muito elegantes.

Das cidades do interior baiano Conquista é uma das mais bonitas. Seus aspectos urbanos, típicos e sugestivos, impressionam agradàvelmente o visitante. O Parque das Borboletas é uma maravilha de logradouro público, localizado em ponto central. Recanto pitoresco, de variados atractivos, para lá converge muita gente, à tarde, à busca de recreação para o espírito. As crianças divertem-se no parque infantil e admirando os animais de várias espécies, inclusive lindos pássaros multicores a chilrear e a esvoaçar em suas amplas gaiolas. O progresso dessa gleba sertaneja vem sendo incentivado por um moço empreendedor e idealista que os conquistenses há dois anos elegeram seu prefeito: o Dr. Edvaldo de Oliveira Flores, administrador de larga visão e espirita convicto.

ONTEM E HOJE

Quem vê actualmente a expansão do Espiritismo em Vitória da Conquista, imaginará que ele se implantou ali em época muito longínqua.

Porém o certo é que naquela região do sudoeste baiano a nossa Doutrina, pràticamente, começou a ser propagada em 1940, quando o mensário *Bahia-Espirita*, abrindo

circulação na zona, predispôs alguns confrades a fundarem o «Centro Espirita Humberto de Campos».

Surgiram a seguir outros núcleos, e, presentemente, funcionam seis, quase todos em suas sedes próprias: «C. E. Humberto de Campos», «C. E. Filhos de Maria», «C. E. Fé, Esperança e Caridade», «C. E. Amor e Paz», «União E. de Vitória da Conquista» e «C. E. Paulo de Tarso».

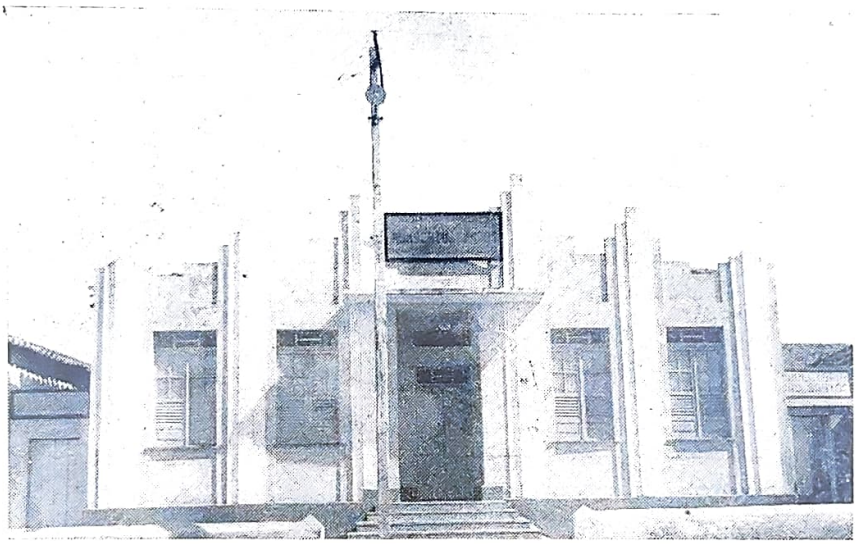
Apenas meia dúzia de entidades espiritas; porém os adeptos de nossa Doutrina contam-se aos milhares, sendo enorme, fora do comum, a afluência de povo aos Centros nos dias de sessão, especialmente nas de estudo.

Queremos crer que esse admirável progresso do Espiritismo em Vitória da Conquista muito se deve aos bons conferencistas que lá se têm feito ouvir, acendendo com a sua palavra a luz da verdade nos corações. Pouco antes de nós, por exemplo, lá estiveram o Dr. Henrique Rodrigues, do Rio, e o professor Rubens Romanelli, de Belo Horizonte, duas grandes vozes conclamadoras do Espiritismo no Brasil.

São dignas de nota as frequentes conversões de pessoas de outros credos ao Espiritismo, verificando-se as defecções até nas fileiras protestantes, de onde famílias inteiras se têm passado para ele.

NO TERRENO DAS REALIZAÇÕES

Onde quer que se pratique o Espiritismo, aí há uma preocupação de se fazer alguma coisa em benefício do nosso próximo. Em Conquista a obra de beneficência dos espiritas é larga e fecunda. Repórter despreocupado e bisonho, talvez por não sermos profissional, alguns apontamentos que colhemos de última hora não nos permitem mencionar senão algumas de suas realizações, como sejam: Ambulatório médico, que no ano passado atendeu a 3.312 pessoas de ambos os sexos, aplicou 4.376 injecções e realizou 98 curativos; 24 doentes foram internados, obtendo alta 10; Serviço Dentário, onde foram atendidos 1.016 consulentes e se fizeram 1.623 extracções; Farmácia, que distribuiu 9.936 medicamentos; Albergue «Nosso Lar», constituído de 23 casinhas edificadas em um terreno que os confrades adquiriram por Cr. $225.000,00 e onde não sòmente pessoas em trânsito, que não podem pagar hospedagem, encontram pouso, como são recolhidos mendigos, aos quais é fornecida alimentação e tratamento médico. Aos domingos, à tarde, todos são reunidos em grande salão para ouvir instruções evangélicas. Duas escolas de alfabetização e uma de corte e costura, sendo que desta última saíram em 1956 diplomadas 15 alunas. Elevado número de crianças comparecem aos Centros para as aulas de moral cristã nas manhãs domingueiras. Todos os anos, no dia 1.º de Dezembro, é feita distribuição de óculos aos necessitados. Cerca de 200 óculos foram ofertados o ano transacto depois do necessário exame oftalmológico. Uma sociedade de senhoras do Departamento de Assistência, tendo à frente D. Carmélia Mota, fornece mensalmente enxovais completos a recém-nascidos reconhecidamente pobres. Não menos valiosa é a obra de assistência espiritual mantida pelos Centros, graças à qual inúmeras criaturas têm-se esclarecido e salvado de situações dolorosas, inclusive de aparente loucura.



Centro Espirita Humberto de Campos, fundado em 1940

AS CONFERÊNCIAS

Perante auditórios compactos, falámos na «União Espirita», no «Centro E. Humberto de Campos» e no «Centro E. Fé, Esperança e Caridade».

Tivemos ensejo de falar também à meninada da aula de moral cristã e aos indigentes, no Abrigo «Nosso Lar». Não nos cabe dizer da impressão que nossas palestras produziram nos ouvintes, senão que nos moveu, como sempre, um incontido desejo de ser explícito, de fazer penetrar no entendimento de todos a sabedoria profunda e consoladora que deflui da bibliografia kardequiana e dos factos de observação.

OBRAS EM PROJECTO

O Dr. João Gustavo dos Santos, advogado, consultor jurídico da Prefeitura e professor de direito constitucional na Escola Normal de Conquista, é um obreiro diligente da seara cristã. Dirige os trabalhos do «Centro E. Paulo de Tarso».

Levou-nos a ver em bairro próximo o prédio em construção onde este Centro terá a sua sede própria. Em local adjacente será erguido em breve o projectado ginásio espirita de Vitória da Conquista.

Espirita laborioso, João Gustavo ainda actua como director de um programa doutrinário, que a Rádio Clube local irradia todas as quintas-feiras no horário das 17,15 às 17,30 horas, dirigindo também o jornal de propaganda *Renovação*.

TODOS TRABALHAM

Em Conquista o trabalho espirita é intenso e produtivo, porque todos

(Continua na pág. 187)

A CURA ESPIRITUAL...

OLHOS E OUVIDOS

Há tempos escrevemos sobre a forma como a cura espiritual pode ajudar a cura de afecções da vista e do ouvido ou de outros sentidos.

Estamos numa zona de cura que é diferente da cura dos músculos ou das dores de ossos. A tensão de nervos, dores e zumbidos na cabeça estão muitas vezes ligados a perturbações sensoriais.

Devido às suas faculdades especiais, Olive Burton é mais empregada nas curas desta espécie, embora se deva dizer que é bom instrumento de cura de outras doenças.

Quando a imprensa psíquica relata curas de doenças de olhos e de ouvidos nos nossos Serviços, o crédito é geralmente atribuido ao Sr. Edwards, mas é devido à interferência da Senhora Burton.

Uma das mais vulgares doenças de olhos a tratar é a catarata. E embora não tenhamos 100% de curas (depende da condição individual) nós temos muitas vezes a dispersão do filme obscuro durante certo tempo.

Na senhora Burton, as curas instantâneas não são regra geral. Parece que os espíritos de médicos oftalmologistas precisam de algum tempo para dispersar a catarata, e por isso a cura é progressiva como cortinas que se vão adelgaçando.

Se a causa da surdez está nas tensões nervosas, melhor audição aparece quando a cura as remove e dá aspecto mais feliz ao doente.

A perda do ouvido motivada por causas orgânicas corresponde geralmente a certas imprudências. O mesmo não acontece quanto aos zumbidos de cabeça que, em regra, cedem ràpidamente por terem origem em estados de excitação nervosa.

Uma das leis da vida é que, à medida que a idade avança, experimentamos diminuição de poderes visuais e auditivos.

Embora a cura não possa restituir completa vitalidade a estes órgãos, impede muitas vezes a deterioração e conserva os sentidos num estado quanto possível eficiente. É um sucesso que vai além da perícia dos médicos.

Muitas vezes a debilidade visual é devida à natureza do doente e é natural que o esforço continue e então a cura não se realize, pois todos obedecemos a leis físicas que governam a saúde e a saúde é que evita as más consequências.

Por isso os doentes que recebem tratamento aos olhos deviam ajudar a cura evitando o esforço e a luz muito forte.

Outra causa de perturbação é a insuficiência de lentes que se não adaptam à vista, de modo que os doentes devem mudar de lentes frequentemente.

Às vezes é melhor mudar de emprego para salvar a vista — mas poucos podem fazer isso.

As vertigens e as dores de cabeça estão intimamente relacionadas com as doenças dos olhos e dos ouvidos, que a cura também pode suprimir.

As aflições, as responsabilidades e o esforço de «suportar o aborrecimento de outras pessoas», são causa de tensão nervosa que afecta muito os sentidos.

Nisto, também a cura alivia aquelas aflições; mas, se o doente continua a afligir-se, não serve de nada o tratamento.

Em regra a primeira fase do esforço da cura alivia a cabeça e a depressão mental. Este princípio devia ser sempre mantido e o doente tornar-se seu próprio auxiliar.

A cura pode fazer muito desde que o doente auxilie. Se voltar a afligir-se pode criar uma situação que o tratamento já tivesse eliminado. Com zumbidos na cabeça manifesta-se um círculo vicioso. Poderá o doente sentir-se bem com zumbidos contínuos? Será difícil e por isso a cura se realiza às vezes durante o sono, quando o cérebro está mais ou menos em repouso, de modo que, com esforço de tratamento contínuo, a serenidade mental mantém-se progressivamente até ao romper do dia, e os zumbidos, um pouco atenuados, cessam durante algum tempo e acabam por desaparecer completamente.

Assim a cura está ligada com a vida agradável, principalmente no tocante aos olhos, aos ouvidos e às úlceras gástricas.

Às vezes a cura surge instantânea, quando a causa é puramente física, como as que são provocadas por congestão do canal de Eustáquio, por catarro ou dores nos ossos.

A conjuntivite também cede.

Quando um ouvido ouve mal, o outro suportará todo o esforço. O ouvido doente torna-se perguiçoso e a cura realizar-se-á, se o doente voltar o ouvido mais fraco para o aparelho de T. S. F., se descançar o pensamento e ouvir sem esforço, mas com a convicção de que o ouvido mais fraco deve receber o som claramente. Mais tarde, em conversa, receba as palavras sem se apoiar muito no movimento dos lábios do interlocutor.

É realmente admirável verificar tantas curas de olhos e ouvidos que se obtêm com o auxílio de espíritos médicos susceptíveis de curar estes órgãos. E o melhor conselho que podemos dar aos doentes que recebem tratamento é que tenham paciência. A cura prosseguirá. Evitem o agravamento do seu mal, fazendo esforços mentais.

(Do «Spiritual Healer», de Londres)

ESPIRITA
E NÃO ESPÍRITA

De O Espirita Fluminense, *de Niterói, extraímos os seguintes parágrafos de autoria do nosso confrade e amigo General Milton O'Reilly, que é também director daquele interessante jornal e que ali mantém a «Coluna Filológica»:*

Espirita — *Substantivo, para os dois géneros, significando o adepto, o que segue a doutrina espirita. Existe também o vocábulo* espiritista *para designar os seguidores do Espiritismo. A divulgação dessa doutrina, levada a efeito em língua francesa, idioma de Kardec, tornou obsoleto aquele termo, substituindo-o por* espirita, *aportuguesamento de* spirite, *do latim* spiritu *(sopro, emanação) mas que, na sua significação radical, quer dizer o começo, a semente das coisas, como se vê pelo grego* speiro *(semear), que tem origem na mesma raiz. O resultado fora o mesmo, se se tivesse criado um derivado de espírito com o sufixo* ita, *tão legítimo em Português, quanto* ista.

«É inaceitável a forma esdrúxula, pois não se trata de feminino do substantivo espírito, *mas de vocábulo formado com o sufixo* ita, *que tem sempre a tónica no* i *(jesuita, moabita, nazarita, etc.). Para evitar dúvida, entanto, poderemos empregar* espiritista, *da mesma forma que se diz* budista e calvinista.

Os elementos mórficos do vocábulo espírita *são o prefixo expletivo* e, *a raiz latina* spir *(de* spirare*) e o sufixo* ita, *que designa* o que professa.

A palavra espírita (esdrúxula) é adjectivo para os dois géneros. Exemplo: semana espirita, movimento espirita.

(Continuação da página 185)

colaboram na obra comum. Na parte assistencial desdobra-se o Dr. Luís Barreto na direcção do «Ambulatório João Santos», atendendo a dezenas de doentes durante três horas de cada dia. Ao seu lado cooperam os Drs. Carlito Mendes, Parménio Ferreira, Lauro Araripe, Olímpio Benício, Sinfrónio Ferraz e Fernando Dias de Freitas, este último também director do Albergue «Nosso Lar». Seus cuidados médicos ele divide diàriamente durante bom espaço de tempo com os mendigos enfermos e as crianças, cujas doenças constituem a sua especialidade.

No sector jornalístico, além dos directores de *Renovação*, acima citados, salientam-se Aquiles Mota, Moacir Vieira, Lehar Ladeia David, José Guimarães, Alziro Prates, Luís Barreto, Odilon T. Santos e outros, cujos nomes não nos acodem no momento. A eficiência desses obreiros se faz sentir, igualmente, através de sua palavra lúcida, nos Centros, em estreita colaboração com seus directores, em cujo número citamos Oscar Melo, Aurelino Dias, Alfredo Prates Filho, Silvério Andrade, Pedro Prates, António Brito, Irénio dos Santos Silva, Júlio Nunes, Edvaldo Correia dos Santos Silva, Ruben Renato Pinheiro e os Drs. Benício dos Santos e Orlando Leite.

A plêiade feminina desenvolve, por outro lado, uma actividade profícua e meritória em favor dos que carecem de socorro material e espiritual, porque são muitas as senhoras que se consagram a esse duplo serviço de caridade. Podemos grafar alguns nomes: Dr.ª Anita de Assis Barreto, directora da Farmácia anexa ao «Ambulatório João Santos», Sr.ªs Carmélia dos Santos Mota, Zélia Santos da Silva, Laura Nunes, Avany Prates, Lindaura Prates, Celina Assis Cordeiro, Honorina Prates, Leonor Freitas, Maria Vitória Prates e Helena Benício dos Santos.

NOTAS

Conforme ficou dito, o actual Prefeito de Vitória da Conquista, Dr. Edvaldo Flores, é espirita convicto e declarado. O seu antecessor, Sr. Gerson Gusmão Sales, era espirita também. Por isto o município, nesses últimos anos, tem recebido o influxo de uma administração sadia, que o colocou entre os mais florescentes do interior baiano.

— Uma visita que fizemos a D. Henriqueta Prates dos Santos, levou-nos a conhecer uma anciã de 94 anos de idade, perfeitamente lúcida. Sente-se feliz por contar numerosos filhos, 66 netos, 118 bisnetos e 16 trinetos. É progenitora de D. Leonor Santos Silva, sogra de Aureliano Augusto da Silva e do Dr. Aquiles Mota. A estes e suas distintíssimas esposas, senhoras Zélia e Carmélia, o redactor destas linhas reitera o seu comovido agradecimento pelas constantes atenções com que o distinguiram e honraram.

SÓ ESPIRITISMO CIENTÍFICO?

Grande contingente de estudiosos das teses espiritas pleiteiam agora uma situação especial de evidência para o Espiritismo estrictamente científico, pugnando pelo esquecimento dos tesouros evangélicos. Alguns vão ao extremo de condenar a prática da prece. Outros apontam as tarefas de consolação com uma pontinha de ridículo na observação impensada e mordaz.

Querem fenómenos e prosélitos. Seria interessante para os novos trabalhadores do Evangelho povoarem seus centros de orações e de estudo com balanças, agulhas, trenas e máquinas eléctricas. No meio de todo esse aparelhamento haveria uma cátedra para o estranho Colombo, disposto à maravilhosa descoberta do plano espiritual, sentado calmamente em sua cadeira. A operação mais difícil seria encontrar o espírito verdadeiramente sábio e amigo que viesse de sua aplicação aos desígnios misteriosos da maquinaria humana, como o pequeno vagabundo contratado nos palcos improvizados para os toques de mágica imprevista.

É certo que ninguém poderá excluir as características no exame transcendente do intercâmbio entre os vivos da Terra e os vivos do Infinito. Toda a indagação séria é justa e toda a análise conscienciosa produzirá os frutos doces da verdade. Charles Richet, com a sua impertinência de pesquisador, prestou grande serviço à divulgação dos novos ensinamentos; suas perquirições desapaixonadas e incessantes impuseram respeito aos valores psíquicos, entre os espíritos mais empedernidos de nossa época.

Mas da mentalidade indagadora à mentalidade leviana vai considerável distância.

A grande questão de todos os tempos não é pròpriamente a de conhecer, mas a de entender os de entender a finalidade do conhecimento.

O Espiritismo constitui a porta da esperança para um mundo melhor. Seus fenómenos representam chamamentos comuns para uma compreensão mais elevada dos valores da vida. O intercâmbio entre a natureza visível e a invisível conduz a profundas ilações de ordem moral, que é necessário não esquecer. Sua expressão religiosa com o Cristo tem de ser essencial. A sua mensagem permanente tem no Evangelho os primórdios eternos. Nada poderá realizar de útil, sem aquele Divino Amigo dos homens.

Instalar mais uma ciência puramente intelectual, onde todas as expressões científicas do cérebro sem o coração faliram desastradamente, no capítulo da elevação real da criatura, não constituiria uma leviandade fatal?

A plataforma espiritista, em todos os lugares, será, antes de tudo, uma aleluia dos corações. Suas vozes deverão reviver as lições incompreendidas daquele Mestre amoroso e sábio que veio salvar os transviados.

A realização cristã, que é o primeiro programa do Espiritismo sincero, não se conquista só com rotulagens científicas e deduções filosóficas, mais ou menos brilhantes. Os antepassados dos discípulos actuais, nas diversas famílias religiosas do Cristianismo, adquiririam os valores da fé na própria vida. Para conduzirem ao conhecimento do Cristo, um mundo que se perdia na destruição e na indiferença, nunca se vestiram com a túnica da inconstância. Padeceram e morreram. Deram-se em holocausto, imolando-se a si próprios.

A inquietação tem sido um mal de todos os séculos. Mas seria justo perguntar ao homem dos tempos que correm, quando os problemas da profundidade submarina e da estratosfera se encontram resolvidos, porque se espanta consigo próprio, entre livros e ruinas fumegantes.

Enquanto o Espiritismo se constitui em fonte de alívio para a compacta fileira de infelizes que buscam ansiosamente as suas águas claras, alguns de seus estudiosos se deixam empolgar pela mania das novidades.

Taunay, em suas «Reminiscências», conta que o conselheiro Paulino José Soares de Sousa era o provedor da Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro, quando as autoridades republicanas, logo após a queda do Império, o intimaram a eliminar o «Deus Guarde» dos seus expedientes oficiais, nas relações com o governo. Mas o conselheiro experiente respondeu sem titubear:

— Não me é possível aceder às indicações de V. Ex.ª, porquanto, neste estabelecimento, ainda há Deus, e nem se pode dispensá-lo, entre tantos sofrimentos e misérias dos homens.

E prosseguiu:

— Não nos é lícito seguir nas vossas águas, porque entre nós, antes de tudo, prevalecem os fundamentos da verdade com Jesus-Cristo e, considerando a extensão de nossas necessidades, não sabemos daqui a quantos séculos poderemos pensar em modificar as velhas fórmulas.

Responderemos igualmente, aos que nos disserem de um espiritismo científico apenas entusiasmados pelo jogo das palavras.

(Mensagem do Espírito de Humberto de Campos recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

"Eu não vim para os sãos mas para os doentes"

Se encararmos o Espiritismo pelo ângulo religioso, temos que admitir que ele é o Consolador prometido por Jesus e como tal não selecciona valores humanos para o cumprimento de sua missão. Indistintamente vai ele espalhando suas luzes desde o palácio à choupana; do rico ao pobre; do intelectual ao analfabeto; do sábio ao ignorante; do religioso ao ateu, fazendo que todos recebam uma parcela de ensinamento capaz de despertar suas almas da letargia profunda em que se encontram, em virtude das decepções provocadas pela não exemplificação dos pregadores religiosos da actualidade.

«Nada há oculto que não venha a ser descoberto. Aquilo que vos é dito em segredo, dizei-o de cima dos telhados». Eis a recomendação do Mestre.

Por que então essa preocupação de nossos irmãos espiritas em procurar seleccionar grupos para fazerem sessões de caridade, fechando assim as portas e não permitindo que as luzes do Evangelho alcancem aqueles que não têm a mesma facilidade ou não tiveram a ventura de ser admitidos em grupos que realizam sessões mediúnicas iluminativas?

Porventura não estaremos enquadrados dentro daquela sentença do Mestre, quando advertiu os fariseus dizendo-lhes: «Fechais o reino do céu, não entrais nem deixais outros entrar?».

Uma religião que não reforma em primeiro lugar seus adeptos está fadada a desaparecer e a reforma dos indivíduos só poderá processar-se através do conhecimento das verdades que falem alto à razão e se transfira para o património sentimental de cada criatura. Nada como os facto e só eles podem convencer aqueles que já estão cansados da pregação verbalística.

Longe de nós a ideia de condenar a pregação, mas também entendemos que o pregador precisa exemplificar e provar, com factos, aquilo que ele afirma conhecer, sem o que sua pregação será estéril.

As religiões dogmáticas já não encontram campo propício para sua germinação no espírito da humanidade, em virtude do adiantamento intelectual do homem moderno, que não aceita mais o «crê ou morre».

As encenações retumbantes e fantásticas já não impressionam os espíritos caldeados na dor e na desilusão dos homens.

A Doutrina dos Espíritos tem que ser encarada sob seus três aspectos: Científico, filosófico e religioso. Separar uma faceta é mutilar o todo. Preferir encarar um ou dois ângulos do assunto, é abster-se de uma visão de conjunto e por conseguinte faltar segurança à argumentação dos pregadores.

A principal finalidade para o aprimoramento moral da humanidade é a religião, porque só pelo coração o homem pode religar-se à fonte de toda a sabedoria: Deus!

Deus é a mais alta expressão da ciência e da filosofia. Sem o conhecimento das causas não se podem entender os efeitos; e a causa primária de todas as coisas é Deus.

O amor é consequência natural do conhecimento de Deus. Disse Jesus: «buscai o reino de Deus e sua justiça e todas as demais coisas vos serão dadas por acréscimo», isto é, sabedoria, amor e força, para superar todos os problemas, residem no conhecimeneto dessa verdade absoluta. E que busca o espírito senão a superação de todos os problemas que o afligem desde os primórdios de sua criação?

«Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará».

Como pode o homem conhecer a verdade senão pelo trabalho que lhe possibilite condição adequada no sentido de receber a revelação da verdade? Diz um axioma oculto: «Quando o discípulo está preparado o Mestre aparece».

Uma religião de homens e para homens é uma religião falida porque está cheia de conflitos, paixões, lucros e prejuízos, tão inerentes à condição da natureza humana.

Uma religião que prescinde da Revelação está fadada à cristalização ou estagnação da consciência de seus adeptos e a estagnação é a morte.

O Espiritismo é Revelação e como tal não pode ficar no âmbito fechado das limitações humanas. Precisa de dias claros, expansão, ar e luz, tal qual como no dia de Pentecostes, quando o espírito desceu sobre os apóstolos e falou em diversas línguas. Esse foi o dia do advento do Espiritismo e desde esse dia o céu se abriu para fazer descer e subir os anjos do Senhor no sentido do cumprimento da profecia: «no fim dos tempos derramarei o meu espírito sobre a carne e os vossos filhos profetizarão, vossos servos sonharão e os vossos anciãos terão visões».

Desde esse dia não houve necessidade das iniciações nas escolas ocultistas do mundo, porque o que estava oculto já era revelado.

Uma religião que limite a revelação a um grupo de pessoas, que a critério dos homens são escolhidos

CUMPRA-SE A LEI

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Em tudo se cumprem as sábias e imutáveis leis divinas. Não há efeito sem causa. Podemos esquecer o acto praticado, bem ou mal; mas o seu efeito, como consequência, sempre nos alcança.

Muitos espíritos encarnados e desencarnados perdem tempo a arrepender-se de suas faltas, porque atribuem a outros a sua causa e procuram delas cobrar-se. Nada mais errado e contraproducente, pois, além de complicarem mais o problema de sua vida, agravando os sofrimentos, anulam a sua fé na lei divina, dando supremacia à lei dos homens, que é muito relativa.

A Justiça Divina não desculpa nem perdoa; por isso é imutável. Quem precisa de perdoar e desculpar é o homem, para harmonizar-se com o próximo, porque são ainda pecadores. Só precisam de desculpar-se, de perdoar-se, os espíritos imperfeitos, passíveis de ofender-se com as faltas recíprocas. Aquele que não tem condições de ofender-se, porque conhece a lei e a vive na sua vida, não precisa de perdoar, porque não está ofendido. Deus não se ofende com as nossas faltas e, por isso, nada tem a perdoar-nos. Entretanto, apieda-se de nossa fraqueza e ajuda-nos a sair misericordiosamente de nossas provações.

Os homens, interpretando mal os ensinos de Jesus, criaram deuses à sua semelhança, ainda imperfeitos, que perdoam e castigam, segundo as circunstâncias. Mas tudo isto é doutrina dos homens, ainda presos às religiões terrenas.

Precisamos esclarecer-nos, educar-nos e reeducar-nos mais, em espírito e verdade. Não basta crer. É preciso ter fé, que nasce do saber por convicção própria. A doutrina espírita, que é o consolador prometido por Jesus no seu evangelho, vem esclarecer estas coisas em espírito e verdade. O Espiritismo não vem substituir nem competir com nenhuma religião. Vem, sim, completar os conhecimentos que faltavam em todas elas, na missão do consolador prometido pelo Mestre. Porque todas elas são manifestações da sabedoria e amor de Deus. Apenas se faz mister que seus dirigentes não as materializem tanto e as espiritualizem o mais possível.

para tal, é uma religião fadada a desaparecer com o desaparecimento dos homens, porque é da natureza egoísta das criaturas a presunção de se julgarem os únicos capazes de entender e merecer a graça de Deus que, em verdade, não é e nunca foi exclusivista.

A eclosão da mediunidade não é restrita aos agrupamentos espíritas. Ela brota aqui e alhures, nas suas diversas formas e modalidades, sem distinção de sexo, cor religiosa ou posição social. À Doutrina Espírita cabe o principal papel de ensinar, esclarecer e orientar para o bom aproveitamento da faculdade mediúnica e, para isto, os templos espíritas não devem permanecer fechados às solicitações daqueles que se encontram nessas condições, deixando-os à mercê de um fenómeno incontrolável, em virtude de sua ignorância.

O mundo espiritual interpenetra o mundo físico e há um contínuo intercâmbio entre os encarnados e os desencarnados, independente de qualquer formalidade e liturgia própria para a receptividade das influenciações dos chamados mortos com os chamados vivos. Os perigos que oferecem os fenómenos dessa natureza só podem ser dirimidos com as luzes do conhecimento da Doutrina e é dever dos Espíritas mostrar as causas, para evitar os efeitos funestos a que estão sujeitos aqueles que se encontram sob a influência directa e incontrolável de naturezas espirituais ignorantes ou maldosas. E não é fechando as portas da experimentação que se pode fazer isto.

O homem que afirma ser perigoso movimentar o dinheiro a pretexto de haver muito dinheiro falso, estancará o progresso da indústria, do comércio, da lavoura e de toda a actividade benéfica de intercâmbio que o dinheiro oferece para a relação e o impulso do progresso da humanidade.

O homem que ensinar ser perigoso semear cereais a pretexto de poder haver invernos prolongados, sol abrasador ou enchentes que possam anular o trabalho do lavrador estará concorrendo para haver mais penúria, mais fome e mais aflição para a humanidade.

Assim será com todos aqueles que vislumbrarem apenas os perigos da comunicação com espíritos, sem levar em conta as alegrias, a consolação e a iluminação que serão proporcionadas aos famintos das verdades eternas e aos sedentos e angustiados que se encontram emaranhados no cipoal de suas aflições.

Que os templos da Religião Espírita se abram, de par em par, para todos os que queiram ouvir a voz consoladora do Senhor a concitar os homens para a confraternização universal, a fim de que se cumpra a Promessa do Cristo: «No fim haverá um só rebanho e um só Pastor».

(De *O Espírita Mineiro*, de Belo Horizonte)

O ESPIRITA CRISTÃO

AO FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

O espirita cristão é aquele que,
Em qualquer situação em que se veja,
Não se desorienta, não descrê.
E não desvia nunca os passos seus,
(Posto muito pesada a cruz lhe seja)
Dos caminhos de Deus!

Nem procura tirar do Espiritismo
Proventos materiais, embora sue
Na sua difusão. Tem altruismo.
Não existe altruismo igual ao seu:
É liberal, é franco. Distribui
De graça o que de graça recebeu...

O espirita cristão não teme a morte,
Porque sabe que a morte não existe.
Em qualquer situação, é crente e forte.
Nunca maldiz a vida. Não é triste!

Estuda sempre. E luta por ser bom.
Consagra os dias seus
Ao estudo e à bondade, pois é com
A bondade e o estudo que se vai
Um dia, até o Pai,
Que se chega, feliz, um dia, a Deus!

O espirita cristão anda à procura
Do bem, da luz, do amor, por toda a parte,
Para distribuí-los, fartamente,
Por toda a criatura.
É alguém que se divide e se reparte,
Fazendo, sempre, o bem a toda gente!

Examina de tudo antes de crer,
Para, assim, evitar superstição
E não cair em denso fanatismo.
Pois, todo espirita deve ter
Senso, critério, raciocínio, acção,
Para não deturpar o Espiritismo.

O espirita cristão teme a riqueza,
Porque deseja ser feliz. Portanto,
Não corre à cata de ouro e de grandeza,
Que enganam tanto, neste mundo, tanto!

Nem se deixa vencer por preconceitos,
Nem por medo de nada. Enfrenta tudo,
Por maiores que sejam seus defeitos,
Suas lutas e crises e aflições,
Com a força que lhe dá a fé e o estudo
E com o poder de suas convicções!

E conhece, também, o mandamento,
Que manda nos amemos, cristãmente.
Pois este é o fundamento,
Para sermos cristãos, sinceramente.

O espirita cristão não é violento;
É calmo e bem jovial.
Abençoa, sofrendo, o sofrimento!
Paga, sempre, com bem, a ofensa, o mal.

É tolerante, activo, empreendedor,
Que a preguiça exorbita da Doutrina,
E vive para o bem da humanidade.
Nos seus actos, só há bondade e amor.
Sua palavra é chama que ilumina,
Sua vida é expressão da Caridade.

O espirita cristão nunca se vinga
E nem se regozija com a miséria
Do pior inimigo que tiver.
Nunca blasfema, não diz mal, não xinga.
Ainda ferido por injúria séria
Por quem quer que o agrida, onde esti-
[ver.

E trabalha, e tolera, solidário
Com os seus irmãos de crença e de ideal
Pois sabe que, sòzinho, solitário,
Não poderá vencer o vício, o mal.

O espirita cristão não pára nunca
Na Seara do Bem. Sempre anda em lida
Por um mundo melhor. Em suma, é a
[acção
Que seus caminhos de bondade junca.
E faz, feliz e bom, de sua vida,
A vida de um espirita cristão.

LEOPOLDO MACHADO

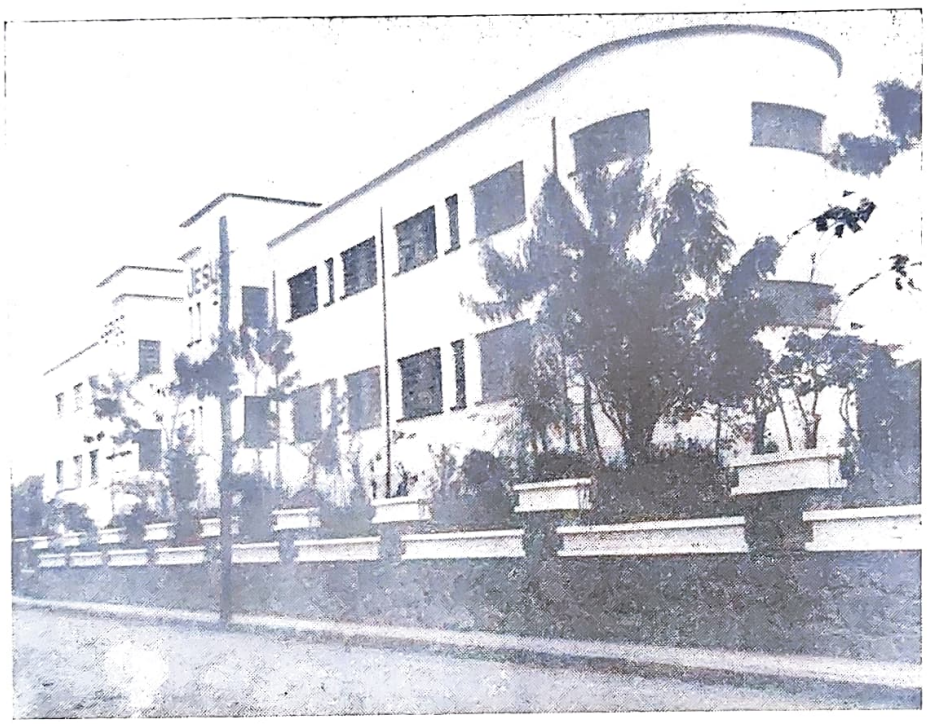
ECOS DE U

Por ISIDORO DU

XX

BELO HO

Voltemos ao ponto de partida. Nossa fuga ao «Lar de Jesus» foi rápida, tão rápida que não deram por ela os três amigos de Juiz de Fora dispostos a acompanhar-nos à capital mineira. A dizer a verdade, não eram três: eram cinco, todos bem conhecidos. O Amadeu Santos, tão perto de nós pela amizade e afinidade, viera do Rio e falara na Concentração das Mocidades Espíritas, onde estivéramos com o Magaldi e o Lasneau, dois confrades que jamais se apartarão de muitos lances em que fomos comparsa. O



Abrigo Jesus, de Belo Horizonte

Bady Curi viera ali para nos facilitar a tarefa, como bom Cireneu. Acolitar-nos-ia no trem de aço, maravilha de mecânica a resfolegar por montes e vales, ora ansioso e cansado, ora ligeiro a deslizar na via. Dois e dois são quatro; portanto, falta um para os cinco. É o João Coragem, representante de Estudos Psíquicos no interior do Estado.

Dos primeiros já falámos e teremos de falar ainda. Não para louvar em sentido provisório, que é sumamente arriscado, mas para justificar algum bem que se recebe, de espontaneidade afectiva.

O último tem a coragem no apelido. Devotado à causa espírita, quer em Juiz de Fora, que percorre milhares de vezes dirigindo um sistema de altifalantes, através dos quais transmite palestras, diálogos e conferências, quer em Lima Duarte, onde desempenha funções de Prefeito, não esmorece na sua missão de propaganda. Abelardo dizia que era ridículo pregar aos outros o que se não compreende e se não pode fazer compreender. João Coragem estudou Espiritismo para o difundir conscientemente. Viaja pelo interior com olhos no ideal. E fez questão de seguir connosco, a fim de gravar as nossas palestras e a sessão em Pedro Leopoldo, amàvelmente oferecida pelo grande médium Francisco Cândido Xavier.

★

Duas horas da madrugada. 30 de Maio. Quatro homens num trem de aço. Bady, Amadeu, Lasneau e este que vos escreve, que seguiu com o primeiro no mesmo compartimento, em sistema de beliches, à maneira do «Vera-Cruz», donairosa nave de amplos camarotes. O Amadeu ficou ao lado em sistema igual. A viagem seria demorada; e os confrades mineiros, acolhedores e amáveis, quiseram amenizá-la para compensar a agitação de alguns dias em luta com as nossas forças abaladas.

O Lasneau seguiu em poltrona de 1.ª classe.

O Magaldi e o Coragem iriam de furgonete.

Não vamos descrever o que se passou desde que entrámos até que saímos do trem de aço, doze horas depois da abandonar a linda Juiz de Fora, embora desse um livro interessante. O que é certo é termos viajado em companhia de um homem invulgar, cujo valor medimos e cotejámos inteiramente.

Bady Curi é daquelas almas expansivas que põem tudo à flor do rosto. Franco, leal, amigo do seu amigo, mas ainda mais amigo da verdade, respeita todos e todos o respeitam. Sucedeu ao Dr. Camilo Chaves na presidência da União Espírita Mineira, por direito de conquista, pelos serviços inestimáveis que prestou a numerosas agremiações durante mais de 20 anos sucessivos.

Falar com ele alegra e conforta. As palavras não sabemos de onde vêm. Os lábios e a língua apenas articulam. O que passa nas cordas vocais é pensamento que o espírito tem consigo, como dizia Xavier de Maistre. Mas nesse instante já não

UMA VIAGEM

DJARTE SANTOS

XIX

ORIZONTE

pertence ao espírito; pertence aos que o captaram. É fulgor para os olhos, quando a imagem deslumbra.

Bady Curi falou connosco, como se fosse um velho amigo, e por mais de uma vez nos lembrámos de Benjamim Franklin, nas longas conversas que tivemos naquela viagem. Aconselhava o grande moralista:

— Não empregues nenhum rodeio. Que a inocência e a justiça ditem as tuas palavras e presidam aos teus actos.

Nunca a legenda se adaptou tão bem a um caso do nosso conhecimento. Bady não rodeia e as suas palavras são fortes. Só a verdade é forte e sem rodeios.

Um trecho de Belo Horizonte

Há pessoas que falam e pessoas que sentem. As primeiras são máquinas de expressão. Nada mais. Quantas vezes não baralham, quantas vezes não confundem! E o mundo a tolerá-las, a suportá-las, como flagelos necessários! As segundas são eternas. O sentir participa do imortal. Está nele o divino e o cósmico. Ouçam Schiller:

— Queres que seja teu o que pensas? É preciso senti-lo.

Sim, é preciso sentir, é preciso compreender. Mas a maioria não sente nem compreende. E as obras que realiza não resistem ao tempo.

Bady Curi é baixo, atarracado, de olhos vivos, penetrantes, que abrem sem esforço as portas da simpatia. Depois instala-se no coração e no cérebro e não é possível esquecê-lo. Não é possível... Anda connosco a viajar, a inquirir, a tapetar de flores o caminho da amizade...

★

Mas nós íamos cansados. Um beliche às duas da manhã era sorte grande que chegava, sobretudo, quando a emoção exercia ainda efeitos calamitosos. Deitámo-nos. O espírito aquietou-se em seu envólucro, que também lhe é refúgio, mas não pôde manter a calma. A trepidação do veículo, o ranger da engrenagem e o balanço lateral mostraram logo um cenário fastidioso que a pena não descreve. O ruído impedia a conversa e o corpo era cirandado. O vagão-cama é óptimo nas longas viagens. As curvas, porém, são o maior inimigo da inovação. Arrebatam o que ela proporciona. Assim, em vez de repouso e sono, tivemos incómodo e vigilância, especado à esquerda, especado à direita, contra o solavanco, contra o progresso, contra a insónia que se instalara em nós, tentando invadir os recessos, moça endiabrada a sapatear e a gritar sem-rei-nem-roque...

Não temos paciência para reviver semelhante calvário e deixamos ao leitor o imaginá-lo, se é que nunca viajou em tais compartimentos, aliás confortáveis, quando o trem pára na estação. Nesse momento vem o alívio à superfície, o ambiente muda de aspecto e tudo parece normal.

Este deve ter sido o cenário do Bady, que o bom julgador por si se julga. E as olheiras que lhe vimos ao amanhecer eram um protesto contra o modernismo atrabiliário que não atende às latitudes para se instalar na vida. Às latitudes e às circunstâncias dirimentes, dignas de investigação.

De que servem «Packards» em torcicolos de montanha? De que serve um «Queen Mary» em rios de baixo talvegue? De que serve o vagão-cama em vias sinuosas, cheias de altos e baixos? A comodidade e a velocidade exigem estradas perfeitas; de outro modo, algo está «desengrenado».

E o Amadeu Santos? Como sentiria a corrida do trem? É certo que não lhe ouvimos o queixume, devido à grossa antepara. Homem de sensibilidade, não deixaria de mostrar igual perturbação e de entoar o mesmo coro: «Maldita engrenagem e maldito progresso!». Mas ia calado. As almas bondosas recalcitram menos e o Amadeu é a bondade inteligente de que fala Deshumbert e Confúcio. Os homens são demolidores e construtores. Se não podem ser grandes, podem ser bons. Também critica, como luso-brasileiro que é. Mas exerce o mister suavemente, bondosamente, de sorriso nos olhos e nos lábios. É possível que em tão grave emergência o sorriso se lhe amortecesse... ou talvez não... Só vendo. Ah! Se tivéssemos o dom da ubiquidade!...

E o Lasneau?...

Desse não tínhamos pena. Ia refestelado em cómoda poltrona, a dormir e a sonhar. Os poetas sonham sempre, perambulam sempre. E Lasneau é poeta nato, de fino

espírito, que em tudo vê motivos de beleza, mesmo quando falta luz meridiana. Vinha também connosco, queria acompanhar-nos, para compensar o percalço que tivemos à sua procura, na Barra do Piraí... O vagão-cama estava no seu assento.

Ironias do Destino. Lembram-se daquele dito de Caligula: «nunca houve melhor escravo nem pior amo que o dinheiro»? Querem maior verdade? O dinheiro nos guindara à comodidade para nos perder. Amigos no-la ofereceram e a pagaram em benefício. O resto pertence ao Destino, traduz-se em experiência dolorosa e necessária. Em viagens de trem de aço a posição horizontal é pior que a de ângulo recto... Saibam quantos não sentiram os afagos da roda na vasta estância mineira...

★

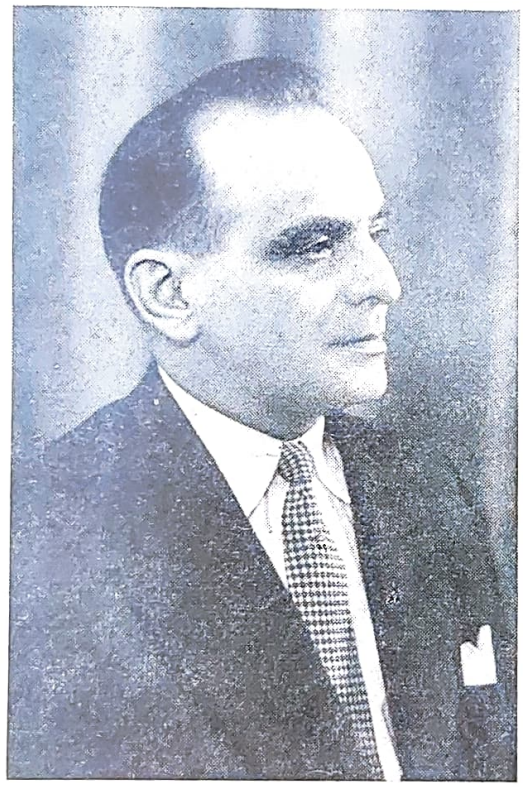
Mal despontou o dia corremos a cortina e relanceámos o olhar pela floresta, de longe em longe debruada de cultivo. Era a mão calosa a orientar a seiva do trópico. O disco solar não surgira ainda no horizonte e a natureza semelhava um úbere gigantesco à espera de mungidura. Havia calor no ambiente, cheiro a maternidade que dominava os seres. Sentíamo-lo naquele poiso de artista, que tinha sob os olhos pávidos o caleidoscópio do rincão brasileiro.

O trem ia rodando e os olhos iam ficando presos à terra adusta. Não terminara ainda um deslumbramento e já outro surgia da selva esverdeada sujeita pelo húmus que o céu lhe enviava durante a noite, para que o sol o fecundasse e desentranhasse.

Duas locomotivas — uma à frente e outra à retaguarda — arrastavam a serpente férrea a perder-se na distância e o silvo da primeira não se ouvia na segunda. Às vezes a marcha afrouxava tanto, era tão cadenciada! Dir-se-ia que o monstro estava cansado e queria repousar na superfície brilhante da via férrea. Era quando os olhos revelavam gulodice de paisagem.

Antes do sol nado, a selva é uma; depois é outra. Primeiro, vida vegetativa, vida latente. Os vales e os morros jazem adormecidos sob o manto das estrelas. Quando o sol reluz, quando o sol dardeja é orquestração da natura, sinfonia de cores a espraiar-se em mil tons diferentes... Juntando a isto o canto das espécies, que maravilhoso quadro poderia formar o engenho humano! Seria Quadro Brasileiro, exclusivamente brasileiro, que não haveria outro em todo o mundo. Pintores, decoradores, jardineiros, paisagistas, todos seriam poucos para arrancar à floresta verde os misteriosos segredos da folhagem jacentes no rio luxuriante da vida em festa.

Agora o balanço incomodava menos e a conversa generalizou-se ao Amadeu. O primeiro almoço estimulara os três, numa assembleia de muitas almas que nossos olhos não podiam ver. Mas estavam lá, solícitas, prazenteiras, cingidas ao alvo colectivo. O Bady bem o sabe. Tanto assim, que uma porta se nos abriu em inesperada apoteose. Ele teve a intuição e nós tivemos a satisfação. O Alto a florir a senda de nossos passos.



ELIAS BADY CURI

Presidente da União Espirita Mineira

Que pena não estar ali o Magaldi! Que pena! Então a assembleia seria maior. Mas ele ia longe, entre montes e vales, à ilharga do Coragem, na furgoneta exausta vergastada pela chuva e pelo vento...

★

A estação está próxima. Vê-se no cultivo dos campos e no casaredo que aflora aqui e ali. Os mastins ladram à passagem do trem. Que dirão eles em sua linguagem? Saudações? Ameaças? Talvez. No seu olhar há resquícios de humanidade que muitos cidadãos não querem reconhecer. O dono fala e eles entendem. E reagem ao bem e ao mal, como pessoas de sentimento, como pessoas de carácter. Se não estivéssemos a chegar a Belo Horizonte, contaríamos a história do cão que andou seis quilómetros à procura de socorros para o seu dono, que tivera um ataque cardíaco em cabana de colmo isolada na montanha. Com as pernas imobilizadas prendeu um bilhete à coleira do animal em que dizia:

— Não posso andar. Ajudem-me, por favor.

E ordenou-lhe que procurasse alguém. O cão chegou a Bailey, no Colorado, dirigiu-se à primeira pessoa que encontrou e o dono foi internado no hospital.

A locomotiva da frente canta vitória em silvo prolongado e estridente. O Bady alça as mãos ao porta-bagagem e retira as nossas maletas. Sentimos um calafrio agradável e entramos no desembarcadouro a que muitos chamam «gare», em Francês. Que alegria para todos!

As apresentações sucedem-se. Em primeiro lugar a Comissão de Recepção dirigida por Ademar Dias Duarte e de que faziam parte Oscar Coelho dos Santos, Jaime de Ávila Machado, Rúbens da Costa Romanelli, Osório Morais, António Augusto dos Santos, Noraldino de Melo Castro, Martins Peralva, Virgílio Pedro de Almeida e Manuel Lopes... Depois, em revoada amistosa, os directores da União Espirita Mineira, da «Sopa dos Pobres», do «Abrigo Jesus», da Associação Cristã Educadora» (Ginásio «O Precursor»), do Centro «Tiago Maior», do «Luz, Amor e Caridade», de O Espirita Mineiro, da «Casa de Betânia», do «António de Pádua», do «Francisco de Assis», da Escola «Pascoal Commanducci», da «Casa Transitória», do «Célia Xavier», do Hospital Espirita «André Luís», do «Luz e Humildade», das «Mocidades Espiritas», da «Casa dos Cireneus», do «Bezerra de Meneses», das «Samaritanas»... Tantos! Tantos! Velhos amigos que agora conhecíamos pessoalmente. Grande Deus! Como é isto!... Bem clamava Coelho Neto: «A vida é a variedade. O paladar exige sabores diversos e as almas querem novas

impressões!» E Guerra Junqueiro: «Viver é conviver. Viver é amar». E Bartrina:

Nossa vida pobre e triste
Só num momento consiste;
Demarcou-a a sorte cega
Entre ontem, que não existe,
E amanhã, que nunca chega.

O ontem era o trem de aço farejando a selva; o amanhã, a capital mineira e tudo o que nela veríamos de grandioso.

O Ademar captou-nos logo o coração. Era a espontaneidade, a palavra fácil que não mente. O seu abraço tinha qualquer coisa de «antigo» companheiro. Trouxera o auto para nos levar à casa de António Augusto dos Santos, onde ficaríamos com o Amadeu.

Verdadeira, autêntica romagem foi aquela, da estação à tebaida do amigo português, linda vivenda de seu risco, engrinaldada por mãos de esteta aprimorado...

★

O primeiro contacto das almas tem ressaibos magnéticos. Homens e mulheres participam neles, de harmonia com a sensibilidade e o temperamento. O que se escreve e lê abarca a imensidade ou fica limitado à penumbra da origem. Se a obra é justa, se tem substância humana e atracção moral ou mental, os leitores absorvem-na e reflectem o conteúdo. Assim se vão formando opiniões e criando sectores ideológicos. Por isso os bons autores nunca estão sós. As suas palavras e as suas ideias envolvem muitas almas, a quem dão alegria e felicidade.

O mesmo com os simples de coração, que respiram bondade. E com os obreiros de ideias meritórias, a que sempre pertencemos.

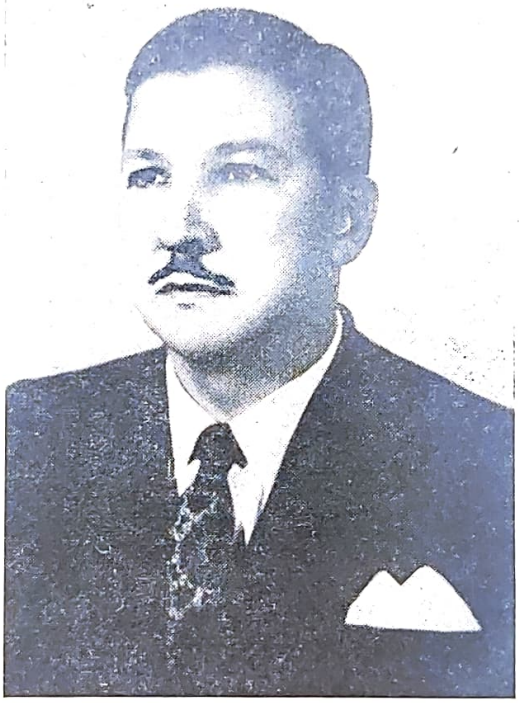
Neste momento houve grande festa nas almas, porque o magnetismo as impregnara. A radiação era comum, como a solicitude que tem asas de anjo e como a ternura que é maternal e filial. Todos queriam falar, contar impressões, ouvir coisas de Portugal. E as frases entrechocavam-se, em borbotão, semelhantes aos cachões de pedregosa nascente...

Os olhos traduziam afeição e concordância. O Amadeu Santos já se habituara. Bondade atrai bondade. «Abissum abissum invocat». Mas nós andávamos de terra em terra a colher flores imortais e éramos influenciado pelo seu perfume, cada vez mais forte, mais capitoso, estranhamente empolgante e estonteante!

O que ali sentimos encontra-se aglutinado. É necessário grande esforço psicológico para analisar e metodizar o choque recebido...

★

Rio Grande do Sul, 1212, mansão de paz e alegria cristã, lar modelo que albergava três portugueses de verdade: o chefe — António Augusto dos Santos — que há pouco estivera em nossa casa de Lisboa, o Amadeu, nascido em Portugal e com diploma de «cidadão luso-brasileiro» e o relator desta crónica. Além disso, uma esposa que era o anjo bom do lar, em torno da qual gravitavam doze filhos inteligentes e cultos, oito deles formados em várias faculdades. Engenheiros, advogados, arquitectos...



DR. ADEMAR DIAS DUARTE
Redactor de «O Espirita Mineiro»

Aqui nos instalámos, aqui almoçámos, aqui descansámos.

Era uma vez um homem que saiu da pátria, uma pátria como outra não havia. Viu terras e viu gentes, idiomas espúrios, costumes vários, sempre atrás da fantasia, espécie de estrela de alva de antigo mareante. Os caminhos abrolhosos deixavam-lhe manchas na carne. A secura estiolava-lhe a garganta sob raios candentes. Vinha depois um fio de água em declive de rocha e colava os lábios ao barro verde. E continuava a marchar para ver novas terras e outras gentes.

Assim andou muitos dias vergado ao peso da angústia. Se todos eram irmãos, porque o não entendiam? Porque o não auxiliavam? Trazia grande riqueza e ninguém a queria aceitar. Nem a podia vender. E voltou exausto à pátria, de solavanco em solavanco, mais velho e menos iludido. Tinham-lhe morrido os familiares e os parentes não o conheceram. Pobre homem! A riqueza que levava era de amor cristão que as gentes não entendiam.

«Quando descobrimos que já não existe o alvo de nossos pensamentos, sonhos e desejos, ou não é mais que um nevoeiro a que a distância empresta moldes fantásticos, devíamos morrer de desespero», opina Mantegazza. A esta legenda opomos outra mais humana:

«Não desanimes, ainda que os teus desígnios falhem setenta e sete vezes». Garibaldi a proferiu e podemos dizer que a viveu auxiliado por forças imponentes.

Nós também saímos da pátria. Vimos terras, vimos gentes, suportámos climas vários. Levámos riqueza que espalhámos, como filho pródigo; mas ela tanto aumentou, que vergámos ao peso, mal podendo avançar.

Nessa mansão de Belo Horizonte, nesga de Portugal florido desdobrado em rosas de Santa Cruz, ficaram três portugueses de verdade. A pátria estava ali guardada em tabernáculo. O amor engrandecera-a, dera-lhe aspectos gloriosos e caldeara pensamentos de revoada. Tudo reunido no mesmo florilégio que distingue o amor à terra, à região em que nascemos e vivemos e que a nostalgia não deixa afastar de nós...

★

Havia tantas coisas a percorrer! Gostaríamos de começar pela formosa urbe, onde o Presidente Juscelino se apetrechou para o governo do Brasil. Mas o programa estava feito e a primeira visita coube ao «Abrigo Jesus», rua Costa Sena,

1.129, ao qual tem presidido o Dr. Osório de Morais. «Abrigo», está bem. É refúgio de infância desamparada declarado de utilidade pública há oito anos.

Estas instituições são a maior glória do Espiritismo. Que importa estudar a Doutrina em todos os meandros, ser investigador ou filósofo e ficar na erudição? Vale mais a reforma geral do homem no sentido moral do que um himalaia de conhecimentos.

A promiscuidade dos grandes aglomerados nem sempre responde pelos crimes impunes. Por isso o «Abrigo Jesus» se fundou para salvar a infância, para ajudar a resolver o problema educativo e social.

«Amai-vos uns aos outros», disse o Cristo. Além da protecção do Estado ao cidadão, há o dever social de homem para homem. A miséria diminuirá, quando a solidariedade se impuser a todos, como raio de sol e gota de água.

O «Abrigo Jesus» é um milagre de esforço. A imponência da sua instalação é qualquer coisa de notável. Está de harmonia com os fins para que foi criado: internar, proteger, regenerar, educar e instruir a infância desvalida, sem distinção de crença ou nacionalidade.

Eis um programa arrojado, assente em bases sólidas:

Preparar as abrigadas para vida útil, honesta e laboriosa, instruindo-as e educando-as em trabalhos manuais, profissionais, industriais e domésticos; velar pela sua educação moral e espiritual; criar aulas e cursos primários e atender ao desenvolvimento físico e à educação cívica, para que sejam úteis à pátria, e assegurar-lhes um pecúlio adequado.

A preferência na admissão de crianças vai para as de maior penúria que vivam em ambientes imorais capazes de arrastar à desonra, ao vício e ao crime. Além disso, há casos especiais resolvidos pela Directoria. São os de crianças órfãs de pai e mãe, mal amparadas e que corram o risco de ser pervertidas ou abandonadas; e as órfãs de pai e cuja mãe não tenha capacidade física ou moral para mantê-las. Também se admitem crianças subvencionadas ou contratadas pelo Estado ou particulares, desde que se encontrem em necessidade.

O pecúlio é constituído pelos prémios em dinheiro, percentagens arbitradas sobre o lucro líquido da produção das oficinas e donativos de qualquer espécie.

Quando o abrigado se desliga da Casa recebe o pecúlio em caderneta da Caixa Económica Federal e em dinheiro. Mas, enquanto lá permanece, o pecúlio é guardado pela instituição, que o fará reverter ao seu património, se o abrigado, entretanto, falecer.

★

Quando entrámos com o Amadeu, um grupo cantou o Hino do Abrigo. Que doce enleio no olhar daquelas aves chilreantes! Veio-nos à memória a estrofe de Junqueiro:

Gravai na vossa lembrança
E meditai, com horror,
Que o homem sai da criança
Como o fruto sai da flor.

Acaso poderíamos afirmar que não estivessem ali futuros dirigentes? Mistérios que a infância encobre no seu mundo de brinquedos!

Esbelta moçoila assume relevo no conjunto e lê com firmeza:

«Grande é a nossa alegria ao receber a sua visita. Embora crianças, assimilamos os valores literários e prestamos-lhes homenagem. As nossas palavras estão cheias de admiração e dirigem-se ao lutador da ignorância para que Deus o inspire e abençoe e lhe permita dar-nos livros sadios e instrutivos de combate à ignorância. E maior alegria temos ao sabê-lo Português, que Brasil e Portugal são irmãos e o desenvolvimento de nossa pátria muito deve à Terra de Cabral.

«A vossa presença grangeou a nossa simpatia e por isso nos sentimos felizes e honradas».

Respondemos, emocionado. Falámos às saudantes e mostrámos-lhes a estrada a percorrer. Que elevassem o pensamento por seus mestres e protectores, que olvidaram o interesse próprio em benefício desta obra sublime.

Oscar da Silva, vice-presidente da instituição, agradeceu-nos as palavras e a presença, dizendo que há muito conhecia a nossa obra. E desejou que a visita se repetisse novamente.

Expressões amistosíssimas, que o Oscár (e não Óscar) é uma alma branca a reviver nas filhinhas que Deus enviou ao «Abrigo Jesus». Que saudades nos deixou o seu convívio! Como gostaríamos de o tornar a ver!

O Amadeu Santos, num arroubo oratório, prestou comovida homenagem a Minas Gerais, pátria da esposa e dos filhos, e aludiu à figura de Abel Gomes, esse mineiro paralítico, mas activo, que o Além recolheu na hora aprazada.

E começou a visita. Eis um amplo refeitório de 20 mesas asseadas à espera de 82 avezinhas que enchem a casa de gorgeios. «Em breve serão 100», diz o Oscar (leiam Oscár).

A cozinha é desmarcada em superfície. Nunca vimos coisa tão grande. Oxalá que amanhã seja pequena para novos bandos de aves...

O edifício próprio tem 1.448 metros quadrados e a cerca 10.000 de bom terreno repleto de árvores. Foi uma das coisas que mais nos cativou. Amanhar a terra, ajardiná-la, senti-la gemer em partos fecundantes, enchê-la de flores e de frutos... O homem afasta-se da natureza-mãe, foge do sol e do ar puro e a raça depauperada vai em declive. Só a terra o salvará, se a fome lhe ordenar o regresso. Quando nada tiver, quando a guerra o deprimir e a doença o amargurar, só a terra amiga o poderá receber.

Aquele terreno custou 35 mil cruzeiros em 1940. Hoje vale 4 milhões e vendem alguns lotes, destinados a renda vitalícia.

Lá está o Jardim da Infância... A maior riqueza do Brasil é a gurizada buliçosa que enche as ruas e os parques. O seu riso triunfante conquista o europeu que lá vai e fica maravilhado.

Agora, uma grande biblioteca em disposição singular. E as cadeirinhas de palha com assentos forrados são notas mimosas naquele retiro de educação.

A sala de aula, bem disposta, como as outras dependências.

A sala de curativos é higiénica. Três médicos constituem o corpo clínico do Abrigo. Dois alópatas e um homeópata: José Schembri e Delcides Baumgrats, e Geraldo Gomide no serviço dentário.

Passando ao Auditorium, vemos um palco de 50 centímetros de altura. Quem se lembraria deste mimo numa casa de caridade?

Tudo isto sensibiliza, tudo isto impressiona. E, como se fosse pouco, ainda cogitam em criar novos departamentos para proteger as mães-solteiras, abandonadas e arrependidas, e fundar berçários e hospitais destinados à infância desvalida e à velhice desamparada...

Alencar Braga, idealizador do Abrigo, deve estar satisfeito. E a União Espírita Mineira também, por ter patrocinado a fundação de um verdadeiro instituto de ensino primário, ginasial, arte culinária, corte, costura, bordados, música, assistentes sociais, assistência médica, tudo

UM BOM LIVRO É UM BOM AMIGO

ASTROLOGIA. — O conhecimento da astrologia constitui um verdadeiro guia na vida, fornecendo ao estudante verdadeiras directrizes de progresso...

Brochado ..... 115$00

MAGIA MENTAL, por *W. Atkinson.* — Um livro dos mais importantes da nova psicologia acerca da energia mental e suas aplicações.

Brochado ..... 70$00

RAIOS DE LUZ ESPIRITUAL, por *Francisco Lorenz.* — Livro que abrange a maioria das religiões, tocando em pontos de enorme interesse, tais como, o mundo astral, os fenómenos metapsíquicos, a crise da morte, etc.

Brochado ..... 45$00

NOSSAS FORÇAS MENTAIS, por *Prentice Mulford.* — Monumento erguido por um poderoso cérebro, ensina as leis da prosperidade, do triunfo, do bem-estar e da saúde. Os seus conceitos têm dado conforto e felicidade a milhares de seres. 4 grossos volumes.

Brochado 180$00 — Encadernado 240$00

A CIÊNCIA SECRETA, por *Henri Durville.* — Dois grossos volumes com cerca de 1000 páginas e 60 gravuras em que se estudam todas as correntes iniciáticas e respectivos graus.

Brochado ..... 170$00

MAGIA PRÁTICA (Tratado elementar), de *Papus.* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realização e história de magia, com um dicionário adequado. Um grande volume com 160 gravuras.

Brochado ..... 120$00

A INTELIGÊNCIA ATRAVÉS DOS SÉCULOS, por *Martins Stevers.* — A história da humanidade narrada através das realizações do homem que o levam a resistir aos cataclismos da natureza.

Brochado ..... 60$00

AUTOBIOGRAFIA DE ANNIE BESANT. — Revelação da vida intima e social da fundadora da Sociedade Teosófica. Um grosso volume.

Brochado ..... 54$00

gratuito, em nome de seu patrono augusto...

★

Espiritismo! Só tu poderias fazer milagres deste género. Teus adeptos esquecem as agruras materiais e dulcificam a vida com obras de fé. Elas aí estão, viridentes e humildes, a transformar paúis, a triturar a rocha, para que em seu lugar o trigo enflore!

O Amadeu Santos estava maravilhado. E contando degraus escada acima, chegámos ao 1.º andar.

Aula de costura. Quatro dormitórios. Rouparia enorme. Quarto de chuveiros e caixa de água. Tudo alegre e acolhedor.

A enfermaria... Ah, sim... Lá estava... belamente apetrechada... e belamente vazia...

E em resposta ao nosso reparo, ouvimos:

— Aqui não há doenças. É mesmo raro notarmos indisposições. A causa está na higiene e na boa alimentação que não têm faltado nesta Casa.

O «Abrigo Jesus» também realiza sessões doutrinárias e conferências que não envolvam politica ou assuntos que tragam desarmonia.

E quanto à cooperação do Governo, anda por 300.000 cruzeiros anuais.

Num relatório da Directoria que temos à mão vê-se que o património da colectividade se eleva de dia para dia e que as economias realizadas continuam a erguer prédios de rendimento.

Outra particularidade interessante: as internadas não poderão desinternar-se com menos de dezóito anos nem permanecer no Abrigo depois dos vinte e um.

As «Operárias do Bem» são verdadeiros auxiliares que promovem festivais, auxiliam os ingressos e fazem parte das Comissões de Sindicância com missão de investigar as condições morais, materiais e físicas das crianças a internar, bem como dos progenitores, tutores ou protectores, a fim de se deliberar sempre justamente e imparcialmente.

★

«O Abrigo Jesus» foi um baptismo e uma lição. Baptismo de fé imorredoira e lição de humildade que demora muito a aprender. Isto disse o Amadeu, sob a trovoada enorme que sublinhou a nossa visita a uma casa beneficente que honra a Doutrina e os confrades de Belo Horizonte.

Se tivéssemos repousado na tebaida amiga de António Augusto dos Santos, nossas forças se alertariam com prejuízo de tantas coisas magníficas que era crime desconhecer. Mas Deus permitiu que não repousássemos e que nos retemperássemos ao contacto de um Evangelho Novo que desafia epicurismo e cepticismo e se ergue na rua Costa Sena, 1.129, em grandiosidade e majestade.

Quis Deus que lá fôssemos com o Amadeu Santos e que escrevêssemos estas linhas serenas.

O nosso confrade e amigo Marechal Travassos disse-nos em carta que estávamos revelando o Brasil Espirita aos espiritistas brasileiros e que estas crónicas deveriam sair em livro, em atenção à causa que nos irmana. Se estes depoimentos tiverem algum valor, o Alto se encarregará de os coligir e publicar. Que verdade existe neles, é incontroverso. E a verdade franca é a maior virtude do homem de bem.

Se for preciso dar-se-ão a conhecer aos homens de boa vontade.

O QUE SE LEVA DESTE MUNDO

Por CYRILO ALLEIXO

Costuma-se dizer que o que se leva deste mundo «é o que se come, bebe e goza». E embalada por essas palavras, muita gente não se preocupa, de facto, senão com seus sistemas fisiológicos, pois já que a vida é tão breve, toca a aproveitá-la de forma a irmos deste mundo cheios de prazer material.

Quem cá ficar, que o ganhe; e toca a gastar à toa em tudo que possa proporcionar qualquer parcela de gozo, pois com a morte tudo acaba e tolo é quem não aproveita a vida, extraindo-lhe todo o mel que ela contém.

E então todo o tempo é pouco para satisfazer os apetites, vivendo-se num contínuo frenesi, com receio de se ser surpreendido pela morte, sem se ter gozado o suficiente.

A ILUSÃO

Com tal forma de pensar, é evidente que o trabalho, o sacrifício e a renúncia são coisas detestáveis, em flagrante contraste com aquela finalidade, procurando-se fugir-lhe a sete pés, como quem foge duma maldição.

Por outro lado, é-se obrigado muitas vezes a amordaçar a consciência, porque a parte instintiva do ser é insaciável, reclamando de suas vítimas concessões sobre concessões, até exercer sobre elas seu domínio tirânico.

A partir desse momento, a criatura é mero joguete das forças inferiores, movimentando-se no apertado círculo das tentações malsãs, alheada de tudo que não vá acariciar o animalzinho oculto sob as vestes carnais.

Suas ambições se fixam no lodo ancestral e a criatura se sente bem na toca a que se recolheu e onde, com muitas mais, supõe ter encontrado o verdadeiro sentido da vida.

Que haverá para além desse exíguo reduto? Não sabe nem lhe importa saber, pois no seu minúsculo e mesquinho mundo se julga feliz.

De resto, a seus companheiros também nada mais interessa, senão viver o presente, agarrando-se com unhas e dentes a tudo que venha adular a fibra animal.

Há, de facto, bem o sabem, criaturas que em vez de fruirem, como eles, os bens imediatos, por eles passam indiferentes, com os olhos fixos não se sabe aonde e à espera sem se saber de quê.

Mas esses são os fantasistas, os lunáticos de todos os tempos, que nem sequer deviam ter vindo ao mundo, por não saberem aproveitar o que de bom ele tem e a todo o momento lhes oferece.

Quando os vêem passar indiferentes, com os olhos postos em alvo, insensíveis, quais sonâmbulos, aos convites tentadores que os cercam, que raiva, que gana sentem de lhes gritar:

— Eh lá, amigos, o que procurais está aqui, não precisais de ir mais longe. Esta vida são dois dias, não se perca tempo com frioleiras inúteis. Abri os olhos para o que vos cerca: de todos os lados vos chamam; há frutos deliciosos à beira do caminho, esperando sòmente lhes estendais as mãos, criados que foram para vosso regalo e os desprezais como coisas de somenos valor, perdendo assim todos os bens da vida! Insensatos! Para que correis atrás de quimeras, se aqui há magníficas realidades?

A REALIDADE

Comer, beber e gozar, alvo máximo de muitos mortais, não é, todavia, o que de melhor se leva da vida. Se assim fosse, qual viria a ser a diferença entre nós e os irracionais? Por que razão teriam uns a forma animal e outros a humana, se os objectivos eram comuns?

Não! O melhor que se leva de cada existência é bem diferente e daí os tais «lunáticos» seguirem com os olhos fixos bem sabem em quê, insensíveis àquilo que para os outros são ainda fortes seduções.

Mas não avançam ao acaso, sem alvo e sem rumo, pois sabem muito bem que acima de tais solicitações, para lá desse reduto, há horizontes mais vastos, promessas mais fagueiras e não se detêm, pois não querem trocar proveitos superiores e duradouros, por enganadoras e fugazes miragens.

Lastimam, sim, a cegueira daqueles que teimam em ficar no vale das trevas, sem compreenderem que, subindo as íngremes encostas, chegariam a pináculos radiosos, bem diferentes dos barrancos, onde fazem situar seu mundo soturno e ilusório!

Mesmo que a morte fosse o fim de tudo, como supõem os aduladores da matéria, justamente aqueles para quem as funções orgânicas são os únicos bens da existência, mesmo que o nada se seguisse ao último fôlego vital, nada mais restando do que um aglomerado de moléculas prestes a desagregarem-se, nem mesmo assim o melhor que a vida nos pode oferecer seria igual para todos os mortais, dada a diferença de sensibilidade, patenteada por toda a parte.

Mas o túmulo encerra apenas corpos vazios, cujos ocupantes se retiraram, para algures continuarem a vida, que jamais cessa e apenas muda de cenário.

A imortalidade é nossa herança divina e ora no plano visível, ora no invisível, seguimos sempre a

nossa rota, impelidos pelas potencialidades contidas em nosso âmago, depurando-nos sucessivamente através de múltiplas existências, em demanda de alvos cada vez mais fascinantes, para os quais, a partir de certa altura, caminhamos resolutos, sem temer qualquer obstáculo, por maior que seje.

A alma é sopro divino, animando miríades de formas em todos os reinos da natureza, neste e em todos os universos do infinito.

A GRANDE FINALIDADE

A vida tem finalidade diferente da que muito gente julga e essa ignorância nos leva a tirar conclusões tão erróneas como prejudiciais, porque desvirtuando o sentido das coisas, nos induz a comportamentos justamente contrários àqueles que devíamos ter.

Isto não é «sem rei nem roque», nem é obra do acaso. Um poder grandioso tudo regula, oriundo da Fonte Suprema de toda a perfeição, com suas leis tão sábias quão inflexíveis, às quais tudo o que existe se encontra subordinado.

Esse código extra-humano visa uma finalidade: erguer-nos do estendal de nossas misérias, com a emancipação da parte espiritual do ser, despertando-nos para concepções mais elevadas, em demanda da perfeição.

É esse o nobre destino de todos nós e, inconscientemente primeiro e com plena lucidez depois, a ascenção é ininterrupta, porque a centelha divina, que em nós dormita, é constantemente atraída para o foco de onde dimana.

Em seus primórdios, o ser só avança sob o azorrague da dor, porque então somos animaizinhos teimosos, entregues a um langor de semiconsciência, em restrito âmbito de grosseiras sensações.

O avanço se faz, por isso, lenta e penosamente ante a inércia resultante de mil seduções efémeras, fora das quais nos convecemos nada de bom mais existir.

Mas a prisioneira da carne, ávida por atingir sua augusta finalidade, protesta contra o menosprezo a que é votada e de que resulta o retardamento da sua libertação e, mais cedo ou mais tarde, seus protestos se traduzem na saciedade a que todos os prazeres materiais nos conduzem, induzindo-nos a tomar outras directrizes e impulsionando-nos gradualmente para a frente, em cumprimento do grandioso plano divino.

Fases após fases se vão, pois, sucedendo, numa insatisfação permanente, sempre em busca de mais e melhor, ganhando-se gradualmente em consciência o que se vai perdendo da parte animal e vendo delinear-se ao mesmo tempo, cada vez com mais precisão, o alvo longínquo para onde nos conduzem as leis cósmicas.

A VERDADEIRA MEDALHA

A vida não é mero acidente entre dois infinitos, mas bela oportunidade de executarmos a tarefa espiritual que reclama o concurso das forças materiais, como buriladoras da alma, soterrada sob densa camada refractária, cuja remoção se impõe, para conseguirmos aquele objectivo.

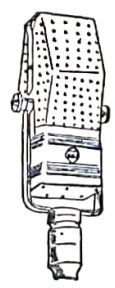
Uma longa série de vidas planetárias são indispensáveis ao aprimoramento anímico, mas chegará um momento em que, depois de se alcançar determinado avanço psíquico, ficaremos libertos para sempre do jugo da carne, continuando nos planos etéreos esse progresso que, a partir de então, prescindirá definitivamente dos incómodos tecidos carnais.

Até lá, porém, temos de ser encarcerados vezes sem conta no presídio celular, para nosso bem, pelo que devemos respeitar o nosso organismo como templo vivo do espírito e seu instrumento de ascensão, prodigalizando-lhe os cuidados necessários à sua conservação e não malbaratando as energias, que devem ser utilizadas no embelezamento interior.

O que se leva, portanto, deste mundo, visto sermos responsáveis por todos os desvios das leis divinas, criadas para glorificação do espírito e não da matéria, não são os prazeres mundanos, mas o avanço conseguido no campo moral e espiritual e a firme resistência às solicitações inferiores que nos ligam a vícios e paixões, cujo aniquilamento se impõe, por constituirem sério obstáculo ao nosso progresso.

O que se leva deste mundo, é o bem que se faz, porque, enquanto os prazeres materiais se esvaem como fumaça inútil, o bem, agindo na parte imortal do ser, deixa rastro seguro e duradouro, despertando-nos para estados de consciência mais elevados.

O que se leva do mundo é a caridade para com tudo e com todos, é a paciência e a resignação, juntamente com a submissão à vontade de Deus, é o perdão das ofensas recebidas, é a luta sem tréguas ao egoismo, ao orgulho e a tudo o mais que nos torna pequeninos ante o Pai Supremo; é, finalmente, o trabalho, o sacrifício e a renúncia, no esforço hercúleo de desfazer as trevas da ignorância que nos envolvem, com vista ao nosso aprimoramento psíquico e de nossos irmãos.



Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

QUE É A DOR?

por ZALMINO ZIMMERMANN
(correspondente em Porto Alegre, Brasil)

Problema cruciante em filosofia, em medicina, em psicologia: que é a dor? A psicologia estabelece as relações prazer-dor, sem equacionar os valores de raiz, de causa.

Será do soma? Será do Espírito? É possível uma diferenciação?

Abstraindo as modernas doutrinas da Personalística que considera a pessoa como um todo vivente psico-somático, uma única e indissolúvel estrutura, poderemos percorrer outros carreiros que o Espiritismo nos acena e conseguiremos, então, ventilando-nos, nos aproximar, talvez, do conteúdo intrínseco da dor.

Antes de tudo, a dor é um desiquilíbrio magnético. Diz-nos Emmanuel que o edifício celular é uma colossal estrutura electrónica. Com os modernos descobrimentos no campo da energia, abalam-se as velhas construções do passado que procuram eclipsar o tremendo poderio da essência pura que é a energia. Sabe-se, pois, que a matéria é pura condensação de força. O dinamismo energético, em órbitas fechadas, com o estabelecimento dos equilíbrios intra-atómicos, com os agrupamentos em cadeia, constituindo as imensas colónias celulares, possibilitando a inédita ilação de que se há tal conformação, deve, consequentemente, haver leis que no corpo humano se diferenciam e se especificam.

Com efeito, os agregados celulares obedecem a um sistema de polaridade geral. Há no nosso organismo a passagem de duas correntes eléctricas, pelos lados direito e esquerdo, tomando propriedades positiva e negativa no homem, respectivamente, e vice-versa na mulher. O polo positivo seria a cabeça (ou mais rigorosamente, talvez, a glândula pineal) e o negativo, os pés. A direcção dessas correntes gerais, seriam no sentido cabeça-pés, com o descarregamento na terra que funciona como imenso neutralizador. A energia positiva inicial seria a captada dos raios solares e, em particular, os denominados raios cósmicos. Essa passagem contínua e ininterrupta, alimentando todas as organizações atómicas do nosso corpo, seria a responsável pela harmonia geral e pela vitalidade.

Começamos frisando que a dor é um desequilíbrio magnético. Efectivamente, quando, num determinado conjunto celular, a corrente magnética (não confundir com a nervosa que é uma derivante) encontra interrupções de quaisquer categorias, desde as simples até as perigosas inversões da particular polaridade celular, verifica-se um impacto com repercussões no perispírito, forma geratriz do corpo, seu espelho fiel nos mínimos detalhes. O trauma próprio, então, da essência espiritual tem ressonâncias em todo o sistema psico-somático, impressionando, de imediato, os neurónios nervosos que, negativamente activados, registam o desiquilíbrio electro-magnético numa determinada parte do corpo, afectando, «incontinenti», o Espírito. Não é a carne que dói, mas o Espírito, que, recebendo pelo perispírito o registo do desiquilíbrio atómico de certa região orgânica, sente-se em desarmonia com o equilíbrio universal que é ordem acima de tudo, desajustando-se frente ao conceito cósmico de harmonia, reflectindo os sintomas a que chamamos dor.

A dor nada mais é que o registo natural por parte do Espírito de um curto-circuito (impròpriamente denominado) numa especial parte da colossal rede energética responsável pela vida do ser.

Os medicamentos físicos que usamos funcionam como alimentadores, tais como as baterias num sistema electro-motor. Possuem cargas magnéticas apropriadas para reabastecer os sectores nevrálgicos desequilibrados. Assim, quando tomamos qualquer conteúdo medicamentoso, a nova organização electro-química, embora passando pelos condutos digestivos normais, é imediatamente atraída, pela lei da afinidade e complementação, para as «zonas em perigo» e, por uma espécie de troca de elementos, recupera o foco agasta-

do, dando-lhe nova vitalidade energética. Energia sustentando energia. Átomos reabastecendo átomos. Eis por que determinados produtos são indicados para particulares moléstias. Aqueles elementos magnéticos da combinação química são próprios para resolver as deficiências dos centros moleculares que, recebendo nova injecção de magnetismo, restabilizam-se, desaparecendo, assim, as conformações patológicas que são, simplesmente, ilhas, quistos, neutros, num oceano de electricidade activa; povos estáticos em meio a uma humanidade ultra-dinâmica.

Quando temos, mesmo, qualquer ferida epidérmica e aplicamos-lhe uma pomada qualquer, o fenómeno é o mesmo: troca de substâncias químicas que são, no fundo, realmente, compensações e recompensações de cargas magnéticas. As células orgânicas recebem os contingentes magnéticos das células dos medicamentos e se refazem. Há em tudo profunda e formidável interacção magnética!

O processo é idêntico com todos os recursos terapêuticos somáticos, junto a todas as enfermidades orgânicas. Há sempre o reabastecimento de extraordinária energia electro-magnética, património omnipresente em toda a natureza, porque Deus é Luz, Pensamento, e sua obra é toda à Sua semelhança.

Diante a asserção supra, é óbvio logicar no sentido da contra-indicação da terapia alopática que se caracteriza pela violência. Reacções magnéticas bruscas, antes, desiquilibram, embora sob aparente restabelecimento. A homeopatia, influindo directamente sobre o perispírito, sobre os processos naturais recuperadores mais legítimos e profundos, actuando sobre os centros psico-magnéticos quintessenciados do ser, realiza a cura radical, provocando defesas mais organizadas e perenes, estabelecendo recursos magnéticos mais poderosos na capacidade de neutralizar os agentes agressores do organismo.

A indicação dos recursos fluídicos, aí, é, também, a mais lógica. Através dos passes objectivos ou dos potenciais da mentalização pura dirigida para um fim recuperador e com consequente e automática projecção de mananciais fluídicos, a cura engrandece-se em seu desenvolvimento pois que não só é ajudada — com os fluidos animais — a matéria densa, como se verifica a actuação directa sobre toda a organização espiritual — o perispírito, principalmente — propiciando-se indubitáveis oportunidades de eliminação dos aspectos patológicos sempre que o passado do enfermo comporte.

Ainda no campo real da energia pura!

De qualquer forma, o embasamento fundamental de qualquer terapia é o fenómeno energético. Seja nas recuperações puras e simples de células atingidas, seja na sistematização de potenciais defensivos que se consolidam na neutralização dos agentes patológicos externos.

Num indivíduo doente, é o Espírito que está destoando da vibração harmónica total do cosmos. Estamos mergulhados num oceano de harmonia e se a maioria humana ainda não o percebe é porque seu estado evolutivo, ou melhor, de involução, ainda é marcante. Estulta, incompreensiva, comodista, estática, não se apercebe da luz e da beleza que a envolve. E, justamente, por tal ignorância, é que seguidamente dessintoniza com o equilíbrio universal, sentindo nas profundezas do seu incompreensivo ser, os resultados negativos de desequilíbrio afectivo e as rápidas e indubitáveis consequências na organização somática que sempre reflecte o estado de equilíbrio espiritual.

Através dos sistemas nervoso e endócrino, principalmente e com repercussões imediatas em todo o bloco celular, o homem, então sim, sofre as consequências de sua instabilidade afectiva que se religa de maneira extraordinária à paz consciencial!

Efectivamente, o problema não é de doenças, mas de doentes. Do Espírito!

Viver em ressonâncias positivas com o equilíbrio magnético cósmico, é ter saúde e paz. Aliás, isto não é novidade. Sabemos há dois mil anos. O Redentor nos disse que precisávamos andar na senda evangélica —actos e pensamentos — e tudo o mais nos seria dado por acréscimo. Não só nos beneficiaríamos com a saúde psico-física actual, como ainda estaríamos construindo nosso próprio futuro património frente à rígida e inviolável lei de causa e efeito, que, se reage com a dor, reage, também, com a alegria, em consonância com os factores do mérito legítimo, dentro do incomparável ritmo de justiça realmente equânime e universalmente distributiva.

Em síntese: a dor é o resultado de nossa própria elaboração objectiva e ideativa.

Sabendo, agora, o que ela é, fácil se nos torna o estabelecimento de um roteiro que enseje sua, até, completa extinção em nossas vidas presentes e futuras.

Meditemos.

Jun/47

SOLILÓQUIO

«Liberdade é o mote escrito
no céu, na terra e no mar;
di-lo a fera no seu grito
e as aves cruzando o ar;
di-lo o vento da procela,
a vaga que se encapela
e no espaço a estrela
em seu contínuo girar».

Soares de Passos

Pura ilusão do poeta!...

Precisamente, a estrela tem uma órbita traçada e não se pode desviar dela; e assim como não pode alterar o caminho que lhe foi marcado também não pode parar o seu giro.

O vento também tem rumos marcados; do norte, do sul, do leste, de oeste, de qualquer direcção da rosa dos ventos, nunca sopra simultâneamente de dois sentidos diferentes; quando rodopia, são os obstáculos que encontra no seu trajecto, que o forçam a alterar a sua rota marcada.

A vaga, quando se encapela, a seguir se desfaz contra os rochedos que mal a deixam espraiar-se.

Sem dúvida: é no reino animal onde se goza mais liberdade apesar da sua restrição às condições existenciais e às circunstâncias do meio onde se vive.

Na selva, a fera pode dar largas ao seu grito tanto quanto lhe permita o seu limitado instinto; no ar, as aves podem cruzá-lo em todos os sentidos e tanto quanto lho consinta a sua específica faculdade de voar; mas, num e noutro caso, uma bala certeira, de invenção humana, basta para interromper aquelas liberdades efémeras tão sujeitas a outras contingências caprichosas de liberdades mais efémeras ainda.

O homem, engenhoso e hábil, tem tido a liberdade de colher da árvore da ciência todos os frutos, que a sua imaginação tem concebido; mas a fragilidade de muitos dos seus engenhos, a falência dos seus processos e cálculos e a sua ignorância quanto ao potencial das forças da natureza que ele pretende dominar, limitam-lhe, a cada instante, a sua efémera liberdade. Todavia, o homem já ultrapassou tanto os limites da sua esfera natural, que se torna muito difícil convencer-se de que a sua liberdade termina onde começa a do seu vizinho: e dessa tremenda dificuldade resultam todos os atropelos que tanto amarguram a vida existencial humana.

Na vasta amplidão da meditação, a liberdade consciencial pode alcançar o âmago das causas e ultrapassar os limites dos efeitos; mas, dentro do limitado âmbito existencial, a liberdade é muito restrita por ser relativa às condições existenciais de cada um e às circunstâncias do meio onde se vive, das quais, as mais difíceis de suportar, são ainda as convencionais. Por essa sujeição de relatividade tão diversa e variada, o conceito de liberdade não pode ser igual para todos os humanos; ele deve ser conforme o estado evolutivo de cada um e de cada povo.

Para se estabelecer e conservar um equilíbrio perfeito entre a diferenciação de idade, cultura, evolução e a diversidade de condições existenciais de cada indivíduo e de cada povo, e ainda das circunstâncias dos meios onde se vive, bastaria usar-se como regra de procedimento, aqueles dois ensinamentos do Cristianismo, que preceituam: «não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti, e faz aos outros aquilo que quererias que te fizessem».

Manuel Cavaco

DOIS TELEGRAMAS

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro enviou os seguintes telegramas às entidades abaixo mencionadas:

Presidente Juscelino Kubitschek
Palácio do Catete

Rio de Janeiro

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica e de difusão da moral, congratula-se com Vossa Excelência pela emissão do sêlo comemorativo do centenário da obra de codificação do Espiritismo, acto que constituirá marco luminoso na História do Brasil, pelo que representa de clarividência, compreensão e justiça, certo como é que o Espiritismo hoje empolga imensa parcela da população do Brasil, projectando o nome de Vossa Excelência, assim, realmente, como Presidente de todos os brasileiros, e não, apenas, de parte de deles, embora a maior. É com actos iguais a esse que se pratica a genuína democracia. A paz mundial estará preservada, quando os governantes tiverem mentalidade arejada. Rendam graças a Deus os povos que têm a felicidade de possuir dirigentes da lucidez de Vossa Excelência. Saudações atenciosas.

Milton de Andrade,
Presidente

Director do Departamento dos Correios e Telégrafos

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica e de difusão da moral, felicita Vossa Excelência pela emissão do sêlo comemorativo do centenário da obra de codificação do Espiritismo, apesar da campanha dos que pretendem viver no Século Vinte com mentalidade da Idade Média. O Brasil, felizmente, conta com servidores cuja compreensão, tolerância e justiça engrandecem a administração pública. A passagem de V. Ex.ª pela administração dos Correios e Telégrafos, se não por outros ficará marcada por esse acto de independência mental e de grande valor pessoal. Saudações atenciosas.

Milton de Andrade

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

21

O MÉDICO-FILÓSOFO

Amigo radiouvinte:

Quem assumiu compromissos deve cumpri-los. Assim ouvi dizer sempre a mestres que estimo e venero. Esta é a razão da minha presença quotidiana em *Selecções Espiritualistas* e para satisfazer na justa medida uma sentença de Goethe que reza assim:

«O dever cumprido deixa às vezes em nós um sentimento de inquietação que se parece com o remorso: o de não ter feito o bastante».

Na verdade, eu não tenho feito o bastante, não tenho alcançado o que muitos esperavam de mim. Mas não vale desanimar. Talvez surjam acontecimentos que revelem o cronista, se é que ele existe em qualquer parte de mim mesmo.

Vamos hoje ao médico-filósofo. Não sei se poderá haver algum nos tempos actuais, que este viveu há muitos anos. Chamava-se Joaquim Huelbes Temprano e dedicou-se a tratamentos magnéticos, hipnóticos e sugestivos, e só recorreu à alopatia em casos muito especiais.

Um dia foi chamado por um doente de estômago recozido de produtos químicos e cujas dores eram intoleráveis.

— Esta dor não me deixa respirar.

— Se acreditar no meu poder curá-lo-ei com imposição de mãos.

E o Dr. Huelbes colocou-lhe a mão direita no estômago e a esquerda na coluna vertebral. A dor começou a enfraquecer e dez minutos depois desaparecia.

— Já não me dói. Que grande casualidade!

— Muito me alegro. Adeus. Até à vista.

Dez dias passados surgia a dor e o médico.

— Cá estão as dores, amigo Huelbes! Vê, que foi casualidade?...

O médico impôs as mãos e fez desaparecer a dor ao cabo de cinco minutos.

— E agora?...

— Já não me dói. Que grande casualidade!

O doente continuou a pensar no acaso, embora notasse a diminuição das dores na semana seguinte.

Quinze dias mais tarde, volta o médico.

— Que tal, esse estômago?...

— Ainda me dói um pouco...

— Vamos a outra imposição?

O doente concordou.

— Dói-lhe ainda?

— Não. Já desapareceu a dor e ainda não passaram três minutos.

— Que casualidade, hein?! — exclamou o doutor.

— Não, isto não é casualidade. Mas deve ser qualquer coisa...

— É magnetismo, é magnetismo! Eu lhe darei livros que o instruam e que o convençam.

O doente foi curado radicalmente e comprou várias obras de magnetismo. E tornou-se acérrimo propagandista daquele método terapêutico...

Outro caso passou-se com o barbeiro do Dr. Huelbes. Estava o médico a fazer a barba, quando notou a palidez e a tremura do barbeiro.

— Que é isso? — perguntou.

— Nada. É um tic-tic que tenho na cabeça. Não me deixa viver e quase me enlouquece. Tenho andado pelos médicos, tenho-me submetido a muitos tratamentos sem o menor resultado...

— Pois, amigo, vou tirar-lhe o tic, enquanto me faz a barba.

O barbeiro julgou que era brincadeira e despediu-se para servir outro freguês. Mas o Dr. Huelbes, já de chapéu na cabeça pronto a sair, aproximou-se do barbeiro e disse:

— Venha cá essa cabeça que lhe vou tirar o tic num instante.

Com efeito, bastou uma imposição de mãos e alguns passes, seguidos de insuflações frias, para que o tic desaparecesse em poucos minutos.

O assombro do barbeiro foi enorme, assim como a incredulidade dos fregueses. Mas o Dr. Huelbes escapuliu-se e deixou aquela gente a discutir o facto, e o doente curado da sua perturbação.

Vamos terminar com outro caso igualmente notável: Uma senhora que não falava, nem se deixava observar pelo médico, nem tomava as numerosas drogas que lhe haviam receitado. O Dr. Huelbes é chamado à cabeceira da doente e viu logo que se tratava de uma senhora refractária a médicos e a medicamentos e recorreu à sugestão eloquente que encanta e impulsiona. À terceira visita, a doente levantou-se e penteou-se, embora continuasse emudecida durante o dia. À quarta visita começou a falar (havia sete meses que não falava). No dia seguinte saiu com o marido a passear e ficou alegre. E aos nove meses tinha o primeiro filho. A sugestão fizera o milagre.

Muitos outros factos poderíamos citar a respeito do Dr. Joaquim Huelbes Temprano, espiritista convicto e filósofo de nomeada. Curas de epilépticos, de alcoólicos, etc., abandonados pela medicina alopática, encontraram nele o médico ideal dos banhos de sol, da mudança de ares, da ginástica respiratória ao ar livre, da ginástica pedagógica, do magnetismo pessoal, do hipnotismo, da sugestão e cura mental. O seu processo dirigia-se à profilaxia e ao regime vegetariano (que ele próprio seguia), além de auto-sugestão de saúde, força e vigor que o levou à idade de setenta anos com magnífica agilidade física e lucidez mental perfeita.

Realizou estudos bacteriológicos sobre a origem microbiana da erisipela e da tosse convulsa e foi deputado às cortes espanholas em 1872, durante o reinado de Amadeu.

No momento em que as curas magnéticas e espirituais são observadas por médicos ilustres, não fica mal relembrar o nome do Dr. Huelbes. Ao mesmo tempo que exercia clínica racional e humana, escrevia artigos doutrinários em jornais e revistas e tornava-se acérrimo defensor da abolição da escravatura em Porto Rico e em Cuba, bem como da pena de morte em Espanha, onde, infelizmente, ainda se mantém.

Os tempos modernos necessitam de fixar determinadas figuras semelhantes à deste médico-filósofo. Quanto mais baixar o nível moral e o respeito pela vida humana, mais se imporá o exemplo das grandes virtudes.

Joaquim Huelbes Temprano foi médico naturista e espírita de no-

meada, quando o materialismo imperava e nova luz surgia no encalço dos estudos psicológicos.

Lembrar os precursores e registar as suas atitudes é prazer de quem trabalha na Doutrina dos Espíritos. O modelo dos grandes deve servir aos pequeninos, para que multipliquem as suas obras.

Boa noite, amigo radiouvinte. Deus te guarde a bendiga a terra brasileira.

22

O CAODAÍSMO

Amigo radiouvinte:

Pone escreveu um dia: «Sucede com as opiniões o que sucede com os relógios: não há dois acordes e cada indivíduo regula-se pelo seu». Neste microfone é assim. Cada um tem sua maneira de ver, sua forma de falar e estão de acordo com Franklin: «o amor da liberdade torna os homens indomáveis e os povos invencíveis». Nestas circunstâncias vou contar uma história extraordinária que se passou e passa na Indochina, onde dois milhões de crentes se reunem em torno de uma nova religião — o Caodaísmo — e cujas origens datam de 1919, quando Ngo Van Chien se dedicou ao Espiritismo na ilha de Phu-Quoc. Jejuava dois dias por mês e evocava espíritos superiores através da mesa-de-pé-de-galo. Um deles chamava-se Cao-Daí. Tão belos ensinos transmitiu, que Ngo Van Chien passou a adorá-lo e durante alguns anos se manteve em comunicação permanente com o seu guia.

Em 24 de Dezembro de 1925 um grupo de secretários do Governo Anamita fazia mover uma pequena mesa de três pés, a poucos quilómetros de Saigão, quando Cao-Daí amareceu, dizendo que se reunissem naquela noite, aniversário da sua chegada ao Ocidente, a fim de revelar doutrina, e que todos os médiuns seriam por ele abençoados, pois as suas mensagens fariam aumentar o amor e o respeito ao semelhante. E rogou-lhes que procurassem Ngo Van Chien, informando que elevara Le Van Tung à categoria de «Profeta Bem-aventurado».

Isto causou enorme sensação. Le Van Tung era um ricaço libertino dado ao álcool, além de fumador de ópio, e a sua conversão foi o primeiro milagre de Cao-Daí. Pouco tempo depois trocou os hábitos mundanos pela vida ascética e tomou o título de «Papa do Caodaísmo», consagrando a sua riqueza à construção da «Santa Sé», em Tayninh, a 100 quilómetros de Saigão.

Era realmente estranho que Van Tung pudesse abandonar o ópio em tão pouco tempo e transformar-se em grande esteio espiritual. Como não podia deixar de ser, estes factos causaram assombro e levaram muitos adeptos ao Caodaísmo.

Em Outubro de 1926 a declaração oficial da nova religião chegava às mãos do Governador da Conchinchina, assinada por 28 pessoas. Dois meses depois eram 28 mil e o Governador ficava convidado para a grande festa caodaísta no Pagode Tu Lam Tu.

No ano seguinte Cao-Daí dava a conhecer a parte essencial do seu credo. Dizia que as doutrinas eram mal praticadas e que o Caodaísmo seria a nova síntese de todos os cultos. O confucionismo, o Culto dos Génios, o Cristianismo, o Tomismo, o Budismo, etc., constituiriam uma só religião.

O Caodaísmo sofreu alterações consideráveis a partir desse tempo. As mesas giratórias foram substituídas pela cesta com o lápis onde o médium apoiava os dedos, no estado de transe, e escrevia automàticamente.

Todavia, estas práticas são rodeadas de pompas inerentes ao Catolicismo, e de solenidades e perarquias, que impressionam pelo sabor asiático de que se revestem.

A «Santa Sé» do Caodaísmo ergue-se numa verdejante paisagem de arrozais. E a catedral reúne em si os mais variados estilos arquitectónicos, em que as serpentes de pedra e os dragões ciclópicos se misturam em atitudes bizarras. O altar é uma grande esfera azul em cujo centro se abre o olhar fixo de Cao-Daí, senhor do Universo, que ditou os planos de construção ao novo papa Pham Cong Tac.

Digo novo papa, visto que o primeiro desencarnou em 1934, depois de recair nos seus vícios antigos. Foi quando um concílio designou este, que vive num pequeno vaticano, com muros cobertos de inscrições chinesas. Ao lado vêem-se as residências dos cardeais, arcebispos e bispos, além do convento dos monges caodaístas.

Quando os sinos tangem para a missa, multidões acorrem ao santuário envergando roupas de sedas multicores adornadas com tiaras, quimonos e gorros quadrados, que fariam inveja aos costureiros de imaginação delirante.

As suas canções são mesclas de cantos gregorianos, lamentos polinésicos e melodias obsidiantes dos canibais da África Central. E de vez em quando, uma orquestra de pratos e violinos chineses executa música de *jazz-band*.

Excentricidade prodigiosa que faz lembrar os ritos pagãos mais tarde instalados na velha Europa.

No entanto, o Caodaísmo propaga a fé na fraternidade humana, a bondade para com os animais e a crença na reencarnação. A sua moral é, pràticamente, a do Cristianismo. Os fiéis têm quatro ofícios diários: às 6, às 12, às 18 e à meia-noite, compreendendo a prosternação, a oferenda do incenso e as preces cantadas. O sacerdócio é extensivo às mulheres e a homens casados, desde que os filhos sejam maiores e não estejam a seu cuidado.

O Papa actual é casado e sua esposa tem o grau de arcebispo, mas não vivem em comum há 27 anos, desde que entraram nesta ordem, cujos favoritos são Sun Yat Sen, Chateaubriand, Flammarion, Juana d'Arc e Vítor Hugo. O Papa não resolve nada sem o conselho do Poeta, que lhe responde em verso.

Estou a ver o sorriso do radiouvinte, sorriso incrédulo mas bondoso, de quem lê uma história estranha. E se lhe disser que as autoridades francesas deportaram o Papa em 1940 por causa de uma rebelião caodaísta e que o libertaram em 1945; que ele reina como senhor absoluto no pequeno Estado teocrático; que o seu exército particular é comandado por um general e ascende a 20.000 homens; que está representado no Governo do Vietnan, prerrogativa que não conheço a outra religião; se lhe disser tudo isto, amigo radiouvinte, achará natural o seguinte comunicado de uma agência publicado em 1953:

«— *Sir* Winston Churchill não foi canonizado pela nossa Igreja! — declarou solenemente o sr. Le Van Hoach, vice-presidente do governo vietminês, que acrescentou em seguida:

«— Faço esta declaração em nome do Papa e Alto Dignitário do Caodaísmo».

Que tal está o da rabeca? — perguntará o bonachão em estilo joco-sério. É assim mesmo, num pequeno Estado da Conchinchina, onde existe uma religião chamada Caodaísmo com o fim de reunir todas as crenças numa só...

Terminou a história, terminou a conversa. Só me resta agradecer aos que não cochilaram.

Boa noite. Que Deus nos proteja e que o Brasil se desdobre em radiosas promessas...

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

NÃO FOI UM SONHO!

Há certos fenómenos que exercem estranho poder nas pessoas mais inteligentes e pouco atreitas a sugestões. O caso que vamos narrar, publicado em *Two Worlds* de 27 de Novembro de 1954, é deveras chocante e obriga a meditar. Se algum leitor tiver explicação racional para ele, com prazer a publicaremos, no sentido de esclarecer o que parece misterioso e obscuro.

O jornalista Autolycus tinha que escrever qualquer coisa sobre Voltaire e não lera nenhuma obra deste grande escritor francês. Contudo, na véspera de apresentar o texto ao editor, sentou-se, pegou no papel, escreveu o título e aguardou a inspiração. Imediatamente viu deslizar o tapete da porta e esta abrir-se. Um homem entrou, fechou a porta e sentou-se junto dele. Usava vestuário estranho encimado por um rosto de traços fortes e olhos brilhantes.

— Eu sabia que o intruso desejava alguma coisa... — pensou Autolycus —. Uma força inexplicável me levou a pegar na pena e comecei a escrever... Pois escrevi... escrevi... ràpidamente, como nunca escrevera... sem pensar... automàticamente... Os meus pensamentos eram dirigidos pela imponente figura, próxima do meu ombro... Todos os meus receios se extinguiram e um sentimento de satisfação e simpatia me invadiu totalmente. Página-a-página, o trabalho concluía-se...

Quando se voltou para fixar a personagem, já ela tinha desaparecido. «O tapete continuava onde ficara, por isso eu não admitia que se tratasse de um sonho» — diz ele.

Ao ler o seu manuscrito ainda ficou mais surpreso: estava cheio de ideias que nunca tivera. Relatavam a morte de Voltaire e descreviam a entrada do velho no outro mundo, entrada tranquila e feliz, desmentindo a história acerca do suposto receio e dos tormentos que lhe atribuiam.

Autolycus mostrou o seu artigo ao doutor Gelley, presidente do Grupo «Mutual Improvment» (Aperfeiçoamento Mútuo), a quem era destinado, mas nada lhe contou a respeito da experiência.

O doutor ficou surpreendido e chocado. Era extraordinário!

— Onde encontrou estes pormenores? — perguntou ele —. Julgo conhecer a obra de Voltaire e você escreveu coisas que eu nunca tinha lido. O relato da sua morte, por exemplo, nunca foi assim descrito em Inglês. Onde encontrou esses dados interessantes?

Foi quando o articulista contou...

— Meu caro senhor — exclamou o doutor Gelley — fique sabendo que foi objecto de uma experiência psíquica que eu desejaria viver. Diga-me se reconheceria o homem que descreveu.

Voltando as páginas de um álbum onde havia numerosas fotografias, Autolycus apontou logo a de Voltaire.

— É este... é este! — disse ele.

O doutor Gelley disse-lhe então:

— Deve gostar de saber que passou a tarde com Voltaire, o grande escritor francês. Estou convencido de que este artigo que vai hoje apresentar como de sua autoria, talvez não fosse escrito por ele próprio, mas não há dúvida que o deve ter transmitido ao seu espírito.

O ESPIRITISMO NAS AGÊNCIAS TELEGRÁFICAS

A Agência A.N.S.A. publicou há pouco o seguinte comunicado de Londres:

«Todas as 2.as feiras o Centro Espírita Cristão de Catford oferece sessões de cura em transe a cargo do espírito de *Águia Branca* através da médium Emily Johnson. Às 4.as feiras há trabalhos de transfiguração e às 6.as e sábados completa-se o programa com demonstrações de psicometria.

«No Santuário do Espírito», em Morden, o chefe de uma linha subterrânea de Londres dá todos os domingos sessão de prédica e de clarividência. E soma e segue, ao longo da Inglaterra, onde o Espiritismo tem a sua sede mundial e mais de 350.000 almas formam um vastíssimo grupo de crentes destas práticas mais ou menos sobrenaturais.

«As misteriosas relações que o cidadão britânico mantinha com os espíritos entrou no campo da legalidade, após longos anos de acção clandestina. No dia 22 de Junho de 1951 a Câmara dos Comuns aprovou um projecto de lei que legaliza as actividades desta seita religiosa a que se chama de «espiritas de boa fé» e que põe sob a alçada da lei os trapaceiros, «bruxos» e outros indivíduos que haviam encontrado um cómodo e produtivo sistema de vida.

«Por isso ùltimamente o Espiritismo iniciou um grande movimento de propaganda. Nesta situação, o inglês divide-se em três categorias: os que acreditam, os que duvidam e os que se riem. Entre os crentes a gama é completa: desde o homem que vai com fé profunda até ao que chega impelido por uma última esperança para curar um mal físico, passando pelo transe cómico do empregado que busca coisas de «magia negra» para tirar o mau olhado do seu chefe de escritório. Para isso não falta quem ofereça receitas infalíveis, apesar do perigo da lei contra os médiuns fraudulentos, e consistem em fabricar uma estatueta de cera com o nome do severo chefe que deve derreter-se na vela com prévia colocação de alguns alfinetes na estatueta. Se a fórmula é efectiva, neste momento se produz uma revolução na ordem hierárquica da burocracia inglesa.

«O profeta moderno do Espiritismo britânico era um escocês chamado Daniel Douglas Home, que aos 22 anos disse em Liverpool que viera ao mundo com a missão de «demonstrar a sobrevivência da alma». Numa sessão, Home conseguiu que um harmónio se mantivesse suspenso devido a uma «força invisível» que executou no instrumento a conhecida canção «Home, Sweet Home» (Lar, doce lar).

«Os espiritistas têm linguagem própria. Falam de ESP, que signi-

fica «extra-sensorial perception» (percepção extra-sensorial). Mas o que mais atrai a curiosidade do profano é o misterioso terreno das «curas espirituais». A definição oficial espirita deste método de cura consiste em afirmar que se trata da «remoção de doenças ou desarmonias físicas mediante o emprego da força espiritual através do instrumento humano chamado médium curador».

«Afirma-se que há numerosos casos de doenças hepáticas curadas, epilepsias melhoradas, gastrites desaparecidas, etc., etc. Fala-se em 80 por cento de melhoras experimentadas em doentes submetidos ao método e de 30 por cento de curas totais.

«Num campo científico os espiritas procuram o segredo da «força» que obriga o pombo-correio a seguir um voo determinado, o cão a voltar a casa e o salmão a procurar o rio onde nasceu.

«Enquanto nos laboratórios de Manchester se trabalha no «cérebro electrónico», em Cambridge se aperfeiçoam novas formas de aureomicina e na estação experimental de Gales se fabricam foguetões dirigidos que ultrapassam dois mil quilómetros de velocidade, milhares e milhares de ingleses entregam-se ao Espiritismo, cujos dirigentes se declaram irmãos de Einstein e de outros cientistas. Afirmam que as suas experiências são de grande utilidade ao mundo, quer para profanos, quer para investigadores. E assim, segundo os espiritistas, as almas vagueiam no mundo em busca do respectivo médium à espera da «hora da grande revelação».

É interessante o resumo feito por esta agência a respeito da acção espirita na Grã-Bretanha, principalmente quando se refere às chamadas «curas espirituais», que têm alcançado enorme retumbância, até na imprensa profana de Londres. Esta atitude inteligente contrasta com o facciosismo de muitos jornalistas portugueses, que falam de cadeira, mesmo que nada conheçam do assunto.

O ESPIRITISMO NA RÚSSIA

O *Psychic Observer*, jornal espirita americano, deu uma notícia acerca da atitude da Rússia perante o Espiritismo. Um editor-chefe da Central de Rádio de Moscovo declarou que a venda de livros espiritas foi proibida por um decreto de 1926. E embora se note, presentemente, uma espécie de liberdade religiosa, as sessões estão ainda proibidas.

No entanto, os dirigentes comunistas emitem opiniões baseadas em apriorismos inconcebíveis.

Vejamos a resposta de um deles num inquérito da rádio a respeito dos fenómenos psíquicos:

«Sabemos que há certos fenómenos difíceis de explicar... O Espiritismo, porém, não é uma aproximação científica desses fenómenos, mas o contrário. Em vez de os estudar do ponto de vista puramente científico, os espiritistas construiram um sistema de base espiritual.

«Nós não negamos de maneira alguma o poder hipnótico de certos indivíduos e toda a espécie de fenómenos semelhantes ainda inexplicáveis. Se, como você diz, se trata de coisas naturais, então não lhe podemos chamar fenómenos sobrenaturais. Mas, se você assim os considerar, a exemplo dos espiritistas, tornar-se-á incapaz de estudá-los cientificamente, como fenómenos naturais».

Os espiritistas nunca chamaram sabrenaturais aos fenómenos psíquicos. As leis que os regem são absolutamente naturais. Podem não ser conhecidas; mas isso não obsta a que lhes chamemos assim, porque os efeitos inteligentes têm causas inteligentes e vice-versa.

Os argumentos citados carecem de verdade e seriedade. O próprio respondente reconhece a existência de muitos fenómenos «ainda inexplicáveis». E se estudasse o Espiritismo saberia que a sua base não é puramente espiritual, mas que se liga também à ciência e à filosofia.

Quanto à lei que baniu o Espiritismo naquele país em 1926, não vale a pena falar. Só as nações atrasadas podem banir ideias regeneradoras, anti-revolucionárias e anti-subversivas.

GABRIEL DELANNE

Mil novecentos e cinquenta e sete é o ano do centenário de Gabriel Delanne, talvez o melhor discípulo de Kardec, autor de obras magníficas, sem o conhecimento das quais impossível seria abarcar, em sua totalidade, a doutrina espirita.

Ao contrário de Léon Denis, que enveredou pelo campo filosófico, como Deolindo Amorim teve ensejo de mostrar, há pouco, aos nossos leitores, Gabriel Delanne dedicou-se à análise científica e soube enfrentar o problema, de harmonia com as teorias da época. Cada um dos seus livros revela o profundo investigador que desde os vinte e três anos se abalançou à missão de estudar e ampliar o monumento kardeciano, principalmente no tocante ao perispírito, cujo campo alargou racionalmente.

O seu curso de engenheiro abriu-lhe caminhos que ainda não tinham sido palmilhados. Ali se manteve sempre, ali grangeou argumentos para impor a filosofia espirita com o desassombro próprio de cientista que repele apriorismos e busca a verdade e só a verdade, independentemente dos interesses particulares.

A sua bibliografia não é grande, mas é selecta, dir-se-ia que falava quando tinha que dizer, sem se repetir fastidiosamente. Nisto seguiu as pisadas de Allan Kardec.

Ninguém se cingiu mais do que ele aos métodos científicos, ninguém escreveu com mais lógica, com mais aprumo, com mais perfeito critério científico.

Nasceu a 23 de Março de 1857 e as suas obras levam os títulos seguintes: «O Espiritismo Perante a Ciência», «Investigações sobre a Mediunidade», «A Alma é Imortal», «O Fenómeno Espirita», «A Evolução Anímica», «Aparições e Materializações dos Vivos e dos Mortos» (em 2 volumes de grande formato) e «A Reencarnação». Todos estes livros são volumosos e repletos de matéria de valor analítico e probatório.

Além disso foi um verdadeiro militante e tomou parte saliente em muitos Congressos Espiritas Internacionais.

Gabriel Delanne pode dizer-se que se formou à sua custa. E depois entregou-se abertamente ao estudo do Espiritismo, quase não chegando a exercer a profissão.

São assim os lutadores. Olhos no ideal do seu coração, não contam as horas nem medem o sacrifício, porque o seu desejo maior é chegar ao alvo. Este trabalhou enquanto pôde e nos últimos anos da vida terrena sobreveio-lhe a provação da cegueira material, o que não obstou a que a sua batalha continuasse com o mesmo ardor de sempre.

Grande sábio e grande cidadão!

«Não nos iludamos — dizia ele —. Já lá vai o tempo da fé cega. Para que uma teoria filosófica, moral ou religiosa se imponha é preciso que se baseie no fundamento invariável da demonstração científica».

Glorifiquemos a memória deste escritor másculo que firmou o Espiritismo com o cimento da análise científica.

A OPINIÃO DOS OUTROS...

Conciencia, de Buenos Aires, escreveu o seguinte em seu número de Março-Abril:

«Estudos Psíquicos, nossa colega lusitana dirigida pelo infatigável escritor Isidoro Duarte Santos, fez há pouco 18 anos de existência. A sua trajectória tem sido fecunda e tem dado ao Espiritismo categoria e autoridade, porque, nas suas páginas, reflecte o movimento mundial da doutrina, através das mais variadas manifestações.

«O seu corpo de colaboradores constitui uma das melhores garantias das modalidades psíquicas tão variadas oriundas da capacidade dos escritores espíritas que ali têm uma das suas melhores tribunas.

«Os nossos parabéns ao querido amigo Duarte Santos e felicitações sinceras a todos os colaboradores».

Anotando estas palavras da revista argentina, com a qual temos mantido estreitas relações de camaradagem, queremos frisar que se trata de um órgão que jamais deixou de exprimir livremente a sua opinião. Se a opinião dos amigos nos interessa, mais nos interessa ainda a dos amigos que não trocam a verdade pela amizade.

CAMPANHAS INGLÓRIAS

Quem não conhece o Dr. Leonídio Ribeiro, especialista médico-legal que tanto se notabilizou nos seus ataques ao Espiritismo? Pois agora voltou à carga.

O Diário da Noite, do Rio de Janeiro, publicou uma pastoral do cardeal Jaime Câmara «recomendando ao clero campanha de púlpito durante o mês de Abril (mês do Centenário) contra o Espiritismo que cada vez se expande mais, a ponto de preocupar sèriamente as altas autoridades eclesiásticas, a julgar pelos dados oficiais». A pastoral pode resumir-se nesta ordem:

— É preciso desviar as ovelhas das pastagens venenosas.

Por sua vez, o Dr. Leonídio escreveu um artigo a instigar a classe médica à mesma campanha e a mostrar os perigos sociais da nossa doutrina, como se fosse a peste roxa do século.

O artigo cabe inteirinho nesta afirmação:

— Os fenómenos espiritas não passam de grosseiras mistificações.

O mesmo diário, de 10 de Abril passado, recolhe o depoimento dessassombrado do Dr. Levindo Melo, presidente de honra da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica com sede própria na Avenida Rio Branco e que durante 15 anos exerceu esse cargo.

Eis um passo do depoimento cheio de lógica e de verdade:

«A crónica do Dr. Leonídio é uma síntese do livro que publicou há muitos anos contra o Espiritismo. Pretendeu fazer um inquérito, não com isenção de ânimo, mas com a ideia de combater o Espiritismo. E frequentou — diz ele — perto de 100 sessões, a duas por semana, ou sejam 12 meses. Nesse tempo de investigação suspeita de parcialidade convenceu-se de que não há fenómenos espiritas e de que tudo são mistificações. Verifica-se que o seu conhecimento neste assunto é muito primário. Todos os médicos que investigaram com objectivo científico durante 30, 40 ou 50 anos, chegaram à conclusão de que esses fenómenos são reais. É verdade que nem todos se convenceram da sua causa espiritual. Sendo materialista, não lhes poderiam atribuir semelhante origem, porque não acreditavam na existência de Espíritos. Para eles nada existe, além da matéria. Tinham, assim, de engendrar teorias materialistas que explicassem os fenómenos. E foi o que aconteceu. Cada qual trouxe uma teoria. A principal é a do subconsciente, mas nenhuma resiste ao confronto com os factos. Esta, por exemplo, não explica o fenómeno da xenoglossia. Como pode uma pessoa, em estado de transe, ou de aparentemente normal, ou de alienação mental, falar diferentes idiomas que jamais estudou e nunca praticou?»

A resposta do Dr. Levindo Melo enquadra-se nesta legenda:

— Os fenómenos espiritas são reais e a prova é fácil de fazer.

De tudo resulta uma verdade axiomática: quanto mais atacam o Espiritismo, mais ele cresce, mais ele se fortifica. Então, o melhor é orar pelos nossos inimigos, para que não cessem em seus ataques...

HELENA DUNCAN

Esta grande médium de materialização e efeitos físicos desencarnou em fins de 1956, em virtude de colapso cardíaco, cinco semanas depois de a polícia ter entrado de surpresa na sessão em que ela estava em transe e depois de se haverem produzido seis materializações. A polícia, sem contemplação alguma pelos circunstantes, procurou afanosamente as gases, os bigodes, as barbas, as musselinas e outros objectos inerentes à grande médium, mas nada encontrou. Este facto causou-lhe tão grande perturbação, que, segundo afirmação de seu marido, «nunca mais foi a mesma».

Alguém se lembrou de intentar uma acção contra a polícia. De facto, o sr. Henrique Duncan levou o caso aos tribunais, pois há relação de causa e efeito entre os dois acontecimentos.

Havia muitos anos que a senhora Duncan sofria do coração. Além disso era diabética.

O seu médico assistente visitou-a depois da sessão referida e encontrou-a pior da diabete e do coração.

É lamentável que, na livre Inglaterra, autoridades policiais entrem numa casa de surpresa e procedam a buscas sem contemplação, principalmente numa sessão daquele género. Agora os tribunais irão decidir sobre um caso estranho que apaixonou a opinião pública, devido ao fatal desenlace de um valor social que merecia mais consideração.

A polícia é respeitável no exercício de suas funções, desde que não exorbite, pois o excesso é sempre condenável e produz efeito inteiramente negativo.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo, 19 de Maio, tivemos mais uma vez o prazer de ouvir o nosso presidente Isidoro Duarte Santos num notável trabalho subordinado ao tema «A Vida de Além-túmulo» e que, em virtude da sua complexidade e extensão, será dividido em três conferências.

Nesta primeira parte falou dos antecedentes da morte física, da separação, do sono reparador, das perturbações deste sono e suas consequências no espírito desencarnado, na visão panorâmica, passando a explicar como se desperta e qual o mundo inerente a cada ser, não se limitando a repetir o que se tem dito e escrito sobre o assunto. Pelo contrário, Isidoro Santos deu-lhe cunho pessoal, apresentando analogias e hipóteses a respeito desta ou daquela faceta, a fim de aclarar os problemas e abrir novos horizontes.

Aliás, logo de início declarou que era preciso estudar a questão com profundeza e que responderia a qualquer pergunta que lhe fosse feita.

António Cardoso, que presidia, congratulou-se com o êxito absoluto da lição, dizendo que a conferência deixara os presentes desejosos de ouvir a continuação do tema, que esperamos seja próximo.

GRUPO ESPÍRITA «PREITO A JESUS»

Como dissemos em Março, esta agremiação encerrou em Dezembro as aulas do Jardim de Infância com uma festa simpática, no bairro de Anchieta, do Rio de Janeiro. A nossa querida amiga D. Marcolina Alves, directora das aulas, foi também a grande animadora do certame. A prece inicial coube à menina Rute Noemi e as crianças declamaram algumas poesias dirigidas pela professora de música. Também houve números de dança escandinava e do Rio Grande do Sul.

Depois foram entregues os prémios aos primeiros classificados: Edir Ferreira, Sandra Pereira Leite e Carlos Vieira Santa Cruz. Todos receberam brinquedos e doces.

A sala, que é espaçosa, estava repleta, e o homenageado da tarde foi Elpídio de Araújo, presidente do Grupo, a quem a directora entregou uma lembrança oferecida pelas crianças. Esta homenagem foi merecidíssima, pois o confrade Araújo é um trabalhador incansável da seara do Mestre.

D. Marcolina, que nos deu estas informações, agradece muito a Suzete Alves, Wanda Alves e Leci Monteiro a colaboração activa que lhe deram e o carinho que dedicaram às crianças durante o ano lectivo de 1956.

Que os amigos do «Preito a Jesus» prossigam na sua rota luminosa em benefício da Doutrina.

COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Temos em depósito muitos volumes de «Estudos Psíquicos» encadernados em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços:

1.º	volume	120$00
2.º	»	120$00
3.º	»	90$00
4.º	»	90$00
5.º	»	90$00
6.º	»	100$00
7.º	»	100$00
8.º	»	100$00
9.º	»	100$00
10.º	»	90$00
11.º	»	90$00
12.º	»	90$00
13.º	»	90$00
14.º	»	90$00
15.º	»	90$00
16.º	»	90$00
17.º	»	90$00

TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO DE 1957

Grupo «Allan Kardec»

Todas as 2.as feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Rosa.

Grupo «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 4, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Conferência por António Cardoso, intitulada «O Sudário da Turim».

Dia 16, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 18, terça-feira, às 21.30 horas — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Carvalhal.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «A Vida de Além-túmulo» — II — (a Geografia do Astral, o estado das almas primitivas, experiências religiosas, os céus e os infernos e a ocupação dos Espíritos).

Dia 2 de Julho, terça-feira, às 21.30 horas — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7 de Julho, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Maio — Leonel Gomes Pinto, de Malange, 10$00; D. Maria Luísa Macedo, de Camabatela, 17$50; Jaime Soares de Matos, de Cabinda, 10$00; A. L. V., de Lisboa, 20$00; Cipriano Marques, de Saide, 20$00; D. Elisa Serra, de Setúbal, 10$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Anónimo, 2$50; Anónima, de Ponta Delgada, 20$00; J. Carlos, de Chelmicki Afflalo, 200$00. *Total — 330$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita ..... 20$00
A Prece ..... 12$50
Espiritismo ..... 15$00
O Principiante Espirita ..... 18$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00 ..... 35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00 ..... 35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00 ..... 35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ... 38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00 ..... 35$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 100$00
(Seguir-se-à a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 30$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 50$00
O Porquê da Vida ..... 28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00 ..... 48$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 52$00
No Invisível (nova edição) ..... 52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 52$00
A Evolução Anímica ..... 48$00
O Fenómeno Espirita ..... 45$00
A Alma é Imortal ..... 52$00
A Reencarnação ..... 52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Urânia ..... 40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm

10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

ACHILLE BIQUET

(Ver pág. 233)

CONTÉM: Afinidade, da **Redacção**; O Mestre da Nova Revelação, por **Pedro Alvarez y Gasca**; Uma Lição a Aproveitar, por **José Francisco Cabrita**; Uma Teoria Nova, por **Singo Nakazawa**; Pontos de Vista, por **José Simões de Matos**; Revelação Científica do Espiritismo, por **Luís Diodoro**; Salve, Bahia, por **Leopoldo Machado**; Amar os Inimigos, por **Idalinda Aguiar Matos**; A Propósito de Livros; Gabriel Delanne, por **Hubert Forestier**; José Carlos de Chelmicki Afflalo; Mensagens Recebidas no «Grupo da Humildade» do Centro Espiritualista «Luz e Amor»; Doutrina Invulnerável, por **Alfredo Miguel**; São Francisco Encontra Jesus, pelo **Espírito de Guerra Junqueiro**; O 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, por **Aleixo Vítor Magaldi**; Sonho de Consciência Universal, por **Rocha de Sousa**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Os que nos deixam; Ainda o Centenário da Codificação do Espiritismo — Foram Brilhantes as Festividades Comemorativas na Capital Baiana; O 1.º Centenário do Espiritismo na Opinião do Padre José Narino de Campos; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

18.º ANO — JULHO DE 1957 — N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1957 — N.º 7

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

AFINIDADE

Alguns leitores manifestam a sua admiração pelo brasileirismo acentuado de «Estudos Psíquicos» e acham que devíamos encarar alguns problemas com maior personalidade lusitana.

Em nossa opinião e salvo o devido respeito, as questões espiritas não são portuguesas nem brasileiras. A sua essência é universal. Em todos os quadrantes, em todas as latitudes podemos trabalhar na regeneração do mundo, exortar o homem a ser bom e generoso, a modificar os maus pendores que o afastam da linha recta, que dá luz e felicidade.

A explosão de bondade que sai de um olhar ou de uma palavra desdobra-se em vibrações que dão volta ao universo fenomenal. Não importa que o epicentro se localize num hemisfério ou noutro. Todas as regiões podem reflectir os anseios da vida do espírito.

O Brasil é nação aparte, prolongamento de um povo de bandeirantes que lá deixaram marcas indeléveis, ao longo de sacrifícios traduzidos em glória e que outras gerações recordam com amor. Por isso esta revista é luso-brasileira. O seu director sente os problemas do homem e difunde-os de parceria com todos os semelhantes animados de entusiasmo, não esquecendo jamais a camaradagem daqueles que na terra do Cruzeiro vão erguendo obras imorredoiras, verdadeiros baluartes contra o mal. Esses arautos estiveram connosco desde a primeira hora. Alentaram-nos, estimularam-nos, orientaram até certo ponto a nossa propaganda, activamente e desinteressadamente, contribuindo com esforço monetário em momentos precários da vida física, sem fraqueza ou defecção.

A personalidade é relativa ao conjunto. Aqui se apresentam os quadros, aqui se criticam, aqui se aventam alvitres e sugestões, para que a reforma da vida se acelere e a justiça social assuma aspecto messiânico. Que importa o nome de quem subscreve as moções? O que é preciso é difundi-las, é dá-las a conhecer ao público.

Portugal e Brasil falam a mesma língua, participam de sentimentos comuns, dirigem-se a alvos semelhantes. O que se exerce num é compreendido no outro. Isto chama-se afinidade, alicerce de harmonia sobre o qual assenta o grande edifício da raça, não obstante os cruzamentos e influências que alteram aqui e ali certos caracteres, sem modificar a continuidade, que nós sentimos na própria aspiração colectiva.

Esta missão doutrinária pertence à nossa maneira de ser e nunca houve tão grande oportunidade para a sua manutenção, do que as horas que passam, início de vastas metamorfoses na vida de povos irmãos.

Quando existe afinidade amortece a personalidade. O singular perde-se no conjunto. Opinião de um é opinião de todos. Confundem-se vibrações heterogéneas e dão origem a movimento unificado. Os individualismos encontram elos comuns e a corrente estabelece-se, mesmo por cima das fronteiras e dos continentes.

No caso sujeito, brasileirismo é sinónimo de humanismo grandioso que só pode enobrecer e honrar quem lhe seguir as pegadas.

Não vemos, pois, razão para seguir novos caminhos. Os que trilhamos são harmónicos e conduzem ao fortalecimento dos grandes ideais de superação ou regeneração.

O Brasil é um país de vanguarda, no tocante à marcha triunfal do Espiritismo. Nenhum outro poderá fornecer exemplos maiores ou mais belos, seja qual for o campo de acção moral e social.

Este é motivo ponderável que aumenta a satisfação de quantos aqui trabalham em afinidade mais ou menos perfeita. Nem as distâncias nem os climas impedem a ressonância das almas no caminho de suas aspirações reunidas. Reside nisto o segredo de um esforço concorrente que se dirige ao futuro da humanidade pelo rumo da Doutrina.

O Mestre da Nova Revelação

Por PEDRO ALVAREZ Y GASCA
(Correspondente no México)

II

Longe de encerrar-se na torre de marfim dos seus conhecimentos e de repelir, como tantos outros, tudo o que não se ajustasse às normas preconcebidas, o Mestre Allan Kardec pôs o enorme caudal de seus conhecimentos ao serviço da investigação, com o fim de esclarecer tão inquietantes fenómenos. Dada a sua vasta preparação científica, procurou seguir imediatamente um caminho de experimentação de carácter físico e psicológico, semelhante ao que adoptaram depois numerosos e ilustres investigadores.

Mas a sua obra não devia desenvolver-se neste campo. Repentinamente, espíritos elevados se manifestaram para anunciar-lhe que tinha de cumprir uma grande missão na terra, como difusor da nova revelação, advertindo-o do enorme trabalho e das lutas e dificuldades que se lhe apresentariam.

Tão sensacional notícia não consegue deslumbrá-lo. Com severo juizo crítico resolve pôr à prova os espíritos: «A minha actividade com os espíritos — diz ele — foi igual à que adoptara para com os homens; eles foram para mim documentos de estudo e não reveladores predestinados.

O mestre interroga os espíritos. E é neste interrogar, neste investigar a verdade inquirindo-a, onde se mostra com maior claridade o espírito socrático que sobressai na obra kardeciana. Atrás do método pestaloziano que, neste caso, é apenas a forma, aparece sempre o afã socrático de buscar, de descobrir a verdade, interrogando. Na obra dos dois mestres há aspectos que se relacionam e completam. Sócrates sabia que a verdade existia inata na alma humana, porque esta, antes de habitar um corpo, viveu em regiões onde pôde contemplar as verdades eternas e apreendê-las, esquecendo-as ao animar um novo corpo, embora permaneçam latentes no fundo da subconsciência, ou, antes, memória espiritual. O trabalho de Sócrates consistia em fazer despertar essas ideias na alma humana, mediante hábeis interrogatórios que obrigavam a mente a concentrar-se sobre si mesma e esforçar-se por tirar a luz do fundo dessa memória espiritual, ou sejam as ideias que nela existem em potência.

Sócrates foi o único terrícola que soube explorar a mente humana até encontrar a alma, iluminando-a com o próprio conhecimento.

O Mestre Kardec, talvez mais feliz, põe-se em contacto com as almas que se encontram precisamente nessas regiões em que se podem contemplar e apreender as grandes verdades do universo. Notou essa circunstância; soube aproveitá-la do ponto de vista racional e científico, e daqui se infere o imenso valor da sua obra. O que Sócrates perguntava aos jovens que o rodeavam, Kardec perguntava-o aos espíritos. Os grandes enigmas que em todos os tempos intrigaram a humanidadde e para os quais se não encontrara resposta satisfatória na religião, na filosofia e na ciência, isto é, a existência de Deus; os elementos e a organização do universo; a existência da alma, sua origem e destino; a justiça; a virtude; as leis que regem a vida e o progresso.

As respostas dos espíritos a estes temas foram novas e profundas. O mestre depressa viu nelas um novo conceito da vida e do universo, muito mais lógico e racional que todos os conceitos conhecidos. Desta forma, a investigação kardeciana veio confirmar a verdade alcançada pela genial intuição de Sócrates. Mas não só a confirma, como também a esclarece e completa, revelando o complexo mundo espiritual e os graus de evolução do espírito. A investigação socrática constituia, segundo a própria expressão do grande filósofo, a iluminação do espírito, ao passo que a investigação kardeciana constitui uma fonte reveladora. Mas ao receber esta revelação, não de joelhos nem com olhos vendados pelo fanatismo, mas com são juizo crítico, Kardec descobriu a grande lei da relatividade do conhecimento espiritual-individual, e a revelação perdeu assim o aspecto místico e fantasioso para se converter em ma-

nancial da inteligência e da razão. «Desde o maior ao mais pequeno, eles foram para mim documentos de estudo e não reveladores predestinados». Nunca será demais repetir estas sábias palavras do Mestre.

O «LIVRO DOS ESPÍRITOS»

As respostas recebidas em casa de Baudin, devidamente ordenadas e com vasta cópia de anotações, formaram «O Livro dos Espíritos» que, na sua forma actual, se publicou em 18 de Abril de 1857 e cumpre agora o primeiro centenário de existência activa e fecunda. A cem anos da sua publicação, o Espiritismo penetrou em todas as regiões do planeta. E em toda a parte o trabalho pesado se realizou na maior parte por esse livro, que constitui a obra fundamental do Espiritismo Moderno. É um livro cheio de claridade e de serenidade. Não pretende afirmar a sua origem através de linguagem obscura e misteriosa. Tampouco pretende assombrar o leitor com revelações sensacionais, mesmo que o sejam. É um livro que fala à razão e a lógica está presente em todas as suas exposições. Com a singeleza da verdade apresenta ao estudioso os princípios da doutrina e o panorama que abarca é completo: Deus; o universo e o espírito, suas origens, destino e relações; leis naturais e leis morais. Pela primeira vez na história da humanidade se descerra inteiramente o véu que nos oculta a vida no Além. E o mundo espiritual aparece em toda a complexidade, com diversos planos, organização, actividade e sua influência nos seres humanos e no mundo material. Esse grande enigma que durante milénios intrigou o homem e do qual só se conheciam aspectos isolados, entre mitos e superstições, aparece agora com tanta clareza, com tanta naturalidade, que a princípio desconcerta e até desencanta os amantes do maravilhoso e do sobrenatural. Mas há em tudo isso uma lógica tão inflexível que, uma vez familiarizado com a ideia, notamos que a realidade é muito mais bela que as descabeladas fantasias mitológicas.

O «Livro dos Espíritos», pela sua própria origem, demonstra que a base do Espiritismo Moderno não é a ciência, mas a revelação. Contudo, o seu fundador afirma que o Espiritismo é uma ciência. Porquê? Porque a revelação provém da ciência infinita do Espírito. O Espiritismo é, pois, uma ciência, não como a Física, a Química ou a Astronomia; mas uma nova ciência, com novos postulados e métodos novos, muito mais profundos e transcendentes que as anteriores. E abarca-as a todas. É a ciência do Espírito.

Não obstante, a ciência humana representada por uma plêiade de físicos, médicos, astrónomos, magnetólogos, etc., desempenhou papel importante ao apoderar-se dos fenómenos para seu estudo e observação, chegando a conclusões verdadeiramente importantes. Fàcilmente se pode compreender o valor da quota científica, se considerarmos que demonstrou à evidência os três factos principais que fundamentam a teoria espírita: a existência do espírito, sua sobrevivência após a morte e a realidade das comunicações entre encarnados e desencarnados.

Como procede a ciência em suas investigações? Observa-se um fenómeno e da sua maneira peculiar de produzir-se se deduz uma ou várias teorias sobre causas e efeitos prováveis, recorrendo logo à experimentação para ratificar ou rectificar essas teorias. Quando alguma delas é plenamente confirmada e se conhecem suficientemente as causas e efeitos do fenómeno, este se relaciona com os demais da sua espécie e integra-se no panorama geral da ciência. E destes factos podem, então, deduzir-se consequências filosóficas, sociais ou morais.

Ora bem; de acordo com isto, «O Livro dos Espíritos» não se teria escrito ainda ou estaria apenas iniciado. Porque é agora, depois dos importantes trabalhos realizados por Crookes, Aksakoff, Lodge, Geley e outros homens de ciência, que se chega às conclusões acima citadas e contidas há um século naquele livro, após nove anos dos acontecimentos de Hydesville.

Esta prioridade da revelação sobre a ciência levaria alguns a pensar que o trabalho desta última é desnecessário ou de escassa importância. Nada mais longe da verdade. Sem comprovação científica, «O Livro dos Espíritos» encontrar-se-ia na mesma posição dos chamados Livros Sagrados da humanidade, nos quais se deve crer por fé e não por razão.

Grande tem sido o progresso da ciência humana: Comprovar materialmente as altas verdades obtidas por revelação, satisfazendo assim as exigências da razão e devolvendo à fé o seu profundo e verdadeiro significado, ao convertê-la, de fanatismo que era, em luminosa certeza. É assim que pensamos, isto é, unindo a investigação humana à revelação é que se integra a nova Ciência do Espírito,

essa Ciência das Ciências destinada a iluminar o provir e única susceptível de felicitar o homem, porque só ela, alimentando a inteligência, não esquece as santas aspirações anímicas até hoje ignoradas pela ciência oficial. E assim progresso se efectiva mediante o cumprimento de uma lei de colaboração humano-espiritual.

A REVELAÇÃO

Sendo «O Livro dos Espíritos» produto da revelação, cabe perguntar: «Decifra todos os enigmas? Responde a todas as interrogações? Preenche todas as lacunas? Não, de modo algum. «O Livro dos Espíritos» não decifra todos os enigmas, não responde a todas as interrogações, nem preenche todas as lacunas, por dois motivos essenciais. Primeiro: sendo ele produto de ciência infinita, jamais livro algum poderá conter esta ciência completa. Segundo: sendo produto de uma revelação, esta não poderá ultrapassar os limites impostos pela justiça divina. A revelação é manifestação da misericórdia de Deus que ilumina os horizontes humanos e abrevia o caminho do progresso; pela mesma razão é uma fonte preciosa para o conhecimento da verdade. Mas se é melhor que o homem possua a verdade do que adquiri-la por meio da revelação, é claro que deve conquistá-la pelo estudo e pela investigação, porque a Verdade é uma recompensa que só pode ser concedida àqueles que têm desejo firme de obtê-la, mediante louváveis trabalhos e pacientes esforços.

A revelação não deve ser considerada a única fonte da verdade, mas sim estímulo na luta pela verdade.

«O Livro dos Espíritos», iluminando o Além com a luz da revelação, inicia-nos nesse caminho cheio de belezas desconhecidas que o espírito percorre na imensidade do espaço e na eternidade.

A REENCARNAÇÃO

A doutrina da reencarnação é um dos pontos básicos com que o Espiritismo explica a evolução do ser e a realização da justiça divina. É verdade que a ideia da reencarnação é quase tão antiga como a humanidade. E também é verdade que o mestre Kardec disse que as verdades espíritas não são novas, mas que existem desde tempos antiquíssimos. Mas é justo fazer algumas aclarações a respeito. O mestre expendeu estas expressões em meio de intensa luta e intensa propaganda. Eram destinadas a combater o misoneísmo, o horror à inovação que sentem as pessoas conservadoras e de que tanto participam os homens de ciência. A verdade é que o conhecimento do espírito e de sua fenomenologia antes da obra kardeciana se encontrava perante a moderna Ciência do Espírito, como a Alquimia perante a Física Nuclear. Uma vez iluminados com esta luz, projectamo-la sobre os textos antigos e qualquer expressão ou alusão que neles encontramos leva-nos a pensar que, nesse tema, já existiam conceitos tão claros e definidos como os que possuimos. Nalguns casos, assim foi certamente. Mas são muito poucos; e não olvidemos que os mais elevados ensinos foram sempre secretos e que algumas verdades correntes eram património de cérebros privilegiados.

Por outro lado, a revelação — como dissemos — abrevia enormemente o caminho para o conhecimento da verdade espiritual. É por ele que as maiores verdades conhecidas têm sido vinculadas. Mas a revelação vai-se ampliando na medida do progresso humano. Não seria justo afirmar que Gautama ou Jesus nada ensinaram de novo à humanidade, porque as principais verdades que divulgaram eram conhecidas anteriormente. Em cada época se ampliam, rectificam e esclarecem os conceitos, enchendo lacunas e abrindo novos horizontes ao espírito humano.

A reencarnação é uma crença antiquíssima professada por numerosos povos primitivos. Parece originária do Egipto ou da Índia, mas apareceu independentemente em vários lugares. O que não oferece dúvida é que foi na Índia que esta ideia alcançou maior claridade e uma concepção mais elevada acerca de suas leis e objectivos. Contudo, podemos assinalar nestas crenças um erro tão grave como o de condenar o espírito humano a entrar na envoltura de um animal, erro contrário às leis do progresso e da justiça e não longe do de alguns teósofos modernos que pretendem que o espírito, depois de chegar ao cume da evolução, da ciência e do poder espiritual, deve — crueldade inaudita — entrar novamente nos dolorosos abismos das origens, para começar novo ciclo de existências materiais.

Mas ainda podemos apontar uma diferença fundamental entre a concepção hindu da reencarnação e a do Espiritismo kardeciano. Naquela, o objectivo principal da «roda» ou

jul/17

UMA LIÇÃO A APROVEITAR

Com as brilhantes comemorações do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo realizadas em Lisboa e a que Estudos Psíquicos *dedicou o seu número especial saído em Maio último com a contribuição financeira de todas as colectividades espiritas existentes, revelou-se um facto digno de nota e mais digno ainda de ser aproveitado em novos empreendimentos. Refiro-me à Comissão que planeou aquelas comemorações e deu as directrizes de execução do plano traçado, Comissão constituida por delegados dos Centros existentes e que bem podemos designar por «Comissão dos Centros Unificados.*

Ora há muitos que realizámos tentativas de efectuação duma íntima aliança entre todos os espiritas de Lisboa, para assim atingirmos depois uma união perfeita de todos os espiritas portugueses.

Sim, porque há espiritas em muitas localidades de Portugal, tanto continental, como insular, como ultramarino.

E o maior mal que todos os espiritas atinge é a falta de união, de cooperação, de auxílio mútuo ou de solidariedade entre todos. Assim, dispersos e desunidos, somos fàcilmente submergidos pelas ondas de ideias adversas que nos envolvem. Pois bem: tivemos a grande satisfação de ver, na festa espiritualista e de confraternização integrada nas referidas comemorações e realizada na agremiação regionalista Casa do Algarve, *cedida para aquele fim, mediante respectivo pagamento, o seu Salão Nobre amplo e confortável, aquele sentimento de confraternização verdadeira e bem sentida e, sobretudo, exemplificada com uma assistência selecta e numerosa.*

Depois de outras festas já realizadas com tais objectivos, estão desta maneira dados os necessários passos firmes e certos para outros empreendimentos cada vez mais interessantes e proveitosos.

A «Comissão dos Centros Unificados» não deixará de aproveitar as belas lições desta sua primeira experiência, para, no seu seio, debater novos alvitres e apreciar novos projectos de actividades culturais e de expansão e de estudo das doutrinas, porque eu sinto e creio que está na boa vontade de todos e no espírito de concórdia que a todos os espiritas deve animar, que aquela Comissão se conserve em actividade permanente, com a faculdade de agregar a si novos elementos, se assim achar conveniente, e com o propósito de estabelecer, entre todos os espiritas, os mais fraternais laços de união e uma maior convivência e intercâmbio doutrinal entre os membros categorizados dos diferentes agrupamentos existentes. E muito há que fazer referentemente a todos estes aspectos das nossas actividades.

JOSÉ FRANCISCO CABRITA

ciclo reencarnacionista é a purificação do espírito pelo cumprimento da lei do karma. O espírito passa pelas diferentes castas sociais e ocupa diversas posições na vida humana. Isto demonstra experiência que serve para duas coisas essenciais: reconhecer-se como «eu» diferente de tudo o que o cerca e desenganar-se do mundo material, mundo de «maya» ou de ilusão. A sabedoria que a alma adquire em suas peregrinações humanas consiste, principalmente, numa subjugação. Subjugar a mente, subjugar os sentidos, subjugar, inclusive, a acção, é a meta do *Yoga*. Finalmente, esta subjugação converte-se em libertação. A alma liberta de paixões, sensações e desejos, e até de acções — onde há acção há erro — consegue a suprema união com Brama. Nestes termos a reencarnação é sobretudo uma lei kármica. Na revelação kardeciana a reencarnação apresenta-se, antes de mais nada, como lei do progresso. A experiência converte-se em sabedoria, que consiste no conhecimento cada vez mais profundo da vida em todos os seus aspectos, no mundo físico e no mundo espiritual. Mas a sabedoria só é valiosa na acção. O espírito actua sempre. Pelo progresso alarga continuamente o raio de acção. O espírito é um trabalhador do universo, um obreiro divino na criação...

(Continua)

(Tradução de I. D. S.).

UMA TEORIA NOVA

Por SINGO NAKAZAWA

O SIGNATÁRIO DESTE ARTIGO ESTÁ A FAZER UM RESUMO COMPLETO DA TEORIA DO "NEN" EM CADA UMA DAS SUAS MANIFESTAÇÕES

Nos últimos anos de existência, o Dr. Tomokichi Fukurai (1869-1952), famoso psicanalista japonês, elaborou uma teoria notável para explicar os fenómenos psíquicos. Infelizmente, a teoria ficou inédita devido à sua desencarnação. O autor destas linhas deseja apresentar um bosquejo da teoria, tal como pôde entendê-la, após minuciosa investigação de várias experiências e manuscritos do Dr. Fukurai que reflectem as conversas pessoais entre ele e o autor deste artigo.

1 — EXPERIÊNCIAS NEOGRÁFICAS

O Dr. Fukurai foi professor de Psicologia Experimental na Universidade de Tóquio. Em suas investigações sobre hipnotismo notou que um homem em estado hipnótico revela às vezes fenómenos superpsicológicos de clarividência. Desde então, todas as suas investigações se dirigiram ao campo da ciência psíquica, o que o levou a separar-se da Universidade em 1918. Foi um teórico famoso no Japão.

Nestas condições pôde descobrir um fenómeno notável. Em 1910, em prova de clarividência com a senhora Iku Nagao, pensou que o resultado era devido à clarividência do médium, visto este ter conseguido saber que uma chapa velada e exposta à objectiva apresentava às vezes manchas escuras que poderiam ser causadas por raios luminosos. A seguir pediu a esta que imprimisse uma figura fácil em vez da luz que se impressionara e o resultado foi positivo. Ao revelar a película apareceu uma figura como um disco.

Por outro lado, os métodos experimentais foram rigorosíssimos na obtenção dos fenómenos. Começaram a aparecer figuras mais completas, à medida que as experiências prosseguiam: retratos, paisagens, cartas, etc., propostos por vários indivíduos.

Experiências semelhantes foram realizadas com sete médiuns e as figuras obtidas ainda se conservam na casa de Fukurai, em Sendai. Entre elas, há quatro placas impressionadas por William Hope em Londres. Nestas experiências, as figuras resultam, não da exposição da luz, mas do pensamento do médium, e chamou-lhes «pensografias» (*vide* «Clarividência e Tensografia», de Fukurai, Londres, 1931). Contudo, o termo foi mudado para «nengrafia» em 1952, por razões que serão dadas mais tarde.

2 — O PENSAMENTO É UMA ENTIDADE VIVENTE

Na «nengrafia», como as figuras resultam de um pensamento, segue-se que o nosso pensamento não é apenas uma ideia nominal, mas tem algo de objectivo e existência activa. A sua acção não é cega, mas dirigida para a construção de um modelo que corresponde a um fim. Quer dizer, o pensamento deseja exprimir-se numa figura que lhe seja própria e representativa. Portanto, demonstra-se que o pensamento é um ser que tem vida temporal e, neste sentido, pode ser fiscalizado pela mente.

O termo «espírito» não é apropriado ao caso, porque não é a personalidade que cria o pensamento, ao qual chamou «nen» em termos de Budismo. É o mesmo que dizer: quando uma pessoa tem um pensamento, é mais do que um simples pensamento. Ou

seja: crê até se converter em «en», que pode ter acção em vários assuntos para realizar o seu desejo, com o corpo biológico ou fora dele. Assim algumas vezes um modelo *nengráfico* de uma pessoa ou coisa, do qual o médium não tem consciência, pode impressionar uma chapa fotográfica.

3 — ACÇÃO SUPERESPACIAL DO «NEN»

Nas experiências de *nengrafia*, quando se empalmam três chapas fotográficas, o médium consegue impressionar a do meio, ficando as extremas intactas. Este fenómeno indica que o «nen» pode actuar relativamente na parte interior, sem que a diferença do raio de luz produza efeito à superfície. Mas, quando uma dúzia de chapas rígidas se juntam, cada uma ficará com uma figura diferente das outras. Às vezes, imprimem-se *meias-figuras* nalgumas chapas juntas e, quando se unem entre si, obtém-se a figura completa. A *nengrafia* pode obter-se, mesmo que o médium esteja a 50 ou 60 quilómetros do experimentador.

Estes factos indicam que o «nen» pode actuar de lugares longínquos. A teoria ectoplásmica não pode explicar o fenómeno, visto que o carácter do «nen» é superespacial.

4 — A LONGA EXISTÊNCIA DO «NEN»

Depois de se obter a imagem nengráfica, pode-se repeti-la várias vezes durante um ano com o mesmo médium. Por exemplo: em Outubro de 1930, um retrato do sr. Makum obteve-se numa experiência nengráfica e em Março e Junho do ano seguinte duplicou-se com o referido médium, K. Mita.

Muitos outros casos se têm repetido. A julgar por este fenómeno, o «nen» conserva-se por muito tempo no mesmo estado vital.

Através de suas experiências mengráficas, o Dr. Fukurai conclui:

1) O pensamento é um «nen», é uma existência vital que tem desejo de se exprimir e agir só na matéria, embora de lugar distante.

2) Se o pensamento nasce com o propósito de alguma coisa, permanece como «nen» por longo tempo, ligado ou não ao nosso corpo biológico e age sobre a matéria.

3) Deste ponto de vista, o espírito é considerado um conjunto de «nens» organizados e subordinados e uma vontade. Assim, esta nova teoria pode unificar as hipóteses de vários fenómenos psíquicos.

(De «Voz Informativa», traduziu I. D. S.)

PONTOS DE VISTA

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Poucas pessoas avaliam o âmbito de suas ideias pessoais e que às vezes constitui a base de seu ponto de vista em qualquer assunto. Com raras excepções, tais pessoas confundem a maneira de ver com a medida das coisas em geral. Por esta razão, julgando ou conceituando, dizem: «Isto é assim», quando, honestamente, deveriam dizer: «Eu, no caso, pelo que sei e sinto, penso ou julgo assim». Porque, em rigor, a nossa opinião pode ser verdadeira ou errada.

Embora verdadeira, não temos o direito de impô-la a quem quer que seja, sob pena de nos excedermos e causar perturbação a outros homens ou espíritos, no seu modo de pensar, no seu livre arbítrio, porque também têm direito de pensar e manter o seu carácter. Quem colaborar na vida dos seres e das entidades, deve observar estas coisas, se quiser viver em paz consigo mesmo e com o próximo.

O ponto de vista de cada um depende da maneira como ele se coloca e encara a questão. Mudando, por vezes, as posições, se altera muito o ponto de vista. Exemplo: Dois homens estão em frente um do outro. Um escreve o número 6 e manda o outro ler. Dirá 9. Ora, como pode ser isso? É que o número 6, visto pelo lado oposto, representa 9, e vice-versa. Então, para esclarecer este caso, o melhor meio é mudar a posição dos contendores e imediatamente se convencerão. Noutros casos também assim acontece. Muitas vezes, certas pessoas não compreendem a estreiteza das suas ideias. E, quando são contrariadas, logo se perturbam e descontrolam. Acham que o seu pensamento, os seus pontos de vista devem ser por todos acatados sem notarem o absurdo que praticam.

Todos têm direito à sua ideia, à sua opinião, que desejam ver respeitada, o que é razoável. Mas, para que isso aconteça, é preciso que cada um respeite e considere igualmente o direito do seu próximo. Nesta parte entra a educação em jogo, como factor principal. Conheço pessoas que são muito prontas a julgar e dar opinião, admirando-se muito dos que procedem mal, como se eles fossem justos infalíveis. Entretanto, a vida em que vivem muda-lhes um pouco o cenário e os vemos, logo em seguida, praticar ainda pior do que aqueles de quem falaram. Isto é muito feio, especialmente nos homens de maior responsabilidade, por suas missões de pregadores da lei, seja em que aspecto for...

Geralmente, quem muito se admira de uma coisa não a viveu nem a conheceu. Terá que ser levado a conhecê-la. E quando isso suceder, chegará a sua vez de fazer melhor ou pior do que os outros. A lei social do Evangelho prevê todos estes casos e o homem necessita de instruir-se e cuidar-se para não fracassar nas provas que a vida nos prepara no caminho de nossa evolução espiritual. Para tanto, é preciso ler e meditar os textos evangélicos além das palavras dos seus comentaristas.

REVELAÇÃO CIENTÍFICA

POR LUÍS

Desde que os factos chamados espiritas demonstraram a imortalidade da alma e seu futuro destino na eternidade, puderam deduzir-se consequências importantes sobre o progresso indefinido, sobre os mundos habitáveis e sobre a solidariedade universal em todas as formas manifestadoras do movimento, da vida e da actividade essencial dos seres. Sobre estas ideias pode-se fundamentar sòlidamente uma *ciência* única e universal, uma *filosofia* racional e progressiva, e uma *religião* aberta a todos os sentimentos.

Posto o pensamento nesta trilogia, procuraremos delinear a *ciência única,* baseada na energia inteligente, a *filosofia racional* na existência e persistência da alma, e a *moral positiva* na verdade e na justiça infinita, que todos os seres racionais sentem e aspiram a conhecer e praticar; ao mesmo tempo intentaremos desenvolver conhecimentos preparatórios para que, com a sua aplicação justa e equitativa, possam transcender a todas as esferas sociais e, melhorando a situação, predisponham o espírito à emancipação da consciência e à livre manifestação em suas respectivas actividades.

Porém, como toda a ciência positiva, a nossa estará fundamentada nos factos, porque, sem factos reais e positivos, não se constrói nenhuma *teoria científica,* do mesmo modo que a idealização dos factos constitui a *razão filosófica,* que estabelece e generaliza os conhecimentos para deduções lógicas, que não sòmente confirmam o investigado e conhecido, senão que abrem horizontes mais amplos às especulações filosóficas. Daí resulta que a força e o poder da razão humana há sugerido sempre aos homens desejos de lutar e vencer as forças naturais; e o sentimento da existência, da imanência e persistência da alma, tem sido sempre ingénito nos espíritos encarnados; por isso, o animismo é a base e fundamento da religião, e a sua actividade a influência poderosa, que determina o progresso e desenvolvimento da ciência e civilização.

Coisas de fraca importância, civilizações antigas e provectas ideias, renascem e, prescindindo da sua forma, o animismo de povos primitivos e de sociedades pré-históricas pretende associar-se às últimas revelações monoteistas e cristãs.

Não é tão difícil, como parece, fundir a moral de Zoroastro, de Buda, de Confucio e de Jesus; no fundo, por sentimento, fundem-se na verdade, na mesma verdade em que o Espiritismo estabelece a base da ciência única e da filosofia racional: na imortalidade da alma e no seu progresso indefinido, e, por consequência, a perfeição ou o aperfeiçoamento sucessivo pela virtude e a ciência.

A observação, a experimentação e o raciocínio conduziram os pensadores terrestres à espiritualização da matéria, aceitando uma *força única* universal, propulsora de todos os dinamismos naturais, submetidos a leis imutáveis, eternas e sàbiamente dirigidas e ordenadas.

Por esta razão, a nossa ciência universal apoiar-se-á sobre o fundamento da força única e das infinitas formas em que os seres podem sentir e apreciar os seus efeitos (cujas diferenciações sensíveis estabelecem a base de conhecimentos de todos os fenómenos naturais) e sobre as actividades parciais, que, por sua vez, tendendo a totalizar-se, manifestam as formas e estados dos corpos, dos seres e dos mundos, mantendo o concerto da harmonia das partes no todo universal.

Fundados em todos os conhecimentos adquiridos e acumulados, temos de reconhecer a solidariedade universal também aceite pela ciência positiva; e, se existe solidariedade universal em todas as ordens da actividade inteligentemente manifestada, necessàriamente existe relação solidária e compenetração de forças para reconhecer a unidade na totalidade, e tudo submetido a uma lei harmónica de atracção e de amor infinito.

Com estes princípios fundamentais e sua generalização científica, filosófica e religiosamente sentida, e, reconhecendo a *causa inteligente* de toda a actividade, de toda a inspiração e de todas as relações morais e afectivas, descorreremos sobre os fenómenos naturais, iluminando as inteligências para facilitar o movimento evolutivo da ciência em princípios incontestáveis, que abrem novos horizontes ao estudo e conhecimento dos fenómenos conhecidos e ignorados, que, no espaço e em todas as esferas do Universo, se realizam.

As forças de que vamos ocupar-nos, como as ideias, não tém forma, não têm existência real; filosòficamente são abstracções. Porém, se se manifestam e obram como forças emanadas do movimento recíproco e se apreciam como actividades particulares e colectivas, o pensamento é força, o amor, a caridade e todas as virtudes em acção, são força, que particular e colectivamente se manifesta e estabelece a solidariedade moral e intelectual, assim como o magnetismo, a electricidade e outros agentes são forças, que solidàriamente mantêm e desenvolvem a solidária actividade dos elementos cósmicos do Universo.

Para fundamentar a ciência sobre sólidas bases, estudaremos filosofica e racionalmente a origem dos mundos e, cingindo-nos à Terra, a origem da matéria, a biologia dos seres e a influência dos mundos entre si. De coisas triviais e factos insignificantes podemos remontar natural e simplesmente à origem das causas, dirigindo a observação aos fenómenos telúricos, meteorológicos e astrais; podemos deduzir e comparar as energias atómicas, de que se originam e procedem, com as imensas forças naturais desenvolvidas no Universo; e, contemplando os acontecimentos históricos, podemos também tomar conhecimento da marcha e situação da humanidade. Tudo isto, relacionado com a natureza dos seres animados, facilitar-nos-á o estudo da influência das actividades inteligentes como forças activas e propulsoras, que marcam o rumo da história e das harmonias da Natureza.

Neste sentido afirmamos e confirmaremos que a actividade inteligente solidária dos seres e dos mundos, é e será a finalidade científica de todos os conhecimentos na Terra e nos mundos habitados; os conceitos e as ideias poderão discrepar ou contradizer-se, mas baseados os conhecimentos na filosofia racional, que para nós informa a ciência única e universal, a solidária compenetração dos seres ir-se-á propagando e fortalecendo, e a força colectiva reproduzindo-se incessantemente, contribuirá para a unidade harmónica das partes no todo.

DO ESPIRITISMO

DIODORO

Assim, o Espiritismo filosófico será sintético em todas as esferas da actividade inteligente, e sem repelir nem destruir as crenças e as aspirações sociais da Terra, apenas se sobrepondo a todas as fórmulas de transformação política, económica, religiosa e social, e patentear a imortalidade da alma, ficarão abertos os horizontes do Universo infinito e da eterna sobrevivência dos seres; então a ciência estará ao alcance de todas as almas purificadas e ansiosas de viver para realizar a sua essência e a sua natureza em constante e contínuo desenvolvimento.

COMO SE EXERCE A REVELAÇÃO

A ciência e a experiência hão-de rectificar-se para unificar as ideias e poder desenvolver a razão humana por métodos simples, que afirmem a verdade em todos os aspectos apreciáveis e exequíveis à inteligência individual e à razão colectiva, que marcam os limites naturais da ciência terrena. Por conseguinte, em nossas dissertações, inspiradas nas de elevados espíritos, procuraremos desembaraçar as inteligências livrando a humanidade da pesada carga de tantos prejuízos religiosos, filosóficos e científicos, para que, reunindo as encontradas forças dos corpos, dos organismos e dos seres, possam utilizar-se em grande escala para redimir as futuras gerações de tantas necessidades e misérias corporais e de tantas ilusões falazes e enganadoras a respeito da sua origem, da sua natureza e dos fins, a que, em reunião de todos os elementos e de todas as criaturas, nos dirigimos.

Com o *magnetismo* (que, como força particular ou específica, não existe), estado particular da força única como resultado das actividades parciais e das forças auxiliares admitidas na Terra, poder-se-á, uma vez aplicada cientificamente a magnetização, resolver todos os problemas de física terráquea e de *sociologia* transcendental, e explicar por modificações ampliatórias desta força a suposta *mecânica celeste*, provando racionalmente que em todos os mundos habitados, onde se aspira ao conhecimento da verdade e do bem, se pensa, se utiliza e se dirige a razão colectiva, que estabelece a opinião geral, o mesmo que na Terra, onde ainda se luta penosamente para sobrepor-se ao desconcerto sustentado pelos espíritos encarnados em missão expiatória, que, de regiões elevadas e puríssimas nos transmitem, como benéfico influxo, os sábios directores das regiões astrais, mantenedores também das leis eternas e imutáveis, que regem os destinos das humanidades. Assim como a luz do Sol aparece e se manifesta reflectindo luminosos e ardentes raios, que intensificam o movimento, a actividade e a vida no planeta, assim também agora, nesta época de graves e profundos transtornos sociais, aparece a *revelação científica do Espiritismo* para estabelecer os laços precursores da união e confraternidade dos povos tão opostos entre si por suas instituições religiosas e sociais e pelas distintas tendências em que, segundo as diferentes condições de lugar e de tempo, as actividades separadas hão podido desenvolver-se na história.

Esta revelação científica começa humilde e quase oculta, porque o impulso há-de surgir, como surgiram os mundos e as humanidades, pelo átomo incoercível, quase o nada imaterial, para formar partículas, moléculas, núcleos, condensações inúmeras em graus infinitos. Por substituição de elementos e transformação de massas, corpos e organismos, o Universo marcha solidária e ordenadamente, cooperando todas as partes no todo, desde o átomo ao conjunto de sistemas estelares, que se agitam no Universo infinito.

Existindo unidade de forças, existe a solidariedade de actividades inteligentes e temos de aceitar a transmissão constante e solidária do pensamento.

Por conseguinte, o que se chama «revelação» é o cumprimento desta lei de solidariedade do pensamento. Comprova-o o resultado da interpretação das leis divinas, que costuma estar sempre em relação com a cultura de cada época, e, sobretudo, com a moralidade e religiosidade das colectividades imperantes ou submetidas; a comunicação chamada mediúnica é um fenómeno natural de intercomunicação mental, como o é a transmissão e propagação do pensamento entre os encarnados.

O CONCEITO DA REVELAÇÃO

Insistiremos para estabelecer o verdadeiro conceito da revelação e evitar erro de interpretação. *Revelação científica* não quer dizer «ciência revelada», nem «revelação divina»: a revelação, considerada sob o critério espírita, assume um carácter geral, que compreende todos os seres e todos os mundos; as das religiões antigas e as presentes, panteístas, politeístas, dualistas e monoteístas, não têm, nem podem ter, a significação que a doutrina espírita concede aos actos de intercomunicação do pensamento. As religiões primitivas e as actuais, excepto as que admitem a revelação bíblica, não atribuíram as suas profecias, os seus oráculos e suas predições ao Deus único, fonte de toda a justiça, de toda a verdade e de toda a omnipotência; os sacerdotes consideraram-se ùnicamente como intérpretes de suas deidades, e, ainda quando atribuissem os seus juizos a um ser superior, a um herói legendário ou a uma invenção mística, sempre eram ideias ou pensamentos de alguma personalidade. Geralmente, nas religiões tem predominado a magia ou a impostura; mágico se considera todo aquele, que se encontra oculto, que é maravilhoso e que prodigiosamente se revela: naturalmente, como as revelações dos génios, que foram personagens em sua época, têm que estar ao nivel de seus contemporâneos; escassos conhecimentos científicos e extraordinários podem manifestar. Os grandes sacerdotes eram depositários da escassa ciência mundana, e, como algo superiores ao vulgo, necessitavam de manter seus prestígios, e não sòmente se criam reveladores, senão também verdadeiros intérpretes e mestres das divindades. Antigamente, o mesmo que nos tempos actuais, o grande sacerdócio corrige e domina os elementos naturais, e os seus pontífices, crendo-se quase deuses, decretam a chuva, do mesmo modo que o destino das almas.

O ESPIRITISMO É FACTOR DE PROGRESSO

Quando começaram a divulgar-se os fenómenos espiritas, estabeleceu-se também uma doutrina fundada no maravilhoso, no milagroso, no prodigioso. Desta vez, não do sacerdócio, mas da mediunidade. Naturalmente procedia-se por evocações equivalentes aos esconjuros mágicos. Os que aspiravam a ser médiuns, prestavam-se a todas as provas, e muitos, por si mesmos, exageravam as suas faculdades, aparecendo a impostura.

Todos sabemos os resultados das experimentações, pois até as mais testificadas como autênticas, por sábios positivistas, se têm crido e se julgam apócrifas.

Porém, como são chegados os tempos para que o Espírito de Verdade anunciado se manifeste, uma legião de espíritos afectos ao planeta, em expectação de novas encarnações, dirigidos por espíritos superiores, gestores dos designios providenciais propuseram-se implantar na Terra a revelação científica, partindo da ciência oficial que representa o máximo dos conhecimentos adquiridos, e remontando-a dedutivamente a superiores conhecimentos para confirmar os factos de observação, como a habitabilidade dos mundos (depois que a Astronomia pesou e mediu os astros deste e de outros sistemas) e a comunicação dos espíritos com seus diferentes processos de intercomunicação, que têm vindo a descobrir a natureza de muitos milagres e a impostura de muitos milagreiros; porque a ciência, apesar de todos os mitos, imposturas e mágicas alucinações, tem-se desenvolvido, tem progredido e, actualmente, tende a desacreditar e a destruir todas as fraudes, interpretando cada vez o maior número de aspectos, que a Verdade única e suprema pode revelar-nos como prémio ao trabalho, ao estudo, à constância e à prática do bem.

A revelação científica deduz-se dos factos da ciência mesma, e isto a ninguém pode enganar, nem nós podemos enganar-nos. Neste sentido, estabelecendo as convenientes relações entre a ciência tradicional acumulada e a reduzida dos próprios factos, sob o influxo da especulação científica, com os ensinamentos lícitos, que os espíritos protectores podem inspirar, ir-se-ão firmando as bases da ciência universal, que deve satisfazer convenientemente a todas as consciências, como superior ensinamento de todos os descubrimentos e de todas as concepções mentais, conforme à razão individual e colectiva, que é e será sempre a opinião que impere em todas as sociedades da Terra.

Assim considerado o conceito da nossa ciência universal, temos direito indiscutível para dizer que a revelação científica procede da próxima ciência e não é devida exclusivamente a revelações de espiritualidade superior, nem é, nem pode ser a interpretação de designios providenciais, dada pelas inteligências ou potestades terrenas. É, tem sido e será sempre a revelação científica o resultado do trabalho e da actividade solidàriamente desenvolvida dos espíritos sábios e ignorantes, débeis e poderosos, na carne e fora dela, porque todos solidàriamente mantêm em cada instante, em todos os tempos e em todos os lugares a intercomunicação do pensamento. Dos resultados da intercomunicação de ideias exteriorizadas em actos, todos podem participar, e realmente participa cada qual, segundo o desenvolvimento essencial que alcance e a situação em que se encontre, com os seres afins em sua vida de relação.

Por outro lado, a revelação científica é um facto demonstrado na Terra com a intercomunicação mental, transmissível mediante sinais convencionais de palavras ou de escritos e de vários outros, que os progressos científicos e industriais exigem para a difusão das ideias por mediação das forças naturais; além disso, existe revelação científica, confirmada também pelos factos, entre os seres carnais e os de além-túmulo, e não há razão para negar que estas colectividades mantenham esta acção e esta relação de actividades, em séries indefinidamente universais e infinitas.

Enquanto ao aspecto religioso da revelação, nós que intentamos estabelecer as bases sociais fundadas na verdade científica, temos o dever de depurar os princípios fundamentais das religiões positivas e respeitar as ideias filosóficas que, depois, foram consideradas como ciência de inspiração divina. O Espiritismo não quer ser teosófico; basta-lhe ser puramente filosófico, racional, filho da ciência; de nenhum modo intérprete da inspiração de Deus ao modo dogmático dos filósofos doutrinários.

Desde que os espíritos superiores, que dirigem os destinos da Terra e os que os secundam, se propuseram, porque tinham chegado os tempos, promover a revelação científica antigamente anunciada, as condições dos que imigram e temporàriamente se estabelecem na Terra vão-se regularizando; cada dia será mais difícil obter fenómenos tangíveis, sobretudo apreciáveis, para as multidões, porque os mesmos céptico reconhecem que a religião há-de universalizar-se, há-de ser científica ou não será, e, como o sentimento religioso é ingente e essencialmente inerente à razão humana, toda a teoria puramente doutrinária, como todo o acto religioso, há-de fundar-se em princípios de justiça, de verdade e de razão.

Casualmente, por estas razões se pode observar a pouca aproximação dos adeptos cultos aos centros litúrgicos de experimentação espirita; casualmente, também, para evitar os perigos do proselitismo místico, que tantas vítimas produziu na Idade Média, em que a bruxaria e o satanismo imperavam sobre os rigores dogmáticos, sem conseguir conter constantes cismas e heresias. A fenomenologia espirita há-de ser científica e racional, com todos os caracteres, que os factos repetidos e comprovados possam apresentar à observação directa e à contemplação mental sob ditame da razão pura.

Observai como milhares de fenómenos naturais têm sido apreciados pelos pensadores positivistas como de prestidigitação, pelos ignorantes como reminiscências de sortilégios antigos e modernos, e pelos fiéis dogmáticos como factos satânicos, quando não favorecem os seus interesses mundanos, como as relíquias e as águas milagrosas.

Se o Espiritismo científico favorecesse as práticas mediúnicas, os médiuns converter-se-iam em intercessores e os espíritos comunicantes em divindades, a quem, como já sucede, se exigem curas, benefícios e milagres; seria uma religião mais politeísta e pagã. Precisamente a ciência e a experiência admitem certos fenómenos entre vivos e mortos, porque a intercomunicação do pensamento apresenta-se como princípio de intercomunicação mental observada na telepatia e confirmada na fotografia do fantasma humano, que conduzirá ao conhecimento da visibilidade do espírito; o mesmo sucederá com os fenómenos materiais sem a intervenção de forças físicas, mediante a força psicológica já reconhecida. Importa pouco que as verdades científicas provenham de inspiração celestial ou mundana: sempre será mediante factos de intercomunicação de ideias, sejam intuitivas, escritas ou faladas. Tudo

quanto contribui para o progresso e purificação das almas é racional e científico, religiosa e moralmente considerado.

Bom será também que os aderentes à ciência espírita se comuniquem entre si e estabeleçam constante e contínua reciprocidade de ideias; porém, note-se que isto não se consegue com a confederação pessoal regulamentada ou submetida a hierárquicas autoridades, ou aos ritualismos doutrinários dos místicos e dos impacientes, porque, desse modo, surgem necessàriamente sectários e cismáticos por diferenças naturais de apreciação dos factos e da sua dogmatização, como sucedeu em todas as religiões positivas, que, sendo um mesmo o fundo da verdade deísta, em que se baseiam, discordarão sempre nos processos de adaptação de ideias profundas e elevadas entre o vulgo ignorante.

O Espiritismo há-de elevar-se às superiores regiões da ciência e da filosofia, separando-se de ritualismos; de contrário, será considerado como uma seita teosofista da magia antiga ocultista e esotérica. Afortunadamente a revelação científica não é património de intérpretes mistificados; a ciência universal manifesta-se em pontos distintos, ao mesmo tempo. A filosofia racional, corrigindo erros, facilitará as soluções económicas e sociais, e a intercomunicação do pensamento e a solidariedade universal em todas as ordens da actividade individual e colectiva em acção confirmarão que o Espiritismo é ciência, é filosofia e é religião.

Por isto, em vez de considerar-se o Espiritismo como revelação extracarnal, deve reconhecer-se simplesmente como revelação científica, porque os seres racionais são e hão-de ser, por sua natureza essencial e actividade solidária, os factores do progresso universal.

A RELIGIÃO DO FUTURO

Este é o conceito da Revelação científica do Espiritismo em tudo que à Terra diz respeito, desde a origem da humanidade até ao presente, em que, desembaraçados já os horizontes ultraterrenos, as almas anelantes e por impulsos de amor infinito, agora se encontram e se reconhecem, e muito em breve muitos dos espíritas, que dentro da esfera de actividade planetária se agitam, constituirão uma só família com o fim de se reconciliarem e amarem para facilitar o cumprimento dos destinos que a cada um corresponde realizar sobre a Terra. Já muitos grupos de seres racionais aflitos e atormentados, que permanecem privados de luz e isolados com os remorsos da sua própria consciência, podem sentir a inspiração de seus parentes e afins na Terra e seus conselhos e facilidades para conseguirem a liberdade por mediação dos espíritos protectores; de maneira que os encarnados, conscientes do que fazem como verdadeiros espíritas, actuam também como inspiradores e protectores.

Positivamente, não nos propomos desarraigar por completo e em pouco tempo reminiscências tradicionais, pois o que mais deve importar-nos é alargar os horizontes e reconhecer de onde, como, porquê e quando havemos de merecer que a luz da verdade nos ilumine; assim veremos que o laicismo das religiões já iniciado se desenvolverá ràpidamente, e, por outra parte, as necessidades económicas, as perturbações sociais e o cosmopolitismo geral que os progressos da intercomunicação começam a estabelecer facilitar-nos-ão notàvelmente os nossos trabalhos de propaganda. Por estas razões, devemos apressar-nos a desbravar campos e a coadjuvar, por todos os meios, a conveniente aplicação dos elementos científicos, especialmente os que se referem à metafísica experimental, ao que chamamos ciência psicofísica, que nos mostrará claramente a nossa origem, a nossa natureza, a nossa situação e os meios para prosseguir no nosso destino de progredir indefinidamente. E, como tudo isto é científico, moral e religioso, conseguiremos, primeiro que tudo, conhecer-nos e sentir-nos para manter e sustentar a dignidade pessoal, que caracteriza o nosso estado moral e nos facilita a vida da relação em todos os seus aspectos, e, principalmente, pela identificação de ideias e sentimentos que nos permita, como seres livres e partes contingentes do todo universal, participar da vida de relação solidária entre todos os seres do Universo e do todo universal em constante desenvolvimento, tendendo à perfeição infinita, que é o carácter do verdadeiro progresso.

Assim, poderemos alcançar a glória que admiramos nestes espíritos de esferas superiores, que com a sua radiação penetram multidão de mundos, sistemas e constelações para manter a actividade e a vida, produtos do movimento solidário das actividades inteligentes, cada qual na sua limitada e própria esfera de manifestação; assim, poderá também ficar estabelecida racionalmente a religião do futuro, baseada na adoração a Deus, em espírito e verdade, e em culto sem mitos, sem imagens e sem ritualismos, a todo o ser, a toda a colectividade, a toda a representação exacta e superior à nossa inteligência, que se manifesta como expressão divina da Verdade e da Justiça pela virtude e a ciência.

(Trad. de J. A. Costa)

SALVE, BAHIA !

Por LEOPOLDO MACHADO

Bahia, minha terra, há muitos anos,
— Porque logo depois da juventude ! —
Ando longe de ti, urdindo planos,
Até hoje, que estou velho e sem saúde.

A Vida me tem sido áspera e rude,
Mas, ainda não morri de desenganos.
Para mim, tudo muda. Não se mude
Meu querer bem à terra dos baianos.

E sempre soube honrar teu nome honrado,
Ensinando e pregando às almas mansas:
Sou professor e espírita cristão.

E dos planos que urdi, já me foi dado
Fundar colégios, centro, Lar de crianças,
Que teu nome, Bahia, aclamarão!

28-7-955

AMAR os INIMIGOS

por IDALINDA AGUIAR MATOS

Parece-nos muitas vezes inútil abordar assuntos tão conhecidos como o que encabeça o nosso trabalho de hoje, bem assim o de «perdoar, para que Deus nos perdoe», o combatermos o egoismo, a inveja ou o ciúme, porque, em realidade, tudo isto já é conhecido. Mas, qual a utilidade de conhecermos, senão praticarmos?! Se, a despeito das pregações, do estudo evangélico, das comunicações orientadoras dos espíritos, os homens continuam a degladiar-se, a odiar-se, pais matando filhos e filhos matando pais?!

Vivemos num século de progresso em que tudo parece evoluir, verificando ser, em realidade, apenas material a vertiginosa subida. Não desanimamos, porque temos certeza de que a maldade é transitória, de que o Evangelho de Jesus restaurará o que permanece, por incúria, no pântano do indiferentismo. E tanto será pregado o Evangelho, tanto os discípulos bem amados lutarão em prol do engrandecimento das almas conturbadas, mais pela ignorância do que mesmo pela maldade, que veremos um dia a libertação total dos prisioneiros do erro.

Se, como dissemos de início, nos parece inutilidade bater numa tecla tão conhecida e, para alguns, até, desagradável, não deixaremos, entretanto, de meditar no grande valor da perseverança, da vontade firme de vencer e ajudar os frágeis a subir a escala do progresso. Não importa consultarmos o tempo despendido, mas sim verificar os frutos que, embora raros, vão surgindo.

Amar aos inimigos, em verdade deve ser tarefa muito difícil. Amor significa perdão; perdoar é sinónimo de progresso realizado; daí, a dificuldade, visto existir pouca evolução na terra.

Estejamos a postos como vanguardeiros da Terceira Revelação, certos de colaborar para a conquista dificílima do bem, da reforma moral, da aquisição das virtudes indispensáveis à felicidade individual e colectiva.

A propósito de Livros

Basta um livro para eternizar um povo.

Eça de Queirós

Todos aplaudem um livro útil, mas ninguém o compra; ninguém aprova o inútil, mas todos o compram.

Campagne

Os bons livros justificam-se por si próprios.

Júlio Dantas

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma,
É germe — que faz a palma —
E chuva — que faz o mar.

Castro Alves

Um bom livro é um bom amigo.

B. de Saint-Pierre

Uma obra escrita sem liberdade só pode ser inferior ou má.

Luís XVI, de França

Não há livro mau que não tenha alguma coisa boa.

Plínio

O jornal é arroio que desliza e passa; o livro é lago que colige e guarda.

Sena Freitas

O universo sem o livro é a ciência que se esboça; o universo com o livro é o ideal que aparece.

Vítor Hugo

O melhor livro de todos os tempos é o que ensina mais em menor número de páginas.

Olavarria

Uma livraria é catacumba de mortos que não morrem.

Chesterfield

Os livros governam o mundo.

Barbeirach

Há quem aprecie os livros pelo volume, como se fossem escritos mais para os braços, que para o espírito.

G. Y. Morales

Quem sabe ler, sabe a mais difícil das artes.

Duclos

Os que se ocupam de leituras úteis e agradáveis não sentem o tédio dos que vivem rodeados de delícias.

Fénelon

Grande livro seria aquele em que lesse cada metade do género humano o que pode e deve oferecer à outra metade.

Severo Catilina

Quem lê deve observar duas coisas: seleccionar os livros e lê-los bem.

Balmes

Os livros são um guia para a mocidade e uma distração para a velhice.

J. Collier

Um livro é legado precioso do autor à humanidade.

Addison

Uma casa sem livros é uma casa sem dignidade.

A. Daudet

Não é preciso ter muitos livros, mas tê-los bons.

Séneca

Um livro bom abre-se com interesse e fecha-se com proveito.

Alcott

O livro governa os homens e é o mestre do futuro.

R. Poincaré

Um livro aberto é cérebro que fala; fechado, amigo que espera; esquecido, alma que perdoa; destruido, coração que chora.

Provérbio hindu

GABRIEL DELANNE

Por HUBERT FORESTIER

Gabriel Delanne, depois de Léon Denis, o discípulo mais próximo do Mestre Allan Kardec, mas discípulo — ai de nós! — até certo ponto esquecido, merece, neste ano particularmente assinalável, que recordemos a sua vida e a sua obra, pois que em 1957 se festeja o primeiro centenário do seu nascimento.

Allan Kardec tinha 50 anos quando começou a interessar-se nas manifestações produzidas pelas mesas giratórias. Léon Denis era adolescente, quando, pela primeira vez, ouviu falar de Espiritismo. Recorda-se o seu primeiro encontro em Tours com o autor do «Livro dos Espíritos» e a maneira como deveria, graças às suas modestas economias de operário, tão dificilmente acumuladas, adquirir esse livro que sua Mãe lia ao mesmo tempo, mas em segredo!

DA DÚVIDA AO CONHECIMENTO

François Marie Gabriel Delanne nasceu em Paris, Rua do Cairo, 21, a 23 de Março de 1857.

Seu Pai, Alexandre Delanne, e sua Mãe, Marie Alexandrine Didelot, tinham uma loja de artigos de higiene.

Durante as suas viagens de negócios, Alexandre Delanne, um dia, em Caen, ouviu falar pela primeira vez de Espiritismo. Acolheu com cepticismo as afirmações que lhe faziam a respeito da alma humana, da sua sobrevivência, das suas manifestações após a morte e da sua evolução através das vidas sucessivas.

Contudo, de regresso a Paris, confiou a sua mulher as preocupações que sentia a respeito destes graves problemas, preocupações essas que as conversas de Caen tornavam mais intensas. Penetrada intuitivamente pelas ideias do novo espiritualismo, a sr.ª Alexandre Delanne entusiasmou seu marido a comprar «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns». Seguiu-se logo a leitura, a dois, destas obras tão ricas de ensinamentos.

Quantos ecos dos seus próprios sentimentos, das suas aspirações, não foram eles descobrir nestas páginas! Tanto, que só tinham um desejo: conhecer Allan Kardec. Dirigiram-se à Passage Sainte-Anne, 59. Foram acolhidos pelo Mestre com simplicidade atraente que, nos homens de valor, é reflexo dos seus dotes de coração e de inteligência.

Estudiosos perseverantes e atentos aos ensinos que lhes eram prodigalizados, cedo se convenceram da realidade do «facto espírita» e da importância da filosofia que dele emanava, tanto mais que às lições recebidas se juntava o testemunho que dá a verdadeira mediunidade, séria e sinceramente praticada.

A mãe de Gabriel Delanne tornou-se rapidamente excelente médium psicográfica num pequeno grupo familiar que ela e seu marido haviam criado em seu domicílio de Paris, Rua Saint-Denis, na casa dos Bains St. Sauveur. Foi neste grupo que foram recebidos o sr. Ledoyen, antigo bibliotecário do Palais Royal e sócio da Sociedade Espírita de Paris, dois estrangeiros desconhecidos que, no curso da sessão, deveriam receber uma comunicação em idioma piemontês!

Tal era o meio em que nasceu Gabriel Delanne.

Seus pais educaram-no segundo os ensinamentos morais do Espiritismo. Dizem-no-lo os seus biógrafos Paul Bodier e Henri Regnault na brochura, agora esgotada, que lhes consagraram em 1937: «Um Grande Discípulo de Allan Kardec: Gabriel Delanne, a Sua Vida, o Seu Apostolado, a Sua Obra».

A INFÂNCIA JUNTO DO MESTRE

Portanto, desde a infância Gabriel Delanne familiarizou-se com o vocabulário espírita e cedo assistiu a numerosas sessões, muitas delas de rara qualidade.

Mme. Berthe Ducel, presidente do *Lar Espírita de Béziers*, que eu conheci muito bem, tendo junto dela — durante a minha juventude — dado a minha quota-parte ao esforço deste círculo patrocinado por Jean Meyer, gostava de recordar que Alexandre Delanne lhe contara, numa das suas passagens pela grande cidade de Languedocienne, que o seu rapazote, nessa altura com sete anos, fora um dia interrogado sobre a religião de seus pais. Com uma ingenuidade encantadora, Gabriel respondera: «O Papá? O Papá é espírita e a Mamã também. A Mamã é mesmo uma médium muito boa. Espero poder um dia, como ela, honrar a minha fé!»

Este pormenor permite-nos dizer — como Gabriel Delanne um dia me confiou — que muito cedo ele se tornou um propagandista das convicções espiritualistas dos pais junto dos companheiros de infância, alguns dos quais partilham das suas opiniões.

Allan Kardec via assiduamente a família Delanne, a que dedicava grande amizade. Em 1869 Gabriel Delanne tinha apenas doze anos, quando o Mestre sucumbiu gasto pelo trabalho, pelos cuidados, pelas incompreensões, depois de ter cumprido a sua missão. Gabriel Delanne gostava de evocar este homem de olhar benévolo, que o guiava nos seus trabalhos escolares e lhe ensinava tantas outras coisas.

Com efeito, não poderíamos esquecer que, antes de se tornar o fundador da doutrina espírita, Allan Kardec foi um pedagogo eminente, aluno do Mestre Pestalozzi, de Zurique e que, sob o seu nome de família, Léon Denizard Rivail, escreveu, entre outras obras, uma «Gramática Francesa Clássica» e um «Curso Prático e Teórico de Aritmética».

Se me recordo sempre dos afectuosos encorajamentos que Gabriel Delanne me prodigalizou durante tantas conversações que tivemos nos seus aposentos da Villa Montmorency — onde Jean Meyer quis que ele fosse passar a sua velhice — Gabriel Delanne conservava filialmente a recordação do Mestre espírita que sempre celebrizou na sua

obra, quer pela escrita, quer pela palavra.

O INÍCIO NA VIDA E NA ACÇÃO

Gabriel Delanne dava mostras de grande modéstia, tanto que era de extrema discrição a seu respeito. Tudo o que na sua vida não estivesse inteiramente ligado a questão espírita, lhe parecia insignificante. Era da mesma maneira discreto no que tocava ao seu sofrimento. Neste ponto — de que eu fui testemunha amargurada — deu provas de verdadeiro estoicismo! Enfermo, pregado à sua cadeira de dor, cego, encerrado no silêncio da cegueira, mergulhava na meditação, confiando no socorro do Invisível, o sustentáculo que lhe permitia não considerar a existência terrena como um martírio. Os leitores lembram-se de que Léon Denis, Jean Meyer e o médium-pintor-operário Augustin Lesage, sofreram a mesma prova. Foram igualmente dignos perante a dor.

Mas voltemos à juventude de Gabriel Delanne.

Em primeiro lugar foi aluno do Colégio de Cluny (Saône-et-Loire); depois, com seu irmão Ernest, frequentou o Colégio de Gray (Haute-Saône) cidade onde habitava uma das suas tias, cunhada de Alexandre Delanne. Após um começo brilhante, Gabriel Delanne ingressou na Escola Central de Artes e Manufactura, onde entrou em 3 de Novembro de 1876. Mas a situação material de seus pais — um momento difícil — não lhe permitiria prosseguir até acabar os estudos nesta instituição.

Entraria na Companhia de Ar Comprimido e Electricidade de Popp, onde permaneceu até 1892. Dividiu então o seu tempo entre o trabalho e a causa espírita. Nesta altura foi-lhe dito por via mediúnica:

«Tem confiança! Nunca serás rico, mas nada te faltará.»

Esta afirmação comprovou-se inúmeras vezes no curso da sua existência. É preciso reconhecer que Jean Meyer foi, com a sua bondade amigável, o agente generoso da Providência, quando interveio para assegurar a Gabriel Delanne uma velhice decente, preservada de cuidados materiais.

Gabriel Delanne tinha 23 anos, quando, em 31 de Março de 1880, participando, no *Père Lachaise*, na Cerimónia Comemorativa Anual de Allan Kardec, proclamou o seu ardente desejo de se votar à difusão do Espiritismo Científico.

Doravante está «contratado» e jamais recuará, não só perante as responsabilidades, mas ainda perante a obra a realizar.

A OBRA ESCRITA E FALADA

Em 4 de Setembro de 1882 torna-se secretário da *Federação Espírita Franco-Belga-Latina*. Em Março de 1883, aparece a revista bimensal *O Espiritismo*, graças ao apoio de Mme. d'Espérance, que foi uma médium prodigiosa, além de espírita militante. Bem cedo Gabriel Delanne é a alma do novo periódico. Com seu pai, Alexandre Delanne, foi um dos fundadores da *União Espírita Francesa* (a primeira deste nome) criada em Paris a 24 de Dezembro de 1882, sob a presidência do Dr. Josset.

A 23 de Janeiro de 1883, no *Père Lachaise*, Gabriel Delanne tinha a honra de prestar a homenagem suprema a Mme. Allan Kardec, falecida em 21 de Janeiro, com 88 anos, 14 anos após a desencarnação do Mestre.

Através das suas intervenções e dos seus escritos Gabriel Delanne insiste cada vez mais em demonstrar que o Espiritismo não se opõe à ciência e que a sua propagação deve afirmar-se em todos os meios onde a liberdade de pensamento é admitida e respeitada.

1884. Gabriel Delanne é delegado da *União Espírita Francesa* no Congresso Nacional Espírita Belga, em Bruxelas. Em 1885 publica o seu primeiro livro: «O Espiritismo Perante a Ciência», poucos meses antes de Léon Denis editar a sua primeira e tão preciosa brochura «O Porquê da Vida». Tal como o salientam Paul Bodier e Henri Regnault, na biografia de Gabriel Delanne, «o começo da acção escrita dos dois grandes pioneiros do Espiritismo é, por assim dizer, paralela».

Este ano de 1885 marca especialmente na vida de Gabriel Delanne o desenvolvimento da sua acção de conferencista na França e na Bélgica e a sua nomeação para Vice-Presidente da U. S. F. E não tinha mais de 30 anos!

Em 1890 casa-se seu irmão Ernest Delanne. Amigo íntimo de Léon Denis, Ernest Delanne era espírita convicto, ao passo que sua mulher só aderiria à nossa filosofia após a morte do marido, em 1893.

Em 1892 Gabriel Delanne abandona a casa Popp e torna-se representante de outra casa comercial, para a qual muito viajou. Seguindo o exemplo de seu pai, tira partido destas deslocações para fazer propaganda intensa em prol do Espiritismo.

Infelizmente, como tivemos ocasião de verificar, não gozava de muito boa saúde. Já na altura do casamento de seu irmão tinha predisposição para a ataxia. Via-se pela sua maneira de andar. Além disso, criança ainda, tivera um abcesso na vista esquerda — que o isentou do serviço militar e que se deveria agravar progressivamente.

Sua mãe, Mme. Alexandra Delanne, deixou o mundo em 1894, e seu pai sobreviveu-lhe sete anos. Desencarnou em 2 de Março de 1901, com 71 anos. Os despojos mortais destes dois valorosos servidores do Espiritismo — nada pouparam dos seus modestos recursos e das suas forças para a causa espírita — repousam perto das cinzas de seus filhos, em jazigo de família, no *Père Lachaise*, próximo do de Allan Kardec.

Em 1896, ano em que publicou a sua segunda obra, «O Fenómeno Espírita», Gabriel Delanne fundou a *Revista Científica e Moral do Espiritismo*. O primeiro número apareceu em Julho. Foi, durante 30 anos, uma das bandeiras do Espiritismo Kardeciano. Foi nas suas páginas que ele pôs muito de si próprio.

De comum acordo, Gabriel Delanne e Jean Meyer — que fortes laços de amizade uniam desde longa data — haviam combinado que, após a morte do seu fundador, esta publicação desapareceria para ser fundida com a *Revista Espírita*. Assim foi.

«A Evolução Anímica», terceira obra de Gabriel Delanne, apareceu em Março de 1897. Perante o interesse suscitado pelos seus trabalhos precedentes, resolveu consagrar-se exclusivamente ao Espiritismo.

(Continua)

De «La Revue Spirite», traduziu Maria de Lurdes Salgueiro

Acaba de chegar o célebre livro

«A Vida no Planeta Marte»

pelo Espírito RAMATÍS

Preço 100$00

José Carlos de Chelmicki Afflalo

Nesta ronda do Centenário não podemos esquecer uma grande figura de espartano que muito cooperou no desenvolvimento da revista Estudos Psíquicos. José Carlos de Chelmicki Afflalo faz parte integrante do nosso reduto doutrinário. Já não existe em corpo físico, mas isso não influi na sua acção meritória. Há seres que podem fazer mais fora da matéria do que outros nela engolfados.

Chelmicki Afflalo foi uma grande figura do Espiritismo luso-brasileiro. De convicção profundíssima, mas alheio a louvores de qualquer espécie, trilhou caminhos de honestidade inconcussa e serviu de exemplo a quantos desejam servir a Causa Espírita.

José Carlos de Chelmicki Afflalo

Era inteligente e arguto nas apreciações; e embora criticasse esta ou aquela atitude, fazia-o cingido às normas puramente evangélicas.

Já dissemos que nem sempre estávamos de acordo com ele. É verdade. Tínhamos controvérsias e algumas se prolongaram durante anos sucessivos. Mas nem assim deixou uma só vez de animar a nossa obra. É que ele sentia-se responsável por ela, tantas e tantas provas de carinho demonstrara em 16 anos de achegas permanentes.

Há dois anos que desencarnou este amigo e mal demos pela passagem do tempo. Sentimo-lo à nossa ilharga, como lidador impoluto, como orientador que desce ao pormenor, que esboça planos de acção, sem nada esquecer de essencial.

A recomendação que ele nos fez de que nada disséssemos quando desencarnasse, não pudemos aceitá-la. Estudos Psíquicos é uma tribuna colectiva com grande responsabilidade. As suas colunas reflectem o movimento espírita mundial, sem deixarem de arquivar as figuras relevantes, cuja vida estimula quantos se abeiram desta maravilhosa doutrina.

Assim, não pudemos fazer-te a vontade, meu caro Chelmicki. Mas tu sabes o que há de sincero nesta revoada de pensamentos que ora te enviamos e deves estar feliz, sabendo que és lembrado pelos amigos que ficaram.

Estas referências não são de louvaminha, mas de honestidade. Deus sabe o que foste para o Espiritismo, durante muitos anos da tua existência terrena. E aqueles que conviveram contigo apreciaram uma alma sincera e elevada incapaz da mais leve injustiça.

O mundo necessita de orientadores conscienciosos que apontem caminhos amplos à humanidade, porque as veredas actuais são insuficientes e ruinosas. E tu pertenceste à falange dos lutadores que se esqueceram de si próprios e visaram alvos mais belos e grandiosos.

Segue a tua rota espiritual e não receies pelo que fizermos. As nossas forças continuarão sempre ao serviço desta amorosa doutrina.

Mensagens recebidas no do Centro Espiritua

EXORTAÇÃO

No ar, no mar, no espaço imenso, Deus impera e manifesta o seu poder. Desde a mais pequena planta aos gigantes da floresta, do insecto ao tigre feroz, da avezita à águia poderosa, em tudo se revela a mão do Criador. E no entanto vós duvidais, homens de pouca fé, míseros habitantes da terra, duvidais do seu poder, da sua misericórdia, do seu infinito amor. Afirmais a vossa fé, jurais mostrar-vos crentes nas horas calmas da vida; mas quando a adversidade vos fere, tudo desaba como castelo de cartas, porque essa fé não tem alicerces, raízes fundas na alma.

De pé, irmãos, firmes, de cabeça erguida, caminhai serenos, na dor e na alegria. O Cristo ampara-vos e o Pai segue os vossos passos com amor para vos receber em seu seio bendito. Mas para lá chegar, quanto caminho para andar! Como é longa e difícil a estrada! Não desanimeis, porém. O desânimo destrói as forças da alma.

Fé, confiança e paciência! Três palavras que deveis tomar como lema, como directriz da vossa vida. Não julgueis que estais sòzinhos e abandonados. Se lutardes, nós vos ajudaremos na luta; se depuserdes as armas, seremos impotentes para vos ajudar, porque a obra de cada um tem que ser feita por suas mãos. Compreendido?...

Um amigo vosso

Recebido por L. F.

CUIDADO...

Os que percorrem tórridos caminhos do deserto anseiam por encontrar um oásis que os refrigere e dessedente. Mas quantas miragens lhes não surgem, antes de atingir o fim almejado e contra as quais todos os cuidados são poucos para que não sejam vitimados!

Pois, irmãos, com os vossos trabalhos e a vossa educação espiritual crede que se dá o mesmo. Não tomeis a nuvem por Juno, acautelai-vos, porque também vos armam ciladas que vos devem pôr de sobreaviso. Afastai de vós a vaidade, o orgulho, a malquerença e tantos outros vícios de que enfermais.

Só com alma pura e coração puro — sois espíritos mergulhados na carne — devereis entregar-vos a experiências. Se assim não fizerdes poderão tornar-se perigosas.

Atentai, pois, nos vossos defeitos e nos vossos vícios. Procurai melhorar-vos, para que mereçais auxílio, e que os nossos conselhos vos não enfadem, pois são de amigos que só desejam o vosso bem.

Recebido por N. B.

LUZ, LUZ, AINDA MAIS LUZ!

Assim disse um grande filósofo. Sem luz é impossível a vida. Na terra e no espaço. Luz meridiana e luz espiritual. Luz exterior e luz interior.

Viveis entre dois mundos, entre dois polos imanentes. Metade da vida planetária é vegetação; a outra metade é vida nebulosa. O hoje e o amanhã entrelaçados na mesma legenda de eternidade.

Pensai bem nos vossos actos humanos. Subordinai-os aos códigos que promulgais. Para lá deles há outros mais belos, mais justos, mais equitativos, que abrangem todo o círculo em que se exerce a vida plena a que aspirais.

Nem toda a sua expressão está ao alcance da vossa consciência actual. Mais tarde, quando a névoa se extinguir ou adelgaçar, sabereis onde começa e onde acaba a missão que vos trouxe e o dever que vos levará.

O alfa e o ómega da evolução pertencem ao grande todo. Vós sois ínfimas partículas de um monumento que se está a construir sob directrizes que ignorais, embora sejais artífices mais ou menos perfeitos da obra divina.

O que fizerdes vos pertencerá. No bom e no mau, no belo e no feio, em todas as circunstâncias, em todas as latitudes.

Aumentai os cabedais para que o património se enriqueça e possais refulgir aos vossos próprios olhos.

Luz, luz, ainda mais luz! Luz para todos os que sentem necessidade de ascender!

Cuidai do corpo, cuidai do espírito. São indissolúveis, fazem parte integrante de um todo que vem da Unidade.

Vós utilizais materiais que serão renovados agora ou logo. E embora, de certo modo, sejais usufrutuários, nesse mundo, de coisas que se reflectem no vosso caminho moral e intelectual, a ferramenta do vosso trabalho, a escada da vossa ascensão pertence àquele que tudo sabe, tudo pode e tudo vê.

Portanto, a vossa posição é mais precária do que julgam alguns «espíritos fortes».

Ficai com Deus, amigos. Trabalhai em comum, porque a união faz a força. Mas sede humildes, sempre humildes... A humildade é a maior virtude. Nela reside a fonte luminosa que preocupou os grandes sábios e os grandes construtores.

Amigo de Sempre

Recebido por I. D. S.

A VERDADE

Verdade, verdade, verdade, há só uma: é Deus. Caminho há só um: Jesus.

Sede verdadeiros. Negando a verdade, todo o homem está em trevas.

Palmilhai o caminho vitorioso da verdade e glorificai o Cristo.

Vivei honestamente, usai a medalha da verdade e tereis vida abundante, cheia de alegrias eternas.

Glorificai o Mestre pela vossa compostura na terra, porque ele é o Caminho, a Verdade e a Vida e vos mostrará a luminosa planura e por ela vos conduzirá após a desencarnação.

Afastai-vos dos mentirosos. Procurai o caminho estreito através do qual se vai à grande claridade.

Dai aos pobres com alegria e juntareis grandes riquezas no céu. Humildai-vos para serdes exaltados junto daquele que derrama alegrias em todos os servos bondosos.

Sereis como ovelhas desgarradas, se não obedecerdes à voz enternecedora do Pastor.

O vosso destino depende de vós.

Um servo de Deus

Recebido por A. R.

«Grupo da Humildade»

ista «Luz e Amor»

O CAMINHO

A lei terá de cumprir-se. Coisa alguma desviará o curso da Justiça Divina.

Atentai, irmãos: com a vossa vida de hoje preparais a vida de amanhã.

Tudo ficará gravado nas ondas etéricas e a vós volverá. Tudo, bom e mau, pensamentos e acções.

«Vigiai e orai», recomendou o Cristo. Que as vossas palavras, acções e pensamentos sejam degraus na escada da vossa ascensão espiritual.

Subi sempre sem parar, eis o caminho.

É difícil e duro? Que importa? Um dia alcançareis o fim, e então a luz brilhará esplêndida no vosso horizonte espiritual.

O mundo é cego, deixai-o falar.

Uni-vos aos obreiros da Santa Cruzada e caminhai escudados na fé, bem firmes no amor ao Pai e ao próximo.

Jesus não abandona os que trabalham na seara. Trabalhai, pois. Enquanto seguirdes o caminho recto, não vos faltará o amparo do Alto. E sede bons e caridosos, como Jesus ensinou.

Um Amigo Vosso

Recebido por L. F.

ESMOLA

Nunca, Senhor, a tua luz foi tão necessária como nesta época. Agora, que a ambição, o luxo e a devassidão imperam, é que é preciso meditar. Pobres, bem pobres aqueles que não puderam dizer: «Senhor! Eu pensei em vós e não guiei os meus passos por esse pensamento».

Aproximai-vos do Criador, ó vós que só pensais no bem-estar próprio e no dos entes queridos, esquecendo as misérias sem conto que poderíeis minorar. Nem só os necessitados carecem da esmola do oiro vil. Às vezes, um doce sorriso, uma palavra amiga, podem acalmar tempestades rugidoras nas almas infelizes.

Dai a esmola que está ao alcance de todos. E se não mais puderdes dar, já dareis muito aos olhos do Criador.

Iluminai e ensinai e acolhei os que vos procuram. Abri-lhes os olhos da alma e a vossa missão será abençoada.

Recebido por N. B.

PELÁGIO

Pelágio era o homem das grandes esperanças. O que fazia era instintivo, obedecia ao impulso germinativo. Percorria distâncias, auxiliava os peregrinos que encontrava, defendia as mulheres e as crianças, orientava os desnorteados de todas as regiões, abria horizontes aos duvidosos cingidos a teorias que aumentavam as perplexidades das gerações. Um cavaleiro andante das ideias novas, das ideias inerentes aos tempos que decorrem.

Pelágio era o símbolo do progresso moral e material. Era o impulso, a mola distendida no sentido do futuro.

Os comodistas repeliam-no. Os retrógrados apodavam-no de louco. E só os amantes da evolução o procuravam para completar os seus projectos.

Símbolo ou não símbolo, é preciso que os Pelágios surjam em todos os campos, para que as coisas avancem, saiam do marasmo, mesmo através da inércia de uns tantos que olham a tradição como património alienável.

Olhai o futuro com fé, com entusiasmo e perseverança, que os frutos serão colhidos oportunamente, bem sazonados, bem amadurecidos.

Há faculdades latentes que é preciso fazer desabrochar nesse jardim espiritual susceptível dos mais variegados florilégios.

Perseverai. Não queirais obter tudo de uma vez. A seu tempo as flores desabrocharão. E nessa altura podereis então aspirar o seu perfume e gozar panoramas ainda não contemplados.

Atentai nisto, ó vós que estais impacientes pelo fenómeno. Mas ele já se está manifestando em vós. Uns o sentem, outros o vislumbram. O resultado será positivo, se fordes perseverantes.

Atentai nisto, que o benefício será vosso.

O equilíbrio psíquico é indispensável à saúde do corpo. Sem ele, as aparências vos conduzirão a caminhos errados que trazem desassossego e prejuízo material e moral.

Sabeis onde quero chegar.

O vosso grupo será o que vós quiserdes. É homogéneo, constitui um bloco de harmonia.

Quando a afinidade existe nas almas, não valem convenções que representam às vezes atraso mental.

Quem tem ouvidos de ouvir, oiça.

Sois inteligentes e não careceis de mais palavras.

Auxiliai-vos mùtuamente, ponde em acção o desejo de progresso e que essa afinidade se desdobre, porque o que é de Deus está fora das leis terrenas, sempre mesquinhas e precárias, e só quando galgardes o paredão da morte sabereis verdadeiramente o que elas contêm de irreal e transitório.

Só o que liga positivamente é grandioso e perdurável.

Continuai, pois, a cultivar a afinidade. O triunfo será dos que melhor souberem atingir o alvo das grandes realizações morais.

O mesmo de sempre

Recebido por I. D. S.

VIDA E MORTE

Se a morte é vida e se a vida e morte,
Iluminai-me, Senhor!
E que a luz brilhe sempre de tal sorte,
Que morta sinta a vida e o seu esplendor.

Não creio, Senhor, que essa bondade imensa
Possa deixar os pobres filhos teus.
Não creio, Senhor, que a caminhada excelsa
Se complete sem Deus.

Eu creio, sim, que o teu infinito amor,
Passo a passo nos guia e nos conduz,
Creio que tu, ó Cristo Redentor,
Serás a nossa sempiterna luz.

Um amigo

Recebido por L. F.

DOUTRINA INVULNERÁVEL

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

Pelos jornais, pelas estações de rádio — por todos os meios, enfim, de que podem dispor — os adversários mais ferrenhos de nossa Doutrina estão desenvolvendo uma ampla campanha de âmbito nacional contra o Espiritismo, campanha que eles, paradoxalmente, dizem ser de esclarecimento. Promovido por determinação de certa entidade, esse movimento tem o carácter inegável e patente de uma ofensiva, desfechada para fazer face ao trabalho de reconstituição histórico-doutrinária que realizaram com excepcional intensidade e brilhantismo, os discípulos de Allan Kardec, no mês de Abril, comemorativo do 1.º centenário de *O Livro dos Espíritos*.

Por estranha ironia, o vacábulo *esclarecimento* tem, nesta hora, um significado evidente de aleivosia e difamação. Falsidade, chicana, zombaria, é realmente o que temos ouvido e lido e continuaremos lendo e ouvindo.

Acaso se *esclarece* ensinando uma disciplina e tolhendo a liberdade de confrontá-la com outras que lhe são adversas?

Pois não é estabelecendo paralelo entre as coisas, comparando-as, confrontando-as, que se deduz e reconhece qual a melhor?...

Contudo, não é esse o método que convém aos antagonistas e perseguidores do Espiritismo, que julgam ter o primado da fé e da sabedoria religiosa.

Para eles, o Espiritismo é um grande perigo; não para a colectividade, não para as instituições, mas para os interesses mercenários de muitos. Que Deus nos perdoe pelo enunciado desta verdade incómoda; mas, quem jamais se colocou ao lado da verdade, que não se arriscasse a molestar aos que pelejam contra ela?...

Mostram-se alguns espiritas abalados, apreensivos com os ecos dessa campanha desmoralizante, que tem o Espiritismo como alvo. São espiritas novatos, sem dúvida, que não tiveram tempo ainda de conhecer a história do Espiritismo no Brasil, onde as guerras desencadeadas contra ele tiveram o condão de o prestigiar. Esses confrades precisam de ler muito, especialmente e com calma, os livros de Allan Kardec, de Léon Denis, de Gabriel Delanne, para verem e sentirem que o Espiritismo é uma doutrina granítica, invulnerável, à semelhança da casa a que Jesus alude, construída sobre a rocha e resistente ao ímpeto das tempestades.

Sim, uma doutrina que tem a seu favor os factos, que não teme a análise da razão esclarecida, que se oferece a debates com adversários honestos e que constrói no imperativo do amor ao próximo o sólido fundamento da sua moral, pode ser considerada invencível e esses sinais de invencibilidade lhe permitem olhar com indulgência para os seus detractores.

O ÊXITO DE UMA CAMPANHA

Ora, amigos, vamos fazer de conta que estamos no ano de 1939. A Leopoldo Machado, no Rio de Janeiro, ocorre a ideia de lançar o Espiritismo pelo rádio. Aliando-se a outros companheiros, contrata com a *Rádio Transmissora, PRE 3,* um programa, que toma o nome de «Hora Espirita Radiofónica» e fica sendo irradiado nas quintas-feiras, às 18 horas.

Toda a matéria divulgada pelo microfone é escrita e cuidadosamente seleccionada. Nomes conhecidos e aplaudidos, como Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Humberto de Aquino, César Gonçalves, Guillon Ribeiro e outros colaboram na programação, que passa a ter logo, de norte a sul do país, uma repercussão intensa e simpática.

Porém outro não é o pretexto, senão mesmo o extraordinário êxito alcançado pela «Hora Espirita Radiofónica» no seio da população brasileira, que dispõe o clero a uma atitude belicosa e o leva a socorrer-se de todos os meios para coibi-la. Em breve toda a influência social e política do episcopado nacional se mobiliza junto às autoridades, num clamor insistente contra as «ondas de heresia» que ameaçam subverter a fé de nossos patrícios. Sem terem mãos a medir, os beligerantes não hesitam em atrair o apoio de muito médicos (materialistas e ateus na sua maioria), e estes, por sua vez, endereçam ao sr. Presidente da República e ao ministro da Educação uma moção vazada em linguagem capciosa, em que pedem ao Governo para mandar sustar a irradiação daquele programa na Rádio Transmissora.

As razões invocadas pelos denunciantes são: «o Espiritismo é um perigo social, é factor de loucura; e os espiritas são passíveis de pena por curarem com passes e fazerem concorrência ilegal à medicina».

Já então o Espiritismo, alvejado pelas diatribes e pelo ridículo, é trazido ao tablado da discussão, através da Imprensa e da tribuna. Trava-se um debate acirrado, chocam-se opiniões pró e contra. A controvérsia se prolonga e se generaliza, e até nós, que, por aquela época, dirigíamos o periódico *Bahia-Espirita,* tivemos nela a nossa parte activa. Durante mais de um mês a pugna mantém-se viva; e, enquanto a vemos no auge, recrudescente, deparam-se-nos alguns espiritas receosos do seu desfecho...

Foi certamente a maior prova a que submeteram o Espiritismo; foi também, sem dúvida alguma, a mais significativa vitória por ele alcançada numa refrega com poderosos inimigos. As autoridades da Nação, a quem foram encaminhadas as moções dos senhores médicos, mandaram, como não podia deixar de ser, arquivar o papel, enquanto a «Hora Espirita Radiofónica» continuou, sem restrição, a transmitir as mensagens espirituais todas as quintas-feiras.

O grande público, colocado como espectador e juiz da contenda, ficou ciente do que é o Espiritismo; e foi assim que muitas centenas de novos adeptos vieram engrossar as suas fileiras.

Agora vejam: Em 1939 não podiam os padres e os médicos suportar um programazinho espirita pelo ar; aquilo era um gravíssimo perigo, bradavam eles; ouvindo-o, toda a gente se expunha a perder

a bola, ficaríamos um povo de malucos...

De então para cá outras estações de rádio foram lançando no espaço o Espiritismo; e hoje, passados menos de vinte anos, os seus opositores têm aí pela frente cerca de trezentos programas espiritas emitidos pelas difusoras do Brasil.

Está em que deu aquela celeuma. E o povo não perdeu o juízo. Pelo contrário, está mais sensato, mais esclarecido e, necessàriamente, mais acautelado contra os insufladores de imposturas.

Outros acontecimentos idênticos poderíamos aduzir, para corroborar o nosso asserto de que os combatees ao Espiritismo, invariàvelmente, redundam em maior impulso à sua propagação.

Basta, porém, esse caso da «Hora Espirita Radiofónica», que ficou nos anais da nossa Causa como um dos mais ilustrativos.

DUAS FORMAS DE PROPAGANDA

Convenhamos que há duas formas de se divulgar a verdade: uma, consiste em expô-la por meio de argumentação lógica, explicando-a, elucidando-a, de maneira a penetrar no entendimento daqueles a quem ela se insinua; outra, desfigurando-a, negando-a, torcendo-a, intencional e sistemàticamente; numa palavra: vestindo-a de mentira... Ora, toda a coisa combatida com pertinácia e violência provoca curiosidade em grande número dos que não a conhecem. E vem daí o desejo muito natural de se investigar em torno dela, de se averiguar e saber se é exacto o que dizem a seu respeito...

Eis, porque os detractores do Espiritismo, toda vez que se conluiam e arremetem com fúria para destruí-lo, mais não fazem do que colaborar na sua propaganda.

Nenhum espirita, portanto, se arreceie ante as investidas dos inimigos da luz; eles não sabem o que fazem. Nossa Doutrina resiste a todos os choques. O melhor clima para o Espiritismo se desenvolver será sempre o da agitação, onde se possam expor e discutir os seus princípios. Bom é que frequentemente estejam a guerreá-lo, porque, assim, muitos indiferentes se interessarão por ele, terão ensejo de examiná-lo e, de modo indirecto, aqueles que o hostilizam nos ajudarão a difundi-lo. Valha-nos o que, a propósito, os Espíritos, repetidas vezes, disseram a Allan Kardec, para que ele se mantivesse animoso e confiante na luta. Era assim que os instrutores espirituais exortavam o Codificador:

— Não te inquietes com a oposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará em vosso benefício e *os maiores adversários, sem o querer, servirão a vossa causa.* Contra a vontade de Deus não poderá prevalecer a má vontade dos homens.

Numerosas ocorrências, entre as quais a já referida «Hora Espirita Radiofónica» e o célebre «Caso Humberto de Campos», em 1944, comprovam em toda a linha a veracidade daquele prognóstico dos Espíritos.

OUTRA FACE DA LUTA

Porém apreciemos outra face do comportamento dos nossos opositores. No combate sem tréguas ao Espiritismo são extremados; e, no entanto, agem de um modo *sui-generis*, que nos parece um verdadeiro contrassenso. Senão vejamos: Dizem que o Espiritismo é pura heresia e embuste. Inquinando-o de blasfemo e pernicioso, a medida a que mais se aplicam é vedar aos seus guiados a leitura dos livros espiritas. Proibem-lhes assistir a qualquer festa ou reunião promovida pelos espiritas, ligar os receptores para os nossos programas de rádio; enfim, proibem-lhes, até, de contribuir para as obras de caridade do Espiritismo, que são mantidas para atender indistintamente a todos os sofredores e necessitados. E para que essas proibições se tornem efectivas, ameaçam-nos com sanções espirituais. Com tais zelos pela preservação das almas apresentam-se como únicos detentores da verdade espiritualista. O contrassenso está justamente nisso!

Então raciocinemos. Todos sabem que a verdade é omnipotente. Quem nela se escuda tem poder de anular o erro em todas as suas manifestações. A verdade é para o erro o que a luz é para as trevas. Assim, pois, se o Espiritismo é uma doutrina malsã, tecida de engodo e falsidade, contrária mesmo às prescrições da moral cristã, como dizem os antagonistas, porque será que o temem tanto os monopolistas da verdade e não admitem que seus apaniguados se aproximem dele?

Que estranha *verdade* é essa que se esquiva a defrontar-se com a *mentira?*

Francamente, era o caso de se aproximarem os guias dos seus guiados, e já que todos estão blindados na sua fé verdadeira, aqueles darem aos outros a sua palavra orientadora:

— Irmão, eis que lhes digo que o Espiritismo é uma grande mistificação; uma seita absurda e herética que não resiste a um sopro da lógica; coisa de velhacos e imbecis. Acaso vocês duvidam das nossas afirmativa? Pois que abram os livros desse tal Allan Kardec e se certifiquem disso directamente. Vocês mesmos verão que tudo ali é bobagem e fantasia.

Isto sim. Desta maneira é que deveriam proceder os donos da sabedoria, detentores da verdade que tudo pode e vence. A sua atitude, contraditòriamente, é a que o mundo conhece, vendo-os a todo instante bradar para os que lhes ouvem a voz:

— Não leiam esses livros perigosos, não leiam, não!... Evitem, até, de lhes tocar com a ponta dos dedos! E se ousarem ler, já sabem: sujeitam-se a precipitar-se no fogo do inferno!...

E muitos, tomando literalmente a sério essas interdições e essas ameaças, fecham-se em obediência, não deitam a vista, por preço algum, em livro ou jornal espirita; e, ainda por cima, mesmo ignorando-lhes o conteúdo, sustentam, apostam e juram que são leituras abomináveis.

NO ESPIRITISMO É DIFERENTE

Como no Espiritismo tudo é diferente! Por cá não há chefes, não há superiores hierárquicos. Um presidente de Centro ou um conferencista poderão muito bem falar para uma assembleia heterogénea, constituída de espiritas e não espiritas — ou escrever isto na imprensa, para que todos leiam:

— O Espiritismo é uma doutrina verdadeira, porque tudo que ele ensina tem a sanção da lógica e apoio nos factos. Ora, exactamente por ser a expressão da verdade o que os seus livros expõem, é que o Espiritismo não teme ser confrontado com outras doutrinas análogas. Contudo, vocês não se louvem nas nossas palavras. Imaginem que estamos exagerando e façam uma análise comparativa entre os diferentes credos. Leiam primeiramente os compêndios de teologia e os livros básicos das principais religiões; procurem conhecer os fundamentos em que elas se firmam; reparem o conceito que elas têm de Deus, da alma, das penas e recompensas fu-

SÃO FRANCISCO ENCONTRA JESUS

Pelo Espírito de GUERRA JUNQUEIRO

A Itália renascia da cinza medieval
Mais bela do que nunca! De um belo ideal!
A voz dos menestreis, dos bardos trovadores,
Cantava, à luz da lua, seu encanto, seus amores...
Um halo de alegria banhava os corações,
Celebravam o Amor, a Mulher, a Beleza,
A Lealdade imutável, a Glória e a Nobreza!

E a mais bela canção brotou lá em Assis
E foi escrita por Deus numa hora feliz!
A terra alegremente cantou, jubilosa,
A divina Canção tão pura e esplendorosa!
A natureza inteira sorria para os Céus,
Agradecendo, feliz, a dádiva de Deus!
A média idade, pálida, triste e severa,
Transformou-se em canção de luz, numa nova [Era,
Graças a São Francisco, a melodia de Amor,
Na terra escrita pelo divino Cantor!
Mas antes de se ouvir pelos campos da Umbria,
O conjunto harmonioso dessa melodia,
Francisco Bernardone, um dia adormecera,
Enfastiado da vida que até ali vivera,
E em sonho foi parar a um vestíbulo estranho,
Onde, sobre as paredes, brilhando como estanho,
Viu, elevando-se o tecto em compostura,
Lanças, espadas, gládios, elmos, armadura.

E uma voz lhe dizia tão suave como um hino:
— «Francisco, serás meu valente paladino!
Estas armas serão tuas e dos teus guerreiros!»
Quando, cheio de esperança, despertou Francisco.
Assis por esse tempo corria grande risco,
Como todas cidades da florida Umbria
Que tinham que lutar por sua soberania
Contra o invasor germânico, guerreiro audaz,
Que lutava sem trégua e sem pensar em paz.

Vendo naquele sonho um prenúncio de fama,
Francisco partiu p'ra guerra com a alma em [chama!
E no afã do entusiasmo disse a um companheiro,
À porta da cidade: — «Como cavalheiro
Famoso voltarei!».
E pelo caminho de Roma
Seguiu. Mas em Spoleto grande febre o toma...
E a mesma voz que já ouvira lhe prediz:
— «Não compreendeste bem a aparição de Assis;
Retorna para lá. Não deves combater.
Ali te será dito o que deves fazer».

Depois daquele dia buscou a solidão
De uma caverna; e lá seu meigo coração
Aguardava sereno a palavra do Céu,
Desprezando a riqueza em que sempre viveu.
Enquanto isso, louvor cantava à luz do sol,
Que vestia de prata a Aurora e de ouro o Arrebol,
Que prodigalizava calor à criatura
E colorido à flor e aos campos a verdura!

Vivia Francisco, pura alma de esteta,
De alegre trovador, de enamorado poeta,
Cercado de vinhedos, relvas e boninas,
Vendo cantar os pássaros pelas campinas,
Cantando ele também a canção da Alegria
Desde que despertava até que recolhia!

E assim, um dia, por uma estrada cavalgava,
Quando viu que um leproso dele se acercava.
Do terrível encontro quis fugir com medo,
Mas algo lhe dizia, muito baixo, em segredo:
—«Também é irmão teu... Não queres socorrê-lo?»
E Francisco tremia, apavorado, ao vê-lo.
Mal podia respirar! Um terrível odor
De carnes putrefactas lhe causava horror!

Mas foi-se aproximando da pobre criatura,
Cuja boca sem forma, purulenta, escura,
Tornava mais terrível aquele infeliz!
A face era uma chaga... Um buraco o nariz!
Francisco, dominando o medo, se apeou
E o dinheiro que tinha ao leproso ofertou.
A mão que recebeu a caridosa oferta
Não tinha dedos... Era uma ferida aberta.
Francisco, sem receio, de manso, segurou-a...
E sem lhe repugnar inclinou-se e beijou-a.

Uma satisfação! Uma ternura estranha
Banhou-lhe o coração de ventura tamanha!
E elevando a alma aos Céus, plena de gratidão,
Orou pelo leproso, chamando-o de irmão...
Depois, baixando o doce olhar compadecido,
Quedou surpreso! Tinha desaparecido
O leproso! No seu lugar viu um menino,
Louro e formoso, rindo com ar divino.
Estendendo-lhe os braços, dizia a criança,
Fitando-o com meiguice, com suave confiança:
— «Não fugiste de mim... Chamaste-me de irmão!
Vem aos meus braços! Deixa-me beijar-te a mão».

(Recebido pela médium Dolores Bacelar).

turas, etc.; leiam mais, e de preferência, as obras contrárias ao Espiritismo, aquelas que o maldizem e condenam. E depois de se inteirarem das outras disciplinas religiosas ou sistemas filosóficos; depois de terem lido, com toda a atenção, os mais fortes libelos que se têm escrito contra o Espiritismo; sim, agora, abram os livros espiritas, leiam-nos também com atenção. E julguem.

No Espiritismo é assim. É assim, porque tem por si a garantia dos factos, e, pois, «*não se arreceia da crítica, nem da discussão honesta, nem do livre exame*», como diz, na conclusão de um erudito estudo, o festejado escritor Deolindo Amorim.

(Este trabalho foi lido pelo autor ao microfone da Rádio Cultura da Bahia, no programa «Mensagem Cristã»).

O 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo

por ALEIXO VITOR MAGALDI
(Correspondente em Volta Redonda)

As Sociedades Espiritas do Sul do Estado do Rio deram uma demonstração viva de união e de concórdia, no corrente ano de sua existência. Doze Centros dessa região do Estado, em Maio p. p. data da eleição da primeira directoria da *Confraternização Espirita Sul Fluminense,* por eles organizada através de reuniões bimensais, cada vez em uma das suas cidades, porfiaram em dar mais vida às actividades do Espiritismo nelas exemplificado. Dentre muitos, o assunto mais importante de que cuidaram foi a comemoração do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo (18 de Abril de 1957). Começaram cedo a fazer essa comemoração. Cada Centro efectuou mensalmente uma sessão comemorativa na sua sede, na qual um vulto notável do Espiritismo realizou uma conferência solene. E na última semana, de 14 a 21 de Abril, houve, em cada cidade, solenidades comemorativas com palestras e conferências.

Coube à tradicional cidade de Barra do Piraí, por consentimento unânime dos doze Centros confraternizados, encerrar oficialmente o movimento comemorativo promovido pela *Confraternização Espirita Sul Fluminense.* E Barra do Piraí, como se esperava, saiu-se galhardamente no desempenho dessa tarefa, pois o Grémio Espirita de Beneficência, desta cidade, chamou a si todos os encargos do encerramento festivo das solenidades.

A Sala da Biblioteca, por exemplo, tinha ao centro uma grande mesa, onde, artisticamente dispostos, se viam números comemorativos do *Reformador,* órgão oficial da Federação Espirita Brasileira, tendo na capa o retrato de Kardec e na contra-capa o retrato de sua esposa Amelie Boudet; exemplares de lembranças originais impressas: Prece de Jerónimo, acróstico formando com os nomes dos livros psicografados por Chico Xavier, a legenda — «Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade», quadrinhas do «Poeta da Barra», confrade Sebastião Lasneau, sobre cada um dos livros de Kardec; 34 fotografias de todos os departamentos do Grémio Espirita de Beneficência; as Bem-aventuranças, Mat., cap. 5, vs. 1 e 12; e um marcador de páginas, com algumas «Reflexões» de Oscar F. Carneiro, etc. As estantes circundavam a sala, mostrando mais de mil volumes, dentre os quais sobressaíam colecções completas das obras de várias celebridades mundiais, em língua própria de cada autor, como Voltaire, Balzac, Buffon, D'Annunzio. A sala do meio, caprichosamente decorada, servia para a exposição dos Livros Espiritas.

Os dispositivos e os quadros da referida exposição foram inspirados mediùnicamente a vários confrades que os confeccionaram.

Na parede, à direita de quem entra, estava um mapa da França, cortado em papelão, medindo 2,m×2 m mantendo no seu centro uma estrela em relevo de cinco bicos, de 1m,20 ×21m,20, a qual sustentava em cada bico uma obra fundamental de Kardec, amarrada a fita com as cores da bandeira francesa. No meio da estrela, o retrato de Kardec. O quadro simbolizava a França, irradiando para o mundo a luz do Espiritismo, através de Kardec, o seu codificador.

Na parede de frente, salientava-se um mapa do Brasil, também cortado em papelão, com a dimensão de 3m × 3m, ostentando no ponto central um coração recortado em veludo vermelho de 1m,5 × 1m,5, centralizando este coração um retrato de Chico Xavier sobreposto a grande número de livros por ele psicografados, atados com fitas das cores da Bandeira Nacional. O quadro simbolizava o «Brasil, Pátria do Evangelho e Coração do Mundo», graças em grande parte aos livros psicografados por este médium.

Nas paredes da entrada e da esquerda, a meia altura, quadros com retratos de Kardec e *fac-simile* do «Livro dos Espíritos», contendo trechos dos livros mediúnicos de *Emanuel,* de *André Luiz,* de *Humberto de Campos,* sonetos ditados por Bilac, poesias de Casimiro Cunha, psicografados por Chico Xavier.

Na orla superior, festões e flâmulas com o retrato de Kardec, presos a um cordão, circundando as quatro paredes.

Num ângulo direito do mapa do Brasil, estava um V de 1m,5 apoiado sobre uma Bíblia, suportando em cada perna, degrau em degrau, variados livros de *André Luiz,* com o retrato de Chico Xavier ao Centro, preso a cada degrau por fitas auriverdes. E no meio da sala, sobre uma grande mesa, de 5m × 1m,5, uma pirâmide cuja base era de 1m,20 de cada lado e cuja altura era de 2m, terminada por um *fac-simile* do «Livro dos Espíritos». Nas quatro faces da pirâmide, variadíssimos volumes de obras espiritas em exposição, artisticamente dispostas. De uma banda da mesa, a miniatura da Bandeira do Brasil, rodeada de *fac-similes* do selo comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo e uma colecção das 25 Bandeiras Históricas do Brasil, em miniatura, as do Brasil-Colónia até a última do Brasil-Império, excluída a actual (a da República), adoptada quatro dias depois da Proclamação, a 19 de Novembro; e da outra banda da mesa, o retrato de Kardec e o retrato de Chico Xavier entrelaçados por fitas, umas com as cores do Brasil e outras com as cores da França, entre miniaturas das respectivas bandeiras, além de dois grandes álbuns de 20 folhas, cada folha com 4 fotografias dos serviços das diversas dependências do *Grémio Espirita de Beneficência,* dos seus prédios (Sede, o Pronto-Socorro, o Albergue Noctuno, o Asilo de Velhos, a Escola Primária), património avaliado ao preço do «tempo do Onça», em Cr$ 5.000.000,00.

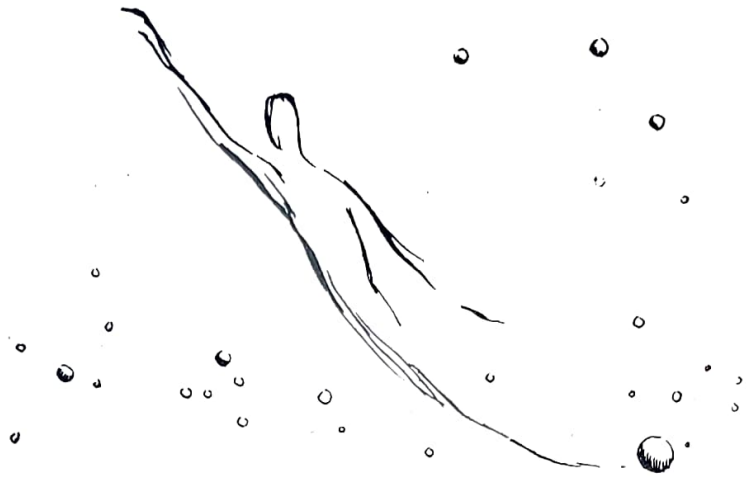
No salão de conferências, 15 quadros, 5 em cada uma das paredes laterais, de 0m,20 × 0m,30, com retratos dos vultos maiores da Doutrina, colaboradores mais directos de Kardec, no centro de trechos notáveis de suas obras, dentre os quais Amaral Ornelas circundado pelo seu soneto — *Kardec — Século XIX,* psicografado por Chico Xavier.

Como coroamento de tudo isso, o salão de conferências superlotado, numa tarde amena, às 15 horas, te-

Sonho de Consciência Universal

por

ROCHA DE SOUSA



Vou.
Vou galgar céus azuis
e subir às estrelas cintilantes.

Pelo silêncio de mármore
que torna vazios os abismos sem fundo,
vou saber origens
e olhar mundos de luz branca.
Vou contemplar e abraçar a luz do sol
com estes olhos sem lágrimas
e estes braços esguios de Amor.
E vou também sentir em mim
todo um sonho de harmonias sem fim.
Vou ser estrela oscilante
com risos de vida própria.

Vou subir ao fim do Universo
e debruçar-me, quase suspenso,
na treva louca do vazio sem nome.
Vou olhar com olhos penetrantes
a luta titânica de um Deus poderoso
contra o nada infinito de si mesmo.
E sentindo a certeza
de que o mistério se desvenda,
ficarei sorrindo na lembrança...

... na lembrança da Terra pequenina
onde toda a luz é uma treva
e toda a voz um silêncio...

ve-se a ventura de ouvir o Professor Newton Gonçalves de Barros. Sua conferência, como sempre acontece, foi realmente sugestiva, encantadora e profundamente emotiva e instrutiva. Pena é que não haja espaço para resumi-la aqui. Não podemos, porém, passar sem dizer que evocou ele os tempos em que, na mesma sala, aprendeu a ler e escrever, tendo como professora aquela que se achava, na hora presente, sentada numa das poltronas, ali, a ouvi-lo, tempos aqueles em que seu pai, Alberto Gonçalves de Barros, agora *líder* dos espiritas de Cachoeira Paulista, era o presidente do *Grêmio Espírita de Beneficência*... A essa altura, não me pude conter. Pedi licença ao orador; propus à assistência (e fui atendido) uma salva de palmas àquelas três figuras: o filho, o pai e a velha mestra. Foram eles ovacionados calorosamente. Solicitei ainda que a mestra se pusesse de pé; e a sala toda estrugiu de palmas. Uma justa apoteose.

A mesa que presidiu os trabalhos estava assim composta: Pedro Jacinto Pereira Filho, que presidiu a reunião, presidente do Grêmio Espirita de Beneficência; José Ferreira de Araújo, presidente do C. E. Flora de Araújo (Resende); Benedito Honorato, do C. E. Allan Kardec, Luz e Amor (Pinheiral); Silvana Geriati, do C. E. André Luís (Porto Real), Oscar da Silva Marins, do C. E. Filhos da Luz (Barra Mansa); João Pedroso Filho, do C. E. Amor e Caridade (Santanésia); Vicente de Paula Araújo, da União E. de Advertência Fraternal, e Aleixo Vítor Magaldi, da Associação Espirita Estudantes da Verdade (ambos de Volta Redonda); Joaquim Macedo, do C. E. Vicente de Paula (Mendes); Dilson de Almeida, da Fraternidade E. Emanuel; Liberalino Cabral Júnior, da Tenda E. Rei Congo; Manoel Gonçalves Casanova, do C. E. Bezerra de Menezes; João Baptista Novais, do C. E. Pai José Cambinda; Vitalino Costa Leite, do C. E. Poder da Fé; Aires Macedo, do C. E. Amor e Verdade; Malvina Porto Correia, do C. E. José Grosso (todos de Barra do Piraí).

Coisas e seres humanos a evocar uma época de glórias...

Terminada a conferência, foram sorteados diversos livros espiritas e muitos números de *Reformador*, entre os ouvintes que assinaram o livro de presenças, em número de 172. Distribuiram-se 768 impressos artísticos, como lembrança. Além disso, cada Centro levou 100 números de cada um dos 5 impressos-lembrança, para distribuição nas reuniões efectuadas por eles na sua sede, no dia 18 de Abril, no término oficial destas comemorações.

A parte artística, no palco, esteve a cargo de Rezende, Barra Mansa e Pinheiral, correndo tudo muito bem.

Barra do Poraí, através do *Grêmio Espirita de Beneficência*, prestou desse modo um serviço inestimável à *Confraternização Espirita Sul Fluminense*.

Parabéns!

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

23

PROCURA E ACHARÁS

Amigo radiouvinte:

Que grande prazer eu sinto ao microfone! É como se me desdobrasse para falar pessoalmente a cada um de vós, em termos simples, de irmão para irmão, numa doce conversa que servisse ao mesmo tempo a crentes e a profanos.

No caso presente não é bem a minha voz que te fala, com suas vibrações e irradiações. Mas pouco menos. O Álvaro Valente é do meu quilate, luso-brasileiro como eu, da U. D. J. como eu, vosso amigo como eu. Por isso, ninguém melhor para substituir aquele que passou qual meteoro por este Brasil de sonho e continua a sentir o efeito do amor que lhe votou. Estou bem representado aqui. De onde a minha frase: «Que grande prazer eu sinto ao microfone!»

E porque sinto prazer, amigo radiouvinte, quero dar-te algum prazer também, na revelação de um caso extraordinário sucedido numa cidade grega depois da grande catástrofe da Ásia Menor, na qual tantas almas se libertaram por terramotos, maremotos e inundações. Embora a morte seja o «prólogo da vida», como lhe chamou Junqueiro, e «irmã do amor e da verdade», no dizer de Antero, deixa sempre atrás uma nuvem de dor e de saudade.

Certa mulher trabalhava numa fábrica para se manter. Um dia, porém, despediram-na com outras companheiras e começou a subir angustioso calvário, cada vez mais íngreme, cada vez mais doloroso, à medida que se lhe escoavam as pequenas reservas. Percorria os bairros mais populosos à procura de trabalho que lhe permitisse evitar a tragédia, mas debalde os seus pés se imprimiam na poeira da rua.

Instalou-se a dor em seu coração amarfanhado e nele se concentrou sem fala, sem expansão humana, que é refrigério para quem luta e sofre. As forças eram menores do que o fardo; a fé era menor do que a esperança...

Continuou a subir e a descer, por vezes especada como autómato, a olhar a vida que se desdobrava em mar de abrolhos.

Entrou consigo o desespero e o pranto, gritou sòzinha, gemeu, saiu do quarto e começou a marchar sem saber para onde, até que chegou aos arrabaldes. E parou em frente do cemitério, angustiada e aflita, lembrando-se dos seus familiares, cujos despojos lá se encontravam, desde a última guerra mundial.

Obedecendo a invisível força, entrou no cemitério e dirigiu-se à pequena igreja para rezar. E pelo caminho ia contemplando as sepulturas alinhadas em arruamentos... A morte... a vida... as convenções dos homens... o alimento material... o alimento espiritual...

De repente quedou-se junto de uma que lhe chamou a atenção. Sobre a cruz de mármore via-se a fotografia de um jovem. E ao vê-lo tão jovem e de tão belas feições pôs-se a orar por ele...

Depois caminhou ao acaso, viu novas sepulturas, rememorou quadros da sua infância e entrou na igreja, ansiosa de um fenómeno que lhe modificasse a existência. Acendeu pequena vela, ajoelhou-se, ergueu o pensamento e dispunha-se a sair, quando à porta do templo encontrou um jovem bem posto e de semblante grave, que estava à sua espera.

— Que tem, senhorinha? Por que chora? — perguntou ele.

— Estou sòzinha e sem trabalho. Não pode haver coisa pior...

O jovem atalhou imediatamente:

— Não se aflija. Vou mandá-la a uma casa onde lhe darão o endereço e o nome da senhora onde você há-de ir.

Tirou um lápis do bolso, escreveu algumas notas num papel e deu-o à senhorinha, que seguiu na direcção indicada.

Alguns passos andados, voltou-se para ver outra vez o rapaz e agradecer-lhe, pois se havia esquecido deste pormenor, e notou que era o mesmo da fotografia que vira na sepultura.

Mas ele já tinha desaparecido.

A senhorinha ficou perplexa perante o insólito acontecimento. Na verdade, não era para menos. Até os espiritistas ficariam perplexos, porque o estudo é uma coisa e a surpresa é outra.

Tenho assistido a sessões de fenómenos físicos e de materializações e confesso que algumas produziram em mim fortíssima impressão. As coisas eram tão reais, tão objectivas, que a vida e a morte se perdiam nos confins do entendimento. No entanto, o choque existia, agitando a rede nervosa e o conjunto celular.

Voltemos, porém, à senhorinha, protagonista da mais bela aventura que pode suceder à pessoa humana, e vê-la-emos dirigir-se à casa indicada e bater à porta. O seu nervosismo era cheio de esperança, uma esperança que não sabia definir.

Acudiu uma senhora simpática, vestida de luto. Mal acabou de ler as linhas no papel, reconheceu logo a escrita do filho, que falecera pouco antes, e desatou a chorar, muito aflita, relembrando a perda irreparável. Ainda chorosa, introduziu a senhorinha no interior da casa. Em dado momento, esta reconheceu em pequena mesa uma foto do jovem que encontrara na igreja.

O que se passou entre as duas mulheres não pertence à palestra. Há coisas sagradas que é necessário omitir em relatos desta natureza. Pertencem ao riso e ao pranto, aquém e além do microfone. Nem a senhorinha nem a mãe do jovem tinham palavras que traduzissem o seu espanto.

Nada conheciam de Espiritismo; não sabiam que a morte era passagem obscura para vida diferente, onde as almas trabalham e permanecem, enquanto Deus quer; ignoravam totalmente a volta dos chamados mortos e muito menos que voltassem nas condições em que o jovem se manifestou.

«Procura e acharás» — dizia o sábio ao seu discípulo. Procura e acharás, que a Providência solucionará o teu problema. Mas é preciso

A senhorinha procurou e achou. Bateu e a porta abriu-se-lhe, no dizer do versículo.

A senhora adoptou-a como filha, dando-lhe a herança que pertencera ao falecido.

Mais vale a quem Deus ajuda do que quem muito madruga.

Amigo radiouvinte: não tenho quadro mais belo para dar, nem lição mais proveitosa. Bem dizia Léon Denis:

— Os mortos não morrem. Os mortos são os vivos do céu!

Boa noite. Que Deus te guarde e à terra brasileira.

24

O CENTENÁRIO

Amigo radiouvinte:

Estamos no ano do Centenário. Não é preciso dizer mais para sabermos do que se trata. Centenário de um livro, centenário de uma ideia, centenário de um movimento que principiou a medo, em forma de gota de água, e que foi engrossando, como caudal de boa nascente. Nós estamos ufanos deste fenómeno extraordinário.

Em toda a parte os adeptos trabalham afanosos para que a efeméride resulte brilhante. São os homens, as mulheres e as crianças; são os escritores e os conferencistas, adaptados ao momento, carreando pedra e cal, empunhando alviões e ligando o concreto que se alteia em muralha inexpugnável.

Nunca vimos maior entusiasmo. Há quem sofra com o prazer dos outros. É verdade que há. Mas se o prazer é feito de altruismo, se reflecte acções grandiosas, embora humildes em sua essência, o sofrimento originado provém de um erro que não coloca bem os seus protagonistas.

Os adversários leais reconhecem a justiça da nossa causa. Dizem que ser adversário não é ser inimigo. E têm razão. Os ideais governam o mundo, como escrevia Bacon. Os mercadores de utilidades é que vêm depois, adulterando e conspurcando as intenções dos primeiros, a quem chamam lunáticos. Isto levou Wertheimer a exclamar, com certa dose de cinismo:

— Quando o idealista mete a mão no bolso, torna-se inconscientemente realista.

Perguntamos agora: devemos aceitar este conceito sem qualquer restrição? Há quem meta a mão no bolso e continue a sentir o ideal, na verdadeira acepção do termo. Não há dúvida alguma...

Mas diziamos nós que nunca vimos maior entusiasmo. Com efeito, as notícias que me chegam às mãos são auspiciosíssimas. A opinião espírita movimentou-se cheia de consciência. Em Lisboa, por exemplo, houve entusiasmo digno de registo, dentro e fora das agremiações, a ponto de alguns profanos se admirarem da nossa fé e da nossa convicção. Um dirigente da Casa do Algarve, sediada na capital portuguesa, assistiu à festa que lá realizámos e gostou imenso, apesar de não partilhar as nossas ideias. Tem a sua opinião, mas respeita a dos outros. E pôs aquela Casa à nossa disposição, sempre que nos aprouvesse.

Este homem segue os juízos de Brunetière: «As nossas simpatias ou antipatias não devem servir de norma aos nossos juízos». Todavia, muitas pessoas não fazem assim. O apriorismo ou conceito formado entra na crítica parcial, que interessa aos homens criteriosos. Mas entra. Esse é o facto incontestável, que ninguém pode ignorar.

Seis colectividades espiritas lisbonenses concretizaram a ideia de união mais estreita, aproveitando o mês do Centenário. O pranto jubiloso exprimiu contentamento e tudo se conjugou sem notas discrepantes. O *Centro Espiritualista Luz e Amor*, o *Instituto Espiritualista Português*, a *Fraternidade Esotérica*, a *Ordem Esotérica Iniciática*, o *Centro Espirita Amor e Caridade* e o *Grupo Espirita Jesus Cristo* deram um passo em frente e reuniram numerosos adeptos e simpatizantes que tomaram parte na comemoração do maior acontecimento que durante um século agitou as fileiras do Espiritismo.

O Brasil — como não podia deixar de ser — deu-nos grande incentivo. A emissão do selo tocou a sensibilidade de milhares de almas e a Federação Espirita Brasileira ficou mais perto do nosso coração.

Os boatos contraditórios lançavam dúvidas no ânimo dos adeptos. Jornais católicos brasileiros chegaram a noticiar a anulação do decreto que autorizara o Departamento dos Correios e Telégrafos a emitir cinco milhões de estampilhas postais. Contudo, o boato era boato. E digo «contudo», porque a mentira é caminho rápido para quem o segue, na opinião de Amyot, e alguns crédulos atrai na carreira veloz. Bem sabemos que há sempre um barranco onde o mentiroso cai. Antes, porém, vai espalhando atoardas, que os incautos transformam em verdades inconcussas. E para destruí-las, não raro se impõe trabalho maior do que o exigido para noticiar um facto.

Foi assim em todos os tempos. A verdade surgiu eloquente e o nosso entusiasmo iluminou-se. E agimos com mais alegria, superando o que já tínhamos feito em vários sectores de actividade.

Entre Portugal e Brasil há certa conformidade. Dantes era o pai que incitava o filho; hoje é o filho que incita o pai. Bendita aliança, parentesco sublime! As margens atlânticas são agora mais estreitas.

Não exageramos, amigo radiouvinte. Eventos iguais produzem efeitos iguais. É certo que a sensibilidade difere de alma para alma; mas há pontos comuns de ressonância que só o Espiritualismo traduz. Deste modo, o Centenário do Espiritismo foi do Brasil a Portugal. Galgou o oceano e radicou-se.

Este prazer bendito envolve inclinações cada vez mais fortes. Há séculos era a voz da raça; hoje é a voz do ideal a irmanar-nos, a fortalecer-nos.

Quase tudo o que sabemos de Espiritismo veio-nos de cá, sadio e magnífico, aprumado, rijo e forte. Informações que aumentaram a fé, que aumentaram a consciência, que deram personalidade e vigor diferente.

Todas as publicações vestiram galas, ergueram legendas. Algumas saíram das normas, em gesto ciclópico. Foi o amor que as moveu, que lhes deu grandeza, que as transfigurou.

Estamos contentes. O mundo sabe que há um risco luminoso na escuridão; que a caridade assumiu aspectos novos na charneca da vida; que o arrebol da madrugada avançou no tempo e esclareceu maior número de ignorantes. O mundo sabe tudo isto. E sente o efeito de um grupo de lavradores que não largam a charrua, para que os deserdados tenham pão; e de uma falange de beneméritos para que a assistência amplie as suas margens; e de uma turma vigilante, para que a humanidade tenha justiça.

Isto se deduz do Centenário do «Livro dos Espíritos» festejado nas duas margens do Atlântico, em homenagem ao Mestre Allan Kardec. Portugal e Brasil estão unidos. Comunidade material, comunidade espiritual.

Boa noite. Até à próxima. Que Deus proteja as duas nações amigas e as conduza à felicidade.

OS QUE NOS DEIXAM

Mais um batalhador caiu na luta, ao serviço da Doutrina Espirita. Foi Achille Biquet, Presidente da União Espirita Belga, Presidente da Federação Espirita Liegense, Presidente da Aliança Espirita Ocidental, Director da Revista Espirita Belga, *mais tarde transformada em* Espiritualismo Moderno, *e membro da actual Direcção da Federação Espirita Internacional.*

Além disso foram numerosas as suas conferências e os seus trabalhos de investigação, sempre dirigidos em sentido elevado, com verdadeiro critério científico. Revelou, mesmo, habilidade invulgar no método que adoptou, pois embora fosse espirita convicto, nunca deixou de fiscalizar as sessões e os médiuns, sem, todavia, cair no extremo de colocar os passivos em condições equívocas e negativas, como sucede com outros investigadores.

ACHILLE BIQUET

A herança de José Lhomme que, de 1938 a 1947, presidiu à União Espirita Belga, *obrigou Achille Biquet a trabalho intensíssimo. As contínuas deslocações a França e Inglaterra exigiram-lhe esforço incomportável e o seu físico ressentiu-se fortemente de tão grandes fadigas.*

A União Espirita Belga *perde um obreiro do estofo de J. Lhomme e a revista* Estudos Psíquicos *o seu redactor-correspondente em Liège.*

Na Federação Espirita Internacional desempenhou um papel activíssimo na ligação entre os espiritistas europeus. A ele se deve também a Aliança Espirita da Europa Ocidental, *projecto de extraordinário alcance que bem merece a atenção dos confrades europeus.*

Era tão grande o seu interesse pela fraternidade universal, que resolveu aprender Inglês, para melhor cumprir os deveres naquela Federação.

Homens como Achille Biquet apontam-se a dedo no panorama espirita mundial. Eis por que o seu desaparecimento físico constitui perda considerável que dificilmente conseguiremos reparar.

Quanto ao desaparecimento espiritual, seremos mais felizes, certos de que nos poderá ajudar melhor, uma vez liberto dos liames da matéria. Ele foi sempre um homem dinâmico, habituado à luta. Por que não há-de continuar a combater na vida espiritual?

Que o Alto vele pelo grande pioneiro e pela obra que deixou, eis os mais sinceros votos de Estudos Psíquicos.

AINDA O CENTENÁRIO...

Foram brilhantes na capital baiana as festividades comemorativas do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo

Embora os espiritas baianos tenham cuidado tarde dos preparativos para a comemoração do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, as festividades que assinalaram o evento revestiram-se de desusada animação e brilhantismo.

As principais sociedades espiritas da capital, sob o patrocínio da «União Social Espirita da Bahia», (USEB), conjugaram esforços num serviço intensivo de divulgação e propaganda, dando em resultado o esplêndido êxito daquele movimento.

Já no primeiro dia do mês de Abril a cidade ostentava vistosas faixas em seus principais pontos, onde se liam expressivos dizeres alusivos ao histórico acontecimento que se deliberara solenizar, culminando com excepcional fulgor no dia 18. Nas paredes, nos postes e também nas vitrinas de casas comerciais liam-se cartazes anunciando o festivo Centenário do Espiritismo.

Do programa organizado pela USEB constou, no dia 7, a primeira conferência, pelo confrade Aurelino Mota de Carvalho, que falou com muita felicidade sobre «O Espiritismo na Bíblia». No dia 10, encenação da peça espirita «Retorno d'Alma», no teatro do Instituto Normal da Bahia.

Seguiu-se, no dia 13, conferência sob o tema «Espiritismo e Educação», pelo professor e jornalista António Virgílio Sobrinho, sendo o orador vivamente aplaudido ao final de sua proficiente dissertação.

No dia imediato, superlotado o recinto, discorreu Alfredo Miguel sobre «A Reencarnação», produzindo substancioso trabalho que o público acolheu numa demonstração ruidosa de entusiasmo.

Todas essas conferências se realizaram no salão nobre da Associação dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia.

Finalmente, no dia 18, a data centenária do Espiritismo foi condignamente festejada no vasto salão do *Sesc-Senac Orlando Moscoso*. Os dois mil e tantos assentos ali dispostos não foram suficientes para acomodar uma avalanche de povo que acorreu para ouvir o professor Divaldo Pereira Franco, ficando mais de uma centena de pessoas de pé, acotoveladas nos espaços disponíveis.

Corrido o pano de boca que vedava o palco, e sob magníficos efeitos de luz, apareceu, aposto na parede, entre as bandeiras brasileira e francesa, o retrato, em tamanho grande, de Allan Kardec. Foi um momento de intensa emoção, ecoando no recinto, feèricamente iluminado, uma tempestade de palmas. Em seguida, o presidente da USEB, Francisco Aguiar, chamou nominalmente as pessoas que iam compor a Mesa, e, a seu pedido, proferiu Aurelino Mota de Carvalho emotiva prece de abertura dos trabalhos. Ouviu-se, após, declamação de linda poesia pela senhorita Alda Andrade, sucedida de música fina ao piano. Agora, o presidente se dirige à colossal assistência, dizendo da especial significação da efeméride de 18 de Abril, que os espiritas de toda a parte estavam celebrando com incontido regozijo. Por fim concede a palavra ao professor Divaldo Franco, que se ergue sob prolongadas palmas de milhares de pessoas ali reunidas.

Versando o tema «Espiritismo e Evangelho», o orador começa refutando a tese de alguns escritores agnósticos que contestam a existência histórica de Jesus-Cristo; em seguida mostra a autenticidade dos Evangelhos e explica como eles chegaram aos nossos dias. Examinando períodos da história, conduz a sua retrospecção até ao século XIX e pinta em traços vivos o cenário social e religioso da época, apontando as causas da decadência da fé, então abalada em seus fundamentos pelo entrechoque das ideias materialistas. E passa a sublinhar a repercussão que teve no âmbito europeu, notadamente em Paris, a primeira obra da Codificação kardequiana, *O Livro dos Espíritos*, dado à publicidade em 18 de Abril de 1857. Sua palavra vigorosa e fluente passa, daí em diante, a reflectir a excelência da Doutrina Espirita, exposta filosòficamente naquele livro, que teve o poder de reavivar a crença em Deus e estabelecer as bases da investigação psíquica que conduz à certeza da sobrevivência espiritual.

Na peroração o orador reverencia a memória do grande reformador do século passado e exalta a sua obra missionária pelos frutos de sabedoria e fraternidade que, em cem anos apenas, espalhou abundantemente no mundo inteiro.

A oração do professor Divaldo Franco foi entrecortada de sucessivos aplausos e, ao finalizá-la, o entusiasmo do público transformou-se em verdadeiro delírio.

Estava, assim, condignamente festejado o 1.º Centenário do advento do Espiritismo, na Bahia. Tamanha animação, desde o início das festividades, traduziu de um modo muito eloquente a resposta dos espiritas, e do público em geral aos adversários da doutrina imortalista que, numa campanha adrede organizada em todo o país, não cessaram de lançar contra ela as mais incríveis falsidades e aleivosias.

Também os três programas espiritas radiofónicos, emitidos nesta capital pela *Rádio Sociedade* e *Rádio Cultura*, foram pródigos em esclarecimentos doutrinários, através da palavra de Divaldo Franco, Alfredo Miguel, Aurelino Mota de Carvalho, Abel Mendonça e Paulo Alberto. Seleccionada literatura de propaganda foi copiosamente distribuída ao público em todas as reuniões.

Na Bahia, as comemorações do Centenário prosseguirão e seu definitivo encerramento ocorrerá em 3 de Outubro, data festiva do natalício de Allan Kardec.

O 1.º Centenário do Espiritismo

na opinião do padre JOSÉ NARINO DE CAMPOS

O Jornal do Fundão de 5 de Maio último insere uma «Carta do Brasil» da autoria do padre José Narino de Campos, datada de São Paulo e intitulada «1.º Centenário do Espiritismo».

Transcrevemo-la com grande satisfação, apesar da injustiça que faz ao Espiritismo. É desabafo natural em que transparece uma realidade que os irmãos católicos negam a cada passo: a expansão cada vez maior da nossa doutrina num país de grande fé religiosa, onde a Igreja de Roma exerce influência tenacíssima. Eis o artigo:

No dia 18 de Abril ocorreu o primeiro centenário da publicação, em Paris, de «O Livro dos Espíritos», que marcou o início da codificação das doutrinas espiritas. Seu autor, Leão Hipólito Denizart Rivail, que passou à história com o pseudónimo de Allan Kardec (segundo ele, nome que lhe fora dado numa incarnação anterior), é considerado, como se sabe, o Pai do Espiritismo, a cujo estudo se dedicou, impressionado pelos fenómenos acontecidos na América do Norte com as irmãs Fox.

A data foi universalmente comemorada, mas em especial no Brasil, país que se julga ser, segundo a opinião dos próprios meios católicos, o mais kardequizado do mundo. A afirmação não será infundada, porquanto existem, só na cidade de São Paulo, 400 centros espiritas, e em todo o Estado bandeirante 6.000, com um número global de 280 mil adeptos. Nestes números, de acordo com as informações que colhi na secretaria geral das festas espiritas do ano em curso, estão apenas incluídos os centros kardecistas legalizados — e não os de outras formas de espiritismo, também muito divulgadas entre o povo — e apenas as pessoas que efectivamente se sabe terem aderido à doutrina de Allan Kardec. No que se refere a publicações, editam os espiritas, nesta capital, 15 jornais e revistas e, no resto do Estado, 35. Não me foi possível obter informações precisas, quanto aos outros Estados do Brasil.

O pior não é, porém, o que estes números traduzem ou deixam supor, mas sim a tremenda confusão que as várias correntes espiritas lançam no público brasileiro, alimentando, diabòlicamente, a sua propaganda na ideia de que o espiritismo é uma doutrina cristã, alicerçada no Evangelho, tanto e ainda mais do que o Catolicismo e o Protestantismo. É de um longo artigo saído a lume, no dia 18 de Abril, em certo diário de São Paulo, o seguinte trecho, bem elucidativo: «O espiritismo se apresenta, no plano religioso, como a III Revelação. A I Revelação havia sido a de Moisés, e trazia no seu próprio corpo a anunciação da segunda, que seria a vinda do Messias. A II Revelação havia sido a de Jesus, que também trazia, no seu próprio corpo, a anunciação da terceira. E a terceira, afinal, se concretizava com o aparecimento do espiritismo, cuja finalidade, no plano religioso, é restabelecer na terra os ensinos de Cristo em sua pureza primitiva, uma vez que foram eles misturados a concepções filosóficas e práticas rituais do paganismo e do judaismo, através de quase dois mil anos de evolução humana». Infelizmente, as grandes massas populares não possuem nem o mínimo de cultura religiosa com que possam descobrir a falsidade de semelhantes afirmações, e dessa falta de conhecimentos, que pôde agravar-se até ao superlativo nalguns meios, devido à escassês de sacerdotes, resultou o inegável êxito alcançado, nos últimos anos, pelo espiritismo, em todo o Brasil.

De há uns meses para cá, o anúncio das comemorações do primeiro centenário da codificação do espiritismo mobilizou os arraiais do Catolicismo, que ainda é, graças a Deus, herdado da Mãe-Pátria, a religião do Brasil, a começar pelos próprios Bispos, os quais, em conjunto, aceitaram os desafios dos apóstolos de Allan Kardec, desenvolvendo, em sentido inverso, uma formidável campanha de esclarecimento, com o objectivo de, especialmente durante a Quaresma e Semana Santa, porem os fiéis a par do verdadeiro teor da heresia espirita e dos perigos que a mesma engendra. Esta foi uma das campanhas mais bem organizadas e felizes de quantas o Episcopado brasileiro terá levado a cabo, de tal forma que, pela contra-ofensiva a que deram aso, as comemorações espiritas foram, sob algum aspecto, um grande bem para a Igreja. Não faltou quem se sentisse apavorado com a «propaganda» que os católicos estavam fazendo do espiritismo, até no interior dos próprios templos, mas os Bispos sabiam quanto da Fé católica estava em perigo e, corajosamente, não recearam o escândalo.

As festas centenárias de «O Livro dos Espíritos» começaram no dia 18, em plena Semana Santa, com um congresso espirita no Ginásio Municipal de Pacaembu, e prosseguirão todos os sábados, devendo ser encerradas solenemente no dia 3 de Outubro. Os correios puseram nesse dia à venda um selo especial com a efígie de Allan Kardec, ao que parece depois de grande hesitação das autoridades e da interessada expectativa dos católicos e espiritas, pois correra mundo a notícia de que havia sido cancelada, à última hora, a venda dos mesmos. A verdade que ficou após isto tudo é que o povo brasileiro conhece agora melhor que o espiritismo é a negação brutal de quase todos os dogmas, ainda os mais consoladores, da Religião Católica: a nossa redenção em Cristo, a ressurreição da carne, a graça, o perdão dos pecados, etc. O dilema: «Jesus ou Allan Kardec?» deixou de ser tão confuso como era antes para as almas simples e boas. Houve na Semana Santa males que vieram por bem.

São Paulo, 24 de Abril de 1957.

O autor da Carta admira-se de um diário de São Paulo taxar o Es-

MEDICINA NATURAL

Mensário de vida sã, profilaxia e cura

Director e Proprietário: *Isidoro Duarte Santos*

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Uma revista de grande utilidade e oportunidade dedicada à saúde do corpo, através de cujas páginas há conselhos de higiene, ensinamentos profiláticos, receitas vegetarianas, artigos de orientação mental, subscritos por divulgadores abalizados que procuram eliminar do organismo as toxinas envenenadoras.

32 páginas de leitura escolhida e variada, na qual todos têm que aprender.

No fim de cada ano, o leitor tem à mão uma enciclopédia de coisas utilíssimas, com cerca de 400 páginas e um índice alfabético que muito facilita a procura dos assuntos.

A redacção encarrega-se das encadernações próprias pela módica quantia de 15$00 por exemplar.

Preço da assinatura anual — 40$00

(Envia-se um número espécime a quem o pedir)

piritismo de «3.ª Revelação, cuja finalidade é restabelecer na Terra os ensinos do Cristo em sua pureza primitiva». Na verdade, outra coisa não têm feito os espiritistas da bela pátria irmã, erguendo à maior altura o conceito fraternista do homem. Espiritista é sinónimo de altruista. Os bens terrenos são precários. Os duradouros são os que o tempo não destrói, os que nos podem acompanhar além da morte e que se integram na própria individualidade. Por isso é que o Espiritismo alastra, sobretudo nas classes pobres. Em geral, os ricos não gostam de ouvir certas coisas. Chumbados ao bem-estar material, repelem qualquer ideia de modificação, ainda que seja lógica e necessária.

No tempo do Cristo o ambiente era quase o mesmo. Neste particular o homem pouco avançou. O mundo actual é dominado pelo egoismo. Nem as religiões o têm diminuido. Onde houver adeptos da Doutrina Espirita, esse péssimo sentimento será espancado. Por que razão não poderá o Espiritismo estabelecer os ensinos do Cristo em sua pureza primitiva? Não alivia, não orienta, não cura os doentes e desesperados? Não aponta caminhos de renovação espiritual? Não é contra a guerra, contra a injustiça? Não difunde a previdência em todos os sentidos? Por que não há-de ser uma doutrina cristã? Não é religião no verdadeiro sentido, porque não tem rito, nem hierarquias, nem disciplina sacerdotal. Mas liga a criatura ao Criador e ensina a pensar livremente.

Os jornais espiritas citados pelo sr. padre Narino de Campos limitam-se ao Estado de São Paulo. Todavia o número de publicações é infinitamente maior. E não fala sua ex.ª nos programas radiofónicos mantidos pelo Espiritismo e que andam à roda de 400, numa pregação diária das doutrinas do Mestre. Além disso, «O Evangelho Segundo o Espiritismo» de Allan Kardec, atingiu há pouco a 46.ª edição em língua portuguesa no total de 470.000 exemplares. E nunca a figura do Cristo assumiu expressão mais alta do que nesse livro que em breve atingirá 500.000. Onde está o diabolismo desta propaganda, se nós não acreditamos no diabo? E como admitir um diabo que preconiza as obras de Deus?

Convenhamos, ilustre padre José Narino, que nem sempre os grandes aglomerados percorrem melhores caminhos e que não foi a escassez de sacerdotes que motivou a expansão do Espiritismo no Brasil, mas a sua racionalidade providencial. A humanidade vive numa época de síntese. Encurta distâncias em toda a parte. A aviação é uma forma de racionalismo. Se a teoria da Reencarnação produz efeitos desastrosos em católicos oscilantes habituados a expressões matemáticas, nem por isso poderemos acoimá-la de irreverente ou subversiva.

Sim, ilustre padre José Narino, as festas centenárias de «O Livro dos Espíritos», com 25 edições em Português e mais de 225.000 exemplares, levaram o Governo Brasileiro à emissão de 5.000.000 de selos comemorativos do extraordinário acontecimento, os quais circularam por todo o mundo numa afirmação de vitalidade doutrinária. Porque não havia de ser feita? Não se emitiram vários selos comemorativos de efemérides católicas e protestantes? Querer Deus para si e o diabo para os outros será doutrina cristã?

O final da sua carta, meu prezado irmão, é desabafo puro e simples. O Espiritismo não nega os «dogmas mais consoladores da Religião Católica», ou sejam, «a redenção em Cristo, a ressurreição da carne, a graça, o perdão dos pecados, etc.». A fé cega não lhe interessa, nem o magister dixit. *Se está em erro nalgum postulado, que o diga a Ciência, a Filosofia e a Moral, com provas de A+B, que as provas teológicas não servem para o caso.*

Assim, a carta do ilustre correspondente do Jornal do Fundão *teve o mérito de elucidar alguns correligionários seus a respeito da Ideia Espirita, que, no Grande Brasil, se expande em progressão geométrica. E por isso lhe agradecemos o favor que nos fez numa época tão adversa à boa doutrina. Que há padres bons, prova-o a existência do ilustre prelado José Narino de Campos, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.*

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

No próximo Congresso Espirita Internacional a realizar em Paris de 7 a 14 de Setembro p. futuro, debater-se-ão questões importantes que teremos ensejo de mencionar. Por agora limitamo-nos a dar o Programa, com vista aos leitores que desejem acompanhar os trabalhos do certame.

SÁBADO, 7 DE SETEMBRO

Das 9 às 16 — Inscrição dos Congressistas no *Palácio das Sociedades Científicas*, 8, rua Danton, Paris (perto da praça de Saint-Michel — Metro: Saint-Michel).

Às 15 horas — No Salão da *União Espirita Francesa*, 10, rua Léon-Delhomme e nos salões de outras agremiações, conferências e demonstrações mediúnicas. Uma sessão de clarividência espirita com a presença de três médiuns no Grande Salão da *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*, 1, rua des Gâtines, que durará até às 17 horas (Metro: Gambetta).

Fim da tarde — Recepção no *Palácio das Sociedades Científicas*.

Às 20 horas — Banquete de boas-vindas no *Hotel Lutétia*, 43, *boulevard* Raspail (Metro: Sèvres-Babylone). O Marechal britânico Lord Dowding será hóspede de honra.

DOMINGO, 8 DE SETEMBRO

Às 9.30 — Visita a Paris e ao cemitério do *Père-Lachaise*. Peregrinagem ao túmulo de Allan Kardec. (Preço da visita: 150 francos).

Às 15 horas — Cerimónia de abertura. Alocução do Presidente da *União Espirita Francesa* e de um representante da *Casa dos Espiritas*.

Às 20.30 — Grande reunião pública no *Palácio das Sociedades Científicas*, com Lord Dowding e um conferencista francês.

2.ª-FEIRA, 9 DE SETEMBRO

Às 9.30 — Sessão ordinária, no Salão da *União Espirita Francesa* (para congressistas). Comunicação do Sr. Lemoine sobre provas de sobrevivência.

Às 15 horas — Conferências científicas no *Palácio das Sociedades Científicas*, com exposições de John Langdon Davis, de Barcelona, e do Dr. Karl Müller, de Zurique. À mesma hora, *Sessões Mediúnicas Demonstrativas*, no Salão da *União Espirita Francesa*, 10, rua Léon-Delhomme e no Salão da *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*.

Às 20.30 — Sessão pública com duas conferências, entre elas uma de Maurice Barbanell, de Londres.

3.ª-FEIRA, 10 DE SETEMBRO

Às 9.30 — Sessão ordinária na *Casa dos Espiritas*, 8, rua Copérnico (para congressistas).

Às 15 horas — Conferência das *Sociedades Científicas* sobre «A Educação Espiritual de Jovens e Adultos».

À mesma hora — Sessões Demonstrativas no Salão da rua Léon-Delhomme, n.º 10, e no Grande Salão da *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*.

Às 20.30 — Conferências sobre «Pioneiros de Ontem e de Amanhã» por Rolf Carleson, de Estocolmo, e Maurice Gay, de Paris.

4.ª-FEIRA, 11 DE SETEMBRO

Às 9.30 — Sessão ordinária (para congressistas). Tribuna de investigadores. Livre discussão dos meios de propaganda espirita.

Às 13 horas — Excursão a Versailles e aos Trianons. (750 francos).

Às 21 horas — Nas sedes das Sociedades Espiritas. Nas sedes da *União Espirita Francesa* e na *Sociedade dos Amigos dos Espiritas*.

5.ª-FEIRA, 12 DE SETEMBRO

Às 9.30 — Conferência e clarividência no *Palácio das Sociedades Científicas* pela Sr.ª Benavides, do México, e Doroty Smith, dos Estados Unidos.

Às 15 horas — Conferência por Pierre Neuville e outros sobre «A Atitude da Imprensa e da Rádio».

Às 20.30 — Serão de clarividência com 6 médiuns (inglês, francês, americano, belga e suíço).

6.ª-FEIRA, 13 DE SETEMBRO

Às 9.30 — Conferência sobre «O Aspecto Espiritual do Espiritismo», por Rudolfo Benavides, do México, e Rodolfo Rigale, de Cuba.

Às 15 horas—Excursão em barco.

Às 20.30 — Cerimónia de encerramento com a presença do eminente escritor espirita J. Arthur Findlay e os representantes da *União Espirita Francesa* e da *Casa dos Espiritas*.

SÁBADO, 14 DE SETEMBRO

Às 10 horas — Excursão facultativa a Fontainebleau e Barbizou. (2.200 francos, com almoço).

Das 15 às 17 horas — Sessão de clarividência com 4 médiuns, no Grande Salão da *Sociedade de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*.

O direito de participação é fixado em 3.500 francos por cada pessoa, com a liberdade de entrada em todas as reuniões e numa excursão de barco no rio Sena com merenda a bordo.

As subscrições podem ser endereçadas à *União Espirita Francesa*, 10, rua Léon-Delhomme, Paris-15.º C. C. P. 27199 — Paris.

DESENCARNAÇÃO DE DOIS GRANDES MÉDIUNS

La Revue Spirite, de Paris, refere-se à desencarnação de Léon Isaacs, grande médium de fotografia espirita. Deixou a terra aos 55

anos, depois de uma operação dolorosíssima. Foi repórter fotográfico durante 25 anos e começou a interessar-se pelo Espiritismo, devido à perda de um ente muito querido.

Por deformação profissional, lembrou-se de fixar o fenómeno na placa sensível e o primeiro trabalho que realizou refere-se à levitação pública do médium Colin Evans.

Depois a sua actividade desdobrou-se profundamente e a descoberta da placa sensível aos raios infravermelhos deu-lhe novas possibilidades, conseguindo fotografar na escuridão muitos quadros da mediunidade de Jack Weber, que serviram de ilustração a um livro do médium-curador Harry Edwards.

O médium alemão Joaquim Winkelmann desencarnou também em 31 de Agosto de 1956, na idade de 72 anos. Químico de profissão, a primeira guerra mundial encontrou-o na Sérvia e na Roménia. Foi nestas regiões que tomou conhecimento do Espiritismo. Depois a ele se ligou durante a vida inteira.

Casou-se em Dresde, onde fundou um grupo de investigações, nele se dedicando à microquímica, ao lado dos Drs. Fritz Quade e Schwab, seus grandes amigos e pesquisadores incansáveis nos domínios ocultos e escreveu um livro intitulado «A Química no Além e na Magia».

O seu pensamento encontra-se sintetizado nesta frase:

«Sempre mantive atenção e lucidez em face dos fenómenos transcendentes e nunca perdi o sentido crítico do que poderia analisar, desde a ligeira condensação ao fantasma inteiramente materializado. Por isso vejo que há um mundo cujos habitantes se esforçam por comunicar connosco e auxiliar-nos».

Quem manusear a colecção de *Estudos Psíquicos* notará que os médiuns vão passando à pátria espiritual, deixando enormes clareiras no campo da investigação. Honra, pois, à sua memória e ao seu trabalho, mostrando ao mundo as vastas possibilidades do homem e abrindo novos horizontes à psicologia.

APARELHO ESTRANHO

O Dr. R. A. Ranieri em seu livro «Materializações Luminosas», conta um fenómeno extraordinário que observou no Centro Espírita «André Luís», do Rio de Janeiro, onde actuava o médium Peixotinho.

Diz ele que uma entidade resplandecente se aproximou de uma senhora e lhe colocou no peito um aparelho semelhante à concavidade de um prato fundo, quase um disco gelatinoso, de verde-claro transparente. E acrescenta:

«Colocou o estranho aparelho no peito da senhora e pudemos ver-lhe o interior do corpo, como se contemplássemos peixes num aquário: lá dentro palpitava o coração, viviam os pulmões e corria o sangue nas artérias e nas veias. Via-se tudo com perfeita nitidez.

«Ainda não voltáramos do assombro, quando a entidade mergulhou uma das mãos no aparelho, ficando parte da mão no interior do corpo da senhora e o resto de fora. Em gestos lentos, o espírito retirava a mão e tornava a mergulhá-la. E quando a retirava trazia nos dedos certa matéria escura que lançava no ambienet e se dissolvia».

O autor finaliza, perguntando:

«Quem poderá dizer que a ciência comum já conhece o aparelho que acabamos de descrever? Como fazer essa instalação ali sem que ninguém notasse? E o mergulho da mão através do disco gelatinoso?...».

Noutra parte do mesmo livro narra fenómenos de radiactividade obtidos com o médium Fábio Machado, em Belo Horizonte.

Depois de certos preparativos, o médium entrou num quarto vazio e começaram a notar-se clarões verde-arrocheados que às vezes iluminavam o salão todo, além da presença de espíritos materializados, colocação de discos na vitrola, levitação de objectos, etc.

Quando menos o esperavam, um espírito anunciou por «voz directa»:

— Meus amigos, vamos fazer uma experiência: vamos saturar o ambiente com radioactividade.

— E não correremos perigo? — inquiriu o autor.

— Derramaremos no ambiente *um elemento* que os homens ainda não conhecem e que neutralizará a acção prejudicial do *radium*.

Um assistente exclamou:

— Olhem, olha para a minha roupa, para os meus suspensórios! Está saindo luz!

Todos se voltaram para ele e viram que, à medida que passava as mãos na roupa ou nos suspensórios, saía luz fosforescente, uma espécie de luz de luar.

Outros assistentes fizeram experiências idênticas com o mesmo resultado. «Alguns passavam as mãos pelos cabelos e os cabelos derramavam luz fosforescente». Quase 30 pessoas reproduziram a experiência.

Depois, o mesmo espírito disse que iam retirar a radioactividade do ambiente. De facto, as novas experiências não surtiram efeito.

Muitos outros casos interessante conta o Dr. Ranieri em «Materializações Luminosas», um dos livros mais curiosos que temos lido nos últimos tempos e cuja primeira remessa se esgotou ràpidamente nos nosso depósito de livros.

AS SESSÕES ESPIRITAS DA RAINHA VITÓRIA

Segundo lemos no *Psychic News* de 11 de Maio, as actas das sessões espiritas da Rainha Vitória não foram todas destruidas, como se julgava. Trata-se das famosas sessões que ela realizou com o grande médium R. J. Lees e grande parte delas com o seu criado John Brown. Após a morte deste, como já tivemos ocasião de assinalar, o secretário da Rainha, Lord Ponsonby, apoderou-se de todos os documentos e destruiu-os. Após este acontecimento, a Rainha Vitória anunciou que escreveria a biografia de John Brown. Esta notícia causou enorme consternação, como se depreende. A intenção da rainha foi neutralizada pela influência do Dr. Randal Davidson, Deão de Windsor e depois Arcebispo de Cantuária, que sempre se opôs à simpatia que ela demonstrava pelo Espiritismo.

Davidson teve longa conversa com a Rainha e ameaçou-a com a resignação, se publicasse o livro. Após a morte de Sua Majestade, todos os relatos e notas de John Brown foram destruídos.

O famoso jornalista Hannen Swaffer, revelou como Leonel Logue falou a Jorge VI a respeito das provas que recebera através de Lilian Baily e que às vezes eram enviadas ao soberano. Disse ele:

«Um dia, o Rei disse a Leonel:

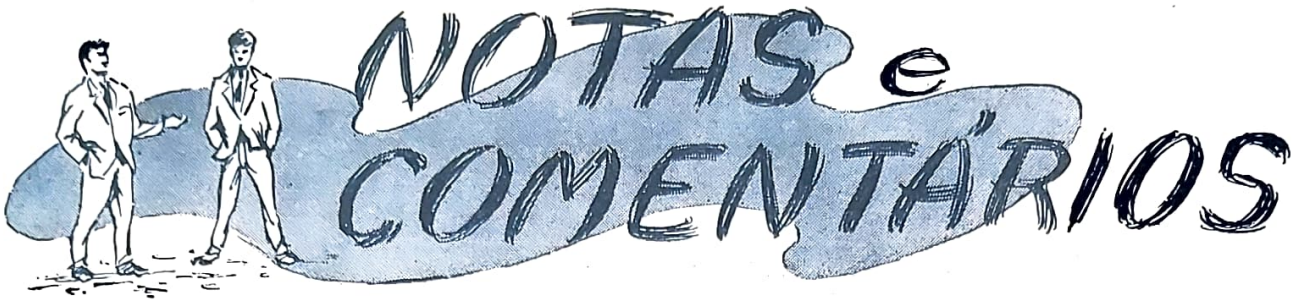
— Você sabe que o Dr. Randal Davidson e o secretário dele julgavam que tinham destruido todas as actas das sessões de minha bisavó. Pois encontrei uma que eles desconheciam. É muitíssimo interessante.

E o *Psychic News* comenta:

«Desde o tempo da Rainha Victória que todas as gerações da Família Real Inglesa têm demonstrado interesse pelo Espiritismo. Portanto, há razões para crer que os membros actuais conheçam o assunto».

Em todas as épocas a natureza se encarregou de sonegar parte da verdade à sanha dos reaccionários. De outra forma os caminhos da História seriam veredas intransitáveis.

Ai daqueles que procuram destruir os factos, a fim de os amoldar à sua conveniência. Um dia serão tragados pela própria corrente.



PEDRADAS MISTERIOSAS

Nem só no Entroncamento há pedradas misteriosas, dessas pedradas que mobilizam agentes da autoridade e pesquisadores de toda a espécie sem resultados positivos. O fenómeno circulante é verdadeiramente mundial em seu carácter expressivo.

Psychic Science, que se edita em Perth (Austrália), diz que toda a imprensa da Austrália Oriental tem dedicado a maior atenção a pedradas insólitas — presumìvelmente de origem supranormal — que infestam a região de Pumphreys e Boyup Brook, bairros indígenas de habitação e comércio.

Há apenas uma pequena diferença entre as pedradas portuguesas e as de Boyup Brook. Estas eram mais pesadas. Chegaram a atingir 15 kg., uma das quais lançada suavemente, sem causar o mínimo prejuízo. Isto impressionou tanto os que assistiram ao acontecimento, que um deles ofereceu 100 libras a quem provasse a origem humana do facto.

E o articulista acrescenta:

— As pedras continuam a cair e as 100 libras não foram reclamadas...

Onde pára a astúcia dos «espíritos fortes», que chegam a duvidar da própria existência?...

BOM CONSELHO...

Rádio Renascença mantém uma secção semanal de Perguntas e Respostas que às vezes suscitam desencontradas opiniões devidas à displicência do comentarista.

Há dias um radiouvinte inquiriu se um casal ligado civilmente poderia confessar-se e receber a comunhão.

A resposta categórica não se fez esperar.

— Não pode, porque não está na graça de Deus. Por isso, o melhor é separar-se o mais depressa possível. É duro, mas é assim. Casado civilmente nunca viverá em graça.

Aqui está uma ética que os espiritistas não compreendem. Pois não disse o Cristo: «Não separeis o que Deus ajuntou»?

A lei de atracção e repulsão não é humana. Há, pois, motivo mais forte para sancionar a união espontânea do que a união imposta, seja qual for o ritual que se lhe atribua.

Deus não quis que o homem fosse só e deu-lhe a mulher por companheira. O resto são formalismos arbitrários.

Todos os caminhos vão dar a Roma. O que importa é chegar com nobreza. De resto, os bons frutos revelam as boas árvores.

Deus é Deus. A criatura é a criatura. Se houvesse um deus para cada raça ou cada religião, caíríamos no politeísmo selvagem.

O comentarista não encontrou melhor escapatória do que a separação imediata pelo divórcio, que a Igreja, aliás, não admite para os seus fiéis.

Cristãos somos nós e aceitamos a supremacia do poder civil. Por isso, à face dos códigos terrenos, não há contrato que não possa revogar-se, ficando os contraentes na posição moral e cívica anterior.

Achamos bem que Rádio Renascença difunda as suas ideias. Estas, porém, são dissolventes e não devem ser permitidas. O Estado é soberano pelo direito e força dos seus órgãos. É o guardião da lei e sabe o que deve fazer para bem cumpri-la.

Estaremos em erro? Cremos que não, até prova em contrário.

AS OBRAS DE KARDEC

O 1.º Centenário do «Livro dos Espíritos», clamorosamente festejado no Brasil, pôs em evidência uma verdade incontroversa. Os livros de Allan Kardec continuam em sua marcha triunfante. Edições sobre edições tem lançado a Federação Espírita Brasileira, a benemérita instituição cujo departamento livreiro trabalha em ritmo acelerado.

Segundo a estatística inserta no Reformador, *órgão desta colectividade, damos a seguir o nome das obras kardecianas publicada até hoje em língua portuguesa:*

Todos estes livros foram vendidos sem anúncio espalhafatoso. O seu conteúdo aliciante é a melhor propaganda que se lhes pode fazer.

«As obras do insigne Allan Kardec — diz o Reformador *— expandiram-se e hão-de expandir-se cada vez mais, porque os homens se sentem ávidos das coisas do Espírito e naquelas obras encontram o alimento de que necessitam».*

De que vale argumentar sem argumentação?... Quando a dúvida se apresenta, o melhor é recorrer à estatística.

	Exemplares
O Evangelho Segundo o Espiritismo, 46.ª edição	469.000
A Prece, 24.ª edição	406.000
O Livro dos Espíritos, 25.ª edição	226.000
O Livro dos Médiuns, 25.ª edição	201.000
O Que é o Espiritismo, 12.ª edição	79.000
O Céu e o Inferno, 17.ª edição	77.000
A Génese, 12.ª edição	61.000
O Principiante Espírita, 12.ª edição	60.000
Obras Póstumas, 11.ª edição	51.000
Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, 1.ª edição	10.000
Vade-Mecum Kardequiano, 1.ª edição	10.000
O Evangelho Segundo o Espiritismo (grande formato), 1.ª edição	2.000
Idem, em Esperanto, 2.ª edição	2.000
A Prece, em Esperanto, 1.ª edição	1.000
Introdução ao «Livro dos Espíritos», em Esperanto, 1.ª edição	2.000
Total	1.654.000

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 9 de Junho o confrade Dr. António Cardoso realizou no *Centro Espiritualista Luz e Amor* uma conferência intitulada «O Sudário de Turim», na qual estudou o problema à luz dos Evangelhos, à luz da história e à luz da investigação para concluir como principiou. É que os sudários que sucessivamente apareceram em vários pontos do globo eram devidos mais ou menos à especulação de toda a espécie, cujos traficantes não tinham pejo de mercadejar em tão melindroso problema.

António Cardoso fez uma exposição bem concatenada, baseado em hipóteses, já se deixa ver, porque lhe faltavam os elementos, através dos quais pudesse deduzir algo de positivo que elucidasse os assistentes. No entanto, demonstrou com bons argumentos a inconsistência das afirmações de muitos que atribuem carácter de autenticidade ao sudário de Turim e sobre o qual o conferencista prometeu escrever um artigo destinado a esta revista.

Foi, de facto, uma lição proveitosa para muitos que se encontravam na sala e que abandonaram o recinto com ideias formadas acerca de um assunto que tem apaixonado muitas pessoas cultas.

Também no dia 23 o nosso director realizou a sua conferência intitulada «A Vida de Além Túmulo», em continuação da primeira do mesmo título e que muito interessou os assistentes.

Tratou da geografia do plano astral e das condições de existência no Além, sempre à luz de um racionalismo positivo e apresentando analogias interessantes que tornaram compreensiva a sua exposição.

Falou da situação dos desencarnados e demonstrou a influência das crenças religiosas nos indivíduos, que formam imagens mentais perduráveis susceptíveis de se reflectir com aspectos de miragem no mundo onde passam a viver e referiu-se largamente aos céus e aos infernos dessas almas, ou seja ao prémio e ao castigo que as aguardam, aplicados não por um Deus façanhudo e intransigente, mas pela própria consciência.

Resumindo a bela exposição que fizera, declarou que, no mundo astral, como lhe chamam teósofos e ocultistas, cada um continua a ser artífice do seu futuro.

Esta conferência foi amàvelmente gravada pelo nosso confrade e amigo sr. Fernando Iglésias Percheiro, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

COLECÇÕES DE ESTUDOS PSÍQUICOS»

Temos em depósito muitos volumes de *Estudos Psíquicos* encadernados em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços:

1.º	volume	120$00
2.º	»	120$00
3.º	»	120$00
4.º	»	95$00
5.º	»	95$00
6.º	»	95$00
7.º	»	100$00
8.º	»	100$00
9.º	»	100$00
10.º	»	100$00
11.º	»	95$00
12.º	»	95$00
13.º	»	95$00
14.º	»	95$00
15.º	»	95$00
16.º	»	95$00
17.º	»	95$00

TRABALHOS DO CENTRO EM JULHO DE 1957

Grupo «Allan Kardec»

Todas as 2.as feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Ria 2, Terça-Feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Dia 14, Domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «A Vida de Além-Túmulo» — III — (As aspirações e ocupações das almas, os companheiros, as comunicações com a Terra, o segundo sono, a reencarnação ou volta ao mundo físico).

Dia 21, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 30, Domingo, às 16 horas — Sessão de encerramento dos trabalhos do Centro com uma conferência do Dr. Ramos Pereira, intitulada «Os Problemas Sociais e o Cristianismo».

***Nota** — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia.*

ECOS DE UMA VIAGEM

Devido à aglomeração de original fomos obrigados a retirar deste número a secção «*Ecos de Uma Viagem*», do que pedimos desculpa aos leitores.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Junho — Tatwa «Elefas Levi», de Vendas Novas, 100$00; Joaquim F. Sismeiro, 25$00; Romão Saragoça Velez, de Campo Maior, 2$50; I. S., de Lisboa 20$00; J. C. Chelmicki Affilalo, 200$00; A. L. F., de Lisboa, 20$00. *Total — 367$50.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$50
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00	35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00	35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00	35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00	38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00	38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00	35$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-à a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo	50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	25$00
Enigmas da Psicometria	28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	26$00
Xenoglossia	32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	40$00
Casas Mal-assombradas	50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	75$00
Narrações do Infinito	30$00
Urânia	40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

	br.
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00	28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado	48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas—enc.	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel*	70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm

10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

A nova sede da União Espirita Mineira

(Ver pág. 256)

CONTÉM: Ideias, da **Redacção**; O Mestre da Nova Revelação, por **Pedro Alvarez y Gasca**; Morreu Cecília, por **Um Poeta**; O Bom Samaritano, por **Octávio de Marialva**; Transformação Psíquica de Uma Parábola, por **José Martín**; Os Discos Voadores, por **E. Birnbaun**; Gabriel Delanne, por **Hubert Farestier**; Um Rei Espirita; Sociedade Pró-Livro Espirita em Braille, pelo **Marechal Mário Travassos**; Pena de Morte, por **Alfredo Miguel**; Ecos de Uma Viagem - XXX - A Recepção e a Obra, por **Isidoro Duarte Santos**; Eu Sou Médium!; Grupo da Humildade; Solidão Incompleta, por **Rocha de Sousa**; Carta Aberta aos Irmãos Católicos, por **José Francisco Cabrita**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas e Comentários; Noticiário.

18.º ANO AGOSTO DE 1957 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Henrique Magalhães — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
João Coragem — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Araúá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Zalmino Zimmermann — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO | LISBOA, AGOSTO DE 1957 | N.º 8

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

IDEIAS

Há dois meios de combater ideias: com outras ideias ou com silêncio oportuno. O combate atrabiliário é sempre inglório. Sendo arma de dois gumes, às vezes fere o gladiador, deixando o objectivo incólume.

A luta exige aprumo, generosidade, e, sobretudo, lealdade e verdade. Quem não tiver estes predicados, o melhor é desistir. Ataques incongruentes, preconcebidos ou sistemáticos, carecem de valor ideológico. Crítica não é verrina, boca não é sargeta. Ideias combatem-se com ideias.

O lutador de escol tem boa intenção, serve causas nobres e estende as mãos, quando está errado. Mas nunca pisa o contendor, se adrega a vencer a batalha. Nunca pisa o contendor de arma igual à sua. É covardia e necedade.

Com ideias, sim, o combate é belo, revela caracteres elevados. Põe-se tudo na arena: força, inteligência, conhecimento. E também se põe generosidade, como quem diz ao adversário:

— Olha, isto é a minha ideia. Se tens alguma que se lhe avantaje, apresenta-a. Aceitá-la-ei, se for melhor, se tiver mais lógica, se trouxer mais paz, se der mais felicidade.

O outro opõe-lhe a sua, medem-se no próprio mundo e não é difícil resolver. Basta um pouco de bom senso. A que for melhor ganhará, sem retaliação, sem acrimónia, pela força das circunstâncias.

Esta, a primeira forma de combate.

A outra é o silêncio oportuno.

Balmer diz que as ideias morais estão no nosso espírito: na razão que as conhece, na vontade que as anima e no coração que as sente.

Sendo assim, que vale responder a plumitivos sem autoridade, mesquinhos no linguajar e no pensar? Mais conveniente será trabalhar em coisas positivas.

O repouso é organizador. Reconstitui as forças, reacende as energias. O silêncio é defesa instintiva. Todos os programas se esboçam no silêncio da meditação. O cálculo, a perspectiva do esforço, a via sinuosa do triunfo, tudo é feito em silêncio. Só o espírito comanda, voluntariosamente, a medir os prós e os contras. No silêncio analisa a obra alheia e no silêncio procura dominá-la ou superá-la.

Quem perde o tempo a medir as obras que lhe são contrárias, tempo não tem para as suas. Melhor se não faz do que encher minutos a erguer monumentos imperecíveis. Esses estão patentes aos olhos do mundo. Não se alicerçam na pedra quebradiça. Sua raiz mergulha nas almas. Onde elas vão, eles vão. São deste mundo e do outro.

Portanto, esta é outra forma de combate.

O aforismo «quem cala consente», nem sempre se aadpta ao silêncio do homem. Cala-se a trabalhar na obra, a retocá-la, a remodelá-la. Quem está convicto não receia ideias estranhas. Caminha livremente, se o deixarem. E vence livremente...

Ideias combatem-se com ideias. O aprumo é táctica dos fortes. Se o ideal é negativo, de que servem fanfarras a divulgá-lo? É trabalho em pura perda.

Machado de Assis desabafou uma vez:

— Há ideias que são da família. Que moscas teimosas! Por mais que as sacudamos, tornam e pousam!

Semelhantes a ideias que às vezes se erguem para destruir as nossas, só valem pela teimosia. Em vez de as sacudir, como se faz às moscas, o melhor é arranjar-se um mosquiteiro.

Entretanto retoma-se o trabalho e continua-se a erguer a obra. Se for elevada e humana ver-se-á de longe, muito acima da nós mesmos.

O Mestre da Nova Revelação

Por PEDRO ALVAREZ Y GASCA
(Correspondente no México)

III

A aparição de «O Livro dos Espíritos» marca o princípio da fase mais laboriosa e fecunda da vida do Mestre. Esta fase abarca os últimos doze anos da sua existência. Habituado às disciplinas intelectuais, o seu trabalho cada vez mais intenso não perde as características de sábia organização que lhe permitem copiosas produções de qualidade uniforme. Compreende o que a sua obra significa e possui ampla visão que o leva a escolher com grande acerto os temas mais importantes que lhe facilitem a compreensão da doutrina.

A publicação de «O Livro dos Espíritos» seguiu-se à fundação de *La Revue Epirite*, cujo primeiro número saiu no dia 1 de Janeiro de 1958. Em 10 de Abril do mesmo ano fundou a Sociedade Espirita de Paris. Em 1860 fez uma viagem de propaganda ao sul da França. Nos primeiros dias do ano seguinte apareceu «O Livro dos Médiuns», obra importantíssima que completa «O Livro dos Espíritos» e que vem confirmar, uma vez mais, a posição da nova escola como estrictamente científica e filosófica, tirando à mediunidade todo o aspecto misterioso ou sobrenatural e apresentando-a como fenómeno natural, cujas diversas modalidades nos é dado observar e investigar.

De 1862 data a carta «Aos Meus Queridos Amigos e Irmãos de Lião» e «O Que é o Espiritismo», assim como a refutação aos ataques dirigidos ao Espiritismo do ponto de vista materialista, científico e religioso. Em 1864 publica «Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo» e realiza a segunda viagem de propaganda a Bruxelas e Anvers. Em 10 de Agosto do ano seguinte surge «O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo». Em 1867, terceira viagem, tocando em Bordeus, Tours e Orleãs. Em 1868 aparece «A Génese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo».

Não sabemos se este enorme trabalho teria contribuído para a doença que o vitimou. Parece que não foi assim e que a sua doença se desenvolveu insensìvelmente, manifestando-se para lhe dar o golpe de morte. Se é verdade, não há dúvida que teve claro pressentimento do seu fim. Contava então 64 anos de idade, que, na Europa, onde o índice de vida é muito mais alto do que o nosso, não é, de forma alguma, idade decrépita, mas de completa maturidade. Contudo, aplicou-se afincadamente à organização do Espiritismo, formando uma sociedade para continuar a sua missão e dando instruções precisas para depois da sua morte.

No dia 31 de Março de 1869, sem estremecimentos de angústia, abandonou as plagas terrenas esse espírito extraordinário que deixou uma das obras mais transcendentes de todas as épocas, ao esclarecer racionalmente o enigma da morte e da vida no Além, acerca do qual os homens, durante milénios, só tiveram vislumbres de verdade, sem outro apoio, além da própria fé.

E se esta obra, por constituir uma revelação, pertence ao mundo espiritual, não foi pequena a parte que o mestre nela deixou ao organizá-la num corpo de doutrina tão completo, tão lógico e tão coerente e iluminando-a com atiladas observações e explicações e convertendo-se em seu principal propagandista e em seu inteligente defensor.

Ter descoberto a lei da relatividade do conhecimento particular do espírito; ter classificado o mundo espiritual em categorias que nos permitem avaliar a elevação dos seres e seus conhecimentos, assim como a verdade ou falsidade de suas afirmações; ter, enfim, apontado as características da autêntica revelação, eis o grande esforço kardeciano que revela a obra pessoal do mestre.

A revelação do século 19 requeria como colaborador um homem de ciência de ampla visão, com sentido de responsabilidade e firme critério, capaz de conseguir que tal revelação não se perdesse nos erros e superstições que a humanidade acumulou através dos séculos. E que essa revelação, longe de converter-se em fanatismo e obscurantismo,

como sucedeu às anteriores, brilhe com a luz da verdade na aurora do mundo futuro. Esse homem foi Allan Kardec.

A vida de Allan Kardec caracteriza-se por dois elementos aparentemente antagónicos e que é muito raro encontrar reunidos nos grandes caracteres: dinamismo extraordinário na acção e grande serenidade nas obras e nos juízos. Foi trabalhador fecundo e lutador infatigável. Depois de dar forma à doutrina espírita, dedicou-se a propagá-la; depois de se constituir em seu arauto, converteu-se no seu apologista. Foi um polemista de garra. Eu não lhe chamaria «hábil polemista». Estas palavras sugerem um homem cheio de recursos engenhosos, de subtilezas, de jogos de palavras e de sofismas, susceptível de alterar o significado dos conceitos, de torcer as interpretações ao seu gosto e à sua conveniência, brincando com a linguagem e as ideias. Nada disto encontramos em Kardec. Limita-se a expor a verdade com clareza o concisão. A sua habilidade consiste em saber aproveitar o valor e a força invencível da verdade. Apresenta-a com tal relevo, relaciona-a tão lògicamente com as verdades estabelecidas, que todas as suas razões se tornam contundentes.

Estava rodeado de inimigos. De um lado, o fanatismo religioso com a sua intransigência tradicional. De outro, o materialismo a querer apoiar-se na ciência. Depois, os científicos impregnados de materialismo, devido à vaidade dos seus conhecimentos. E também os cépticos, os mofadores e os indiferentes. Para todos tem argumentos e razões que ninguém pode controverter. Para responder aos partidários da intransigência religiosa, cita a concordância entre o Espiritismo e a religião, demonstrando assim que o mais puro e elevado da religião não se opõe ao Espiritismo, mas encontra nele plena confirmação. Ao materialista científico e ao científico materialista responde que não compete às ciências da matéria emitir opinião sobre a existência de Deus ou do espírito, por não serem objectos do seu estudo; que o Espiritismo é uma ciência e por isso é erro grave combatê-la sem examiná-la; que para estudar uma nova ciência é necessário buscar, para os seus fenómenos, novas causas, novos efeitos e novas leis, e que é outro erro grave querer submetê-la aos princípios que regem ciências totalmente diferentes. Além disso — dizem os espíritos — a verdadeira ciência não pode ser ateia; basta aplicar o seu próprio axioma: «não há efeito sem causa», para que a razão descubra a causa da vida e do universo. Aos cépticos, aos mofadores, aos indiferentes, faz-lhes compreender que o Espiritismo trata de assuntos demasiado graves e profundos, para que se justifique atitude tão pouco séria e indigna do homem de senso, com sentimento de responsabilidade.

Mas o mais admirável da obra kardeciana é, talvez, essa lógica tão convincente; essa harmonia tão bela entre as partes que a integram; essa vinculação tão profunda entre os seus postulados e a própria vida, na qual se confirmam as suas teorias. A revelação kardeciana ilumina os factos obscuros da vida e explica-os. É a única que tem podido conciliar as aparentes injustiças da vida com a justiça e sabedoria divina. Nunca as religiões conseguiram dar explicação satisfatória às diferentes posições e sofrimentos da vida; ao nascimento na opulência e na miséria ou num corpo são ou doente e à posse de grandes faculdades junto à de cérebros obtusos e desequilibrados. Nem os povos que conheceram as doutrinas do Karma e da Reencarnação — verdadeiras chaves destes mistérios — puderam explicá-los tão claramente.

A MORAL ESPIRITA

É indubitável que a moral tem constituído sempre a cúspide dos conhecimentos humanos. Por cima do conhecimento das leis materiais está o conhecimento das leis espirituais. É a coroa sublime da ciência, da religião, da sabedoria. Existe, pois, moral espírita. Não vamos expô-la aqui, mas diremos que se resume na adoração a Deus e no cumprimento dos deveres fraternos levados até ao sacrifício. E não é esta a moral pregada há dois mil anos pelo Mestre da Galileia? Efectivamente, é a mesma. Mas, acaso a doutrina do perdão das injúrias e pagar o mal com o bem não se encontram na moral búdica, seis séculos antes do Nazareno? E os Mandamentos de Moisés, esse primeiro código de moral, não constituem uma ampliação dos cinco mandamentos da moral bramânica? Repetimos: as maiores verdades espirituais foram conhecidas pela humanidade desde os primeiros tempos, porque Deus permite que elas sejam faróis que iluminem o mundo e que as revelações e os mestres ampliem o horizonte, clarificando os conceitos e tornando essa luz mais potente.

Os inimigos do Espiritismo, não encontrando um só ponto vulnerável na moral es-

pirita — basta isto para dar ideia da sua pureza e elevação — dizem que é a moral cristã e, como esta se encontra nos Evangelhos, a moral espirita é excrescência inútil.

Aceitamos que a moral espirita, na sua essência, é a mesma de Jesus, mas cremos que o Espiritismo, como todas as revelações, trouxe o seu grão de areia para maior amplitude do conceito moral e melhor conhecimento das grandes verdades.

Não é possível negar que a doutrina do Rabi da Galileia vem sendo desfigurada através dos séculos com a introdução de modificações e transacções convencionais, como a do perdão dos pecados por meio da confissão, convertendo-a, de culto interior — simples e grandioso ao mesmo tempo —, de adoração a Deus e amor ao semelhante, num culto externo, aparatoso e frio, cheio de pompas teatrais e ermo de elevado culto espiritual. O Espiritismo tem, pois, duas tarefas a respeito da moral que já começou a realizar:

1.ª — Devolver à moral, ou, antes, à moral humana, a pureza, simplicidade e profundidade que lhe deu o mestre Jesus.

2.ª — Explicar essa moral, tirando-lhe o carácter axiomático de verdade que não precisa de ser demonstrada, porque o conhecimento das leis morais e a demonstração do seu funcionamento é que convencerão os homens da necessidade de praticar a moral.

De uma forma ou de outra é necessário ampliar e esclarecer os respectivos conceitos.

Acerca do primeiro ponto, o Espiritismo começa por tomar a moral em sua essência, repelindo toda a concessão convencional, todo o acréscimo, dizendo que a moral só é válida na prática, mediante o cumprimento dos deveres fraternos. Não é moral quem conhece a moral, mas quem a pratica. As religiões têm poucos crentes verdadeiros, se entendermos como crentes aqueles que praticam as coisas em que acreditamos. A falta de estudo profundo e o aparatoso do culto chegaram a convencer a maioria de que a essência da religião se encontra nas cerimónias desse culto. Assistir a elas é cumprir deveres religiosos. Assistem a elas e retiram-se satisfeitos, mas a sua vida não muda em coisa alguma. Quem conhece a moral espirita encontra-se desnudo ante si próprio. Não pode ocultar as suas faltas, nem dissimulá-las, nem esperar que lhes sejam perdoadas por meio de actos e penitências externas. Não conta com falsas concessões e não pode enganar-se. Sabe que o que faz e não o que crê é que interessa.

Por outro lado foi o próprio mestre Jesus que tomou o encargo de devolver à sua obra o sentido e a pureza que lhe imprimira. Essa obra, continuada agora por ele, será o farol que guiará os duvidosos passos do homem para a grandeza do espírito.

Para ampliar os horizontes da ética humana, o Espiritismo investiga as leis que regem o mundo da moral. Um código de moral não é um conjunto de preceitos dados por grandes legisladores com o fim de orientar o porte dos homens para melhor conveniência, mas a expressão de leis universais que agem no mundo moral da mesma forma que as leis físicas do mundo material. O mestre Kardec regista dez leis essenciais. A maneira como elas se exercem é um capítulo aberto à investigação. A mecânica das acções é mecânica de forças. O pensamento e o sentimento são vibrações que se canalizam voluntariosamente para objectivo pessoal ou impessoal. Mas uma lei semelhante à que obriga o «boomerang» (arma usada pelos indígenas australianos) a voltar às mãos do que a lançou, faz com que estas vibrações volvam ao centro de origem e reajam sobre ele. Assim, o ser humano colherá o fruto das próprias acções. De outra forma não poderemos conhecer o verdadeiro sentido de máximas tão profundas e sábias como «Não desejes para os outros o que não queres para ti» e «Ama ao próximo como a ti mesmo».

E como a moral dá origem à fraternidade, o Espiritismo amplia também o conceito fraternal. A ideia de que somos naturalmente irmãos, não basta para ser fraterno. O Espiritismo, mostrando-nos o passado e o futuro do espírito, afirma a igualdade de todos os seres em suas origens, a igualdade em sua futura grandeza, a igualdade perante Deus.

Se contemplarmos um ser na maldade, amá-lo-emos e compadecer-nos-emos por um irmão extraviado, pois talvez já tenhamos sofrido alguns desregramentos, possivelmente superiores aos seus. Se contemplarmos um ser superior a nós, amá-lo-emos e respeitaremos, como a irmão maior, e ele nos amará, pois sabe que um dia chegaremos ao seu nível. E como o que fizermos aos semelhantes se realizará em nós, um dia chegará em que os homens vejam a projecção de si mesmos nos seres que o rodearem.

Chegados a este ponto, encontrar-nos-emos no pórtico da verdadeira fraternidade universal, o reinado de Deus na terra.

(Tradução de I. D. S.)

MORREU CECÍLIA

por UM POETA

Morreu Cecília.
Na tarde ampla
de sol e pássaros
morreu sem dor
ninguém sentiu
nem ela mesma!
Estava sorrindo
tinha cantado
fazia pouco...
e o passarinho
tinha voado
para a janela
do seu quartinho.

Morreu Cecília,
quem foi que disse?
Não, não morreu
ela viveu
para outra vida
que vai além
dos muros tristes
da existência
num mundo chão
contaminado!
Levou saudade?
Isso não sei.
Levou amores?
Não me pergunte.
Levou tristezas?
Oh, isso sei
levou, levou ...

Morreu Cecília,
mas não morreu
quem foi que disse?

Não sejam tolos
ela viveu.
Os irmãozinhos
andam chorando ...
a mãe tão triste
anda rezando ...
e o pai saiu
para não chorar ...

Morreu Cecília ...
Quem vai cantar?
As carpideiras
vão demorar ...
Oh, não
estão aí,
não faltam nunca
e um canto triste
enche a casa.
Havia, antes,
o canto alegre
de Cecilinha ...
subia às árvores
subia às nuvens
subia aos céus!
Trazia os pássaros
em revoada
e a luz brincando
entrava no quarto
deitava no chão
corria pela casa ...
a luz do sol
seu bom irmão.

Morreu Cecília,
quem foi que disse?

Ela viveu ...
Levou lembranças?
De quem?
Levou mais dores?
Oh, não, senhor.
Levou tristezas?
Oh, isso sim!
Sei que levou.
Uma tristeza maior
que as outras tristezas
que nós guardamos:
de todos ficarem pensando
que ela morreu.
Mas isso não
fêz-se um passarinho
voou ... voou ...
e foi pousar
no ombro manso
de seu Senhor.
Só essa tristeza:
de ficarem pensando
aqui na Terra
seus irmãozinhos
sua mamãe
e seu papai,
entre saudades
e alguns choros,
que ela morreu.
Mas não
oh, não, senhor!
É bem verdade
que ela viveu!

(Recebido pelo médium F. Luciano)

O BOM SAMARITANO

por OCTÁVIO DE MARIALVA

Ergueu-se, então, um doutor
que era da lei de Moisés,
e disse, para o tentar,
ao Mestre, junto a seus pés:
— «Que hei eu fazer para entrar
na posse da eterna luz?»
Perguntou-lhe, pois, Jesus:
— «Que está escrito na Lei?»
E logo, este respondeu:
— «Amarás sempre a teu Deus,
de todo o teu coração,
e ao teu próprio semelhante
como se fosse um irmão».
Volveu aqui, novamente,
o sábio doutor presente:
— «E quem é o semelhante?»
Prosseguindo no discurso,
com ternura desbordante,
o Mestre contou a história
mais bela de que há memória:
— «Um homem baixava um dia
da verde Jerusalém
sobre a seca Jericó,
que só palmeiras contém.
E eis que os salteadores
deitaram-lhe as mãos perversas
roubando-o do que levava
em ataduras diversas;
e depois de o maltratarem
com feridas dolorosas,
deixaram-no meio morto
sobre as pedras escabrosas.
Ora aconteceu, porém,
que pelo mesmo caminho
um sacerdote passando,
fez que não viu o vizinho.
Do mesmo modo, um levita
chegando perto ao lugar,
e vendo o triste a gemer,
passou de largo, a sonhar...
Mas veio um samaritano
que seguia em solidão,
e quando viu o pobrinho,
moveu-se de compaixão.
E atando-lhes as feridas,
lançando nelas o vinho
misturado com azeite,
pôs-se outra vez a caminho.
Levava consigo o homem
na sua cavalgadura,
chegando por fim os dois
a uma estalagem segura.
E ao outro dia tirou
uns denários do bolseiro,
e deu-os, alegremente,
ao seu estalajadeiro.
E disse-lhe ainda mais:
— «Toma cuidado com ele;
e tudo o que precisar,
eu pagarei, ao voltar».
Terminando de contar,
o Mestre disse ao doutor:
— «Qual destes três te parece
foi semelhante do homem
que caíu entre ladrões
e andou da sorte aos baldões?»
Replicou logo o doutor;
— «Foi o bom samaritano,
que mostrou ter sentimento
mais fraternal e humano».
Jesus ficou a cismar,
mas a sua esguia mão
era como se indicasse:
Faz o mesmo a teu irmão!

TRANSFORMAÇÃO PSÍQUICA DE UMA PARÁBOLA

Experiência com a sensitiva Adela Albertelli

Por José Martin

Nas experiências realizadas com a senhora Adela Albertelli apresentaram-se-nos fenómenos, nos quais a sua memória inconsciente pareceu intervir ou se produziram leituras paranormais, visto que alguns dos seus trabalhos correspondiam a temas publicados em revistas ou livros, embora se notasse a acção de uma inteligência, sem ser a da médium, que seleccionou, corrigiu ou adaptou o publicado à forma espirita.

Este facto só o comprovámos com escritos e recepções auditivas em Castelhano. Contudo, observando os temas desenvolvidos, é provável que muitas xenografias obtidas tenham a mesma procedência. Por outro lado, estes casos não seriam novos, pois já Bozzano, na sua «Mediunidade Poliglota», menciona como fenómenos de pseudoxenoglossia, a leitura e reprodução do conteúdo de livros fechados, acrescentando que as personalidades mediúnicas consultadas declararam ter procedido assim para dar provas de sua presença espiritual.

Durante as nossas experiências com esta sensitiva, a ocupação de seu marido era lavar e passar a ferro a roupa de marinheiros pertencentes a barcos surtos no porto de Rosário. Às vezes a senhora Albertelli encarregava-se de analisar essas prendas. Assim, cabe talvez perguntar (tendo em conta a origem estranha de seus dons) se o seu contacto não lhe excita as faculdades parapsíquicas, à semelhança dos metagnomos pragmáticos.

Devemos advertir também que o marido costumava levar para casa revistas de outros países que lhe ofereciam aqueles tripulantes, embora a médium não prestasse muita atenção a tais ilustrações. É bastante improvável que se tenha posto a ler, palavra por palavra, artigos escritos em idiomas desconhecidos para ela. Eis, porque se torna mais aceitável, se admitirmos a hipermnesia (captação global das páginas reproduzidas) instantânea e não pausada, quase diríamos fotográfica.

Não se pode também rejeitar a leitura, vocábulo a vocábulo, em estado inconsciente. Pois não haverá possibilidade de que muitas coisas que parecem adquiridas por percepção extra-sensorial sejam realmente apreendidas pelos sentidos físicos, mesmo que o sensitivo permaneça inconsciente? Neste estado pode haver aumento da capacidade normal do sujeito para adquirir conhecimentos que não exijam ultrapassagem dos sentidos vulgares.

Estas suposições não explicam os fenómenos produzidos pela senhora Adela, nem sequer os escritos em idiomas estrangeiros. Com efeito, alguns há de carácter espirita e outros que tratam directamente dos seus dotes psíquicos. Por outro lado, um idioma desconhecido exigiria da médium, não só memória visual, mas também auditiva.

Além disso, houve correcções nos textos, como se quem os escrevia conhecesse o idioma usado, e as mudanças de letra foram numerosas, conservando a sua modalidade em cada trabalho, até mesmo naqueles que eram concluídos em dias posteriores. Assim aconteceu com um relato em alemão desenvolvido em quatro sessões diferentes. Embora os escritos estivessem separados por algumas semanas e entre eles outros com letra diferente, os quatro mantiveram a mesma grafia e o relato foi exposto integralmente e coerentemente.

Procurámos em revistas estrangeiras artigos que pudessem ter sido captados pela sensitiva, mas até agora a pesquisa foi infrutífera.

Em castelhano, pelo contrário, conseguimos localizar alguns que ela tinha lido e nos quais se operavam curiosas transformações. Houve outros no mesmo idioma que tratavam de assuntos, cuja índole torna improvável a leitura pela médium. Na verdade, tanto ela como o seu filho consideram difícil que ela tocasse nessas publicações e muito mais que se pusesse a ler coisas que não lhe interessassem ou não entendia. Neste último caso fica de pé a hipótese da leitura em estado inconsciente.

Assim mesmo é difícil que lhe tenham chegado às mãos revistas em línguas pouco conhecidas ou de trabalhosa identificação. Contudo, acabamos de receber um exemplar de *Psychic News* (n.º 1.252 de 2 de Junho de 1956), no qual se anuncia que a Gypsy Lore Society of Liverpool University (sociedade britânica que se ocupa do folclore cigano) estabeleceu que um dos escritos da senhora Albertelli é uma poesia pertencente a um dos dialetos europeus do *romani* (língua dos ciganos). A médium, ao fazer uso das faculdades psíquicas, tinha falado anteriormente em castelhano. E — coisa notável — alguns versos coincidem exactamente com a versão que

se deu a conhecer no periódico inglês. Houve mais confirmações que daremos noutro trabalho. Por agora, a nossa intenção é fazer notar a impossibilidade quanto ao facto de a sensitiva ter visto uma poesia nesse dialecto, o que se complica mais ao demonstrar-se o rigor da tradução mediúnica efectuada.

II

Depois destas observações vamos dar a conhecer a transformação de uma parábola noutro sentido diferente, sem que a consciência da sensitiva nela interviesse e cujo exame assinala um processo inteligente de elaboração.

Nos primeiros meses de 1954, a médium tinha lido «El Erial», de Constâncio C. Vigil, onde figura uma parábola (a 3.ª do Capítulo 12) que se refere à guerra e que reproduzimos a seguir:

UM NEGÓCIO

Dormitava Caim na caverna da ignorância e ouviu dizer com voz irónica:

— Levanta-te, Caim!

Caim saiu e perguntou:

— Que é?...

— Hás-de vir connosco.

— Onde me levais?

— À guerra. Dar-te-emos uma espingarda e matarás os que puderes.

— Quem são?

— Não os conheces. Estarão muito longe.

— E eles que farão?

— Também te hão-de querer matar. Se o conseguirem, paciência.

— E eu saio com vida?

— Gozarás com o regresso a casa.

— Já cá estou. Isso não é estúpido?

— Não, Caim, não é. Vê quantos o aceitam com furioso entusiasmo.

— Bem. E que me dareis?

— Já o dissemos: uma espingarda.

— Nada mais?

— Vamos, decide-te! Se pelos actos de arrojo te fizeres digno dela receberás uma medalha para pôr no peito.

— Ah! Caramba! Isso é outro cantar! Venha a espingarda!

★

Em 11 de Junho do mesmo ano a senhora Albertelli ouviu uma voz que disse pertencer a um tal Salvador Salvatierra, pedindo-lhe que recebesse um ditado. Assim fez. Uma vez iniciado, foi-nos repetindo o que ouvia, para que tomássemos nota.

Em seguida daremos a recepção auditiva completa. Como se verá, não é mais do que a parábola «Um Negócio», que acabamos de transcrever, embora transformada e mais extensa. E as frases aplicadas de tal maneira, que significam coisas diferentes. E em vez de ser uma parábola sobre «A Inutilidade da Guerra», converte-se numa parábola sobre «A Voz da Consciência». Diz assim:

UM CHAMAMENTO

Em noite fria de Agosto de 1840 ouvia-se um assobio nas ruas de Buenos Aires seguido de voz forte que dizia:

— As doze badaladas deram serenamente. O ar está frio. A lua escondeu-se entre nuvens!

Assim gritava um homem indolente, com uma vela acesa na mão.

No mesmo instante, Rosas dormitava no leito do seu aposento e ouviu dizer em voz ameaçadora:

— Levanta-te, Caim!

Outro chamamento lhe vibrou aos ouvidos:

— Levanta-te, Caim!

Caim saiu do aposento, raivoso como um tigre, e disse:

— Que é?

— Vem comigo.

— Aonde?

— Não perguntes quem somos, nem de onde vimos. Vem connosco.

— Só, não irei. Se quiserem irei com o capitão Cuitiño.

E com um silvo, Caim chama o capitão. Este apresenta-se e Caim exclama:

— Diz à Mazorca que se ponha em guarda. A ti dou-te esta espingarda para matar estes homens, façam o que fizerem contra nós.

— Quem são eles, que não se vêem?

— Estão muito longe, não os conheces.

E Cuitiño pergunta:

— E que farão eles?

— Suponho que me quererão matar. Se o conseguirem, paciência. Se sair com vida, gozarei o regresso.

— Vamos então — disse o capitão.

Os dois saem em grande entusiasmo e gritam à Mazorca:

— Alerta!

— Alesta está!

Três soldados seguem-lhes os passos. Caminham através das ruas de Buenos Aires e por um parque frondoso.

— Bem. Podemos agora saber onde vamos? — pergunta Cuitiño. — E que me dareis por esta companhia fora de horas?

— Já to disse: uma espingarda com coronha de marfim.

— Nada mais?

— Vamos, decide-te! — diz Caim. — Se te notabilizares receberás uma medalha com fita para a colocares no peito.

— Ah! Bem! — disse Cuitino. — Isso é outro cantar! Venha a espingarda!

Seguiram para a Recoleta. Antes de lá chegar deram-lhe ordem de detenção. Apareceram três cavalheiros montados em cavalos brancos. Os três homens da Mazorca estiveram atentos. Nada viram.

E um dos cavaleiros disse a Rosas:

— Vai para casa com os teus verdugos.

O capitão perguntou com medo e amabilidade:

— Quem são vocês e que desejam?

— Somos e não somos ninguém...

Então Rosas, o Caim, compreendeu que era «o chamamento da consciência».

NOTA — *Juan Manuel de Rosas* foi um ditador argentino em cujo governo houve fusilamentos sem processo, perseguições e confiscações dos bens de seus inimigos políticos. Foi então fundada a *Mazorca*, sociedade formada com trabalhadores dos matadouros e delinquentes, cuja finalidade era semear o terror na população, cometendo toda a classe de atropelos. *Ciríaco Cuitiño*, verdugo argentino, foi um dos principais componentes da Mazorca. A *Recoleta* é um cemitério de Buenos Aires.

(Tradução de I. D. S.)

B O N S L I V R O S

Não há nada como os bons livros para formar o carácter e elevar o espírito.

Estudos Psíquicos **possui uma livraria copiosa que lhe proporcionará boa leitura.**

OS DISCOS VOADORES

Por E. BIRNBAUM

Há dois pontos de partida para o estudo do problema dos *Ufos*. Um parte da opinião de certos meios espiritistas e de revistas ocultistas que julgam que se deve tratar de espíritos materializados. O outro parte de pessoas que se ocupam teórica ou pràticamente dos problemas da aviação, dos estudos dos foguetões e do foguetão interplanetário.

O articulista é um velho aviador da guerra mundial e desde lá para cá sempre se interessou pelo desenvolvimento da aviação e também dos foguetões e do foguetão interplanetário. Compreender-se-á que, neste caso, se vá um passo mais longe e que se dedique também ao estudo do problema dos *Ufos*. O autor é possuidor de quase todos os livros que apareceram em língua alemã e que tratem do problema dos *Ufos*; além disso é assinante de todas as revistas especiais nacionais e estrangeiras escritas em língua alemã.

Sobre os *Ufos* — o nome pires-voador é pouco próprio — em todo o mundo já se escreveu muita coisa. Além dum certo número de livros — alguns duvidosos, outros dum conteúdo que se deve tomar como sério — existe em todo o mundo uma grande quantidade de revistas técnicas sobre *Ufos*, entre elas 26 americanas e 9 inglesas. Um livro que se deve tomar a sério, principalmente quanto a questão de aviação, é o do major americano Keyhoe: «O Espaço Aproxima-se de Nós». Neste livro encontra-se a fotocópia da carta do oficial à Imprensa do serviço técnico americano referente aos segredos da arma aérea, na qual se diz que as informações referentes aos *Ufos*, que até agora se mantinham em segredo, tinham sido divulgadas e que a aviação militar partilhava da opinião de que os *Ufos* eram de procedência extra-planetária.

Até que ponto são verdadeiras as informações referentes a aterragens e encontros com passageiros dos *Ufos*, em especial de voos que habitantes da terra fizeram neles é difícil determinar. Não se quer negar essa possibilidade.

Quanto ao carácter de espíritos desmaterializáveis atribuído aos ocupantes dos *Ufos* devemo-nos pôr de sobreaviso. O que se tem fantasiado neste sentido é incalculável! Lembrem-se que numa revista de ocultismo se publicou uma profecia referente à aterragem em massa de *Ufos* em Julho-Agosto do ano passado, e isto em face do relatório duma sessão dum centro espirita de Berlim. Parece desconhecerem que grande percentagem de informações do Além, em sessões espiritas, provêm do subconsciente dos médiuns, sem que se trate de fraude.

A pergunta sobre a procedência dos *Ufos* já foi muito discutida e formaram-se muitas opiniões contraditórias. Se se ponderar que a distância até as estrelas é calculada em «Anos-Luz» e que a luz percorre 300.000 quilómetros por segundo, parece pouco crível que os *Ufos*, conforme diz Odamski, provenham de Vénus. Se se pensar que o planeta Marte de 15 em 15, ou de 17 em 17 anos se encontra próximo da Terra e que essa distância mede apenas 56 milhões de quilómetros e que a Lua se encontra, em média, à distância de 380.000 km da Terra; supondo que uma aterragem se possa realizar nela, então a possibilidade de que os *Ufos* provenham de outros planetas já parece mais aceitável.

O professor Wernher van Braun, construtor do foguetão alemão V-2 e que hoje trabalha no *Instituto de Investigação Americano para Foguetões Destinados a Atingir a Lua*, é de opinião que a permanência na Lua em vestuário especial, respectivamente em compartimentos subterrâneos, é absolutamente possível.

Quem conhecer «O Grande Livro da Aviação», que apareceu em 1956 na Casa Editora Ensslin, sabe que um dos investigadores alemães de foguetões que trabalham nos Estados Unidos da América (o Dr. Walter Dornberger) delineou o projecto de um foguetão para passageiros que, atingindo 14 vezes a velocidade do som, voando a altura de 45 km, poderá percorrer a distância de Nova Iorque até Berlim em 90 minutos. Um foguetão auxiliar para a deslocação leva o foguetão «pequeno» para passageiros até 20 km de altura, onde o último se desliga, subindo em 136 segundos — pelo empurrão de 34.000 K.^{os} (Em foguetões e motores a jacto não se mede por HP) — até a altura de 45 km. Em seguida desce em voo planador até ao seu destino. Um aquecimento da cabine não se deve temer por a sua partida se realizar fora da atmosfera terrena. Os primeiros modelos para ensaio, guardados à vista, já se encontram prontos no hangar de montagens das fábricas — Bell em Búffalo, Estados Unidos. Calcula-se que nos próximos dez anos se possam realizar esses voos regularmente.

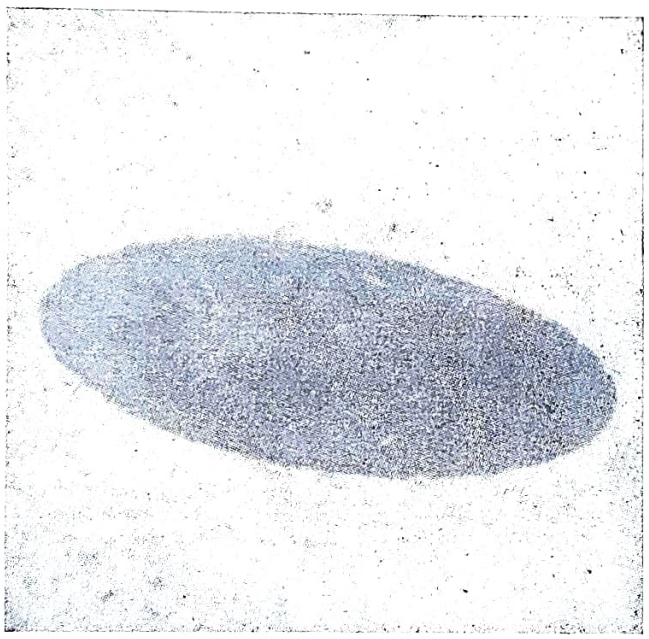
Se nesse caso já se conseguem velocidades tão extraordinárias, não nos devemos admirar se os *Ufos* que, sem dúvida estão adiantados de nós muitas centenas de anos, atinjam velocidades incompreensíveis para nós.

Há pouco tempo os jornais quotidianos traziam

uma notícia sobre «discos voadores». Apareceu numa casa editora de Munique um livro sobre as armas secretas alemãs da última guerra. Entre outras coisas fala-se em discos voadores, que se construiram sobre projectos de três engenheiros alemães e um italiano. A primeira máquina para ensaios desta construção levantou voo em Fevereiro de 1945 nas proximidades de Praga. A velocidade atingida em voo planador foi de 2.000 km/h. Uma segunda construção que não se conseguiu experimentar antes do fim da guerra e que tinha a forma de disco com 42 metros de diâmetro, que trabalhava por foguetões, caiu nas mãos dos Russos. O seu construtor trabalha hoje no Canadá, mas diz-se que um dos três construtores se encontra na União Soviética. Provàvelmente, o autor do livro conclui que os *Ufos* actuais são construídos ou na América ou na Rússia. Mas esta conclusão é errada, pelos seguintes motivos:

1. As construções alemãs eram movidas a jacto, como se accionam hoje os caças modernos. Como toda a gente sabe, os motores a jacto fazem um barulho infernal. Mas os *Ufos* voam silenciosamente!

2. Os discos alemães atingiam a velocidade de 2.000 km/h, mas nos *Ufos* e aviões-base (aviões-mãe), que só foram vistos a alturas extraordinárias, as velocidades verificadas eram de 70 mil quilómetros por hora.



Um disco voador

3. Nenhum piloto de caças ficaria vivo, se com velocidades superiores a 3.000 km/h realizasse curvas e volteios tão rápidos, como se podem observar tantas vezes nos voos dos *Ufos*.

4. A barreira do calor: Se na atmosfera terrestre um avião voasse durante algum tempo a velocidades tão extraordinárias, em pouco tempo, ficariam em brasa e se derreteriam. Aos *Ufos* não acontece isso.

5. Nenhuma arma secreta — e isso seriam os *Ufos*, indubitàvelmente, se fossem de origem terrestre — voaria fora das fronteiras do seu país. Se houvesse um desarranjo e o *Ufo* tivesse de aterrar em território estranho, os segredos da sua construção iriam parar às mãos do adversário. Mas os *Ufos* avistam-se, conforme noticiam as revistas da especialidade e os jornais quotidianos, em todo o Mundo, mesmo no Pólo Norte e no Pólo Sul.

Que se sabe ao certo sobre os *Ufos*? Ao certo, não se sabe nada! Mas aproximamo-nos da verdade, como veremos em breve, em face dos destroços de um *Ufo*, que teve o ano passado um desastre no Norte da Escócia.

De grande valor é a observação feita por um antigo oficial da aviação militar inglesa, Desmond Leslie (autor do livro «Discos que aterram»), na revista espirita inglesa *Two Worlds* (Dois Mundos). Leslie escreve:

«As suas tripulações (dos *Ufos*) são seres físicos de outros planetas físicos! Escreveu-se muita coisa referente aos *Ufos*, dizendo que se poderiam desmaterializar e que não se compunham de matéria. Isso é um erro. Os *Ufos* compõem-se de material cristalino, muito mais rijo que o aço. O seu aparecer ou desaparecer rápido, baseia-se em vários motivos, sem ser a desmaterialização. Um deles é a sua capacidade de aumentar de tal forma a frequência dos seus átomos, que desaparecem do espectro luminoso das nossas ondas visíveis. Mas, assim mesmo, tornando-se invisíveis, tornar-se-iam palpáveis para nós, se tivéssemos a pouca sorte de chocar com eles!»

Muito elucidativa foi a conferência que o Almirante do Ar e membro da Câmara dos Lordes, Lorde Dowding, realizou há pouco sobre os *Ufos*, ante um público convidado. Lorde Dowding, um dos espiritas mais notáveis da Inglaterra, declarou o seguinte, conforme um relatório publicado numa revista da especialidade:

«Os *Ufos* não são de construção terrestre, mas sim criações de entes extra-terrestres que nos excedem em muito em todos os sentidos. Conhecemos o material de que são construídos os discos voadores (devido à queda já mencionada de um *Ufo* no norte da Escócia), mas não estamos aptos a produzi-lo. Também conhecemos a sua forma de impulsão. Para impulsionar os Agregados, extraem a energia directamente do cosmos. Quanto mais alto voam, maior velocidade podem atingir.

Apesar de inumeráveis tentativas, não nos foi ainda possível copiar a aparelhagem cósmica que movimenta os *Ufos*. Em tudo que se refere ao mate-

Em todo o caso é para nós muito significativo que o espirita Lorde Dowding não dissesse que os *Ufos* são de proveniência oculta!

Reconheceu-se claramente uma coisa:

A força que move os *Ufos* é extraída directamente do cosmos. Isso parece-nos lógico depois de lermos num grande diário alemão um artigo que se refere a este problema e relata uma descoberta atómica de físicos americanos: segundo esse artigo conseguiram-se transformar raios cósmicos em corrente eléctrica. Esta força não tem origem no sol, nem na via-láctea, nem em qualquer estrela conhecida, mas sim nas chamadas «Supernovaen», estrelas gigantescas que, sendo para nós invisíveis, e que não conhecemos, se encontram nos confins do Universo e no estado de dissolução atómica. Quer dizer, explodem como bombas atómicas, mas no tamanho incalculável duma estrela, libertando ao mesmo tempo quantidades inconcebíveis de energia cósmica.

O mesmo artigo informa que existem quatro grupos de cientistas que trabalham para se conseguir a utilização prática destas energias do Universo.

Físicos nucleares franceses encontram-se no cimo das montanhas da África francesa, físicos ingleses escolheram para esse fim um planalto no Monte Everest, cientistas americanos trabalham nas Rocky Mountains e os russos escolheram para os seus trabalhos os planaltos do Pamir.

Todos os cientistas desejam realizar as suas pesquisas nas mais elevadas alturas para obterem a força cósmica mais forte.

E agora o grupo americano das Rocky Mountains conseguiu transformar energia radial cósmica em corrente, movendo com ela motores de ensaio, instalações eléctricas e caloríferos.

Está, pois, dado o primeiro passo para resolver o enigma da força impulsora dos *Ufos*. Aqui se encontra, por exemplo, a explicação de que a velocidade dos *Ufos* a grandes alturas é muito maior do que próximo da Terra, o que já muitas pessoas observaram e à qual se refere Lorde Dowding. Isto dá-se, porque ali a recolha da força radial cósmica é muito mais fácil e por isso aumenta o poder dos Agregados.

Reconhecendo essa circunstância, sabe-se que, para os *Ufos*, a distância dos seus planetas-base até ao nosso globo reduz-se pràticamente.

Finalmente, chama-se a atenção para outro facto interessante.

Num capítulo de «O Grande Livro da Aviação», lê-se:

«Em 1954 realizou-se em Insbruck o quinto congresso dos Astro-Náuticos. Reuniram-se 20 dos mais célebres especialistas do Mundo. Dezasseis deles recusaram-se a fazer qualquer declaração referente aos *Ufos*. O antigo presidente da União Astro-Náutica, Frederic Durance, declarou: «Seria naturalmente estúpido declarar que os *Ufos* não provenham doutros astros, pois ninguém comprovou o contrário».

O secretário da União, eng. Steiner, Suíça, disse: «Impossível não é. Os *Ufos* representam o problema mais difícil dos nossos tempos. Os discos devem provir da Terra ou de qualquer planeta, visto a Terra não ser o único astro onde possam existir seres racionais». O terceiro sábio, professor Oberth (o pai do foguetão), declarou que os *Ufos* provinham indubitàvelmente de outros planetas!

De momento, não se pode fazer mais nada. Aguardemos os acontecimentos!

Seria bom que se acabassem as fantasias ocultistas referente aos *Ufos!*

(Da *Zeitschrift fuer Wissenschaftlichen Spiritismus E. V., de Hannover* (Revista de Espiritismo Científico), traduziu Frederico Wermuth).

"A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores"

Pelo Espírito RAMATÍS

A obra mais sensacional deste século acerca da vida humana no planeta Marte. São revelações assombrosas decalcadas na ciência objectiva.

Trata do problema das aeronaves e das viagens interplanetárias, esclarecendo o enigma dos discos voadores, sua procedência, objectivo, força motriz, propulsão, velocidade, o voo estático, instrumentos e equipagens e sistemas de comando.

Outros capítulos abrangem filosofia, cosmografia, astronomia, ciência atómica, medicina, psiquiatria, ciências esotéricas, magnetismo físico, solução do moto contínuo, etc.

Trata também da vida da humanidade marciana: noivado, casamento, família, religião, cinema de quatro dimensões, alimentação, edificações, energia motriz, indústria e sistema de governo, etc.

1 grosso volume de 100 páginas — 100$00

ENVIAMOS ESTA OBRA À COBRANÇA

GABRIEL DELANNE

Por HUBERT FORESTIER

II

DIVERSOS ASPECTOS DA VIDA MILITANTE

Ao lado do sábio magnetizador Hector Durville, que acabava de criar em Paris uma Universidade de Altos Estudos — diríamos hoje Parapsicológicos — Gabriel Delanne aceitou o encargo da Secção de Ciências Espiritas. Leccionava todas as semanas, às terças-feiras, com grande proveito dos que o seguiam.

Em Junho de 1898 realizou-se em Londres um importante Congresso Internacional, onde Gabriel Delanne representava a França e a Itália espiritas. A comunicação que fez sobre as vidas sucessivas teve a maior repercussão.

Este mesmo ano assinalava o cinquentenário do Espiritismo, durante o qual Léon Denis e Gabriel Delanne fizeram várias conferências em Paris.

Janeiro de 1899 viu nascer em Paris a *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*, tendo como Presidente o Dr. Moutin e Vice-Presidente Gabriel Delanne que, em breve, assumiria a presidência. Até à morte, foi ele a alma desta activa sociedade. Sucedeu-lhe o sr. Lemoine, sábio e matemático eminente; também este último continua grandemente animado pelo interesse superior do Espiritismo.

A *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos* é que preparou o caminho à *União Espirita Francesa* — a segunda deste nome. Fundada por Jean Meyer com o concurso de Léon Denis e Gabriel Delanne, em 1919 tornar-se-ia a federação dos espiritas de França e da União Francesa. Mas não antecipemos.

A quarta obra de Gabriel Delanne, que contém a demonstração experimental da imortalidade: «A Alma é Imortal», apareceu em 1899, quando, por meio das suas conferências em Paris, na província, no estrangeiro, ele espalhava os ensinamentos espiritas, baseado sobre dados de observação.

Em Setembro de 1900 realizou-se, igualmente em Paris, o Congresso Espirita e Espiritualista Internacional. Nomeado Secretário Geral da Secção Espirita, Gabriel Delanne era o delegado da *Sociedade Fraternal de Lião*, da *Sociedade de Estudos Espiritas Magnéticos* e *Espiritas de Alexandria*, do *Circulo Espirita de São Remo* e da *Sociedade Allan Kardec de Porto-Alegre* (Brasil).

Infelizmente, a doença manteve-o em grande parte afastado dos trabalhos do Congresso, ao ponto de não se poder apresentar e desenvolver a comunicação sobre a reencarnação que se dispunha a submeter a esta assembleia mundial.

Em 1904 Gabriel Delanne conheceu o medium-músico Aubert — que mais tarde eu deveria também encontrar — e que, prodigiosamente dotado, interpretava ao piano, através da sua inspiração, as obras dos grandes Mestres desaparecidos.

Em 1905 toma parte activa no Congresso Espirita de Liège, e prossegue nas suas conferências. Nos primeiros meses deste ano adopta uma garotinha de alguns meses, que rodeou de grande ternura paternal, pondo assim em prática as suas convicções espiritualistas.

No mesmo ano fez uma estadia em Argel, onde se encontrava o Professor Charles Richet. Com este catedrático tomou parte nas experiências com a médium Marta Béraud (Eva Carrière) em casa do General e de Mme Noël. Que controvérsias estes trabalhos deveriam suscitar e ainda suscitam!

Não se trata aqui de reabrir o debate. Acrescentarei simplesmente que, nas sessões de Marta Béraud, houve factos de carácter supranormal incontestáveis e que Gabriel Delanne foi um analisador prudente e avisado. O mesmo direi do Professor Charles Richet, com o qual muito trabalhei, como assistente, quando ele, o Dr. Geley e o Dr. Osty observaram médiuns célebres, entre eles, Jean Guzik, Rudi Schneider e Ludwig Kahn.

Neste domínio da observação, Gabriel Delanne reunia-se a Léon Denis e a Jean Meyer, quando deplorava a credulidade excessiva de certos adeptos do Espiritismo. Como eles, compreendera que tal credulidade era e continua a ser um dos terríveis escolhos que entravavam e entravam a difusão da doutrina.

O TRABALHO E A FÉ PERANTE O SOFRIMENTO

Com o decorrer dos anos agravava-se o estado de Gabriel Delanne. Em 1906, a paralisia dos membros inferiores obrigava-o a andar com duas bengalas, mas nem por isso abandonou a sua missão de conferencista em França e no estrangeiro, missão a que se dedicou com admirável coragem, sem parar de escrever e de se documentar.

Foi assim que nasceu, em 1909, o 1.º tomo da sua obra monumental «As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos». O segundo tomo apareceu em 1911.

Sobreveio a guerra de 1914-1918. A *Revista Científica e Moral do Espiritismo* interrompeu a sua publicação, para a retomar, felizmente, depois da paz restabelecida. Durante este período, a saúde de Gabriel Delanne agravou-se. Cada movimento era uma fonte de sofrimentos indizíveis, e por fim começava a cegar. Todavia, continuou a ser um exemplo vivo de resignação humana, por mais amarguradas que estivéssemos por esta prova sem recurso.

Em 1918 viajou com a família pelos arredores de Marselha. Foi a sua última deslocação fora de Paris. Já não podia andar e foi preciso recorrer a uma cadeira de rodas para o conduzir do automóvel ao comboio.

Apesar dos sofrimentos, apesar da cegueira, Gabriel Delanne, cuja memória permanecia intacta — continuava a trabalhar na sua Villa Montmorency, em Auteil, onde Jean Meyer, compreensivo e compassivo, desde o fim da guerra lhe dera asilo, assim como a sua filha e sua prima Matilde Pelley, que desencarnaria em 12 de Outubro de 1925 e que o tratara devotadamente durante 30 anos.

Depois de escrever, em colaboração com M. Bourniquel, a obra «Escutemos os Mortos», secundou Jean Meyer, em 1919, na fundação da *União Espirita Francesa;* prefaciou, em 1922, a cativante obra — infe-

lizmente esgotada — do nosso amigo Paul Bodier «A Granja do Silêncio»; prosseguiu nas suas conferências cheias de ensinamentos, dadas apenas na Sede da *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*, e em 1924, a instâncias de Jean Meyer, publicou a sua última obra de tão grande valor «Contribuições para o Estudo da Reencarnação».

Pensava escrever, de colaboração com o nosso amigo Charles Andry-Bourgeois, Engenheiro de Minas e da Escola Superior de Electricidade, um estudo sobre a Ideoplastia. Não teve tempo para isso.

Às 7 da manhã de 15 de Fevereiro de 1926 a morte veio arrancá-lo a sua filha, aos seus amigos e ao seu trabalho. Na véspera deste último dia disse a Andry-Bourgeois:

— Lembre-se que Delanne não tem medo da morte!

As exéquias realizaram-se a 18 de Fevereiro de 1926.

O seu corpo foi incinerado e as cinzas colocadas numa urna depositada na sepultura da família, no *Père Lachaise*, próximo, como dissemos, do jazigo de Allan Kardec.

Todos os anos, quando da Cerimónia Comemorativa do fim de Março, princípios de Abril, os espiritas, ao prestar homenagem ao fundador do Espiritismo, vão igualmente recolher-se perante esta sepultura, unindo na mesma gratidão o filho e os pais: Gabriel Delanne, a Sr.ª e o Snr. Alexandre Delanne, três valorosos pioneiros do espiritismo kardeciano.

A ÚLTIMA HOMENAGEM

Jean Meyer, precedente Director da *Revista Espirita*, fundou, além da Casa dos Espiritas, o *Instituto Metapsíquico Internacional* de Paris. Esta fundação foi reconhecida de utilidade pública pelo governo francês, em 1919; depois — muitos de entre nós o sabem — o *Instituto Metapsíquico Internacional* vendeu o imóvel da sua sede na Avenida Niel, 89, para se instalar num apartamento forçosamente reduzido. Onde estão os trabalhos de antano?

Se Gabriel Delanne foi, desde a sua criação, Presidente da *União Espirita Francesa*, deveria, quando da fundação do *Instituto Metapsíquico Internacional* tornar-se membro da sua comissão. E assim sucedeu até ao seu fim terreno.

Na homenagem que a *Revista Metapsíquica*, lhe prestou em Março-Abril de 1926, o nosso amigo Andry-Bourgeois escrevia:

«Delanne foi o obreiro honesto de grande coração que orientou toda a sua vida e a sua inteligência para a demonstração científica da existência da alma e da sua sobrevivência após a morte.

«A obra de Gabriel Delanne é considerável não tanto pelo número de volumes, mas pelo valor dos documentos e argumentos que contém.»

E mais adiante acrescentava:

«A sua obra «O Espiritismo perante a Ciência» foi a obra que o revelou primeiro à atenção de todos os que se interessam pelo destino da alma humana, a antiga «psyché», e trouxe ao fim do século dezanove um feixe de provas capazes de fortalecer a crença na existência e imortalidade da alma humana.

«O objectivo deste valoroso pioneiro foi provar que o Espiritismo (antepassado da Metapsíquica Moderna) é uma ciência que tende à demonstração experimental da alma e sua sobrevivência, por meio de comunicações entre os psiquismos dos vivos e os psiquismos dos desencarnados.

Em toda a sua obra, ele demonstrou que o Espiritismo, mal julgado pelos ignorantes e mal compreendido por alguns adeptos, não se baseia em factos ilusórios e práticas ridículas, mas em experiências feitas com o auxílio de pessoas dotadas de poderes excepcionais e rigorosamente controladas nas suas produções, ou sejam os médiuns».

Ninguém melhor do que o grande vulgarizador do Espiritismo Científico — já o dissemos — para apresentar aos leitores, com comentários luminosos, os factos que demonstram a realidade da evolução do espírito através das vidas sucessivas. Conseguiu-o plenamente.

Quereria que ele fosse recordado, quando do próximo *Congresso Espirita Internacional* que se vai reunir na nossa capital em Setembro próximo, tal como os leitores já foram informados.

Falando deste congresso, creio que vem a propósito lembrar o que justamente Gabriel Delanne nos dizia no decorrer do precedente e inolvidável Congresso de Paris de 1925, organizado com tanto cuidado por Jean Meyer, onde, sob o tecto da Casa dos Espiritas, Léon Denis, Conan Doyle e Léon Chevreuil receberam as provas de dedicação respeitosa que mereciam.

SUPREMO E FRATERNAL CHAMAMENTO

Gabriel Delanne, retido bem longe pelo seu mau estado de saúde, transmitira uma mensagem aos congressistas vindos de todos os pontos do mundo. Fê-lo, não só como presidente da *União Espirita Francesa* e da *Sociedade Francesa de Estudos dos Fenómenos Psíquicos*, mas também como sócio honorário da *Federação Espirita Internacional*, além dos títulos que suscitavam o respeito e o reconhecimento da sua obra de espirita militante.

Escutêmo-lo:

«Todos os homens de boa fé serão forçosamente levados ao reconhecimento da individualidade humana e seu princípio pensante e da sobrevivência após a morte.

«Nenhuma argúcia vã prevalece contra os testemunhos certos desse mundo do Além, onde a vida é mais real do que a deste.

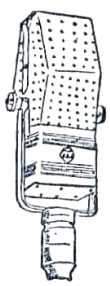
«Em todas as nossas pesquisas pedimos ao mundo invisível os esclarecimentos necessários.

«Não esqueçamos que uma falange de grandes sábios continua, no Além, a interessar-se pelos nossos trabalhos. Reunem-se aos Espíritos de Luz que tomaram a direcção do grande movimento de renovação moral e intelectual, tão necessário na hora presente!

«Chamêmo-los com todas as nossas forças! Que eles nos inspirem!»

Fraternal chamamento à ciência dos homens e à ciência dos Espíritos, dizíamos nós nesta mesma revista, no momento da sua libertação terrena. Estava ali toda a vida de Gabriel Delanne, todo o seu pensamento, sábio e generoso, sintetizado nalgumas palavras!

(De *La Revue Spirite*, traduziu Maria de Lurdes Salgueiro)



Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

UM REI ESPIRITA

O Psychic News insere uma notícia sensacional que não resistimos a transcrever, acrescida de leves comentários. Trata-se de Nana Kwame Akro VIII, do Estado de Duahorodu, na África Ocidental, o único monarca do mundo que pratica o Espiritismo.

Subiu ao poder em 1952 e é sócio da União Nacional Espirita de Londres há cerca de 20 anos. Além disso, é médium, clarividente e curador espiritual de grandes recursos.

Nas suas sessões de irradiação mental tem mais de 100 nomes de pacientes.

Nana Kwame é um espiritista convicto e tudo faz para difundir o Espiritismo em seus domínios. Entre as suas obras principais, está a Missão Espirita de Accra, onde mantém todas as actividades doutrinárias.

A sr.ª Richard Dixon, esposa do Vice-presidente dos Estados Unidos, cumprimenta o rei Nana Kwame

No seu próprio Estado de Duahorodu, que é, sem dúvida, a região de Ahanta onde o Catolicismo mais impera, fundou Missão idêntica, que orienta e mantém.

Como todos os reis, exige o respeito e a veneração dos seus súbditos e por isso é de calcular que um grande número de adeptos siga o Espiritismo, podendo mesmo afirmar-se, sem exagero, que nenhuma doutrina ou religião se lhe compara naquela vastíssima região, outrora chamada Costa do Ouro.

Nana Kwame, à semelhança dos reis de Inglaterra, divide o trabalho entre a política e a religião. Mas a sua maior actividade como espiritista reside na Repartição Pedagógica de Além-mar, directamente ligada à União Nacional Espirita. Em política exerce os cargos de Chefe do Partido da Convenção Popular e Chefe da Assembleia Eleitoral do Estado de Ahanta.

Os povos africanos são profundamente religiosos. E numa região onde missionários de todos os credos fazem acérrima propaganda, é de encorajar que o próprio Chefe de Estado desenvolva tão extraordinária actividade espirita.

No ano do Centenário fica bem esta notícia estimulante. O Espiritismo é doutrina universal, porque não exige abdicação de crenças. Apresenta-se tal qual é, com seus postulados e teorias, apontando caminhos novos ao mundo. É de facto, o Consolador Prometido, que vem tirar o homem do resvaladouro espiritual.

Todos lhe sentem o influxo, todos lhe notam a força dominadora. Quem desejar alegria de alma, o Espiritismo lha oferecerá, abrindo clareiras ao intelecto e veredas amplas aos passos inseguros. Por isso, não admira que nas Áfricas a ideia esteja em marcha triunfante. É de esperar que a legislação de Nana Kwame Akro VIII seja vazada em moldes espiritas. E assim, quem poderá negar que a luz venha dos pontos mais obscuros da Terra?

Nana Kwame deve ser missionário preposto à evolução dos negros, quase todos adeptos da reencarnação, como Ernesto Bozzano teve ensejo de mostrar numa interessante monografia. Que ele exerça o seu papel no sentido de erguer o povo à maior altura, libertando-o de convenções obsoletas e apetrechando-o para os grandes surtos de espiritualidade são os votos de quantos trabalham nesta revista.

SOCIEDADE PRÓ-LIVRO

Pelo MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS

A assistência cultural aos privados da visão, sem dúvida que é apreciável, a julgar-se pela multiplicidade de instituições que imprimem textos em Braille ou gravam em disco textos escolhidos, nos diversos sectores culturais. Estas mesmas instituições valem-se até de recursos propiciados pelas aplicações da electrónica para a transmissão do conhecimento a cegos.

A amplitude dessas iniciativas, de maturidade indiscutível, abrange, como não podia deixar de ser, o campo religioso. Graças a editoras em Braille, católicas e protestantes, já podem os cegos, em todo o mundo, beber o cristianismo em suas fontes mais puras. Todo o «Novo Testamento» existe em Braille, assim como algumas peças do «Velho Testamento», afora numerosos gravações de excertos julgados essenciais, do ângulo de cada um dos credos religiosos.

Nesse vasto panorama editorial é evidente a lacuna deixada pela ausência dos textos espiritas, impressos em Braille ou gravados em disco, facto que de há muito ferira a atenção de Marcos Venicius (jovem oficial da marinha mercante brasileira que cegou há cerca de um lustro) e Luís António Millecco, ansiosos por criar uma instituição que orientasse a divulgação do Espiritismo entre os cegos já despertos para a Terceira Revelação.

Desse anseio de Marcos Venicius e Luís António é que nasceu, a 30 de Junho de 1953, a Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille *«destinada a propiciar aos cegos de todo o país o estudo pessoal da doutrina espirita em suas próprias fontes» (art.º 1.º do Estatuto).*

Dois anos foram precisos para que a Sociedade se organizasse, em razão de naturais dificuldades de reunir sócios cegos, de vez que «da S. P. L. E. B. fazem parte cegos e videntes, em igualdade de condições, devidamente alternados, quando em funções electivas» (art.º 3.º do estatuto). Nessa simples originalidade, nessa deliberada atitude de recíproca cooperação, capaz de por si só evitar que a S. P. L. E. B. seja uma sociedade de videntes em benefício de cegos ou de cegos na dependência de videntes, está um dos óbices ao progresso da instituição.

Apesar de tudo, a 11 de Junho de 1955 foram registados os seus Estatutos e confirmada a Directoria Provisória composta de um Presidente (vidente ou cego) e um vice-Presidente (cego ou vidente); um 1.º Secretário (cego ou vidente) e um 2.º Secretário (vidente ou cego); um 1.º Tesoureiro (cego ou vidente) e um 2.º Tesoureiro (vidente ou cego) — art.º 5.º dos Estatutos.

Além da Directoria assim constituída, conta a sociedade com uma Comissão Bibliográfica *(dois membros cegos e dois videntes), encarregada de elaborar o* Relatório Editorial *sobre a obra a ser trasladada para o Braille e para servir de base ao* Plano de Subscrição Editorial. *Uma* Comissão Fiscal *(um vidente e dois cegos) e o* Corpo Social *completam a estrutura da S. P. L. E. B.*

Desde que se registaram os Estatutos (11-6-55), foi programado o primeiro

PENA DE MORTE

Por ALFREDO MIGUEL

Ultimamente, uma onda de crimes violentos, praticados por motivos fúteis e com requintes de inaudita maldade, tem ocupado o noticiário da imprensa brasileira. Voltou à baila da discussão a pena de morte, e um deputado na Câmara Federal chegou a apresentar um projecto mandando introduzir na nossa legislação penal essa medida extrema como meio de proteger a sociedade contra a sanha dos malfeitores.

Sim, é urgente, é necessário que a sociedade se defenda dos elementos perniciosos, daqueles que a ofendem gravemente, promovendo a desordem e destruindo a vida de seus membros. Mas, como consegui-lo? Porventura decretando leis homicidas? Matando os que matam não se estaria multiplicando o crime, em vez de suprimi-lo? Dirão que há criminosos potenciais e sobre eles a pena de morte exerceria um efeito intimidativo, fazendo-os recuar ante a ideia de atentar contra a vida do semelhante. A invocada intimidação, entretanto, é um ponto muito discutível.

ESPIRITA EM BRAILLE

(Correspondente no Rio de Janeiro

«Plano de Subscrição Editorial» *visando a editar-se em Braille a obra de Kardec «O que é o Espiritismo», edição que ficou pronta a tempo de ser distribuída a partir de 18 de Abril de 1957, em comemoração ao 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos». No mês de Agosto do corrente ano entrará no prelo outro pequeno trabalho de Kardec («O Principiante Espirita») a ser distribuído, provàvelmente, pelo Natal. Um segundo Plano de Subscrição Editorial será lançado em Setembro próximo, tendo-se em vista editar o primeiro grande livro que será «O Evangelho Segundo o Espiritismo», cuja distribuição deverá assinalar o transcurso do quinto aniversário da S. P. L. E. B., a 30 de Junho de 1958.*

No momento, espera-se a retirada da Alfândega de uma máquina para transcrição em Braille, cujo rendimento equivale ao de um mimeógrafo comum, adquirida por iniciativa do Professor José Espíndola Veiga, do I. B. C., cabendo à Sociedade apenas metade do seu custo. Com esta máquina pretende-se editar um boletim informativo, que deverá circular dentro e fora do Corpo Social.

Desta breve resenha pode-se avaliar da crescente actividade da S. P. L. E. B. Amparam espiritualmente essa obra, Francisco de Assis, António de Pádua e Pedro de Alcântara, cuja influência é frequentemente sentida durante os trabalhos da Directoria e das Comissões. Apoiam moral e materialmente a obra, a Agremiação Espirita Francisco de Paula, sede provisória da Sociedade e a Imprensa Braille do Instituto Benjamim Constant, onde são feitas as edições, graças ao espírito liberal de seus directores e à boa vontade de seus funcionários, artífices e cooperadores.

Como presidente da S. P. L. E. B. desde seu nascimento, é-me particularmente grato deixar registados os nomes dos nossos colaboradores imediatos, ou seja, na vice-presidência, a Professora do I. B. C. e a poetisa cega Benedita de Melo Amaral; como Secretárias, *Helena Moreira Guimarães (vidente), Directora do Ensino Municipal aposentada e Iracema Rodrigues Torres (cega), Professora do I. B. C.; como* Tesoureiras, *Rafaela Millecco (vidente) funcionária da Companhia Telefónica, e Deyse Coutinho (cega), funcionária da Imprensa Braille; na* Comissão Bibliográfica, *Manuel Nunes Fonseca, Presidente de Banco, João Carlos Moreira Guimarães, alto funcionário e professor da Biblioteca Nacional (videntes), Hermes Rocha, funcionário da Imprensa Braille do I. B. C. e Luís António Millecco, aluno da 4.ª série ginasial do I. B. C., (cegos); na* Comissão Fiscal, *Eponina Bourlier, antiga obreira de assistência social (vidente), João Marinho, funcionário da Imprensa Braille do I. B. C. e Marcos Teles, oficial da Marinha Mercante aposentado (cegos).*

Quantos se interessem pela Sociedade pró-Livro-Espirita em Braille, *podem escrever para a Rua dos Araújos, 28, Tijuca, Rio de Janeiro — Brasil.*

Em alguns países, dizem-nos vários criminalistas, onde foi adoptada a pena capital, a criminalidade não diminuiu, assim como não houve recrudescência depois que ela foi abolida. Enfim, a sociedade, ou o Estado, não tem o direito de dispor da vida de ninguém. E para punir os que matam e reduzir ao mínimo a delinquência, a medida mais eficaz é segregar o homicida do convívio social. Contudo, o dever do Estado não é sòmente castigar o delinquente. Recuperá-lo é o que mais importa. Cumpre então colocar dentro do cárcere a escola, mas escola de moral sadia, onde se consiga refundir o carácter do criminoso. O Espiritismo advoga o princípio de que «*é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento*». Proscrevendo-o do número dos vivos, se vai de encontro a este princípio e fere-se em cheio o preceito básico da lei de Deus. E vamos, outrossim, compreender que o indivíduo que espezinha o mandamento divino e destrói a vida de seu próximo, não é apenas outor de um delito: é também vítima! Vítima, sim, ou da ignorância, ou da falsa educação que recebeu, ou da influência tenaz de um Espírito malévolo que o subjugou e converteu em agente de sua perversidade. Seja como for, sentenciar à morte esse infeliz é um crime mais culposo do que o que ele cometeu.

ECOS DE U

Por ISIDORO

A RECEPÇÃ

A nossa primeira conferência em Belo Horizonte foi na União Espirita Mineira, às 20 horas prefixas de 31 de Maio de 1955. Prefixas? Sim, porque no Brasil há pontualidade. Nunca tivemos que esperar pelo auditório. À hora marcada tudo estava a postos. Em Portugal é diferente. A sessão das quatro começa às cinco. E se a mudamos para as cinco passa a começar às seis.

Os homens pontuais revelam-se no trabalho metódico; pode-se contar com eles, seja qual for o momento. Os outros... chegam quando chegam. Por isso dissemos às 20 horas prefixas.

A nova sede da União Espirita Mineira

Não sabemos se nos sectores profanos do Brasil há o mesmo costume. Nos que visitámos é assim. De norte a sul, de norte a sul...

É que o Espiritismo é doutrina diferente das demais doutrinas. Impõe deveres; os adeptos é que falam em direitos.

A União Espirita Mineira é uma sociedade veneranda com cerca de 200 centros e grupos filiados. Não filiados há mais de 100, além de duzentos e tal familiares, onde se arreigou o «Culto do Lar», todo ele de base evangélica.

A primeira vez que assistimos a tal culto foi em Macaé, em casa do Peixoto Lins. Eram seis horas da tarde. Em torno da mesa, o pai, a mãe e os filhos e mais os visitantes, que eram três. Concentração geral. Abre-se «O Livro dos Espiritos». Leitura e comentário. Depois, fecho da sessão. E as almas ficavam repletas de vibrações para o pão do estômago à hora do jantar.

Pois em Belo Horizonte está generalizado o «Culto do Lar», refeição espiritual de que ninguém se julga desobrigado.

Como dizíamos, a primeira conferência em Belo Horizonte foi na União Espirita Mineira. Ambiente fraterno onde havia amigos e patrícios, onde a Doutrina se enraizara, tinha que ser um grande ambiente.

O Bady Curi estava na presidência, com o Noraldino de Melo Castro, o Sebastião Lasneau, o Ademar Dias Duarte, o português Manuel Lopes da Silva e vários representantes de centros espiritas da capital mineira. E também estava o Magaldi...

Quem nos apresentou à compacta assistência foi o Dr. Noraldino, inteligência de escol, advogado de grandes recursos, escritor primoroso e sincero amigo de Portugal. Sobre tudo isto, ainda ali representa Estudos Psíquicos, como redactor-correspondente.

Que bela saudação! Exaltou a nossa revista e o nosso modesto trabalho. A primeira, considerou-a das melhores do mundo no género (talvez seja verdade); ao segundo, chamou-lhe um dos pioneiros do Espiritismo mundial. Aqui é que não estamos de acordo. Ou as palavras não têm valor real, ou a simpatia enfraquece o raciocínio.

Vamos transcrever uns passos da sua apresentação, para que os leitores avaliem onde pode chegar a amizade e o sentimento brasileiro.

— Ele aí está, amigos! Ele aí está a irradiar simpatia dos seus olhos e da sua humildade! Ninguém poderia estar entre nós com mais direito! Antes da partida de Lia, tão conhecida e venerada no Brasil, era o escritor consciencioso, o doutrinarista de «Luz no Caminho», de «Pierino Gamba» e outras obras admiráveis; depois da partida de Lia, tornou-se o médium extraordinário das mais belas obras que temos lido. Acabei de ler «Almas Errantes». Que lição magnífica naquelas páginas admiráveis, selectas e escorreitas! Saúdo-o, pois, em nome dos espiritistas da União Espirita Mineira. Agora é nosso e gostaríamos que estivesse muito tempo entre nós, para que sentisse

MA VIAGEM

DUARTE SANTOS

XX

E A OBRA

o influxo de nossas almas amigas!

Meu caro Noraldino, uma coisa existe capaz de justificar as maiores incongruências. Alguém lhe chamou simpatia. Quando a sentimos, as palavras pertencem ao nosso mundo, embora não pertençam à realidade. E vivemos em doce ilusão. Não alterem a cor do cenário. Quem o fizer há-de encontrar grande resistência.

Foi o que se deu consigo.

Humildade, sim, é possível que houvesse em nós, não sabemos ao certo. Sabe-se lá onde ela existe ou não existe! Manuel Bernardes dizia que, entre todas as virtudes, só a humildade se ignora a si mesma: como traz os olhos baixos e fitos no abismo do seu nada, não reflecte no conhecimento, porque o verdadeiro humilde não presume que o seja. A nossa posição era de respeito pelo que viamos: tantos obreiros, tantos serviços à Causa! Quem éramos nós, senão um peregrino de longes terras, um visitante ansioso de perscrutar? O resto não era connosco. Nem doutrinarista, nem médium extraordinário, nem muitas coisas que se dizem ou pensam e que a consciência repele por não corresponderem à verdade.

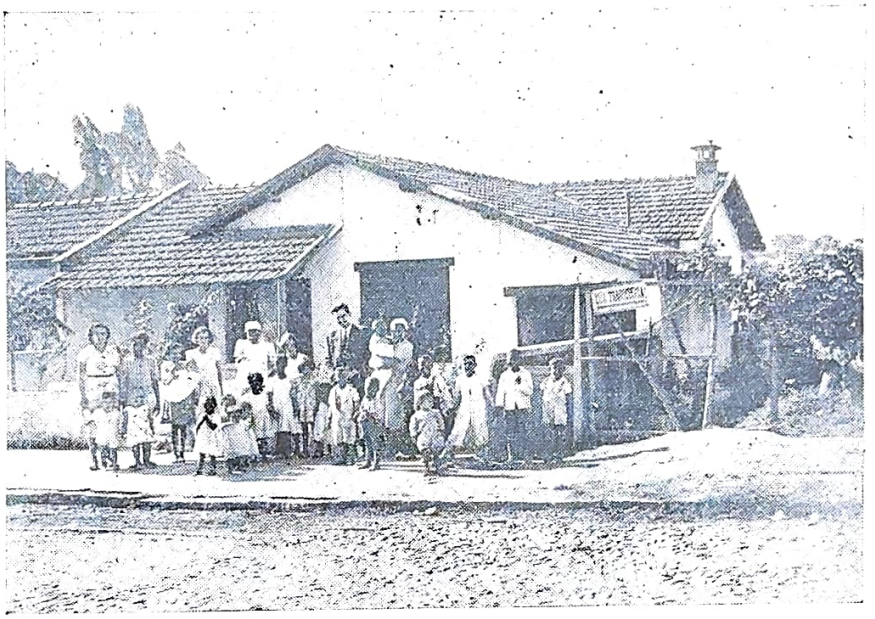
Entretanto, agradecemos a intenção. Houve honestidade nas palavras do apresentante. Não se pode negar. Mas se ele nos conhecesse melhor, teria visto um homem diferente.

Os brasileiros são amabilíssimos, não se importam de alterar o valor das coisas, contanto que os hóspedes não sejam menoscabados. E fazem-no do coração, como portugueses de quinhentos.

Depois falou o portuense Lopes da Silva, em nome dos médiuns. Foi eloquente na saudação, que envolvia a pátria distante. E falou o Amadeu Santos, este Amadeu com quem nos identificámos e de quem instalaram no Brasil, à custa de trabalho incessante. O segredo que o irmão Isidoro desejava conhecer está no génio português que paira nesta raça de descobridores e desbravadores.

A confusão em nossa alma era grande, muito grande, mas não pudemos deixar de agradecer tamanhas provas de simpatia.

A hora ia avançada e o Bady encerrou os trabalhos com sentida prece dirigida ao lusitano que agradecera emocionado as provas de amor a Portugal. Depois fez apelo



A Casa Transitória de hoje começou assim...

trouxemos as mais belas recordações. Ele estava na terra da esposa e sentia-se à vontade, como se mineiro fosse.

Até que chegou a nossa vez de falar. Não foi conferência, não foi exposição. Foi um desabafo, um dos mais fortes desabafos que tivemos em todo o Brasil.

Quando terminámos, alguém se ergueu na assistência e pediu dois minutos de atenção. Era o confrade Rúbens Romanelli, do Ginásio «O Precursor». Formosa alocução a deste homem impregnado de sentimento para melhor exaltar!

— Irmão Isidoro! — disse ele —. Você perguntou qual o segredo das nossas admiráveis realizações. É que os portugueses descendem dos Fenícios; e depois de haverem descoberto novos mundos com o seu génio, sentiram que havia outro continente por descobrir. Era o continente espiritual e por isso o à união de todos e aludiu à nossa estadia em Minas Gerais com aquiescência e simpatia colectiva, exclamando:

— A sua presença nesta sala é um verdadeiro acontecimento entre a família espírita brasileira. É um factor de atracção e união indescritível!

Outra vez o oceano emotivo a encrespar a superfície... Outra vez a fonte lacrimal num jorro de gratidão àquelas almas amigas. As impressões da primeira hora eram substituídas por outras, mais fortes e mais profundas. Aquela assembleia vivia uma hora de exaltação. Cada qual tinha a sua parte.

A amizade é bálsamo que dulcifica a vida e conserva a elevação moral que prepara o caminho da eternidade, diz o Eclesiastes. Pois este sentimento, em nosso entender, era exaltado menos pela existência de um homem em Belo Horizonte,

do que pelo Ideal que unia todas aquelas almas.

Era quase meia-noite. Terminara a conferência... os abraços sucediam-se em grinaldas de afecto, em expansões intermináveis...

★

O dia 1.º de Junho amanheceu alegre e às dez horas estava marcada uma visita à Casa Transitória.

Já tínhamos ouvido falar nesta agremiação filantrópica destinada a socorrer pessoas moralmente desamparadas, com o fim de reajustá-las ao convívio social ou internálas em estabelecimentos de assistência permanente, à margem de crenças políticas ou religiosas, pois cada internado é livre de praticar o culto que entender, desde que respeite os outros e não perturbe a ordem. Foi, portanto, com grande prazer que transpusemos os umbrais daquele templo que riscava a palavra «caridade» do seu estatuto.

O reajustamento social é das obras mais altas que poderemos encarar à face da terra. É a reabilitação dos transviados, que nem sempre têm culpa. São estradas novas que se abrem ao coração ressequido pelas lutas da vida. É a construção sobre escombros.

Casa Transitória, como o nome indica, é casa de passagem, esclarecimento e orientação que podem conduzir à felicidade num mundo leproso.

As vastas metrópoles são campos de pesadelos que as leis não extinguem, porque certos problemas ultrapassam as intenções dos governantes. Em tais quadros a mulher ocupa lugar de relevo; e o homem, que lhe deve quase tudo, pouco faz para guindá-la ao nível que lhe pertence. Quando cai, o mundo escarnece-a. A família abandona-a, como relapsa, e o resvaladouro surge sem remédio. A mísera enovela-se na própria queda e perde a noção da realidade. Depois é o calvário infamante, é a convenção social a mortificá-la, a degradá-la, a estrangulá-la...

E por isso se erguem casas transitórias onde a fraternidade respira a longos haustos.

Nesta há vários departamentos que observámos com atenção. Primeiro foi a escola primária, que funciona por especial deferência do governo estadual, a cargo de professoras que também atendem alunos externos. Lá está a turma do Jardim de Infância «Chapéuzinho Vermelho». As entidades oficiais quiseram pagar as despesas com a manutenção da Escola, mas a Casa não quis receber.

Aspecto da nossa visita à Casa Transitória

O confrade Newton Rossi é que nos vai elucidando, ao lado da administradora, D. Maria de Lurdes Carvalho. E nós tomamos notas febrilmente.

A Casa Transitória foi considerada de utilidade pública em 1949 e nela são internados indivíduos de toda a espécie: crianças, adolescentes, homens na idade madura e anciãos. É a transição do vagabundo ao empregado.

Naquele instante chegava uma carta do Juiz de Menores a solicitar o internamento de uma pobre mulher carregada de filhos, que o companheiro abandonara para casar com outra... É tão completa a ligação com as autoridades, que a Rádio Patrulha pega nos adolescentes e lá os conduz, não obstante o governo ser neutral em matéria religiosa. É que a Casa Transitória admite todos os cultos, não procura conversões. Substitui a pregação pela acção. O trabalho objectivo é o seu lema. Esclarece através do exemplo, repele o sectarismo, dirige-se ùnicamente à reforma espiritual. Assim, todos podem manter a sua religião. Os católicos que o solicitem vão à igreja confessar-se.

Mais um modelo de tolerância a registar na obra do Espiritismo, além daqueles que já mencionámos.

A tolerância é uma virtude magnífica e só os oprimidos a sabem definir verdadeiramente, na expressão feliz de Fournier. Só os internados desta instituição sabem avaliar o carinho, o espírito de solidariedade que os norteia para que não sossobrem na vida moral.

O belo edifício foi inaugurado em 1953. Muito contribuiu para isso o «crédito do serviço prestado». Quando o construíram já tinham auxiliado mais de mil pessoas.

★

Os leitores têm apreciado as facetas multiformes da solidariedade espírita no Brasil. Qualquer inteligência comezinha medirá o alcance extraordinário desta cruzada em busca do terceiro milénio. Não há campo que não tenha sido desbravado. As coisas mais incríveis são objecto de estudo e materializadas sobre a plataforma do amor ao semelhante. Por isso o vocábulo «espírita» é sinónimo de bondade, de rectidão, de tolerância e até de renúncia aos prazeres da vida, naquilo que ela tem de precário.

Esta é a melhor propaganda da Causa. Há estômagos vazios? Além está a Sopa. Há desamparados? Lá está o Lar ou o Albergue. Não há direito que um ser humano não tenha onde repousar. Há muito analfabeto? Mas cada Centro tem a sua escola. Há mães que não podem levar os filhos para o trabalho? Os berçários resolvem a questão. Há mulheres que a sociedade repudiou? As casas transitórias estão prontas a recebê-las. Há loucos sem abrigo? O Espiritismo construiu

sanatórios e hospitais. Toda a sociedade está imbuída deste humanismo sadio.

Não vamos aludir, evidentemente, a todas as agremiações que existem. Seriam necessários alguns anos e dezenas de milhar de páginas.

A propósito, lembramos que há mais duas casas semelhantes ligadas a esta. A de Jacarepaguá, no Distrito Federal, está em construção e a de São Paulo cremos que já começou a internar algumas pessoas em perigo moral. Mas sabemos de agremiações que muito têm feito neste sentido e a seu tempo lhes faremos alusão.

★

— Quantos associados tem a Casa Transitória?

Newton Rossi diz que tem poucos. Cerca de 300. Mas há subvenções oficiais. Uma, federal, de 50 mil cruzeiros, e outra, estadual, de 100 mil.

Muitas lendas correm mundo acerca das sociedades brasileiras de beneficência. Em Portugal faz-se ideia errada quanto aos recursos desses abnegados pioneiros do bem. Todos são mais ou menos pobres. Os ricos, em geral, condenam o Espiritismo. No que mais, acreditam é no dinheiro. Julgam que abre todos os caminhos e conduz ao reino dos justos...

Os pobres é que dão o que têm e o que não têm. Quem não dispõe de haveres dá trabalho perseverante, vai de porta em porta nas campanhas do quilo, cava, se é cavouqueiro, constrói, se é pedreiro. E até médicos e advogados já empunharam a pá e o martelo, com água pelo joelho, em construções de emergência exigidas por sociedades que não tinham recursos para viver. Contaremos esta epopeia...

Como se vê, não sentimos desejo de louvaminhar nesta resenha de viajante. Só nos interessa a verdade que liberta, por cima das convenções, dos idiomas e da cor da pele. A outra verdade não serve os nossos princípios.

No dizer de Mantegazza, a verdade exagerada é meia verdade ou mentira; e duas meias mentiras fazem uma mentira inteira. Portanto, a sobriedade é o meio termo das nossas impressões.

Palissot e Voltaire tinham a verdade em grande estima. O primeiro afirmava que era conveniente conhecê-la, mas não devia contar-se a toda a gente; o segundo dizia que não era a verdade que nos perdia, mas a forma de proclamá-la.

Os leitores que entendam do assunto podem emitir juizos à vontade. O silêncio das almas tem expressões judiciosas ou incoerentes...

★

Tantas irrisões que a vida tem! E tantos mistérios que afloram ao entendimento para mergulhar, outra vez, no mar sem fundo!

Em nossa frente uma garotinha de dois anos. Chegou à Casa Transitória com dois meses. Filha de louca, chora copiosamente, ao ouvir música clássica. E diz que «soldado come muita carne»...

Este quadro apresenta facetas estranhas ao psicólogo. Que desencontros não haverá naquele ser infantil que ainda permanece no segundo sono das almas?... Outros devem ter dormido mais e compreendido menos. A inteligência é facho que ilumina, mas não sabemos de onde vem, nem para onde vai. A alma é diferente. João de Deus apresentou-a na seguinte moldura:

A alma, como o diamante,
Sendo polida, é brilhante;
Em bruto não luz, não brilha,
Não se distingue da terra,
Não descobre a luz que encerra,
Não mostra de quem é filha...

★

Mas voltemos à Casa Transitória, a fim de analisar outro aspecto do conjunto. É o Newton Rossi que informa.

Há consultório médico para o serviço interno e gabinete dentário. Agora vejam o contraste: o médico é católico e o dentista é protestante. E fazem tudo gratuitamente num belo espírito de compreensão. O médico espírita, esse aufere honorários. Não pode viver sem eles; de contrário faria o mesmo que os seus colegas mencionados.

Dona Maria de Lurdes era católica militante com tendência para irmã de caridade e renunciou à ideia. Fundou a instituição em sua própria casa e hoje é mãe de cinco filhos. A vida conventual é estática e mata a iniciativa. Cá fora, em contacto com o mundo, é que se vêem as mazelas. O homem pode ser herói de mil eventos e a mulher resplandecer em sacrifício nas mais belas circunstâncias.

A História fala da sua abnegação e avoluma o seu papel de esposa e mãe. Ninguém conforta como ela, ninguém a pode imitar em renúncia. O género humano deve-lhe os maiores serviços, desde o nascimento à morte do corpo físico.

A função de passividade que há desempenhado em certas latitudes não está de harmonia com o valor que tem. Por isso as agremiações espíritas brasileiras — já o dissemos e nunca é demais repeti-lo — prosperam e se multiplicam, porque a mulher está nos alicerces a manter o edifício. É a melhor base de prosperidade.

★

O cenário vai-se modificando. Logo que entramos no berçário, o coração emociona-se à vista de uma criancinha de três meses apanhada no mato e de outra da mesma idade que a mãe abandonou. As restantes, de quatro a cinco anos, vieram da Misericórdia.

É outra faceta do mesmo problema. O culpado é quase sempre o homem. Ele é o polo positivo da existência, toma a iniciativa do bem e do mal no seu aspecto dinâmico. Consciente ou inconscientemente, a mulher atende aos rogos do seu senhor. Depois é a ventura ou a catástrofe... E os dramas emergem no grande oceano moral. E as crianças são lançadas no escarcéu.

Isto confrange os mais empedernidos, os mais fechados ao sentimento. E não há outro remédio senão erguer casas transitórios. Embora difícil, é mais fácil que modificar os caminhos do homem...

No Brasil, segundo alguém afirmou, a mãe tem direito sobre o filho, mesmo que o abandone. Está implícito na lei de menores.

Um amigo que nos acompanhava acrescentou que mesmo depois de alienar o direito num cartório de notário, pode mais tarde reivindicá-lo, alegando ter agido sob loucura.

Entretanto, o Dr. Ademar Dias Duarte, que estava presente, informou que a mãe já não pode voltar atrás, depois de abdicar do seu direito no cartório.

★

A Casa Transitória está muito bem apetrechada. Vimos duas belas lavandarias, uma cozinha de emer-

gência, sala de costura, enfermaria... Tudo no rés-do-chão e tudo gratuito.

No 1.º andar está o dormitório de mulheres e o Jardim de Infância com quatro mesas verdes e bancos da mesma cor, baixinhos, muito baixinhos, ladeados por dez bancos pequeninos, em fila, como sucede nos jardins públicos.

A disposição é aprimorada, revela direcção feminina.

No 3.º andar há um enorme terraço de onde se apreciam magníficas paisagens da cidade.

Belo Horizonte é urbe progressiva. Pouco mais de cinquenta anos bastaram para a salientar entre as melhores capitais brasileiras. Foi toda construída sobre uma planta uniforme, onde há gosto, beleza arquitectónica, perspectiva, amplitude e tradição portuguesa. As ruas arborizadas pertencem ao nosso estilo. A Avenida de Afonso Pena (para apontar um só exemplo entre muitos que poderíamos citar) é lindamente ilustrada com Fixus, árvores decorativas de copa cerrada, que podem atingir dezenas de metros de altura e obedecem à tesoura do jardineiro, como o conhecido buxo de Portugal.

O terraço vai ser adaptado a Jardim de Infância, fàcilmente transformável em auditório. O agradável e o útil ao alcance de todos os olhos...

Uma das coisas que mais tocaram a nossa alma nesta viagem ao Brasil foi, sem dúvida, a importância que os governos estão a dar à primeira infância. Para que a criança possa avaliar a grandeza da sua pátria é preciso modelá-la na compreensão dos deveres cívicos, extinguindo nela toda a ideia de racismo. É o que se verifica no vastíssimo território que não tivemos ensejo de percorrer como desejaríamos, mas do qual trouxemos as ideias concretas que informam as nossas palavras.

★

O Milton Barbosa Neto é o Presidente desta agremiação singular e tem uma história curiosa. Veio do Rio de Janeiro com focos pulmonares, à semelhança de outros de nosso conhecimento. Belo Horizonte é uma verdadeira estância de ares, onde os depauperados recuperam as forças. Mas o caso é que o bom do Milton gastava a mesada paterna na Casa Transitória e curava-se. Depois fixou-se e vive para a obra, como professor de música e artes aplicadas. Lá vimos um belo retrato a óleo de Francisco Cândido Xavier, feito por ele.

Ao lado da Casa Transitória ergue-se um prédio inacabado (hoje, 18 de Julho de 1957, deve estar completo), mas já se pode ver um óptimo Centro, onde funciona a Escola Evangélica «Cícero Pereira». Quase todas as colectividades espíritas começam a trabalhar antes de estarem concluídas. É uma faceta administrativa bem digna de atenção. Um filho adoptivo construiu o edifício para residência e esta grande sala é reservada aos trabalhos práticos da Casa Transitória.

O presidente é médium musical. Após ligeira concentração, improvisou uma peça magnífica, cheia de sentimento. Que bela música! Foi a primeira vez que vimos tocar por inspiração. Depois tocou outra intitulada: «Que o nosso amigo Isidoro Duarte seja benvindo a terras brasileiras». Esta já ele a tinha tocado, também por inspiração. Ambas melodiosas, de conteúdo anímico, gostaríamos de as ter podido captar naquele momento.

Ali se encontra o «Conservatório de Schubert» destinado ao ensino de auto-habilitados e aos que seguem cursos oficiais. Tem aulas diversas e dois pianos.

Com tão raros predicados, não admira que o Milton não queira saber do mundo. Segue o exemplo da mãe, que tem um bercário na linda cidade de Vassouras...

Agora vamos à linguagem numérica, mais convincente do que outra qualquer.

Em 1954 entraram 263 crianças e 176 adultos, num total de 439, e saíram 256 crianças e 204 adultos, num total de 460, ficando, para 1955, 33 crianças e 20 adultos.

Em 1948 a média diária de internados era de 12; em 1949 e 1950, 32; em 1951, 34; em 1952, 50; em 1953, 74; em 1954, 77.

Número de internados desde 1948: 2.048.

★

As horas que passámos na Casa Transitória foram ligeiras, no dizer do poeta. Fontenelle, o grande astrónomo que atingiu um século de vida terrena, fixa a ampulheta, dizendo: «Tem muito tempo aquele que o não perde». Nós não o perdemos nesta visita memorável, nem o perdemos agora a relembrá-la em notas impressionistas.

Há coisas que se avolumam com o tempo. Ficam em nós a cantar ou a chorar. Se foram boas é a saudade, o «delicioso pungir», de Garrett, em vibração crescente. Se foram más, delas fugimos e é grande o choque, quando as relembramos. Mas não podemos avivar totalmente as primeiras e destruir totalmente as segundas. A memória é o reservatório dos factos, o lacre em que o sinete se imprime; e embora as impressões benéficas assumam tonalidades mais altas, em detrimento das maléficas, o que é certo é que não podemos eliminar as últimas que, de vez em quando, à mente afloram.

Em Minas Gerais não houve solução de continuidade na ressonância amistosa e muito menos em Belo Horizonte. A memória só guarda coisas belas de quem nos recebeu com autêntica fidalguia.

Na União Espírita e na Casa Transitória sentimos um enleio que dispõe de nós próprios e trouxemos vitalidade e estímulo para novos empreendimentos.

Este Brasil fraterno é grande em tudo. Trabalha dia e noite na reforma do seu povo, para que a nação se desdobre em progresso. Dizem que está atrasado. Já pensaram no que seja um país pouco menor do que a Europa, inteiramente unificado e subordinado à mesma língua? Um hemisfério enorme e quase despovoado? Que não será preciso para o cultivar?... Quando estiver habitado será um mundo de novecentos milhões de seres humanos, com todas as riquezas imagináveis. Um amazonas de vida plena e luta heróica!

Que fariam vinte colonos, se num instante ficassem senhores da Mongólia e do Sudão para desbravá-los e arroteá-los? Isto nos elucida a respeito do esforço brasileiro no aformoseamento e apetrechamento de suas terras ubérrimas e fortes, capazes de fornecer elementos vitais a todos os países menos bafejados pela Providência.

Abençoada a viagem de Juiz de Fora a Belo Horizonte! Os solavancos têm sido compensados com grandes provas de amizade. Riscámo-los da memória ou transformámo-los em notas prazenteiras. Às vezes é necessário apanhar vento e chuva, para melhor se apreciar um dia de sol...

CORRIGENDA — Na nossa última crónica «Belo Horizonte», onde se lê «Oscar da Silva», leia-se «Oscar Coelho dos Santos».

EU SOU MÉDIUM!

DIZ O PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SOUTHAMPTON

Os directores da União Nacional Espiritualista de Londres tiveram a recepção mais entusiástica, quando foram a Southampton há cerca de uma semana para a sua reunião anual. E não era para menos. O Presidente da Câmara Municipal, George Thomas Dicks, é espirita e tem orgulho nisso!

O redactor do Two Worlds entrevistou-o na sala-de-visitas num centro da cidade e ouviu as seguintes declarações:

«Estou profundamente satisfeito por ter, como espirita, atingido esta posição. Muitas vezes afirmei as minhas convicções na sala do Conselho Municipal. E fi-lo sem reserva. Porque devia tê-la?

«Sou espirita desde 1926, ano em que me casei. Primeiro comecei a ter clarividência sem o saber. O Espiritismo revelou-me as faculdades mediúnicas e desde então comecei a desenvolver-me.

«Tenho um guia espiritual que me auxilia muito. É o meu maior amigo. E meu pai, que morreu há poucos anos, exerce a maior influência na minha vida pública.

«Quando, após o casamento, eu e minha mulher resolvemos estudar o assunto, encontrámos Ruth Darby, que numa sessão pública confirmou a realidade das minhas «visões», nas quais vi os meus avós. A minha avó, por exemplo, tinha-me aparecido exactamente com o vestuário que levou ao Centro de Forton, de que era presidente.

«Desde esse tempo, nunca mais nos afastámos do Espiritismo; e se me convidavam para serviço público, eu recusava, quando havia alguma sessão onde a minha mediunidade era necessária.

«Daqui resultou que o sr. Dicks, vereador da Câmara de Southampton 22 vezes consecutivas, se tornou director-tesoureiro do Liceu Espirita da Avenida Nacional, de 1945 a 1948.

«— Olhe, — disse ele, pegando num volume já muito usado. — Aqui está o meu liceu manual. Anda sempre comigo».

Depois contou ao jornalista que sua filha de 19 anos, actualmente enfermeira em Londres, tinha sido baptizada naquele liceu e falou no Centro Espirita Nacional de Lances Hill, de que é sócia.

«Estou convencido — disse ele — de que o movimento espirita aproveitou a oportunidade, quando conseguiu a liberdade religiosa. Nalguns centros tem havido progresso, embora alguns restrinjam ainda as suas actividades.

«Eu quero que o Espiritismo faça mais pela mocidade e gostaria que os velhos dirigentes de alguns centros se demitissem, porque julgam que só o que eles fazem é que é útil à Causa.

«O Espiritismo nunca teve melhor oportunidade de atrair a mocidade. Há demasiados jovens em qualquer religião e nós podíamos encaminhá-los, oferecendo-lhes provas de sobrevivência.

Mudando de tom, exclamou:

— Você pode realizar a mais bela conferência na cidade, mas o que o povo quer é a prova da vida depois da morte. Não tenha dúvidas: o que o povo quer só nós lho podemos dar.

«Devemos fazer mais propaganda e demonstrações públicas. Temos que levar o Espiritismo ao seio do povo. O melhor caminho a seguir é interessar as massas nestes problemas.

«Nas noites de verão vemos em Southampton muitas reuniões espiritualistas e religiosas. Pois os nossos centros locais podiam dar o melhor que têm, a fim de atrair novos adeptos».

E finalizando as suas declarações:

— Tudo o que eu quero me vem do Espiritismo, no qual assenta o meu trabalho e a minha vida pública.

Por sua vez, o redactor de Two Worlds escreve:

— Assim falou um corajoso cavalheiro que se orgulha do Espiritismo. Por seu lado, os espiritistas deviam orgulhar-se de George Thomas Dick, Presidente da Câmara Municipal de Southampton.

GRUPO DA HUMILDADE

A MINHA LIÇÃO

— «*Nem só de pão vive o homem, mas também da palavra de Deus*» — disse Jesus. *Se tanto vos preocupa o alimento do corpo, porque desprezais o alimento da alma? Se Deus faz crescer o trigo nos campos, faz brotar a água das fontes, nascer os peixes no mar, se pôs à vossa disposição tesouros onde podereis colher alimento material, não vos proporciona também água onde podeis saciar a sede e fortalecer a alma?*

Todo o mundo é vasto campo, um livro aberto onde cada página vos fala da bondade infinita do Pai. Abri os olhos e lede. Apurai os ouvidos e apreciai essa harmonia que os homens tentam destruir. E pensai: «se o corpo deve ser alimentado, o espírito não pode ficar em trevas». Portanto, revigorai-o na oração com o pensamento em Deus. E a luz, o pão espiritual, não vos faltará.

Irmão, uma vez trabalhei convosco na terra. Unidos, erguemos as nossas vibrações; unidos nos debruçámos sobre tantas dores que torturavam os seres atrasados que nos pediam auxílio. Quis Deus que, de todos, fosse eu o primeiro e o único a passar para este lado.

Não posso dizer que os mistérios acabaram para mim. O que vi e aprendi foi tão pouco, que não posso dizer que sei. Não sei nada, mas não me falta vontade de aprender. Quanto a vós, aproveitai bem o tempo, enquanto permaneceis na terra. Não desprezeis os ensinamentos do Alto e que a própria vida vos proporciona. A aprendizagem será difícil, mais longa para uns do que para outros, mas sempre frutuosa. Por mim, alguma coisa alcancei com os meus esforços, porque ao despertar no Além a perturbação foi menor e pouco depois comecei a trabalhar.

Lembrai-vos nas vossas preces daquele que foi na terra o vosso irmão

A. Ribeiro

(Recebido por L. F.)

A MORTE

Passar de longo sono reparador para me ver rodeado de entes queridos, eis o que para mim foi a morte, vocábulo que devíeis riscar dos dicionários, porque a morte não existe. É antes uma passagem penosa para alguns, mas cheia de alegrias para outros. Pode-se-lhe chamar libertação. Sujeitos à carne, nem sempre nos podemos furtar a seus pecados; deste lado não temos essas subordinações. Agora tudo é sereno e doce. Como gosto de me sentir leve, sem preocupações materiais! Tantas vezes desejei aplicar as energias em benefício do próximo! Graças ao Senhor, posso fazê-lo sem entrave. Portanto, amigos, se temeis a morte, não tendes razão, porque ela nos proporciona alegria espiritual difícil de narrar e que nos leva muito acima de nós mesmos.

Vamos, mais um passinho,
Dizeis aos pequenitos.
As aves em seu ninho
Ensinam os filhitos.

A mais longe voar!
Tudo o que a vida tem
Só pensa experimentar,
Ir sempre mais além.

Dos vivos é seu drama
Em frente caminhar;
De Deus a voz nos chama
Temos, pois, de avançar.

(Rceebido por N. B.)

ORAI E VIGIAI

Esta legenda encerra tudo o que é preciso aprender nas investigações psíquicas.

Orar, erguer o espírito às maiores alturas, para obter a força necessária; vigiar os pensamentos, para que a corrente se não desfaça.

Pensai, pensai muito antes de tomar parte em trabalhos deste género, que requerem estudo acurado. Ai daqueles que vêm sem consciência da responsabilidade. A breve trecho são apanhados na roda, que os estrangulará.

Não é só ouvir lindas mensagens cheias de ensinamentos. É preciso ver o que está para além delas. É preciso vigiar muito e estudar muito.

Às vezes o comunicante apresenta-se com vestes sacerdotais, exibindo moralidade, e no fundo não chega a sacristão. É um meliante da pior espécie.

Aqui há desses elementos que se apresentam com tais vestes e é preciso despi-los inteiramente, para que as «praças» fiquem desanuviadas.

Orai, orai muito, que a prece é o refúgio dos fracos e dos crentes. Não altera o karma de cada um, mas ajuda a modificar o ambiente espiritual. E nestes trabalhos requer-se bom ambiente para que os alvos sejam atingidos.

Estais sob atmosfera carregadíssima. Não são os ruídos exteriores que prejudicam. Nada disso. O que prejudica é a mentalidade assoberbada com problemas negativos.

Aprendei a concentrar-vos, amigos dilectos, e tereis apoio espiritual. O negativismo é contagioso, principalmente naqueles que não sabem aguardar os acontecimentos.

Neste recinto é mais difícil conseguir homogeneidade, porque falta precisamente o verdadeiro exercício para o desenvolvimento das faculdades psíquicas e neutralizar o esforço malévolo dos que se apresentam sob aparências duvidosas para melhor destruir a vossa afinidade.

Orai e vigiai, amigos, que a oração dará força e calma. Só ela pode harmonizar as almas e sobretudo os esteios desta corrente.

E não vos esqueçais de que pertenceis ao Grupo da Humildade. Assim, os vossos pensamentos devem ser justos e harmoniosos, não devem espraiar-se por sectores onde os humildes não podem entrar.

Humildade quer dizer bondade. O que se passou teve origem em pensamentos que enfraqueceram a corrente. E ela tem que ser forte, para que estejais tranquilos. Se não houver força mental e desejo de servir, sereis envolvidos pelo malefício que espreita a cada canto.

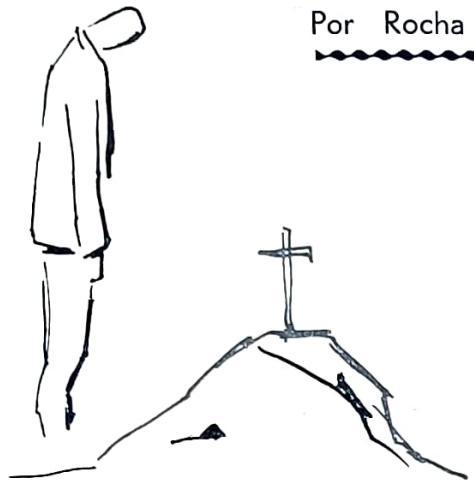
Coragem e amor. Oração e vigilância. Que a lição a todos sirva, como água fresca ao sedento de árdua caminhada.

O Amigo de Sempre

(Recebido por I. D. S.)

SOLIDÃO INCOMPLETA

Por Rocha de Sousa



Morta!
Fez-se coisa inerte,
abismada na contemplação
de um silêncio vazio.
É corpo de pedra,
curva agradável de gelada cor
em crispações incertas de medo.
O medo da matéria inútil e sem vida
que morre incessantemente
numa renovação de força,
que morre incessantecente
nas bocas insatisfeitas da terra suja,
nos gritos de fome da geração vermicular.

Morta!
Sei que é inútil toda a luta
e toda a fé
para que torne em verdade à vida de nós.
Sei que é inútil gritar mais coisas
de dor sentida, de dor sofrida
nesta construção difícil de alma saudosa.
Sei que ela está morta
perante a nossa força de visão limitada
e que nunca mais,
ao longo da estrada acidentada,
poderei sofrer de felicidade incontida
por sabê-la junto de mim,
quase em mim,
dentro de mim!

Morta!
Morta e bem perdida
para este corpo de sentimento que a espera.
Morta e bem longe, na distância infinita
que separa dois mundos.
Morta para a eternidade deste meu viver,
para o vazio sem nome que me aperta,
que me sufoca,
que me grita nas agonias do sofrer!

Morta!...
Nunca mais...
nunca mais,
ao longo deste presente sem forma,
verei o rosto querido
no vibrar sentimental
de uma completação necessária.

Não será essa morte tão súbita,
tão completamente trágica,
a derrocada irremediável
de todo o meu sonho
e de toda a minha luta?
Que pode a flor destroçada
contra a rude aspiração
de um vento que sopra em gritos de força?
Que pode a humilde planta
contra a força de máquina sem dor
que vai esmagá-la?
Será feliz
perante o amor que transcende na Natureza,
o animal abandonado de tudo e de todos,
na desolada condição
de um vazio sem sentimentos?
E que pode
contra a morbidez da sua circunstância
um homem repentinamente feito
coisa solitária?

Da cor,
das formas
e das harmonias universais,
desce até mim a certeza
de que toda a minha confusão de incerteza
não é mais que a falta de um sentimento.
A falta de uma fé mais subida
que possa transmitir resignação.
A falta de uma visão mais aguda,
mais universal,
que faça de um coração em sangue
mundos de riso e de força!

Eu sei...
eu sei que sou pequeno verme
em crispações de sentimento ridículo.
Eu sei que a dor da minha tragédia
é coisa infinitamente pequena
na vastidão cósmica.
Eu sei que nada vejo
e que nada posso
na condição de átomo sem vida,
perdido na linha circular
que desconheço!
Mas,
— em gritos de verme o afirmo —
nem por isso sou miséria sem pai.
Sinto que, se tudo em mim é pobre,
nem por isso é falso;
e que, se sinto a alma esfrangalhada,
o posso afirmar à minha dimensão
de verme!
Em gritos que reconheço inúteis,
que reconheço pequenos,
hei-de gravar para sempre
esta funda certeza de que sofro!
Esta certeza de que o meu sonho
e a minha luta
são coisas mortas como flor destroçada!
A certeza de que vivo
abandonado de mim mesmo!
A certeza de que sem ela,
sem essa força necessária
que me anima e completava
no céu azul dos meus ideais,
nunca mais serei... eu próprio!

LIVROS NOVOS

ASTROLOGIA AO ALCANCE DE TODOS, por *Maria Luísa Dias Liège.* — Lendo este livro bem concatenado, o estudante poderá interpretar horóscopos.

Brochado ..... **60$00**

CURSO DE INICIAÇÃO ESOTÉRICA. — Esplêndido livro para desenvolvimento dos poderes espirituais, em lições graduadas.

Brochado ..... **48$00**

CURSO DE MAGNETISMO PESSOAL, por *V. Turnbul.* — Curso de desenvolvimento magnético e mental, é uma das melhores obras sobre o assunto.

Brochado ..... **25$00**

PROFECIAS DE NOSTRADAMUS, por *Marques da Cruz.* — As célebres profecias publicadas em 1611 que prevêm até Outubro de 1999.

Brochado ..... **80$00**

MADAME CURIE, por *Eva Curie.* — A vida de uma mulher extraordinária que a ciência guindou às culminâncias. Prémio Nobel de física e química, 16 medalhas honrosas e doutora *honoris causa* por vinte universidades.

Brochado ..... **45$00**

EVANGELHO DOS HUMILDES, por *Elizeu Rigonatti* — Um grande livro, que trata dos problemas evangélicos, de forma agradável e acessível a todos. Um livro útil a todos os espiritas que se interessam pelo progresso espiritual da humanidade sofredora e atormentada.

Brochado ..... **40$00**

A GRANDE ESPERANÇA, por *Charles Richet* — O eminente sábio da Sorbone apresenta este seu livro aos estudiosos dos problemas da sobrevivência da alma humana, pela verificação positiva dos chamados factos inabituais. É um canto de glória para os vitoriosos mergulhadores do Infinito.

Brochado ..... **50$00**

DIALÉTICA E METAPSÍQUICA, por *H. Mariotti* — O autor tem a missão de mostrar aos materialistas e incrédulos, que a doutrina espirita continua sendo uma força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo.

Brochado ..... **25$00**

OBRAS DE PIETRO UBALDI

A GRANDE SÍNTESE — Esta obra é a «síntese de tudo o que forma o acervo do conhecimento humano, considerado por um prisma positivamente transcendental, em que são passados em revista todos os ramos do saber e se aclaram e resolvem numerosas questões até agora insolúveis»...

Encadernado ..... **140$00**

FRAGMENTOS DE PENSAMENTO E DE PAIXÃO — Nos sete quadros que compõem esta obra — 1.º, Apresenta; 2.º, Evolução Espiritual; 3.º, Visões; 4.º, O Problema da Educação; 5.º, Problemas actuais; 6.º, Problemas espirituais; 7.º, Novelas, passamos de um extremo a outro das formas de pensamento humano, estados de espírito, visão poética e problemas práticos, religiosos, sociais, e problemas de complexo e pouco explorada espiritualidade.

Encadernado ..... **140$00**

PROBLEMAS DO FUTURO — Volume 8.º da III Trilogia da monumental obra do autor. Neste livro, com o talento invulgar e marcante de toda a sua obra, o autor trata da «*Última solução dos problemas científicos, biológicos, sociais, místicos e económicos*».

Encadernado ..... **140$00**

ASCESE MÍSTICA — O texto do presente volume é, quase integralmente, o da sua primeira explosão espontânea, em que aparece todo o entusiasmo de uma alma grandiosa que se debruça sobre o mundo místico. Este volume representa a fase final da *1.ª trilogia*, isto é, do período explosivo e do contacto mais instintivo com a fonte inspiradora que ditou a mais extraordinária obra de carácter filosófico-científico que, até hoje, foi revelada ao mundo.

Encadernado ..... **140$00**

DEUS E UNIVERSO — A obra que veio a lume com o título «Deus e Universo» é uma grande síntese teológica cuidando das causas primárias e finais e constituirá o «elo central que ligará a «A Grande Síntese» ao livro prometido, ainda não escrito, e intitulado «Cristo».

Encadernado ..... **140$00**

HISTÓRIA DE UM HOMEM — Neste livro o autor, descendo à descrição do inferno terrestre, demonstra-nos conhecer as baixezas do mundo e empenha-se com este numa luta mortal em nome do Evangelho do Cristo. O drama humano desenvolve-se sobre o fundo da luta apocalíptica entre o bem e o mal.

Encadernado ..... **140$00**

NOVA REVELAÇÃO DO III MILÉNIO — Este é o último volume da 2.ª trilogia destinado a iluminar e demonstra «A Grande Síntese», ou seja a parte social e moral na sua aplicação prática.

Brochado ..... **140$00**

ENVIAMOS ESTES LIVROS À COBRANÇA

CARTA ABERTA

AOS IRMÃOS CATÓLICOS

Prezadissimos Irmãos em Jesus:

Há um aforismo que diz: «Não há nada de novo sob o disco do Sol». E ele confirma-se, mais uma vez, na luta, na campanha desleal e sem fundamentos que vós travais contra a doutrina e as práticas espiritas.

Desde que o Dr. Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) tomou sobre si a meritória tarefa de pôr em bases sérias — filosófica e cientificamente — as doutrinas contidas nas mensagens que obteve de altas entidades espirituais e por meio de médiuns de inteira confiança, fazendo assim a codificação racional do Espiritismo, desde que Allan Kardec assim começou a trabalhar — diziamos nós, apareceram logo os apodos de endemoninhados, de comunicações com o demónio e não com as almas das pessoas que desencarnaram. E ao mesmo tempo acusaram os espiritas de anticristãos, de herejes por não seguirem nem aceitarem todos os preceitos da Igreja Romana, e, diga-se desde já, nem de nenhuma igreja protestante.

Começaram, pois, os espiritas, desde os primeiros passos da sua organização espiritualista, a lutar contra a mesma má vontade baseada nos mesmos falsos argumentos com que lutaram os primitivos cristãos e os primeiros apóstolos.

A calúnia de possuir faculdades diabólicas foi o próprio Jesus o primeiro a suportá-la, pois as curas que realizou e os obsidiados (endemoninhados) que libertou dos espíritos atrasados, foi tudo atribuído a influências do «príncipe dos demónios» (Marcos, cap. 3 v. 22).

Mas também em Lucas, cap. 11 v. 15, e em João, cap. 10 v. 20, se lê a mesma acusação dos judeus exaltados e fanáticos.

E quanto a combaterem e a apedrejarem Jesus por o acusarem de ser contra a lei de Moisés, como vós, Irmãos, hoje dizeis que nós somos contra a Igreja de Roma, aí temos o que diz João no cap. 10 v. 33 a 37; e no cap. 12 de Mateus e no cap. 13 v. 14 de Lucas se vê repetido e confirmado.

Temos, por conseguinte, de concluir que a expansão e propaganda das doutrinas espiritas encontram os mesmos embaraços que Jesus e os Apóstolos encontraram no lançamento das bases do Cristianismo. E tal como as autoridades romanas, absolutas e pagãs, procuraram fazer guerra de extermínio às primitivas igrejas cristãs, assim em alguns países as autoridades levantam dificuldades à difusão das doutrinas espiritas, e algumas as proibem totalmente, como sucede na Espanha de hoje, tal como sucedeu na Inglaterra até há pouco tempo por efeito duma lei que ali existia há duzentos anos, onde se puniam severamente todas as práticas de feitiçaria em que aquela lei obsoleta incluía as práticas espiritas. Mas tudo está remediado, a este respeito, na liberal Inglaterra, com a publicação duma lei recente que decretou não abrangidas pela tal lei centenária as práticas espiritas e as faculdades mediúnicas, as quais ficaram ao abrigo da liberdade de actividades mistico-religiosas.

O Espiritismo, que desde a codificação kardeciana se propagou com extraordinária rapidez por todo o mundo, também desde logo teve a impô-lo às massas ávidas de interpretar e conhecer o invisível, o desconhecido, o que está para além da percepção dos sentimentos; e teve também a impô-lo, dizemos nós, a fenomenologia que o envolve, desde a libertação de obsidiados e de variadas curas por efeito de pura acção espiritual, até aos mais extraordinários factos de efeitos físicos e de corporização de entidades espirituais.

E do mesmo modo que os supostos milagres de Jesus conseguiram impor a autoridade do Seu verbo doutrinário e a aceitação dos seus ensinamentos, assim o Espiritismo, pela sua fenomenologia fundamentou as crenças no Mundo Invisível e a aceitação das doutrinas que desse Mundo nos têm vindo em admiráveis e luminosas Mensagens.

E assim, a implantação do Cristianismo no mundo terreno, há dois mil anos, seguiu os mesmos trâmites por que está passando o Espiritismo neste seu primeiro século de enraizamento nas consciências humanas.

Por que nos havemos então de admirar que surjam tantas dificuldades em redor da propaganda espirita e que de vós, Irmãos, venha a maior parte de tais dificuldades, se estais no vosso papel em relação à Igreja que defendeis e desejais conservar tal como a aceitais, fazendo o mesmo que fizeram os fariseus e os doutores da lei mosaica às doutrinas de Jesus?

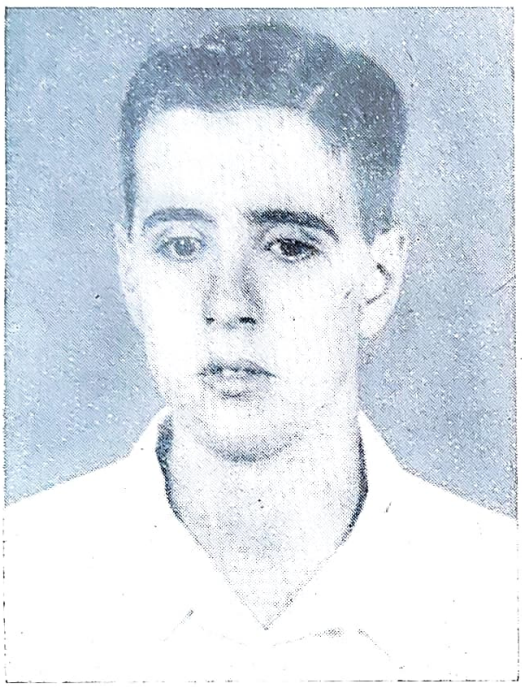
Os judeus insultaram o nosso Mestre Jesus quando Ele dizia que era filho de Deus e que viera cumprir a missão que o Pai lhe determinara, e principalmente os ditos judeus se excitavam quando Jesus não cumpria preceitos indiscutiveis de Moisés. Tal fazeis vós hoje, negando, afrontosamente, que os espiritas são cristãos e apontando-os como herejes por não seguirem todos os preceitos da vossa Igreja, com excepção de muitos católicos que são espiritas e ao mesmo tempo continuam apegados aos rituais da Igreja Romana, no que estão no seu direito.

Todavia, meus bons Irmãos, a nossa fé em Cristo é forte e raciocinada, o amor ao próximo, em que vós estais incluídos, procuramos fazer que seja o mais intenso e profundo para glória do Mestre que nos ensinou a assim proceder, e ficai certos de que os espiritas não combatem nenhuma religião nem pretendem dificultar as vossas missões sacerdotais, que deveis cumprir com todo o escrúpulo.

Porque não procedeis da mesma forma para connosco, usando daquela mesma tolerância e daquele espírito de concórdia que consubstanciam o amor, o sentimento de Caridade que a todos nos deve envolver, se quisermos realmente ser cristão?

Reparai bem, Irmãos meus: se a vossa missão consiste em salvar os pecadores apontando-lhes o caminho do Evangelho, a nossa é também essa, mas transcende a vossa, porque nós procuramos salvar, pela doutrinação evangélico-espirita, não só os pecadores terrenos arrastados pela pouca fé ou os materialistas mergulhados na mais profunda descrença e que só pelos factos se convencem, mas também as almas

GLÓRIA A KARDEC



LUÍS ANTÓNIO MILLECCO

Página de LUÍS ANTÓNIO MILLECO

«Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará um outro Parácleto, a fim de que esteja para sempre convosco o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece».

Dias após aquela dulcíssima promessa, ia novamente para Deus Quem viera de Deus: o Pão da Vida, a Luz do Mundo, a Estrela Cintilante que clareia as nossas noites, o Sol Radioso que ilumina os nossos dias. E desfilaram dezanove séculos da era cristã, trazendo consigo a vasta bagagem dos acontecimentos que deveriam caracterizar o presente ciclo evolutivo de nossa humanidade... E vieram as arenas de Nero, as Cruzadas, a Renascença, a Reforma, as fogueiras da Inquisição, a Revolução Francesa e todas as transformações sociais que lhe sucederam.

1857... O homem, como que sùbitamente arrancado à secular escuridão dos dogmas incompreensíveis, atordoava-se e voltava as costas à religião, cabendo ao racionalismo frio proferir a última palavra. Foi então que chegou o instante de cumprir-se a promessa fiel do meigo Nazareno; foi então que o Cristianismo brilhou como relâmpago que sai do Oriente para o Ocidente; foi então que surgiu «O Livro dos Espíritos».

A ti, excelso Kardec, coube a gloriosa missão de promover o advento do Parácleto. A ti, excelso Kardec, foi confiada a sublime tarefa de dar cumprimento ao plano cósmico do Cristo, segundo o qual, o que outrora era dito por figuras, dir-se-ia, mais tarde, abertamente, com clareza e precisão.

Por isso te glorificamos e nos maravilhamos no Consolador. Não nos importam os apupos da ignorância, digna de toda a comiseração. Não nos perturbam as arremetidas dos fanáticos de todos os matizes — são cegos que não querem ver —. Não nos surpreende a obstinação com que o farisaismo de sempre, se lança à tarefa inglória de tudo fazer para ocultar a cidade edificada sobre o monte — é natural das trevas, o querer sobrepujar a luz —. Sabemos que o Espírito da Verdade romperá todas as barreiras e que ninguém poderá conter a sua marcha ininterrupta. Sabemos que Ele convencerá o mundo do pecado, porque induzirá a criatura humana a olhar para dentro de si mesma. Sabemos, enfim, que «o Espiritismo vencerá com os homens, sem os homens e apesar dos homens». Glória a Kardec!

---

que dizeis estarem no inferno, as almas que neste mundo fizeram constante vida de pecado e que no mundo espiritual sofrem os tormentos que o remorso lhes imprime, aumentados pela angústia das trevas que os envolvem, pela falta de esperança e de fé que as encoraje e pela ignorância total sobre o mundo em que se encontram. Ora digam-nos, num veemente lampejo de sinceridade: não é também digna de respeito e acarinhamento a missão do bom espírita-cristão?

Se assim é, não nos injurieis, não nos envolvais em pensamentos de desamor, visto que dessa maneira não cumpris um dos mais sublimes ensinamentos do Cristo — amar o próximo — e ainda porque a vinha do Senhor é vastíssima e nela todos temos onde muito trabalhar. E' nós não desistimos, haja o que houver, do quinhão que nos pertence nesse labor sagrado.

Para todos vós as nossas saudações fraternais, e até à próxima e segunda carta que por esta via vos endereçaremos.

JOSÉ FRANCISCO CABRITA

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

25

UM MÉDIUM FAMOSO

Amigo radiouvinte:

Rudi Schneider desencarnou com 48 anos de idade. Esta notícia aparentemente simples evoca uma época de grande investigação, em que tomaram parte alguns médicos e psicólogos de renome universal. Harry Price levou-o a Londres e chamou-lhe «o maior médium do mundo». E após algumas sessões realizadas em 1929 — tinha ele 21 anos — o Laboratório Nacional de Investigações Psíquicas passou-lhe um atestado, declarando genuinos os fenómenos obtidos pela sua mediunidade. Harry Price era investigador conhecido e envolveu-se em muitas controvérsias, chegando a oferecer 1.000 libras esterlinas a quem produzisse fenómenos semelhantes nas mesmas condições. É preciso dizer que os fenómenos físicos obtidos com Schneider localizavam-se no gabinete escuro, quando ele se encontrava a metro e meio de distância.

Os diários londrinos publicaram o repto, mas nenhum prestímano se abalançou ao grande prémio. Um deles, Will Goldston, que imitara alguns truques de Houdini, afirmou que ninguém poderia obter tais fenómenos com a mesma fiscalização. De facto, Rudi Schneider submetera-se à mais rigorosa inspecção e saiu sempre triunfante.

Price era um tanto versátil em certas conjunturas; por isso, quando o médium o trocou por outros investigadores, acusou-o de fraude. Todos os médiuns notáveis pisam abrolhos e sobem o seu calvário. Mas a verdade desaloja a mentira e tudo entra nos eixos. Assim, dois meses após a acusação, Harry Price aludiu favoràvelmente às referidas sessões, dizendo que o médium o tinha impressionado...

Outros, porém, se levantaram em defesa de Rudi, entre eles, o Dr. Dingwal e o Dr. Eugène Osty. Este chegou a dizer: «Não posso admitir que um verdadeiro médium, sempre disposto à maior fiscalização, seja vítima da mania publicitária e do ódio infantil à Sociedade de Investigações Psíquicas».

A tais nomes podemos juntar Lorde Rayleigh, o Professor Rankine, o Dr. Schiller, o Dr. William Brown, etc., etc., que também se impressionaram com a mediunidade de Rudi Schneider, não falando já do grande escritor Tomás Mann, que o elogiou, e do Barão Schrenck-Notzing, que o auxiliou no desenvolvimento das faculdades.

Tomás Mann afirmava: «Eu vi com os próprios olhos e declaro que não pode ter havido possibilidade mecânica de fraude, prestidigitação ou ilusionismo». Mann segurava os pulsos do médium e outro assistente segurava-lhe os joelhos. Assim mesmo e em plena luz vermelha viu materializar-se uma espécie de gancho mais delgado que a mão humana, a subir e a descer na atmosfera... E três vezes se repetiu o fenómeno. Depois uma campainha levitou, tocou fortemente, foi levada através do quarto e atirada para o soalho.

Cestos que giravam no ar e máquinas de escrever manipuladas por mãos invisíveis eram outros fenómenos produzidos por Schneider, que, além de médium notável, era também engenheiro mecânico e jogador de futebol.

Two Worlds, de onde extraímos estas notas, admira-se de uma coisa singular: nenhum dos jornais ingleses, que encheram colunas a respeito de seus poderes mediúnicos, registaram o trespasse. Silêncio profundo. Silêncio ou conspiração, como lhe queiram chamar. Por isso nem sempre devemos seguir a opinião dos jornais profanos.

Chamfort chamava à opinião pública a pior das opiniões e Bacon aconselhava, não a do vulgo, mas a do juízo imparcial, porque só esta lograva assento no concerto dos valores.

Rudi Schneider tinha 10 anos, quando começou a assistir a sessões em sua casa, na localidade austríaca de Braunan-in-Inn. Seu irmão Willy era o médium, através de quem *Olga Lintner* se manifestava, dizendo ser *Lola Montez*, favorita de Luís da Baviera, com a qual mantiveram colóquios, chegando ela a dar respostas muito exactas e a fazer predições verdadeiras.

Em certa noite disse que desejava trabalhar com Rudi, mas os pais opuseram-se por causa da idade. Poderia ficar doente. Olga, porém, insistia. Que trabalhasse, que não tinha importância.

— Nesse momento — escreve Schneider — dormia eu noutro quarto e minutos depois os assistentes viram-me entrar como um sonâmbulo e sentar-me no meu lugar.

Foi assim que as suas faculdades começaram a desenvolver-se. O Dr. Schrenck-Notzing assistiu a uma sessão e levou-o a Munique, onde tinha o seu laboratório. Realizava uma experiência todos os sábados, porque aos domingos o médium tinha de voltar para ir à escola. O investigador instalou então um pequeno laboratório perto de Braunau, sob a direcção do Capitão Cogelnick. Mais tarde é que fez numerosas investigações com Rudi, em Munique, e que ainda estão inéditas. Só depois disto é que Schneider foi chamado a Londres pelo investigador Harry Price.

Maurício Barbanell conta um episódio entre o cientista alemão e o espírito de *Olga*, que não resistimos a fixar. Notzing mantinha sempre as suas dúvidas a respeito da sobrevivência, porque só esta hipótese podia explicar os resultados obtidos. E dizia: «É lamentável que em tantas emergências os fantasmas mareçam pessoas mortas». Pois Barbanell encontrou em Copenhaga a Dr.ª Gerda Walther, secretária do investigador, que lhe confidenciou uma coisa que não vem nos livros do Barão. Este não gostava que ela tratasse *Olga* como individualidade aparte. E repetia-lhe: «Não vê que é a segunda personalidade do médium? Se eu hipnotizar Schneider, ela aparece imediatamente».

Na sessão seguinte, *Olga* perguntou ao Barão se acreditava naquilo.

— Acredito — disse ele.

— Então eu vou retirar-me, até que você se retrate.

O Barão hipnotizou Rudi várias vezes, mas *Olga* nunca apareceu...

Depois falou pelo médium e perguntou:

— Sou uma segunda personalidade?...

O Barão respondeu contrito:

— Para efeitos de investigação... admito que não seja...

Rudi Schneider deixou a terra em obediência à grande Lei. Curvemo-nos, respeitosos, e prestemos-lhe homenagem num minuto de silêncio. Que o seu espírito se liberte em direcção aos mundos superiores.

Boa noite, amigo. Deus guarde o teu lar e a terra brasileira.

26

O QUE A MÉDIUM CONTOU

Amigo radiouvinte:

Não se pode negar a importância da mediunidade nos acontecimentos diários. O que a Medicina não faz com seus recursos maravilhosos; o que a palavra não consegue com a magia do seu encanto; o que a amizade não proporciona em lances gravíssimos da nossa vida, surge na mediunidade com a revelação de um mundo estranho onde se encontram os que nos precederam e aos quais nos sentimos ligados.

As coisas do espírito assumem aspectos imprevisíveis, dão origem a mutações que estamos bem longe de imaginar.

No fundo de cada um há quadros que sobem ou descem segundo as circunstâncias. Se há saúde, se há felicidade, tudo corre normalmente. O indivíduo aferra-se à vida quotidiana e procura extrair do ambiente o máximo de bem-estar e de prazer, dir-se-ia que nada mais existe para lá das premências fisiológicas. Mas quando desaparece uma peça do xadrez, quando o cenário afectivo sofre um choque sem esperança de recomposição natural, o indivíduo é arrastado na queda e procura agarrar-se a todos os nichos. Os prazeres da carne diminuem, a matéria vai-se adelgaçando em benefício da vida espiritual. O efémero passa a eterno, o objectivo esbate o contorno e o homem tem necessidade de encontrar a chave dos seus novos problemas.

A mediunidade é decisiva neste ponto. Toca as almas no momento nevrálgico, quando tudo parece sossobrar à nossa volta. E muitas vezes as sombras desaparecem. E o que era aflição transforma-se em sossego e harmonia.

O *Psychic News* deu há tempos uma notícia deste género, na qual a médium Allingham desempenhou um papel importante. Viajava ela na Suíça em companhia de uma amiga; e quando atravessavam o Lago de Lucerna notaram que a bordo se encontrava um homenzinho indiferente à beleza da paisagem. Seus olhos amortecidos reflectiam um drama que não vinha à superfície. Jazia na consciência.

A senhora Allingham pensou então que talvez pudesse distraí-lo, provocando uma pequena conversação. A troca de impressões é sempre benéfica para quem sofre. E às vezes pode um raio de sol iluminar os arcanos, onde as dores imprimiram traços muito fortes. E os quadros mudam e o pessimismo abandona o seu reduto.

Nesta conformidade a referida senhora perguntou-lhe onde era a capela de Guilherme Tell. O homenzinho indicou-a, mas não alimentou a conversação iniciada.

Quando voltaram da excursão, as duas amigas encontraram novamente o homem de olhar triste e convidaram-no a tomar chá com elas. Ele apresentou-se: «Herr Rittenburg, alemão» e a conversa prosseguiu mais uma vez.

A senhora Allingham sentia que este homem tinha necessidade de auxílio. Mais: de socorro. Há situações em que o auxílio tem que ser urgente. Um minuto passado representa grande prejuízo. Mas nem sempre a ocasião aparece... Certos assuntos envolvem melindres e a boa vontade é insuficiente...

O homem ergueu-se para se despedir. Foi quando a médium lhe disse que via muitos espíritos à volta dele.

— Sua mãe está aqui.

— Minha mãe já não existe — objectou Rittenburg.

A senhora Allingham compreendeu o estado de espírito do seu interlocutor. Era de um homem desiludido, amarfanhado pelo destino, uma espécie de escravo condenado às galés. E por isso respondeu:

— Sim, eu sei. Mas eu sou clarividente e peço-lhe que me deixe dizer-lhe o que vejo.

O alemão não se deu por convencido. Admitiu a afirmação e ficou por ali. A indiferença afastava-o de tudo que o pudesse erguer; e quando o pessimismo se instala nos corações, quando a descrença devora a maior aspiração, é difícil encontrar o equilíbrio que se perdeu.

A médium continuou, porém, a relatar o que via e sentia a respeito daquele desconhecido. Tinha desejo intenso de ajudá-lo, de concorrer para a sua reconstituição moral, sem olhar aos motivos de tal procedimento.

— O sr. tem sofrido tragédias sobre tragédias — disse ela — e deve permitir-me que o ajude. Sua esposa está aqui também. Pede-me que lhe lembre um pequeno coração de prata... Diz que foi o seu primeiro presente. No interior havia uma fotografia do vosso filho...

O alemão parecia invulnerável.

A senhora disse-lhe ainda que o filho estava com a mãe no mundo espiritual; que a casa de seu pai tinha sido incendiada e que, do «outro lado da vida», havia um homem que tinha sido fusilado.

Tudo isto foi dito à queima-roupa, sem preâmbulos, num jorro directo. Às vezes a mediunidade é um caudal. Supera a imaginação exaltada, resiste a objecções, a cepticismos, porque a verdade refulge aos olhos do incrédulo.

Temos visto cenas lancinantes em que os mais fortes sucumbem, com seu farnel de convicções e um orgulho desmantelado. Sentem-se diminuídos, apoucados, miniaturas imperfeitas do que eram, curvados a poder mais alto. Já não pensam no orgulho que os fazia sofrer, na «convicção» de opereta que os não deixava reflectir. Agora novos horizontes se abrem ao intelecto e caracterizam a jornada.

Foi meditando nisto, que a médium acrescentou:

— O sr. perdeu a fé em Deus, mas agora reencontra coragem e fé.

Aquele homem indiferente que o desgosto havia saturado tinha os olhos rasos de lágrimas. Era a luta intestina, o drama a dissolver-se, a transmutar-se em benesse.

Quantas vezes o bom parece mau? As nuvens são atraídas pelo estado de alma. Ensombram e causam tempestade no mundo interior. É preciso reacção violenta.

Aquele homem tinha os olhos lacrimosos. E disse num murmúrio:

— Devia ter regressado ontem... e fiquei... Depois perguntei a mim próprio: «Por que ficaste? Que fazes aqui?» Agora sei...

Isto foi o que a médium contou ao homenzinho do Lago de Lucerna. Foi o que o salvou da sua tragédia. E quantos poderão salvar-se em casos semelhantes?...

Boa noite, amigo radiouvinte. Que o teu lar se encha de luz e o Brasil de felicidade.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM CASO DE XENOGLOSSIA

O *Psychic News*, de Londres, alude com grande relevo à mediunidade da nossa amiga Elodia Cástolde Benevides, directora da bela revista *Voz Informativa*, da cidade do México, e que em Lisboa grangeou admiradores, por ocasião do último Congresso Espirita Internacional, realizado na Holanda.

Diz o articulista que a senhora Benavides tem o seu nome inscrito numa estátua pública japonesa, precisamente a que foi erigida ao célebre investigador psíquico Dr. Tamomokichi Fukurai, na cidade de Takazama. Depois conta como a directora de *Voz Informativa* sentiu eclodir a mediunidade, que lhe permite escrever em línguas que normalmente desconhece.

Estava ela uma vez em concentração, quando imediatamente foi compelida a escrever. Pegou num bloco de papel e escreveu uma série de bilhetes postais. E em grande velocidade começou a marcar os cartões com um número de linhas verticais e horizontais.

Quando acabou estampilhou-os e meteu-os no correio. Agora é ela que informa:

— Fiquei admiradíssima, quando recebi cartas do Japão, em resposta, escritas em Japonês, com livros, panfletos e até um «Dicionário Japonês-Espanhol», em reconhecimento dos meus cartões.

A senhora Benavides traduziu as cartas, com dificuldade e descobriu que todos os correspondentes desejavam saber *onde tinha ela encontrado os seus nomes e endereços.*

Por outro lado, não conseguindo encontrar ninguém capaz de traduzir bem as cartas, respondeu e contou o seu *modus operandi.*

Mas isto levou-a a tomar contacto com o Dr. Fukurai. Além disso, sendo médium, é também farmacêutica e directora do mensário espirita *Voz Informativa.*

Eis como ela explica a escrita automática em Japonês:

— Sempre senti grande atracção pelo povo japonês e creio que devo ter vivido nessa região nalguma vida transacta. Deve ser esta a melhor justificação que posso dar acerca do assunto.

A senhora Benavides, com quem privámos algum tempo em Lisboa, contou-nos numerosos casos semelhantes, entre eles, como compreendera idiomas que nunca estudara. Estamos convencido de que é médium notável, cujas faculdades xenoglóssicas poderiam ser aproveitadas no sentido de esclarecer pontos obscuros da investigação.

SOCIEDADE MERITÓRIA

Como os leitores terão lido no artigo do Marechal Mário Travassos, inserto noutro lugar desta revista, fundou-se há quatro anos no Rio de Janeiro a *Sociedade Pró-livro espirita em Braille* destinada a propiciar aos cegos brasileiros o estudo pessoal da doutrina espirita, em suas próprias fontes, e a traduzir em Braille as obras espiritas, cooperando igualmente na alfabetização dos cegos, mediante cursos sob a sua direcção.

Toda a escrita da Sociedade será feita em Braille e os corpos gerentes são constituídos por cegos e pessoas normais. O nosso colaborador Luís António Milecco é um grande entusiasta desta associação.

Assim, o Espiritismo vai penetrando no corpo social de um país vestíssimo e num sector que necessita de orientação e amparo. Os milhares de cegos disseminados pela Capital e pelo interior terão o seu organismo de carácter espiritual que os apoiará e estimulará em todas as circunstâncias.

Os cegos já escrevem, já falam nas emissoras, tomam parte em congressos e fazem propaganda nas colectividades espiritas. Alguns são médiuns de actuação e videntes magníficos. Por isso devemos ajudar esta Sociedade e chamar para ela a atenção pública.

Os cegos merecem-nos todo o respeito. Trazê-los ao nosso convívio, dar-lhes a consideração que merecem é dever dos espiritistas, sempre prontos a colaborar em obras beneficentes.

A *Sociedade Pró-llivro-espirita em Braille*, do Rio de Janeiro, terá esta revista à sua disposição.

CONTRA O SUICÍDIO

O nosso confrade e amigo Luís Otero, do Rio de Janeiro, está a desenvolver uma campanha permanente contra o suicídio, por meio de anúncios bissemanais nos matitinos e vespertinos de maior tiragem. A propósito envia-nos um exemplar de *O Globo* onde vem um dos anúncios.

Infelizmente o suicídio assume foros de psicose nas plagas brasileiras e toda a boa vontade é pouca para dissuadir os desgraçados de um «recurso» tão inútil, cheio de consequências graves.

Podemos dizer que a percentagem de suicidas baixou muito na Capital Federal. De 45 % baixou para 35.

O mesmo confrade informa-nos que em Paris a média é de 20 suicídios diários, quadro horroroso a que não podemos ficar insensíveis. É necessário combater o mal na própria origem: a alma humana. E nenhuma doutrina o pode fazer com mais autoridade do que o Espiritismo. Todos os suicidas se manifestam arrependidos em suas mensagens e concitam à ponderação. Com efeito, é grande o erro em que laboram esses tresloucados. Há sempre meios de resolver os problemas que nos afligem. O que é preciso é ponderação nos actos quotidianos, afastamento do que rebaixa a criatura, parcimónia nos gastos e sentido de previdência.

Aparte as questões passionais, que dão grande percentagem de homicídios seguidos de suicídios, a parte económica da vida faz numerosas vítimas que, afinal, julgando resolver os problemas, ainda mais os complicam. No fundo há egoismo e covardia moral.

Nos centros espiritas deviam criar-se núcleos de oradores contra o suicídio, a fim de mostrarem os

terríveis prejuízos desse flagelo aos futuros candidatos.

O Espiritismo tem salvado muitas vidas, tem orientado muitos doentes prestes a resvalar. Alguns deles são seus arautos e argumentam com a própria ressurreição.

Bem haja, amigo Luís Otero, pela cruzada que vem alimentando nos grandes jornais do Rio de Janeiro contra a praga maldita do suicídio.

Não esmoreça na campanha. *Estudos Psíquicos* estará no seu posto de vigilância a secundar os abnegados que trabalham nos alicerces de um mundo melhor, porque a nossa função é orientar os homens no verdadeiro caminho da felicidade.

FANTASMAS QUE TOCAM PIANO

Survie, órgão da União Espirita Francesa, extraiu do Boletim de Imprensa e Informação do Governo da Alemanha Ocidental o seguinte relato:

«Há uma velha casa em Fribourg-en-Brisgan que tem um piano de tipo especial. Exteriormente, é igual a todos os outros. Mas quando o seu inventor (o octogenário Edwin Welte) o submeteu a misteriosas manipulações, o piano começou a tocar. As teclas ondulam sob os dedos de um tocador invisível e os pedais parecem obedecer à pressão de um pé fantasmático.

«O banco está desocupado. Portanto, alguém está ao piano.

«Edwin Welte afirma que é Claude Debussy.

«Há 53 anos o proprietário da firma Welte & Filho tirou uma patente, na qual se declarava que era inventor do aparelho de reprodução «Welte-Mignon», através do qual 5.000 rolos de papel perfurado registaram interpretações originais de grandes compositores.

«Por acaso, a Sociedade Telefunken descobriu há pouco o inventor e o piano-fantasma e registou em discos a primeira série das obras de Debussy, Grieg, Saint-Saëns, d'Albert, Strauss, Mahler, e Reger. A audição de Debussy e Grieg (morto em 1907) faz realçar interessantes divergências d einterpretação com os modernos, pois a cadência e os acentos surpreendem muitas vezes, ao passo que se lamenta, aqui e ali, a ausência da «última perfeição» dos intérpretes contemporâneos, sobretudo no caso do «Papillon», de Grieg.

«Convidado a assistir a uma audição de Grieg, sem saber que o próprio compositor «estava ao piano», um crítico alemão fez há pouco o seguinte comentário:

«— É realmente bela; mas este pianista não tem noção alguma da forma como deve interpretar Grieg».

ROBERTO DELL

As faculdades psíquicas manifestam-se livremente na hora própria, à margem da vontade humana. O que se requer é ambiente.

Two Worlds, de Londres, relatou um caso bem curioso que merece arquivo nestas páginas. É seu protagonista o médium Roberto Dell, bem conhecido na Inglaterra.

Roberto Dell foi educado em Cardiff por sua irmã e ali fez parte de um coral religioso. Quando cantava nos coros, o garoto via caras que lhe pareciam anjos e às vezes um padre ao lado do maestro.

Um dia certo amigo disse-lhe que ia a um centro espirita.

— Que é um Centro?

— É um lugar aonde os mortos voltam.

— Eu não creio nisso.

O amigo foi ao Centro e Roberto regressou a casa e pediu a Deus que lhe permitisse saber se, de facto, os mortos voltavam.

Entretanto o seu amigo recebeu uma ordem no Centro: «Vai e traz o garoto a quem falaste...» Pouco depois Roberto recebia esta mensagem: «Meu filho, a tua prece foi ouvida. Os mortos voltam. Trabalharás para eles e para os que vivem».

Três anos levou Roberto a viajar, inquirindo sobre os fenómenos psíquicos em diversos países. Até que regressou a Cardiff. Alistou-se na R. A. F. no princípio da última guerra e não revelou a ninguém as suas faculdades.

Mas a verdade aparece. Os seus camaradas descobriram-lhe o segredo e respeitaram-no.

Pouco antes do início de certa missão de bombardeamento, perguntou-lhe um amigo:

— Bob, que dizem as tuas vozes a respeito desta noite?

Dell tentou ladear a pergunta:

— Dizem que o tempo estará bom.

Mas o amigo respondeu:

— Tenho o pressentimento de que não voltarei. As tuas vozes nada dizem sobre isto?...

Roberto Dell tinha a certeza absoluta que ele não voltaria. Mas respondeu:

— Decerto que volta. Eu hei-de encontrá-lo, quando você entrar.

O companheiro inquiriu se ele falava sobre o instante presente e Dell explicou:

— Não; há-de-me encontrar, depois de começar o bombardeamento.

Às três horas da manhã, Roberto Dell despertou com sensação de gelo no quarto. O companheiro da R. A. F. estava materializado na sua frente.

— Já voltou, Paddy?

O fantasma desapareceu sem responder.

No dia seguinte soube-se que o seu avião tinha sido abatido sobre a Alemanha...

O GOVERNADOR E A SEMANA SANTA

O jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 20 de Abril de 1957, insere uma notícia de Belém, capital do Pará, na qual se faz referência a um episódio entre o Arcebispo Mário Miranda e o Governador do Estado, sr. Magalhães Barata. Na cerimónia do lava-pés, na catedral belenense, o ilustre sacerdote falou sobre a Eucaristia, lembrando aos fiéis a necessidade de vivermos em amor e concórdia. Para demonstrar que assim era, atacou o Espiritismo, dizendo que não é religião, pois muitas vezes se apresenta como autêntica mensagem de satanás.

Poucas horas depois desta prelecção, o Governador presidia ao encerramento do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo na União Espirita Paraense e recordou uma fase de sua vida militar, na qual se entusiasmara pelo Espiritismo, lendo muito e acreditando na doutrina. Mais tarde deixou de frequentar sessões devido a circunstncias de ordem política e administrativa, mas guardava bem intacta a sua crença.

Referindo-se aos acontecimentos políticos do Estado, exclamou:

— Devemos orar todos pela paz espiritual do Pará. Estou cansado de lutas. Peço a meus adversários que me não façam voltar a elas. Só desejo trabalhar pela nossa terra.

Frisou que se divisava horizonte escuro e apelou para que as orações espiritas afastem esse sentimento da oposição.

Respondeu o sr. Lauro Monteiro, presidente da União Espirita, afirmando que o apelo não cairia no esquecimento.

Dois acontecimentos: na catedral, o ataque cerrado ao Espiritismo; na União Espirita, a prece pelos inimigos, a fim de que reine a paz e a concórdia no mundo!

LIGA ESPIRITA DO DISTRITO FEDERAL

Há colectividades que se impõem decisivamente aos sectores onde florescem. O seu procedimento, as suas atitudes, o progresso que as informa, a auréola que as circunda, a irradiação que projectam, tudo isto se reflecte primeiro nos adeptos e depois no Ideal.

Está neste caso a agremiação a que nos referimos, conhecida pelo espírito liberal de suas empresas, pelo aprumo de sua vida de relação, dentro e fora do Espiritismo.

Acompanhamos-lhe os passos desde a fundação e por isso a nossa simpatia tem aumentado à medida que seus triunfos se multiplicam.

Como é natural, trabalhou durante muitos anos pela sede própria e acaba de conseguir esse grande objectivo, na Rua dos Andradas, 96, 12.º andar, sala 1205, Rio de Janeiro.

A inauguração realizou-se no dia 18 de Abril, às 17 horas, em presença de numerosos visitantes e representantes das instituições espiritistas da Capital Federal.

Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente e Secretário Geral da Liga, pediu um minuto de silêncio em homenagem aos presidentes desencarnados: desembargador Gustavo Farnese, Estêvão de Magalhães, Artur Machado e Leôncio Correia e citou o Comandante João Torres e o Dr. Henrique Andrade, que se encontravam ausentes. O nosso querido amigo Dr. Amadeu Santos alvitrou a fundação de um jornal espirita. Aurino Souto, antigo presidente da Liga, proferiu a prece final, a convite do actual Presidente, Dr. Miranda Ludolf, que presidia ao acto e tem sido de assombrosa operosidade.

Agora, a Faculdade de Estudos Psíquicos e o Centro Espirita «18 de Abril» passaram a funcionar na sede da Liga nos mesmos horários anteriores.

Com novas acomodações e em lugar central, a prestante agremiação verá aumentada a população associativa.

Aos seus actuais dirigentes apresentamos efusivas saudações com desejo de progresso incessante. E que o nosso Deolindo continui a velar pelo bom nome da sociedade a que tem dado o melhor do seu esforço e da sua invulgar inteligência.

EDIÇÕES COMEMORATIVAS

O centenário de «O Livro dos Espíritos» suscitou na imprensa da especialidade uma série de edições notáveis, principalmente no Brasil e na Argentina. Constância, de Buenos Aires, saiu com 132 páginas; Reformador, do Rio de Janeiro, com 48; Mundo Espirita, de Curitiba, com 16, de grande formato; A Nova Era, de França, com 12 de grande formato; A Flama, de Uberaba, com 8 de grande formato; O Espiritismo Mineiro, de Belo Horizonte, com 6 páginas de grande formato.

E assim, sucessivamente.

Rara foi a publicação que não aumentou a tiragem, num entusiasmo natural, seleccionando a colaboração e adaptando-a à melhor propaganda.

Pode, mesmo, dizer-se que as comemorações prosseguem no mesmo ritmo solene.

Pela nossa parte, reflectiremos o que houver de bom no ano do Centenário, porque Estudos Psíquicos quer manter a posição de órgão luso-brasileiro de âmbito internacional.

ATITUDES...

Mãos amigas (ou inimigas) têm-nos enviado alguns jornais católicos e protestantes com ataques cerrados ao Espiritismo. Alguns companheiros aguardaram meses a resposta condigna. Como não surgisse, perguntaram a causa. E agora somos nós que perguntamos:

— Valerá a pena responder a pessoas de consciência adormecida?...

E lembrámo-nos da sabedoria dos árabes, a que há pouco se referiu a revista Boa Vontade.

Ibn-az-Zubair tinha muitos escravos na propriedade e os escravos do vizinho Califa invadiram-lhe as terras. Este recebeu uma carta do primeiro a contar a violência cometida e a pedir que repreendesse os servos para que as boas relações se mantivessem.

O Califa entregou a carta ao filho, que opinou resolutamente:

— Manda um exército contra esse grosseirão!

— Sou de opinião diferente, meu querido Iazid.

E pegando numa folha de papel escreveu:

«Meu caro vizinho Ibn-az-Zubair: Recebi a tua carta. O que te desagradou a ti, mais me desagradou a mim, pois coloco a tua amizade acima dos meus interesses. Assim, desisto em teu favor da minha propriedade, que podes incorporar às tuas, com tudo o que ela contém».

Ibn-az-Zubair apressou-se a responder:

«Sei agora, grande Califa, por que te guindaram ao elevado posto que ocupas em Qoraich. A paz seja contigo».

Quando a resposta chegou, o Califa mostrou-a ao filho, dizendo:

— A clemência e o perdão vencem e exaltam. São as armas mais eficientes para dominar os corações.

Pois, amigos, aplicai o conto aos jornais que mãos amigas ou inimigas nos mandaram para a «resposta condigna» e que só poderia ser a do Califa a seu filho: «A clemência e o perdão vencem e exaltam»... Chegam até a despertar as consciências adormecidas.

A FECHAR...

Anda sempre a paciência
A par da inteligência:
Quem toma as coisas no devido peso,
Calúnias
Pune-as
Com o desprezo.

Assim dizia Salomão...

NOSSOS TRABALHOS ENCERRAMENTO DOS

Com uma interessante conferência do nosso companheiro Dr. Ramos Pereira encerrou o Centro Espiritualista Luz e Amor os seus trabalhos de 1956-57.

Perante uma escolhida assistência, o conferencista apresentou o tema «Os Problemas Sociais e o Cristianismo» do ponto de vista evolutivo. Considerou o homem no espaço social, na vontade superior da vida e cotejou o fenómeno social com o fenómeno de grupo, que a lei da vida é evolucionista.

Comparou as várias formas sociais, entre elas, a integrada e a associativa, falou na tendência à integração e recusa da crítica, a fim de basear a ideia de resistência à modificação. E afirmou:

— Viver é conviver sem perda de equilíbrio. O homem é senhor do seu destino.

Passando às condições vitais, mostrou o condicionalismo dos seres vivos, afirmando que o estado de necessidade era posição natural na manutenção da existência. Disse que a técnica acompanha as necessidades da vida, exclamando:

— É o evolucionismo das espécies que se estende a todos os seres!

O problema económico mereceu-lhe muita atenção. Assim, notou que a satisfação das necessidades representa trabalho e que não há apropriação de meios sem esforço mais ou menos penoso. Portanto, concluiu, o problema social é de equilíbrio; e os problemas económicos, sociais e de equilíbrio são interdependentes.

Em seguida entrou no problema da consciência e no Cristianismo espirita, integrados na justiça social, Deus em nós, sintetizando em equilíbrio e bom senso para atingir a felicidade colectiva.

O presidente da Direcção analisou algumas facetas da conferência e congratulou-se com a bela lição de Ramos Pereira que a assistência sublinhou com manifestações de pleno agrado.

Fazemos votos para que Ramos Pereira volte a deliciar-nos com outras facetas do seu inegável talento.

AS CONFERÊNCIAS DO NOSSO DIRECTOR

Produziram grande interesse as conferências do nosso Director sobre «A Vida de Além-túmulo», que foram gravadas em fita magnética para o caso de poderem ser publicadas nesta revista ou em folheto.

A Fraternidade Esotérica, com sede na Avenida Marquês de Tomar, 68, 2.º, convidou-o a realizar ali uma conferência desta série, a qual foi muito apreciada pelo numeroso auditório.

GRUPO ESPIRITA AMOR E CARIDADE

Por falta de espaço deixámos de noticiar a festa de solidariedade que o Grupo Espirita «Amor e Caridade», da Rua de S. Bento, 23, realizou pela Páscoa de 1957.

O director de *Estudos Psíquicos*, convidado a presidir ao certame, realizou uma palestra, realçando o valor da solidariedade, sobre a qual assenta o edifício da doutrina espirita. Concitou a assistência a unir-se e a trabalhar para que a obra desta agremiação se tornasse cada vez mais elevada e mais ampla, procurando integrar-se nos postulados que orientam os nossos passos.

Toda a directoria se encontrava no estrado. Nem um só faltou naquele dia festivo.

Em seguida procedeu-se à distribuição dos donativos no meio da maior alegria, vendo-se lágrimas emotivas em muitos olhos.

Que o Grupo Espirita «Amor e Caridade» progrida cada vez mais, para que se multiplique em amor ao próximo.

INSTITUTO ESPIRITUALISTA PORTUGUÊS

No dia 7 de Julho, às 16 horas, o Instituto Espiritualista Português encerrou mais um ano de actividade com uma festa dedicada a Isabel de Aragão.

Após algumas considerações do seu presidente, Virgílio Maia, seguiu-se a distribuição de donativos.

A prof.ª D. Gertrudes Marramaque Silva — *alma-mater* da festividade — agradeceu a todos a leal colaboração em palavras amistosas.

Depois subiu ao palco o nosso presidente Isidoro Duarte Santos, em seu nome pessoal e em representação de *Estudos Psíquicos* e do Centro E. Luz e Amor, dizendo que estava sempre pronto a auxiliar as instituições amigas, partilhando de seus triunfos e reveses, terminando por se congratular com a festa de caridade que ali se realizava, Caridade Espirita que era a bandeira dos espiritas de todo o mundo.

O prof. Cabrita falou também, incitando os presentes à cooperação.

O confrade José Fuzeira, que do Brasil viera há pouco, apoiou também o certame.

Seguiu-se uma parte artística em que actuaram alguns alunos da nossa querida amiga D. Ema Cordeiro. O nosso companheiro António Cardoso recitou «O Fado», da sua autoria, e «A Lágrima», de Guerra Junqueiro, com estranha e adequada vibração. O nosso irmão Fuzeira recitou «A Lágrima», do mesmo poeta e D. Argentina Costa declamou uma poesia de José Castelo.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos demais anos, o Centro E. Luz e Amor encerrou os seus trabalhos deste ciclo, para reabrir em princípios de Outubro.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Julho — Manuel Cardoso Rebeca, de Abrantes, 50$00; Tatwa «Elifas Levi», de Vendas Novas, 100$00; D. Dulce P. Brito, de Entradas, 20$00; I.S., de Lisboa, 20$00; Anónimo da R. Nevala, 19$50; Guilhermina, de Lisboa, 50$00. *Total — 259$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita ..... 20$00
A Prece ..... 12$50
Espiritismo ..... 15$00
O Principiante Espirita ..... 18$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00 ..... 35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00 ..... 35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00 ..... 35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ... 38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00 ..... 35$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 30$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 50$00
O Porquê da Vida ..... 28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00 ..... 48$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 52$00
No Invisível (nova edição) ..... 52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 52$00
A Evolução Anímica ..... 48$00
O Fenómeno Espirita ..... 45$00
A Alma é Imortal ..... 52$00
A Reencarnação ..... 52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Urânia ..... 40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00

Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 60$00

Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo* ..... 60$00

Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00 ..... 35$00

Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas ..... 160$00

Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy* ..... 45$00

Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00

Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00

Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro* ..... 35$00

Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00

Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel ..... 20$00

Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro* ..... 26$00

Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos ..... 60$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler* ..... 45$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espíritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida ..... 42$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor 50$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor ..... 80$00

Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol. ..... 80$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espíritas ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc. ..... 160$00

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*. Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 35$00

Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo ..... 90$00

Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm

10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Edifício Acaiaca, na Avenida Afonso Pena

(Ver pág. 289)

CONTÉM:

Expansão, da **Redacção**; O Sudário de Turim, por **António Cardoso**; Pontos de Vista, por **José Simões de Matos**; Ideias Novas em Psiquiatria, pelo **Dr. Carlos Imbassahy**; Mensagens do Astral, pelo **Espírito Ramatís**; A Ressurreição, pelo **Dr. Noraldino de Melo Castro**; Antes, Durante e Depois do Gólgota, por **IBN**; Proselitismo, por **Alfredo Miguel**; Prece da Libertação; Mais Um Livro de Leopoldo Machado, por **Deolindo Amorim**; 2.ª Carta Aberta aos Irmãos Católicos, por **José Francisco Cabrita**; Ecos de Uma Viagem - XXXI - Três Obras Modelares, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros de Todo o Mundo, Anotações de **Argus**; Equilíbrio, Fabulosa Profilaxia!, por **Zalmino Zimmermann**; Religiões Unidas, por **Octávio de Marialva**; Notícias da Bahia, por **Alfredo Miguel**; O Maior Espiritista Brasileiro Não Pertence Mais à Terra; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; A Verdade Não se Ofusca, por **Idalinda A. Matos**; A Voz de Portugal Espirita, Crónicas Radiofónicas, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*, *Deolindo Amorim*, *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*, *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*, *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liege	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1957 — N.º 9

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

EXPANSÃO

O Centenário da Codificação Espirita teve o mérito de congregar elementos novos e valiosos que enfileiraram garbosamente em nossa Cruzada, decididos ao trabalho fecundo.

Sintoma evidente é o número de publicações que surgem ou ressurgem. Os novos juntam-se aos velhos, em esforço comum, em desejo de servir que alicia os mais timoratos. Já não há receio de expansão. O Espiritismo adquiriu grandes alicerces, apoia-se em cerebridades de valor indiscutível, em elementos difusores postos à prova, e as próprias autoridades o vêem com simpatia em muitos países onde a liberdade de expressão é a maior prerrogativa do Espírito.

Este facto milita a seu favor, assim como as campanhas que lhe movem adversários mal apetrechados e desprovidos de verdadeiro critério científico.

Para combater é preciso entusiasmo e convicção. Os mercenários fogem ao perigo, não arriscam a pele.

Quase todos os ataques feitos à Doutrina Espirita são fracos e incongruentes, próprios de quem ignora. Por isso se esboroam de encontro à verdade, como as ondas de encontro à rocha de granito.

O provérbio da Caravana adapta-se ao assunto. Quando é mesquinha a linguagem, os ouvidos não ouvem. O progresso nota-se a cada passo, de geração em geração, e o mundo não escuta quem pouco ou nada tem que lhe dizer.

A linguagem do Espiritismo é eclética, dirige-se a todas as almas. E todas têm que aprender nesta seara imensa. A criança e o velho, o forte e o fraco, o sábio e o ignaro. E cada um vai carreando a sua mensagem, no sector a que pertence. É a bola de neve a rolar, contagiando populações e abrindo caminhos novos aos passos da humanidade.

Esta é a nossa impressão. Não é preciso grandes anúncios para ver o sol a espelhar-se na terra. No baixo ou no alto sentimos os seus raios fulgentes e abrasadores. Vem até nós, acaricia-nos, enlaça-nos... como quem diz num sorriso:

— Eu sou a vida estuante!

O Espiritismo é semelhante ao sol do sistema planetário. Ilumina e aquece o hemisfério espiritual. Reune a vida física e a vida psíquica num grande abraço de ternura. Quer a felicidade para todos os seres. Quer o equilíbrio, base do esforço meritório. Quer a união que fortalece e a luz que esclarece. Quer uma vida melhor e maior.

Assim, não admira que se expanda, que alargue o seu âmbito, que exerça atracção nos estudiosos e nos sentimentais. Se ele está de acordo com todas as ciências, como diz Geley, é necessàriamente lógico.

Desde o invento de Gutembergue que a palavra escrita se transformou em alavanca de progresso. A arquitectura deixou de representar a História e o livro passou a Catedral.

Onde está obra que se assemelhe ao «Livro dos Espíritos»? Cem anos que parecem vinte, garbosos, pujantes, plenos de seiva? Capazes de avançar outros cem na mesma atitude vitoriosa? Onde está ela?... Não a descortinamos em parte alguma.

Nem a própria Bíblia, *que estratificou, não obstante as edições que se lançam, porque a maioria de seus compradores adquirem-na como objecto de museu.*

A «Bíblia» é um código de moral; o «Livro dos Espíritos» é um código de vida. Daí, a sua expansão crescente, no sentido de alargar horizontes mais vastos aos sedentos de verdade eterna.

Esta foi a lição do Centenário que vamos aprender para nova jornada de propaganda.

O SUDÁRIO

Por ANTÓNIO

Esteve há poucos meses em Lisboa o célebre *sudário de Turim*, em que muitos vêem uma prova indiscutível de autenticidade, um documento vivo da presença do Cristo.

Nós, porém, alheios a paixões de todo o género, vamos examinar pormenorizadamente o problema, tentando descurtinar o que pode haver nele de frágil ou verdadeiro.

Como apareceu o sudário de Turim? Qual a sua história? Eis as primeiras perguntas que lògicamente surgem no espírito do leitor curioso. Comecemos por notar que até ao ano 70 da nossa era nada se sabe a seu respeito. Aventura-se que nessa altura a imperatriz Pulquéria o colocou na Notre-Dame de Blanchernes, mas isso não passa de uma hipótese, de uma vaga hipótese, que os próprios cristãos preferem mesmo não aventurar.

O que se sabe é que, cem anos depois, um sudário era venerado na Palestina. No ano de 640 um peregrino encontrou numa igreja de Jerusalém certa peça de linho de 2,36 m. que dizia ser o sudário do Cristo. As dimensões, porém, não condizem com o actual de Turim...

Outros querem ver a origem recente do sudário em Constantinopla, sem, no entanto, explicarem por onde ele andou até essa altura. Mas poderemos nós acreditar nessa origem? Para desencorajar os mais crédulos bastará lembrar que um catálogo de relíquias constantinopolitanas — um catálogo, hein! — datado de 1150, se refere a um sudário, embora Guilhaume de Malmesbury, em crónica datada de 1120, mostre ignorar a sua existência... No entanto, para a complicação ser ainda maior, sucede que em 1203, portanto muito mais tarde, em plena Constantinopla, é possível observar, entre outras relíquias, um autêntico sudário. Isto nos diz o próprio Robert de Clari. Mas três anos depois, António, arcebispo de Novgorod, descrevendo relíquias veneradas nas principais Igrejas da cidade, cita um sudário representando a face do Cristo. Seria o mesmo que três anos antes Robert de Clari tinha visto? Mistério! Nada se sabe! Nicolas Mesarites declara que em 1201 havia dez relíquias na Igreja de *Notre-Dame de Pharos*, e não de Blanchernes onde Robert de Clari havia encontrado *outras* relíquias. Acrescente-se ainda que Mesarites fala, entre outras coisas, de um sudário!

Em 1204 a cidade é assaltada e Robert de Clari afirma que os cruzados se apoderaram das relíquias e levaram-nas para França. É lógica tal hipótese. O pior é que uma crónica de 1182 se refere a um sudário existente em França, na Igreja de Compiègne. Blinzer, que estudou o assunto em pormenor, dá-nos uma lista de igrejas que se tornaram possuidoras do sudário: Clairvaux, Halberstad, Soissons, Toledo, Clerment-Ferrand, Vézelay, Corbie e Cadouin. Qual destes sudários será o verdadeiro? Uns optam pelo de Cadouin, outros pelo de Besançon. Mas, tendo sido esta igreja incendiada em 1349, como admitir que o sudário não fosse destruído e esteja em Turim?...

A 20 de Junho de 1353 Geoffroy I, de Charny, funda em Lirey, na Champagne, diocese de Troyes, uma igreja colegial. Três anos decorridos é recebido ali um sudário com as dimensões de 4,36 m por 1,10 m com a figura de um homem nu, visto de dorso e de face. Não se soube jamais a proveniência deste lençol. Notemos também que o comprimento deste sudário é diferente do encontrado em 640, em Jerusalém, como aliás já tinha dito anteriormente.

Henri de Poitiers, desconfiando da autenticidade do sudário, mandou fazer um inquérito, que lhe não foi nada favorável. Com efeito, esse exame revela a sua não autenticidade, pois conhecia-se já a pintura da relíquia! Em face disto a exposição do sudário foi proibida.

O sudário desapareceu para voltar à cena 34 anos depois, no tempo de Geoffroy II. Mas Pierre d'Arcis reage como o seu antecedente Henri de Poitiers, e se a exposição do sudário não foi novamente proibida, isto se deve ùnicamente a determinada apelação feita ao delegado da Papa e de el-rei para que tal não sucedesse.

A guerra estala na Champanha e novamente o sudário anda em bolandas, até que a filha de Geoffroy II o leva para a Bélgica. Em 1452 é vendido ao duque de Savoia por um bom preço — 2 castelos. E ei-lo rodeado de grande respeito na capela de Chambery.

Finalmente, quando S. Charles Barromeu, arcebispo de Milão, deseja ver a relíquia, o duque envia-a para Turim.

Em 1898 Enrico Pia fotografou a mortalha e nela viu claramente impressa no negativo a figura de um homem que fora flagelado, coroado de espinhos e crucificado. Todo o mundo cristão se alvoroçou perante esta descoberta e o número de crentes na autenticidade da relíquia aumentou extraordinàriamente. Esqueceu-se nessa altura que em 1389 o teólogo e historiador Chevalier consultou os arquivos papais e revelou que um artista havia pintado a peça de linho.

Além disso há um pormenor importantíssimo, que parece não ter sido considerado. O sudário que fora para a diocese de Troyes no tempo de Geoffroy I trazia, repetimos, a figura de um homem nu. Ora, se o sudário de Turim é o mesmo, para quê o barulho feito em 1389 com a fotografia de Enrico Pia? As impressões desaparecem — dirão alguns interessados. Mas quando? Certos investigadores atribuem o desaparecimento a um incêndio. Embora cientificamente seja de admitir, a questão não se resolve sem se provar que um incêndio poderia ter originado tal fenómeno. Teria sido o incêndio de Besançon, em 1349? Impossível, porque o sudário aparecido depois de 1353 na Champagne não podia ter os traços visíveis dum homem nu. Os Drs. Hermann e Heinz Moedder, de Colónia (Alemanha), falam-nos num incêndio que surgiu em 1532, mas não dão pormenores sobre o facto — nem sequer dizem onde o incêndio se deu — de forma que tal afirmação nada adianta. Por outro lado, Henri Verbist, professor no Colégio de Melle, que tratou do assunto com muita ponderação, ao falar do sudário cita os anos de 1506, 1540 e 1598 como data de certa importância na história do sudário. Não é estranho, muito estranho mesmo, que omitisse o incêndio de 1532 — de capital importância na história da relíquia? Além do mais, não devemos esquecer que

Henri de Poitiers, Pierre d'Arcis e o próprio teólogo Chevalier são unânimes em declarar falsos os sudários que examinaram!

Há quem argumente que os Evangelhos falam no sudário. Mas poderemos nós acreditar, sem prévio exame, em escritos cheios de contradições, algumas bastante graves? Evidentemente que não. Além de que, mesmo que quiséssemos acreditar na sua veracidade, o seu exame só viria aumentar as dificuldades. Marcos, por exemplo, diz em XV-46: «E José, tendo comprado um lençol, e tirando-o da cruz, amortalhou-o no lençol, e depositou-o num sepulcro que estava aberto em rocha, e arrimou uma pedra à boca do sepulcro». Em Mateus, podemos ler, a partir de XXVII-57: «E quando foi lá pela tarde, veio um homem rico de Arimateia, por nome José, que também era discípulo de Jesus. Este chegou a Pilatos, e lhe pediu o corpo de Jesus. Pilatos mandou então que se lhe desse o corpo. Tomando pois o corpo, amortalhou-o

DE TURIM

CARDOSO

José num asseado lençol. E depositou-o no seu repulcro, que ainda não tinha servido, o qual ele tinha aberto numa rocha. E tapou a boca do sepulcro com uma grande pedra que para ali revolveu e retirou-se».

O documento de Lucas é idêntico ao de Mateus e Marcos. O de João, porém, é completamente diferente, e levantou uma série de dificuldades. Podemos ler nele, a partir de XIX-38: «E depois disto José de Arimateia (pois que era discípulo de Jesus, ainda que oculto por medo dos judeus) rogou a Pilatos que o deixasse tirar o corpo de Jesus, e Pilatos lho permitiu. Veio pois e tirou o corpo de Jesus. E Nicodemos, o que havia ido primeiramente de noite buscar a Jesus, veio também, trazendo uma composição de quase 100 libras de mirra e de aloés. Tomaram pois o corpo de Jesus e o *ligaram envolto em lençóis,* depois de embalsamado com aromas, da maneira que os judeus têm por costume sepultar os mortos» (o itálico é nosso).

A descrição de João é, como se vê, completamente diferente da dos outros evangelistas. Porquê? Como explicar tal facto? Vários argumentos têm aparecido, tentando explicar o que não tem explicação; mas esses argumentos só complicam o assunto. Afirma-se que o lençol só envolveu o corpo e as pernas, sendo a cabeça envolvida por um lençol — o actual sudário de Turim. Tal argumento carece de lógica, como vamos ver:

1.º — Não é razoável que se embalsamasse o corpo do Cristo, com exclusão da cabeça. Então seus discípulos não gostariam de conservar os seus traços fisionómicos?

2.º — Se o lençol só cobrisse a face, para quê um lençol tão grande, como o de Turim?

3.º — Não explica por que os outros evangelistas contam o facto de maneira diferente.

Outro argumento mais engenhoso diz que houve 2 embalsamentos: o primeiro, a que se refere Marcos, Lucas e Mateus; o segundo, relatado por João. Este argumento — repetimos — é muito engenhoso, mas também não está isento de sérias dificuldades. Além de não explicar claramente por que motivo os 4 evangelistas não contam o caso da mesma forma, ou melhor, de acordo com a hipótese apresentada, levanta as seguintes objecções:

1.ª — Se a imagem foi provocada sob a influência do aloés, por que motivo os 3 primeiros evangelistas omitiram o facto?

2.ª — São precisas 36 horas para que a imagem fique impressa. Mas, de acordo com a hipótese dos dois embalsamamentos, o tempo fica reduzido a 24 horas, o que é cientificamente impossível.

3.ª — Além disso, que fariam ali os guardas, se deixaram entrar José de Arimateia e Nicodemos? Com efeito, em Mateus, XXVII, a partir de 62 podemos ler: «E no outro dia, que é o seguinte ao parásceve, os príncipes dos sacerdotes e dos fariseus acudiram juntos a casa de Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, vivendo ainda, disse: Eu hei-de ressurgir depois de três dias. Dá logo ordem que se guarde o sepulcro até ao dia terceiro; para não suceder que venham seus discípulos, e o furtem, e digam à plebe: Ressurgiu dos mortos; e desta sorte virá o último embuste a ser pior do que o primeiro. Pilatos lhes respondeu: Vós aí tendes guardas, guardai-o como entendeis. Eles porém, retirando-se, trabalharam para ficar seguro o sepulcro, selando e pondo-lhe guardas». Tomando por base as declarações de João, poderemos nós aceitar como provável a hipótese de um segundo embalsamamento? Evidentemente não.

Depois de passarmos revista ao que a História nos diz sobre o assunto e à fragilidade dos textos evangélicos, vejamos o que a Ciência informa a tal respeito. O biólogo Paul Vignon, professor em Paris, desencarnado em 1944, aventurou a hipótese vaporífera, para explicar o aparecimento da imagem no sudário. Diz ele: se um cadáver envolto em suor, é envolvido num lençol com aloés ou embebido num líquido oleoso à base de aloés, em virtude dos vapores amoniacais do suor, é possível ficar impressa a imagem do indivíduo. Claro, — continua Paul Vignon — esta acção será mais forte nas partes do corpo directamente em contacto com o lençol (nariz, sobrancelhas, barba, etc.). Isto explica por que a imagem produz um negativo do corpo.

Embora se trate de estudo muito interessante, no caso do sudário a hipótese de Paul Vignon levanta dificuldades intransponíveis. Em primeiro lugar, para que os traços do indivíduo fiquem impressos no sudário é necessário que ele não seja prèviamente lavado. Caso contrário, não haverá suor, e os consequentes vapores amoniacais, portanto, a impressão, não serão possíveis. Era, pois, necessário recorrer à tese já apresentada da *dupla envoltura,* que o próprio Vignon nunca defendeu... e que vimos, por outro lado, ser insustentável! Além disso (e esta parece ser a objecção de maior peso), como explicar que a imagem se não tenha deformado em contacto com o lençol?... Como explicar a flagrante continuidade entre as duas impressões da cabeça? Henri Verbist, num estudo feito, afirma — e muito bem — que tal facto é inexplicável.

O Dr. Hyneck, e o Dr. Barbet, de Paris, investigaram também o assunto, mas numa direcção que pouco interessa ao nosso estudo.

Ao chegar a este ponto, conclui-

PONTOS DE VISTA

por *José Simões de Matos*

Poucas pessoas avaliam o âmbito de suas ideias pessoais e que às vezes constitui a base de seu ponto de vista no assunto. Com raras excepções, tais pessoas confundem a maneira de ver com a medida das coisas em geral. Por esta razão, julgando ou conceituando, dizem: «Isto é assim», quando, honestamente, deveriam dizer: «Eu, no caso, pelo que sei e sinto, penso ou julgo assim». Porque, em rigor, a nossa opinião pode ser verdadeira ou errada.

Embora verdadeira, não temos o direito de impô-la a quem quer que seja, sob pena de nos excedermos e causar perturbação a outros homens, ou espíritos, no seu modo de pensar, no seu livre arbítrio, porque também têm direito de pensar e manter o seu carácter. Quem colabora na vida dos seres e das entidades, deve observar estas coisas, se quiser viver em paz consigo mesmo e com o próximo.

O ponto de vista de cada um depende da maneira como ele se coloca e encara a questão. Mudando, por vezes, as posições, se altera muito o ponto de vista. Exemplo: Dois homens estão em frente um do outro. Um escreve o número 6 e manda o outro ler. Dirá 9. Ora, como pode ser isso? É que o número 6, visto pelo lado oposto, representa 9, e vice-versa. Então, para esclarecer este caso, o melhor meio é mudar a posição dos contendores e imediatamente se convencerão. Noutros casos também assim acontece. Muitas vezes, certas pessoas não compreendem a estreiteza das suas ideias. E, quando são contrariadas, logo se perturbam e descontrolam. Acham que o seu pensamento, os seus pontos de vista devem ser por todos acatados, sem notarem o absurdo que praticam.

Todos têm direito à sua ideia, à sua opinião, que desejam ver respeitada, o que é razoável. Mas, para que isso aconteça, é preciso que cada um respeite e considere igualmente o direito do seu próximo. Nesta parte entra a educação em jogo, como factor principal. Conheço pessoas que são muito prontas a julgar e dar opinião, admirando-se muito dos que procedem mal, como se eles fossem justos infalíveis. Entretanto, a vida em que vivem muda-lhes um pouco o cenário e os vemos, logo em seguida, praticar ainda pior do que aqueles de quem falaram.

Geralmente, quem muito se admira de uma coisa não a viveu nem a conheceu. Terá que ser levado a conhecê-la. E quando isso suceder, chegará a sua vez de fazer melhor ou pior do que os outros. A lei social do Evangelho prevê todos estes casos e o homem necessita de instruir-se e cuidar-se para não fracassar nas provas que a vida nos prepara, no caminho de nossa evolução espiritual. Para tanto, é preciso ler e meditar os textos evangélicos, além das palavras e dos seus comentaristas.

Precisamos educar-nos e rever os nossos pontos de vista à luz do Evangelho e da consciência, não esperando que outros a tanto nos obriguem, na hora da provação e do sofrimento.

remos que nada, absolutamente nada, abona a favor da autenticidade do sudário.

Mas nós vamos mais longe. Os Drs. Hermann e Heins Moedder, depois de *provarem* a autenticidade do sudário (?!) dizem: «Agora defrontamo-nos com grave questão: qual o cadáver que jazeu envolvido naquela mortalha? Aqui só é possível prova circunstancial. Na História só conhecemos uma pessoa que corresponde a todos os pormenores: Jesus-Cristo. Mas, por outro lado, podem ainda apresentar-se-nos outros argumentos. São dois exemplos artísticos e históricos. De acordo com a tradição há dois retratos do Cristo: a *Verónica* e a *Edessa*. Ambos mostram uma face que foi pintada, e que, na sua essência, corresponde à face impressa no *Santo Sudário de Turim*. E ambos contêm um pouco de verdade. Provàvelmente as faces foram copiadas da mortalha de Turim».

O que acaba de ser dito não corresponde à realidade. Em primeiro lugar é inexacto que a História só conheça um indivíduo crucificado. Na Antiguidade, a crucificação era um castigo muito frequente na Judeia, sob o domínio romano. O próprio Heródoto cita muitos casos de crucificados!

Em segundo lugar, a identidade de fisionomia entre os retratos de *Verónica* e *Edessa* e a imagem do sudário nada provam. Simplesmente correspondem ao tipo actual de representação do Cristo. Mas nem em todas as épocas este tipo prevaleceu... Tertuliano descreve-o de acordo com uma professia de Isaías; em contrapartida, Santo Agostinho diz que era formoso... Qual dos dois tem razão? Até aos fins de 326, o Cristo era apresentado completamente imberbe. Daí por diante surgiu misteriosamente barbado. Como explicar tal facto?

Chegámos ao fim. Que concluir de tudo isto? Que nada prova que o sudário de Turim seja autêntico, isto é, que tivesse envolvido um corpo naturalmente e não tivesse sido fabricado em série, como os outros. Só assim se explicaria a solução de continuidade já referida. Só fazendo pressão igual sobre todas as partes da cabeça e pondo o lençol em determinada posição, com prévio intuito, isso poderia suceder. O Concílio de Latrão de 1215 não se refere à epidemia de *relíquias* existentes? Quem nos garante que não se fabricassem sudários a torto e direito? E não vimos nós que, sempre que honestamente se queria estudar a origem dum sudário, se encontravam falsificações?

Dizem que há castelos assentes na areia. O sudário de Turim pode ser considerado um desses castelos.

IDEIAS NOVAS EM PSIQUIATRIA

Pelo Dr. CARLOS IMBASSAHY

(Correspondente em Niterói, Brasil)

Deolindo Amorim, esse incansável patrício na defesa das boas ideias e das boas causas, às quais empresta a sua actividade, a sua inteligência e a sua exemplificação, acaba de publicar interessante livro com o título de «Espiritismo e Criminologia».

Não é, porém, com o fim de fazer a crítica do livro, que aqui venho, senão com o intuito de contribuir para o assunto com algumas achegas. São exemplos, a ver até onde vai a nossa responsabilidade em certos actos da vida, alguns apenas reprováveis, outros delituosos.

Apresento três casos cuja génese passaria despercebida ao próprio paciente se ele não tivesse estudado já a doutrina espirita. E o mais importante é que a conhecendo, não pôde evitar os acontecimentos e só tirou as necessárias conclusões depois de muito meditar sobre eles. Vejamo-los:

Trata-se de amigo íntimo, de idade já avançada e dado a pesquisas espiritas, o que mais contribui para a curiosidade do caso.

Possui ele um irmão médico, pessoa distintíssima, a quem estima sinceramente. Esse facultativo tem prestado como irmão, como amigo e como médico, a ele e a toda a família, desinteressados serviços e cuidados excepcionais, sem nunca demonstrar o menor aborrecimento ou má vontade. Sempre pronto, sempre amigo, sempre dedicado.

Pois certa vez, entra-lhe em casa o mano mais velho, vai pedir-lhe não sei quê, e como o encontrasse vestido e pronto para o teatro, sem mais aquela, desata em impropérios, já tomado de grande ira, quase de furor, como quem está prestes a atacá-lo.

O outro, tomado de espanto, responde mais ou menos desabridamente, e sai. Mal havia saído, o iracundo velho sente que lhe passara imediatamente a raiva; como que se evaporara; cai em si, fica pasmo, sem compreender, no momento, como lhe dera aquilo, e retira-se, por seu turno, confundido, envergonhado, esmagado, tomado de um remorso angustiante.

A coisa nunca se explicou, mas, felizmente, a amizade entre ambos revivesceu, como certos arbustos, garantidos pela profundidade das raízes, quando voltam as chuvas depois da seca. Tudo ficou como se não passasse o incidente de uma insânia inexplicável e injustificável, mas passageira.

De outra feita, foi ele visitar um cunhado, rapaz de grande bondade, sempre tranquilo como um justo e cuja probidade ele muito admirava. Esse cunhado tinha uma enteada a quem tratava como filha, e se fazia distinção entre os próprios filhos e ela, a distinção era a favor desta.

A folhas tantas, a avó da menina dá-lhe uma palmada por qualquer tranquibérnia da pequena; palmada de avó estremosa, que teve apenas o efeito de sacudir-lhe as saias.

Pois o nosso amigo, vira-se de repente para o cunhado, num assomo de cólera, e lhe diz, ao berros:

— Isto acontece porque você não é o pai, porque maltrata a criança, porque é um bruto...

E foi por ali afora, lançando doestos e inverdades em forma crescente.

O cunhado ficou a olhá-lo, estatelado.

Súbito, a zanga passou; saiu-lhe pela cabeça acima, como um penacho de fumo. Parecia que lhe tinham puxado aquilo pelo cocoruto.

Pouco depois, abatido, encalistrado, vai ao cunhado, tão seu amigo, pede muitas desculpas, explica-se, diz que talvez tivesse sido o pai da criança o autor daquela desordem... O cunhado sorriu complacentemente, com ar de filósofo, assim como quem estava mais convencido da falta de educação do velho que da intervenção do defunto.

Agora, o terceiro caso.

O velho possui um confrade, de longos anos, a quem dedica amizade, reconhecimento e admiração, assim pelo seu valor intelectual, como pelas suas qualidades morais. O confrade, a mulher e um filho, moradores numa cidade do interior fluminense, foram passar com ele uma semana, por ocasião de uma festividade espirita.

Certo dia, o casal deixou o filho em casa, com a recomendação de que não o deixassem sair. Mas o menino saiu.

Essa infantilidade fez o velho encher-se de pânico. E como habitava quase à beira-mar, viu já o menino na água, afogado, e os pais, de volta, ansiados, a procurarem o cadáver nas ondas, e a ambulância, o pronto-socorro, o necrotério, o enterro a sair no dia seguinte. Tudo isto lhe estava diante dos olhos quase como coisa certa, iniludível...

Saiu de casa, alucinado, à procura do pequeno; sempre havia uma esperança... Correu a praia toda, correu as ruas, os jardins públicos. Não via o fugitivo. Voltava a casa a indagar se ele aparecera. A criada lhe dizia que não: «Nada, não veio!...» Ele tornava, desesperado, à praia, às ruas, aos jardins...

Até que, numa dessas idas e vindas, dá com o menino, muito alegremente, como quem se apanha solto pela primeira vez num grande divertimento, a correr atrás de uma bola que os jogadores de praia atiravam à rede. Era o apanhador gratuito das bolas desgarradas. Mas como isto o alegrava!

E então, o velho, em vez de acalmar-se, em vez de lhe dar o achado grande alívio, tomou-se de uma zanga maior, apanhou o menino pelo braço, deu-lhe umas sacudidelas e o levou para casa, depois de chamar-lhe malandro, vagabundo...

Já em caminho lhe foi voltando a razão: via o pequeno enviscado num folguedo de criança, alegre

"MENSAGENS DO ASTRAL"

pelo Espírito RAMATÍS

Eis um livro extraordinário recebido mediùnicamente pelo Dr. Hercílio Maes e semelhante, em sua contextura, à «Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores», cujas duas primeiras edições num total de 30.000 exemplares se esgotaram em pouco tempo.

A 1.ª parte, intitulada «Conexão de Profecias», contém:

«Os Tempos são chegados», «Juizo Final», «As Influências Astrológicas», «O Signo de Pisces», «Os Reis Magos», «O Valor da Profecia», «A Bíblia e a sua Significação», «O Simbolismo do Apocalipse», «A Besta Apocalíptica», «O Número 666 na Profecia Apocalíptica», «A Queda Angélica e a Acção Satânica», «O Astro Intruso e a sua Acção sobre a Terra», «Os que Emigrarão para um Planeta Inferior», «A Verticalização do Eixo da Terra», «As Explosões Atómicas e os Efeitos Kármicos», «A Higienização da Terra, Suas Futuras Riquezas e Novas Condições de Vida», «Os Engenheiros Siderais e o Plano da Criação», e «O 3.º Milénio e a Nova Humanidade».

A 2.ª Parte, intitulada «O Sublime Peregrino», contém:

«Maria e a sua Missão na Terra», «Jesus e a sua Infância», Jesus e a Natureza do seu Corpo», «Jesus e seus Aspectos Humanos», «Jesus e os Quatro Evangelhos» e «Jesus e seus Milagres».

1 volume de perto de 500 páginas (formato 24×16) em papel de linho ..... 140$00

(Enviamos esta obra à cobrança)

com a praia, com o sol, com a liberdade, com aquela, para ele, honrosíssima função de apanhador de bolas. E o velho, ele tão amante das crianças, desabridamente, estragara tudo.

Quis apanhar o menino, trazê-lo de novo à praia, pedir até perdão, mas uma força estranha, poderosa, amarrava-lhe os movimentos, entibiava-lhe a vontade, apertava-lhe a garganta.

Chegado a casa, sentiu-se inteiramente livre daquela opressão, mas outra se apoderou dele; a energia que o dominara evanesceu, mas o mal estava feito. Ali é que o tomou um arrependimento imenso. Procurou o menino, falou-lhe amistosa, meigamente, mas ele, amuado, não respondeu. Não mais saiu do quarto; não quis jantar, meteu a cara no travesseiro.

Como aquilo doía ao velho!

Tinha ele em casa uma afilhada, de 4 anos, a quem muito queria, a quem amimava muito; tentou pô-la ao colo, mas não o pôde fazer, com a lembrança do outro. Algo lhe dizia: «Esta você põe ao colo por que a estima, ao pequeno tratou daquela maneira».

O pai da criança veio a saber do caso, que o menino contou, não se sabe como, e apressou a volta a penates. Já não era o mesmo; despediu-se taciturno. E o velho viu que aquela grande amizade tinha sofrido um profundo abalo.

Não conviria dar o nome ao paciente, pessoa muito conhecida, mormente nos meios espiritas, porque ninguém gostaria de passar por obsidiado, além da pecha que lhe poderia caber de estar assim por se haver metido em Espiritismo.

Não resta a menor dúvida de que ele agiu sob influência estranha. Era uma espécie de loucura momentânea, em que parecia estar em estado consciente e que passaria como simples estado emocional, uma comoção nervosa, mau génio, brutalidade, estupidez, ou coisa equivalente, se ele, conhecedor do assunto, não se estudasse a si mesmo, verificando, com certeza certa, que aqueles actos não provinham de si. Ele estava dentro do domínio metapsíquico, no terreno supranormal.

O caso não é novo. Conta-se daquela senhora, de alta sociedade, de fina educação, que, em companhia de outra, muito sua amiga, num camarote, à vista de todos, começou, sem mais nem menos, a revelar segredos, que aliás não conhecia, a declarar que a amiga tinha amantes... O marido da ofendida aziumou-se, tomou satisfações ao marido da ofensora, que não tinha nada com aquilo, e o incidente só não acabou em pancadaria, pela intervenção de terceiros, que trataram de explicar o caso como puderam, enquanto a autora do escândalo, atónita, atoleimada, não sabia como sair-se da entaladela, ou explicar seu acto intempestivo.

Nesses incidentes, até onde iria a responsabilidade do paciente?

É possível que a entidade obsidente achasse nele afinidade. Dir-se-ia que acontece nos fenómenos relatados o que se dá nas sugestões hipnóticas: o indivíduo recebe ordens do hipnotizador e faz o que não faria em estado normal: papéis levianos, ridículos, chocantes. Mas repele as sugestões inteiramente contrárias ao seu carácter, à sua índole, às suas virtudes.

É possível que o velho atuado, ou quaisquer outros em idênticas circunstâncias, fossem incapazes de cometer um crime, por mais forte que se fizesse sentir a insinuação alheia; mas ainda tendo na alma muitas impurezas, dominadas, apenas pela ética, pela educação, pela vontade de seguir o caminho do bem, não pôde furtar-se ao assédio do adversário espiritual.

Como, porém, não há injustiças no plano divino, se o indivíduo se vê responsabilizado por faltas em que não interveio a sua plena consciência, estará pagando pelas culpas do passado, que haviam ficado insultas.

O caso mereceria um pouco de atenção por parte dos alienistas, se estes pudessem projectar suas vistas um pouco além da vida material.

A RESSURREIÇÃO

Pelo Dr. NORALDINO DE MELO CASTRO

(Correspondente em Belo Horizonte)

D. Jaime Câmara, Cardeal Brasileiro, lançou a público a 23.ª Carta Pastoral contra a Doutrina Espírita. O Espiritismo não a inventou. Allan Kardec apenas a codificou, sob o sopro divino, sistematizando-a.

A redenção do espírito, queiram ou não, é alcançada pelo esforço individual, na realização da reforma interior do homem. Em pleno século XX não tem mais guarida nem fundamento a salvação pela *graça* ou pelo *sangue*. Ela será objectivada pela fé, pelas *obras*, se perserverar-se até o fim. É do Evangelho. É a lição inolvidável da epístola universal de Tiago.

★

William Durante, renomado historiador e filósofo, chama à *ressurreição* de *mito:*

> «Aqui e ali, como entre os pawnees e os índios guaiaquil, os ritos da vegetação assumem forma menos atractiva. Um homem e mais tarde um animal — era sacrificado á terra, no tempo da semeadura, para que a fertilizasse com o seu sangue. O advento da colheita significava a sua ressurreição; por isso recebia a vítima as honras dum *deus;* e desta origem, *sob mil formas,* o quase universal *mito* do *deus* que *morre* pelo seu povo e depois *ressuscita.* A *poesia* enfeitou a *mágica* e transformou-a em *teologia.* (*História da Civilização,* vol. I, pág. 70).

★

Nós, cristãos modernos, embora reconhecendo a verdade histórica, não vamos a tanto, relativamente ao Cristo de Deus.

★

Jesus, cujas palavras devem ser meditadas à luz da *razão,* do *estudo* e não apenas por audição ou à obediência cega, disse-nos:

> «*Eu sou a ressurreição e a vida*» (Jo., 11:25).

Como entendê-Lo? Realizemos alguma perquirição.

1 — Não é sem razão que o Codificador colocou no pórtico do Evangelho Segundo o Espiritismo, ou seja interpretado de acordo com os ensinos espíritas, a lapidar sentença:

> «*Fé inabalável* só é a que pode encarar frente à frente a *Razão em todas as épocas da humanidade*».

2 — Diante dessa afirmativa irrefutável, não se admite o DOGMA como ponto fundamental e INDISCUTÍVEL de uma doutrina religiosa. Dogma, no sentido etimológico e não teológico, é ponto fundamental de qualquer doutrina ou sistema, modificável ou variável desde que novos conhecimentos ou verdades sejam proclamados lógicos e aceitáveis.

3 — A fé, em assuntos dessa natureza, tem de ser substituída pela «*luz natural da razão*». Em Espiritismo não há fé cega, nem é proibido o estudo das Escrituras. «Espíritas, amai-vos; eis o primeiro ensino; instruí-vos, eis o segundo.»

Eis por que no «fertilíssimo terreno das hipóteses nada deixou de ser explorado pelos racionalistas para explicarem *naturalmente*, o facto da ressurreição.»

Não é mais ponderado esse procedimento, do que permanecer no terreno do mistério, do indiscutível, da inquietação ou da dúvida atormentadoras?

4 — Já tivemos oportunidade de provar que Jesus, o Cristo, pediu a seus discípulos e seguidores o espírito de fidelidade, permanecendo em seus ensinos e guardando-os. Guardando-os, não como avaro ou sepulcro caiado, mas cheio de boa disposição para vivê-los e exemplificá-los com emotiva intensidade:

> «Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.» (Luc., 11:28).

★

5 — «Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, mesmo MORTO, viverá.»

Linguagem estranha!

Como pode o morto reviver segundo a lição da biologia? O corpo, na sepultura, não se putrefaz e decompõe? A ciência, não comprovou, determinadamente, que as substâncias orgânicas se volatilizam e retornam ao seio da natureza?

★

6 — O *Dicionário Enciclopédico Brasileiro* define a Ressurreição como «acto de ressurgir, de *voltar outra vez à vida.*» E esclarece que a Ressurreição de Jesus é o fundamento da *fé cristã,* referindo-se à Igreja Católica.

A «fé cristã» não é património da Igreja, sobre a qual tenha posse e domínio. É património humano.

Perlustrando os livros básicos da Doutrina Espírita encontram-se as seguintes definições: «reaparição do corpo», «volta à vida»; «consiste na aparição dos mortos com os cor-

pos ígneos, etéreos, intangíveis»; «a ressurreição fazia parte dos dogmas judeus, sob o nome de ressurreição» (Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 72, edição de luxo); «o dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos espíritos». (*Livro dos Espíritos,* n.º 1.010, pág. 456).

7 — O morto, segundo a lei da terra, pode reviver? Sim, como espírito, que retorna ao além, visto ser imortal.

Em João (8:51 e 52), Jesus nos fala em «ver» e «provar» a morte eterna. Equivale, é claro, a ver com os olhos da carne e experimentar o enclausuramento do espírito. Eterno, porém, no sentido filosófico espirita, não significa coisa sem fim, definitivamente, mas de longa duração.

E o que não é a reencarnação, a volta do espírito ao corpo, no seu encarceramento voluntário ou compulsório? Nada mais do que a morte. Paulo já ensinava aos Coríntios «que nem toda a carne é uma mesma carne» (I, 15:39); «Que enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor»; (2, 5:6; «e «ainda que se destrua em nós o homem exterior, o interior se vai renovando de dia em dia.» (2, 3:4). Como pode a carne não ser a mesma, biològicamente, a não ser com a animação de novo corpo? A ausência do Senhor, permanecendo reencarnado, não positiva o afastamento do espírito de sua morada real? Destruído o corpo exterior, conduzido o espírito ao inferno ou ao céu, como pode renovar-se diàriamente?

8 — O esquecimento do passado é a pedra angular dos que atacam o veículo da justiça divina. Mas, ele é justamente a fonte do exercício da misericórdia de Deus.

Em «La Sainte Bible», de L.-Cl. Fillion, comentada segundo a Vulgata, e os textos originais, ed. de 1927, contendo os respeitáveis «nihil obstat» e «imprimatur», vol. 4.º, pág. 411, lê-se:

«Leur âme se retirera, et ils retourneront à leur poussièere, en ce jour toutes leurs pensées périront.» (Psalmos, CXLV, 4).

O mesmo versículo, em latim:

«Exibit spiritus ejus, et revertetur in terram suam; in illa die peribunt omnes cogitationes eorum.»

Tradução do Padre António Figueiredo:

«Sairá o seu espírito, e tornará à sua terra; naquele dia perecerão todos os pensamentos deles.»

Tradução encontrada em Leopoldo Cirne:

«Sai-lhe o espírito, volta para a terra, naquele mesmo dia perecem seus pensamentos.»

Só volta à terra, quem já nela esteve, sem se recordar do que foi. Regressando, perecem, morrem os pensamentos, pois reinicia novo aprendizado de reajustamento espiritual.

Aquele que assim «ressuscitar», viver e criar na palavra revelada, «*não morrerá eternamente.*» (Jo., 11:26). Sem a reencarnação esta outra afirmativa seria ininteligível. Segundo o nosso modesto entendimento significa não reencarnará indefinidamente.

9 — Sabemos que «há corpos celestiais e corpos terrestres.» (I, Cor., 15:40). Há, pois, ressurreição espiritual e da carne. Não foi sem motivo que Paulo afirmou:

«Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção.» (I, Cor., 15-42). Reencarnado o espírito pecador, ressuscitará revivificado pela experiência da vida terrena e do sofrimento:

«Semeado o corpo animal (o espírito no corpo), ressuscitará o corpo espiritual (o espírito liberto). Se há corpo animal, também o há espiritual.» (I, Cor., 15:43).

E esclareceu que todos nós morremos em Adão, mas seremos revivificados em Cristo:

«O primeiro homem (alma vivente) é o último (espírito vivificante). Aquele formado da terra é terreno (!), este, do céu, é celestial.»

Donde, concluído o ciclo das dolorosas provações, o homem, liberto de preconceitos e da corrupção, deixará de «ver» e «provar» a morte, para, jubilosamente redimido, proclamar: «tragada foi a morte na vitória.» (I, Cor., 15:54).

10 — A criatura retornará a Deus, de onde saiu. Mas, só o fará quando se realizar nela a «recta justiça». (Jo., 7:24). Terá de buscar a iluminação interior, renovando-se de dia em dia, até que ela se realize, plenamente. «A carne ressurge para a morte, a alma ressurge para a vida.» (Vinicius).

11 — Ainda existem os saduceus modernos. Os próprios apóstolos não entenderam a Ressurreição do Cristo, anunciada por Madalena, a pecadora. Mostravam-se duvidosos, incrédulos. Mat., 28:17; Luc., 24:14; Marcos, 16:9 a 14; Jo., 20:25).

12 — Diante destes conceitos, plenamente justos, como entender, no século XX, afirmativas desse teor?

«Justamente por ser eterna tem de ser definitiva, mesmo para os que estacionam no purgatório, visto que já têm garantida a salvação.»

«... ninguém se enganasse a respeito do eterno destino dos que vão desaparecendo deste mundo: céu ou inferno, IMEDIATAMENTE APÓS A MORTE. Onde fica, pois, lugar para as reencarnações?» (Pastoral de D. Jayme).

Quem tem prova científica da existência do inferno ou do céu? A razão aceita esses lugares, em harmonia com a vontade do Pai, que não dá pedra ao filho que pede pão?

A reencarnação está comprovadamente demonstrada. Harmoniza Deus com a Justiça Divina. São as obras, a fé esclarecida e a prática do bem que abrem as portas da iluminação humana:

«Os que fizerem o bem sairão para a ressurreição da vida.» (Jo., 5:29). E a vida é encontrada através do «modelo e guia»:

«quem ouve a minha palavra (e a guarda) e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna.» (Jo., 5:24).

13 — Jesus, conversando com Marta, ouve dela a notícia de que o irmão Lázaro havia morrido. Tinha ela porém, a noção de que ele ressuscitaria no último dia.

«O teu irmão há-de ressurgir,» afirmou-lhe o Mestre. Se ressuscitar é retornar à vida corpórea (João, reconhecido como Elias, reencarnado e não ressuscitado) ou à vida espiritual; ou Jesus aparecendo a Madalena, aos discípulos no cenáculo e na estrada de Emaús e a Pedro e João, na pesca maravilhosa — como entendê-lo, quando afirmou «eu sou a ressurreição e a vida»?

Já vimos que ambos os substantivos têm a mesma significação ou equivalência — vida. O Mestre não haveria de contradizer-se, definindo-se com expressões de idêntico significado.

Afirmando à Marta que Lázaro ressuscitaria, quis dar-lhe o próprio testemunho de sua ressurreição, ao que nos parece, e, por dedução, acreditamos que pretendeu dizer: «Lázaro há-de resurgir, vêde, eu também sou ressurrecto e a vida está em mim.» Daí, ter afirmado mais: «o que crer em mim, AINDA QUE ESTEJA MORTO, viverá. Crês isto?»

Só pode crer, estando morto, o reencarnado, que, efectivamente, quando ressuscitado, espiritualmente, viverá.

14 — ALLAN KARDEC, dizendo que a ressurreição da carne é a consagração da reencarnação, não nos forneceu a fonte desse asserto.

Mas exemplificou: «João, reconhecido como Elias, não era este ressuscitado, mas reencarnado.» Os espiritas não inventaram a reencarnação. É doutrina das religiões orientais. Integra a filosofia de Sócrates e Platão.

Até os selvagens acreditam na sobrevivência da alma.

«Entre os negrilos e os negritos — que, de parceria com os vân, têm o privilégio do ATRASO e da INFERIORIDADE mental, reúne em si mesmo o poder doméstico, religioso e político... Estes povos RETARDADOS possuem as mesmas CRENÇAS que seus irmãos bantús... DISTINGUEM A ALMA DO CORPO, CRÊM NA SOBREVIVÊNCIA DO ESPÍRITO.» (P.e J. Castro Nery — *A Evolução do Pensamento Antigo*», pág. 24/25).

15 — A ressurreição da carne, como ensinada pelo dogma da Igreja, esclarece KARDEC, é contrária à ciência e às leis da natureza.

Consagra a reincarnação, como ressurreição.

Flávio Josefo, historiador judeu, contemporâneo de Jesus, escreveu:

> «Eles, (os hebreus), julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente RETIDAS PRISIONEIRAS NESSA OUTRA VIDA e que *OUTRAS VOLTAM A ESTA*. Eles grangearam *POR ESSA CRENÇA*, tão grande autoridade, entre o povo, que segue os seus sentimentos em tudo aquilo que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas. Assim, cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude, de sua maneira de viver e de seus discursos.» «A opinião dos SADUCEUS é que as almas morrem com o corpo...» (*História dos Hebreus*, vol. 4, Ed. América, pág. 261).

Kardec, portanto, não inventou. Afirmou uma verdade histórica, comprovada.

Não basta negar ou afirmar. É preciso provar. E está positivado que as almas tornam «outra vez à vida», muito embora, «naquele instante, pereçam-lhe os pensamentos.»

A reencarnação da carne, pois, só é admissível no sentido espirita. O espírito «volta à terra», animando outro corpo, *outra vez*.

E, como espírito, retornará ao Mundo Espiritual, vivificado, se guardar a palavra de Deus e perseverar até o fim.

«Faze isto e viverás.»

A RESSURREIÇÃO do Cristo foi gloriosa. Acontecimento que trouxe à terra alegria indizível e intraduzível. Deu-nos a certeza da sobrevivência e demonstrou, positivamente, a ressurreição do espírito após o fenómeno transitório da morte. Ao expirar na cruz, deprecou perdão pelos algozes.

O PRIMEIRO "LIVRO DOS ESPÍRITOS"

de ÁLLAN KARDEC

TEXTO FRANCÊS EM FAC-SIMILE

1.º CENTENÁRIO, 1957

TRADUÇÃO DE CANUTO ABREU

O texto português desta edição de luxo encontra-se face-a-face com o texto francês da 1.ª edição lançada por Allan Kardec. Em sugestivo *fac-simile*, precedido de um prefácio do tradutor, que tenciona publicar um segundo volume intitulado «Tradução Histórica e Esotérica do «Livro dos Espíritos», esta obra contém muitas coisas omitidas nas edições sucessivas e de grande interesse para os estudiosos e bibliófilos.

É uma das melhores contribuições brasileiras para o brilho do 1.º Centenário da Codificação Kardeciana.

1 GROSSO VOLUME (476 páginas) DE 24×16, EM PAPEL DE LINHO ..... 150$00

Enviamos este livro à cobrança

ANTES, DURANTE
E DEPOIS DO GÓLGOTA

por IBN

Meditemos.

Um esforço mental reconstrutivo permitirá desencasoar dos escaninhos da memória petições estranhas, ecos de outras existências, sussurros apagados talvez de claustros silenciosos, retalhos de lirismo, detalhes da 25.ª hora, dessa hora de mistério, que foge dos seres e das coisas, que só se revela aos de coração errante e inquieto, de exilado em longínquo país de sombra e recolhimento.

Concentrei-me.

Na tela de minha sensibilidade evocativa o pensamento-forma permitiu que assistisse a longo filme retrospectivo. Cena-a-cena, revi o drama paradoxal do cume do Calvário. Sim, era Ele. Era o Galileu.

Minha memória foi-se iluminando, induzida pela propagação dos efeitos combinados — luz e som — mecanismo fotófono de retransmissão instantânea, capaz também de fixar tudo quanto, através de seculares e milenários instantes do mundo, a luz e o som presenciaram e infinitamente em ondas e lampejos retransmitem, assim atestando em implacável arquivo, todas as angústias, todas as lágrimas, todos os gemidos, como também guardam o eco puro da linguagem casta e virginal, o pensamento-forma como se revela o desejo subtil de sacrifício.

Eis porque registou naquele novo amanhecer o pensamento emitido por Madalena, quando, ainda vergada ao peso da tribulação, se dirigia ao sepulcro e, lembrando-se do que Ele havia dito, repetia-o agora, em cícios, mas, cujas partículas sonoras da sua palavra articulada, permitiu que minha acuidade auditiva, no estado especial que me encontrava, registasse: «Quem crê em mim, embora morra, viverá, e todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá para sempre».

Também pelo pensamento, que é força modeladora, a minha memória reconstituiu, do quadro-drama dos sentimentos da Humanidade no seio dos paroxismos fratricidas, tudo quanto há 1957 anos, de uma Cruz pendeu para a salvação do mundo.

Eu revi e posso recompor as seguintes cenas, que vou emoldurar com a exiguidade da palavra.

Jesus-menino sentado na soleira, ao sopé do umbral da oficina de carpintaria. Estava quietinho, olhos límpidos, fixando num ponto distante umas avezinhas que se aninhavam à volta do lar da família sua, em Nazaré. Como as crianças, gostava de alimentar as aves, que essas vinham a Ele, sem medo.

Naquele instante o Menino aguardava que seu «protector terrestre» — o carpinteiro José — acabasse a faina diária, para que Ele, então, ajudante-aprendiz, já desobrigado do trabalho, pudesse dar-lhes o *pão nosso de cada dia* — as clássicas migalhinhas que às crianças encanta ver os pássaros comerem.

Mas isso fora *antes*.

Passaram-se os anos, como também com eles passaram os momentos de candura e paz.

Jesus, curvado sob o peso do madeiro, corpo suarento, lacerado pelas vergastas do flagício ignominioso que sofrera, de fácies agónico, sedento e, mais que tudo, de alma dorida sob o guante das amarguras, subia o seu CALVÁRIO.

Estamos no momento ignominioso: Ele está sentado e ergue-se agora a Cruz no cimo do Calvário.

Silêncio grande na tarde cósmica.

Em breve o tempo passa. Revivendo o sinistro instante, logo claras se me tornaram as imagens impressas na retina cósmica, de tudo que houve e se passou, há 1957 anos-terra: Jesus sorria. Sua Alma grande, afeita ao sofrimento, era capaz de compreender sem ironia e ainda ajudar sem censura, razão da acalmia estóica que fizera transluzir a Sua face num sinal de compreensão de nossa ignorância. Corre e escorre de permeio com o porejamento álgido e pré-agónico, pela máscara facial, qual glóbulo fosforescente, uma gota grande do fluido condensado — uma cristalina lágrima — revelação soberba e muda, em revivescência última, dos instantes de Sua meninice — o costumeiro colóquio com as aves, a Sua oficina, enfim, esfumados pormenores, silhuetando o Seu lar da terra.

À fulguração serena de Sua face seguiu-se um movimento na orientação visual de seus prismas um tanto vítreos, que numa fracção de segundo, como que emitiram intensa luminosidade, antes do bruxulear derradeiro, mal comparado com o que se passa com a luz dos círios, e tudo à sua volta se tornou estático.

Também revi. Mudo e quedo, percebi imensa sombra amiga e refrescante ensombrecer a Sua face.

Olhei, buscando a razão daquele efeito de iniludível causa inteligente. Vi, então, em paliçadas sucessivas, brigadas de leques abertos, constituídos pela justaposição de pequeninas asas. Eram as esquadrilhas da solidariedade e do conforto — das avezinhas Suas e de Sua meninice, que lhe vinham prestar homenagem, fazendo soar bem alto o testemunho transcendente dos atributos morais.

As avezinhas do tempo de Jesus-menino — espíritos ocupando pequenos corpos na senda evolucionista da espécie — imprimiram uma lição prática, de que os espíritos-irmãos em caso carnal, ainda não se servem, na aplicação do aprendi-

zado, que traduz e delincia o grau de aperfeiçoamento, no cadinho das transmigrações sucessivas, já que vi as avezinhas plenamente activas no trabalho de mitigar a fome.

Assim, enquanto umas mantinham o frescor da sombra, outras vinham e roçavam com blandícia a sua plumagem, emplastando-a com o suor, tingindo-a com as gotas de sangue, embebendo sua arminhosa lanugem em fresca água e borrifando, pelo aspergir goticulado, o ar ambiente, saturado pela canícula, na ardência daquela tarde, já em meio.

Istso tudo, durante o Gólgota.

Mas a hora grande e boa como um arco-iris traz para a tormenta de minha alma a Paz Serena.

Jesus ressuscitou!

... ...

Aqui estão detalhes de uma história verdadeira. Entretanto, a par da mesma, corre, pronunciada com entono de misticismo respeitoso, lá para as bandas do Rio-Mar, uma lenda — na estilização surgida do cimo da rútila ilha encastoada sob o arcabouço ósseo, em seus peitos livres e ainda porejantes, do primitivo momento-génese, dos caboclos vigilengos da Amazónia — que transmitem em ensino natural e nirvânico das mentes suas, aos filhos, toda a intensidade do drama fratricida — eles como nós todos — usufrutuários da inconsequência cometida e agora em liça, no reajuste de delinquescente pretérito.

Contam, então que os pintarroxos — esses alados e canoros filhos do mundo da Ornitologia, de plumagem sedosa, que ostentam, sobre o peito, bonita mancha carmezim, são hoje as formas volitantes que à época de Jesus, caritativamente, compungidas, estiveram solidárias ao Seu supremo-drama, e assim, em o após as sucessivas linhagens na seriação genealógica da espécie, povoam as terras brasilíndias, sadiamente orgulhosas, no ostentar, peito aberto, o sinete salvacionista do SANGUE que redime.

Lenda? E por que não a história verdadeira do instante — DEPOIS do Gólgota?

PROSELITISMO

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

Para quantos vêem no factor numérico um sinal de vitalidade e preponderância de uma causa, arrebanhar prosélitos e incorporá-los às suas hostes deve constituir afã obrigatório dos que nela militam e se batem pelo seu triunfo. É assim que observamos como tanta gente se esbofa num esforço pertinaz por incutir nos outros as suas ideias religiosas, porque supõe que quanto maior for a quantidade dos seus aderentes e defensores, mais se revestirão elas de autoridade e prestígio. Ora, bem diferente é a mentalidade filosófica dos espiritas, por isto que não temos por muito relevante o elemento quantitativo, e até nos apraz ser contados como minoria no seio da massa. A qualidade para nós é tudo.

De facto, se a nossa propaganda e a nossa doutrinação não conseguem melhorar os homens, que adianta termo-los feito ingressar nas nossas fileiras? Por quê catequizá-los, atraí-los, acomodá-los às nossas opiniões, se no íntimo conservam os mesmos sentimentos, as mesmas tendências?

Logo, não gastamos tempo em obra de proselitismo, sabido que o seu resultado é precário e duvidoso. Manda o Espiritismo que o propaguemos, expondo os seus princípios, indicando os livros onde todos poderão aprendê-lo e traçar uma orientação melhor às suas vidas.

Deste modo, aqueles que tenham encontrado nele mais consolações e mais luzes, renunciarão às suas velhas crenças e o abraçarão, fazendo-o, já se vê, sem violência ou constrangimento. Adesões desta espécie são as que convêm ao Espiritismo, pela sua espontaneidade e valor qualitativo. Ressalvamos, porém, os casos em que pessoas sinceramente desejosas de se instruirem, se dirigem aos espiritas, interessadas em esclarecimentos que a nossa Doutrina lhes pode oferecer. A essas pessoas folgamos em dar as explicações solicitadas, na medida de nossos conhecimentos, deixando às mesmas a liberdade de acolher ou rejeitar as nossas instruções, depois de as ponderarem maduramente. De intolerantes ou sectaristas só injustamente increparão os espiritas. Bem sabemos que a aceitação ou recusa de uma ideia decorre da capacidade assimilativa do indivíduo a quem é apresentada, ou do que chamaremos a sua idiossincrasia. E, pois, forçá-lo a dar-lhe a sua aprovação, ou conseguí-lo por sua mera aquiescência, não será convertê-lo em um verdadeiro crente. E de falsos devotos está cheio o mundo, para que lhes aumentemos ainda mais o número.

Prece da Libertação

Senhor dos Mundos! Dai-me forças para compreender os meus semelhantes e perdoar.

Dai-me recursos para suportar e aproveitar as críticas e ser humilde na poderosa tolerância.

Ajudai-me para que eu só consiga pensar no Bem, empregando toda a minha férrea vontade na construção de mim mesmo.

Fortalecei a minha fé, porque tenho necessidade de crer e de realizar-me cada vez mais, em todas as existências da carne e em espírito.

Que, enfim, onde eu esteja, possa sempre amar, porque só amando é que poderei compreender e sentir o Universo dentro de minha alma.

MAIS UM LIVRO
DE LEOPOLDO MACHADO

Por DEOLINDO AMORIM — Correspondente no Rio de Janeiro

A vida intelectual de Leopoldo Machado, com excepção apenas das tentativas literárias da mocidade, ainda na Bahia, sempre teve um motivo único, apesar da variedade dos temas: o ESPIRITISMO. Tudo quanto Leopoldo produziu, desde que se iniciou na propaganda espirita, e vai para muitos anos, tem sido sempre inspirado na defesa ou na dignificação da Causa espirita, conquanto a sua obra intelectual, apreciada em conjunto, se divida em duas partes bem caracterizadas: a polémica, que foi a sua seara mais movimentada, e a doutrinação pública, por meio de artigos, conferências, livros, teatro, programas radiofónicos. Podemos dizer que Leopoldo Machado explorou intensamente todos os campos, no movimento espirita: da tribuna de conferência à organização de programas de mocidades; do rádio à incrementação de campanhas sociais; da coluna de jornal ao debate verbal, nos duelos do pensamento. Polemista, e daqueles que não deixavam sem réplica qualquer ofensa à Causa espirita, viesse de onde viesse, Leopoldo entendia, entretanto, que não devia jamais entrar em polémica ou discussão veemente nas próprias fileiras espiritas. Sempre ouvimos Leopoldo dizer que não queria polémica «adentro da doutrina», isto é, luta de espirita com espirita. Fora da seara espirita, no tempo em que Leopoldo era o nosso maior espadachim, no dizer de Carlos Imbassahy, quem atacasse a doutrina (médico, padre, pastor ou materialista) reconheceria a resposta fulminante, incisiva, porque a pena e os argumentos de Leopoldo Machado vinham logo à arena em defesa do Espiritismo. Apesar disto, Leopoldo evitou, muitas vezes, demandas domésticas no seio da família espirita, porque lhe eram desagradáveis quaisquer campanhas entre espiritas. Hoje, que Leopoldo já não é mais polemista, porque a sua vida se consagra, actualmente, ao Lar de Jesus, ao estudo e à meditação, no tranquilo recanto de Nova Iguaçú, onde não deixa, aliás, de trabalhar pela doutrina, tudo isto é apenas uma recordação de outros tempos, daqueles tempos quentes, em que Leopoldo enfrentou, na tribuna, mais de um adversário valoroso. Duas vezes, entre outras, Leopoldo superou dificuldades pessoais, inclusive doença, para ir à tribuna profana, a fim de rebater interpretações erróneas e sustentar os verdadeiros princípios da doutrina: de uma vez, provocado por um padre, que se ufana de ser três vezes doutor, Leopoldo deixou o leito de enfermo, sem tempo, até, para coligir elementos, e foi, corajosamente, para o recinto de uma sociedade leiga, onde pulverizou todas as objecções do teólogo, e a vitória, na realidade, foi mais do Espiritismo do que pròpriamente de Leopoldo; de outra vez, no centro da Capital Federal, a propósito do «contrôle» da natalidade, tese que estava empolgando e apaixonando muita gente, Leopoldo se ergueu novamente como um gladiador, embora contrariando, até, a posição de alguns confrades nossos, e sustentou, com eloquência, que a tese era e é contrária à doutrina espirita. Foi uma espécie de bomba, e ainda não se falava tanto em bomba atómica... Pelas colunas de Vanguarda, jornal que então abria suas páginas à propaganda espirita, Leopoldo Machado discutiu longamente com um médico, e justamente o médico que encabeçava, na época, uma campanha de educação sexual. Leopoldo defendeu inabalàvelmente os fundamentos da doutrina espirita. Daquela discussão, saiu um dos maiores livros que, até hoje, se escreveu, no Brasil, sobre o problema do «contrôle» da natalidade em face da reencarnação: «Doutrina Inglória», de Leopoldo Machado. Vamos deixar, porém, o ciclo da polémica, na vida de Leopoldo Machado, porque este ciclo já está encerrado há muito tempo, e é ele próprio quem no-lo diz. Temos, agora, Leopoldo Machado, depois de tantos livros, à luz de outro prisma intelectual. Ei-lo, com surpresa de nossa parte, membro de uma Arcádia, e com um trabalho de historiador, escrito em vernáculo académico, sem anacronismos pedantescos. Mais um livro de Leopoldo Machado, portanto: «Caxias — Um eminente iguassuano». É o discurso de posse na Arcádia Iguassuana de Letras. Discurso literário, é certo, mas vasado em pensamentos espiritas na interpretação da História. Escolheu Leopoldo Machado, para seu patrono, o marechal Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), ilustre filho do município de Nova Iguaçú. Caxias é o patrono do Exército Brasileiro. Foi, como disse um historiador bahiano, uma das espadas que sustentaram o Império, mas dentro da Ordem e da Lei. A figura de Caxias dá-nos, neste momento, o ensejo de recordar uma passagem de nossa vida, quando fazíamos «exame de admissão» para o curso de preparatórios, no antigo Colégio Castilho Lisboa, antes da existência do Ministério da Educação. Naquele tempo, pois ainda estávamos na chamada República Velha, a instrução pública era matéria do Ministério da Justiça. A pasta da Educação, como a do Trabalho, surgiu logo após a revolução de 1930. Caíra, para o nosso «ponto sorteado», na banca de exame, homens e factos do Império. O examinador, não sabemos porquê, fez uma pergunta fora do programa, tipo de «pergunta de algibeira», e com a nossa resposta imediata, deu por encerrado o exame de História do Brasil, dizendo-nos apenas o seguinte:

— Estou satisfeito, pode sentar-se.

Qual foi, afinal, a resposta? O examinador perguntara simplesmente isto:

— Qual foi o brasileiro que, sem ter ascendência na família imperial, recebeu o título de Duque?

Nossa resposta veio, como se diz, na ponta da língua:

— Foi Caxias, o único brasileiro que recebeu o título de Duque.

De facto, só se encontram Duques nas famílias reais. Os títulos honoríficos no Brasil monárquico eram apenas quatro: barão, conde, visconde e marquês. O Duque de Caxias foi uma excepção.

Leopoldo Machado estudou a vida de Caxias em todos os ângulos, e com admirável espírito de

síntese: o militar, o político, o chefe humanitário, o esposo exemplar. Caxias foi soldado e cidadão ilustre. É interessante observar que, embora fazendo obra literária (obra que não desmereceria o talento do Autor em qualquer Academia de Letras) Leopoldo Machado tirou conclusões espíritas em diversos passos da biografia de Caxias. É verdade que, por exemplo, na parte referente à Questão Religiosa, confessamos sinceramente que, se tivéssemos de escrever, agora, sobre este ruidoso episódio político-religioso do 2.º Reinado, não faríamos tanta carga sobre o grande Imperador Pedro II. Leopoldo Machado, pelo que deixa transparecer, inclina-se para a corrente que, ainda hoje, atribui ao Imperador, por influência da Maçonaria, a maior parte da responsabilidade no desfecho da luta entre dois bispos e o Grande Oriente do Brasil. Somos de opinião diferente, e por isso mesmo não acompanhamos Leopoldo Machado, inteiramente, na explicação desse facto histórico. É indiscutível que, na época da Questão Religiosa, que foi uma luta aberta entre o bispo D. Vital de Oliveira e as Lojas Maçónicas do Recife, logo apoiado por D. António de Macedo Costa, bispo do Pará, a Maçonaria estava no apogeu. Basta lembrar que era Presidente do Gabinete Ministerial (cargo equivalente, no regime parlamentar, ao de Primeiro Ministro) precisamente o Grão-Mestre da Maçonaria, isto é, o Visconde do Rio Branco, uma das águias do Império. Apesar desta circunstância, o Imperador não influiu no julgamento. Os dois bispos foram condenados pelo Tribunal.

Mais tarde, com a presença de Caxias no Ministério, como presidente do Conselho, no Gabinete Conservador de 25 de Junho de 1875, veio a amnistia, e os bispos foram postos em liberdade. Caxias, espírito compreensivo, querendo apaziguar os ânimos no seio da família brasileira, promoveu a amnistia, e o fez com o mais alto espírito de prudência. Convém notar que Caxias tem o seu nome inscrito na Maçonaria, como tantos outros brasileiros eminentes do Império. Diz-se que, depois, deixou a Ordem. Seja como for, também passou pelas fileiras maçónicas, como Pedro I, José Bonifácio e outros. Estamos de acordo com Leopoldo Machado quanto à acção de Caxias em relação à pacificação espiritual da sociedade brasileira, profundamente dividida pelas lutas políticas e religiosas, ainda mais agravadas com a condenação dos prelados. Divergimos apenas de Leopoldo quanto à apreciação pessoal das atitudes de Pedro II. Com todos os seus defeitos humanos, Pedro II foi um dos maiores Chefes de Estado de todos os tempos. A Questão Religiosa deixou fortes resquícios de animosidade entre o Clero e o Imperador, tanto mais que nunca foram muito harmónicas as relações entre os Poderes temporal e espiritual durante o regime monárquico. É curioso, por exemplo, um episódio ocorrido no Rio de Janeiro, logo no dia seguinte à proclamação da República. Passava pelas imediações da Quinta da Boa Vista (residência da família imperial) na manhã de 16 de Novembro de 1889, determinado dignitário do Clero, quando se lhe apresentou um transeunte, e contou, ainda com espanto, as ocorrências do dia anterior:

— Imperador deposto, República proclamada, nova ordem de coisas, etc.

O Bispo, ao saber da notícia, pois ainda ignorava os acontecimentos, respondeu secamente:

— Viu? O trono caiu e o altar ficou de pé!

Isto quer dizer que ainda havia sérios ressentimentos por causa da Questão Religiosa.

Aparte este aspecto passageiro, só encontramos motivos para aplaudir o trabalho de Leopoldo Machado, quer sob o ponto de vista histórico, especialmente pela fidelidade na apresentação dos factos, quer sob o ponto de vista doutrinário. Há doutrina, sim, no livro de Leopoldo Machado, porque é à luz da doutrina espírita que ele interpreta a psicologia dos acontecimentos. Caxias teve actos altamente meritórios, porque perdoou, mais de uma vez, a adversários vencidos. Isto é nobre, sobretudo, porque revela adiantamento espiritual. Soldado legalista, obediente ao Poder constituído, prendera o major Miguel de Frias, no Rio de Janeiro, quando este último se desviara da legalidade. Não deixou de reconhecer, todavia, o valor do adversário. Tempos depois, tendo de ir para uma das campanhas do Prata, Caxias leva o mesmo Miguel de Frias como seu Chefe de Estado Maior. No Rio Grande do Sul, após a inglória luta dos Farrapos, que ensanguentara o Brasil durante dez anos, o vigário de uma cidade queria solenizar a vitória de Caxias com um Te Deum, mas o general vitorioso recusou a homenagem, alegando que de ambos os lados correra o sangue de brasileiros! Sugeriu, então, ao sacerdote que, em lugar de Te Deum solene, celebrasse missa de defuntos e rezasse pelas almas dos que tombaram entre vencidos e vencedores, pois eram todos irmãos.

Que é isto, senão o sentimento de perdão? Este belo procedimento afina inteiramente com a doutrina espírita.

Leopoldo Machado, em «Um Eminente Iguassuano», embora escrevendo sobre assunto fora da doutrina espírita, tira conclusões doutrinárias, e com indiscutível propriedade. Com o seu livro, que é óptima peça literária, além de instrutivo estudo histórico, Leopoldo Machado vem demonstrar que a filosofia espírita pode muito bem abrir largas claridades nos domínios da História. E Allan Kardec já disse que o Espiritismo «toca na maioria das ciências». Claro que o Espiritismo tem elementos para elucidar muitas interpretações atinentes à História. Podemos dizer, finalmente, que, com uma obra de historiador e homem de letras, Leopoldo Machado elevou muito a cultura espírita do Brasil.

MEDICINA NATURAL

MENSÁRIO DA VIDA SÃ, PROFILAXIA E CURA

Director e Proprietário: *Isidoro Duarte Santos*

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Uma revista de grande utilidade e oportunidade dedicada à saúde do corpo, através de cujas páginas há conselhos de higiene, ensinamentos profiláticos, receitas vegetarianas, artigos de orientação mental, etc., etc.

32 páginas de leitura variada.

Preço da assinatura anual — 40$00

(Envia-se um número espécime a quem o pedir)

Set/59

2.ª CARTA ABERTA

AOS IRMÃOS CATÓLICOS

Prezadíssimos Irmãos em Jesus

Dissemos na nossa carta anterior que o Espiritismo, pela fenomenologia que nele se revela e pelas admiráveis mensagens recebidas de Entidades Espirituais Superiores, fundamentou assim a crença no Mundo Invisível e a aceitação, com alvoroço, das doutrinas que ele estabeleceu, tal como os supostos milagres de Jesus e a clareza dos Seus ensinamentos lhe grangearam adeptos em todos os que O ouviam com o coração puro. E dizemos os supostos milagres, porque, para nós, não há milagres: há simplesmente factos resultantes de leis naturais, embora as desconheçamos ainda.

Porque Jesus em nada alterou as leis do Pai, e disse, em certa ocasião, aos seus Discípulos, que o que Ele fazia também eles o podiam fazer, e, efectivamente, o fizeram.

Vamos transcrever uma daquelas inúmeras Mensagens mediúnicas, que tão admiràvelmente marca os sublimes objectivos do Espiritismo, que Allan Kardec apresenta como prefácio do seu livro «O Evangelho Segundo o Espiritismo», subscrita pelo *Espírito de Verdade:*

«Os espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, estendem-se sobre toda a superfície da terra, qual imenso exército que se movesse ao receber ordem superior. Semelhantes às estrelas que caem do céu, eles vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos.

«Eu vos digo em verdade: são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

«As grandes vozes do céu retumbam, como sons de trombetas, e os coros dos anjos se lhes ajuntam. Irmãos, nós vos convidamos para o divino concerto; dedilhai a lira, uni as vossas vozes e, num hino sagrado, se estendam e vibrem todas, de um extremo ao outro do universo.

«Homens, irmãos a quem amamos, estamos junto de vós; amai-vos igualmente uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo a vontade do Pai, que está no céu: «Senhor! Senhor!» e podereis entrar no reino dos céus».

Há numerosos livros de mensagens mediúnicas, e o livro acima referido tem muitas e todas de profundos ensinamentos.

Mas dizeis vós, Irmãos: — «não nos interessam, porque as atribuímos aos demónios, aos desígnios enganadores de Satanás».

Essa vossa atitude é um triste passo na cegueira espiritual que vos caracteriza, e, em verdade, não há pior cegueira do que a daquele que não quer ver.

Jesus, quando foi acusado de instrumento de Satanás, o simbólico espírito do mal como nós o consideramos, defendeu-se com esta parábola:

«Como pode Satanás lançar fora Satanás? E se um reino está dividido contra si mesmo, não pode durar aquele reino. E se uma casa está dividida contra si mesma, não pode permanecer aquela casa. E se Satanás se levanta contra si mesmo, dividido está, e não poderá subsistir, antes está para acabar» (Marcos, cap. 3, vs. 23 a 26).

Efectivamente o Espiritismo acabou com o mito de Satanás. Reconhecemos que há espíritos mais ou menos inveterados no mal, uns por ignorância, outros por orgulho e outros, sucumbidos ao peso dos seus pecados, perderam a fé em alcançar o perdão para eles, pelo que se vingam fazendo outros pecar. Todavia, o sofrimento atrós que a todos aguilhoa os fará, com o tempo, encontrar o bom caminho — o da luz e da compreensão, porque o Pai não quer que nenhuma alma se perca.

Mas, voltando à citada parábola de Jesus, nós, espiritas, podemos fazer nossas aquelas considerações do Divino Mestre, porque o símile do Espiritismo e do primitivo Cristianismo está perfeitamente demonstrado na primeira carta que vos dirigimos.

Quem aquela carta e esta subscreve, Irmãos, conheceu um pobre mortal, com quem se relacionou, culto, aliás, mas tão descrente, que nem em Jesus acreditava. Depois de assistir a uma série, não muito grande, de sessões espiritas, tais revelações presenciou que se converteu, inteiramente, a Jesus, e aceitou, consequentemente, a existência do Criador. São aos milhares factos como este. E por isso Kardec, alargando aquelas considerações de Jesus já citadas, diz o seguinte, em referência às vossas blasfêmias acusando os espiritas nos mesmos termos em que os judeus procederam para com Jesus, e que reproduzimos do volume «O que é o Espiritismo»:

«Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do mal, como Saturno era outrora a do tempo. A Igreja apega-se à letra dessa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu não discutirei.

«Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real: a Igreja, à força de exagerar o seu poder, tendo em vista intimidar, chega a resultado totalmente contrário, isto é, à destruição, não sòmente do medo, como da crença em tal personagem, segundo o provérbio: «Quem muito quer provar, nada prova». Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e ardiloso, mas na questão do Espiritismo fá-lo desempenhar o papel de um louco ou de um tolo. Uma vez que o seu fim é alimentar de vítimas o inferno e arrebatar almas do poder de Deus, compreende-se que ele se dirija àqueles que estão no bem para induzi-los ao mal, para que ele se veja obrigado a transformar-se, segundo uma belíssima alegoria, em anjo de luz, isto é, que ele hipòcritamente simule a virtude; mas que ele deixe escapar aqueles que já estavam em suas redes, é o que se não pode compreender.

«Os que não admitem Deus nem a alma, que desprezam a prece e vivem mergulhados no vício, pertencem já a Satã: nada mais lhes resta fazer para sepultá-los no lamaçal.

«Ora, excitá-los a voltar a Deus,

"A VIDA NO PLANETA MARTE E OS DISCOS VOADORES"

Pelo Espírito RAMATÍS

Não é novela, nem relato de aventuras. É a obra mais sensacional deste século acerca da vida humana no planeta Marte. São revelações assombrosas decalcadas na ciência objectiva.

Além de esclarecer, apresenta a solução de vários problemas, relativos às aeronaves e às viagens interplanetárias, esclarecendo o enigma dos discos voadores, sua procedência, objectivos, força-motriz, propulsão, velocidade, voo estático, instrumentos de equipagem, tripulação e sistemas de comando.

Outros capítulos tratam de filosofia, cosmografia, astronomia, ciência atómica, teologia, medicina, cirurgia, psiquiatria, ciências esotéricas, magnetismo físico, solução do moto contínuo em Marte, etc.

Insere capítulos especiais sobre problemas colectivos da humanidade marciana, tais como, noivado, casamento, família, religião, cinema de quatro dimensões, alimentação, fruticultura, aves, flores, edifícios, energia-motriz, indústrias, comércio, forma de governo, etc.

Esgotadas as duas primeiras edições, num total de 30.000 exemplares. Os que temos em depósito foram cedidos em conta firme a ESTUDOS PSÍQUICOS.

1 GROSSO VOLUME DE 415 PÁGINAS, FORMATO 25×17 ..... 100$00

(Enviamos esta obra à cobrança)

a crer e submeter-se à sua vontade, animá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos escolhidos e a triste sorte que aguarda os maus, seria o acto de um simplório, mais estúpido que o de dar-se a liberdade às aves que estão numa gaiola, com o pensamento de apanhá-las de novo.

«Há, pois, na doutrina da comunicação exclusiva dos demónios uma contradição que fere todo o homem sensato: nunca ninguém se persuadirá de que os Espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, ao bem os que praticavam o mal, que consolam os aflitos, dão força e coragem aos fracos, que, pela sublimidade de seus ensinos, elevam a alma acima da vida material, sejam auxiliares de Satã, e por este motivo se deva interdizer-se qualquer relação com o mundo invisível».

Mas há um outro aspecto na vossa cegueira espiritual, que ainda mais vos condena por quererdes ignorar um facto bem à vista de todos os que lêem as páginas bíblicas: a constante e intensa acção do mundo espiritual através de inúmeras manifestações que hoje se denominam espiritas, como nos recuados tempos bíblicos se denominariam proféticas, de vidência ou auditivas, ou ainda de «voz directa» como hoje dizemos.

A vitória do Cristianismo, ou seja a missão do Cristo entre os homens do seu tempo e a projecção que a sua doutrina teve nos tempos que se lhe seguiram, foi devida inteiramente a uma série impressionante de factos de ordem espiritual, ou sejam manifestações do mundo invisível a começar na manifestação do anjo ou entidade espiritual superior que falou a Maria anunciando-lhe que iria ser mãe de Jesus; os anjos ou espíritos de luz que avisaram os pastores do nascimento do Messias; depois o fenómeno da transfiguração de Jesus no Monte Tabor com a presença dos Espíritos de Moisés e de Elias (Lucas cap. 9 v. 29 a 35;) a frequente desobsessão de inúmeros sofredores actuados por espíritos atrasados, e, finalmente, a manifestação espiritual de Jesus depois da sua morte, durante dias, junto dos apóstolos, manifestação mais tarde repetida à vista de Paulo de Tarso e que o levou a converter-se à influência de Jesus de que resultou o infatigável e prodigioso apóstolo Paulo, que nunca se cansava de doutrinar sob o fundamento de que a fé do cristão era a ressurreição de Jesus, que assim demonstrou que o mundo espiritual é uma realidade e com todas as possibilidades de estabelecer ligação com os terrículas, pois «se o Cristo não ressuscitara, seria vã a nossa fé», dizia Paulo.

Há ainda as manifestações com os apóstolos, como a libertação de Pedro preso à ordem de Herodes (Actos, cap. 12) e as manifestações descritas por Paulo (Actos, cap. 16, vs. 16 a 18) e a sua visão na estrada de Damasco e a de Ananias, que foi incumbido de o curar da cegueira que o afligia desde a referida visão.

Isto é o que podemos documentar com o «Novo Testamento», porque no «Velho Testamento» as referências às relações com o mundo invisível são contínuas.

Na próxima carta, caríssimos Irmãos, falaremos dalgumas manifestações contidas no «Velho Testamento». E com tais referências e enumeração de vários outros factos colhidos nas páginas da História concluiremos, em terceira e última carta, o muito que ainda temos para vos dizer. Entretanto, deseja-vos a Paz do Senhor o irmão

JOSÉ FRANCISCO CABRITA

ECOS DE U

Por ISIDORO DU

XX

TRÊS OBRAS

Belo Horizonte é um alfobre de realizações espíritas. Não admira, pois, que tenhamos de estacionar aqui durante algum tempo, a observar e a estudar. Neste ponto estamos de acordo com Alexandre Dumas Filho: «Quem lê sabe muito; mas quem observa sabe mais». Na observação exercemos todos os sentidos em harmoniosa sintonia. A visão de aspectos e atitudes, a audição de vozes que ficam para sempre na retina, a sugestão de conjuntos que só poderemos avaliar in loco, não são de apreciar à distância.

Assim, o dia 1 de Junho de 1955 desdobrou-se temporalmente e permitiu-nos três visitas de grande alcance.

A primeira foi à Sociedade Amparo à Pobreza (Sopa dos Pobres), na Avenida Contorno, 4456. Iam connosco alguns confrades, entre eles o Amadeu Santos, o Magaldi, e o Lasneau, que tinham vindo de Juiz de Fora. Também estava o Domingos Moutinho Teixeira (um «tripeiro» que não esqueceu a terra natal) e que nesse momento dirigia a referida sociedade, o Oscar dos Santos, o Bady, o Ademar e outros. Permitam-nos que intercalemos aqui um «salvo erro ou omissão», porque a memória está fraca e os apontamentos são poucos. É mesmo possível que, neste particular, troquemos os vv pelos bb, sem intuito pejorativo, que não gostamos de alterar o nome de ninguém, nem fornecer alibis que não correspondam à verdade. Que, afinal, a presença de A ou B não altera o rumo das impressões.

Estação da Estrada de Ferro, de Belo Horizonte

A «Sopa dos Pobres» a que aludimos tem 15 anos de existência. Instalou-se em 13 de Maio de 1942 na Praça do Cruzeiro, 127, em barracão eventual com cozinha, despensa e ligeira coberta de táboas, onde se iniciou a distribuição a 38 pobres matriculados. Muitas empresas de vulto começaram a trabalhar em quartos de aluguer. O princípio não importa. Quando as obras são de Deus triunfam e progridem sempre. O que é preciso é a mão do homem, é o seu trabalho alicerçado na fé. Havendo isto, há tudo. E também é preciso um obstaculozinho para estimular o entusiasmo dos adeptos. E foi o que sucedeu. A violenta campanha desencadeada pela incompreensão sectária, por meio de boletins e prédicas, aumentou para 95 o número dos matriculados, muitos dos quais só tiveram conhecimento da obra através das diatribes impressas ou faladas, como se demonstra em circular que temos à mão, destinada aos cooperadores.

Trata-se de um prédio moderno situado na Serra, de onde se contempla magnífica paisagem. Suas linhas sóbrias e acolhedoras atraem o visitante, dão-lhe noção de higiene e de ordem, duas coisas que impressionam agradàvelmente.

A afluência de necessitados agravou muito a vida da instituição, mas o Alto não dorme, quando se trata de obras meritórias. Basta dizer que o número de refeições distribuídas gratuitamente em 1942 subiu a perto de 30 mil, sem acepção de cor, sexo, credo, idade ou raça.

O fundador e director da Sociedade de Amparo à Pobreza era o inesquecível obreiro Efigénio Sales Vitor, desencarnado em 1953 e que grandes esforços envidou no sentido de erguer a obra à maior altura. Este homem extraordinário, não só conseguiu os recursos para a manutenção do empreendimento, como também dirigia pessoalmente todos os sectores de assistência.

E o progresso foi seguindo em linha ascendente, apesar da carestia dos géneros alimentícios.

Em 1954, por exemplo, foram distribuídos 73.886 pratos de sopa no valor de 88.663 cruzeiros. E além dos matriculados atenderam-se todos aqueles que, de passagem na cidade, solicitaram alimento. Trezentas sopas diárias é obra digna de relevo. Quem dera fosse imitada por outras sociedades que dispõem de elementos materiais e que só cuidam de aumentar os depósitos bancários!

★

No seu programa está igualmente a fundação de um Albergue, como tantos outros que há no Brasil, principalmente no sector espírita. Ainda não surgiram os recursos, mas nem por isso cruzaram os braços à espera de oportunidade. Utilizaram uma dependência externa

MA VIAGEM

DUARTE SANTOS

XXI

S MODELARES

para abrigar transitòriamente indigentes que necessitavam de abrigo imediato, durante a passagem pela cidade ou enquanto aguardavam emprego. Nestas condições perto de 100 entre as quais cinco famílias com crianças.

O Ambulatório médico-dentário tem a cooperação da Prefeitura Municipal, que oferece profissionais para que o departamento não tenha soluções de continuidade. Deste modo, numerosíssimas pessoas recebem auxílio de um serviço que podemos considerar, a todos os títulos, relevante.

Mas ainda não é tudo. A directoria desta prestimosa agremiação desenvolveu e desenvolve uma grande campanha pró construção do Recolhimento Infantil «Efigénio Sales», em homenagem ao egrégio pioneiro a quem se deve a Sopa dos Pobres.

Edifício Acaiaca, na Avenida Afonso Pena

Nos dois lotes anexos à sede própria, doados pelo Governo Estadual será construída a nova dependência, orçada num milhão de cruzeiros. Ignoramos se já começaram as obras, com 200.000 cruzeiros de subvenções federais e municipais.

Os donativos aparecem aqui e ali, solicitados ou oferecidos generosamente. Em 1954 os donativos em géneros atingiram 44.392 cruzeiros e o Governador Juscelino Kubitscheck de Oliveira ofereceu 30.000 cruzeiros de auxílio...

★

O Magaldi e o Lasneau observavam tudo com atenção. O Amadeu deixara-se enternecer e não tinha palavras para traduzir o sentimento. Que alma a sua! Uma pomba num corpo de gigante. Quem o vê não o sente. É preciso lidar com ele, experimentar com ele o bom e o mau da vida. Então o sacrário se vai abrindo paulatinamente e as facetas aparecem à luz da nossa compreensão.

Em dado instante diz o Lasneau ao Magaldi:

Amigo, queres comer
E não tens contigo uns cobres?
Olha que em Belo Horizonte
Existe a Sopa dos Pobres...

Este Lasneau é poeta repentista de espontaneidade rara. Uma vez descreveu em verso a Semana Espírita de Três Rios, salvo erro; e a Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, salvo erro também, editou as estrofes, que tivemos ocasião de ler com agrado.

O Magaldi olha para o amigo com cara de quem não esperava o cumprimento, concentra a inspiração, faz gemer o prelo mental e responde em torneio de Arcádia:

Existe, sim, é verdade,
E fruto de almas bem
[nobres...
Deus abençoe hoje e sempre
A santa Sopa dos Pobres!

Uma salva de palmas coroou a veia poética dos dois amigos alegres e optimistas, apesar dos espinhos que se lhes ocultam entre as rosas.

A seguir fomos à despensa. Nas cidades, vamos ao mercado, como já dissemos. Pois declaramos com todo o gosto: uma despensa que não falhou em 13 anos de actividade, dispensa... comentários, embora os mereça e muito bons.

O Lasneau e o Magaldi queriam continuar o torneio, mas a inspiração seguiu rumo diferente...

★

Esta visita mostrou-nos outra faceta da acção social do Espiritismo no Brasil: a chamada sopa dos pobres.

Não há modalidade beneficente que os espiritistas brasileiros não tenham posto em prática, adaptada sempre às realidades e às circunstâncias. É uma falange de eminentes pioneiros, serenos, impolutos, devotados, olhos fixos nas pegadas do Mestre. Não há caminho que não tenham trilhado, desde a vereda quase intransitável à estrada arenosa onde a roda não entra. E eles avançam sem receio, firmes em seus passos e certos de chegar ao fim tracejado.

O Domingos Moutinho é filho do Porto, a cidade invicta, de bairrismo generoso, e dela herdou — se nos é permitida a expressão — a jo-

vialidade e a esperança no futuro. Mas o seu dinamismo desdobra-se noutro aspecto.

★

Ouvíramos falar no Cenáculo Espirita Tiago Maior, agremiação um tanto singular no tocante a trabalhos práticos, e sentíamos curiosidade de a visitar. Queríamos ampliar a lição, colher o maior número de informes doutrinários, já que a nossa viagem era de observação e aprendizado. E logo nos disseram que nesse mesmo dia estava marcada a visita ao Cenáculo, também dirigido pelo amigo e patrício Domingos Moutinho.

Quem haverá que não conheça, em Belo Horizonte, o Cenáculo Espirita Tiago Maior, construído expressamente para a missão que desempenha? Quem haverá que não conheça a igreja que lhe fica próxima, onde um padre levava o dia inteiro a dizer missa para tirar a frequência ao Cenáculo? Quem haverá que não conheça?...

Há nele separação de sexos. Os homens entram por um lado e as mulheres por outro. É um costume como outro qualquer. Em São Paulo observámos trabalhos de efeitos físicos em que os sexos eram igualmente separados. Não chegámos a compreender a razão do facto, pois investigadores há que preconizam a harmonização das auras, a fim de se obter homogeneidade vibratória, e tal desiderato só pode conseguir-se pela corrente mista de assistentes.

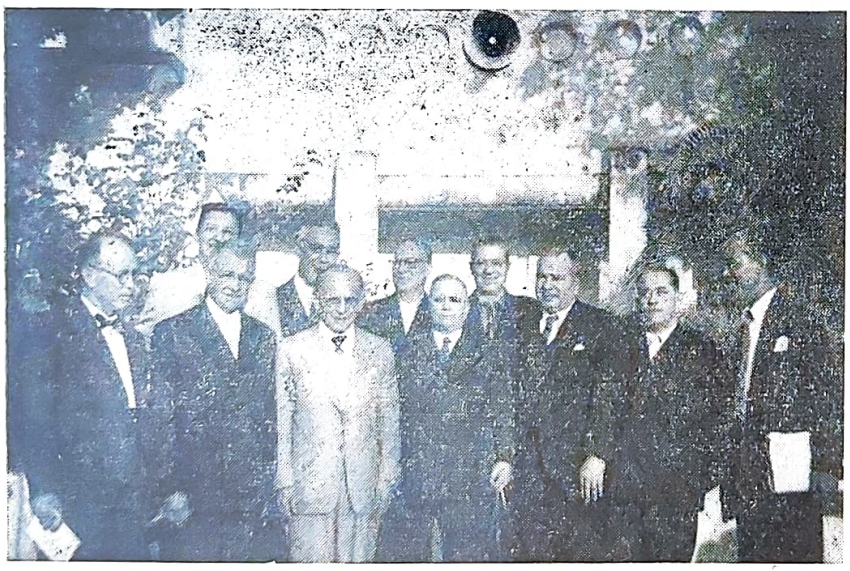
No Cenáculo estão as fotografias ampliadas dos 13 fundadores, entre os quais dois portugueses. Lá está o Moutinho e o Bady Curi, além de outros de grande preponderância no sector espirita mineiro.

Lindo salão em forma de cinema chama logo a atenção do observador. Todavia, mais do que o salão, nos preocupou a mesa dos trabalhos, sobranceiro à qual se vê um quadro representativo da Ceia dos Apóstolos e o ramo de videira, que é o símbolo da sabedoria. Rigorosamente ovalada, tem 12 chapas metálicas pregadas no tampo com os nomes respectivos. A do Bady ainda lá permanece, como antigo presidente do Cenáculo.

É o ponto mais alto da Capital Mineira, a 900 metros de altitude e com altifalante ligado à fachada do edifício.

★

No Cenáculo Espirita Tiago Maior há uma técnica de trabalhos a que desejamos fazer referência. Tratemos primeiro da Cadeia Anímica das Sessões. Para melhor elucidação, pedimos ao leitor que acompanhe as nossas palavras com a visão do esquema junto.



Junto ao Cenáculo Espirita Tiago Maior

Os componentes dão as mãos uns aos outros e fixam o pensamento num motivo indicado pelo director da sessão. A cadeia é feita a partir dos números 4 e 5, ficando o director e as suas duas extremidades fora da corrente. Havendo muitos médiuns, sentam-se nas cadeiras 6, 7, 10 e 11, ou nos dois extremos da mesa. Desde a 1.ª sessão cada um toma na mesa lugar numerado, que abandonará, mediante indicação superior. Os médiuns só entram na cadeia em sessões experimentais, assim como o director, com exclusão do médium de efeitos físicos. Quando o espírito agita o médium, faz-se a cadeia anímica, enquanto os que a ladeiam ligam as mãos por trás da cadeira onde ele está sentado.

Tudo isto deve ser feito com plena convicção, pois, segundo ouvimos, esta cadeia chega a ser perceptível aos videntes, que vislumbram sobre o conjunto uma névoa colorida e brilhante susceptível de atrair as entidades espirituais de grande elevação.

A parte experimental da Doutrina é constituída por reuniões de caridade com os doentes, doutrinação de espíritos atrasados, passes magnéticos e sessões privativas de um grupo de 12 associados que desejem observar cientificamente os fenómenos. Estas sessões podem estender-se aos céptico e aos negadores, contanto que sejam honestos, que estudem e conheçam a Doutrina, submetendo-se, além disso, à fiscalização da assistência.

Disseram-nos que estas normas são fàcilmente adaptáveis ao cabo de duas ou três experiências. Uma vez sentados em redor da mesa sem preocupações e organizada a cadeia anímica a partir dos números 4 e 5, o director deve observar os componentes. Aqueles que demonstrem impaciência, mal-estar, tremuras e ansiedade, são considerados «quase médiuns» e devem ocupar as cadeiras 2 e 3, 6 e 7, 10 e 11, e os restantes ocuparão as outras. Os que não sentirem perturbação durante a prece darão as mãos e continuarão concentrados.

No primeiro dia a concentração dura 20 ou 30 minutos e aquele que sentir indícios de actuação espiritual é considerado o médium do grupo e passa a sentar-se na cadeira n.º 3. Os médiuns que se revelarem depois irão para as outras cadeiras citadas.

O director dos trabalhos não permite que se fale durante a sessão ou se retirem da sala antes do encerramento. Quem se portar inconvenientemente não poderá mais assistir.

Como se vê no esquema referido, ao canto esquerdo da sala está a «cabine» de experiências, onde se coloca uma cadeira de verga com espaldar destinada ao médium de efeitos físicos. Este compartimento nada tem de especial: uma ripa de 2 m de comprimento serve de su-

porte a um pano azul, cujo lado inferior fica a 10 cm do soalho.

A 1m,30 da mesa alinham-se as cadeiras para a assistência, sendo a 1.ª fila destinada aos sócios da subcorrente, que são também os mais antigos.

Também há música em surdina e perfume suave durante os trabalhos para auxiliar a concentração.

O Cenáculo não impõe normas; simplesmente as oferece a quem quiser segui-las, na certeza de que haverá imediata transformação de ambiente, médiuns e assistência.

Pelo menos, os seus dirigentes estão convencidos de que estas directivas são eficazes. Não as discutimos, porque, neste momento, só nos interessa a exposição.

O grupo dos 12 é autónomo, mas não pode imiscuir-se nas atribuições da directoria. É uma espécie de «gerente espiritual», com o fim de manter a unidade filosófica e doutrinária pelo Evangelho, que o Cenáculo considera a base integral do Espiritismo.

Não deixa de haver lógica nestas determinações, porquanto a uniformidade cultural da igreja romana exerce enorme influência em todos os fiéis, seja qual for a raça ou a latitude. Talvez houvesse razões poderosas para escolherem o latim, que a maioria não entende. Se a missa fosse dita em língua comum, certamente os adeptos se aborreceriam de ouvir sempre a mesma coisa e abandonariam os templos.

Este quadro fez meditar os fundadores do Cenáculo Espirita Tiago Maior e levou-os a adoptar uma unidade meritória e característica. Dizem eles que a homogeneidade dos componentes do grupo é «força protectora» disciplinada e presente na uniformidade da concentração, com que podem contar os directores de sessões, visto que, embora fiquem médiunss na subcorrente e na assistência, haverá sempre na mesa cinco componentes do grupo, sentados nas cadeiras 4, 5, 8, 9 e 12.

No recinto das sessões é proibido fumar, falar em voz alta e deter objectos que possam incomodar os outros.

Embora o Cenáculo não pedisse a nossa opinião, damo-la nós aos leitores. É uma Sociedade honesta e séria. Mantém suas directrizes, como qualquer outra, mas produz obra valiosa que prestigia a Doutrina.

À saída tirámos um instantâneo. Lá estão rostos conhecidos, muitos dos quais acompanharam as nossas digressões, cheias de amabilidade e solicitude: Bady Curi, Amadeu Santos, Sebastião Lasneau, Osório de Morais, Ademar Dias Duarte, Magaldi, Augusto dos Santos, Domingos Moutinho... e mais dois, cujo nome escapa à nossa memória. Esperem: um deles é o Oscar dos Santos.

★

Dali fomos visitar a nova sede da União Espirita Mineira, à rua Guarany, uma das mais concorridas artérias de Belo Horizonte. O prédio estava em construção, mas as rampas de cimento serviram de acesso a várias dependências, cuja ossatura deixava entrever o que seriam mais tarde, quando a família espirita mineira as inaugurasse em acto solene. Ia também o João Coragem.

Em baixo, duas grandes lojas para aluguer.

— Quinze mil cruzeiros cada uma! — exclama o Badu, antevendo o rédito.

O Ademar concordou:

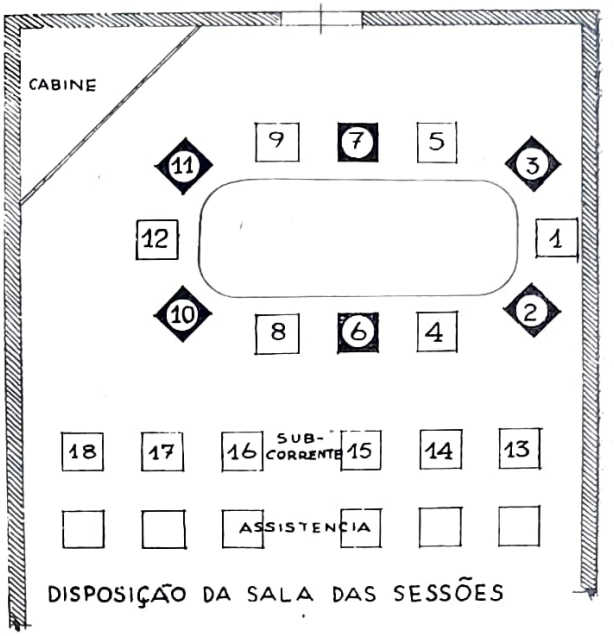
— Ou talvez mais...

Eram, de facto, dois salões espaçosos, capazes de excitar o interesse de firmas comerciais. A União contou com isso ao erguer a nova sede em rua larga e concorrida.

O Amadeu, o Magaldi e o Lasneau olharam uns para os outros. Por momentos aguardámos versalhada em forma de epigrama, pois os três são poetas de fina têmpera e não deixam o crédito por mãos alheias. Mas não houve quadra popular. O assunto prestava-se a verso heróico ou a poema épico, cujas estâncias não afloram fàcilmente. O que é certo é que o monumento estava delineado em muitos pormenores e sentimos pena de não assistir à inauguração. Os outros eram mais felizes. Belo Horizonte ficava próximo do Rio, de Volta Redonda e da Barra do Piraí. Voltariam sem dificuldade. A nossa presença seria menos viável. Havia um grande oceano interposto... Mas assistiríamos em pensamento.

O edifício é constituído por três belos pavimentos. No rés-do-chão, os dois salões mencionados. No primeiro e segundo andar, os departamentos da União e um vastíssimo salão para sessões mediúnicas, evangélicas e sociais para 700 pessoas confortàvelmente sentadas.

Não tem escadaria. É servido por lindas rampas que tornam a subida mais suave. O arejamento, a acomodação dos assistentes e a própria acústica foram estudados nas mínimas facetas.



DISPOSIÇÃO DA SALA DAS SESSÕES

★

À noite, nova jornada de propaganda no Centro Espirita Célia Xavier a que pertence o Martins Peralva, jovem de grande valor, cujos trabalhos literários se impõem pelo conceito.

Casa festiva, recheada de aromas em oferenda. Os Centros transfiguram-se, quando é preciso receber um amigo que vem de longe. A bondade aflora toda ao rosto e o visitante não sente a distância que o separa da sua terra. E se essa terra é Portugal, o magnetismo rácico empolga os corações, rouba lágrimas aos olhos e depois ninguém sabe quem vai e quem vem... São todos irmãos, pertencem à mesma seara ou à mesma trincheira.

O quadro preto da colectividade exibia afectuosa saudação. Os Brasileiros são mestres na arte de comover. Basta ver o samba-canção, que faz vibrar as almas em seus arcanos mais escusos...

A legenda emocionou-nos. Quem éramos nós para merecê-la?...

E fomos para o salão, que já estava repleto. Virgílio Pedro de Almeida presidia à conferência que

ia ser gravada pelo Coragem, colaborador amabilíssimo que viera de Juiz de Fora com o Magaldi. Na mesa, o Amadeu, o António Augusto dos Santos, o Osório de Morais, o Bady, o Oscar dos Santos.

Após uma linda saudação que a senhorinha Gilca Machado proferiu em nome das Mocidades Espiritas, realizámos uma conferência sobre «Médiuns e Mediunidades», que «mereceu a atenção de todos», no dizer de O Espirita Mineiro, e a atenção particular dos dirigentes do Espiritismo local, pela matéria apresentada. Se a nossa viagem era de estudo e se no dia 1 de Junho já tinhamos visto o suficiente para dizer alguma coisa em tom amigo, dissemo-lo, de modo geral, sem personalizar, sem envolver esta ou aquela agremiação. Cremos que fomos felizes na escolha do tema, visto que o Presidente da Mesa declarou providencial a nossa ideia de falar em tão melindroso assunto. E voltámos a ouvir o que ouvíramos em Juiz de Fora, por ocasião de outra conferência:

— É preciso que essas palavras sejam ditas por um estranho, para que nelas se acredite.

O mesmo fenómeno em toda a parte: santos de casa não fazem milagre.

O Bady foi dos que mais gostou. É que ele tem lutado pelo saneamento da mediunidade com firmeza espantosa. Sendo médium — e dos bons —, conhece por experiência os esplendores e misérias dessa missão. Não ignora as solicitações a que se expõem dos dois lados e os obstáculos que se levantam à pureza das comunicações.

Portugal e Brasil necessitam de boa propaganda no sector espirita. É preciso orientação e disciplina. Sem estas premissas, nada se realizará de útil, principalmente em países onde o analfabetismo é grande e a voluntariedade campeia.

Quem não sabe obedecer, não saberá mandar. Por isso as directrizes do Cenáculo Espirita Tiago Maior são absolutamente lógicas.

O presidente da agremiação, congratulando-se com a conferência, pediu ao Amadeu que dissesse alguma coisa sobre fenómenos de materialização. E ele falou, mesmo de chofre, apanhado na curva.

Amadeu Santos acompanhou de muito perto os trabalhos do Centro Espirita «André Luís», sediado no Rio de Janeiro, e publicou uma série de artigos alusivos na Revista Internacional do Espiritismo, editada em Matão, Estado de S. Paulo. Ninguém mais indicado para ventilar o tema. Além disso, o seu verbo é eloquente. Gostamos de ouvi-lo, quer se trate de lição ou de saudação, pois todos os campos lhe são familiares.

O Martins Peralva foi de extrema gentileza. Excessivamente modesto, encolhendo-se para que não lhe avultasse a estatura física, há-de suscitar a curiosidade do público com obras meritórias. O Espiritismo tem de contar com ele. Fica aqui o vaticínio.

Os concentrados são estudiosos. Ele é concentrado, observa em silêncio. A sua fala discreta e pausada revela o pensador e o diplomata.

A moça que nos saudou ofereceu-nos um lindo ramo de flores e outro ao Amadeu.

A mulher é feita de ternura. Deus a criou para acompanhar o homem, amenizar-lhe a vida e embelezar a terra. José de Alencar dizia que era uma flor que se estudava como a flor do campo, pelas cores, pelas folhas e sobretudo pelo perfume. É que ele era um grande poeta, porque vivou num grande mundo. O «Iracema» é a prova concludente. Aos poetas chamava uma «espécie de caramujos» mais admiráveis do que os outros: «É que estes levam consigo a casa; e aqueles, um mundo em que vivem».

Portanto, não há melhor oferta de origem feminina. Ela sabe como se conquista o homem, como ele se submete. Fernandes Costa também sabia, quando escreveu:

Tem a mulher um fluido,
Que em pura atracção consiste.
É como um ar que a circunda:
Ninguém o vê, mas existe.
Quem o sentiu,
Se nele entrou,
Jamais saiu.

Mesmo através do «celofane», as flores irradiavam a sua vibração. Isto nos segredou o Amadeu, que não esperava semelhante prémio, embora, mais do que nós, o merecesse. São maneiras gentis de agradecer o que nos oferecem. Neste ponto o Brasileiro «tem dedo para a coisa», como diria Carlos Imbassahy...

A conferência no Célia Xavier deu-nos ensejo de auscultar. O auditório abanava a cabeça em ar de aprovação. Concordava, achava até urgentes as medidas que aconselháramos. Por isso dizemos que nas mãos dos responsáveis está a chave da boa doutrina. O povo deseja evolução, deseja progresso contínuo. Ministrem-lhe ensinamentos e ele fará milagres renovadores, no sector a que pertence.

Não devemos esquecer que também se encontrava na sala o Dr. Schembri, director clínico do Hospital André Luís, em construção. Um valor autêntico, dinamizador de vontades.

Foi uma noite inesquecível, como tantas que passámos no Brasil. Expansões de amizade, alegria, entusiasmo, lágrimas emotivas, de tudo houve, e também saudades, muitas saudades de Portugal...

Lusitânia e Vera Cruz são duas belezas diferentes na mesma grinalda: maternidade e fidelidade. Minas Gerais é um Estado ubérrimo, de costumes semelhantes aos nossos. O Magaldi já o disse muitas vezes, verbalmente e por escrito.

Nossas crónicas são verídicas, mas há nomes que semelham personagens de romance. O leitor deve tê-los fixado ao longo do passeio. Dizemos assim, porque as léguas andadas não foram muitas. Mais andou o Fernão Mendes Pinto em suas «Peregrinações», embora tivesse observado coisas menos belas do que nós. Quando chegarmos ao Rio Grande do Sul, o passeio será viagem, uma viagem maravilhosa digna de grande escritor.

Nestes momentos avaliamos bem a precariedade do nosso engenho. Por isso nos sentimos diminuido, apoucado, com receio de passar a escrito as nossas impressões. Chegamos a julgar que as palavras de louvor trazem selos de amizade, que faz do preto branco e do branco preto, como temos dito, e que não podem corresponder ao que em verdade esperamos.

É bom estimular os obreiros e ninguém o faz melhor do que um amigo sincero. Camões dizia:

Louvor alheio muito o esperta e incita.
Quem valorosas obras exercita.

O Amadeu fez a prece final. Vibrou e fez vibrar a assistência, que permaneceu estática durante alguns minutos. As lágrimas brotavam de muitos olhos. O Alto estava ali também a vibrar. O Magaldi devia ter sentido a presença de sua Neusa, como nós sentíamos a de LIA, desde que entrámos no Centro Espirita Célia Xavier.

É que os «mortos» não morrem. Desaparecem de nossos olhos; e alguns incrédulos, senão a maioria, julgam que morreram para sempre. Se assim fosse, não valeria a pena trabalhar para os séculos vindouros...

Anotações de ARGUS

8 - MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS (Depoimento de um Delegado de Polícia), pelo *Dr. R. A. Ranieri.* Edição da L. A. K. E. 244 páginas. São Paulo.

O livro em apreço, como se infere do título, é depoimento verídico e desassombrado de um homem de bem, conhecedor de muitos elementos necessários à investigação. Os delegados policiais no Brasil lidam cóm toda a espécie de indivíduos habituados a disfarçar, senão o ocultar os delitos.

A primeira parte é dedicada aos fenómenos de materialização realizados através da mediunidade de Francisco Lins Peixoto, mais conhecido pelo «Peixotinho». A segunda relata os fenómenos de materialização obtidos através da mediunidade de Fábio Machado. A terceira e a quarta parte ocupam-se de fenómenos vários obtidos com os mesmos médiuns em lugares diferentes. A quinta parte consta de materializações em Pedro Leopoldo, na presença de Francisco Cândido Xavier, e de estudos acerca de novas concepções dos fenómenos psíquicos, arquivando uma série de fotografias, entre elas, a do espírito de LIA, fotografado em Fortaleza, Estado do Ceará, no ano de 1952, com a presença do médium Peixotinho.

Os mais extraordinários fenómenos são ali catalogados com desassombro e sem ideia preconcebida. Transportes de flores, emissão de perfumes, materializações, transfigurações, moldagens de parafina, voz directa, escrita automática, letreiros luminosos, discos enrolados, desenhos feitos por entidades materializadas, fenómenos de radiactividade em corpos de vivos e seu vestuário, dança de espíritos, pingos de luz, formação de ectoplasma, balas fosforescentes e explosivas, etc., etc., passam ante os olhos do leitor maravilhado. Na verdade, é um novo mundo que faz esquecer as agruras da vida terrena e no qual a morte perde o significado que lhe atribuem as seitas religiosas.

Não é possível citar um ou outro fenómeno, porque o espaço é diminuto. De resto, teríamos que citá-los *in totum,* em virtude de ser difícil escolher três ou quatro.

Termina a obra com um capítulo especial sobre sessões de materialização, capítulo a todos os títulos interessante pelos conselhos que oferece a quantos se dediquem a trabalhos deste género.

Um ideal superior, número certo de assistentes, assiduidade, harmonia de pensamentos, canto, música, preces, director idóneo, não comer carne, não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, etc., e outras normas de utilidade prática que a revista *Estudos Psíquicos* não faria mal em transcrever para conhecimento dos leitores, tudo isto se encontra em «Materializações Luminosas», cuja 1.ª edição se esgotou em poucos meses, visto ser um livro destinado ao grande público e de conteúdo verdadeiramente sério.

Felicitando o Dr. R. A. Ranieri por esta obra, aguardamos a «Teoria e Prática dos Fenómenos de Materialização», que nos promete em estudo mais profundo.

9 - ESPIRITISMO E CRIMINOLOGIA, por *Deolindo Amorim.* Edição da Federação Espirita do Paraná. 166 páginas. Curitiba.

Embora o «pretor não cuide de coisas mínimas», como resa o prolóquio, este livro surgiu de uma simples conferência pronunciada no Instituto de Criminologia da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, subordinada ao mesmo título.

Abre o livro com prefácio do Dr. Miranda Ludolf, advogado e presidente da Liga Espirita do Distrito Federal, que tece várias considerações em torno da *Escola Clássica* e da *Escola Antropológica* que, em certo momento, deram origem a estudos e afirmações antagónicas, a primeira escudada no livre-arbítrio e a segunda no determinismo orgânico. A estas duas junta uma terceira: a *Escola Crítica ou Sociológica,* baseada no determinismo social, para concluir, dizendo que a base criminológica do Espiritismo assenta no livre arbítrio relativo, no tocante ao problema da responsabilidade.

O autor resolveu estudar certas questões ligadas directamente à mencionada conferência, entre elas, a pena de morte, o livre arbítrio e o determinismo, a criminalidade, o criminoso nato, a reencarnação, a hereditariedade, etc., e deu-nos capítulos lapidares de transparência inexcedível. «A Obsessão e o Direito Penal» apresenta argumentos novos à jurisprudência; «Equívocos de Alguns Especialistas» é uma crítica honesta a certas atitudes de consagrados professores, como Afrânio Peixoto, Artur Ramos e César Lombroso; «A Medicina e a História» demonstra como os factores patológicos podem alterar fàcilmente os episódios humanos que os livros vão registando *per omnia seculæ;* «O Espiritismo e a Antropologia Criminal» faz lembrar aos alienista que a concepção de Lonbrosa acerca das representações cranianas não pode ser tomada à letra, citando o sábio Nina Rodrigues, obrigado a rectificar opiniões formadas ao examinar o crânio de um verdadeiro anormal. Aqui, aproveitou o ensejo de analizar o *atavismo criminal* e afirmar que o Espiritismo lhe opõe judiciosas reservas, postulando que o criminoso nato é um «espírito faltoso em virtude dos erros próprios e não da degenerescência de seus antepassados».

Mas há outros capítulos aliciantes que avançam como charrua em terreno inculto, sempre na mesma orientação, subordinados ao mesmo espírito crítico. «O Criminoso Nato e a Reencarnação» é um deles, cuja argumentação chega a ser exaustiva.

É pena que a limitação do espaço nos cerceie o desejo de anotar largamente esta obra maciça e de inegável valor científico e doutrinário. Queríamos referir-nos à «Reencarção e a Responsabilidade» e a «O Espiritismo e a Legislação Penal» com que Deolindo Amorim terminou o seu trabalho; mas é impossível. Que ele saiba que o apreciámos sem o julgar, que não somos juízes para tanto. Mas afirmamos que é de fôlego este livro, embora reduzido a limitadas páginas. E o Espiritismo pode contar com um grande escritor.

EQUILIBRIO

Por ZALMINO ZIMMERMANN

Os modernos estudos da ciência médica, alicerçada nos avanços psicológicos, provocaram uma verdadeira rotação de cento e oitenta graus no grande eixo dos diagnósticos: positivamente, a questão independe das «doenças» e vincula-se estreitamente aos «doentes».

Não mais distúrbios somáticos em si, mas consequências físicas de desequilíbrios psíquicos. E isso desvenda, triunfalmente, um maravilhoso mundo novo!...

Realmente, não se pode pensar em termos de diferenciação entre físico e psíquico. Sem esse aspecto é uma unidade indissolúvel. Já sustentámos noutro artigo («Que é a Dor?») que esse problema religa-se aos altos conceitos de química e física superiores, considerando-se o ser como um gigantesco bloco electrónico, na extraordinária reportação de Emmanuel. Somos um colosso energético mergulhado num oceano de forças. As células são consciências que obedecem a uma consciência central, maior, usina constante de pensamento demolidor ou construtor. Somos, efectivamente, em saúde, o que rigorosamente pensamos. A falta de domínio contagia intimamente todas as células debilitando os mecanismos naturais de defesa, invertendo polaridades atómicas, ocasionando doenças das mais leves às mais graves, conforme a intensidade e a duração das cargas negativas produzidas pelo pensamento. Aprender a viver é aprender a pensar. A doença não é causa, mas efeito. E isso exige novas e transcendentais atitudes, frente à nossa e à vida dos semelhantes!...

★

O Evangelho é a maior síntese de conhecimentos de que o homem teve e terá notícia. Tudo que foi até aqui escrito e o que ainda será, não esgota, mesmo superficialmente, a profundeza que a simplicidade evangélica contém.

Com efeito, os «bem-aventurados mansos» têm um sentido ontológico e teológico indevassável em sua profundidade, apesar dos extraordinários monumentos científicos.

Uma das facetas diz respeito, precisamente, à chave que nos proporciona saúde: mansidão, que é domínio do campo emocional. E isso é tarefa de gigantes! Aguentar os impactos que atingem o nosso egoísmo e a nossa vaidade e continuar em serenidade, não é obra de pigmeu, de homem normal. Mas ele avança e exercita-se ou será um eterno doente...

Uma criatura que é capaz de se orientar no equilíbrio das emoções e das paixões tem suas células (condensação energética em tremendo dinamismo) vibrando em harmonia de forças. As correntes magnéticas que incessantemente se descarregam na terra pelos dois polos que são os pés, não sofrem variação; ao contrário, fortificam-se cada vez mais, vitalizando todo o organismo, pois que, do nascimento à morte, respiramos e palpitamos sempre num mar de micro-agentes que nos envolvem, encontrando amparo celular para seu desenvolvimento, e deles, afinal, necessitamos para a manutenção normal. É uma verdadeira simbiose. Tudo que existe se entrosa dinâmicamente. E quebrar um elo dessa formidável cadeia é estulta pretensão!...

Dirijamos então a actividade para o nosso sistema de defesa. E isso não é qualquer novidade: há muito é conhecimento e prática da Medicina. Todavia, não podemos ficar na órbita das superfícies. Aprofundemo-nos nos valores de raiz: a grande profilaxia não é no terreno somático, com a produção química, mas no sector do espírito, com o revigoramento da vontade.

Se fortificarmos a vontade no domínio de nós

RELIGIÕES UNIDAS

Por OCTÁVIO DE MARIALVA

Sabeis que tudo é um e está presente
no infinito sideral do espaço,
e cada eu é uma centelha viva
ascendendo com outras, num abraço.

Por isso os mitos e as lendas santas
sua origem tiveram, de igual modo,
e em cada altar palpita o mesmo Verbo,
desde a curva do céu até ao lodo.

Foi luz que o homem desvendou nos astros
a mesma fonte de energia eterna,
a vida que provém da essência una
e as formas liga em união fraterna.

Assim espírito e matéria são
os dois polos vibrantes da substância,
e o polo positivo e o negativo
erguem-se, frente a frente, na distância.

É que persiste uma unidade apenas,
uma Voz que irradia em toda a parte,
é que o mundo é um todo omnipotente,
feito de cor, de melodia e de arte.

Porque tudo o que já foi, e se tudo
o que é, é tudo o mesmo que será,
então, divina Providência, ao certo,
em cada ideia boa e bela está.

Ora, se um mesmo Deus existe em nós,
e fez do nosso corpo um santuário,
ajuntemo-nos, pois, fraternalmente,
silabando no mesmo breviário.

E acabemos por fim com dissenções,
ódios, invejas e palavras loucas,
amando cada qual com a sua crença,
sem dispensar umas orelhas moucas...

fabulosa profilaxia!

(Correspondente em Porto Alegre)

mesmos (gestos e pensamentos) resolveremos o problema da saúde em nós.

Difícil? — Sim. Muitíssimo. Mas há um grande código de normas e exercícios que começa com o Sermão da Montanha e termina no «último mandamento»: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Bem-aventurados os humildes: despojando-se do nefasto personalismo, sentem-se irmãos de seus irmãos, vibram na harmonia universal, treinam-se na dinamização do Amor (cuja base é a compreensão), vivem em paz íntima, o seu psiquismo é equilibrado, o ser somático reflecte o psiquismo — do próton, no átomo, à estrutura celular que forma os órgãos — e têm saúde perfeita.

Bem-aventurados os mansos: já têm capacidade para superar os impulsos negativos de agressividade que se transformam em correntes de ondas degeneradas que afectam principalmente o sistema nervoso e o endócrino, até os órgãos de função menos relevantes na economia orgânica. Vibram no equilíbrio e têm saúde.

Bem-aventurados os misericordiosos: já conseguiram sublimar-se e acumular reservas, ao ponto de ajudar o semelhante necessitado. Activam-se no desprendimento piedoso em benefício dos seus irmãos. Conseguiram economizar energias positivas que até curam o próximo com as vibrações das próprias palavras. (O processo do passe já é um exercício). A citologia não pode ser estudada fora do Espiritualismo; E a terapia radical não pode ser encarada, senão à luz do Amor!

Bem-aventurados, mesmo, pois quem vive no Amor, na sublimação afectiva, tem e está em condição de dar saúde.

Bem-aventurados os limpos de coração: a sua consciência tranquila, palpitando na rectidão da LEI, é a melhor defesa contra os desvios que causam a preocupação e o remorso que debilitam o espírito e enfraquecem as resistências orgânicas. Bem felizes, porque terão saúde perene.

«Amar a Deus sobre todas as coisas...», cultivar, em síntese, a poderosa fé que é sublimação volitiva, que é ligar-se indissolùvelmente com o maior foco de energia: DEUS. Que é aurir incessantemente, do Grande Centro, forças para nossa alma e para nosso corpo. Que é ter saúde!

«...E ao próximo como a si mesmo». E assim sintonizados, todos numa compreensão de gigantesco altruismo, desaparecerão as lutas, os debates, o jogo de interesses, a personalidade negativista e tudo será Paz, Equilíbrio, Beleza, Amor, Saúde!

O nosso passado pode reclamar constante reajuste através da dor, mas que poderá ser amenizada através dum equilíbrio actual no campo de forças psíquicas. Os seus efeitos poderão ser muito minorados, mesmo porque o próprio auxílio dos nossos Irmãos Maiores se faz sentir às nossas primeiras disposições de boa vontade. Por outro lado, na continuação, não só estabilizaremos o trem da dor nessa existência, como prepararemos um porvir de mais harmonia.

Compensa meditarmos um pouco: nem grandes revoluções científicas, nem inéditas revelações espirituais. Há dois mil anos, Jesus deu-nos uma fórmula sagrada que ainda não tivemos coragem de aplicar e que é EQUILÍBRIO.

Equilíbrio, que é humildade, que é mansidão, que é misericórdia, que é tranquilidade consciencial, que é Fé, que é Amor...

Equilíbrio: extraordinária terapia!

Equilíbrio: fabulosa profilaxia!

«A Voz da União»

Recebemos o n.º 2 de A Voz da União, *ao serviço da União dos Discípulos de Jesus, do Rio de Janeiro, e sob a direcção de Nélson Baptista de Azevedo, que é também presidente desta agremiação e director de «Selecções Espiritualistas», na Rádio Guanabara, onde mantemos uma rubrica intitulada «A Voz de Portugal Espírita».*

Jornal essencialmente noticioso, nele se relatam as comemorações do 14.º aniversário da U. D. J., uma das maiores populações associativas do Brasil, cujos departamentos sociais se distinguem pela actividade beneficente. O «Hospital de Clínicas Allan Kardec, por exemplo, inaugurou em 21 de Abril o Ambulatório Franco Leal, melhoramento de inequívoca importância que muito valoriza o Hospital, sito à rua Licínio Cardoso, 362.

A propósito informamos que o Departamento de Assistência Médica da U. D. J. compõe-se das seguintes clínicas:

Ambulatório Franco Leal; Clínica Cirúrgica e Ginecológica; Clínica Médica; Clínica Pediátrica; Clínica Obstétrica; Clínica Oto-rino-laringológica e Serviço de Fisioterapia; Ambulatório Bezerra de Meneses; Ambulatório de Niterói e Laboratório de Análises Clínicas. Dez médicos constituem o corpo clínico deste formoso conjunto de objectivos fraternais.

A Voz da União *insere também a maqueta do Novo Hospital de Clínicas Allan Kardec, a construir na Colina da Fraternidade, à rua Visconde de Santa Isabel, 110, Rio de Janeiro, da autoria do engenheiro Lucílio de Albuquerque, orçado em 50 milhões de cruzeiros, com oito pavimentos majestosos.*

Ao novo jornal, os nossos cumprimentos. E a Nélson de Azevedo um grande abraço pela iniciativa.

NOTÍCIAS DA BAHIA

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

LEOPOLDO MACHADO EM SALVADOR

Tentando obter melhora para a sua saúde alterada, buscou o clima da Bahia, aqui chegando no dia 20 de Julho, procedente da cidade de Nova Iguaçú, Estado do Rio de Janeiro, onde reside, o tribuno e escritor espirita, Professor Leopoldo Machado.

Viajou em companhia do seu médico assistente, Dr. Humberto Gentil Baroni, trazendo este a sua esposa, Sr.ª Laurinda Carvalho Baroni e filhos do casal.

O Professor Leopoldo Machado, que se encontra sensivelmente abatido, em consequência de insidiosa moléstia que há cerca de um lustro lhe vem quebrantando as energias físicas e cerceando a sua actividade no meio espirita, ficou hóspede, com os seus companheiros, na residência do Tio Juca, à avenida Sete de Setembro, n.º 235.

Diàriamente, para ali afluiram, numerosos, os seus conterrâneos e confrades de doutrina, constituindo essas visitas ao velho paladino do Espiritismo no Brasil, uma viva demonstração de apreço e reconhecimento pelo muito que ele deu da sua inteligência em prol da Causa, num labor extremo que, afinal, acabou comprometendo-lhe a saúde.

Uma caravana de confrades de Nova Iguaçú deveria ter acompanhado o Professor Leopoldo Machado na sua vinda à Bahia; porém a chegada dos seus componentes a esta capital só se verificou alguns dias depois. Os caravaneiros foram os seguintes: Dr. Valdemiro de Faria Pereira, presidente do Centro Espirita «Fé, Esperança e Caridade», e sua esposa, Sr.ª Maria de Lourdes Pereira; José António Marques, vice-presidente do Centro; João Vieira Fernandes, António Ribeiro, Sr.as Aurora de Sousa Marques e Violeta Pimenta Vieira.

Com excepção do Professor Leopoldo Machado, sempre a carecer de repouso, os integrantes da caravana visitaram as principais sociedades espiritas locais, onde foram carinhosamente recepcionados. Na União Espirita Bahiana *e na* Casa de Emmanuel *fizeram-se ouvir os confrades Valdemiro de Faria Pereira, José António Marques e Sr.ª Maria de Lourdes Pereira.*

O confrade iguaçuano António Ribeiro, que é um exímio declamador, em todas as reuniões deliciou o público com recitação de poesias, recebendo entusiásticos aplausos.

Tendo apresentado as suas despedidas e recebido os derradeiros cumprimentos e votos de feliz viagem, através de diversos oradores, na véspera, em uma reunião especial no núcleo da L. B. V., sob a presidência do querido Tio Juca, rumaram, por via aérea, em 3 de Agosto, o Prof. Leopoldo Machado e sua comitiva, de regresso a Nova Iguaçú.

ÚLTIMA HORA

A DESENCARNAÇÃO DE LEOPOLDO MACHADO

Redigíramos o noticiário acima e ficámos aguardando almejada correspondência do director desta revista, para então o remetermos junto com a nossa resposta.

Passaram-se alguns dias, até que a 22 de Agosto fomos à residência do Tio Juca *visitá-lo, onde indagámos do estado de saúde de Leopoldo Machado. Eram quase 18 horas. Daí a pouco o* Tio Juca *e a Tia Totónia juntaram as crianças aos que se encontravam na sala, para a prece. Na nossa deprecação ao Pai rogámos por todos os necessitados e sofredores, e mui especialmente pelo valoroso companheiro enfermo em Nova Iguaçú.*

Lá pelas 23 horas, eis que chamam o Tio Juca *ao telefone. Ele vai ao aparelho. A ligação vinha daquela cidade fluminense e era feita por alguém que, mal podendo conter a emoção, transmitia a notícia da desencarnação de Leopoldo Machado, precisamente às 18 horas, quando orávamos!*

Com a partida desse infatigável obreiro da seara cristã para a Espiritualidade, abre-se uma lacuna no meio espirita brasileiro

O MAIOR ESPIRITA BRASILEIRO NÃO PERTENCE MAIS À TERRA

Foi o artigo de Alfredo Miguel que nos deu a notícia. Leopoldo Machado, o maior espiritista brasileiro de todos os tempos, sentira a morte próxima e visitou a Bahia, sua terra natal. Dias depois regressava a Nova Iguaçú para a Grande Viagem das Almas.

Nunca vimos lutador assim, enérgico, aprumado, cavalheiroso, rescendendo brasilidade, como figura de bronze talhada para os séculos. Nunca vimos. E por isso não podíamos habituar-nos à ideia do seu trespasse.

Homens destes aparecem de quando emquando, como excepção à regra. Ao pé, não se dá por eles. São iguais aos outros que se acotovelam na rua. Mas de longe avultam. Projectam a sombra à distância, como robles gigantescos. E o povo fala neles. Não são médicos, generais ou professores. É o nome puro e simples: Edison, Fleming, Pasteur. E chega para a nossa admiração.

Este era o LEOPOLDO. Todos o conheciam. De norte a Sul, de Leste a Oeste. Verificámo-lo em toda a parte.

Hoje não podemos ir mais além. Perdemos um grande colaborador e um grande amigo. É hora de silêncio nesta casa e no *Lar de Jesus*, que fundou. Depois voltaremos à vida plena.

«Saúde e alegria», era a legenda de seus artigos e de sua correspondência. Dele também era a «Canção de Alegria Cristã», que ouvimos em catorze Estados do Brasil.

Sentido, Mocidades que ele arregimentou para o festim espiritual! Sentido, que o MAIOR ESPIRITISTA BRASILEIRO não pertence mais à Terra!

mui difícil de preencher. Até aqui não se soube de outro que se lhe comparasse em operosidade, iniciativa e valor combativo. Todo o Brasil, do Sul ao Norte, conheceu e aplaudiu o grande conferencista que ele era; leu com interesse os seus livros, em prosa e verso, e leu, sobretudo, os seus artigos de imprensa, ardorosos, veementes, defendendo o Espiritismo contra as assacadilhas dos seus detractores. Muitos desses artigos Leopoldo Machado reuniu em volumes e aí estão com os títulos de «Pigmeus Contra Gigantes» e «Doutrina Inglória»; outros, talvez o maior número, andam esparsos pelos jornais e revistas, notadamente em Mundo Espirita, *ao tempo em que este órgão tinha como director o Dr. Henrique Andrade. Como polemista, principalmente, Leopoldo Machado era arrazador. A sua lógica confundia o adversário, rechaçava-o, levava-o, por vezes, a desistir da contenda para não se expor ao ridículo...*

Juventudes Espiritas organizadas, teatro espirita e tantas outras iniciativas, devem-se ao dinamismo dessa figura apostolar que agora desaparece do cenário da vida terrena — vida que tanto soube dignificar em exemplos de nobreza e de trabalho profícuo.

Antigo fundador e director do Colégio Leopoldo Machado *e do* Centro Espirita «Fé, Esperança e Caridade», *de Nova Iguaçú, mais tarde fundou também o* Lar de Jesus, *instituição de assistência social que abriga mais de cinquenta crianças, na maioria órfãs, que sob aquele tecto são tratadas com desvelo e recebem educação eficiente.*

Agora, cumprida a sua tarefa nobilitante, Leopoldo Machado foi reunir-se à esposa que o precedeu no retorno à Espiritualidade e com ele comungou no mesmo ideal de fraternidade cristã.

Recebe, companheiro querido, o testemunho de afeição espiritual do rabiscador destas linhas, em cujo coração a tua partida abriu uma saudade intensa e imorredoura.

Set.º/59

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

Certo: a crise da morte varia de indivíduo para indivíduo; porquanto ela depende totalmente do estado de alma de cada um na ocasião do passamento: e esse estado de alma é o efeito exacto dos pensamentos congeminados então, os quais dominam e comandam inteiramente o indivíduo que viverá como pensa; e assim, a crise da morte perdurará, enquanto durarem aqueles mesmos pensamentos que são a causa dela. Enquanto persistem as causas, perduram os efeitos.

No astral, vive-se como se pensa; e por essa principal razão, quando o indivíduo fica absorvido pelos seus pensamentos, cria um ambiente de igual natureza, quase inpenetrável a qualquer outra sugestão estranha, e permanece nessa ambiência e a sua crise prolonga-se indefinidamente, até quando os velhos e teimosos pensamentos cederem o lugar a outros pensamentos que melhorem o estado da alma do indivíduo e, consequentemente, a sua situação na esfera onde vive.

Por vezes, é tão denso o ambiente mental em que nos absorvemos, que nos isola totalmente como se estivéssemos imersos numa carapaça espessa e impenetrável à vista, ao som e a qualquer outra vibração, a qual se dissipará na medida em que se forem dissipando os pensamentos que a criaram.

Os casos que mais se destacam daqueles estados de alma perturbada, são: o suicídio, o remorso e a cisma.

O suicida, inteiramente dominado por aquele mesmo pensamento, executa-o e continua a vivê-lo acrescido dos seus efeitos; o remorso é a permanência dos mesmos pensamentos que recordam e reconstituem constantemente os mesmos actos que nos pesa ter cometido; a cisma é a constância das mesmas ideias obsoletas, abstrusas, que nos impedem de raciocinar, de renovar os pensamentos, conservando a mesma idiossincrasia e, consequentemente, o mesmo estado de alma obscurecida.

No astral vive-se como se pensa; mal de quem cujos pensamentos são tenebrosos, obscuros; porque, então, viverá em trevas, na perturbação da sua obscuridade; viverá sózinho ou com outros afins, o que lhes aumenta a aparência de um inferno interminável.

Todavia, «não há mal que não acabe», e cada um, de per si ou pela força das circunstâncias, liberta-se do seu passado tenebroso, abre-se ao fluxo da vontade divina pela qual renova a sua idiossincrasia com pensamentos radiantes de bondade, simpatia, afeição, amor, e prossegue a sua evolução redentora em harmonia com o infinito.

A vida é grande barreira
que custa muito a transpor;
e também é sementeira
que redime o semeador.

A VERDADE
NÃO SE OFUSCA

Admiramo-nos do atraso espiritual de alguns homens que, a despeito dos séculos correrem e das provas abundares com relação à influência dos espíritos sobre os encarnados, persistem em negar, quando não se insurgem com sarcásticas zombarias. Não nos importa uma ou outra atitude, pois bem sabemos que tudo depende de maior ou menor progresso e que todos chegarão a perfeita compreensão, no decorrer de mais ou menos tempo. Porém a nossa admiração, para não dizer «revolta», é quando se apresentam como sábios a dizer que é teoria nova ou invencionice dos espiritas. A Bíblia data de séculos e está cheia de provas: encontramos Job tentado pelo espírito do mal, blasfemando contra Deus, assim como o anjo do Senhor impedindo a Abraão de imolar seu filho Isaac; no novo testamento vemos Jesus expulsando sete espíritos de Maria Madalena; do endemoninhado gadareno uma legião deles; o mesmo acontecendo ao jovem lunático e até na sinagoga um homem se encontrava possesso, e Jesus, afastando o espírito, maravilhou os que ali se encontravam, os quais se perguntavam:

— Que nova doutrina é esta?! Porque põe Ele preceito com império até aos espíritos imundos e obedecem-lhe?

Que naquela época causasse admiração o afastamento dos espíritos que actuavam sobre as criaturas, admita-se; mas, na época actual, haver quem desconheça ou negue a mesma influência... francamente, é apresentar-se com um nível mental retardado!

A verdade, porém, é que muitos dos descrentes ou dos zombeteiros têm-se rendido à evidência dos factos, pois contra factos não há argumentos. A evolução se processará, arrastando consigo «gregos e troianos». Passo a passo, todos chegarão à compreensão, mesmo que para isso não impere a sua vontade; a força natural os impulsionará, seja pela dor física ou moral, pela obsessão ou pelos fenómenos de Além Túmulo. Tudo chega a seu tempo e o que hoje nos parece crendice amanhã verificaremos ser VERDADE.

IDALINDA A. MATOS

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

27

VISÃO PREMONITÓRIA

Amigo radiouvinte:

Cá estamos novamente. O tempo passa sem se dar por isso. Uma quinzena é coisa pequena. Rima e é verdade, ao contrário das verdades, que não rimam. Há duas semanas, quando falámos do que a «médium contou», da salvação daquele homem taciturno do Lago de Lucerna, ignorávamos totalmente o tema de hoje. Sabe-se lá o que diremos amanhã, quanto mais daqui a quinze dias! Mas o assunto chegou *en hora buena,* como diz o Espanhol. Não é *caixinha* de jornal, quase sempre feita de mentira; é um facto aparentemente inexplicável, semelhante a muitos outros coleccionados pelos investigadores.

O caso passou-se em Dalles, na América do Norte. Um professor, a quem chamaremos Chester Hayworth, passara a noite na Associação Cristã da Mocidade, a prelecionar sobre Astronomia. Já passava das 23 horas quando chegou a casa, porque a lição excedera muito o horário habitual.

Sua esposa dormia a sono solto, aquele sono dos justos que poucos conhecem no Rio de Janeiro, tantos são os ruídos que liquefazem o cérebro. Por isso não quis acordá-la.

Deitou-se. Quinze minutos depois sentiu-se totalmente zonzo, como se houvesse despertado de um sono profundo. O mais interessante é que Chester não adormecera. A lição de Astronomia provocara-lhe insónias, amplificadas por uma lâmpada da rua que lhe clareava o aposento.

Ouviu estranho ruído e ficou de atalaia. Fixando-se melhor, sentiu girar a maçaneta da porta e sentou-se para ver o que era. Àquela hora e naquelas circunstâncias, não podia calcular o que fosse. O amigo radiouvinte, se estivesse nesses apuros, pensaria como o nosso herói.

— Mal ajustei os olhos aos contornos da porta — disse ele à Sociedade Americana de Investigações Psíquicas — vi entrar meu pai. Vi-o nitidamente.

Chester Hayworth não teve o que se pode chamar um susto. Seu pai morava na Califórnia; era natural que chegasse naquele momento e quisesse surpreender o filho, com a sua aparição. O homem gostava dessas brincadeiras. Não era de estranhar.

Depois atravessou o quarto, deu uma volta pelo fundo da cama e parou a meio metro do narrador.

— Já não lhe pude ver bem o rosto — continua Chester, — mas notei que meu pai não estava ali para brincar. Nunca o vira tão triste, como naquele instante. Que teria acontecido a qualquer pessoa de família? Por fim estendeu-me a sua mão, que eu tomei na minha. O seu aperto foi mais forte do que de costume. E olhando para mim, abanou a cabeça. Quando o fixei de frente, desapareceu, deixando a minha mão estendida.

A cena foi rápida. Meio minuto, se tanto. Mas Chester teve tempo de ver que seu pai trazia boné, calças «marron» de operário e camisa da mesma cor. E os suspensórios eram escuros. E no bolso da camisa tinha uma lapiseira, uma caneta-tinteiro e um calibrador...

Nisto soou a campainha da porta principal e Chester foi atender. Era um telegrama de seu irmão: «Papai faleceu 8.30. Vem se puderes».

Hayworth partiu imediatamente. Ao chegar à Califórnia quis saber que vestuário usara seu pai no último dia. Disseram-lhe então que estivera a trabalhar no automóvel, com calças e camisa «marron», suspensórios escuros e boné.

O filho não conhecia este traje, que seu pai vestia muitas vezes. No bolso da camisa ainda estava a lapiseira de celulóide semelhante à que o filho descrevera. Também lá estava a caneta e o calibrador...

A Sociedade de Investigações Psíquicas interessou-se pelo caso. Como poderia Hayworth conhecer uma coisa que, normalmente, ignorava? Seria alucinação? Se foi, correspondia a factos concretos. Portanto, a aparição era verídica...

Hayworth não era intuitivo. Quando lhe perguntaram se sonhava com frequência, respondeu negativamente.

— E seu pai? Nunca fez experiências psíquicas?

Que não. Zombava dessas coisas.

Os investigadores, porém, não excluiram a hipótese de que Chester estivesse a dormir.

— Nunca estive mais acordado — exclamou ele, convictamente.

— E não teve pressentimentos?

— Tive, como qualquer pessoa. Em geral saíam errados...

O articulista de *Two Worlds* é que divulgou o fenómeno.

«Uma aparição que vem denunciar a morte — diz ele — é um tema clássico de folclore. Morre um ente querido e aparece em forma de fantasma para anunciar o evento. Depois verifica-se que o fenómeno concidiu com o momento do desenlace. Esta sincronização perfeita, essencial nas histórias de ficção, não coincide com os casos da Sociedade de Investigações Psíquicas, que chega a obter certidões de óbito para autenticar com exactidão as circunstâncias temporais. No caso de Hayworth houve duas horas de atraso».

Há quem procure explicar os fenómenos espiritas por alucinações telepáticas originárias de moribundos. Não discordamos da possibilidade, quando o recipiente esteja em semi-vigília ou com grandes preocupações. Então, o espírito liberta-se mais fàcilmente dos liames materiais.

Bozzano coligiu muitas comunicações mediúnicas entre vivos.

Mas Hayworth não estava preocupado nem cansado. Dava a sua lição de Astronomia com tal entusiasmo, que não sentiu o tempo e chegou a casa com atraso de algumas horas. Quer dizer: a mensagem ficou para ocasião mais oportuna, quando ele se deitasse.

O Professor Gardner Murphy, grande psicólogo, escreveu:

«Há provas suficientemente autenticadas, mesmo à luz da crítica severa, para mostrar que o para-

normal é campo de investigação susceptível de nos ensinar muita coisa acerca de nós mesmos».

Para chegar a isto é que hoje viemos ao microfone. A visão de Chester Hayworth é igual a outras que temos lido em revistas da especialidade, tendentes à mesma demonstração e que alguns não querem conhecer nem estudar. Se investigarem, hão-de concluir que é muito precária a humana filosofia...

Boa noite, amigo. Saúde e boa disposição. Que Deus te salve e preserve a terra brasileira.

28

UMA HISTÓRIA VIVIDA

Amigo radiouvinte:

Vamos contar uma história, narrar um acontecimento que alguém viu com os próprios olhos e sentiu no rosto magoado. Muita gente não gosta de história. D'Arlincourt dizia que eram romances que se acreditavam; e os romances não passavam de histórias sem crédito. Mas não lhe chamemos história, que é a vida das nações; chamemos-lhe novela, que é a vida dos homens, como queria Daudet.

Num arrabalde de Coimbra houve em tempos uma casa fantasmática onde habitou o sr. Francisco Homem Cristo, então primeiranista de Direito que fora expulso da Universidade por desobediência a praxes religiosas. Foi em 1909. Alugou uma casa na Cumeada e lá se instalou com a mulher e dois filhos. «Instalou» é modo de falar, porque o caso assumiu tão grandes proporções, que não se podem descrever em dez minutos de palestra.

Logo que se apagava a luz ouviam-se pancadas na janela, e um colega do sr. Cristo — o sr. Gomes Paredes — foi testemunha auditiva do acontecimento. Dormiu lá uma noite... e ficou por ali.

O sr. Cristo tinha dormido como um frade, se é que os frades dormem a sono solto. Nada ouvira nem sentira do que lhe dissera o amigo. Ladrões não havia na casa e o resto era pura fantasia.

O sr. Paredes não insistiu. Voltou a Coimbra e contou ao pai a história. E o pai segredou-lhe que o locatário anterior deixara a moradia por causa de ruídos semelhantes. E que a zeladora do Observatório Astronómico fronteiro lá passara uma noite, mas que nunca mais o faria, enquanto vivesse.

— Olha — disse o pai ao filho — conta tudo ao teu colega. Que fique lá uma noite para observar. Não há nada como a experiência.

Quando o Paredes aconselhou, ouviu esta resposta:

— Era o que faltava!...

E o Cristo deitou-se a dormir como um frade.

Mas não dormiu. Ouviu rumores estranhos e quis vigiar, com o amigo, na noite seguinte. Todos ficavam no 1.º andar.

Às 23 horas, as empregadas deitaram-se. E mal se apagou a última vela, ouviram-se fortes pancadas na porta do rés-do-chão, que dava para o jardim. O sr. Cristo dirigiu-se à porta... e nada. Saiu à rua para observar melhor e a porta fechou-se com estrondo e a chave volteou na fechadura. E teve que bater, para que lha abrissem.

— Agora, veremos! — exclamou, empunhando um revólver, no patamar da escada.

Os fenómenos davam-se no escuro e cessavam quando se iluminava o compartimento.

Mal se apagou o fósforo que o sr. Cristo acendera, ouviu próximo uma forte gargalhada e viu na frente uma nuvem branca que lhe arrebatou a coragem. A inquietação durou até às 4 da madrugada.

No outro dia chamou a polícia. Era preciso agarrar o farsante. Deram-lhe um inspector e dois agentes experimentados. Quando o crepúsculo extinguiu os últimos traços de claridade, o chefe postou-se no jardim para fiscalizar as entradas e saídas. Os agentes ficaram no interior com o sr. Cristo, o sr. Paredes e outro amigo, o sr. Soto.

Extinta a luz, começaram as pancadas no rés-do-chão.

— Estão a ouvir? — observou o Cristo aos dois guardas.

— Perfeitamente.

O sr. Cristo abriu de repente a porta e só viu o inspector, tranquilo, a passear. E perguntou-lhe:

— Quem bateu?

— Ninguém.

— Não ouviu as pancadas?

— Nada, absolutamente nada.

E as autoridades trocaram as posições. E o inspector ouviu as pancadas e os agentes não.

— Ah! Ele é isso? — gritou o sr. Cristo —. Entremos todos, que a coisa é cá dentro.

Um guarda foi para o quarto do sr. Paredes, no 1.º andar. Quando ia sentar-se num banco, retiraram-lho e caiu desamparado. Ao lado estava a família e os serviçais.

O sr. Paredes e o sr. Soto ficaram no rés-do-chão com o inspector, enquanto o sr. Cristo se plantava no patamar.

Apagaram as luzes e ouviram logo as pancadas, sobretudo num pequeno compartimento contíguo ao quarto do locatário.

Súbito, um ruído de luta no quarto do sr. Paredes atraiu ali os vigilantes. Só viram o agente a esgrimir a torto e a direito e tiveram que subjugá-lo.

Restabelecida a luz, voltou a calma, apagam a luz e o sr. Cristo vai retomar o posto na escada. Mas um bofetão fá-lo gritar dolorosamente, como se alguém lhe enterrasse as unhas na face. Acendem a luz e todos vêem na face do sr. Cristo a marca de quatro dedos alentados. O rosto, vermelho; a face direita, lívida de susto.

Escusado será dizer que todos debandaram naquele mesmo instante. Os guardas recolheram a penates e os inquilinos foram dormir ao hotel, jurando não mais voltar àquela casa.

A sr.ª Frondoni-Lacombe, de Lisboa, é que narrou a história com grandes pormenores que não vêm ao caso. Fê-lo nos *Annales des Sciences Psychiques*, em Março de 1910. Mas o sr. Francisco Homem Cristo contou a coisa mais ao vivo na obra «O Parque do Mistério», que deve estar há muito esgotada. Nela afirma que seu filho mais novo fora transportado com o berço pelas escadas ou através das paredes e colocado inteiramente nu e de costas numa mesa de mármore do rés-do-chão; e que um guarda que se fechara na retrete para agarrar o malfeitor invisível que lá ria às gargalhadas levou dezenas de encontrões e disse que preferia a demissão, a tais deligências.

O sr. Cristo termina assim a história:

— Aquilo era o mistério de um drama sem prólogo nem epílogo, dedicado aos cépticos, para lhes mostrar que as forças desconhecidas são de respeitar e que os míseros por elas envolvidos se devem instruir acerca das *suas finalidades*. Eu estava furioso e abalado, não podia admitir qualquer fraude, mas era humilhante voltar costas a um poltrão que me feria traiçoeiramente. E tive que fugir daquela casa, atendendo à criancinha que chorava e à mãe que estava cada vez mais nervosa...

Aí fica a história ou a novela de um homem que se notabilizou por actos discutíveis e que já pertence ao mundo dos espíritos. Cada qual extraia daqui a sua lição...

Boa noite, amigo. Até à próxima. Deus salve o teu lar e a Terra brasileira.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O FUTURO DOS JORNAIS

No sector espirita contam-se a dedo as publicações de vida assegurada. As contingências são maiores que o esforço para vencê-las. Poucos avaliam as dúvidas, as canseiras, a vigilância permanente que implica a vida de um jornal que viva só de assinaturas. Quantos equilibrios não terá de fazer?

A não ser aqueles que se firmaram como órgãos de agremiações estáveis, e que são raros, os outros vivem, mercê do sacrifício de seus dirigentes. O *Psychic News* teve um Mecenas na pessoa de Artur Findlay, que o financiou após o terceiro ou quarto número e lhe garantiu a existência através de uma escritura pública, na qual definiu a orientacão do jornal que Maurice Barbanell fundara com grande entusiasmo.

O *Psychic Observer*, quinzenário americano ao servico do Espiritismo, fundado e dirigido há muitos anos por Ralph G. Pressing e sua esposa Juliette, acaba também de resolver o problema da sua continuidade Edward J. Byrne, director do jornal *O Sol*, de Jamestown, onde era feito o *Observer*, adquiriu os seus direitos de publicacão.

O novo director é Agnes Reuther, antigo jornalista e fotógrafo e conhecido de Juliette Pressing desde os tempos da infância, a qual abandonou a escola e trabalhou com ele durante mais de três anos.

O *Psychic Observer* presta homenagem aos heróicos esforços de Ralph e Juliette.

Ralph ainda está convalescente de um ataque de paralisia que o acometeu no Outono de 1956. Não deixa, porém, de manter boa disposicão. Ao entregar o jornal à nova gerência, exclamou:

— Criei o meu filho e agora mando-o à escola.

O *Mundo Espirita*, actualmente nas mãos da Federação Espirita do Paraná, teve existência acidentada como semanário de grande circulação. O Dr. Henrique Andrade foi o seu orientador e impulsionador durante muitos anos, mantendo-o em nível doutrinário bem elevado. Conhecemos o trabalho gigantesco deste pioneiro de rija têmpera que, infelizmente, não foi compreendido. Os valores positivos acabam quase sempre no ostracismo, enquanto as nulidades procuram os capitólios de efémera duração.

Como dissemos, o *Mundo Espirita* está na posse da Federação Espirita do Paraná, à qual o Dr. Lins de Vasconcelos o doou, juntamente com os seus milhões. O que é pena é que passasse a mensal com prejuízo da propaganda. Esta entidade é uma das mais bem organizadas do Brasil, como teremos ocasião de mostrar, e devia intensificar a sua periodicidade. Agora, que tem vida assegurada, seria boa ocasião de o tornar semanal, pois colaboracão decerto não faltaria a João Ghignone, figura de enorme prestígio no Paraná e acatado pela sua sinceridade e bondade.

Enfim, os jornais espiritas dificilmente encontram apoio financeiro, porque não têm possibilidade de grandes nem pequenos dividendos. O que resta ao lutador que se abalança é a reminiscência do trabalho contínuo em benefício de uma causa que, servindo a humanidade, não lhe pertence, porque é de todos os tempos.

Estudos Psíquicos não foge á regra. Qual será o seu futuro? Que destino lhe estará reservado? Morrerá? Sobreviverá? Ficará na história como tentativa de Espiritismo arejado e elevado? O tempo o dirá, que é grande mestre.

Onde está o homem capaz de garantir a vida deste baluarte?...

UNIÃO ESPIRITA BELGA

Com a desencarnação de Achille Biquet, a União Espirita Belga e o seu órgão *Spiritualisme Moderne* sofreram remodelações que passamos a noticiar.

O dinâmico Armand Donnay, que nos habituámos a ler na revista citada, foi nomeado Presidente da União e director do seu órgão oficial.

Para o cargo de 1.º vice-presidente foi indicado o nome de Eugène Bertrand, que assumirá as funções de Secretário da Redacção.

Este último representará a União Espirita Belga no próximo Congresso Internacional de Paris, a realizar em Setembro.

Spiritualisme Moderne passará a sair bimestralmente a partir do número 7 deste ano, correspondente a Setembro-Outubro, e toda a correspondência relativa à revista deverá ser dirigida a Armand Donnay, rue des Sapins, 36, Seraing, Liège.

Fazemos acendrados votos de progresso pela operosa agremiacão, cuja actividade se tem distinguido em tantas emergências da propaganda espirita nacional e internacional. Temos a certeza de que Armand Donnay, a quem especialmente saudamos, saberá conduzir a União Espirita Belga a objectivos elevados.

Estudos Psíquicos gostaria de transferir para este amigo as funções de redactor-correspondente que Achille Biquet exercia em Liège. Neste sentido envidaremos os nossos esforços pela necessidade de ligação estreita entre os elementos categorizados do Espiritismo nos países de línguas novilatinas.

UM FANTASMA AO SERVIÇO DA JUSTIÇA

La Dépêche du Midi, de Tolosa, conhecida cidade do Sul da França, publicou há pouco a seguinte notícia, que transcrevemos, de *La Revue Spirite:*

«Francis Harisson, acusado do assassínio de sua mulher Doris, cujo cadáver foi encontrado num armário de parede em seu domicílio conjugal, está preso, mercê de certa manifestação do «fantasma» da esposa a duas amigas que vivem a cem quilómetros uma da outra e as quais despertaram há cerca de alguns dias ao som de uma voz que lhes dizia:

«— Venham procurar-me! Venham procurar-me!

«Ambas reconheceram a voz de Doris Harisson.

«Depois de revelarem mùtuamente este fenómeno, as duas mulheres resolveram expor o caso à polícia.

«Alguns agentes dirigiram-se então à casa do sr. Harisson e tiveram que arrombar a porta, a fim de realizar as suas investigações. Depois abriram um armário de parede e diz-se que descobriram um corpo de mulher com o rosto mutilado. Era Doris Harisson».

La Revue Spirite aguarda pormenores de origem inglesa. E Juin Selva, em comentário, escreve:

— Mais uma vez os factos são factos. E sendo numerosos, como são, os casos deste género, levarão o homem a reflectir na realidade da alma e da sua sobrevivência.

Sabemos de regiões em que a mediunidade está ao serviço da lei. Tais fenómenos demonstram que os «mortos» não morrem. Mesmo do Além podem interferir na vida dos terrícolas e levá-los a saldar contas com a justiça.

O ESPIRITISMO NA TELEVISÃO INGLESA

O *Psychic News* de 17 de Agosto (n.º 1315) principia assim um longo artigo a seis colunas:

«O Espiritismo teve liberdade do ar na última sexta-feira, durante 30 minutos. Ena Twigg falou como espiritista e médium no programa «Conferência de Imprensa» da Televisão da B. B. C.».

Ena Twigg podia responder como entendesse às perguntas de quatro jornalistas: Francis Williams, ex-director do *Daily Herald;* Wolf Mankowicz, dramaturgo e jornalista; Peter Black, crítico de televisão do *Daily Mail*; e Philip Paul, investigador psíquico e jornalista da especialidade.

Cada um deles se apresentava com seu carácter diferente. Mankowicz, céptico intelectual cheio de frioleiras; Williams, agudo mas jovial; Philip Paul, frio e razoável; Peter Black, leal e atencioso.

Ena Twigg divertia-se, aproveitando os seus momentos de «enfant terrible», que às vezes demonstra no estrado.

Williams perguntou se os espíritos eram sólidos ou nebulosos, que vestuário usavam e se andavam no chão, fazendo uso dos pés.

— Raras vezes lhes vejo os pés — disse ela —. Usam o vestuário a que estavam habituados, de modo que sejam fàcilmente reconhecidos. Os espíritos encarnados podem manifestar-se em forma-pensamento, completamente imobilizados, ao contrário dos espíritos que se movem.

A Peter Black explicou a maneira como se lhe apresentavam as entidades espirituais.

Mankowicz foi mais incisivo e espectaculoso:

— Mrs. Twigg, essas visões e as suas vozes serão da mesma espécie e estarão ligadas ao médium, à semelhança de um esquizofrénico como Joana d'Arc?

— O sr. pode afirmar que Joana d'Arc era esquizofrénico?

— Sem dúvida.

— Está bem. Cada qual tem a sua opinião.

Peter Black perguntou se ela recebia as vozes através do ouvido ou da mente.

— É um ponto discutível. Eu ouço as vozes junto ao ombro esquerdo.

Depois, a propósito de mediunidade, declarou que nenhuma crítica era melhor que a dos próprios médiuns. Como Mankowicz objectasse que os não médiuns seriam melhores críticos, ela replicou:

— Não, senhor! Nós queremos a verdade, sr. Mankowicz! Não queremos tapar os olhos a ninguém!

Francis Williams quis saber o que faziam os espíritos e Twigg falou de alguns maridos que tentavam auxiliar as viúvas.

E quando disse que vira animais no mundo espiritual, «cavalos, cães e gatos», Mankowicz perguntou, no seu papel de humorista:

— E ratos?...

— Ratos nunca vi.

Em certo momento disse a Francis Williams que todos os médiuns cumprem a vontade de Deus.

— Isso, toda a gente faz.

— Toda a gente, sr. Williams? Que diz do homem que pretende chegar ao cimo de uma árvore e cai sobre o caminhante? Isto é cumprir a vontade de Deus?...

— Esse homem assim o julga...

— Mesmo depois de cair?...

Mankowicz lamentou que a sr.ª Twigg lhes não desse tempo de exprimir o pensamento e concluiu:

— Isto é psicológico. O fenómeno vem do subconsciente.

Williams ainda não estava satisfeito acerca da forma como os espíritos empregavam o tempo.

Ena Twigg disse que evolviam para mais alto. E logo Mankowicz, à queima-roupa:

— Qual é a coisa mais importante que já ouviu de um espírito?

— Amai-vos uns aos outros — respondeu ela prontamente.

Na verdade, não se pode dizer que o Espiritismo fosse mal representado no programa de Televisão da B. B. C. de Londres.

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Acabamos de receber o número especial da revista *A Reencarnação*, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, referente ao 1.º Centenário da Codificação.

Com 132 páginas e óptimo papel de impressão, é a mais bela manifestação publicitária do Espiritismo no Brasil e representa, sem dúvida alguma, enorme soma de esforços de uma falange de obreiros incansáveis. É o magnífico depoimento do que se tem feito neste Estado em matéria doutrinária e obras sociais que se afirmam como exemplo vivo de fraternidade e solidariedade.

Podemos chamar-lhe número histórico, porque através de suas páginas perpassam dezenas e dezenas de colectividades numa síntese utilíssima, indispensável a quem queira referir-se ao movimento espirita das plagas gaúchas, com ressaibos de folclore português.

Tudo ali se encontra arrumado e actualizado, em homenagem a Francisco Spinelli, antigo presidente daquela Federação, idealizador do referido número e grande pioneiro da nossa Causa. O histórico da colectividade, de 1921 a 1957; a resenha das Sociedades Federadas, em Porto Alegre e no interior do Estado; esmerada colaboração dos maiores vultos espiritas gaúchos, entre eles o Coronel Hélio de Castro, Dr. Pompílio de Almeida Filho, General Roberto Pedro Michelena, Alfredo Leite Cerqueira, General Floriano de Oliveira Faria, Francisco Thiesen, Conrado Ferrari, Fernando do Ó, General Rodolfo Lemos de Melo (director da revista), José Simões de Matos, Dr. Paulo Hecker, Dr. Djalma de Matos, General Enapino Brusque de Andrade, Ten.-Coronel Dúlio Lena, Dr. Leandro Pierini, etc., etc., todo este conjunto se apresenta harmoniosamente, numa afirmação coesa e forte de mentalidade espirita.

Felicitamos estes insignes trabalhadores e respigaremos muitas coisas deste belo repositório, para que o mundo saiba que espécie de homens o Espiritismo conta no Rio Grande do Sul.

Um grande número! Grande manifestação de fé! Grande prova de mentalidade!

CENTRO ESPIRITA ATACADO

O jornal O Globo, do Rio de Janeiro, publicou o seguinte telegrama de São Paulo em 5 de Julho próximo passado:

«A Polícia de Aparecida do Norte instaurou inquérito em torno de grave ocorrência verificada na noite de 31 de Maio, quando cerca de 300 congregados marianos danificaram um centro espírita ali recentemente instalado. Em consequência dos distúrbios, duas pessoas receberam graves ferimentos e foram internadas na Santa Casa local».

Fenómenos deste género são sinais dos tempos reveladores de educação defeituosa onde predomina a malvadez e a ignorância. Que viessem de energúmenos sem responsabilidade moral, ainda se poderiam admitir, embora o acto em si esteja na alçada do código penal; vindo, porém, de uma seita que procura basear seus passos num caminho espiritual, é de admirar a incongruência, para não lhe chamar façanha, em que o ódio militou em grande profundidade.

Não é com actos deste género que se encontram veredas para o céu. Este — se existe — conquista-se de forma diferente.

Se houvesse consciência naquelas almas inferiores, não lamentaríamos o infausto acontecimento. Qual teria sido o móbil do assalto? Como dissemos, só o ódio poderia ocasionar semelhante desacerto, que os tribunais condenarão segundo a lei, para escarmento dos protagonistas e da própria seita a que pertencem.

Os congregados marianos sentem-se lesados e fazem justiça por suas mãos, como homens de Fafe. Que mal lhes advém do Espiritismo? Quem não deve não teme, diz o rifão. Se os actos dos marianos forem dignos, nada os ofuscará. Com ataques assim poderão, acaso, melhorar de posição no concerto dos valores?

Por isso continuamos a dizer que a sociedade vai mal, que é preciso reformá-la nos próprios fundamentos. O egoísmo é o maior obstáculo da evolução. A bondade, sua antítese, é o alvo que devemos objectivar. O Espiritismo continua a pregar estes princípios, apesar dos assaltos dos marianos ou de outros irmãos quaisquer. Mais ainda: continua a orar pelos inimigos sem distinção de classe, em benefício do engrandecimento espiritual da humanidade.

OUTRO CASO LAMENTÁVEL

O mesmo jornal do Rio publicou em 22 de Abril uma notícia bem curiosa e sintomática que vem corroborar as nossas apreensões, quanto ao estado actual do mundo.

«Em Belfort Roxo — diz o articulista —, no município fluminense de Nova Iguaçú, ocorreu lamentável incidente no qual participou o pastor protestante Jackson e o padre católico José Best. À tarde, uma procissão católica aproximou-se da praça principal de Belfort Roxo, onde se encontravam diversos protestantes a ouvir a pregação do pastor, festa através de altofalante. Misturou-se o cântico dos católicos com as palavras do pastor, o que descontentou os dois grupos, entre os quais havia adeptos exaltados. Declarou-se luta entre alguns e dela participaram o padre José e o pastor Jackson. Entrou a polícia e os ânimos voltaram à calma, aguardando a decisão do Subdelegado da Polícia».

Estes atritos, estas reacções, esta falta de tolerância de mentores espirituais faz meditar no papel da Legião da Boa Vontade, disseminada pelos Estados brasileiros com a presença de 50.000 espiritistas. Irmanar as religiões é mais difícil do que irmanar os homens. Elas têm os seus lindes, as suas limitações e não há bom senso que desaloje um dogma do reduto que escolheu. Porque o dogma não se pode discutir. Discuti-lo — seja religioso ou científico — é prejudicá-lo, é esfrangalhá-lo, é deitar abaixo a religião ou a seita religiosa. Nenhum credo abdica dos postulados que o informam. Por isso, em vez de procurar irmaná-las, melhor seria pregar a tolerância entre os seres humanos, no moral, no mental, no espiritual, em todos os campos da actividade, a começar nas escolas, porque a tolerância é problema de educação.

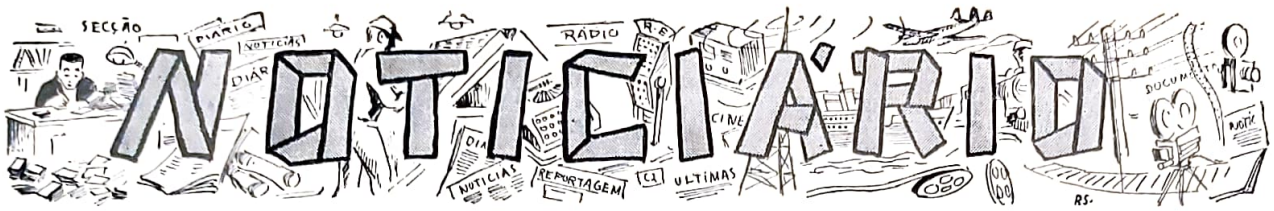
Não vamos condenar as religiões pela intolerância de seus representantes. Mas gostaríamos que, ao combater o Espiritismo, ficassem estes quadros de lesa-cristandade e evitassem o escândalo que se repercute como um rastilho, desacreditando as religiões existentes. Que elas sirvam de freio às ideias subversivas que lançam pais contra filhos e irmãos contra irmãos.

ALBERTO GONÇALVES DE BARROS

Notícias recentes chocaram o nosso coração com o trespasse de Alberto Gonçalves de Barros, pai do nosso querido amigo Dr. Newton Gonçalves de Barros, director do Colégio Leopoldo, de Nova Iguaçú, e colaborador desta revista, a quem apresentamos nossos votos de solidariedade moral.

Grande alma a deste pioneiro, que tivemos ensejo de abraçar em nossa viagem ao Brasil! Quem vê o filho, vê o pai, ambos inteligentes e dinâmicos ao serviço do Espiritismo.

Em Barra Mansa e na Barra do Piraí, duas cidades prazenteiras onde o Alberto deixou vestígios fortes da sua passagem, sobretudo no auxílio a várias obras de caridade, há-de sentir-se o evento e a grande lacuna que este homem deixou. Também em nosso coração ela existe a partir deste instante. Que os bons guias o ajudem no sono reparador para mais breve ascensão espiritual.



NOTAS DO LAR DE JESUS

O *Lar de Jesus*, de Nova Iguaçú, de que esta revista é órgão oficial, continua a desempenhar missão preponderante no sector fluminense.

— No decurso da *8.ª Semana* Espirita algumas internadas cantaram e declamaram, principalmente as estrofes da «Homenagem ao *Livro dos Espíritos*», que em 18 de Abril comemorou o 1.º Centenário da Codificação.

— Na Sexta-feira da Paixão houve no Lar de Jesus um *Almoço de Fraternidade*, dirigido por D. Maria de Lurdes de Almeida Pereira e D. Aurora de Sousa Marques, com auxílio de outras senhoras espiritas.

— Na última sessão da *8.ª Semana Espirita*, o nosso colaborador e amigo Leopoldo Machado, em resposta a um casal gaúcho que lhe perguntara se já tinha pensado em quem o substituiria, afirmou que não pensara nem pensa, porque a obra não é dele, mas do Cristo, e o Cristo suprirá vantajosamente a sua falta. Leopoldo Machado construiu muitas obras importantes: Colégio Leopoldo, Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, Escola João Baptista, Albergue Nocturno Allan Kardec, Lar de Jesus, Mocidade Espirita, Festa do Livro em 18 de Abril, Hora Espirita Radiofónica na antiga *Rádio Transmissora*, hoje *Rádio Globo*, etc., além de impulsionar outros empreendimentos que gozam de grande popularidade. Por isso o *Lar de Jesus* encontrará quem siga as pisadas do seu actual Presidente.

COMUNICADOS

Tiveram a gentileza de nos comunicar as eleições de seus corpos gerentes as seguintes agremiações espiritas brasileiras:

Associação Estudantes da Verdade, de Volta Redonda:

Presidente — Prof. Aleixo Vítor Magaldi. *Vice-presidente* — Wagner Dias Barbosa. *1.º Secretário* — Carlindo Dias. *2.º Secretário* — Paulo da Costa Ferreira. *1.º Tesoureiro* — Osvaldino Gamboa. *2.º Tesoureiro* — Alfredo Miranda Prado. *Comissão de Contas* — João Rodrigues, Natalino Nunes Vieira e Vena Demarche Mascarenhas.

Centro Espirita Jesus, de Pelotas, Rio Grande do Sul:

Presidente — Dr. João Fredolino Hepp. *Vice-presidente* — Percy Baptista Soares. *1.º Secretário* — Frederico Müller Júnior. *2.º Secretário* — Dr. Djalma de Matos. *1.º Tesoureiro* — Francisco Paula Vernetti. *2.º Tesoureiro* — Manuel Pinto Tavares. *Bibliotecário* — Coronel Cipião Lucas d'Oliveira. *Adjunto* — Ariano Martins Magalhães.

Directores — José S. Casagrande, Francisco de Paula da Silveira, Dr. Apody Almeida d'Oliveira, Vítor Edmondo Schuch, Carlos Rodrigues de Sousa e Gustavo Adolfo Grahl.

Instituto Espirita «Dias da Cruz», de Porto Alegre:

Presidente — Dr. João Teófilo de Matos.

1.º Vice-presidente — Coronel Waldemar Ferraz. *2.º Vice-presidente* — Dr. João Pompilio de Almeida Filho. *Secretário* — José Carvalho. *Tesoureiro* — Dr. Nede Lande Xavier. *Director da Cruzada de Amparo à Criança* — S.ª Cecy Goncalves de Almeida. *Director do Dispensário* — Dr. João de Deus Barbachan.

Director da Caixa de Assistência — Sr.ª Octavina Rangel Barbachan.

Conselho Fiscal — Coronel Felisberto do Amaral Peixoto, Walter da Costa Fontoura e João Amado Venâncio. *Suplentes* — Ney da Silva Pinheiro, Drs. Nelson Barcelos da Veiga e Osvaldo Vieira da Silva.

A todas estas agremiações enviamos cumprimentos de solidariedade espiritual.

JOSÉ FUZEIRA

Encontra-se em Portugal o nosso confrade sr. José Fuzeira, que se deslocou à pátria-mãe com a missão de expandir as obras de *Ramatis*, psicografadas pelo Dr. Hercílio Maes, de Curitiba, e fundar a *Liga Fraternal da Boa Vontade*, para o que envidou os melhores esforços, congregando alguns elementos e promovendo reuniões na *Fraternidade Esotérica*, onde apresentou o respectivo projecto de Estatutos.

Ao citado confrade, que regressará ao Brasil no próximo mês de Setembro, desejamos o melhor êxito no desempenho da sua missão. A nossa revista estará sempre ao lado das causas generosas que contribuam para a união dos homens e avanço da espiritualidade.

ANTÓNIO CARDOSO

Encontra-se em Paris, a fim de assistir ao Congresso Espirita Internacional, o nosso confrade António Cardoso, que representará o *Centro Espiritualista Luz e Amor*, a *Federação Espirita do Rio Grande do Sul*, *A Reincarnação* e o *Hospital Espirita de Porto Alegre*.

António Cardoso foi igualmente como enviado especial de *Estudos Psíquicos*. Da capital francesa nos enviará, pois, as suas crónicas impressionsitas que, em breve, os leitores poderão saborear nestas colunas. O seu poder de observação, dinamismo e intelegência são garantia de que saberá vencer todos os obstáculos e juntar mais um serviço aos muitos de que é credor, em sua faina no sector espirita.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez pedimos a todos os correspondentes que nos enviem 2$50 em selos postais, sempre que solicitem qualquer esclarecimento ou serviço de seu interesse particular.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Agosto — A. L. F., de Lisboa, 40$00; Anónima de Ponta Delgada, 20$00; José Carlos de Chelmicki Afflalo, 200$00; I. S., de Lisboa, 20$00. *Total — 280$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$50
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 47$00	35$00
O Livro dos Médiuns — enc. 47$00	35$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 47$00	35$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00	38$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00	38$00
Obras Póstumas — enc. 47$00	35$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo	50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	25$00
Enigmas da Psicometria	28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	42$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	26$00
Xenoglossia	32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	40$00
Casas Mal-assombradas	50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	75$00
Narrações do Infinito	30$00
Urânia	40$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis*	40$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00	28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado	48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas—enc.	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00. Brochado	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis*	40$00
Parnaso de Além-túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	70$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel*	70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	46$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	40$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	60$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	35$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida	42$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*. Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	35$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	90$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	35$00

Os assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm

10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

LEOPOLDO MACHADO

(Ver pág. 321)

CONTÉM: Fazer Bem, da **Redacção**; Mensagem Maurícia, pelo **Marechal Mário Travassos**; Congresso Espirita Internacional, pelo **Dr. António Cardoso**; Materializações Psíquicas, por **Tito L. Bancéscu**; «Caxias, Um Eminente Iguaçuano», por **Aleixo Vítor Magaldi**; Angústia da Vida Pequena, por **Rocha de Sousa**; Um Testamento, por **Leopoldo Machado**; ... E foi-se Antes de Nós!, por **Leopoldo Machado**; À Bahia, de Novo — Diante de um Retrato, Duas Poesias de **Leopoldo Machado**; A Queda do Roble, por **Isidoro Duarte Santos**; Por Misericórdia e de Acréscimo..., Último Artigo de **Leopoldo Machado**; Os Últimos Instantes, por **Waldemiro Pereira**; O Lutador Indefesso, por **Alfredo Miguel**; Uma Carta do Lar de Jesus, por **Waldemiro**; «Pior que o Comunismo»; Este Caminho de Pedras, Poesia recebida pelo Médium **Francisco Luciano**; 3.ª Carta Aberta aos Irmãos Católicos, por **José Francisco Cabrita**; Palavra e Exemplo, por **Maria Torres Frias**; A Mulher Contemporânea, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Para Meditar, por **Anselmo Paermentier**; A Voz de Portugal Espirita, Crónicas Radiofónicas por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

18.º ANO OUTUBRO DE 1957 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite. 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO | LISBOA, OUTUBRO DE 1957 | N.º 10

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

FAZER BEM

Lemos algures que a maior satisfação é fazer bem; e, todavia, há quem julgue que os beneficiados devem ficar-lhe agradecidos.

Na verdade, a prática do bem é um problema de consciência difícil de equacionar. Muitos escritores têm falado nele, mas nem um só o pôde enunciar filosòficamente.

Primeiro é preciso saber o que é o bem. É que o bem de uns é mal de outros, em circunstância de actualidade.

Marco Aurélio procurava imitar a mãe, não só deixando de praticar o mal, como ela, e até de concebê-lo, mas realizando todo o bem de que era susceptível. Também omite o conceito, este conhecido filósofo.

Quanto mais profundo for o amor por nós, mais fácil será querer bem ao próximo, afirmava Paulo Bourget.

Luís Blanc levanta uma ponta do véu, dizendo que só o bem é absoluto e necessário e que o mal não passa de excrescência inútil.

Em cada homem há um juiz integérrimo a dominar o mundo interior, a vigiar pensamentos e atitudes. As leis sociais não lhe servem, porque é senhor de nova hermenêutica. O Código parece bem a muitos. Adaptado ao jeito das minorias, o maior número é que lhe sofre, às vezes, as consequências.

Pois nem tal juiz conhece a fundo o significado dessa palavra. Quando a humanidade for alegre, totalmente alegre, então sim, o bem reinará no mundo. Haverá superação e os beneficiados não terão que agradecer.

O bem é justiça, equidade, renúncia, amor fraterno. Não se dá aos outros. Erra quem o julgar. Porque os seres não dependem de si próprios. A ligação envolve a colectividade.

Quando eu digo que me sacrifiquei por alguém que não me agradeceu, em verdade fui bem recompensado. Não compreendeu?... Que importa? A repercussão do acto transcendeu os homens, dirigiu-se à Consciência. E eu fiquei mais alto ou mais baixo em conceito de valor.

Se houvesse uma vida única... Mas os séculos são cadeias imensas que nos projectam no tempo e no espaço. Então procedamos de harmonia com o juiz integérrimo. Busquemos alegria de alma, correspondência, sossego interior. O bem está nesse objectivo sem par. O Código pode satisfazer exigências transitórias. Mas cumpri-lo, única e simplesmente, nem sempre chega para acalmar. Quantos não há que reputam injusto o próprio benefício? É por isso que alguns criminosos abandonam privilégios e se entregam à lei. Sofrem e ficam contentes. Pagam a dívida e fecham o balanço. Equilibraram-se, harmonizaram-se.

Fazer mal ou fazer bem é difícil de entender. Há caminhos vários para chegar a um ponto. Na realidade, o caminho interessa menos do que o alvo. Muitos, porém, olham mais ao primeiro que ao segundo. Nem todos sabem onde está a razão...

O povo entra no assunto e declama:

— Quem faz bem para si o faz.

Logo, não há motivo de agradecimento.

Fazer bem é satisfazer aos outros, ou antes, à consciência dos outros. E se cada qual escutar a consciência, será uma batalha de alegria. Porque ela é a mesma em todos os seres. Age de igual forma, para absolver, para condenar. O seu veredicto é o caminho do bem.

Façamos por lhe agradar, sejamos imunes ao louvor e ao vitupério e a questão estará resolvida.

Aos juízes da terra muito se encobre, mas a consciência tudo sabe e tudo vê.

Vamos estudar o problema do bem e pô-lo em equação. Tantas excrescências ficarão à tona! Tantos códigos serão esfarelados!

Porque o direito do homem não é o direito da consciência.

MENSAGEM MAURÍCIA

Lida em todos os Núcleos da Cruzada dos Militares Espiritas, na Hora Maurícia (21.00 h.; Rio de Janeiro, 22 de Setembro)

I

A 4.ª Semana Maurícia, *que a Cruzada dos Militares Espiritas encerra com as solenidades desta noite, requer especial relevo por sua projecção no ano em que se comemora o 1.º Centenário da Codificação da Doutrina Espirita.*

Não é, apenas, como pode parecer à primeira vista, simples coincidência cronológica o que importa, senão que, agora, Maurício e Kardec entrelaçam sua destinação espiritual de modo auspicioso, de vez que à luz da Terceira Revelação, há quase três lustres se constitui na crosta planetária versão nova da coorte do Capitão Maurício, com a arregimentação de militares em terras de Santa Cruz para a livre divulgação da Doutrina Espirita.

Todos sabemos da influência política e social dos militares, sobretudo em países novos como o Brasil. Daí podermos ajuizar da importância que a arregimentação dos Militares Espiritas possa ter nessa esplêndida volta do Cristianismo às suas origens, tal qual é a Terceira Revelação, sob o signo evangélico de «dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César» a luz que iluminou o sacrifício do Capitão Maurício e de sua coorte. No caso particular dasForças Armadas do Brasil é certo que se pode confiar em sua actuação no campo espiritual, em razão de sua própria procedência, essa gente brasileira que do litoral Atlâncio até aos confins do Continente sofre e espera por dias melhores, gente boa e generosa, crente e humilde, mesmo quando a adversidade a inclina para o crime ou a guerra a obriga a pegar em armas contra seus semelhantes, essa gente que, até por instinto, nunca ficou com César, quando devia estar com Deus.

II

Nessa ordem de ideias convinha o parênteses de breve retrospecto. Quando Kardec foi arrancado de sua modesta condição de discípulo de Pestalozzi e mestre de estudantes pobres para o amplo e luminoso palco da Terceira Revelação, as «élites» culturais do Ocidente se encontravam hipnotizadas pela Filosofia Positiva de Augusto Conte. E esse estado de hipnose cultural crescia à medida que as técnicas da Revolução Industrial invadiam todos os sectores da vida planetária. Tudo seria matéria, só matéria. A própria Igreja, consumida entre dogmas e mistérios, não tivera a força que devera ter em defesa da espiritualidade.

O método que a Filosofia Positiva preconizava, consistia em se ocupar só de factos e de suas relações, os factos como fenómenos que se podem verificar pela experiência, pela experiência única dos sentidos. O conhecimento do ser humano deveria reduzir-se à Fisiologia, tida a Psicologia como impraticável. Nas relações entre os factos, cujo estudo se considera legítimo, são rejeitadas as de causa e efeito, de meio e fim.

Durante essa preamar materialista é que os fenómenos físicos, através da mediunidade das irmãs Fox, na pequena cidade americana de Hydesville, dariam o sinal de partida para as experiências de William Crookes, na Inglaterra, de Rochas, na França e outras, todas passíveis de registo pelos sentidos, e, em seguida, para a generalização do intercâmbio com o mundo invisível por meio das mesas girantes e, acima de tudo, para as pacientes, escrupulosas e por todos os títulos autorizadas pesquisas de Allan Kardec, guiado pelo Espírito da Verdade no supremo esforço de codificação da Doutrina dos Espíritos, da comprovação da imortalidade do espírito e da comunicação dos mortos com os vivos, problemas de todos os tempos, velhos como o próprio mundo.

De tal conjuntura não escaparia o Brasil, nem da influência do Positivismo e do Contismo, nem dos chamamentos da Espiritualidade.

Das figuras mais representativas da segunda metade do século passado e dos começos do actual, quase todas são positivistas

do mais puro lavor, como Silva Jardim e Benjamin Constant, Júlio de Castilhos, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. A Monarquia seria derrubada pelo positivismo das «élites». Benjamim Constant à frente dos idealistas de farda faria a República. A nossa Bandeira ficaria com a disposição astronómica de suas estrelas no momento da proclamação da República a 15 de Novembro de 89 e o lema «Ordem e Progresso», como testemunho da inspiração positivista de nosso regime republicano. Assim, também o seriam os monumentos erigidos ou projectados durante a 1.ª República.

A influência positivista atingiria, também, a Escola Militar, através curriculos de carácter cinentífico-filosófico cada vez mais acentuado, manipulados por docentes de grande saber e de formação positivista. Em poucas palavras, ser positivista era a maior aspiração dos mestres, em quase todas as cátedras civis e militares, como símbolo de saber e de elevação moral.

★

Em contrapartida, por esses mesmos tempos, em muitos lares brasileiros já falavam as mesas girantes; frequentemente os espíritos se manifestavam por meio de efeitos físicos e até de materializações; por toda a aprte surgiam médiuns em quase todas as províncias da mediunidade.

Aos poucos iam os espiritas patrícios reunindo-se em Grupos e Centros de trabalho na Seara do Mestre Jesus. A fundação da Federação Espirita Brasileira em 82 e do Reformador, como seu órgão, em 83, dá-nos ideia, por seu turno, de como reagiu a nossa gente aos chamamentos da Espiritualidade.

Nesse quadro de imensa luminosidade, o meio militar, pelas facilidades que oferecem sua amplitude geográfica e os laços de fraternidade gerados pelo sentimento de camaradagem, tornar-se-ia meio condutor dos melhores para as novas vibrações emitidas pela Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec. Por longos anos, elementos militares da mais acendrada convicção espirita trabalharam ombro a ombro com elementos civis afins, do que é o maior dos testemunhos a intensa, brilhante e inesquecivel actuação da dupla Inácio Bittencourt — — Viana de Carvalho.

★

Encerrando o parênteses retrospectivo que vimos fazendo, cumpre assinalar que de há muito a cooperação dos militares espiritas com os espiritas civis passou a ser também colectiva. É que, por inspiração do Alto, conforme mensagem psicografada que constitui o Preâmbulo de seu Estatuto, fundou-se no Rio de Janeiro em 10 de Dezembro de 1944 a Cruzada dos Militares Espiritas, cujos Núcleos se estendem, hoje, qual imensa rede magnética da captação, a muitas de nossas Guarnições Militares.

Pelo Marechal Mário Travassos

(Correspondente no RIO DE JANEIRO)

III

Não é, pois, como diziamos, simples reparo cronológico a coincidência da 4.ª Semana Maurícia e do 1.º Centenário da Codificação da Doutrina dos Espiritos por Allan Kardec. O que importa são as circunstâncias em que se verifica essa cunjunção, para os Militares Espiritas do Brasil, arregimentados sob o signo do Capitão Maurício.

Da consideração de tais circunstâncias é que decorrem os termos da «Mensagem Maurícia - 1957.

1) Em verdade, as vitórias da Terceira Revelação não se devem medir pelo número dos que são despertados por suas vibrações de Amor e de Paz, senão pela intensidade e amplitude que assumem os seus fenómenos, no domínio da Espiritualidade.

2) Enquanto na crosta terráquea se defrontam, política e econòmicamente, o Oriente e o Ocidente, num ambiente carregado pelo acúmulo milenar de seus recíprocos preconceitos, verdadeira ponte aérea espiritual se

destina a ligar esses dois pólos da civilização humana. As mensagens de Ramatis e as frequentes manifestações de elevados espíritos orientais, um pouco por toda a parte, são os realizadores dessa obra desmesurada.

3) A ciência dos homens, por sua vez, com a libertação da energia atómica, deixa o casulo carcomido de suas limitações materialistas e, embora disso não tenham ainda tomado consciência os cientistas, voeja a ciência na atmosfera límpida e ilimitada da energia, como fonte de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

4) A transposição da barreira do som *no domínio do ar, com velocidades que já se contam em quantidades astronómicas, vem gerando o* sentido cósmico, *entre nós, terrícolas, universalizando assim as mentes diante a quase probabilidade das* viagens interplanetárias, *do intercâmbio com outros mundos e outras humanidades.*

5) A vida do corpo *e a vida do* espírito, *em suas interacções, já se apresentam como um todo à moderna ciência médica (medicina psico-somática), a um passo apenas de transpor a ténue fronteira entre os metabolismos do corpo e do espírito, do mundo visível e do invisível, segundo a lei de Causa e Efeito.*

6) Pesquisas de profundidade estão sendo feitas para o integral conhecimento da Terra, em si e como corpo sideral (Ano Geofísico Internacional) e para o emprego da energia nuclear com objectivos pacíficos, principalmente quanto aos padrões de vida e à irradicação dos males incuráveis.

★

Cruzados de todo o Brasil!

A cooperação entre espíritos desencarnados e encarnados, sistemàticamente planejada e executada graças à prática do Espiritismo, é, em verdade, o fundo em que se projectam todas essas realidades. O que se passa e o que se sente é como que a montagem, já agora em ritmo acelerado, dos cenários para a vida planetária do Terceiro Milénio — a livre manifestação do Espírito de Verdade em toda a parte e por todos os meios, em sua infinita plenitude.

Concentremos os nossos espíritos, agora, neste instante, em Cristo Jesus, Ele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, e oremos:

«*Que* Deus *em* Sua Infinita Bondade nos *indique as tarefas que estejam em nosso alcance realizar, no âmbito de tais complexidades e em que pesem as nossas deficiências.*

«*Que Deus em Sua* Infinita Misericórdia *nos dê forças para levar avante essas tarefas, juntamente com os Cruzados sem farda e as Cooperadoras que afluem, confiantes, às nossas formações.*

«*Que Deus em Sua* Infinita Sabedoria *nos conceda a Graça de fazer de nossos* Núcleos *autênticos* Centros de mobilização da luz *contra as trevas, no momento justo do testemunho.*

Permita Deus que em todas as circunstâncias sejamos nós inspirados pelo exemplo do Capitão Maurício e guiados pela luz de seu espírito. Que nesse instante de contrição que é a Hora Maurícia, receba o iluminado espírito do Capitão Maurício — Patrono e Guia da Cruzada dos Militares Espiritas — com todas as veras de nossa Fé, a prece sem palavras que, reconhecidos, agora, neste instante, lhe votamos, onde quer que existam dois ou mais Cruzados reunidos em nome de Jesus, o meigo Rabino da Galileia, do nosso Mestre e Amigo de todas as horas, cujas bençãos humildemente suplicamos...

PROGRAMA DA SEMANA MAURÍCIA

Dia 15 — Domingo, às 10 horas — Sede Central (Lavradio n.º 74-1.º) — Primeira concentração de Cruzados e Palestra pelo Cruzado Major Ruy Vidal de Araújo. A partir das 15 horas, à Rua César Zama, n.º 9 «Lar Simão Pedro» — Solenidade festiva em homenagem à «Semana Maurícia» pela Comissão de Assistência Social da Cruzada.

Dia 17 — Terça-feira, às 20 horas — Sede Central — Sessão Mediúnica, dedicada ao iluminado espírito do *CAPITÃO MAURÍCIO.*

Dia 19 — Quinta-feira, às 20 horas — Núcleo do Colégio Militar (Auditório do C. M.) — Segunda concentração de cruzados e Palestras pelo Cruzado Major Ruy Alencar Nogueira.

Dia 20 — Sexta-feira, às 20 horas — Núcleo da Vila Militar (QG-1.ª DI) — Terceira concentração de cruzados e Paletra pelo Cruzado General Milton O'Reilly de Sousa.

Dia 21 — Sábado, às 16 horas — Núcleo de Resende (AMAN) — Quarta concentração de cruzados e Palestra pelo confrade Deputado Dr. Campos Vergal.

Dia 22 — Domingo, às 20,30 horas — Sede Central — Sessão de encerramento com a leitura pelo Cruzado Marechal Mário Travassos, de MENSAGEM MAURÍCIA NA HORA MAURÍCIA (21 horas do Rio de Janeiro, D. F.) e Palestra pelo Cruzado Coronel Zair de Figueiredo Moreira.

Congresso Espirita Internacional

Pelo
DR. ANTÓNIO CARDOSO
nosso enviado especial

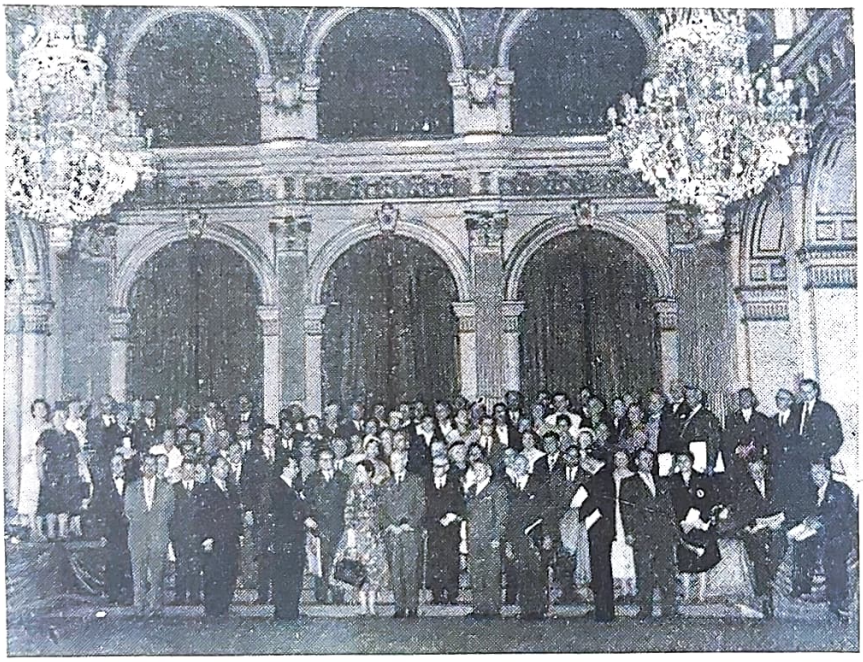
Setembro de 1957.

Estamos em Paris, na Cidade da Luz, no eterno centro intelectual da Europa!

Logo que de comboio chegamos à Estação de Austerlitz os nossos olhos abrem-se numa expressão de assombro e incredulidade. As dimensões da estação deixam-nos confusos (e não é a maior)! Lá caberiam, com toda a facilidade, umas cinco ou seis estações do Rossio, e ainda sobraria muito espaço! E nesse aglomerado de linhas, de direcções, de passagens subterrâneas, encontramos gente de toda a parte, homens e mulheres de todas as cores, seguindo o seu destino! E quando ainda meio atordoados saímos desta Babilónia imensa e tomamos um taxi (alguns deles guiados por senhoras!), ao começarmos a ver as primeiras ruas e praças da Cidade da Luz, quase maquinalmente balbuciamos:

— Não há dúvida! Estamos em Paris!

Aqui, cada pessoa anda como quer, sem receio do *parece mal* tão nosso conhecido! Pode andar sem casaco, sem gravata ou em calções, que ninguém repara, que ninguém sequer na rua se volta para olhar. Muitos restaurantes têm uma organização prática! As pessoas entram, pegam numa bandeja, escolhem numa prateleira apropriada os pratos que querem e... pagam na caixa, à saída! Evita-se assim a sempre enervante demora em ser servido e a não menos enervante (e nada económica) gorjeta... Alguns desses restaurantes são luxuosos, como o do *Moulin Rouge*, embora os preços sejam sensìvelmente os mesmos! Nesse restaurante, jantei um dia por 200 e tal francos!



Recepção dos Congressistas na Câmara Municipal de Paris

Uma rede completíssima de *metro* serve toda a cidade. Em muitas carruagens vemos colocados nas paredes dizeres como estes: «Saúde-Sobriedade», «O uso, mesmo moderado, de bebidas alcoólicas é sempre prejudicial às crianças». Esta campanha, porém, é feita pelo próprio Governo, que vê no alcoolismo um dos maiores inimigos dos interesses da nação.

Pois foi nesta cidade — *à beira do Sena plantada* — que se realizou o Congresso Espirita Mundial onde se reuniram, de 7 a 14 de Setembro, em franca camaradagem, algumas figuras mais salientes do Espiritismo Moderno.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O Congresso foi constituído pelos seguintes países: Bélgica, França, Dinamarca, Noruega, Finlândia, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Grécia, Islândia, México, Holanda, Itália, Portugal, Suécia, Tunísia, Marrocos, Argélia, Estados Unidos, Brasil e Suíça. Voltámos a encontrar a nossa boa amiga D. Elodia Cástol de Benavides, o Dr. Muller, de Zurique, a jovem e sempre dinâmica Abeille Guinard, da *Maison des Spirites*, que me recebeu com um grande e afectuoso abraço, o engenheiro Georges Gonzalês, André Dumas, Henri Boitel e tantos outros.

Durante uma semana, dezenas de congressistas de vários países trabalharam afincadamente pela causa comum. Entre todos esses batalhadores não podemos esquecer o nosso amigo Maurice Gay, a quem se deve, numa palavra, toda a organização do presente Congresso. Dia e noite, sem descanso, sempre com um sorriso nos lábios, deu à Causa o melhor do seu esforço, o melhor da sua dedicação. Num dos dias teve, porém, uma surpresa, que o encheu de alegria (e a nós também) e o fez de novo esquecer o enorme cansaço que tinha. À saída da sala de conferências foi abordado por um conhecido realizador francês de cinema, que lhe deu a boa nova de que ia fazer um filme de carácter documental sobre o Espiritismo. A boa nova, dada aos congressistas por Maurice Gay (sem-

pre o incansável Maurice Gay) foi recebida com grandes aplausos! Maurice Gay pediu então a todos os países representados no Congresso, o envio de documentos que possam interessar na elaboração dum filme deste género.

A Espanha, a nossa vizinha Espanha, continuou a ser notada... pela ausência; mas desta vez tivemos a agradável surpresa de ver alguns espiritas espanhóis, que vieram assistir ao Congresso! A sua presença na sala causou enorme sensação, sendo recebidos com salvas de palmas. Todos os olhavam admirados, incrédulos quase da sua presença.

— Estão cá espanhóis — murmurava-se baixinho!

Como se todas estas novidades fossem poucas, tivemos, entre tantos e tantos congressistas, dois verdadeiros hóspedes de honra, cujos nomes são conhecidos em toda a parte. Trata-se de Lord Dowding, marechal do Ar britânico e a grande aviadora francesa Adrienne Rolland. E ao ver vultos desta categoria, que desassombradamente declaram que são espiritas, sem receio de risinhos de mofa, lembrei-me de certos espiritas do meu país, que fora do seu grupinho não querem que se saiba que o são, para não parecer mal...

E a fechar toda esta série de novidades, queremos ainda dizer que a Municipalidade de Paris recebeu na respectiva Câmara todos os congressistas, a quem saudou calorosamente. Referindo-se, depois, às pessoas ilustres que por ali têm passado — a última das quais, a rainha Isabel de Inglaterra —, o delegado da Municipalidade disse que se sentia honrado de ter ali como visitante Lord Dowding, a quem ofereceu uma fina lembrança. Na fotografia junta vêem-se alguns congressistas escutando as palavras de boas-vindas. Visitaram-se depois várias dependências, numa das quais se tirou uma fotografia.

BANQUETE DE BOAS-VINDAS:

Os leitores devem estar lembrados de que há 3 anos o Congresso de Amesterdão abriu com uma bátega de água! Pois agora sucedeu o mesmo! Principalmente à hora a que começava o banquete de boas-vindas, chovia a bom chover. Decididamente as nuvens não gostam dos espiritas! Claro que isso nada impediu que à hora marcada todos lá nos reuníssemos, para essa verdadeira festa de confraternização.

O Hotel Lutetia, onde se realizou o banquete, além de muito luxuoso é um verdadeiro labirinto para quem lá entra pela primeira vez! Tantos corredores e salas de jantar tem, que não foi sem certa dificuldade que dei com a sala do banquete.

— Por este andar, quando chegar à sala já o banquete terá chegado ao fim — dizia de mim para comigo, farto de subir e descer escadas, e entrar e sair em várias salas.

Por fim, lá a encontrei. Respirei fundo!

Na mesa de honra víamos a presidir o nosso amigo David Bedbrook, presidente da Federação Espírita Internacional, Léon Lemoine, Emile Moreau, o infatigável Maurice Gay e ainda Lord Dowding e Adrienne Rolland.

Logo na abertura do banquete, Maurice Gay avisa pelo microfone os espiritas presentes vegetarianos, que uma ementa especial foi feita para eles. Este facto, além de extremamente simpático, é muito significativo. Mostra que no Espiritualismo Mundial há uma forte corrente que compreendeu que muito espiritualismo sem vegetarianismo é difícil de conciliar.

A entrada na sala da nossa amiga D. Elodia Castol de Benavides causou enorme sensação! O caso não era para menos! Ela e a sua cunhada vinham com trajos característicos do México! Foram muito aplaudidas; e nessa noite, depois do banquete, todos quiseram tirar fotografias com elas!

Ao iniciarem-se os discursos, Maurice Gay disse ter-se recebido uma mensagem da Federação Espírita Portuguesa — facto que eu ignorava — enviando as suas saudações ao Congresso.

Léon Lemoine, no seu brilhante discurso, afirmou que «O Espiritismo de amanhã será o que nós tivermos feito hoje; David Bedbrook afirmou: «estamos aqui em redor da mesa para melhor nos conhecermos»; a distinta aviadora Adrienne Rolland, que foi convidada a falar, contou algumas das suas interessantes experiências e terminou, dizendo: «No dia em que os homens digam «Eu, creio, em Deus», a face da terra será mudada». Por fim Lord Dowding, depois de agradecer o convite para assistir àquele banquete, feito pela F. E. I., chamou a atenção dos presentes para a questão da linguagem. Disse que a diversidade das línguas faz com que um indivíduo se sinta estrangeiro entre os estrangeiros. Há necessidade absoluta — acrescentou — da aceitação pelas Nações Unidas duma língua internacional, para que o problema se resolva. E apontou, entre essas línguas, o Esperanto, como aquela que, pela sua simplicidade e eficiência, satisfaz melhor as condições requeridas.

Na fotografia relativa ao banquete de boas-vindas, vêem-se, da esquerda para a direita, Hubert Forestier, Georges Gonzalès e Melvin Smith. Este último já deu uma sessão de clarividência no nosso Centro.

Como *fim de festa* tivemos o prazer de ouvir três cantores negros, que nos deliciaram com alguns trechos do seu reportório! O ultimo trecho, *No país do café*, muito bonito, ficou-nos no ouvido! Um desses cantores é espirita convicto! Tive ocasião de trocar algumas palavras com ele, mostrando-se grande entusiasta da Doutrina, desejando ler e estudar muito!

E para que o banquete terminasse como começou, ao chegarmos à rua voltámos a apanhar outra carga de água...

EXCURSÕES E VISITAS

No segundo dia de trabalhos estava marcada, às 9 horas, a primeira visita do Congresso, em autocarro, a vários pontos da Cidade. À hora marcada todos lá estávamos junto dos autocarros, inclusive... a chuva! Foi uma visita interessante, principalmente para aqueles que, pela primeira vez, estavam em Paris. Passámos pela Sorbonne, perto da qual há um cem número de livrarias, que devem a vida aos estudantes que ali vão comprar as obras de que necessitam; depois o autocarro levou-nos ao Jardim do Luxemburgo; fizemos a seguir uma pequena paragem para visitar o túmulo de Napoleão e... apanhar mais chuva! A guia que nos acompanhava disse-nos que Hitler tinha enorme admiração por Napoleão, e que, durante a ocupação de Paris, o ditador alemão se deslocou até ali para visitar o túmulo. Seguimos, depois para a Torre Eiffel construída em 1889 por Eiffel. Talvez muitos leitores não saibam que o Elevador de Santa Justa, em Lisboa, se deve também a esse famoso engenheiro francês. Passámos em seguida pelo Louvre, por *Notre Dame*, pelo Sena (com as suas 30 e tal pontes), e pelo Jardim das Tulherias, onde existe um teatro ao ar livre! Nessa altura ia uma peça

que todos os espiritualistas e naturistas deviam ver, pelo seu espírito crítico: «A Doença Imaginária»!

Durante o período do Congresso tivemos ainda o tradicional passeio a Versalhes e um passeio de barco pelo Sena. No último dia tivemos um passeio — também com chuva — a Barbizon e Fontainebleau. Em Barbizon visitámos a casa do pintor Millet, onde pudemos admirar obras do genial artista. Infelizmente para nós, naquela altura, claro, a sua produção mais importante, «Angelos», encontrava-se no Louvre. Millet conseguiu reunir à sua volta uma série de discípulos, cujas obras lá pudemos admirar.

— É a primeira vez, com Millet — diz-nos a guia — que os artistas se interessam pelas coisas do campo. Antes dele só vemos obras de carácter romântico e principalmente religioso. Admirámos, pela sua invulgaridade, um livro de missa que a avó de Millet lhe deu para a sua comunhão, todo escrito à pena.

À saída da casa tirámos algumas fotografias deste pitoresco lugar, mas a chuva chamou-nos à realidade... e à camioneta.

Em Fontainebleau, depois de almoçar, visitámos o palácio, que tem salas de grande interesse. Numa delas vimos uma cama antiga e tão alta, que tinha uma escada para subir.

Em conclusão: belos passeios, onde todos aproveitaram: uns conhecendo novos lugares, outros recordando sítios já visitados!

NO TÚMULO DE KARDEC

Se algum dos leitores um dia vier a Paris, não deixe de visitar o túmulo do Mestre Allan Kardec, situado no cemitério do *Père-Lachaise*, o mais importante da cidade. Não precisa de levar consigo um espírita parisiense para lhe indicar onde ele fica. O próprio porteiro lho dirá.

Há anos — num dia de chuva, por sinal — fiz eu próprio a experiência: cheguei-me ao porteiro e disse-lhe:

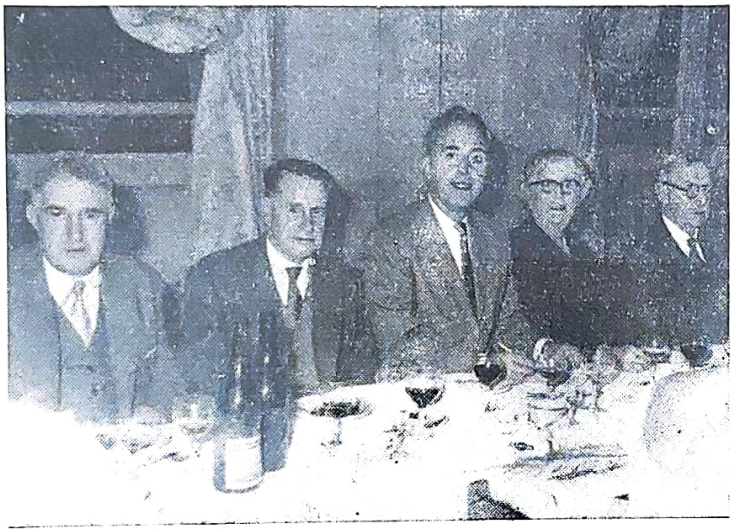
— Podia indicar-me o túmulo de Allan Kardec?

— Sim, senhor.

E pegando num mapa do cemitério indicou-me prontamente onde ele ficava.

E é curioso notar que, de tantos e tantos nomes que ilustram o cemitério, Kardec é dos poucos que tem sempre flores! Lá pudemos ver algumas placas de homenagem de diversos países ao Mestre! Lá vi, com imenso agrado, a homenagem dos espíritas brasileiros! Notei, no entanto, com mágoa, que Portugal primava pela ausência!

Pois bem! Os congressistas vieram agora, em peso, preitear mais uma homenagem ao Mestre, no cemitério do *Père Lachaise*. E apesar de chover intensamente, ninguém arredou pé; pouco interessava a chuva, estando os corações de todos cheios de calor, de calor emanado do Ideal comum.



Aspecto do banquete de boas-vindas. Da esquerda para a direita: Hubert Forestier, Georges Gonzalês e Melvin Smith

André Dumas, num admirável discurso, prestou homenagem a Kardec, dizendo que muitas das suas afirmações — como a das radiações — têm sido posteriormente confirmadas pela Ciência chamada *oficial*. E acrescentou que o «Livro dos Espíritos», depois de devidamente actualizado, deve continuar a ser o livro base do Espiritismo Kardecista.

A Sr.ª D. Elodia Cástol de Benavides, em nome do Espiritismo mexicano, depôs uma lápida no túmulo de Kardec.

E foi assim, com esta modesta, mas sentida cerimónia, que os congressistas prestaram mais uma vez homenagem ao glorioso autor do «Livro dos Espíritos», cujo primeiro centenário ainda há poucos meses foi comemorado em todo o mundo.

CONFERÊNCIAS

Uma onda de cientismo ou pseudo-cientismo caracterizou este congresso. Enquanto, no anterior, notámos, como então dissemos, uma tendência religiosa por parte de certos delegados — principalmente dinamarqueses —, vimos que, desta vez, todos mais ou menos falaram da Ciência Espírita, da necessidade da investigação científica, do exame criterioso e rígido dos fenómenos, etc. Não duvido um só momento que um André Dumas ou um Dr. Muller possuam esse espírito científico, mas tenho muitas dúvidas de que todos os que apregoaram aos quatro ventos no Congresso a atitude científica, a possuissem efectivamente. Vi um orador francês, por exemplo, dizer que há absoluta necessidade de critério científico... mas logo, momentos depois, dizer que o Espiritismo é religioso! Como pode ele ligar essas duas atitudes, absolutamente antagónicas, a científica e a religiosa?

Outro exemplo: falei com a jovem delegada italiana, e à minha pergunta como era o Espiritismo na sua associação, respondeu, que científico. No entanto, mostrou aversão inexplicável — iamos a escrever anti-científica — pelo estudo dos fenómenos físicos. A conferência que realizou no *Amour et vie* — embora interessante em outros aspectos — decepcionou-me profundamente neste. No estrado, proferiu um ataque violento a certos vultos de incontestável valor, como o professor Cazamalli, da Universidade de Milão!

Outro exemplo ainda mais frisante: se realmente todos os congressistas possuiam o espírito científico que diziam, por que motivo a conferência do Dr. Muller, conferência realmente científica, foi tão mal acolhida por todos os países, exceptuando talvez México e Portugal?... Antes de nos referirmos ao seu importante trabalho, queremos

elucidar os estimados leitores que o Dr. Karl Muller é hoje um dos vultos de maior projecção intelectual no meio espiritualista. suiço, pelo seu amor à Verdade, pelo seu espírito de *antes quebrar que torcer*, pela sua atitude inteiramente científica. É um investigador de excepcional categoria: a *Revista de Metapsiquica*, de Paris, de Dezembro de 1956, falando de investigadores que têm tentado construir aparelhos destinados a provar «a existência de uma força fluídica, ou uma espécie de emanação particular dos seres vivos», refere-se com grande soma de pormenores ao aparelho do Dr. Karl Muller, que tem a vantagem de eliminar uma série de inconvenientes notados anteriormente.

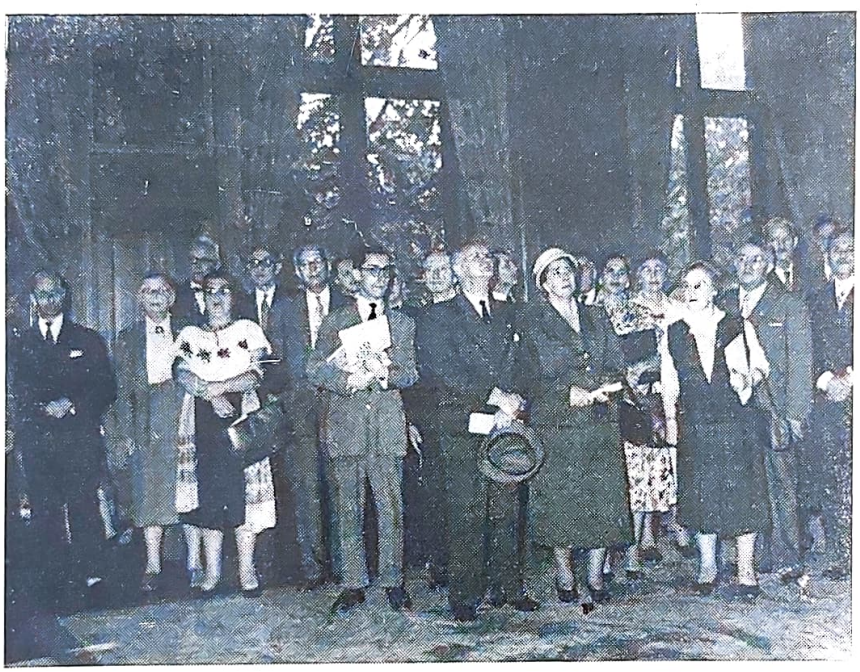
No seu magnífico trabalho intitulado «O Ponto de Vista Científico», o Dr. Muller começou por dizer que raros são aqueles que consideram o Espiritismo no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e moral! Tratando depois da atitude da Ciência perante o Espiritismo, disse que, se havia ainda certa relutância para ela estudar o Espiritismo, era porque este, em muitas regiões, se apresenta com feição religiosa, absolutamente incompatível com a atitude científica. Depois de elogiar «O Livro dos Espíritos», o qual, devidamente actualizado — afirmou — deve continuar a ser o livro base do Espiritismo, atacou fortemente certos livros espíritas que por ali têm aparecido, ditados pelo Cristo ou por outras personagens mais ou menos religiosas! Terminou, apresentando algumas directrizes para que o Espiritismo do futuro evite estes escolhos.

Volto a perguntar: se, realmente, todos os que apregoavam espírito científico o possuiam, porque motivo o trabalho do Dr. Muller não teve boa aceitação?

Os leitores terão num futuro próximo ocasião de apreciar melhor a personalidade do Dr. Karl Muller, pois ele acedeu ao meu pedido de se nosso *redactor-correspondente* na Suiça.

Aproveitando esta onda de cientismo, disse eu na sessão inaugural do Congresso:

— Não nos devemos esquecer de que, se o Espiritismo tem hoje grande projecção e é um edifício de alicerces que têm resistido a todos os ventos contrários, isto se deve a uma plêiade de investigadores, desde Charles Richet — o vosso Charles Richet — até Albert Einstein, que têm tido atitudes rigorosamente científicas, na investigação dos fenómenos. Agora, que estamos aqui reunidos, não fiquemos de braços cruzados perante o que está feito, mas que se continue a investigar, a estudar, para maior progresso e glória do Espiritismo.



Um aspecto da visita dos Congressistas à Câmara Municipal

E no *Centro Amour et Vie*, dias depois, após felicitar o Dr. Karl Muller pela sua brilhante conferência, e a incansável D. Elodia Cástol de Benavides, lembrei mais uma vez, o propósito dessa onda de cientismo que só fenómenos rigorosamente observados podem ter real valor e podem convencer alguém. Lembrei o caso de Pitigrilli, que, depois de ter visto fenómenos e mais fenómenos sem importância, encontrou numa médium italiana, campesina e ignorante, factos de tal transcendência, que modificaram completamente o rumo da sua vida, que o transformaram de materialista em espiritualista.

Outra conferência que produziu grande controvérsia no Congresso — desta vez com razão — foi a do doutor em Medicina Argyris Kousas, da Grécia. O problema era aliciante: os tão discutidos discos-voadores. Pois Argyris Kousas afirma a pés juntos que os discos-voadores nem são terrestes, nem vêm de outros planetas como tanta gente para aí julga. Não, senhor. Os discos-voadores vêm do *Além* e são constituídos por ectoplasmas. Esta afirmação levantou, como se diz em linguagem popular, um autêntico *pé de vento* no Congresso, havendo, como em tudo, opiniões pró e contra. O México, por exemplo, manifestou-se contra.

O Dr. Argyris Kousas, no último dia do Congresso, não me deixava um só instante, pedindo-me que publicasse em *Estudos Psíquicos* a sua comunicação sobre os discos. De vez em quando repetia:

— Não se esqueça!

É impossível referirmo-nos a todos os trabalhos apresentados no Congresso. Queremos, no entanto, aludir às conferências de Lord Dowding e de D. Elodia Cástol de Benavides. Lord Dowding na «Atitude da Religião em Face da Evidência», fez uma análise crítica da posição da religião e da chamada ciência *oficial*, perante factos evidentes, que sistemàticamente elas recusam a admitir.

E porquê? — pergunta Lord Dowding —. É ele próprio que responde: por MEDO! Por medo de verem ruir um edifício de ideias preconcebidas, de conceitos muitas vezes sem base, mas que a todo o custo convém sustentar. Deu três exemplos: a existência de entidades desencarnadas, de fadas e de outros espíritos da natureza, e de discos-voadores. No que respeita à existência de fadas, o marechal do ar

britânico afirmou: «Há muitas provas da sua existência e são vistas por milhões de pessoas, mais geralmente por crianças ou seres sem instrução, e por isso os testemunhos não encontram a aceitação dos cépticos. De tempos a tempos a prova da sua existência é estabelecida pela fotografia, como é o caso das *Fadas de Cottingly*, sobre as quais Conan Doyle fez um inquérito e escreveu um pequeno livro com reproduções de fotografias tomadas por duas meninas que tinham o hábito de brincar com as Fadas».

Quanto a D. Elodia Cástol de Benavides, deu-nos um magnífico filme colorido sobre Chesterfield — a cidade espirita dos Estados Unidos — acompanhada de explicações suas. Noutra reunião mostrou-nos em projecções também coloridas, alguns aspecto do seu Centro, na capital mexicana. Vimos lá a fotografia de 63 pedras que um tratamento magnético tirou de sua cunhada, que sofreu durante 20 anos. O tratamento durou menos de uma semana. Que dizem a isto os espíritos fortes?...

SESSÕES

Tivemos ainda o prazer de assistir a diversas sessões, duas das quais *extra-programa*, no *Amour et Vie*, às quais nos referiremos no fim.

Voltámos a admirar Melvin Smith (que desta vez não vem a Lisboa deliciar-nos algumas horas com a sua bela clarividência) e um sem número de outros médiuns, franceses, belgas, etc.

No entanto não podemos deixar de citar David Bedbrook. Constituiu para mim uma autêntica surpresa a sua faculdade de clarividência. E que maravilha! A clarividência para ele é um autêntico livro aberto.

Com todos os médiuns notámos características comuns, para as quais chamo especial atenção:

1.º — As sessões faziam-se sem obscuridade e sem diminuição de intensidade luminosa.

2.º — Os clarividentes nunca pediam da assistência qualquer concentração prévia.

3.º — Os clarividentes citavam os nomes dos próprios desencarnados que viam, além de grande número de pormenores. Porque será então que alguns *clarividentes* de certo país afirmam que os espíritos lhes dizem não haver permissão de revelar o nome?

4.º — Não encontrei um só clarividente que veja junto das pessoas *Santos* ou *Santas!* Já no Congresso de Amesterdão verifiquei o mesmo.

5.º — Os clarividentes falam normalmente, sem ar misterioso, e como se estivessem a falar de qualquer outro assunto.

Estas cinco características merecem bem meditadas, para tirar delas as respectivas conclusões...

Como dissemos, assistimos no *Amour et Vie* a mais duas sessões extra-programa, uma com uma médium inglesa de clarividência que trabalhou à luz vermelha (não vejo nisso qualquer utilidade), e uma série de curiosas experiências feitas pela nossa amiga D. Elodia Cástol de Benavides.

A primeira experiência teve por objectivo provar a existência da energia fluídica, que pode acender uma lâmpada de luz fluorescente. Todos os presentes fizeram a experiência e verificaram que a lâmpada se acendia. Sobre o valor científico desta experiência só pretendo dar o meu parecer depois de uma série de estudos e experiências que estou idealizando. A segunda experiência feita pela nossa amiga foi de percepção das cores.

— Cada cor — explicou ela — tem a sua tonalidade vibratória. Ora, todo o indivíduo de certa sensibilidade, mesmo de olhos fechados, e tocando algumas fitas de diversas cores, pode saber qual a que corresponde à cor sugerida.

Mostrou então aos presentes uma vara na qual estavam enfiadas fitas de várias cores (9)! Uma senhora submeteu-se à experiência. Foram-lhe vendados os olhos, e em seguida D. Benavides perguntou-me qual a cor que queria que ela encontrasse.

— Vermelha — respondi.

A sensitiva, durante alguns momentos, andou tacteando pelas várias cores, até que por fim pegou na fita vermelha.

Fez-se nova experiência com outra senhora, mas não pôde ser concluída, visto a senhora, no auge da concentração, ter perdido várias vezes o equilíbrio, e cairia redondamente no chão, se não tivesse sido prontamente amparada.

A 3.ª e a 4.ª experiência falharam.

Algumas observações: por uma simples experiência é impossível averiguar se a primeira pessoa acertou *por acaso* ou por *percepção extra-sensorial*. Muitos presentes, porém, esqueceram-se disso e consideraram o resultado positivo como um verdadeiro triunfo! Nada mais erróneo! Para determinarmos, de facto, a causa do acerto, precisávamos de ir mais longe, precisávamos de submeter a senhora a uma série de experiências e, no fim, como fazem Rhine e Warcollier e alguns metapsiquistas modernos, empregar o cálculo das probabilidades para vermos se o número de resultados positivos pode ser considerado como pertencente ao factor *sorte*. Além disso, experiências como esta têm de ser feitas em completa obscuridade. Não nos esqueçamos de que os presentes estão a ver as fitas e, portanto, telepàticamente podem influenciar o *sujet*, falseando por completo os resultados e conclusões.

Por último queremos dar aqui uma notícia que espantará muitos leitores: uma das magníficas sessões de clarividência a que assistimos foi radiodifundida! É verdade! Uma sessão de Espiritismo foi transmitida por um posto local... Quando teremos nós uma coisa assim em Portugal? Quando?...

★

Chegámos ao fim.

Mais três anos se vão passar até à realização do próximo congresso, desta vez provàvelmente na Bélgica! Três anos vão decorrer!

E agora, depois de ver tantos e tantos delegados a trabalhar arduamente durante uma semana, afirmando alto e bom som que o Espiritismo do futuro será o resultado do que fizermos hoje, que é cada vez mais necessária a cooperação, que o Espiritismo ou é científico ou não é coisa alguma, etc., faço votos para que as palavras não caiam no esquecimento, mas que cada um trabalhe na medida das suas possibilidades, olhos fitos no Alto, para um Espiritismo maior e melhor!

Leiam as duas obras de RAMATÍS:

«*A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores*»

1 vol. — 100$00

«*Mensagens do Astral*»

1 vol. — 140$00

À venda nesta redacção

MATERIALIZAÇÕES PSÍQUICAS

(Por TITO L. BANCÉSCU — Correspondente em Rosário, Argentina)

As fotografias dos chamados «mortos» constituem documentação experimental por excelência. Os adversários do Espiritismo procuraram desacreditá-la mediante atitudes desonestas, valendo-se de truques e artifícios que se prestam ao engano.

Contudo, estas atitudes não produziram os resultados que se esperavam, em virtude de haverem suscitado a curiosidade de muitos homens de ciência que se dispuseram a investigar por conta própria.

Quais foram, afinal, os resultados? Que os sábios chegaram a conclusões extraordinárias, colocando em ridículo aqueles que, à semelhança do padre Herédia, «forjaram as suas experiências».

Materialização de Astrid

Este último investigador, por exemplo, serviu-se de algodão em rama colocado na boca, no peito e nos orifícios auditivos dos sujeitos que se prestaram à manobra, mas rectificou as suas apreciações, admitindo os fenómenos espiritas.

Eminências científicas do estofo de Crookes, que durante três anos consecutivos experimentou no seu gabinete com a sensitiva Cook, tendo-se materializado o espírito de *Katie King*, com quem conversou e passeou de braço dado, indício de que a entidade espiritual desfrutava de todos os atributos biológicos; sábios e pensadores da índole do Dr. Léon Hipólito Denizard Rivail (Allan Kardec), cujas investigações culminaram na codificação do Espiritismo; as investigações do prof. Alexandre Aksakof que deram origem aos volumes de «Animismo e Espiritismo», síntese admirável do seu paciente labor de anos; Charles Richet com o seu «Tratado de Metapsíquica»; o prof. César Lombroso, convertido ao Espiritismo após uma conversa com a defunta mãe num hotel de Nápoles, servindo de médium a senhora Eusápia Paladino; o prof. Dr. Gustave Geley, com suas experiências psíquicas, conseguindo obter as mais famosas moldagens e outras materializações significativas, não só confirmando o que os seus colegas afirmaram, mas assinalando também a possibilidade de carácter transcendental na ordem biológica; o Dr. Ernesto Bozzano, que após 30 anos de militância no materialismo, comprovou a sobrevivência da alma humana à destruição do organismo físico; todos estes sábios e todas estas investigações, repetimos, constituem antecedentes que falam eloquentemente a favor do Espiritismo.

Corroborando o que antecede, mencionaremos as investigações realizadas pelo Sr. Einer Nielsen, médium de efeitos físicos e escritor. O seu livro «Solid Proofs of Survival» (Sólidas Provas de Sobrevivência) traz uma série de fotografias transcendentais de que escolhemos uma pertencente à que foi rainha Astrid da Bélgica, falecida em 29 de Agosto de 1935 num acidente de automóvel conduzido pelo seu marido Leopoldo III.

A outra fotografia é da mesma rainha quando viva. O leitor poderá comparar a identidade dos traços fisionómicos nas duas fotografias.

Encontramo-nos em face de uma documentação gráfica de importância, como testemunho da sobrevivência da individualidade humana.

Devido, pois, às irrefragáveis provas que as experiências fornecem aos estudiosos das ciências do Espírito, o Espiritismo não se limita a difundir-se em todos os sectores sociais, mas também a sua entrada nos laboratórios e nas universidades lhe abrem prespectivas cada vez mais amplas e horizontes cada vez mais promissores.

São os factos e não as palavras que evidenciam a indestrutibilidade da autêntica personalidade humana. Nos factos insofismáveis reside, pois, o segredo do seu triunfo definitivo. O tremendo esforço do materialismo e ateísmo para neutralizar o brilho do Espiritismo se destrói ante as realidades cem vezes comprovadas. Vãs são as tentativas dos positivistas e dos metapsiquistas-materialistas em demonstrar que o psiquismo carece de fundamentos científicos. As materializações de entidades humanas que alguns consideram mortas para sempre e as mensagens do Além constituem as melhores armas de que dispõe o Espiritismo para mostrar que os seus fundamentos são inabaláveis.

Fotografia da Rainha Astrid

O desafio dos espiritistas estudiosos adquiriu tais aspectos, que em muitíssimas ocasiões apresentaram este dilema aos adversários:

— Demonstrem experimentalmente a inexistência da alma humana.

A resposta foi o silêncio e o subterfúgio...

«CAXIAS, um Eminente Iguaçuano»

Por ALEIXO VITOR MAGALDI (Correspondente em Volta Redonda)

Trata-se, mesmo, de Luís Alves de Lima e Silva, o filho do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o brigadeiro que venceu sorrindo, sem brigar, a D. Pedro I, na madrugada de 7 de Abril, quando este abdicou na pessoa do filho menino: «Usando do direito que a Constituição me concede, Declaro que Hei mui voluntàriamente abdicado na pessoa do meu muito amado filho, o Sr. D. Pedro de Alcântara. Boa Vista, 7 de Abril de 1831, 10.º da Independência e do Império», escrevia D. Pedro I, do próprio punho, às 3,30 horas, da madrugada, como resposta ao brigadeiro Lima que lhe expunha, com outros companheiros, as exigências do povo e da tropa reunidos no Campo de Sant'Ana.

Luís Alves de Lima e Silva, Grão-Mestre da Maçonaria do Brasil, o Duque de Caxias, o Patrono do Exército Nacional, que viveu na «Pátria do Evangelho e Coração do Mundo», de 1803 a 1880. Esse mesmo que serviu ao Exército Brasileiro com inexcedível brilho, tanto que foi tomado para Patrono do mesmo; que se bateu, como tenente, contra as forças portuguesas, na defesa da Independência; que em 1828 elevou-se a major, depois de ter lutado contra Lavalepa, chefe da rebelião do Uruguai; que venceu a *abrilada* de 1832; que chefiou, como coronel, em 1839, a ofensiva contra a *Balaiada;* que abafou as insurreições em Maranhão, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, pacificando os vencidos; foi comandante chefe das tropas na guerra contra Rosas; Ministro da Guerra, em 1855; presidente do Conselho, em 1862; senador, em 1863; vencedor do Paraguai, na batalha final de Avaí, penetrando em Assunção, em 1869; e Ministro da Guerra em 1875, último cargo por ele exercido na Monarquia extinta. Marechal Brasileiro, «eminente iguaçuano», que o professor Leopoldo Machado, o espirita mais notável que o Cruzeiro do Sul ilumina, acaba de revelar como filho de Nova Iguaçú, no seu livro, editado por Baptista de Sousa & C.ª, Rua do Livramento, 103 — Rio, cujo título é: «*CAXIAS, um Eminente Iguaçuano*».

O prof. Leopoldo Machado mandou-me um volume, com esta dedicatória fraternissima: «Ao Aleixo Vítor Magaldi (Sô Aleixo), com a amizade e a saudade do seu velho amigo e admirador. Cordialmente, Leopoldo».

Já tinha lido, em «O Clarim», o luzeiro de Espiritismo aceso em Matão (S. Paulo) pelo pioneiro Caibar Schutel, de inolvidável tradição, a seguinte referência sobre o citado livro:

«*É o Duque de Caxias, segundo o conceito de Leopoldo Machado. E o estudo que fez do grande militar, para provar que ele fora, sobretudo, humano e cristão. Estudos substanciosos com que se empossara na Arcádia Iguaçuana de Letras*».

O texto da obra é formado pela biografia de Caxias, um estudo sintético, objectivo, do cidadão, do político, do militar e, sobretudo, do cristão, elaborado com aquela sabedoria e maneira peculiar do prof. Leopoldo; do discurso de Cial Brito, com pilhéria inédita, apresentando o árcade n.º 1 (Leopoldo Machado) que, plantado em Nova Iguaçú desde 1930, lá criou raízes, frondejou e frutificou, tornando-se a maior laranjeira local; de notas da imprensa, crónicas de diversos beletristas, de antes e depois da sessão respectiva; da chistosa explicação do autor sobre o facto e de uma página brilhante do Dr. (hoje doutor, advogado, sim, senhor! Com muita honra, tiro-lhe o chapéu. Curso bonito) Waldemiro Pereira.

Como todas as obras da lavra do prof. Leopoldo Machado, o presente livro, embora trate de assunto diferente dos demais, evidencia o espírito do educador, do moralista, do mestre, do patriota, do cristão, do literato, como outras que escreveu: «Saudade», «Ideias», «Iluminação», «Guerra ao Farisaísmo», «Consciências», «Para a Frente e Para o Alto», «Para o Alto», «Prosa de Calibam», «Ide e Pregai», «Caravana da Fraternidade», «Teatro Espiritualista», «Teatro da Mocidade», «Julga Leitor, por Ti Mesmo», «Sensacional Polémica», «Pigmeus contra Gigantes», «Doutrina Inglória», «Nada lhe é no Momento Maior», «O Natal dos Cristãos Novos», «Observações e Sugestões», «Cruzada do Espiritismo de Vivos», «Cientismo e Espiritismo», «Brasil Berço da Humanidade», «O Espiritismo é Obra de Educação», «Das Responsabilidades Maiores dos Espíritas do Brasil», «Graças sobre Graças» e «Uma Grande Vida»

Tudo no livro carrega a marca em relevo do «Gigante de Nova Iguaçú». A linguagem, como se lê a pág. 88, pitoresca, sinuosa, indirecta, trepidante, cada frase emitindo várias ideias. «Sentaram-me à mesa e lá se foram, conduzindo um feixe de ossos, que era eu a pesar mais, por meus pecados, do que pelo seu peso ósseo...».

A mordacidade do educador, que corrige sem presunção, como na pág. 89: «A peça é lida com garbo (pelo Dr. Waldemiro Faria Pereira), com emoção, vibrátil e vibrantemente, em hora e meia. Teria que gastar, para ler a peça toda, 2,20 horas. Saltou muita coisa, e fez muito bem. Muita coisa que será lida neste livro, pois que elaborei, em vez de discurso, um estudo, que eu gostaria outro tivesse feito, embora não o fizesse com tanto amor e em homenagem à Terra dos Laranjais».

O moralista, sem medo e sem medir consequências, a aflorar em tudo, na pág. 90: «Para mim, a extravagância levou-me à cama. No dia seguinte, chamado o cardiologista, achou que eu vinha de uma enorme extravagância. Condenou-me a permanecer na Enfermaria do Lar de Jesus, a tomar remédios seus, com proibição de não subir um degrau, por menor que fosse. Mas a homenagem feita ao Caxias, a honraria conferida a Nova Iguaçú, culta e intelectual, o exemplo frisante aos outros árcades, a consideração à Arcádia Iguaçuana de Letras não compensarão tudo isso?».

O mestre, sempre a ensinar, aqui e acolá, na pág. 14: «Quando recebi convite para a Arcádia Iguaçuana e para escolher patrono, acudiu-me logo à mente o nome de Caxias. Nome e retrato que figuram numa das salas do Colégio Leopoldo.

— Há dúvidas sobre sua natalidade — ouvi ao telefone.

— Brasileiro, fluminense e nascido num pedaço de terra que, até ontem, pertenceu a este município... não creio que lhe falte nada para ser bem nosso. Luís Alves de Lima e Silva — que assinava documentos como Luís Alves de Lima — diz o Almirante Raúl Tavares —

ANGÚSTIA DA VIDA PEQUENA

Vi um dia
a luz do sonho,
da alegria,
do sofrimento,
da fantasia.
Luz de um só momento.
Vida efémera
de um amor que morre...
mas não perece...
Sonho desfeito
na ruína do presente.
Querer emocional
que o meu espírito abafou
na impotência voluntária
de alguns dias cinzentos,
fracos,
iguais,
desfeitos...

Oh!, a tragédia íntima da vida!
Morre a força humana
na vaga de ilusões que se desfazem.
Grita a voz impotente
por um sonho que nasceu morto.
E o mundo interno
das almas gémeas
desfaz-se em pedaços de dor.
A dor de realidades
que não podem unir-se,
que não podem florescer
no quadriculado da vida.

Um amor diferente
de folhas mortas
que o vento leva,
vai chorar no seu próprio túmulo
e o grito de uma história
que existiu
acaba por chocar de encontro
às paredes da vida.
Depois, o silêncio.
Depois, o sofrimento
de qualquer coisa que foi
e já não é...
Depois ainda,
em rasgos de fé que se quebra,
o frio esquecimento
dessa dor imensa!...

Ah!, mas se neste orbe habitamos
para cumprir linhas de comum destino;
se de um comum destino surgimos
e se a força que nos anima
é finalidade coerente
de atitudes convergentes,
deve haver,
lá nessas regiões etéreas
que da Verdade são morada,
um mundo maior e mais belo
onde tudo seja irmão,
onde tudo seja igual,
onde tudo seja forte,
onde tudo seja Deus!...

por
ROCHA DE SOUSA

nasceu na antiga Fazenda de São Paulo, no Taquarú, Vila da Estrela, ou na antiga Fazenda da Estrela, no Imbarié, distrito do município de Duque de Caxias, que, ante-ontem, fora distrito do Município de Iguaçú. Segue-se daí...».

O nosso caríssimo Irmão OPERÁRIO, o estafeta que três vezes, diàriamente, pela Rádio Mundial nos adverte que «*Jesus está chamando*», dir-nos-ía, nesse passo: «Sai dessa!...».

O patriota, retratado por si mesmo, a págs. 73: «A despeito de a Igreja estar ligada ao Estado, foi tão séria a indisposição entre uma e outro, que, ao assumir Caxias a Presidência do Conselho, os bispos D. Vital e Macedo Costa, estavam presos e condenados.

«Caxias anistiou os dois bispos, para descontentamento do Imperador e da Maçonaria, Entendia ele — *e parece que acertadamente* (o grifo é meu) — que o Brasil devia pairar muito acima da Maçonaria e do Imperador».

Amigos, perdoai-me ter tomado o vosso tempo precioso, com esta croniqueta. Correi, agora, e deslumbrai-vos com a jóia literária que é «*CAXIAS, um Eminente Iguaçuano*». Iluminai a vossa alma com o seu brilho invulgar. Assim fazendo, tereis homenageado a CAXIAS na palavra do maior Espirita do Brasil e contribuido para a manutenção do lar de suas filhinhas, o LAR DE JESUS, para quem reverte o dinheiro da venda de todos os livros do professor Leopoldo Machado.

UM TESTAMENTO

Por LEOPOLDO MACHADO

Aquela escada íngreme e de degraus altos, que eu galgava, na sua construção, aos saltos, ou correndo, subi, a 21 de Abril, numa cadeira conduzida pelos músculos possantes de dois amigos, companheiros de lides espiritualistas. Última sessão da 8.ª Semana Espirita. E, também, de encerramento das homenagens prestadas ao *Livro dos Espíritos*. Minha, a presidência. A Secretaria, do presidente da *Mocidade Espirita de Iguaçú*. As filhas do *Lar de Jesus* cantaram a *Ave-Maria*, de Gounod, com que declarei aberta a sessão. E disse, a seguir, que não estava ali sòmente para presidir à sessão; queria fazer um *testamento* original, que pudesse aproveitar a alguns de meus sobreviventes. Então, contei que havia recebido a visita de um casal gaúcho em companhia do confrade F. Thiessen, em dias atrás, que me fora perguntar muitas coisas sobre o *Lar de Jesus*. Curioso, um confrade perguntou por último, bastante cauteloso: «O senhor já teria pensado em quem o substituirá, na sua falta, à frente do *Lar de Jesus?* Isso também é uma forma de administrar».

Minha resposta é o testamento que aqui deixo para os meus sobreviventes, cuja opinião, — de vós, irmãos iguaçuanos, e dos visitantes curiosos, — não procurei sondar.

— Não. O *Lar de Jesus* não é obra minha. É obra do Cristo. Aliás, a primeira de entre mais de sessenta Lares que vieram na hora justa, substituir asilos, abrigos e orfanatos. Ora, se o Cristo acertou na escolha de sua primeira presidente, a minha querida companheira, para dirigi-lo — ela, o espírito mais simples, mais modesto e abnegado que já conheci até hoje; se acertou colocando-me no seu lugar, na sua falta, a mim, cujo espiritismo sempre fora diferente, porque de polémicas, pregações, excursões de propaganda, porque o Cristo, o dono da obra, iria deixar o *Lar de Jesus* sem um substituto à altura? E, talvez, mais tolerante, menos enérgico, mais cordato, do que eu? Porque?

E argumentei a seguir:

Eu já tenho as provas mais concretas de que a obra construida com propósitos honestos, em nome do Cristo, sobreviverá galhardamente àquele que a concebeu, ou a construiu. E citei: O *Ginásio Leopoldo*, o mais antigo colégio da cidade. Não digo que é o mais acreditado, para não ofender os demais colegas. Já não dirijo o *Colégio Leopoldo*, mas ele não desapareceu. Construí os dois andares da sede do Centro Espirita *Fé, Esperança e Caridade*. Estou, agora, falando nele cuja direcção é de outros. Fundei a *Escola João Baptista*, que está agora funcionando em duas turmas. E já não sou o seu director. O *Albergue Nocturno Allan Kardec* aí está, recebendo peregrinos e noctívagos de toda a parte e até mandados pela Polícia. Seu director, entretanto, já não sou eu. Ora, porque só o *LAR DE JESUS*, que se me afigura a obra mais importante de todas elas, iria desaparecer com o meu desaparecimento? Porque deixaria o Cristo de suprir a minha falta nestas obras, em Nova Iguaçú, até com gente melhor?

Mas vieram ao meu pensamento outras obras que aí estão, ideadas e animadas por mim, ou que tiveram a minha cooperação directa.

I) O *Espiritismo de Vivos*, que engloba no seu bojo *aulas de moral, mocidades espiritas, movimentos de confraternização, teatros, cantos, histórias e contos educativos*, tudo que interessa socialmente, a pessoas grandes, a crianças, a jovens; II) *Mocidade Espirita*, que hoje se derrama por toda a parte; III) Agrupamentos de Mocidades por zonas, a exemplo da CELJ — o primeiro movimento aproximativo e a M. E. I. a *primeira mocidade espirita* do Brasil; IV) O *Congresso de Mocidades Espiritas* que foi, dizem todos que o assistiram, «a festa esprita mais bonita que se fez no Brasil», com a presença de 341 jovens de todo o País, desde Mato Grosso a Belém do Pará. V) A *Festa do Livro Espirita*, que se tem repetido anualmente, sempre com crescente interesse. VI) Canto, Música, Teatro Espirita que se aplaude nas festas espiritas com muito calor. Três livros de teatro já publiquei; todos esgotados. E, porque não há profeta com honra em sua terra, se as minhas peças são pouco representadas aqui, já existem três teatros espiritas com meu nome em outras terras e, a miúdo, estou recebendo pedidos de peças, de livros, de cânticos; estou lendo gabos aos sucessos mais famosos desses números, dessas peças. VII) Levei o Epiritismo ao Rádio com a *Hora Espirita Radiofónica*, na antiga *Rádio Transmissora*, hoje *Rádio Globo*, arrastando até ao microfone o presidente da F. E. B., Guilon Ribeiro, sabido que é por toda a gente como aqueles confrades são cautelosos, desconfiados; VIII) Excursões Doutrinárias, que tiveram alto significado na propaganda do Espiritismo. A última que fiz levou-me de Salvador a Manaus, em função do *Pacto Áureo*, e dela saiu a *Caravana da Fraternidade;* XI) *Semanas Espiritas*, que hoje se realizam por toda a parte. É certo que sua realização não foi ideia minha. Mas teve os meus empurrões. Fui um dos maiores animadores delas. E compareci enquanto pude, desde a primeira que se realizou em Três Rios, em companhia do M. Quintão, até à última a que pude comparecer, já muito doente, em Macaé; X) Até para o programa da L. B. V. não foi pequena a minha cooperação. Decorre dessa cooperação da primeira, hoje o chamar-me seu presidente, vez por outra, de legionário n.º 2...

* * *

Tudo isso feito com auxílio monetário do governo? Nada disso? Tudo isso feito sem um cruzeiro de subvenção, nem do governo nem de ninguém...

E quero terminar, fechando este testamento, que, se desaparecer, não deixo bens materiais, porque não os quis amontoar; meus sobreviventes não discutirão a posse de riqueza deixada.

...E FOI-SE ANTES DE NÓS!

Por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Alberto Gonçalves de Barros foi espirita dos mais íntegros que temos conhecido.

Partiu antes de nós, na noite de 13 de Junho...

Dizia-nos a intuição que éramos nós que devíamos ir antes dele. E sempre lhe dizíamos isso!

Chegou até a vir de Cachoeira Paulista, onde residia, para nos fazer quarto, por duas vezes.

Na sua carta última, de 21 de Abril, dizia: «Meu estado de saúde piorou depois que regressei daí. Tenho quase sempre crises e espasmos vasculares que desanimam um pouco...».

Respondemos-lhe coisa assim: «Coração, estômago, fígado, nervos, nada valendo nada, meu amigo. Mas, uma coisa eu lhe posso garantir... intuitivamente: eu sou quem vai esperá-lo lá em cima...».

Enviado-lhe nosso «Caxias», pusemos na dedicatória: «Ao Alberto Gonçalves de Barros: somos velhos amigos, coniventes em velhos crimes e pecados. Pecámos juntos num passado longíssimo, juntos estamos reparando nossos pecados: eu à frente de crianças e você de velhinhos. Velhinhos e crianças que repelimos em outras vidas. Aí tem meu canto de cisne, cuja parte principal você ouvira na minha posse, na Arcádia Iguaçuana de Letras... *A parte que não ouviu...*

★

Foi uma criatura felicíssima na sua pobreza e simplicidade. O espirita mais íntegro e puro que talvez já nos tivesse sido revelado. Felicíssimo, porque teve a graça e a glória de integrar todos os seus, toda a sua família no Espiritismo. E muitos, até, laboreiros de relevo nas hostes espiritas.

Conhecêmo-nos durante o último Congresso que a F. E. B. realizava de seis em seis anos, conforme seus estatutos, antes de serem reformados, em 1933. Foi à porta da Federação. Ele nos esperava:

— É o professor Leopoldo Machado? Eu sou o Alberto de Barros, de Cachoeira Paulista. Prazer em conhecê-lo.

Saiu-nos, então, instintivamente:

— Prazer em nosso reencontro, porque somos velhos conhecidos já...».

E fomos, durante aquele certame, companheiros constantes, sempre juntos, sempre unidos. Foi, então, que nos falou de um filho, estudante de engenharia, cuja vocação lhe parecia mais para o magistério. O rapaz queria ensinar para adquirir prática. Falou sobre o filho ao Inácio Bittencourt, que lhe disse:

— Seu rapaz, estudante de engenharia, deve saber demais para a escolinha do Teresa de Jesus. *Procure o Leopoldo Machado, em Nova Iguaçú, e fale-lhe, que ele tem lá um Ginásio.*

O rapaz, que nos foi, então, apresentado, é o prof. Newton de Barros, orientador educacional do Colégio Leopoldo e nome que dispensa, hoje, apresentação ao meio espirita. Casado com a nossa única irmã e pai dos quatro filho que são muito amigos do titio...

★

Contava sempre o seguinte aos conhecidos de nós ambos, para ver a diferença de nossos temperamentos: Durante o almoço de confraternização, *no* Restaurante do Leblon, *com que se encerrara aquele Congresso de 1933, sentara-se perto de nós à mesa. Viera um prato que ele não sabia como se devia comer. E perguntou, discreto, reservado, cauteloso:*

— Como se come isto?

E nós, que não sabíamos responder-lhe precisamente, chamámos alto sem cerimónia:

— «Garçon», por favor: como se deve comer isto?

★

Nós só havíamos falado, até ali, na Escola do Humildade e Caridade *de Andrade Araújo. Foi o Alberto que nos arrastou à primeira pregação espirita, fora, na sua Cachoeira Paulista. Fomos aí apresentado ao público da* União Espirita Cachoeirense, *pelo jovem estudante de medicina: Darwin Aimoré do Prado, em uma peça empolgante,*

A BAHIA, DE NOVO

Última poesia de Leopoldo Machado

Fui, de novo, à Bahia. Fui de novo
Rever aquela terra, aquela gente,
O velho casario, o sol poente,
Aquele imenso ladeirame, o povo...

Voltei ao «ninho antigo». Mas, doente,
Dirigindo uma alegre Caravana,
Dessa que dignifica a espécie humana,
Amiga, generosa, inteligente.

Fui na terra baiana,
Feliz por ver os outros companheiros
Alegres, mais felizes, prazenteiros,
Palpitando por mais de uma semana.

E vivemos ali dias inteiros,
Uma felicidade grande e rara,
Como hóspede da Casa Tia Sara,
Todos, com o Tio Juca, hospitaleiros!

E toda a Caravana se tomara
De mais ânsia, mais febre, mais amor,
Pela cidade impar de Salvador,
Que é do Brasil a pérola mais cara!

DIANTE DE UM RETRATO

A dama perguntou, frente ao retrato:
— Quem é aquela?
Vê-se bem que é mulher de fino trato...

— Minha mulher, Marília!

— Ah! Sim! Dizem que era bela;
E que era a mais bonita da família!

— Bela, talvez não fosse.
Até que era feia.
Mas que fisionomia espiritual tão doce!
E tinha coração!
E sua alma era cheia
De ternura, de afecto, de bondade!
Fazia o bem à toa,
Pois só vivia para a caridade.
Ah! Se não era bela, era tão boa!...

LEOPOLDO MACHADO

NOTAS DO LAR DE JESUS

Começou a construção da garagem do Lar de Jesus e já foi lançada, pelo programa radiofónico, a campanha da *Camioneta*, destinada a conduzir pertences, géneros e as crianças internadas.

*

Para o dia 14 de Setembro estava marcada a festa-baile do ano, a benefício do Lar de Jesus, intitulada *Primavera em Portugal*, comemorada no Grupo Escolar Rangel Pestana e iniciada com uma grande comissão dos célebres «Garotos do Porto», cuja arte encanta toda a gente.

*

Todas as quartas-feiras, às 9,30, a «Rádio Solimões» irradia o programa «A Voz do Lar de Jesus». Este programa tem tido um êxito extraordinário e a sua direcção tem preciosos colaboradores na Arcádia Iguaçuana de Letras e em todas as forças culturais e humanitárias da cidade e do município.

A direcção do LAR DE JESUS ficará a cargo do *Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de* Nova Iguaçú, e *mais* directamente aos nossos colaboradores e amigos Dr. Newton Gonçalves de Barros, Dr. Valdemiro Faria Pereira e José António Marques, um triunvirato que, por si só, é plena garantia de continuidade desta prestimosa agremiação, da qual *Estudos Psíquicos* se manterá como órgão oficial.

Que estes valentes obreiros não esmoreçam na nova jornada.

pois havia-se entusiasmado de mais com uma conferência nossa que ouvira, e da tribuna da F. E. B., nas vésperas. Hoje, o introdutor espirita de nossa primeira pregação fora de nossos pagos é médico humanitarissimo e cristão, grande coração e muita generosidade, que assistiu o Alberto até os últimos momentos...

★

Durante nossa amizade nunca desacertámos o passo.

Alberto Gonçalves de Barros sentiu de perto as nossas noites mais tristes e passara por transes por que já passámos, em parte, e temos, ainda, que passar. Por isso, nos seus últimos dias e nas suas últimas horas, ainda pedia ao filho e à nora que não perdessem de vista e de cuidados os momentos mais críticos do Leopoldo...

Um padrão de esprita cristão e de homem de bem. De esposo, de pai, de amigo!

Como todos nós ainda precisamos de padrões!

A QUEDA

Por ISIDORO D

Há notícias confrangedoras. Esperamo-las, é certo, mais hoje, mais amanhã, porque o fim é sempre inevitável. Esperamo-las, sabemos que hão-de vir, mas não podemos habituar-nos à sua influência.

O Leopoldo estava doente, o médico proibira-lhe esforços demasiados. Aquele fígado, aquele coração... Mas ele não atendia. Era preciso trabalhar, ajudar uns e outros... E andava numa dobadoira, como se a vida começasse amanhã.

Não atendia quem quer que fosse.

— Isidoro, isto está por pouco. É um fiozito a prender. De um minuto para o outro...

— Mais razão para descansar. A vida dos homens é capital precioso.

Ele concordava, erguendo os ombros, como quem diz: «Seja o que Deus quiser».

E os seus artigos andavam de mão em mão. E os folhetos... e os livros... «Uma Grande Vida» e «Caxias, um Eminente Iguaçuano»... Estes foram os últimos. E outros pensava escrever naquele estilo tão leve, que chegava a ser impressionante. Os seus pensamentos, os seus raciocínios, as suas imagens arrastavam o leitor até ao fim. Ficávamos a pensar no estranho elixir do seu verbo... Da coisa mais simples surgia uma crónica aliciante. Punha tudo no escrito, como roupa ao sol, a corar. Aquilo era o Leopoldo, a alma do Leopoldo. A assinatura não adiantava. Ele tinha a sua marca, a sua maneira de conduzir os temas. Nisso estava toda a alma de um verdadeiro mestre.

★

Há vinte e tantos anos que mantínhamos correspondência com ele. Uma correspondência amistosa e fraternal. Tantas cartas ali temos! Desde os tempos do orador e do polemista, quando a fogosidade o lançava na refrega, sem medir o esforço a empregar. Ai de quem lhe saísse ao caminho! Tinha de se haver com um homem às direitas, leal, correcto e amante da verdade.

As «Memórias de Um Espirita Baiano», que estava a publicar na Revista Internacional de Espiritismo, revelam coisas preciosas acerca da sua formação moral e da luta titânica que enfrentou desde a infância. Comeu o «pão que o diabo amassou», mas temperou-se para a vida inteira. E andou de Estado em Estado, a peregrinar, como arauto de boa estirpe, cavaleiro andante da mais nobre causa... esquecendo a saúde e a fadiga.

O desgaste seguia os trâmites normais, mas ele não desistia. A vida era aquilo. Torneio de ideias livres e construtivas. Prélio a benefício dos outros, para que houvesse mais alegria e menos revolta nas almas...

★

Grande espiritista! O maior espiritista do Brasil! O mais ardente, o mais combativo, o mais operoso. Bateu-se pelo seu ideal. Aquelas jornadas no interior do país arrastaram multidões que vinham de longe a ouvi-lo.

Humanista de grande cultura, não havia campo onde não mourejasse. Um dia lhe chamámos «homem de sete ofícios», que os tinha, de verdade. E não ocultava a origem humilde e as farsoladas da juventude, ao invés de muitos que não revelam a sua.

— Noutros tempos fui padre — dizia ele, a justificar as batalhas da sua vida —. Por isso os padres me incomodam tanto do «outro lado»... Guerreei o Espiritismo e agora ando a fazer penitência... Não tenho outro remédio. Lutarei até ao fim.

A sua bibliografia é grande e variada. Todos a conhecem, todos a admiram. Escreveu a favor do Lar de Jesus, que serviu de modelo a mais de cinquenta instituições.

Nada quis para ele. Em «Uma Grande Vida», escreveu de Cairbar Schutel:

«Todo o homem, para não cair na indigência física e não arruinar a saúde, deve dar sempre menos do que possui e ao trabalho consagrar sòmente o que não prejudique o seu repouso diurno e as suas férias».

Bem prega Frei Tomás... Ele dava tudo às pupilas. «Dava quanto lhe caía nas mãos» e «nunca teve férias de fim de ano, nem ócios compensadores», tal e qual como o Cairbar...

O que fazia era de cunho pessoal. Sabia-se que era dele, do «Gigante de Nova Iguaçú», que ninguém consiguiu imitar. Mas captava corações e auxiliares através do exemplo expressivo e forte.

DO ROBLE

UARTE SANTOS

A nossa viagem ao Brasil foi ideia sua.

— Tem que vir ao Brasil!

E quando fomos e nos emocionávamos em toda a parte com verdadeiras demonstrações de simpatia; e quando lhe diziamos que o seu nome era um cartaz que nos abria todas as portas, obtemperava:

— Não, Isidoro! Você anda a colher os frutos da sua sementeira. É a sua obra a espraiar-se, a entrar nos corações. Ah! Se eu pudesse... iria consigo por esse Brasil afora!... Mas «isto» vai mal... Já não sou Leopoldo. Sou uma sombra à espera do ocaso...

E não era sombra nenhuma. Mesmo paralisado incutia fé, dava coragem. Uma palavra dele era oxigénio que animava. Um gesto, um olhar... e as obras surgiam. O Leopoldo estava em todo o Brasil. O Leopoldo estava lá...

★

Agora, dizem que morreu. É mentira. Não podemos acreditar nessa ilusão. Estudos Psíquicos *é que perdeu o seu bafo material.*

— A melhor revista espirita do mundo! — exclamava —. A única que desejo encadernada para legar aos vindouros...

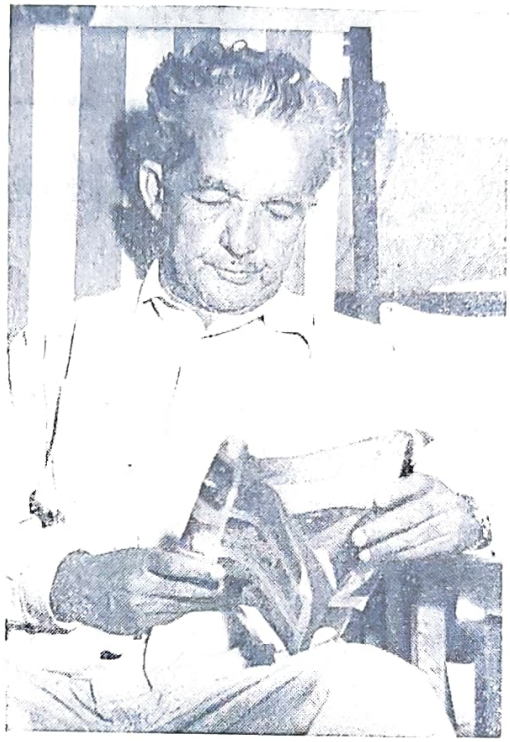
A voz da amizade falava na sua boca, sempre breve de elogios. Ele repetia estas frases a muitos confrades e amigos...

Será possível?... Nunca demos por isso. Revista pobre e honesta, não há dúvida que é. E assim será até ao fim. Quanto ao resto, os leitores que avaliem. É conveniente não divulgar a ideia, para que o «diabinho coxo» não entre a fazer das suas. Somos humanos, somos vulneráveis...

Os homens não devem ser elogiados. As obras é que os elogiam. Pelo fruto se conhece a árvore. E se cada um trabalha para si, tudo o que fizer lhe pertence. Não o poderá endossar, nem alienar...

★

O último artigo que nos mandou vai noutra página da revista. E dizia na carta que o acompanhava:



LEOPOLDO MACHADO

«O Alberto Gonçalves de Barros, o pai do Prof. Newton de Barros, desencarnou. Era seu grande admirador. Elaborei esta crónica. Gostaria que ela substituisse outra elaboração minha no primeiro número. Pode?...».

Há um mês que está composta. Se adivinhássemos, publicá-la-iamos imediatamente.

Temos muitas coisas para lembrar o Leopoldo. Ele fez estremecer o sector espirita luso-brasileiro, à semelhança do jequitibá, quando morre na selva, no dizer de Waldomiro Pereira. O choque, porém, não inibe a continuação da vida. O roble caiu, é certo. Sua fronde e seus galhos voltaram ao pó, à renovação incessante. Mas a seiva foi legada a outras árvores que se transformarão em robles, embelezando a floresta verdejante...

★

Vai, Leopoldo! A resposta à tua carta é esta. Não a pudemos enviar mais cedo. Hoje daríamos alguns anos para enviá-la. Quanto ao nosso livro, sairá conforme alvitraste. O Brasil há-de compreendê-lo, como nós compreendemos o Brasil.

Por Misericórdia e de Acréscimo...

O último artigo de LEOPOLDO MACHADO

O Evangelho do Cristo, que não engana, nem mente, ensina que recebemos também por misericórdia e de acréscimo. E temos recebido tanto de acréscimo!

A misericórdia de Deus tem descido tanto sobre nós!

A nossa visita a Salvador foi — quem sabe? — o último acréscimo, e a misericórdia última conferidos a uma criatura que se supõe escandalosamente feliz.

Assinalamos aqui os pontos altos de tanta misericórdia, de tanta felicidade recebida:

I) Nossa visita à Bahia — essa coisa com que já não podíamos contar e a hospedagem que tivemos, no convívio de um homem diferente, originalíssimo e bom, e o prazer que sentíamos com a satisfação de todos os companheiros de caravana, marcou a primeira graça recebida...

II) A hospedagem de todos — e eramos 13 pessoas — numa casa só, hospedagem de molde a assinalar a inconfundível hospitalidade baiana, foi qualquer coisa que fugiu à análise de todos, menos... à nossa! Sabíamos que seria assim. E nos comovemos, por isso!

III) homenagem na U. E. B. que recebemos sem poder estar presente, soubemos que arrancou lágrimas a toda a gente. Amigos do passado e jovens do presente, congregaram numa sessão entusiasmo e vibrações para um velho baiano, ausente e enfermo, que retornava, por um milagre da amizade, à sua terra. Valdemiro Pereira falou, felizmente, por nós, e em nosso nome, agradecendo aquilo tudo!

IV) O aniversário da Hilda Maria, que marcou o seu debutantismo, foi coisa que arrancou emoções e lágrimas a todos. Até a seu pai, como médico, pronto e presto a aconselhar clientes como nós a evitar emoções. Foi um dia inteiro de emoções fortes que culminou à noite, com uma reunião indescritível em que participámos com modesto soneto. Para agradecer aquilo tudo, o grande amigo e médico, dr. Humberto Gentil Baroni, não teve voz, não teve palavra. Só teve emoções e lágrimas contagiantes, seríssimas. A coisa mais emotiva do programa que, a seu juízo, nem com cem mil cruzeiros ele conseguiria em Nova Iguaçú «onde temos o coração, que a cabeça é ainda da Bahia», na expressão feliz da Tia Totónia.

V) O almoço no *Edifício Campo Grande,* de onde se descortina no 12.º andar, dos três lados, o mar sempre de tonalidades diferentes... Emocionantíssimo! Dissemos, abertamente, que não somos pessoa de fazer cerimónia, que não fazemos vida de sociedade... Entretanto... É que, principalmente, de lá de cima, se contempla o mais bonito pôr-de-sol que se pode imaginar.

VI) Um telegrama e uma carta de Cepa-Forte, Jandaira hoje, terra em que tivemos a ventura de vir ao mundo, — insistindo para visitarmo-la — terra que desconhecemos, assinados por Eudocídio Penalva, cujo nome lembra o de família de nossa mãe, trouxe-nos, também, forte emoção, que seria maior, bem maior, se tivéssemos podido aceitar seu honroso convite...

VII) O almoço com o velho e grande amigo — Eusínio Lavigne — de quem fomos hóspede em 1950 — nós e todos os caravaneiros, — cheios de recordações e de coisas do passado, culminando num programa de declamação sugestivíssimo, foi, com efeito, das coisas mais significativas da excursão. Significativo e emocional!

VIII) O abraço de despedida a Ricardo Machado, velho amigo de 82 anos que não encontrou dificuldade em subir, cansado e ofegante, para visitar-nos, abraço que assinalamos talvez fosse o último nesta existência terrena, foi um acto que nos encheu de emoção e lágrimas.

IX) A visita de um velho de pernas mirradas, a arrastar-se, de mãos assentes em calçadas rústicas, «só para ver e abraçar o prof. Leopoldo», comoveu a todos. Mormente na hora do nosso abraço cordial. Mormente quando o Tio Juca lhe disse que, a partir daquele momento, ele, Feliciano Trindade, podia contar garantida a sua subsistência para o resto da vida. Subsistência e moradia, ele que vivia da caridade pública. Não houve olhos que ficassem enxutos...

X) O almoço com a poetisa Maria Dolores, diplomada juntamente com a Marília, no *Educandário dos Perdões,* foi o momento mais alto da emoção. Principalmente quando o declamador, António Ribeiro Filho, leu uma bela e significativa poesia que a poetisa fez a propósito.

O almoço, um verdadeiro banquete de culinária, de espiritualidade, de arte e filantropia cristã, terminando com a oferta de seu último volume, *Ciranda da Vida,* a todos os presentes.

Um excelente passeio a Itapagipe, Mont-Serrat, Bonfim, de carro, termina o excepcional programa.

XI) O programa do Núcleo 13 de Salvador, todo ele dedicado a nós, foi algo e profundamente significativo. Falaram de nosso passado na terra, de nosso presente na LBV e fora da Bahia, os confrades Alfredo Miguel e o poeta Paulo Alberto. Valdemiro Pereira respondeu, emocionado, por nós. Ele e o Marques. A tudo assistiu o poeta Francisco de Matos, publicista e jornalista, que nos levara uma série de sonetos admiráveis de que havia lido dez para nós, perguntando depois:

— De quem pode ser isto?

— De Augusto dos Anjos, claro. O estilo, os termos técnicos, tudo de Augusto dos Anjos.

— Pois os versos são feitos por mim, às madrugadas. Levanto-me, à hora certa, para escrevê-los. Já elaborei trezentos sonetos. E dizer que, como você, eu fui céptico, ateu, materialista!

XII) A última emoção: o Tio Juca, homem grande e grande homem, o factor maior de todas as mais belas emoções da Caravana, desapareceu à hora da despedida. Não teve coragem de despedir-se de seus hóspedes! Covardia emotiva, di-lo assim, num telegrama: «Perdão fraqueza última hora!».

Gostamos de biografias. Já elaborámos a de Cairbar Schutel, num livro, «Uma Grande Vida»; a do Caxias, no «Caxias, um Eminente Iguaçuano». A nossa própria biografia, «Memórias de Um Espirita Baiano», está saindo, aos capítulos, na *Revista Internacional.* Se ainda permanecer por mais algum tempo, «com esta cabeça de baiano e este coração de iguaçuano», parece que teremos, ainda, uma quarta biografia a elaborar. «Uma Vida Diferente», que é a vida do Tio Juca.

OS ÚLTIMOS INSTANTES

Por WALDEMIRO PEREIRA

— «Seu Leopoldo não está passando bem», disse-nos a Eukena, nessa frase, qual verdadeiro eco, que vínhamos ouvindo há algum tempo... Seria mais uma preparação do nosso Leopoldo para a grande jornada? Talvez...

— Iremos lá, antes ou depois do jantar? — perguntou-nos o Quintela.

— Depois.

É que o nosso Luciano completava seus onze anos e queríamos vê-lo cortar o bolo de aniversário ao lado dos irmãos e amiguinhos.

— O médico proibiu visitas — diz a Eukena.

— Então, não iremos hoje. Amanhã...

— Olha, Quintela, você acaba assumindo uma dívida que jamais pagará — adverte D. Virialda.

É que o Leopoldo gostava muito do Quintela e de seus passes.

— Mas será melhor telefonarmos.

— Alô, D. Etelvina...

— ..., D. Etelvina respondia, mas não a ouvíamos bem. Suas lágrimas falavam mais alto...

— Waldemiro, venha para cá e traga a Lurdes e D. Leopoldina. O professor não está bem — era a voz do dedicado dr. Humberto.

Enganar-nos-íamos mais uma vez? Não... É que o Leopoldo já se despedira da Bahia, onde deixara o cérebro... Agora iria deixar Nova Iguaçú... Seria assim que a tia Totónia nos haveria de dizer.

Preces sem palavras. Só entrelaçamentos de bons pensamentos. Só vibrações dos corações amigos: do Marques e do Quintela, da Virialda e da Lurdes, de D. Leopoldina e da Zenaide. do dr. Humberto e da Laurinda, do Ney e das Filhinhas do Lar de Jesus, do Chico, de D. Etelvina... Pedíamos que partisse, já que sua tarefa estava magnificamente cumprida. Mas queríamos que ficasse, porque temíamos a queda do Jequitibá. Lembramo-nos da imponente árvore para não cuidarmos da delicada saudade...

Dr. Humberto, em seu sacerdócio, lutava para aplicar-lhe mais uma injecção. Difícil, mas era preciso. E o que é preciso não pode ser difícil. Uns carinhos nas fugitivas veias e... venceu mais uma vez o médico-amigo, introduzindo-lhe no sangue um pouco de esperança de saúde.

Mas as prorrogações sucessivas que vínhamos obtendo, por misericórdia e de acréscimo do Pai Celestial, não poderiam mais ser deferidas...

Não havia melhora. Sentávamos nosso doente. Trocávamos seu pijama. Orávamos baixinho... Pedíamos ao Zarur para avisar o tio Juca e a todo o Brasil: O Leopoldo... Mas... Há sempre um «mas». Os amigos daqui o iam perdendo para que os amigos de lá o fossem ganhando. Chorávamos aqui de saudade e lá de alegria. Mamãe Marília, vovó Marotinha, mãe Iza... Irmãos da Espiritualidade, recebei o Leopoldo Machado. Ele está tão cansado... Levai-o, levai-o para Jesus. Ele está cansado, porque cumpriu esplêndidamente, o seu programa:

Na vida, é belo ver
Lutar alguém,
Em nome do dever,
Na prática do Bem...

— «Façam uma prece», foi seu pedido de verdadeiro convicto.

Proferimo-la um tanto tímidos para não o perturbarmos no delicadíssimo momento do desenlace. Julgamos que o «Pai Nosso» a seu modo seria o ideal... «Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoarmos aos nossos devedores...»

— Lurdes, mande que esse pessoal vá dormir. Amanhã terão que trabalhar.

E voltando-se para o médico:

— Dr. Baroni, você não me deu as duas injecções. Só me deu uma...

— Vamos dar a outra daqui a pouco — foi a última santa mentira.

— Vá, irmão Leopoldo. Pode partir sem preocupação — diz o Quintela.

— Recebei-o, Senhor...

Chega o Luís e a Iracema, que nos ajudam a dizer:

— Vá, Leopoldo! Vá, querido amigo... Vá e olhe por nós... E que assim seja.

O LUTADOR INDEFESSO

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

Muita gente julga mal de um homem idealista e lutador, tão sòmente por não saber interpretar as suas atitudes. Mas isto é natural. Aquele que é superior pelo talento e se orienta por directrizes próprias, longe está de ser compreendido pelo vulgo.

Tal é o caso de Leopoldo Machado, que certas pessoas no meio espirita brasileiro achavam brigão e intolerante.

Mas eu sempre o conheci moderado e cordato, tanto quanto em extremo respeitador das crenças alheias.

O que Leopoldo não sabia, isto sim, era ficar quieto, indiferente, quando os inimigos do Espiritismo armavam as suas sortidas contra ele.

Essa pusilanimidade não era, nunca foi do seu feitio.

Além do mais tinha um entranhado amor à Causa e possuia os recursos da inteligência para defendê-la.

Foi o amor à Causa que o levou por muitos anos a percorrer o território brasileiro, em dezenas de excursões, principalmente às cidades do sul do país, propagando pela sua palavra ardorosa e eloquente a maravilhosa Doutrina dos Espíritos.

Acontecia que ali e alhures os aborrecidos da luz surgiam a contraditá-lo, vilipendiando o Espiritismo.

Em semelhante conjuntura era lícito recuar?

Pois pela tribuna ou pela imprensa — por esta especialmente — eis Leopoldo Machado a esgrimir com os detractores do Espiritismo, arrazando a argumentação contrária e, concomitantemente, explicando, elucidando, esclarecendo, ponto por ponto, a nossa Doutrina.

Com isso muito lucrou o povo, pelo que aprendeu.

Ocasião houve em que o bravo paladino se empenhou no debate com três antagonistas ao mesmo tempo, a todos vencendo, porque a sua dialética era irresistível.

Brigão e intolerante Leopoldo Machado?...

Não, porque ele a ninguém jamais provocou e pouco se lhe dava que o indivíduo fosse católico ou protestante, que as suas ideias afinassem, ou não, com as nossas.

Se, porém, o despeito e a má fé, em lances de audácia, arremetiam contra o puro Ideal que esposamos, no seu malévolo e deliberado afã de lançar o descrédito contra ele, aí, então, ainda que todos os espiritas, sob qualquer pretexto, se retraíssem, Leopoldo Machado não hesitava em sair a campo. E era de ver o contendor galhardo e resoluto, decidido a só dar por finda a pugna, quando reduzisse à impotência o adversário.

Era o seu idealismo, era o seu amor à Verdade que lhe dava essa intrepidez de ânimo.

Porque o verdadeiro espirita é um batalhador indefesso — não se compraz na acomodação.

UMA CARTA
do Lar de Jesus

Nova Iguaçú, 5 de Setembro de 1957

Ao irmão Isidoro Duarte Santos

Paz e Alegria.

Ainda sob a emoção da saudade, cumprimos o dever fraternal de lhe participar que o Leopoldo terminou a sua tarefa terrena.

Queira perdoar-nos o termos demorado tanto em lhe transmitir a notícia do passamento de nosso Grande Leopoldo. Mas, caro Isidoro, não obstante a nossa convicção, quando o Jequitibá tomba, a floresta estremece, os pássaros cessam de cantar, os animais fogem espavoridos. Há como que um êxtase ante a queda do Gigante. Só paulatinamente vai restabelecendo a normalidade e, mesmo assim, fica uma grande fenda a preencher...

Mas, confrade amigo, estamos todos nós vibrando para que seus ideais continuem a florescer e a progredir. E, graças a Deus, todos querem ajudar a suprir a falta do querido Professor.

A verdade, a grande verdade, é que, enquanto, aqui na Terra, choramos de saudade, lá, na Espiritualidade, Mamãe Marília, Vovó Marotinha (a mãe de Leopoldo), Mãe Iza (a mãe da Marília) e os demais espíritos afins, cantam e choram de alegria, porque o Leopoldo retomou a vida espiritual.

Que ele possa receber o afago dos que lhe são caros e as bênçãos celestiais pelo seu imenso trabalho na Vinha do Senhor.

Tomamos a liberdade de lhe enviar uma pálida crónica que publicámos no «Correio da Lavoura» daqui, sobre os Últimos Instantes do irmão Leopoldo e que, se possível e for aprovado, gostaríamos fosse também publicada em nossa revista «Estudos Psíquicos».

Ficamos aqui, como sempre estivemos, em nosso Lar de Jesus, em nosso Fé, Esperança e Caridade, em nossa Confraternização Espirita Lar de Jesus e em nossa casa, inteiramente às ordens do prezado irmão, a quem transmitimos os nossos votos de muito trabalho na Seara do Senhor.

Waldemiro

"PIOR QUE O COMUNISMO"

Novidades de 13 de Setembro insere a seguinte nota, na sua secção «O Diabo à Solta» e cujo título nos serve de epígrafe:

«Mais duas marteladas, enquanto o ferro está quente... Aqui há anos, a propósito de uma série de artigos em que focávamos a burla do espiritismo e os seus malefícios, recebemos uma carta plena de indignação a protestar contra o ataque a essa «coisa tão séria e tão divulgada nos países mais civilizados». Assinava-a uma senhora que dizia ter corrido o mundo inteiro e que, por isso, supusemos ser a viúva do Judeu errante. Apontava especialmente o exemplo do Brasil onde o espiritismo era mais vulgar do que a banana e mais apreciado do que o abacaxi.

«Se ela ainda não «desencarnou» com saudades do marido fazia bem em ler a entrevista que o padre Agostinho Stander, sacerdote holandês, pároco no Brasil, deu agora à Agência Lusitânia. Lá vem considerada nos devidos termos essa «coisa tão séria» que é o espiritismo no Brasil.

Afirmou ele:

«— O grande perigo (pior que o comunismo, é o espiritismo. Não calcula a atracção que o povo tem pelas práticas espíritas.

«— Porquê?

«— Porquê? É um fenómeno ancestral, uma herança africana. Se o Senegal se transportou à Baía no Carurus, aracagés e vatapas da sua cozinha, também se arreigou na alma dos seus povos a crença espírita. E aquele povo que não tem consciência do pecado é de um ecletismo impressionante. Há católicos que são espíritas; há católicos que são mações e há-os que até são ... protestantes».

«Num estádio de civilização anterior ao actual também aqui conhecemos alguns sujeitos que se diziam muito católicos e até pertenciam a confrarias e irmandades e não tinham pejo de usar, com o escapulário, o avental dos «filhos da viúva». Católicos que fazem protestos inconsiderados parece que ainda os há. Protestantes pròpriamente ditos, não consta. Católicos espíritas ... íamos a dizer que é fauna desconhecida em Portugal. Considerando, porém, que no espiritismo anda muito de doença mental, quem sabe se, entre os que vão florir a estátua do Dr. Sousa Martins, não haverá alguns que julgam compatíveis as práticas religiosas e as práticas espiritistas?

«Importa opor todas as defesas ao alastramento de semelhante praga, bem pior que a gripe asiática, porque — di-lo quem está a verificar os seus perniciosos efeitos — chega a ser pior do que o próprio comunismo».

Isto escreveu o Novidades, que não deu novidade alguma. A sua ironia; a displicência com que fala de outras correntes religiosas, tão respeitáveis como a sua; o tom olímpico com que se refere ao Espiritismo sem naturalmente o conhecer, porque, se o conhecesse, não falaria assim, a menos que não tivesse assomos de consciência, que é Deus em nós; o sarcasmo que oferece à correspondente, chamando-lhe viúva do judeu errante; a maneira de amesquinhar alguns católicos com o epíteto de «sujeitos», só porque eles aproveitam da sua religião o que tem de bom e fecham ouvidos, senão repelem as incoerências de certos homens; tudo isto será cumprir o Segundo Mandamento do Cristo: «Amarás o teu próximo cómo a ti mesmo»? ...

O padre Stander vê no Espiritismo o inimigo n.º 1. Tal e qual como o articulista do Novidades. Ora, se o povo tem atracção pelas práticas espíritas, é porque elas confortam mais, preparam melhor para as lutas da vida. Caminhamos para o 3.º Milénio e as multidões querem coisas positivas e racionais.

Católicos espíritas?... Conhecemos muitos, seja dito em boa hora. E nunca o Espiritismo lhes arrancou a fé, já que o seu objectivo é felicidade e harmonia de alma.

Quando vêm até nós a desabafar preocupações morais e espirituais, a resposta é sempre a mesma:

O Espiritismo abre os braços a tristes e oprimidos.

E raras são as almas que não se fortalecem neste sector espiritual.

Praga, o Espiritismo? E pior que a gripe asiática? E pior que o próprio comunismo?

Deus do céu! A que distância vão os tempos apostólicos! Que magnanimidade a daquele Sermão em que um Mestre insigne perorava:

«Concerta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás posto a caminho com ele; para que não suceda que ele se entregue ao juiz e que o juiz te entregue ao seu ministro e sejas mandado para a cadeia!»

«Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam».

Sr. articulista: saiba que «ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há-de aborrecer um e amar outro, ou há-de acomodar-se a este e desprezar aquele. Não se pode servir a Deus e às riquezas».

Recebendo os irmãos católicos, o Espiritismo observa a palavra do Mestre:

«Pedi e dar-se-vos-à; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-à. Porque todo o que pede recebe, e o que busca, acha; e a quem bate, abrir-se-à».

O Espiritismo ensina: «Fora da

ESTE CAMINHO DE PEDRAS...

— Irmão! Irmão!
Responde! Quero ouvir a tua voz.
Dize alguma coisa, irmão!
Estou aqui, à porta do caminho,
e vejo pedras,
apenas pedras, pequenas, grandes,
grandes, pequenas,
e tenho medo, irmão.
Eu tenho medo.
Onde estão os meus sapatos?
Por que meus pés estão nus?
Eu tenho medo, irmão!
E se eu cair?
Ferir-me-ei.
E quando estiver com sono onde dormirei?
Sobre as pedras?
Irmão! Responde! Dize alguma coisa!
Que faço?
Vejo só pedras,
eu tenho medo, muito medo, só medo...
E quando tiver fome? Comerei pedras?
E tendo sede? Beberei pedras?
Responde, irmão.
Responde, irmão.
É só de pedras o caminho?
E tu? Como conseguiste atravessá-lo?
Responde!
Eu sei que estás do outro lado!
Já saíste deste caminho de pedras
e eu estou à sua porta, com medo.
Que faço?
Responde, irmão!
Irmão! Responde!
Em vão. Nenhuma voz ouvia o que gritava,
e prosseguia em desespêro:
— Irmão! Responde! —
E gritou toda uma noite
e muitas noites
e foi cansando, cansando de gritar:
— Responde, irmão!
E adormeceu.

Veio o anjo e os seus cabelos acariciou.
— Tens medo? — aos seus ouvidos ciciou —.
Mas não tiveste medo tempos atrás,
quando um caminho igual te convidou.
Apenas as pedras tinham brilho passageiro,
que te fascinou.
Vê agora o que era tal caminho:
Era isto: pedras grandes, pequenas,
pedras sem brilho, pedras comuns, pesadas!
Sim, não és o único que deves percorrê-lo.
Anima-te e faze-o logo.
Agora este é o teu caminho;
sobre pedras dormirás,
pedras comerás,
pedras beberás,
até que te convenças de que,
sendo o nosso coração de pedra,
a nossa estrada será também de pedras.
E o anjo foi-se embora. O que dormia acordou.
Sentiu uma força interior inexplicável
e resolveu seguir.
E sem chamar mais o irmão, sem gritar,
silencioso lá se foi,
sobre as pedras...

(Recebido pelo médium Francisco Luciano, de S. Paulo)

Caridade não há salvação». E São Paulo proclama: «A caridade é benigna, não é invejosa, não obra temeràriamente, não se ensoberbece, não busca os próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade».

Sr. articulista: quem tem ouvidos de ouvir, oiça! Meta a mão na consciência e diga se é caridoso como queria o Apóstolo dos Gentios.

Se o Espiritismo fosse peste asiática, não tinha comemorado o 1.º Centenário da sua codificação com demonstrações de fé raciocinada, nem o Governo do Brasil teria autorizado a emissão de 5.000.000 de selos postais alusivos ao acontecimento; não teria uma bibliografia de 15.000 volumes abrangendo toda a gama do conhecimento; não teria semeado a Terra do Cruzeiro de sanatórios, orfanatos, hospitais, escolas, albergues, ambulatórios médicos, onde milhares e milhares de infelizes encontram refúgio.

Motejos leva-os o vento. Se cada um é artífice do seu futuro, quem melhor trabalha mais tem. O balanço há-de fazer-se e tudo será levado em conta. Quem está de cima deve acautelar-se, porque a soberba não perdoa.

As religiões são caminhos de salvação, mas perdem os que «folgam com a injustiça» e que «buscam os próprios interesses».

As nossas palavras são de alguém que deseja a harmonia universal e a felicidade do articulista de «O Diabo à Solta». Era tão bom que as religiões se irmanassem e que os seus adeptos entendessem a caridade!

Andamos todos na Lição da Vida, somos companheiros de sofrimento... Por que nos havemos de injuriar uns aos outros. O que é preciso é sentir o CRIADOR do céu e da terra em transcendência generosa e dar as mãos amigàvelmente, exclamando:

— Os juízos do homem são falíveis. Trabalhemos, pois, unidos contra o mal que infelicita o mundo. Católicos, protestantes, espiritistas, todos cabem no mesmo barco da existência e nele têm um remo à disposição. Rememos com vontade de chegar ao porto e chegaremos.

3.ª CARTA ABERTA

Out/27

AOS IRMÃOS CATÓLICOS

Prezadíssimos Irmãos em Jesus:

Desculpai a nossa insistência, mas registai que tudo isto é por bem: marcar honestamente, e sem espírito de combate nem de polémica, a posição que vós e nós temos nos dois campos mistico-evangélicos em que militamos, por forma que em vós se faça um pouco mais de compreensão a nosso respeito.

E, posto isto, entremos nos assuntos desta carta.

Depois da demonstração documental que fizemos, nas duas cartas anteriores, de que o Cristianismo se fundamenta em face dos textos bíblicos, em constantes, e, por vezes, estrondosas manifestações do mundo espiritual, tal como se obtém actualmente nas actuações espiritas, falemos hoje, para principiar, nalgumas das muitas referências que os livros do Velho Testamento fazem a tais manifestações. Citemos, para exemplo, o que se lê em *Números*, cap. 22, todo sobre Balaão, que era um médium de grandes faculdades, frequentemente consultado como adivinho de confiança, pois que o espírito que lhe falava era sério nas suas revelações. E então Balac, rei dos moabitas, muito receoso do povo israelita que acampara nas proximidades dos seus domínios, mandou embaixadores a Balaão para que fosse à sua presença para amaldiçoar os israelitas. Mas dá-se então a intervenção do Guia espiritual dos israelitas que, aparecendo a Balaão, lhe diz como deverá proceder a favor do seu povo.

A passagem bíblica diz assim: «Veio, pois, Deus a Balaão de noite e lhe disse: Se estes homens te vierem chamar, levanta-te e vai com eles: mas com a condição que faças o que eu te mandar».

A designação *Deus* aqui citada quer, sem dúvida, referir-se a uma entidade espiritual que se interessava pelo povo de Israel e o defendia e o punha em permanente conflito com os outros povos que eram os cananeus, os amorreus, os moabitas e outros, à custa dos quais Israel se foi alargando orientado pelo seu *Deus* que comunicava a Moisés, grande médium, o que desejava transmitir ao seu povo.

Ora as peripécias sucedidas a Balaão são variadas, desde um anjo que se lhe atravessou no caminho, até às vozes que ouviu, que supôs partirem da boca da burra em que montava.

Outra passagem interessante de consulta aos protectores espirituais de Israel é a que se lê em *Livro Terceiro de Reis*, cap. 22, com muitas intervenções espirituais ao longo de todo aquele capítulo.

Porque cumpre-nos esclarecer melhor: o que nos vários livros bíblicos se lê com a designação de Senhor Deus de Abrahão, o Deus de Jacob, o Deus de David, o Senhor Deus de Israel, o Senhor dos Exércitos, etc., é o Espírito Protector do povo hebreu, o Espírito Guia que os israelitas tiveram, através das mais remotas eras, a orientá-los e a preparar um ambiente moral e espiritual propício às grandes revelações messiânicas. Este Guia era, sem dúvida, um Espírito de grande poder, agindo segundo os desígnios da Providência, ou seja como manifestação do Espírito Santo, e que, para se fazer obedecer, se apresentava com a designação de o *Senhor Deus*. Mesmo porque, para os israelitas, todas as entidades do mundo espiritual que se revelavam, por bem, servindo-se dos seus profetas (o que hoje denominamos médiuns), eram considerados deuses.

Ora aquele Espírito Guia e Protector, apesar de o considerarmos de elevada categoria, mas, contudo, muito longe de se confundir com a Suprema Perfeição que é Deus Criador — o Pai a que Jesus se referia, nada nos inibe de aceitar que tivesse de agir com a violência que exigia o estado de civilização, ou antes de atraso dos povos do ocidente asiático.

Mas havia, em constante comunicação com os homens, outros espíritos designados anjos nas páginas da Bíblia.

É esta uma das maravilhosas chaves que o Espiritismo trouxe para a interpretação bíblica em espírito e verdade.

E a confirmar estes conceitos, apontemos, entre outras, a referência a algumas passagens da vida de Jacob (Génese, cap. 32) particularmente as descritas em v. v. 1 e 2 e 22 a 31, em que está relatada a luta de Jacob com uma entidade espiritual que lhe apareceu muito antes de amanhecer. Aquela luta resultava da insistência de Jacob, dizendo: «não te largarei se me não abençoares».

Perguntou-lhe então aquela entidade: «Como te chamas?» E ele lhe respondeu: «Jacob». E a entidade espiritual, com quem Jacob lutara até pela manhã, lhe retorquiu: «De nenhuma sorte te chamarás Jacob mas sim Israel, porquanto, se contra Deus foste forte, mais o serás contra os homens». Replica-lhe Jacob: «Dize-me o teu nome», ao que a entidade diz: «Porque me perguntas o meu nome?» E abençoou-o no mesmo lugar, ao qual Jacob pôs o nome de Fanuel, explicando: «Eu vi a Deus face a face, e a minha alma foi salva».

Aqui temos, pois, a palavra Deus aplicada a uma entidade considerada por Jacob de ordem superior, e assim a interpretação espirita salva do ridículo aquela passagem em que Deus é apresentado a lutar com um homem.

Podíamos ainda referir-nos, caríssimos Irmãos, a outros textos, entre eles àquele bem elucidativo da comunicação de Saúl com o espírito de Samuel relatada em «Livro Primeiro de Reis», cap. 28, v 5 a 19, mas ficamo-nos por aqui.

★

Porém, através dos tempos, os anais da Igreja Romana registam outros factos com as visões e as vozes que importunaram, por algum tempo, Joana d'Arc, até ela tomar a resolução de ir pedir ao rei o comando das tropas francesas, que sob as suas ordens infligiram aos ingleses pesadas derrotas; há, no século passado, a vidente de Lurdes; há, nos tempos mais recentes, as manifestações do mundo espiritual proporcionadas pelos três videntes de Fátima.

E ainda temos a contrapor à vos-

sa opinião mesquinha sobre as comunicações que os espíritas realizam com as almas libertas dos que foram viventes terrenos, as opiniões sapientíssimas de grandes vultos da vossa Igreja.

Mencionemos Santo Agostinho, que no seu livro «De cura pro mortuis» diz o seguinte: «Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro, cujo conhecimento adquiriram, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina».

E Orígenes, grande Mestre da Igreja primitiva, em controvérsia com Celso faz as seguintes afirmações: «Não duvido que Celso escarneça de mim; as zombarias, porém, não me impedirão de dizer que muitas pessoas têm abraçado o Cristianismo a seu pesar, tendo sido de tal modo o seu coração repentinamente transformado por algum espírito, quer numa aparição, quer em sonho, que, em lugar da aversão que nutriam pela nossa fé, adoptaram-na com amor até ao ponto de morrerem com ela. Ele sabe que eu não pretendo recomendar a doutrina de Jesus Cristo por meio de histórias fabulosas, mas com a verdade de factos incontestáveis». (Orígenes, edição beneditina de 1733, t. I, pág. 361).

O abade Poussin, na sua obra «O Espiritismo Perante a Igreja» diz: «S. Tomás de Aquino comunicava-se com os habitantes do outro mundo, com os mortos que o informavam do estado das almas pelas quais ele se interessava, com santos que o confortavam e lhes patenteavam os tesouros da ciência divina».

E o Cardeal Bona, notável prelado italiano, em sua obra «Da Distinção dos Espíritos» diz claramente: «Motivo de estranheza é que se pudessem encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar em absoluto as aparições e as comunicações das almas com os vivos ou atribuí-las a extravios da imaginação, ou a artifícios dos demónios».

Anotemos ainda o que diz o Padre P. Le Brun, do Oratório, na sua obra «História das Práticas Supersticiosas»: «As almas que disfrutam a bem-aventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar ainda pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como chegaram à felicidade dos anjos, todos os escritores sacros lhes atribuem o privilégio de poder, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se acham na Terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas vontades».

E vamos terminar, meus bons Irmãos, porque já deixámos suficientemente demonstrado que as comunicações com o mundo das almas fundamenta toda a concepção espiritualista do Cristianismo; e se Allan Kardec fez das possibilidades de relações com o mundo espiritual um belíssimo e racional código de doutrinas, não quer dizer que ele fosse o primeiro a proclamar à humanidade terrena que aquelas comunicações de intercâmbio doutrinal estavam dentro de leis naturais, que ele teve o mérito de estudar para assim proporcionar à dita humanidade meios mais rápidos de operar a sua evolução espiritual.

E, quer acrediteis, quer não, o Espiritismo é hoje uma força místico-religiosa com base científica e experimental que nada já a pode impedir de arrastar os homens a aceitar e a seguir a vida sob um conceito mais racional e mais consolador sobre a Misericórdia Divina e sobre as leis espirituais que os conduzem para o Criador.

Portanto, prezados Irmãos em Jesus, modificai a vossa atitude injusta para connosco, espíritas, adaptai-vos às ideias deste século, e não caiais em mais erros semelhantes ao que praticastes com Joana d'Arc, grande médium da Idade Média, queimada como feiticeira e reabilitada depois como uma Santa que colocastes nos altares, e semelhantes àquele outro praticado com Galileu, que não morreu, como herege, nas fogueiras do Tribunal do Santo Ofício, porque se desdisse sob o impulso do terror, e tudo porque ele cientificamente demonstrara ser uma linda passagem bíblica sobre Josué em que lhe é atribuído o poder de mandar parar o Sol, visto que todos vós hoje acreditais que a Terra é que se move.

Pois um dia virá em que também haveis de acreditar, pela força das circunstâncias, que as práticas espíritas estão permitidas por leis naturais que não é da vossa competência derrogar, nem permitido a nenhum homem fazê-lo, porque são leis divinas.

E, assim, que a Paz do Senhor esteja com todos, e o Senhor a todos vós e a nós ilumine e esclareça cada vez mais, são os votos do que se subscreve.

José Francisco Cabrita

PALAVRA E EXEMPLO

A tua fronte deve ser límpida e os teus olhos irradiar fulgor de alma sem mácula, para que um dia tenhas autoridade e possas altear livremente a voz entre o ameaçador tumulto das multidões.

Porque se tens de baixar alguma vez a fronte, enquanto falas, e, ao voltar os olhos para ti mesmo, descobres alguma sombra que te amesquinha, melhor será que te cales.

E se, enquanto falas de humildade e simplicidade, habitas em luxuosa mansão senhorial e te deleitas nos prazeres da gula; se tens leito suave e bem servida mesa, como poderás enfrentar os famintos e dizer-lhes:

— Irmãos, sofrei com paciência os vossos males?

Não seria melhor que tu, num arranco de sublime penetração, compreendendo a dor e a angústia dos que nada possuem, tires o régio manto forrado de seda para abrigar o que morre de frio?...

E chamasses à tua mesa repleta as mulheres que têm filhos pequenos e não comem, os homens debilitados por inevitável jejum, e os velhos, e lhes dissesses:

— Comei, irmãos, participai da minha festa! Dai alegria à minha alma?!

MARIA TORRES FRIAS

A MULHER Contemporânea

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

É de lamentar que em pleno século XX ainda exista o preconceito do sexo. Verificámo-lo há pouco, quando os príncipes de Mónaco esperavam o seu primeiro filho. Todos desejavam que nascesse um rapaz e quando a princesa Grace soube que tinha nascido uma menina chorou de desgosto!

Um rapaz porquê? Acaso o valor da personalidade de um ser humano residirá nessa parte do corpo chamada sexo, ou no seu cérebro e sobretudo na sua alma?

Provém este preconceito, primeiro das recuadas épocas em que o homem começou exercendo o seu egoismo dominador sobre todos que o rodeavam e que ele considerava fracos ante a sua força bruta, tornando-se assim senhor absoluto das suas conquistas. Deste modo escravizou os seus irmãos em humanidade, tanto homens como mulheres. Depois, com o rodar dos séculos certos sábios, usando da força da sua cultura e para justificar um hábito que tomara foros de lei, confirmaram-no baseando-se na desigualdade fisiológica, sobretudo nas diferenças cerebrais que originavam critérios e pontos de vista tão opostos, que não se poderia admitir que as mulheres reinassem fora do seu âmbito doméstico. A tal ponto elas foram oprimidas, que o Código de Manú decretava que «dia e noite as mulheres devem ser mantidas na escravidão».

Apesar de excluídas da sociedade, a História antiga cita-nos que em várias civilizações, hoje desaparecidas, as mulheres não conheceram essa opressão, ou seja a inferioridade que os homens lhe atribuiram mais tarde. Creio bem que assim tivesse acontecido nessas épocas recuadas, visto que em muitas tribos existentes sob o regime primitivo da comunidade, as mulheres são eleitas chefes, ou herdam o título de rainhas.

Em minha opinião, a Natureza criou a Humanidade com dois sexos diferentes ùnicamente para fins de reprodução da espécie e nunca com o objectivo de domínio de um factor sobre outro.

Afirma a Sabedoria Antiga que no começo da vida vegetativa do planeta a Humanidade era andrógina, mas que depois se dividiu em duas metades, uma masculina e a outra feminina. O planeta fora destinado para que os seus habitantes humanos continuassem a sua evolução começada na Lua, segundo se afirma, e que terminará o seu ciclo de vida. Os espíritos que ali não atingiram a meta espiritual foram atraídos para a Terra, da mesma forma que serão levados para um planeta em formação as almas atrasadas da nossa humanidade.

Deduz-se lògicamente, segundo os escritos antigos, que Deus criou o homem e a mulher com direitos e deveres iguais. Nas leis do Criador não há lugar para senhores e escravos, nem para o homem explorar o homem, ou a mulher, nem esta dominá-lo em regime de matriarcado. A Natureza é equilibrada: é esse equilíbrio que é necessário compreender e praticar. Mas o homem e a mulher, vendo-se senhores da Terra, encheram-se de orgulho e de egoismo, de onde lhes proveio a ambição de domínio absoluto que originou o desequilíbrio em que a humanidade se debateu durante séculos até aos nossos dias.

Contudo, o Homem não pode subtrair-se à Grande Lei da Evolução; e como os extremos se tocam, observamos que tudo tende para um equilíbrio, demonstrando a finalidade primitiva que a Natureza-mãe deu à criação dos dois sexos.

Ùltimamente, dois países notáveis — cada um no seu género — têm sido governados por mãos femininas. Se bem observarmos poderemos ver nisso a mão do Destino. A Inglaterra, tendo duas princesas herdeiras do trono, o qual coube à primogénita — a bela Isabel II que há pouco foi nossa hóspede, e a Holanda com três sucessivas gerações femininas: rainhas Guilhermina e Juliana e as filhas desta última. Quem ousará negar que estes desígnios não são comandados por uma Inteligência Suprema? E quem contestará a modelar civilização da florida Holanda e o poderio da grande Inglaterra? Acaso essas mãos femininas poèticamente chamadas «frágeis» deixaram cair em mau terreno as rédeas do governo?

O elevado civismo e a cuidada educação destes povos mostrou-lhes que a Humanidade, sendo obra de Deus, é destinada a colaborar na vida, não só da família, mas também na Nação com os direitos que lhe são atribuídos e que correspondem aos deveres desses dois factores — o homem e a mulher.

Esta grande compreensão da vida tem feito a grandeza moral e a prosperidade desses países.

★

É mundialmente conhecida a importante e valorosa participação da mulher francesa no Movimento de Libertação do seu país. Apesar disso, a douta Academia de França mantém ainda de pé os critérios de que se fez eco em 1923 um senhor Paul Souday num artigo intitulado «A Academia Francesa e a Mulher», em que disse:

«Verdadeiros e autênticos génios têm sido excluídos da Academia, por vários motivos, mas a exclusão das mulheres é sempre menos chocante por termos de confessar que em geral elas não possuem génio».

O «em geral» foi sem dúvida a falta de argumentos plausíveis e para salvaguardar a honra da ilustre Academia, que não quer reconhecer génio às Staël, Georges

Sand, Maintenon, Condessa de Noailles, Colette, e tantas outras mulheres célebres.

À opinião deste senhor Paul Souday, latino da velha guarda, opôs-se a do americano Dr. Ziegler, quando afirmou nessa ocasião:

«Nós, os homens, fechámos sistemàticamente à Mulher todos os caminhos que conduzem à cultura intelectual superior: proibimos-lhe quase totalmente outras ocupações, à excepção das que ela possa exercer em sua própria casa. Roubámos-lhe implacàvelmente todas as suas tentativas para sair do estado de inferioridade. E dizemos que nunca produziu nada de grande, nem de notável na ciência e na arte».

A mentalidade americana francamente manifestada pelo Dr. Ziegler, afirmou-se dia a dia nas conquistas que a Mulher do Novo Mundo realizou sem prejuízo dessa nova civilização. É inegável que estas transformações realizadas nos últimos trinta anos foram efectuadas à custa de porfiados esforços de mulheres cultas, inteligentes e activas.

A este esforço vieram dar grande impulso as duas conflagrações mundiais de 1914-1918 e de 1939-1945.

Deste modo a mulher latina avançou impulsionada pelas exigências da guerra e pelos exemplos das suas irmãs de Além-Atlântico.

Verificou-se então que as bruscas mudanças de ambiente social operaram radicais modificações no espírito feminino que logo revelou a sua inteligência e aptidão em todos os domínios da actividade, confirmando a opinião do velho sábio Novicow, segundo o qual «a mulher é da mesma espécie que o homem, e o seu cérebro tem igual número de células».

★

Os espíritos arreigados às velhas teorias têm de reconhecer que o Mundo caminha e que nada pode deter a sua evolução. Ela rege o universo, e o Homem não pode frustrar-se às suas leis. Em trinta anos grandes transformações já se operaram nos costumes de quase todos os povos da terra. Estamos, portanto, nas vésperas da Era Atómica ou Idade Nuclear. Que grandes surpresas nos trará ela na modificação das sociedades? Como viverá a Humanidade nessa época? Como será a Mulher de então?

Podemos prever, visto os extremos se tocarem, que nessa época a Mulher será um ser com direitos e deveres absolutamente idênticos ao Homem.

PARA MEDITAR

Por ANSELMO PAERMENTIER

Não culpes ninguém da tua sorte. Se não o puderes evitar, então culpa-te a ti mesmo e crê que estarás mais próximo da verdade.

★

Assim como as coisas lançadas ao mar, o mar as devolve tarde ou cedo, assim o mal ou o bem que fazemos voltam a nós, cedo ou tarde. Acredita.

★

Não desesperes nunca, nem mesmo nos transes mais difíceis, pois demonstrarias falta de fé. Esqueces acaso alguém que foi grande, tão grande como não houve outro sobre a Terra e que disse: «A Fé transporta montanhas»?

★

Dor, adversidade... Frágua na qual se verifica o depuramento do espírito, a temperar-se para novas lutas. Que Deus os bendiga.

★

Se vissemos em cada criança o nosso filho, em cada mulher a nossa mãe e em cada homem um irmão, seriam desterrados do planeta a inveja, o ódio e a guerra. Falta muito a percorrer. Todavia, caminhando nessa direcção, chegaremos.

★

É o caso de não perder o caminho, porque em seu inevitável o veremos coberto de escalrachos. Para andar será preciso afastá-los e o esforço tornar-se-á maior e mais doloroso.

★

Ao contemplar alguma coisa, por insignificante que pareça, não pares na superfície. Corres o risco de enganar-te. Submerge-te nas profundidades e então uma opinião diferente aparecerá em teu entendimento. E tão diferente, que às vezes te parecerá engano. O que julgavas branco é negro, e o negro branco.

★

A pêndula do relógio da eternidade encontra-se próxima da hora assinalada para a mudança fundamental que deve operar-se no mundo.

Preparemo-nos, não seja que o safanão nos tome de surpresa!

(Trad. de I. D. S.)

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

29

O USURÁRIO

Amigo radiouvinte:

Há dias, em viagem pela Província, tivemos ensejo de visitar uma grande médium que reside na povoação de Encoberta, a 15 quilómetros de Viseu. Idalina Magalhães de Sousa é o seu nome, aliado a exemplar modéstia.

Em determinada sessão que lá realizámos apresentou-se uma entidade esquisita, a falar consigo própria acerca de gargalhadas e olhares de escárnio que o visavam directamente. Quando interviemos, repeliu as nossas palavras. Era com «eles» que tinha de ajustar as contas...

— Canalhas! Canalhas! — exclamava em gestos furibundos, andando de um lado para outro —. Trabalharam? Paguei-lhes, não lhes devo nada. Porquê, então, essas gargalhadas e esses olhares de escárnio a perseguirem-me em toda a parte?...

E dava murros na mesa.

— Meu amigo — dissemos nós —, estou aqui para te auxiliar. Mas é preciso que abrandes a tua fúria...

— Não posso! Não posso! O meu dinheiro está aqui mas não irá para eles! Não! Não e não! Prefiro morrer! Não lhes devo nada!

Com extrema cautela tentámos elucidá-lo. Que o que ele via era um quadro simbólico e não a pura realidade; que teria feito mau uso da riqueza, prejudicando ou explorando os seus empregados e que agora se impunha uma atitude contrita para que o quadro desaparecesse. Mas ele atalhou:

— O quê?... Rebaixar-me a estes canalhas, a quem paguei o trabalho? Nunca! Nunca! Prefiro morrer!

— Morrer? — obtemperámos — Deves saber que a morte não existe. Não fizeste já a experiência?...

— Experiência... Experiência...

E começou a gesticular com a cabeça e os braços, como quem indaga.

De repente, vê outra vez os olhares de escárnio. Leva a mão esquerda à fronte, como quem limpa o suor, e com a direita ameaça as figuras já descritas:

— Bandidos! Se tivesse aqui o meu revólver...

— Só o perdão resolverá o caso...

— Mas quem és tu, que te metes na minha vida?

— Ninguém!

— Ninguém e falas?

— Sou uma voz amiga. Nada mais... Se queres...

— Retira-te! Retira-te! Deixa-me só com eles!

Súbito, exclama:

— Que é isto? Uma prisão!?

E um monólogo se ouve com alusões a negócios escuros, a letras falsificadas.

— E agora? Quem me abre a porta?

Como nos calássemos, repetiu:

— Quem me abre a porta?... Ó Ninguém, ó Voz Amiga, abre-me estas grades que me endoidecem!

— O perdão é a chave. Não há outra forma de sair.

A entidade cruza os braços em meditação, dirige-se para nós e diz-nos em voz baixa:

— Queres fazer um negócio comigo? Abre aquela porta e ficas rico de um dia para outro...

— Com dinheiro honesto ou com dinheiro de usura?

A entidade afastou-se de repelão e a médium despertou.

No dia seguinte, noutra sessão, surge o mesmo espírito endurecido, braços cruzados, em meditação:

— Novamente aqui... Terei de me submeter? Vocês são juízes. Eu sou o réu. É sentença pesada e eu tenho de a sofrer (*Pausa*). O que exigem é superior às minhas forças.

— Quanto mais custa mais vale.

— É pesado, muito pesado o fardo. Tenho de suportá-lo.

— Queres negociar comigo?

— Já não penso nisso. Queria ao menos que as minhas vítimas não troçassem, quando lhes pedisse perdão... Elas retiraram-se, quando prometi dobrar o joelho... Mas eu sei que o sorriso escarninho voltará, se não pronunciar a palavra que me queima... (*Pausa*). Que luta!

— Decide-te, meu amigo. O perdão exalta a criatura.

— Que precipício, que barreira! Preferia mil vezes um punhal à frente, muitos punhais. E tenho de atravessar isto com os joelhos dobrados... pedir perdão... Oh! É chegado o momento! Ai! Ai! Ai!... É chegado o momento!...

— Ajoelha-te, amigo!

— Ai! Ai!... Precipício, fecha-te! Tenho de ajoelhar em frente das vítimas. Sim, eles voltam e eu vou... Vou... *(ajoelha-se e chora convulsivamente)*.

— Coragem!

— Perdão, perdão, perdão!... Perdão, perdão, perdão!... Vêde-me prostrado à vossa frente. Fazei de mim o que quiserdes. Perdão! (*Mudando de tom*). Vindes abraçar-me?... Sois meus amigos?... Porquê? Não lançais sobre mim o cutelo do algoz? Espero-o. Volto a pedir perdão. Perdoai-me! Perdoai-me!...

— E agora, vida nova. Não mais fantasmas ameaçadores. Não mais inquietações. Novo trabalho, nova orientação. Corações ao alto! Senta-te ao pé de mim. Não mais vítimas, não mais algozes. Amigos e irmãos. Vês, como Deus é bom?

— Deixa... O esforço foi enorme! Atravessei o precipício... atravessei o barranco... Deixa sossegar. Deixa recobrar as forças... Deixa-me chorar... deixa-me chorar, que estas lágrimas são bálsamo para a minha dor... É remédio para o meu cansaço... Deixa, deixa-as correr, não as evites, corram (*chora copiosamente de braços abertos*). Sim, estas lágrimas são como as do viandante cansado que encontra onde repousar e chora de alegria... São como as lágrimas dele... São... Disseram-me que atravessasse o precipício e choro, porque o atravessei sem cair e consegui ultrapassá-lo... Aqui me encontro cansado, mas não despedaçado (*continua a chorar*). Agora caminharei em frente até encontrar o dia claro. Ainda está enevoado... mas sairei do nevoeiro... Tenho a certeza de que se há-de aclarar... A estrela que me apontas é a estrela da manhã... Brevemente brilhará o sol e o receio será banido. Não mais haverá escuridão.

— Vês, que as minhas palavras foram salutares?

— Obrigado.

— Esquece o teu passado. Agora és um homem de bem.

— Obrigado a todos. Estou muito

além do precipício. Obrigado por tudo. Obrigado!...

D. Idalina despertou do seu transe inconsciente e os circunstantes vibraram ainda por muito tempo a pensar na lição recebida. O antigo usurário transformou-se em alma genuflexa e as vítimas envolviam-no em ondas de piedade fraterna. Que lição a deste quadro emocionante! Que pena não estarem ali os usurários da terra para avaliarem os riscos do seu porte! Que pena não estarem ali! É que as nossas palavras nem de longe traduzem o realismo da mensagem, o tom patético do espírito e o seu espanto, quando as vítimas o abraçaram.

Boa noite, amigo. Deixa correr as lágrimas, se as sentiste. Que a sensibilidade brasileira é a mais fina do mundo.

30

DOGMA CIENTÍFICO

Amigo radiouvinte:

Há coisas que acontecem sem a gente esperar. Hoje estamos aqui a ventilar um assunto bem diferente daquele que tínhamos escolhido. Falamos do que não queríamos e não falamos do que devíamos. Até parece uma charada. Mas não. É sinal dos tempos que vivemos. Tão difícil se antolha a marcha, quando nos atravancam o caminho! Mas a jornada chegará ao termo; o objectivo há-de atingir-se. Falemos endo que não queríamos.

No Congresso Espírita Internacional de Paris deu-se um fenómeno verdadeiramente extraordinário. A emissora *Europa N.º 1* quebrou o protocolo que proíbe mencionar o Espiritismo ou qualquer assunto psíquico na rádio e na televisão.

O facto, em si, é igual a muitos outros, mas apresenta um aspecto digno de registo.

Primeiro, a interdição imposta pelo dogma científico, semelhante em todas as latitudes. Na Inglaterra a religião ortodoxa não permite ao Espiritismo a liberdade do ar, como diz um hebdomadário londrino, donde extraímos a notícia; em Paris, os congressistas espíritas devem ser *inimigos da ciência*... É o que se chamam dois fogos de barragem.

O combate da Igreja é conhecido há muito. O da ciência é que não pode justificar-se.

Segundo, a rebelião da emissora particular à norma estabelecida.

Pierre Neuville, o famoso director da *a Presse*, que falou no Congresso Espírita, congratulou-se com o grande acontecimento e fez um ataque cerrado à Televisão e à ortodoxia.

Eis duas afirmações do notável jornalista:

— Em França, a ciência oficial é contra o Espiritismo. Quando um assunto não tem o seu beneplácito é inexistente.

E pronto. Não adianta argumentar. Quanto à imprensa, pode-se dizer que não traduz a opinião pública. Tem um espelho mágico onde se reflecte o que merece publicação. Este é o critério mais ou menos usado naquele formoso país que deu rebentos, como Racine e Vítor Hugo.

Neuville publicou um livro acerca da mediunidade. No dia imediato era transmitido o seguinte comunicado aos chefes dos departamentos e das redes emissoras:

«Na reunião de 20 de Março do Conselho Científico da Rádio resolveu-se ordenar a todas as redes que proscrevam entrevistas, relatos ou conferências com menções favoráveis a radiestesistas, astrólogos, curadores, médicos, e que proíbam quaisquer referências abonatórias a livros que tratem de tais assuntos».

Esta disposição foi expressa e inesperada. E Pierre Neuville terminou dizendo:

— Ponham a casa em ordem! Eliminem os charlatães!

Não há dúvida. Agora são três aspectos a considerar. Três aspectos que se resumem num só: atacam o Espiritismo e é preciso defendê-lo. Movem-lhe guerra sistemática, sem base moral, sem critério filosófico ou científico.

Desta vez foi a Televisão, como poderia ser um colégio de médicos ou um grémio de farmacêuticos. Mandaram e a ordem cumpriu-se. Mas nem sempre quem manda, manda bem. Há instrumentos que não pertencem a um sector de opinião. Pertencem ao país, pertencem à cultura, pertencem à humanidade. A Televisão é inerente ao progresso, como os caminhos de ferro, como as linhas de navegação, que todos utilizam como lhe apraz.

O Espiritismo demonstrou no seu Congresso que é uma força poderosa ao serviço do homem. Mais de quinhentos delegados da cultura internacional, entre os quais advogados, médicos, engenheiros, biologistas, escritores e professores, quase todos em plena mocidade, afirmaram o seu desejo de lutar por ele através da palavra, da escrita e da acção social. E esses arautos representam milhões e milhões de seres que vibram ao calor de uma doutrina que a ciência materialista tem vergonha de aceitar. Mas o sábio, se é sábio, não se envergonha de estudar o que lhe apresentam. É o seu ofício. No seu desempenho não tem política, nem religião. A verdade é o seu objectivo, a verdade é o seu lema.

O preconceito científico é pior que o religioso. Aferra-se a coisas absurdas, julgando que tem a verdade na mão. Os cursos, as academias, os diplomas... Sim, esses argumentos são fortes, mas não justificam o orgulho que se manifesta nos actos mais simples, em busca de hegemonia transitória. Sócrates era sábio, um sábio verdadeiro. Sabia que «não sabia nada». E os preconceitos condenaram-no. Corrompia a mocidade... dissolvia os costumes... A ciência pequena abandonou o grande sábio, que já não pertence à Grécia, mas à história do pensamento universal.

O caso de Paris talvez seja de utilidade para nós. Conhecer o ambiente é meio caminho andado para lançar uma ideia. Vamos lançar a ideia do saneamento no Espiritismo, queimando escalrachos e depositando no campo a boa semente? Apliquemos o machado à raiz das árvores inúteis, eliminemos os charlatães que vivem à custa do Espiritismo e harmonizemo-nos em tudo com a Doutrina. O dogma científico há-de ruir com estrondo e cada coisa ficará no seu lugar. A Ciência é conhecimento e ninguém deve ignorar o que outrem descobriu. A conspiração do silêncio a respeito de verdades que se baseiam em factos e que tocam quase sempre os próprios incrédulos, é manifestação de medo e de ignorância.

A emissora parisiense *Europa N.º 1* deu o sinal de alarme, irradiando a voz do Congresso Espírita, não obstante a *proibição oficial*. O mundo quer saber o que se passa e não há direito de lhe cercearem um elemento de cultura humanista que ilumina e regenera.

O dogma científico é tradicionalista e regressivo. Deixemo-lo a sós com o seu drama, que o mundo marcha para formas mais elevadas e perfeitas, onde não haverá servilismo. Já Lamenais dizia: «Só vemos homens que vivem a dobrar o joelho diante dos cogumelos, que nascem de manhã e apodrecem à noite. Perguntem-lhes a causa e responderão terem julgado ver uma azinheira a crescer e que esperavam algumas bolotas. O que me espanta é que nada os desengane e recomecem no dia seguinte. A bolota será coisa que valha tanto?».

Boa noite, amigo radiouvinte. Que Deus guarde o teu lar e preserve a terra do Cruzeiro.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

ACHILE BIQUET MANIFESTA-SE EM LONDRES

David Bedbrook, vice-presidente da Federação Espirita Internacional e director do seu órgão *Yours Fraternally*, publicou um editorial de grande interesse que desejamos arquivar nestas colunas. Além de escritor e conferencista, é excelente médium de clarividência.

Depois de afirmar que estava em contacto permanente com Achille Biquet e que dele recebera a promessa de o acampanhar em pensamento, durante a grave operação a que fora submetido, escreve:

«A notícia do seu falecimento, ocorrido em 9 de Maio, foi-me comunicada por amigos belgas, três dias antes da intervenção cirúrgica, e causou-me grande choque devido a um motivo especial. Entrei no hospital no dia 13 de Maio e a operação estava marcada para a tarde do dia seguinte.

«Já depois de estar deitado ergui os olhos e vi Achille aos pés da cama, apoiado nos cotovelos. Foi uma das melhores clarividências da minha vida. Sorria, apontava para mim com a sua boquilha e parecia querer falar, dizer-me qualquer coisa, mas eu não pude apreender uma só palavra, por mais esforços que fizesse. Permaneceu ali cerca de dois minutos e depois a visão extinguiu-se gradualmente.

«Fiquei intrigado com a cena, pois julgava-o de perfeita saúde. Deitei a cabeça na almofada a meditar no motivo da visão e concluí que seria a projecção do seu pensamento.

«Em seguida pareceu-me sentir a intuição de que viera ali, sabendo que eu era o único médium da directoria da Federação, uma vez que eu fora a Liège a seu pedido, a fazer algumas demonstrações públicas. Mesmo nessa altura, nem por um instante supus que já tivesse desencarnado. Só três dias depois recebi a primeira notícia do seu trespasse.

«Portanto, Achille veio dar-me a conhecer a sua presença, mas ignoro por que razão apontava para mim a sorrir, tentando dizer qualquer coisa. Talvez se manifeste a outras pessoas e eu possa então compreender os motivos da sua vinda».

Como já dissemos, Achille Biquet foi nosso redactor-correspondente em Liège e era um alto espírito aberto às mais belas iniciativas. Não admira que depressa compreendesse o seu estado e que, de facto, tivesse alguma coisa a dizer ao seu amigo, visto o desencarne ter sido repentino.

É consolador ver que os «mortos» voltam e continuam preocupados com o seu trabalho antigo. Assim a morte não pode mais encarar-se como finalidade. Meio é que ela é de se atingir a plenitude na sequência da vida.

COLÉGIO ARGENTINO DE ESTUDOS PSÍQUICOS

Acaba de constituir-se em Buenos Aires o *Colégio Argentino de Estudos Psíquicos*, entidade de carácter científico destinada à investigação do fenómeno PSI ou parapsicológico considerado em todos os aspectos, segundo lemos em *Constância*, da mesma cidade. É a continuação do Círculo Espiritualista ATMAN que em 1933 apresentou na Universidade de Buenos Aires uma série de fenómenos de criptestesia na cadeira de Ciências Naturais, então a cargo do Dr. Eduardo Del Ponte, como tivemos ocasião de relatar. É possível que muitos assinantes se lembrem do assunto.

Na Assembleia Constituinte foi eleita a seguinte Junta Executiva: *Presidente* — o conhecido engenheiro José S. Fernández, de quem já publicámos colaboração muito interessante e um verdadeiro valor no campo da investigação científica; *Vice-presidente* — Engenheiro León E. Logegaray; *Secretário* — Dr. Ronaldo J. Warburton; *2.º secretário* — Prof. Alexandre Erú; *Tesoureiro* — Carlos Alonso; *2.º Tesoureiro* — Prof. Osvaldo Barberis; *Vogais* — Drs. Elida Picabea, Eduardo Benzecry e Luís Di Cristoforo Postiglioni, nosso redactor-correspondente; *Bibliotecário* — Prof. Domingo A. Saraco.

Também se aprovou a seguinte Declaração de Princípios:

«O Colégio Argentino de Estudos Psíquicos é uma entidade de carácter científico no mais amplo sentido, entendendo-se que, tal como os expressara o genial físico Einstein, «*a Ciência não é simples colecção de leis, um catálogo sem relação mútua mas uma criação do espírito humano com ideias e conceitos livremente apresentados*».

«Os esquemas interpretativos da realidade são, portanto, cambiantes que evolucionam com os novos descobrimentos para mais avançadas e adequadas concepções e teorias. Por isso é que o Colégio, na interpretação dos fenómenos PSI, utilizará as explicações clássicas com elasticidade sem se aferrar a elas, para não cair no perigo da doutrinação estéril conducente à anulação dos fenómenos e ao desconcerto dos investigadores. Pelo contrário, analisará os factos novos, aparentemente em contradição com as ideias correntes, dentro do mais amplo critério, buscando e adoptando as interpretações mais adequadas, segundo as normas da lógica. Além disso, considerando que o estudo que realiza encerra as melhores possibilidades para orientar a indispensável *humanização da Ciência*, dará especial atenção aos rumos tendentes à boa convivência, para o que é necessário superar a fé actual na filosofia da máquina. Para tanto deverá invadir às vezes os domínios especulativos do filosófico, moral e religioso, já que o estudo do *novo mundo mental* exige interpretações integrais das actividades da *psique*, sempre dentro do rigor e do espírito de investigação nesta experiência científica».

O Colégio já iniciou os trabalhos experimentais e brevemente lançará o seu órgão próprio.

A sede é: *Hidalgo 428, Buenos Aires.*

É assim que os doutos respondem a uns tantos que requisitaram o sol para uso próprio, semelhantes às crianças que pedem o satélite.

PEGOU NA MÃO DE UM FANTASMA...

Psychic News de 31 de Agosto insere uma história curiosa que não resistimos a transcrever. É a história de um homem que sentiu a mão de um fantasma na cidade de Buffalo, nordeste de Inglaterra.

H. W. Holmes reside em 27 Mayfield Grove, Long Eaton, Nottinghamshire, onde trabalha, e foi enviado pelos patrões a outra parte da região. É sempre bom mudar de ares e o viajante ia contente.

Depois de se alojar, procurou alguma coisa onde passar as horas de folga e descobriu uma loja maçónica a que chamavam *Orgulho de York*. Foi amàvelmente recebido por todos os sócios e fez algumas visitas, quando lhe anunciaram a morte de um sócio muito respeitável. O enterro seria realizado dias depois e o nosso mortal mostrou desejo de assistir.

Geralmente, os sócios da loja juntam as mãos para fazer uma corrente em círculo. Mas num enterro a corrente é quebrada, deixando vago o lugar do irmão que partiu.

Depois dos ofícios religiosos começou a cerimónia em torno da sepultura e o sr. Holmes ficou muito impressionado. Diz ele:

— Eu pensava no irmão defunto que nunca vira e notei em todos sinal de grande sentimento; fiquei, porém, admirado ao ver que o meu companheiro da direita não olhava para a sepultura, mas para o céu, como quem desafia a morte.

Em seguida veio a ordem:

— Irmãos, formem a cadeia. Um irmão está ausente do nosso grupo. Deixemo-lo no seio de Deus.

Deram as mãos, mas o sr. Holmes ficou em grande preocupação ao ver que o círculo estava fechado. Sim, a corrente não se quebrara em parte alguma...

— Só notei que a mão do meu companheiro da direita parecia gelada e admirei-me da cadeia não ter ficado aberta...

E no sentido de precisar ainda mais a sua fiscalização, acrescenta:

— Olhei à volta para ver se os outros irmãos tinham notado isto, mas eles não deram sinal de nada. Coloquei então a minha folha de hera junto de outras homenagens e saí discretamente.

A caminho de casa o sr. Holmes encontrou a resposta à pergunta que lhe pairava na mente.

Falando com um sócio que assistira ao funeral, mostrara-lhe a sua estranheza por a corrente não ter sido quebrada. E concluí:

— Ele ficou muito embaraçado e afirmou-me peremptòriamente que o círculo não estava fechado e que a minha mão direita não tocara na mão de ninguém...

Afinal, o sr. Holmes julgou que segurava a mão de um homem e era a mão de um fantasma. Não deve ter ganhado para o susto.

A RAINHA ISABEL II E O ESPIRITISMO

Sabe-se que muitas pessoas da corte inglesa demonstraram durante a vida grande simpatia pelo Espiritismo. *Estudos Psíquicos* chegou a publicar uma série de artigos em que se aludia à rainha Vitória, ao Príncipe Consorte, a Jorge V e à princesa Maria Luísa, recentemente falecida, demonstrando as ligações que tais personagens tiveram com esta doutrina. Infelizmente, os reis têm pouca liberdade de acção em certos pontos e só depois da sua morte o véu se levanta acerca de alguns passos que o protocolo mantinha em secreto.

Recentemente, o hebdomadário *Ici-Paris* inseriu um longo artigo a seis colunas, donde transcrevemos os seguintes parágrafos:

«A morte da Princesa Maria Luísa não significa que os contactos do curador Harry Edwards tenham finalizado. Marina de Kent e a sua irmã Olga da Jugoslávia depositam tão profunda confiança no chefe do Santuário, como depositava a Princesa; e a própria Rainha, conhecida pelo grande interesse demonstrado em relação aos curadores espirituais e mais geralmente ao Espiritismo, ficou profundamente impressionada com as confidências da sua tia».

Harry Edwards encontra-se em situação melindrosa, porque lhe não convém revelar o nome dos membros da realeza a quem faz tratamento. O semanário londrino *Psychic News* mantém igual reserva. Embora já tivesse exposto o assunto em muitos artigos, limita-se a encolher os ombros. Não afirma nem nega... antes pelo contrário. Como se fosse indignidade alguém procurar a cura, mesmo fora dos moldes clássicos.

O que ninguém pode negar é o papel importante que o Espiritismo desempenha no progresso do mundo. Combatam-no, metam-no a ridículo, façam o que quiserem; no fundo e mais tarde ou mais cedo, os mofadores chegam-se à realidade, alguns deles envergonhados das farsas que representaram. Reis ou mendigos, sábios ou ignorantes, são feitos da mesma massa e subordinados às mesmas injunções morais e espirituais. Daí, necessitarem de alimento novo que os fortaleça nas lutas da vida.

O ESPIRITISMO E O ESPERANTO

No Congresso Espirita Internacional realizado em Paris, lorde Dowding, Marechal do Ar britânico e figura proeminente do Espiritismo, fez um belo discurso no Hotel Lutétia, durante o jantar de confraternização, em que demonstrava a necessidade de levar as Nações Unidas a adoptarem uma língua universal, no sentido de maior contribuição para a paz do mundo.

Este alvitre foi de grande oportunidade, visto que, no referido congresso, cada discurso era ouvido em duas línguas.

Lorde Dowding disse que a grande virtude do Espiritismo era não ser exclusivista e ninguém, para se associar, tinha que aceitar ou rejeitar doutrina. A dificuldade era a língua. As teses apresentavam-se, mas permaneciam estáticas. Hoje, um homem ia de Londres à China em menos tempo do que dantes, de Londres à Escócia. Mas, quando lá chegava, consideravam-no um diabo estranho. Não podia transmitir impressões da sua vida e da da sua mentalidade.

Depois acrescentou que uma língua comum era simples em teoria, mas difícil na prática, embora o obstáculo fosse de natureza política. Cada nação deve manter a sua língua, sem prejuízo de ensinar outra nas suas escolas. E se os povos se opõem à escolha de uma delas para uso comum, o melhor será escolher uma língua artificial, como o Esperanto.

Na verdade, o alvitre é digno de atenção e poderia resolver o problema da Babel que se manifesta em todos os congressos internacionais. Raro é aquele que ali domina dois idiomas e por isso a troca de impressões é puramente estática.

A dificuldade surge em todas as reuniões internacionais, que nunca proporcionaram conhecimento recíproco aos assistentes. O conhecimento tem-se adquirido melhor à mesa dos banquetes do que nas assembleias, onde os intérpretes nem sempre traduzem fielmente a palavra dos oradores. O Espiritismo e a Paz muito lucrariam com a adopção do Esperanto, como língua universal.

FILMES PSÍQUICOS

A senhora Elodia Benavides, directora da Voz Informativa, da cidade do México, declarou que em Nova Iorque há uma sociedade produtora de filmes, dirigida pelo conhecido investigador Dr. F. Ponte, de Porto Rico. Três filmes estão prontos e este confrade espera exibi-los no cinema e na televisão.

Esta notícia, deveras auspiciosa para nós, há-de causar perturbação em sectores infensos à verdade espírita. Mas não podemos deixar de reconhecer que o prazer de uns é tristeza de outros. O que é preciso é ombridade em todas as manifestações da vida humana. Que vale iludir-se a gente acerca de factos, que muitos indivíduos não aceitam, nem que lhos metam pelos olhos dentro... Que importa que chamem ao Espiritismo «peste roxa» ou «peste asiática», se ele faz a ronda do mundo, dando esperança aos aflitos e abrindo caminhos ao progresso?

Quase todos os filmes de psiquismo interessam profundamente às multidões. «A Volta de Peter Grim» esteve cinco anos consecutivos em cinemas de Nova Iorque. E «The Search for Bridey Murphy», que temos na secretária, foi o livro de maior venda nos Estados Unidos, em 1956, o «best seller», como se diz em inglês. Ambos tratam da reencarnação, «essa doutrina pagã» que alguns combatem com violência.

Estas lutas, estes calcos na roda, produzem efeito contrário, porque há tendência para ler os textos proibidos, sejam quais forem os temas visados. Quando o bispo de Barcelona mandou queimar as obras de Allan Kardec que entraram em Espanha, numerosas pessoas se dirigiram ao local para recolher as cinzas do auto-de-fé. E logo os grupos e os centros espíritas surgiram por toda a parte, em sinal de reacção ao despotismo do prelado.

Por isso é de abençoar a guerra que nos movem por difundirmos tão bela doutrina. Deus guarde os nossos inimigos, Deus os inspire na prática do bem, abandonando o ódio, a malquerença, tudo, enfim, que os possa diminuir aos olhos da justiça.

Portanto, venham os filmes, quanto antes, e que outros produtores trabalhem no mesmo sentido, substituindo os filmes de guerra, de espionagem, de racismo, cujo efeito é desagregar o sentimento fraternal que deve ligar os homens, por cima das próprias fronteiras.

O TESTEMUNHO DE UMA ADVOGADA

Maurice Barbanell, director de Two Worlds, *de Londres, encontrou no Congresso Espírita Internacional de Paris a Dr.ª Mara Montemaggiori, pertencente ao Grupo Espírita de Camerino, que trabalha duas vezes por semana com Raoul Bocci, médium de transfiguração, através do qual os espíritos reproduzem a voz e as atitudes que os identificam. Entre os manifestantes estava um médico de que não havia notícia. Disse que fora assassinado e o seu corpo enterrado em Montagno, perto de Camerino, onde o Grupo se reúne. Explicou como fora assassinado e indicou o lugar exacto da sepultura, acrescentando que a sua perna direita era mais curta que a esquerda.*

A mensagem foi entregue às autoridades, que resolveram proceder a investigações, na presença do Dr. Stopoloni, professor de Anatomia na Universidade local e presidente do referido Grupo.

O esqueleto foi encontrado de harmonia com as indicações: a perna direita, mais curta que a esquerda.

A publicação desta mensagem espírita teve êxito retumbante, dando origem a milhares de cartas de pessoas que desejavam ser elucidadas acerca da mediunidade.

O mistério da vida e da morte vai sendo esclarecido e são as próprias entidades espirituais que se encarregam de chamar a atenção para casos de interesse geral ou particular, contanto que a ideia se agite e a luz se faça nas almas.

«A PARÁBOLA DAS LAMPARINAS»

Orindo Béccheri é o autor desta parábola. O caso passou-se no Brasil em 1954.

«Semana Santa. A cidade, em festa. O povo, alegre. Padres foram escalados para atacar o Espiritismo. E desancavam sem piedade. À noite, no Centro Espírita, um orador contou esta parábola:

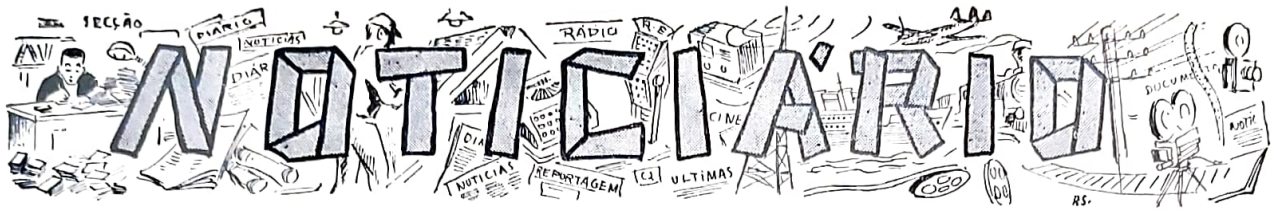
«Havia em pobre vila um riquíssimo negociante, dono de bela casa de ferragens e várias miudezas. De tudo vendia muito, principalmente lamparinas a querosene, pois as maravilhas da electricidade ainda não eram conhecidas naquela povoação. E o charlatão ia metendo as unhas na bolsa do povo, vendendo-lhe as lamparinas a preços exorbitantes.

«Certo dia surgiu por lá novo morador. Comprou nas proximidades dois alqueires de terra, cortada por um ribeiro, cujas águas desviou. Instalou um dínamo numa palhoça, puxou os fios eléctricos até à sua casinha, e à noite, com a companheira, à luz de uma forte lâmpada, lia revistas e ouvia rádio.

«Depois montou na vila uma pequena casa de materiais eléctricos e esperou os fregueses, que foram aparecendo um tanto desconfiados. Ouviam explicações, faziam compras e instalavam lâmpadas eléctricas.

«Quando soube, o vendedor de lamparinas começou a criticar o «homem da electricidade». Que era maluco, que aquilo era arte do diabo. Que ninguém devia procurá-lo. Que a tal lâmpada era pura tolice, simples engodo, e que só servia para atrair os incautos. Que continuassem a comprar as suas lamparinas, que eram de Deus, e deixassem aquela porcaria que era de Satanás.

«E o povo, diante de semelhantes críticas, mais afluía a casa do electricista para ver a cor e o tamanho do Rabudo. E ninguém deixava de comprar lâmpadas e fechar negócio com o coisa-ruim. Quanto mais o rico negociante censurava o novo sistema de iluminação, menos lam-



ELODIA DE CÁSTOL BENAVIDES

No dia 1 de Outubro teremos no Centro Espiritualista Luz e Amor a conhecida pioneira D. Elodia de Cástol Benavides, directora de *Voz Informativa*, do México, e que no recente Congresso Espirita Internacional de Paris se evidenciou de forma notável. De regresso à sua terra, quis dar-nos a honra de uma conferência, que será apreciada por todos.

A *Voz Informativa* é uma publicação interessante e desempoeirada, inteiramente ao serviço do Espiritismo. As suas 40 páginas de grande formato reflectem o carácter íntegro da senhora Benavides, aliado a uma bela cultura humanista. Já temos respigado em suas páginas elementos de grande valor para trabalhos de propaganda.

No panorama espirita internacional é a mulher que mais tem impulsionado a Doutrina. Alheia a superstições e crendices, caminha valorosamente à frente de uma legião de espiritistas conscientes que procuram escoimar o Ideal de charlatanismos e guindá-lo à categoria que lhe pertence.

LEOPOLDO MACHADO

Da nossa querida amiga D. Marcolina Alves recebemos a seguinte carta:

«Acabo de chegar de Nova Iguaçú, onde fui prestar a última homenagem ao querido irmão Leopoldo Machado, que faleceu ontem, 22 de Agosto, às 22,30. Lá se foi mais um amigo...

«O corpo foi transportado para o Ginásio Leopoldo Machado. Antes de sair, o Dr. Waldomiro Pereira, cunhado do Professor Leopoldo e seu ex-aluno, fez a despedida do Ginásio com palavras repassadas de saudade, o que muito emocionou os presentes. O Dr. Newton Gonçalves de Barros proferiu a prece.

«Enquanto o corpo saía rumo ao *Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade*, as meninas do *Lar de Jesus* cantaram em surdina a «Canção da Alegria Cristã».

No *Centro* falou o nosso confrade J. António Marques e a prece coube a Vitorino Eloi dos Santos (Vovô Vitorino).

«Dali acompanhei-o até ao centro de Nova Iguaçú. Motivos imperiosos me impediram de ir até ao cemitério.

«Sinto saudades do querido irmão Leopoldo, mas ao mesmo tempo estou alegre, pois tenho a certeza de que está junto de Marília.

«Nota interessante: Enquanto o Prof. Newton fazia a prece, senti uma voz que dizia: «Cantem a Canção da Alegria Cristã». Ao mesmo tempo pensei: Que não diria esta gente, se eu revelasse o fenómeno?». Pouco depois a irmã Ruth Santana, da *Casa de Lázaro*, exclamou:

«— Ouvi uma voz que dizia: «Cantem a «Canção da Alegria Cristã».

D. Marcolina informa também que no dia 20 de Agosto o *Jardim de Infância* do *Grupo Espirita Seara de Jesus* completou 2 anos de existência sob a sua direcção.

Quatro dias depois, também a *Mocidade Espirita* da *Seara de Jesus*, de Nilópolis, comemorou o seu 14.º aniversário. Como lhe era impossível assistir à festa dos jovens, enviou-lhes o livro «Nos Umbrais do Além», que a representaria.

DESENCARNAÇÕES

O nosso representante em Maceió, Estado de Alagoas, Jaime Xavier Silva, dá-nos a notícia da desencarnação de Erasmo Porangaba, Adelaide Ferreira, Chiquita Pereira da Silva, Luís X. Machado e Lafaiete Belo, todos grandes obreiros da Seara. Que os seus guias os amparem na grande pátria espiritual.

TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO DE 1957

Grupo «Allan Kardec»

Todas as 2.as feiras, às 21,30. no qual Túlio Augusto Rosa fará exercícios de intuição e clarividência.

Grupo «Reper-Siam»

Todas as 5.as-feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1, 3.ª-feira, às 21,30 — Conferência por D. Elodia de Cástol Benavides, sobre o Congresso Espirita Internacional e o Acampamento Americano de Chesterfield. Esta conferência terá projecções luminosas.

Dia 6, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 13, Domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António Cardoso, intitulada «Aspectos de Paris».

Dia 15, 3.ª-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 20, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 27, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 29, 3.ª-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 3 de Novembro, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a medium D. Maria Fernanda Moreira.

---

parinas vendia. O querosene ia ficando nas latas, às moscas. O povo achava que era melhor ter a casa iluminada por um foco de luz brilhante, sem cheiro nem fumaça e relativamente barato, do que por uma pálida chama de candeia. Quem tem ouvidos de ouvir, oiça».

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Setembro — Agostinho F. Gomes, de Benfica do Ribatejo, 20$00; A. L. F., de Lisboa, 20$00; José Carlos de Chelmicki Afflalo, 200$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Tatwa Elifas Levi, de Vendas Novas, 200$00. *Total — 460$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00 ... 35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 40$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 42$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão Nosso, pelo Espírito de Emmanuel ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	30$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	40$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vitor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	30$00
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	35$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 45$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	25$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	25$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	25$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	25$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	60$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	60$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	20$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	120$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*. Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	70$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	25$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM:

Luta Inglória, da **Redacção**; Deformidades nas Aparições dos Mortos, por **Raoul Montandon**; A Origem das Doenças, por **Cyrilo Alleixo**; O Natal Aproxima-se...; Adolescência, por **Newton Gonçalves de Barros**; A Directora de «Voz Informativa» e seu marido, em Lisboa; Aspectos Estatísticos do Espiritismo no Brasil; A Moral, por **Eduardo F. da Conceição**; Ecos de Uma Viagem - XXXII - Um Braçado de Flores, por **Isidoro Duarte Santos**; Aditamento às Três Cartas aos Irmãos Católicos, por **José Francisco Cabrita**; O Espiritismo Construtivo no Brasil, por **Tito L. Bancéscu**; Cristianismo, por **José Simões de Matos**; O Homem Rico e o Empregado, por **Deolindo Valentim Rodrigues**; A Dor e o Sofrimento; Vem Comigo ao Monte!, por **Irmã Emília**; A Vinda de João Baptista, por **Nino Silva**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

D. Elodia Cástol de Benavides realizando a sua conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor

(Ver pág. 346)

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos*
	Deolindo Amorim
	Nelson Baptista de Azevedo
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
	Zalmino Zimmermann
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
	Martins Peralva
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120,00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Henrique Magalhães — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo,* 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
João Coragem — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Zalmino Zimmermann — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite. 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1957 — N.º 11

Redacção e Administração	Direcção, edição e propriedade	Composição e Impressão
Rua do Salitre, 149, 1.º	de	Editora Gráfica Portuguesa
LISBOA — Telefone 5 66 05	**ISIDORO DUARTE SANTOS**	R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

LUTA INGLÓRIA

É lamentável que a perseguição racial continui a exercer-se na América do Norte contra crianças e rapazes, cujo único delito é serem de cor. Não obstante as determinações superiores, algumas autoridades manifestam rebeldia e perfilam-se em atitudes dúbias para que a segregação não seja levada a efeito.

Estes conflitos tornam-se possíveis num país onde o conceito de liberdade assume aspectos impressionantes, onde o supremo magistrado desce da hierarquia para convencer os outros acerca de obrigações públicas estatuídas na lei. São maneiras de ver e de sentir a Constituição Federal de tão numeroso aglomerado.

Mas a questão não se limita a discrepância de opiniões que podem ser algo justificáveis. Isso é o menos. Entre homens da mesma estirpe todas as coisas se resolvem sem recurso à violência.

O pior é a batalha que se trava num Estado do sul contra a entrada na Universidade dos nossos irmãos de cor, sabido que a própria América lhes deve grandes triunfos no campo da administração e da diplomacia.

E não é sintomático ver esta nação lutar pela liberdade dos pequenos, quando, em sua vida interna, se estimula a desagregação do sentimento nacional, manifestando-se contra a própria expressão da lei?

Se tem, com justa razão, lutado pelos chamados direitos do homem, se ergue a voz em prol dos que têm fome e sede de justiça, porque deixa sequiosos e famintos alguns concidadãos que reivindicam prerrogativas constitucionais?

A segregação racial choca as almas inteligentes e bem formadas.

É na escala evolutiva que se exerce o drama universal. Nela a história busca a razão de muitas quedas e de muitas catástrofes.

Deus não faz acepção de pessoas. Entre os lapões e os negros só há diferenças geográficas. Todos sentem amor à terra e por ela morrerão, se necessário for. E o mesmo entre os arianos, que também se degladiam por causa idêntica... E o mesmo entre os malaios...

E não há, Senhor, não há razão para combate desumano a uma raça dócil que deseja trabalhar e viver em paz.

Na África do Sul o preconceito existe há perto de três séculos com o fundamento de criar ali uma nação de brancos, em detrimento das populações bantús, que aumentam em grande escala, a seguir aos índios, cuja natalidade ultrapassa tudo, em ritmo acelerado. Dir-se-ia que a Natureza compensa a repressão feita pelas classes privilegiadas com índices de natalidade superior.

Não há muito que nas ruas de Cape Town ou de Durban (Porto de Natal) o passeio público e os carros eléctricos (bondes) se destinavam a toda a população, com predomínio dos brancos. Se um deles entrava num passeio e vinham em sentido contrário alguns homens de cor, estes tinham que sair para que o outro passasse. Os carros eléctricos, por sua vez, tinham um segundo pavimento ocupado quase sempre por gente de cor. Mas se um branco subisse ao «poleiro», como lá se dizia, e ocupasse uma bancada, os irmãos de cor que viessem depois não podiam sentar-se à frente do branco.

Isto apreciámos nós com os próprios olhos. Se é «apartheid» (desenvolvimento paralelo ou separado das raças) é um «apartheid» muito inglório, revelador de predomínio sistemático em desacordo com as normas cristãs. Que seria esta região sem o braço indígena, sem o seu esforço nas minas do Rand?...

Por isso as notícias da América nos impressionam. O mundo não progredirá no justo sentido, enquanto as raças humanas permanecerem em luta por hegemonias que denotam atraso moral.

DEFORMIDADES

NAS APARIÇÕES DOS MORTOS

Por RAOUL MONTANDON

I

Numa exposição baseada nas experiências feitas com a famosa médium americana «Margery» (Sr.ª L. R. G. Grandon) com o fim de se obterem impressões digitais de personalidades vivas não presentes às sessões, ou de desencarnados, o Sr. De Vesme ventilou o problema, tantas vezes discutido, da natureza exacta do corpo fluídico *post-mortem*. Com efeito, diz a respeito das impressões digitais atribuídas a Walter, irmão de Margery, já falecido:

> «Creio útil salientar que, embora admitindo que as impressões digitais atribuídas a Walter tenham uma origem autênticamente sobrenatural, nunca acreditei que representem as circunvoluções epidérmicas dos dedos do falecido irmão de Margery (de quem não existem impressões digitais em vida). A minha razão é esta:
>
> Em polémicas prolongadas, com pesar de Gabriel Delanne e de outros espiritas, sempre sustentei que, admitindo a sobrevivência da personalidade humana, assim como a existência dum corpo «etéreo» e dum «perispírito» — cada um pode dar-lhe o nome que quiser — este corpo fluídico certamente não conserva, após a morte, a forma exacta do corpo somático, isto é, do corpo em carne e osso. Efectivamente, suponhamos um ser anão, corcunda, estropiado, etc., etc. Permanecerá ele tal como é no Além? As pessoas belas permanecerão encantadoras e as feias conservar-se-ão repelentes? O corpo etéreo dum homem falecido aos cinquenta anos, mas que, desde a infância, teve a pele corroída pela lepra, ficará no mesmo estado no mundo dos espíritos? Os próprios espíritos declaram que não. Mas então o corpo etéreo não tem, no Além, a forma que tinha o corpo material na Terra?! Tornai grande e belo um corcunda, um anão corcunda e feio. Transformar-se noutra pessoa, será irreconhecível. Uma mulher morta em pleno esplendor da sua beleza e da sua força, ficará mais favorecida do que se tivesse vivido até à decrepitude? Não? Mas então em que idade se deterá a forma do corpo fluídico? Aos vinte anos? Aos trinta? Se o nariz dum homem se alarga com a idade, se torna grosso e descaído, em que momento se deterá o nariz fluídico? Aos quinze anos? Aos quarenta?... E assim por diante. Vê-se como tudo isto é infantil».

Apresentado sob esta forma, tudo isto parece, na verdade, infantil. Mas não se poderá encontrar uma hipótese que, admitindo inteiramente a tese espirita — dificilmente contestável — dum «perispírito», não conduza a conclusões tão absurdas? Talvez que o exame e a comparação de alguns factos judiciosamente escolhidos pudesse trazer um pouco de luz a um problema ainda imerso em obscuridade. E a tal estudo consagraremos estas páginas.

Recordaremos em primeiro lugar as experiências, infelizmente muito pouco conhecidas, feitas em Lião pelo magnetizador-curador Augusto Bouvier, que, desencarnado em 1931, deixou atrás de si a reputação de homem da maior probidade e cujos cuidados curaram e aliviaram um número incalculável de doentes, muitas vezes já abandonados pela Medicina.

Bouvier, que procurava demonstrar experimentalmente a existência do «duplo» fluídico ou «corpo etéreo», teve a ideia de fotografar alguém a quem fora amputado um braço, colocando-o sob um feixe de raios infra-vermelhos, de tal maneira que o braço supostamente existente ficasse banhado por estes raios. Ora, a fotografia obtida nestas condições, — fotografia que esteve em nosso poder e examinámos demoradamente — deixa ver, partindo da espádua, e sob a forma duma sombra muito nítida sobre fundo claro, os contornos do braço e dos dedos da mão. Mas o mais curioso (este é o ponto principal) é que a mão fluídica reproduz uma deformação grave sofrida pelo amputado e provocada por um ferimento anterior à ablação do braço; noutras palavras: o «duplo» da mão, nessa altura já inexistente, não se apresenta tal como era de nascença, mas sim com uma deformidade absolutamente semelhante à que se verificava na mão material. Deformidade que, podemos acreditar, persistiu ou persistirá até à morte do indivíduo.

Os resultados obtidos por Bouvier são da maior importância, não apenas porque confirmam a existência desse famoso «duplo» que os espiritas e todas as escolas de ocultismo admitem, mas sobretudo porque demonstram que este duplo — reprodução perfeita do corpo somático — não se imobiliza

numa forma fixa e convencional, mas, pelo contrário, sofre todas as vicissitudes do crescimento, da formação, da destruição, às quais se encontra exposto o corpo físico no curso da sua existência terrena. De resto, já de tal se suspeitava, desde as experiências de desdobramento provocado realizadas por De Rochas, Durville, Lancelin, Lefranc, etc., experiências estas que demonstraram que o «duplo», nos seus diversos elementos, se apresenta como um «sósia» estritamente semelhante — plàsticamente falando — ao indivíduo, tal como se apresenta no plano físico à nossa visão normal.

Neste caso particular, ficaria por elucidar um ponto delicado: o de saber qual é exactamente, na sua essência, o duplo do braço e da mão que aparece nas fotografias obtidas por Bouvier. Tratar-se-á aqui do «duplo etéreo», que os ocultistas consideram como formado ainda de matéria física, ou do «duplo astral», cujas dimensões e forma, durante a vida do indivíduo, parecem ser igualmente uma réplica do corpo etéreo? Sabemos, com efeito, que, da mesma forma que o corpo físico possui um duplo etéreo, este seria apenas representação semi-material de *duplo* mais subtil, formado por substância astral. De resto, a mesma incerteza se apresenta para as fotografias de duplos que puderam ser obtidas — por vezes espontâneamente e sem que se procurassem — de pessoas vivas. Admitamos provisòriamente que, para estas últimas, assim como para as obtidas por Bouvier, a imagem fixada na película tenha sido reproduzida pelas radiações combinadas do duplo etéreo-astral. Se nos inclinamos a admitir uma acção combinada dos dois duplos é porque nos baseamos nas seguintes considerações:

Segundo as observações feitas por Lancelin no decorrer das suas numerosas experiências, verificou-se que o duplo etéreo (centro da vitalidade ou alma vital) nunca se afasta mais do que alguns metros do corpo físico. Desde que o duplo astral (centro da sensibilidade ou alma sensitiva) tende a afastar-se, o duplo etéreo reintegra-se imediatamente no corpo físico momentâneamente abandonado; sem este regresso ao organismo fisiológico, o elo vital que liga o corpo somático ao duplo etéreo poderia romper-se, o que provocaria irremediàvelmente a morte do indivíduo. Ora, há fotografias de duplos, tiradas a grandes distâncias, de indivíduos desdobrados e num momento em que o duplo etéreo se encontrava, senão no próprio corpo do indivíduo, pelo menos na sua vizinhança imediata, uma vez que os raios que impressionaram os sais de prata só podiam emanar do corpo astral exteriorizado e não do corpo etéreo.

Sabe-se que, entre os fenómenos de materialização obtidos em dois locais diversos e em épocas diferentes, se viu que às vezes as formas humanas materializadas acusavam deformidades mais ou menos visíveis. Recordamos, a título de exemplo, o seguinte caso escolhido no volume de Florence Marryat «A Morte não Existe», em que a autora expôs imensidade de fenómenos aos quais assistiu no decorrer da sua existência, especialmente na Índia, na Inglaterra e na América.

«No mesmo instante, — diz F. Marryat — senti certa mão sobre a minha cabeça, enquanto os dedos brincavam docemente com os meus cabelos, ou me puxavam os pequenos caracóis para a testa. Murmurei:

— Quem é?

— Não me conheces? Sou John Powles... Enfim, enfim, depois dum silêncio de dez anos, vejo-te, falo-te novamente face-a-face!

— Como poderei eu estar certa de que é a tua mão? *Peter* (o guia do médium) pode ter materializado a mão para me enganar...

A mão deixou sùbitamente de me acariciar a cabeça, para passar as costas sobre os meus lábios, e eu notei que estavam cobertas de penugem. Lembrei-me então como as mãos de Powles se haviam tornado, expostas ao sol da Índia, durante a escola de tiro, o que me levara a alcunhá-lo de «Esaú»! Veio-me de súbito à ideia que ele deslocara o pulso esquerdo durante um jogo de «criket».

— Deixa-me apalpar-te o pulso — disse eu.

Imediatamente a minha mão foi colocada sobre o osso deformado. Depois sugeri:

— Gostaria de seguir o contorno da tua mão.

Concedida a autorização, tacteei com os dedos, desde o pulso ao cotovelo, seguindo até ao ombro, que terminava *no meio das costas de Miss Sh* (a médium). Eu não estava ainda inteiramente satisfeita, porque me parecia difícil acreditar assim na identidade duma pessoa que me fora querida, tanto medo eu tinha de ser enganada.

— Queria ver a tua cara...

— É-me impossível mostrar-me esta noite, mas podes senti-la.

E a face, com bigode e barba, encostou-se por um momento à minha. Então, a mão veio de novo colocar-se sobre os meus cabelos. Continuando a brincar com os meus caracóis, a voz, a *própria voz* de John Powles, falou-me de tudo o que de importante se passara entre nós, quando éramos amigos na Terra.

Imaginai dois seres que estiveram intimamente ligados durante anos, encontrando-se, a sós, depois de longa e penosa separação; pensai em todos os assuntos particulares que terão para contar um ao outro... Compreendereis assim, por que razão não posso transcrever aqui tudo quanto foi dito nessa noite! Para

melhor me convencer da sua identidade, John Powles falou-me de todas as preocupações que eu tivera, mencionou cenas, ora tristes, ora alegres, que ambos havíamos presenciado. Recordou-me incidentes que eu já esquecera: nomeou locais e personagens só de nós conhecidos. Se eu não acreditasse no Espiritismo, aquela conversa não poderia deixar de me converter!...»

A mesma personalidade já se manifestara no decorrer de sessões anteriores. Eis o que diz a senhora Marryat:

A figura de Joh Powles aparece, muito diferente da outra vez, tendo os seus próprios traços e a sua carnação; mas os cabelos e a barba (castanhos em vida) pareciam fosforescentes, como se fossem de fogo «vivo»... *Peter* (o guia do médium) disse:

— Dê-lhe a sua mão!

Dei-lhe a mão; e enquanto ma beijava, o bigode *queimava-me!* Não posso explicar isto, limito-me a relatar o facto.

Logo que, em pensamento, se procura fazer reviver esta cena, tal como é descrita por Marryat, certamente não se tem a impressão de entrevista entre um vivo e um «cascão astral», ou entre um vivo e uma forma ideoplástica emanada do médium ou da própria senhora Marryat. Os «cascões astrais», tal como no-los descrevem os ocultistas, aparecem como pálidos reflexos da verdadeira personalidade; uma espécie de manequim desprovido de vida essencial, com memória evanescente, de gestos estereotipados e automáticos. Aqui, nada de semelhante; o suposto John Powles está bem vivo, lembra-se de tudo quanto assinalou a sua última passagem na Terra e fala a esse respeito longa e intimamente com a sua interlocutora. Esta, por seu lado, encontra na forma materializada do seu amigo os caracteres distintivos do rosto, a sua carnação, a penugem da mão, os traços duma deformidade causada em vida por um acidente e reconhece a sua maneira de falar e o timbre da sua voz.

Poderemos falar com verosimilhança de «cascão astral» ou de ideoplastia? Parece-nos que a hipótese da presença do próprio John Powles é a que melhor se adapta às particularidades da sessão descrita. É a hipótese que reteremos, salientando que o desencarnado estava em condições de dar como prova a deformidade de que atrás falámos e que se revelou sob os dedos da senhora Marryat, tal como ela a conhecera.

Nas memórias escritas pela senhora Jelihowsky, irmã de H. P. Blavatsky, que contêm observações do mais alto interesse e muito instrutivas sobre as faculdades psíquicas e os «poderes» da Fundadora da Sociedade Teosófica, lemos a descrição que se segue. As duas irmãs habitavam então, com seu Pai, em Rougodevo, perto de S. Petersburgo, numa propriedade que pertencia à senhora Jelihowsky. Estava-se no princípio de 1859, época em que ninguém se dedicava ao Espiritismo naquela região da Europa. Eis a descrição:

Na segunda ou terceira tarde após a nossa chegada a Rougodevo, caminhávamos ambas ao longo dos canteiros de flores, em frente à casa. As janelas do rés-do-chão deitavam para o jardim, e as das três outras fachadas estavam rodeadas pelo vasto e velho parque sombrio.

Tínhamo-nos instalado no primeiro andar, que se compunha de nove ou dez grandes compartimentos, enquanto o nosso pai, já idoso, ocupava um aposento no rés-do-chão, à direita do grande vestíbulo. Os compartimentos da esquerda não eram habitados e enquanto aguardavam futuros visitantes permaneciam vazios e fechados à chave. Os criados habitavam do outro lado da moradia e não podiam ser vistos do local onde nessa altura nos encontrávamos. As janelas dos aposentos vazios distinguiam-se em vivo relevo, sobretudo a do compartimento do ângulo esquerdo; os raios do sol, que se punha em toda a sua glória, reflectiam-se nestas janelas e iluminavam-nas completamente.

Caminhávamos em todos os sentidos na álea de cascalho, em frente das janelas, e de cada vez que passávamos perto do ângulo da casa, minha irmã (H. P. B.) deitava às janelas um olhar estranho e penetrante e demorava-se ali com expressão e sorriso enigmáticos. Acabei por notar aqueles olhares furtivos e aquele sorriso e perguntei-lhe o que lhe chamava de tal maneira a atenção.

— Será preciso dizê-lo? Pois bem, se me prometes não te assustares... — disse ela hesitante.

— E por que razão me havia de assustar? Graças a Deus, pelo meu lado nada vejo. E que vês tu? Como é costume, visitantes do outro mundo?

— Nada quero dizer-te agora, Vera, porque não os conheço. Mas se não me engano, parecem ser os habitantes, ou, pelo menos, a sombra dos habitantes dum mundo que certamente não é o nosso. Reconheço-o por vários indícios.

— Que indícios? Têm a aparência de pessoas mortas? — perguntei eu, com certa inquietação.

— Oh! não, — disse ela — porque nesse caso os veria mortos, nas suas camas, ou no caixão. Estou habituada a ver esses espectáculos. Mas estes passeiam e parecem viver. Não há qualquer razão para que me lembrem a sua morte, visto que os não conheço e que nunca os encontrei em vida. Mas não são antiquados! Só se vêem aqueles trajos em velhos retratos de família. Contudo, há um que constitui excepção!

— Como é ele?

— Dir-se-ia um estudante alemão ou um artista. Traz uma blusa de veludo preto, com um cinto largo de couro... Os cabelos são compridos, caem em pesados anéis sobre as costas e sobre os ombros. É um rapaz muito novo...

Mantém-se à parte e parece olhar numa direcção diferente dos outros.

Mais uma vez nos tínhamos aproximado do ângulo da casa e ambas olhávamos para o compartimento vazio, através dos vidros brilhantes da janela. O sol poente iluminava-a vivamente com os seus raios. Evidentemente, o compartimento estava vazio, mas apenas para uma de nós. Para minha irmã estava cheio de imagens, sem dúvida as dos seus antigos habitantes, há muito desaparecidos.

Madame Blavatsky olhava com intensidade e descrevia:

— Ali, ali, ele olha para o nosso lado! Vê! — murmurava ela — parece surpreendido por nos ver. Agora desapareceu. Como é estranho! Dir-se-ia que se fundiu neste raio de sol.

— Chamemo-los esta noite e perguntemos-lhes quem são!

— Podemos fazê-lo, mas para quê? Poderemos ter confiança neles, acreditar em qualquer deles? Pagaria fosse o que fosse para comandá-los e governá-los como *eles*... Como certas pessoas que poderia citar o fazem. Mas não posso. Será preciso ainda que eu fracasse durante anos — disse ela com desgosto.

— Que queres tu dizer por *eles?*

— *Os que sabem e os que podem...* — não os médiuns — disse com desprezo. Mas olha! Que espectáculo! Oh! que monstro horroroso! Quem será?

— Ora vamos! Para quê dizer-me: olha! Como poderia eu olhar, se nada vejo, se não sou clarividente como tu? Diz-me, como é essa personagem? Se é muito horrorosa, cala-te! — disse eu sentindo um arrepio de frio percorrer-me toda.

E como fosse falar, gritei:

— Não, peço-te que não digas mais nada, se é assim tão horrível!

— Não tenhas medo, nada tem de horrível, eu é que julgava. Ei-los agora. Mas há um que vejo muito vagamente. É uma mulher. Desaparece e aparece constantemente na sombra daquele canto. Oh! eis uma velha, uma senhora idosa que está ali e que me olha como se estivesse viva. Que velha gorda e afável deve ter sido! Tem uma carapuça branca, plissada, na cabeça, um lenço branco cruzado nos ombros, um vestido cinzento curto e estreito e um avental de quadrados.

— Mas é um retrato da época flamenga que estás a descrever-me — disse eu rindo —. Vamos lá, parece que estás a querer enganar-me!

— Juro que não! Mas lamento que não possas ver.

— Obrigada... eu não lamento nada. Paz a todos esses fantasmas. Como é horrível!

— Não, não é horrível! Todos eles têm ar de boas pessoas, muito naturais, excepto talvez aquele velho.

— Senhor! Que velho?

— Um velho muito bizarro, descarnado, com ar fatigado e de sofrimento. E depois as unhas dele intrigam-me. São umas unhas horríveis, compridas, ou melhor, são garras com mais de dois centímetros.

— Que Deus nos acuda! — gritei eu —. Quem será? Deve ser certamente...

Eu ia dizer: «o diabo em pessoa», mas parei subitamente, a tremer. Sem poder reprimir o terror, afastei-me da janela e pus-me a distância tranquilizadora... Minha irmã veio depois juntar-se a mim, triste e pensativa. Disse-me que gostaria de saber quem eram os que acabava de ver. Estava certa de que aquelas sombras eram o reflexo retardado dos que um dia haviam habitado aquela casa vazia. Repetiu-me muitas vezes:

— Pergunto a mim própria quem será aquele velho. Porque deixaria ele crescer as unhas como um chinês? E depois outra excentricidade, traz um barrete preto, muito estranho, muito alto, que se assemelha um pouco ao «klobouk» (tiara redonda, coberta por um longo véu negro, usada pelos monges gregos ortodoxos) dos nossos monges.

— Deixa em paz esses fantasmas. Não penses mais nisso...

— Mas, porque havemos de ter medo? Em geral são inofensivos *se não forem encorajados*. E depois estou muito habituada a estes espectáculos, não sinto qualquer mal-estar. Apenas um pesar e uma piedade desdenhosa por esses pobres espíritos. De facto, estou convencida de que nós outros , os mortais, estamos constantemente rodeados por estas sombras, última imagem deixada pelos que nos precederam.

— Então acreditas que estes fantasmas são o reflexo dos mortos?

— Sim, estou convencida... *sei que são*...

— Diz-me cá, queres que chame um criado antigo, um dos que aqui nasceram e aqui passaram toda a vida? Creio que, se lhes descrevermos aquelas formas que vi, reconhecerão alguns dos que em vida conheceram e que aqui morreram...

Era uma boa ideia que foi logo posta em prática. Sentámo-nos nos degraus da porta de entrada e mandámos um criado procurar os servos mais antigos do domínio. Depressa apareceu um pedreiro idoso, chamado Timóteo, que já não trabalhava devido à idade avançada, e o jardineiro-chefe, Oulyan, que tinha cerca de sessenta anos. Um pouco embaraçada ao princípio, fiz-lhes algumas perguntas banais, tais como, quem mandara construir um pavilhão que havia próximo. Perguntei-lhes depois imediatamente, se alguma vez tinha vivido naquela casa um velho de ar estranho, que usava chapéu alto e preto, com unhas muito compridas, vestindo habitualmente um longo manto cinzento, etc., etc. ...

Apenas acabei esta descrição, os dois velhos camponeses, interrompendo-se mùtuamente, disseram que «sabiam bem de quem falava a jovem senhora».

— Se o conhecemos! Mas, certamente! Foi o nosso último *Barine* (amo)! Era exactamente assim, o nosso amo que morreu, Nicolay Mihaijlovitch!

— Statkovsky?

— Não, não, minha senhora! Statkovsky era o nosso jovem amo e não morreu. Era o nosso patrão nominal, por se ter casado com Nitalya Nikolavna, neta do falecido amo Nicolay Mihaylavitch Shousherin!

Eu e minha irmã trocámos um olhar furtivo.

"A VIDA NO PLANETA MARTE E OS DISCOS VOADORES"

Pelo Espírito RAMATÍS

Não é novela, nem relato de aventuras. É a obra mais sensacional deste século acerca da vida humana no planeta Marte. São revelações assombrosas decalcadas na ciência objectiva.

Além de esclarecer, apresenta a solução de vários problemas, relativos às aeronaves e às viagens interplanetárias, esclarecendo o enigma dos discos voadores, sua procedência, objectivos, força-motriz, propulsão, velocidade, voo estático, instrumentos de equipagem, tripulação e sistemas de comando.

Outros capítulos tratam de filosofia, cosmografia, astronomia, ciência atómica, teologia, medicina, cirurgia, psiquiatria, ciências esotéricas, magnetismo físico, solução do moto contínuo em Marte, etc.

Insere capítulos especiais sobre problemas colectivos da humanidade marciana, tais como, noivado, casamento, família, religião, cinema de quatro dimensões, alimentação, fruticultura, aves, flores, edifícios, energia-motriz, indústrias, comércio, forma de governo, etc.

Esgotadas as duas primeiras edições, num total de 30.000 exemplares. Os que temos em depósito foram cedidos em conta firme a ESTUDOS PSÍQUICOS.

1 GROSSO VOLUME DE 415 PÁGINAS, FORMATO 25×17 ..... 100$00

(Enviamos esta obra à cobrança)

Não querendo revelar o segredo aos criados, disse-lhes:

— Ouvimos falar nele, mas não sabíamos quem fosse. Porque usava ele aquele barrete estranho e não cortava as unhas?

— Era por causa duma doença, minha senhora. Um mal incurável, dizem, que o nosso falecido amo contraiu na Lituânia, onde passou muitos anos. Chamam-lhe «plica polonica» (1), já talvez tenha ouvido falar. Ele não podia cortar o cabelo nem as unhas e era obrigado a trazer sempre a cabeça coberta com um barrete alto, de veludo, como o dos padres.

— E como era a sua patroa, Mina Shousherin?

O pedreiro fez uma descrição que não tinha qualquer semelhança com a senhora idosa, de aspecto holandês, que minha irmã vira. Mas, graças a outras perguntas, soubemos que aquela mulher de vestido flamengo era Mina Ivanovna, governante alemã, que vivera naquela casa mais de vinte anos e que o jovem com ar de estudante alemão era na verdade um estudante de Göttingen. Era o irmão mais novo de Statkovsky, morto de definhamento em Rougodevo, cerca de três anos antes da nossa chegada. Soubemos que a sala do canto onde minha irmã viu nessa tarde e muitas outras vezes o fantasma de todas as personagens mortas em Rougodevo, servira, a cada um deles, de câmara mortuária. O corpo passava três ou cinco noites naquela sala, antes de ser transportado para a velha capela, do outro lado do lago.

Ainda aqui, na descrição dada pela vidente, vimos aparecer uma personagem afectada por uma particularidade curiosa: unhas dum comprimento desmedido, diz de Blavatsky, e que ela compara a garras.

Notar-se-á, por outro lado, que a descrição da senhora Jelihowsky não menciona fenómenos sonoros: as personagens descritas por sua irmã parecem mudas, mas nem sempre é assim. Nos artigos consagrados às «Visões Grandiosas nos Ares», escritos precisamente pelo Sr. De Vesme, vemos casos onde estes quadros são acompanhados de fenómenos sonoros; assim, sucede ouvirem-se com maior ou menor nitidez os gritos dos combatentes, os gemidos dos feridos, o rufar dos tambores, a detonação das armas de fogo, o ruído do vento, o marulhar das águas, etc.

(Trad. de M. L. S.)

(1) Terrível doença da pele, muito comum na Lituânia, que só se contrai naquele clima. Os cabelos são gravemente atingidos e não se podem cortar as unhas dos pés e das mãos, o que provocaria hemorragia mortal.

A Origem das Doenças

POR
CYRILO ALLEIXO

Como tudo, as doenças têm a sua origem e a sua finalidade.

Conhecer as causas das enfermidades e os meios de combatê-las, eis uma das maiores ambições humanas.

Com efeito: libertarmo-nos para sempre de seu jugo doloroso, passando a gozar de saúde inalterável, seria, na verdade, a condição ideal, pela qual sempre tem suspirado uma boa maioria dos mortais, para não dizer a sua totalidade, pois que, equilíbrio vital completo, não deve existir, embora muita gente pareça gozar de perfeita saúde.

A verdade, porém, é que nos organismos mais robustos, nas criaturas que, no dizer do povo, parecem vender saúde, há, geralmente, deficiências orgânicas latentes, certos estados mórbidos embrionários, aguardando oportunidade para se manifestarem, se é que essa robustez não passa de simples aparência, encobrindo um mal já existente.

Mente sã em corpo são, eis o ideal da perfeição humana, mas o terreno é bravio de mais ainda para produzir tão belos espécimes. Parece mesmo que nunca se viu tão grande contingente de doenças invadir o globo, levando o sofrimento a toda a parte onde se encontram seres viventes, como se fosse esse o tributo exigido pela natureza.

A cada esforço de Esculápio para derribar o seu rival, este parece tornar-se mais furioso, espalhando com profusão as mais variadas perturbações orgânicas e mentais num à vontade arrepiante, ante muitas das quais a medicina cruza os braços, reconhecendo-se impotente.

Por cada progresso clínico, por cada aperfeiçoamento cirúrgico, as forças contrárias mobilizam e põem em acção novos métodos de ataque, provocando no magnífico campo de experiências que é a natureza humana, novos focos de perturbações.

A defensiva sanitária é obrigada, assim, a alargar seu raio de acção, enquanto invisível e silenciosamente as potências adversas, sem jamais cessarem de agir, vão inutilizando muitos daqueles esforços, deslocando as perturbações para novos e ignorados campos e obrigando, assim, a arte de curar a correr constantemente por um bem que se lhe escapa, na esperança de um dia poder deitar-lhe as mãos.

Os laboratórios manipulam actualmente milhares e milhares de especialidades farmacêuticas, a medicina dispõe da mais variada e moderna aparelhagem, os conhecimentos biológicos são cada vez mais profundos e, no entanto, apesar de tão bem apetrechados, não conseguimos dominar totalmente o inimigo, que, consciente do seu poderio, ri irònicamente das vãs tentativas esculapianas.

Com efeito, todos os estudos, observações e esforços no sentido de desvendar o mistério dos desequilíbrios orgânicos, se têm feito única e sistemàticamente no campo material, como se fosse esse o único capaz de conter todas as raízes do mal e, daí, a falsa posição da ciência, que se vê, por esse facto, obrigada a pesados e improficuos esforços, enquanto não volver o olhar para outras bandas, até agora ignoradas ou desprezadas.

Quando se actua num determinado sentido, repetida e baldadamente, aconselha-nos a lógica a arrepiar caminho e a tomar outra direcção, até ao ponto de reconhecermos que mais uma vez nos enganamos e, então, de tentativa em tentativa, sem malhar em ferro frio, acabaremos por encontrar o que procuramos, pois que, se existe, nalguma parte se há-de encontrar.

Grande insensatez é, portanto, pretender continuar num terreno totalmente remexido e onde não existe aquilo que buscamos.

Porquê esses propósitos infantis, essa teimosia responsável pela sua desastrosa miopia, que, circunscrevendo-lhe os horizontes, a imobiliza em minúsculo reduto?

Porque não despedaçar as algemas que a acorrentam a estreitos pontos de vista, a frágeis concepções, envoltas em poeira secular?

Não é com esses métodos que conseguireis arrancar à esfinge o segredo contido em seu âmago.

O Sol não anda em volta da Terra e esta não se encontra apoiada sobre quatro elefantes brancos colocados sobre as asas dum abutre gigantesco, nem é o único planeta habitado nas imensidões sidéreas.

As estrelas não são meros luzeiros criados para nosso encanto.

Graças a Ptolomeo, Copérnico, Galileu e muitos outros sábios, essas balelas e outras que tais, foram desfeitas, porque esses génios, sentindo-se asfixiar nas concepções desse tempo, souberam emancipar-se de tais puerilidades, mostrando ao mundo a grandeza da obra do Criador, amesquinhada que era por irrisórias convicções.

De então para cá, embora com certa lentidão e dificuldade, o camartelo não tem cessado de trabalhar, abrindo clareiras no matagal da ignorância e da superstição, por onde o sol da verdade se precipita, ávido por espancar as trevas que nos rodeiam e nos impedem de encontrar a solução dos porquês que nos empolgam.

Algumas partes ainda existem endurecidas de longa data com erros sucessivos e métodos antiquados, de mistura com todos os preconceitos, contrastando com o dinamismo da época, teimando resistir ao sopro renovador que varre a superficie do globo e que mais cedo ou mais tarde terão de ceder ante as forças irresistíveis do progresso, empenhadas em substituir os conceitos de outrora, cuja época terminou, por outros que melhor correspondam às actuais exigências do espírito, lentamente amadurecido para deduções mais amplas e mais justas.

A origem dum certo número de doenças, não se encontra no agregado molecular, instrumento posto à disposição do espírito, para sua elevação, através da luta pela vida, dos inúmeros choques e contra-choques com as forças ambientes, que lhe vão assim formando a têmpera exigida em planos mais elevados, onde é chamada a agir, segundo sua trajectória ascendente.

Sendo o organismo físico um instrumento por intermédio do qual vimos à crosta pugnar pela evolução anímica trabalhar por um diploma que nos promova a cidadãos celestes, deve possuir, evidentemente, as características próprias para cada caso, variáveis, portanto, de indivíduo para indivíduo, consoante as exigências impostas pela evolução em cada vida planetária.

Se a existência não visasse esse fim, se emergíssemos do nada para nele mergulharmos, seria plausível que fôssemos dotados duma vitalidade férrea e o tempo decorrido entre o berço e a tumba, aprovei-

O NATAL APROXIMA-SE...

Leitores amigos, aproxima-se a quadra invernosa e com ela as comemorações do Natal. Todos se aprestam para minorar as agruras dos necessitados. Os espiritistas não podem esquecer a sua missão fraterna e decerto contribuirão com o seu óbulo para a subscrição que hoje abrimos nestas colunas. Nunca apelámos em vão para as suas almas generosas. Os donativos vieram de perto e de longe, como orvalho do céu, a tonificar as almas aflitas que não têm uma lareira para se aquecer. E pudemos levar socorro a centenas de famílias.

Tudo serve aos nossos desígnios: roupa usada, calçado, dinheiro, cobertores. O que é preciso é dar, dar alguma coisa de nós mesmos àqueles que não têm.

Recebemos os seguintes donativos:

Centro Espiritualista Luz e Amor	**150$00**
Revista Estudos Psíquicos	**100$00**
Isidoro Duarte Santos	**50$00**
Maria Raquel Duarte Santos	**50$00**
Glória dos Santos Romãozinho	**100$00**
Anónima francesa	**20$00**
	470$00

tado a nosso belprazer; mas, como tal não sucede, temos de conformar-nos com o encadeamento dos factos, de acordo com o melhor ou pior uso dado ao livre arbítrio, nas passadas peregrinações por esta escola que é o mundo.

As leis cósmicas actuam com precisão e segurança, forçando-nos a sucessivas e indispensáveis rectificações, desfazendo erros e indicando-nos directrizes mais conformes o anseio da prisioneira carnal — a alma — nesta arrancada para a frente e para o alto.

Eivados ainda de forte animalidade, restos atávicos do ciclo anterior, não é sem sofrimento que nos desembaraçamos dos múltiplos resquícios inferiores, na purificação a que somos submetidos, por se encontrarem ainda sòlidamente aderidos à parte passional do ser.

Mas o homem tem horror ao sofrimento e, no geral, não pode compreender que vise um bem maior e por isso luta para se lhe esquivar.

A humanidade tem necessidade do concurso da dor, razão por que as moléstias não podem ser banidas, por enquanto, do cenário terreno.

Um corpo fraco, enfermiço, zombando dos recursos da Medicina, cumpre seu nobre papel, servindo os imperativos do seu dono e senhor, se bem que a criatura não tenha geralmente consciência de tal, ansiando antes ver-se livre das mazelas, no impulso instintivo próprio dos seres atrasados.

A causa primária de muitas doenças, é, pois, de ordem moral e espiritual.

Em cada existência vamos dia a dia traçando as linhas gerais de nosso organismo futuro, o molde por onde será formado o instrumento posto de novo à disposição da centelha divina, no anseio de atingir o Absoluto, que sobre ela exerce contínua e potente atracção.

De nós depende, portanto, libertarmo-nos mais ou menos ràpidamente do jugo do sofrimento, acatando as normas ocultas estabelecidas pelo Poder Supremo e que visam a nossa segurança e bem estar.

Mas se há desvios em nossa trajectória, reajustamentos e correcções a fazer, quantas vezes isso só é possível por intermédio de enfermidades, por vezes bem dolorosas!

Seja como for, teremos então de sofrer as consequências de nossas leviandades e, neste caso, que pode a Medicina fazer por nós? Pode, sim, não curando as chagas que se abrem, para darem saída ao pus das imperfeições, o homem maligno que intoxica a alma.

E assim se vêem triunfar dos esforços clínicos as mais variadas manifestações mórbidas, no abençoado afã de restituirem às vitaminas o equilíbrio perdido.

Não admira, por exemplo, que nasça com pulmões fracos e propensos à invasão microbiana, quem, em encarnações anteriores foi responsável pela tuberculização de seres sob a sua dependência, ou que ceda a outras doenças, quem em avatares passados provocou, directa ou indirectamente, em seus irmãos, desarranjos idênticos.

Poder-se-iam fazer mais citações deste género, provando a intervenção de forças amigas, porque rectificadoras, visando ùnicamente arrancar-nos ao atraso em que nos encontramos. Por isso a doença campeia livremente e do Além nos dizem que a cura do cancro e doutras moléstias não é possível ainda, por serem necessárias à humanidade, na sua ascenção para Deus.

Não nos iludamos, pois: a vida não é um fim, mas um meio e o nosso dever é secundar as forças benfazejas que procuram despertar-nos para estados de existência superior, sacrificando diàriamente um pouco do lastro que nos impede a libertação definitiva da doença e da morte.

ADOLESCÊNCIA...

por NEWTON GONÇALVES DE BARROS

Eu estava na terceira série do curso ginasial e Luci no quarto ano.

Luci... coitadinha, muito atenciosa às aulas, muito meiga, muito estudiosa...

Eu... o que estão vendo! Muito graciosa, muito elegante, alma de artista...

Lá isso de estudar... Bem... Eu estudo!

Não se compreende uma artista que não conheça história, francês... muita literatura!

Uma prova de que amo o estudo? Ei-la:

Havia um professor de Português, no meu ginásio, moreno, culto, alto, saudável, cujas aulas prendiam sèriamente a minha atenção! Que prazer ouvir as suas aulas! Que dicção, que gestos, que seriedade!

Como eu gostava das aulas de Português!...

★

Um dia, Luci, toda chorosa, chamou-me a um canto do páteo de recreio e segredou-me o que eu, como boa amiga, jamais direi a ninguém... A ninguém!

★

Desde esse dia a minha vida transformou-se. Não me alimentava bem. Dormia intranquilamente. Sentia uma tristeza inexplicável. Às vezes tinha uma profunda piedade de Luci... Outras, desejava que ela não existisse para não sofrer tanto!

★

Dias após os exames e recebidos os diplomas, Luci entrou radiosa em minha casa. Que transformação!... Trazia uma carta junto ao peito.

A folha cor-de-rosa de papel falava na simpatia de Luci, nas suas virtudes, na sua simplicidade, na sua meiguice...

Silenciara a sua afeição, até àquele dia, para não ferir a disciplina do colégio... o professor de Português!...

Rimo-nos a valer. Pulámos e cantámos muito!...

Para mim foi uma grande emoção!

Uma... grande... alegria!...

★

Desde então, aumentou o meu fastio, a minha insónia, a minha tristeza.

Tive ódio ao professor de Português.

Não sei porquê, mas tive.

Desejei que Luci morresse. Desejei, sim!

Não sei porquê, mas desejei.

Chorei muito.

Não sei porquê, mas chorei.

À tardinha, na Ave-Maria, com um sol arroxeado e uma quietude de sepulcro, tinha angústias indescritíveis, uma saudade, uma tristeza, um desespero imenso...

Tive desejo de morrer e ser enterrada de branco... Tive vontade de ir para uma montanha toda anilada e ficar lá, esquecida do mundo, sob um triste coqueiro, olhando para fora da vida...

Papai acha que estou ficando moça. O médico diz que tenho alergias. O director do colégio falou que estudo demais. Os colegas dizem — vejam que absurdo — que é apaixonite aguda!

E eu sinto que não é nada disso.

Nada disso!

E ninguém me entende!

E ninguém me compreende!

Oh! se alguém pudesse ouvir o que eu não sei dizer!...

★

E foi para o estudo desses problemas que se fundou uma ciência. E foi para a compreensão dessas questões que se fundaram e se planejam as Faculdades da Filosofia. Agora, um projecto 1260 reaparece para destruir a técnica pedagógica nascente.

— Srs. Deputados e Senadores: não fechem as Faculdades, que são uma esperança em marcha. Piedade, ao menos, para a adolescência incompreendida e abandonada!

AOS REPRESENTANTES BRASILEIROS

Mais uma vez pedimos aos amáveis representantes brasileiros que se encontrem atrasados em suas contas o favor de enviarem o numerário ao nosso representante António J. Monteiro, rua Miguel de Frias, 20, 2.º-loja, Ponte dos Marinheiros, Rio de Janeiro. Esse atraso resulta para nós em grande prejuízo, visto lutarmos com grande dificuldade para manter a revista.

O mesmo pedimos a todos os assinantes que residam em localidades onde não há representantes.

A DIRECTORA DE
E SEU MARIDO ESTI

Já temos aqui dito, mas nunca é demais repetir, que D. Elodia Cástol de Benavides, é a *alma-mater* do Espiritismo Mexicano, uma das primeiras figuras femininas mundiais das nossas fileiras.

Mulher de vontade férrea e inteligência esclarecida, daquelas que sabem resistir heròicamente a todos os ataques e a todas as intempéries, conseguiu em poucos anos transformar essa amálgama de ignorância, estupidez e crendice que era então o espiritismo mexicano, num Espiritismo esclarecido, científico e progressivo, que é hoje elogiado e admirado em todo o mundo. Muito viajada, conhecendo grande parte da América e da Europa, em toda a parte onde chega faz investigações e experiências, aumentando assim a sua vasta cultura. No seu país é directora da esplêndida revista *Voz Informativa* e do *Instituto Mexicano de Parapsicologia*.

Pois D. Elodia Cástol de Benavides, que esteve há 3 anos entre nós e nos deliciara com uma conferência de perto de duas horas no *Instituto Espiritualista Português*, voltou a Portugal, desta vez acompanhada por seu esposo, Sr. Rudolfo Benavides, e por sua gentil cunhada D. Helena Benavides. Chegaram na tarde do dia 30 de Setembro, de Madrid, no avião da T. A. P., sendo esperados no aeroporto pelo nosso companheiro António Cardoso.

Como a noite de 30 de Setembro era a única livre que tinham entre nós, D. Elodia de Benavides manifestou interesse de ver qualquer experiência interessante, qualquer fenómeno curioso, de que pudesse levar grata recordação para o México.

António Cardoso da melhor vontade satisfez D. Elodia de Benavides. E nessa mesma noite, em sua casa, apresentou-lhe o Sr. Artur Marques da Costa, que tem a interessante particularidade da «escrita invertida». D. Elodia de Benavides fez-lhe um sem número de perguntas e examinou com grande interesse as suas demonstrações. O seu espanto atingiu o máximo, quando o Sr. Artur Marques da Costa começou a fazer as operações também invertidas.

D. Elodia Cástol de Benavides realizando a sua conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor

— É extraordinário — disse D. Elodia. — A escrita invertida é já muito interessante, mas as operações feitas também *ao contrário* excederam tudo quanto podia supor. É a primeira vez que encontro um caso assim.

D. Elodia de Benavides pediu ao Sr. Artur Marques da Costa a sua fotografia e mais alguns dados, pois deseja fazer na *Voz Informativa* uma reportagem sobre este caso.

Na noite seguinte — 1 de Outubro — D. Elodia de Benavides realizou no *Centro Espiritualista Luz e Amor* a sua anunciada conferência, que foi acompanhada de projecções luminosas e um filme colorido sobre a cidade espirita americana Chesterfield. Devemos aproveitar esta ocasião para salientar que a exibição das projecções e do filme se deu graças à boa vontade e cooperação de dois amigos nossos. Com efeito, o Sr. Fernando Percheiro, sabendo que não tínhamos projectores, imediatamente se prontificou a arranjar dois. Por outro lado, o filme sobre Chesterfield vinha partido de Paris, e as dificuldades para o colar postas em Lisboa por uma casa da especialidade deixaram-nos verdadeiramente desiludidos, quando ao caso e à perspectiva de ver o filme! Mas outro amigo nosso — o Sr. Dr. Fernando Alberto Gonçalves — imediatamente nos pôs em comunicação com a *Tobis Portuguesa* que, gentilmente e gratuitamente, consertou a película! Como se vê, com boa vontade tudo é fácil na vida e o mundo seria mais feliz se cada um assim procedesse...

Mas dizíamos nós que no dia 1

«VOZ INFORMATIVA»
ERAM EM LISBOA

tivemos o prazer de ver D. Elodia de Benavides no *Centro Espiritualista Luz e Amor*. Apesar de estarmos em férias, o Centro encheu-se completamente. Gente nas duas salas, no corredor, na sala de direcção. O nosso incansável presidente Isidoro Duarte Santos chegou a dizer:

— Não há lugares. Mas onde vamos meter tanta gente?...

Claro que tudo isto só mostra o enorme interesse que despertou a vinda até nós de D. Elodia Benavides.

Às 21 horas e 30 minutos a sessão começou. Subindo ao estrado com D. Elodia Benavides, Isidoro Duarte Santos convidou para a mesa o esposo da distinta conferencista Sr. Rudolfo Benavides, João José Pilar e António Cardoso. Começou por saudar os espiritas mexicanos ali tão condignamente representados, e traçou, num magnífico improviso, a personalidade inconfundível da directora de *Voz Informativa*. D. Elodia de Benavides, depois de agradecer as palavras amigas de Isidoro Duarte Santos, disse da sua alegria de estar de novo em Portugal, junto de tantos amigos que tem neste cantinho da Europa.

— Desta vez a minha conferência vai ser diferente. Vai ser mais colorida. Menos palavras e mais demonstrações. Assim, vamos começar imediatamente as projecções e à medida que forem passando irei dando as necessárias explicações.

Fez-se escuro na sala e as projecções começaram! Vimos fotografias de materializações na América e na Europa, vimos alguns aspectos dos trabalhos no *Instituto Mexicano de Parapsicologia*, vimos fotografias de doentes considerados incuráveis pela Medicina e curados em pouco tempo por acção magnética, etc., etc., etc.

O sr. Rudolfo Benavides realizando a sua conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor

O filme sobre a cidade de Chesterfield agradou imenso! Toda a vida de uma cidade inteiramente espirita, com os seus hoteis, o seu museu (com objectos obtidos por *apports*, fotografias mediúnicas, etc.) e as suas salas de trabalhos de materialização, faz crescer água na boca para... ir a Chesterfield! Só a distância impede a realização deste sonho!

Na noite seguinte, tivemos o prazer de ouvir o Sr. Rudolfo Benavides numa admirável dissertação sobre *Os Fundamentos Científicos da Grafoanálise*. Começando por dizer que a grafoanálise é uma ciência tão positiva como a química e a astronomia, usada por todas as polícias do mundo, mostrou, por meio de elucidativos exemplos, a sua importância no estudo da carreira de cada indivíduo. Contou, entre outros, o caso de um rapaz americano que estudava arquitectura, que todos supunham ser a sua verdadeira vocação, inclusive ele. Todos o elogiavam, todos viam nele um arquitecto em potência. Mas um dia um famoso grafoanalista examinou os seus escritos, e ao contrário da opinião corrente afirmou que a arquitectura não era a sua vocação verdadeira.

— É no desenho que esta pessoa tem o seu futuro — disse o grafoanalista.

Claro que o rapaz não ligou importância ao caso. Encolheu os ombros, limitando-se a dizer que a grafoanálise era uma intrujice!

O tempo passou. E à medida que decorria, o rapaz sentia cada vez maior inclinação para o desenho. Começou a desenhar, e — maravilha das maravilhas — das suas mãos começam a sair verdadeiras obras de arte. Hoje é nos Estados Unidos um artista de fama...

No final, Isidoro Duarte Santos depois de elogiar a magnífica lição do Sr. Rudolfo Benavides, ofereceu a D. Elodia Benavides uma fita magnética, com duas mensagens aos espiritas mexicanos; uma, sua, e outra de António Cardoso.

Aspectos estatísticos do Espiritismo no Brasil

A população espirita foi a que mais cresceu em 10 anos. 2.500 centros espiritas em 1953 — 89 °/₀ das reuniões são de sessões práticas

POR
ALTIVO FERREIRA

É coisa sediça no meio espírita, já porque assim o afirmam certas profecias, já porque a lógica dos acontecimentos históricos no-lo indica, que o Brasil será o celeiro moral da civilização do Terceiro Milênio, a pátria espiritual da humanidade, onde o Evangelho do Cristo terá a sua glorificação. Aliás, o falecido escritor patrício Humberto de Campos, escrevendo do além-túmulo, dá-nos conta dessa destinação do nosso país, ao intitular uma de suas obras mais interessantes com a epígrafe: «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho».

Sabemos, por outro lado, que a renovação espiritual do mundo se fundamentará na Terceira Revelação, em cujos princípios encontra o homem a solução para os seus máximos problemas de ordem física e metafísica.

Diante desses dois factores para nós incontestes, deve merecer nossa mais acurada atenção o desenvolvimento do Espiritismo em terras do Cruzeiro, tanto no seu aspecto quantitativo, quanto no qualitativo. E, para um exame dessa natureza, nada melhor que os dados numéricos recolhidos pelas estatísticas do I.B.G.E., os quais funcionam como um espelho a refletir a nossa realidade.

A VERDADE DOS NÚMEROS

— Estará o Espiritismo progredindo em nosso país dentro do ritmo desejável?

Eis a pergunta que todos nós fazemos e para a qual encontramos resposta satisfatória nos resultados dos dois últimos recenseamentos, conforme se vê no quadro I.

Verifica-se que, enquanto a população total cresceu de 26 % em dez anos, o número de católicos romanos aumentou em proporção inferior a êsse limite, acrescendo-se de apenas 24 % (numa evidente perda de substância), enquanto os protestantes e espíritas se multiplicavam nos expressivos termos de 62 e 78 por cento, respectivamente. Portanto, a população espírita foi a que, relativamente, mais cresceu entre 1940, demonstrando uma inegável vitória dos postulados kardecianos no seio da família brasileira.

QUADRO I

População total e segundo a religião

Especificação	Censo de 1949	Censo de 1950	% de aumento sobre 1940
População total	41.236.605	51.944.397	26 %
Católicos romanos	39.177.880	48.558.854	24 %
Protestantes	1.074.857	1.741.430	62 %
Espiritas	463.400	824.553	78 %
Outros	520.468	819.560	57 %

POPULAÇÃO ESPIRITA DOS ESTADOS

Êsse aumento da população espírita não foi idêntico em todas as unidades da Federação. Enquanto São Paulo conservou o primeiro pôsto com 242.972 espiritas, número êste que representa 57 % a mais do existente em 1940, Pernambuco se inscreveu como o Estado onde a população mais aumentou, já que a quantidade de espiritas cresceu, ali, no período intercensitário, em cerca de 190 %. Em seguida, e na ordem decrescente, aparece o Paraná com 172 %, Goiás com 157 %, Mato Grosso com 113 % e Rio Grande do Sul com 106 %, todos acusando um aumento de espíritas de mais do dôbro em relação a 1940. O quadro II, com as dez unidades espiriticamente mais populosas, confirma estas asserções.

QUADRO II

Unidades da Federação com maior número de espiritas

Especificação	Censo de 1949	Censo de 1950	% de aumento sobre 1940
São Paulo	155.037	242.972	57 %
Distrito Federal	57.149	123.775	65 %
Rio Grande do Sul	56.113	115.552	106 %
Minas Gerais	59.611	113.920	91 %
Rio de Janeiro	42.277	64.501	53 %
Goiás	17.182	44.198	157 %
Paraná	9.421	26.230	178 %
Pernambuco	6.638	19.237	190 %
Espírito Santo	13.624	18.296	34 %
Mato Grosso	5.899	12.594	113 %

Curioso é notar que a população espirita dessas dez unidades abrange 95 % do total do país, cabendo a São Paulo 30 %, ao Distrito Federal 15 % e ao Rio Grande do Sul 14 %. O Distrito Federal acusa a maior proporção de espiritas no confronto com a população total, com a percentagem de 5,2, o que representa o dôbro da média geral, que é de 2,5 %. Pernambuco apresenta a menor proporção, com a população espirita na base de 0,6%

do total, quando foi o Estado de maior crescimento relativo de adeptos da Terceira Revelação. Mostra isto as grandes barreiras que os nossos confrades pernambucanos têm de vencer e a excelência do seu trabalho em favor da Doutrina.

CENTROS ESPIRITAS EXISTENTES

A par desses dados populacionais, outros existem, não menos interessantes, que o Anuário Estatístico do Brasil, ano de 1955, acaba de divulgar.

Na parte referente a estatísticas religiosas verificamos, por exemplo, que havia em todo o território nacional, no ano de 1953, 2.590 centros espiritas, distribuídos conforme se vê no quadro III, segundo a natureza do templo e a condição de ocupação.

Portanto, 45 % dos centros funcionam em edifícios, 27 % em salões e 28 % em dependências de casas residenciais. Dos 2.590 centros, 1.017 (39 %) são próprios, 665 (26 %) são prédios alugados e 980 (35 %) são dependências cedidas gratuitamente.

Distribuídos pelas mais populosas unidades da Federação, esses centros ocupam a posição estatística que se verifica no quadro IV.

São Paulo, como é natural, possui 780 centros, ou sejam, 30 % do total brasileiro. Mato Grosso, décimo colocado em população espirita, possui apenas 20 centros, com 0,8% sobre o total.

É importante considerar que a Baía, não citada no quadro, por ser o 11.º Estado na colocação populacional, ocupa o 6.ª lugar em número de centros, com 90 unidades. Outro facto curioso é a não existência de nenhum centro espirita nos Territórios de Guaporé, Amapá e Rio Branco.

QUADRO III

Centros espiritas a funcionar (ano de 1953)

Em edifício	Próprio	1.017
	Alugado	66
	Cedido	67
Em salão	Alugado	300
	Cedido	407
Em dependência de casa residencial	Alugada	299
	Cedida	434
Total de centros		2.590

QUADRO IV

Centros Espiritas por Unidade da Federação

Especificação	Centros Espiritas		Espiritas por centro
	Quantidade	% s/ total	
São Paulo	780	30,1	312
Distrito Federal	415	16,0	298
Rio Grande do Sul	251	9,7	460
Minas Gerais	327	12,6	348
Rio de Janeiro	215	8,3	300
Goiás	62	2,4	713
Paraná	69	2,7	380
Pernambuco	69	2,7	279
Espírito Santo	73	2,8	251
Mato Grosso	20	0,8	630
Outros	309	11,9	140
TOTAIS	2.590	100,0	318

Se relacionarmos a população espirita de 1950 com o número de centros, concluiremos que no Amazonas há apenas 71 espiritas para cada centro existente, cabendo o maior número a Goiás, com 713 espiritas por centro, o que está muito acima da média do país, que é de 318.

Conhecidos os aspectos quantitativos do movimento espirita brasileiro, voltemos, agora, para a qualidade do que se faz em matéria de Espiritismo, analisando o

Movimento doutrinário em 1953

Sessões práticas realizadas	334.566
Conferências e palestras ...	39.343
Festas e reuniões sociais	8.812
Adeptos inscritos, em 31-12-53	488.071
Admitidos durante o ano	87.523
Saídos durante o ano ...	51.453

As reuniões (sessões práticas, conferências e palestras) atingiram a 373.909, dando uma média de 144 por cento. As sessões práticas absorveram 89 % do total, ficando apenas 11 % para as conferências e palestras. Assim, cada centro realizou a proporção de 8 sessões práticas por reunião de estudo, o que prova o gosto predominante pelas práticas mediúnicas.

O número de adeptos filiados nos 2.590 centros representa 59 % da quantidade de espiritas. Quer dizer que em cada 100 espiritas (inclusive crianças), 59 estão frequentando algum centro, sendo que o número médio de adeptos por centro é de 188.

SERVIÇOS DE CULTURA E ASSISTÊNCIA

No citado Anuário Estatístico encontramos, também, a informação de que eram mantidos pelos centros espiritas os serviços culturais e de assistência abaixo enumerados:

Hospitais	41
Asilos	91
Escolas	357
Bibliotecas	243
Outros	618
Total	1350

O Espiritismo é de natureza essencialmente educacional. A preocupação dos meios doutrinários deve ser, portanto, o desenvolvimento da cultura e da educação moral. Verificamos, porém, que estamos aquém dêsse imperativo, já que sòmente 14% dos centros mantêm escola e 9 % possuem bibliotecas... Êste é um campo onde teremos de lutar com armas de persuasão e fraternidade!

(De *Unificação*, de São Paulo)

A MORAL

por EDUARDO F. DA CONCEIÇÃO

8.º

A moral tem a sua base no psiquismo, que desvenda os segredos do Eterno e do Infinito, consoante as possibilidades humanas.

Sem a ciência psíquica, resultante da mediunidade, uma natural e outra artificial, que se corroboram, o vulgo, limitado aos seus 5 sentidos, não compreenderia que é um derivado da Inteligência universal, e que o livre arbítrio de que dispõe se acha responsabilizado perante o equilíbrio cósmico, em que as criações gravitam por graus de evolução.

O vulgo, seduzido pelos prazeres mundanos, não medita sobre o Eterno e o Infinito, e a evolução das diferenciações de cada reino, das criações naturais, com os seus cortejos, quer normais, quer deformatórios ou patológicos e sobre os cataclismos sociais ou cósmicos.

As insuficiências e insignificâncias de que o vulgo enferma derivam de Estados e pedagogos que restringem o ensino público à ciência da matéria ou a pouco mais, a qual apenas abrange um dos dois elementos de que a Natureza se compõe.

Os ensinamentos naturais dos grandes profetas de todos os tempos de muito pouco têm valido, perante as organizações sociais, porque a intolerância e a violência dos poderes temporais os têm embargado, em prol das seitas degenerativas que colaboram com os poderosos, pela posse ou sobreposse das riquezas ao seu alcance.

São males de todas as idades, males de tradição, que fanaram a evolução humana, até se chegar ao vício inconsequente dos Capitólios, às Rochas Tarpeias e aos Circos, à maneira romana, de desastrosas consequências, e aos reis e imperadores com os seus nobres e às seitas preconceituosas e dogmáticas.

O útil e o supérfluo actuam constantemente. O supérfluo preterindo o útil expropria os povos da sua soberania e da segurança que importa ao equilíbrio mundial.

O egoismo, a vaidade e o orgulho, que derivam da incompreensão, são as fontes dos males sociais.

Em regra, as juventudes não conhecem outros horizontes que não sejam os do interesse material, pelo qual ilustram a sua ignorância, até se instalarem bem na vida.

Penaliza que, depois da instrução primária, não comecem a ser conhecidos os segredos universais, que induzem os povos à contemplação, à meditação e ao culto da alma, pela consciência dos deveres de cada um e da sociedade em geral.

Raros são aqueles que conhecem o poder dos mortos sobre os vivos, e destes sobre aqueles, ou do poder do pensamento, que atrai pelas afinidades.

O «Notícias» de Lourenço Marques, em 1956, a 30 de Abril, publicou uma entrevista com o professor Danúbio Nunes, em que este, reportando-se aos erros do ensino disse:

...«a vida actual exige mais o documento que a competência para qualquer lugar. Hoje os rapazes vão à escola buscar o diploma que os habilite a determinados cargos e não à satisfação de saberem, de conhecerem. «Se ele tem um diploma também eu o posso ter», pensa qualquer estudante. «Também há-de chegar o meu Santo António e hei-de concluir o meu curso, mesmo que custe» — é uma frase que sublinha bem esse espírito e ouvida tanta vez até na boca de adultos.

...«Certas crianças estiolam por os pais as obrigarem a ser doutores, engenheiros, a tirar liceu, induzindo-as, sem aptidão, para cursos que não desejam, perdendo-se assim verdadeiros valores para determinados ofícios.»

Hoje encara-se o «Dr.» e o «Eng.» como um titular, tal qual um «Duque», um «Conde» ou um «Marquês».

Em concurso com a deformação do ensino oficioso, ostentam-se outros cenários, que conduzem à deformação moral: o boxe, a bola, a tourada, etc.

Em tempo, o professor já falecido (Dr. Humberto d'Avelar) referindo-se à deformação dos costumes, disse que não gostava de ditaduras, mas gostaria de ser ditador para abolir o cinema, que era uma escola de desregramento.

Grandes são os esforços dos homens de boa vontade, pelo esclarecimento da humanidade, mas os interesses criados e a criar embargam os seus feitos.

Os atrasados consideram utopia as doutrinas que ultrapassam a sua meta e atacam-nas a torto e a direito. Não permitem as florações do espírito e servem-se da propaganda para pintar fantasias e papões. A este respeito, Tomás Morais publicou o livro «A Utopia», que o Dr. José Marinho traduziu. Esse livro figurou uma República utópica, sobre o que é e o que devia ser.

Nos Estados utópicos, as leis, em número e extensão, são circunscritas ao útil, para que todos as conheçam e compreendam.

Os antiutópicos só se apartam dos seus bens quando colhidos pela velhice e próximo da agonia. E mesmo assim, é com soluços e lágrimas que renunciam àquilo que já não lhes é possível continuar a possuir.

A teoria do «teu» e do «meu», que cria pobres e ricos, caracteriza-se por leis tão numerosas, extensas e confusas, que nem pelos seus próprios autores são compreendidas ou respeitadas.

As más atmosferas transviam os homens. Deformam-lhes o carácter e lançam-nos na perdição. Este é o caso de alguns poderosos, que se sobrepõem a tudo e a todos e que acabam por perder-se.

A missão de julgar raramente cabe aos mais idóneos. A sua justiça é demasiado cruel para punir o crime e demasiado fraca para o evitar.

É pela liberdade, igualdade e fraternidade, que os povos se dignificam e alcançam a sua emancipação. É este o princípio que induz os magistrados ao cumprimento do dever.

A verdade faz o homem livre. A verdade salva o homem. A verdade vence tudo.

A mentira gera o faminto que rouba para não morrer de fome e que é castigado por roubar.

Nos regimes anacrónicos, por

boas ou más que as causas sejam, há sempre juizes contraditores.

É pelo prazer e posse do alheio que os ociosos amam as armas, e olham os outros com altivez. Não compreendem a nobreza do trabalho, nem a modéstia daqueles que por eles se sacrificam.

As conquistas de todos os tempos sempre resultaram em pura perda, mas nunca serviram de lição aos muitos que se propõem os mesmos feitos.

Os ambiciosos ignoram que é mais fácil realizar conquistas do que conservá-las.

O ambicioso que atinge as culminâncias, perpetua as lutas em sua defesa. Cultiva os louvores e os privilégios, converte as contribuições em impostos, agrava estes constantemente e multiplica os sofrimentos.

Quanto mais se prodigaliza o supérfluo, mais louvores se ostentam.

As classes ociosas só cuidam de regalias e pompas, de preconceitos e dogmas; de artifícios injustificáveis. São elas a razão das revoluções tumultuárias.

A legislação que não tem por base a síntese e a modéstia, é contraproducente e anacrónica.

A megalomania é um mal que procura curar os males alheios.

A má fé é realçada pelas aparências em contrário.

Os poderes de Estado são cobiçados por todos os grandes criminosos que quanto mais se intelectualizam mais perigosos se tornam.

As oligarquias consomem no supérfluo o que é indispensável ao útil. Defendem a desigualdade social, e encarniçam-se nessa defesa, porque desconhecem que a igualdade social, que dignifica o ser humano, nada tem com a desigualdade física, que distingue os indivíduos e os povos e que concorre para a variedade que cria a beleza.

A soberania dos povos impede a criação das oligarquias que deformam a moral.

Antigamente os homens sacrificavam os bodes e os carneiros pela expiação das suas culpas, em holocausto a Deus, e aos sacerdotes cabiam os melhores bocados. Dessas práticas se aproveitavam os mercadores, que iam aos templos explorar a crença e a fé. Na actualidade os processos são diversos, mas os homens continuam a sacrificar os animais inofensivos com que viciam a sua alimentação e se tornam sanguinários.

Os homens não se limitam a comer os ovos das aves e a beber o leite dos quadrúpedes: também lhes devoram as carnes.

O homem pervertido pelos costumes não se limita ao necessário: ambiciona sempre mais. Depois de explorar os outros e a superfície terrestre, vai ao subsolo arrancar a riqueza que lhe renda caudais. Trabalha-o de dia e de noite, permanentemente, e expõe as suas vítimas à silicose, às explosões e às derrocadas que as aniquilam. É a ambição levada aos extremos.

O obscurecido nutre culto pelo rico, com o disfarce da caridade e da piedade pelo pobre. Tem culto pelos mortos e reza pela sua alma, mas não conhece o poder do pensamento, quer dos vivos, quer dos mortos, que se atraem mùtuamente, consoante as suas afinidades, do que resultam benefícios ou malefícios, segundo a moral de cada um ou dos povos. E assim se tem feito da Terra um pandemónio, onde uns ostentam miséria e outros honrarias.

O amor conduz à fraternidade, mas é transgredido em quase todo o mundo.

Os que pedem a Deus perdão e misericórdia, desconhecem as leis naturais que são retribuitórias.

Se a Natureza, figurada em Deus, julgasse os indivíduos como os homens o fazem, o Universo seria um caos, um inferno perpétuo. O homem põe e Deus dispõe.

Os antigos esculpiram no templo de Delfos esta máxima: «Conhece-te!» Com efeito, se o homem se conhecesse, como derivado do Universo e com a sua própria composição, outros seriam os fados da humanidade. Não necessitaria de médicos nem de advogados.

O erro das vocações e a sua imposição, nada tem de racional. A tendenciosidade é o que mais predomina nas leis sociais.

A felicidade que transgride os deveres é um fruto do presente que tem o seu reverso no futuro.

Os bem instalados na vida, que lesam a vida alheia promovem alianças e declarações de amizade que não passam de maliciosidades desmentidas.

O ensino do indivíduo devia compreender não apenas a sua instrução, mas também a defesa da sua Pátria, para que a ela acorra nos momentos próprios.

A miséria cria mercenários que descem a todas as indignidades.

A fonte criadora é universal: dá e recebe.

A morte é uma transição. Iludem-se aqueles que julgam que tudo acaba com ela. Se a alma morresse com o corpo, não haveria sóis, nem planetas entrelaçados fluidicamente, pelo equilíbrio cósmico. Os planetas não teriam movimento de rotação e translação. Os animais não se manteriam sobre a Terra. O Universo seria uma estagnação e não movimento contínuo.

O foco universal, fonte de todas as criações, equilibra-as nos mais diversos cursos, em sentido ascencional. É a realidade transcendente, de que só os grandes médiuns dão conta, através de apurada moral, da dupla vidência, da intuição e de outras faculdades que a Natureza atribui às pessoas de boa vontade.

A metafísica, a metapsicose e a palingenesia, a Teosofia e o Espiritismo, são factores do abstracto e do concreto, que têm os seus significados em todos os dicionários, como realidades indiscutíveis.

Os inadvertidos festejam os que nascem e choram os que morrem.

Os que nascem surgem para o cumprimento de deveres. Os que morrem ficam com o espírito livre do seu fardo e de muitas contingências. O choro pelos mortos é contraproducente. Chorá-los é ignorar as leis da Natureza. Nascer, morrer e renascer, são fenómenos que assinalam a perpetuidade da vida.

Os mortos conscientes do seu estado pedem aos vivos que os não chorem, porque o choro os faz sofrer.

Quando a alma se acha iluminada pela verdade, ascende aos planos superiores, onde a vida é radiosa e de onde dimanam os grandes ensinamentos.

A alma liberta, que vive na obscuridade, erra na atmosfera terrestre a penar e a atormentar os mortais.

Os esplendores do Universo têm as suas reflexões na multiplicidade das flores, de coloridos aromas e formas, na música e na alegria.

O homem, quanto mais conhece os deveres, mais esquece o «eu». Descentraliza-se e descentraliza. Luta pela vida em comunhão com os outros. Não atropela nem embarga.

Por isso a liberdade, a igualdade e a fraternidade, quando conscientes, criam laços indissolúveis e reciprocidade no zelo.

«MENSAGENS DO ASTRAL»

pelo Espírito RAMATÍS

Livro extraordinário pela contextura e pelas revelações que contém.

1 volume de cerca de 500 páginas — 140$00

ECOS DE U

Por ISIDORO

XX

UM BRAÇAD

A manhã de 2 de Junho ficou livre para a nossa correspondência. Quem viaja pelo mundo tem necessidade de uma ou outra fuga. Nem sempre ovações, nem sempre cortesia, que acaba dando ao homem noção errada do seu vulto.

A tebaida amiga de António Augusto dos Santos dera-nos inexcedível conforto. Tão acolhedora, tão carinhosa, tão familiar no trato, dir-se-ia viveiro de pensamentos bons a irradiar sobre o mundo. Nós e o Amadeu dormimos no mesmo quarto. Falávamos, falávamos, como dois amigos que querem dizer tudo numa noite... E os queridos hospedeiros todos os dias eram «criticados». Não havia direito de nos tratarem tão generosamente. Que haviamos feito para isso?

À mesa, Portugal andava de boca em boca, como assunto obrigatório. Era o Norte, era o Sul... o mar e os campos... os frutos e as flores... Era o sol, que beijava suavemente, e o azul do céu, menos agressivo que nos trópicos... E aquela gente... Uma prole culta de professores, advogados, engenheiros, onde o coração imperava como vassalo e suserano. E simples e modestos, à moda brasileira...

O Amadeu, com seus três cursos (filosofia, ciências jurídicas e jornalismo) não deixava de ser um poeta e amigo da primeira pátria.

— Isidoro, vamos escrever um livro sobre os vultos portugueses no Espiritismo do Brasil?

E dava uma lista de nomes conhecidos do grande público, pioneiros de envergadura, alguns dos quais já foram mencionados nesta obra. Mas ele queria mais pormenores.

Nunca tivemos amigo melhor do que este Amadeu, que tanto nos auxiliou, aplanando caminhos em seu papel de Cireneu exemplar. Acrescentava sempre qualquer coisa à nossa pequena valia, amplificando o bem e silenciando o mal.

Tanto que falámos no António Augusto dos Santos e em sua esposa, verdadeira Egéria daquele alfobre de almas! Cada qual em seu leito saboreava o descanso após a refrega diária, até que Morfeu lançasse sobre nós o manto benfazejo.

E às vezes um continuava a falar, quando o outro estava à léguas de distância... Eram projectos idealistas, cheios de realidade, porque o viajante «ficaria no Brasil» ou «voltaria breve com armas e bagagens...»

O tabernáculo de António Augusto dos Santos

Oh! Quem dera poder ficar entre tantos amigos, ligado às suas aspirações e às suas obras!...

Belo Horizonte? Sim, ficaríamos em Belo Horizonte, cidade linda, de clima incomparável! Mas gostaríamos de ficar também nas outras, igualmente lindas, igualmente incomparáveis, cheias de pitoresco e de verdura! Gostaríamos de ser imenso para ficar em todo o Brasil! Metê-lo no coração, este coração que se emociona sempre ao recordar as amizades que lá ficaram a sonhar com outra viagem...

★

Mas a tebaida do António dos Santos andava em nós como perfume delicioso. Era a Nice com sua voz romântica; a Zinda, expressiva e intencional; era o Ildeu, a cursar Medicina e atraído pelo belcanto... Era o engenheiro Osvaldo, a modéstia e a simpatia impressas no olhar... E outros, que iam e vinham em romaria... O Amadeu estava encantado.

— E se ficássemos aqui? Não era a sorte grande?...

Sim, era. Nós já a sentíamos. Desde o primeiro dia, desde a primeira hora... Nova família cheia de graça, nela se confundiam duas pátrias irmãs cingidas no mesmo abraço.

Na sala, era Portugal. Todas as províncias. A voz das fontes e a voz dos prados. O pegureiro, as ovelhas mansas e a saudade a humedecer os olhos. Um toque de trindades a chamar os homens para a vida.

O Ildeu é um belo tenor. Ouvimo-lo cantar e a sua voz harmoniosa ainda baila em nosso espírito. Que pena não termos a recordação física desse instante, a gravação magnética feita pelo João Coragem!

Mas ele há-de vir a Portugal. Há-de vir... A Europa é o seu alvo, a sua aspiração. Talvez uma bolsa de estudo na Alemanha... Quem sabe?...

Sim, pode ser que venha. E por-

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

XII

O DE FLORES

que não? O caminho da aventura é muitas vezes o da vitória. Os audaciosos triunfam quase sempre.

★

Agora nos lembramos. Há uma visita marcada ao Hospital Espirita André Luis, nos arredores da cidade. Mais um hospital? Sim, mais um hospital na Seara Espirita, a juntar aos trinta e tantos espalhados pelo Brasil.

E fomos, em caravana, à Vila Salgado Filho, rua Campo Formoso, quinze quilómetros de estrada galgados em minutos, à vista de paisagem agradabilíssima e horizontes largos.

Éramos exploradores de impressões. Entre eles, o Augusto dos Santos e o Dr. Schembri, construtor e director clínico do Hospital. A chegada, nossa admiração se espraia através da campina. A noroeste, o Monte Cercado com seu respeitoso pitoresco. A norte, o Barreiro. A leste, as antenas da Rádio Inconfidente. E nós em meio de 40.000 metros quadrados pertencentes àquela instituição nascente e cuja primeira pedra ali fora cimentada a 6 de Setembro de 1953, sob o patrocínio do Alto.

Andámos por toda a área onde seria erguido o monumento e sentíamos qualquer coisa para lá do físico. Tínhamos a certeza da sua construção. Uma certeza absoluta, porque os realizadores eram homens devotados e honestos.

O Dr. Schembri é idealista alicerçado em poderosa convicção. Que bem nos fez ouvi-lo nas informações e nos pormenores! Que bem nos fez ouvi-lo!...

A chácara, ou quinta, como quiserem chamar-lhe, tem 15.000 metros quadrados com 450 mudas de fruteiras. Em 1957 terá mais 700. Ao lado, um bosque de 900 mudas de árvores ornamentais (quase todas eucaliptos), para recreio de futuros convalescentes.

Além disto, terrenos de horticultura e edificação de pavilhões químicos.

A vista maravilhosa é um deslumbramento. Vale a pena adoecer para disfrutá-la, em companhia de tão belos mentores.

António Augusto dos Santos, nosso amável hospedeiro, dirige a construção gratuitamente. É uma alma generosa e boa. Transmitiu simplicidade aos filhos, educou-os no caminho recto e agora auxilia o mais que pode as obras de caridade. Ele nos disse que os médiuns videntes localizaram no terreno balizas espirituais policromadas... E um vidente do Centro Espirita Vítor Hugo tem visto sobre o campo assembleias de espíritos superiores.

★

Em Março de 1955 começou a construção, perante o entusiasmo de numerosos cooperadores. Tantas dificuldades que se aplanaram! Tantos donativos que vieram! As próprias entidades oficiais foram extremamente justas, contribuindo em 1954 com 160 mil cruzeiros. A Secretaria da Agricultura também contribuiu para a valorização do terreno com produtos químicos e plantações destinadas à manutenção dos doentes: videiras, figueiras, jabotiqueiras, caquis, pessegueiros, bananeiras, limoeiros, laranjeiras e abacateiros.

A mesma repartição forneceu técnicos e máquinas para combater a erosão, enquanto se faziam as covas para as mudas.

Os donativos animaram igualmente os promotores da obra. Assim, em Dezembro de 1954, foram recebidos 238.000 cruzeiros.

Tem havido grandes beneméritos: D. Emília de Carvalho deixou metade de um imóvel no valor de 500.000 cruzeiros; D. Iria de Campos Resende deixou outro no valor de 300.000. E outros de 30.000 e 28.000. E um anónimo ofereceu um lote de terreno no valor de 50.000.

O Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte

Trata-se de uma instituição espirita de beneficência, sob leis estatutárias desde 1952 e idealizada em Dezembro de 1949. O seu objectivo é prestar assistência médica, hospitalar e espiritual a toda a gente, sem atender a crença, raça ou política. O tratamento será igual para todos, como na Casa do Cireneu, da mesma capital, e sem classes divisórias em quartos e alimentação, dentro dos princípios de caridade expostos por Jesus.

No momento em que escrevemos estas linhas (Outubro de 1957) um pavilhão se está construindo orçado em 10 milhões de cruzeiros.

Destina-se a doentes mentais, sobretudo aos que não tenham lesões físicas. Esta modalidade é a mais urgente, em virtude dos numerosos casos de perturbação mental sujeitos à clínica usada nos poucos nosocómios contemporâneos, sem terapêutica espiritual nos hospícios de caridade e quase todos de orientação religiosa. O Hospital Espírita André Luís obedecerá à técnica moderna para recuperação e adaptação social dos enfermos, através de orientação médica, espírita e psicológica.

Este pavilhão já tem um ambulatório a funcionar, inteiramente gratuito, com medicina alopática e homeopática e um gabinete dentário. Não esperaram pelo termo da construção.

As receitas ordinários provêm de 3.500 sócios contribuintes e beneméritos, dos poderes públicos e outros meios legais de adquirência, sob os auspícios de um Conselho Administrativo de 21 membros, actualmente sob a presidência do Dr. José de Carvalho, e de uma Directoria de sete membros sob a direcção de Manuel Pinto Valente.

Além deste, outros pavilhões se construirão na mesma área, de harmonia com as disponibilidades. Assim ficará realizado mais um núcleo de caridade espírita brasileira, a juntar aos 4.000 que já existem na Terra do Cruzeiro.

★

A propósito, transcrevemos algumas palavras de J. R. Gelape dedicadas à construção do hospital:

«Tarefa grande, espinhosa. Cada pedra é um pensamento suave. É o desabrochar de um sorriso feliz, alegria ante a verdade que se aproxima. Cada pedra sobreposta representa o sopro de um gemido que se esvai na ânsia de crescer... Cada tijolo colocado é uma esperança que renasce, reminiscência de amargas lutas, sem tréguas, sem desfalecimentos. É o reviver de uma caminhada longa, à beira dos dédalos, sentindo que o sonho se desfaria levado pela tempestade das incompreensões.

«Mas isso não aconteceu. O sonho de amor encontrou a sua realidade: duas almas se juntaram, outras se lhes seguiram e um grupo sólido se formou. Os seguidores do Mestre entraram em acção. Os trabalhos desdobraram-se. Os tostões dos primeiros óbulos proliferaram».

Quando a marca do Alto está na obra, os obstáculos são vencidos e tudo se engrandece. Esperamos voltar à Vila Salgado Filho para nova contemplação. Há caminhos que ficaram na memória e gostaríamos de percorrê-los muitas vezes, no encalço de impressões emotivas.

O Hospital André Luís não é só hospital. É um conjunto de abnegados, coesos, homogéneos, em tudo generosos e caridosos. Eles é que são o monumento, porque as pedras não falam, não vibram, não emocionam. Eles é que alimentam a árvore da vida...

★

Terminada a visita, voltámos a Belo Horizonte, através da cidade industrial. Eis uma curiosa particularidade da capital mineira. Todas as indústrias pesadas se encontram naquele burgo citadino. Fábricas de locomotivas, fábricas de aço, de cimento, de sacos, de tecidos, de moagem, etc. Há também uma fábrica alemã de tubos de aço sem costura, a única do género na América do Sul.

As viaturas param ali, a fim de satisfazer as exigências do pedágio para reparação de estradas.

Esta nova cidade é provida de larguíssimas artérias, autênticas avenidas que serão brevemente arborizadas, como fizeram em Volta Redonda, o empório brasileiro do aço.

Os tubos sem costura devem-se à Companhia Siderúrgica Manesmann, de Dusseldörf, e são destinados a água, vapor, óleo, etc., etc.

As facilidades aduaneiras dadas pelo Governo de Minas chamaram a esta região numerosos capitalistas estrangeiros, que fomentaram riquezas incalculáveis, tornando Belo Horizonte uma estância aprazível, verdadeira zona de turismo frequentada pelos amantes do sol, do ar e da paisagem.

Esta «cidade industrial» produziu em nós forte impressão de agrado e demonstra o espírito progressivo que tem animado a política brasileira nos últimos cinquenta anos. No alvorecer do 3.º milénio, esta grande nação constituirá um bloco de granito no concerto ocidental. É a conclusão que tirámos do nosso estudo e da nossa observação.

★

Às 14 horas seguimos com alguns amigos para a chácara do Bady Curi, nos subúrbios da cidade. Este amigo quis-nos fazer uma surpresa e fê-la com requintes de gentileza. O Ademar levou-nos no seu carro, com o Amadeu e outros. E quando chegámos, já a casa estava cheia.

Não vamos descrever uma chácara. Seria monótono e não valorizaria o nosso trabalho. Preferimos descrever as almas que nos rodearam nessa tarde inolvidável, ou, antes, dizer do sentimento que nos animou e àqueles que nela tomaram parte.

O sentido da amizade nem todos dão com ele. Descartes aconselhava que evitássemos os três quartos de caminho do amigo que vem ao nosso encontro. Esse já fora realizado em Juiz de Fora, quando o Bady nos deu o abraço da fraternidade. Não esperou que chegássemos; procurou-nos, a fim de nos evitar os três quartos de caminho, que ele, afinal, percorreu connosco, através de longa viagem em estrada de ferro. Podemos dizer, com Luís Blanc, que a fraternidade é a ciência da riqueza. Da riqueza, porque nada se compara à transfusão do amor.

A esposa e os filhos do Bady foram amabilíssimos. Deixaram encher a casa de romeiros de amizade e saudaram-nos à moda antiga. Uma senhora tocou harmónio. Outros cantaram e declamaram em nossa intenção. Um deles foi o Romanelli, de quem já falámos com grande interesse; Marileia Curi cantou uma linda canção que durante muito tempo andou em nosso ouvido; o Lasneau, que nasceu poeta e poeta morrerá, se não vencer a morte, como Paulo de Tarso, declamou impecàvelmente a introdução dos «Simples», de Junqueiro. O Amadeu Santos também entrou no certame.

Nice dos Santos Moreira cantou «O Primeiro Amor», um dos mais belos tangos que temos ouvido em língua portuguesa.

O piquenique reuniu em franca animação as figuras mais representativas do Espiritismo local. O motivo era um homem, mas o fim era a ligação dos homens.

Um grande lanche de iguarias árabes, entre elas o kibe (pastel de carne e trigo integral), alimentos frios muito apetitosos, o célebre guaraná, águas minerais, etc., etc. Ao lado, cinco eucaliptos de mais de 30 metros de altura projectavam sombra no terreiro.

Por instantes nos julgámos em Portugal, em torno de mesa rústica. Todos nos eram familiares, como se os conhecêssemos há muitos anos... O que é a vida!... Os seus cambiantes estavam naquele conjunto. E fechámos os olhos para evocação longínqua. Então Lisboa emergia do caos, com seus parques e suas colinas. E até o campanário da

nossa aldeia se inclinava em mesura antiga e nos fazia regredir aos tempos de rapaz.

Zinda de Oliveira Santos, filha do Augusto dos Santos, declamou a linda poesia «A Vida», do grande poeta Guilherme de Almeida.

Foi, realmente, uma tarde inesquecível.

Houve doutrina. A filosofia prática e o bom exemplo são lições que reforçam a posição do homem. Na chácara do Bady houve muita coisa bela que veio connosco, a começar pelas almas que nos acompanharam no regresso. Não podemos esquecê-las, não mais as esqueceremos...

Foi um concerto de amizade em que todos entraram espontâneamente. Lacordaire chamou-lhe o mais perfeito sentimento do homem, por ser o mais livre, o mais puro e o mais profundo.

Na verdade, não exageramos, dizendo que nos esquecemos do programa e da correspondência que nos aguardava em casa do António dos Santos.

Em todos os semblantes havia alegria franca, alegria comunicativa, que nasce como as plantas e se transmite por contágio.

Nós sentiamos felicidade, porque estávamos em harmonia connosco próprios. Todas as vibrações do concerto ecoavam em nós e se reflectiam nos circunstantes que, por momentos, abandonavam as suas directrizes para se entregar à circunstância. Julgamos que era felicidade este estado de alma.

Não tínhamos receio de perder aquela felicidade a que pertenciamos. Hoje estamos ligado a uma recordação indelével. Nada a pode extinguir em nosso espírito. É o único paraíso de que ninguém pode expulsar-nos, como dizia Richter. O privilégio da memória outorga-nos direitos inalienáveis. Revivemos a cada passo o que foi, em quadros eternamente palpitantes...

★

Regressámos a Belo Horizonte no carro do Ademar e dirigimo-nos a casa do Dr. Celso Cardão, de quem já falámos e falaremos, como de irmão muito querido. Além de professor, é senfilista apaixonado. Tem o mundo na mão com o seu prodigioso emissor. Pudemos comunicar com a familia, a milhares de quilómetros. Nós mesmo falámos ao microfone, agradecendo ao amigo de Lisboa a benéfica interferência. Já tínhamos chorado no piquenique e voltámos a chorar nesta casa acolhedora. A mãe do Celso ofereceu-nos um saboroso café e o filho uma série de fotografias da cidade.

Em Juiz de Fora está o pai — António de Almeida Cardão —, que havíamos «levantado do torpor moral em que jazia». O filho nos recompensava agora a simpatia que dedicáramos a seu progenitor...

Maneiras de sentir, maneiras de entender. São facetas que se apreciam sem análise e que deixam nas almas imagens permanentes.

O Dr. Celso é humanista de equilíbrio extraordinário. Tudo faz em plena modéstia que rescende atracção. O maior trabalho é zero para ele e o mundo escola de existência que frequenta como aluno esforçado. Mas o que obtém é de valor relativo e não no envaidece, ao contrário de muitos outros. O pai, é natural que se envaideça com os triunfos do filho...

Vamos falar dele brevemente, na digressão de Ouro Preto, que em boa hora nos ofereceu e da qual trouxemos muita coisa que estávamos longe de conhecer. A presença lusitana no planalto mineiro é magnífica afirmação de vitalidade. Percorrer os caminhos da penetração colonizadora, contemplar as obras dos bandeirantes através de paisagem rude, é sempre grato ao nosso coração de português...

★

Ainda em 2 de Junho. Íamos visitar o Cenáculo Espirita António de Pádua, à rua Aimorés, 238, fundado em 1942 por D. Carmela Aluotto e dirigido por D. Maria Filomena Aluotto Beiruto, protótipo da mulher-organizadora, da mulher-propagandista, da mulher-mãe que engloba todas as virtudes humanas. Uma verdadeira simpatia. Claridade no olhar, bondade no coração. Inteligência viva, argúcia, compreensão rápida, amiga do ideal, tudo se concentra na sua personalidade exemplar.

Quando chegámos tivemos a ilusão de estar em Portugal. As personagens principais eram quase as mesmas do piquenique. O Bady Curi é o médium do Cenáculo centro que deu origem à Casa de Betânia e se ocupa de beneficência e estudos doutrinários, além de auxiliar a Sopa da Escola Comanducci.

PRAÇA DE RAÚL SOARES
(O Ponto Círculo de Belo Horizonte)

A sessão foi gravada pelo João Coragem. D. Maria Filomena presidiu aos trabalhos na presença do Amadeu, do Magaldi e de outros.

Depois da prece geral foi lido um trecho do Evangelho e no meio da leitura começámos a sentir o sinal de Lia. Seguiram-se os nomes dos necessitados de amparo espiritual, com os respectivos endereços.

O Ademar fala ao visitante e alude à nossa edição do «Método de Cura Natural».

Na 2.ª parte, o Bady Curi, mediunizado, pediu que fizessem algumas perguntas, às quais respondeu o espírito de «Capataz» com grande clareza, deixando os presentes inteiramente satisfeitos.

Falámos também ao microfone,

exprimindo a nossa alegria pelo que tínhamos visto e ouvido.

No fim da sessão ofereceram-nos o romance «Semiramis», do Dr. Camilo Chaves, rubricado pelos directores do Cenáculo e alguns amigos presentes.

Para culminar a visita, um «café» semelhante aos nossos «copos de água». Um «café» brasileiro, com bolos diversos e grande animação.

E foi assim, que chegámos à uma da madrugada a casa do António dos Santos, na rua do Rio Grande do Sul, 1212...

★

Haviam-nos dito que Belo Horizonte era um empório de Espiritismo. Assim, quando abandonámos Juiz de Fora, íamos curioso de sensações inéditas. A paisagem exterior, verdadeiramente estimulante, revigorava-nos no contacto com a natureza. Efectivamente, o que apreciáramos era sério. Obedecia a planos muito elevados. Uma doutrina em marcha cheia de cambiantes. Os homens cediam ao impulso do Invisível e multiplicavam as obras. Muitos não sabiam porque abandonavam rumos antigos, enveredando por sendas novas. Eram levados pelo amor à Causa e os marcos erguiam-se... Os próprios construtores ficavam admirados. Portas habitualmente cerradas, abriam-se e o óbulo caía na obra. Tijolos e argamassa, generosidade e bondade...

O dia 3 de Junho, em pleno inverno brasileiro, foi de lição e emoção. Às 10 horas estávamos no Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, Avenida Contorno, 2898. O Bady é o presidente. Ainda não partiu e já tem o dom da ubiquidade. Que fará, quando chegar à pátria espiritual e se reflectirem nele as suas obras terrenas?

Este Centro fundou-se em 1912. Quarenta e cinco anos de trabalho contínuo numa vida de apostolado. Ali funciona também o Centro E. Francisco de Assis, da presidência de Elias José, sobrinho do Bady. E a Escola Primária Espírita de Pascoal Comanducci, um dos médiuns que trouxe mais espiritistas a Belo Horizonte. E também o Centro «Umbanda em Busca da Luz», dirigido pelo General Berselino Figueira Veloso. E também o Posto de Assistência «André Luís», dirigido por Leonel Dias.

Já viram como o Espiritismo cultiva a solidariedade? Já viram como vai de família a família?...

Sob os auspícios de Francisco de Assis funciona um Consultório Médico gratuito, uma farmácia e um Curso Primário para adultos. Quanto à Escola Comanducci, diremos que é dirigida por D. Maria Filomena e se encontra registada na Secretaria da Saúde Pública Estadual, desde 15 de Junho de 1945.

No Centro Francisco de Assis funciona um departamento de empréstimos para construção de barracões destinados a famílias pobres. Tem o nome desse grande pioneiro que se chamou Camilo Chaves e que durante algum tempo presidiu aos destinos da União Espírita Mineira. Funciona igualmente uma escola de incentivo à produção, ou seja de agricultura prática.

A Escola Comanducci tem cantina que fornece diàriamente sopa gratuita que vem do Cenáculo António de Pádua. Os alunos são pobres. Alguns não têm sapatos para frequentar as aulas.

Mas, para estímulo, recebem no fim do curso um diploma e uma fotografia dos componentes da turma.

Vimos lá uma bela farmácia e o retrato do Bady na Secretaria.

A escola ministra ensino primário e os alunos fazem exame na escola pública oficial.

★

Outras coisas nos chamaram a atenção. A primeira foi uma grande sala de conferências para 700 pessoas, com muita higiene e ventilação apropriada. Até apetecia ficar no recinto, que protegia contra a elevada temperatura do ambiente. A segunda foi uma escola de corte mantida pelo Centro Francisco de Assis e um consultório médico òptimamente instalado.

A orientação do Luz, Amor e Caridade dá belos exemplos de confraternização, oferecendo as salas àqueles que as não têm.

O número total de alunos da Escola é de 180. A filha do Bady leccionou este curso durante muito tempo. A turma do 4.º ano teve o Xico Xavier como paraninfo.

Em lugar de relevo vimos os quadros relativos ao horário dos centros que ali trabalham.

★

Houve um acto de variedades que nos sensibilizou. Uma pequenita cantou linda canção intitulada «O Papai não Quer». Foi a Célia Ambrósia, de 8 anos, alegre e azougada. Outra, de 6 anos, recitou «Dó, Ré, Mi, Fá». Depois os 105 da turma entoaram «Mãezinha Querida», uma das mais belas canções populares do Brasil.

Neste momento o Amadeu Santos escreveu em nosso canhenho:

«O querido Isidoro toma a palavra e dirige-a às criancinhas. Palavras paternais, mansas, simples e boas, calaram fundo na alma das crianças de todas as idades, pois alguns septuagenários sentiram-se criancinhas a receber essa bela lição de carinho espiritual...»

Seguiu-se o almoço daquela arraia miúda. E fotografámo-la a braços com uma canja substancial...

★

Ao sair do «Luz, Amor e Caridade» enveredámos pela Avenida Contorno, que é a estrada de circunvalação da cidade. E fomos lendo: Bairro de Santa Efigénia, Bairro de São Lucas, Bairro da Sérvia, Bairro Diogo de Vasconcelos... Que grande lição de urbanismo! Ao centro, um hexágono. Seis ruas longas e arborizadas se despedem do coração da capital em busca da periferia, como fitas de asfalto num burgo florescente.

Os costumes de Minas Gerais são rigorosos, autênticos modelos de urbanidade e honestidade. A licenciosidade e a bandalheira não encontram eco naquele Estado, talvez o mais característico do Brasil.

O Magaldi já nos tinha posto ao corrente desta verdade. E o Amadeu também. Não temos dúvidas a esse respeito.

Agora estamos na Cidade-jardim... no Bairro da Barroca... Que vista soberba! Cortamos a Avenida do Amazonas numa espécie de arroubo. Não admira que o nome da cidade ocorresse a Rui Barbosa em transe semelhante. Nunca vimos sol mais suave nem horizonte mais belo. Toda a poesia do mundo cabia naquele recinto perfumado. Se Anacreonte voltasse, escolheria a capital mineira para novos arpejos.

Eram horas de regressar à mansão. Outras visitas iríamos fazer, outros apontamentos iríamos tirar. Estes já nos pertenciam de direito e de facto.

A família amiga de António dos Santos aguardava os dois aboletados com requintes de gentileza e nós continuávamos a pensar:

— Que teríamos feito para merecer tão grande amabilidade?...

Não a merecíamos, não! Só almas muito puras seriam capazes de tão fidalgo acolhimento...

Enfim, um braçado de flores nos perfumou os passos naquele dois de Junho em Belo Horizonte...

Nov/17

AOS IRMÃOS CATÓLICOS

Não tivemos, naquelas cartas, intuitos de proselitismo nem a preocupação de desafiar polémicas. Todavia não nos negaremos a defender os nossos pontos de vista seja em que aspecto for, e sempre que haja boa fé e boas maneiras da parte de quem nos pretenda atacar.

E, na verdade, poderão muitos católicos dizer um tanto seguros da sua razão: — «*O Espiritismo pretende constituir um corpo de doutrina quase inteiramente oposto às doutrinas da Igreja Romana, e por isso o tomamos como herético e, consequentemente, é um adversário do Cristianismo. Portanto, ele é contra a Religião, e, nestes termos, não pode ser senão obra de Satanás*».

Nestes conceitos daqueles nossos irmãos, e que são os mesmos proclamados pelos nossos irmãos protestantes no respeitante às doutrinas que defendem, se sintetiza toda a controvérsia. E tudo isto única e simplesmente por uns e outros não quererem estudar, a fundo, a questão espirita e não tentarem, ainda que pouco a pouco, acabar com certos preconceitos tradicionalistas inadequados aos tempos de hoje e tomar mais a peito executar, em toda a sua extensão, os preceitos básicos do Cristianismo, como sejam: amar os seus semelhantes como verdadeiros irmãos, amando, sobretudo, os seus inimigos; praticar a Caridade para com todos, quer sejam crentes do mesmo credo quer não, e mui especialmente para com os descrentes; usar constantemente o espírito de renúncia, ou seja o sentimento oposto ao egoismo, pelo qual nos devemos pôr numa constante atitude de servir, ainda que com sacrifício, sem a preocupação de recompensas ou agradecimentos, e assim dar todo o valor ao grande princípio: «Fora da Caridade não há salvação».

Porque o Espiritismo não pretende ser, mas é um corpo de doutrinas com que os seus adeptos se dispõem a restaurar o Cristianismo em toda a sua pureza.

Jesus completou os ensinamentos de Buda e Confúcio com a exemplificação da Lei do Amor ou da Fraternidade, que não pode ser praticada sem o citado espírito de sacrifício e de renúncia, dominando, inteiramente, o egoismo de cada um que a queira cumprir. E desta maneira cada qual terá aquilo de que for merecedor pelos seus pensamentos, palavras e obras postos em acção através de inúmeras existências.

Compreendido assim o Espiritismo ele não é, evidentemente, contra as religiões nem se pode admitir como sendo obra de Satanás, como procurámos demonstrar nas três cartas daqui dirigidas aos nossos irmãos Católicos.

Insistem os espiritas em pontos básicos de doutrinas que nem Católicos nem Protestantes aceitam e que eles — os espiritas — consideram leis divinas, racionais e explicativas de todas as supostas anomalias sociais e que são: a Lei da Evolução e Regeneração Espiritual, a Lei da Reencarnação ou das vidas sucessivas, a Lei de Causa e Efeito, da Compensação ou do Karma e a Lei da Unidade de toda a criação com Deus ou a Lei da Fraternidade.

E desta forma não pode o Espiritismo combater as Religiões nem menosprezar os adeptos das diferentes que existem, em virtude do princípio enunciado naquela última Lei mencionada, porque todos os espiritas sentem que a Humanidade constitui uma grande Irmandade, em que cada indivíduo tem o seu temperamento, o seu modo especial de vibrar espiritualmente e de compreender as circunstâncias correspondentes à vida espiritual.

Por isso, uns, por reminiscências subconscientes de vidas anteriores, aceitam, com íntimo agrado, a orgânica do Catolicismo, outros repudiam-no e sentem-se plenamente satisfeitos em uma das colectividades protestantes ou evangélicas, outros vibram, encantados, com aquela corrente espiritualista que melhor se adapta ao seu temperamento e à sua compreensão: ou esotérica, ou espirita, ou teosófica, ou rosacruciana, ou maometana, ou budista, etc., havendo ainda os que se desinteressam, ostensivamente, de tudo o que se relacione com religião ou espiritualidade. E assim cada um fica e vive no campo que melhor sabe cultivar, que melhor está dentro do seu modo de ver, do seu sentir e que, por uma natural imposição da lerância, a todos devemos respeitar e admitir, sem discrepâncias, em nossa convivência.

O espirita não se considera adversário das correntes espiritualistas diferentes da sua, e é para lamentar que os adeptos daquelas outras correntes se proclamem adversários irredutíveis do Espiritismo, que nenhuma guerra lhes faz.

Se os espiritas descrêem dos seus postulados, dos seus dogmas, e não reconhecem valor aos seus formulários ritualistas, todavia nada disso discutem, nem ridicularizam, nem menosprezam, nem deixam de reconhecer que para muitos outros tudo aquilo tem muito valor, e tudo isto dentro daqueles citados princípios de tolerância e de respeito pelas crenças alheias. E desta maneira procedem os espiritas conforme os mais rudimentares preceitos da harmonia social, sem nunca se julgarem inimigos de ninguém, e desejando, ansiosamente, cultivar a amizade e a simpatia de todos os que seguem noutros rumos da religiosidade e do espiritualismo, porque todos esses rumos são precisos e todos têm a sua função própria: dar o alimento espiritual às almas conforme o paladar, ou seja, as condições de assimilação de cada uma.

E a corrente espiritualista espalhadora de doutrinas que maior número de adeptos faça, já pela verdade que tais doutrinas encerram, já pela facilidade de elas serem compreendidas e pela vibração divina que irradiam, será, certamente, a que prevalecerá após o decorrer do tempo. Trabalhando, naquele sentido, cada uma das existentes, estão todas dentro do seu papel e da sua missão. Vencerá, por selecção natural, a que melhor contribuir para o aperfeiçoamento das almas seguindo o alvo daquele ensinamento de Jesus: «*Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é Perfeito*».

JOSÉ FRANCISCO CABRITA

O ESPIRITISMO CONSTRUTIVO NO BRASIL

Por TITO L. BANCÉSCU

Correspondente em Rosário-Argentina

Quando se estuda o movimento espírita latino-americano, comparando a evolução operada em cada país, nota-se, em primeiro lugar, o aspecto construtivo do Espiritismo brasileiro, exemplo vivo e digno de ser imitado pelo resto do continente.

No país vizinho faz-se Espiritismo mais prático do que teórico. Não quero dizer que os nossos irmãos brasileiros prescindam da teoria doutrinária. Pelo contrário, há importantes Instituições onde os associados, antes de assistirem a sessões experimentais, são submetidos a exame teórico, depois de estudarem durante quatro anos.

O sistema, como vemos, é de carácter didáctico, como preconizou o Codificador, ao considerar erro grave a assistência a sessões experimentais de neófitos, sem qualquer conhecimento teórico da doutrina. Os propagandistas desenvolvem, por seu lado, actividades transcendentes, ilustrando especialmente as *Mocidades*, sintetizando a esperança nas novas gerações, mais aptas para assimilar o sentido científico, filosófico e religioso do Espiritismo.

Simultâneamente, devemos salientar o sentido da solidariedade humana, geralmente vivo e arreigado no Brasil espiritista. E como a solidariedade prática é sinónimo de amor, este resultado só merece aplausos, especialmente na maioria que compõe a escola kardeciana. É claro que no Brasil, assim como noutros países, há outras tendências chamadas «espiritistas», mas que nada têm de comum com as obras e preceitos aconselhados por Kardec. O chamado espiritismo umbandista, macumbista ou afro-católico, são fracções desviadas cujas actividades carecem de fiscalização, estudo e disciplina.

O que pesa na verdadeira evolução espírita deste país são, em primeiro lugar, as obras sociais, cuja existência gravita na vida institucional. Um dos seus governantes tentou suprimi-las, mas verificou que era impossível substituí-las oficialmente. Referimo-nos aos hospitais, escolas, etc., onde os internados são assistidos, curados e auxiliados economicamente, sem que se lhes pergunte que religião professam ou que ideias políticas e sociais defendem. Assim se pratica o Espiritismo positivo.

Mas isto ainda não é tudo. No que respeita ao conhecimento científico-filosófico criou-se uma *Faculdade Espírita*, com elevado número de alunos, de cujo seio saem elementos habilitados para difundir o Espiritismo e ciências afins e cujo director é o nosso querido amigo sr. Deolindo de Amorim. Encontra-se agora em projecto o plano da fundação da *Universidade Espiritista*. A *Sociedade de Medicina e Espiritismo* é outro organismo único no género em todo o mundo. É dirigido por profissionais de medicina. No seu laboratório psíquico fazem-se sérias investigações e no *Sanatório Espírita* da cidade de Uberaba, dirigido pelo ilustre médico e escritor brasileiro Dr. Inácni Ferreira, registaram-se várias curas de obsidiados, desenganados pela Medicina oficial.

Na cidade de Pedro Leopoldo actua o já célebre médium Francisco Cândido Xavier, que psicografou já mais de 52 volumes publicados, nos quais os espíritos do Dr. Humberto de Campos, Dr. Bezerra de Menezes, «André Luís», «Emanuel» e muitas outras entidades desencarnadas expuseram seus conceitos, a todos os títulos interessantes, descrevendo-nos a vida das esferas invisíveis e as curas que realizam através das chamadas «brigadas de socorro». Em organismos semelhantes, outros médiuns desempenham, como em Palmelo, idênticas funções, que se podem qualificar de maravilhosas.

Além disso contam com uma plêiade de educadores, polemistas, advogados, médicos, escritores, oradores e militares, cuja actuação é realmente magnífica. Figuram nas suas filas universitários livres de preconceitos. É tal o seu dinamismo, que desperta nos observadores e estudiosos um entusiasmo arrebatador.

O Espiritismo brasileiro é multiforme e francamente criador; expande-se por todo o vasto território da República, onde se arreigou nas almas e se enraizou verdadeiramente.

A Federação Espírita Brasileira, por seu lado, possui um Departamento Editorial encarregado de editar e reeditar as obras esgotadas e já verteu em Esperanto várias obras de Kardec. Contam-se por milhões os exemplares lançados na circulação. O jornalismo está muito espalhado, especialmente sob a for-

ma de revistas e periódicos mensais. Se a escola kardeciana deste país meditasse na eficácia do jornalismo e fundisse os mensários e quinzenários em dois ou três diários e semanários, certamente a propaganda teria resultados transcendentes que melhores seriam se a técnica ou a habilidade jornalística se resolvesse a intercalar artigos de interesse geral entre as colaborações espiritas, metapsiquistas, metapsicológicas e parapsicológicas.

Pergunta-se agora: por que razão se avançou tanto no Brasil em matéria de Espiritismo? Como neste país há grande percentagem de analfabetos, os dirigentes tiveram o bom senso de difundir sistemàticamente «O Evangelho Segundo o Espiritismo». Deste modo a doutrina penetrou na alma do povo, tendo por fruto imediato a solidariedade concretizada nas obras sociais a que fizemos referência. A solidariedade social sintetizou-se em amor; «Obras são amores...», como vemos. A parte científico-filosófica veio depois por acréscimo.

Felizes são ou podem considerar-se os homens que vêem florescer os seus esforços nobres e fraternos! O fenomenismo tem, para os irmãos brasileiros, uma importância vital e indiscutível. Mas eles não se limitaram, como noutras partes das Américas, à fenomenologia, que ali reveste características espontâneas. Para alcançá-la criaram primeiro o clima psíquico necessário, formando elementos sãos para quem o sacrifício constitui um prazer e a melhor maneira de interpretar o amor ao próximo.

Tudo o que expusemos resumidamente justifica a afirmação de que o Espiritismo no Brasil possui carácter construtivo e exemplar.

Sentir-nos-íamos intimamente ditosos se este exemplo admirável se propagasse ao resto das Américas, precisamente nesta hora em que a humanidade descreve uma curva perigosa da história, que nos anuncia o suicídio do materialismo.

(Trad. de Maria Amélia)

CRISTIANISMO

O cristianismo sofreu grandes perseguições em seus primeiros séculos de existência, da religião pagã, mantida pelo governo do Estado daquele tempo, que era pagão. Entretanto, logo que os adeptos cristãos se impuseram, caíram no mesmo erro de conquistar o poder temporal para dificultar a sua religião e impô-la aos demais, como antes fizeram com eles os pagãos.

A crença apaixonada conduz o adepto a excessos, mesmo quando ele desperta para nova percepção espiritual. Ele se transporta com todo o ardor, desejando convencer a todos de sua boa nova, o que é natural. Mas a maneira intolerante por que o faz e procura impôr-se, é que lhe tira o mérito do trabalho. Porque, isto não faz parte da doutrina do Mestre e sim de atraso espiritual. Nesta parte, o adepto esquece-se do que censurou nos outros, e só mais tarde, sacrificado pelas consequências de seus actos menos reflectidos, nota o seu erro e procura corrigir-se, tornando-se mais tolerante e fraterno com seus irmãos menos evoluídos.

Jesus Cristo, disse: «Se o grão de trigo caído na terra não se sacrificar, perdendo o corpo no caminho de seu progresso, não ganhará outros grãos. Porque de um grão de trigo nasce uma plantasinha que em seu desenvolvimento produz várias espigas, cada qual com muitos grãos». Assim acontece com o espírito que encarna na terra e se deixa sacrificar por seu puro amor à causa de um ideal. Sua vida e sua obra são uma constante seara dando frutos de vida eterna à humanidade.

A religião cristã antes de ser ensinada, deve ser vivida em espírito e verdade por aqueles que têm a missão de a propagar pela escrita ou pela palavra. Julgamos o ensino religioso necessário. Mas o lugar mais apropriado de praticá-lo e ensiná-lo é o lar. A escola ajuda e deve ser considerada como a parte teórica do mesmo ensino. A verdadeira prática está no lar. E se os pais não praticam o que ensinam, também pouco adianta a teoria da escola.

A religião é missão dos pais aos filhos. As várias escolas religiosas devem dedicar-se mais ao esclarecimento e conversão dos pais, para que estes melhor possam cumprir a missão no ensino cristão e prático dos filhos.

O Cristianismo tem a sua base no lar, santuário da família e célula máter da Pátria em que vivemos.

Os fracassos da juventude devem ser levados à conta das faltas dos pais, que descuraram ou não souberam esclarecer e educar os filhos, como era necessário. Especialmente na parte religiosa, à luz do Evangelho, que é o roteiro a seguir. Depois, o que esperar de filhos, cujos pais, além de não praticarem, fazem crítica de tudo que diz respeito à religião, que em sua maioria desconhecem?

E se conhecem, tudo procuram aniquilar com o seu pessimismo! Não vêem a responsabilidade que lhes cabe na educação dos filhos e, mais tarde, quando vêm os efeitos, culpam os outros. Mas a causa do fracasso vem da falta de educação.

Tais elementos constituem, em grande parte, o número de desajustados que perambulam sem norte, através de vilas e cidades, dando sempre trabalho à polícia e sofrimentos à família e à sociedade, que sofre, à vista de tais quadros.

Entretanto, não devemos confundir o *dever religioso* com o ser *religioso*. O dever religioso é uma coisa. Ser religioso é outra. A religião do espírito tem a sua base na consciência e nos mantém ligados ao Pai por Jesus, na conformidade de seu evangelho, todo amor, compreensão e tolerância. *Este é o religioso.*

O religioso *por dever* é um ser que obedece mais à escola ou igreja do que à sua consciência. Age e pratica mais por rotina do que por conhecimento próprio. Podem ser bem intencionados, mas por sua ignorância ou fraqueza moral tornam-se intolerantes com os adeptos de outras crenças e, nestas condições, também são péssimos educadores da religião que professam.

José Simões de Matos

O HOMEM RICO E O EMPREGADO

Por Deolindo Valentim Rodrigues

Certo homem riquíssimo, que queria tudo para si, amontoando na Terra tesouros sobre tesouros, tinha um empregado preto que trabalhou anos para ele, sempre com assiduidade nos seus serviços. Quando o empregado partiu para o outro lado da vida, o Mentor perguntou-lhe:

— Então, que fizeste lá na Terra?

— Trabalhei muitos anos para um patrão que não me dava descanso nem nos dias santificados.

— O teu patrão pagava-te bem?

— Pagava. Quando eu precisava de roupas, ele dava-me dinheiro para comprar uma camisa e umas calças. E assim, quando aquela roupa se rompia, dava-me mais dinheiro para comprar outra.

— Era só para comprar roupas, que ele te dava dinheiro?

— Era, meu irmão.

— Lá, não ganhaste nada, mas ganhaste aqui — disse-lhe o Mentor. — Acompanha-me. Vou mostrar-te o que ganhaste aqui: este palacete.

— Patrão, o senhor está enganado, o que eu tenho é um rancho.

— Não! O rancho ficou lá na Terra; o palacete foste tu mesmo que o construiste com o material que mandaste. Podes tomar conta dele.

— E a minha esteira? — disse o preto.

— Aqui, no palácio, não há esteiras. Olha, ali, a tua cama.

— E aquele negócio que está por cima dela?

— É um colchão de mola.

E lá ficou o preto humilde.

Quando chegou o ricaço, o Mentor perguntou-lhe:

— Então, meu amigo, demoraste tanto, porquê?

— Porque estava sempre atarefado com tantos negócios, qua não me davam tempo para nada.

— Então ganhaste muito dinheiro?!

— Sim.

— E onde está o dinheiro?

— Nos bancos.

— E para cá, não mandaste nada?

— Que me lembre, não.

— Queres ficar aqui?

— Quero.

— Então vem ver o teu lugar.

Mostrou-lhe o rancho do preto. Quando passavam perto do palacete, aquele, ao ver o seu antigo patrão, gritou-lhe:

— Eh!... Patrão! Já cá estou!

Quando chegaram ao rancho, disse o Mentor:

— O teu lugar é aqui.

— O irmão não está bom. O meu é onde está o meu empregado.

— Não, meu amigo. Aquele rancho pertence-lhe, foi construído por ele, pois mandou material que deu para construí-lo. Tu não mandaste nada e, assim, tens que voltar à Terra, morar no teu rancho, dormir na esteira, como fez o teu empregado, para então, mais tarde, mandares o material para construir a tua morada aqui.

— E o meu fiel empregado, não poderá voltar comigo?

— Não. Ele já é de cá!...

(De A NOVA ERA, de Franca, Estado de São Paulo)

A DOR E O SOFRIMENTO

Ó Luz! Vem até nós, ilumina-nos com o teu foco.

Ó Deus, que do Alto me escutas! Inspira-me com o teu Verbo!

Ó espíritos do bem, missionários do Amor e da Caridade! Ajudai-me com a vossa eloquência!

Eu vos saúdo, peregrinos da humanidade sofredora; eu vos bendigo, resignados da missão que Deus vos concedeu.

Eu, também, resignado e cônscio da minha missão e das missões a que serei submetido, apresento-me perante vós, não para vos salvar, não para erguer as vossas vidas à altura que ambicionais, mas apenas para confabular convosco, para vos dizer que vivo, embora vós já o saibais há muito, mas ainda não o suficiente para se saber sofrer, para sabermos humilhar-nos, para sabermos erguer a fronte espiritual, aquela sue se não vê, aquela que só se sente ante a consciência pura, límpida e austera, no cumprimento dos deveres.

Venho para vos dizer que também errei como vós outros, também fui ambicioso, também deturpei; mas os meus dias chegaram, encontro-me neles, encontro-me gozando o fruto da sementeira que cultivei: A Dor e o Sofrimento. Sofri, sofro e sofrerei até Deus querer! Mas esse sofrimento que hoje atormenta o meu espírito, não é como o vosso; o meu sofrimento, meus amigos, não são as torturas da carne, não são as decomposições da matéria, mas os espinhos que ferem o meu espírito, vindos e dirigidos da matéria, essa matéria que me burilou, essa matéria onde aprendi a sofrer para hoje desfrutar as regalias que possuo.

Essa matéria que vos veda os olhos da consciência e a Luz que dos Céus irradia a cada momento sobre os vossos espíritos.

Essa matéria, meus amigos, essa matéria que vos seduz, essa matéria que vos embrutece e vos leva ao desvio dos vossos deveres espirituais.

Mas eu vos digo em Boa Verdade: não desanimeis; sois materiais como eu fui e talvez venham perto os dias em que não volteis mais a sê-lo; podereis ainda compreender que sois matéria, que deveis respeitá-la, mas não vos deixando seduzir por ela.

Porque, meus amigos, tudo quanto seja deturpado não poderá ter o seu valor natural.

Se a matéria foi criada para purificar o espírito, temos o dever de respeitá-la, de honrá-la, para que o espírito se purifique e não deixarmos corrompê-la pelas influências que recebemos, sem nos preocuparmos donde vêm e por que razão nos assistem.

Vigiemo-nos, olhemo-nos, concentremo-nos em nós próprios, busquemos a nossa origem e vejamos que somos uns farrapos humanos que se decompõem ao mais leve sopro da brisa.

Se soubéssemos corresponder ao valor da matéria para com o espírito, estou certo de que este vale de lágrimas seria um lar harmonioso e digno de se poder habitar.

Deste modo, deturpando, maldizendo, desrespeitando, limitamo-nos a expiar culpas, a expiar faltas, uma série de torturas sem fim.

Mas, como sabeis, a vida não morre, não termina e continua pelos evos fora.

E temos por dever honrarmo-nos e respeitarmo-nos e darmos o valor áquilo que vejamos que seja real, que seja puro e que seja são.

Honremos pois a matéria, porque só assim poderemos elevar o nosso espírito e proporcionar-lhe a missão a que tem direito.

Apenas vos posso dizer que sou um irmão vosso, sofri como vós sofrestes e sofrerei ainda como disse, até que Deus o determine.

Vivi nesta Terra, fui vosso conterrâneo; hoje sou e serei sempre o vosso irmão

JÚLIO

(Recebido na União Espírita de Lagos em 30-4-957)

Vem comigo ao Monte!

por IRMÃ EMÍLIA

Vem comigo ao monte!
Olhemos a terra
que se estende ao longe:
A aldeia tranquila
com suas casas iluminadas
a esta hora da noite.

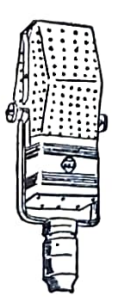
Há gente que reza,
corações aflitos
que sobem aos Céus,
há mãos que se estendem
em súplicas ardentes,
porque naquelas casas
moram homens
e os homens têm tristeza...
e os homens sofrem.
Agora tudo é tranquilo,
parece haver só felicidade,
mas se descermos do monte
e formos bater a cada casa...
vamos ouvir histórias
que nos farão chorar.

Agora vê:
aquela luz
que se faz ao longe
e que se aproxima
mais grandiosa.
— É Jesus
que desce da sua glória
e vai bater
a cada porta
e vai ouvir
todos os dramas!

É Jesus que vem
ouvir os Seus filhos
que choram e pedem!

Não tranques a porta
não vedes a entrada
do teu Senhor!
Conserva-a aberta
para que Ele ao chegar
possa entrar
e ficar!

(Recebido pelo médium Francisco Luciano)



Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

A VINDA DE JOÃO BAPTISTA

Por NINO SILVA

É dia de São João.
Sua vida vou contar,
E peço muita atenção
E favor de me escutar.
Ela é simples, porém rica
De razões para pensar.

No tempo do rei Herodes,
Nas plagas da Palestina,
Havia um casal de velhos
Gente boa, gente fina,
De incontestável pureza,
Cheia de graça Divina.

Zacarias, patriarca,
E sua mulher Isabel,
Um dia na sinagoga
Viram o anjo Gabriel,
Que na epopeia da luz
Viveria o seu papel.

Nesse dia memorável
Disse o grande portador:
— Tua mulher, Zacarias,
Vai ser mãe do precursor
E será lançada à terra
A sementeira do amor.

Da boa-nova urgente
Que o Excelso Pai enviou,
Zacarias vacilante
Nesse instante duvidou;
Mas Isabel, docemente,
Com firmeza assim falou:

— Porque vacilas, amigo?
Atende, seja o que for.
Não vês que o anjo é o céu,
Vem de Deus, nosso Senhor,
Libertar a humanidade
Do cativeiro da dor?...

— Não pode ser. É tão velha!...
E eu, inda mais velho sou!
Eu nunca vi galho verde
Na planta que já secou...
Não compreendo mais nada!
Nem mesmo sei onde estou!...

— De Deus eu sou enviado;
Confia em mim, Zacarias.
Não vês que soou a hora
De cumprir as profecias?
O precursor que te fala
É o mesmo que foi Elias.

Consumando-se a promessa,
É em Belém de Judá
Que vai nascer o Messias
Que este mundo salvará;
Portanto, crê e confia
Nas palavras de Jeová.

Zacarias ouviu tudo,
Sem os olhos levantar,
Pedindo a Deus outras provas
Pra poder acreditar.
Bendito seja quem crê,
Mesmo sem investigar!

Isabel sempre contrita
Contemplava a natureza,
Exultando de alegria:
— Vou ser mãe! Ai que beleza!
A fé que salva é aquela
Que nos dá toda certeza.

— A tua fé, minha filha,
Tua grande convicção,
Te dará no mundo a glória
De ser a mãe de João;
E serás também lembrada
Sempre em qualquer geração.

E tu, que ainda duvidas,
A tua fé onde está?
Já que pedes maior prova,
Surdo e mudo hás-de ficar;
Quem de Deus nega a presença
Só trevas pode alcançar!

— Perdão, bom anjo, perdão!
Fui bem fraco, reconheço;
A sentença está lavrada,
Pagarás tudo a bom preço;
Até que surja a alvorada
Do grande drama em começo.

Naquele mesmo momento,
O homem emudeceu,
E só tornou a falar
Depois que o filho nasceu.
Jamais alguém viu falhar
O que Deus lhe prometeu.

Pra completar a missão
Que do Pai ele trazia,
No mesmo instante o bom anjo,
Foi avisar a Maria,
Que recebeu a mensagem
Em sonho, quando dormia.

Ao despertar muito cedo,
A alma banhada em luz,
Viu a extensão da tragédia
Que da mangedoura à cruz
Resumia toda a história
Do bom e meigo Jesus.

José, que também sentia
Do céu o grande clarão,
Curvou-se aos pés de Maria
Com profunda devoção;
Robusteceu sua fé
E abriu seu coração.

Assim começou a história
Da grande transformação
De um mundo velho, cansado,
Em mundo de redenção,
Por Maria, a mãe do Cristo,
E Isabel, mãe de João.

Ao retirar-se o bom anjo,
Após ter dado o recado,
Abençoou com ternura
O casal predestinado.
Louvado sejas, meu Deus!
Para sempre, bem louvado!...

Iguaba Grande, 2 de Junho de 1957.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

31

LEOPOLDO MACHADO

Amigo radiouvinte:

Não sabemos como principiar a crónica de hoje. Custa-nos tanto falar dos homens! Temos medo dos nossos juízos e até dos mais simples pensamentos.

La Bruyère dizia que à superfície da terra apareciam de quando em quando homens raros, extraordinários, que brilham pela virtude e cujas qualidades eminentes lançam uma auréola prodigiosa. Semelhantes às estrelas cuja causa se ignora e de que não se sabe em que se tornaram depois de extintas, não têm antepassados nem descendentes. Só eles compõem a sua raça.

Leopoldo Machado foi um desses homens raros, extraordinários de La Bruyère. Na vida ou na morte hão-de ser admirados. A transposição dos umbrais não os rouba aos amigos e admiradores, porque a sua obra ultrapassa o tempo, está presente nas almas justiceiras.

Naquele corpo franzino latejava um coração generoso, aberto às boas iniciativas. Sabíamos que em breve morreria a chama que o animava. Não tínhamos dúvidas a respeito. Mas nunca supusemos que partisse tão inesperadamente...

Habituamo-nos tanto ao convívio de certas pessoas e ao prestígio que as envolve! Nenhum espírita brasileiro alcançou a sua projecção, porque nenhum houve tão esforçado, tão ardoroso, tão combativo. Treinado na escola da vida, como Máximo Gorki ou Charles Dickens, Leopoldo Machado fixava os objectivos e não os proventos.

Vimo-lo sempre com o mesmo terno, aquele paletó que lhe «roubámos» um dia e que ele reclamou de Nova Iguaçú em frases cheias de graciosidade. Foi uma troca engraçada que já contámos aos leitores de *Estudos Psíquicos*.

Quem o visse na estrada tomá-lo-ia por matuto, tal o desprendimento da indumentária. O que ele apreciava nos homens não era a gravata, que se vai dispensando. Era a sabedoria e o bom senso. Isso é que ele apreciava, ao lado da higiene do corpo e do espírito.

É possível que não digamos nada de novo ao radiouvinte. E talvez alguns saibam mais acerca do Leopoldo e estejam calados. Mas, quando falamos, há sempre coisas novas a expor, porque a nossa alma se desprende e ilustra as palavras. Coelho Neto dizia que as letras do alfabeto eram cordas da harpa humana. E tinha razão o escritor.

O mesmo poderíamos dizer de Leopoldo Machado. A sua linguagem apresentava mil cambiantes, fosse qual fosse o tema. E em prosa ou em verso havia força oculta que o chumbava à terra.

A sua origem humilde nunca a ocultou, nem o pão que comeu, nem o caminho que teve de palmilhar. Em qualquer parte, em qualquer instante, declinava a identidade e a filiação, ao contrário de outros que a ocultam, julgando que se alteiam no concerto dos valores. O que interessa é o que somos e não de onde viemos. Os maiores sábios, os maiores inventores foram de origem humilde e grande parte deles morreram na miséria. Não vale citar-lhes os nomes. Enquanto alguns enriqueceram, como Marconi, outros empobreceram, como Branly.

Leopoldo Machado não deixou dinheiro para que não houvesse disputa nas partilhas. Ele sabia do que era capaz o demónio do ouro. Tudo o que angariou com esforço hercúleo entregou-o aos pobres com enorme alegria. Dar, dar e dar. Às vezes era rabujento e nervoso, como ele próprio se apelidava. É que a responsabilidade pesava-lhe nos ombros e as «filhas» eram muitas e necessitavam de auxílio quotidiano. Pelo *Lar de Jesus* fazia tudo. Escrevia, falava, pedia, mantinha polémicas, tudo em benefício desta bela instituição.

Foi grande realizador e grande propagandista. Toda a sua obra era objectiva, de sentido utilitário. E quando lançava uma ideia, esquematizava-a.

— O caminho é este — dizia ele muito simplesmente.

A maior dificuldade não é alvitrar a realização de uma obra. É mostrar os caminhos, as voltas a dar. Isto é que é difícil. E mais difícil é pô-lo em prática.

Leopoldo Machado foi extraordinário, porque visionava logo a parte essencial dos problemas. Depois agitava, dinamizava, como ninguém, naquele estilo próprio, inconfundível e aprumado.

Em boa verdade, jamais lhe vimos curvar a cerviz, principalmente quando os adversários do ideal emergiam em grandes palavradas. Ele estava pronto ao combate, sem cólera nem ódio, os argumentos à ilharga, que eram o seu rifle de franco-atirador. Lutou com denodo, um verdadeiro paladino, cavaleiro andante sem medo e sem injúria.

Temos muito que dizer deste baiano insigne a quem o Espiritismo luso-brasileiro deve grandes obras de solidariedade. Por isso esta crónica é uma pincelada nas homenagens a que tem direito. Nada mais que uma pincelada para vincar o seu valor e o seu prestígio.

Durante muitos anos haverá quem o julgue vivo em Nova Iguaçú, em torno das crianças, no Colégio que era a menina dos seus olhos e pelo qual passaram milhares de almas que depois se instalaram na vida. E deve andar por lá, a incitar, a animar os sucessores, para que o progresso não estacione.

Os espíritos superiores podem aceitar missões deste género. O dom da ubiquidade permite-lhes assistência multiforme às suas obras.

Leopoldo entregou-se totalmente à Doutrina Espírita. As suas palavras e os seus actos giravam num círculo de fogo e aqueciam os que dele se aproximavam. E por isso partiu tranquilo e sereno. Até parecia mais novo no seu fato domingueiro, que lhe vestiram à sucapa, com a gravata que usou nos tempos de rapaz...

Grande amigo, o Leopoldo, «cabeça de baiano» a respirar coragem e coração bem raro a latejar pelo

mundo! Necessitava de sofrer os embates da sorte, de viver em mansardas, mal dormido e mal comido, lutando para saldar as dívidas dos outros. Depois teria a recompensa.

Marília foi primeiro e abriu-lhe o caminho. Os dois continuarão a trabalhar nas obras iguaçuanas, com mais afã do que se cá estivessem.

Meu caro Leopoldo, até breve. Fomos amigos durante vinte e cinco anos, sem a mínima discrepância. Temos esperança de nos juntarmos outra vez para novas lutas!

Adeus, amigo radiouvinte. Que Deus te proteja e preserve a terra brasileira.

32

O HOMEM ALTO

Amigo radiouvinte:

Vamos contar uma história impressionante, mas verídica, devida à pena do Dr. Donaldo Hewitt, o grande apóstolo dos alcoólatras. É a confissão de um bebedor moderado que poderá servir a muitos que nos ouvem.

Um homem alto e seco, pele curtida, olhos azuis de gelo, fixou o doutor Hewitt.

— O sr. é do campo — disse este —. Trabalha nalguma granja...

— É verdade. Quero falar-lhe, doutor. Tenho na memória uma coisa que nunca esqueceria, nem que vivesse cem anos. Sempre tive bebida em casa. Em solteiro bebia muito. Casei-me, sosseguei, economizei, a granja prosperou e a família foi abençoada com dois rapazes e uma menina. Eu bebia só uns tragos por dia, antes da refeição. O tal aperitivo, compreende?...

A sua voz tornou-se dura e depreciativa:

— O tal aperitivo! O aperitivo que levou à cidade o meu Rogério e o matou num botequim infecto, sem ninguém que o amparasse. Foi isto que o aperitivo fez por ele!

E depois de haver dado um soco violento na escrevaninha, continuou:

— Após a morte do Rogério escondi as bebidas, de modo que os mais novos as não vissem. Mas o hábito apoderara-se de mim, que bebia a ocultas. Minha filha Dorotéia transformou-se numa moça esbelta e os rapazes cumulavam-na de atenções. Mais tarde matriculou-se num colégio universitário, onde obteve grande popularidade.

«Uma noite chegou a casa a rir doidamente e com desagradável cheiro a álcool. Lembrei-me logo de meu filho Rogério e fiquei horrorizado. E se ela resvalasse na mesma senda? E amaldiçoei a própria fraqueza que me impedira de afastar para bem longe a bebida.

«No dia seguinte falei com Dorotéia, de coração a coração. Apresentei-lhe o quadro do irmão e os perigos que a esperavam, se continuasse a beber os cálices inofensivos e ela garantiu-me que nunca mais os seus lábios provariam uma gota de álcool. Estou convencido de que assim fez, até ao dia em que foi a um baile com o presidente do grémio estudantil do seu colégio. Estava tão entusiasmada, que não tive coragem de toldar-lhe a alegria. Mas eu pressentia que a noitada acabaria em tragédia...

«Saí de casa. Quando voltei, já ela tinha partido. Minha mulher estava na sala, com receio no rosto.

— Que tens? — perguntei, sentando-me no braço da sua cadeira e pondo-lhe o meu braço no ombro.

— Quando Dorotéia saiu com o Orlando, há perto de uma hora, pareceu-me ver-lhe no bolso uma garrafa de uisque...

— Não te preocupes por causa dela! Dorotéia prometeu-me que não beberia mais um cálice. Podemos confiar na sua palavra.

— Sim, bem sei... Mas desde que o nosso Rogério...

E os olhos daquela mãe encheram-se de lágrimas.

— Ora, ora, Irene! Dorotéia tem carácter mais firme que o Rogério. Apostaria tudo em como cumprirá a promessa. Seca as tuas lágrimas e não te preocupes.

Este homem alto e seco queria afastar a ideia do assunto, mas os pensamentos redopiavam entre a morte do filho alcoólatra e a sorte da filha. As horas passavam e ele não dormia. Pegou numa revista policial, esteve sentado muito tempo e foi em sobressalto que ouviu a campainha telefónica.

— É o sr. Pires? — perguntou uma voz masculina —. Sou o Chefe da Polícia. Lamento dizer-lhe uma coisa triste.

E o sr. Pires sentiu uma espécie de punhalada. O resto das palavras chegaram-lhe em ruído confuso. Apenas se lembra de uma frase ou outra: «Sua filha Dorotéia... necrotério... nome gravado na pulseira do relógio... acidente de automóvel...

— O telefone — diz ele — escapou-me da mão. Sentei-me na poltrona e ali fiquei muito tempo. Subitamente voltei à realidade e vi minha mulher muito pálida, a fixar-me em silêncio, um pressentimento bem trágico estampado no rosto.

— Aconteceu o que eu temia, não foi?... — inquiriu num murmúrio.

Ele confirmou silenciosamente. Sentia-se fraco demais para falar.

— Tens que ser forte, Irene. Dorotéia sofreu um acidente...

— Dize-me: ela morreu, não é verdade? Não mais a veremos?

E rompeu em soluços abafados.

O homem alto virou o rosto. Não podia contemplar tão grande angústia.

De repente apossou-se dele uma fúria tremenda e insensata. Primeiro, o filho... Agora, a filha única. Ambos arrancados à sua companhia pelo álcool!

Correu à garagem, pegou na camioneta e desatou a correr para o povoado, às primeiras horas da madrugada. Não se lembra de mais, a não ser do rosto da filha sobre a lage do necrotério... As feições permaneciam, mas os fios de sangue das narinas e dos ouvidos denotavam fractura mortal.

Naquele momento jurou passar os dias a lutar contra o álcool que lhe provocara a morte dos filhos, pois julgava que a jovem acabara devido à bebida do companheiro.

— Onde está o Orlando? — perguntou ao Chefe da Polícia.

— No hospital, em estado grave. Não há esperança. Tem fractura do crânio e traumatismos internos.

— Eles tinham bebido antes?

— O moço, sim — disse o polícial. — Sua filha não tinha bebido.

O homem alto saiu a cambalear e voltou a casa. Sabia que não podia dormir. Depois começou, inconscientemente, a pensar no alívio que lhe daria um copo de uísque...

Dirigiu-se lentamente à sala e abriu o armário onde meses antes guardara uma garrafa. Não estava lá. Em seu lugar encontrou uma folha de papel:

«Papá: Orlando esqueceu-se da garrafa e levámos a sua para a noitada. Mas não receie. Não beberei sequer uma gota: — *Dorotéia*».

Eis a história resumida do homem alto que o doutor Hewitt revelou ao mundo. O Espiritismo luta contra o álcool, porque o álcool é responsável de muitas dores morais e mentais. Destrói vidas preciosas, lança o homem no resvaladouro do crime, altera a personalidade e avilta o mais nobre sentimento. E por isso a repetimos ao microfone.

Muitos a terão ouvido com lágrimas nos olhos. Por eles próprios, ou seus familiares, ou seus amigos.

Meditemos nela, tornemo-nos cruzados desta luta sem tréguas. O alcoolismo é o maior flagelo da humanidade!

Boa noite. Que Deus te guarde, e que a tua terra se engrandeça.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

HOSPITAL ESPIRITA NA ARGENTINA

O *Boletín Espiritista*, de Avelaneda, está a desenvolver uma campanha pró-construção do primeiro *Hospital Espirita na Argentina*. A quota mensal é de um peso e destina-se ao *Instituto e Clínica da Alma*, cujo objectivo é a cura integral do obsidiado, subjugado, e atormentado, mediante o equilíbrio da Medicina e da Mediunidade.

A última lista de donativos atinge cerca de 25.000 pesos.

Trata-se, como escreve o articulista, de uma caricia fraterna e amorosa que devemos oferecer à humanidade, porque «sem caridade não há salvação».

A campanha de *um peso* destinado à construção do Hospital tem seu quê de psicológico. Quantia tão irrisória não custa a pagar e famílias haverá que poderão contribuir em globo para obra tão meritória.

Boletín Espiritista auxilia o empreendimento e afirma:

— Quando o Instituto estiver organizado e necessitarmos de médicos para entrar em função, se não encontrarmos um corpo clínico para a parte científica, recorreremos a profissionais brasileiros, como o Dr. Inácio Ferreira e tantos outros que se honram em documentar as estatísticas de todos os casos de enfermos curados por este processo.

Os confrades argentinos construirão a obra em cinco anos.

O exemplo do Brasil é edificante e contangiante. Não admira, pois, que os irmãos do Plata sintam o mesmo entusiasmo e consigam objectivar tão belo empreendimento.

A CARAVANA DOS 75

O nosso confrade José Simões de Matos, Vice-presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul e nosso representante em Porto Alegre presidiu a uma importante caravana que se dirigiu a Santa Maria da Boca do Monte, grande centro ferroviário, onde se realizou a primeira confraternização importante em 7 e 8 de Setembro, cumprindo um programa das Juventudes e Mocidades de Centros federados.

A caravana foi organizada pelo secretário dos serviços da juventude sr. Alberto Rocha e seus auxiliares, supervisionada por Simões de Matos, director dos Serviços de Evangelização.

Saiu de Porto Alegre no dia 6, às 19 horas, e chegou a Santa Maria às 5,30 da madrugada. A viagem de trem, de ida e volta, foi uma festa permanente, muito divertida e feliz. E a chegada e a partida em Santa Maria constituiram uma verdadeira apoteose pelos inúmeros quadros de estima, fraternidade e alegria contagiante proporcionados pelos jovens acompanhados de confrades e amigos que partilhavam igualmente da bela confraternização.

A caravana visitou em Santa Maria todas as entidades espiritas, federadas e não federadas, e por isso a visita representou um marco na história do Espiritismo, anunciando o começo de nova era de compreensão e apreço da grande família humana.

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul trabalha pelo ideal da unificação espirita, desde a criança ao velho, e no estudo e prática da Doutrina à luz do Evangelho. Por isso regulamentou a prática, de modo que todos vivam ocupados em missões que se completam, sem prejuizo da sua liberdade individual. Isto mesmo nos disse Simões de Matos no resumo que nos acaba de enviar.

No encerramento desta festa evidenciou-se o ideal federativo, pois notou-se com alegria o trabalho e aproveitamento de todos os que nela participaram.

— Isto nos conforta e anima — diz Simões de Matos — em prol de um mundo cada vez melhor, unidos e fraternos, como Jesus aconselhou: «Amai-vos uns aos outros», para que o mundo vos considere verdadeiros discípulos do Mestre.

O AVISO DO «MORTO»

Spiritualisme Moderne, de Liege, extraiu o seguinte caso do semanário londrino *Two Worlds:*

«Um quarto de hora antes do iate «Silver Cloud» encalhar nos fundos arenosos de Rattray (Escócia), um marinheiro «morto» avisou a única tripulante de que uma infelicidade ia abalar o navio.

«Eis a história que a francesa Marcelle Mortlock contou a um jornalista do *Aberdeen Press and Journal*, num abrigo dos guardas-costas:

«Sei que isso parecia loucura — disse ela — e a tripulação riu-se de mim. Foi talvez pesadelo, produto da imaginação ou coisa análoga, mas o certo é que vi. Eu não creio em fantasmas. Nunca tinha visto nenhum, mas este vi-o sete ou oito vezes desde que tocámos em Inverness.

«Era um marinheiro novo, de rosto redondo e agradável e o seu nome julgo ser Lancastrian ou Lancaster, pois assim estava escrito no seu boné. Desapareceu tão ràpidamente como veio, mas falou, para dar ó aviso.

«O facto de só eu ter ouvido as suas palavras torna o caso mais difícil de compreender aos outros. Um dia, em Inverness, estava eu no salão com a senhora Moore, mulher do proprietário, a tratar de uma série de compras, quando apareceu junto dela. Eu abri a boca na intenção de gritar e ele desapareceu. Ao contar a visão à minha companheira, esta disse que tivera a impressão de que alguém estava atrás dela.

Quando o marinheiro lhe falou, a senhora Mortlock estava no beliche.

— Não me lembro exactamente das suas palavras — conclui —, mas disse que alguma coisa ia suceder ao iate e que não me assustasse, porque nenhum mal nos seria causado. E acrescentou que *eles* só desejavam que o barco não deixasse a Escócia. Quinze minutos depois tudo se havia cumprido, como fora anunciado. Pode ter sido um sonho

ou um pesadelo, mas jamais esquecerei o seu rosto.

NOVA IGREJA ESPIRITA

O *Psychic News*, de Londres, insere na sua edição de 12 de Outubro uma notícia sensacional. É a primeira vez na História Moderna que numa igreja ortodoxa se abre uma cisão por causa das verdades espiritas! E os rebeldes formam uma igreja livre na África do Sul.

Mas vamos à notícia.

Sob a direcção espiritual do Reverendo C. Ferris, ministro presbiteriano simpatizante do Espiritismo, grande número de fiéis separaram-se da *Igreja Presbiteriana* para formar a *Igreja Livre Presbiteriana da África do Sul.* A nova Igreja baseia-se nas provas da sobrevivência da alma obtidas através de comunicações espiritas e no valor da cura espiritual.

A origem do cisma, que representa grande passo no progresso do Espiritismo, foi relatada pelo Rev.º George May, chefe da nova Igreja. O seu cargo equivale a bispo da Igreja Inglesa.

O Espiritismo alcançou notáveis progressos na África do Sul, especialmente nos Presbiterianos. Alarmado com a propagação da Doutrina e com a crescente simpatia que esta disfrutava naqueles prelados, o Presbitério de Capetown (Cabo da Boa Esperança) anunciou que seriam excomungados pela Igreja todos os ensinamentos espiritas.

Esta ameaça não produziu efeito, porque os ensinos impunham-se como necessários e os simpatizantes revoltaram-se contra a excomunhão.

Dias depois, May recebeu uma Delegação chefiada por C. Ferris, antigo Ministro demitido pelas suas crenças e que, apoiado agora pela sua Congregação, conseguiu reunir à sua volta mais de mil sequazes a que se têm juntado muitos outros.

Assim se formou a *Igreja Livre*, devido aos esforços daqueles que desejavam seguir os ensinamentos espiritas e a quem a excomunhão não assustou.

Os movimentos libertadores começam sempre por uma ideia de renovação lançada pelas minorias. Se não há espírito compreensivo as reacções sucedem-se e acabam às vezes como um suspiro. Mas a brasa volta a fazer sentir o seu calor, ou no mesmo sítio ou noutro. A Reforma é exemplo deste género e teve enorme influência no desenvolvimento e destino dos povos anglo-saxónios, que vão à frente em civilização e progresso.

Esta *Igreja Livre* que surge na África do Sul, país de vastos recursos aberto aos surtos espirituais, é a prova de que o pensamento não estratifica e que a doutrina espirita assenta em verdades que revolucionam o mundo moral e orientam as próprias religiões ortodoxas em sentidos mais amplos e humanos. Porque as religiões têm que ser humanistas; aliás ficarão emparedadas.

Os Presbiterianos da África do Sul seguem o seu rumo com firmeza, alheios ao anátema e numa linha de coerência que muito os enaltece.

As religiões são caminhos para Deus, como temos dito, mas quem as não sente não deve propagá-las.

Os grandes místicos da humanidade sentiram-nas verdadeiramente e abriram clareiras no mundo retrógrado. O que há de bom e de belo no coração humano veio-nos desses arautos sublimes que trocaram a comodidade pelo sacrifício. Quase todos morreram execrados, mas a sua doutrina harmonizou muitas almas e projectou-se no futuro do mundo.

As nossas saudações à *Igreja Livre Presbiteriana da África do Sul.*

A OBRA DOS ESPIRITAS BRASILEIROS

Constância, de Buenos Aires, publica uma nota transcrita do semanário inglês *Two Worlds* na qual se enaltece a obra dos nossos confrades brasileiros. Eis o que escreve este semanário, sob o título «Hospital Espirita em que os médiuns e os médicos trabalham lado a lado»:

«Observe-se a fotografia que ilustra estas linhas e esqueça-se por um instante tudo o que se conhece acerca de Espiritismo. É preciso um novo glossário psíquico para superar o magnífico espectáculo que oferece o Espiritismo Brasileiro. Neste apaixonante e exótico baluarte do Catolicismo Romano, o Espiritismo floresce de maneira tão rápida, como formosa, à semelhança de uma orquídea nascida em tojal hostil. Fixe novamente a fotografia, que se refere a um hospital, a um magnífico hospital. Constitui parte de umas 15 unidades pertencentes a alguns milhões de espiritistas brasileiros que os orientam e dirigem por si próprios.

«Este estabelecimento modelo ergue-se na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Cirurgiões, psiquiatras e mdiuns curadores trabalham lado a lado sobre doentes de afecções mentais. A terapia médica é baseada nas técnicas mais modernas, acrescida de ambientes psíquicos usados como santuários para oração e cura. Onde, em qualquer parte do mundo, poderemos encontrar, o escalpelo a par do passe magnético, a psicanálise e a prece, tudo reunido no mesmo sistema de cura?...

O Hospital Espirita, como se lhe chama em Rio Grande, é onde a maioria dos psiquiatras de Porto Alegre tratam os seus doentes, assim como os espiritistas que desejem colaborar nas tarefas da instituição, que, segundo o seu presidente Conrado Ferrari, representam *o trabalho de maior relevo que o Espiritismo possui neste Estado.*

«Os resultados obtidos são concludentes. A percentagem de doentes curados oscila entre 65 e 75. A percentagem dos que saem sem conseguir melhoras não excede 4. E agora, depois do exposto, quem se atreverá a desafiar a sapiência do médico e do médium curador que trabalham lado a lado?».

Mas a revista argentina escreve algumas palavras preambulares que subscrevemos totalmente. Diz ela que os espiritistas brasileiros não se limitam aos fenómenos do Além e às investigações psíquicas, mas também alargam o conceito fraterno e solidário aplicado a todos os aspectos da vida e neste sentido têm dado passos gigantescos, pois os hospitais construidos em vários Estados do Brasil cimentam o princípio da caridade, não como dádiva, mas como dever e para a realização do qual contribuem homens de ciência que se dedicam de alma coração à causa espirita.

Depois opina que o mundo devia seguir o exemplo destes valentes pioneiros que vivem em mística de irmandade, de alma imortal, donde arrancam os mágicos poderes dessa conjunção de forças, vontades e propósitos que se plasmam e concretizam em magnífica realidade beneficente.

Assim — continua o articulista — são credores dos mais ferventes aplausos, visto que honram a causa e a humanidade.

É com a maior satisfação que reflectimos aqui o contentamento e admiração de ingleses e argentinos pelo Hospital Espirita de Porto Alegre, que há muitos anos consideramos uma das mais belas obras dos espiritistas brasileiros. Esta é a resposta que devemos aos nossos queridos amigos Conrado Ferrari e João Amado Venâncio que se encontram à frente do Hospital.

ECOS DA CACHOEIRA PAULISTA

Há pouco recebemos um sobrescrito grande. Vinha do Brasil, por onde andámos em viagem de saudade, a conhecer amigos dilectos. Sobrescrito grande e volumoso, que traria ele em suas dobras?

Abrimo-lo e deparámos com as seguintes palavras num cursivo revelador de persistência e fé:

Cachoeira Paulista, 27 de Agosto de 1957.

Prezado irmão

Estamos-lhe enviando, segundo desejo de nosso saudoso pai, desencarnado a 13 de Junho deste ano, as crónicas sobre a visita do querido confrade à Cachoeira Paulista e mais o jornal que relata a passagem dele para outro plano de vida.

Isidoro Duarte Santos ocupava lugar de relevo em seu coração e a família de Alberto de Barros deseja que essa amizade continui...

Abraços e saudades

Nelly de Barros

Oh Deus, o mundo tem coisas belas que muitos não apreciam! O que vai nestas linhas carinhosas! Quanta beleza de alma, quanta amizade oculta pronta a desdobrar-se!

Alberto Gonçalves de Barros, figura de bronze num coração infantil... Newton de Barros, orador vibrante que substituiu o Leopoldo... Nelly de Barros, gentileza viva ao serviço da Causa... E a mãe, que ficou na Cachoeira... árvore bendita e perfumada... Conhecemo-los todos, todos, todos! Nenhum é maior que o outro. Pertencem à mesma geração de garimpeiros do Ideal. A mesma geração de garimpeiros...

«... a família de Alberto de Barros deseja que essa amizade continui...».

Sim, continuará cada vez mais forte, porque as raízes vão crescendo e multiplicam os ramos...

Nelly, você está presente em meu coração. Diga à Mamãe que não chore. O Alberto pertence agora a todos. O seu abraço é mais vivo e penetrante... E o Newton está batendo ferro na bigorna de Nova Iguaçú. Um roble caiu... Um roble se levantou...

O ENSINO DO ESPIRITISMO

O Governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros, decretou em 17-10-956 uma grande medida que beneficia o Espiritismo paulistano, colocando-o em pé de igualdade com doutrinas religiosas. O decreto n.º 26.103 de 13-7-956 passou a ter a seguinte redacção:

«Art. 1.º — O ensino religioso de qualquer culto ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino é independente do número de alunos que se proponham recebê-lo.

«Art. 2.º — Fica revogado o parágrafo único do artigo 18 do mesmo decreto».

A Constituição reza assim no parágrafo 5.º do artigo 168:

«O ensino religioso constitui disciplina dos horários oficiais, é de matéria facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável».

Nestas circunstâncias, o director do Instituto de Educação Torcato Caleiro, da cidade de Franca, deferiu o requerimento dos alunos espíritas, marcando a data de 15 de Maio último para a aula inaugural da Religião Espírita.

Parece que a medida vai encontrar forte oposição dos elementos clericais, que não se conformarão com o decreto de Jânio Quadros, governador progressivo que deseja prestigiar a lei, tornando-a extensiva a todos os cidadãos.

O que é preciso é que os demais Estados assegurem aos espiritistas o mesmo direito.

FACTOS ANORMAIS

A Reuter divulgou uma notícia que revela o estado actual da humanidade. Vem de Tulsa, Estado americano de Oklahoma. Reza assim o comunicado:

«Magnetismo, urânio ou gás podem ter causado o abandono pela família Wilkinson da sua casa, que consideram assombrada.

«No mês passado (deve ser Setembro), cadeiras e mesas têm dançado à volta dos quartos e o aspirador de pó vagueou por toda a casa. O órgão eléctrico ficou danificado, o frigorífico partiu-se e o relógio caiu por seis vezes da prateleira onde se encontrava.

«Os Wilkinsons viviam na casa há 23 anos, sem terem sido anteriormente perturbados. Na quinta-feira julgaram ter resolvido o problema, depois de o dono da casa ter retirado canos de água que havia à volta da residência e uma vedação de metal que pensou estarem a criar um campo magnético. Mas os factos anormais continuaram, e Wilkinson, sua mulher e sua filha, de 12 anos, tiveram de dormir essa noite no automóvel.

«Wilkinson disse: «Não sabemos se isto é consequência de um campo magnético, de urânio ou de uma fuga de gás debaixo do solo. O caso é que estes factos anormais têm-nos arrazado os nervos».

Aparte a horrível tradução do escriba, o que se nota é ignorância. Nada mais do que ignorância. Quem é o sr. Wilkinson para dar opiniões acerca de coisas que desconhece? Como poderia um campo magnético mover cadeiras, ter feito dançar as mesas e fazer andar um aspirador à volta da casa? Como poderia danificar o frigorífico e deslocar o relógio da prateleira? E os canos da água?...

Só mesmo um Wilkinson se lembraria desta hipótese. Não viu mais nada. Só o campo magnético.

Pois o invisível estava lá, atrás dos distúrbios observados pelo sr. Wilkinson. A hipótese emitida é a maior estultícia que se poderia aventar na circunstância.

É pena que as agências telegráficas distribuam comunicados deste género, em que o jocoso atinge aspectos inverosímeis, em linguagem que insulta o vernáculo...

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como foi anunciado, o nosso colaborador António Cardoso realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor a sua conferência sob o título «Aspectos de Paris».

Presidiu o confrade António Carvalho Rasteiro, secretariado por Raul Ribeiro Pesqueira e Jorge Raimundo.

Antes de entrar na parte espirita da conferência, referiu-se à vida parisiense com o seu à-vontade característico; aos restaurantes práticos em que cada qual escolhe os pratos, serve-se a si próprio e paga à saída; à fruta vendida em caixas empalhadas e não em cestos anti-higiénicos, como em Portugal e Espanha; ao pão integral delicioso feito com malte, germe de trigo, com passas de uva, etc.

Informou também que muitas casas de produtos dietéticos vendem batata, cebola, etc. criadas sem adubos químicos. Aludiu à entrevista que tivera com o médico naturo-espiritualista Dr. Pierre Oudinot e à película cinematográfica «O Cristo Proibido», de crítica a certos aspectos do Cristianismo, e ao curioso espectáculo de um *yogui* que fez impressionantes deslocações de certas partes do corpo.

Depois referiu-se largamente ao Congresso Internacional do Espiritismo e às actividades de D. Elodia Cástol de Benavides que foram notáveis durante a sua estadia em Paris.

Falou acerca do banquete de boas vindas aos Congressistas, das excursões a vários sítios da cidade-luz, da onda de cientismo ou pseudo cientismo que se verificou no certame, das sessões no mesmo realizadas e de muitas outras coisas que deixaram nos ouvintes a impressão de terem assistido a todos esses quadros magníficos de realidade.

António Cardoso, nosso enviado especial ao Congresso, representou igualmente a Federação Espírita do Rio Grande do Sul e seu órgão oficial «A Reencarnação» e o Hospital Espirita de Porto Alegre.

Como já relatara, no n.º de Outubro, o que vira e sentira acerca de tão importante acontecimento, agora limitou-se a referências inéditas que muito contribuiram para elucidar.

UM CONGRESSO ESPIRITA

O *Diário Mercantil* de Juiz de Fora, Minas Gerais, informa que em 10 e 12 de Outubro p. passado realizou-se nesta cidade o *1.º Congresso de Orientadores de Crianças das Escolas Espiritas de Evangelho*, patrocinado pelo *Departamento da Criança* da União Espirita de Juiz de Fora (Casa de Kardec).

É o primeiro no género e teve a presença de cariocas, fluminenses, paulistas, catarinenses, paranaenses e gaúchos, além de muitos delegados de Minas, tendo-se realizado numerosas visitas a instituições espiritas e aos pontos mais belos da cidade.

Os temas apresentados revelaram forte conteúdo moral que servirá de base à educação infantil espirita.

As nossas veementes saudações.

COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Temos em depósito todos os volumes de *Estudos Psíquicos* encadernados em percalina azul.

1.º	vol.	120$00	9.º	vol.	100$00
2.º	»	120$00	10.º	»	100$00
3.º	»	120$00	11.º	»	95$00
4.º	»	95$00	12.º	»	95$00
5.º	»	95$00	13.º	»	95$00
6.º	»	95$00	14.º	»	95$00
7.º	»	100$00	15.º	»	95$00
8.º	»	100$00			

TRABALHOS DO CENTRO EM NOVEMBRO DE 1957

Grupo «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 3, domingo, às 16,30 — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 5, terça-feira, às 21,30 — Experiências de intuição, por Túlio Augusto Rosa.

Dia 10, domingo, às 16,30 — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 12, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19, terça-feira, às 21,30 — Experiências de intuição, por Túlio Augusto Rosa.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Conferência por Ângelo da Costa Cabral, intitulada «Religiões Irmanadas».

Dia 26, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 1 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3, terça-feira, às 21,30 — Grupo Ernesto Bozzano, dirigido por António Cardoso.

Dia 8 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláquia, com a médiam D. Conceição Dias.

Dia 10 de Dezembro, terça-feira — Experiência de intuição por Túlio Augusto Rosa.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Outubro — D. Maria Gomes Faria, de Lisboa, 5$00; D. Maria Simões Marques, de Carregueiro de Vilar, 20$00; A. L. F., de Lisboa, 20$00; D. Cupertina de Meneses, de Alhandra, 20$00; Amélia e Frank, de Cebolais de Cima, 130$00; Augusto L. Vasques, de Odemira, 20$00; L. Marques, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Glória Santos Romãozinho, de Cebolais de Cima, 100$00. *Total — 355$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00 ... 35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 40$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 42$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão Nosso, pelo Espírito de Emmanuel ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	30$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	40$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	**60$00**
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	30$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	35$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 45$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	25$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	25$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	25$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	25$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	60$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	60$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	20$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	120$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	70$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	25$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

ARMAND DONNAY

(Ver pág. 377)

CONTÉM: Serviço, da **Redacção**; Deformidades nas Aparições dos Mortos, por **Raoul Montandon**; Espiritismo Científico ou Místico Religioso?, por **José Francisco Cabrita**; Uma Carta de M. Lemoine à Televisão Francesa; A Missão Superior da Mulher, por **A. Donnay**; Protectores Terrestres, por **Emmanuel**; O Psicotelefone Comunicará Brevemente com os Mortos, por **Jacques Palente**; Sobrevivência, pelo **Prof. Octávio Marialva**; Educando, por **Emanuel Samá**; Imagens, por **R. P.**; Ecos de Uma Viagem - XXXIII - Em Pedro Leopoldo, por **Isidoro Duarte Santos**; O Menino e a Estrela, por **Manuel de Sousa**; Maternidade «Casa da Mãe Pobre»; Monteiro Lobato e o Espiritismo, por **Edgar Cavalheiro**; o Menino e a Vida, por **Rocha de Sousa**; Portugal, por **Paulo Alberto**; Natal dos Necessitados; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

18.º ANO DEZEMBRO DE 1957 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vitor Magaldi*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUASSÚ, E DA CASA DO «TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente — 6 números, 36$00; 12 números, 70$00 — Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente — Brasil, 12 números, Cr$ 120.00 — Estrangeiro, 3 dólares — Número avulso, 6$00 — Número atrasado, 7$00. (Estes preços são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros.
Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.

Nova Iguaçú — *Leopoldo Machado* — Caixa Postal 6.

S. Paulo — *António Baptista Lino* — Rua Dom *Duarte Lobo*, 170. Telefone 31-1147.

Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.

Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.

Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.

Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.

Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.

Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.

Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.

Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.

Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.

Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.

Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.

Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.

Paranaguá — *René Risental* — Caixa Postal 107.

João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.

Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.

Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.

Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.

União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.

Pelotas — *Dr. Djalma de Matos* — R. Gonçalves Chaves, 556.

Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.

Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*

Volta Redonda — *Aleixo Vitor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.

Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.

Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiro, 89 — Espinheiro.

Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.

Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19-85.

Cachoeira do Sul — *João Carpes* — Moinho União.

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

18.º ANO | LISBOA, DEZEMBRO DE 1957 | N.º 12

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

SERVIÇO

Eis uma coisa em que muitos falam e poucos compreendem. Serviço não é trabalho que se presta; é trabalho que se deve.

Aristóteles aconselhava que se não prestassem serviços aos velhos, porque não teriam tempo de os reconhecer; nem às crianças, porque não têm memória para os recordar. Mas serviços a uma causa de beleza espiritual que fruimos são tarefas que se impõem com satisfação.

O ideal não solicita esforço; nós é que lho damos para que a chama se mantenha, já que temos nisso interesse. Portanto, quando um homem se entrega ao seu ideal, há retribuição e fruição.

Há quem sirva por zelo e quem sirva por necessidade, o que levou Wertheimer a dizer que alguns serviços oferecidos são às vezes petições. O que se recebe ultrapassa quase sempre o que se dá.

A Causa Espirita tem servidores de muita espécie. Uns servem por servir. Querem matar o tempo e servem. Outros servem por obrigação. É um meio de retribuir benefícios que receberam.

Os que servem por imperativo de consciência são os menos numerosos, mas que persistem, não obstante os ventos contrários. Além do mais, realizam trabalho oportuno, na opinião de Voltaire: afastam o tédio, o vício e a necessidade.

Na maioria dos sectores o utilitarismo assume relevos fantásticos. No Espiritismo há sacrifícios que muitos não entendem. Como pode entender-se o desprendimento pelas coisas materiais, num mundo avaro, cheio de ilusão e de fraqueza? Como pode entender-se a renúncia às diversões, que fazem parte da vida normal? Como pode entender-se o desprezo pelas glórias mundanas, numa sociedade envelhecida e carcomida?...

Mas há quem sirva e arraste o corpo nos barrancos da existência, quem lute por vida melhor, mais ampla e verdadeira, quem abdique honrarias e se entregue à faina de auxiliar, mesmo sabendo que terá mau pago.

É com estes que os ideais frutificam e a humanidade evoluciona. Não é com os fazedores de ouropéis que usam alvaiade e agitam campainhas. Esses não contam, nem contarão.

As obras sérias exigem suor e nobreza. Exigem dor para se conhecer a ternura da humanidade, na frase célebre de Rousseau. E semelhantes pergaminhos não se obtêm comodamente instalado, mas numa acção contínua, a tomar parte nos problemas alheios.

Quando um ideal é nobilitante, servi-lo é servir os homens, é contribuir para o bem-estar colectivo. Nós próprios recebemos a recompensa. O Deus que está em nós a vigiar faz oscilar a balança no sentido do justo ou do injusto. É assim que avaliamos o merecimento do nosso trabalho e podemos julgar os outros sem receio de erro muito grande.

O Espiritismo necessita de abnegados, de homens cônscios, de alavancas propulsoras fiéis ao esforço mecânico. A seara é cada vez maior e o escalracho busca a seiva que pertence às boas árvores.

O marasmo oblitera o génio criador e dessora as energias que aguardam animação e progresso.

Estacionar é degenerar, é perder a ocasião, é ser vencido. Quantas vezes empregamos a fundo a nossa capacidade e destruímos o objecto que nos move! E ficamos inglòriamente exaustos com a lição em branco! E sofremos por negligência e não chegamos tão cedo ao fim do curso!

Nem todos compreendem a ideia de servir sem proveito. E se é coisa de anormais, no conceito do vulgo habituado à usura, mais uma razão para servirmos.

Os bons exemplos têm bons seguidores.

E o vulgo, que entenda como quiser. Não é ele que decide, não é ele que resolve. Limita-se a olhar. Os que podem resolver trabalham silenciosamente e silenciosamente edificam...

DEFORMIDADES

NAS APARIÇÕES DOS MORTOS

Por RAOUL MONTANON

II

Para explicar os fenómenos desta ordem, recorreu-se ao que se poderia chamar a teoria das «imagens astrais» e dos «sons astrais», baseada nos ensinamentos do ocultismo oriental e ocidental.

Recordaremos uma vez ainda esta passagem do Dr. Encausse que resume em termos claros e precisos a tese em questão. Diz ele:

> Assim como todas as coisas e todos os seres projectam sombra no plano físico, projectam também reflexo no plano astral. Quando uma coisa ou um ser desaparecem, o seu reflexo no astral persiste e reproduz a sua imagem, tal como era no momento preciso da desaparição. Cada homem deixa, portanto, no «astral» um reflexo, uma imagem característica...
>
> É pondo-se em contacto com estas «imagens astrais» que o vidente encontra toda a história das civilizações mortas e dos seres desaparecidos. Uma descoberta recente, a da psicometria, veio mostrar que estas afirmações do ocultismo que se poderiam tomar por metafísica pura, correspondem a realidades absolutas! Suponham que o vosso reflexo no espelho persiste após a vossa partida, com toda a cor, expressão e todas as aparências de realidade, e tereis assim uma ideia do que se pode entender por «imagem astral» dum ser humano.

Queremos precisar aqui — sob pena de erro de interpretação — que não é a morte que provoca ou põe sùbitamente em movimento esse reflexo da individualidade física no plano astral; por outras palavras, não existe lá uma imagem *única*, representando a aparência exterior no momento — e neste momento apenas — do abandono do corpo pelos elementos mais subtis da alma e a que chamamos *morte;* mas sim uma série ininterrupta de imagens reflectidas, de maneira que toda a história do crescimento dum ser — desde o nascimento à morte — se encontra assim reproduzida e conservada no invisível.

Colocaremos agora, à luz desta tese, duas comunicações mediúnicas (1) que não só a confirmam de maneira notável, mas ainda trazem alguns esclarecimentos do maior interesse ao processo que, no plano astral, permitiria este contrário do mundo físico.

1.ª

Fica sempre uma «imagem indelével» dos quadros do passado — aquilo a que chamais psicometria — portanto, se a souberem ver, uma espécie de «cliché» da nossa passagem fica visível aos olhos do espírito. Já disso tendes tido, por vezes, exemplos — vós tomai-los por alucinações, mas são absolutamente reais — e desvendados aos vossos olhos, excepcionalmente. Assim, logo que percorreis esses lugares pensando em nós, ficais rodeados pelo nosso regimento, tal como marchou com os seus chefes, os seus soldados, a sua bandeira desfraldade. E sobre os campos de batalha permanecem as nossas sombras! A música soa, as cargas furiosas e a Marselhesa, a bandeira estremece... mas são imagens *prolongadas* e não uma realidade objectiva. Estes fenómenos são ainda desconhecidos para a vossa ciência; todavia alguns videntes notaram seres cuja constituição espiritual possuía um desenvolvimento que os outros ignoravam; e tudo o que impressionava as diversas ondas que vos rodeiam deixa nelas uma imagem indelével: uma fotografia. Tu poderás, sem erro de imaginação, encontrar de novo a minha forma terrena (o meu «fantasma», porque neste caso trata-se bem dum fantasma, um vapor impressionado) em toda a parte onde me procurares.

Compreendereis este processo num tempo próximo. Quanto mais o corpo humano se modificar para se adaptar às novas condições da vida, tanto mais os vossos sentidos físicos se abrirão a possibilidades insuspeitadas. Haverá grandes diferenças entre vós, pois nunca o afastamento foi maior entre certos espíritos e outros. Tendo as ciências progredido consideràvelmente, prepararam estimativas espirituais entrevistas por alguns homens, enquanto, para outros, a vida permaneceu tão material como nos tempos primitivos. Deste modo, estes últimos chamarão loucos aos primeiros... E, contudo, estes são os sábios do futuro...

2.ª

Como já te tenho dito, persiste uma marca indelével de todos os quadros que «impressionaram» os lugares da terra. Dificilmente dais por isso e meditais na multiplicidade das cenas que se desenrolam num mesmo local. Vós conheceis o processo: trata-se duma variedade de telepatia — telepatia a que chamarei material —

(1) Estas mensagens são extraídas do volume I das «cartas de Pedro» (jovem oficial francês morto em combate, aos 23 anos, em Agosto de 1915), mensagens dadas a sua mãe por meio de escrita automática.

entre ondas e ondas, que faz saltar como uma mola o quadro *estabilizado;* põe-se em movimento estimulado por ondas análogas às que o banharam, quando se formou. Não sei se me compreendes; quer dizer, a passagem da imagem produziu-se sob a impressão dada por uma influência espiritual, que é por vezes uma recordação inconsciente. Nem sempre é este o caso; contudo, este fenómeno produz-se mais frequentemente assim. São sempre impressões «psicométricas» (para me servir dum novo termo) absolutamente espontâneas e experimentadas por um espírito independente da cena exposta; mas, em geral, sempre que uma pedra, um objecto qualquer, «conta» cenas estranhas a estas testemunhas e que se imprimiram nas suas moléculas constitutivas, o espírito que recolhe a impressão foi preparado por perguntas que lhe deram a possibilidade de a descobrir. Por exemplo, quando vos servis dum médium psicómetra para procurar um desaparecido, o salto das ondas simpáticas produz-se da mesma maneira por uma recordação evocada; esta inspiração também é revelada por um espírito (por vezes desencarnado). Daqui resulta que todas as cenas que se passaram na Terra deixaram um traço indelével; mas é o facto da «evocação» que as faz voltar ao primeiro plano, para se desenrolarem como um quadro em movimento.

Dificilmente te posso explicar estas leis físicas; vós começais a adivinhá-las... e admirar-vos-ão, quando as tiverdes decifrado — o que vos será muito possível. Em definitivo, a recordação permanece em vós como um quadro, um espectáculo que podereis fazer reviver; perpetua-se da mesma maneira no ambiente que o cercava no momento da sua formação... e não é mais difícil de compreender do que o outro. Os vossos cérebros são como um grande livro de imagens, cujas páginas podeis voltar, umas após outras; não há qualquer confusão neste amontoado de impressões múltiplas... que podeis reviver cada uma por sua vez e à vossa escolha. Passa-se o mesmo no «cérebro da natureza», se é que posso arriscar tal eufemismo; as impressões são registadas, podem ser chamadas sucessivamente a uma vida temporal, mas apta a repetir-se tantas vezes, quantas for solicitada. Assim, querida mãe, essas recordações precisas do meu amigo refaziam imediatamente, neste mundo físico, o mesmo quadro que fazia vibrar o seu coração. Eu próprio estava junto de vós, com toda a minha personalidade, nunca perdida. Refazia-se como que uma decoração real. O conjunto teria sido notado por qualquer vidente.

Passa-se o mesmo com os sons... sons de vozes... chamamentos, ordens, cantos e fanfarras, ruídos de passos, tenir de armas, etc. Podeis dar-lhes uma actualidade completa na vossa recordação. O «cérebro da natureza» também recorda e as moléculas sonoras mobilizam-se outra vez no espaço, como em vós. Por isso vês que é possível *reviver o que tiverdes vivido* e que a recordação é um fenómeno objectivo e subjectivo.

Daí vem a intensidade da impressão que trouxeste daqueles lugares que ficaram «agitados», devido a correntes psíquicas e matérias inumeráveis, que a nossa passagem provocou no seu ambiente. Estas ondas, uma vez desencadeadas, não se detêm mais; estremecem, unem-se sem se misturarem... A telegrafia sem fios dá-vos um exemplo completo deste fenómeno.

Chegados a este ponto da nossa exposição, podemos tirar esta primeira conclusão: «Existe o Invisível — e damos aqui esta designação a tudo o que escapa à percepção dos nossos sentidos normais, sem nos ocuparmos dos diferentes estados ou planos constituintes desse Invisível — uma imagem fiel, espécie de «desdobramento» de toda a manifestação material».

Se limitarmos esta verificação à vida dos indivíduos, compreenderemos que o corpo humano traz *em si mesmo* esse «sósia semi-material que só se evade temporàriamente do corpo físico durante o sono natural ou provocado (consciente ou inconscientemente). Esta contrapartida do indivíduo é formada por elementos diversos, alguns dos quais parecem dissolver-se após a morte. O ocultismo afirma que o corpo etéreo volta ao plano etéreo, que varia em cada indivíduo; que os próprios elementos do corpo astral são chamados — após um período mais longo e variável — a desagregar-se e a voltar aos planos de onde vieram. Quanto aos princípios superiores do ser, pode supor-se que prosseguem numa evolução cujo processo escapa ao nosso entendimento. Esta tese duma contrapartida etérea e astral sobrevivendo à dissolução dos átomos materiais do corpo pode manter-se no que diz respeito ao próprio ser, ou seja, o conjunto de aparelhos e órgãos que constituem fisicamente a individualidade humana. Mas perguntaremos: como supor que assim seja para tudo o que lhe é exterior, como roupas e acessórios de cuja presença nos falam vários autores?

Pode-se fazer intervir aqui a hipótese de reconstituição plástica devida ao poder que teriam os «espíritos» de reproduzir pelo pensamento (ideoplastia), não só a sua aparência material de antanho, como ainda os trajos de que se revestiram, ou os inúmeros objectos terrestres em que evoluiram. Não achamos isto impossível. Mas achamos mais lógico recorrer à tese das «imagens prolongadas», imagens cujo conjunto constituiria, até certo ponto, uma «memória visual».

Nenhuma comparação me parece melhor para fazer compreender a existência destes arquivos do mundo, do que a fita cinematográfica, que, só pela magia do movimento,

dá certa aparência de vida às imagens que impressionaram a película; vida bem fictícia, pois a acção desenrola-se automàticamente, sem que nada possa modificar qualquer coisa neste desenrolar de imagens «mortas», para sempre fixadas nas atitudes e relações entre si. E é bem esta a impressão que se desprende das personagens vistas por Madame Blavatsky na descrição que demos, impressão que encontramos de novo, quer nos exemplos dados pelo Sr. De Vesme, quer nas numerosas histórias e casas assombradas, onde os fenómenos verificados se desenrolam segundo um cenário imutável. Citam-se às centenas os casos onde a aparição executa os mesmos gestos, toma as mesmas atitudes; ou de ruídos de passos que se fazem ouvir no mesmo local, com a mesma cadência; ou de vozes, gritos, chamamentos, gemidos, às vezes com longos intervalos, em condições idênticas e nos mesmos locais.

Como é diferente, pelo contrário, a impressão que dão as sessões, tais como as relatadas por Madame Marryat no seu livro e de que demos atrás um exemplo! Aqui, tudo é vida e movimento; nada é congelado, estereotipado; cada sessão traz novos elementos, imprevisto, fantasia, e é isto que lhes tira aquela aparência de coisas mortas chamadas momentâneamente à vida, como o faria o cinema sonoro, ou, mais simplesmente, o álbum fotográfico, evocando em todos os pormenores exteriores as atitudes tomadas pelo indivíduo, sem poderem infundir nelas uma vida essencial. Que concluir daqui? Nada, a não ser que nos encontremos em presença de fenómenos que, apresentando embora certas analogias, são produzidos por causas diferentes. Para uns, é a vida criadora que, tal como a corrente que brota e não seca, prossegue com incessantes e múltiplas modificações. Para outros é a lembrança dum passado morto, representado por uma sucessão de imagens, cujo desenrolar, de certo modo automático, se apresenta sob a aparência de fita cinematográfica, que faz passar fielmente no campo da visão — tantas vezes quantas se desejar — elementos de acção ligados entre si por relações imutáveis que nada pode modificar.

Não conhecemos as leis que permitem o funcionamento e a utilização deste «cinema universal». De qualquer forma há no invisível testemunhos fiéis:

a) De todas as aparências às quais deu lugar o nosso corpo somático — desde o momento da sua concepção ao da sua dissolução pela morte — sem excluir as taras e as deformidades devidas a causas congénitas ou acidentais;

b) De todos os trajos, acessórios, de que nos vestimos e ornamentámos.

c) De todos os lugares e objectos, no meio dos quais evoluímos.

Logo, não há qualquer necessidade de supor que as fealdades e deformidades que nos revelam estas aparições, assim como os trajos de que se revestem, — sem dúvida a fim de nos convencerem da sua identidade — sejam sempre «actuais». A supor-se que a hipótese da ideoplastia (recordação das aparências passadas e vividas) seja insuficiente para explicar todos os casos, temos o direito de pensar que os desencarnados se encontram em condições de utilizar estes «arquivos universais», quer infundindo-lhes vida fictícia e passageira, quer desvendando-os à nossa visão interna, de acordo com o processo descrito nas messagens citadas.

E isto leva naturalmente a considerar como possível a obtenção, por um médium como Margery, não só deformidades físicas, mas ainda impressões digitais de Walter, com os seus traços particulares. Se os traços, estritamente individuais, que as caracterizavam em vida, tiverem desaparecido com a dissolução do corpo físico, etéreo, etc., elas subsistirão em algures, no Invisível. «Os que sabem e os que podem» (para empregar uma expressão de Madame Blavatsky) poderão tirar partido destes arquivos universais, onde as formas, os pensamentos, os gestos *de tudo o que foi, é e será,* se conservam para sempre fixados do «Grande Livro» do mundo.

(Tradução de M. L. S.)

O Primeiro "Livro dos Espíritos"

de ALLAN KARDEC

Com o texto francês em fac-simile
Tradução do Dr. Canuto Abreu

O texto português desta edição de luxo encontra-se face-a-face com o texto francês da 1.ª edição de Kardec. Obra de grande interesse para os estudiosos.

1 grosso volume de 476 páginas de 24×16, em papel de linho — 150$00

Enviamos este livro à cobrança

ESPIRITISMO CIENTÍFICO OU MÍSTICO RELIGIOSO?

No aglomerado humano, que já é grande, em que o Espiritismo tem plena aceitação, notam-se três correntes ideológicas: duas maiores — a dos que aceitam o Espiritismo só no campo científico e a dos que o aceitam só no campo místico-religioso, e a terceira é a dos que o aceitam como místico-científico.

Mas o que é o Espiritismo? É a ciência que demonstra a existência e a sobrevivência da Alma, pela prova experimental das comunicações do mundo terreno com o mundo espiritual.

Essa demonstração foi feita por sábios de categoria mundialmente reconhecida, como o Dr. Charles Richet, Sir William Crookes, Alexandre Aksakof, Dr. Gustave Geley, Dr. Ernesto Bozzano, Dr. César Lombroso e muitos outros.

Provaram eles que forças inteligentes invisíveis actuam em nosso meio, produzindo, em condições especiais e com a utilização dum passivo, deslocações de corpos sem contacto de forças terrenas, manifestando luminosidades mais ou menos intensas, proporcionando a tiragem de fotografias de seres extra-terrenos, provocando a aparição materializada de seres do mundo espiritual que se identificam como tendo já vivido na terra e fazendo-o em condições de serem fotografados, manifestando-se falando do ambiente espacial directamente a quem assiste a tais manifestações (a voz directa) e transmitindo mensagens sensatas e correctas por meio de simples pancadas ou pela escrita obtida por viventes terrenos em estado sonambúlico e por vezes em linguas desconhecidas do sonâmbulo.

Com aparelhagem própria de laboratórios verificaram aqueles sábios que tais materializações eram constituídas de uma substância maleabilíssima que denominaram ectoplasma, que o médium é um passivo que fornece energia e substância como o dito ectoplasma, para todas aquelas manifestações, funcionando assim como uma pilha viva.

Sábios e leigos em ciências verificam que as faculdades de vidência, de clarividência, de premonição e telepática revelam potencialidades da alma e certificam factos que ninguém pode negar.

Este lado científico ou de observação dos factos e dos fenómenos espiritas está devidamente explorado e esclarecido.

Que mais há a fazer? Repetir as observações já feitas, empregando o mesmo rigor científico, para dar delas uma explicação diferente daquela que aqueles sábios deram?

Achamos tentativa inútil; todavia, que o faça quem quiser e puder, que os espiritas vão-se, entretanto, orientando e agindo segundo as conclusões a que aqueles sábios chegaram: o mundo espiritual existe e a alma ou espírito é uma realidade evidente e imortal, pois sobrevive ao aniquilamento do corpo carnal.

E dentro desta certeza, todos os espiritas procuram viver a vida terrena por forma que na vida espiritual a seguir à libertação do corpo não sofram de recordações amargas dum viver terreno desregrado e vicioso.

Com este fim é natural que procurem investigar, na medida do possível e do compreensível, como é e como se movimenta aquele mundo espiritual para onde seguiremos todos, cada um na sua hora própria, como ele se comporta em relação ao mundo material terreno em que nos encontramos, e a que leis se submete a vida, quer num plano, quer noutro.

Ora, toda esta parte inerente à ciência da alma, e consequência, portanto, daquela certeza que o lado científico do Espiritismo nos deu, é a que nos leva a orientarmos a vida pelas lições dos Grandes Espíritos, é a que nos leva a reconhecermos a sabedoria e o poder das elevadas hierarquias espirituais subordinadas a uma força suprema — Deus.

Daqueles Grandes Espíritos, por devoção especial de ocidentais seguimos e amparamo-nos a Jesus na observância dos seus ensinamentos contidos nos Evangelhos. Encaramos, desta maneira, a acção espirita como tendente a restaurar o Cristianismo em toda a sua primitiva pureza.

Eis o que é o lado místico-religioso do Espiritismo, aquele lado prático e utilitário, digamos assim, ou proveitoso, na sua expressão mais apropriada, que devemos tirar da demonstração cientificamente feita da sobrevivência da alma.

Todas as descobertas científicas têm o seu lado prático ou proveitoso. O do Espiritismo é a harmonização da vida, em qualquer dos planos, com os altos desígnios divinos consignados na salvadora Lei da Evolução.

Todo o espirita místico-religioso é, fundamentalmente, admirador do aspecto científico que o Espiritismo contém. Pena será que os espiritas científicos menosprezem o lado místico-religioso das doutrinas que ele encerra.

José Francisco Cabrita

UMA CARTA DE M. LEMOINE

A fim de responder à série de emissões «*Charlatães & C.ª*», o Presidente da Sociedade Psíquica M. Lemoine, enviou a seguinte carta ao Director da Radiotelevisão Francesa.

Paris, 15 de Março de 1957

Senhor Director,

A cadeia parisiense deu há pouco uma série de emissões entituladas «*Carlatães & C.ª*», contra os espiritas e metapsiquistas, visto que o indicativo das emissões se assinalava por estes versos bastante mediocres:

O médium está concentrado;

O assistente está contraído.

O autor destas emissões, que se ouviam às sexta-feiras, às 22 h. e 27 m., informava os ouvintes da R. T. F. que os espiritas eram charlatães ou ingénuos, sendo os primeiros os médiuns e os segundos os que os escutam e acreditam.

Se, graças a Mme. Girardin, notarmos que Vítor Hugo, em Jersey, interrogava as mesas; que Robert Schumann, o compositor a que se deve «Manfredo» e outras obras-primas, fazia o mesmo Além-Reno; que entre duas descobertas científicas o químico e físico William Crookes os imitava em Inglaterra, não podemos ficar muito aborrecidos por nos enfileirarem na categoria de ingénuos que inclui homens de tanto talento.

A lista destes ingénuos de valor contém alguns filósofos como William James, Schopenhauer e F. Myers; escritores em número demasiadamente extenso para os citarmos; e diversos homens de ciência, entre os quais cumpre acentuar A. Russel Wallace, Presidente da Sociedade Britânica de Antropologia, Oliver Lodge — o Brandly dos nossos vizinhos —, os físicos W. Barret, professor da Universidade de Dublin, e C. Varley, todos eles membros da Real Sociedade de Londres, esta Academia das Ciências de Inglaterra que contou Newton entre os seus.

A estes sábios que alcançaram honras académicas, devemos ainda juntar o algebrista A. de Morgan, Presidente da Sociedade Matemática de Londres; o astrónomo Camille Flammarion; o fisiologista Charles Richet, membro da nossa Academia das Ciências, autor dum volumoso «Tratado de Metapsíquica»; o químico Robert Hare, professor da Universidade de Pensilvânia, talvez o primeiro a inventar engenhosos aparelhos destinados a impedir a fraude e que escreveu uma obra entitulada: «O Espiritismo Demonstrado Cientificamente».

Sem atribuirem aos fenómenos supranormais as mesmas causas que os metapsiquistas e sobretudo os espiritas lhes atribuem, até homens da Igreja concordarão com a sua autenticidade.

Numa carta a Mme. Swetchine, escrevia Lacordaire, o ilustre pregador de Notre-Dame:

«Ja viu girar e já ouviu falar das mesas? Desdenhei de vê-las girar, porque considerei isso uma coisa muito simples. Mas ouvi-as e fi-las falar. Disseram-me coisas bastante notáveis sobre o passado e o presente».

Mas nem sempre a ciência e o talento bastam para nos pormos a salvo dos artifícios dos fraudadores e deve-se reconhecer que certas experiências de Crookes ou de Richet podem, com material conveniente e ajudantes dedicados, ser reproduzidas pela prestidigitação. De resto, estrictamente limitadas ao seu lado material, estas experiências não provam a existência das entidades do Além, às quais, desde há séculos, damos o nome de Espíritos (Ver «As Sabichonas», de Molière, V acto, IV cena; as comédias de Regnard; certo conto ultra-ligeiro de La Fontaine, o «Dicionário Filosófico de Voltaire», etc....). Isto prova que, justificada ou não, a crença nos espíritos não data de 1857. A ideia de comunicar com as almas dos mortos figura já na Bíblia, onde Saúl vai consultar a Pitonisa de Endor, e na «Odisseia» onde Ulisses vai consultar a sombra de Tirésias para saber quando e como encontrará de novo a sua querida Ítaca e a fiel Penélope.

Neste ponto a «Odisseia» e a Bíblia só nos provam que, desde a mais alta antiguidade, se acreditou não ser impossível comunicar com os mortos, e a Bíblia talvez não seja estranha a estas palavras de Crookes:

«Negar a autenticidade dos fenómenos psíquicos equivale a rejeitar todo o testemunho humano, qualquer que ele seja, porque, na história profana ou na história sagrada, não há factos que se apoiem em provas tão numerosas».

Para ser agradável ao autor das emissões «*Charlatães & C.ª*», admitirei que todos os fenómenos supranormais devem ser considerados suspeitos e ainda que a maior parte dos espiritas não lhes presta já a menor atenção:

1) Porque podem ser reproduzidos pela prestidigitação;

2) Porque são tão raros quanto pouco convincentes;

3) Porque não provam de maneira alguma a existência dos espíritos, mas a realidade de faculdades especiais de certos vivos.

Em Paris, há três grandes *Sociedades Espiritas*. A mais antiga, a *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*, conta já sessenta anos e dá diàriamente duas sessões de clarividência espirita; as outras duas, a *União Espirita Francesa* e a *Casa dos Espiritas*, foram fundadas pouco depois da guerra de 1914-1918. Em nenhuma delas ocorrem fenómenos que possam ser reproduzidos por um prestidigitador; em nenhuma se utilizam as mesas giratórias ou falantes, a não ser que algum dos assistentes deseje conhecer os métodos arcaicos que empregavam há um século os primeiros investigadores das ciências psíquicas. Sócio da primeira destas três Sociedades desde 1916, nunca ali vi girar ou ouvi «falar» uma mesa. Nas experiências de clarividência que lá se fazem quotidianamente, são utilizados catorze médiuns, dos quais pelo menos seis são excelentes, os outros virão a sê-lo com o tempo, porque também neste domínio se verifica a verdade contida no ditado «usa e serás mestre», e não se comunica com os espíritos com a mesma facilidade com que se fala ao telefone com um amigo.

Esperava com curiosidade o que diria *Charlatão* sobre o estado do Espiritismo em 1956.

Fiquei desiludido; *Charlatão* estava meio século atrasado; não passava ainda das mesas que se propunha levantar por meio de *grampos escondidos nas mangas*. Outrora não eram necessárias tantas complicações: as mãos dos médiuns e as de alguns assistentes

bastavam para alcançar os resultados pretendidos.

Não era na elevação da mesa que residia o mistério, mas na comunicação obtida, porque, tal como Lacordaire havia observado, dizia «coisas bastante notáveis sobre o presente e o passado». Dizia-as também, sem dúvida, sobre o futuro próximo (que os projectos dos homens semideterminaram), porque o outro, segundo a expressão do poeta, a Deus pertence.

Eu teria desejado que *Charlatão,* com ou sem companhia, nos explicasse como poderia a aviadora Adrienne Rolland ter dito em 2 de Outubro de 1955, nesta mesma cadeia parisiense, na emissão entitulada «A Alegria de Viver», que devia a uma sessão espirita os esclarecimentos que lhe permitiram, em 1921, sobrevoar e atravessar a Cordilheira dos Andes com um avião pairando a 4.200 metros, façanha esta que ninguém conseguira realizar até então.

Calculo que os ouvintes da cadeia parisiense devem dizer de si para si, com certa perplexidade:

À TELEVISÃO FRANCESA

— Mas, afinal, quem é que nos engana? Adrienne Rolland ou *Charlatão?*

Em 1920, no Palácio das Sociedades Sábias e perante uma assistência de seiscentas a setecentas pessoas, afirmava eu a um prestidigitador dos que levantava mesas com grampos, que ele estava um quarto de século atrasado e que as antiquadas experiências de Oliver Lodge e de Russel Wallace não tinham mais relação com a prestidigitação do que esta última com a música ou a pintura. Esta resposta dirige-se a «*Charlatães & C.ª*».

Crookes não ignorava que se podiam reproduzir algumas das suas experiências por meio de prestidigitação.

No seu livro «Investigações sobre os Fenómenos do Espiritualismo» (página 174), enumera as oito teorias que se podem enunciar para explicar os factos observados por ele e por outros. Eis o que escreve a este propósito:

PRIMEIRA TEORIA — Todos os fenómenos resultam de fraudes, de hábeis arranjos mecânicos ou de prestidigitação; os médiuns são impostores e os assistentes imbecis.

«Esta teoria, acrescenta Crookes, só permite explicar um reduzido número de factos observados.

«Admito de bom grado — diz Crookes — que entre os médiuns que aparecem em público muitos há que são impostores que se aproveitam do gosto das massas pelas sessões espiritualistas para encherem as algibeiras sem muito trabalho... Mas há diferença enorme entre os ardis dum escamoteador de profissão que, cercado de aparelhos, auxiliado por comparsas, engana o público com a sua habilidade e ligeireza de mãos no seu próprio teatro e os fenómenos que se produzem em presença do médium Douglas Home, em plena luz, em aposentos privados que, até ao início da sessão, estiveram ocupados consecutivamente por mim e por amigos meus.

«Com todos os médiuns — continua William Crookes — tomei precauções suficientes para eliminar a fraude do número de explicações possíveis».

Este texto é formal. Todavia, apesar das precauções de Crookes e do seu incontestável talento, admitirei que ele possa ter sido vítima de fraudes por parte dos diversos médiuns com quem efectuou experiências.

Mas, como admitir por um instante que houvesse a menor artimanha, quando um dos nossos melhores médiuns disse a uma assistência de trezentas pessoas na nossa sessão de domingo, 8 de Abril de 1945: «As hostilidades com a Alemanha cessarão a 8 de Maio»? Tudo quanto o céptico pode afirmar é que houve uma feliz coincidência, bastante desconcertante, deveremos confessar.

SEGUNDO EXEMPLO — A 13 de Fevereiro de 1953, um outro 13 de Fevereiro de 1953, um outro dos nossos médiuns, igualmente um dos melhores, anuncia a cerca de quarenta pessoas que:

— O maior dos chefes dos Estados vermelhos deixará a terra antes da Páscoa.

Mais ou menos na mesma data, outro dos nossos médiuns diz por sua vez: «Anunciam-me a morte próxima dum político muito conhecido. Mostram-me a letra S, relativa a um nome de família». Ora, a 5 de Março, morria Staline. Não vivera até à Páscoa e, em cartas datadas de 6 e 10 de Março, respectivamente, alguns dos assistentes preveniam-me das anteriores predições, confirmadas em breve por algumas testemunhas.

TERCEIRO EXEMPLO — A 27 de Novembro de 1955, um destes médiuns anuncia a morte próxima duma actriz conhecida em todo o Mundo por um nome que começava pela letra M. Em Janeiro de 1956, um mês mais tarde, os jornais anunciavam o falecimento de Mistinguette.

QUARTO EXEMPLO — Em 10 do corrente, encontro na *Sociedade de Estudo dos Fenómenos Psíquicos,* onde raramente vou, alguém que me diz:

— Você tem médiuns excelentes; infelizmente, só predizem acontecimentos felizes.

No dia 23 de Dezembro um dos seus médiuns disse-me:

— Dentro em breve vai ter um sofrimento na perna direita.

Ora, nessa altura, gozava eu de boa saúde. Contudo, obtemperei:

— Espero que não seja necessário operar-me.

— Não, não, respondeu-me, mas será obrigado a interromper o seu trabalho, pois não poderá andar.

Pois bem, a 6 de Janeiro fui subitamente atacado de flebite na perna direita.

A *Sociedade de Estudo dos Fenómenos Psíquicos* dá anualmente cerca de setecentas sessões de clarividência. Talvez não se passe um só dia em que algum dos assistentes não receba um aviso precioso, do qual constata a importância quer imediatamente, quer alguns dias ou algumas semanas mais tarde. O anúncio de acontecimentos futuros é muito preciso, e estes acontecimentos demasiado importantes e numerosos para se lhes dar uma explicação satisfatória com a teoria das probabilidades.

Dizem que a maior parte deles está em gestação, quando são revelados pelos médiuns? É uma explicação bastante satisfatória para a probabilidade dos casos de doença ou de morte e tem o mérito de conservar ao futuro uma grande parte da sua verdadeira indeterminação.

Tudo evolui, e o Espiritismo

também, pois já não estamos no tempo de Lacordaire e das mesas. Os nossos médiuns, tal como elas, dizem coisas bastante notáveis sobre o passado e o presente; se o momento se apresenta, dizem-nas também, sobre o futuro. Mas isto não prova, que o futuro dos homens e dos povos esteja determinado e venha a ser diferente daquilo que eles prepararam por suas próprias mãos.

Para evitar uma controvérsia delicada que deixaria cada um nas suas posições, considerarei provisòriamente suspeitos todos os fenómenos supranormais de ordem física. Mas existe um, que submeto aos prestidigitadores.

UM DESAFIO E UM PRÉMIO DE DEZ MIL FRANCOS

A série de emissões «*Charlatães & C.ª*» é feita — disseram-nos — sob o patrocínio de várias associações de prestidigitadores. Deste modo, seja-me permitido lançar um repto a todos os membros desta venerável corporação.

Não se lhes pedirá que entrem em comunicação com qualquer entidade do Além prèviamente designada, nem que anunciem com oito dias de antecedência um acidente de aviação, precisando o número de vítimas; estes exercícios reservamo-los para os nossos médiuns, alguns dos quais se saiem muito bem.

O meu desafio é dos tais que não ultrapassam, aparentemente, as possibilidades da prestidigitação. Até certo ponto entra no seu domínio.

Trata-se simplesmente de ler algumas palavras — três ou quatro substantivos — escritos no interior de um envelope lacrado que não deverá ser aberto. Deste jogo de escondidas saía-se com honra o médium polaco Ossowiecki, experimentado pelos Drs. Charles Richet e Gustave Geley (ver a *Revue Métapsychique* de 1923, pág. 317), pois lia palavras colocadas sob um envelope triplo. Peço que se renove esta experiência.

As palavras a ler — nomes comuns ou nomes próprios — serão escritas numa folha de papel cuidadosamente dobrada e colocada num sobrescrito de cartões de visita, que será metido dentro de outro, preto e opaco, este dentro de um terceiro, lacrado, revestido de marcas aparentes e entregue ao operador no início da experiência.

A prova será *em pleno dia,* na sede da *União Espírita Francesa,* Rua Léon Delhomme, 10 — perante uma assistência de nove pessoas, composta da seguinte maneira:

1.º — O prestidigitador e um acompanhante, à sua escolha, que poderá ser encarregado da acta.

2.º — Seis pessoas, a saber: o Presidente do *Instituto Metapsíquico Internacional;* um radio-repórter da R. T. F., se esta consentir; dois membros da *União Espírita* e dois membros da *Sociedade de Estudo dos Fenómenos Psíquicos.*

3.º — O signatário destas linhas.

O Operador poderá tocar no envelope lacrado, ou colocá-lo sobre a testa, mas não poderá rompê-lo, nem expô-lo a jactos de vapor ou mergulhá-lo em líquidos.

No fim da experiência, o sobrescrito exterior não deverá apresentar qualquer rasgão ou mancha, nem vestígios de ter sido aberto. Deve dar a impressão de estar intacto. A divisa do bom charlatão deve ser: «*Nada nas mãos, nada nos bolsos*»; era esta também a divisa de Ossowiecki.

DURAÇÃO

O operador terá um quarto de hora para se concentrar; não exigirá que os assistentes estejam contraídos; talvez eu não fosse capaz disso. Pelo contrário, pode pedir que a duração da prova seja dobrada, triplicada e até quadruplicada, se o julgar necessário. Neste ponto será feita a sua vontade.

Contudo, desde o início até ao fim da experiência, o sobrescrito lacrado deverá permanecer visível ou, pelo menos, parecê-lo: era assim com Ossowiecki. Lembro aqui que o sobrescrito será revestido de sinais distintivos aparentes, destinados a tornarem bastante aleatória uma hábil substituição.

O operador escreverá as palavras que a sua arte lhe permitir descobrir, lê-las-á em voz alta aos assistentes e entregará a designação escrita ao Presidente do *Instituto Metapsíquico Internacional,* a quem será igualmente entregue o sobrescrito lacrado e que, depois de verificar que este não apresenta qualquer rasgão ou mancha, que tem os mesmos sinais distintivos e o mesmo número de sinetes que apresentava no princípio da experiência e que estes estão intactos, abri-lo-á à distância de cinco metros do prestidigitador. Abrirá seguidamente os outros dois sobrescritos e lerá em voz alta as palavras contidas no último, demonstrando assim se a prova teve êxito ou falhou.

Se tiver êxito — o que vivamente desejo — quer dizer, se as palavras escritas pelo operador corresponderem às contidas no terceiro sobrescrito, entregar-lhe-ei imediatamente um cheque de dez mil francos sobre o Crédit Lyonnais. É pouco, mas é qualquer coisa por um trabalho, que durará, quanto muito, uma hora.

Não me parece impossível que, entre os prestidigitadores, se encontre um que, sem o saber, goze da mesma faculdade supranormal de Ossowiecki. Se esta experiência lha revelar e der ao meu país um Ossowiecki francês, acerditarei que não perdi o meu dinheiro, pois que, em França, sentimos a falta de médiuns como Ossowiecki ou como o alemão Ludwige Kahn. Se um prestidigitador, graças à sua habilidade, chegar ao mesmo resultado, terá merecido bem o seu dinheiro, com a condição de revelar aos assistentes qual o dispositivo de que se serviu para obter o êxito alcançado.

* * *

Ao longo desta carta, empreguei diversas vezes a palavra «charlatão». Não se veja nisso qualquer intenção pejorativa para com o autor das emissões, algumas das quais me divertiram bastante. Um charlatão é alguém que engana os que o rodeiam; e, como Crookes, reconheço que, ao lado dos verdadeiros médiuns, há médiuns charlatães. Mas o autor das emissões não enganaria — involuntàriamente — os que o escutaram? Enganou-os, sim, expondo-lhes um assunto complexo de que, visìvelmente, apenas conhece uma faceta.

O nosso secretário-geral tinha-lhe enviado uma carta, que ele parece ter lançado no cesto dos papéis. Ignoro se esta, dirigida a outro destinatário, terá melhor sorte. Se consentir que ela seja lida na rádio, na cadeia que lhe convier e à hora que julgar mais adequada, sob o título de «Resposta dos Espíritas às Emissões *Charlatães & C.ª*», ou sob outro título análogo, ficarei agradàvelmente surpreendido. Se bem que eu deseje encontrar na rádio uma certa imparcialidade neste domínio, desejo-a mais do que a espero, espero-a mais do que nela acredito.

O Presidente da *Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos*

M. LEMOINE

A MISSÃO SUPERIOR DA MULHER

Por A. DONNAY

(correspondente em Liège)

Com a desencarnação do nosso confrade Achille Biquet, Estudos Psíquicos perdeu um grande amigo e colaborador no reino dos Belgas. Já lhe rendemos homenagem e todos lha renderam oportunamente. E agora outro amigo surge a substituí-lo na presidência da União Espirita Belga e no posto de redactor-correspondente desta revista em Liège.

Esse homem chama-se Armand Donnay. Filho de espiritistas e muito familiarizado com as obras de Allan Kardec, Gabriel Delanne e Léon Denis, foi o colaborador de José Lhomme, a cujas experiências assistiu de 1941 a 1949 e secretariou a revista Spiritualisme Moderne *de 1945 a 1948 e dirigiu-a, de 1948 a 1949.*

Em Junho último, após o trespasse de Achille Biquet, foi nomeado Presidente da União Espirita Belga e director do seu órgão oficial. Pertence também à direcção da Federação Espirita Internacional.

Estudos Psíquicos *procura rodear-se de elementos selectos no desempenho da sua missão de propaganda. Eis, porque nos congratulamos com o gesto amabilíssimo de A. Donnay, lutador estrénuo que enfileira connosco nesta grande cruzada.*

★

A. DONNAY

Há mais de cem anos que a voz dos espíritos se fez ouvir para clamar de novo uma verdade deslumbrante: «Nascer, morrer, tornar a nascer e progredir sempre», a fim de provar a sobrevivência dos seres na plenitude da sua personalidade e a possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos.

Após a volta do mestre Allan Kardec à vida livre do Além, o Espiritismo penetrou em todas as classes sociais em marcha ascendente, ligou centenas de milhar de adeptos, deu coragem e confiança aos que sofrem e encheu-os de força moral contra a adversidade — merecida ou desejada — da existência terrena.

Mantendo-se constantemente em vigília, continuou as suas pesquisas e coordenou as provas de sobrevivência humana, adoptando fiscalização rigorosa, para satisfazer as exigências do espírito moderno.

Depois de Allan Kardec, os estudos amplificaram-se. Os experimentadores do mundo científico — oficial ou não — têm-se aproximado de nós; e os factos, obtidos espontâneamente ou experimentalmente, acumularam-se e foram principalmente recolhidos pelo eminente investigador italiano Ernesto Bozzano, a fim de serem dissecados, reagrupados e analisados para neles descobrir as ligações e deles deduzir as leis.

Entretanto, os fenómenos mediúnicos, embora tenham o mérito de constituir a base do edifício espirita, são apenas os meios utilizados para vencer a incredulidade, a dúvida e a indiferença.

Acumulemos os factos, observemos cientìficamente os fenómenos, que é o essencial. Mas estudemos também a filosofia espirita para melhor a conhecer e experimentar.

O Espiritismo quer que o homem rejeite os sentimentos baixos e inferiores que se baseiem no orgulho e no egoismo.

Quer que a justiça, a caridade, a solidariedade e a benevolência sejam realidades palpitantes no seio de uma humanidade que aplique os grandes princípios de respeito próprio e amor dos semelhantes.

Quer, finalmente, que a vida material se organize com fins espirituais.

Chegará ele a atingir estes objectivos?

PROTECTORES TERRESTRES

Por EMANUEL

Quando falarmos nos benfeitores celestiais, não nos esqueçamos dos protectores terrestres.

Muita gente espera levianamente a protecção dos anjos, quando ainda não sabe apreciar o esforço enobrecente dos homens de bem.

Mais tarde alcançaremos o paraíso... Todavia, é preciso vencer os degraus que nos separam da glória divina.

Esses degraus jazem à disposição dos nossos impulsos de melhoria, de regeneração, de auto-aprimoramento.

Aqui permanece simbolizado num pai afectuoso que nos convida ao altar da consciência recta; além é o coração maternal, que nos induz à bênção da sublimação pelo amor e pelo sacrifício... Acolá é um director de trabalho, aparentemente austero, que nos conclama, pelo exemplo, ao soerguimento de nossa dignidade pessoal no dever bem cumprido; mais além é um amigo, supostamente áspero, que nos compele ao desempenho das obrigações esposadas.

Não te imobilizes desse modo na oração ociosa ou na fé inoperante, acreditando que os Mensageiros do Amor te assinalem as rogativas, nascidas, muita vez, do propósito de conforto prematuro ou de insubmissão. missão.

Lembra-te de que as Leis do Senhor são reflectidas relativamente nas leis humanas que nos dirigem os movimentos. Aprendamos, pois, a reconhecer nos lidadores do trabalho construtivo e nos missionários do bem os respeitáveis instrutores que nos compete admirar, ambientar e seguir.

Na hierarquia real da vida, jamais inverteremos a ordem que nos rege os destinos.

Ouçamos, atenciosamente, os benfeitores terrestres, a fim de merecermos contacto com os orientadores celestiais.

Sem criaturas de bem, não há bem para as criaturas.

O primeiro passo para a conquista do céu há-de ser dado por nós na Terra e, por isso, antes de reclamar socorro dos anjos, imitemos cada dia os grandes trabalhadores da prosperidade comum que formam, na Humanidade, os padrões vivos do bem, na vanguarda do progresso e da luz.

(Pagina recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Sem dúvida. Mas para isso é necessário que a criança receba ensinamentos sobre as noções que decorrem das nossas experiências, que seja iniciada na crença científica de Deus e na crença científica da imortalidade da alma.

E quem deve ministrar este ensino à criança?

A mulher.

Quando estiver menos dependente das condições económicas e o seu papel na civilização moderna seja menos difícil e doloroso.

Quando as suas admiráveis faculdades puderem desabrochar livremente e não sejam mais comprimidas por educação estreita e supersticiosa.

E sobretudo quando ela não seja levada por exagerado feminismo a sair da função infinitamente superior que Deus lhe deu.

Léon Denis disse «que na mulher é que se desenvolvem as mais belas qualidades psíquicas, donde se deduz o grande papel que lhe cabe na difusão do novo espiritismo».

É preciso que a mulher compreenda que é a base da sociedade.

É necessário que compreenda que a sua verdadeira tarefa é educar a criança, no lar, na escola e nas organizações sociais.

Quando a mulher, com a sua grande sensibilidade, suas intuições profundas e suas sensações subtis estiver compenetrada desta nobre missão cheia de graça e devotamento;

quando ela a cumprir, baseada na sua iniciação dos mistérios da vida e do destino, no conhecimento das leis da preexistência e da reencarnação, nas conclusões rigorosamente experimentais a que os fenómenos mediúnicos conduzem;

quando ela tiver a certeza de que a essência da vida é o espírito e que a vida e a morte são dois simples aspectos da nossa existência contínua;

quando a mulher for a inspiradora, o génio do lar, fará da criança um ser moral consciente dos seus deveres.

E graças à mulher iniciada e à sua influência benéfica, o ser humano alcançará a vida superior e não mais cairá na estrada que conduz aos mais altos cumes da Inteligência e do Saber, através da Verdade e da Beleza Espiritual.

(Tradução de I. D. S.)

NO CONGRESSO ESPIRITA DE PARIS

O PSICOTELEFONE COMUNICARÁ BREVEMENTE COM OS MORTOS

Por JACQUES PALENTE

Perto de 500 congressistas conferenciaram em Paris de 7 a 14 de Setembro. Vieram do mundo inteiro e formavam uma assembleia atenta, semelhante aos auditórios científicos. Entre eles, médicos, engenheiros, magistrados. Nós estávamos no Congresso Espirita Internacional.

Que é preciso fixar desta reunião? Primeiro, o facto de o Espiritismo ser tratado como realidade evidente por criaturas perfeitamente equilibradas e sérias, muitas delas pertencentes à fina flor da sociedade. Depois a prova de que os fenómenos espiritas não são ilusórios. É o que mostra o balanço que pudemos fazer, ponto por ponto, no final desta semana de trabalho.

Na assistência notavam-se *lorde* Dowding, marechal do Ar britânico e Adriana Bolland, a mulher-piloto que venceu a cordilheira dos Andes. Ambos espiritistas convictos.

Antes da sua travessia triunfal, em 1921, Adriana Bolland recebeu em Buenos Aires uma visita desconhecida que lhe disse: «Quando se sentir perdida, evite um pequeno vale que volta à direita e carregue sobre a montanha, mesmo que tenha medo. A abertura há-de aparecer-lhe à esquerda...» Adriana assim fez e chegou salva ao Chile, seis anos antes de Mermoz ter aberto a linha regular do correio. Depois a grande francesa dedicou-se ao estudo do Espiritismo.

No livro «Lightgate» (A Porta do Caminho), lorde Dowding, que foi ministro do Ar e comandante em chefe da aviação durante a guerra, conta como entrou em comunicação com Clarisse, a sua primeira mulher, desencarnada em 1920, e com um chinês chamado Chang.

Fixemos também esta declaração do Dr. Basile G. Tsinoukas, médico principal do Instituto de Seguros Sociais de Atenas:

— Construiremos o psicotelefone com que entraremos em comunicação com o Além. É questão de tempo. O princípio já está assente. O Espiritismo não é uma simples crença na existência das almas, na sobrevivência e na reencarnação. O Espiritismo, posso garanti-lo, é uma ciência nova!

E esta ciência — sublinha o sábio grego — já dispõe no mundo inteiro de laboratórios de hipnologia e de electrobiologia, dirigidos por médicos e ligados a diversas universidades: à de Duke, nos Estados Unidos; à de Friburgo-en-Brisgau, na Alemanha; e à de Utrecht, na Holanda, onde muitos estudantes se familiarizam com os fenómenos supranormais...

Eis como se apresenta à luz do Congresso o activo impressionante das ciências do Além.

AS MESAS GIRANTES E A ESPIONAGEM ATÓMICA

Criado há dois anos por Hubert Forestier, vice-presidente da Federação Espirita Internacional, juiz de paz adjunto e há vinte anos presidente da Câmara Municipal de Cambounet-sur-le-Sor (Tarn), um grupo de técnicos fez girar as mesas na Casa dos Espiritas, na Rua Copérnico, em Paris e do qual faziam parte alguns médicos, magistrados e homens de ciência. As sessões não decorreram em ambiente de mistério tão caro aos amadores de ocultismo, mas em plena luz. Fumava-se, falava-se, mas uma coisa era certa: os espíritos respondiam, através de um médium, às perguntas mais difíceis. Confirmaram os médicos um diagnóstico arriscado, elucidaram os eruditos sobre o problema da evolução dos mundos e tiveram o mau sestro de revelar o segredo da energia nuclear, que parece ser terreno propício.

Os resultados são animadores, aliás os sócios do clube não prosseguiriam no seu intento. A sua Direcção, que trabalha em grande segredo, calcula que dentro de alguns anos publicará os seus estudos acerca das mesas girantes transformadas em mesas de escuta.

FANTASMAS AO SERVIÇO DA POLÍCIA

Sabe-se que os polícias anglo-saxões têm recorrido aos médiuns, a fim de serem auxiliados nas suas investigações criminais. Mas o morto também pode guiar o inquérito.

Francis Harrisson, inculpado do assassínio da sua mulher Doris, cujo cadáver foi encontrado num armário do domicílio conjugal, foi preso em virtude da manifestação do fantasma da esposa a duas amigas desta última, as quais viviam a cem quilómetros uma da outra e foram despertadas por uma voz que lhes dizia:

— Venham buscar-me! Venham buscar-me ao armário!

Depois de comunicarem entre si o misterioso fenómeno, as duas mu-

lheres dirigiram-se à polícia. Ao abrir o armário, os dois guardas descobriram o cadáver de uma mulher com o rosto horrìvelmente mutilado. Era Doris Harrisson.

Então podemos, depois de mortos, ficar em contacto com os vivos e agir sobre eles? Podemos, afirma a ciência espirita. À nossa volta estão os fantasmas dos desaparecidos. Pode-se, mesmo, fotografá-los!

A SEXTA PERSONAGEM

Em Boston, um fotógrafo tirou um grupo de cinco pessoas. Ao revelar a chapa encontrou seis. Tornou a tirar o grupo e encontrou uma sexta personagem. Desde esse momento estabeleceu-se como «fotógrafo das almas». Um fluido pessoal permitia-lhe fotografar os desaparecidos que continuavam a assombrar os vivos, a protegê-los ou a persegui-los.

Este fotógrafo foi preso como charlatão. Apresentado ao juiz propõe-se fotografar o grupo de cinco pessoas com outro aparelho e chapas de outros indivíduos, bastando-lhe conservá-las alguns minutos contra o coração. A experiência foi concludente: a sexta personagem apareceu. O juiz absolveu-o. O facto deu-se em 1956, na cidade de Boston.

A fotografia é um veículo do pensamento. Dois sábios — o professor japonês Fakourai e o professor Cazzamali, de Milão — disseram a um médium que pensasse fortemente numa letra do alfabeto. Ao revelar a chapa, notou-se logo a imagem da letra respectiva.

Ao cabo de alguns exercícios conseguiram formar frases muito curtas.

Será possível fotografar o pensamento? Entre as testemunhas, dois sábios responderam afirmativamente.

OS CONSELHOS DE TALLEYRAND

No domínio da escrita houve resultado semelhante. Um médium entrou em contacto com o espírito de Talleyrand, na presença de Hubert Forestier e de dois médicos franceses. Talleyrand, por sua intercessão, respondeu às perguntas, dizendo que se interessava pela sorte do seu país. O documento foi confrontado com a escrita de Talleyrand, conservado na Biblioteca Nacional e viu-se que as duas escritas eram iguais e que Talleyrand é que tinha segurado a caneta.

Existirá, pois, cientìficamente, uma comunicação entre vivos e mortos e uma coexistência do invisível e do visível que só os médiuns poderão apreender? Existe, e os trabalhos do Dr. Tsimoukas e outros sábios, o Dr. Müller, de Zurique; o professor Bender, de Friburgo-en-Brisgau assentam neste ponto: criar aparelhos especiais que façam de médiuns e captem o invisível. Com aparelhos modernos já se consegue sentir a passagem do misterioso Além e verificar que a sobrevivência existe e nos envolve. Eis como isso se consegue:

RAIOS INFRA-VERMELHOS E PESA-ALMAS

Foi em França que se realizou uma experiência científica sobre a presença do supranormal. Um médium, Rudy Schneider, célebre desportista austríaco, vestido de pijama, pernas e braços ligados e seguro ainda por três pessoas, encontrava-se em frente de uma cortina de raios infravermelhos, formando barragem entre ele e certo número de objectos dispostos além dessa cortina e especialmente de um lenço de assoar colocado numa pequena mesa.

A experiência imaginada por Jean Meyer consistia em fazer com que o supranormal contido em Schneider se transmitisse àqueles objectos. Os raios vermelhos formavam uma pantalha. Que sucederia?... O austríaco caiu em transe. O seu ritmo cardíaco acelerou-se e o fenómeno extraordinário produziu-se: os raios infravermelhos extinguiram-se, como se uma presença misteriosa os dominasse. E para lá da cortina extinta os objectos começaram a dançar a mais de metro e meio de distância. Entre ele estava o lenço de assoar atado em regata.

Rudy Schneider não se mexeu. Além disso, conseguiu-se um «fiscalizador» fotográfico com a colocação de um aparelho que desligava, sempre que os raios se extinguiam. Porque a certeza era então absoluta: cada vez que Schneider caía em transe, os espíritos afastavam a cortina, para atingir os objectos.

No estrangeiro há outros meios de verificar a presença do supranormal. O Dr. Müller, de Zurique, serve-se de encefalogramas no momento do transe do médium. Imediatamente o oscilógrafo determina a amplificação da personalidade. Parece que dois cérebros projectam uma radiação redobrada. Deste modo, os sábios calculam que os espíritos mantêm a integralidade das suas faculdades cerebrais.

Finalmente, os sábios dispõem-se a pesar o médium. No momento da comunicação com o invisível, a balança acusa redução do peso, que se normaliza no fim das manifestações. Assim se estabeleceu que, em dada altura, o corpo do médium alija parte da sua matéria, a qual, tornada invisível, se reintegra na carne.

O pesa-almas confirmará, então, a presença quase física dos espíritos? Os iniciados pensam que sim e dizem que se trata muitas vezes de espíritos que vêm de longe. Eis um exemplo francês cientificamente provado.

AGOSTINHO, PINTOR DOS FARAÓS...

Agostinho Lesage, mineiro e filho de mineiro em Saint-Pierre-les-Auchel, perto de Béthune, ouviu aos 36 anos, numa galeria isolada da mina, uma voz que lhe ordenava que pintasse. Ele nunca pegara num pincel. Pintou mais de oitocentas telas representando cenas da vida egípcia nos tempos faraónicos. Agostinho nunca estivera no Egipto. E alguns especialistas declaram que as suas telas são da mais bela factura, atribuindo à sua falta de conhecimento os erros que parecem ter sido introduzidos no quadro,

pois não é assim que decorrem as cenas das ceifas.

Ora, Agostinho Lesage, foi uma vez ao Egipto a convite de um mecenas. Quando chegou ao Vale das Rainhas, estava ele rodeado de egiptólogos, quando descobriu numa cripta a réplica exacta da sua própria cena das ceifas. Um relâmpago imediato lhe atravessou o espírito:

— Sou Mena! Sou Mena!

Os egiptólogos analisaram os hieróglifos da gruta e descobriram que o fresco das ceifas devia ser atribuído a um tal Mena, pintor dos Faraós...

Agostinho Lesage teria em si a alma de Mena, que o iluminou? E Mena reviveria neste pintor tão afastado das cenas faraónicas? Os elementos fornecidos pelos historiadores e os linguistas concordam nesta hipótese. Quanto aos médicos, asseveram que Lesage estava no pleno uso das suas faculdades.

MORTO QUE OPERA UM VIVO

É também admirável a operação (não foi só uma) realizada em Mersan, Inglaterra, sob fiscalização médica de um espírito.

O doente sofria de um tumor que os cirurgiões não queriam operar, com receio de um desenlace. Estenderam-no inteiramente vestido sobre uma otomana e coberto com um cobertor. A seu lado, sobre pequena mesa, estavam os instrumentos necessários à operação. Mais longe, uma bacia cheia de água, para que o cirurgião lavasse as mãos.

Não foi um cirurgião que se aproximou do doente, mas um médium em transe, que nem sequer tocou no cobertor. A operação foi demorada. O médium fez sobre o cobertor todos os gestos do cirurgião, cortando, parando e fazendo incisões. Um cirurgião que estava na sala pediu-lhe que dissesse em voz alta o que ia fazendo. A partir deste instante, o médium explicou pausadamente como ia separando o tumor e recusando a incisão.

Nem um só instante tomou em contacto com o doente, que estava vestido. Quando o médium, uma vez terminada a operação, mergulhou as mãos na bacia, a água avermelhou-se ràpidamente. E quando radiografaram o doente... o tumor havía desaparecido.

Que devemos concluir disto? Nas declarações médicas feitas na ocasião supôs-se que o médium tivesse sido guiado pelo espírito de um grande cirurgião. Mas, para um espírito racional, esta operação, durante a qual o enfermo nem sequer fora tocado, tornava-se desconcertante.

O ESPIRITISMO, A SAÚDE DE AMANHÃ

O Dr. Tsinoukas baseia-se nesta operação milagrosa para afirmar que o Espiritismo será a terapêutica de amanhã.

O simples magnetismo humano, a exploração dos espíritos dos nossos antepassados bastarão para curar e manter o estado de saúde.

— Somos teleguiados pelas nossas vidas anteriores — disse ele —. Quando tomamos o lugar de um pintor do faraó ou de um grande cirurgião é porque a nossa vida actual é a reencarnação das nossas vidas passadas e fomos pintor no Egipto e cirurgião na Inglaterra (1).

Há trabalhos que confirmam estas palavras. O Coronel de Rochas levou um médium a vidas sucessivas e, na América, o professor Bernstein fez experiências semelhantes com o médium Bridey Murphy.

Alguns franceses, como de Rochas, Lancelin e Baraduc, dizem que o homem é tríplice e se compõe de corpo, espírito e alma, que é o envoltório do espírito. A própria alma compõe-se de sete corpos. As fotografias de almas tiradas em França e na América e certas projecções do espírito realizadas na Itália e no Japão demonstram aos espiritistas científicos a presença invisível e constante dos espíritos.

Finalmente, o triunfo do grande projecto do Dr. Tsinoukas e dos seus amigos de construir psicotelefones para entrar em comunicação directa com os mortos e com o Além apoiará alguns resultados sensacionais obtidos nos últimos anos pela ciência parapsicológica no estudo dos fenómenos supraterrestres, nos quais a razão não encontra base satisfatória.

— É o princípio das estações radiotelegráficas — declara o sábio grego —. Actualmente estudamos as altas frequências. É preciso encontrar o comprimento de onda necessário. Depois poderemos telefonar aos mortos, entrar em comunicação com o Além.

(De *Ici-Paris* traduziu I. D. S.)

---

(1) Este parágrafo deve ser levado à conta de má interpretação: de outro modo teremos de acreditar na confissão mental do Dr. Tsinoukas. Se fôssemos *teleguiados*, a nossa vida actual não teria mérito nem demérito. Do ponto de vista mediúnico, pode-se aceitar o fenómeno exposto sem a hipótese reencarnacionista, visto que a mão do sensitivo é susceptível de ser guiada por entidades que tenham animado corpos de pintores ou cirurgiões — **N. do T.**

AOS ASSINANTES DO BRASIL

Pedimos permissão aos prezados amigos e distintos assinantes da revista ESTUDOS PSÍQUICOS para lembrar que o prazo de qualquer assinatura termina em 31 de Dezembro de cada ano.

Pedimos ainda que as importâncias das mesmas sejam pagas ou enviadas aos nossos representantes autorizados, cujos nomes e endereços constam da capa desta revista.

Além destes endereços, podem também ser encontrados nas entidades espiritas de que se ocupam. Todos são bem conhecidos.

SOBREVIVÊNCIA

(PERGUNTAS E RESPOSTAS)

Pelo Prof. OCTÁVIO MARIALVA

— Pode-se escapar da morte?

RESPOSTA

A primeira ideia que devemos ter da morte é que é um incidente no decurso da vida humana.

Não alimentemos ilusões. Nem envolvamos o abandono desta vida com um cortejo de horrores.

Já se escreveu: «A morte não é de modo algum um esqueleto de foice na mão para cortar rente o fio da vida, mas antes um anjo com uma chave de ouro que nos abre as portas de um mundo mais elevado do que esta terra».

Há milhares e milhares de provas.

Tudo morre, porque tudo vive.

A vida é movimento universal. Parar é cristalizar.

A única morte verdadeira seria a prisão eterna de uma alma num corpo mumificado.

— A morte não é o fim da vida?

RESPOSTA

Nem o final nem o princípio.

A morte é simplesmente a continuação de um estado de existência superconsciente.

Dir-se-á, todavia: «Tudo isso é muito poético e interessante, mas quem o pode saber?»

Pois não resta a menor dúvida de que existem no mundo inteligências que o podem saber, perfeitamente e de várias maneiras.

Há centenas de documentos comprovativos da realidade experimental das suas observações.

É claro que sempre há-de aparecer um número suficiente de cépticos e testarudos, que atribuem os fenómenos psíquicos a trabalhos de prestidigitação.

Mas é um grande erro de que os amadores de pelotica terão de emendar-se, mais cedo ou mais tarde...

Ora, a verdade é que, no que respeita aos conhecimento relativos à imortalidade da alma e à vida depois da morte, a Metapsíquica está numa posição capaz de sujeitar-se ao exame científico.

Ela não afirma, porém, estas certezas cingindo-se à autoridade de quaisquer livros ou especulações metafísicas, mas com factos sólidos e positivos, que são o pão nosso de cada dia de alguns estudiosos do mundo oculto.

— O sonambulismo lúcido é a porta do invisível?

RESPOSTA

É claro que a filosofia materialista persiste ainda hoje em entroncar o sonambulismo na patologia dos histéricos.

Mas há o pseudo-sonambulismo, que se enquadra possivelmente na categoria das psico-neuroses; e um outro, de harmonia com a objectividade dos factos, que tem demonstrado em interessantíssimas experiências o desdobramento consciente ou provocado da personalidade humana, revelando até às vezes o seu fantasma invisível.

Ora, não é demais a afirmação de que no sonambulismo lúcido se encontram precisamente os fenómenos culminantes do supranormal, em vários pontos citados na história da hipnologia.

E apesar dos argumentos da crítica demolidora, quase sempre eivados de um particularismo sectário, os fenómenos transcendentais continuam a dar-se todos os dias, perpassando aureolados adentro dos estúdios dos metapsiquistas, com uma feição cientificamente experimental e onde a lógica não é colocada de parte.

Posto isto, verificar-se-á, agora, que o desdobramento consciente, a dupla-vista, a telepatia, a psicometria e tantos outros fenómenos, de ordem hipno-magnética, só poderiam reproduzir-se com um sonâmbulo ou sensitivo de longo treino.

Quanto à técnica da manifestação, ensina o psiquismo hermético que o ser humano é formado de corpo físico *(sarcosoma)*, corpo astral *(aerosoma)* e espírito.

Esta ligação entre o princípio material e o eu supra-consciente constitui um dos capítulos mais intrincados da psicologia do maravilhoso.

— A clarividência pode dar a certeza de uma vida «post-mortem»?

RESPOSTA

Evidentemente que pode e de maneira insofismável.

É certo que seria difícil, para aqueles que estão acostumados aos preconceitos materialistas, acreditar ou mesmo admitir modernamente um estado de perfeita consciência fora do corpo físico.

E se um clarividente consegue insinuar-lhes a possibilidade de que dentro desse corpo físico existe um corpo astral ou sede da alma consciente e livre, que pode tornar-se, em certas condições, suficientemente visível, sem nada ter que ver com o corpo físico, então, a maior parte desses «cegos que não querem ver», dirão que uma tal ideia «não passa da sobrevivência de uma extinta superstição medieval».

A verdade, porém, é que não se trata de mera hipótese ou fantasia burlesca, mas de um facto já para muitos clarividentes demonstrado.

Com efeito, o corpo físico não passa de um vestuário do seu superconsciente ou homem invisível.

Ora, este instrumento da alma, não sòmente é abandonado quando

EDUCANDO

Não discutas. Analisa. Se o fizeres, fá-lo sem acrimónia, evita toda a expressão mordaz ou injuriosa; evita as ilusões da vã eloquência e tem mais em conta o valor das coisas do que das palavras. Evita discutir com gente temerária, pois a sua maior força é exasperar. Jamais te imponhas a ninguém; quando empregares o sentimento de energia, lembra-te que esta é passiva e não violenta, se quiseres manter-te nos limites do razoável.

A disputa vã só cria inimizades. Uma controvérsia é um conflito de razões e não de paixões. Quanto mais calor, menos senso.

Não discutas assuntos de religião, porque, neste campo, as opiniões se baseiam em sentimentos e não em raciocínio. Não argumentes com ególatras. Deixa-os falar, dá-lhes razão, embora a não tenham. E sorri...

Não te «oiças» a ti mesmo. Não te jactes. Não uses linguagem calculada para mortificar o antagonista. Não o ofendas. Não ponhas ênfase nas tuas frases. Fala devagar e com clareza.

Espera. Dá ao teu adversário todo o tempo que ele queira. Deixa-o expor os seus pontos de vista. Espera o teu momento e fala quando ele tiver acabado.

Lembra-te de Sócrates, o maior dos polemistas. A sua arte consistia em deixar falar o seu contrário até que ele próprio compreendesse o absurdo da sua disputa.

Emanuel Samá
(Cubano)

IMAGENS

1

Onde estou? Quem me trouxe? Não me desamparem...
Oh! Além... Um campo... Gente que caminha...
Deixai-me. Eu quero ir também com eles. Que me prende?
Ajoelham tão distantes! Perdão! Eu sei que não mereço.
Oram; oram. Não ouço! Ideia sem palavra,
Fuga, delírio extático, fusão de amor.
Um clarão! Cego. Oh! Deixai-me ver...
Sim. É isso. Uma Cruz doirada, chamas que afagam varrendo [os céus, sons longe...
Graças. *Mea culpa, mea magna culpa*...
Misericórdia! O Cristo Vivo — além — sorrindo!
Eu vejo
— Perdão —
Jesus abençoando,
...*Mea culpa*...

2

Quem fui, diz-me, ó Mestre de prístinas eras,
ó Ser escondido cuja Voz eu oiço na noite do meu sonhar [melhor?
Talvez... a alma dum selvagem brutal e nu?
Um pagão de Roma a baixar o dedo nos feros jogos do Circo?
Um guerreiro qualquer abandonando a espada p'ra abraçar a [Cruz na algidez dum cláustro?
Talvez... a alma alegre dum louco florentino, cantando«roman-[zas» em noites de luar?
Um pobre camponês sofrendo a tortura duma terra ingrata?
Um homem de Paris trepando, um dia, facho incendiário,
das barreiras podres às salas de mármores e de cristais?
Um velho envelhecendo na busca da chave da Verdade
em húmidos, bafientos, corroídos alfarrábios?
Quem fui, ó Mestre, ó Guia dos meus passos?
Quem fui p'ra ser assim como sou hoje?...

3

...Não mais esquecerei, não posso...
A núvem se rasgou
e eu vi...
De meus olhos manavam lágrimas de júbilo!
Pois se eu A vi, ó Mestre, a estender-me as mãos,
donde cairam duas rosas perfumadas!
(Não foi mentira,
Não foi uma ilusão. Os outros viram como eu...)
Apertei-as contra o peito.
Eu vi, Senhor, eu vi a Tua Mãe sorrindo...
... Não mais esquecerei, não posso...
E as rosas que me deu,
que alimento na seiva desta alma dolorosa,
serão para Te ofertar, ó Mestre,
depois do ressurgir no meu Gólgota!

R. P.

morremos, mas também quando precisamente adormecemos, pairando a forma astral acima dele ou vagueando de um lado para outro, e a uma distância maior ou menor, conforme as circunstâncias.

Mas tratar-se-á de uma alucinação?

De modo algum.

Há muitos clarividentes adiantados que são capazes de passar conscientemente de um plano para outro, pela acção da vontade adestrada, e conhecer a natureza real daquilo que ali se poderá ver e ouvir, pois o adormecer consiste apenas no facto do corpo astral deslizar para fora do corpo físico.

ECOS DE U

Por ISIDORO D

XX

EM PEDRO

O dia 3 de Junho de 1955 foi dos maiores em nossa peregrinação pelo Brasil. Iríamos visitar o grande médium Francisco Cândido Xavier, que tantas obras-primas tem veiculado. Algumas delas estão traduzidas em Esperanto e outras foram radiodifundidas, com satisfação dos ouvintes.

Não vamos biografá-lo, porque esta obra é de impressões fugazes. Tantas foram e tão variadas, que era impossível aprofundá-las. Seria uma enciclopédia de espiritismo luso-brasileiro.

Ele já nos tinha esperado duas vezes com recados do Alto. Em regra, Chico Xavier não chama ninguém. Os outros é que solicitam as visitas. E têm de esperar muitos dias, muitos meses, para enfileirar na romagem à cidade mineira de Pedro Leopoldo, onde os homens são iguais a outros homens, onde uma grande fábrica trabalha dia e noite em holocausto ao progresso da roda que orienta os destinos do mundo.

Chico Xavier e o Autor, em Pedro Leopoldo

Seria um dia inteiramente dedicado à humildade, cheio de flores odoríferas. E uma caravana se organizou em Belo Horizonte, ansiosa e pressurosa. O Bady Elias Curi, o Ademar Dias Duarte, o Amadeu Santos, o Osório Morais, o Aleixo Magaldi, o António Augusto dos Santos, o João Coragem e as senhoras D. Maria Filomena Aluoto Beruto e Vanda Noronha tiveram a gentileza de nos acompanhar à terra prometida que há muito estava em nosso coração. Eram, como nós, almas inquietas que buscavam palavras de alento e de calma.

O que nos aguardava constituia verdadeira incógnita para todos.

Seguimos no carro do Ademar, com o Bady, D. Zézé e D. Vanda, todos amigos do Chico, pregoeiros da sua modéstia que espanta os homens e os leva, por vezes, a meditar no problema da morte e da vida.

Regalo de olhos sobre a paisagem que espera justo pincel de glória e Pedro Leopoldo surge numa curva imprevista. Mais duzentos metros e a tebaida do «louco» — como já lhe chamaram — ergue-se tão modesta como ele, simples como ele, acolhedora como ele, desprovida de ouropéis. O olor das plantas bravas a encantar aquele ninho espiritual. E no portal rústico, sem soleira nem ombreira, o asceta apareceu, sorridente e feliz, braços abertos ao nosso abraço. Estava ali para a grande manifestação do Alto e dar ao irmão luso alegria maior que fosse ao mesmo tempo realidade e bondade.

★

A biografia de Chico Xavier é conhecida de milhares e milhares de pessoas. Todos sabem como lutou com a adversidade, procurando vencer e vencendo as maiores provações da vida, antes de se transformar em veículo mediúnico. A primeira foi a perda de sua mãe aos cinco anos de idade, sendo entregue a mulher obsidiada que o tosava diàriamente e lhe espetava garfos no abdómen, para que ele não brincasse com os companheiros. Isto mesmo nos contou ele, de sorriso nos lábios e mostrando as dezenas de cicatrizes que o acompanharão até à morte do corpo físico.

Este e outros casos tentaremos resumir sem intuitos panegíricos, no desejo puro e simples de informar, antes de descrever a sessão memorável que nessa tarde nos encheria de suaves recordações.

O Chico Xavier é a pessoa mais simples deste mundo. Mais simples e mais ingénua. Chega a ser infantil, tão afastado está da podridão terrena e tão próximo das belezas espirituais.

A primeira coisa que fizemos — deviam ser 16 horas — foi visitar a Inspectoria Regional do Fomento da Produção Animal, *onde é funcionário e dá os maiores exemplos de correcção e assiduidade.*

Nesse dia teve dispensa do serviço e mostrou à caravana alguns traços da Fazenda que trabalha para 488 municípios, no intuito de melhorar a produção do leite, sob o título de «Fomento da Indústria Ani-

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

XIII

LEOPOLDO

mal em Minas». Tudo nos franquearam amàvelmente.

Depois, em pleno campo, o médium levou-nos ao lugar onde sentiu as primeiras advertências do seu guia «Emmanuel», junto de frondosa árvore que o progresso abateu. Foi o rememorar de saudades, o desfilar de imagens fagueiras que lhe basearam a vida. Através de seus olhos magoados, que um sorriso emoldurava, havia coisas distantes que se entreviam nas suas palavras.

Emmanuel foi a primeira entidade espirtual a apontar-lhe caminhos novos e a exigir-lhe disciplina. Há 26 anos — o caso passou-se em 1931 — Chico Xavier fez-lhe a seguinte pergunta:

— Afinal, que é que eu preciso?

E logo a resposta surgiu, incisiva e clara:

— Disciplina, disciplina e disciplina.

E como referíssemos as agruras passadas e o caminho andado, replicou, humildemente:

— Eu sou uma besta do campo que trouxeram para trabalhar. Agora cá estou e vou comendo um pouco de capim...

As advertências do Guia não produziam o efeito desejado, até que um dia se tornaram mais explícitas:

— Estou contigo por te querer bem. Mas precisas de trabalhar.

É o que os amigos do Alto e os bons espíritos dizem a todos os médiuns incipientes e refractários à tarefa necessária. E logo a seguir acrescentava:

— Se não queres, a tua companhia não me interessa.

Tinha que falar assim o Misionário, para que o terrícola o entendesse. É que nos serviços mediúnicos não pode haver hesitações. Ou sim ou não. Ou se enfrentam dificuldades para mais tarde se gozarem as delícias do espírito, ou não se assumem compromissos que não podem respeitar-se.

O Dr. Rómulo Joviano aconselhava o Chico:

— Abandona o trabalho e distrai-te.

E logo Emmanuel despedia, solícito:

— O dia é uma flama de luz entre duas sombras. É preciso aproveitar o dia.

E o médium de Pedro Leopoldo, que passara verdadeiras torturas subordinado às duas vidas, seguiu o conselho do segundo. Antes de entrar no comércio do espírito pagava tributo à matéria, a fim de ajudar os familiares. César chamava; era preciso acudir ao transitório...

★

Chico Xavier é conhecido em todo o mundo espirita brasileiro, do Pará ao Rio Grande, e de vez em quando há romagens à cidadezinha mineira. Vão ao tabernáculo do médium receber conselhos e buscar alento. E voltam estimulados a suas fainas. É rara a semana que os romeiros se não aprontem e metam a caminho.

Alguém chamou «Meca do Espiritismo» a Pedro Leopoldo. E falou com propriedade, porque a obra mediúnica de Chico Xavier é enorme caudal que jorra sobre a América do Sul e parte da Europa ocidental.

Há outros médiuns operosos, entre eles, Francisco Luciano, de São Paulo; Helena Moreira, de Recife; Ercílio Maes, de Curitiba; Zilda Gama, Pedro Machado, Francisco Peixoto, etc., etc., para só falar do Brasil, mas, até hoje, nenhum alcançou a projecção deste.

Inspectoria Regional de Fomento, onde trabalha Chico Xavier

A sua obra está dentro e fora do Brasil e abrange vários departamentos. Não é apenas o médium psicográfico que mais tem produzido. Também a vidência, os fenómenos físicos, a audição e a materialização fazem parte do seu variado património. Francisco Peixoto Lins, o extraordinário médium de materializações luminosas que à cidade de Campos, no Estado do Rio, tem atraído milhares de pessoas e que no Centro Espirita «André Luís», do Rio de Janeiro, trabalhou com proveito da investigação, já tem ido a Pedro Leopoldo receber os fluidos curadores transmitidos pelo Chico Xavier. Ele próprio nos referiu algumas sessões bem interessantes, em

que sentiu grandes benefícios, sobretudo nas suas perturbações asmáticas que às vezes o impossibilitam de exercer o sacerdócio. E sempre é recebido bondosamente.

★

Chico Xavier contou-nos episódios edificantes. Alguns correm mundo em letra de forma e já constituiram objecto de um livro bem curioso do professor Ramiro Gama.

Um dos primeiros teve como protagonista sua madrinha Rita de Cássia, a quem ficou entregue em 1915, após desencarnação da mãe. Senhora muito irritável e obsidiada, como dissemos, infligia ao afilhado toda a espécie de torturas. O pobre Chico andava às vezes com garfos que a madrinha lhe espetava no abdómen, enquanto ela gritava que o rapaz trazia o diabo no corpo, até que uma vez se ajoelhou debaixo de velhas bananeiras e viu a mãe ao lado, nem sequer se lembrando de que ela não fazia parte dos vivos da Terra.

— Mamãe, não me deixe sòzinho! Leve-me consigo! — exclamou ele, abraçando-a.

— Não posso, meu filho.

— Estou apanhando muito!

A mãe acarinhou-o e disse-lhe que tivesse paciência e se habituasse ao trabalho.

— Mas a madrinha diz que tenho o diabo no corpo...

— Não te importes. Se tiveres paciência, Deus te ajudará.

E desapareceu da visão do Chico, que a chamou sem resultado. E começou a sofrer resignadamente, sem revolta, sem queixume, o que exasperava a madrinha e os seus «amigos» espirituais.

— Este garoto é um cínico! — exclamava ela —. Agora não chora. Nem varadas, nem pescoções lhe arrancam uma lágrima.

—«E diàriamente — escreve Ramiro Gama — com os vergões na pele e com o sangue a correr-lhe em pequeninos filetes do ventre, o pequeno seguia de olhos enxutos e brilhantes para o quintal, a fim de reencontrar a mãezinha querida, sob as velhas árvores, vendo-a e ouvindo-a, depois da oração»...

Este baptismo de fogo na luta da vida é tremendo para quem vive só e cujo único recurso é entregar-se nas mãos de Deus.

★

Outro episódio que o Chico nos contou através de riso amarelo que se lhe estampou no rosto, refere-se a um sobrinho de 11 anos que a madrinha adoptara. Tinha ele a perna ulcerada do joelho ao tornozelo, quando ela mandou chamar uma velha benzedeira de Santo António da Barra, nos subúrbios de Pedro Leopoldo, e lhe pediu que observasse o pequeno.

— Isto está a pedir uma «simpatia», ou seja uma criança que lamba a ferida três sextas-feiras seguidas, em jejum.

D. Rita de Cássia lembrou-se logo do Chico e a benzedeira achou muito bem.

Ele é que não achou e dirigiu-se às bananeiras debulhado em lágrimas a perguntar à mãe se no dia seguinte, sexta-feira, deveria tomar parte na simpatia.

A resposta foi afirmativa. O Chico ficou desolado e perguntou ainda:

— Então a senhora acha que devo lamber a ferida do Moacir?

—Sim. Mais vale lamber feridas do que aborrecer os outros. Não deves contrariar a madrinha.

— E julga que isso poderá curar o doente?

— Não é remédio, mas será bom para ti, porque a madrinha ficará sossegada.

O Chico não estava muito resolvido e a mãe continuou a exortá-lo:

— Seja humilde, meu filho. Se você nos ajudar, lamberá a ferida e nós faremos o remédio para ela.

Na sexta-feira o Chico lambeu a úlcera do sobrinho de D. Rita e na sexta-feira seguinte lambeu-a novamente... e a úlcera desapareceu.

Na outra sexta-feira apareceu-lhe o espírito da mãe, alegre e sorridente, e abraçou D. Rita. O Chico viu esta cena como se fosse real e a madrinha acariciou-o pela primeira vez, dizendo:

— Muito bem! Você obedeceu. Louvado seja Deus!

E o Chico voltou às bananeiras e pediu, contrito:

— Minha mãe, vê se há jeito de ninguém mais ter feridas!...

«E após dois anos de flagelação teve a felicidade de passar uma semana inteira sem garfadas nem vergões...»

★

O calvário da mediunidade esboçava-se na vida de uma criança que o Alto indicara para surtos inabituais. Era a orfandade, o martírio, a incompreensão. Era o horizonte escuro, a provação do ser, em luta com o meio ambiente.

O homem judicioso, conheça ou não o caminho, avança mais seguro de si mesmo. O discernimento o levará. Mas o infante hesita e permanece sem rumo, se o não auxiliam.

Chico Xavier estava na curva do sofrimento. Sem instrução nem educação, semelhava a pedra tosca que aguarda o cinzel. Cada martelada o despertava para a dor. Via o mundo através de lentes pessimistas. A rosa da fé encobria espinhos acerados que lhe deixavam a carne em sangue...

★

O espírito de sua mãe livrou-o de muitos apuros e deu-lhe sugestões salvadoras. Uma vez D. Cidália Baptista resolveu plantar uma horta para enfrentar as despesas com a instrução do enteado. Semanas depois o Chico saiu a vender hortaliça e conseguiram juntar o necessário para a frequência das aulas.

Mas D. Cidália nem sempre podia estar em casa e uma vizinha aproveitava o ensejo para ir ao quintal buscar verduras. O caso era bicudo... Descobriu-se a marosca, mas D. Cidália não queria ofender uma pessoa por causa de repolhos e alfaces. E disse ao Chico que pedisse um conselho ao espírito de sua mãe, porque a horta desaparecia e ela não podia pagar as despesas escolares. A resposta veio logo:

— Diga à Cidália que não devemos brigar com vizinhos. Quando sair de casa entregue a chave a essa amiga. Desse modo, em vez de prejudicar os legumes, ajudará a tomar conta deles.

Aceite o conselho e posto em prática, foi remédio santo. A vizinha não tocou mais nas hortaliças e responsabilizou-se totalmente pela casa...

Há muita coisa que escapa à nossa visão estreita e o espírito liberto vê mais e melhor. Por isso devemos aceitar os conselhos e estudar as lições...

★

Entretanto, a mediunidade exteriorizava-se atrabiliàriamente. O Chico deitava-se e acordava alta noite, agitado e assustado, em conversa com os invisíveis. Outras vezes contava peripécias extravagantes relativas a parentes desencarnados. Até que seu pai o levou ao padre Scarzelli, que decretou rotundamente:

— O pequeno não deve ler jornais, revistas e livros. Esses sonhos são perturbações. As almas não voltam do outro mundo.

O Chico sofria imenso. Uma noite

pediu explicações à mãe, que lhe surgiu em sonho e lhe disse:

— Ninguém o acredita? Não deve exasperar-se. Sem humildade não se cumpre a tarefa.

— Mas eu digo a verdade!

— A verdade é de Deus e Deus sabe o que faz.

O Chico choramingou:

— O padre e o papai dizem que estou perturbado...

— Procure modificar-se. Você é uma criança indisciplinada... e provoca antipatias. Quando tiver sonhos desses, não o diga a ninguém. Mais tarde poderá falar.

E, de facto, seus lábios emudeceram desde essa data.

Mais tarde fundou-se o Centro Espírita Luís Gonzaga na residência de José Cândido Xavier, irmão do médium torturado. A princípio, grande entusiasmo entre os assistentes. Todos eram candidatos à mediunidade. Uns queriam ser psicógrafos e outros desenvolver-se na actuação. E outros pensaram logo em fundar abrigos e hospitais... O entusiasmo das primeiras horas. Depois extinguia-se, qual fogo de palha velha...

Assim, certo dia apareceu ali D. Rita Silva com quatro filhas obsidiadas. Sérias crises de loucura apavoravam a pobre mãe, porque as doentes chegavam a morder-se mùtuamente e uma delas vinha acorrentada.

Só os dois irmãos assistiam ao tratamento, que durou alguns meses; mas o José teve de se ausentar e antes de o fazer procurou em Pedro Leopoldo um homem «experimentado na doutrinação» para o substituir no interregno. «Seu» Manuel aceitou e entrou no Centro com a Bíblia na mão. O Chico estava a postos na doutrinação dos obsessores. Foi logo actuado. Um dos espíritos, por seu intermédio, disse a «seu» Manuel:

— Quando o obsessor se apossar do médium, aplique o Evangelho com veemência!

— Pois, não! — respondeu, serenamente, o director.

E quando a primeira entidade perturbada chegou ao veículo mediúnico, «seu» Manuel pegou na Bíblia de grande formato — no dizer de Ramiro Gama — e bateu com ela muitas vezes na cabeça do Chico, exclamando, muito irritado:

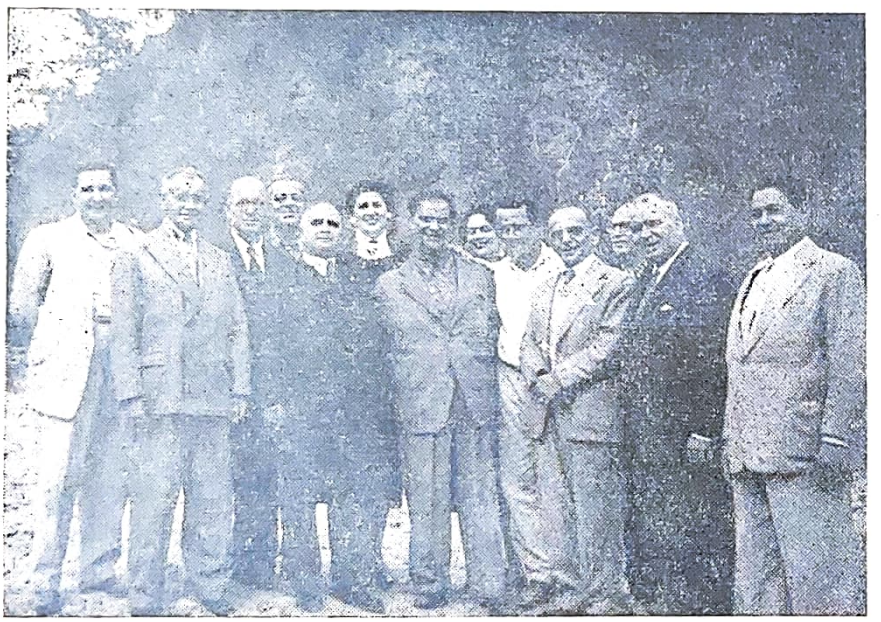
— Tome Evangelho! Tome Evangelho!...

E assim terminou a sessão com o imediato afastamento do obsessor.

O Chico é que não ficou muito satisfeito, porque a brincadeira lhe exigira seis dias de cama, a fim de curar o torcícolo do pescoço...

★

Temo-lo dito sempre. Ser médium é trabalho espinhoso que eleva às alturas ou projecta na vulgaridade. As delícias que oferece trocam-se às vezes por horas amargas. Deve subordinar-se a directrizes que nem sempre compreende, se quiser bem cumprir. E afrontar até o ridículo e o sarcasmo.



Os componentes da Caravana com Chico Xavier, no local onde este ouviu as primeiras vozes de Emmanuel

Chico Xavier afrontou tudo isso. Primeiro com certa revolta própria dos humanos. Mas não deixava, agora ou logo, de consultar o espírito de sua progenitora.

— Minha mãe, como poderei vencer no cumprimento de meus deveres?

— Só conheço um remédio: servir.

— E as dificuldades que se levantam? Como espalhar bênçãos, se, oferecendo o melhor, recolhemos pedradas?

— Servir é a solução.

— Mas há pessoas que nos odeiam, que malsinam as boas intenções e dificultam o nosso trabalho...

— Sim, há um recurso: servir sempre.

— Acha que é remédio para tudo?

— Sim, meu filho. É o remédio essencial. Enquanto não aprendermos a servir, mesmo com boas intenções, tudo serão palavras que o vento leva.

E o espírito de D. Maria João de Deus retirou-se, como quem não dispunha de outro remédio...

★

Os caravaneiros andavam dispersos pela Fazenda e nós aproveitávamos os escassos minutos para formular perguntas. Eram tantas, que vinham ao acaso, sem ordem cronológica. E a todas o Chico respondia bondoso e sorridente. Que já nos conhecia há muito; que sentia grande afinidade connosco; que haveria mensagens para nós naquele dia de festa no Centro Luís Gonzaga; que apreciava muito a revista Estudos Psíquicos, pela qual tinha especial predilecção; que lhe interessava tudo o que dizia respeito a Portugal...

Mas ele fala com propriedade e a sua cultura não é tão simples como parece. Correcto na expressão verbal, raciocina lògicamente e deixa no interlocutor a mais bela impressão de higiene mental.

Temos-lhe feito numerosas referências, apreciamos toda a sua obra sem exclusão de partes, mas apreciamos igualmente a sua modéstia e a sua humildade.

Quem uma vez o ouve não mais o esquece. Não liga importância à indumentária nem a certos preâmbulos que dificultam a vida de relação dos chamados civilizados.

Emmanuel tem sido o seu maior orientador. Quando os médicos o consideraram tuberculoso, pôs-lhe a mão no ombro e disse-lhe que reagisse para não falir, pois não bastava desencarnar como homem de bem, mas era preciso fazer muita

coisa prometida na espiritualidade. E acrescentava: «A tristeza conduz a doenças baseadas na cólera ou em desejos insatisfeitos. São os rins que se tocam, o coração que recebe a punhalada do ódio, o fígado que se engorgita com o orgulho ofendido e os pulmões que enfraquecem por falta de optimismo. Amanhã te mostrarei a Fazenda do Pai — a Natureza —, para que a compreendas e sintas e dela extraias os remédios para a tua cura». Dias depois estava curado.

★

A projecção dos médiuns no conceito social é às vezes motivo de acesas discussões. Deixaram de se pertencer, são património da comunidade. Como tal, criticam-nos e chegam a ser envilecidos. O Chico não fugia à regra. Era presa de irritações por não ser compreendido.

O espírito de sua mãe apareceu-lhe uma vez e aconselhou-o a usar Água da Paz para lhe curar as inquietações. Procurou o remédio em todas as farmácias de Pedro Leopoldo e de Belo Horizonte e não conseguiu encontrá-lo. Quinze dias depois disse à progenitora que o medicamento era desconhecido.

— Não precisa de viajar à sua procura. Tem-no em casa. A água da Paz pode ser a água do pote. Quando alguém o provocar com palavras tome um pouco de água e conserve-a na boca. Não a lance fora nem a engula. Enquanto sentir vontade de responder, guarde a Água da Paz, banhando a língua...

O Chico ficou calado e desapontado com a lição de humildade e de silêncio.

★

O próprio Guia Emmanuel lhe falava com rispidez. Quando saiu o «Parnaso de Além Túmulo» um padre condenou o livro e o médium num jornal de Manhumerim, dizendo que o Chico devia ter pele de rinoceronte para acomodar tantos espíritos. Outros falaram no mesmo teor e o alvejado recolheu à cama.

— Então a luta é esta? — pensava —. Vale a pena ser médium e ficar exposto a isto?

Entrementes viu Emmanuel e queixou-se-lhe do sucedido. Mas o Guia franziu a testa e respondeu que não via razões para tanto melindre.

— Mas o sr. está a ver... O padre disse que tenho pele de rinoceronte...

— Se não tem, devia ter! De outra forma não será possível a viagem da mediunidade nos caminhos do mundo.

— Nós temos o nosso brio... a nossa dignidade...

— Escute — objectou-lhe o mentor espiritual —. Se Jesus, que era Jesus, saiu da terra crucificado, como quer você uma carruagem para viver entre os homens?...

«E o Chico levantou-se de um pulo e começou a reajustar-se»...

★

E regressámos ao tugúrio do grande obreiro e demos início à sessão. Todos nos ajustámos em torno de longa mesa de pinho, a mesa onde ele recebera a maior parte das suas obras. E feita a prece inicial o Chico mergulhou em concentração. Que trabalho de intérprete nos deu sem esforço algum! Primeiro foi a mensagem daquela que partira na hora própria deixando nossa alma envolvida em saudade:

Isidoro querido:

Estamos juntos.

Nossa viagem ao Brasil é a realização de um grande sonho.

Romaria de almas no encontro de corações.

Mãos que se estendem, destinos que se entrelaçam.

Este é o nosso caminho.

Permuta, entendimento, cooperação...

Nossa Doutrina é doce estrela a guiar-nos.

Lá e cá, temos problemas e sombras.

Cá e lá, porém, dispomos da mesma luz. No entanto, para espalhar-lhe a claridade e o calor é preciso lutar sem esmorecer.

Não apenas teorizar, nem apenas agir.

Ser e fazer.

Crer e edificar.

Ideal e acção.

Pensamento e dinamismo.

O precioso sermão da virtude, com esquecimento dos famintos que nos batem à porta, é insulto à bondade. Estômago recalcado com menosprezo ao estudo é o elogio da ignorância.

Espiritismo é nossa bandeira libertadora.

Caridade e educação.

Em toda a parte o trabalho do Cristo clama por nós.

E a tarefa alta é a de nossa própria reforma para dar do que recebemos.

Melhorar o que é humano para reflectir o que é divino.

Almas emparedadas nas trevas geram espinheiros do sofrimento e do crime.

É preciso fazer luz, sempre mais luz, para que as algemas se rompam.

Clarear as consciências é sarar as feridas.

Isidoro, avança sem destemor.

Nosso lema é nunca parar.

Só se vence lutando.

Suor na chama e esperança no Alto...

Minuto perdido, atraso irremediável.

Não temas!

Quando o espírito se ergue à boa vontade, o auxílio aparece.

Irmãos de todos, estejamos com todos.

Trabalhemos, observemos e sirvamos.

Sobretudo, amemos, como Jesus nos ensinou.

Hoje, aqui, amanhã na Eternidade.

Isto equivale a dizer:

— Juntos em Deus para sempre!

Tua Lia

A seguir, o médium reproduziu a assinatura integral de nossa companheira.

Esta mensagem é o estilo expresso em «Dois Mundos», «Almas Errantes» e «Ronda Espiritual», que Deus permitiu captássemos sem rasuras. Que prova extraordinária para a nossa dúvida! O Chico abriu clareiras, rasgou horizontes no caminho que trilhávamos. Alguns minutos bastaram para isso. As exortações e os conselhos recebidos levavam-nos ao passado, onde se haviam imprimido legendas perenes. Que lição esplendorosa!

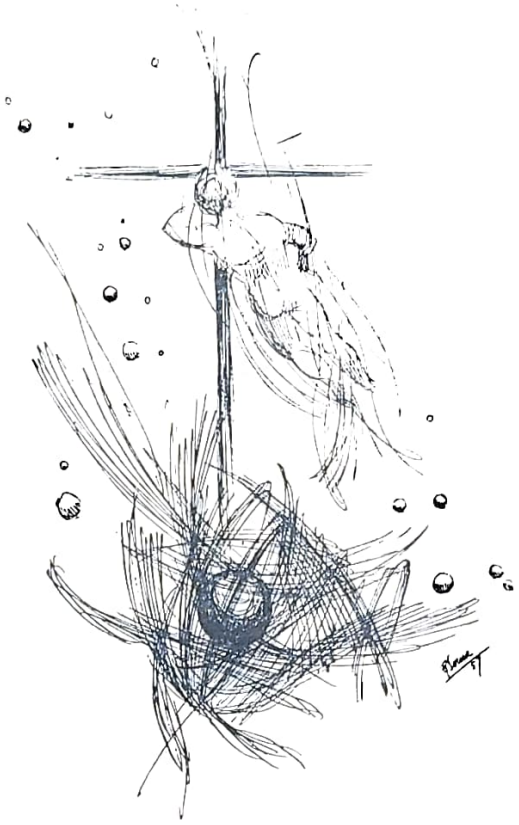
A seguir, um soneto de João de Deus e outro de Antero de Quental recebidos nalguns minutos. O de Antero foi escrito na ortografia antiga com a mão do médium espalmada sobre o lápis.

Depois... Oh! Depois foi o banquete régio que as palavras não descrevem. A vidência do Chico transformou-se em raio de sol, abrindo janelas sobre um mundo a poucos franqueado. Lia manifestou-se largo tempo ao lado de Marília Barbosa, disse a Leopoldo Machado que a vida era permissa de evolução e de trabalho, falou de Raquel que a substituiu na Obra, enviou-lhe estímulos reais cheios de simpatia, dominou o panorama familiar daquela sessão inesquecível... e o Isidoro chorou muito e não conseguiu fazer as perguntas desejadas...

O magnetofone de João Coragem ia registando a sessão, indiferente à

O Menino e a Estrela

(Natal de Jesus)



O Mundo estava triste e louco,
meio cego,
inerte e frio,
doente e só...

Tudo era sombra e noite,
deserto o caminho,
deserta a vida
a consumir-se em dor e pó...

E o Menino chegou
e desceu à Terra,
Terra que o recebeu e o condenou...

Começara caindo a neve,
véu de alva sorrindo à vida,
beijando os vales e os rios,
coroando os montes
de graça e de esperança.
Bendito seja o Amor!...
Já a noite brilhava!
Que luz de luar, Senhor,
cobria agora o céu!
Tão azul,
tão refulgente,
tão cheio de graça
para que a própria noite fosse dia
e pudesse no céu surgir
a Estrela,
nosso Sol,
nosso Guia!...

E o mundo em pranto,
ingrato e triste,
crente e descrente,
na sua imensa amplidão
foi vendo...
vendo cair a neve,
sempre tão branca e pura,
sempre tão leve e fria,
de Natal em Natal,
à Luz deste infinito Nome,
todo cheio de Amor e de Perdão!...

MANUEL DE SOUSA

emotividade que se apoderou de todos. E Lia voltou a falar da nossa vida, mostrando interesse pelo trabalho existente. E vieram os amigos e os colaboradores que nos precederam na grande viagem...O Faure da Rosa apresentou-se como José Augusto. Naquela confusão sabíamos lá quem era o José Augusto!... E o Major Zuzarte, que o Chico descreveu em quatro pinceladas, com cartas na mão de que só nós tínhamos conhecimento... E o Dr. Baptista Ramires e o João Paulo Freire e D. Francisco de Noronha... como veremos no capítulo seguinte...

E para que o festim atingisse maior florescência, lá estava Emmanuel projectando luz radiosa.

Lia voltou com a palavra amiga:

— Diz à Raquel... diz ao Álvaro... diz a D. Maria Bacelar que a Causa precisa deles... Não esqueçam as suas missões...

E quando lhe falámos nesta revista, exclamou:

— Oh! A nossa revista, a nossa querida revista!...

Que pena temos da velocidade do tempo e da exiguidade do espaço! O mar alto não se descreve, não se traduz! E Pedro Leopoldo transbordou em 3 de Junho de 1955! Francisco Cândido Xavier foi providência e exaltação. E nós fomos outro Gil Eanes. Como não há mais Bojadores por descobrir, dobrámos o Grande Cabo do Espírito num tabernáculo humilde onde só cabem rosas fragrantes e harmonias celestes...

Caríssimo Chico Xavier: teus abraços selaram para sempre dois ambientes, duas almas, duas belas aspirações! Os lutadores nasceram para lutar. Nem os motejos, nem a adversidade com suas sombras e seus barrancos faz arripiar caminho aos que puseram a mão no arado ou avançaram contra a maré, como esforçados garimpeiros!

★

A seguir, daremos um quadro vibrante que o magnetofone gravou na íntegra, lição valiosíssima que há-de ficar nesta obra, como exemplo de genuína mediunidade. Os leitores vão apreciar uma extraordinária demonstração de vidência em que as personagens vivem como homens e não como avatares ou bonecos articulados.

MATERNIDADE "CASA DA MÃE POBRE"

É sempre com alegria que falamos na Maternidade «Casa da Mãe Pobre». Já lhe fizemos o histórico, temo-la acompanhado sempre, nas horas boas e más, temos enfileirado números sobre números para demonstrar a realidade do seu avanço e sempre os benefícios prestados hoje são superados amanhã. Benefícios feitos pelo amor do bem, porque, segundo Vargas Vila, os que esperam gratidão de um benefício não têm generosidade e os que estranham não receber não têm senso comum.

Pois na Maternidade, o amor ao próximo é a legenda maior dos seus dirigentes, mais ciosos de trabalho, que de elogios que não cultivam. E a serenidade nobre do seu porte e o silêncio do seu esforço porfiado garantem a continuidade de uma obra que, sendo dos homens, não pertence aos homens, porque Deus está nela a vibrar.

Sendo assim, não admira que o triunfo lhe seja dado por acréscimo. Tem sofrido horas magníficas de aflição. Isso, tem sofrido. E dizemos magníficas, porque são as que mais contam na marcha evolutiva da humanidade. Mas tudo se harmonizou, tudo se realizou em linha ascendente.

Agora temos aqui o Relatório da sua Direcção, subscrito pelo presidente e relativo ao período de 1 de Julho de 1950 a 30 de Junho de 1957. Podemos dizer que o movimento económico se apresenta desafogado, como demontra o saldo de Cr $5.988.270,60. O *salário mínimo* dificultou o equilíbrio financeiro e foi preciso haver coragem e decisão para reajustar algumas peças que tinham ficado desconjuntadas, em virtude de indemnizações, que atingiram 563.000 cruzeiros em 1955-56 e 300.000 em 1956-57. Esta sangria no orçamento da Casa desfalcou enormemente os recursos destinados às probrezinhas.

O Dr. Osvaldo Nazaré continuou a dirigir os serviços técnicos, auxiliado pelos Drs. Nelson Machado e Edgard Falci. Vejamos um quadro elucidativo:

As consultas nos serviços de pré-natal foram 1.609 e as particulares 57. As internações foram 5.205. Os nascimentos elevaram-se a 4.589. Quer dizer, que houve um aumento de 328 nascimentos neste exercício. Este facto levou os dirigentes da Maternidade ao desejo de construir outra Casa maior, a fim de atender ao crescimento da população.

O Banco de Sangue continua também a cargo do Dr. Acácio Gomes da Rocha, com os seguintes resultados: sangue colhido, 116,820 kg; sangue transfundido, 136,390 kg; enfermarias, 42,150 kg; I. A. P. I. e outros, 87,790 k; particulares, 6,450 kg.

O Laboratório é dirigido pelo Dr. Wilson Cardoso. Nele se fizeram 7.350 análises de urina, 16.488 de sangue, 107 de fezes, 80 de escarro e 20 diversas.

Na pediatria está o Dr. Balbino Dias, com os seus extremos cuidados. As consultas foram 3.348.

Nos serviços de *raios X* o Dr. Vilalonga realizou 387 exames radiológicos.

São números elucidativos e concludentes que dispensam comentários.

D. Edite de Carvalho está no Berçário, ou *Creche*, como outros lhe chamam em mau português. É secundada por D. Cléia Paiva Meira num sector que acaba de ser inteiramente remodelado. O movimento infantil foi de 45.

E a população associativa, como tem reagido ao chamamento? Tem aumentado em escala ascendente sob a direcção do abnegado confrade José Cabral, pois no ano a que nos referimos entraram 9.433 sócios e sairam 3.933. Em 30 de Junho último havia, pois, 25.260, com um somatório de quotizações que atingiu um milhão, novecentos e quarenta e quatro mil, oitocentos e oitenta e dois cruzeiros, ou seja mais 576 mil cruzeiros que eu 1955-56.

A Lavandaria presta grandes serviços com a lavagem de mais de mil peças diárias.

Na Administração continuaram Dermeval Gargaglione e Matilde de Meneses, que produziram trabalho digno de menção no Relatório. E na Secretaria, Ary Kerner e Loureiro José de Melo desempenharam seus cargos com notável actividade.

A Tesouraria, que é um dos mais notáveis departamentos da Maternidade, esteve sob a direcção de Santiago Quintãs e de António Joaquim Monteiro, nosso representante na capital Federal.

A *Legião Protectora da Mãe Pobre*, dirigida pela sr.ª Cléia Paiva Meira, desdobrou-se em vários trabalhos: confecção de roupas, campanhas financeiras, festas e outras actividades em benefício das mães pobres e seus filhos. Assim, a *Campanha Nacional da Criança* rendeu Cr $77.811,00, o Bazar da Boa Vontade 15.783 e a *Campanha do Natal* 23.000.

No capítulo de *Subvenções*, continua D. Nena com a perserverança de sempre junto dos poderes públicos, na Câmara Federal e outros sectores. Segundo o Relatório, o total de subvenções recebidas foi de Cr$ 588.000 mais Cr$ 125.000 de juros bancários e Cr$ 100.000 de descontos em pagamento à vista de grande compra de *catgut* que atingiu o total líquido de quatro milhões seiscentos noventa e sete mil e quinhentos cruzeiros.

Este esforço foi realmente espantoso e D. Nena tem sido uma pedra angular do monumento de caridade que à Mãe Pobre dedica as horas, os minutos e os segundos.

O Dr. Telémaco Gonçalves Maia tem sido igualmente incansável desde a fundação da Casa, pois na Câmara do Distrito Federal tem proposto valiosas verbas e trabalhado para que a Prefeitura as pague nos respectivos prazos.

Finalmente, a construção do futuro *Hospital «Casa da Mãe Pobre»* na rua Ibituruna, 81, onde, em 1956, já ficaram alguns serviços instalados.

Este Hospital vai ser uma das maiores obras do Espiritismo no Brasil, como teremos ocasião de mostrar no próximo número de *Estudos Psíquicos*. Os 60 leitos actuais das pobrezinhas serão aumentados para 344.

Enfim, a *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»* desdobra-se em serviços à Causa Espirita e à humanidade sofredora. A sua história emocionará os leitores, os quais saberão como se erguem santuários deste género, primeiro nos corações bem formados e depois na pedra que desafia o tempo e fica exposta à contemplação dos vindouros. Ergamos as nossas preces pelas novas realizações destes pioneiros que só desejam compreensão e boa vontade.

Monteiro Lobato e o Espiritismo

Por EDGAR CAVALHEIRO

Este artigo foi escrito antes da desencarnação do grande escritor Monteiro Lobato

Monteiro Lobato foi levado a interessar-se pelos fenómenos espiritas como quase toda a gente: por motivos sentimentais. A morte do segundo filho abalara-o profundamente. No meio da aflição que o dominava, termina por aceitar os convites que os amigos lhe fizeram para assistir a algumas sessões. Vai e interessa-se a fundo pelos fenómenos que lhe é dado observar. E como é, por natureza, proselitista, ei-lo em breve em tentativas de arrastar e convencer os amigos das coisas sobrenaturais que ocorrem nas reuniões que frequenta. Por sua iniciativa Amadeu Amaral Júnior traduz o livro de Karl du Prel — «O Outro lado da Vida». E ele próprio põe em português «Raymond» e «Rumo às estrelas».

Suas conversas, nesse tempo, por mais voltas que desse, caíam frequentemente na Morte, ou em coisas do Além. Mas não é o aspecto puramente religioso do Espiritismo que o interessa. O que Monteiro Lobato procura é assenhorear-se do lado científico do problema. Ao frequentar as primeiras sessões não era totalmente ignorante de tais experiências, pois suas leituras já o tinham levado a meditar, em tempos idos, sobre o assunto. Conhecia desde 1909 as experiências de William Crookes, que concluira pela existência duma força mal conhecida que actua de várias formas, e a que ele, por comodidade, ou por falta de outro nome, intitulara «força psíquica». Sabia também que outro físico inglês, Oliver Lodge, escrevera excelentes páginas sobre o fenómeno, que estudara com o mesmo rigor com que tratara factos físicos. Já nessa época Monteiro Lobato julgava que a palavra «sobrenatural», empregada com relação a esses fenómenos, lhe parecia imprópria, inadequada.

«O facto — escreve então — de não sabermos uma coisa não a exclui da natureza ou não a põe sobre a natureza. É apenas um aspecto da natureza que ainda não conhecemos. Um dia, esses factos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, serão conhecidos e fichados, como tantos da química. Um sexto sentido parece que vem vindo, como foram vindo os nossos actuais cinco sentidos — e virá um sétimo, um oitavo, etc. E cada novo sentido nos descortinará «outro mundo». O médium, que é senão uma criatura em que o sexto sentido se está denunciando? Um dia todos teremos esse sexto sentido — e adeus, sobrenatural! Os compêndios de física trarão o captíulo novo da metapsíquica, como os compêndios de hoje trazem o capítulo novo da termodinâmica».

Essas considerações, expendidas em carta a Godofredo Rangel, no ano de 1909, são logo seguidas de outras, em que aconselha ao amigo a «encostar» o Espiritismo: «metido com médiuns e com sessões, acabarás mediúnico, astral, sideral e imprestabilizado para a literatura. Temos muito tempo de ser espíritos: aproveitemos esse momentinho em que somos carne».

E por longos anos Monteiro Lobato não torna a pensar no assunto. Quando nos Estados Unidos, entre 1927 e 1931, entusiasmando-se com as válvulas de De Forest, observa que não está longe o dia de inventarem uma válvula metapsíquica para a comunicação entre vivos e mortos. Então, em vez de saudades do Ricardo Gonçalves, seu amigo há muito falecido, chegará ao aparelho e ligará para a «frequência ricardina».

É sòmente ao ficar velho, e meio desarvorado com a morte de um ente tão querido como o seu filho Edgard, que passa a interessar-se pelo assunto. Frequenta sessões, conversa com médiuns, lê e traduz obras especializadas, enfim, integra-se de corpo e alma nos problemas ainda algo complexos da fenomenologia espirita.

«Como me encantou saber que és espirita! — exclama a Teófilo Siqueira — Estou maravilhado com o Espiritismo, em lua de mel, no estado de êxtase dos neófitos».

Vai todas as semanas às sessões, aproxima-se de intelectuais que sabe ligados aos

O MENINO E A VIDA

POR ROCHA DE SOUSA

Quando a terra se abriu
para a luz daquele olhar,
foi o vento bater à porta
da casa feliz
e a neve, ao longe,
num tremular de brancura infinita,
ficou a sorrir de contente
pela imensidão dos vales
e das montanhas...

Dentro da casa feliz,
perdido na dimensão acanhada
de um ninho doce,
o olhar do menino
é luz que embala
dois corações da sua carne.
E os corações, alegres,
apertados um ao outro
num amplexo de amor,
ficam presos na rede imensa
dessa nova vida,
dessa nova fonte de harmonia divina
que é o botão singelo
ou as flores humildes
de origens naturais...

E assim é durante muito tempo...
Os corações envelhecem
na concepção dolorosa
de passos difíceis.
Ondas de Tempo,
cheias de realidades intensas,
trazem, aos poucos,
fortes raízes de nada,
de velhice,
daquele vazio amargo
que a derradeira claridade
produz nas almas e nos corpos...

E um dia,
à luz fácil de uma vela humilde,
os corações singelos morrem.
Pelo ar frio de neve e de vento
pairam brados aflitos
das dores terrenas,
das dores breves mas profundas
que entes queridos sofrem
na arquitectura complicada
deste Universo de amor.
Os prantos voam pela neve branca
levados pelo vento que bate à porta.
A Natureza, num cenário de lembrança,
faz chorar o menino...
E o menino, já grande,
de braços abertos para o Destino,
fica esperando inùtilmente
que esses corpos inertes
saiam da tumba fria
para a vida de calor e de harmonia...

Vem depois mais vento
e mais neve
e mais Tempo.
O menino parece agora
um homem inútil e velho
que a vida arrasta
para aquele Mundo Além.

centros. Proporcionam-lhe inúmeras oportunidades para observar de perto as mais estranhas ocorrências.

«Embora — acentua Wandick Freitas — colocado numa pequena área do imenso campo de pesquisas que o Espiritismo lhe oferecia, Lobato não desdenhou do que lhe foi dado ver».

Não só não desdenhou: adiantou-se muito nesse caminho. As pessoas que o conheceram de perto sabem que, homem irreverente, com muito de Gavroche, jamais brincou com o assunto, em momento algum se desviou para a ironia no que dizia respeito aos fenómenos por ele presenciados. Enojava-o, isto sim, nas obras espiritas, a eterna mistura de religião com metapsíquica. Andou, por uns tempos, muito satisfeito com as próprias experiências, porque os espíritos que se haviam manifestado para ele deviam ser todos ateus, ou «cépticos da melhor marca». Não se lamentavam nem lhe faziam sermões — motivo por que «os aturara tanto tempo».

O consolo que extrai das experiências ajuda-o a suportar as amarguras deste mundo. Convence-se de que os filhos não morreram. Foram transferidos e agrada-lhe, particularmente, que o Edgard revelado esteja bem consoando com o Edgard terreno. Recomenda aos que frequentam sessões onde o espírito dos filhos aparece, que tomem nota de tudo, com a máxima fidelidade. É mais fácil tirar a prova com gente de casa, identificável. «Para mim — diz ele — nada vale aquela colecção de notas que tomei diante do copo. Não as mostro a ninguém, porque ninguém lhes dará o valor que eu dou».

Ao cabo de alguns meses de experiência, suas conclusões podem ser assim resumidas: o espírito condiciona e molda o corpo. O

É corpo sem força,
sem calor,
sem alegria,
sem nada.
Lembra-se de qualquer coisa bela
que existe em imagens d'infância
e chora todos os dias
pela tristeza que sente na alma.
A vida imensa,
a vida dos homens,
cravou-lhe aduncas garras
no corpo de fáceis paixões.

O vento soprou de novo
e a neve caiu outra vez...
A maldade das coisas efémeras
criou vícios no menino já grande
e levou-o para horizontes cinzentos
de mundos sem forma,
sem luz,
sem finalidade ascendente.
E o menino, ao cabo de muitos anos,
sentiu que uma coisa imensa,
pavorosa,
vinha desabando sobre ele.
Num gesto desiludido
de quem já não pode mais,
de quem tudo perdeu e tudo despreza,
uniu as mãos enlameadas
e recordou os balbucios da vida,
o amor indizível
que fora morada
de sentimentos maiores!

As faces cheias de rugas
do menino velho
choraram lágrimas amargas
e pediram perdão Àquilo
que nunca existira...

Depois ficaram frias...
imensamente frias...

A noite desceu.
O vento soprou.
E a neve ficou triste...
Dores terrenas
choraram em gritos desalentados
um corpo que não quisera nada...
Era pó transitório
que jazia em álgida campa
na penumbra de um lugar solitário.
— Porque a força bela e grande
desse corpo de lástima
só existira no sopro infantil,
nesse distante olhar luminoso
que ingènuamente tudo queria
e a tudo aspirava.
O resto...
o resto foi coisa de deitar fora
para recomeçar mais tarde
em vida nova,
em nova fé
e em nova crença!

corpo é um cavalo que o espírito monta em seu estágio terreno. Quando o cavalo porventura se desgasta, fica muito lerdo, velho e perrengue, e o espírito apeia — e é o que chamamos morte. E nunca mais monta, ou vai moldar outro cavalo, isto é, reencarnar-se. Pela evolução chegaremos a tirar do Espiritismo o carácter misterioso de que anda envolto. A evolução que nos deu o tacto, o olfato, o paladar, o ouvido e os olhos, nos dará futuramente a mediunidade. Dessa certeza não se afastará M. Lobato. Está velho, a morte ronda-lhe a casa. Precisa saber como é o lado de lá, onde já tem um pé, como ele diz. A maior felicidade para ele é convencermo-nos de que somos eternos. Que existiremos, como existe o átomo — sem começo nem fim...

(De O SEMEADOR, de São Paulo)

PORTUGAL

Quando penso em poesia,
Ou em um nobre ideal,
Vem-me logo ao pensamento
O nome de Portugal.

E vejo, na tela mágica
Da minha imaginação,
As cidades e as aldeias
Do belo país irmão.

Vejo também, num cortejo
Deslumbrante, encantador,
Os portugueses escravos
Do Saber, da Arte e do Amor!

Baía - 1948

PAULO ALBERTO

«MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS»

pelo *Dr. R. A. Ranieri*

Acabámos de receber nova remessa deste interessante livro em que se relatam fenómenos interessantissimos documentados fotogràficamente e pela primeira vez revelados ao mundo, entre eles a utilização do radium e de vários aparelhos desconhecidos dos homens que revolucionarão a Psicologia oficial.

É uma obra honesta escrita em bom Português e cuja imparcialidade de impõe a crentes e descrentes.

1 grosso volume brochado — 50$00

«RUMO ÀS ESTRELAS»

por *H. Dennis Bradley*

Um livro extraordinário sofre o fenómeno da voz directa obtido com o médium Valiantine. Entre outros assuntos, trata do «Problema da Eternidade» e da «Arte nas Outras Esferas».

1 volume de grande formato — 70$00

«A GRANDE ESPERANÇA»

pelo *Doutor Charles Richet*

Livro de um grande cientista, abre enormes clareiras à humanidade. Eis alguns capítulos: «A Defesa Contra a Morte», «A Defesa da Espécie e o Amor», «O Mundo Habitual», «O Inabitual na Biologia», etc., etc.

1 volume de grande formato — 50$00

ENVIAMOS ESTAS OBRAS À COBRANÇA

NATAL
DOS NECESSITADOS

Continuamos a lembrar aos leitores e amigos a quadra do Natal que se vai aproximando. É necessário dar uma nota fraterna para amenizar o egoísmo do mundo. Os espiritistas compreenderão, melhor do que os outros, que só o amor pode salvar o homem e prepará-lo para a vida eterna.

Trazei-nos o óbulo generoso e sereis duplamente recompensados.

Recebemos os seguintes donativos:

Transporte do número anterior	470$00
Um sócio, de Santarém	20$00
Júlio F. Ramos, de Cacuso, Angola ...	50$00
Luís Piedade Bento e Esposa, de Lisboa	10$00
M. S. T., de Lamego	20$00
Adolfo O. Fernandes, de L. Marques	41$00
Serafim Brites, de Ovar	20$00
Anónima, de Nogueira, Maia	20$00
José Maria Cabral, do Porto	20$00
Fernanda Carvalho Lourenço da Silva, à memória de Marinho, sem saudoso filho	50$00
Inácio de Oliveira, de Ovar	28$00
Anónimo, de Abrantes	20$00
Manuel Lopes Gonçalves, de Lisboa ...	10$00
C. Brandão, de Lisboa	50$00
Frederico Pereira, de Lisboa	10$00
Y, de Lisboa	20$00
J. & E., de Lisboa	10$00
Maria Bernardete Tavares Ferreira, de Lisboa	20$00
J. S., de Setúbal	20$00
A. D. M., de Lisboa	5$00
Luísa Pacheco Martins, de Lisboa	20$00
José Joaquim, de Faro	8$40
	942$40

MEDICINA NATURAL

Mensário de Vida Sã, Profilaxia e Cura
Director e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos**
Rua do Salitre, 149, 1.º — Lisboa

Uma revista de grande utilidade dedicada à saúde do corpo, com ensinamentos de higiene, conselhos profiláticos, receitas vegetarianas, orientação mental, assinados por médicos notáveis.

32 páginas de leitura variada. No fim de cada ano o leitor tem à mão uma enciclopédia de 400 páginas e o respectivo índice alfabético.

A Administração encarrega-se das encadernações pela quantia de 15$00.

ASSINATURA ANUAL — 40$00

(Envia-se um número espécime a quem o pedir)

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

33

O VIDENTE HOLANDÊS

Amigo radiouvinte:

De vez em quando a imprensa profana faz gemer os prelos com notícias sensacionais. Algumas são tão absurdas, que o bom senso parece oscilar em seu trono augusto. Todavia correm mundo, impressionam este e aquele, vão formando opinião e tentam erigir-se, mesmo sobre o lodo oscilante. Não importa que o vento sopre e destrua a barraca, pois dizia uma titular portuguesa que mais valia ser rainha uma hora, que duquesa toda a vida. As notícias, inventadas ou não, lançam-nas ao vento e o resto pertence ao discernimento e à crendice.

A Agência ANSA fez expedir em Julho um telegrama acerca de experiências públicas realizadas no Centro de Estudos Parapsicológicos de Bolonha com Gerar Croiset, mais conhecido por «vidente holandês».

O que vamos expor não é novidade para os estudiosos do assunto. Pode-se até concluir pela ignorância do noticiarista no tocante a certos pontos da narração. É natural entre pessoas leigas. O que importa, afinal, é divulgar o facto em si, levá-lo ao conhecimento do grande público, também chamado «sabedoria das nações».

Segundo o comunicado de Bolonha, Croiset não difere de outro homem. As suas faculdades é que o distinguem entre muitos, entre a quase totalidade. Porque seres deste género não aparecem todos os dias.

Ora, ele sabe muita coisa com antecedência. Sabe, por exemplo, onde se vai sentar um desconhecido, durante um acto que se realizará muito tempo depois da sua premonição. Além disso, pode localizar um desaparecido, dizer o que lhe aconteceu e fazer a história de um objecto em que nunca tocara, indicando também os indivíduos a quem pertenceu ou pertence.

Até aqui não há nada de novo para nós. Estes fenómenos estão situados e catalogados na bibliografia psíquica, subscritos por nomes de grande estofo moral e mental.

É claro que, das experiências realizadas, nem todas foram positivas. Houve falhas, como não poderia deixar de ser. Mas os fenómenos genuínos mereceram valor fundamental do ponto de vista metapsíquico, ou parapsíquico, entre eles a mediunidade, o hipnotismo, a escrita automática, a telepatia, a premonição e o deslocamento de objectos a distância.

O que nós fazemos em grupos particulares fez aquêle Centro publicamente. E fez muito bem. É preciso esclarecer certas verdades que andam ocultas ou desvirtuadas.

Os desconhecedores dos fenómenos psíquicos chamam adivinho a Croiset. Mas ele não adivinha, no sentido genérico da palavra. O que ele tem é *percepção extra sensorial,* ou seja a possibilidade de captar acontecimentos futuros, independentemente dos sentidos físicos, coisa que os sábios oficiais ainda não souberam explicar.

O comunicado alude às experiências do Dr. J. B. Rhine, conhecido investigador americano que tem feito longos estudos telepáticos e que declarou, em síntese: «A percepção extra sensorial existe e não é simples dom inerente a raros indivíduos que dispõem de poderes extraordinários. Pelo contrário, podemos dizer que todos os seres humanos a possuem».

É interessante ver como esta faculdade singra no campo científico e também como a Agência se refere ao assunto:

«Não se deve confundir telepatia com hipnotismo, que necessita do colóquio directo entre o hipnotizador e o hipnotizado. O hipnotismo é, pois, uma forma de sugestão, uma «ordem» verbal do médium, que exige consentimento completo do sujeito. A telepatia, ao invés, é ver no futuro, sem contacto com pessoa alguma. E também as pessoas normais se podem tornar videntes ao sonhar. Talvez não exista alguém que não tenha tido um sonho verídico».

Embora a definição de telepatia seja a *emissão do pensamento a distância,* devemos reconhecer no articulista lealdade e bom senso que nem sempre se verifica em casos deste género.

«Pelas teorias de Einstein — diz o telegrama — um objecto não tem apenas as três dimensões conhecidas: comprimento, largura e altura, mas também uma quarta, chamada duração. Cada objecto, portanto, se prolonga no espaço e no tempo. Deste modo, o passado continua a existir e o futuro também existe, só não sendo conhecido em virtude de misteriosa limitação sensorial. É por isso que não podemos reviver o passado nem conhecer o futuro e consideramos os dois inexistentes. Contudo, em condições raras, a nossa mente pode penetrar nesse «presente eterno», ou seja, o passado e o futuro no tempo e no espaço».

As experiências de Croiset limitaram-se à percepção sensorial, mesmo no departamento psicométrico, pois quando lhe mostraram um relógio de pulso, declarou que via uma mulher alta e esbelta, que morava perto de um portão e que naquele momento estava aborrecida por se lhe ter rasgado um lençol. Tudo isto acontecera, em boa verdade. Os investigadores ainda não descobriram a causa destes fenómenos. Pertencem ao domínio da alma, mas ninguém os delimitou ainda.

Há vidências telepáticas que se exercem num mundo aparte, cujas margens não conhecemos, mas que têm passado, presente e futuro. E o pormenor está ligado ao todo...

Certo sensitivo examinou um anel e «viu» uma mulher nova, desesperada, com grande crise nervosa, tentando arrancá-lo do dedo. Ora a dona do anel não era nova e parecia de génio calmo e sereno. Mais tarde, após algumas investigações, viu-se que a cena ocorrera no momento em que ela se separara do marido.

O vidente holandês tem visto e sentido muitos quadros deste género, sem que ele próprio saiba explicar a razão do que sente e vê. Acha tudo natural. Quando entrarmos em novo mundo, também acharemos natural a vida de relação e

muitas coisas que constituem motivo de grandes investigações nos laboratórios terrestres.

A escala de Crookes revela a existência de zonas de silêncio para o nosso ouvido. Quando, porém, se resolver o problema vibratório, tudo será revelado ao homem, porque nada há de oculto que não venha a ser conhecido. Não há zonas de silêncio na natureza. Tudo vibra intensamente.

É bom que estes casos não fiquem no segredo das investigações e que a imprensa os leve às mais longínquas paragens. Para que medite neles quem deve meditar.

O que vemos é ínfima parte do que não vemos. Nesse ponto a ciência humana está de acordo e não virá longe o dia em que as barreiras serão galgadas, a bem da felicidade colectiva.

Boa noite, amigo. Até à próxima. Que Deus salve a tua terra!

34

O DIAGNÓSTICO

Amigo radiouvinte:

Já temos dito que as ideias estabelecidas nem sempre estão de acordo com os seus arautos. Há qualquer coisa que os leva a transigir com elas. O «arbusto» de Pascal tem facetas que a razão são admite, ao lado de outras que a razão não compreende. Assim, entre um médium e um médico há certa analogia, embora o segundo negue às vezes a genuidade do primeiro.

O diagnóstico, por exemplo, é comum aos dois e sobre ele assenta a estrutura da arte de curar. O que o médico «entrevê» com o estetoscópio, «vê» o médium com seus poderes supranormais.

Acompanhemos o caso da médium Berta Harris, que o *Psychic News* nos deu a conhecer há pouco.

Trata-se de uma senhora que tem privado com vários médicos, em Londres, Manchester, Leeds, Estocolmo, África do Sul, levando-os a aceitar a opinião alheia.

Uma vez foi internada em certa clínica londrina e sobreveio-lhe febre alta, cuja origem se ignorava. Mal entrou a primeira visita, Berta caiu em transe e um espírito pediu que chamassem o médico. Quando este chegou, aconselhou-o a dar água fervida à doente, aliás a febre continuaria, porque os reservatórios do hospital tinham sido danificados pelo vento. O sistema de distribuição de água foi examinado e a médium recebeu água fervida.

Noutra emergência foi operada ao intestino e encontrava-se deitada na mesa, quando libertou a cabeça da máscara, ao mesmo tempo que uma voz masculina exclamava:

— Não seria melhor empurrá-lo para dentro, em vez de o trazer para fora?...

Os médicos ficaram tão espantados, que obedeceram sem reflexão e o resultado foi satisfatório.

A seguir aludiram ao caso, mas ela não se lembrava de coisa alguma e atribuiu aquilo à intervenção do seu guia. Depois discutiram tão estranha faculdade e Berta Harris falou-lhes de um nervo que fora seccionado e cicatrizado e que sensibilizaria o seu quadril esquerdo. Confrontando esta informação com as suas notas, acharam-na admirável e solicitaram-lhe que emitisse um diagnóstico relativo a outra pessoa. Ela pediu então um anel, um lenço de assoar ou um lápis usados pelo doente e declarou:

— Enquanto nadava, esse homem engoliu qualquer coisa que se desloca no interior do intestino. Talvez pudessem examiná-lo para descobrir o objecto.

Os médicos sabiam que o enfermo tinha uma infecção de origem ignorada e concentraram os seus esforços no intestino, onde encontraram um pedaço de coral...

Mas Berta Harris lê na aura humana e consegue registar as mais pequenas emoções e revelar as perturbações e mudanças físicas. Vamos contar um caso interessante. Um dos seus alunos de música tinha lesado a cocha numa rua estreita, à passagem de um caminhão. Oito dias depois trataram-no de ciática e sentiu uma dor no quadril. A médium observou-lhe a aura e aconselhou-o a tirar imediatamente uma radiografia. É que ela via que o fémur tinha sido fracturado. O pior é que nem o ferido nem o médico acreditaram e ela teve que lembrar a existência de duas crianças que ficariam à mercê de um doente crónico. Era preciso verificar a realidade da sua afirmação e oferecia-se para pagar as despesas da ambulância. O médico pegou-lhe na palavra. Chamou a ambulância, tirou-se-lhe a radiografia e notou-se *fractura do fémur com deterioração em desenvolvimento*. O doente esteve um ano no hospital e tiveram de lhe abrir a perna e fixar o fémur. Berta Harris não censurou o médico assistente. Sabia muito bem que só a sua clarividência poderia evitar o mal.

Estas provas referentes ao diagnóstico levaram o mesmo faculta-tivo a procurá-la, a propósito de vários doentes da sua clínica. Berta Harris prestou-lhe muitos serviços deste género, sem nunca se envaidecer. Uma vez, em Chester, o doente era médico. Os seus colegas do hospital já tinham feito o diagnóstico e convidaram-na a dizer o que via. Ela viu um cancro na garganta, precisamente o que os outros médicos tinham descoberto. Era a morte a longo prazo, como eles diziam. A médium, porém, desenganou-os com a seguinte afirmação, que os deixou assombrados:

— Isso não dura muito tempo, porque o pulmão está infectado. Antes de morrer de cancro, morrerá de pneumonia.

Era demais! Os esculápios não concordaram com a médium, que se limitou a encolher os ombros. Estavam de acordo com o resto, mas a pneumonia era o maior dos absurdos. Com acordo ou sem ele, dez dias depois o enfermo sofreu ataques pneumónicos mortais.

Para terminar, vejamos o que lhe sucedeu em Liverpool. Estava a conversar com um médico, quando a irmã dele entrou muito pálida no compartimento. Quando ela saiu, o médico perguntou:

— Que pensa do estado de minha irmã? Como sabe, os médicos não podem tratar os familiares, mas um colega diagnosticou esgotamento e prescreveu-lhe um tónico...

— Qual tónico! — exclamou ela —. Vai ter um bébé.

— Impossível! Já tem 42 anos.

— É o que lhe digo. Um bébé. E se não tiver cuidado... não chegará a ser bébé.

E ficou imperturbável. A senhora começou a engrossar nos quadris e os médicos diagnosticaram uma excrescência, mandando interná-la no Hospital de Rodney. Quando ia ser operada é que os médicos descobriram que estava grávida...

O *Psychic News* tem acompanhado os trabalhos de Berta Harris e não se admira de que esteja em boas relações com os médicos.

O diagnóstico é o nó górdio da Medicina. Nós também já prestámos auxílio em condições semelhantes, usando faculdades próprias que espantam quem as não tem.

Chamfort disse uma vez que a Filosofia e a Medicina tinham muitas drogas, pouquíssimos remédios bons e quase nenhuns específicos. Por isso não admira que os médicos usassem os poderes de uma grande médium que ultrapassavam a palpação e o estetoscópio...

Boa noite, amigo. Que Deus vos guarde a todos.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O ESPIRITISMO NA HUNGRIA

O *Psychic News* de 15 de Junho publica uma notícia sensacional referente à expansão do Espiritismo na martirizada Hungria, que acaba de ser pasto de grande carnificina.

As autoridades comunistas encontram-se alarmadas, em virtude de muitos agregados populacionais demonstrarem simpatia pelos fenómenos psíquicos, que estão em voga.

Em Budapeste, por exemplo, cidade de um milhão de habitantes, tem havido numerosas reuniões doutrinárias. O que leva inquietação às esferas oficiais é o antagonismo existente entre as duas ideologias. Comunismo (materialismo histórico) e Espiritismo são ideias inconciliáveis, donde se infere o receio apontado. O comunismo é coercitivo e antinatural, pelo menos como tem sido exercido em vários países. Não admira, pois, que os dirigentes húngaros temam o alastramento desta doutrina em territórios sob o seu domínio e lhe chamem ideia supersticiosa digna de supressão.

Admiramo-nos da notícia dada pelo semanário *Psychic News,* tanto mais que já nos referimos à existência de um Instituto Metapsíquico em Moscovo. Todavia, como há descriminação nos países da cortina de ferro, relativamente às directrizes gerais da orientação soviética, pode-se admitir contradição aparente no que acabámos de referir.

O que interessa agora é a notável evolução do Espiritismo numa região totalmente dominada por ideias materialistas, as quais hão contribuído em grande parte para o avanço incrível, mas real, da doutrina dos Espíritos, que não escolhe raças nem latitudes para manifestar a sua presença.

A prevalência de uma ou outra nação em pontos considerados fundamentais na hegemonia do mundo não impede o Espiritismo de evolver e proliferar, uma vez que está de acordo com todas as ciências e objectiva a felicidade humana, seja qual for a crença ou o regime dos profitentes. Assim sucedeu na Hungria e assim sucede ou tem sucedido em diferentes regiões civilizadas ou subdesenvolvidas.

Ainda há pouco demos a conhecer um rei espírita, com o qual a esposa do vice-presidente dos Estados Unidos se avistou em termos amistosos e vimos a enorme influência que no seu povo exerce a Doutrina.

Não tenhamos receio acerca do que poderá suceder aos nossos confrades da Hungria. As entidades espirituais velarão pelo futuro da Causa e nada impedirá a manifestação do Alto na disseminação de ensinamentos e de estímulos. A vida terrena é passageira e o que se impõe não são corridas desordenadas para objectivos materiais, mas evolução pacífica que reconduza o homem ao caminho da verdadeira liberdade.

AS SENSAÇÕES DOS MÉDIUNS CURADORES

Consciência, de Buenos Aires, transcreve da revista italiana *Metapsichica* alguns parágrafos ao notável caso da senhora Imelde Tommasini, que pode curar numerosas doenças, ou pelo menos aliviá-las, e que já tratou alguns médicos que os próprios colegas não conseguiram melhorar.

Mencionam-se casos de paralisia, poliomielites, cefaleia, hipertiroidismo, asma, artrite, nevralgia, ciática e sinusites rebeldes.

O mais interessante é que esta curadora descobriu casualmente as suas faculdades numa viagem de comboio de Roma a Bolonha, onde acalmou as dores que uma vizinha sentia na perna. Bastou aplicar as mãos, num gesto de compaixão. E quando chegou ao seu destino experimentou novamente aquelas faculdades. Como fossem confirmadas, estudou algumas lições e tirou o curso de massagista, a fim de tratar legalmente.

Os médicos com que trabalha têm-lhe feito muitas perguntas e ela disse que alguns doentes sentem alívio com uma só aplicação e que outros necessitam de mais. Outros ainda são refractários ao tratamento. Impondo as mãos sobre o corpo e fazendo-as deslizar à vontade, identifica-os imediatamente. Mas também há indivíduos a que chama «vampiros» e que, depois do tratamento, lhe deixam a impressão de ficar «vazia».

A revista *Metapsichica* alude também a um caso apresentado pelo Doutor Cazzamalli à Associação Científica de Metapsíquica relativo a um médium curador que «sente» as dores que alivia. Há também um médico com iguais poderes e que exerce a profissão regularmente, reservando a sua aplicação ao estudo das mesmas em ligação com outros colegas.

Gostávamos de apreciar esses estudos e confrontá-los com os nossos. Conhecemos essas sensações e temos grande interesse na sua interpretação.

Mediunidade? Sensibilidade? Poder radiestésico? Nós agimos em plena vigília na localização da doença. Mas, ao estabelecer a *relação magnética* com um passivo, «sentimos» às vezes perturbações orgânicas e mentais que lhe dizem respeito.

CONGRESSO ESPIRITA DE JUIZ DE FORA

O nosso amigo José Simões de Matos, vice-presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e representante de *Estudos Psíquicos* em Porto Alegre, enviou-nos um relato do *Congresso de Orientadores de Escolas Espíritas da Infância à luz do Evangelho* realizado em Juiz de Fora.

A Federação E. do Rio Grande do Sul esteve representada por quatro delegados, sob a chefia daquele confrade e os trabalhos decorreram satisfatòriamente. As teses eram quase todas dedicadas à criança e suscitaram o maior interesse no sen-

tido de se organizar um programa para as escolas de evangelização da infância e criar um núcleo ou serviço de preparação de orientadores ou instrutores, de acordo com o futuro programa de ensino. Esta Delegação apresentou o seu programa de ensino, bem como as normas e instruções dos que ministram as aulas nas escolas espiritas federadas.

Após a apresentação deste trabalho foi proposta e aceita a sua transcrição nos Anais do Congresso.

Estiveram presentes várias delegações estaduais, entre elas, do Paraná, São Paulo, Distrito Federal, Estado do Rio, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A assembleia escolheu o Rio Grande do Sul para o 2.º Congresso a realizar em 1959, com o mesmo objectivo de evangelização da infância e orientação de instrutores. Para facilitar o bom êxito desse trabalho a realizar em Porto Alegre foram nomeadas comissões nos vários Estados ali representados, a fim de estudar as teses ora aprovadas, assim como as conclusões do presente Congresso e encaminhá-las ao 2.º Congresso, que as ratificará e completará com a colaboração do Conselho Federativo Nacional e seus federados, para que as crianças de todas as entidades espiritas integrantes do quadro federativo nacional sejam favorecidas com este trabalho, no qual morejaram os confrades de Juiz de Fora, os quais, além do seu esforço pessoal, muito gastaram monetàriamente em prol da criança, que é o futuro e tudo merece.

A Federação E. do Rio Grande do Sul prometeu o seu auxílio no sentido da unificação da doutrina desde a criança ao velho, se assim poderemos dizer. Entretanto, conta com a colaboração de todas as Federações para que o trabalho adquira âmbito nacional, evitando o personalismo que só prejudicaria o bom êxito deste movimento de unificação e integração dos espiritistas, principalmente daqueles que têm a missão de proteger, guiar, educar e evangelizar na doutrina do Consolador.

Na verdade, a Federação E. do Rio Grande do Sul não se poupa a esforços para dignificar e honrar o património moral e espiritual que lhe foi confiado e por isso trabalha dia e noite na consecução dos seus elevados objectivos. Honra lhe seja feita!

GUIADO PELA VOZ...

O *Psychic News* de 16 de Novembro insere um relato acerca do Dr. Donald Caskie, pastor da igreja escocesa de Paris que tem provado por si mesmo a verdade da hipótese espirita.

Este pastor sente vozes que lhe falam e tem visões estranhas que o impressionam, como lhe sucedeu há pouco na Escócia após um sermão que ali pregou.

Foi também uma voz que lhe disse que ficasse em Paris a seguir ao colapso da França durante a última guerra.

— Haverá trabalho para você fazer aqui! — disse-lhe o amigo invisível.

Fiado na sua inspiração, ficou e trabalhou, auxiliando muitos soldados na evasão. Alimentou, vestiu e socorreu muitos indivíduos que depois salvou através dos Pirinéus.

Até que foi preso pela Gestapo. Bateram-lhe, torturaram-no e condenaram-no à morte, mas foi salvo no último momento pela intervenção de um pastor alemão que o conhecera antes da guerra.

Agora tem 55 anos e há 22 que dirige a Igreja Escocesa de Paris. Há pouco contou ao *Sunday Dispatch* como sentiu a clarividência. dência.

— Às vezes a voz era tão forte — disse ele — que eu chegava a olhar à minha volta para ver se alguém vinha atrás de mim.

Uma noite, na Missão que dirigia em Marselha, estava na cama e acordou inesperadamente.

— Fui então prevenido de que devia preparar-me para novo destacamento de homens.

E teve uma espécie de visão que lhe mostrava esses homens, magros, esfarrapados, mortos de fome, a pedir auxílio.

O Dr. Caskie soube que aqueles homens o procuravam e vestiu-se à pressa e foi à cozinha arranjar comida para 20 pessoas.

Pouco depois batiam à porta da Missão e viu um grupo de soldados ingleses evadidos. O rosto deles era exactamente igual aos da visão. E quando os soldados entraram e viram a mesa pronta ficaram atónitos.

— Padre, disse um deles — o sr. esperava alguém?

— Esperava — respondeu o Dr. Caskie —. Os que eu esperava estão aqui presentes. Sentem-se e comam. Vocês devem estar mortos de fome.

O Dr. Caskie também acredita verdadeiramente no grande poder da prece.

Num livro que publicou sob o título «The Tartan Pimpernel» descreve como um jovem oficial da R. A. F. chegou à Missão de Marselha, andrajoso e esfarrapado. Tinha necessidade de vestuário e Caskie não podia socorrê-lo. E fez uma prece:

— Meu Deus, resolve este caso! Eu estou exausto!

As palavras saíam-lhe em murmúrio e encontrava-se ainda de joelhos, quando uma senhora francesa entrou no quarto com uma caixa de papel. Estava cheia de vestuário que vinha oferecer à missão...

Há vozes acabrunhadoras e desoladoras. Alteram o espírito e alienam a vontade. E visões que transtornam os sensitivos e os deixam em estado lastimoso, em dura prova que exige decisão e prudência. Mas também as há de grande oportunidade. As que vieram em auxílio do pastor Donald Caskie eram de reflexo divino, ao serviço da caridade.

São exemplos salutares que ficam na memória dos leitores. Deus está no abismo a vigiar os passos de crédulos e incrédulos. Todos se alimentarão da mesma seiva e receberão a mesma luz espiritual. O que é preciso é fé e vontade firme de vencer o mal que exista em nós. O resto virá sem custo, porque não há seres totalmente maus e momentos surgem em que a claridade bate em cheio no coração empedernido.

PROGRAMAS RADIOFÓNICOS

A União Social Espirita de S. Paulo organizou há tempo um programa radiofónico emitido todas as quartas-feiras ao microfone da *Rádio-Progresso* de S. Paulo. O prefixo é «Fala a U. S. E.» e o confrade João Teixeira de Paula assumiu a responsabilidade da sua orientação.

A propósito, lembramos que no Brasil há 75 (setenta e cinco) programas espiritas radiofónicos, em laboração permanente.

João Teixeira de Paula é um plumitivo de valor e pertence ao jornal *Unificação*, em cujas páginas tem publicado belos trabalhos literários. Estudioso e ponderado, auguramos-lhe resultados opimos na tarefa a que meteu ombros. O microfone é, realmente, um meio precioso de difusão doutrinária, como tivemos ensejo de verificar em nossa viagem ao Brasil.

LEOPOLDO MACHADO

A propósito da desencarnação de Leopoldo recebemos a seguinte carta de Pedro Álvarez Gasca, nosso correspondente no Méxìco:

Querido irmão

Vi em Estudos Psiquicos a notícia da desencarnação do irmão Leopoldo Machado.

Não posso negar-lhe que me comovi profundamente. Este é um dos poucos casos em que o espiritista deve pôr-se de luto. Claro, que não me refiro ao luto exterior, mas ao verdadeiro luto, ao luto da alma, à tristeza pelo irmão ausente.

Não o perdemos, não. Mas partiu. A sua obra fica entre nós e continuará o projectar luz nos espíritos e calor nos corações. Mas não produzirá entre nós. Continuará a produzir no Alto, longe de nós. O infinito ganhou um lutador, mas nós perdemo-lo.

Alegremo-nos pela sua felicidade, pela sua merecida ascensão, mas sintamos a sua ausência.

O Espiritismo está de luto. Não só o Espiritismo português, mas o Espiritismo do mundo, porque Leopoldo Machado foi e continua a ser um lutador da Verdade; e a Verdade não tem pátria, ou, melhor, tem uma pátria: o universo.

Um abraço amigo.

Pedro Álvarez Gasca

Sem dúvida. Leopoldo Machado abandonou a Terra, mas a sua obra ficou a iluminar os caminhos, tão necessitados de luz espiritual. Deixou uma escola de carácter e um exemplo de trabalho espiritualista, como não vemos outro nesse Brasil de grandes almas.

O tempo há-de engrandecê-lo à medida que os anos passem. Não são os contemporâneos que fazem a história dos contemporâneos. São os vindouros. Estes apreciam com mais prudência; e embora seja impossível eliminar inteiramente o joio, o trigo dos acontecimentos sai peneirado das escórias que empobrecem a farinha.

A figura de Leopoldo ficará nos anais espiritas como padrão imortal, mas só daqui a muitos anos será analisada sem paixões. É pena que alguns tenham silenciado a respeito do trespasse de um homem que tudo entregou à doutrina. Conspirações deste género não alimentam a harmonia cristã, nem fortalecem os liames que outros procuram manter indestrutíveis.

PARECE MENTIRA!

Um amigo enviou-nos o seguinte recorte de uma revista:

«Daniel Home foi um grande prestidigitador do fim do século passado. Uma testemunha visual dos feitos espantosos desse grande prestidigitador atesta que, na sua presença, na corte da Bélgica, Home susteve-se no ar, sentado numa cadeira, ante os olhos extasiados dos espectadores».

É seu autor um jornalista que no Diário Popular redige uma página infantil com muita proficiência. Temos apreciado os seus contos e as suas pilhérias.

Como divulgador, porém, foi infeliz o ilustre confrade. Chamar prestidigitador a Daniel Home é chamar funâmbulo a Lindberg ou jornaleiro a Clemenceau. A não ser que o articulista confunda prestidigitação com levitação. E também é possível que não tenha confundido, sabe-se lá! O Marquês de Pombal dizia que há gente para tudo, até para andar no mar e, dizemos nós, para ensinar às crianças patranhas desta espécie. Parece mentira, mas é verdade! O recorte está em nossa frente, com um boneco do autor e tem data recuada (Janeiro de 1956). Já lhe fizemos oportuna referência e se volvemos ao assunto é pela consideração que nos merece o amigo que no-lo enviou. Mas não vale a pena gastar mais cera. Anda tão adulterada a vida dos grandes homens, que a juventude ignora quem são as figuras de bronze e os figurões de gesso.

Daniel Dunglas Home foi um médium extraordinário e a sua biografia é mais notável que a de muitos bonifrades alçados ao Panteão da história e que durante séculos permaneceram incógnitos, a bem do que nada fizeram. Agora, do Além, hão-de rir-se da miopia contemporânea, se é que a vêem e sentem.

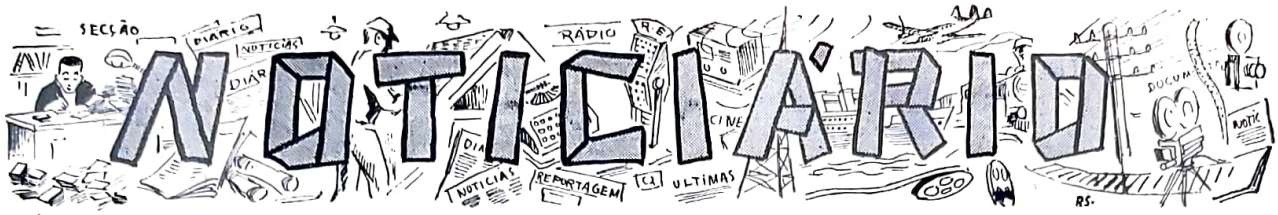
Que Deus os favoreça em conhecimento e bom senso e que noutra vida compensem as sandices que fizeram neste.

CONCENTRAÇÕES ESPIRITAS

Goiás Espirita insere um artigo substancioso, no qual se refere à história das concentrações espiritas brasileiras, em suas causas, efeitos actuais e futuros. Diz o seu autor que se iniciaram há 12 anos em Nova Iguaçú, sob os auspícios do saudoso confrade Leopoldo Machado. E, desde então, estes movimentos foram-se intensificando e produzindo incalculáveis efeitos. Primeiro eram simples visitas de cidade a cidade e depois surgiram as Semanas Espiritas, cuja primeira se realizou na cidade de Barretos, através de convite às Mocidades Espiritas paulistas. O hábito generalizou-se e hoje constitui um movimento promissor, despertando entusiasmo crescente na juventude espirita brasileira, que se prepara intensivamente para surtos magníficos, entre eles, a unificação dos centros, as federações e até os Estados, e suscitando a atenção dos neutros em matéria religiosa.

Goiás, onde se instalará a futura capital federal, é o Estado brasileiro com maior percentagem de espiritas e as suas Mocidades esperam a voz de comando, no sentido de maior impulso com relação a estes movimentos.

Já não há temores, quanto ao futuro do Espiritismo. As vergônteas de há pouco fortaleceram o tronco e embelezam os ramos, nesse Brasil imenso que percorremos, cheios de admiração e entusiasmo.



OS QUE NOS DEIXAM

Mais um amigo abandonou o cenário terreno em busca das regiões espirituais. Foi o confrade Aires Vaz Raposo, homem afeito aos prélios do Espírito, lutador da velha guarda que nunca abandonou as suas convicções nem os baluartes do ideal.

Era sócio do Centro Espiritualista Luz e Amor há muitos anos e grande amigo desta revista. Nos últimos tempos, já a caminho da cegueira, que não chegou a verificar-se inteiramente, o seu lenitivo era ouvir ler *Estudos Psíquicos*, como nos disse muitas vezes em conversa amigável.

Esteve sempre ligado às nossas obras de solidariedade e a sua palavra animadora contribuiu também para o êxito do nosso trabalho.

Aires Vaz Raposo era director de finanças aposentado e desempenhou o cargo de Presidente da Direcção da Federação Espírita Portuguesa, num momento difícil desta colectividade.

Fazemos votos pelos progressos do seu espírito. E cá ficamos à espera da sua mensagem.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

O Centro Luz e Amor desde a sua primeira hora que tem colaborado amigàvelmente com todas as associações espiritualistas, quaisquer que sejam as correntes que sigam, pois basta o facto de terem os olhos fitos no mesmo alvo, para que sejam sempre recebidas num grande e fraternal abraço por todos os que aqui trabalham.

Isto vem a propósito da magnífica conferência realizada no passado domingo, 24 de Novembro, pelo nosso amigo Sr. Ângelo da Costa Cabral, Presidente da Ordem Esotérica Iniciática e da Sociedade Portuguesa de Naturologia.

Na sala encontravam-se inúmeros confrades da Ordem, a quem Isidoro Duarte Santos saudou numa breve mas expressiva alocução.

O tema era aliciante: «Religiões Irmanadas», e supérfluo se torna acrescentar que o orador mais uma vez demonstrou, além de profundos conhecimentos, o seu espírito de fraternidade e cooperação entre todas as escolas religiosas e espiritualistas.

Depois de fazer referência às principais religiões orientais e ocidentais desde a Antiguidade, mostrou que todas têm princípios comuns e inúmeros pontos de contacto.

Referiu-se à *Legião da Boa-Vontade* que no Brasil tem agregado, em íntima camaradagem e colaboração, católicos e budistas, protestantes e espiritas, teósofos e maometanos, disse que nos Estados Unidos e na Argentina já tem também profundas raízes. Por último fez um apelo vibrante e sincero à união de todos os espiritualistas sem distinção de opinião, de todos os homens de boa-vontade, numa frente comum ao materialismo dominante.

Isidoro Duarte Santos, que presidiu, elogiou o trabalho apresentado, fez algumas referências necessárias à *Liga da Boa-Vontade* e terminou como começara: saudando a Ordem Esotérica e todos os que nela trabalham.

COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

1.º	vol.	120$00	9.º	vol.	100$00
2.º	»	120$00	10.º	»	100$00
3.º	»	120$00	11.º	»	95$00
4.º	»	95$00	12.º	»	95$00
5.º	»	95$00	13.º	»	95$00
6.º	»	100$00	14.º	»	95$00
7.º	»	100$00	15.º	»	95$00
8.º	»	100$00			

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez avisamos os correspondentes que necessitem de informações ou esclarecimentos, de que devem enviar 2$50 em estampilhas postais, sem o que não poderão ser atendidos, visto não podermos enfrentar a despesa que este serviço acarreta.

TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1957

Grupo Reper-Siam

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 10, terça-feira às 21,30 — Experiências de intuição, por Túlio Augusto Rosa.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Adriano de Oliveira, intitulada «Vegetarianismo e Espiritualidade».

Dia 17, terça-feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 22, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 23, segunda-feira, às 15,30 — Distribuição de roupas pelo Grupo de Protecção às Crianças.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Do Sono ao Sonho».

Dia 5 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 7 de Janeiro, às 21,30 — Experiências de intuição, por Túlio Augusto Rosa.

Dia 12 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Conferência de Coelho de Sousa, intitulada «Em Torno do Homem» (Conceitos de natureza espiritual, pedagógica, naturista e espiritualista).

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Novembro — I. S., de Lisboa, 20$00; A. L. F., de Lisboa, 20$00; J. C. Chelmicki Aflallo, 100$00. *Total — 140$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 42$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 42$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 42$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 42$00	30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	40$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	42$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$00
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão Nosso, pelo Espírito de Emmanuel	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões»	30$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar*	40$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo*	60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 47$00	30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	30$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	35$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 45$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	25$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	25$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espíritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	25$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	25$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	20$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	25$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	60$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	60$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espíritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	20$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	120$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia.* Romance da vida real, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00	30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo	70$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	25$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA